INSTITUTO HISTÓRICO SALESIANO

FONTES SALESIANAS

1. DOM BOSCO E SUA OBRA

EDB - Brasília

Fontes Salesianas

INSTITUTO HISTÓRICO SALESIANO

FONTES SALESIANAS

1.
DOM BOSCO
E SUA OBRA

Coletânea antológica

Tradução
D. Hilário Moser

EDB

© 2014 – LAS – Libreria Ateneo Salesiano
Piazza dell'Ateneo Salesiano 1 – 00139 – Roma
e-mail: las@unisal.it
site: http://las.unisal.it

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7- 5880

F683

Fontes salesianas 1. Dom Bosco e sua obra: coletânea antológica / Instituto Histórico Salesiano. -- Brasília, DF : EDB, 2015.

1424 pp 17,5 x 24,5 cm..-- (Coletânea Antológica ; v.1)

ISBN: 978-85-7741-277-8

1. Salesianos - Educação. 2. Antologia. 3. Vida religiosa. 4. Bosco, João, Santo,1815-1888 - Ensinamentos. 5. Salesianos - Biografia. 6. Santos cristãos - Biografia. I. Título. II.Título: coletânea antológica. III. Série

CDD 255.79

Índice para catálogo sistemático:

Revisão: Zeneida Cereja da Silva
Diagramação: Helkton Gomes

Todos direitos reservados à
EDB-EDITORA DOM BOSCO
SHCS – Quadra 505, Bloco B, sala 65
Asa Sul-Brasília-DF-70350-525
Tel.: (61) 32142300
www.edbbrasil.org.br

São João Bosco
(1815-1888)

APRESENTAÇÃO DO REITOR-MOR

No contexto do Bicentenário do nascimento de Dom Bosco e ao concluir o meu serviço como Reitor-Mor, sinto-me particularmente feliz em ver publicado o trabalho tão desejado e tão necessário que se refere ao primeiro volume das Fontes Salesianas, intitulado "*Dom Bosco e sua obra. Coletânea antológica*".

No empenho solicitado a toda a Congregação de "partir novamente de Dom Bosco", o Capítulo-Geral XXVI pedia ao Reitor-Mor que promovesse "a tradução e a publicação de uma coletânea das principais fontes salesianas". Agora, com esta publicação, temos mais um instrumento que nos permite aprofundar a identidade carismática salesiana. De fato, não se pode reinterpretar Dom Bosco, hoje, atualizar as suas intuições e opções educativas e pastorais, se não tivermos familiaridade com as fontes onde ele nos fala diretamente.

Há dois anos confiei a missão de realizar esta orientação do Capítulo-Geral ao *Instituto Histórico Salesiano* que, por estatuto, entre suas tarefas tem a de publicar em edição crítica as nossas fontes. Sou muito grato aos membros do Instituto Histórico que, com um trabalho assíduo e sob a coordenação do seu diretor, padre José Manuel Prellezo, concluíram o trabalho dentro do prazo previsto.

Este volume de fontes históricas divide-se em diversas partes: escritos e documentos para a história de Dom Bosco e sua obra; escritos e testemunhos de Dom Bosco sobre a educação e a escola; escritos e testemunhos de Dom Bosco sobre a vida espiritual: esta é a tríplice maneira de nos aproximarmos direta e historicamente de Dom Bosco e da sua obra, da sua pedagogia e da sua espiritualidade. A quarta parte do volume recolhe escritos de índole biográfica e autobiográfica, nos quais as dimensões históricas, pedagógicas e espirituais acima mencionadas com frequência se sobrepõem reciprocamente, a ponto de não ser fácil distingui-las.

No projeto do Instituto Histórico este é o primeiro volume das "Fontes Salesianas", precisamente o que se refere a Dom Bosco e à sua obra. Por isso, teremos de esperar a publicação de outros volumes de fontes, que provavelmente poderão seguir a cronologia da vida dos sucessores de Dom Bosco. Ficaremos especialmente felizes por mais este trabalho.

Este volume é confiado a cada salesiano. Cada um de nós, a partir da formação inicial, deveria possuir uma cópia pessoal. Ele deve ser como um

"*vade-mécum*" necessário para o conhecimento de Dom Bosco e, portanto, para o amor, a imitação e a invocação do nosso querido Pai. Sem amor não há desejo de conhecer, mas sem o conhecimento não se cresce no amor. Particularmente faço votos que seja feito um estudo sério e sistemático destas fontes salesianas ao longo dos anos da formação inicial.

Observo com grande satisfação que nestes últimos anos cresceu na Congregação o *sentido histórico*, a cultura da história e o desejo de aprofundamento histórico. Para a empreitada, contribuíram: a lembrança do 150º aniversário da fundação da Congregação, o centenário da morte do padre Rua, o triênio de preparação para o Bicentenário de Dom Bosco. Deram impulso a este processo também a difusão de estudos históricos, traduzidos em várias línguas, a renovação dos estudos salesianos na formação inicial, várias iniciativas em nível regional, o trabalho do próprio Instituto Histórico Salesiano e as qualificações em estudos salesianos por parte do Instituto de Espiritualidade da Faculdade de Teologia da UPS. Faço votos que as inspetorias se empenhem mais ainda na preparação de pesquisadores em salesianidade.

Este volume de fontes salesianas sobre Dom Bosco e sua obra é também confiado à *Família Salesiana,* aos amigos de Dom Bosco, aos apreciadores da Obra Salesiana, aos jovens, aos leigos participantes do espírito e da missão de Dom Bosco, às famílias. Todos poderão beber das fontes cristalinas do carisma salesiano, dom do Espírito para nós e para toda a Igreja. Todos poderão inspirar-se na pedagogia e na espiritualidade de Dom Bosco. Esta coletânea certamente também facilitará para os estudiosos citar e referir-se a um texto único de fontes.

Deus recompense as fadigas dos que se dedicaram a este empreendimento. Os frutos mais belos deste trabalho serão: o crescimento da gratidão e da admiração por Dom Bosco, a inspiração no empenho evangelizador dos jovens, o desejo de santidade, as vocações apostólicas na Família Salesiana. Por isso, faço votos que este volume tenha difusão capilar nas mais diversas línguas do mundo.

Maria Auxiliadora e Dom Bosco abençoem este trabalho. Confiamos à sua intercessão os frutos abundantes que todos nós almejamos e esperamos.

Padre Pascual Chávez Villanueva
Reitor-Mor

Roma, 16 de agosto de 2013
Aniversário do nascimento de Dom Bosco

INTRODUÇÃO

aos cuidados de

Francesco Motto - José Manuel Prellezo - Aldo Giraudo

São João Bosco (1815-1888), 125 anos após sua morte, continua a interessar muitas pessoas no mundo inteiro. A sua figura de educador cristão, de sacerdote santo, de fundador e organizador genial é considerada significativa em nível internacional, dentro e fora da Família Salesiana, graças à presença e à ação apostólico-social dos seus discípulos e continuadores.

Esta publicação responde a uma explícita solicitação feita ao Reitor-Mor, padre Pascual Chávez Villanueva, pelo 26º Capítulo-Geral da Sociedade Salesiana (2008) para que fossem postas à disposição de todos os membros da Família Salesiana as *fontes principais* para o conhecimento do Santo.

Os organizadores do volume, diante da enorme quantidade de material conservado nos arquivos das obras impressas de Dom Bosco (colecionadas em 37 volumes[1]) e das edições críticas, foram obrigados a realizar uma ampla seleção em três âmbitos relevantes – o da história, da pedagogia e da espiritualidade.

Convém lembrar que os escritos de Dom Bosco não são o único instrumento para conhecer a sua pessoa e a sua obra. Pela maneira como foram redigidos, pelas finalidades que vez por vez o autor se propôs, pelas contingências históricas e pelos quadros mentais que eles representam, sozinhos, são insuficientes para oferecer a compreensão profunda do seu ser e do seu agir. Esses limites são superados pela leitura dos documentos e pelo estudo da vivência pessoal de Dom Bosco e da experiência viva educativo-pastoral do Oratório de Valdocco, hoje possível graças a um rico patrimônio de testemunhas externas. Os escritos revelam o pensamento do Santo e iluminam sua experiência vital em ato; somente esta, porém, permite interpretar corretamente os primeiros.

Não só. Uma vida como a de Dom Bosco, repleta de realidades muito diversificadas, de acontecimentos comuns, de elementos carismáticos e também excepcionais, uma existência vivida na fé, assinalada ao mesmo tempo pelo conservadorismo e pela modernidade, pela tradição e pela renovação, pela aderência histórica e pela profecia, só pode ser adequadamente compre-

[1] Giovanni Bosco, *Opere edite.* Reimpressão anastática. Roma, LAS 1976-1977, 37 vol.

endida se for tomada na sua complexidade e nas suas mais variadas facetas históricas. A seleção de uns poucos aspectos, imaginando serem suficientes para um perfil completo, pode falsificar ou pelo menos limitar a compreensão de uma figura tão rica e profunda, de um ensinamento e de uma prática tão abundante de frutos históricos. Esta é a razão pela qual os estudiosos tendem a recolher o maior número possível de fontes e insistem na análise da sua autenticidade e do seu significado contextual.

Para compreender o *ser*, o *pensar* e o *agir* de Dom Bosco, o primeiro empenho deve ser o de situá-lo dentro das clássicas coordenadas espaço-temporais, no contexto histórico, pedagógico e religioso (mas também geográfico, político, cultural, econômico, eclesial...) em que viveu. Nesse amplo mosaico, sua figura assume um relevo específico, revela os traços que o caracterizam, deixa entrever os refolhos mais íntimos da sua alma, as luzes e as sombras que o assemelham a outros personagens do seu tempo ou que deles o distinguem.

Do seu tempo ele herdou concepções, hábitos, heranças históricas e aspirações de diversos tipos; por sua vez, deixou nele o sinal da sua passagem, das suas realizações e dos seus sonhos. Turim, o Piemonte e a Itália da segunda parte do século XIX e de todo o século XX teriam sido diferentes sem a presença ativa da Obra Salesiana nascida em Valdocco; inclusive a própria Obra Salesiana, no mundo, assumiria uma feição certamente diversa, caso tivesse surgido em outro contexto histórico e geográfico.

Apresentamos brevemente os três contextos principais nos quais se podem situar e compreender melhor os escritos de Dom Bosco, que a seguir publicamos.

1. Dom Bosco no contexto histórico do seu tempo[2]

Num primeiro momento consideramos útil apresentar um breve perfil do educador piemontês, situado no cenário histórico do século XIX. Nascido no ano do Congresso de Viena (1815), acontecimento que assinala o início da Restauração e tenta retornar ao sistema político e social anterior à revolução

[2] Inúmeros são os estudos sobre o século XIX italiano. Aqui nos limitamos a indicar um volume que analisa o Ressurgimento em todas as suas dimensões (política, simbólica, particular e europeia): Alberto Maria BANTI e Paul GINSBORG (editores), *Storia d'Italia. Annali*, vol. XXII. *Il Risorgimento.* Turim, Einaudi 2007. A respeito dos problemas religiosos e eclesiais da época cf. Gabriele DE ROSA, *Il movimento cattolico in Italia dalla Restaurazione all'età giolittiana.* Bari, Laterza 1988; ID. (editor), *Storia dell'Italia religiosa,* vol. III. *L'età contemporanea.* Roma-Bari, Laterza 1995; Maurilio GUASCO, *Storia del clero in Italia dall'Ottocento ad oggi.* Roma-Bari, Laterza 1997; Mario ROSA (editor), *Clero e società nell'Italia contemporanea.* Bari-Roma, Laterza 1992; Francesco TRANIELLO, *Cultura cattolica e vita religiosa tra Ottocento e Novecento.* Brescia, Morcelliana 1991.

francesa, Dom Bosco morre no fim do século (1888) numa Itália unificada havia cerca de trinta anos, mas carregada de problemas não resolvidos.

a. Os anos da formação (1815-1844)

O percurso formativo de João Bosco começa com a primeira educação em família, na região de Castelnuovo d'Asti (1815-1830); inclui o decênio dos estudos secundários (1831-1835) e seminarísticos (1835-1841) transcorrido em Chieri, e se encerra em Turim com o triênio de aprofundamento teológico-pastoral no Colégio Eclesiástico (1841-1844). São os anos da Restauração. No Piemonte, após uma primeira rígida tentativa de retorno à antiga ordem das coisas, que faliu com os movimentos revolucionários de 1821 no governo de Carlos Félix (1821-1831), concentramos a atenção sobre a realização de reformas graduais no campo estrutural e administrativo, comercial, militar e jurídico. Ao mesmo tempo, com o rei Carlos Alberto, amadurece o clima cultural que em 1848 levará à guinada constitucional parlamentar. Os principais atores da transformação são jovens aristocratas formados num espírito europeu, como os irmãos Máximo e Roberto d'Azeglio, Camilo Cavour e uma elite da burguesia empreendedora e culta, de ideias liberais, tendenciosamente hostil ao regime de privilégios de que gozavam as instituições religiosas, favorável ao movimento de unificação nacional.

A retomada econômica ocorrida graças às reformas de Carlos Félix e às esperanças suscitadas pelos grupos patrióticos e liberais por ocasião da ascensão de Carlos Alberto ao reino poupa o Piemonte de uma segunda onda de revoluções, que entre 1830 e 1831 atinge outros estados italianos (reino da Sicília, ducado de Módena, Estados Pontifícios) e que foi duramente reprimida. Nesse clima pululam as sociedades secretas. Em 1831 nasce a *Jovem Itália,* fundada por José Mazzini (1805-1873), ativista político de ideias republicanas, que desde o exílio propõe a abolição da monarquia e a unidade nacional, com Roma como capital. Imbuídos desses princípios, muitos patriotas organizam outros movimentos revolucionários (Savona e Gênova, 1834), todos destinados ao fracasso. Muitos deles são obrigados a partir para o exílio, como José Garibaldi. Nos anos seguintes, novas tentativas de sublevação na Calábria, na Sardenha e nas Romanhas são imediatamente sufocadas pela força[3].

[3] Dos movimentos revolucionários Dom Bosco colherá particularmente as consequências, isto é, "o espírito revolucionário e irreligioso", fruto da corrupção dos costumes, de crítica ao depósito da fé e ao papado (cf. Giovanni Bosco, *La storia d'Italia raccontata alla gioventù da' suoi primi abitatori sino ai nostri giorni*. Turim, Tipografia Paravia e Compagnia 1855, 480).

No jovem Dom Bosco, ocupado com seus estudos, não parece que esses acontecimentos tiveram alguma repercussão. No outono de 1835 ele entra para o ambiente fervoroso e envolvente do seminário de Chieri. A instituição, fundada sete anos antes pelo arcebispo Columbano Chiaveroti (1754-1831), é regida conforme um modelo inspirado na tradição formativa pós-tridentina[4].

Idênticos são os ideais que Dom Bosco encontra depois da ordenação sacerdotal (1841) ao entrar para o Colégio Eclesiástico de Turim, para um triênio de especialização. Aqui, além do estudo, ele é encaminhado ao exercício pastoral nas paróquias e nas escolas dos bairros pobres, nas prisões e nas instituições de caridade. Graças a esse ministério, toma consciência dos problemas de uma cidade em rápido crescimento demográfico. Impressiona-se particularmente com o abandono educativo em que se encontram rapazes e jovens, e decide dedicar-se a eles. O catecismo dominical iniciado nos primeiros meses com um grupo de jovens trabalhadores se consolida.

Em 1844, quando Dom Bosco aceita o encargo de capelão das obras da marquesa Barolo no bairro periférico de Valdocco, as atividades se multiplicam e o número de jovens cresce. Com a ajuda de colegas capelães, de outros padres e leigos, ao catecismo acrescenta uma série de iniciativas educativas e sociais que conferem à obra uma fisionomia mais sólida. Nasce o Oratório de São Francisco de Sales, que se consolida desde o momento em que encontra uma sede estável na casa Pinardi (1846) e Dom Bosco decide abandonar os demais compromissos para dedicar-se exclusivamente a este. A obra se impõe pela sua eficácia preventiva e reeducativa, pela sua originalidade metodológica, num ambiente marcado por problemas sociais e juvenis que as autoridades custam a controlar. Dom Bosco recolhe e acompanha os jovens "pobres e abandonados", forma-os e educa para uma inserção digna e ordenada na sociedade. Para eles compila e adapta textos de índole instrutiva, educativa e devocional; organiza uma casa de acolhida para os mais abandonados; abre um segundo oratório dedicado a São Luís Gonzaga no bairro de Porta Nuova (1847), apoiado por uma opinião pública sempre mais atenta ao seu trabalho e pela confiança dos administradores, do governo e da família real.

b. Um biênio que significa uma guinada (1848-1849)

Às vésperas de 1848, enquanto a Inglaterra realiza a revolução industrial que resulta em fortes prejuízos humanos, na França e no império austro-húngaro a economia se torna mais próspera, na Itália cresce também entre

[4] Sobre os estudos humanísticos e seminarísticos da Turim da época cf. Aldo Giraudo, *Clero, seminario e società. Aspetti della Restaurazione religiosa a Torino*. Roma, LAS 1993.

o povo o ideal patriótico nacional e o anseio pela unificação política dos diversos estados. O padre filósofo Vicente Gioberti (1801-1852) propõe uma fórmula confederativa sob a presidência do papa (*neoguelfismo*). Enquanto os ambientes católicos e moderados acolhem a mensagem favoravelmente, outros, inspirados por ideais republicanos ou por uma visão nacional mais compacta, a recusam. As aberturas reformistas e liberais do papa Pio IX, eleito em 1846, suscitam muitas simpatias. Pressionado pelos movimentos revolucionários que explodiram por toda a Europa, o rei Carlos Alberto, que em 1847 tinha suprimido a censura, promulga o Estatuto (4 de março de 1848), lei fundamental do Estado, inspirada em modelos franceses e belgas. Também Pio IX concede uma Constituição (14 de março de 1848) e institui duas câmaras legislativas, abrindo aos leigos a carreira política e administrativa. As opções do papa alimentam as esperanças dos liberais[5]. Outros soberanos italianos promovem reformas, enquanto na França, suprimida a monarquia, é eleito presidente da República Luís Napoleão Bonaparte (dezembro de 1848). Em 1848, também o império austríaco é sacudido por revoltas duramente reprimidas pelo exército. O chanceler Metternich se demite e o imperador Fernando I abdica em favor do jovem Francisco José (1830-1916).

Na onda dos movimentos que explodiram entre 17 e 18 de março em Veneza e Milão, os conselheiros induzem Carlos Alberto a declarar guerra à Áustria (23 de março de 1848). Após alguns sucessos iniciais, o exército piemontês é obrigado a assinar um armistício (5 de agosto), abandonando Milão nas mãos dos soldados imperiais. Pio IX, que julgou oportuno não participar da guerra (alocução de 29 de abril), é acusado pelos patriotas de traidor da causa nacional. Cai a ideia confederativa, e em relação ao papa a opinião pública se divide em duas frentes contrapostas: a hostil liberal radical e a católica conservadora. Retomada a guerra contra a Áustria, o Piemonte sofre pesada derrota em Novara (23 de março de 1849). Carlos Alberto abdica em favor do filho Vitório Emanuel II, que assina uma paz humilhante com os austríacos. Nesse meio tempo, por causa de graves desordens, Pio IX é obrigado a se refugiar em Gaeta (reino das Duas Sicílias), enquanto em Roma é proclamada a República (9 de fevereiro de 1849), que terá vida breve: ela cai no dia 3 de julho após a intervenção militar francesa que restaura o Estado Pontifício.

Nesse biênio difícil, Dom Bosco, em Turim, está empenhado em consolidar os Oratórios de Valdocco e de Porta Nuova, aos quais acrescenta o do Anjo da Guarda na periferia de Vanchiglia, que o fundador padre João Cocchi se sente obrigado a abandonar. Inicia também a *Sociedade de Mútuo Socorro* entre os oratorianos, assina contratos de trabalho para jovens trabalhadores e

[5] A monografia mais ampla sobre o papa do Ressurgimento é a de Giacomo Martina, *Pio IX*. 3 vol. Roma, Università Gregoriana Editrice 1974-1990.

funda o jornal *O Amigo da Juventude,* que dura poucos meses (1848-1849). Apesar das dificuldades econômicas devidas à guerra, encontra os meios necessários para adquirir a casa Pinardi e o terreno adjacente, decidido a potenciar as atividades oratorianas para enfrentar o crescimento da pobreza econômica e moral.

A situação social de Turim naqueles anos pedia intervenções urgentes em todos os níveis. No decênio 1838-1848 a população passa de 117.072 habitantes para 136.849, o que representa um incremento de 19.777 unidades, correspondente a 16,89%. No decênio seguinte será de 31,28%, graças também ao constante fluxo migratório[6].

As periferias das cidades assistem ao crescimento numeroso e desordenado de famílias inteiras ou de pessoas isoladas, em geral jovens, devido ao desenvolvimento da indústria manufatureira e da construção civil. Precariedade de trabalho, desnutrição, falta de higiene, somadas à ignorância, ao baixo nível salarial e à ausência de amortizadores sociais, repercutem nas condições gerais da vida das pessoas. O número dos pobres na cidade aumenta, inclusive com expressões de degradação moral e periculosidade social[7].

Os acontecimentos políticos do biênio afetam de forma importante as opções de Dom Bosco e o futuro da sua obra. A euforia patriótica de alguns dos seus colaboradores, inclusive sacerdotes, e a guinada anticlerical provocada pelos acontecimentos convencem-no a tomar distância de qualquer perfilhamento "político" (não quer criar inimigos por causa de fatos estranhos à sua missão) e particularmente a empenhar-se para formar colaboradores mais confiáveis, escolhidos entre seus próprios jovens do Oratório, plasmando-os segundo o seu espírito e os seus ideais. A partir desse momento, sua pessoa e sua obra adquirem prestígio e, com o crescimento da avaliação positiva da sua contribuição social, cresce também a beneficência.

c. O encaminhamento decisivo da Obra Salesiana no decênio de preparação da unificação da Itália (1850-1860)

Após a queda da República romana, Pio IX, que voltou para Roma, suprime a Constituição republicana, acentua o sentido religioso do seu pontificado, deixa para o secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli, a gestão

[6] Cf. Giuseppe Melano, *La popolazione di Torino e del Piemonte nel secolo XIX*. Turim, Istituto per la Storia del Risorgimento Italiano-Comitato di Torino 1961, 73 e 124.
[7] Uma descrição eficaz da situação social é dada por Umberto Levra, *L'altro volto di Torino risorgimentale 1814-1848*. Turim, Comitato di Torino dell'Istituto per la Storia del Risorgimento Italiano 1988.

dos assuntos políticos, e se confia à proteção militar de Napoleão III, que em 1852 dá início ao segundo império francês.

Enquanto no resto da Itália o fracasso da primeira guerra de independência provoca um endurecimento antiliberal, o Piemonte não desiste de suas opções constitucionais. No fim de 1849, o governo conta com a colaboração de um parlamento moderado no qual, desde 1850, tem assento Camilo Cavour (1810-1861), que se torna primeiro ministro em novembro de 1852 e o será quase ininterruptamente até 1861, graças ao entendimento com o centro-esquerda de Urbano Rattazzi. É um decênio decisivo para a afirmação do Estado piemontês, durante o qual se consuma também uma nítida separação entre Estado e Igreja. A política de laicização tem forte acento anticlerical, que se torna patente em 1850 mediante as leis Siccardi ao determinar a abolição dos privilégios eclesiásticos e o exílio forçado do arcebispo Luís Fransoni. É também um processo de centralização estatal que culmina em 1855 com a abolição da personalidade jurídica das ordens religiosas e do açambarcamento dos seus bens (lei Cavour-Rattazzi) e em 1859 mediante a lei Casati da reforma escolar. Duras polêmicas exasperam os ânimos e provocam uma grave crise de consciência para os católicos, divididos entre patriotismo e fidelidade à Igreja.

Cavour conduz com sucesso a política externa piemontesa. Mediante a ação diplomática e a participação militar na guerra da Crimeia (1855) consegue transformar o problema da unificação italiana num problema europeu (Congresso de Paris em 1856) e se alia com Napoleão III (Plombières, julho de 1858) contra a Áustria. O apoio decidido do exército francês determina o sucesso da segunda guerra da independência, que culmina no dia 24 de julho de 1859 com a batalha de Solferino, de San Martino e a vitória franco-piemontesa, seguida pelo armistício de Villafranca (1º de julho) e pela paz de Zurique (10 de novembro). Como compensação pelo apoio militar da França, o Piemonte recebe Nizza (Nice) e a Saboia; além disso, anexa a Lombardia e, após plebiscitos populares (11-12 de março de 1860), também a Toscana e a Emília-Romanha. O Estado Pontifício, depois da batalha de Castelfidardo (18 de setembro de 1860), perde as Marcas, a Úmbria e a Sabina e fica reduzido ao Lácio. Cavour, explorando habilmente o sucesso da expedição de José Garibaldi contra o reino das Duas Sicílias, anexa ao Piemonte também os territórios da Itália meridional e torna possível a proclamação do reino da Itália (17 de março de 1861)[8].

[8] Sobre o "fautor da unidade da Itália" veja-se a obra monumental de Rosario Romeo, *Cavour e il suo tempo*, 3 vol. [1818-1842, 1842-1854, 1854-1861]. Bari, Laterza 1984, e a mais recente biografia de Luigi Cafagna, *Cavour*. Bolonha, Il Mulino 1999.

Os acontecimentos políticos têm consequências dolorosas para os católicos fiéis à Santa Sé. Bispos e padres em desacordo com a política liberal lesiva dos direitos da Igreja são processados, removidos e também encarcerados.

Dom Bosco estremece ao ver o rumo tomado pelos acontecimentos, mas não desanima. Sem renegar a sua fidelidade ao papa, confirma a sua decisão de evitar qualquer tomada de posição política e se interroga a respeito das opções a fazer no contexto dos novos cenários. Atento às exigências dos jovens e das classes populares, colhe o momento favorável para desenvolver a obra de Valdocco. Entre 1851 e 1852 constrói a igreja de São Francisco de Sales, apoiado pelo governo e pela beneficência pública. Nomeado pelo arcebispo Fransoni, diretor-chefe dos três oratórios (31 de março de 1851), consegue a autonomia necessária para realizar os seus projetos. Dentre os jovens escolhe seus próprios colaboradores, que encaminha aos estudos eclesiásticos e forma de acordo com o seu espírito. Amplia a casa anexa ao Oratório e a transforma num instituto educativo para estudantes e aprendizes. Em 1853 constrói a primeira parte de um novo edifício, que completa em 1856: ali inicia oficinas e aulas em nível ginasial. O número dos alunos cresce enormemente, em particular depois da aquisição da vizinha casa Filippi (1860), que permite ulterior ampliação edilícia. Nesse meio tempo, o projeto de criar uma congregação para o serviço da sua obra, sugerido pelo ministro Rattazzi e apoiado por Pio IX, se concretiza com a fundação da Pia Sociedade de São Francisco de Sales (18 de dezembro de1859): é uma guinada que determinará o desenvolvimento futuro da Obra Salesiana.

Enquanto isso, sua fama se consolida, graças às mais variadas iniciativas educativas e sociais por ocasião da epidemia do cólera-morbo (1854), às publicações populares, ao feliz empreendimento das *Leituras Católicas* (iniciadas em 1853) e à incansável mobilização da beneficência mediante rifas e cartas circulares. É precisamente esta genial sensibilização da opinião pública, posta à prova no decênio 1850-1860 e em seguida aperfeiçoada, que permitirá à Obra Salesiana encontrar os recursos necessários para decolar em nível local e mundial.

Seu inconfundível modelo formativo e sua pedagogia "espiritual" encontram uma formulação narrativa ideal na vida do aluno Domingos Savio (1859), amplamente difundida, que contribui grandemente para propagar o conhecimento e a estima da obra de Dom Bosco.

O decênio 1850-1860 pode ser considerado decisivo na vida do Santo. Nele se consolidam sua personalidade carismática e suas visões, e se lançam as bases sólidas para desenvolvimentos futuros no campo organizativo, pedagógico e espiritual.

d. O crescimento da Obra Salesiana fora de Turim no decênio da realização da unidade nacional (1861-1870)

O novo reino da Itália, após a morte prematura de Camilo Cavour (6 de junho de 1861), deverá enfrentar grandes problemas: políticos, diplomáticos, econômico-sociais, culturais, administrativos e também religiosos, por causa do desentendimento com a Igreja e, a partir de 1870, por causa da "questão romana", que se prolongará até os Pactos Lateranenses (1929).

O sucessor de Cavour, Bettino Ricasoli, tenta inutilmente induzir o papa a renunciar ao Estado Pontifício. Depois de bloquear a expedição militar de Garibaldi para conquistar Roma (outubro de 1862), opta-se pela via diplomática. Mediante o acordo de setembro (1864), o primeiro ministro Marcos Minghetti garante ao imperador Napoleão III a integridade do Estado Pontifício em troca da retirada das armas francesas de Roma e a transferência da capital para Florença, o que ocorre em 1865.

No ano seguinte, na guerra austro-prussiana, a Itália se perfila com a Prússia (junho de 1866). É a terceira guerra da independência. Apesar das derrotas italianas, graças aos sucessos dos prussianos e à diplomacia francesa, o reino da Itália obtém a anexação da região do Vêneto, com exceção das cidades de Trento e Trieste. Quatro anos mais tarde, aproveitando-se da vitória dos prussianos sobre os franceses em Sedan (1º de setembro de 1870) e a queda do segundo império, o exército italiano marcha sobre Roma e conquista a cidade eterna no dia 20 de setembro (brecha de Porta Pia), pondo fim aos Estados Pontifícios. Pio IX se encerra no Vaticano. No dia 3 de fevereiro de 1871 Roma é proclamada capital do reino da Itália: um Estado centralizador, burguês, socialmente conservador e anticlerical.

O decênio 1861-1870 é marcado por fortes tensões e drásticas medidas fiscais que pesam fortemente sobre as camadas mais pobres da população, pela luta contra a bandidagem meridional e o endurecimento das relações com a Santa Sé, sempre mais intransigente na defesa dos princípios, na condenação do liberalismo e do laicismo e em proclamar a necessidade do poder temporal como garantia para sua liberdade. Com a publicação do *Sílabo,* "contendo os principais erros do nosso tempo" (8 de dezembro de 1864), confirma-se a ruptura definitiva da Igreja com o liberalismo e o fim de qualquer tentativa de conciliação entre católicos e sociedade contemporânea. O Estado prossegue seu projeto de laicização servindo-se de medidas radicais, mediante a extensão da lei de supressão das congregações, a liquidação dos bens eclesiásticos (1866-1867) e a abolição da isenção do recrutamento militar para os clérigos (1869). No Concílio Vaticano I a Igreja sanciona o primado pontifício e a infalibilidade papal no âmbito da fé e dos costumes.

Apesar de tudo, Dom Bosco continua na linha seguida nos anos anteriores e consegue, não somente consolidar o Oratório de Valdocco, mas também abrir novos horizontes: colhe inteligentemente as oportunidades que se apresentam e demonstra saber intuir as tendências do futuro. O desenvolvimento da sua obra depois de 1860 é de algum modo produto da situação que se criou na metade do século XIX no clima patriótico e liberal da Itália. Entre 1860 e 1870 a cidade de Turim muda profundamente. A imigração não é mais sazonal, mas definitiva. Os jovens trabalhadores que, antes, aos domingos, tomavam as ruas e enchiam os botequins, agora mudam as tendências: por toda parte surgem organizações operárias, sociedades de ginástica, música e cultura, centros recreativos. O número dos frequentadores dos oratórios festivos tende a diminuir. O Santo, que age de acordo com as necessidades dos tempos, capta o rumo das novas tendências, como a crescente demanda de instrução. O desenvolvimento da tipografia (aberta em 1862), por exemplo, é favorecido pelo interesse geral na elevação cultural do povo (originada pelo sentido de dignidade humana típico do liberalismo), dá origem à multiplicação de livros para a instrução das classes juvenis e sua educação cristã.

As mesmas causas facilitam o crescimento dos internatos (colégios-pensionatos), na Itália e na Europa. Enquanto o Estado, com dificuldade, procura resolver os problemas da organização da instrução pública, a legislação liberal, apesar do controle centralizado e a orientação não confessional e anticlerical do setor, permite a existência da escola livre ou particular; favorece também um dos âmbitos em que o mundo católico, marginalizado nas lutas políticas, se concentra e organiza: o associacionismo religioso, o mútuo socorro, os bancos populares, as companhias de seguros, a assistência social. Dom Bosco apanha no ar estas oportunidades para ampliar a sua missão.

A obra de Valdocco é potenciada pela "máxima ocupação dos locais depois de 1868, com oitocentas e mais pessoas. Aumenta também o número dos que pedem para entrar na Sociedade Salesiana. Impõe-se a fundação de novos institutos, para distribuir fora de Valdocco a população excedente, descongestionar os ambientes, aliviar os encargos econômicos, ocupar utilmente os que se ligavam a Dom Bosco pelos votos religiosos"[9]. A partir de 1863, ano da fundação do pequeno seminário de Mirabello, o Santo multiplica os colégios, os internatos, as escolas profissionais (Lanzo em 1864; Cherasco em 1869; Borgo San Martino em 1870; Alassio, Varazze, Marassi e Sampierdarena em 1870-1871). Muitas vezes são as administrações municipais que pedem obras. É uma opção que permite a consolidação da instituição salesiana: os internatos garantem uma população juvenil mais estável e melhor organizável (num

[9] Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale* (1815-1870). Roma, LAS 1980, p. 124.

momento histórico em que este gênero de obras é pedido pelo ambiente), servem à expansão territorial da obra e do carisma salesiano, contribuem para o desenvolvimento das organizações católicas mediante a formação de grandes massas de jovens, asseguram um fluxo regular de vocações para o desenvolvimento da Congregação. O incremento dos colégios, a partir daqueles anos, é um dado de fato que é preciso ter em consideração para compreender as orientações da mentalidade de Dom Bosco e alguns dos elementos que caracterizam a pedagogia preventiva e a espiritualidade salesiana. De agora em diante, o Santo pensará sempre mais nos salesianos como educadores de colégios.

Por ocasião do Concílio Vaticano I (1869-1870), Dom Bosco entra em contato com alguns bispos provenientes da América, da Ásia e da África que visitam a sua obra e propõem fundações nas suas dioceses. Começa assim um interesse mais direto pelas missões, que haverá de se concretizar nos anos seguintes.

As circunstâncias político-religiosas são também as que orientam Dom Bosco para o culto da Auxiliadora. Num tempo de anexação dos territórios pontifícios, os bispos da Úmbria convidam os fiéis a invocar Maria *Auxilium Christianorum.* Em 1862 difundem-se notícias de revelações marianas e de curas perto de Spoleto. O bispo da cidade envia um artigo informativo ao jornal de Turim *L'Armonia* (17 e 27 de maio). O Santo relata esses acontecimentos num boa-noite de 24 de maio de 1862 e no dia 30 narra um sonho em que a nave da Igreja, atacada, encontra refúgio entre as colunas da Eucaristia e de Nossa Senhora Auxiliadora. No mês de dezembro seguinte projeta a construção de uma igreja mais ampla, dedicada precisamente à Auxiliadora: "Os tempos andam difíceis e precisamos que a Santíssima Virgem nos ajude a conservar e defender a fé cristã"[10]. Em 1864 começa a cavar os alicerces e no dia 27 de abril de 1865 é posta com solenidade a primeira pedra da nova igreja na presença do príncipe Amadeu da Saboia, filho do rei.

A grave crise econômica geral leva Dom Bosco a alargar o seu círculo de amigos para encontrar os meios necessários. Viaja para Florença, Roma e outras cidades italianas. Escreve cartas, organiza rifas. Retorna, assim, o fluxo das grandes e pequenas ofertas e os trabalhos chegam ao termo. No dia 9 de junho de 1868 o arcebispo de Turim consagra o santuário. Para solicitar a beneficência, Dom Bosco ressalta as necessidades dos tempos, o entusiasmo popular, a expectativa de prodígios, os favores celestes pessoais, familiares e eclesiais, que se esperam por intercessão de Maria. Compõe um livreto *Maravilhas da Mãe*

[10] MB 7, 334.

de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora (1868) e outros opúsculos que ele difunde por toda parte. Funda também a *Pia Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora* (1869). Assim, enquanto Spoleto permanece como santuário de ordem local, a igreja de Turim e o grandioso quadro pintado por Lorenzone adquirem relevo nacional e internacional pelo impulso do desenvolvimento da Obra Salesiana. Valdocco caminha para ser um centro de religiosidade popular e mariana, e a espiritualidade salesiana resulta fortemente caracterizada.

Em 1869 Dom Bosco obtém a aprovação pontifícia da Congregação Salesiana. A partir desse momento ele se empenha com todas as forças para infundir nos seus discípulos uma identidade religiosa sempre mais clara. As vocações crescem, as obras se multiplicam, particularmente as escolas. É incrementada a produção de livros e criam-se novas iniciativas editoriais, como a *Biblioteca da Juventude Italiana* (1869).

Católico obediente à Santa Sé, Dom Bosco segue a orientação: "nem eleitos, nem eleitores", mas continua a comunicar ao papa e ao secretário de Estado Antonelli o que consegue saber quanto aos intentos da política eclesiástica dos diversos governos nacionais que se sucedem. Enquanto pessoa apreciada pela Santa Sé e por vários ministros, empenha-se particularmente em resolver o problema das sedes episcopais vacantes, com vistas a novas nomeações de bispos. Obtém resultados especialmente para o Piemonte, onde não poucos prelados devem a ele a nomeação.

e. O desenvolvimento italiano, europeu e sul-americano da Obra Salesiana nos anos Setenta e Oitenta do século XIX

Por causa da tomada de Roma (1870), as relações entre Estado e Igreja pioraram. A Santa Sé não reconhece a assim chamada *lei das garantias* (13 de maio de 1871), pela qual o governo italiano procura legitimar a ocupação da capital, regulamenta as relações com a Santa Sé, garante a liberdade do sumo pontífice no governo da Igreja e a independência do clero no cumprimento da sua missão. O papa rejeita a lei como ato unilateral e em 1874 impõe aos católicos italianos que não participem da política ("*non expedit*", não é conveniente) num Estado considerado "usurpador". A ruptura Estado-Igreja é insanável, particularmente depois que em 1873 em Roma se ampliam as leis de supressão das corporações religiosas e o açambarcamento dos bens (igrejas, conventos, instituições educativas e caritativas, hospitais...)[11].

[11] Cf. Carlo Maria FIORENTINO, *Chiesa e Stato a Roma negli anni della Destra storica 1870-1876. Il trasferimento della capitale e la soppressione delle Corporazioni religiose.* Roma, Istituto per la Storia del Risorgimento italiano 1996.

No ano de 1876, na Itália ocorre uma "revolução parlamentar" que leva ao governo a esquerda "histórica", mais laicista, anticlerical e maçônica do que a direita que tinha governado até aquele momento[12]. Há um programa ambicioso, mas encontra dificuldades para ser levado a termo, também pela brevidade dos diversos governos que se sucederam (precisamente 11 em 12 anos, dos quais 8 presididos por Agostinho Depretis). Entre as diversas reformas merece destaque a lei Coppino quanto à obrigação de frequentar os três primeiros anos da escola elementar (1877) e a lei sobre a tutela do trabalho dos menores (1886).

Em 9 de janeiro de 1878 morre Vitório Emanuel II e lhe sucede o filho Humberto I. Depois de um mês, morre também Pio IX (7 de fevereiro). O novo papa Leão XIII (1810-1903), já na escolha do nome indica a intenção de uma mudança de postura, apesar de manter o "*non expedit*" quanto à participação política dos católicos italianos. É o primeiro papa da modernidade que reflete sobre a relação ciência-religião (*Aeterni Patris,* 1879), a função dos católicos na sociedade (*Immortale Dei,* 1885), a doutrina social da Igreja (*Rerum Novarum,* 1891); promove a renovação dos estudos filosóficos e teológicos e a fundação de universidades católicas.

Como todos os católicos, também Dom Bosco tinha esperanças de que o Estado Pontifício fosse poupado; prudentemente, porém, toma conhecimento da situação sem particulares comentários. Continua as tratativas com Roma para a aprovação definitiva das Constituições Salesianas. Aceita ser envolvido na mediação entre o governo italiano e a Santa Sé a respeito do *exequatur* governativo para os bispos piemonteses e lombardos. O relacionamento muito prudente com cada ministro da esquerda sempre se norteia pelas exigências da sua missão e das suas obras: obter os títulos legais para o ensino ou o apoio à Obra Salesiana na América do Sul, terra de imigrantes italianos. Por exemplo, no dia 16 de abril de 1876, durante os preparativos para a segunda expedição missionária, apresenta ao ministro do Exterior Luís Melegari um singular projeto de povoamento colonial italiano na Patagônia, de cunho bastante irreal e fruto de "um pouco de poesia", como ele mesmo escreve, mas ocasião oportuna para expressar a sua "boa vontade em ajudar a pobre humanidade"[13].

Mas Dom Bosco, particularmente nesses anos, continua decidido em seu trabalho de fundador criativo, formador sagaz, forjador de comunidades

[12] Cf. Guido VERUCCI, *L'Italia laica prima e dopo l'Unità 1848-1876. Anticlericalismo, libero pensiero e ateismo nella società italiana.* Bari, Laterza 1981; ID, *Cattolicesimo e laicismo nell'Italia contemporanea.* Milão, F. Angeli 2001.

[13] E(m) V, pp. 119-120.

religiosas voltadas à educação juvenil, mestre de vida espiritual para os jovens e o povo. O governo da Congregação é compartilhado com os membros do Capítulo Superior e com os diretores de cada obra, que ele sabe valorizar e envolver nas reuniões regulares do Conselho, nas conferências anuais de São Francisco de Sales e nos Capítulos-Gerais. Em 1872 Dom Bosco funda o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora a partir do grupo das Filhas da Imaculada de Mornese, dirigidas pelo padre Pestarino, grupo que ele plasma segundo o seu espírito e insere com sucesso no circuito da Obra Salesiana em plena expansão. Em 1874 obtém a aprovação definitiva das Constituições, passo importante para a consolidação da Sociedade Salesiana, embora tal aprovação seja limitada por alguns condicionamentos jurídicos, finalmente superados em 1884 com a concessão dos "privilégios". Em 1875, em plena sintonia com a retomada do movimento missionário católico, organiza a primeira expedição missionária salesiana para a América Latina, seguida por outras expedições anuais. Em 1876 dá início à Associação dos Cooperadores, engenhoso projeto de solidariedade católica, para apoiar e manter a missão salesiana. Em 1877 funda o *Boletim Salesiano*, periódico mensal de informação, estratégico para o alargamento do consenso e do apoio à Obra Salesiana. No mesmo ano preside o primeiro Capítulo-Geral da Congregação.

É um tempo de atividades frenéticas e inteligentes, das quais emergem os dotes extraordinários de Dom Bosco e a amplidão das suas visões, apesar do progressivo declínio físico. Cuida dos contatos com as autoridades religiosas e civis, com os benfeitores e os amigos, mediante correspondência e encontros pessoais. Empreende frequentes viagens na Itália (especialmente a Roma) e na França (a partir de 1875). Com a fama da sua Obra se difunde também a veneração pela sua personalidade carismática. Triunfais acolhidas lhe são reservadas em Paris (1883) e em Barcelona (1886): Dom Bosco se tornou um símbolo para a sensibilidade do mundo católico europeu que, submetido a duros ataques anticlericais, mostra-se atento aos fatos sobrenaturais, consolida a sua fé, congrega-se compacto em torno da figura do romano pontífice e se dedica à ação social, educativa e pastoral.

Nesses anos, os salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora, na Itália, ampliam as suas presenças com obras na Ligúria, no Lácio, na Sicília, na Toscana, no Trentino e no Vêneto[14]. As obras se desenvolvem também no exterior: na França (Marselha, La Navarre, Saint-Cyr, Paris, Lille), na Espanha (Utrera,

[14] Para as fundações na Itália vejam-se os três volumes do 150º da unidade da Itália: Francesco Motto (editor), *Salesiani di don Bosco in Italia. 150 anni di educazione.* Roma, LAS 2011; Grazia Loparco - Maria Teresa Spiga (editores), *Le Figlie di Maria Ausiliatrice in Italia. Donne nell'educazione.* Roma, LAS 2011; Francesco Motto - Grazia Loparco (editores), *Salesiani e Figlie di Maria Ausiliatrice in Italia. Un comune percorso educativo (1859-1010).* Roma, LAS 2013.

Barcelona), na Grã-Bretanha (Londres); particularmente na América do Sul (Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Equador) a expansão é prodigiosa, graças a missionários de valor como João Cagliero, José Fagnano, Luís Lasagna e Tiago Costamagna.

Os problemas não faltam. As relações de Dom Bosco com as autoridades atravessam momentos críticos, agravados pelo desentendimento com o arcebispo de Turim, Lourenço Gastaldi, apesar da "concórdia" imposta pela Santa Sé (1882). As urgências econômicas encorajam Dom Bosco a multiplicar as visitas, a organizar a rede de cooperação, a encaminhar uma meticulosa campanha de sensibilização, para engrossar o fluxo das ofertas necessárias para o sustento das múltiplas fundações e da dispendiosa construção de grandes edifícios sagrados: a igreja de São João Evangelista em Turim, consagrada em outubro de 1881, e a basílica do Sagrado Coração em Roma, inaugurada em 1887 pelo próprio Dom Bosco já próximo do final da sua vida. O declínio físico do Santo começara havia alguns anos. Progressivamente ele passa o governo prático da Congregação ao Capítulo Superior, presidido pelo prefeito-geral, padre Miguel Rua, que é nomeado vigário-geral com plenos poderes por um decreto pontifício em 1884.

2. Dom Bosco no contexto pedagógico do seu tempo

"Não parece existir um contato que tenha levado Dom Bosco a assumir certo compromisso com a pedagogia científica oficial, acadêmica, embora tenham sido reais as relações, até mesmo a cordialidade e a amizade, com alguns teóricos contemporâneos da pedagogia", afirma Pietro Braido, e cita, entre os mais conhecidos, Antônio Rosmini, João A. Rayneri, José Allievo[15]. Diferentemente, Alberto Caviglia, referindo-se ao movimento pedagógico piemontês da segunda metade do século XIX, garante que "Dom Bosco seguiu aquele movimento com interesse, diria até com certa ânsia de aprender especificamente o método de transmitir os conhecimentos aos jovens"[16].

Nesse âmbito devem-se evidenciar alguns dados e testemunhos referentes aos contatos do fundador da Congregação Salesiana com os pedagogistas mencionados e em geral com o contexto pedagógico do seu tempo, para individuar os aspectos mais ilustrativos e captar com mais facilidade – nos escritos e nos documentos postos à disposição do leitor na segunda parte des-

[15] Pietro Braido, *Prevenire non reprimere. Il sistema educativo di don Bosco*. Roma, LAS 1999, p. 152. Para uma contextualização geral: Rachele Lanfranchi - José Manuel Prellezo, *Educazione scuola e pedagogia nei solchi della storia*, vol. 2. *Dall'Illuminismo all'era della globalizzazione*. Roma, LAS 2010.
[16] Alberto CAVIGLIA, *Don Bosco nella scuola,* em BS 53 (1929) 6, 179.

ta coletânea antológica – os núcleos qualificadores do pensamento de Dom Bosco sobre a educação e sobre a escola. Esses contatos também revelam as características mais salientes do seu método de educar a juventude "pobre e abandonada".

a. Formação pedagógica no âmbito familiar e escolar

Para a formação de Dom Bosco contribuíram diversas experiências que tiveram influência sobre acontecimentos diferentes, pessoas e instituições. A base da vocação educativa do fundador dos salesianos se constitui e se desenvolve com o crescimento da sua maturidade humana, cristã e pastoral. De fato, atento ao fluxo dos acontecimentos do seu tempo e aos principais âmbitos da sua experiência particular, Dom Bosco nos transmitiu acenos a episódios importantes e nomes de sacerdotes, professores e instituições que contribuíram concretamente para delinear as principais etapas da sua preparação pedagógica.

Na experiência infantil de órfão emerge a figura da mãe, Margarida Occhiena, "a primeira educadora e mestra" de Joãozinho Bosco. À distância de quase sessenta anos ele escreve: "Seu maior cuidado foi instruir os filhos na religião, torná-los obedientes e ocupá-los em coisas compatíveis com a idade"[17]. Em particular, no ambiente familiar aprendeu o hábito da oração, o cumprimento do dever e o sacrifício.

Além do trabalho formativo materno, ocupa lugar privilegiado – por tempo breve, mas significativo – a figura de um venerável sacerdote, o padre João Calosso. Após um fortuito encontro (novembro de 1829), cria-se um intenso e autêntico relacionamento de estima e de confiança entre o menino pobre, mas inteligente e desejoso de frequentar a escola, e o benévolo capelão de Morialdo. Sob a guia dessas pessoas, João retomou com entusiasmo os estudos elementares. O tipo de relação que se estabeleceu entre o aluno e o mestre é relatado e proposto aos salesianos como exemplar: "Coloquei-me logo nas mãos do padre Calosso [...]. Abri-me inteiramente com ele. Manifestava-lhe prontamente qualquer palavra, pensamento e ação. Isso muito lhe agradou, porque dessa maneira podia orientar-me com segurança no espiritual e no temporal" (MO 41). A morte improvisa do benfeitor é sentida pelo adolescente João

[17] Giovanni BOSCO, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855.* Introdução e notas de Aldo Giraudo. Roma, LAS 2011, p. 61. Sobre o significado e o valor histórico-pedagógico deste escrito tardio de Dom Bosco, cf. *ibid.*, pp. 5-49. [Em português: São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855.* Tradução de Fausto Santa Catarina. Edição revista e ampliada aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira, Brasília, Editora Dom Bosco 2012, p. 27]. – [Daqui para frente *As Memórias do Oratório* serão citadas pela sigla MO conforme a paginação da edição em português].

como um "desastre irreparável". Mas, antes de escrever estas palavras, Dom Bosco lembra com entusiasmo o encontro com o seminarista José Cafasso que, a seguir, enquanto diretor espiritual e professor, terá uma forte influência sobre a formação cultural e as opções educativo-pastorais de João Bosco jovem sacerdote.

b. A bondade: núcleo central do método educativo

O relato dos acontecimentos sucessivos permite a Dom Bosco realçar determinados traços dos seus mestres e a peculiaridade das escolas frequentadas por ele. Por exemplo, ao reevocar as classes de gramática, ele sintetiza com eficaz expressão as características do ambiente em Chieri: "bondade dos professores" (cf. MO 51-52). Cada um deles é sinteticamente descrito em suas atitudes educativas preventivas: o prof. Valimberti lhe "deu muitos bons conselhos" sobre o modo de se manter "longe dos perigos"; o prof. Pugnetti "usou de muita caridade" (MO 51-52) para com ele; o prof. Pedro Banaudi "era um verdadeiro modelo dos mestres. Sem nunca infligir castigos, tinha conseguido fazer-se amar por todos os seus alunos. Ele os amava a todos como filhos, e estes o amavam qual terno pai" (MO 65). Por sua vez, Dom Bosco não deixa de sublinhar os limites e os defeitos notados nos seus educadores; por exemplo, ele conta que "um mestre muito querido" foi substituído por outro professor que, "incapaz de manter a disciplina, quase mandou pelos ares tudo o que nos meses anteriores eu tinha aprendido" (MO 51).

Também a respeito dos formadores do seminário ele volta a acenar às suas qualidades e aos seus limites, com algumas críticas, aliás, um tanto severas: "Eu queria muito bem aos meus superiores, e eles foram sempre muito bons para comigo; mas meu coração não estava satisfeito. Era costume visitar o reitor e os demais superiores à chegada das férias e quando se partia para elas. Ninguém ia falar com eles, a não ser quando chamado para receber alguma reprimenda. Um dos superiores, por turno, vinha assistir cada semana o refeitório e os passeios; só isso. Quantas vezes queria falar, pedir-lhes conselho ou solução de dúvidas, e não podia fazê-lo. Mais: se algum superior por acaso passasse no meio dos seminaristas, todos, sem saber por que, fugiam precipitadamente para um lado ou para outro como de um animal bravio" (MO 93).

c. A religião: "parte fundamental da educação"

A "bondade" que fascina o jovem Bosco, – sublinhada por ele de bom grado sempre que fala dos seus mestres –, não fica restrita a uma "doçura" superficial ou a simples "bons modos". A bondade autêntica que ele suge-

re se apoia num reto comportamento moral e numa sólida base religiosa. Evocando o período transcorrido no "colégio" de Chieri (1831-1835), Dom Bosco traça nas *Memórias do Oratório* um quadro bastante detalhado do regime disciplinar então vigente nas escolas públicas, conforme as determinações do *Regulamento para as escolas fora da Universidade* (1822). Depois de acenar às reuniões da "Sociedade da Alegria", que se faziam durante a semana na casa de um dos sócios, "para falar de religião", ele explicita: "Neste ponto é bom lembrar que naqueles tempos a religião formava parte fundamental da educação. Um professor, que mesmo por brincadeira pronunciasse uma palavra indecorosa ou irreligiosa, era imediatamente destituído do cargo. Se assim acontecia com os professores, imaginai a severidade que se usava com os alunos indisciplinados ou escandalosos!" (MO 58). A ênfase posta sobre a "severidade" usada em determinadas circunstâncias sugere compreensivelmente que as medidas propostas pelo rígido e "conservador" ordenamento escolar de 1822 – inspirado na praxe dos colégios jesuítas – não agradavam ao narrador. "Todavia, na lembrança de Dom Bosco na fase de sua idade madura, as prescrições estavam perfeitamente na linha das dimensões fundamentais do seu sistema educativo "preventivo", por causa dos fortes princípios de religiosidade, moralidade, ordem que inspirava toda a vida estudantil"[18].

Além disso, não falta a recordação de contatos positivos com as instituições e os métodos educativo-didáticos da Companhia de Jesus. Com alguns amigos "exemplares", "nos dias santos, após a celebração na capela do colégio – lembra Dom Bosco –, íamos à igreja de Santo Antônio, onde os jesuítas explicavam estupendamente a doutrina, enriquecida de exemplos que ainda recordo" (MO 57).

As experiências vividas e as personalidades encontradas na infância e na juventude – às quais acenamos brevemente –, certamente contribuíram em medida não indiferente para a formação do futuro educador e fundador de congregações consagradas à educação da juventude. Por outro lado, do ponto de vista pedagógico, deve ter sido especialmente fecunda a etapa que Dom Bosco viveu no Colégio Eclesiástico de Turim (1841-1843). A prática pastoral e os estudos teológicos ali realizados não deixaram de proporcionar-lhe "as orientações de base para uma pedagogia religiosa e moral, essencial e prática"[19]. Nesses anos, Dom Bosco teve também a ocasião de integrar a própria formação com a experiência religiosa e a espiritualidade própria de duas personalidades de santos que incidirão sensivelmente no seu estilo educativo "preventivo": Felipe Neri e Francisco de Sales, apreciados no ambiente

[18] P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere*…, p. 138.
[19] Ibid., p. 142.

cultural piemontês, especialmente no Colégio Eclesiástico de Turim. Aqui é suficiente acenar a um fato. Querendo manifestar o motivo pelo qual sua primeira obra dedicada aos meninos "começou a chamar-se de São Francisco de Sales", Dom Bosco escreve: "porque como tal ministério exige grande calma e mansidão, havíamo-nos colocado sob a proteção deste santo, para que nos alcançasse de Deus a graça de imitá-lo em sua extraordinária mansidão e na conquista das almas" (MO 137).

O seminário de Chieri e o Colégio Eclesiástico de Turim não podiam fornecer ao jovem sacerdote a cultura específica em matéria de pedagogia e de didática. Todavia, contribuíram para a criação das "estruturas mentais de base", que, graças à sua não comum inteligência e ao inato senso prático, permitiram-lhe integrar-se sem dificuldades no trabalho assistencial-educativo entre os jovens e os meninos da capital do reino da Saboia.

d. O encontro com os jovens das prisões e com os meninos órfãos e abandonados das periferias de Turim

Quando Dom Bosco chegou ao Colégio Eclesiástico em 1841, sob a guia do padre José Cafasso, realiza as primeiras experiências de catequese entre os jovens imigrantes e frequenta as prisões de Turim. O contato com os rapazes encarcerados e a participação ativa nas experiências educativas concretas constituíram certamente fatores determinantes na formação de Dom Bosco "educador" e "autor de escritos pedagógicos". Ele mesmo narra: "A ideia dos oratórios nasceu da frequência das prisões desta cidade. Naqueles lugares de miséria espiritual e temporal havia muitos jovens na flor da idade, de inteligência pronta, de bom coração, capazes de ser a consolação das famílias e a honra da pátria; apesar disso, lá estavam, trancados, aviltados, feitos o opróbrio da sociedade. Ao ponderar atentamente as razões daquela desventura foi possível perceber que eles eram infelizes mais por falta de educação do que por maldade"[20].

Das experiências vividas emergiram elementos e orientações que em seguida guiarão e caracterizarão a sua obra: "Pude então constatar que os rapazes que saem de lugares de castigo, caso encontrem mão bondosa que deles cuide, os assista nos domingos, procure arranjar-lhes emprego com bons patrões e visitá-los de quando em quando ao longo da semana, tais rapazes dão-se a uma vida honrada, esquecem o passado, tornam-se bons cristãos e honestos cidadãos". (MO 125). Dom Bosco fala também do encontro com jovens nas

[20] Giovanni Bosco, *Cenni storici intorno all'Oratorio di S. Francesco di Sales*, em Pietro Braido (editor), *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità. Studi e testimonianze*. Roma, LAS 1987, p. 60.

praças e nas periferias, muitas vezes órfãos, que acabaram de vir do interior para a cidade em busca de trabalho; lembra também seus nomes, como no caso de Bartolomeu Garelli, com quem "inicia" a sua obra de formação religiosa na sacristia da igreja de São Francisco de Assis (cf. MO 122-125).

Portanto, já desde os primeiros anos da década de 1840, na vida de João Bosco há um ponto bem definido: a opção pela educação dos jovens. "A minha propensão é a de me ocupar da juventude", ele confessa ao padre Cafasso; declara-o também à marquesa Barolo, e com idêntica simplicidade o comunica às autoridades civis que o convidam a participar com os seus rapazes das festas nacionais.

Atento a ouvir "a voz do seu tempo", não tentou fugir dos complexos problemas que o Ressurgimento italiano trouxe consigo, em particular o conflito entre a consciência nacional e a consciência religiosa. Mas, como "muitos católicos liberais e clérico-moderados, intuiu a possibilidade de uma base comum de trabalho: a educação popular. Junto com todos os católicos sofreu por causa das humilhações da Igreja e compreendeu sua missão transcendente [...]. Em síntese, compreendeu sua vida substancialmente comprometida quase somente com o problema educativo, visto como o que haveria de proporcionar uma solução global para o problema religioso e civil"[21].

e. Dom Bosco não é um solitário na história da educação

Na opção privilegiada e definitiva pelos jovens como compromisso de vida e nas obras iniciadas para a educação dos mais abandonados, Dom Bosco não caminhou sozinho. Antes de tudo, ele estava em sintonia com um amplo grupo de educadores de orientação cristã e católica. Análogas orientações pedagógicas eram seguidas e propostas por outros: "O *Sistema Preventivo* que ele pratica e sobre o qual finalmente escreve surge num contexto em que orientações semelhantes são seguidas, codificadas e propostas por outros. Trata-se de educadores e educadoras, muitas vezes geograficamente próximos, que em alguns casos influíram ou poderiam ter influído nele, ou porque ele pôde ler alguns de seus escritos ou porque teve oportunidade de ter alguma notícia a respeito deles. Em particular, são homens e instituições que compartilham com ele as preocupações pela juventude em tempos novos e difíceis e empreendem tipos não muito diferenciados de iniciativas em seu favor, com estilo educativo que pode ser legitimamente definido como *preventivo*"[22].

[21] Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica.* Primeiro volume*: Vita e opere.* Segunda edição revista pelo autor. Roma, LAS 1979², pp. 253-254.
[22] P. Braido, *Prevenire non reprimere…*, p. 93.

Entre os educadores que havia em Turim merecem lugar de relevo os Irmãos das Escolas Cristãs. Ao seu provincial, irmão Hervé de la Croix, Dom Bosco dedicou um dos seus livros mais importantes, a *História Eclesiástica para uso das escolas* (1845). Todavia, parecem excessivas as afirmações de Alberto Caviglia quando afirma que o fundador dos salesianos "foi estudiosíssimo" dos "métodos lassallistas". Não há como documentar que ele tenha lido as obras pedagógico-espirituais de São João Batista de la Salle. Ao passo que é bastante provável que ele não tenha ficado indiferente quanto às aulas noturnas para os operários, abertas pelos Irmãos das Escolas Cristãs em 1846, e que tenha tido entre as mãos um pequeno fascículo pedagógico – *As doze virtudes do bom mestre* (Marietti 1835) – do lassallista Irmão Agathon. Este, ao discorrer sobre as virtudes dos professores e o seu comportamento na ação educativa, insiste sobre "a bondade", "a cordialidade", a "amabilidade", "a mansidão, isto é, a "doçura"... São termos que aparecem frequentemente na produção bibliográfica de Dom Bosco.

Fecunda de elementos educativos deve ter sido também a experiência dos dois anos transcorridos como capelão nas obras da marquesa Barolo. É razoável supor que Dom Bosco, jovem sacerdote, tenha sido particularmente influenciado pelos princípios que deram origem às diversas iniciativas benéfico-religiosas da ilustre dama da nobreza: distribuir o pão da fé, precedido e acompanhado pelo pão da subsistência quotidiana; buscar a salvação das almas, cuidando ao mesmo tempo dos corpos e das mentes; reeducar amorosamente, mais do que reprimir; proporcionar a instrução de base necessária para os novos tempos. Aquele biênio "deve ter sido para Dom Bosco uma escola organizada, embora não acadêmica, de Sistema Preventivo"[23].

Com as experiências educativas apontadas acima é indispensável levar em consideração também outros fundadores de institutos para a educação dos jovens necessitados. Aqui nos limitamos a citar os mais significativos.

Em primeiro lugar, os irmãos Marcos e Antônio Cavanis, iniciadores da Congregação dos Clérigos Seculares das Escolas de Caridade, fundada em Veneza nos primeiros decênios do século XIX, que exprimem o núcleo do seu método educativo com os termos "prevenção", "disciplina amorosa" e "amor paterno". Essas expressões certamente não eram desconhecidas para Dom Bosco quando deu os últimos retoques à redação do *Regulamento para as casas salesianas* (1877) e preparou o mais conhecido dos seus escritos: *O Sistema Preventivo na educação da juventude* (1877). Alguns anos antes, de fato, como ele mesmo declarou no processo de elaboração das *Constituições* da Sociedade

[23] Pietro Braido, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, I. Roma, LAS[2], 2009, pp. 179-180; cf. também *Ibid.*, pp. 207-208.

de São Francisco de Sales, tivera em mãos as Regras do "Instituto Cavanis de Veneza"[24]. Certamente terá lido, entre outros, o artigo que dizia: "Os mestres se propõem desenvolver a sua tarefa entre os meninos, não tanto como mestres, mas como pais; portanto, assumam o cuidado dos meninos com a máxima caridade [...]; procure-se sempre educá-los aos bons costumes cristãos e a preservá-los do contágio com o mundo com paterna vigilância" (art. 94).

Conjeturas afins podem ser feitas quanto aos escritos do sacerdote educador de Brescia, Ludovico Pavoni, cuja instituição (1847) se propunha "educar na religião e nas artes" os meninos "pobres ou abandonados", com a finalidade de devolver "à Igreja ótimos cristãos, ao Estado bons trabalhadores e súditos virtuosos e fiéis". Também neste caso o paralelismo entre os textos mencionados e os que encontraremos nesta coletânea de *Fontes Salesianas* é fácil de observar. Trata-se, porém, de textos e testemunhos não raros no ambiente cultural do tempo. Por isso, não é tão simples fixar as dependências. Sendo assim, convém dar um passo a mais. Mais de uma vez Dom Bosco se refere ao nome do autor da obra que ele utiliza na redação de determinado escrito ou que recomenda aos colaboradores empenhados, não somente no ensino do catecismo nos oratórios festivos ou nas aulas dominicais e noturnas, mas também em obras educativas mais complexas e articuladas.

f. Abertura ao contexto pedagógico piemontês da segunda metade do século XIX

A primeira instituição assistencial-educativa de Dom Bosco – o Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco (1846) – e as suas primeiras publicações pedagógico-espirituais (1845) se inserem num clima cultural particularmente animado. Na segunda metade do século XIX, no Piemonte, o tema da educação é abordado de forma consciente e decidida, não somente como "problema pedagógico", mas também como "problema político". Na raiz desse movimento há fatos relevantes. Em 1844, o pedagogista e educador Ferrante Aporti é chamado para a Universidade de Turim a fim de ministrar um curso de metodologia que teve ampla ressonância. Em 1845 veio à luz o primeiro número de "*O Educador Primário*", revista especialmente atenta ao estudo e à difusão da "pedagogia popular". Nela, como conclusão de sua contribuição, o pedagogista Vicente Troya escreve que a educação "para que seja completa deverá primariamente propor-se o objetivo de criar bons cristãos e ao mesmo tempo industriosos, inteligentes, laboriosos cidadãos, úteis à sociedade e à família"[25].

[24] E(m) I, p. 562.

[25] Vincenzo Troya, *Quale sia il genere d'istruzione utile e necessario specialmente nei villaggi*, em "L'Educatore Primario" 1 (1845) 12, 192.

Não sabemos se o ensaio de V. Troya influiu na formulação do conhecido princípio pedagógico reproposto diversas vezes, com leves variantes, nos escritos de Dom Bosco: "bons cristãos e honestos cidadãos". Em todo caso, é possível documentar que o Santo tinha sobre a mesa de trabalho alguns cadernos da mencionada revista enquanto levava a termo a composição de alguns dos seus escritos. Na *História Sagrada para uso das escolas* (1847), por exemplo, ele transcreve trechos da revista "*O Educador Primário*" e assina o parecer do seu diretor Antônio Fecia, que sustenta a necessidade de "popularizar" a Sagrada Escritura para pô-la ao alcance dos leitores. Dom Bosco reconhece também ter inserido diversas ilustrações no seu manual, preocupado em seguir as orientações dos "sábios mestres", segundo os quais, a história sagrada deve ser ensinada com a ajuda de mapas, quadros e desenhos que representam os fatos mais importantes.

Trata-se do assim chamado método "intuitivo", divulgado na Itália – com o nome de "método demonstrativo" – por Ferrante Aporti, cujas lições ministradas em Turim foram publicadas na revista "*O Educador Primário*".

A abertura ao movimento pedagógico piemontês não se limita à publicação citada. Em 1863, numa carta pessoal ao provedor dos Estudos de Turim, respondendo a algumas críticas formuladas a respeito de outra obra sua, a *História da Itália* – em particular, pelo fato de ele calar sobre "atos lamentáveis" de determinados "personagens" – Dom Bosco justifica a própria opção escrevendo: "Citei essas coisas para me adequar ao princípio estabelecido pelos célebres educadores Girard e Aporti, os quais recomendam que nos livros destinados aos meninos se omita tudo o que pode ocasionar má impressão nas suas mentes tenras e volúveis"[26].

Depois da aprovação das *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales,* a atenção de Dom Bosco ao tema da educação e da escola se torna sempre mais consciente. Naquele mesmo ano (1874), de acordo com os colaboradores mais próximos, o fundador estabelece que os jovens candidatos à Sociedade Salesiana devem ter uma "aula regular de pedagogia". Nomeia professor da matéria o padre Júlio Barberis. Este, depois de trinta anos de magistério, informará que na redação do seu manual – *Apontamentos de pedagogia sacra* – serviu-se do que ouvira de viva voz de Dom Bosco, do que aprendera dos escritos de pedagogistas recomendados pelo Santo – F. A. Rayneri, G. Allievo, A. Franchi, A. Monfat, F. Dupanloup – e das publicações de "diversos outros experientes autores".

[26] Carta ao provedor dos Estudos de Turim Francisco Anselmi, em E[m] I, p. 589. Alguns anos antes, em 1848, nas páginas de "*O Educador Primário*", fora apreciada positivamente e recomendada a *História Sagrada para uso das escolas* composta por Dom Bosco.

As obras de um dos autores mencionados, Antônio Monfat, eram familiares em Valdocco. No dia 16 de novembro de 1882, na "grande reunião" do pessoal responsável pela casa – "presentes, entre clérigos assistentes, mestres e sacerdotes, aproximadamente 35 pessoas – fez-se a leitura de um parágrafo sobre a *Disciplina entre os educadores. Prática da educação cristã,* do P. A. Monfat (sacerdote da Sociedade de Maria), que deu lugar – conforme sublinha a ata da reunião – a alguns comentários, especialmente o de que todos se mantenham unidos e trabalhem de acordo, de tal modo que o nosso entrosamento seja notado pelos jovens por nós educados". Da reunião participou também Dom Bosco.

Entre os ditos "autores experientes" aos quais alude Barberis merece atenção especial o barnabita Alexandre Maria Teppa. Uma das suas publicações difundidas – *Advertências para os educadores eclesiásticos da juventude* (1868) – é calorosamente recomendada por Dom Bosco e por ele utilizada para as conferências formativas dos jovens salesianos estudantes de filosofia. Ainda nos anos Oitenta, a obra do padre barnabita gozava de particular consideração na casa-mãe. No dia 8 de março de 1883, durante a conferência ao pessoal de Valdocco, na qual se tratou do problema da disciplina, após a leitura do parágrafo dedicado aos "castigos" no pequeno tratado sobre o *Sistema Preventivo*, comentou-se também "o capítulo que trata dos castigos" no citado volume de Alexandre Teppa. E na reunião sucessiva foi decidido "providenciar para cada um" dos presentes um exemplar desse livreto para que sirva "como guia" para não se distanciar do "espírito de Dom Bosco"[27]. Nas simples e substanciosas páginas desse pequeno volume se encontram afirmações como estas: "Quem quiser fazer-se amar pelos seus alunos seja o primeiro a amá-los de coração, com afeto de pai e de amigo. Seja solícito em cuidar de tudo o que lhes pode ser útil para suas necessidades ou de utilidade para eles no espírito e no corpo".

g. Um estilo característico de educação

Não era, porém, a primeira vez que os responsáveis pela já complexa instituição educativa de Valdocco ouviam as expressões acima referidas ou outras semelhantes. Não se tratava nem mesmo da única ocasião em que o iniciador daquela obra convidava os seus jovens colaboradores a pôr em prática orientações ou outras normas desse tipo.

[27] José Manuel Prellezo, *Valdocco nell'Ottocento tra reale e ideale. Documenti e testimonianze*. Roma, LAS 1992, pp. 254-255, 258.

Embora Dom Bosco não tenha chegado – como foi dito várias vezes – a elaborar um sistema pedagógico completo em termos teóricos, todavia, adotou *de forma reflexa* nos seus escritos e experimentou *de forma consciente* no seu trabalho educativo entre os jovens, elementos válidos e coerentes que lhe permitiram elaborar, no conjunto, uma proposta educativa articulada e unitária, inconfundivelmente sua.

Nessa proposta é possível individuar "núcleos doutrinais" de notável "eficácia prática". Elencamos os mais relevantes e característicos: 1) atenção preventiva: "prevenir, não reprimir"; 2) otimismo pedagógico: confiança na juventude, sobre a qual "se funda a esperança de um futuro feliz"; 3) formação de "bons cristãos e honestos cidadãos": escopo e meta de uma educação completa; 4) "razão, religião, bondade": três colunas do Sistema Preventivo; 5) assistência: presença positiva e estimuladora entre os jovens; 6) importância dos educadores: "pais, mestres e amigos" dos jovens educandos; 7) ambiente educativo: acolhedor, familiar, alegre.

Não é este um índice esquemático de simples fórmulas gerais e abstratas. Pelo contrário, trata-se de princípios e orientações que Dom Bosco soube pôr em prática com estilo pessoal: primeiro, em encontros com os jovens necessitados pelas ruas de Turim ou em instituições abertas, como os oratórios festivos; depois, em obras sempre mais completas e complexas – escolas ginasiais internas, internatos, colégios, oficinas de artes e ofícios... –, apreciadas pelos contemporâneos, obras que tiveram um desenvolvimento extraordinário até os dias de hoje.

Os rápidos acenos à contribuição do fundador da Sociedade Salesiana no âmbito da história da pedagogia e da educação podem ser utilmente completados – na perspectiva da leitura das *Fontes Salesianas* – relembrando o testemunho do primeiro professor de pedagogia dos jovens salesianos, Júlio Barberis. Referindo-se ao Sistema Preventivo afirma que "Dom Bosco não o escreveu nas suas linhas gerais", mas "o aplicou por inteiro sob o olhar atento dos seus seguidores e colaboradores[28].

Para obter um conhecimento adequado do pensamento de Dom Bosco a respeito da educação e da escola, portanto, não basta o estudo, embora atento e aprofundado, dos seus escritos. É indispensável dedicar uma sagaz atenção à sua biografia, à singularidade das suas experiências educativas: umas narradas por ele e outras pelos seus colaboradores e contemporâneos, a serem lidas evidentemente com equilibrado senso crítico.

Em síntese, o desenvolvimento das ideias pedagógicas e das obras educativas de Dom Bosco não foi obviamente o simples resultado das suas capa-

[28] Giulio Barberis, *Appunti di pedagogia sacra…* [Turim], Litografia Salesiana 1897, p. 277.

cidades organizativas e de circunstâncias sabiamente exploradas. Foi também fruto de uma pedagogia vivenciada, "coerente nos seus princípios essenciais" e "flexível no seu progresso e nas suas aplicações no âmbito das mutáveis situações históricas. Não foi também pura elucubração abstrata, mas o impulso poderoso de uma relação educativa e de um complexo sistema de obras"[29].

Nessa perspectiva, descobre-se o Sistema Preventivo de Dom Bosco – no sentido mais amplo – como projeto necessariamente aberto a integrações e desenvolvimentos teóricos, históricos e metodológicos, sem desnaturar as linhas originárias e essenciais[30].

3. Dom Bosco no contexto espiritual do seu tempo[31]

Dois fatores históricos principais influem de forma relevante na espiritualidade do século XIX[32]. Por um lado, a sensibilidade romântica que impregna o clima cultural geral e se irradia sobre as orientações da piedade; por outro, os acontecimentos de caráter sociopolítico que preparam e assinalam todo o século: revolução francesa, período napoleônico, movimentos liberais, guerras do Ressurgimento, governos anticlericais, leis lesivas dos direitos da Igreja, supressão das congregações religiosas e açambarcamento dos seus bens, queda do poder temporal dos papas, campanhas sistemáticas difamatórias e progressiva marginalização dos católicos na esfera política e cultural.

Essas circunstâncias de caráter geral, sem dúvida nenhuma, influenciam a espiritualidade oitocentista. Por consequência, incidem sobre a vivência interior de Dom Bosco e motivam, em parte, algumas das suas opções e acen-

[29] Pietro Stella, *Juan Bosco en la historia de la educación*. Madri, Editorial CCS 1996, p. 33.
[30] Cf. P. Braido, *Prevenire non reprimere…*, pp. 391-404.
[31] Para compreender a especificidade de Dom Bosco no quadro mais amplo da espiritualidade dos anos Oitocentos são fundamentais as seguintes obras: Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica.* Vol. II: *Mentalità religiosa e spiritualità*. Roma, LAS 1981; Francis Desramaut, *Don Bosco et la vie spirituelle*. Paris, Beauchesne 1967; Id., *Jean Bosco (saint)*, em *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*. Vol. VIII, Paris, Beauchesne 1974, coll. 291-303; Joseph Aubry, *La scuola salesiana di don Bosco*, em Ermanno Ancilli (editor), *Le grandi scuole della spiritualità cristiana*. Roma/Milão, Pontificio Istituto di Spiritualità del Teresianum/O.R. 1984, pp. 669-698.
[32] Muitos são os estudos sobre a espiritualidade dos anos Oitocentos, entre os quais lembramos: Pietro Stella, *Italie: de la restauration à l'indépendance, 1814-1860*, em *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*. Vol. VII, Paris, Beauchesne 1971, coll. 2273-2284; Tullo Goffi, *La spiritualità dell'Ottocento*. (História da espiritualidade 7). Bolonha, EDB 1989; Massimo Petrocchi, *Storia della spiritualità italiana*. Vol. III. *Il Settecento, l'Ottocento e il Novecento*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura 1979; Pietro Crespi - Gian Franco Poli, *Lineamenti di storia della spiritualità e della vita cristiana*. Vol. II, Roma, Edizioni Dehoniane 2000; Pietro Zovatto (editor), *Storia della spiritualità italiana*. Roma, Città Nuova 2002.

tuações. Mas não são suficientes, sozinhas, para explicar de forma completa os traços qualificadores da sua personalidade e do seu carisma, que fazem dele uma das personalidades mais significativas no panorama da santidade e da espiritualidade do seu século. Por isso, devem ser levados em consideração também outros aspectos de menor importância histórica, mas igualmente significativos: os ambientes em que foi formado, o substrato cultural e religioso popular do qual ele provém, a mentalidade e os anseios das classes juvenis entre as quais exerce o seu ministério, especialmente alguns traços inconfundíveis da sua humanidade e algumas vicissitudes pessoais.

a. O clima espiritual da primeira parte do século XIX

Confiante nas luzes da razão e no desenvolvimento progressivo das ciências, empenhado na exaltação dos direitos e dos deveres do cidadão, desconfiado da tradição espiritual e mística do século anterior, o século XVIII acentua o subjetivismo fenomenológico, reduz a religião a ritualismo simbólico, e a religião cristã à tensão moral, ao esforço virtuoso, à normatividade racional de comportamento prático. No início do século XIX, refletindo sobre os êxitos dramáticos da revolução e sua irradiação em nível europeu, surge a reação. O fermento revolucionário é interpretado como resultado da corrupção geral do coração, do obscurecimento da razão e do enfraquecimento da vontade; os excessos jacobinos são fruto perverso do orgulho do homem que se desvinculou da fé. Sente-se, portanto, a necessidade de reafirmar o que foi ofuscado ou negado. Declara-se o valor insubstituível da razão, também do ponto de vista civil e político, como fundamento da vida civil e como força agregadora da sociedade. Dado que sua eliminação – afirma Luís de Bonald (1754-1840) – levou à destruição da sociedade, a reconstrução moral e espiritual da Europa deve partir da recuperação dos valores transcendentes e éticos do catolicismo, de um amor forte e ardente pela religião e pela virtude. Através de uma leitura atenta dos séculos anteriores, F.-R. Chateaubriand (1768-1848) chega a identificar a história da civilização com a história da religião e apresentar as melhores conquistas do intelecto, da arte e do progresso como fruto do "gênio do cristianismo" (1802).

Na consciência religiosa, considera-se a revolução como encarnação das potências infernais destruidoras que atacam a Igreja em detrimento das almas; as frequentes carestias, as epidemias, as crises econômicas e as guerras são flagelos de Deus que castiga, chama os povos à conversão, solicita o retorno a uma prática religiosa sincera, fundada sobre a interioridade e a submissão reverente ao divino.

Já no período napoleônico, essa sensibilidade suscita uma primeira retomada católica com iniciativas de formação espiritual limitada a pequenos grupos, como as chamadas *Amizades,* que do Piemonte se propagam pela Saboia, Lombardia, Toscana, Roma e Áustria, e como as associações juvenis promovidas em Brescia pelo jesuíta Luís Mozzi dei Capitani (1746-1813), que incidem sobre a vocação educativa de Ludovico Pavoni (1784-1849) e dos nobres irmãos venezianos Antônio Ângelo (1774-1853) e Marcos Antônio Cavanis (1772-1858). As *Amizades* produzem sacerdotes zelosos, como Pio Bruno Lanteri (1759-1830), fundador dos Oblatos de Maria Virgem, e o teólogo Luís Guala (1775-1848), fundador do Colégio Eclesiástico de Turim, viveiro de pastores santos e ardentes, ambiente decisivo para a orientação espiritual e as opções do jovem Dom Bosco. Tiveram influxo sobre ele também a obra e os escritos de Ludovico Pavoni e dos Cavanis. Esta retomada espiritual entre as personalidades melhores do clero gera, no Piemonte e em outras partes, um relançamento da ação pastoral para a elevação moral e espiritual do povo.

Nos albores do século XIX aparecem alguns opúsculos espirituais nos quais se nota uma profunda inspiração religiosa. Exemplar é *O caminho da santidade mostrado por Jesus na devoção ao seu Sagrado Coração* (1795), de Agostinho Albergotti (1755-1825) – inspirado na *Imitação de Cristo* e na espiritualidade de São Francisco de Sales –, escrito em forma de colóquios afetuosos entre Jesus e o leitor, onde se afirma que a santidade é um caminho aberto para todos os fiéis e consiste essencialmente em "assemelhar-se a Jesus" e às suas virtudes, e na docilidade às moções do Espírito Santo, às "labaredas dulcíssimas do seu fogo divino" que impelem, "com doce violência, a amar e a querer amar sempre mais o sumo bem"[33]. A modalidade do colóquio íntimo se encontra também em outros pequenos textos espirituais do período, como *Jesus ao coração do sacerdote*, de Bartolomeu del Monte (1726-1778) – reimpresso diversas vezes no século XIX –, *Jesus ao coração do jovem,* de José Zama-Mellini (1788-1838) –, aconselhado pelo próprio Dom Bosco no *Jovem Instruído* – e *Maria ao coração da jovem* (1843), do lazarista Pedro Biancheri. São frutos desse despertar também as obras do jesuíta de Ferrara, Afonso Muzzarelli (1749-1813), agudo polemista, cofundador das ideias pedagógicas de Rousseau, autor de opúsculos destinados a suscitar fervor espiritual, entre os quais, *Maio, mês de Maria* (Ferrara, 1795), que terá enorme sucesso no curso do século XIX, e a *Instrução prática sobre a devoção ao Coração de Jesus.* Tiveram muitíssimas reedições ao longo de todo esse século

[33] Agostino Albergotti, *La via della santità mostrata da Gesù nella devozione al suo SS. Cuore*. Milão, Vita e Pensiero 1931, pp. 83-84.

os *Documentos para a instrução e a tranquilidade das almas* (Turim, 1785), do barnabita Carlos José Quadrupani (1758-1807). Estas e muitas outras pequenas obras de autores espirituais reagem contra os "males" e a aridez do século das luzes, oferecem aos fiéis comuns elementos essenciais da ascética, as devoções ao Coração de Jesus, ao Santíssimo Sacramento e a Maria Santíssima, mediante meditações em estilo simples, alimentadoras do fervor.

Inaugura-se assim um gênero literário específico, amálgama de instrução religiosa, considerações meditativas, afetos devotos e propósitos, que se desenvolverá sempre mais até os primeiros decênios do século XX, no contexto da sede de cultura e de interioridade que gradativamente se firma entre o povo. Dom Bosco, nutrido por essas "leituras espirituais", fará delas um instrumento muito eficaz da sua ação formativa, reformulando-as e adaptando-as às exigências e aos gostos dos seus jovens.

Na Restauração, o retorno triunfante de Pio VII a Roma depois da queda do império napoleônico, torna-se o símbolo do triunfo da Igreja sobre as potências do mal, graças à intervenção extraordinária de Deus. É tempo de retomada religiosa, de esforço para uma recristianização da sociedade por meio da ação pastoral entre o povo. O convite à conversão e à reforma dos costumes ocorre particularmente mediante a pregação das santas missões, que culminam com a confissão geral e a comunhão eucarística de comunidades inteiras. Os missionários insistem sobre a conversão do coração, o exercício diário da oração, a frequência regular dos sacramentos, a santificação das festas; acentuam o valor das virtudes quotidianas, do cumprimento dos próprios deveres, da temperança e da moralidade. Um sentimento religioso de arrependimento e de expiação convida à oração, às práticas devotas. Os mistérios da vida de Cristo, o culto da sua paixão, a prática da *Via-Sacra* e a récita comunitária do terço atraem sempre mais. Nas paróquias é dada maior relevância à preparação e à celebração da primeira comunhão; soleniza-se o cumprimento do preceito pascal com a presença de confessores extraordinários e a distribuição de cartões postais sobre a Páscoa; celebram-se grandiosamente as *Quarenta Horas.*

A pastoral paroquial se fortalece graças à presença de um clero mais formado e motivado. É relançada a catequese das crianças, a instrução religiosa dominical dos adultos. Revivem as confrarias e as pias uniões masculinas e femininas, animadas pelos párocos. Potenciam-se os ritos tradicionais: as rogações, as procissões, o culto dos falecidos; introduzem-se novas práticas devotas, novenas e tríduos, meses de Maria, diversos tipos de devoções populares. Nos povoados mais remotos, mediante a pregação e o ministério do confessionário, o clero promove a vida espiritual do povo humilde; forma-o a

uma piedade mais substanciosa, animada pela caridade, inspirada na confiança em Deus; estimula-o ao exercício prático das virtudes e a uma fé operante; sensibiliza os pais à formação cristã dos filhos.

Nesse clima realiza-se a iniciação cristã de João Bosco, menino, sabiamente cuidado pela mãe, que lhe ensina as orações da manhã e da noite, prepara-o à primeira confissão, dá grande relevo à primeira comunhão, criando as condições para levá-lo a compreender a importância espiritual do acontecimento (MO 38-39). Sua alfabetização ocorre graças a um sacerdote professor em Capriglio, que usa "muitos cuidados" e se ocupa "de muito bom grado" da sua instrução e educação cristã (MO 40-43). Em João Bosco, menino, incidem também os temas ouvidos na pregação e nas missões populares: uma reevocação dos novíssimos orientada para suscitar o sentido de culpa, o propósito de conversão para não ser colhido pela morte em estado de pecado e a decisão de entregar-se irrevogavelmente a Deus. Era uma espiritualidade sensível ao "grande problema" da salvação da alma que, apoiando-se no amor de Deus pelo homem, na paixão redentora do divino Salvador, mas também na inexorabilidade do seu juízo, na consciência da fragilidade humana e da força da tentação, alimentava a oração de petição, insistia na frequência sacramental, inspirava exames de consciência e propósitos, estimulava à penitência e à mortificação.

É precisamente no contexto de uma missão popular, na qual se proclama a "necessidade de dar-se a Deus quanto antes e de não adiar a conversão", que acontece o encontro de João Bosco com o padre João Calosso, primeiro e eficiente diretor espiritual, ao qual o adolescente se entrega com confiança: "Fiquei sabendo assim quanto vale um guia estável, um fiel amigo da alma, que até então não tivera. Entre outras coisas, proibiu-me logo uma penitência que eu costumava fazer e que não era apropriada à minha idade e condição. Animou-me a frequentar a confissão e a comunhão, e ensinou-me a fazer todos os dias uma breve meditação, ou melhor, uma pequena leitura espiritual. [...] A partir desse tempo comecei a perceber o que é a vida espiritual" (MO 43).

b. Modulações românticas na formação de João Bosco

A apologética setecentista tinha reagido contra a prática religiosa como algo triste, aborrecido, contrário ao espírito de liberdade. No início do século XIX, a revalorização das "belezas do cristianismo" leva a uma visão gozosa da vida da graça. Ao mesmo tempo, na onda da beatificação (1816) e da canonização (1836) de Afonso Maria de Ligório, torna-se mais vigoroso o "benignismo" ético, contra as posições rigoristas, e se recuperam as obras espirituais do Santo, carregadas de afetividade, correspondentes à onda emotiva da era

romântica. Elas ajudam a proclamar, além das belezas, também as "doçuras" da fé, a fazer amar e desejar a "perfeição cristã", a intimidade divina e a voltar-se para as alegrias eternas no paraíso. É um período em que o sentimento religioso está em profunda sintonia com os santos que representam a doçura de Cristo: Francisco de Assis, Filipe Neri, Francisco de Sales, Vicente de Paulo. Sua vida e seus escritos são interpretados em perspectiva romântica. A mesma atenção ao sentimento e ao coração favorece um psicologismo devoto, um voltar-se para a própria interioridade, um constante monitoramento da própria consciência. Para evitar o perigo do sentimentalismo, insiste-se na advertência de Santo Afonso sobre a necessidade de "passar da teoria à prática", de traduzir o fervor em desapego efetivo do coração do pecado, em mortificação dos sentidos, em compromisso de vida, em atos virtuosos, em obras de caridade. Algumas pequenas obras do Santo, – *Máximas eternas,* a *Prática do amor a Jesus Cristo,* a *Preparação para a morte,* – estão entre as publicações devotas mais difundidas e mais amadas no século XIX em todas as camadas da população.

Os escritos afonsianos e a piedade afetiva que veiculavam conservam um fundo de austeridade que o ânimo romântico consegue temperar com a recuperação do humanismo devoto de São Francisco de Sales. Este exerce um fascínio potentíssimo nos anos Oitocentos entre os padres e os leigos. Ao longo do século, além das múltiplas reedições das suas obras completas, têm grande êxito as versões de bolso da *Introdução à vida devota,* difundidas também entre o povo simples, com várias coletâneas de seu pensamento. Reimprime-se também *O Espírito de São Francisco de Sales*, do bispo Pedro Camus, na edição resumida de Pedro Collot, da qual emerge um retrato fortemente amoroso e doce do Santo da Saboia, com seu irrefreável zelo pastoral que lhe fazia exclamar: "*Da mihi animas, caetera tolle*". O espírito de São Francisco de Sales impregna a vida e a literatura espiritual do século XIX e influencia fortemente as orientações da piedade romântica, a par da sua figura que se torna símbolo do ardor apostólico e de método pastoral para os padres dos novos tempos.

Ao entrar para o seminário de Chieri, o clérigo Bosco encontra um ambiente exigente, todo centrado no compromisso ético, na fidelidade escrupulosa à regra, no exato cumprimento do dever, nas práticas de piedade quotidianas e na submissão humilde. Quando pede ao professor de filosofia "alguma norma de vida", ouve esta resposta: "Uma coisa só, o cumprimento exato do dever" (MO 93). O estilo de vida do seminário é austero, caracterizado por forte tensão espiritual, guiado por formadores selecionados, com os quais João manterá sempre boas relações, apesar das reservas a respeito da distância entre eles e os seminaristas. O ideal sacerdotal é alimentado por leituras abundantes, comunitárias e individuais, por livros de meditação sobre o

bom sacerdote, pequenos manuais de piedade que nutrem os afetos durante as visitas na capela. O clérigo Bosco prefere obras hagiográficas, bíblicas e históricas[34]. Os formadores insistem no respeito das regras, na necessidade de ser "dóceis e obedientes à disciplina", não por temor ou formalidade, mas por "espírito interno", "com a reta intenção de agradar somente a Deus"[35]. Nas pequenas mensagens do arcebispo de Turim, dom Chiaveroti, aos seus seminaristas, lidas publicamente no refeitório, João pode notar também uma forte insistência sobre a destinação pastoral dos estudos: Deus chama um jovem ao estado eclesiástico principalmente para um serviço de "santificação do próximo [...]; por isso, não cumpriria satisfatoriamente o próprio dever quem se limitasse a santificar a si mesmo e não se interessasse pela salvação dos outros"[36]. O zelo apostólico deve assinalar desde os primeiros passos o itinerário espiritual dos seminaristas, motivar todas as suas ações exteriores e interiores, pois são chamados a se tornarem pastores consagrados exclusivamente ao próprio ministério e ao povo, aptos a exercer a cura de almas que é "arte das artes e, entre todas, a mais difícil"[37]. Um bom pastor deve sentir-se aceso pelo desejo de salvar os irmãos: "O que é, de fato, o pastor de almas, senão uma vítima daquela caridade que se deve exercer para com Deus e para com o próximo?"[38]. O padre ideal apresentado por Chiaveroti é caracterizado pelo holocausto pastoral: não tem sono tranquilo, não vive dias sossegados, não dispõe de uma hora inteira para si; está totalmente voltado para o seu ministério. "Suplico-vos irmãos: até agora não resististes até o sangue, nem destes a própria vida pelas ovelhas, como deve fazer um bom pastor"[39].

Modulações românticas podem ser colhidas claramente na *Vida de Luís Comollo* (1844), reeditada com significativas integrações em 1854[40]. É um documento precioso para compreender a evolução da sensibilidade espiritual entre a primeira e a segunda parte do século XIX; entre o clima intensamente emotivo e fervoroso, intimista, no qual tinha mergulhado o jovem Bosco nos anos do seminário, e a orientação operativa, apostólica, caritativa e social que a espiritualidade romântica assumiu depois de 1848, sob a pressão dos acontecimentos.

[34] Sobre as leituras do clérigo Bosco cf. mais adiante: nn. 305 e 309.
[35] Colombano Chiaveroti, *Raccolta delle lettere, omelie ed altre scritture.* Turim, Ghiringhello e Comp. 1835, vol. III, pp. 221-222.
[36] *Ibid.*, p. 247.
[37] Cf. *ibid.*, pp. 377-378.
[38] *Ibid.*, p. 414.
[39] *Ibid.*, p. 416.
[40] Veja mais à frente, n. 305.

c. A proposta espiritual do Colégio Eclesiástico de Turim

Depois da ordenação sacerdotal, Dom Bosco encontra no Colégio Eclesiástico um ambiente igualmente exigente, mas mais aberto e sensível às instâncias espirituais e pastorais do momento. Aqui, além do estudo, do recolhimento e da oração, ele se defronta com a exemplaridade moral e espiritual dos formadores, com o seu extraordinário zelo pastoral. O reitor, padre Luís Guala, o repetidor, padre Félix Golzio, mas particularmente o diretor espiritual, padre José Cafasso, como outros zelosos apóstolos do século XIX, tendem a harmonizar intimamente "o momento contemplativo com a comoção afetiva para com o Senhor, traduzindo a doçura dos afetos em ação religiosa" e pastoral; "a sua elevação a Deus em fé e caridade se traduz em atividade apostólica de compaixão e redenção"[41]. Dom Bosco escreve a respeito dos seus formadores: "Prisões, hospitais, púlpitos, institutos de beneficência, doentes em suas próprias casas, cidades, povoados e, podemos dizer, os palácios dos grandes e os tugúrios dos pobres, experimentaram os salutares efeitos do zelo desses três luminares do clero de Turim. Eram eles os três modelos que a divina Providência me oferecia, e dependia só de mim seguir suas pegadas, doutrina e virtudes" (MO 120). É uma experiência determinante para a sua futura missão que o encaminha para aquela ascese apostólica que alicerçará a espiritualidade das suas congregações.

"A espiritualidade do Colégio Eclesiástico funda-se sobre a doutrina de São Francisco de Sales e de Santo Afonso de Ligório. O Colégio não forma à santidade pela santidade, como ocorre numa comunidade monacal; não educa a uma experiência mística; não convida a abandonar todos e tudo para atender somente a Deus e mergulhar em Deus. Limita-se a tornar os jovens sacerdotes conscientes de viver num mundo espiritualmente tumultuado; faz constatar que do lado cristão está tudo por fazer; qualifica os membros sacerdotes para uma ação incessante em favor das almas a salvar, oferecendo-lhes um conforto de acolhida apostólica caritativa. O Colégio procura convencer os sacerdotes de que o que eles devem propor aos fiéis e exigir deles (doutrina ortodoxa, espírito de oração e de mortificação, observância ética e canônica) exige necessariamente que antes seja por eles testemunhado de forma existencial. O Colégio não inculca aos padres e aos leigos uma doutrina espiritual nova, mas um voluntarismo ascético virtuoso dentro de uma prática fiel da piedade"[42].

O ensino do Colégio, inspirado em Santo Afonso de Ligório, abre a mente de Dom Bosco para uma visão unitária: teologia moral, Sagrada Escritura, liturgia, teologia ascética e mística, mais do que tudo são nutrimen-

[41] T. Goffi, *La spiritualità dell'Ottocento...*, p. 29.
[42] *Ibid.*, p. 191.

tos de vida interior e, portanto, elementos práticos para o seu ministério no contexto histórico de uma sociedade em plena transformação.

O modelo de padre representado no ensino e na prática do Colégio Eclesiástico harmoniza a visão salesiana com a ação apostólica espiritual jesuítica. Segundo São Francisco de Sales, a devoção consiste essencialmente em amar a Deus; ela gera um empenho ascético progressivo de purificação do coração, uma prática sempre mais intensa da oração e dos sacramentos, um diuturno exercício da virtude. E dado que a perfeição cristã é vocação comum para todos os cristãos, o pastor, no cuidado das almas, deve adaptar a devoção à condição, às forças, às ocupações e aos deveres de cada um em particular. A inspiração jesuítica acrescenta à devoção o empenho apostólico para a difusão do Reino de Deus com incansável doação e operosidade e com estilo batalhador, sempre conservando nesse tipo de vida ativa uma atitude interna de contemplação.

Sobre esse tronco doutrinal salesiano-jesuítico a espiritualidade dos anos oitocentos elabora uma experiência ascética própria. Considera que, dada a presença da graça do Espírito do Senhor (Jo 15,5), é possível o cristão atuar por si mesmo o próprio aperfeiçoamento. Há a convicção de que a perfeição espiritual "consiste num esforço habitual da boa vontade, numa tensão moral vigilante e perseverante da consciência sobre o domínio das próprias ações, numa atitude normal de autogoverno, de domínio de si, na tentativa de unificar o complexo mecanismo psicológico dos próprios instintos, das próprias paixões, dos próprios interesses, dos próprios sentimentos, das próprias reações interiores e exteriores, dos próprios pensamentos, sob o único comando diretivo, o amor de Deus e do próximo, norma suprema e vital da personalidade cristã"[43].

São precisamente esses os traços que distinguem a figura espiritual do padre Cafasso, delineada eficazmente por Dom Bosco na comemoração fúnebre, junto com um ascetismo severo ("rígida penitência") orientado em função apostólica[44]. Aos seus olhos, o mestre representa a síntese perfeita da santidade apostólica: "Posso dizer-lhes que encontrei muitos santos que brilharam de forma heroica nesta ou naquela virtude, mas creio que seja raro encontrar quem tenha unido na mesma pessoa tanta sabedoria, tanta prática das coisas humanas, tanta prudência, fortaleza, temperança, tanto zelo pelas coisas que

[43] *Ibid.*, pp. 63-64 (que cita um discurso de Paulo VI em "L'Osservatore romano" de 4 de março de 1976).
[44] Giovanni Bosco, *Biografia del sacerdote Giuseppe Cafasso esposta in due ragionamenti funebri*. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp. 1860, pp. 9-45 (OE XII, 359-395).

tendem a promover a glória de Deus e a salvação das almas como foram vistas na pessoa do padre Cafasso"[45].

Outros temas favoritos no clima cultural e espiritual do século são os da providência e da misericórdia divina, da confiança e do abandono a Deus, da paz interior. Em Turim, São José Bento Cottolengo (1786-1842) intitula a sua obra *Pequena Casa da Divina Providência*; a marquesa Júlia di Barolo (1785-1864) funda as Irmãs de Sant'Ana e da Providência; o próprio Dom Bosco compila e publica um *Exercício de devoção à misericórdia de Deus* (1847). A entrega a Deus é um dos aspectos característicos da piedade oitocentista. É um convite que encontramos nas *Memórias do Oratório*, em várias obras de Dom Bosco e no seu epistolário, seja no sentido amplo de entrega confiante, dependência espiritual e oferta de si mesmo, seja como confiança na ajuda material para as necessidades concretas da vida. Mas, em Dom Bosco, a confiança e a entrega a Deus não são atitudes passivas, elas vêm acompanhadas por uma disposição operativa, uma inteligente busca de soluções e de oportunidades, uma doação incondicionada à missão recebida, aos próprios jovens e aos irmãos.

d. Acentuação ascética de Dom Bosco

"Dom Bosco, educado no Colégio Eclesiástico a uma ascese apostólica incessante, considerou oportuno oferecer aos seus clérigos colaboradores uma formação espiritual diferente da praticada nos seminários e nos noviciados. Estes formavam os clérigos e os noviços mediante total segregação do mundo, para criar neles mentalidade e costumes opostos aos dos leigos. Pelo contrário, Dom Bosco coloca os seus clérigos no meio dos jovens para que, com eles, compartilhem a piedade e os deveres. Considera que a doação apostólica é não somente um baluarte inexpugnável da moralidade, mas com certeza uma ascese altamente formativa do espírito caritativo"[46].

A ascese como caminho de santidade é proposta por Dom Bosco também aos jovens: "De quantas coisas precisamos para ser santos? De uma só coisa: *é preciso querer.* Sim, contanto que queiram, poderão ser santos; não falta nada, a não ser *querer".* Demonstram-no os exemplos de santos "que viveram uma vida simples entre as canseiras de uma vida ativa", mas que se santificaram simplesmente "fazendo bem tudo o que deviam fazer. Eles cumpriam todos os seus deveres para com Deus, tudo sofrendo por seu amor,

[45] *Ibid.*, pp. 96-97 (OE XII, 446-447).
[46] T. Goffi, *La spiritualità dell'Ottocento...*, pp. 69-70.

oferecendo a ele suas penas, seus trabalhos. Esta é a grande ciência da salvação eterna e da santidade"[47].

Todavia, na espiritualidade de Dom Bosco, a lição da ascética clássica é reformulada numa perspectiva antropológica mais adequada para adolescentes e jovens. A sua pedagogia espiritual visa a propor um modelo formativo adaptado a eles, corrigindo as possíveis consequências de uma espiritualidade mal-entendida e chamando-os continuamente à concretude do viver quotidiano, que não somente deve ser aceito, mas abraçado com alegria, segundo o próprio estado de vida. Ele retoma e aplica à condição juvenil a perspectiva humanística e o ensinamento de São Francisco de Sales. Apresenta, assim, um tipo de mortificação "positiva", da qual são excluídos destemperos e rigores inúteis, embora continuando exigente, pois toda ela está centrada nas situações da vida, nos deveres de estado.

Estamos diante de um dos pilares da proposta formativa do Santo. Ele leva em conta um leque muito vasto de deveres, todos os que derivam da própria condição: "deveres de piedade, respeito e obediência aos pais e de caridade para com todos"[48]. Por conseguinte, sugere aos jovens alunos, não jejuns e rigores de própria escolha, mas "diligência no estudo, atenção nas aulas, obediência aos superiores, suportar os incômodos da vida, como o calor, o frio, o vento, a fome, a sede", indo além da inevitável impressão dessas coisas como "necessidades" externas que se é forçado a suportar, e acolhendo-as serenamente "por amor de Deus"[49]. No mesmo nível ele situa os deveres provenientes do preceito evangélico da caridade: usar de "muita bondade e caridade" para com o próximo, suportar seus defeitos, "dar bons conselhos e orientações"; "cumprir tarefas a pedido dos colegas, levar-lhes água, limpar os sapatos, servir à mesa [...], varrer o refeitório, o dormitório, levar o lixo, carregar pacotes, baús". Todas essas coisas, segundo Dom Bosco, devem ser realizadas "com alegria" e "contentamento". De fato, "a verdadeira penitência não consiste em fazer o que agrada a nós, mas o que agrada ao Senhor e que serve para promover a sua glória"[50]. O valor espiritual dessas situações existenciais é garantido pela intenção com que são realizadas e pela finalidade que se confere a elas: "O que você deveria sofrer por necessidade – lembra a Domingos Savio –, ofereça-o a Deus, e tudo se torna virtude e merecimento para a sua alma"[51].

[47] Giovanni Bosco, *Vita di santa Zita serva e di sant'Isidoro contadino*. Turim, P. De-Agostini 1853, pp. 6-7 (OE V, 176-177).
[48] Giovanni Bosco, *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d'Argentera*. Segunda edição. Turim, Tip. Dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1878², pp. 102-103.
[49] *Ibid.*, p. 101.
[50] *Ibid.*, p. 102-103.
[51] Giovanni Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'oratorio di san Francesco di Sales*. Turim, Tip. G.B. Paravia e Comp. 1859, p. 75 (OE XI, 225).

Dom Bosco concorda com Santa Teresa de Lisieux em considerar a perfeição como vivência da caridade, mas enquanto as pessoas, em concreto, procuram ser serviçais em relação ao próximo, alheias a interesses egoístas, amavelmente serenas e fiéis aos próprios compromissos, mesmo entre contrariedades e sofrimentos. A mortificação proposta por Dom Bosco aos jovens é, antes de tudo, um *instrumento ascético e pedagógico* destinado a dominar as pulsões dos instintos, a controlar os sentidos, a corrigir os defeitos, a construir as virtudes: "Dificilmente um jovem pode conservar a inocência sem a penitência"[52]. "Vocês me dizem com frequência que tenho muitos defeitos – afirma o pastorzinho Francisco Besucco –, também por isso quero fazer jejum"[53]. Mas o desejo de penitência na perspectiva de Dom Bosco tem também uma conotação *mística*; de fato, cresce em proporção ao grau de caridade interior: "Quando o amor de Deus toma conta de um coração, nada deste mundo, nenhum sofrimento o aflige; pelo contrário, cada incômodo da vida resulta em consolação. Nos corações ternos já nasce o nobre sentimento de que se sofre por um grande motivo e que aos sofrimentos da vida é reservada uma gloriosa recompensa na eternidade feliz"[54].

Existe, porém, mais: é a perspectiva amorosa na qual Dom Bosco propõe a ascese dos deveres. Ela se enraíza naquele "entregar-se a Deus em tempo", enunciado em 1847 nas páginas do *Jovem Instruído* e desenvolvido nos anos seguintes naquele "dar-se a Deus por inteiro" como forma essencial (batismal) da vida cristã, com tal decisão e elã de modo a fixar um ponto sem retorno. Esta nos parece ser a perspectiva que perpassa toda a sua intervenção educativa como objetivo último para ajudar os jovens a configurar a própria vivência quotidiana como tensão de caridade oblativa. De fato, mais do que uma opção de religiosidade consciente e de coerência moral, quer educar para o dom incondicionado de si a Deus, amado acima de tudo, que é o vértice do caminho espiritual. Desse movimento interior brota necessariamente uma vivência gozosa e ardente de caridade, um intenso e sereno fervor operativo. Esta absoluta determinação de doação que faz com que o cristão entre naquele estado de plena obediência ao Pai de Jesus Cristo, na condição de servo, livremente assumida por amor, ilumina com luz nova o sentido e o valor das ações quotidianas. Deriva daí uma inédita modalidade de execução dessas ações que revela a qualidade da vivência cristã que o jovem alcançou.

[52] *Ibid.*, p. 72 (OE XI, 222).
[53] G. Bosco, *Il pastorello delle Alpi...*, p. 58.
[54] *Ibid.*, p. 100.

Neste sentido, é exemplar a experiência de Miguel Magone narrada por Dom Bosco: a sua conversão "franca e decidida" gera uma nova percepção de si mesmo e da vida quotidiana. Se antes ele se resigna com dificuldade a abandonar o recreio, tão apreciado por ele, para cumprir os deveres, considerados um peso[55], a seguir é visto "correr por primeiro para os lugares onde o dever o chama", com a vontade de proceder "sempre bem [...], com aplicação e diligência". Nele se observa um decisivo amadurecimento interior, acompanhado por uma "total mudança, tanto no físico quanto no moral", interpretada pelos educadores como sinal evidente da sua vontade de "querer dar-se todo à piedade [...], despojado do velho Adão"[56].

Na biografia de Francisco Besucco, Dom Bosco exprime de forma mais explícita a orientação "mística" da ascese. Ele delineia o empenho do pastorzinho e a sua diligência nos deveres como expressão da opção de conformação perfeita à vontade divina: "Veio para o Oratório com um objetivo determinado; por isso, no seu comportamento visava sempre ao fim que se tinha proposto, isto é, dar-se todo a Deus no estado eclesiástico. Com esta finalidade procurava progredir na ciência e na virtude"[57]. Viver a concretude da vida, a intencionalidade operativa, a intensidade do empenho e a tensão para a perfeição (para "fazer sempre mais e sempre melhor"), que derivam desse movimento consciente do amor caritativo, impregnaram toda a existência do jovem, configurando uma atitude de desapego e de totalidade amorosa, de *kénosis* e de *êxtase*, análogo ao descrito por São Francisco de Sales como "êxtase da vida e das obras", que constitui o vértice do caminho da perfeição[58].

Domingos Savio, fortemente emocionado pela incontrolável experiência mística desencadeada pela pregação sobre a santidade, "que inflamou todo o seu coração de amor de Deus", é pressionado interiormente pela "necessidade" "de ser todo do Senhor", é levado "a fazer rígidas penitências, passar longas horas em oração". Dom Bosco o exorta "a não se perturbar", a manter "uma constante e moderada alegria", "a ser perseverante nos seus deveres de piedade e estudo", "a sempre tomar parte no recreio com seus colegas"[59]. Ao mesmo tempo o orienta quanto à santidade apostólica assimilada por ele na

[55] Giovanni Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*. Turim, Tip. G.B. Paravia e Comp. 1861, p. 15 (OE XIII, 169).
[56] *Ibid.*, pp. 33-39 (OE XIII, 187-193).
[57] G. Bosco, *Il pastorello delle Alpi...*, p. 83: é a conclusão do capítulo 18, todo dedicado ao empenho no estudo enfrentado com doação amorosa e "com a avidez de quem faz a coisa de que mais gosta" (p. 80).
[58] Francesco di Sales, *Trattato dell'amor di Dio*. Por Ruggero Balboni. Milão, Paoline 1989, pp. 526-533: são os capítulos 7 e 8 do livro sétimo, nos quais o Santo desenvolve de forma mais explícita o tema da vida estática.
[59] G. Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico...*, pp. 50-52 (OE XI, 200-202).

escola do Colégio Eclesiástico: "A primeira coisa que lhe foi aconselhada para tornar-se santo foi a de se esforçar para conquistar almas para Deus; pois não há coisa mais santa no mundo do que cooperar para o bem das almas, cuja salvação custou a Jesus Cristo derramar até a última gota todo o seu sangue precioso"[60].

Como os demais homens espirituais formados na primeira parte do século XIX, convencidos de que a ação da graça impele para uma vida pessoal marcada pela ascese, fecunda de virtudes morais, de santa operosidade e de obras de caridade, Dom Bosco, embora impregnado de sentimento religioso, de devoção afetiva, desconfia da experiência mística, pois ela lhe parece suscetível de afastar dos deveres quotidianos e do serviço aos irmãos, uma mal-entendida *fuga mundi*. Prefere o empenho volitivo no bem, a imersão na vida, a operosidade virtuosa e alegre, a relação amiga e serviçal, particularmente a caridade apostólica: "a solicitude pelo bem das almas" e o zelo para "instruir os meninos nas verdades da fé" para "conquistar para Deus" toda a humanidade. "Deve-se notar, porém, que esta tensão ascético-operativa, esta propensão à caridade material e espiritual, à operosidade segundo "as necessidades dos tempos", esta preocupação geral pelo empenho em benefício dos que sofrem e são marginalizados, esta preferência pelo fervor pastoral e missionário – características da espiritualidade de 1800 –, em Dom Bosco não se opõem absolutamente à comunhão interior com Deus; ele não descuida da oração de simples união, pelo contrário, se mostra dócil aos atrativos do Espírito Santo. "Podemos dizer que, no século XIX, todo santo é também necessariamente místico, dado que sua vida está radicada e floresce na graça-luz determinante do Espírito. Todavia, se se repara na consciência explícita que tem a respeito do seu estado espiritual e à maneira como o desenvolve, ele é um asceta e não um místico. No século XIX, o espiritual se reduz e se identifica com o moral-ascético"[61].

e. Oração, sacramentos e devoção mariana

O cerne da espiritualidade dominante no século de Dom Bosco é sintetizado pelo título de um pequeno volume de Santo Afonso: *Do grande meio da oração para conseguir a salvação eterna.* De fato, esta é atitude de fundo, individual e coletiva, que se encontra na espiritualidade oitocentista perante as transformações profundas que caracterizam o século"[62]. No mundo católico, a

[60] *Ibid.*, p. 53 (OE XI, 203).
[61] T. Goffi, *La spiritualità dell'Ottocento...*, p. 68.
[62] Pietro Stella, *Prassi religiosa, spiritualità e mistica nell'Ottocento*, em *Storia dell'Italia religiosa.* Vol. III, *L'età contemporanea,* aos cuidados dei Gabriele de Rosa. Roma-Bari, Laterza 1995, p. 115.

percepção de uma incipiente desafeição das camadas populares pela prática religiosa e, mais ainda, os ataques sempre mais virulentos contra a Igreja, pequena nave de Pedro, ser sacudida pelas tempestades contra as suas instituições e a sua hierarquia, suscitam o recurso à oração de petição e ao mesmo tempo alimentam um espírito ativo e batalhador: renovam-se os propósitos e as devoções, multiplica-se o zelo pastoral, relança-se a ação missionária, criam-se as mais variadas obras de caridade, trabalha-se para uma profunda renovação moral e espiritual do clero e do laicato.

Dom Bosco se move precisamente nesse horizonte, com atenção voltada para os jovens e a sua formação. São muitas as devoções propostas livremente aos meninos do Oratório, mas o Santo "não favorece a exuberância devocional típica do catolicismo oitocentista, por receio de intimidar e cansar"[63]. A oração que ele promove tem como primeiro objetivo a elevação do espírito, a orientação do coração para Deus, a invocação da graça para resistir às tentações, desapegar o coração do pecado e crescer na virtude. Fiel a esta linha, ele desenvolve uma pequena pedagogia da oração. As práticas de piedade são o caminho certo para alcançar o espírito de oração e ao mesmo tempo sua manifestação. No *Jovem Instruído* ele oferece os instrumentos simples para santificar toda ação até a conclusão do dia, quando, "pensando na presença de Deus, com as mãos juntas ao peito", se haverá de descansar. Tudo é feito para Deus, atendendo "diligentemente" aos próprios deveres e "orientando cada ação para o Senhor". São Luís Gonzaga é apresentado como modelo de união com Deus cultivada desde a infância, impregnada de tensão afetiva e de grande intimidade de amor: "Era preciso fazer grande violência para que ele parasse de rezar [...]. Glorioso São Luís, obtende-me uma centelha do vosso fervor e fazei que cresça sempre mais em mim o espírito de oração e de devoção"[64].

Dom Bosco respeita a sensibilidade juvenil e por isso insiste na afetividade, na intimidade divina, na amizade de Cristo, na ternura materna de Maria. É tarefa do educador cristão empenhar-se para "fazer com que os jovens adquiram gosto pela oração", de tal modo que por meio da prática cheguem ao "espírito de oração" e ao "fervor" espiritual[65]. Por isso, é preciso estimulá-los ao pensamento da "presença de Deus", Pai Criador, levá-los "a conversar familiarmente com Deus" em qualquer lugar, como Domingos

[63] Massimo Marcocchi, *Alle radici della spiritualità di don Bosco*, em *Don Bosco nella storia*. Atos do 1º Congresso internacional de estudos sobre Dom Bosco (Universidade Pontifícia Salesiana. Roma, 16-20 de janeiro de 1989) de Mario Midali. Roma, LAS 1990, p. 165.

[64] Giovanni Bosco, *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri...* Turim, Tipografia Paravia e Comp. 1847, pp. 68-70 e 82 (OE II, 248-250 e 262).

[65] Cf. G. Bosco, *Il pastorello delle Alpi...*, pp. 113-119 (OE XV, 355-361).

Savio que, "até mesmo no meio das diversões mais movimentadas, recolhia seus pensamentos e com pios afetos elevava o coração a Deus"[66]. Dom Bosco cuida das atitudes externas (o sinal da cruz, a genuflexão, a postura do corpo[67]) e propõe práticas de piedade sóbrias e agradáveis, não pesadas: "Coisas fáceis, que não assustem e nem cansem o fiel cristão, especialmente a juventude. Jejuns, orações longas, austeridades rigorosas e coisas semelhantes, em geral se omitem ou se praticam sofridamente e de má vontade. Fiquemos com coisas fáceis, mas que sejam feitas com perseverança"[68]. Além disso, recomenda aos jovens: "A oração seja frequente e fervorosa, nunca, porém, de má vontade e perturbando os colegas; é melhor não rezar do que rezar mal. Como primeira coisa, pela manhã, ao despertar, fazei o sinal da cruz e elevai a mente a Deus com alguma oração jaculatória"[69].

Em perfeita sintonia com a espiritualidade do seu tempo, mediante esses meios, Dom Bosco tem em mente, para si mesmo e para os outros, alcançar um estado interior de amor permanente que impregne os pensamentos, unifique os afetos, oriente as ações. "Rezar quer dizer elevar o próprio coração a Deus e entreter-se com ele por meio de santos pensamentos e devotos sentimentos", escreve no *Católico Instruído* de 1868[70]. O estado de oração, no seu modo de ver, não é somente um "grau" de oração, porque vem sempre acompanhado por uma tensão de perfeição moral: desapego, esforço de superação e autocontrole, domínio de si, paciência, vigilância, fidelidade e constância. É um estado de ânimo recolhido, um estilo de vida modesto, concentrado no essencial, laborioso e caritativo, polarizado pela ação interior da graça que preserva da dispersão dos pensamentos e da banalidade das modas, sem nada subtrair à vivacidade grandiosa da existência. Uma dimensão interior de atmosfera elevada, a única realmente capaz de transformar o pátio, a escola, a oficina ou o escritório em lugares salesianos privilegiados do encontro com o Senhor.

Desse modo, o santo educador confere novo significado ao antigo preceito da *fuga mundi* num contexto de modernidade. Graças ao espírito de oração, o afastamento do mundo e ao mesmo tempo a imersão no mundo são duas atitudes que se compõem e harmonizam numa projeção de oferta, numa assunção das responsabilidades da vida em modalidades típicas do cristão.

[66] G. Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico...*, p. 62 (OE XI, 212).
[67] Cf. Giovanni Bosco, *Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales*. Turim, Tipografia Salesiana 1877, pp. 64-68 (OE XXIX, 160-164).
[68] G. Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele...*, pp. 46-47 (OE XIII, 200-201).
[69] G. Bosco, *Regolamento per le case...*, p. 63 (OE XXIX, 159).
[70] Giovanni Bosco, *Il cattolico provveduto per le pratiche di pietà con analoghe istruzioni secondo il bisogno dei tempi*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868, p. 87 (OE XIX, 95).

Oração, fervor apostólico e mortificação são aspectos de uma única atitude de consagração do coração. Proposta elevada, feita por Dom Bosco aos seus discípulos na vida consagrada, mas também aos rapazes mais simples, que ele exortava: "Coragem, portanto, comecemos logo a trabalhar para o Senhor; toca-nos sofrer alguma coisa neste mundo, mas depois será eterno o prêmio que teremos no outro"[71].

A sua proposta espiritual, além disso, dá a máxima importância à prática sacramental: "Meus caros jovens, sabei que os dois sustentáculos mais fortes que podem manter-vos de pé e caminhar pela estrada do céu são os sacramentos da confissão e da comunhão"[72]. Dom Bosco valoriza os sacramentos em perspectiva pedagógica e espiritual. A insistência sobre a frequência sacramental parte da consciência da fragilidade humana, da necessidade de apoiar a vontade para estabilizá-la no bem e na virtude; mas também da convicção da poderosa ação transformadora do Espírito Santo que, agindo no sacramento, opera a purificação radical e cria condições interiores ideais a fim de que o Senhor possa "tomar posse do coração" de maneira sempre mais sólida. Aqui se capta o motivo da sua insistência quanto à opção por um confessor estável, por um amigo da alma, ao qual entregar-se com plena confiança para ser conduzido pelos caminhos do Espírito. Na relação confidencial, o confessor personaliza a proposta espiritual: ensina a arte do exame de consciência, forma para o arrependimento perfeito, estimula o propósito eficaz, guia pelos caminhos do exercício das virtudes, introduz ao gosto da oração e à prática da presença de Deus, ensina os modos de uma fecunda comunhão com o Cristo eucarístico. Na pedagogia espiritual de Dom Bosco, confissão e comunhão frequentes estão intimamente ligadas. Com a confissão assídua e regular se promove a vida "na graça de Deus" e se alimenta a tensão virtuosa que permite aproximar-se sempre mais "dignamente" da comunhão frequente; ao mesmo tempo, mediante a comunhão eucarística, o jovem polariza sua vida em torno de Cristo e a graça encontra espaço para agir em profundidade, transformar e santificar.

Esta preocupação formativa dá substância e sentido à dimensão emotiva e afetiva com a qual Dom Bosco impregna a devoção eucarística. Durante o ofertório da missa, por exemplo, ele convida os jovens a assimilar os sentimentos de Cristo: "Eu vos ofereço o meu coração, a minha língua, para que no futuro eu não deseje e nem fale outra coisa, senão o que se refere ao vosso santo

[71] G. Bosco, *Il giovane provveduto...*, p. 73 (OE II, 253).
[72] Giovanni Bosco, *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli esterni*. Turim, Tipografia Salesiana 1877, p. 36 (OE XXIX, 66).

serviço"[73]. Assim, durante a ação de graças da comunhão conduz os jovens à consagração de si mesmos: "Ah, pudesse eu ter um coração como o dos serafins do céu a fim de que a minha alma ardesse sempre mais de amor pelo meu Deus! [...] Prometo que para o futuro vós sereis sempre a minha esperança, o meu conforto, somente vós sereis minha riqueza. [...] Eu vos ofereço todo o meu ser; eu vos ofereço esta vontade para que não queira outra coisa senão o que vos agrada; as minhas mãos, os meus pés, os meus olhos, a língua, a boca, a mente, o coração, tudo ofereço a vós; guardai todos estes meus sentimentos para que todo pensamento, toda ação não mire outra coisa senão o que for para vossa maior glória e para o bem espiritual da minha alma"[74].

São textos extraídos da literatura devota do tempo, mas se os lermos no contexto dos esforços formativos postos em prática por Dom Bosco, em particular no contexto do específico modelo de cristão e de cidadão promovido por ele, adquirem um valor particular e nos iluminam a respeito dos mecanismos postos em ação pelo santo educador, a fim de envolver interiormente os seus jovens em ordem à relação com Deus e à perfeição cristã.

Também a espiritualidade mariana de Dom Bosco tem nítida função pedagógica, embora mantendo as caraterísticas típicas da devoção romântica e oitocentista. Como podemos constatar, por exemplo, no perfil biográfico de Miguel Magone, a devoção a Maria Santíssima culmina – como diz o padre Caviglia – numa "pedagogia da adolescência, que é particularmente uma pedagogia da castidade", oferecida por Dom Bosco aos filhos mais humildes do povo, "arrancados das ruas à perversão dos cortiços e das famílias desorganizadas; ou então aos filhos pobres do campo, transviados ou em perigo de se tornarem tais por falta de corretivos sociais"[75].

Dom Bosco acrescenta algo mais. Conta-nos que Miguel, ao meditar o versículo bíblico escrito numa imagem de Maria – *Venite, filii, audite me, timorem Domini docebo vos* – se sentiu impelido a escrever uma carta ao diretor, "na qual dizia como a Bem-aventurada Virgem lhe tinha feito ouvir a sua voz, chamava-o a ser bom e que ela mesma queria ensinar-lhe o modo de temer a Deus, de amá-lo e servi-lo"[76]. Aqui está: uma correta pedagogia mariana consegue fazer perceber o apelo interior do Espírito também a um rapaz, induzi-lo a uma atividade espiritual mais intensa e acender nele um desejo de maior perfeição.

[73] G. Bosco, *Il giovane provveduto...*, p. 88 (OE II, 268).
[74] *Ibid.*, pp. 101-102 (OE II, 281-282).
[75] Alberto Caviglia, *Il "Magone Michele" una classica esperienza educativa*, em *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*. Turim, SEI 1965, vol. V, p. 162.
[76] G. Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele...*, pp. 39-40.

Na vida de Domingos Savio a tensão espiritual alcança o ápice com o ato formal celebrado na tarde da festa da Imaculada (8 de dezembro de 1854), quando o jovem renova as promessas da primeira comunhão e repete: "Maria, eu vos dou o meu coração; fazei que eu seja sempre vosso! Jesus e Maria, sede sempre os meus amigos! Mas, por piedade, fazei-me morrer antes que me aconteça a desgraça de cometer um só pecado!". Desde esse dia, seu comportamento e seu espírito aparecem transfigurados: "Desde que tomou Maria como suporte da sua devoção – comenta Dom Bosco –, a moral vivida por ele foi tão edificante e acompanhada por tais atos de virtude que, a partir daquele momento, eu comecei a tomar nota deles para não me esquecer"[77]. São expressões que revelam a dimensão dinâmica da devoção mariana instilada por Dom Bosco nos jovens: uma devoção não alheia ao quotidiano, mas aderente a ele, capaz de proporcionar energias morais e espirituais para a prática do bem, numa perspectiva de plenitude humana e espiritual que impregna a vida interior e a vida operativa.

4. Sugestões para a leitura do volume

Não é aqui o caso de demorar-nos a falar sobre Dom Bosco escritor e sobre os múltiplos motivos que o levaram a escrever, em grande parte relacionados com as profundas mudanças do país de que já se falou. O discurso foi abordado com competência por outros, entre os quais Pietro Stella, que subdividiu os escritos inéditos de Dom Bosco e as mais de 150 obras e opúsculos (mais de 400, com as reedições) em algumas categorias de síntese: *obras escolares; escritos amenos e atos cênicos; escritos hagiográficos; escritos biográficos e contos de fundo histórico; opúsculos de instrução religiosa e de oração; escritos relativos ao Oratório e à Obra Salesiana.*

Nessas três últimas categorias pode ser classificada a maior parte dos documentos recolhidos neste volume: cartas e circulares; regras e regulamentos diversos (para o Oratório, para as casas, as Companhias, a Sociedade Salesiana, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora); relatos da história do Oratório escritos em tempos diversos; opúsculos e circulares a Cooperadores e benfeitores, a autoridades políticas e religiosas; artigos no *Boletim Salesiano*; programas de festas e de colégios; pró-memórias em defesa das escolas salesianas ou para obter benefícios ou dar explicações sobre o andamento da Congregação ou das missões na Patagônia; resumos sucintos sobre o Sistema Preventivo; apontamentos de todo tipo, em particular sobre temas pedagógi-

[77] G. Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico...*, p. 40 (OE XI, 190).

cos e espirituais; recomendações e orientações de ordem educativa e formativa aos jovens ou aos salesianos; redação de sermões, boas-noites, conferências e "sonhos"; biografias edificantes de pessoas próximas a Dom Bosco, etc.

Diante de tão grande multiplicidade e variedade de escritos é evidente que, para uma leitura correta e para uma interpretação válida, será preciso ter presente, antes de tudo, o gênero literário de cada documento: cronicista, narrativo, biográfico, autobiográfico, jurídico, apologético, hagiográfico, dramático, edificante, homilético, confidencial, moralista, didascálico, escolar, compilatório, alegórico...

Em segundo lugar, é preciso considerar atentamente a intenção do autor: escrito para uso privado ou para a imprensa, destinado a uma só pessoa ou a mais destinatários, dirigido a uma autoridade ou a uma pessoa simples (homem, mulher, jovem, clérigo, sacerdote, religiosa, salesiano), para fins educativos ou em defesa do próprio agir, para informar ou para formar, provocado por uma situação particular ou desligado do tempo, etc.

Outros fatores que não devem ser esquecidos: a existência ou não de fases redacionais precedentes (um texto redigido ao correr da pena tem valor diverso de um texto muito elaborado; um texto especificamente pessoal difere de um que incorpora citações de outros…); a maneira como Dom Bosco o encaminha; o momento e as condições em que escreve este ou aquele documento (em tempo real ou tardiamente, como jovem padre repleto de sonhos ou como ancião fundador em tempo de avaliações, em períodos de sucessos fundacionais ou em momentos de crises institucionais, em pleno vigor das forças ou em momentos de doença e cansaço).

Além disso, é preciso ter claramente presente a característica fundamental dos escritos de Dom Bosco: o cuidado em expressar-se com a máxima simplicidade, sem pretensões especulativas ou literárias, de tal modo que até uma pessoa dotada de poucos conhecimentos possa compreender o sentido sem a ajuda de outros. Portanto, o seu é um estilo de redação simples, claro, ordenado, familiar, muitas vezes paterno, que visa a fazer-se entender, adaptado à inteligência de todos, particularmente capaz de falar ao coração de todos.

Finalmente, como é sabido, nos escritos e nos discursos destinados à formação dos salesianos, não se devem procurar páginas complexas de doutrina, nem espiritual nem pedagógica; não há profundas análises de índole sociológica ou de introspeção psicológica. Dom Bosco prefere propor reflexões que brotam da experiência pessoal, codificar um sistema educativo praticado e vivido. Tanto mais que algumas das suas convicções ou pré-compreensões desempenham uma função precisa, como a adesão a princípios de fé e a uma tradição indiscutível de vida e de prática cristã, a intangibilidade da religião e

do papado, a incompatibilidade da justiça cristã com toda rebelião à legítima autoridade, a "moralidade" de que devem estar impregnados todos os textos, a continuidade de uma praxe educativa que resultou eficaz. Se o motivo religioso é muito acentuado, talvez por causa das particulares tendências do tempo e da formação de Dom Bosco, o pedagógico também parece ressentir-se do específico ambiente histórico, geográfico e psicológico-social do Oratório de Valdocco e, nesse contexto, especialmente do clima e das exigências da seção de estudantes.

Em suma, é o sentido histórico que deve guiar o leitor dos escritos de Dom Bosco.

Este volume pode ser lido de forma cursiva, uma página depois da outra, sem omitir a introdução geral, que oferece quadros de referência essenciais e chaves de leitura. Pode ser lido também de forma temática, em busca de argumentos específicos. Seja como for, é determinante perguntar-se antes de folhear o volume o que esperamos dele. O motivo é simples: muitas vezes, um tema pode ser encontrado, não somente dentro da parte à qual parece referir-se – e na qual, por motivos práticos, foi inserido –, mas também em outras partes do volume. De fato, sabe-se que, em Dom Bosco, pedagogia e espiritualidade têm numerosos pontos de contato, de tal modo que muitas vezes as "fontes pedagógicas" podem ser consideradas, sem forçar, como "fontes espirituais". Não só; também para uma compreensão da pedagogia da espiritualidade, o conhecimento da sua experiência de vida e de ação – "narrada" de diversas maneiras e em escritos com finalidades diferentes – é condição essencial para não antecipar interpretações unilaterais e avaliações abstratas. A esse respeito, o índice geral tem particular interesse.

Obviamente, o leitor não será o primeiro a ler os escritos de Dom Bosco aqui publicados; outros já os leram, contextualizados, analisados, interpretados antes dele. Portanto, a sabedoria exige que a bibliografia indicada ao pé da página e a resenha bibliográfica no fim do volume, assim como as edições críticas de cada um dos textos, façam parte de uma "bibliotecazinha" disponível a todos, em caso de necessidade.

5. Normas e critérios editoriais

Cada uma das partes em que se subdivide este volume tem uma identidade indicada pelos próprios títulos. Em cada uma das apresentações são especificadas as seções que dela fazem parte e nelas estão indicados os critérios de seleção dos textos escolhidos. Obviamente, essa criteriologia, por mais

subjetiva que seja, procurou levar em conta os grandes âmbitos da vida e da ação de Dom Bosco, a tipologia dos seus escritos, seus destinatários, o êxito alcançado.

Na coleção e seleção do material oferecido, houve preferência pelas edições críticas já existentes dos documentos e dos escritos de Dom Bosco, os manuscritos inéditos autógrafos e os textos impressos originais reproduzidos em edição anastática (Giovanni Bosco, *Opere edite. Prima serie: Libri e opuscoli*. Roma, LAS, 37 volumes 1976-1977). Para os textos extraídos de conferências, cartas ou circulares, relatos de "boas-noites" ou "sonhos", utilizaram-se os manuscritos autógrafos de Dom Bosco ou os apontamentos e os testemunhos escritos dos ouvintes, guardados no Arquivo Salesiano Central. Nesses casos, sempre se indica a posição nos arquivos e sua referência nas *Memórias Biográficas* (MB).

Na transcrição dos documentos, prestando atenção ao escopo da publicação e ao amplo leque de destinatários, procuramos oferecer uma edição o mais possível fiel aos originais, ao mesmo tempo, rigorosa e legível, isenta de aparatos complexos, próprios das edições críticas.

6. Critérios para a edição brasileira

Normas e critérios editoriais específicos para a língua italiana foram eliminados. Para a edição brasileira foram adotados os seguintes:

1. O conteúdo de algumas notas de rodapé que se referem a termos exclusivos da língua italiana, sem correspondentes em português, foi suprimido e substituído por três pontinhos entre colchetes [...]; todavia, foi mantida a numeração das notas, a fim de conservar exata correlação entre as notas da edição italiana e da edição brasileira.
2. A fim de explicitar algumas passagens menos compreensíveis, às notas já existentes acrescentaram-se algumas "notas do tradutor": estas, distintas das demais, são assinaladas por um asterisco (*).
3. Nesta tradução foram aproveitados os textos existentes em português; fizeram-se, porém, adaptações em maior ou menor número, a fim de adequá-los melhor à nossa linguagem atual; na medida do possível, vez por vez se indicará donde foram extraídos.
4. A palavra "Oratório", com letra maiúscula, é usada somente em dois casos: para referir-se ao Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco, e ao citar o nome oficial dos outros dois oratórios

de Turim: Oratório do Anjo da Guarda e Oratório de São Luís Gonzaga; nos demais casos, a palavra é escrita em letra minúscula.

5. Com frequência Dom Bosco cita de memória a Sagrada Escritura ou outros textos, sem indicar a proveniência; inclusive, algumas citações não correspondem exatamente ao original: esses textos foram respeitados tais como ele os escreveu.
6. Respeitou-se também a forma como Dom Bosco escreve os numerais: ora em algarismos, ora por extenso, sem coerência, às vezes dentro do mesmo texto.
7. Quanto aos nomes próprios, foram traduzidos somente os de pessoas já falecidas; os demais foram deixados no original. Este critério não foi aplicado às citações bibliográficas nas notas e na bibliografia no final do volume.
8. Manteve-se a forma de grafar: Camilo *di* Cavour, Provana *di* Colegno, Júlia *di* Barolo..., conservando o *di,* como no original italiano, dado que essa partícula faz parte do sobrenome.
9. Procurou-se evitar o mais possível o uso de letra maiúscula, muito frequente nos textos de Dom Bosco. São grafadas com letra maiúscula poucas expressões referentes ao tratamento de pessoas: Vossa (Sua) Santidade (Beatitude), Sacra Real Majestade...; todas as demais, em letra minúscula: vossa (sua) eminência, excelência, senhoria, etc.
10. Dado que a presente edição em português se destina mais à leitura informativa e formativa do que à pesquisa propriamente dita, após consultar instâncias superiores, julgou-se oportuno omitir o *Índice Analítico*, eminentemente complexo e minucioso, que consta da edicão em italiano, considerando ser suficiente o *Índice Geral* que, por sinal, é muito detalhado.

SIGLAS E ABREVIAÇÕES

AGFMA = Arquivo Geral Filhas de Maria Auxiliadora

ASC = Arquivo Salesiano Central

BS = Boletim Salesiano (Turim, 1877)

CG = Capítulo-Geral

DBS = *Dicionário biográfico dos Salesianos.* Redação: E. Valentini, A. Rodinò, aos cuidados do Ufficio Stampa Salesiano. Turim 1969

DBE, Scritti = P. BRAIDO (editor), *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze.* Roma, LAS 1972

E = *Epistolario di S. Giovanni Bosco.* Por E. Ceria. Turim, SEI 1858-1959

E(m) = G. BOSCO, *Epistolario.* Introdução, textos críticos e notas de F. Motto. 5 vol. Roma, LAS 1991-2012

ISS = Istituto Storico Salesiano (Roma): Instituto Histórico Salesiano

Lettere = *Lettere circolari di D. Bosco e di D. Rua ed altri loro scritti ai salesiani, circolari di DB.* Turim, Tipografia Salesiana 1896

MB = G. B. LEMOYNE, *Memorie biografiche di don Giovanni Bosco… del venerabile servo di Dio don Giovanni Bosco…,* vol. 1-9. S. Benigno Canavese. Turim, Scuola Tipografica Salesiana-Libreria Editrice 1898-1917; G. LEMOYNE - A. AMADEI, *Memorie biografiche di san Giovanni Bosco,* vol. 10. Torino, SEI 1939; E. CERIA, *Memorie biografiche del beato Giovanni Bosco…,* vol. 11-15. Turim, SEI 1930-1934; E. CERIA, *Memorie biografiche di san Giovanni Bosco,* vol. 16-19. Turim, SEI 1935-1939

OE = G. BOSCO, *Opere edite.* Prima serie: *Libri e opuscoli.* Roma, LAS 1976-1977

MO = SÃO JOÃO BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855.* Tradução de Fausto Santa Catarina, Edição revista e ampliada de Antônio da Silva Ferreira, Editora Dom Bosco, Brasília 2012.

RSS = Ricerche Storiche Salesiane (Roma, 1982-2013): Pesquisas Históricas Salesianas

PRIMEIRA PARTE

ESCRITOS E DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE DOM BOSCO E DA OBRA SALESIANA

Aos cuidados de

Francesco Motto

INTRODUÇÃO

Ninguém vive fora da história, nem mesmo os santos, embora eles tenham uma relação muito particular com o sobrenatural e com o meta-histórico. Além disso, Dom Bosco é um homem, aliás, um santo, radicalmente filho do seu tempo, do qual muito recebeu e para o qual muito contribuiu.

Por conseguinte, como já foi observado na introdução geral, sem uma precisa contextualização histórica e sem um olhar atento ao êxito do seu agir, sua personalidade poliédrica, complexa e de alguma maneira também problemática não pode ser adequadamente compreendida. Tanto é verdade que alguns dos seus maiores estudiosos inseriram esse conceito temporal já no título dos seus volumes[1]*; e outros, baseados em longas pesquisas de arquivo, amplos estudos bibliográficos, ricos enquadramentos históricos, interessantes análises comparativas, situaram Dom Bosco não somente no contexto da Itália oitocentista, entendida de acordo com a máxima extensão do termo como história do Ressurgimento, história da sociedade italiana, história da Igreja na Itália e das relações Estado-Igreja, mas também no seu interior, como história da educação, da instrução, da cultura, da imprensa, da caridade, da piedade, da vida religiosa masculina e feminina, do associacionismo, das missões e assim por diante.*

Aliás, o discurso foi ampliado até a multiforme atividade salesiana em outros países, sobretudo europeus e sul-americanos, considerando que Dom Bosco, filho devoto da sua terra piemontesa, mediante seus "filhos e filhas", se tornou "cidadão do mundo", interessando-se pela felicidade eterna e terrena dos jovens de todos os países.

Nos últimos decênios foram também preparadas edições críticas das fontes principais[2]*. Esta notável literatura científica deve ser justaposta à numericamente muito maior de índole popular, de divulgação, hagiográfica*[3]*.*

[1] Pietro Braido, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*. (=ISS - Studi, 20-21). Roma, LAS 2009[3] [Em português: Braido Pietro, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade*. Volumes I-II. São Paulo, Editora Salesiana 2008]; Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica.* Vol. I. *Vita e opere*; II. *Mentalità religiosa e spiritualità;* III. *La canonizzazione (1888-1934)*. Roma, LAS 1979, 1981, 1988; Id., *Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870).* Roma, LAS 1980; Francis Desramaut, *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim, SEI 1996; Arthur J. Lenti, *Don Bosco History and spirit.* 7 volumes. Roma, LAS 2007-2010 (edição espanhola de Juan José Bartolomé - Jesús Graciliano González, *Don Bosco: historia e carisma*. 3 volumes, Madri, CCS 2007). [Em português: Arthur J. LENTI, *Dom Bosco. História e Carisma*. 3 volumes, Brasília, Editora Dom Bosco 2012-2014].

[2] À dezena de volumes publicados pelo Instituto Histórico Salesiano (ISS - Serie prima), devem ser somados vários volumes menores da "Pequena Biblioteca" do mesmo Instituto e numerosos artigos da revista "Ricerche Storiche Salesiane" (RSS).

[3] Cf. Saverio Gianotti, *Bibliografia generale di don Bosco*. Vol. 1. *Bibliografia italiana 1844-1992*. (= ISS - Bibliografie, 1). Roma, LAS 1995; Herbert Diekmann, *Bibliografia generale di don Bosco*. Vol. 2. *Deutschsprachige don Bosco-literatur 1883-1994*. (=ISS - Bibliografie, 2). Roma, LAS 1997; Jacques

Pois bem, da considerável quantidade de fontes disponíveis para a história de Dom Bosco e da sua Obra, esta primeira parte do volume recolhe cerca de 150 escritos e documentos, *que no conjunto traçam uma espécie de história geral da Obra Salesiana do ponto de vista do fundador, a começar pelo momento em que, em 1846, ele a iniciou na casa Pinardi de Turim-Valdocco. Desde este "berço" ela haveria de se difundir em seguida pelo mundo inteiro.*

A documentação é articulada segundo cinco tipologias de escritos, quer dizer: 1. Fontes do crescimento carismático-institucional e da expansão geográfica da Obra Salesiana; 2. Fontes para uma história institucional da Obra no contexto da Igreja Católica; 3. Fontes concernentes à "política" de Dom Bosco, com particular atenção à sua mediação oficiosa para um acordo Estado-Igreja a respeito de espinhosos desentendimentos, num tempo de crescente conflito com o arcebispo de Turim; 4. Fontes para uma história da iniciativa missionária e das primeiras presenças salesianas na América Latina; 5. Fontes para uma história econômica da Obra Salesiana em vida do fundador.

Como é fácil intuir, não são tomados em consideração os escritos e os documentos dos primeiros 30 anos da vida de Dom Bosco, isto é, os da sua formação ligada à sua terra de origem, Castelnuovo d'Asti e Chieri (1815-1841), e ao aprofundamento teológico no triênio transcorrido como padre-estudante no Colégio Eclesiástico de Turim (1841-1844). Para este período, vejam-se as Memórias do Oratório[4].

Schepens, *Bibliografia generale di don Bosco*. Vol. 3. *Bibliographie française. 1853-2006. Nederlandstalige bibliografie 1883-2006.* (=ISS - Bibliografie, 4). Roma, LAS 2007; RSS 26 (2007) 113-333. Para uma orientação geral, veja-se Francesco Motto, *Storia della storiografia di don Bosco*, em Stanisław Zimniak (editor), *Storia e identità salesiana in Africa e Madagascar*. (= ACSSA - Studi, 5). Roma, LAS 2012, pp. 215-231 (em inglês pp. 233-249), para a língua espanhola em "Cuadernos de Formación Permanente" 12 (2008) 57-81.

[4] Veja n. 309.

PRIMEIRA SEÇÃO*

DA CASA PINARDI À PATAGÔNIA

Apresentação

Esta seção é constituída por uma resenha cronológica de 29 escritos de Dom Bosco ou documentos concernentes à Obra Salesiana, relativos aos 40 anos que vão de 1846 a 1888. Trata-se de textos selecionados dentre os muitíssimos possíveis pelo seu valor intrínseco, pelas amplas e importantes informações que contêm, pelo particular significado que eles desempenham na saga histórico-biográfica de Dom Bosco e no desenvolvimento da Obra Salesiana.

Os textos são apresentados em sequência cronológica e, como tal, são subdivididos na perspectiva do desenvolvimento carismático-institucional da sede da fundação, ou seja, de Turim (1846-1863), e na perspectiva da expansão geográfica da Obra na Itália, na Europa, na América Latina (1864-1888). Ambas as perspectivas correspondem ao temperamento de Dom Bosco, à sua paixão apostólica, à confiança em Deus que não lhe permitiam parar após alcançar uma meta.

A ampliação carismático-institucional da casa-mãe de Valdocco, que em menos de vinte anos passou de oratório festivo destinado a jovens trabalhadores para o mais amplo complexo juvenil da Itália (excetuando os quartéis), – com internato e externato, oratório e aulas de diversas ordens e graus, oficinas para aprendizes, tipografia, seminário de formação clerical e salesiana, centro de devoção mariana – documenta de forma inconteste o irrefreável desejo de Dom Bosco de servir "a seu modo" ao maior número de jovens "pobres e abandonados".

Obviamente, cada iniciativa em Valdocco teve que fazer, antes, as contas com o andamento revolucionário da política piemontesa, e depois, com a italiana; com a legislação escolar em evolução, com a situação instável da Igreja de Turim e do Piemonte e com as recorrentes crises econômicas que corroíam os magros recursos financeiros potencialmente disponíveis, quer dizer, a beneficência local, pública e privada.

* Na primeira, segunda e terceira partes da presente edição, há diversos textos de Dom Bosco (cartas, sonhos, boas-noites e semelhantes) que já se encontravam traduzidos em português; foram inseridos neste volume com algumas adaptações.

Por sua vez, a expansão geográfica em rápida evolução da Obra de Turim no Piemonte (Mirabello, Lanzo, Borgo San Martino, Cherasco) e do Piemonte à Ligúria (Alassio, Varazze, Gênova) na primeira parte dos anos Setenta corresponde ao fenômeno da assim chamada "colegialização", promovida e querida por Dom Bosco para alargar o próprio campo de ação, que se estendeu enormemente a partir de 1875 com a abertura de outras casas na Itália, na França e na América Latina até a Patagônia austral.

Entretanto, muitas outras razões estão na raiz dessa expansão: a necessidade de oferecer sempre novos horizontes aos membros de uma Congregação em crescimento numérico; a vontade de subtrair-se a demasiados vínculos legalistas da arquidiocese de Turim; o forte desejo de levar o Evangelho aos povos que ainda não o conheciam; a crença nos frequentes sonhos missionários do fundador, etc.

Os escritos aqui apresentados possuem dimensões diversas – vão desde uma carta de poucas linhas à narração de uma dúzia de páginas –, mas particularmente são redigidos com finalidades diferentes, conforme os vários destinatários: cartas pessoais, circulares, informes e textos narrativos para uso interno, circulares para o grande público, pró-memórias, confidências, autodefesas, documentos de atividades internas e externas em Valdocco, contratos para fundações salesianas, relatórios para as autoridades civis e eclesiásticas nos diversos níveis de responsabilidades...

Portanto, é natural que essa diversidade de gêneros, de objetivos, de destinatários das fontes aqui editadas comporte diferenças mesmo notáveis nas informações e nos dados fornecidos, nas circunstâncias indicadas, nos pontos de relevância apresentados, nos tons usados, nos textos sublinhados e nas interpretações de acontecimentos particulares. O discurso vale especialmente para os acontecimentos do primeiro decênio da Obra Salesiana (1846-1855), que correspondem cronologicamente ao terceiro decênio das já citadas Memórias do Oratório*, também elas redigidas com finalidades específicas na década de 1870. Aqui não é possível prolongar-nos no estudo dessas diferenças redacionais; remetemos às introduções, às edições críticas de cada documento, às biografias científicas de Dom Bosco e particularmente aos estudos aprofundados da Obra Salesiana quando Dom Bosco ainda vivia.*

I. INÍCIO, AMPLIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO CARISMÁTICA E INSTITUCIONAL DA OBRA DE VALDOCCO

Dom Bosco, por conselho do seu diretor espiritual, padre José Cafasso[1]*, do outono de 1844 ao verão de 1846, residiu no Refúgio Barolo*[2] *como capelão do Pequeno Hospital Santa Filomena, inaugurado em agosto de 1845. Nessa sede e sucessivamente em sedes provisórias, desenvolveu seu primeiro ministério sacerdotal em favor dos jovens, em geral imigrados, sem nenhuma referência paroquial. Às vésperas de se transferir para a casa Pinardi ele redigia para as autoridades civis da cidade de Turim, encarregadas da ordem pública e preocupadas com ela, um rapidíssimo relatório da sua atividade trienal no campo da catequese, indicando os objetivos e os resultados positivos, tanto para a sociedade civil como para a eclesial (n. 1).*

A três anos de distância (1849), a obra oratoriana de Valdocco se estendera a mais duas partes da cidade (Porta Nuova e Vanchiglia), era frequentada por um milhar de jovens, mas particularmente se ampliara com atividades escolares e um pequeno internato (n. 3).

Três anos depois (1851), sempre para atender às necessidades dos jovens, as estruturas do Oratório de Valdocco aumentaram notavelmente com outros edifícios, incluindo uma nova igreja, graças também aos meios obtidos mediante uma rifa beneficente com que Dom Bosco conseguiu alargar significativamente o círculo dos seus benfeitores (n. 6). Entre eles distinguiam-se autoridades e conhecidas personalidades da cidade, convidadas a presenciar uma sessão acadêmica dos alunos das suas aulas noturnas para "jovenzinhos" trabalhadores (n. 7).

Todavia, a atenção do educador subalpino se voltará potencialmente para um amplíssimo leque de juventude: aos jovens piemonteses a serem educados moralmente em tempos de liberdade de imprensa, mediante um periódico só para eles (n. 2); aos jovens aprendizes do Oratório, a fim de ajudá-los internamente por meio de uma Sociedade de Mútuo Socorro (n. 4) e a defendê-los externamente dos patrões da cidade no exercício dos seus direitos (n. 5); à juventude italiana em geral e às camadas populares do país a proteger em tempos de forte secularização, mediante amplas iniciativas editoriais (n. 9).

[1] Padre José Cafasso (1811-1860), docente e reitor do Colégio Eclesiástico de Turim, proclamado santo por Pio XII em 1947.

[2] Obra Pia fundada pela marquesa Júlia Falletti di Barolo, nascida Colbert (1785-1864), para acolher gratuitamente mulheres saídas das prisões ou prostitutas.

Ao longo dos anos, a "casa anexa" ao Oratório, já consolidada do ponto de vista econômico (n. 8), se enriquecia com novas atividades: aulas internas em nível ginasial (n. 11), oficinas de artes e ofícios (n. 12), uma grande igreja (n. 16). Tudo isso ocorria no momento de uma difícil situação político-religiosa que alimentava desconfianças nas próprias autoridades do governo, as quais, apesar disso, apreciavam a Obra de Valdocco. Dom Bosco procurou defender-se mediante contatos pessoais e específicas autodefesas por correspondência (n. 15).

Para uso especialmente interno da nascente Congregação Salesiana redigia periodicamente relatórios da sua história, da qual ele era o protagonista, ator, testemunha e único formador do pessoal (n. 10, 13, 17).

Entretanto, em Turim se ampliava também a estrutura do Oratório São Luís de Porta Nuova pela construção de uma nova grande igreja (n. 19). Por sua vez, o Oratório (e a casa anexa) de Valdocco, ao qual Dom Bosco dedicava todas as suas solicitudes, e no qual, por meio da experiência direta, elaborava o seu sistema educativo e formava os seus educadores, encaminhava-se para se tornar, por precedência cronológica, por amplidão e prestígio, a casa-mãe, tanto das obras juvenis quanto da própria Congregação Salesiana.

Nos primeiros anos da década de 1860, o pequeno reino de Valdocco já estava pronto para ampliar os seus espaços, com a convicção de uma missão considerada como decidida e abençoada pelo alto. A figura carismática de Dom Bosco e as originárias experiências vividas pelos seus "filhos" a seu lado no mítico Oratório de Valdocco serviriam como fonte de inspiração para todos os que haveriam de deixar a casa paterna a fim de transplantá-la para debaixo de outros céus.

Os 16 documentos que publicamos em ordem cronológica (junto com o sucessivo n. 22), de certa forma, marcam as etapas principais do desenvolvimento interno do Oratório de Valdocco. Obviamente, para um conhecimento mais aprofundado da sua história, remetemos à correlativa bibliografia no fim do volume.

1. Ao chefe de Segurança Pública de Turim, marquês Miguel Benso di Cavour

Edição crítica em E(m) I, pp. 66-68.

Turim, 13 de março de 1846

Excelência[3],

A participação de vossa excelência em tudo o que se refere ao bom andamento da ordem pública civil e moral faz-me esperar que não lhe desagradará[4] ser informado a respeito do nosso catecismo que visa ao bem da juventude e do qual o senhor mesmo por diversas vezes mostrou satisfação em participar.

Este catecismo foi iniciado há três anos na igreja de São Francisco de Assis. Com as bênçãos de Deus, os jovens foram comparecendo em número sempre crescente, até onde a estreiteza do espaço podia contê-los.

Em 1844, quando por razões de trabalho eu me transferi para a Pia Obra do Refúgio, aqueles bons jovens continuaram a se reunir lá a fim de receber instrução espiritual. Foi precisamente naquele tempo que, de acordo com o senhor teólogo Borel[5] e o padre Pacchiotti, apresentamos um pró-memória ao senhor arcebispo, que nos autorizou a transformar um dos nossos ambientes em oratório, onde se dava catecismo, ouviam-se as confissões e se celebrava a santa missa para aqueles jovens.

Todavia, crescendo seu número e não cabendo mais nesse lugar, dirigimo-nos aos ilustríssimos responsáveis pela cidade e recebemos autorização para transferir o nosso catecismo para a igreja de São Martinho, perto dos moinhos da cidade. Lá, o comparecimento de jovens foi grande, muitas vezes ultrapassavam os duzentos e cinquenta.

[3] O marquês Miguel Benso di Cavour (1781-1850), pai do estadista conde Camilo, de 1835 a 1847, ocupou o cargo de vigário-geral de política e de polícia, com a missão de cuidar da ordem pública na cidade e nos subúrbios.

[4] [...].

[5] Padre João Borel: sacerdote turinense (1801-1873), doutor em teologia, capelão da casa real (1831-1841), diretor espiritual no colégio São Francisco de Paula (1829-1843), depois diretor espiritual das Obras da marquesa Barolo. Junto com o padre Cafasso, foi valiosíssimo apoio e colaborador de Dom Bosco, particularmente nos inícios do Oratório, quando assumiu a responsabilidade perante as autoridades civis e eclesiásticas.

De repente, os responsáveis pela cidade, sem nos informar os motivos, nos advertiram de que para o próximo mês de janeiro deveríamos deixar também essa igreja e transferir o nosso catecismo para outro lugar. O problema para nós era grande, tínhamos pena de ter que abandonar uma obra que parecia tão boa; somente sua excelência o conde Provana di Collegno[6], após ter falado com o senhor, nos animou a prosseguir.

Durante este inverno demos catecismo um pouco em nossa casa e também em outros ambientes alugados. Finalmente, nesta semana, conseguimos fazer um contrato com o senhor Pinardi[7], com o qual foi acertada a soma de 280 francos por um aposento espaçoso que pode servir de oratório, mais dois ambientes com algum espaço anexo. Este lugar nos parece adequado, quer porque se encontra perto do Refúgio, quer também porque está completamente distante de qualquer igreja e próximo de algumas casas; só falta que o senhor nos diga se quanto a isto há algum problema para as pessoas daqui e de fora.

A finalidade deste catecismo é a de recolher nos dias santos os jovens que, abandonados a si mesmos, não participam da instrução religiosa em nenhuma igreja; para tal fim, nós os abordamos amavelmente com palavras, promessas, presentes e coisa semelhantes. O ensino se reduz especificamente a isto: 1° Amor ao trabalho. 2° Frequência dos santos sacramentos. 3° Respeito a todos os superiores. 4° Fuga dos maus companheiros.

Estes princípios que nós procuramos instilar com jeito no coração dos jovens produziram efeitos maravilhosos. No espaço de três anos, mais de vinte abraçaram o estado religioso, seis estudam latim para empreender a carreira eclesiástica, muitos outros, mudados para melhor, frequentam as próprias paróquias. Este fato é realmente muito digno de nota se considerarmos que esses jovens, em geral entre dez e dezesseis anos de idade, sem princípios religiosos e de educação, em grande parte entregues aos vícios, correm o risco de se tornarem motivo de queixas públicas ou de serem mandados para lugares de castigo.

O senhor tem bom coração e aprecia tudo o que contribui para o bem público civil e moral; por isso, lhe pedimos queira proteger este nosso trabalho que, como vê, não visa absolutamente a qualquer lucro, mas somente a conquistar almas para Deus.

As despesas que devemos enfrentar para providenciar o necessário para o lugar de que falamos são muitas; já temos o citado benemérito conde Provana

[6] José Luís Jacinto Provana di Collegno (1785-1854), conselheiro particular do rei. Desde 1840 era presidente-chefe e controlador-geral das Finanças.

[7] Francisco Pinardi, imigrado de Arcisate (Varese), pelo contrato de 1° de abril de 1846, cedeu em aluguel para Dom Bosco um telheiro, sede estável do Oratório.

di Collegno, que se ofereceu como nosso benfeitor e que nos autorizou a dizê-lo a vossa excelência, coisa que ele mesmo fará depois ao informá-lo detalhadamente. Caso o senhor deseje falar comigo e com os meus colegas, estaremos à sua disposição, o que viria ao encontro de um grande desejo de nossa parte.

Enquanto lhe peço queira levar bondosamente em consideração a liberdade que tomei de lhe escrever, desejo-lhe todos os bens da parte de Deus, e considero ser para mim uma grande honra poder professar-me com toda estima e profundo respeito

De vossa excelência humílimo e obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

Diretor espiritual do Refúgio.

2. Circular para manter o jornal *O Amigo da Juventude*

Edição crítica em E(m) I, pp. 83-84.

[Turim, janeiro de 1849]

Ilustríssimo,

A liberdade de imprensa, a intromissão de alguns jornais em questões de religião, para desonrá-la e vilipendiá-la, mostram a grande necessidade de periódicos religiosos que se contraponham aos que insidiam a verdade[8].

Com esta finalidade, para nossa grande satisfação, este é o terceiro mês que se publica *O Amigo da Juventude*. Todavia, a necessidade de que o antídoto contra a irreligiosidade chegue não somente à juventude, mas também a outras classes de pessoas, levou-nos a reformá-lo de modo que possa ser também o amigo de todas as famílias católicas.

[8] Depois da concessão da liberdade de imprensa (1848), a fim de barrar o influxo dos jornais anticlericais, Dom Bosco, junto com outras pessoas, fundou *O Amigo da Juventude. Jornal religioso, moral e político,* cujo objetivo é o de "confirmar na fé católica o povo [...] e ao mesmo tempo instruí-lo, educá-lo na virtude"; "assim, neste jornal, nada se poupará de tudo o que puder servir para iluminar a mente humana e aperfeiçoar o coração" (editorial do n. 1°, 21 de outubro de 1848, p. 1). Por dificuldades econômicas, o jornal sobreviveu poucos meses.

Para este empreendimento são necessárias muitas despesas, para as quais, não sendo suficiente o número de assinaturas, convidamos vossa senhoria ilustríssima a colaborar, comprando parte das ações.

As ações são de ordem diversa: de 20, 50 e 100 francos, segundo a boa vontade e as posses dos contribuintes. A quarta parte das ações será paga até o fim do mês corrente; as restantes serão pagas antecipadamente a cada trimestre. Assim que o jornal estiver difundido a ponto de as assinaturas superarem as despesas, vossa senhoria será reembolsado da quantia antecipada, mediante uma assinatura *grátis,* por conta do lucro correspondente à venda do jornal.

O conhecido zelo de vossa senhoria ilustríssima pelo bem do seu povo e o amor que demonstra para com tudo o que se refere à religião, fazem-nos esperar sua valiosa colaboração para com este nosso empreendimento, que visa unicamente à manutenção dos bons costumes e à conservação da religião.

O senhor poderá ajudar-nos, não somente por meio das ações, mas também promovendo o próprio jornal, razão pela qual lhe enviamos alguns exemplares a serem oferecidos a pessoas que sabem apreciar os esforços de quem se propõe, como única recompensa pelas próprias fadigas, a conservação e o progresso da religião católica.

Pedindo ao céu todos os bens para sua pessoa, consideramos ser para nós uma grande honra poder declarar-nos

De vossa senhoria ilustríssima

Pela Diretoria

Padre João Bosco, gerente

P.S. Os acionistas da cidade queiram devolver o boleto assinado à diretoria, na tipografia que imprime o jornal. Os do interior, pelo correio.

3. Ao rei Vitório Emanuel II

Edição crítica em E(m) I, pp. 89-90.

[Turim, anterior a 14 de novembro de 1849]

Sacra Real Majestade[9],

O sacerdote João Bosco, residente nesta capital, expõe humildemente a vossa Sacra Real Majestade, como no desejo de responder às necessidades dos jovens mais abandonados, começou a reuni-los nos dias santos, ora num lugar, ora noutro da cidade, sempre com a anuência das autoridades civis e eclesiásticas. Com as bênçãos de Deus, essa obra conseguiu abrir em Valdocco, entre Porta Palazzo e Porta Susina, um oratório sob o título de São Francisco de Sales: dele participam mais de quinhentos jovens, dos quais grande parte saiu das prisões ou corria o perigo de ir acabar nelas.

Como esse lugar se tornou muito pequeno para o grande número de jovens que comparecia, em 1847 foi aberto outro oratório em Porta Nuova, sob o título de São Luís, entre a alameda dos Plátanos e a do R. Valentino.

Dado que os tempos atuais mostram que a juventude abandonada se encontra em maior necessidade de assistência, tanto em questão de educação quanto de religião, foi reaberto o oratório de Vanchiglia, sob o título do Anjo da Guarda, iniciado pelo senhor padre Cocchi, vigário paroquial da paróquia da Anunciação, mas logo fechado depois de um ano de funcionamento[10].

Nesses três locais, mediante pregações, catecismos e aulas, se inculca constantemente o amor ao trabalho, o respeito às autoridades e às leis segundo os princípios da santa religião católica. Há também aulas dominicais para quem pode participar, que ensinam o sistema métrico. Há igualmente um internato com vinte e cinco leitos, para atender às necessidades mais urgentes desses jovens. Entre os três oratórios, o número ordinário de jovens nos dias santos é de aproximadamente mil.

Até o momento tudo caminhou com a ajuda de algumas pessoas caridosas, de um bom número de padres zelosos e também de leigos.

[9] Vitório Emanuel II da Saboia (1820-1878), último rei da Sardenha (1849-1861) e primeiro rei da Itália (1861-1878).

[10] Padre João Cocchi (1840-1895), industrioso iniciador de obras educativas e sociais para os jovens operários. O Oratório do Anjo da Guarda, que o padre Cocchi fora obrigado a fechar no período crítico após a primeira guerra da independência, foi reaberto sob a responsabilidade de Dom Bosco e do teólogo Borel e confiado à direção do teólogo Roberto Murialdo.

Atualmente, o requerente, encontrando-se à testa desses três oratórios, onerado pelo peso do aluguel, que entre esses três locais chega a dois mil e quatrocentos francos, e pelas despesas diárias, que a miséria extrema de vários desses jovens torna indispensáveis, apesar de todos os seus esforços, se encontra na difícil posição de não mais poder continuar.

Por isso, o requerente suplica vossa Sacra Real Majestade queira tomar em benévola consideração uma obra que providenciou, e se espera que providencie sempre mais, o bem-estar de tantos jovens abandonados, obra já por diversas vezes socorrida por seu augusto pai[11], e conceder o caridoso subsídio que em tais casos parecer mais conveniente à sua paternal bondade.

Pede deferimento etc.

O requerente
[Sac. João Bosco]

4. Sociedade de Mútuo Socorro

Edição impressa em *Società di Mutuo Soccorso di alcuni individui della Compagnia di San Luigi eretta nell'Oratorio di San Francesco di Sales*. Turim, Tipografia Speirani e Ferrero 1850 (OE IV, 83-90).

[Junho de 1850]

Advertência

Eis, caros jovens, um regulamento para a vossa Sociedade. Ele vos servirá de norma para que a Sociedade caminhe em ordem e de forma vantajosa. Não posso deixar de louvar este vosso empenho e a diligência em promovê-lo. Trata-se de verdadeira prudência: vós reservais um soldo por semana, soldo que não se pensa muito em gastar, mas que vos será de grande ajuda no momento oportuno. Por isso, tendes toda a minha aprovação.

Só vos recomendo que, enquanto vos mostrais cuidadosos pelo bem da Sociedade, não esqueçais as regras da Companhia de São Luís, da qual depende a vantagem mais fundamental, que é a da alma.

[11] Carlos Alberto da Saboia (1798-1849), rei desde 1831 até 23 de março de 1849, quando abdicou em favor do filho Vitório Emanuel II, após a derrota militar pelo exército austro-húngaro em Novara.

O Senhor infunda nos vossos corações a verdadeira caridade e a verdadeira alegria, e o temor de Deus acompanhe todos os vossos atos.

Padre João Bosco

Regulamento da Sociedade de Mútuo Socorro

1°. O escopo desta Sociedade é o de prestar ajuda aos colegas que ficam doentes ou que passam necessidades por estarem involuntariamente sem trabalho.

2°. Ninguém pode ser admitido à Sociedade se não estiver inscrito na Companhia de São Luís; quem por algum motivo deixar de ser membro da dita Companhia não será mais considerado membro da Sociedade.

3°. Cada sócio pagará um soldo todos os domingos e só poderá gozar das vantagens da Sociedade depois de seis meses da sua aceitação; poderá, todavia, dispor imediatamente do direito à ajuda da Sociedade se, ao entrar, pagar 1,50 francos, contanto que então não esteja doente nem desempregado.

4°. A ajuda para cada doente será de 50 centavos por dia até seu restabelecimento em perfeita saúde. No caso de o enfermo ser internado em alguma obra pia, cessará todo subsídio; voltará a ter direito a ele somente quando receber alta para um tempo da convalescença.

5°. Aqueles que, sem culpa própria, ficarem sem trabalho, começarão a perceber a citada ajuda oito dias depois do seu desemprego. Quando o subsídio tiver que ultrapassar os vinte dias, o Conselho tomará as devidas providências para aumentá-lo ou diminuí-lo.

6°. Aceitam-se com gratidão todas as ofertas feitas em favor da Sociedade, e todos os anos se fará uma coleta especial entre os sócios.

7°. Quem negligenciar o pagamento da sua quota por tempo notável não poderá gozar das vantagens da Sociedade enquanto não satisfizer a quota vencida, e por um mês não poderá pretender absolutamente nada.

8°. A Sociedade é administrada por um diretor, um vice-diretor, um secretário, um vice-secretário, quatro conselheiros, um visitador e seu substituto, e um tesoureiro.

9°. Todos os administradores da Sociedade, além do exato pagamento de um soldo todos os domingos, terão o máximo cuidado em observar as

regras da Companhia de São Luís, para atender assim à própria santificação e encorajar os outros à virtude.

10°. O diretor nato da Sociedade é o superior do Oratório. Ele cuidará para que os administradores cumpram o próprio dever e para que as necessidades dos sócios sejam satisfeitas de acordo com o presente regulamento.

11°. O vice-diretor ajudará o diretor, dará ao secretário as ordens oportunas quanto às reuniões e exporá em Conselho o que pode ser de vantagem para a Sociedade.

12°. O secretário cuidará de recolher as quotas aos domingos, anotando com exatidão o nome dos que cumprem a própria obrigação, no que usará de grande caridade e gentileza. Cabe ainda ao secretário enviar ao tesoureiro uma ficha em que anota o nome, o sobrenome e a residência do sócio enfermo. Todas as decisões de algum relevo serão registradas pelo secretário. Na multiplicidade dessas coisas, será ajudado pelo vice-secretário, o qual, se for preciso, fará as suas vezes.

13°. Os quatro conselheiros dirão o que pensam a respeito de tudo o que pode ser útil para a Sociedade, e darão o seu voto tanto no que tange à administração das coisas, quanto no que se refere à nomeação de algum membro.

14°. O visitador nato da Sociedade é o diretor espiritual da Companhia de São Luís. Ele irá pessoalmente à casa do sócio enfermo para verificar suas necessidades e apresentará o devido relatório ao secretário. Obtido o correspondente atestado, o entregará na casa do tesoureiro; depois disso, levará ao enfermo a ajuda que lhe for atribuída. Ao entregar a ajuda, o visitador terá o máximo cuidado de lembrar ao enfermo algum pensamento da nossa santa religião e de animá-lo a receber os santos sacramentos, caso a doença for grave. Nisto será ajudado pelo substituto, que terá o maior cuidado em ajudar o visitador, especialmente em levar a ajuda necessária e em confortar os enfermos.

15°. O tesoureiro cuidará do dinheiro da Sociedade e dele prestará contas a cada três meses. Todavia, não poderá dar dinheiro a ninguém sem um atestado fornecido pelo visitador e assinado pelo diretor, no qual se declara haver real necessidade.

16°. Cada eleito permanecerá no cargo por um ano, podendo ser reeleito.

17°. O Conselho, cada três meses, prestará contas da sua administração.

18°. O presente regulamento entrará em vigor no dia 1º de julho de 1850.

5. Contrato de trabalho para um jovem do Oratório

ASC A2200101, manuscrito autógrafo de Dom Bosco
(cf. MB IV, 295-297).

[Novembro de 1851]

"Em força do presente contrato, que pode ser considerado uma simples solicitação por uma das partes, feito na casa do Oratório de São Francisco de Sales entre o senhor Carlos Aimino e o jovem José Bordone, aluno do citado Oratório, na presença de seu avalista, senhor Vitório Ritner, concordou-se quanto segue:

1°. O senhor Carlos Aimino acolhe como seu aprendiz no trabalho de vidraceiro o jovem José Bordone, filho de José, falecido, natural de Biella; promete e se obriga a ensinar-lhe o mesmo trabalho no espaço de três anos, que se encerrarão no fim do ano de 1854, no dia 1º de dezembro; durante o curso de aprendizagem promete também lhe dar as instruções necessárias e as melhores normas atinentes a seu ofício, e ao mesmo tempo, as recomendações referentes ao seu bom comportamento, corrigindo-o, no caso de alguma falta, com palavras, não de outra forma; compromete-se também a ocupá-lo continuamente em trabalhos relacionados com seu ofício e não estranhos a ele, cuidando para que não sejam superiores às suas forças.

2°. O instrutor deverá deixar completamente livres todos os dias santos do ano para que o aprendiz possa participar das celebrações sagradas, das aulas dominicais e dos outros seus deveres como aluno do citado Oratório. Caso o aprendiz, por motivos de doença, se ausentar do seu dever, o patrão terá direito a uma bonificação por todo o tempo que a ausência ultrapassar os quinze dias pelo espaço de um ano. Essa indenização será feita pelo aprendiz quando tiver terminado a aprendizagem, mediante um número de dias de trabalho correspondentes aos de sua ausência.

3°. Durante os anos acima referidos, o patrão se obriga a pagar diariamente ao aprendiz, cada semana, uma lira no primeiro ano, uma lira e cinquenta no segundo e duas liras no terceiro ano.

4°. Por fim, cada mês, o patrão se obriga a anotar com franqueza, numa ficha que para tal fim lhe será entregue, o comportamento do seu aprendiz.

5°. O jovem José Bordone, durante seu tempo de aprendizagem a serviço do seu patrão, promete e se obriga a colaborar com prontidão, assiduidade e atenção a ser dócil e a comportar-se para com ele como requer o dever de

um bom aprendiz. Como cautela e garantia desta sua obrigação, para sua segurança, indica como avalista o senhor Vitório Ritner, ourives, aqui presente e concordante, o qual se obriga a compensar o patrão por qualquer dano, caso tal dano ocorra por culpa do aprendiz.

6°. Se acontecer o aprendiz incorrer em alguma culpa pela qual for despedido do Oratório, cessará também todo acerto e toda relação entre o diretor do dito Oratório e o patrão; todavia, se a culpa do aprendiz não se referir diretamente ao patrão, este, apesar de tudo, deverá cumprir o presente contrato feito com o aprendiz, e o aprendiz deverá cumprir todos os seus deveres para com o patrão até o fim conveniado, unicamente com base no contrato acima estipulado.

7°. O diretor do Oratório promete prestar sua assistência para o bom êxito do comportamento do aprendiz e acolher com interesse qualquer queixa que o patrão fizer a respeito do aprendiz acolhido por ele.

Tanto o patrão quanto o aluno aprendiz, assistido pelo seu avalista, como acima, na medida em que toca a cada um, prometem cumprir e observar este contrato, sob pena dos danos correspondentes.

Carlos Aimino
José Bordone
Padre João Batista Vola, teólogo
Vitório Ritner, avalista
Padre João Bosco, diretor do Oratório[12]

6. Circular para promover uma rifa para a nova igreja do Oratório

Edição crítica em E(m) I, pp. 139-140.

Turim, 20 de dezembro de 1851

Ilustríssimo Senhor,

Há dez anos foi dado início a uma modesta obra de beneficência num distrito desta cidade, sob o título de Oratório de São Francisco de Sales, obra voltada unicamente para o bem intelectual e moral da juventude que, por des-

[12] A tutela dos jovens aprendizes e sua formação profissional é um objetivo perseguido com tenacidade por Dom Bosco, num momento histórico em que se iniciava o desenvolvimento industrial.

cuido dos pais, pela frequência de maus companheiros ou por falta de meios materiais se encontra continuamente exposta ao perigo de se corromper.

Algumas pessoas que se interessam pela boa educação do povo viram com pena aumentar cada dia o número de jovens ociosos e mal aconselhados que, vivendo de esmolas ou de fraudes nas ruas e nas praças, são de peso para a sociedade e muitas vezes instrumento de todo tipo de desordens.

Essas pessoas, com profundo sentimento de tristeza, viram muitos desses jovens que, num primeiro tempo se tinham dedicado ao exercício das artes e às indústrias da cidade, gastarem no jogo ou em intemperanças os poucos recursos ganhos durante a semana. Desejosas de remediar um mal do qual só se podem esperar consequências funestas, essas pessoas decidiram abrir uma casa de encontros dominicais onde se possa com facilidade satisfazer aos deveres religiosos, receber ao mesmo tempo um pouco de instrução, alguma orientação, algum conselho a fim de viver de forma cristã e honesta.

Para esta finalidade criou-se um oratório dedicado a São Francisco de Sales, com os meios fornecidos pela caridade das pessoas generosas que costumam contribuir nas coisas que se referem ao bem público; providenciou-se o necessário para fazer as celebrações religiosas e dar educação moral e civil aos jovens; foram adotados também jogos que servem para desenvolver as forças físicas e divertir honestamente o espírito, e assim se procurou tornar útil e ao mesmo tempo agradável sua presença naquele lugar.

É difícil dizer com que apreço foi acolhido o convite feito aos jovens, sem nenhuma publicidade, usando unicamente o que se costuma fazer entre familiares ao se reunirem todos os dias santos no Oratório; o que levou a aumentar o espaço e progressivamente a fazer as melhorias que uma caridade engenhosa e prudente podia sugerir; em seguida, começou-se a ensinar, primeiro aos domingos, depois, todas as noites da estação fria, a ler, a escrevar, os elementos de aritmética e da língua italiana; dedicou-se particular atenção a tornar familiar para os jovens de boa vontade o uso das medidas legais, das quais sentiam maior necessidade, dado que a maior parte deles se dedica a serviços diversos.

Instilar nos seus corações o afeto pelos familiares, a benevolência fraterna, o respeito pelas autoridades, o reconhecimento pelos benfeitores, o amor ao trabalho e, mais do que tudo, instruir suas mentes na doutrina católica e moral, afastá-los dos maus caminhos, infundir neles o santo temor de Deus e acostumá-los em tempo à observância dos preceitos religiosos: estes são os objetivos aos quais, por dois quinquênios, nos dedicamos assiduamente e consagramos os nossos maiores cuidados.

Assim, enquanto há quem louvavelmente se aplica a difundir as luzes da ciência, a fazer progredir as artes, a que as indústrias prosperem e a educar os

jovens das classes superiores nos colégios e nos liceus, no modesto Oratório de São Francisco de Sales se proporciona largamente a instrução religiosa e civil aos que, embora menos favorecidos pela sorte, também têm a força e o desejo de serem úteis a si mesmos, às próprias famílias e ao país.

Notando, porém, que em pouco tempo, dado o número sempre crescente de jovens, o local destinado para uso da capela se tinha tornado apertado, e não querendo deixar a meio caminho um empreendimento tão bem iniciado, os promotores da iniciativa, cheios de confiança na generosidade dos seus concidadãos, deliberaram iniciar a construção de um edifício mais amplo e mais adequado para a finalidade e, dessa maneira, garantir a continuação de uma instituição educativa tão útil. Assim, sem qualquer demora, superaram-se as incertezas e, com coragem, foram lançados os alicerces do novo oratório.

As subvenções, os presentes, os encorajamentos de todo tipo não faltaram até agora, e o trabalho progrediu de tal modo que em questão de poucos meses se pôde chegar à cobertura do telhado.

Todavia, para levar a termo a construção do edifício, os meios ordinários não são suficientes, é preciso que a inesgotável caridade do público venha em socorro da beneficência privada. É para tal fim que os abaixo-assinados, promotores da pia obra, se dirigem a vossa senhoria, pedindo sua colaboração e propondo um meio que, tendo sido já usado com bom êxito em outras instituições beneméritas, não falhará certamente no caso do Oratório de São Francisco de Sales. Esse meio consiste numa rifa que os abaixo-assinados pensaram em fazer, a fim de responder às despesas de acabamento da nova capela; certamente vossa senhoria certamente aceitará colaborar com essa iniciativa ao pensar na excelência da obra para a qual é destinada.

Qualquer objeto que for do agrado de vossa senhoria oferecer, de seda, de lã, de metal, de madeira, um trabalho de algum artista renomado, de um modesto operário, de um laborioso artesão ou de alguma dama caridosa, tudo será aceito com gratidão, porque em questão de beneficência, toda pequena ajuda é uma grande coisa, e as ofertas, mesmo pequenas, mas de muitas pessoas juntas, podem bastar para realizar a obra desejada.

Os abaixo-assinados confiam na bondade de vossa senhoria, certos de que o pensamento de contribuir para a boa educação da juventude abandonada não deixará de mover seu coração a fazer alguma contribuição. Para recomendar-lhe a pia instituição, sirva a singular benevolência com que pessoas de toda ordem e condição ajudaram a promover o estabelecimento e a favorecer sua ampliação. Sirva particularmente o voto emitido pelo primeiro corpo legislativo do Estado que, após ter levado em benévola consideração a proposta, nomeava uma comissão específica para conhecer com precisão os

detalhes e, confirmada a utilidade, recomendava-a calorosamente ao governo do rei. Sirva também o generoso subsídio concedido por dois anos seguidos mediante voto unânime do município de Turim, a singular generosidade com que Suas Majestades o rei e a rainha se dignaram ajudar e a especial benevolência com que venerandos prelados e distintas personalidades se dignaram recomendá-la à caridade pública.

Os abaixo-assinados antecipam a vossa senhoria ilustríssima seu agradecimento pela gentil colaboração que certamente estará disposto a conceder para o bom êxito da projetada rifa, enquanto invocam todas as bênçãos do céu.

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimos servidores

Os Promotores e as Promotoras[13]

7. Convite para uma sessão acadêmica

Edição crítica em E(m) I, p. 157.

Turim, 14 de maio de 1852

Ilustríssimo senhor,

Dado o interesse com que vossa senhoria ilustríssima se dignou tomar parte em tudo o que se refere ao bem do Oratório de São Francisco de Sales, espero que não lhe desagrade o presente convite, mediante o qual lhe peço queira comparecer domingo próximo, 16 deste mês de maio, das 2 às 5 horas da tarde, para honrar com sua presença a sessão literária que os jovens das nossas aulas noturnas apresentarão, em relação ao seu humilde progresso nos estudos deste ano escolar[14].

Não verá grandes coisas, mas, sem dúvida, descobrirá o bom coração e a boa vontade desses nossos jovens.

O programa da academia é este:

1° Leitura e escrita – Elementos de aritmética – de sistema métrico e de gramática italiana – Canto e música.

[13] Seguem os nomes de 16 membros da comissão, composta por padres e leigos pertencentes à aristocracia e à burguesia.

[14] O convite queria mostrar o êxito positivo da obra educativa em favor dos jovens trabalhadores.

2° Um pouco de geografia sagrada, de história sagrada do Novo Testamento – Canto e música.

3° Diálogos na Palestina – Um jovem premiado – Vários trechos de leitura e poesias serão entremeadas às apresentações, todas em relação com as matérias estudadas.

Certo de que aceitará de boa mente este humilde convite, agradeço-lhe tudo o que tem feito e espero queira continuar a fazer em favor destes meus jovens, e lhe ofereço os meus mais sinceros agradecimentos, enquanto me professo com todo respeito

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco[15]

8. Ao cônego Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) I, pp. 175-176.

Turim, 24 de novembro de 1852

Caríssimo senhor cônego[16],

Aqui está a desejada resposta a vossa senhoria caríssima, quanto à minha posição diante do governo. Como o local é de minha propriedade, creio que, em qualquer hipótese, um novo edifício ali construído sempre pertencerá ao dono do terreno; todavia, a fim de eliminar também esta dúvida, procedi de

[15] Convites para apresentações artístico-musicais se sucedem continuamente em Valdocco, particularmente por ocasião da distribuição anual dos prêmios escolares. No dia 5 de setembro de 1869, Dom Bosco não hesitou em pedir ao prefeito que estendesse o convite aos participantes do Congresso pedagógico nacional que estava sendo celebrado na cidade: E(m) III, pp. 131-132.

[16] Ao amigo que tinha entrado na Congregação Rosminiana, preocupado com a situação da Obra de Valdocco perante uma legislação civil hostil às instituições eclesiásticas, Dom Bosco responde de modo a dar-lhe garantias. No dia 19 de fevereiro de 1851 tinha adquirido a casa Pinardi e os terrenos adjacentes, formando uma sociedade legal privada com os padres José Cafasso, João Borel e Roberto Murialdo (no dia 26 de janeiro de 1853, com ato notarial, a propriedade passará por inteiro somente para as mãos de Dom Bosco e do padre Cafasso, o qual, com testamento, deixará Dom Bosco como único proprietário: cf. Fedele Giraudi, *L'Oratorio di don Bosco*. Turim, SEI 1935, pp. 95-99). Graças à prudência de Dom Bosco, as leis de supressão das congregações e de açambarcamento dos seus bens, emanadas em Turim no ano de 1855 e estendidas a toda a Itália em 1866-1867, não tiveram nenhum efeito sobre a Obra Salesiana.

tal modo que as ofertas que me foram feitas pela caridade das pessoas, inclusive a rifa, tudo foi usado para a construção da igreja; só reservei pequena quantia, fruto da venda de uma parte diminuta de uma casa nas vizinhanças, alguns anos atrás; como também, o que eu conseguir pelo local ali posto à venda, tudo será de fato destinado para a construção da casa. Essas foram as garantias que recebi dos melhores advogados, isto é, que o governo em nada poderá intrometer-se nesta propriedade.

Mas, [...] e quando Dom Bosco morrer? Aqui estava a dificuldade. Dadas as circunstâncias dos tempos e não sendo possível garantir de outra forma o perdurar da propriedade, convidei o senhor teólogo Borel, o teólogo Murialdo e o padre Cafasso para participarem da compra, conforme relatei acima; em seguida, foi redigida uma disposição testamentária com vantagens recíprocas, de modo que, por ocasião da morte de um, a propriedade passará aos três supérstites, os quais certamente são livres de associarem a si outra pessoa: bem entendido, assim convém pagar o direito de sucessão em relação à parte do falecido.

Consultei diversos juristas da minha confiança e não pude usar de outro expediente nesta matéria. Quanto à nova aquisição de que se trata, eu confio inteiramente no que o senhor padre Rosmini na sua prudência julgar conveniente, oferecendo-me a empregar todos os meus débeis esforços para colaborar em tudo o que pode ser para a glória de Deus e o bem das almas[17].

Queira oferecer os meus humildes cumprimentos ao senhor padre Rosmini e, recomendando-me às suas orações, desejo-lhe todo bem da parte de Deus ao professar-me

De vossa senhoria caríssima afeiçoadíssimo amigo e servidor

Sac. João Bosco

P.S. Enquanto escrevo, a senhora sua mãe[18] limpa e conserta tudo o que está guardado no depósito; a sua visita a deixou no paraíso.

[17] Dom Bosco havia anos que mantinha contatos com o padre Antônio Rosmini (1797-1855) e com vários membros da sua família religiosa. A aquisição de terrenos em Valdocco ocorria na perspectiva de uma colaboração com o Instituto da Caridade de Rosmini.

[18] A mãe de Gastaldi, Margarida, era uma das mais ativas colaboradoras da mãe de Dom Bosco no cuidado da roupa dos meninos.

9. Circular para a difusão das *Leituras Católicas*

Edição crítica em E(m) I, pp. 233-234.

Turim, [30] de outubro de 1854

Ilustríssimo senhor,

Embora esteja plenamente persuadido quanto à solicitude com que vossa senhoria ilustríssima se interessa por tudo o que concerne ao bem das almas, todavia, considerando a arte refinada que os inimigos da nossa santa religião usam para difundir o erro e corromper os bons costumes entre o povo, decidi escrever-lhe uma carta específica, a fim de pedir-lhe queira ajudar-me a difundir e promover as *Leituras Católicas,* destinadas a prevenir o povo cristão contra as insídias que de tantas formas lhe são propostas em assunto de religião.

Esta Associação, conforme creio ser de seu conhecimento, cobra um preço muito reduzido (1,80 francos por ano nas cidades e sedes episcopais; onde for possível reunir 50 associados, os livretos são enviados a cobrar). Mas é de suma importância torná-la mais conhecida, e vossa senhoria pode ajudar-me muito nesta obra de caridade, quer fazendo quanto pode pessoalmente, quer recomendando ou encarregando alguma pessoa piedosa que o senhor certamente conhece, a fim de que *arguat, obsecret, increpet in omni patientia et doctrina.*

Com este meio parece-me poder barrar um pouco o mal crescente e, se não for possível impedi-lo totalmente, pelo menos diante de Deus teremos o conforto de ter feito o que estava ao nosso alcance.

Talvez vossa senhoria se admire de que eu me recomende tão calorosamente a respeito deste assunto; mas esteja certo de que vivemos momentos bastante calamitosos para os seguidores da religião católica. Os perigos que nos ameaçam exigem a cooperação e a solicitude de todos os bons, em especial dos eclesiásticos.

Queira compreender-me benevolamente se lhe envio esta carta a cobrar; peço-lhe também queira acolher com bondade este gesto de confiança. Ao agradecer, desejo-lhe todos os bens do céu, enquanto ao mesmo tempo ponho-me ao seu total dispor

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

P.S. No escritório das *Leituras Católicas,* rua Bogino n. 3 p. 2, há um bom número de fascículos impressos até agora, que são vendidos a preço módico para quem quiser adquirir para si ou para enviar a outras pessoas.

Anexo

Plano da Associação às *Leituras Católicas*

Edição impressa em ASC A2230503 (MB IV, 532-533).

1. Os livros propostos para a difusão terão estilo simples, linguagem popular e conteúdo de matérias que se referem exclusivamente à religião católica.

2. Cada mês se publicará um fascículo entre 100 e 108 páginas, até com mais, conforme a matéria tratada permitir. O papel, os caracteres e o formato serão como são atualmente.

3. O preço de associação é de 90 centavos cada semestre, a serem pagos antecipadamente, o que resulta na pequena soma anual de 1 lira e 80 centavos. Para os que desejarem receber os fascículos pelo correio, o preço será de 1 lira e 40 centavos por seis meses, 2 liras e 80 centavos por um ano.

4. Para proporcionar todas as facilidades possíveis às beneméritas pessoas eclesiásticas e seculares que quiserem ajudar esta obra de caridade, os fascículos serão enviados gratuitamente para todos os estados do reino e para o exterior, até a fronteira, contanto que os associados formem um grupo ao qual seja possível enviar não menos de 50 fascículos.

5. Nas cidades e lugares do interior, as assinaturas serão recebidas pelas pessoas que forem designadas pelos respectivos ordinários diocesanos, a quem a obra é particularmente recomendada, e dos quais fornecemos o nome e o endereço, etc.

10. Plano de Regulamento para o Oratório masculino de São Francisco de Sales em Turim na região de Valdocco – Síntese histórica

Edição crítica em Pietro Braido, *Don Bosco per i giovani: L'"Oratorio", una "Congregazione degli Oratori". Documenti* (Piccola Biblioteca dell'ISS, 9). Roma, LAS 1988, pp. 9-56[19].

Introdução

Ut filios Dei, qui erant dispersi, congregaret in unum (Jo 11,52).

As palavras do santo Evangelho que nos ensinam que o divino Salvador veio dos céus à terra para reunir na unidade todos os filhos de Deus dispersos nas várias partes da terra, parece-me que podem ser literalmente aplicadas à juventude dos nossos dias. Esta porção, a mais delicada e preciosa da sociedade humana, não é por si mesma de índole má. Eliminando o descuido dos pais, o ócio, o encontro com os maus companheiros a que estão expostos, especialmente nos dias santos, resulta muito fácil instilar nos seus tenros corações os princípios da ordem, dos bons costumes, do respeito, da religião; porque, se às vezes acontece que nessa idade já estão corrompidos, é mais por leviandade do que por malícia consumada.

Esses jovens têm realmente necessidade de uma mão benfazeja que tome conta deles, que os cultive, guie à virtude, afaste dos vícios. A dificuldade está em encontrar a maneira para reuni-los, falar-lhes, moralizá-los.

Esta foi a missão do Filho de Deus e isto só pode ser feito pela sua santa religião. Esta religião, que é eterna e imutável em si mesma, que foi e será sempre em todos os tempos a mestra dos homens, contém uma lei tão perfeita que sabe adaptar-se às vicissitudes dos tempos e à índole diversa de todos os homens. Entre os meios para infundir o espírito de religião nos corações incultos e abandonados estão os oratórios. Os oratórios são um tipo de encontros no quais se entretém a juventude mediante divertimentos agradáveis e honestos, depois de ter participado das celebrações sagradas na igreja.

O apoio que recebi das autoridades civis e eclesiásticas, o zelo com que muitas pessoas beneméritas vieram me ajudar com seus meios temporais e com sua dedicação, são sinal certo das bênçãos do Senhor e do público apreço dos homens.

[19] Escrito em torno de 1854 para os próprios colaboradores, é o primeiro documento que narra em detalhes os primórdios da Obra de Valdocco. Contém algumas variantes em relação a documentos análogos (cf. nn. 13 e 17) e às *Memórias do Oratório* (cf. n. 309).

Agora se trata de elaborar um plano de regulamento que sirva como norma para exercer esta dimensão do ministério sagrado e de guia para as numerosas pessoas eclesiásticas e seculares, que com solicitude cheia de caridade consagram a isso o próprio trabalho.

Por várias vezes comecei e sempre desisti por causa das inúmeras dificuldades a superar. Agora, e para que se conserve a unidade de espírito e a uniformidade de disciplina, e para atender diversas pessoas respeitáveis que me aconselham, decidi realizar este trabalho, tenha ele o êxito que tiver.

Antes de tudo quero dizer que não pretendo dar nem leis nem preceitos; meu escopo é o de expor o que se faz no Oratório masculino de São Francisco de Sales, em Valdocco, e o modo como essas coisas são praticadas.

Talvez alguém encontre expressões que pareçam insinuar que eu procuro glórias e honras; não acredite: se houver essa impressão, que isso seja atribuído somente ao empenho com que escrevo estes fatos, tais como realmente aconteceram e como ocorrem atualmente.

Quando me entreguei a este setor do ministério sagrado entendi consagrar todas as minhas fadigas para a maior glória de Deus e o bem das almas, e também me empenhar em preparar bons cidadãos nesta terra a fim de que um dia possam ser dignos habitantes do céu. Deus me ajude a continuar assim até o último respiro da minha vida. Assim seja.

Síntese histórica do Oratório de São Francisco de Sales

Este Oratório ou encontro de jovens nos dias santos começou na igreja de São Francisco de Assis. Havia vários anos que no verão, aos domingos, o senhor padre Cafasso costumava dar catecismo aos jovens ajudantes de pedreiro numa saleta anexa à sacristia daquela igreja. As muitas ocupações deste sacerdote o levaram a interromper o trabalho que lhe era tão grato. Eu o retomei no fim de 1841 e comecei a reunir no mesmo lugar dois jovens adultos muito necessitados de instrução religiosa. A eles somaram-se outros e no decurso de 1842 o número chegou a vinte, às vezes a vinte e cinco. Esses inícios me fizeram compreender duas verdades muito importantes: que, em geral, a juventude não é má por si mesma, mas que é fácil tornar-se tal por causa do contato com maus colegas, e que os próprios maus, separados uns dos outros, são suscetíveis de grandes mudanças morais.

No ano de 1843 o catecismo continuou da mesma maneira e o número chegou a cinquenta, que era a quantidade de jovens que podia caber naquele

recinto. Nesse ínterim, frequentando as prisões de Turim, pude ver que os infelizes que vão parar naquele lugar de castigo, na maior parte são jovens pobres que vêm de longe para a cidade pela necessidade de procurar um trabalho ou então são aliciados por alguma pessoa mal-intencionada. Esses jovens, particularmente nos dias santos, abandonados a si mesmos, gastam suas poucas economias em jogatinas ou bebedeiras, o que é fonte de muitos vícios. Os que eram bons logo se veem em situações de perigo para si mesmos ou se tornam perigosos para os outros. As prisões não provocam neles nenhuma melhora, pois lá aprendem modos ainda mais refinados de fazer o mal e, ao saírem de lá, são ainda piores.

Por isso, dediquei-me a esta classe de jovens, por serem os mais abandonados e em situação de risco, e ao longo de cada semana, mediante promessas ou pequenos presentes, eu procurava conquistá-los. Aumentou muito seu número e no verão de 1844, podendo dispor de um local mais espaçoso, vi-me rodeado de aproximadamente oitenta deles. Alegrava-me muito ver-me rodeado de jovens, todos na linha dos meus objetivos, encaminhados ao trabalho, cujo comportamento nos dias da semana e também nos dias santos eu podia de certa maneira acompanhar. Eu cuidava deles e pude constatar como uns voltavam para a casa dos próprios pais donde tinham fugido, outros eram contratados por um patrão, todos encaminhados a se instruírem na religião.

Mas o regime de comunidade, como é o do Colégio Eclesiástico de São Francisco de Assis, o silêncio e a tranquilidade que as celebrações públicas exigem naquela igreja muito frequentada impediam os meus projetos. Embora o benemérito falecido teólogo Guala[20] me encorajasse a perseverar, todavia, eu vi claramente que era indispensável buscar outro local. Porque a instrução religiosa entretém os jovens durante certo de tempo, mas depois é necessário um pouco de desafogo com algum passeio ou algum divertimento.

A Providência dispôs que no fim de outubro de 1844 eu me transferisse para o Refúgio como diretor espiritual. Convidei os meus jovens para que fossem me visitar na minha nova residência e no domingo seguinte o número já era muito maior do que o comum. Então os meus aposentos se tornaram oratório e praça de diversões. Era belo de se ver! Não havia cadeira, mesa ou qualquer móvel que fosse deixado em paz por aquela invasão de amigos.

Nesse ínterim, de acordo com o senhor teólogo Borel, que a partir daquele momento foi o braço direito do oratório, escolhemos um ambiente que em princípio era destinado a refeitório e recreação dos padres adidos ao Refúgio,

[20] Luís Fortunato Guala (1775-1848), teólogo e pregador da igreja de São Francisco de Assis e fundador do Colégio Eclesiástico.

e que nos pareceu bastante espaçoso para a nossa finalidade, e o transformamos em capela. O arcebispo esteve de acordo conosco e no dia da Imaculada Conceição de Maria (8 de dezembro de 1844) foi abençoada a tão desejada capela, com a faculdade de ali celebrar o sacrifício da santa missa e de dar a bênção com o Santíssimo Sacramento.

A voz que correu quanto à existência de uma capela destinada unicamente para os jovens, de celebrações sagradas só para eles e de um pouco de espaço livre para a diversão, foram chamativos poderosos, e a nossa igrejinha, que naquele tempo começou a ser chamada de oratório, logo ficou pequena. Em tudo demos um jeito da melhor maneira possível. Quartos, cozinha, corredores, em cada canto havia um grupo de catecismo: tudo era oratório.

Tudo corria bem, quando um incidente, ou melhor, a divina Providência em seus secretos desígnios deixou nosso oratório em consternação. No dia 10 de agosto de 1845 foi aberto o Pequeno Hospital de Santa Filomena[21], e o local que nos serviu durante nove meses recebeu outro destino. Foi preciso procurar outro espaço. Em seguida, após um pedido formal, o prefeito da cidade nos permitiu ir para a igreja de São Martinho, perto dos *Molazzi,* ou seja, dos moinhos da cidade.

Sendo assim, num domingo, anuncia-se a mudança da nossa residência. Os jovens, aflitos porque deviam abandonar aquele lugar muito apreciado por eles e ansiosos pela novidade, todos se preparavam para partir. Era preciso ver como um carregava uma cadeira, outro um banco, este um quadro ou uma estatueta, aquele os paramentos, os cestos, as galhetas. Outros, mais alegres, levavam as pernas-de-pau ou as caixas de bochas ou de malhas, mas todos ansiosos por ver o novo oratório.

Lá passamos tranquilamente dois meses, embora tudo acontecesse de forma limitada, dado que não se podia celebrar a missa, nem dar a bênção com o Santíssimo, nem divertir-se com liberdade. Aquela calma foi um presságio de tempestade que deveria submeter à mais dura prova o oratório. Difundiu-se o boato de que aquelas reuniões de jovens eram perigosas e que de repente se podia passar do divertimento para um motim.

Belo motim poderiam fazer jovens ignorantes, sem armas e sem dinheiro, que unicamente se reuniam para aprender o catecismo e que tremeriam só de ver um corvo passar... Apesar disso, o falatório se difundiu; fez-se um relatório ao prefeito; nele eu era qualificado como chefe de quadrilha; dizia-se que nos Moinhos havia uma gritaria insuportável, uma desordem que não se

[21] Dom Bosco havia sido contratado pela marquesa Barolo como capelão do Pequeno Hospital dez meses antes da sua inauguração, ocorrida em agosto de 1845.

podia tolerar, com imenso prejuízo para os muros, os bancos e para o próprio chão. Cansei-me de explicar que essas afirmações não tinham sentido; tudo foi em vão. Enfim, emitiu-se uma ordem pela qual nos foi mandado desalojar imediatamente o local que até ali nos tinha servido.

Pedi então para ir para a igreja do cemitério do Santíssimo Crucificado, chamada de São Pedro in Víncoli. Houve autorização. Fomos para lá com alegria, mas foi só por um domingo; em novos relatórios por escrito enviados ao prefeito, os nossos encontros eram qualificados como atos de insubordinação; por isso, fomos logo proibidos de voltar a pôr os pés naquele lugar.

Calo os nomes das pessoas que redigiram esses relatórios cheios de azedume; só observo que (Deus me livre de comprazer-me nisso) depois dos relatórios, uma daquelas pessoas sobreviveu só por um dia, outra por três. Essas mortes causaram profunda impressão no ânimo dos jovens, dado que eles sabiam dos acontecimentos.

O que fazer? Tinha comigo uma enorme quantidade de objetos de igreja e para os recreios, e uma turba de jovens que me seguia por toda parte, e não havia um palmo de terra onde eu pudesse me fixar.Temendo que meus jovens deixassem de comparecer, escondia deles minhas preocupações, e nos dias santos eu os levava a Sassi, às vezes a Nossa Senhora de Campagna, outras ao monte dos Capuchinhos. Com isso, em vez de o número diminuir, pelo contrário, crescia.

Entretanto, aproximando-se o inverno, tempo não propício para passeios campestres, de acordo com o teólogo Borel, alugamos três ambientes na casa Moretta[22], local não muito distante do atual Oratório de Valdocco. Durante aquele inverno, as nossas atividades se limitaram a um simples catecismo na tarde dos dias santos.

Nesse tempo, espalhou-se ainda mais uma conversa que já antes tinha começado a correr: *que os oratórios eram um meio proposital para afastar a juventude das próprias paróquias, a fim de instruí-la em doutrinas suspeitas.* Esta última imputação fundava-se particularmente no comentário de que eu permitia aos meus jovens todo e qualquer tipo de divertimento, contanto que não fosse pecado e contrário à boa educação.

Quanto à primeira, eu procurava desculpar-me, dizendo que meu objetivo era o de recolher somente os jovens que não frequentavam nenhuma paróquia e que, por serem de fora, nem mesmo sabiam a que paróquia pertencer. Quanto mais eu tentava mostrar o verdadeiro aspecto da situação, mais as coisas eram interpretadas negativamente.

[22] Uma construção de dois andares que pertencia ao padre João Batista Moretta (1777-1847).

Além disso, algumas circunstâncias concorreram para ter que abandonar a casa Moretta, de tal modo que em março de 1846 tive que alugar um pedaço do prado dos irmãos Filippi, onde atualmente há uma metalúrgica. E assim, de repente, eu me vi lá, em céu aberto, no meio de um prado, cercado por uma sebe que só nos defendia de quem não pretendesse mesmo entrar, rodeado por cerca de trezentos jovens que pareciam encontrar o seu paraíso terrestre naquele oratório, cujo teto e cujas paredes eram a abóbada celeste.

Para piorar a situação, o chefe da Segurança Pública, o marquês Cavour[23], já prevenido contra esses encontros nos dias festivos, me mandou chamar e, após relatar o que se andava dizendo a respeito do oratório, acabou por me dizer:

– Meu bom padre: aceite meu conselho; deixe em liberdade esses malandros; esses encontros são perigosos.

– Eu não tenho em vista outro objetivo – respondi – senão o de melhorar a vida desses pobres jovens; se o município me oferecer um local, tenho fundada esperança de poder diminuir bastante o número de transviados e ao mesmo tempo diminuir o número dos que vão parar nas cadeias.

– O senhor está enganado, meu bom padre, está se cansando inutilmente. Onde busca os meios? Eu não posso permitir esse tipo de encontros.

– Os resultados alcançados me convencem de que não me canso inutilmente: os meios estão nas mãos de Deus, que às vezes se serve dos instrumentos mais desprezíveis para realizar suas obras...

– Mas eu não posso permitir esses encontros.

– Não o conceda por mim, senhor marquês, mas pelo bem daqueles jovens que, abandonados a si mesmos, talvez acabarão muito mal.

– Eu não estou aqui para discutir, esta é uma ordem: eu quero impedir essas coisas; não sabe que todo tipo de aglomeração é proibido quando não há uma legítima autorização?

– Os meus encontros não têm nenhuma finalidade política: é somente para ensinar o catecismo a jovens pobres, e isso eu faço com a autorização do arcebispo.

– O arcebispo sabe de tudo isso?

– Está informado e nunca movi uma palha sem seu conselho e consentimento.

[23] Veja doc. n. 1.

– Mas eu não posso permitir esse tipo de encontros.

– Espero, senhor marquês, que não pretenda me proibir de fazer catecismo com a permissão do meu arcebispo.

– Vá, falarei com o arcebispo, mas não seja teimoso diante de ordens que lhe serão dadas, do contrário me obrigará a tomar medidas que não desejo tomar.

O arcebispo estava informado de tudo e me animava a ter paciência e coragem. No entanto, para poder atender melhor à educação dos meus jovens, eu devia deixar o Refúgio; assim, eu me encontrava sem emprego, sem meios de subsistência, com todos os meus projetos mal-interpretados, exausto de forças e de saúde, a ponto de haver comentários a meu respeito de que eu estava transtornado.

Não podendo fazer compreender aos outros os meus planos, pensava em dar tempo ao tempo, porque eu estava intimamente persuadido de que os fatos haveriam de justificar o que eu fazia. Além disso, era tão vivo o desejo de dispor de um local conveniente que na minha mente eu já o julgava pronto, e isso era motivo para que até meus mais queridos amigos me considerassem afetado mentalmente; assim, dado que eu não queria ceder diante do que meus colaboradores pretendiam e abandonar o meu trabalho, todos me deixaram.

Entretanto, o teólogo Borel concordava com as minhas ideias, e não havendo outra saída, pensava em escolher uns doze rapazes e ensinar-lhes o catecismo privadamente, à espera de tempos melhores para realizar os nossos projetos.

– Assim não – eu respondia –, Deus começou e também deve levar a termo sua obra.

– Mas, enquanto isso, onde reunir os nossos jovens?

– No oratório.

– Onde está esse oratório?

– Eu o vejo já pronto – vejo uma igreja – vejo uma casa – vejo um recinto para o recreio, tudo isso existe e eu vejo.

– Onde está tudo isso?

– Não sei ainda onde está, mas eu vejo tudo.

Eu dizia isso pelo forte desejo de dispor desses ambientes e estava intimamente persuadido de que Deus haveria de providenciá-los.

O teólogo Borel lamentava minha situação; ele mesmo comentava que temia muito que eu estivesse perturbado. O padre Cafasso me dizia para não tomar nenhuma deliberação naquele momento. O arcebispo pendia para que eu continuasse o trabalho.

Entretanto, o marquês Cavour, decidido a acabar com esses encontros que ele achava perigosos e não querendo tomar decisões que pudessem desagradar ao arcebispo, convocou a comissão administrativa, que corresponde ao Conselho municipal, no palácio arquiepiscopal. Posteriormente, o arcebispo comentava comigo: eu tinha a impressão de que iria acontecer o juízo final. Depois de breve discussão, concluiu-se que era absolutamente necessário proibir aqueles encontros.

Fazia parte da comissão administrativa o conde Provana di Collegno, então ministro das Finanças. Ele sempre me tinha encorajado e até fornecera subsídios do próprio bolso, como também por parte de Sua Majestade Carlos Alberto. Este príncipe, de grata memória, gostava muito de ouvir falar do oratório; ajudava-me nas necessidades particulares; diversas vezes mandou-me dizer por meio do conde Provana di Collegno que apreciava muito esse meu ministério sagrado, que o considerava como uma parte das missões estrangeiras, que era seu desejo que esses encontros de jovens pobres e em situação de risco acontecessem em todas as cidades dos seus estados.

Quando soube da minha posição crítica me mandou 300 francos, com palavras de encorajamento, encarregando o dito conde de transmitir à comissão administrativa que era sua intenção que esses encontros nos dias santos continuassem; se havia algum perigo de desordens, que se buscasse um meio para impedi-las e preveni-las. Diante dessa comunicação, o chefe de Segurança Pública da cidade se calou e disse que providenciaria para que não acontecessem desordens. A decisão tomada foi a de enviar cada dia santo certo número de guardas para vigiar os nossos encontros e depois fazer o devido relatório a quem de direito.

Os guardas assistiam ao catecismo, à pregação, ao canto, ao recreio e, referindo pontualmente tudo ao responsável pela cidade, em poucos meses levaram-no a ter uma opinião melhor a respeito do oratório, e as coisas começaram a tomar um bom caminho.

Início do atual Oratório de Valdocco e sua ampliação até agora

Era uma tarde festiva de quinze de março, dia memorável para o nosso oratório, quando, ao ver aquele grande número de jovens que se divertiam,

senti-me sozinho no meio deles, exausto de forças e de saúde, sem saber para onde ir, dado que o prado que aluguei devia receber outro destino; comovi-me de tal modo que as lágrimas corriam. Meu Deus, eu dizia levantando os olhos para o céu, fazei-me conhecer o lugar onde vós quereis que eu reúna estes meus queridos jovens. Fazei-me conhecê-lo, ou então, dizei-me o que devo fazer!

Revolvia tais coisas em meu coração, quando certo Pancrácio Soave vem dizer-me que um senhor Pinardi tinha um local para me alugar, muito adequado para as minhas finalidades. Fui vê-lo imediatamente; era um novo começo. Conversar, pôr-nos de acordo quanto ao preço do aluguel e ao modo de transformar aquele local em capela foi coisa de poucos minutos. Corri precipitadamente para meus jovens, reuni-os e, explodindo de alegria, comecei a gritar: Coragem, meus filhos! Temos um oratório. Teremos uma igreja, uma sacristia, lugar para as aulas e para os divertimentos.

Essa notícia foi acolhida com entusiasmo sem tamanho. E no domingo de Páscoa, no dia [...] de abril, foram levados para lá todos os objetos de igreja e de diversão e inauguramos a nova capela. Pouco depois foram alugados outros ambientes da mesma casa Pinardi, onde começaram as aulas dominicais e noturnas. Essas aulas agradaram tanto ao cavalheiro Gonella[24], insigne benfeitor deste Oratório, que se empenhou para que fossem criadas também em Santa Pelágia. O próprio município apreciou as aulas noturnas de tal modo que abriu várias em diversos bairros da cidade: ali hoje existe a possibilidade de instruir-se qualquer aprendiz que o queira. O que aconteceu depois, dado que é conhecido de todos, limito-me apenas a alguns acenos.

No ano de 1846, em dia de domingo, foi abençoada a igreja atual com a autorização de celebrar a santa missa, catequizar, pregar, dar a bênção do Santíssimo Sacramento.

As aulas noturnas e dominicais progrediram muito; a instrução consistia em ler, escrever, canto, história sagrada, elementos de aritmética e de língua italiana; os alunos do Oratório organizaram uma academia pública em torno desses conteúdos.

No mês de novembro passei a morar na casa anexa ao Oratório. Muitos padres, entre eles o teólogo Vola, o teólogo Carpano, o padre Trivero[25] tomaram parte nesses acontecimentos do Oratório.

[24] André Gonella (1770-1851), banqueiro e industrial no ramo da tecelagem. Também o filho Marcos (1822-1886) será grande amigo e benfeitor de Dom Bosco.

[25] Padre Jacinto Carpano (1821-1894) e padre José Trivero (1816-1894) já se dedicavam à assistência espiritual e material dos jovens imigrados.

Ano de 1847. Foi criada a Companhia de São Luís[26], com aprovação da autoridade eclesiástica: providenciou-se a imagem do Santo, foram celebrados os seis domingos em preparação à sua festa, com grande participação. No dia da festa, o arcebispo veio administrar o sacramento da crisma a um grande número de jovens e foi encenada uma breve comédia com cantos e música.

Alugaram-se outros ambientes graças aos quais aumentaram as classes de aulas noturnas. Foram acolhidos dois jovens pobres, órfãos, sem profissão, ignorantes de religião, e assim começou o internato que cresceu sempre mais.

Dada a grande afluência de jovens ao Oratório, sendo muito pequena a igreja e diminuto o recinto de Valdocco, no dia da Imaculada Conceição *foi aberto um novo oratório em Porta Nuova,* na casa Vaglienti, atualmente Turvano, sob o título de São Luís Gonzaga, confiando a administração ao teólogo Jacinto Carpano. Este novo oratório foi iniciado com as mesmas normas e objetivos do de Valdocco; em pouco tempo cresceu enormemente o número de jovens que o frequentavam.

1848. O número dos jovens internos passou a quinze. Após algumas dificuldades por causa da admissão dos jovens à primeira comunhão, o arcebispo concedeu formalmente a faculdade de organizar a preparação para a crisma e a sagrada comunhão e de cumprir o preceito pascal na capela daquele oratório.

Pela primeira vez foram feitos os exercícios espirituais para um grupo de jovens internos na casa anexa ao Oratório; os resultados foram ótimos. O município enviou uma comissão para visitar os oratórios e após uma carta de louvor ofereceu um subsídio de 600 francos. Também a Obra da Mendicidade veio em ajuda dos oratórios com um subsídio provisório. Realizou-se uma solene procissão até o santuário da Consolata para fazer uma comunhão no mês de maio em honra de Maria Santíssima; isto já acontecia havia dois anos, não, porém, processionalmente. Foram abençoadas as estações da *Via-Sacra;* na quinta-feira santa foram feitas em conjunto visitas aos "santos sepulcros"* em diversas igrejas e na noite daquele dia, pela primeira vez, houve a celebração do lava-pés.

[26] Veja doc. nn. 4 e 206.

* Aqui "santo sepulcro" se refere a uma espécie de sacrário que tem certa aparência de urna sepulcral no qual se guarda o Santíssimo Sacramento depois da missa da Quinta-Feira Santa e que os fiéis adoram até a celebração da morte do Senhor na Sexta-feira Santa. Significava o "desaparecimento" do Senhor ao ser preso no Horto das Oliveiras. Era costume visitar esses "sepulcros" nas igrejas para adorar o Santíssimo Sacramento.

Nesse mesmo ano iniciou-se a aula de piano e de órgão e os jovens começaram a ir cantar missas e vésperas com as orquestras de Turim, Carignano, Chieri, Rivoli, etc.

1849. Aluga-se toda a casa Pinardi, mais o terreno que fica na frente e atrás da dita casa; a igreja é ampliada de quase metade do seu espaço original; o número de jovens internos chega a trinta. O papa foge de Roma para Gaeta, no reino de Nápoles, e os jovens dos oratórios fazem uma coleta por ele; o santo padre se comove ternamente, manda escrever uma carta de agradecimento pelo cardeal Antonelli e envia a sua santa bênção aos jovens do Oratório. Em seguida, de Gaeta, envia um pacote de 60 dúzias de terços para os jovens do Oratório e com grande festa se faz uma solene distribuição no dia 20 de julho. *Veja o livreto impresso para essa circunstância.*

Por causa da guerra, o senhor padre Cocchi fecha o oratório do Santo Anjo da Guarda, que assim permanece por um ano; depois, é subalugado por nós e a administração é confiada ao teólogo Vola.

A câmara dos senadores e o ministério enviam uma comissão para visitar os oratórios; faz-se um relatório e uma discussão favoráveis. Veja *Gazzetta Piemontese* de 29 de março de 1849.

Ascânio Savio é o primeiro jovem do Oratório a vestir a batina[27].

1850. Compra-se a casa Pinardi e o espaço adjacente. O número de internos chega a cinquenta. O comparecimento dos jovens ao Oratório de São Francisco de Sales é extraordinário, projeta-se uma nova igreja; no dia 20 de julho o cavalheiro Cotta[28] lança a pedra fundamental e o cônego Moreno[29] procede à bênção, com a presença de imensa multidão de pessoas. *Transcreva-se o ato da fundação.*

O bispo de Biella, mediante circular, recomenda a construção da nova igreja, e com isso se obtém uma coleta de mil francos. Faltando dinheiro para continuar a construir a igreja, usa-se o expediente de uma rifa, feita no ano se-

[27] Ascânio Savio (1832-1902) recebeu a batina no dia 1º de novembro de 1848; depois deixará Dom Bosco para entrar nos Oblatos de Maria Virgem.
[28] José Cotta (1785-1868), banqueiro, membro de importantes instituições da cidade. Senador desde 1848, no triênio 1849-1852 foi conselheiro municipal.
[29] Otávio Moreno (1777-1852), cônego da catedral, senador e dirigente do Economato-geral Régio Apostólico. Estimou muito a Obra de Dom Bosco, para a qual conseguiu substanciosos subsídios econômicos.

guinte, e que teve acolhida muito favorável. Recolhem-se três mil e trezentos objetos que, deduzidas as despesas, resultam em 26 mil francos[30].

No dia primeiro de junho começou a Sociedade de Mútuo Socorro, a respeito da qual é possível consultar os estatutos no livro impresso[31].

1851. A 20 de junho, festa da Consolata, com grande aparato, na presença de numerosas e distintas personagens, em meio a uma grande alegria, faz-se a bênção da nova igreja e ali pela primeira vez se fizeram as sagradas celebrações. A poesia que segue dá uma ideia do que aconteceu naquele dia: *Como avezinha de ramo em ramo...**. Foram feitas diversas compras para a igreja, comprou-se o altar de São Luís, criou-se também uma orquestra.

1852. A explosão da fábrica de pólvora no dia 26 de abril do ano anterior sacudiu e danificou consideravelmente a casa do Oratório; por isso, neste ano, dá-se início a um novo prédio. Próximo a ser coberto (2 de dezembro), veio abaixo quase por completo, com grande susto e prejuízo. Não se teve que lamentar nenhum dano às pessoas.

O senhor Miguel Scanagatti[32] providencia um par de candelabros elegantes para o altar-mor. Constrói-se a torre. Não havendo mais espaço para as aulas noturnas, ajeitam-se as aulas dentro da nova igreja. A igreja antiga é transformada em dormitório e em salas de estudo. O padre Cafasso manda fazer o púlpito atual.

1853. O prédio que ruíra é levantado novamente: constrói-se, prepara-se a maior parte e no mês de outubro começa a ser usado. O novo local permite que os dormitórios e o refeitório dos jovens internos sejam organizados melhor. Seu número chega a 65.

O senhor cavalheiro Duprè[33] compra uma balaustrada de mármore e manda embelezar o altar de São Luís. O senhor marquês Fassati[34] providencia

[30] Veja n. 6.

[31] Veja n. 4.

* Em italiano: *Come augel di ramo in ramo / Va cercando albergo fido...*

[32] Miguel Scanagatti (1803-1879).

[33] José Luís Duprè (m. nel 1884), banqueiro, naquele tempo respondia por diversos cargos públicos. Junto com outros personagens de relevância, no dia 9 de dezembro de 1851, subscreveu o pedido de Dom Bosco ao Intendente-geral das Finanças para receber a autorização de fazer uma rifa, cf. E(m) I, pp. 136-137.

[34] Domingos Fassati Roero, marquês de São Severino (1804-1878), comandante do corpo real de guardas, grande benfeitor de Dom Bosco junto com a esposa Maria de Maistre (1824-1905).

outra balaustrada de mármore, um par de candelabros de latão cor de bronze para o altar de Nossa Senhora.

O senhor conde Cays, prior da Companhia de São Luís, compra um sino, abençoado pelo pároco de Borgo Dora, e providencia o atual baldaquino.

Pela primeira vez é feita a exposição das *Quarenta Horas,* com um oitavário nas festas pascais.

A fim de eliminar qualquer perturbação provocada pelos frequentadores do botequim e afastar as pessoas de comportamento suspeito da casa Bellezza, perto da igreja, aluga-se essa casa por inteiro.

1854. Dada a penúria do ano corrente, não se retomam novos trabalhos. Só se dá acabamento a alguns deles por necessidade. O senhor conde[35], que é reeleito prior da Companhia de São Luís, providenciou uma bela faixa rendada[36] para enfeitar a cornija da igreja em toda a sua extensão.

O custo dos alimentos, a falta de trabalho, expondo muitos jovens aos perigos da alma e do corpo, levam a acolher muitos em casa e o seu número chega a oitenta e seis.

11. Ao ministro do Interior, Luís Carlos Farini

Edição crítica em E(m) I, pp. 407-408.

Turim, 12 de junho de 1860

Excelência[37],

Humildemente solicito a vossa excelência queira ler com bondade o que lhe exponho brevemente a respeito da casa dita Oratório de São Francisco de Sales.

[35] Conde Carlos Cays di Gilletta e Caselette (1813-1882), presidente das Conferências de São Vicente de Paulo, deputado ao parlamento subalpino (1857-1860), ficando viúvo, se fará salesiano e se tornará sacerdote (1877).
[36] [...].
[37] Luís Carlos Farini (1812-1863), ex-ministro da Instrução Pública (1851-1852), havia três meses era ministro do Interior. Na mesma data, Dom Bosco escreve um pró-memória ao ministro da Instrução Pública, Terêncio Mamiani: cf. E(m) I, pp. 408-410.

Em quinze dias se realizaram duas minuciosíssimas perquisições, sem que eu saiba os motivos[38]. Esses fatos puseram em sobressalto o espírito e a ordem entre os nossos jovens. Se vossa excelência tiver ou quiser ter a grande bondade de me dizer qual é o escopo dessas perquisições, asseguro-lhe que eu prestarei contas de tudo segundo a verdade.

Entretanto, suplico-lhe queira persuadir-se intimamente de que eu:

1° Há vinte anos exerço o ministério sacerdotal nas prisões, nos hospitais, nas ruas e nas praças desta cidade, recolhendo jovens abandonados, para encaminhá-los à moralidade, ao trabalho, segundo seu engenho, suas capacidades e inclinações, sem jamais ter recebido ou ter solicitado alguma coisa em compensação. Antes, usei e ainda atualmente continuarei a usar de muita boa vontade os meus recursos pessoais na construção da casa e na manutenção dos jovens pobres.

2° Em todo esse tempo, sempre andei de acordo com o governo, e em todos os ministérios sempre encontrei apoio e benfeitores. Tanto por parte desse ministério[39] quanto do da Guerra[40] regularmente me foram enviados jovens em situação de risco e abandonados, e sempre os acolhi; e quando eu passava necessidades, recorria a esses ministérios e recebia deles ajuda. A bondade do ministério se apoiava também em duas ordens do dia, uma da câmara dos senadores, outra da câmara dos deputados, nas quais se recomendava ao governo do rei esta obra de beneficência. Uno uma cópia de algumas das muitas cartas que me foram escritas pelo ministério do Interior, com as quais eu era encorajado a promover esta obra de beneficência.

3° Jamais me envolvi em política. Em tudo isso que disse, fiz, escrevi, imprimi nesses vinte anos, ninguém poderá encontrar de fato uma só palavra contra as leis do governo. Nesta casa é proibido falar de política em qualquer sentido; ninguém jamais foi associado a algum jornal. Sempre estive persuadido de que um sacerdote pode exercer o seu ministério de caridade em qualquer tempo e lugar; em meio a qualquer tipo de leis e de governo, respeitando, aliás, ajudando as autoridades e mantendo-se rigorosamente estranho à política.

4° Se vossa excelência tiver alguma recomendação, conselho ou mesmo determinação a me dar para esta obra dos oratórios, eu lhe pediria respeitosa-

[38] Refere-se a uma rigorosa perquisição feita pela polícia por motivos políticos (26 de maio) e a uma inspeção escolar (9 de junho) das classes ginasiais do Oratório. Cf. Pietro Braido - Francesco Motto, *Don Bosco tra storia e leggenda nella memoria su "Le perquisizioni". Testo critico e introduzione,* em RSS 8 (1989) 111-200.

[39] Cf. E(m) I, pp. 433 e 436.

[40] Cf. E(m) I, p. 362.

mente que o fizesse como pai que deseja o bem dos seus filhos, não, porém, de forma ameaçadora, o que poderia prejudicar irreparavelmente as obras que custaram vinte anos de solicitudes ao governo e às pessoas em particular.

Peço-lhe queira levar em benévola consideração estas humildes mas sinceras reflexões e, ao recomendar estes pobres jovens à sua clemência, tenho a satisfação de lhe desejar todos os bens do céu, assegurando-lhe ser de grande honra para mim professar-me com plena estima e gratidão

De vossa excelência obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

12. Ao representante do governo na região de Turim, José Pasolini

Edição crítica em E(m) I, p. 465.

Turim, 26 de outubro de 1861

Ilustríssimo Senhor,

O sacerdote João Bosco, diretor do Oratório de São Francisco de Sales, expõe respeitosamente a vossa excelência como o número crescido de jovens recolhidos nesta casa teria necessidade de dispor de alguma outra profissão, além das que ali já se exercem, ou seja, a de marceneiro, alfaiate, sapateiro e encadernador. Parece que seria de grande utilidade iniciar uma pequena tipografia.

Tendo em mente esta finalidade, recorro a vossa senhoria ilustríssima para ser autorizado:

1° A abrir nesta casa uma tipografia sob o título de *Tipografia do Oratório de São Francisco de Sales.*

2° Dado o escopo exclusivamente beneficente desta pequena tipografia e a limitação dos meios e dos trabalhos com os quais ela deve se ocupar, permitir que seja aberta tendo como responsável o próprio diretor do Oratório.

3° Antes de iniciar os trabalhos tipográficos ela se obriga a providenciar uma pessoa que entenda da arte e que possa dar garantias quanto aos trabalhos a serem realizados.

Como esta pequena tipografia visa a dar trabalho e ajudar os jovens mais pobres e mais abandonados da sociedade, o abaixo-assinado, confiando na sua conhecida bondade, espera que seu pedido seja levado em benigna e benévola consideração[41], enquanto com a máxima estima tem a honra de se declarar

De vossa senhoria ilustríssima humilde requerente

Sac. João Bosco[42]

13. Dados históricos sobre o Oratório de São Francisco de Sales

Edição crítica em P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…*, pp. 9-29, 56-77.

[1862]

A ideia dos oratórios nasceu da frequentação das prisões desta cidade. Nesses lugares de miséria espiritual e temporal se encontram muitos jovens na flor da idade, de inteligência pronta, de bom coração, capazes de ser o consolo das famílias e a honra da pátria; no entanto, lá estão trancados, aviltados, feitos o opróbrio da sociedade. Ponderando atentamente as razões dessa desventura, foi possível compreender que em geral eles eram infelizes, mais por falta de educação do que por maldade. Além disso, observou-se que, à medida que se lhes fazia perceber a dignidade do homem que é racional e deve procurar o seu pão por meio de trabalhos honestos e não mediante o roubo, enfim, apenas se fazia ressoar na mente o princípio moral e religioso, provavam no coração uma alegria que não sabiam dizer donde vinha, mas que os levava a desejar ser melhores. De fato, muitos mudavam de procedimento ainda dentro da prisão, outros, ao sair, viviam de maneira que nunca mais precisavam voltar para ela.

[41] José Pasolini (1815-1877) fora ministro do Comércio, Belas Artes e Agricultura do Estado Pontifício (1848-1849). Senador do reino desde 1868, foi representante do governo em Milão e Turim. Em 1876 assumiu o cargo de presidente do senado.

[42] O pedido foi acolhido com a condição de que se assumisse um tipógrafo profissional, e assim nos primeiros meses de 1862, uma nova oficina artesanal se somou às de sapataria, encadernação, marcenaria e alfaiataria, abertas nos anos anteriores. A tipografia do Oratório não deixou de alarmar as tipografias da cidade por suposta concorrência desleal.

Então os fatos confirmaram que esses jovens se tinham tornado infelizes por falta de instrução religiosa e moral, e que esses dois meios educativos eram os que podiam colaborar eficazmente para conservar bons os que ainda o eram e mudar para melhor os transviados, no momento em que sairiam daquele lugar de castigo.

A fim de fazer alguma experiência, começou-se a dar um pouco de catequese adaptada aos prisioneiros desta capital e pouco depois na sacristia da igreja de São Francisco de Assis; em seguida, deu-se início a encontros nos dias festivos. Os convidados eram os jovens que saíam das prisões e os que ao longo da semana iam de cá para lá nas praças, nas ruas e também nas oficinas. Episódios morais e religiosos, cantos de loas sacras, pequenos presentes, algumas diversões, eram os meios que se usavam para entretê-los nos dias santos.

Corria o ano de 1841 e os jovens que compareciam eram cerca de setenta. Com profunda satisfação, o oratório continuou por três anos junto à igreja de São Francisco de Assis, até que o grande número de jovens nos obrigou a buscar um ambiente mais amplo. Por isso, em 1844, o sacerdote Bosco, por motivos de trabalho eclesiástico, tendo-se transferido para a direção da Pia Obra do Refúgio em Valdocco, escolheu um lugar mais adaptado às necessidades, e, no dia 8 de dezembro de 1844, foi abençoada a primeira capela destinada exclusivamente para a juventude. Essa igreja consistia em dois pequenos ambientes anexos ao edifício reservado para os sacerdotes diretores da mencionada obra do Refúgio. Aqui o oratório durou um ano.

No outono de 1845, dado o crescente número de jovens que às vezes eram mais de duzentos, e também pelo fato do edifício que servira como igreja dever ser destinado a outra finalidade, foi preciso buscar um lugar mais oportuno. Pelo espaço de aproximadamente quatro meses fomos para a igreja de São Martinho, perto dos moinhos da cidade, que também foi deixado para dar lugar a outro catecismo destinado às jovens.

O cemitério de São Pedro in Víncoli, depois a casa Moretta, finalmente um recinto da casa Filippi serviram de oratório até a primavera de 1846. Nesse ano foi alugada e depois comprada a casa Pinardi na região de Valdocco, onde surgiu o Oratório de São Francisco de Sales. O número de jovens cresceu de tal modo que em 1850 era frequente ultrapassarem o número de dois mil, até mesmo de três mil.

A fim de atender a todas as necessidades, no ano de 1851, levantou-se a igreja atual, mediante a ajuda de rifas e de outras doações de particulares.

Oratório de São Luís em Porta Nuova. No ano de 1847, dado que por causa do grande número os jovens não podiam mais caber no Oratório de

São Francisco de Sales, abriu-se outro em Porta Nuova, entre a alameda dos Plátanos e a do Valentino. A direção foi confiada ao teólogo Jacinto Carpano, depois passou a outros, e atualmente o teólogo Leonardo Murialdo[43] é seu zeloso diretor. O número médio de jovens é de aproximadamente quinhentos.

Oratório do Santo Anjo da Guarda. O extraordinário comparecimento de jovens ao oratório de Porta Nuova logo mostrou ser indispensável um novo lugar a ser escolhido onde maior era a necessidade. Vanchiglia é uma parte de Turim muito povoada e cheia de jovens que nos dias santos giram de cá para lá. O benemérito padre Cocchi tinha aberto ali um oratório, que por causa de outras ocupações teve que abandonar. Naquele mesmo lugar e com idêntico escopo, em 1849, foi aberto ao público o oratório do Santo Anjo da Guarda, perto do rio Pó. A direção foi confiada ao teólogo Roberto Murialdo; atualmente, estando ele com a saúde abalada, foi confiado ao padre Miguel Rua[44]. A frequência média de jovens neste oratório é cerca de quatrocentos.

Observações gerais. Esses oratórios podem ser definidos como lugares destinados a entreter nos dias santos os jovens em situação de risco mediante divertimentos agradáveis e honestos, após terem participado das celebrações da igreja. Além das igrejas, há lugares bastante espaçosos para o divertimento, locais apropriados para as aulas e para defender os jovens das intempéries durante o inverno ou em caso de chuva. Os meios para atrair os jovens são: pequenos prêmios, jogos e boa acolhida; medalhas, imagens, frutas, algum lanche ou merenda; às vezes, peças de roupa de baixo, de sapatos ou outro vestuário qualquer para os mais pobres; colocação no trabalho; assistência junto aos parentes e aos próprios patrões.

Os brinquedos são: bolas ou bochas, malhas, pernas-de-pau, gangorras de várias espécies, passo gigante, ginástica, exercícios militares, canto, concertos com música instrumental e vocal. Mas o que mais atrai os jovens é o fato de se sentirem bem acolhidos. Uma longa experiência mostrou que o bom resultado da educação da juventude consiste especialmente em saber fazer-se amar para depois se fazer temer.

[43] Leonardo Murialdo (1828-1900), santo, ex-colaborador do Oratório do Anjo da Guarda em Vanchiglia (1851), em 1857, a pedido de Dom Bosco, assumiu o de São Luís em Porta Nuova, onde permaneceu até 1865. Em seguida será diretor do "Colégio dos Aprendizes", instituído pelo padre Cocchi em 1849, e fundador da Congregação de São José; desenvolverá intensa atividade no campo social, particularmente em favor do mundo operário.

[44] Miguel Rua (1837-1910), beato, principal colaborador de Dom Bosco desde os primeiros tempos do Oratório, será seu sucessor à frente da Congregação Salesiana (1888-1910).

As celebrações religiosas nos dias santos são assim: pela manhã, comodidade para quem quiser se confessar; missa, depois da qual se narra um episódio da história sagrada ou se explica o evangelho do dia; em seguida, jogos. Após o almoço, catecismo nas salas, vésperas, em seguida, jogos novamente. Terminadas as celebrações de igreja, cada qual é livre de ficar para se divertir ou de ir para casa. Ao anoitecer, todos vão para casa e se fecha o oratório.

Há um regulamento apropriado para orientar tudo o que se faz na igreja, no pátio e nas aulas. As pessoas que ajudam em tudo são em boa parte padres, clérigos e também leigos. No tempo da quaresma, há nos três lugares catecismo diário: ao meio-dia, para aqueles que estão livres; para os que não estão livres, em outra hora. Celebra-se também o mês de maio com pregação ou leitura espiritual correspondente, terço e bênção com o Santíssimo, de manhã ou à hora das *ave-marias* da tarde, conforme as circunstâncias.

As pessoas que tomaram parte mais ativa no princípio dos oratórios, além das mencionadas, são: padre Ponte[45], padre Trivero, padre Pacchiotti[46], o teólogo João Vola. De modo particular tornou-se benemérito o teólogo João Borel. Este foi como a alma e o suporte de tudo, mediante o exercício do sagrado ministério e a sua ajuda material e moral. Também o cavalheiro teólogo Baricco[47] participou muitas vezes.

Aulas dominicais. Muitos jovens, por falta de meios ou de facilidades, se encontravam já numa idade um tanto mais adulta, sem ter a instrução necessária para aprender um ofício. Durante a semana não podiam frequentar nenhum tipo de escola, daí que a necessidade sugeriu as aulas dominicais. Estas, entre nós, começaram a primeira vez em 1845. No princípio parecia coisa difícil, não havia nem livros nem pessoas que pudessem sugerir normas ou dar conselhos. Dava-se aula, ensinava-se, mas durante a semana acontecia esquecer em grande parte o que se tinha ensinado e aprendido no domingo. Todavia, chegamos a superar em parte este grave obstáculo assumindo somente um ramo científico por vez e dando uma única lição a ser estudada durante a semana.

Com isso se conseguiu fazer aprender em primeiro lugar a ler e escrever e depois as primeiras quatro operações aritméticas, em seguida os elementos do sistema métrico, da gramática italiana e da história sagrada, mas sempre

[45] Padre Pedro Ponte (1821-1892), capelão das Obras Barolo. Por mais de um ano morou com Dom Bosco na casa Pinardi (1847-1848).
[46] Padre Sebastião Pacchiotti (1806-1885), capelão das Obras Barolo.
[47] Teólogo Pedro Baricco (1819-1887), professor, membro do Conselho municipal de Turim, responsável pela instrução pública da cidade.

sem nunca passar a um novo ramo de ensinamento a não ser quando se tivesse aprendido corretamente o que estava em curso. As apresentações públicas que foram feitas satisfizeram insignes personagens, como o padre Aporti[48], o prefeito da cidade cavalheiro Bellono[49] e o senhor cavalheiro teólogo Baricco, que quiseram honrar-nos com a sua presença.

Aulas noturnas. Em meio à multidão de jovens que comparecia, surgiu outra necessidade; por isso, embora a instrução dominical produzisse bons resultados, todavia, para muitos, não era suficiente. Começou-se, portanto, a convidar os jovens a virem durante a semana, nos dias e nas horas mais cômodas para eles. Um jovem convidava outro e em pouco tempo achou-se oportuno estabelecer uma hora fixa para todos: essa hora foi a entrada da noite, quando precisamente os aprendizes terminam seus trabalhos diários.

De modo que em 1846 começaram pela primeira vez as aulas noturnas. O comparecimento foi extraordinário; tivemos que nos limitar a um número de alunos compatível com o pouco espaço disponível. Como depois as aulas noturnas foram abertas também pelo município em muitos quarteirões da cidade, terminou a necessidade desse tipo de aulas nos oratórios. Somente no Oratório de São Francisco de Sales continuam até o presente. As matérias de ensino consistem em ler, escrever, sistema métrico, língua italiana, canto gregoriano, música instrumental e, para alguns, desenho, piano, órgão, inclusive língua francesa.

Aulas diurnas durante a semana. Outra classe de jovens que vagava perigosamente pela cidade é a daqueles que, por estarem mal vestidos ou por não poderem se habituar a uma disciplina regular, não são acolhidos nas escolas públicas ou são desligados delas. Esses em geral são órfãos ou descuidados pelos próprios parentes, mesmo em tenra idade; vagueiam pelas ruas e pelas praças, brigando, blasfemando, roubando. Para eles foram iniciadas aulas durante o dia no Oratório de São Francisco de Sales e também no de são Luís. Seu comparecimento é bastante numeroso em ambos os oratórios e mediante o cuidado de mestres perspicazes e caridosos foram obtidos resultados bastante satisfatórios em favor da moralidade e da disciplina. Vários deles foram admitidos nas classes municipais, outros nas classes noturnas, alguns foram confiados a patrões.

[48] Ferrante Aporti (1791-1858), sacerdote e pedagogista mantuano, o primeiro na Itália a abrir em 1828 asilos infantis. As lições ministradas em Turim em 1848 na Escola Superior de Método Normal chamaram sobre ele as atenções do público, tanto que depois da guerra de 1848 ele se refugiou na cidade, foi feito senador e assumiu cargos importantes nas instituições culturais de Turim.

[49] Jorge Bellono (1806-1852), prefeito da cidade de 1850 a 1852.

Casa do Oratório de São Francisco de Sales. Entre os jovens que frequentam esses oratórios há os que são de tal modo pobres e abandonados que é quase inútil qualquer cuidado se não tiverem um lugar onde possam morar, comer e se vestir. Procurou-se atender a essas necessidades com a casa anexa, dita também Oratório de São Francisco de Sales. Ali, no princípio, se alugou uma pequena casa em 1847 e se começou a recolher alguns dos mais pobres. Naquele tempo eles iam trabalhar na cidade, voltando para a casa do Oratório para comer e dormir. Mas a grave necessidade que se manifestou em várias localidades da província nos levou a aceitar também os que não frequentavam os oratórios de Turim.

Uma coisa chamou a outra. Os jovens abandonados pululavam por toda parte. Então se definiu um critério para aceitar somente os que estivessem entre os dezoito e os doze anos, órfãos de pai e de mãe, totalmente pobres e abandonados. Dado, porém, que ir à cidade trabalhar nos estabelecimentos públicos redundava em más consequências, foi ampliado o espaço existente ao levantar um novo prédio; atualmente (os internos somam setecentos) as oficinas estão todas naquela casa. As profissões em que se se treinam os jovens são: alfaiataria, sapataria, encadernação, marcenaria, tipografia; há também o estudo para os que, tendo comportamento moral e especial inclinação para as ciências, se mostram aptos para isso.

O grande desejo que muitos mostraram de seguir os cursos científicos regulares fez com que abríssemos algumas exceções quanto às condições de aceitação. Assim, para o estudo se aceitam também jovens não abandonados e não totalmente pobres, contanto que tenham conduta moral e aptidão para o estudo, a ponto de dar firme esperança de terem um êxito honroso e cristão numa carreira científica.

Administração. Nesta casa há também um regulamento segundo o qual se fazem todas as coisas. Há um reitor, do qual todos dependem; um prefeito que faz as vezes do reitor e que é o responsável pela contabilidade e pela correspondência; um diretor de estudos cuida das aulas, mantém contato com os professores, com os assistentes do estudo, com os catequistas, ou seja, com os diretores espirituais; um ecônomo que cuida das pessoas de serviço, da manutenção e em geral de toda a casa. Do ecônomo dependem também os chefes ou mestres de cada oficina.

Não há rendas ou entradas fixas. Por isso, a casa se mantém unicamente mediante a beneficência, em geral de doadores particulares. O município costuma fazer uma doação anual de 300 francos para a iluminação e a lenha*

* Para aquecer as caldeiras de aquecimento do prédio durante o inverno.

para as aulas noturnas no tempo de inverno. Não é possível calcular a despesa precisa de toda a casa ou de cada pessoa, mas é possível estabelecer para cada pessoa uma média de 60 centavos por dia, compreendendo todas as despesas. A igreja, os prédios, o lugar para a casa e Oratório de Valdocco são propriedade do sacerdote Bosco. Os de Porta Nuova e Vanchiglia são alugados.

Resultados. Para conhecer os resultados obtidos por essas aulas, pelos oratórios e pela casa dita Oratório de São Francisco de Sales é preciso dividir os jovens em três grupos: os transviados, os levianos e os bons. Os bons se conservam e progridem no bem de forma maravilhosa. Os levianos, isto é, habituados a andar por aí e trabalhar pouco conseguem até um bom resultado com o trabalho, a assistência, a instrução e a ocupação. Os transviados dão muito trabalho; se se consegue fazer com que eles tenham um pouco de gosto para trabalhar, em geral são conquistados por nós.

Com os meios acima indicados foi possível obter alguns resultados conforme segue: 1° que não fiquem piores; 2° muitos criam juízo e por consequência começam a ganhar seu pão honestamente; 3° mesmo aqueles que sob vigilância pareciam insensíveis, com o tempo se tornam, senão completamente, pelo menos em parte mais acessíveis. Deixa-se para o tempo que os bons princípios que tiveram oportunidade de conhecer quanto à maneira de como se deve proceder produzam seus frutos.

Por isso, todos os anos foi possível colocar mais de uma centena de jovens junto a bons patrões, dos quais aprenderam algum ofício. Muitos voltaram para as próprias famílias, donde tinham fugido, e agora se mostram mais dóceis e obedientes. Não poucos foram postos a servir em famílias honestas.

Os jovens que anualmente saem e entram para o internato deste Oratório se aproximam de trezentos. Vários são assumidos pela banda da guarda nacional ou pela banda militar; outros continuam no serviço que aprenderam no estabelecimento; alguns vão servir na casa de famílias honestas; um número até significativo se dedica ao ensino. Estes, superados os exames exigidos, ou ficam aqui em casa ou vão como professores em localidades que os solicitam. Alguns assumem carreiras civis.

Entre os estudantes, muitos enveredam pela carreira eclesiástica. Estes, terminado o curso ginasial, em geral são encaminhados aos próprios bispos, que assumem amorosamente os cuidados a fim de assisti-los e fazê-los continuar na carreira que aspiram. Entre eles, escolhe-se um grupo dos que permanecem nesta casa como professores, ministram catecismo nos oratórios, prestam assistência nas diversas oficinas e nos dormitórios. Chegando ao sacerdócio, vários

continuam a exercer o ministério sagrado em favor dos jovens aqui internados ou que frequentam os demais oratórios da cidade. Outros seguem as próprias inclinações e vão desempenhar o tipo de ministério para o qual seus superiores eclesiásticos os julgarem idôneos.

Uma pessoa muito benemérita dos oratórios e desta casa é o padre Vitório Alasonatti[50], que por muitos anos consagra incansavelmente suas energias a estas obras de beneficência.

Em todo o pessoal desta casa e de todos os oratórios, compreendendo também as pessoas de serviço, não há absolutamente ninguém que seja remunerado, mas cada qual colabora gratuitamente.

14. Ao provedor dos Estudos de Turim, Francisco Selmi

Edição crítica em E(m) I, pp. 541-543.

Turim, 4 de dezembro de 1862

Ilustríssimo senhor provedor[51],

Respeitosamente exponho a vossa senhoria ilustríssima a maneira como, ao desejar promover a instrução secundária entre a classe menos favorecida do povo, comecei os cursos ginasiais para os jovens pobres acolhidos nesta casa, a fim de providenciar, no caso de alguns, por meio das artes ou ofícios, no de outros, mediante o estudo, um meio para que cada um ganhe honestamente o próprio pão.

No passado, o ensino sempre se adaptou aos programas e às disciplinas governamentais. Mas agora, desejando obter uma aprovação regular destas escolas, peço-lhe respeitosamente, ilustríssimo senhor provedor, queira aprová-las como instituto particular, de acordo com a norma do artigo 246 da lei da Instrução Pública[52].

[50] Padre Vitório Alasonatti (1812-1865), primeiro prefeito do Oratório de Valdocco (desde 1854) e da Sociedade Salesiana (desde 1859 até a morte).

[51] Francisco Selmi (1817-1881), ex-provedor dos Estudos em Brescia, em 1862 assumiu o mesmo encargo em Turim. Foi também diretor-geral do ministério da Instrução Pública. Sucessivamente deixou os compromissos administrativos para assumir a cátedra de química e farmácia na Universidade de Bolonha.

[52] O artigo previa a possibilidade de abrir escolas particulares em determinadas condições, tanto para os professores quanto para os programas de ensino, ou então para a possibilidade de inspeções ministeriais.

O ensino será conforme os programas e as disciplinas governamentais, em conformidade com o artigo citado e da maneira como até agora temos feito.

Quanto aos professores

Para a 1ª ginasial, eu proporia o padre Vitório Alasonatti, com certificado para a quarta latina, segundo a antiga nomenclatura.

Para a aritmética, o padre Ângelo Savio, professor com certificado para a 4ª elementar.

Para a 2ª ginasial, o clérigo João Anfossi.

Para a 3ª ginasial, o clérigo Celestino Durando.

Para a 4ª ginasial, o clérigo Francisco Cerrutti.

Para a 5ª ginasial, o padre João Francesia[53].

Para estes quatro últimos não possuo outros títulos senão a declaração dos seus professores, dado que, além das aulas que há seis anos frequentam na respectiva classe, cursaram também as lições de letras gregas e latinas na nossa régia universidade. Os jovens seus alunos obtiveram com eles muito bons resultados. Ninguém é remunerado e todos esses professores se afadigam somente em nome da caridade. Para estes últimos quatro anos peço autorização provisória, reservando-me, segundo o tempo que me será estabelecido, apresentar os mesmos ou então outros, mas com os títulos exigidos pela lei[54].

Os estudos estariam sob a direção do benemérito senhor professor de retórica, padre Mateus Picco[55], como estiveram até agora.

Noto aqui de passagem que o escopo desta casa é o de que estas escolas ginasiais sejam uma espécie de pequeno seminário, onde possam encontrar

[53] Somente o segundo, João Anfossi (1840-1913), deixará a Congregação Salesiana em 1864 para entrar na diocese, ficando sempre muito afeiçoado a Dom Bosco. Ângelo Savio (1835-1893) por muitos anos foi ecônomo-geral da Congregação Salesiana, antes de partir como missionário para a América Latina onde faleceu. Os clérigos Celestino Durando (1840-1907), Francisco Cerruti (1844-1917) e João Batista Francesia (1838-1930) se tornaram sacerdotes, escritores e membros importantes da Sociedade Salesiana, assumindo encargos de responsabilidade.

[54] Dom Bosco parece querer inserir as suas classes ginasiais no sistema privado, conforme as leis vigentes (veja n. 11), mas depois se considerará isento de algumas obrigações dessas leis (como os títulos legais dos professores). A ambiguidade da sua posição, à qual não foi dada importância por uns quinze anos por causa do apoio de ministros complacentes e provedores benévolos, seria denunciada no final dos anos Setenta, com subsequente decreto de fechamento da escola (veja n. 21).

[55] Mateus Picco (1812-1880), sacerdote, professor de escola particular na própria casa.

um meio para fazer os próprios estudos os jovens que têm o mérito de uma boa inteligência e da virtude, mas que são privados de meios econômicos ou dispõem deles em medida muito restrita.

Cheio de confiança de que minha humilde solicitação seja levada em conta, considero para mim uma honra poder declarar-me

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

15. Ao ministro do Interior, Ubaldino Peruzzi

Edição crítica em E(m) I, pp. 583-584.

[Turim, maio-junho de 1863]

Excelência[56],

Embora eu esteja tranquilo a respeito do que vossa senhoria ilustríssima me disse, isto é, que aparecendo qualquer observação sobre esta casa haveria de comunicá-la diretamente a mim, todavia, tendo-me transmitido algumas informações que lhe foram passadas por outros e que já se tornaram públicas mediante alguns jornais, creio oportuno fazer alguma observação sobre vozes que vagamente e sem fundamento em sua origem chegaram a preocupar o provedor dos Estudos, o ministro da Instrução Pública e vossa senhoria pessoalmente. Exporei aqui os comentários feitos e darei resposta a eles.

1° Os estudos e o espírito dos nossos clérigos não está em harmonia com as atuais instituições governamentais.

R. Os tratados, os estudos e a disciplina dos clérigos são idênticos aos da diocese, e os nossos clérigos frequentam regularmente as aulas do seminário de Turim, com exceção de algumas instruções científicas que, não podendo receber no seminário, frequentam na nossa régia universidade. Creio que nisto não haja nada a reprovar.

[56] Ubaldino Peruzzi (1822-1891), ex-ministro das Obras Públicas, desde 9 de dezembro de 1862 tinha assumido o ministério do Interior. Dom Bosco defende o próprio livro de *História da Itália* (publicado em quarta edição em 1863) também numa carta ao ministro da Instrução Pública (cf. E[m] II, pp. 584-585).

2° Não há o retrato do rei.

R. Eu poderia dizer-lhe que não há nem mesmo o do papa e do bispo: não há nenhuma lei que mande ou aconselhe isto. Mas eu posso dizer outras coisas: digo que este segundo comentário está totalmente privado de qualquer fundamento. O retrato do rei se encontra em diversas salas; nas três salas da administração há um retrato representando a imagem do nosso soberano. Aliás, esta imagem está em milhares de jovens que, ao sair desta casa, agora servem honradamente a pátria nas fileiras do exército; está no coração dos jovens desta casa que toda manhã e toda noite fazem orações especiais em comum pelo seu soberano e por quem, com ele, se ocupa do bem do Estado.

3° Mas a História da Itália *não está de acordo com o espírito que se deseja.*

R. Essa *História da Itália* não é um texto de aula. Além disso, eu a escrevi a convite do ministro da Instrução Pública, foi impressa sob seus olhos e me presenteou com 300 francos pela primeira cópia que lhe enviei. Foi reimpressa quatro vezes, mas sempre sob os olhos do ministro, o que não é muito, mas com decreto especial ele reconhecia, ou melhor, incluía meu livro entre os livros premiados. É verdade que nas edições anteriores havia algumas expressões a serem modificadas após os acontecimentos de 1860-1-2. Essas expressões foram modificadas, como qualquer um pode ver na quarta edição que foi publicada neste ano. Caso ainda haja alguma coisa que merece desaprovação, que seja dita, e na próxima edição será corrigida.

Quanto ao mais, faz 23 anos que emprego minha vida e minhas posses no ministério sagrado, na presença de todos. As praças, as ruas, as prisões, os hospitais foram os lugares do meu trabalho. O que eu disse, o que fiz, o que escrevi, tudo foi sempre público, e nenhum funcionário particular ou público dos que nos anos passados ocuparam o poder, pôde dizer alguma coisa que merecesse censura quanto ao meu agir.

Atualmente eu não peço ao governo emprego, nem honras, nem dinheiro; peço somente seu apoio moral e sua ajuda para que, de comum acordo, eu possa promover e desenvolver uma obra que busca unicamente impedir que os jovens abandonados acabem povoando os cárceres, e que aqueles que de lá saíram não tenham que retornar. O que me parece ser tudo do interesse do governo.

[Sac. João Bosco]

16. Primeira circular para recolher fundos para construir a igreja de Maria Auxiliadora

Edição crítica em E(m) II, pp. 41-44.

[Turim, metade de março de 1864]

Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis. (Ladainhas lauretanas).
Tu nos ab hoste protege et mortis hora suscipe. (Liturgia da Igreja).
Maria, Auxílio dos Cristãos, rogai por nós.
Na última hora da nossa vida, mãe, concedei-nos do céu a vossa ajuda.

Benemérito Senhor[57],

Enquanto a cidade de Turim vai crescendo cada dia mais e a sua população aumenta continuamente, cresce também a necessidade de novos edifícios consagrados ao exercício da nossa religião. Entre as diversas partes da cidade, esta necessidade se faz sentir vivamente no bairro chamado Valdocco (1), onde, em meio a mais de 20.000 habitantes, não há outra igreja de certa capacidade a não ser a igreja paroquial de Borgo Dora (2) que, todavia, não pode conter mais do que 1.500 pessoas.

No distrito dessa paróquia existem também as modestas igrejas da Pequena Casa da Divina Providência e do Oratório de São Francisco de Sales que, nos dias festivos, se abrem para o público, mas tanto uma como outra não são suficientes para o serviço das numerosas comunidades para as quais elas foram construídas, sobrando somente alguns poucos lugares para quem vem de fora.

Desejando dar uma resposta às urgentes necessidades dos moradores de Valdocco e de muitos jovens que nos dias festivos vêm ao Oratório de várias partes da cidade e que não podem caber na igrejinha atual, decidi construir uma igreja bastante espaçosa, capaz de corresponder a este duplo escopo e que com o tempo possa também ser erigida em paróquia, quando a autoridade eclesiástica julgar oportuno. Um engenheiro benemérito fez a planta em forma de cruz latina, que já foi aprovada pela autoridade competente; o espaço interno será de aproximadamente 1.000 metros quadrados, as despesas chegarão perto de 200.000 liras.

A igreja surgirá na rua Cottolengo, numa área que foi adquirida pela liberalidade de algumas pessoas piedosas e que é próxima do atual edifício do

[57] Outros apelos à beneficência foram feitos durante o triênio da construção da igreja (1865-1868).

Oratório de São Francisco de Sales. As escavações já terminaram e se começou a colocar os alicerces.

A fim de levar a termo esta pia obra, não dispondo dos meios necessários, não posso deixar de colocar toda a minha confiança nas mãos da divina Providência e recomendar-me à caridade dos devotos de Maria, entre os quais penso que possa com razão incluir também vossa senhoria.

Digo dos devotos de Maria, porque, precisamente para honra da imaculada Mãe de Jesus Cristo sob o título de *Auxilium Christianorum*, isto é, auxílio dos cristãos, se há de levantar este edifício sagrado.

Enquanto se espera que será para muitas pessoas instrumento de salvação eterna, será também um tributo da nossa gratidão a Maria Santíssima pelos benefícios recebidos e um convite para que esta nossa mãe piedosa sempre nos proteja no futuro e nos ajude a manter em nossa cidade a fé e a prática de todas as virtudes cristãs.

Recorro, pois, humildemente, à sua pessoa. Qualquer soma de dinheiro, qualquer objeto, mesmo material de construção, será recebido com vivo reconhecimento. Serão necessários três anos para realizar esta obra, por isso, vossa senhoria, se não puder ajudar neste momento, talvez possa colaborar mais tarde.

Envio algumas fichas para vossa senhoria e para as pessoas caridosas às quais julgar oportuno propor este tipo de obra de beneficência.

Se alguma ficha estiver marcada conforme o módulo anexo, queira, por favor, encaminhá-la ao meu endereço para facilitar os trabalhos em curso.

Caso não tiver outro meio para fazer chegar à destinação o que sua caridade lhe inspirar, poderia fazê-lo por meio de um vale postal, que é um meio seguro.

Tenho viva esperança de que o que vossa senhoria está para fazer neste caso excepcional, certamente lhe merecerá copiosas bênçãos da Bem-aventurada Virgem Maria nas coisas espirituais e também nas temporais.

Finalmente, peço-lhe queira perdoar-me benevolamente o incômodo que lhe causo e acolher meus votos de todos os bens do céu, enquanto com a mais profunda gratidão considero ser para mim uma grande honra poder professar-me

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

Qui elucidant me, vitam aeternam habebunt (Eclo 24, 31). Domus Dei aedificetur in loco suo (Esd 5).

Maria diz: Os que são meus devotos possuirão a vida eterna. A casa do Senhor seja edificada em lugar oportuno.

1. Este quarteirão se chama Valdocco, das iniciais *Val Oc. Vallis occisorum*, isto é, *Vale dos que foram mortos*, nome que antigamente era dado a este vale pelo fato de ter sido aqui que foram martirizados os santos Aventor e Otávio. Eis a razão pela qual esta parte da cidade parece tão abençoada por Deus, repleta como é de tantos institutos pios e caridosos.

2. Da igreja paroquial de Borgo Dora, traçando uma linha até as igrejas da Consolata e de São Donato; depois indo na direção da régia fábrica de armas até o rio Dora, há um território coberto de casas, onde moram 35.000 habitantes, para os quais não há uma igreja pública.

II. EXPANSÃO GEOGRÁFICA NACIONAL E INTERNACIONAL DA OBRA SALESIANA

De 1863 para frente, a Obra Salesiana surgida em Valdocco e contando com outras presenças oratorianas em Turim, se estendeu rapidamente, como já se acenou, mediante numerosas fundações, primeiro na Itália – Piemonte, Ligúria (n. 18), sucessivamente em outras regiões – e finalmente na França e na América Latina (nn. 21, 24, 25, 27).

Este amplo desenvolvimento foi favorecido pela nova reforma escolar na Itália (1864), pelas dificuldades que afetaram os seminários diocesanos, pelos contínuos pedidos de uma obra educativo-escolar salesiana em localidades italianas, francesas (1875) e espanholas (1887), e também após a difusão da imagem positiva de "uma Congregação nova para tempos novos", como era vista em muitos lugares a Sociedade de São Francisco de Sales. A aprovação definitiva das Constituições Salesianas (1874) acabou por encorajar a abertura de novos horizontes carismáticos em terras de missão da América do Sul (1875).

Obviamente, a rápida expansão foi possível particularmente pelo crescimento vocacional, tanto masculino quanto feminino, compreendendo também as vocações adultas (n. 20). Quanto às Filhas de Maria Auxiliadora, o fundador se interessou particularmente pela aquisição da futura casa-mãe de Nizza Monferrato (n. 22).

Dom Bosco procurava encorajar a todos com uma nova narração da história do Oratório (n. 17) e mediante cartas circulares.

Uma entusiasta, ampla e muito articulada exposição de Dom Bosco à Santa Sé sobre o estado moral e material da Sociedade Salesiana, de março de 1879 (n. 24), que enumerava todas as obras salesianas do momento e aquelas em vias de fundação, suscitou preocupação e consequente pedido de esclarecimentos por parte das autoridades pontifícias, a quem o fundador procurou responder com grande cuidado (nn. 25, 26).

Ao mesmo tempo, o papa Leão XIII lhe confiou a construção da igreja e da obra anexa do Sagrado Coração na nova capital do reino da Itália (n. 28). Por outro lado, na velha capital, Turim, mediante recursos junto a todas as instâncias judiciárias do país, se pretendia fechar as escolas ginasiais de Valdocco (n. 23) e até mesmo "despejar" os jovens que ali viviam.

Estes jovens sempre conservaram grata recordação da sua casa de educação, tanto que, ao se tornarem ex-alunos, muitos costumavam ir todos os anos a Valdocco celebrar o onomástico de Dom Bosco e receber dele alguma palavra de estímulo (n. 29).

Na expansão fora do Piemonte e para além das fronteiras italianas, a Obra Salesiana teve que enfrentar dificuldades, hostilidades e sofrimentos. Na Itália, da segunda parte dos anos Setenta para frente, teve que se confrontar com políticos abertamente laicistas e não raramente anticlericais – e, apesar disto, não hesitou em entrar em contato com eles e também em pedir-lhes ajuda econômica e proteção, dada a vasta ação dos salesianos na tutela dos emigrados italianos (n. 27).

Na França, fundou as suas casas em tempos da Terceira República, que caminhava para uma política adversa às congregações religiosas (diversamente da Espanha da restauração burbônica). Nos novos estados liberais da América do Sul teve que tratar com governos e autoridades locais que não hesitaram em romper traumaticamente as relações diplomáticas com a Santa Sé e a legislar em chave anticlerical e maçônica. Para tudo isso, logicamente, só se pode remeter aos estudos da Obra Salesiana em cada país[58] *e de cada casa salesiana, além de algum volume de síntese*[59]*. Para o desenvolvimento missionário em particular, vejam-se mais para frente os documentos da seção correspondente*[60]*.*

17. Conferência aos salesianos sobre a história do Oratório

ASC A0040605 *Cronaca dell'anno 1864*, manuscrito de João Bonetti, pp. 9-22 (Cf. MB, II 406-407).

Na noite de 8 de maio de 1864, reunida a comunidade para uma conferência, Dom Bosco começou a dizer: já faz certo tempo que eu queria contar de maneira completa a razão de ser da nossa Sociedade. Nas conferências anteriores falamos do objetivo, do método para alcançá-lo, mas nunca cheguei a esclarecer tudo plenamente.

Em primeiro lugar quero dizer que tenho a intenção de obrigar cada irmão a não falar nada do que direi agora com ninguém que não pertença à nossa Sociedade, mesmo se depois vier a deixá-la. Eu não conseguia me convencer a relatar essas coisas, por isso, rezei, e desde algum tempo para cá, esse

[58] Para a Itália, podem ser úteis os dados estatísticos publicados por ocasião do 150° aniversário da Obra Salesiana: Francesco Motto (editor), *Salesiani di don Bosco in Italia. 150 anni di educazione*. Turim, LAS 2011; Grazia Loparco - Maria Teresa Spiga, *Le Figlie di Maria Ausiliatrice in Italia. Donne nell'educazione*. Roma, LAS 2011.

[59] Por exemplo, Arthur J. Lenti, *Don Bosco. History and spirit.* Vol. 5. *Institutional expansion* e Vol. 6 *Expansion of the Salesian work in the New World and Ecclesiological confrontation at home*. Edited by Aldo Giraudo. Roma, LAS 2009.

[60] Veja nn. 91-107.

pensamento não me sai da cabeça, de tal modo que, convencido de que isso pode ser para a maior glória de Deus, esta noite resolvi dizer-vos tudo[61]. Pois bem, vou começar.

Desde a minha juventude eu me sentia inclinado a entreter-me com os meus colegas e com outros meninos, contava-lhes episódios, ensinava-lhes o catecismo. Assim, atraindo-os com brinquedos que eu guardava na minha casa, depois de divertir os amigos por algum tempo, subia num banquinho e dali eu lhes falava palavras de encorajamento, contava-lhes parte de algum sermão que eu tinha ouvido, fazia-os recitar o santo terço, cantar as ladainhas. Para participar desses encontros na frente da minha casa, na eira, nos dias santos, vinham não somente meninos, mas também jovens de 18, 20 anos, e eu ficava admirado ao ver como muitos eram ignorantes das coisas da nossa fé, como se comportavam mal na igreja e aprontavam outras desordens próprias dessa idade.

Quando fui para o colégio, continuei a fazer o mesmo. E constatei a necessidade de me entregar ao cuidado da juventude especialmente quando, mais tarde, já como padre, estive em Turim, onde pude falar com diversos jovens que eu encontrei, os quais, embora mais adultos, eram ignorantes das coisas da fé. Comecei a convidá-los para me visitarem, e eles, em certas horas dos dias santos, vinham me procurar no Colégio Eclesiástico e ali eu os instruía, confessava, advertia; eles me amavam e eu os amava também.

Depois eu fui para o Refúgio e ali continuei a ocupar-me com a sua instrução; o seu número já tinha aumentado bastante. No sábado à noite vinham se confessar ou então na manhã seguinte ou nas festas; rezávamos a missa, depois dávamos instrução religiosa, à tarde ensinávamos catecismo; muitos padres me ajudavam e a coisa ia bastante bem.

Chegou, porém, o momento em que tive que abandonar o Refúgio, pois a marquesa queria que esse lugar fosse só para as meninas. Nós não tínhamos para onde ir e fazer as nossas reuniões, o catecismo; estávamos sem igreja. Procuramos um lugar e o encontramos, mas só podemos usá-lo duas ou três vezes, pois N. N. nos fez fugir, dizendo que não podia suportar aqueles meninos que gritavam demais, inventando também muitas calúnias; insultando-nos, nos abrigou a buscar outro lugar; aquele senhor, porém, um dia depois, vítima de um problema de saúde, em pouco tempo passou para a outra vida.

Então procuramos o cemitério, mas o capelão o colocou à nossa disposição somente por algum tempo, e depois foi se queixar também ele e nos fez

[61] Também as outras versões da mesma história do Oratório eram de ordem reservada: veja nn. 10, 13 e a IV parte.

fugir de lá. Ocorreu, porém, que, vitimado por um problema de saúde, depois de dois dias morreu.

Estávamos sem lugar nenhum e ninguém nos queria. Todavia, à vista dessas duas mortes ocorridas tão de repente com pessoas que nos perseguiam daquela forma, concluímos que Deus estava conosco. Não que eu me alegrasse com o mal dos outros, mas me convenci de que Deus queria assim, que ninguém nos atormentasse. Entretanto, eu estava angustiado.

Quando, de repente, recebi uma visita; então eu vi, não muito longe do Refúgio, uma casa que me foi indicada como destinada para mim e para meus jovens.

No dia seguinte, de manhã, eu disse ao teólogo Borel: em breve teremos um lugar. Um dia depois eu lhe contei onde era. Fomos logo vê-lo. Chegando lá, percebi que era uma casa infame, lugar de imoralidades. Fiquei mortificado e disse: essas são ilusões diabólicas, e corei de vergonha por ter acreditado tão depressa. Não disse mais nada. Continuamos da melhor maneira possível a fazer os nossos encontros, ora num lugar, ora noutro, a confessar e a pregar; para a missa íamos à igreja da Consolata.

De repente, outra visita que me mostra a mesma casa. Então pensei: irei lá amanhã, e de fato fui, mantendo-me a certa distância; e chorava, pois não podia me convencer de que teria de ir para aquele lugar infame. Então eu disse: é tempo de rezar a fim de que Deus se digne iluminar-me para sair de toda essa embrulhada.

E eis uma terceira visita, na qual me foi mostrada a mesma casa; desta vez eu ouvi uma voz que me disse: "Não tenha medo de ir para essa casa. Não sabe que Deus, com os despojos e as riquezas dos egípcios, pode adornar e enriquecer o seu povo?".

Então fiquei contente e busquei um meio de adquirir aquela casa; quando, de repente, o dono do prado no qual costumávamos ir veio me procurar e me disse que não queria mais que eu ficasse no prado com os jovens, pois eles pisoteavam de tal modo a grama que nem mais conseguia rebrotar. Eu lhe recordei o contrato que tínhamos feito; ele, porém, me disse que até perdoava o aluguel, mas que não queria mais que fizéssemos ali os nossos encontros.

Então fiquei de novo sem um lugar. Entretanto, no dia seguinte, se apresenta a mim o dono da casa que eu tinha visto e me disse: "Sei que o senhor procura uma casa para fazer um laboratório; pois bem, se quiser alugar a minha, eu alugo". "Precisamente, procuro uma casa para fazer um oratório". "Sim, um laboratório, acrescentou o bom homem". "Não, não laboratório; um oratório; "Sim, sim; oratório, laboratório, é tudo a mesma coisa".

Então eu me convenci sempre mais de que aquela era a vontade de Deus e fui visitar a casa por dentro; vi que era mal distribuída, com o teto baixo, de tal modo que não servia para capela. Eu disse: "É um pouco baixa para fazer dela uma igreja". "Mas quer fazer aqui uma igreja?", o outro perguntou. "Sim", e ficou muito contente. Então começamos a rebaixar o chão por mais de um metro, dado que não era possível levantar o teto, e assim demos um jeito, em pouco tempo tivemos a nossa igreja. Grandes contrastes.

De repente, uma quarta visita me mostrou a casa em tudo como ela é atualmente, com a igreja, com o altar-mor no lugar onde se encontra hoje; sobre ele estava escrito em caracteres cubitais: *Haec est domus mea; inde exibit gloria mea*. Tudo isto estava impresso na minha mente de tal forma e eu estava tão persuadido da realidade do que vi que dizia francamente a todos: "Daqui a algum tempo terei uma casa bonita e espaçosa, com a nossa igreja bastante grande para conter um grande número de jovens".

Assim, um dia, eu me encontrava sobre um montículo de terra com os jovens ao meu redor e eu lhes disse: "Neste mesmo lugar onde agora estou ficará o altar-mor da nossa igreja", e assim foi. Quando o arquiteto tomou as medidas, sem que eu mencionasse nada absolutamente, ele disse: "Aqui vai ficar o altar-mor", e indicou aquele mesmo lugar em que alguns anos antes eu tinha dito aos jovens: aqui ficará o altar-mor.

Eis, porém, uma quinta visita. Nesta, uma pessoa me conduziu a um lugar onde havia uma bela estrada, toda coberta de rosas, não só no chão, mas também por cima, em forma de arco, e nos lados, de tal modo que por toda a parte só se viam rosas; eram tão bonitas que eu jamais vira coisa igual. Essa pessoa me disse: caminha. Eu então não quis pisar com os sapatos naquelas rosas tão bonitas, por isso, tirei-os.

Todavia, dei apenas um ou dois passos e tive logo que recuar, pois espetei meu pé com um espinho que me provocou fortíssima dor; assim, observei que por baixo daquelas rosas belíssimas se escondiam muitos e agudos espinhos; não somente no chão, mas também por todos os lados. Então eu disse: "Mas aqui é preciso pôr os sapatos"; os outros que olhavam para mim responderam: "Certamente, é preciso calçar os sapatos". E assim fiz. Estavam comigo muitos padres e outras pessoas. Aí comecei a caminhar; apesar de todos os cuidados, de quando em quando eu era espetado de um lado ou de outro por aqueles espinhos pontiagudos; apesar disso, cheguei ao fim do caminho.

Então me virei e vi que todos os meus companheiros tinham desaparecido. Fiquei muito triste e logo voltei para trás a fim de ver o que faziam e onde estavam, mas não vi mais ninguém. Comecei a chorar copiosamente e dizia: "Será possível que todos me abandonaram e que eu tenha que ficar sozinho

nesta estrada?". Mas, eis que enquanto eu me queixava e chorava, vejo um grande número de padres, clérigos e outras pessoas que vinham ao meu encontro. Chegando perto, disseram: "Aqui estamos nós, prontos para segui-lo; dê ordens, que nós obedeceremos". Então eu me tranquilizei e lhes disse: "Pois bem, se estiverem dispostos a percorrer comigo esta estrada, comecem a caminhar"; e todos enveredaram por aquele caminho enquanto eu vinha atrás deles.

Poucos desistiram e voltaram para trás. A maior parte deles, contentes e corajosos, chegou até o fim, inclusive eu. Aqui, de repente, vimos uma sala muito espaçosa, magnífica, onde havia rosas belíssimas; notei que nenhuma tinha espinhos e que exalavam uma fragrância muito suave. Então aquela pessoa que me acompanhava disse: "Compreendeste tudo?". "Não, respondi, peço-lhe que me explique tudo".

Então começou a falar: "Pois bem, sabe que esta estrada significa o cuidado que deves ter da juventude. Tu deves caminhar por esta estrada com os sapatos, ou seja, com a mortificação. As rosas que viste são o símbolo da caridade ardente que deve distinguir a ti e a todos os teus colaboradores na educação da juventude. Os espinhos significam os obstáculos, os sofrimentos que deverás suportar neste trabalho. Mas não deves perder a coragem; mediante a caridade e a mortificação, vós todos havereis de superar tudo. E no fim chegareis a ter rosas sem espinhos, como vistes naquela sala magnífica aonde chegastes". Então eu me encontrei no meu quarto, sozinho, acordado, como estou agora.

Chegou, porém, o tempo das provações, o ano de 1848; meus colaboradores começaram a ditar normas que eu não aprovava. Queriam levar os jovens para as praças e que nós também gritássemos: "Viva a Itália"; alguns começaram a pregar essas coisas também aos jovens, de tal modo que, no fim, fui obrigado a subir ao púlpito e desdizer tudo o que tinha ouvido e a dizer-lhes que não voltassem mais, que eu não precisava da sua ajuda. Os poucos que sobraram vieram ter comigo, envenenados pelos mais arrogantes; entretanto, eu estava sozinho.

Aconteceu ainda que eu sempre repetia com ênfase que via uma casa grande e bonita, com uma igreja espaçosa; de tal modo que, não somente riam de mim, como também alguns dos que me pareciam mais calmos e os meus amigos me chamaram à parte, aconselhando-me a ir para um sanatório, dizendo que, cuidando da doença no seu início, em pouco tempo eu poderia me curar e que aquelas ideias malucas passariam se eu ficasse longe dos problemas.

De minha parte, porém, a essas pessoas e a quem queria me persuadir, rindo de mim, respondia que eu sabia o que estava dizendo, que estava em plena posse de minhas faculdades mentais; e lhes repetia que não passariam muitos anos e tudo haveria de se realizar conforme eu dizia. Entretanto, eu tinha que fazer tudo sozinho: confessar, rezar missa, pregar, participar do recreio com os jovens, dar catecismo, cantar as vésperas, ministrar a instrução religiosa e dar a bênção do Santíssimo: não aparecia ninguém para me ajudar.

Todavia, com a ajuda de Deus, sempre fui para frente. Assim, comecei a ter jovens em casa, aos quais eu dava aula de latim; à noite, na hora do jantar, ensinava o canto gregoriano a alguns, a outros a música: eram cenas de se admirar, nunca vistas. Tudo me trazia conforto, pois eu via que não estava longe o tempo em que eu teria comigo jovens que saberiam ensinar essas coisas, inclusive a mim. Alguns clérigos formados por mim começavam a aliviar-me no serviço em alguns pontos.

Entretanto, a casa, que antes era somente alugada, foi comprada por mim com a ajuda de algumas pessoas caridosas; depois começamos a construir uma parte do prédio de... Em 1851 pusemos a pedra fundamental da igreja nova e tudo procedia bem. Alguns daqueles que me chamavam de doido, vendo as coisas caminharem, se juntaram a mim; um deles, dentre os mais esquentados, veio diversas vezes pregar nesta mesma igreja; ele costumava dizer com grande desafogo: "Eu é que era doido, não Dom Bosco". O arcebispo Fransoni[62] estava muito contente com a nossa obra; um dia ele me chamou e disse: "Dom Bosco, o senhor é mortal; convém pensar que também depois de sua morte a Obra dos Oratórios deve continuar". Eu então, desde aquele momento, comecei a pôr os alicerces de uma Congregação de pessoas que se consagrasse por inteiro ao bem da juventude.

Nesse ínterim, porém, chegaram tempos borrascosos e o arcebispo Fransoni teve que partir para o exílio. De lá, sempre continuou a nos proteger e a favorecer como podia. Ao mesmo tempo, eu precisava me aconselhar com alguma pessoa que pudesse me iluminar; por isso, resolvi viajar para Roma. Em Roma, fui visitar Pio IX, que depois de algumas palavras me disse: "Senhor padre Bosco, o senhor é mortal; já pensou em perpetuar a Obra dos Oratórios?". Garanto-lhes que eu me comovi até as lágrimas ao ouvir essas palavras do sumo pontífice, as mesmas que o arcebispo Fransoni me tinha dito. Eu respondi: "Vim a Roma, santo padre, precisamente por este motivo"; e nos pusemos a conversar longamente; uma vez ficamos conversando quase uma hora e meia sobre essas coisas, quando ele mesmo me disse como eu deveria

[62] Luís Fransoni (1789-1862), arcebispo de Turim desde 1831 até a morte, foi expulso pelo governo e exilado em Lião em 1850, mas continuou a governar a diocese por meio do seu vigário-geral. Teve grande confiança em Dom Bosco, apoiando-o particularmente nos momentos iniciais e decisivos da sua obra.

pôr as bases para este projeto. Então eu contei para o papa tudo o que contei para vós. Ninguém jamais soube de nada, a não ser o papa.

Agora, alguém poderá dizer: mas tudo isso é para a glória de Dom Bosco. Não, absolutamente: a mim toca somente prestar contas tremendas a Deus de ter agido em tudo segundo a vontade divina. Convencido de que este era um projeto de Deus que se dignou mostrá-lo com antecedência, sempre fui da opinião de que se poderia torná-lo realidade. É bem possível que alguma vez eu tenha cometido imprudências; não quero agora apresentá-las aqui; mas faço sempre e sempre fiz tudo para buscar esse fim; nas aflições, nas tribulações, nas perseguições, sempre recebi forças do alto, jamais desanimei, pois o Senhor sempre esteve conosco e sempre estará, se nós, com boa vontade, pela mortificação e pela caridade espiritual, nos esforçarmos para educar e levar a ele as almas e os jovens.

18. Convênio entre a junta municipal e Dom Bosco para a abertura de um colégio de internos em Alassio (1870)

Arquivo Municipal da cidade de Alassio, *Registro deliberazioni* [63]; edição em MB IX, 875-877.

No ano do Senhor de mil oitocentos e setenta, no dia primeiro do mês de junho, em Alassio, na sala consular. Estão presentes os senhores: 1° P. Lázaro Brea, prefeito e presidente; 2° Conde G. Batta Morteo; 3° Francisco Biancardi, com a intervenção do reverendo padre João Bosco.

Reunida como acima a Junta municipal, o presidente expõe que o objetivo da presente reunião é o de elaborar o projeto de convênio relativo à abertura de um colégio de internos nesta cidade de Alassio, projeto apresentado pelo reverendo sacerdote João Bosco, já deliberado por este Conselho na sua ordem do dia de dois de dezembro de mil oitocentos e sessenta e nove e aprovado pelo Conselho escolar da província de Gênova, com seu decreto de 30 de março de 1870. Convida, pois, a citada Junta a comparecer para esse ato.

A Junta municipal:

[63] Após a breve experiência de gestão do seminário de Giaveno (1859-1862), a abertura dos colégios de Mirabello (1863), Lanzo Torinese (1864) e Cherasco (1869), Dom Bosco redigiu este convênio para a abertura da primeira casa salesiana na Ligúria. Aqui o publicamos como modelo de muitos outros convênios estipulados na Itália e no exterior, após longas tratativas com instituições locais, civis e eclesiásticas.

Atendendo ao convite feito e vista a ordem do dia de que se falou acima, com o respectivo decreto;

Depois de acertar com o citado Dom Bosco, em relação ao dito projeto, alguns acréscimos e supressões favoráveis ao município, além de alguns esclarecimentos oportunos;

Considerado o disposto pelo art. 93, n. 4, da lei municipal;

Chegou-se unanimemente a estabelecer com o mesmo Dom Bosco o convênio conforme segue:

Art. 1°. O sacerdote João Bosco se obriga pessoalmente, bem como seus herdeiros, a abrir um colégio de internos nesta cidade de Alassio, e a proporcionar a instrução clássica ginasial e elementar, tanto aos jovens da cidade quanto aos de fora que aqui quiserem estudar.

Art. 2°. O mesmo sacerdote Bosco providenciará cinco professores elementares distintos, munidos dos correspondentes títulos legais, e também docentes idôneos em número suficiente para as cinco classes ginasiais. Além disso, providenciará o curso técnico com o ensino da língua francesa e italiana, da geografia e da aritmética, repartido de modo que nas classes ginasiais corresponda ao que nesses ramos científicos é administrado no curso técnico e clássico, sem que o sacerdote Bosco seja obrigado a providenciar mais professores, além dos que são indicados para as classes do ginásio.

Art. 3°. A instrução das classes elementares e ginasiais será feita de acordo com as leis e a disciplina determinada pelos programas do ministério da Instrução Pública.

Art. 4°. Todas as despesas de móveis para o internato correrão por conta do sacerdote Bosco. Por sua vez, o município, enquanto proprietário do imóvel e em conformidade com o art. 1604 do *Código Civil* italiano se obriga:

1° A fazer todas as reformas necessárias para o uso e a manutenção do edifício e dos locais anexos.

2° A providenciar e manter nas classes, tanto elementares quanto ginasiais, os móveis e todo o necessário, do que conserva a propriedade.

Art. 5°. O município se obriga a pagar ao sacerdote João Bosco pelo pessoal docente das classes elementares e ginasiais até as duas retóricas inclusive, que ficarão por sua conta, nove mil liras anuais, além da cessão a seu favor da renda das taxas escolares de que se fala mais abaixo.

Art. 6°. Além disso, o município se obriga a conferir ao sacerdote Bosco um prêmio de duas mil liras, por cinco anos, para as despesas tanto da primeira instalação quanto da sucessiva manutenção do internato.

Art. 7°. O presente contrato terá a duração de cinco anos e considerar-se-á renovado, se uma das partes não desistir cinco anos antes.

Ocorrendo, por força maior, ser necessário desfazer o contrato dentro do primeiro quinquênio, o município não terá mais que pagar qualquer anuidade nem responder pelo prêmio nos anos sucessivos.

Art. 8°. Ocorrendo o caso de abrir um colégio provincial em Alassio, o sacerdote Bosco se obriga a ampliar o curso ginasial municipal até o número das classes do ginásio e também do liceu prescritas pela lei, prévio o devido entendimento com o Conselho provincial competente.

Art. 9°. O município concede de forma provisória ao sacerdote Bosco o uso do local do atual colégio para as aulas acima mencionadas, e para o internato o Palácio Durante com o pátio e o pequeno jardim anexo. Caso este edifício seja definitivamente destinado para internato e aulas, o município cederá também o jardim anexo ao dito edifício, atualmente sob os cuidados de João Schivo.

Art. 10°. Para as classes ginasiais, fica estabelecida, de acordo com as partes, uma taxa segundo as leis de ensino a ser imposta aos alunos, determinada pelo sacerdote Bosco; isto é, para as duas retóricas, o *maximum* não poderá exceder as trinta liras, e para as gramáticas, vinte e quatro liras. Os alunos de Alassio terão um desconto, isto é, o *maximum* para as duas retóricas fica fixado em vinte liras e para as gramáticas, em dezesseis liras. Os alunos pobres, reconhecidos tais pela Junta municipal, estão isentos. O município cuidará da isenção mediante apropriada intervenção através do exator. Os internos do colégio e indistintamente todos os alunos das classes elementares serão isentos de qualquer taxa.

Art. 11°. Declara-se lícito para todos os alunos externos frequentar os diversos ramos do ensino oferecido aos internos, contanto que se adaptem à disciplina e aos horários de cada classe.

Art. 12°. Para as questões de moralidade e instrução religiosa o município confia na prudência do sacerdote Bosco e do senhor pároco do distrito no qual se encontra o colégio.

Art. 13°. A direção e a administração do colégio de internos e das classes elementares são totalmente confiadas ao sacerdote Bosco, mas em dependência do delegado departamental, conforme o que prescrevem as leis vigentes da Instrução Pública.

Ele, porém, aceitará com a máxima gratidão qualquer aviso ou conselho que o prefeito e os responsáveis pelo município julgarem necessários para a utilidade científica, moral e sanitária do lugar, das classes e dos alunos que as

frequentam; desses assuntos, porém, se tratará com o sacerdote Bosco ou com quem o representar no colégio de internos de Alassio.

Art. 14°. As aulas serão iniciadas no princípio do ano escolar de 1870-1871.

De tudo foi redigida a presente ata que, após a correspondente leitura e confirmação, foi assinada.

Sac. João Bosco
B. L. Brea, presidente
G. B. Morteo, assessor senior
G. B. Armato, secretário
V. – Visto e aprovado

Gênova, 20 de junho de 1870,

O Prefeito presidente do Conselho de Segurança Pública

E. Mayr

Registrado em Alassio no dia 1º de julho de 1870, no Reg. 7, folha 67, N. 458, com o pagamento regimentar de cento e cinquenta e uma liras e oitenta centavos, conforme recibo assinado.

Morando, coletor
Para cópia correspondente para uso oficial
Alassio, 6 de julho de 1870
O secretário municipal
B. G. Armato

19. Circular para a "Igreja de São João Evangelista, com internato e escola para os meninos pobres, na alameda do Rei em Turim"

Edição crítica em E(m) III, pp. 261-262.

Turim, 12 de outubro de 1870

Na cidade de Turim, desde a praça das Armas até o rio Pó, há um território com cerca de três quilômetros de extensão, muito povoado, sem que para aqueles numerosos habitantes haja escolas para as crianças, nem igrejas para o culto religioso.

Como todos sabem, no meio daquela população, os protestantes ergueram seu templo, com internato, aulas e asilo infantil.

Ocorre, assim, que, pela lamentável falta de igrejas próximas e de escolas católicas e pela vizinhança do estabelecimento protestante, os pais de família enfrentam o grave e sério desafio de ter que enviar os próprios filhos às aulas e ao asilo dos protestantes, sob o falso pretexto de que a necessidade não tem leis.

Outrora havia o *Oratório São Luís,* com aulas e pátio para recreio, mas o prolongamento da rua São Pio V dividiu em dois esse local e assim tornou-se inviável para a finalidade desejada.

A fim de responder de alguma maneira à gravidade da situação, com a ajuda de pessoas caridosas foi comprado um terreno situado entre a citada rua São Pio V e a rua Dona Cristina, com a frente para a alameda do Rei.

A intenção é de construir ali uma igreja que possa servir também para os adultos, com prédio bastante amplo para aulas, internato, pátio, onde se possa dar atenção aos meninos se divertindo nos dias festivos, preservando-os dos perigos da imoralidade e encaminhando-os para alguma arte ou ofício.

Com a ajuda da divina Providência os trabalhos já começaram; o muro em torno do terreno já está pronto; enquanto um benemérito engenheiro termina a planta da igreja e do edifício anexo, está sendo providenciado também o material necessário para a construção.

Vivemos tempos difíceis e a miséria que está por toda parte é um grande obstáculo para terminar uma obra desse tipo, a ponto de não termos um soldo de orçamento preventivo. Acredito que a caridade dos católicos, que nunca falhou em semelhantes ocasiões, não será agora que irá faltar; o caso é muito grave para se duvidar disso.

Como todos podem facilmente perceber, aqui se trata de preservar um grande número de jovens, talvez também de adultos e de famílias inteiras, do grave e funesto perigo de serem induzidos a erros contra a fé, e aos poucos se afastarem da Santa Igreja Católica e do seu supremo chefe e pastor, vindo assim a cair na heresia quase sem perceber.

As pessoas que amam a glória de Deus, o bem da Santa Igreja Católica e a salvação do próximo são seriamente convidadas e calorosamente solicitadas a refletir sobre esses inconvenientes.

Temos esperança de que esses trabalhos terminem no prazo de dois anos; nesse ínterim, estamos fazendo um apelo humilde, mas caloroso, a todas as pessoas de boa vontade, pedindo encarecidamente queiram concorrer com as ofertas que Deus lhes inspirar para necessidades excepcionais.

As ofertas podem ser em dinheiro ou em qualquer tipo de material que possa servir para a construção e ornamentação da igreja ou do edifício anexo.

Trata-se de salvar almas, e quem estende a mão benéfica com essa intenção terá fundada esperança de um dia ouvir do Salvador as consoladoras palavras: "Salvaste um alma, predestinaste a tua".

O sumo pontífice Pio IX louva o empreendimento e abençoa todos os que nele se empenharem. Sua excelência reverendíssima o nosso amado arcebispo, não só nos encoraja, mas ele mesmo colabora com os meios materiais que a sua posição lhe permite. Aqui apelamos para os cristãos em geral, mas especialmente para os que moram nas proximidades ou que ali têm alguma posse.

A igreja é dedicada a *São João Evangelista* e a pintura de fundo sobre o altar representará o Salvador que, do alto da cruz, confia sua Mãe Santíssima ao apóstolo São João, como se lê no santo Evangelho.

As ofertas são recebidas pelo abaixo assinado ou pelo senhor padre Traversa, pároco de São Máximo, em cuja paróquia se encontra o terreno escolhido para a nova construção.

Deus cubra de graças e favores celestiais todos os benfeitores e doadores e lhes conceda dias felizes, com generosa recompensa aqui na terra e muito maior na bem-aventurada eternidade. Assim seja[64].

Sac. João Bosco

[64] Dois anos depois tomaria a iniciativa de construir a igreja de São Segundo, enviando circular semelhante aos moradores da região entre Porta Nuova e praça de Armas: cf. E(m) III, pp. 448-449. Mas a construção será levada a termo pelo arcebispo.

20. Obra de Maria Auxiliadora para as vocações ao estado eclesiástico

Edição impressa em *Opera di Maria Ausiliatrice per le vocazioni allo stato ecclesiastico benedetta e raccomandata dal santo padre Pio Papa IX*. Turim, Tipografia dell'Orat. di S. Francesco di Sales 1875 (OE XXVII, 1-8).

Turim, 30 de agosto de 1875

Ilustríssimo senhor,

Peço a vossa senhoria ilustríssima queira ler com bondade o que aqui lhe exponho sobre a Obra de Maria Auxiliadora, cujo projeto e programa tenho o prazer de anexar a esta carta. Sem me delongar muito, facilmente compreenderá qual é o seu escopo: preparar jovens adultos para se tornarem com o tempo bons sacerdotes. Creio que o senhor, com o seu apoio, pode me ajudar eficazmente de duas maneiras:

1. Tornando-se correspondente desta Obra, mantendo-a, fazendo-a conhecida e promovendo-a com os meios morais e materiais que com zelo e caridade vossa senhoria sabe usar no tempo oportuno.

2. Conhecendo algum jovem no qual se verificam as condições apresentadas pelo programa, queira bondosamente encaminhá-lo a mim.

Confiante na sua colaboração, peço a Deus queira recompensá-lo dignamente, enquanto, com profunda gratidão tenho a honra de professar-me

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco[65].

[65] Em sintonia com o significado eclesial da devoção a Maria sob o título de Auxiliadora dos Cristãos, em forte expansão depois da construção da igreja dedicada a ela em Valdocco, Dom Bosco, com a aprovação do papa e a recomendação de muitos bispos, lançou um projeto vocacional de futuro promissor. A Obra de Maria Auxiliadora para as vocações adultas, iniciada em setembro de 1875, teve sucesso imediato, tanto em Valdocco sob a guia do padre Luís Guanella, quanto em Gênova-Sampierdarena, onde Dom Bosco, em 1877, reimprimiu, com acréscimos, o estatuto primitivo aqui reproduzido.

Obra de Maria Auxiliadora

Messis quidem multa, operarii autem pauci.
Rogate ergo Dominum messis ut mittat operários in messem suas (Lc 10,2).
A messe é grande, mas os operários são poucos.
Rogai, pois, ao Senhor da messe que mande operários para a messe.

Há vários anos que se lamenta a falta de operários evangélicos e a diminuição das vocações ao estado eclesiástico. A deficiência de vocações é sentida em todas as dioceses da Itália e em toda a Europa; faltam postulantes nas congregações religiosas e nas missões estrangeiras, que repetem insistentemente com São Francisco Xavier: *Enviai-nos operários evangélicos para ajudar.* Aliás, nós sabemos que muitas missões estão em perigo de ser extintas pelo único motivo de faltarem operários evangélicos. Portanto, é necessário pedir ao Senhor da messe que mande operários para a sua mística vinha; mas, às orações é preciso que unamos a nossa colaboração.

Na Alemanha, na França, na Inglaterra e em muitos lugares da Itália se fundaram obras de beneficência com esta finalidade e foram colhidos bons resultados, insuficientes, porém, em vista das muitas e urgentes necessidades. Enquanto louvamos essas obras iniciadas e rezamos de todo coração para que Deus se digne fazê-las prosperar para a sua maior glória, parece-nos oportuno lançar uma nova iniciativa que nos poderá vir rapidamente em ajuda. Trata-se de um curso de estudos para *jovens adultos que desejam consagrar-se a Deus no estado eclesiástico.* Francisco Dalmazzo (1845-1895), encarregado de acompanhar os trabalhos da igreja do Sagrado Coração, residia com as Oblatas de Tor de' Specchi.

Pela experiência foi possível observar que de dez meninos que começam os estudos com vontade de alistar-se na milícia de Cristo, em média, apenas dois chegam ao sacerdócio, enquanto dos mais adultos, que já ponderaram e estudaram a própria vocação, sobre dez, perseveram oito.

Observou-se também que, em tempo mais breve e com despesas menores, separados dos pequenos, que são obrigados a cursar as suas classes gradativamente, realizam seus cursos literários graças a cursos abreviados, podendo chegar à meta mais depressa.

Por estas e outras razões, propomos aqui um curso de estudos secundários para jovens adultos, mesmo que sejam de condição menos favorecida, mas que pretendem seguir exclusivamente a carreira eclesiástica.

Meios

Não há meios definidos; a obra é totalmente confiada à piedade dos fiéis. Cada um pode colaborar como *doador, correspondente, benfeitor.*

1. Os *doadores* se obrigam a dar dois soldos por mês ou então um franco por ano. Aos sacerdotes basta celebrar uma santa missa, cedendo a espórtula em benefício da obra.

2. *Correspondentes* são os que em honra dos doze apóstolos se tornam chefes de uma ou mais dúzia de doadores, recolhem as ofertas, encaminhando-as ao diretor da Obra. Os correspondentes recebem com reconhecimento qualquer oferta por menor que seja, mesmo que se trate de um soldo por ano.

3. *Benfeitores* são os que, à vontade, fazem qualquer oferta em dinheiro ou de coisas *in natura,* por exemplo, alimentos, roupas, livros e objetos semelhantes.

Os que oferecem 300 francos por ano mantêm gratuitamente, à escolha, um aluno no instituto. Se a oferta for de 800 francos, o aluno ficará gratuitamente no instituto durante todo o tempo dos cursos literários.

As ofertas sejam encaminhadas ao padre João Bosco em Turim, ou então ao padre Paulo Albera[66], diretor do internato São Vicente, onde por ora estão os novos alunos. No fim de cada ano haverá detalhada prestação de contas aos correspondentes quanto ao número de alunos, às ofertas recebidas e aos resultados obtidos.

Observações

Esta Obra é posta sob a proteção da santa Virgem Auxiliadora porque, sendo ela proclamada pela Igreja *magnum et singulare in Ecclesia praesidium,* certamente se dignará proteger uma iniciativa que tem como objetivo bons ministros para a Igreja. De fato, Deus, nestes tempos, concede inumeráveis graças a quem invoca sua augusta Mãe com o título de Auxílio dos Cristãos.

Esta Obra, por acaso, causará prejuízo às outras já existentes?

Não só não causa prejuízo, mas as sustentará. Sem padres, sem pregação, sem sacramentos, o que acabaria sendo a *Obra da Propagação da Fé*, da *Santa Infância* e de todas as demais obras pias?

[66] Padre Paulo Albera (1845-1921), aluno de Dom Bosco e seu segundo sucessor como Reitor-Mor da Sociedade Salesiana (1910-1921).

Vantagens espirituais

1. Os que colaboram, mesmo com pequeníssima oferta, recebem uma bênção especial do santo padre, que abençoa e recomenda a *Obra de Maria Auxiliadora.*

2. Têm ainda o mérito de haver contribuído com uma grande obra de caridade. *Não se pode fazer coisa melhor,* diz São Vicente de Paulo, *do que contribuir para formar bons padres.*

3. Cada dia, na igreja de Maria Auxiliadora se celebrará uma santa missa pelos benfeitores: os alunos participarão dela com orações especiais pelos benfeitores e muitos deles farão a comunhão..

4. Os doadores participarão dos méritos de todas as missas, pregações, das outras boas obras e das almas que os padres formados pela sua caridade ganharão perante Deus no exercício do sagrado ministério; de modo que certamente serão aplicadas aos doadores as palavras de Santo Agostinho: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti.*

5. Indulgências, etc.

As indulgências serão descritas à parte. Informações sobre elas serão enviadas a todos os que derem o próprio nome a esta obra de caridade que visa somente ao bem geral de toda a Igreja.

Programa

Escopo da Obra

O escopo desta Obra é o de acolher jovens mais adultos que tenham a vontade decidida de fazer os estudos literários graças a cursos apropriados a fim de abraçar o estado eclesiástico.

Aceitação

1. O aluno deve pertencer a uma família honesta, ser sadio, forte, de bom caráter, ter a idade entre 16 e 30 anos. Serão aceitos de preferência os que são liberados do serviço militar ou então que têm alguma probabilidade de serem dispensados dele (1).

(1) Recebem-se também os que já têm mais de 30 anos, contanto que já tenham realizado algum curso literário.

2. Que possua um certificado que declara ter comportamento edificante, a frequência às celebrações paroquiais e aos santos sacramentos, a vontade decidida de abraçar a carreira eclesiástica e que tenha pelo menos terminado os cursos elementares da língua italiana.

3. Atestado de nascimento, de ter tido varíola, declarando também se pode pagar pelo menos em parte as despesas prescritas pelo programa.

4. Não haverá saída para as férias do outono. O descanso necessário será providenciado no próprio colégio ou em outro local escolhido para essa finalidade.

5. Terminados os cursos literários, cada aluno é livre de fazer-se religioso, ir para as missões estrangeiras ou voltar para a própria diocese a fim de pedir ao próprio bispo a autorização de vestir a batina. Neste último caso, o diretor da Obra terá o cuidado de recomendar humildemente os candidatos ao respectivo ordinário diocesano, a fim de que, segundo o mérito de cada um, queira levá-los em benévola consideração.

Estudo

1. O estudo abraça exclusivamente o curso clássico até a filosofia; o ensino abrange somente a língua italiana, o latim, a história, a geografia, a aritmética, o sistema métrico e elementos de língua grega.

2. Ficam dispensados dessas matérias os que não têm a idade acima indicada ou não pretendem consagrar-se ao estado eclesiástico.

3. A pensão é fixada em 24 francos por mês e é paga antecipadamente a cada trimestre. Para um ano inteiro é de 300 francos; para todo o tempo dos estudos é de 800 francos.

4. Com esta soma cobrem-se todas as despesas das aulas de literatura, de canto gregoriano, de música, declamação e também de alimentação, moradia, médico, barbeiro. Ficam a cargo dos alunos as despesas para roupas, sapatos, consertos, remédios e livros.

5. O tratamento quanto à alimentação é o seguinte: no café da manhã e na merenda da tarde, pão à vontade; no almoço, sopa, um prato com mistura, vinho e pão à vontade; no jantar, sopa, pão à vontade, com algum acompanhamento.

Enxoval

Os alunos se vestirão normalmente, não há uniforme obrigatório. Entrando para o colégio, trarão consigo duas mudas de roupa de verão e duas para o inverno, das quais uma será para os dias festivos e para os casos de saídas.

O enxoval compreenderá pelo menos 6 camisas – 4 lençóis – colcha e cobertor para o inverno – travesseiro com três fronhas – 6 pares de meias – 3 conjuntos de roupa de baixo – camiseta – 8 lençóis – 4 toalhas de rosto – 2 pares de sapatos – 2 chapéus ou bonés – baú – acolchoado de 1,75m de comprimento por 0,70m de largura.

O estabelecimento fornecerá somente a cama e o colchão, pelo qual se pagarão 12 francos uma só vez.

N.B. Os pedidos para aceitação serão feitos ao padre João Bosco, em Turim, ou então ao padre Paulo Albera, diretor do internato São Vicente em Sampierdarena.

Com aprovação do revisor eclesiástico[67].

21. Ao padre José Maria Timon-David

Edição crítica em E(m) V, pp. 178-179.

[Varazze, posterior a 20 de julho de 1876]

Senhor Padre[68],

O senhor advogado Ernesto Michel, de Nice, meu bom amigo, falou diversas vezes de um notável número de jovens italianos que, com a própria família ou em busca de trabalho, vão a Marselha.

Esses jovens, muito pouco instruídos nos conhecimentos escolares e religiosos, ignorando a língua francesa, ficam expostos a graves perigos morais. Dizendo isso, ele pensava que alguém das nossas casas talvez pudesse fazer algum bem. Esta é a razão principal da sua proposta.

Quanto ao senhor, padre, eu lhe digo de todo coração, se de algum modo eu puder ajudar, ou melhor, acrescentar um grãozinho de areia na balança de tantas obras de caridade que existem em Marselha, farei isto de boa vontade, contanto que:

[67] A ereção da Obra pelas vocações adultas e a sua divulgação mediante a imprensa encontrou obstáculos da parte do arcebispo Gastaldi, de Turim.

[68] Sacerdote francês (1823-1891), fundador em 1847 da *Obra para a juventude operária do Sagrado Coração* e em 1852 da Congregação do Sagrado Coração para o serviço da mesma. A fundação da casa salesiana de Marselha em 1878 foi encaminhada a partir deste contato.

1° Eu tenha a prévia aprovação do arcebispo, de quem entendo sempre depender, não só nas coisas de religião, mas em qualquer coisa que lhe parecer conveniente aconselhar.

2° Que vossa senhoria julgue essa iniciativa conveniente e que a Obra da Juventude Operária me dê seu apoio moral.

3° As nossas casas vivem da Providência e isso nos é suficiente, nunca se procuram anuidades pecuniárias. Para mim basta poder dispor de um local para reunir os mais pobres nos dias festivos e dar acolhida aos que estiverem em completo abandono. Já se observou que qualquer obra pia já existente nunca veio a colidir com o que fazem os salesianos.

Dito isto, peço-lhe a bondade de falar da minha parte com sua excelência o arcebispo de Marselha e de ouvir da parte dele um parecer; além disso, se o senhor tem algo a me sugerir para esta finalidade, fará um grande favor de me dizer.

Durante o próximo outono, indo à casa de Nice, será fácil dar um pulo até Marselha e dar maiores explicações pessoalmente.

Se por acaso vossa senhoria ou outras pessoas vierem para os nossos lados, ofereço-lhes de bom grado esta casa para qualquer serviço que for oportuno.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco; e queira rezar por mim, que sou, no Senhor,

Humílimo servidor

Sac. João Bosco

22. Circular para a casa das Filhas de Maria Auxiliadora em Nizza Monferrato

ASC A1760326 *Circolari, inviti ad altri*, rascunho alógrafo com correções autógrafas; edição em E III, pp. 306-307.

Turim, março de 1878

Benemérito Senhor,

Nas proximidades da cidade de Nizza Monferrato, há vários séculos existe um convento com uma igreja anexa sob o título de santuário de Nossa Senhora das Graças. Todos os moradores de Nizza ainda lembram o tempo em que esse lugar abençoado era um convento de santos monges que, com a austeridade da vida e o fervor da oração assídua, imploravam as bênçãos do céu sobre o povo cristão.

A igreja aberta ao culto público e regularmente oficiada pelos monges do convento era um verdadeiro santuário, um pacífico refúgio da piedade, onde muitos iam consolar-se das dificuldades da vida e não poucos ali encontravam o caminho da saúde que tinham perdido. Todavia, dispersos os monges por causa de acontecimentos políticos, a igreja e o convento foram vendidos e transformados para usos profanos, em depósito de vinho.

A profanação daquele lugar santo provocou amargo sofrimento no coração dos fiéis que, em uníssono, pedem uma restauração para usos piedosos; muitos devotos de Nizza a solicitam com promessas e orações. Foi então que, encorajado por pios e respeitados eclesiásticos e seculares, decidi lançar-me à empresa e, de acordo com o bispo da diocese e com os religiosos, dispondo de prévia licença da Santa Sé, adquiri o convento e a igreja e agora está sendo feita a restauração a fim de que quanto antes se possa celebrar ali o culto divino.

A igreja será atendida por sacerdotes, de tal modo que os fiéis poderão comodamente cumprir ali suas devoções, e o convento será transformado em casa de educação[69], que, enquanto serve de ornamento para a cidade de Nizza, também proporcionará aos pais um meio fácil de educar os filhos na ciência e na piedade.

Mas para realizar esse empreendimento são necessárias grandes despesas, dado que a aquisição custou 32 mil francos, sendo que somente a metade

[69] Dom Bosco não especifica que o instituto seria destinado à educação das meninas sob a direção das Filhas de Maria Auxiliadora.

foi paga; e para executar a restauração e providenciar os móveis faltam absolutamente os meios indispensáveis. Todos sabem que o pobre redator desta carta só se dedicou a esta obra confiando na Providência do Senhor e na piedade das pessoas às quais estão a peito as obras úteis à religião e à sociedade civil.

Sendo assim, eu me dirijo a vossa senhoria ilustríssima, pedindo-lhe queira me ajudar da maneira que as suas forças o permitirem e a sua piedade sugerir.

Além de dinheiro, aceitam-se ofertas em material de construção, móveis, alfaias, madeira, lenha para queimar e tudo o mais que possa servir para a finalidade acima indicada.

Enquanto agradecemos as grandes ofertas, receberemos também com reconhecimento as pequenas, pois o Senhor levará em conta tanto o óbolo da viúva como as generosas ofertas do rico.

Para receber essas ofertas em Nizza foi nomeada uma comissão composta pelas caridosas pessoas do senhor padre Bisio, pároco de São João, do geômetra senhor Luís Terzani e do senhor Berta. Em Turim, o abaixo assinado.

Nas localidades da diocese de Asti a obra é humildemente recomendada ao zelo e à caridade dos reverendos senhores párocos, pedindo-lhes queiram promover e receber qualquer oferta, fazendo-a chegar ao citado padre Bisio, pelos meios que julgarem mais oportunos.

Estou contente em poder assegurar a todos os beneméritos doadores a bênção apostólica do novo pontífice reinante Leão XIII, que em data de 23 de fevereiro passado se dignou concedê-la de todo o coração.

Da minha parte, além da sincera e inalterável gratidão, garanto-lhe a cordial oferta de orações, das missas, de todas as obras de religião que todos os dias se farão na igreja e no convento acima indicado, e assim impetrar copiosas bênçãos do céu para estes benfeitores.

Com ânimo altamente reconhecido, tenho a honra de poder professar-me

De vossa senhoria obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

23. O Oratório de São Francisco de Sales

Edição impressa em *L'Oratorio di S. Francesco di Sales – Ospizio di beneficenza. Esposizione del sacerdote Giovanni Bosco*. Turim, Tipografia salesiana, 1879 (OE XXXI, 257-267)[70].

[Turim, 1879]

O Oratório de São Francisco de Sales não é um ginásio particular [71]

A denominação de ginásio particular, atribuída erroneamente ao internato de São Francisco de Sales nestes últimos dias, causou prejuízo e não leves incômodos aos jovens ali recolhidos.

A fim de oferecer à autoridade escolar e às outras autoridades do Estado uma ideia exata da natureza e do escopo deste instituto, certamente será útil um informe histórico, pelo qual se conheça qual foi o seu relacionamento com as autoridades públicas, e como sempre foi reconhecido por elas como obra de caridade desde os primórdios até o presente.

Primórdios e escopo deste Oratório

Antes de tudo, deve-se dizer que, ao frequentar as prisões desta cidade, o abaixo assinado pôde ter a certeza de que um grande número de jovens descontava a pena de delitos para os quais tinham sido arrastados mais pela inconsideração do que pela malícia. Pôde também convencer-se de que esses jovens, se na época da sua saída da prisão encontrarem um ânimo benévolo que os apoia, não voltariam a cair nos mesmos delitos que expiaram; e muitos jovens em situação de risco, em geral vindos de fora, graças à assistência paterna, com muita facilidade poderiam manter-se longe de praticar o mal.

[70] Não publicamos aqui os apêndices citados.

[71] No dia 16 de maio de 1879, um decreto ministerial tinha imposto o fechamento do ginásio de Valdocco porque os professores não dispunham de títulos legais. Dom Bosco apelou para o ministro da Instrução Pública (26 de junho), apresentou uma exposição ao rei Humberto I (6 de julho), recorreu ao próprio rei para que o decreto fosse anulado (13 de novembro), o qual transmitiu o recurso ao Conselho de Estado (24 de dezembro). Contemporaneamente, a tipografia de Valdocco imprimia a *Exposição* aqui reproduzida e também o sucessivo recurso ao Conselho de Estado (OE XXX, 449-480), no qual se sustentava a ilegitimidade do decreto ministerial. A questão se concluiu com a rejeição do recurso (29 de novembro de 1881), mas nesse meio tempo Dom Bosco já tinha providenciado professores dotados de títulos legais.

Com esta finalidade, em 1841 comecei a Obra dos Oratórios, ou seja, dos encontros de recreação, onde, especialmente nos dias festivos, se reúnem meninos pobres e abandonados. Ali são entretidos com ginástica, declamação, música, teatrinho e outros divertimentos amenos. A instrução elementar, o estudo da religião e das normas de boa educação também fazem parte desses entretenimentos.

Em 1846 começaram as aulas noturnas, que foram visitadas por uma deputação de conselheiros municipais. Mostraram-se altamente satisfeitos, e após apresentar um relatório em pleno Conselho de ministros, foi decretada uma doação de mil francos, mais um subsídio anual de 300 francos para as aulas noturnas, subsídio que continuou até 1877.

Veio também uma comissão da parte da Obra da Mendicidade Instruída que, em sinal de apreço, também concedeu um prêmio no valor de 1.000 francos.

Entre os jovens que frequentavam o oratório havia alguns de tal maneira pobres e abandonados que talvez teria sido inútil qualquer cuidado, caso não fossem recolhidos num internato, onde, alojados, vestidos e alimentados, fossem encaminhados a alguma arte ou ofício. Assim, em 1847 começou a funcionar o dito internato ou Oratório de São Francisco de Sales. Nele, todas as noites os jovens frequentam as aulas elementares de música vocal ou instrumental, desenho, sistema métrico, aritmética e outros estudos adaptados a seus ofícios.

Durante o dia são ocupados nos ofícios de marceneiro, sapateiro, alfaiate, encadernador, tipógrafo, compositor, fundidor de caracteres, estereotipia, calcografia, pintura, fotografia, etc.

Alguns, contanto que sejam dotados de inteligência pronta, ou por pertencerem a famílias que decaíram de sua posição social, costuma-se encaminhá-los ao curso técnico, ao estudo da língua francesa e também a alguns anos de estudos clássicos. Desta maneira, providenciaram-se alunos compositores na tipografia do instituto, assistentes no internato, enquanto não poucos enveredaram pela carreira militar ou se deram aos estudos literários, conforme a cada um parecesse mais conveniente a fim de chegar em pouco tempo a ganhar honestamente o próprio sustento. Desse modo foi possível atender às propensões dos nossos jovens e organizar um sistema educativo conveniente para um instituto que em pouco tempo chegou a recolher 900 jovens, pois este é o número de alunos do nosso internato.

Até este momento, o Oratório de São Francisco de Sales foi considerado internato de caridade, em benefício de jovens pobres e abandonados, e a autoridade escolar ajudou-o material e moralmente.

O senado do reino e o ministro do Interior

Esta nova maneira de recolher e educar os filhos da porção mais necessitada e, podemos dizer, mais em situação de risco, da sociedade, atraía gente de várias partes.

O prefeito de Turim, cavalheiro Bellono, o representante do governo na província, vários deputados e senadores vieram com prazer fazer-nos uma visita, passando horas nas oficinas, nas aulas e até mesmo no recreio dos jovens.

Um dia veio o conde Sclopis com o marquês Inácio Pallavicini e o conde Luís di Collegno, todos senadores do reino. Visitaram o internato, as aulas, o pátio para o recreio e os encontros nos dias festivos. Admiraram especialmente a solicitude com que se procura colocar junto a um bom patrão todos os jovens que estão sem trabalho e que já alcançaram a idade de assumir um ofício.

Ao partir, disseram que iriam referir tudo no senado a fim de recomendar calorosamente a causa ao governo e convencê-lo a favorecer uma instituição que tem como finalidade, diziam, diminuir o número dos transviados e dos que vão povoar as prisões.

De fato, no retorno em 1° de março de 1850, a câmara dos senadores deu um esplêndido testemunho a respeito da Obra dos Oratórios. A comissão de senadores que esteve conosco recomendou vivamente ao governo a Obra dos Oratórios, a fim de favorecê-la, apoiá-la com meios morais e materiais, como instituição realmente útil aos nossos tempos, eminentemente humanitária e cristã.

Pode-se conhecer a exposição dessa visita nos atos do senado, como no Apêndice n° 1.

O governo, particularmente o ministro do Interior, levou então em grande consideração a recomendação dos senadores e colaborou também com meios materiais no desenvolvimento do internato.

Os ministros Rattazzi, Cavour, Farini, Lanza, Peruzzi, Ricasoli, Nicotera consideraram este instituto quase como uma obra sua, enviando-nos todo tipo de meninos abandonados. Quando havia alguma apresentação de ginástica, distribuição de prêmios, teatrinho ou concertos musicais, esses beneméritos senhores se diziam felizes em poder estar presentes como pais no meio dos próprios filhos. Mais de uma vez aconteceu que o representante do governo na província e o prefeito de Turim acompanharam o ministro do Interior e também os príncipes da casa real para tomar parte nas nossas festas de família.

Algumas cartas do Apêndice n° 2 dão testemunho do que se diz e atestam qual era o parecer que aqueles personagens tinham a respeito deste instituto.

O município de Turim

O município de Turim sempre considerou a Obra dos Oratórios como instituição de beneficência. Encorajou-a com prêmios, favoreceu-a com meios materiais e encaminhou para ela muitas vezes meninos em situação de risco.

Em 1854, quando o *cólera-morbo* invadiu nossa região, o prefeito de Turim recolheu em lugar adequado os meninos que ficaram órfãos por causa da doença letal e confiou o cuidado e a direção ao abaixo assinado. Cerca de 50 dos mais abandonados foram enviados para este internato pelo próprio prefeito, aqui foram educados, instruídos e aviados a alguma arte ou ofício. Veja-se o Apêndice n° 3.

Outros meninos afetados pela mesma desventura, em número de 20, vieram para cá encaminhados pelo prefeito de Ancona; vários vieram de Sássari, de Nápoles e nove de Tortorigi na Sicília e de outros lugares da Itália.

As aulas do Oratório de São Francisco de Sales e a autoridade escolar

Pelo espaço de mais de 35 anos as nossas escolas primárias, técnicas e secundárias, tanto para os internos quanto para os externos, foram sempre objeto de benevolência por parte da autoridade escolar.

A lei Boncompagni de 1848 considerou este internato como casa de acolhida de jovens pobres, instituto de artes e ofícios e nos deixou totalmente à vontade sob o ministério do Interior (Veja lei Boncompagni, art. 3).

O mesmo se diga da lei Lanza em 1857. Aquele ministro, não só deixou nossas escolas livres para escolher os professores, mas diversas vezes as subsidiou e em carta de 29 de abril de 1857 nos concedeu um prêmio de 1.000 liras, garantindo seu apoio e todos os meios que dele dependiam para que este instituto tivesse seu melhor desenvolvimento.

A lei Casati, em 1859, também deixou as nossas escolas em sua autonomia e, do ponto de vista pessoal e também mediante subsídios pecuniários, a autoridade escolar continuou a apoiar este instituto, o qual pôde gozar do livre exercício quanto aos professores.

Em 1865, o régio provedor dos Estudos, desconhecendo o caráter e a natureza completamente especial do mesmo, queria considerá-lo como um ginásio particular, e por consequência obrigado a ter professores dotados de títulos legais; mas uma carta do ministro do Interior e outra do prefeito de Turim, enviadas ao senhor ministro da Instrução Pública, declararam que esta era uma obra de beneficência em todo o rigor do termo; e observaram que a obrigação de ter professores dotados de títulos legais e, portanto, pagos conforme a lei, seria sua ruína, dado que não dispunha de um soldo no seu orçamento preventivo. Satisfeitos com este esclarecimento, não disseram mais uma palavra a respeito da legalidade dos nossos professores. Veja-se o Apêndice n° 4.

Em todo esse tempo (1841-1877), os ministros da Instrução Pública encaminharam a nós seguidamente meninos pobres; e os régios provedores se alegravam em poder vir eles mesmos às classes dar normas didáticas aos professores e lições aos próprios alunos. Todos esses superiores escolares sempre promoveram o nosso ensino e nunca pensaram em submetê-lo à lei comum pela seguinte razão:

1° É um instituto de caridade; vive de beneficência quotidiana; não compromete os interesses públicos nem privados de alguém. Pelo contrário, resulta em vantagem para o próprio governo, que frequentemente não saberia como cuidar de certos meninos que não são maus, mas que estão abandonados e em evidente perigo de se tornarem tais.

2° Estes jovens em geral são acolhidos gratuitamente, se excetuarmos as esmolas dos benfeitores que os recomendam. Assim costumaram fazer os nossos benfeitores e os próprios ministros do Estado. (Veja Apêndice n° 5).

3° Os alunos recebem a instrução totalmente gratuita e, em geral, é preciso inclusive fornecer-lhes gratuitamente livros, papel e objetos usados nas aulas.

4° Os professores, zelosamente e com abnegação digna de todo elogio, cumprem seus próprios deveres e encontram tempo para lecionar gratuitamente aos seus alunos.

5° O bom êxito dos alunos nos exames públicos e a luminosa carreira que vários deles percorrem nas letras, na filosofia, nas diversas faculdades universitárias, no exército e no comércio, são argumento evidente de que a instrução ministrada pelos professores satisfaz a comum expectativa.

Erro de fato

O que até aqui foi exposto parece demonstrar claramente que o Oratório de São Francisco de Sales é um lugar de acolhida, um instituto de caridade, onde, entre os meios educativos, há também gratuitamente o estudo secundário, técnico e profissional. Assim julgaram e praticaram todos os ministros da Instrução Pública e os régios provedores por mais de 35 anos. Somente em 1878 o senhor provedor dos Estudos em Turim, mal-informado do escopo e da natureza deste instituto, quis denominá-lo ginásio particular anexo ao Oratório de São Francisco de Sales e, portanto, submetê-lo à lei que rege os ginásios particulares. Daqui nasceu uma sua solicitação de professores dotados de títulos legais, depois a obrigação para os mesmos se encontrarem nas classes em horário determinado e, por fim, o fechamento do instituto e o despejo dos alunos.

É este um erro de fato, pois o ginásio anexo ao Oratório de São Francisco de Sales nunca existiu e ninguém sabe indicar o lugar onde ele está. Além disso, todos conhecem e sabem qualificar este Oratório como obra de caridade, ao qual estão anexos outros oratórios de beneficência, onde, entre alunos internos e externos dos dias festivos e dos dias feriais, mais os que frequentam as aulas diurnas e os que frequentam as aulas noturnas, reúne-se mais de um milhar de jovens pobres, para serem educados no saber, na moralidade, no trabalho.

Pedido

Exposto o que foi escrito acima, eu não pretendo fazer nenhuma acusação ou queixa contra ninguém: somente desejo tutelar o futuro dos meus alunos e, por isso, suplico humildemente sua excelência o ministro da Instrução Pública queira considerar este instituto ainda como internato de caridade, no qual o diretor faz a parte de pai em conformidade com a lei Casati, art. 251-252; e conceder que o abaixo assinado, sob própria responsabilidade e vigilância, possa instruir gratuitamente ou promover a instrução nos cursos elementares e técnicos segundo o art. 356;

Que ele possa continuar o ensino daquelas partes do curso secundário que percebe serem convenientes para a tipografia, o comércio, o exército ou outra carreira que venha a ser vantajosa para os jovens pobres deste instituto;

Que se possa continuar a receber livremente meninos pobres, salvando-os dos perigos, e terminar a educação que lhes proporcione um meio para chegarem quanto antes a ganhar honestamente o próprio pão.

24. Exposição à Santa Sé (1879)

Edição impressa em *Esposizione alla Santa Sede dello stato morale e materiale della Pia Società di S. Francesco di Sales nel marzo del 1879*. Sampierdarena, Tipografia salesiana 1879 (OE XXXI, 237-254).

[*Introdução*]

As Constituições desta Sociedade, no capítulo VI, prescrevem que cada três anos se faça uma relação à Santa Sé sobre o estado material, moral e sobre o progresso da mesma. Isto só foi feito aproximadamente no passado, dado que a abertura de novas casas e as modificações às quais a nascente Congregação teve que se adaptar, por causa das circunstâncias especiais dos tempos e dos lugares, impediram que fosse feita uma exposição completa e exata como se deveria fazer.

O Reitor-Mor desta Congregação, desejoso de em tudo prestar o devido obséquio à Santa Sé, com plena confiança de receber as observações e os conselhos que podem contribuir para a maior glória de Deus, cumpre agora o seu dever, expondo humildemente o estado em que se encontra esta Pia Sociedade nos diversos países nos quais exerce algum tipo de ministério ou toma parte na educação científica ou artística da juventude.

Breves notícias sobre a Congregação de São Francisco de Sales de 1841 a 1879

Esta Congregação, em 1841, não era mais do que um catecismo, um local de recreação nos dias festivos, ao qual, em 1846, se acrescentou um internato para aprendizes pobres, formando um instituto privado, segundo os moldes de uma família numerosa. Diversos sacerdotes e vários leigos ajudaram a obra como colaboradores externos do pio empreendimento. Em 1852, o arcebispo de Turim aprovou o instituto, concedendo de própria iniciativa todas as faculdades necessárias e oportunas ao sacerdote João Bosco, constituindo-o superior e chefe da Obra dos Oratórios.

A partir desse ano até 1858, começou a vida comum; aulas, educação dos clérigos, dos quais diversos se tornaram padres e permaneceram no instituto. Em 1858, Pio IX, de santa memória, aconselhou o sacerdote Bosco a constituir uma Pia Sociedade com a finalidade de conservar o espírito da Obra dos Oratórios. Ele mesmo traçou as Constituições, que na prática foram redigidas para a vida comum de uma congregação de votos simples.

Depois de seis anos, a Santa Sé, com decreto apropriado, louvava e recomendava o Instituto e as suas Constituições e definia o superior. Em 1870 [1869], o Instituto com as suas Constituições era definitivamente aprovado, com a faculdade de emitir as cartas dimissórias para os clérigos salesianos que tivessem entrado nas casas da Congregação antes dos 14 anos de idade.

Em 1874, as Constituições foram aprovadas de forma definitiva em cada um de seus artigos, com a faculdade de emitir indistintamente as cartas dimissórias *ad decennium* [por dez anos]. Em seguida, a Santa Sé, em tempos diversos, enriqueceu esta Pia Sociedade com os privilégios mais necessários para uma Congregação eclesiástica de votos simples. Nesse ínterim, foram fundadas diversas casas, à medida que a divina Providência concedia oportunidades e meios; crescendo em número bastante notável, foram divididas em inspetorias ou províncias.

Os irmãos, divididos nas diversas casas da Congregação, dependem do diretor da respectiva comunidade; os diretores estão sujeitos ao inspetor, que preside um número determinado de casas, formando uma inspetoria ou província. Os inspetores dependem do Reitor-Mor. Este, com o seu Capítulo Superior, administra toda a Congregação, em dependência direta e absoluta da Santa Sé.

Embora esta Congregação tenha como finalidade ocupar-se de modo particular da juventude em situação de risco, todavia, os seus membros se dispõem de bom grado a ajudar em paróquias e institutos de beneficência, mediante a pregação de tríduos, novenas, exercícios espirituais, missões, pondo-se à disposição dos fiéis para celebração da santa missa e o ministério das confissões. Além disso, dedicam-se a compor, publicar, difundir bons livros, divulgando cada ano mais de um milhão deles.

Inspetoria Piemontesa

Casa-mãe, dita Oratório de São Francisco de Sales. Sob este nome se entende:

1. A igreja de Maria Auxiliadora, frequentada por mais de mil pessoas, que comparecem para assistir aos catecismos, ouvir a santa missa, as prega-

ções, receber os santos sacramentos e participar de outras práticas de piedade semelhantes.

2. Ginásio com as cinco classes secundárias.

3. Estudantado para os clérigos.

4. Casa de noviciado.

5. Casa e oficinas para aprendizes, onde se exercem os principais trabalhos da sociedade civil.

6. Igreja dedicada a São Francisco de Sales, com pátio para a recreação nos dias festivos, destinado aos jovens externos da cidade de Turim.

7. Aulas diurnas e noturnas para os meninos mais pobres e abandonados da cidade de Turim.

8. Na parte oposta da cidade há uma igreja e pátio para recreação sob o título de São Luís, onde os meninos comparecem a todas as celebrações sagradas e à instrução religiosa; ali se está construindo uma igreja monumental em honra de Pio IX, com internato anexo.

9. Anexas a esse Oratório há as aulas diurnas para os meninos pobres e abandonados. Este Oratório e estas aulas têm como objetivo afastar os jovens do protestantismo, que ali perto tem um templo, internato, escolas e hospital.

10. Oratório, igreja, pátio para recreio, sob o título de São José, na paróquia dos Santos Pedro e Paulo.

11. Também foi confiado ao ministério dos salesianos o albergue de São José, destinado a recolher as jovens que precisam de trabalho e de assistência especial.

12 Cuidam também do instituto dito Família de São Pedro, que tem por objetivo receber as jovens transviadas que saem das prisões, desejosas de encaminhar-se para o trabalho e para uma vida cristã.

13. O mesmo serviço religioso é prestado ao instituto do Bom Pastor, destinado a preservar da ruína as jovens em situação de risco e acolher as penitentes que procuram um asilo seguro para a moralidade.

14. Perto de Turim há o colégio de Valsalice, destinado aos jovens de condição senhoril; ali se ministra quase todo o curso elementar, ginasial e liceal.

15. Junto ao mesmo colégio se encontra a capelania para os irmãos inválidos das Escolas Cristãs.

16. Fora de Turim, não muito longe da cidade de Caselle, há oratório e capelania em favor do público, com aulas para os meninos. Nesta obra, os noviços da Congregação costumam passar o tempo de verão.

17. Perto de Lanzo, na localidade de Mathi, há uma fábrica de papel onde se empregam os jovens a trabalhar e fabricar o papel para a nossa tipografia dos institutos de Turim, Sampierdarena, Nice, Montevideo e Buenos Aires.

18. Em Lanzo, há o colégio de São Felipe Neri, com 250 alunos internos e outros tantos externos, igreja pública e o curso elementar e ginasial.

19. Junto a esta mesma localidade foi confiada aos salesianos uma capelania sob o título de Santa Cruz.

20. Na diocese de Ivrea, na localidade de San Benigno, há um grande edifício, no qual se encontra o estudantado para os clérigos e os padres da Congregação. Ali funciona uma igreja pública anexa ao instituto e se administra instrução escolar aos jovens do lugar.

21. Na diocese de Casale, na localidade chamada Borgo San Martino, há o pequeno Seminário ou Colégio de São Carlos, no qual se administra a instrução elementar e secundária para mais de 200 jovens.

22. Administra-se também instrução primária e secundária a todos os meninos desse povoado.

23. Em Mornese, diocese de Acqui, administram-se as escolas públicas em favor da juventude daquele lugar.

24. Na diocese de Mondovì, na localidade de Trinità, há um instituto sob o título de Maria Imaculada, com igreja pública, oratório e pátio para divertimento nos dias festivos, aulas noturnas e diurnas.

Inspetoria Lígure

A casa inspetorial desta província se encontra na cidade de Alassio, diocese de Albenga.

Aqui existe:

25. Igreja pública sob o título de Maria Santíssima dos Anjos, atendida em favor da juventude e dos adultos da cidade.

26. Colégio no qual há mais de 200 alunos internos e mais de 400 externos; ali se ministram o ensino primário, secundário e técnico.

27. Anexa ao colégio de Alassio, há a administração das escolas públicas da localidade de Laigueglia.

Observa-se que o doutor Francisco Cerruti, diretor deste colégio, foi constituído pelo ordinário da diocese diretor espiritual-geral de todos os institutos religiosos femininos da mesma diocese.

28. Na diocese de Ventimiglia, na localidade de Vallecrosia, se encontra a casa de Maria Auxiliadora. Aqui há igreja pública e escolas primárias, fundadas propositadamente para afastar a juventude do protestantismo que a pouca distância mantém abertas as suas escolas, seu templo e um internato.

29. Na diocese de Savona, na cidade de Varazze, o colégio São João Batista, no qual se administra instrução elementar, técnica e ginasial a aproximadamente 150 jovens internos.

30. Idêntica instrução é administrada a cerca de 500 jovens externos.

31. Na igreja pública da mesma cidade se acolhem os jovens no maior número possível para a instrução religiosa e a frequência dos santos sacramentos.

32. Na diocese de Gênova, na cidade de Sampierdarena, há o internato de São Vicente de Paulo, com igreja pública frequentada por mais de um milhar de fiéis para ouvir a santa missa, fazer a confissão, acompanhar as pregações e o catecismo.

33. Há aqui o colégio dito dos Filhos de Maria Santíssima Auxiliadora para adultos que aspiram ao estado eclesiástico: são cerca de 200.

34. Aqui também se encontram os aprendizes com as respectivas oficinas.

35. Há também as aulas noturnas e diurnas, tanto para jovens internos quanto para os externos.

36. O arcebispo da diocese confiou aos salesianos a igreja paroquial sucursal de Nossa Senhora das Graças.

37. Na diocese de Sarzana, na cidade de La Spezia, existe o internato São Paulo. Aqui há igreja pública para todos os fiéis, aulas diurnas, noturnas e semi-internato. Estas aulas têm como finalidade principal afastar os jovens das escolas protestantes que se encontram a pouca distância do internato.

Este instituto foi fundado a pedido e com a caridade do sumo pontífice Pio IX, de feliz memória, e é mantido pela liberalidade de Sua Santidade Leão XIII, felizmente reinante.

38. Na diocese de Lucca há um internato, igreja pública, oratório e pátio para os meninos daquela cidade.

Inspetoria Romana

39. Em Magliano, capital da Sabina, os salesianos administram e dirigem o pequeno e o grande seminário, dando instrução primária e secundária, inclusive filosofia e teologia; dessas escolas participam os alunos da cidade. Aqui há também um internato para os jovens de classe média.

40. Na diocese e na cidade de Albano há escolas públicas ginasiais, municipais e pequeno seminário.

41. Aqui também se administra uma igreja pública em benefício dos fiéis.

42. Na cidade de Ariccia são administradas as escolas elementares da cidade e funciona uma igreja pública em favor dos jovens e dos adultos.

43. Um professor de belas letras proporciona ensino escolar no seminário de Montefiascone.

Apêndice para a Inspetoria Piemontesa

44. Na diocese de Pádua e na cidade de Este há um colégio-internato sob o título de colégio Manfredini, no qual se dá instrução primária e secundária.

Apêndice à Inspetoria Lígure para as casas da França

45. A Congregação começou a estabelecer-se na França em 1875. A primeira casa foi aberta na diocese e cidade de Nice, sob o título de *Patronato São Pedro,* onde há 120 jovens internos destinados às artes e aos ofícios e alguns que se dedicam ao estudo para o estado eclesiástico.

46. Em outra parte da mesma cidade há oratório e ambiente de recreação para os dias festivos, onde se acolhem cerca de cem meninos pobres para as práticas religiosas e para entretenimentos dominicais.

47. Na diocese de Fréjus, na região dita La Navarre, há colônia agrícola, onde vários jovens se dedicam ao cultivo da terra e outros ao estudo, como aspirantes ao estado eclesiástico.

48. Em Saint-Cyr, não longe de Toulon, outro estabelecimento agrícola, onde numerosos jovens são assistidos e encaminhados aos trabalhos do campo.

49. Na diocese e na cidade de Marselha, há o *Oratório São Leão,* onde se acolhem vários meninos abandonados que se dedicam a ofícios diversos.

50. Aqui intervém também a assim chamada Coordenadoria da paróquia de São José, para aulas de literatura, música e cerimônias. A finalidade principal é a de cultivar as vocações ao estado eclesiástico.

Inspetoria Americana

Com o aconselhamento e a ajuda material do caridoso Pio IX, tratou-se da expedição de salesianos para a América. O sumo pontífice propôs três objetivos: 1. Tomar conta dos adultos, especialmente dos jovens italianos, que em grande número se encontram dispersos na América do Sul; 2. Abrir casas nas proximidades dos selvagens para que sirvam como pequeno seminário e internato para os mais pobres e abandonados; 3. Desta forma, abrir caminho para a propagação do Evangelho entre os índios pampas e patagões. A primeira expedição foi feita em 1875. Desejosos de cooperar com as intenções do santo padre, os salesianos, em número de 10, foram a Roma para receber a bênção e a missão por parte do vigário de Jesus Cristo; no dia 14 de novembro daquele ano partiram de Gênova e chegaram a Buenos Aires, capital da República Argentina, no dia 14 do mês seguinte. Atualmente os salesianos na América são mais de 100 e se ocupam da seguinte forma:

51. Na diocese e cidade de Buenos Aires, casa inspetorial na paróquia recentemente erigida de São Carlos em Almagro, com cerca de 6.000 almas.

52. Internato Pio IX, no qual cerca de 150 jovens aprendem artes e ofícios.

53. Escolas públicas, oratório e entretenimento nos dias festivos para os externos.

54. Noviciado e estudantado da Congregação.

55. Paróquia, na assim dita La Boca, dedicada a São João Evangelista, com cerca de 27 mil habitantes, quase todos italianos.

56. Escolas públicas para meninos pobres.

57. Cuidam também da igreja *Mater Misericordiae* ou *dos Italianos*. Esta igreja é especialmente destinada aos adultos e aos jovens italianos que aqui,

em grande número, participam das práticas religiosas, vindo de todos os bairros da cidade e das localidades próximas.

58. Na cidade de San Nicolás de los Arroyos, a pouca distância dos selvagens, há um colégio ou pequeno seminário para as missões, onde já se conseguiram algumas vocações.

59. Igreja pública em favor dos adultos daquela cidade.

60. Administra-se também a paróquia de Ramallo, que é uma localidade com cerca de 4.000 almas. A esta paróquia costumam acorrer os habitantes das várias estâncias da numerosa colônia italiana para assistir as práticas religiosas, pelo menos nos dias festivos, especialmente para a administração do batismo e do matrimônio.

República do Uruguai

61. Colégio Pio de Villa Colón e seminário para as missões. Este colégio é também considerado como pequeno seminário diocesano e é equiparado à universidade do Estado.

62. Ali há também uma igreja pública em favor da população próxima.

63. Em Montevidéu, capital da República, oratório com aulas para os meninos pobres e em situação de risco.

64. Na cidade de Las Piedras administra-se a paróquia com seis mil almas, escolas públicas e oratório festivo.

Casas das quais os salesianos quanto antes assumirão a direção

Um colégio na diocese e cidade de Milão, na paróquia de Nossa Senhora Coroada.

Um internato, oratório com pátio para o recreio nos dias festivos, na diocese e cidade de Cremona.

Internato e oratório na cidade de Lugo, diocese de Faenza.

A mesma coisa nas cidades de Brindes, Catânia e Randazzo na Sicília.

Em Challonges, perto de Annecy, em Paris-Auteuil, em Santo Domingo, no Brasil e no Paraguai, etc.

Observações

De forma geral, observa-se:

1° As casas da Congregação são de propriedade dos membros da mesma; existem algumas dívidas, mas há estabelecimentos à venda com valor suficiente para cobri-las.

2° Os jovens que possuem educação cristã, artística ou literária são cerca de 40.000. Desses, cerca de 300 entram todos os anos para a carreira eclesiástica. Quando os alunos decidiram a própria vocação, a maior parte volta para a própria diocese, outros abraçam o estado religioso e alguns se consagram às missões estrangeiras. Depois da aprovação definitiva da Santa Sé, as vocações cresceram de forma muito confortadora. Quando a Congregação foi aprovada pela Santa Sé (3 de abril de 1874), os salesianos eram 250; atualmente ultrapassam os 700 e as obras a eles confiadas, que eram 17, hoje chegam a 64.

Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora

Quando foi apresentado o catálogo da nossa Pia Sociedade, nele constava também o Instituto de Maria Auxiliadora, fundado em Mornese, diocese de Acqui, em 1873. Seu escopo é o de exercer as obras de caridade para com as meninas pobres. Este humilde Instituto, que então possuía somente uma casa, graças à divina bondade, também teve um notável crescimento, como segue:

1. Em Mornese, casa religiosa, casa de noviciado e de postulantes.

2. Na mesma localidade, educandário para meninas pobres, escolas públicas, com encontros nos dias festivos para as mais adultas.

3. Em Nizza Monferrato, na casa de Nossa Senhora das Graças, educandário interno, aulas e oficinas para as externas, estudantado para as irmãs.

4. Na diocese e cidade de Turim, Instituto São Carlos, onde ministram aulas feriais para as meninas pobres, com oratório, aulas dominicais e encontros para as mais adultas.

5. Anexa à mesma casa, estudantado para as irmãs que se preparam aos exames públicos para professoras.

6. Em Chieri, educandário e escolas femininas para as externas, sob a proteção de Santa Teresa.

7. Na mesma cidade abriram-se o oratório e aulas dominicais para as mais adultas, com a presença de mais de 400.

8. Em Lanzo Torinese cuidam da cozinha e da lavanderia do colégio salesiano São Filipe Neri.

9. Na diocese e na cidade de Biella cuidam da cozinha e da lavanderia do seminário episcopal.

10. Na diocese de Casale, em Borgo San Martino, prestam o serviço da cozinha, da lavanderia, da rouparia e promovem encontros nos dias festivos para as jovens mais adultas do lugar.

11. Em Lu, possuem um asilo, aulas e oficina para as meninas pobres e promovem encontros festivos para as mais adultas.

12. Em Quargnento, diocese de Alessândria, as irmãs dirigem asilo infantil e promovem encontros e aulas nos dias festivos para as mais adultas.

13. Em Sampierdarena, diocese de Gênova, cuidam da lavanderia, rouparia, cozinha do Internato São Vicente e promovem encontros festivos para as meninas mais adultas.

14. O mesmo tipo de serviço é prestado no colégio de Alassio, diocese de Albenga.

15. Na diocese de Ventimiglia, em Vallecrosia, têm aulas e oficina e promovem encontros nos dias festivos para as meninas mais adultas a fim de afastá-las dos protestantes, que lá abriram escolas e internato e que as aliciam com prêmios e promessas.

16. Na diocese e cidade de Nice prestam serviço na lavanderia e rouparia do Patronato São Pedro.

17. Na diocese de Fréjus, na região de La Navarre, cuidam da lavanderia e rouparia, da cozinha para os jovens da colônia agrícola ali estabelecida.

18. Em Saint-Cyr prestam o mesmo serviço que em La Navarre.

Casas da América

19. Na diocese de Montevidéu, as irmãs acabam de abrir na paróquia de Las Piedras escolas públicas para as meninas pobres.

20. Em Villa Colón têm escola, oficinas nos dias feriais e encontros nos dias festivos para as meninas pobres.

21. Na cidade e diocese de Buenos Aires abriram há pouco escola e oficina com encontros nos dias festivos para as meninas pobres e abandonadas.

Observações

As casas em que moram as irmãs são todas da Congregação, mas sempre há um salesiano à sua frente. Quanto à parte moral, o espírito de piedade e a observância regular, tudo é bastante satisfatório, o que é motivo para agradecer a misericórdia do Senhor. Quanto à parte material, há algumas dívidas, mas há também os meios garantidos para pagá-las no momento do seu vencimento. Como se pode notar por aquilo que foi dito acima, o Instituto de Maria Auxiliadora, que em 1874 tinha uma só casa, agora tem 21, e as irmãs que eram de 10 a 15 naquela época, agora subiram para mais de trezentas; e há muitos pedidos de admissão, enquanto de várias partes há também muitos pedidos para abrir novas casas ou para assumir a administração de obras já encaminhadas, mas que necessitam de apoio.

Situação moral da Congregação Salesiana

Feita a exposição da situação e do incremento material que a bondade divina concedeu à humilde Congregação Salesiana, agora se apresenta uma breve síntese sobre sua situação moral.

1. A observância das Constituições, graças a Deus, se mantém em todas as casas e até agora não houve nenhum salesiano que, esquecendo sua condição, tenha dado algum escândalo. O trabalho supera as forças e o número das pessoas, mas ninguém desanima, e até parece que a fadiga se torna um segundo alimento material. É verdade que alguns foram vítimas do próprio zelo, tanto na Europa quanto nas missões estrangeiras, mas isto só fez com que aumentasse nos outros religiosos salesianos o ardor para trabalhar. Providenciou-se, porém, a fim de que ninguém trabalhe além das próprias forças, com prejuízo da própria saúde.

2. Os pedidos dos aspirantes salesianos são bastante numerosos, mas notou-se que muitos têm vocação para outras ordens religiosas ou para padres seculares, não para se inscreverem na Pia Sociedade de São Francisco de Sales. Os pedidos anuais giram em torno de 300, dos quais cerca de 150 são admitidos ao noviciado; aqueles que no fim do noviciado professam são em torno de cento e vinte.

3. Com os párocos e com os ordinários diocesanos estamos em ótimas relações e podemos dizer que eles são para nós como pais e benfeitores. Só

com um ordinário é que há dificuldades, sem nunca poder saber o motivo[72]. Com a paciência, com a ajuda do Senhor e trabalhando obedientemente na sua diocese, espera-se que seja possível conquistar a benevolência de que gozamos em todas as demais dioceses.

4. Outra grande dificuldade foi encontrada na ausência dos privilégios. Deseja-se que os salesianos tenham os privilégios de que comumente gozam as ordens religiosas e as outras congregações eclesiásticas, mas isto até agora a Santa Sé não julgou oportuno conceder[73]. O andamento moral e material ficaria bem mais fácil graças à concessão dos privilégios, do que se faz aqui humildemente uma solicitação.

5. Houve o primeiro Capítulo-Geral em setembro de 1877. Foram tratados vários assuntos importantes para a prática das nossas Constituições, mas antes de enviar à Santa Sé as deliberações assumidas, julgou-se oportuno pô-las em prática por algum tempo para conhecer as correções a fazer, introduzir nelas as modificações e submetê-las a outro Capítulo-Geral, se Deus quiser, em setembro de 1880.

6. Todos os sócios da Congregação se unem ao seu Reitor-Mor para homenagear a Santa Sé e professar inviolável apego ao santo padre e suplicam que esta suprema autoridade da Igreja continue a usar para com ela de paterna assistência, enquanto eles, com todo empenho possível, nunca deixarão de manter a fé e a obediência em relação ao vigário de Jesus Cristo, em todos os países onde possuem casas, seja na Europa, seja na América.

Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam.

Sac. João Bosco
Reitor-Mor

[72] A alusão se refere ao arcebispo de Turim Lourenço Gastaldi; veja-se a seção deste volume que aborda este desentendimento (nn. 80-90).
[73] Foram concedidos somente dez anos mais tarde (veja n. 38).

25. "Esclarecimentos ao prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, cardeal Inocêncio Ferrari, quanto à exposição anterior"

Archivio Congregazione dei Religiosi e degli Istituti Secolari, T 9.1 R, manuscrito alógrafo com correções autógrafas; edição em E III, pp. 505-508.

Turim, 3 de agosto de 1879

Eminência reverendíssima,

Recebi cópia das observações que a distinta Congregação dos Bispos e Regulares se dignou fazer à exposição da situação moral e material da Pia Sociedade de São Francisco de Sales.

Antes de tudo, agradeço humildemente vossa eminência, assegurando-lhe que levarei na devida conta as observações feitas para o bem dos sócios salesianos; elas servirão como norma para futuras exposições que cada triênio deverão ser apresentadas à Santa Sé.

Neste momento desejo oferecer os esclarecimentos solicitados segundo a ordem numérica das observações:

1° Nada se diz na acima citada exposição a respeito do estado econômico do Instituto, nem do noviciado, que deve ser feito segundo a norma estabelecida pelos sagrados cânones e pelas constituições apostólicas.

Esclarecimento.

[R.] A Pia Sociedade não existe legalmente, por isso não pode possuir, nem contrair dívidas, nem ter créditos. As casas da Congregação (como se diz na mencionada exposição) são propriedade de alguns sócios; existem dívidas, sim, mas um sócio está vendendo um imóvel de valor suficiente para pagá-las; a Congregação, porém, enquanto ente moral e ente legal, não possui e não pode possuir absolutamente nada.

Uma casa de noviciado está aqui em Turim, aprovada e regulada pela mesma Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares; observam-se também todas as normas estabelecidas e aprovadas no capítulo XIX das nossas Constituições a este respeito; com decreto de aprovação da Congregação para a Propagação da Fé foi aberta outra casa de noviciado em Buenos Aires, capital da República Argentina.

Com autorização da citada Congregação dos Bispos e Regulares ativou-se o de Marselha, onde se está construindo um edifício adaptado e oportuno para todas as observâncias prescritas para tal finalidade.

Em breve se deverá abrir um novo noviciado na *Espanha,* na diocese de *Sevilha*, do que a seu tempo se fará formal solicitação à Santa Sé para a devida autorização.

Houve também um pedido para iniciar um noviciado em *Paris,* mas algumas dificuldades que surgiram tornam improvável seu início, por isso, fica suspensa por ora qualquer prática relativa.

Um sacerdote de ciência e piedade experimentadas é o diretor dos noviços. Dois outros sacerdotes o ajudam. Todos os dias faz-se regularmente a meditação, a leitura espiritual, a visita ao Santíssimo Sacramento e se recita o terço da Bem-aventurada Virgem. Todas as noites os noviços se recolhem na igreja para receber a bênção do Santíssimo. Todas as semanas se confessam, quase todos os dias recebem a santa comunhão. Cada semana são feitas duas conferências e uma instrução sobre as Constituições. Até agora a observância religiosa foi normal.

2° *A Pia Sociedade não pode ser dividida em inspetorias, o que é coisa insólita, mas em províncias, para a ereção das quais, em cada caso, deve-se obter a faculdade da Santa Sé.*

R. A Pia Sociedade foi dividida em inspetorias de acordo com o artigo 17, capítulo IX das Constituições, que assim diz: *Si opus fuerit, Rector Maior, Capítulo Superiore adprobante, constituet visitatores, eisdemque curam quamdam demandabit certum domorum numerum inspiciendi, ubi earum distantia et numerus id postulaverit. Hujusmodi visitatores, sive cognitores, Rectoris Maioris vices gerent in domibus et in negotiis eisdem demandatis*.

Sua Santidade Pio IX, de sempre venerada memória, nos inícios da organização da humilde Sociedade Salesiana, recomendava que se eliminassem as denominações que poderiam chocar-se com o espírito do século. Por isso, em vez de dizer *convento*, propunha que se dissesse *casa, colégio, internato, orfanato*; em lugar de *Geral,* que se diga *Reitor-Mor;* o nome de *prior* ou *guardião* seja substituído pelo de *diretor;* em vez de *provincial* ou *província* use-se algum vocábulo equivalente.

Será oportuno dizer que a divisão em *inspetorias* ainda não foi ativada, mas somente proposta como experiência, e no caso de se perceber sua possível efetivação, será feito o devido recurso à Santa Sé. Mas a tristeza dos tempos que correm e as contínuas dificuldades que cada dia precisamos vencer não

nos permitem prever outro tipo de divisão tolerável em meio ao mundo, por isso se pede que seja temporariamente admitida.

3° *No ponto que fala da "Inspetoria Piemontesa" se diz que ao sagrado ministério dos salesianos são confiadas algumas casas de acolhida de mulheres. Esse tipo de atribuição não pode ocorrer, a não ser por autorização do respectivo bispo, por isso, era preciso explicitar se este tinha intervindo e em que consiste esse sagrado ministério.*

R. Ao abrir institutos femininos e ao assumir sua direção espiritual, foram seguidas todas as normas descritas no capítulo X das nossas Constituições. Trata-se de institutos totalmente carentes de meios materiais, aos quais os salesianos, a pedido dos ordinários diocesanos, prestam caridosamente o serviço religioso. Este sagrado ministério é sempre definido e limitado pelo ordinário diocesano em tudo o que se refere aos santos sacramentos da confissão, da comunhão, da celebração da santa missa, da palavra de Deus, do catecismo e coisas semelhantes.

4° *Da dita exposição resulta que os salesianos têm colégios, escolas, etc., e nada se diz se isto acontece com a licença dos respectivos ordinários e se no ensino dependem deles conforme os sagrados cânones, especialmente com o Sagrado Concílio de Trento.*

R. No caso de abertura de novas casas foram seguidas todas as regras aprovadas pela Santa Sé, como são descritas no capítulo X das nossas Constituições; por consequência, foram feitas com antecedência as devidas práticas com os ordinários diocesanos conforme são prescritas pelos sagrados cânones e pelo Sagrado Concílio de Trento.

5° *Na mesma exposição se acrescenta uma relação a respeito de um Instituto de mulheres sob a denominação de Maria Auxiliadora, e nada se diz se este Instituto tem um superior-geral de quem as irmãs dependem e se é totalmente independente, como deve ser, do Instituto dos salesianos.*

R. Quando foram aprovadas as Constituições Salesianas tratou-se e se discutiu a respeito do que se referia ao Instituto das Filhas de Maria Santíssima Auxiliadora.

O Instituto de Maria Auxiliadora depende do superior-geral da Pia Sociedade Salesiana nas coisas temporais, mas no que concerne ao exercício do culto religioso e à administração dos sacramentos está totalmente sujeito

à jurisdição dos ordinários diocesanos. O Superior dos salesianos administra os meios materiais para as irmãs e com o consentimento do bispo estabelece um sacerdote com o título de diretor espiritual para cada casa de irmãs. Vários bispos aprovaram este instituto feminino e agora se está fazendo a devida experiência para conhecer na prática as modificações a serem introduzidas antes de apresentá-las à Santa Sé para a aprovação. Como em diversos pontos de suas Regras se fala do limite da dependência das irmãs do Superior dos salesianos, une-se aqui uma cópia das suas Regras para quem desejar maiores esclarecimentos a respeito delas. Nota-se também que a casa-mãe dessas irmãs está em Mornese, diocese de Acqui, cujo ordinário sempre regulamentou a origem, o progresso e a expansão do Instituto.

6° *Acrescenta-se que as ditas irmãs trabalham na cozinha e cuidam da lavanderia e rouparia nos seminários, nos internatos masculinos, o que sempre foi desaprovado pela Santa Sé.*

R. Em tudo, sempre houve prévio entendimento com os ordinários diocesanos; aliás, os pedidos foram feitos por eles mesmos e são observadas todas as regras que os sagrados cânones prescrevem e que a prudência sugere.

7° *Esta Sagrada Congregação não pode deixar de observar, pelo menos como coisa singular e inoportuna, que a citada exposição tenha sido impressa, quando a relação trienal que os Superiores-Gerais dos institutos devem elaborar cada três anos só tem como objetivo dar a conhecer à Santa Sé o estado disciplinar, pessoal, material, econômico de cada instituto, e o andamento do noviciado.*

R. Fiz imprimir esta exposição com a única finalidade de facilitar sua leitura. Sendo esta a primeira vez que eu envio uma relação desse tipo à Santa Sé, segui o conselho do superior de outro instituto que me disse: a Santa Sé prefere uma exposição impressa. Da próxima vez terei o cuidado de enviá-la escrita à mão.

Dados assim os esclarecimentos solicitados, peço a vossa eminência queira olhar para esta pobre Sociedade com benévola consideração. Os tempos, as autoridades e as leis civis, os esforços que se fazem para eliminar os institutos eclesiásticos me levam a implorar de vossa eminência todo o apoio e toda a indulgência compatíveis com as prescrições da Santa Igreja.

Estes esclarecimentos deviam ser enviados a vossa eminência no mês de maio passado, mas por graves problemas a que esteve sujeita esta casa tive que atrasar-me até o presente momento.

Com a máxima veneração, considero ser sempre uma grande satisfação poder subscrever-me

De vossa eminência reverendíssima humílimo e obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

26. Outros esclarecimentos a respeito das "Observações" recebidas

ASC A 1710419 *Lett. orig. Ferrieri*, manuscrito alógrafo com correções autógrafas; edição em E III, pp. 540-544. Entre colchetes são acrescentados trechos da carta ao cardeal Ferrari, que faltam no original.

Turim, 12 de janeiro de 1880

Eminência reverendíssima,

Lamento que, apesar da minha boa vontade, não tenha conseguido dar os esclarecimentos esperados a respeito da exposição trienal feita à Santa Sé sobre a nossa humilde Congregação. A fim de que este e outros problemas possam ser explicados em sentido compatível com esta Congregação e ao mesmo tempo no sentido querido pelos sagrados cânones, envio o sacerdote Francisco Dalmazzo, na qualidade de nosso procurador, com o encargo de colocar-se às ordens de vossa eminência ou de quem julgar oportuno indicar.

Enquanto isso, aqui eu exponho alguns pensamentos meus em obsequiosa resposta à carta que vossa eminência se dignou enviar-me no dia 3 de outubro de 1879. O mencionado sacerdote Dalmazzo pode dar maiores explicações a respeito de tudo o que for necessário.

[Com o esclarecimento dado sobre a observação n. 1, o senhor diz que a Pia Sociedade não existe legalmente, por isso não pode possuir nem contrair dívidas. Depois continua dizendo que as casas da Congregação são propriedade de alguns sócios; que existem dívidas, mas um sócio tem à venda um imóvel para pagá-las. Conclui afirmando que a Congregação, enquanto entidade moral e entidade legal, não possui, nem pode possuir. Esta Sagrada Congregação imagina que todas as ditas expressões de não existência legal, vossa reverendíssima queira entendê-las em relação à lei civil, hostil aos pios institutos, pois quanto às leis da Igreja, perante as quais não têm nenhum valor as leis civis, todos os pios institutos, como

o dos salesianos, têm sua existência legal segundo os sagrados cânones. É por isso que estão sujeitos à Santa Sé quanto aos bens que possuem, seja qual for o nome sob o qual foram adquiridos e que se possuam.

Todos os pios institutos, na sua relação trienal, sem atender às leis civis de qualquer governo, fazem a sua exposição a respeito da situação econômica, expondo resumidamente quais bens possuem sob qualquer nome, quais rendas recebem, seja qual for sua proveniência e como são empregadas; e se devem vender bens, mesmo que estejam em nome de terceiras pessoas, fazer dívidas, esta Sagrada Congregação sempre inculcou a necessidade do beneplácito apostólico, e se mostraram obedientes; somente vossa senhoria alegou a lei civil para eximir-se dessas obrigações.

Reflita que as Constituições foram aprovadas pela Santa Sé com as devidas obrigações que resultam do art. 2° do cap. VI e do art. 3 do cap. VII, embora tenham sido emanadas leis civis na época da citada aprovação].

1° Quanto à propriedade

Esta nossa Pia Sociedade, nem perante a sociedade civil, nem perante a Igreja, é entidade moral com capacidade para possuir. No capítulo IV, n. 1 das nossas Constituições se lê: "*Ideoque qui sunt professi in hac Societate dominium radicale, ut aiunt, suorum bonorum retinere poterunt*". No mesmo capítulo n. 2 se diz assim: *Poterunt vero sodales de dominio sive per testamentum, sive (permissu tamen Rectoris Maioris), per acta inter vivos libere disponere*".

Como pela tristeza dos tempos atuais este ponto era para nós fundamental, na aprovação das nossas Constituições eu perguntava como deveriam ser entendidas as palavras do capítulo VII, artigo 3, que diz: "*In bonorum alienationibus Societatis, et aere alieno conflando, serventur quae sunt de iure servanda iuxta Sacros Canones, et Constitutiones Apostolicas?* ".

Por meio do arcebispo, depois cardeal Vitelleschi, então secretário da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, os eminentíssimos purpurados mandaram dizer: a resposta se encontra no próprio artigo, isto é, *in alienationibus bonorum Societatis*: e se deverá entender que, quando os tempos ou os lugares permitirem possuir alguma coisa em comum ou em nome da Pia Sociedade, se deverá observar este artigo, como o observam todas as congregações religiosas e eclesiásticas. Isto parece ser conforme o n. 2 do citado capítulo VII, onde se diz do Reitor-Mor: "*Nulla, quod ad res immobiles attinet, emendi vel vendendi ei erit facultas, absque Superioris Capituli consensu*".

Este é o sentido que sempre dei às nossas Constituições, desde o princípio da existência desta Pia Sociedade. Assim sempre o entendeu também o sumo pontífice Pio IX, de sempre gloriosa memória, como também os

eminentíssimos cardeais escolhidos para o exame e a aprovação das nossas Constituições.

Ora, considerar sujeitos às prescrições dos sagrados cânones os estabelecimentos possuídos pessoalmente pelos sócios como bens eclesiásticos criaria confusão no andamento das nossas coisas, dado que todos os salesianos fizeram a sua profissão religiosa apoiados no primeiro artigo do capítulo IV *De voto paupertatis,* que começa assim*:* "*Votum paupertatis, de quo hic loquitur, respicit tantummodo cuiuscumque rei administrationem, non vero possessionem*".

[No mesmo esclarecimento da observação n. 1, vossa senhoria afirma que, com autorização da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, deu início ao noviciado de Marselha. À citada Sagrada Congregação não consta ter dado esta autorização, por isso, convido-o a apresentar o relativo rescrito pelo qual resulte a faculdade de abrir o noviciado em Marselha].

2° Noviciado de Marselha

Quanto à autorização do noviciado em Marselha, do qual se pretende exigir a apresentação do rescrito, houve um equívoco da minha parte. Considerando que esta Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, em data de 5 de fevereiro de 1879, tendo solicitado o parecer do bispo daquela cidade e que este, em data de 23 de fevereiro de 1879, respondeu favoravelmente à Sagrada Congregação, pensava-se que a tramitação estava terminada, ao passo que ainda está em curso. Por isso, une-se aqui a relativa documentação, e renovo o pedido para que a concessão seja concedida.

[Na resposta que vossa senhoria dá à observação n. 2 diz que a Pia Sociedade está dividida em inspetorias, conforme o art. 17, cap. IX das Constituições. Ora, no citado art. 17 fala-se de visitadores a serem constituídos pelo Reitor-Mor *si opus fuerit*, *Capítulo Superiore approbante* e não de inspetores. Todos os outros institutos, em qualquer parte do mundo onde estiverem, estão divididos em províncias, prévia aprovação da Santa Sé, a qual nunca admitiu que a divisão seja feita sob outro nome. O senhor deve ater-se a esta regra geral].

3º Na divisão por inspetorias, em vez de províncias, julguei que esta fosse a aplicação do artigo 17, capítulo IX das nossas Constituições: "*Si opus fuerit, Rector Maior, Capítulo Superiore adprobante, constituet visitatores, eisdemque curam quamdam demandabit certum domorum numerum inspiciendi* ".

O nome de província ou de provincial nestes tempos calamitosos nos atiraria em meio aos lobos por quem seríamos devorados ou dispersos. Esta

nomenclatura foi proposta pelo próprio Pio IX, de sempre querida e grata memória. Caso se pretenda que sejam adotados os nomes antigos, peço que tal obrigação fique pelo menos limitada no trato com a Santa Sé, com a liberdade de usar no mundo os modos e as palavras que são possíveis nos tempos atuais.

[No esclarecimento que vossa senhoria faz a respeito da observação n. 3, diz assim: ao abrir institutos femininos e ao assumir a sua direção espiritual, foram seguidas todas as normas descritas no cap. X das Constituições. Nesse capítulo se fala de abertura das casas para clérigos, para jovens a serem educados pelos salesianos; não se fala absolutamente da abertura de casas de mulheres a serem dirigidas por eles. Nem se pode dizer que foi intenção da Santa Sé permitir a abertura de tais casas aos salesianos ao aprovar as Constituições, porque isto é contrário a seu pensamento fundado sobre motivos bem racionais. Os salesianos poderão ter a direção espiritual nas casas de mulheres caso seja confiada a eles pelos respectivos ordinários, e esta direção espiritual deve consistir na administração dos sacramentos e na pregação da palavra de Deus, se e como lhe for confiado pelos ditos ordinários].

4º Nos assuntos relativos às Irmãs de Maria Auxiliadora os salesianos não têm outra ingerência nas suas casas a não ser a espiritual, nos limites e no modo que permitem e prescrevem os ordinários em cuja diocese houver alguma casa das mesmas.

[À observação n. 4 vossa senhoria responde: quando foram aprovadas as Constituições Salesianas tratou-se e se discutiu a respeito do que se refere ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. O Instituto de Maria Auxiliadora depende do superior-geral da Pia Sociedade Salesiana.

Examinada a volumosa posição dos salesianos, especialmente a parte que se refere à aprovação das Constituições, observou-se que nunca se tratou e muito menos se discutiu o que se refere às Filhas de Maria Auxiliadora. Se isto fosse verdade, certamente esta Sagrada Congregação teria ordenado a divisão dos dois Institutos. Ela nunca costumou aceitar, especialmente nos tempos mais recentes, que os institutos de mulheres dependam de institutos de homens; e se alguma vez ocorreu algum caso desse tipo de dependência, sempre ordenou sua cessação imediata. O senhor pretende introduzir uma norma contrária que esta Congregação não pode deixar de reprovar].

5º No que tange ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, se foi ou não proposto na aprovação das Constituições, posso responder que no sumário impresso aos cuidados dessa Sagrada Congregação, no exame para a aprovação definitiva das nossas Constituições, ao enumerar as casas já abertas naquele tempo, à p. 10, n. 16, se lê quanto segue: como apêndice e em dependência da Congregação Salesiana há a *casa de Maria Auxiliadora*, fundada com

aprovação da autoridade eclesiástica em Mornese, diocese de Acqui. O escopo é o de fazer pelas meninas pobres o que os salesianos fazem pelos meninos. As religiosas já são quarenta e cuidam de duzentas meninas.

Os eminentíssimos cardeais acima citados fizeram algumas perguntas quanto à natureza e ao escopo dessa instituição e, mostrando-se satisfeitos com as minhas declarações verbais, concluíram que o assunto seria tratado em seguida mais cuidadosamente quando fossem apresentadas as suas Constituições para a oportuna aprovação da Santa Sé.

[Quando esta Sagrada Congregação, na observação n. 5 sobre a relação trienal de vossa senhoria, escreveu sobre o regime do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, perguntou-se se ele tinha superiora-geral e não superior-geral, como vossa senhoria erroneamente escreve, referindo a observação acima indicada].

6º Nos esclarecimentos solicitados no dia 5 de abril de 1879 se pedia: "*Se este Instituto* das Irmãs de Maria Santíssima Auxiliadora *tem um superior-geral do qual dependem as irmãs e se tal Instituto é totalmente independente como deve ser do Instituto dos salesianos"*.

Foi respondido afirmativamente, acrescentando qual era a autoridade das religiosas de acordo com as Constituições. Agora vossa eminência pergunta se as ditas irmãs têm uma superiora-geral. Respondo afirmativamente: elas têm *superiora-geral,* bem como têm o próprio Capítulo Superior, conforme o título II das suas Constituições.

Exposto o dito acima, peço a vossa eminência queira considerar com paterna bondade que a Pia Sociedade Salesiana, sem meios materiais, em tempos calamitosos, começou e até agora se mantém em meio a crescentes dificuldades e hostilizada de mil maneiras. Por isso, ela precisa de toda a sua benevolência e de toda a indulgência que for compatível com a autoridade da Santa Madre Igreja.

São cerca de cem as casas abertas, nas quais se proporciona educação cristã a aproximadamente cinquenta mil jovens, dos quais mais de seiscentos entram anualmente como clérigos para a carreira eclesiástica. Por outro lado, creio poder dar garantias a vossa eminência de que os salesianos não têm outro escopo a não ser o de trabalhar para a maior glória de Deus, para que a Santa Igreja difunda o Evangelho de Jesus Cristo entre os índios dos Pampas e da Patagônia, razão pela qual todos nós pedimos benevolência, conselho, ajuda material e moral.

Prostrado perante vossa eminência, solicito perdão se involuntariamente escrevi alguma palavra não conveniente, enquanto tenho a alta honra de poder professar-me

De vossa eminência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

27. Relatório para o presidente do Conselho e ministro do Exterior, Benedito Cairoli, a respeito da ação salesiana em favor dos imigrados italianos na Argentina e no Uruguai

ASC A072 *Documenti per scrivere la storia di don Giovanni Bosco…*, vol. XXIII, pp. 81-82; edição em E IV, pp. 4-6.

Turim, 16 de janeiro de 1881

Excelência,

Há seis anos que eu me apresentei ao senhor ministro do Exterior em Roma expondo a necessidade de uma missão italiana na América do Sul. Examinada e conhecida a importância do projeto, o senhor ministro o aprovou, encorajou com palavras elogiosas e me ajudou com um subsídio para as viagens. Assim, no dia 14 de novembro de 1875, enviei dez sócios do nosso Instituto que chegaram à República Argentina no dia 14 do mês seguinte. Em seguida houve mais quatro expedições.

Queira agora aceitar uma breve relação do que foi possível fazer nesse lapso de tempo.

No Uruguai

Na cidade de Montevidéu, capital daquela República, fundou-se uma escola frequentada por mais de 300 jovens pobres, que em parte são filhos de italianos.

Em Villa Colón, pouco distante da capital, há um colégio onde se ensina e se fala a língua italiana. A mesma instrução é ministrada aos europeus que moram nas cidades orientais do rio da Prata.

República Argentina

No lugar dito La Boca, bairro fortemente povoado da cidade, vivem mais de 20.000 italianos. Aqui foi constituída uma paróquia, fundaram-se escolas para meninos e meninas, com internato para aproximadamente 200 meninos pobres.

No centro da cidade existe a igreja da Misericórdia. Na mesma cidade há o internato de São Carlos de Almagro onde são acolhidos mais de 200 meninos pobres. Os sócios salesianos cuidam deles e ali celebram o culto religioso em favor de uma multidão de adultos e meninos que frequentam, por assim dizer, a sua igreja nacional, onde constantemente se prega em italiano e se fala a língua italiana.

Na cidade de San Nicolás de los Arroyos também há um colégio para internos e externos, onde se estuda e se fala a língua italiana.

Cuida-se também de muitas colônias italianas, entre as quais a primeira é dita *Villa Libertad,* em Entre Rios, e que conta com 200 famílias italianas que foram fixadas nos assim ditos campos ou sítios muito distantes da cidade e do comércio. Lá os cuidados se referem exclusivamente à cultura daquelas terras fertilíssimas.

Na Patagônia

Na Patagônia, às margens do Rio Negro, em pouco tempo foi possível fundar seis colônias de índios, junto aos quais acorreram muitos europeus, particularmente italianos. Naquelas colônias, os salesianos fundaram escolas, casas de educação e internatos para meninos, adultos e para todos os que têm necessidade de aprender artes e ofícios e a maneira de cultivar a terra.

A ideia é de estender as missões italianas até o estreito de Magalhães e daí chegar até ao cabo Horn. Mas a respeito desse argumento preciso conversar pessoalmente com vossa excelência, o que espero fazer, se me atender, no próximo mês de março.

Situação atual das coisas

As últimas estatísticas enumeram mais de 30.000 italianos na República Argentina, dos quais 20.000 moram na capital, sem falar dos bairros periféricos. Foram realizadas já cinco expedições de salesianos, que atualmente estão divididos em 34 localidades, onde dão instrução e educação em geral aos mais pobres e abandonados, com cuidados particulares para com os italianos.

Providências

Atualmente se trata de fazer uma nova expedição em ajuda daqueles que já trabalham naquelas Repúblicas que sentem a mesma necessidade de que alguém tome conta da juventude e dos próprios adultos. Essa expedição está fixada para o fim do presente mês, no navio Humberto I, da Sociedade Rocco e Piaggio.

Os outros partirão no dia 3 do próximo mês de fevereiro, nos navios da Sociedade Lavarello.

Encontrando-me em dificuldades para fazer frente às provisões necessárias e pagar as despesas da viagem, recorro a vossa excelência a fim de que me ajude nessa empresa, que certamente será de grande honra para a nação italiana e de todos os que a promovem. Creio que lhe agrade saber como os sócios salesianos muitas vezes prestaram serviços aos encarregados do governo italiano residentes em Montevidéu e Buenos Aires, como consta da exposição que aqueles funcionários fizeram ao governo italiano.

Aí está a obra que pretendo colocar sob a proteção de vossa excelência: obra que tem como escopo difundir a ciência, a moralidade, a civilização, o comércio e a agricultura naqueles países tão distantes, para os quais afluem seguidamente famílias italianas.

Cheio de confiança em sua conhecida bondade, tenho a grande honra de professar-me

De vossa excelência humilde expositor

Sac. João Bosco

28. Circular para a igreja do Sagrado Coração de Roma

ASC A1760419, cópia de circular impressa[74]

Turim, 29 de janeiro de 1881

Todas as obras que concorrem para o decoro da nossa santa religião certamente devem interessar a todos os cristãos do mundo inteiro, de modo especial quando são destinadas ao bem e a ornamento da santa cidade de Roma, centro do cristianismo, e promovidas pelo próprio supremo hierarca da Igreja. Desse tipo são as obras descritas mais abaixo, a serem realizadas na capital do mundo católico, consideradas de suma utilidade à religião e à sociedade civil e, por isso, propostas pela mente iluminada do zeloso pontífice Leão XIII, gloriosamente reinante. São as seguintes:

1° Uma igreja no Castro Pretório, no monte Esquilino, consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, que servirá também de paróquia a uma população de doze mil almas e de monumento para o imortal Pio IX. O ente jurídico paroquial já está constituído e reconhecido pela autoridade eclesiástica e civil;

2° Um espaço para o recreio, onde se podem acolher os jovens, especialmente nos dias festivos, entretê-los com divertimentos agradáveis depois de terem cumprido os seus deveres religiosos;

3° Aulas noturnas para os operários mais adultos. Esta classe de jovens, ocupada durante o dia em trabalhos cansativos, muitas vezes não dispõe de meios para obter uma instrução conveniente de que teria grande necessidade;

4° Aulas diurnas para os meninos que por causa da sua pobreza e do seu abandono não podem frequentar as escolas públicas;

5° Um internato em que serão instruídos na ciência, nas artes e nos ofícios os jovens que andam pelas ruas e pelas praças, seja qual for a localidade, a cidade ou o país. Por isso, muitos deles vão a Roma com a esperança de encontrar trabalho e dinheiro, mas, desiludidos em suas esperanças, caem na miséria, expostos ao perigo de praticar o mal e como consequência de serem levados a povoar as prisões do Estado. Esse internato deverá ser capaz de acolher cerca de quinhentos órfãos pobres, conforme o modelo do Oratório de São Francisco de Sales já existente em Turim.

[74] No ASC se conservam outras duas cópias impressas, datadas de 16 de julho de 1881 e 10 de fevereiro de 1882, com variantes mínimas, relativas ao progresso dos trabalhos da igreja: cf. E IV, pp. 18-20.

Situação

Desde 1878, por iniciativa do pontífice reinante, foi criada uma comissão de personalidades importantes, sob a presidência do seu eminentíssimo vigário-geral, com a finalidade de construir o mencionado edifício sagrado. Comprada a área, logo começaram os trabalhos de acordo com uma planta do senhor engenheiro Vespignani[75], que progrediam rapidamente. Mas, vindo a faltar os meios para continuar a construção e, por outro lado, querendo providenciar mais eficazmente às necessidades da juventude em situação de risco, o santo padre julgou por bem confiar ao abaixo assinado a construção, o acompanhamento e a administração da obra (1). Ao mesmo tempo e com tanta falta de meios, Sua Santidade o autorizou a recorrer à caridade de todos os fiéis cristãos.

Modo de colaborar

1° Pode-se colaborar com meios pecuniários ou com material de construção;

2° Cada um pode ajudar com a oração e aconselhando pessoas de posses a se tornarem benfeitores;

3° A todos o colaboradores pede-se que, em Roma, encaminhem as ofertas a sua eminência reverendíssima o senhor cardeal Rafael Monaco La Valetta, vigário-geral de Sua Santidade, ou ao sacerdote doutor Francisco Dalmazzo[76] – Tor de' Specchi N. 36, Roma; ou então ao sacerdote João Bosco em Turim;

4° Sob o nome de coletores, algumas pessoas serão enviadas e autorizadas a recolher ofertas. Mas os coletores não deverão recolher doações, sejam quais forem, sem terem em mãos uma autorização escrita na qual conste a finalidade da solicitação, nome, sobrenome, qualidade do coletor, assinatura do sacerdote João Bosco, com o carimbo em que constam as palavras: *Pia Societas Sancti Francisci Salesii*;

[75] Francisco Vespignani (1842-1899) cuidou da construção de diversos edifícios, prevalentemente em Roma, entre os quais a basílica do Sagrado Coração de Jesus, da qual, por indicação de Dom Bosco, modificou o projeto original, aumentando seu tamanho.

[76] Francisco Dalmazzo (1845-1895), encarregado de acompanhar os trabalhos da igreja do Sagrado Coração, residia com as Oblatas de Tor de' Specchi.

5° Sem esta formalidade, os excelentíssimos e reverendíssimos arcebispos das várias dioceses e os muito reverendos senhores párocos, curas e reitores de igreja são instantemente solicitados a se tornarem eles mesmos coletores entre os fiéis cristãos que moram no território da respectiva jurisdição, a enviar a alguém dos acima citados três nomes o dinheiro que puderem recolher, e a favorecer assim os ditos coletores autorizados pelo correspondente certificado.

Vantagens para os doadores e coletores

1° Uma especial bênção do santo padre, que aprova e recomenda o pio empreendimento a todos os que amam o incremento da nossa santa religião, o bom costume, o bem da juventude e de toda a sociedade civil;

2° Estando pronto o edifício sacro e consagrado ao culto divino, na sexta-feira de cada semana, será celebrada uma missa no altar-mor, com a recitação da coroinha do Sagrado Coração de Jesus e de outras orações especiais pelos benfeitores;

3° O mesmo pio exercício terá lugar na festa do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, do Santo Natal, do Santíssimo Sacramento e em cada festa dos santos apóstolos;

4° A fim de prestar especial obséquio à augusta Mãe de Deus e invocar sua poderosa proteção sobre todos os nossos benfeitores, à noite de cada dia se rezará a terça parte do santo rosário, se cantarão as Ladainhas de Nossa Senhora ou o *Ave Maris Stella,* ao qual seguirá a bênção com o Santíssimo Sacramento. A celebração terminará com o *De Profundis*, *Oremus* correspondente, *Pai-nosso, Ave-Maria* e *Requiem* em sufrágio dos benfeitores falecidos.

5° Estas celebrações de missas, orações e exercícios de piedade cristã se realizarão de forma perene.

Sac. João Bosco

(1) Após esta benévola disposição do santo padre, foi preciso adquirir outro terreno para ampliar a igreja e para levantar o projetado internato, as escolas e as oficinas.

29. Palavras dirigidas aos ex-alunos

Edição Impressa em Boletim Salesiano 7 (1883) 8, pp. 127-129.

[*Palavras dirigidas aos ex-alunos leigos, 15 de julho de 1883*[77]]

[…] Por fim, Dom Bosco, visivelmente comovido, tomou a palavra. Manifestou a grande satisfação que sentia naquele momento ao rever tantos dos seus amadíssimos filhos; garantiu-lhes que ele sempre os amava e que com eles amava também os que não estavam ali presentes com o corpo, mas que ali se encontravam pelo afeto; agradeceu-lhes a filial demonstração, que sempre em maior número lhe dedicavam; louvou o pio pensamento de oferecer-lhe um presente que fazia tão bela figura na igreja de Maria Auxiliadora; particularmente teve palavras carregadas de grande afeto para com o pároco de Faule.

– É verdade, disse Dom Bosco, que o orador e poeta, ao falar de Dom Bosco, saiu-se com pios exageros e usou a figura de retórica chamada hipérbole; mas esta é uma licença que se perdoa aos filhos que, ao exprimir os sentimentos da alma, seguem mais os ditames do coração do que os da mente. Lembrai-vos sempre, porém, de que Dom Bosco não foi e não é outra coisa senão um pobre instrumento nas mãos de um artista habilíssimo e onipotente que é Deus; a Deus, portanto, se atribua todo louvor, honra e glória.

– Quanto ao mais, acrescentou Dom Bosco, disse bem o nosso padre Colletti, que o Oratório até agora realizou grandes coisas; e eu acrescento que, com a ajuda de Deus e com a proteção de Maria Auxiliadora, realizará outras maiores ainda. Além da ajuda do céu, o que facilitou e facilitará praticarmos o bem é a própria natureza da nossa obra. O escopo que nós buscamos a torna bem-vista por todos os homens, inclusive pelos que em questão de religião não pensam como nós. Se há alguém que nos hostiliza é preciso dizer que não nos conhece ou então que não sabe o que aqui se faz. A instrução civil, a educação moral da juventude abandonada ou em situação de risco, para subtraí-la ao ócio, à má vida, à desonra, talvez também à prisão, eis a que visa a nossa obra. Ora, qual pessoa ajuizada, qual autoridade civil poderia impedi-la?

[77] Por ocasião de um seu encontro em Valdocco para homenagear Dom Bosco.

Ultimamente, como sabeis, estive em Paris e preguei em diversas igrejas para perorar a causa das nossas obras e, digamos francamente, para conseguir dinheiro a fim de providenciar pão e sopa para os nossos jovens que nunca perdem o apetite. Ora, entre os ouvintes havia os que compareciam somente para conhecer as ideias políticas de Dom Bosco; pois alguns supunham que eu tinha ido a Paris para proclamar uma revolução; outros, para buscar sócios de um partido e assim por diante; de modo que havia pessoas bondosas que realmente temiam me acontecesse alguma brincadeira de mau gosto. Mas, desde as primeiras palavras, acabaram-se todas as ilusões, caíram todos os temores e Dom Bosco foi deixado livre para correr de uma ponta a outra da França. De fato, com a nossa obra não fazemos política; nós respeitamos as autoridades constituídas, observamos as leis que é preciso observar, pagamos os impostos e tocamos para frente, somente pedindo que nos deixem fazer o bem à juventude pobre e salvar almas. Se se quiser, nós também fazemos política, mas de modo totalmente inocente, antes, vantajoso para cada governo.

A política se define como a ciência e a arte de bem governar o Estado. Ora, a Obra dos Oratórios na Itália, na França, na Espanha, na América, em todos os países onde já se estabeleceu, dedicando-se especialmente a fazer o bem à juventude mais necessitada, tende a diminuir o número dos maus e vagabundos, dos pequenos malfeitores e pequenos ladrões, a esvaziar as prisões, numa palavra, tende a formar bons cidadãos que, longe de dar problemas às autoridades públicas, são de apoio para elas, a fim de manter na sociedade a ordem, a tranquilidade, a paz. Esta é a nossa política; desta somente nos ocupamos até agora, desta nos ocuparemos no futuro.

É precisamente este método que permitiu a Dom Bosco fazer o bem, antes a vós, depois a tantos outros jovens de qualquer idade e lugar. Além disso, para que entrar em política: com todos os nossos esforços, o que poderíamos conseguir? Nada mais do que talvez tornar impossível continuar a nossa obra de caridade. Os assuntos políticos de hoje podem ser vistos como um trem que corre veloz sobre os trilhos, puxando atrás de si um comboio que pode terminar até mesmo no precipício e na ruína.

Quereis colocar-vos no meio dos trilhos para pará-la? Seríeis esmagados. Quereis gritar para assustá-la? Mas ela não ouve e vós prejudicaríeis inutilmente a vossa garganta. Perfilar-se de cá e de lá, deixá-la passar, até que pare por si mesma ou Deus a pare com a sua mão poderosa. Certamente no mundo deve haver também os que se interessam pelos assuntos políticos, para dar conselhos, para apontar perigos e coisas semelhantes; mas essa tarefa não é

para nós, pobrezinhos. A nós, a religião e a prudência nos dizem: vivei como bons cristãos, ocupai-vos com a educação moral dos vossos filhos, instruí bem no catecismo as crianças dos vossos colégios e das vossas paróquia, eis tudo.

Este, repito, é o comportamento de Dom Bosco, que é tão pouco político que nem mesmo lê um jornal; este seja também o vosso comportamento, queridos filhos, e tirareis daí um grande bem, que é o que vos desejo, quero dizer, a concórdia e a paz nas vossas famílias, a prosperidade nos vossos negócios temporais, uma vida longa, livre de graves afãs e tribulações, e especialmente o bem de todos os bens, que é a perseverança na graça de Deus e a felicidade do paraíso, onde eu espero que, pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo e pela intercessão de Maria Santíssima, todos nos encontemos um dia a cantar as suas glórias eternas. [...].

[*Palavras dirigidas aos ex-alunos sacerdotes, dia 19 de julho de 1883*]

[…] Depois de todos veio Dom Bosco a falar e, vencendo com dificuldade a comoção que no princípio quase lhe sufocava a palavra, manifestou a grande consolação que provava em rever tantos queridos filhos e zelosos sacerdotes, agradeceu-lhes a afeição que continuavam a ter para com ele, prometeu de sua parte que haveria de corresponder-lhes até a morte, rezando por eles e ajudando-os em tudo o que lhe fosse possível.

Expondo em seguida como o Senhor e a Bem-aventurada Virgem abençoam o Oratório e as suas obras, fez algumas observações que nos agrada particularmente registrar aqui.

– Desde algum tempo, disse ele, vai-se dizendo e também publicando nos jornais que Dom Bosco faz milagres. Este é um erro. Dom Bosco nunca pretendeu fazer milagres e nunca disse que os faz e nenhum dos seus filhos deve ajudar a propagar esta falsa ideia. Digamos claramente como as coisas estão: Dom Bosco reza e faz os seus jovens rezarem pelas pessoas que se recomendam a ele a fim de obter esta ou aquela graça, e Deus, na sua infinita bondade, em geral concede as graças pedidas, às vezes mesmo extraordinárias e milagrosas. De verdade, Dom Bosco entra tão pouco que muitas vezes se obtêm as graças sem que ele saiba nada a respeito delas.

– Aqui ele repetiu o que já tinha dito em outras ocasiões e acrescentou: Nossa Senhora Auxiliadora: eis a taumaturga, eis a operadora de graças e mila-

gres, pelo grande poder que ela recebeu de seu divino Filho Jesus. Ela sabe que Dom Bosco precisa de dinheiro para dar de comer a tantos milhares de jovens pobres que lhe pesam nas costas; sabe que ele é pobre e que sem subsídios materiais não se pode levar adiante as obras iniciadas para o bem da religião e da sociedade; sendo assim, o que faz Maria? Como boa mãe, ela procura, vai à procura dos doentes e diz a cada um: queres sarar? Então, faze a caridade àqueles jovens pobres, ajuda aquelas obras, e eu farei a ti a caridade da cura. Ela vê naquela casa reinar a desolação por causa de um filho transviado, e diz ao pai ou à mãe: queres que este coitado se afaste do mau caminho? Então esforça-te por afastar do perigo da alma e do corpo tantos jovens pobres abandonados, e eu farei com que o teu filho tome juízo. Em suma, para não me prolongar demais, Maria Auxiliadora, de mil maneiras, conforta aqueles que ajudam o Oratório, e a nós só nos cabe não sermos indignos da sua proteção.

E se Maria ajuda os filhos do Oratório, ela ajuda também a vós, que o fostes um dia e ainda vos alegrais por terdes sido. Vivei sempre como bons sacerdotes, como vos ensinou e vos inculcou este vosso velho amigo; cuidai da salvação das almas que correm o perigo de se perderem miseravelmente; cuidai especialmente da juventude da vossa terra, na qual está a esperança da sociedade; ficai unidos ao chefe da Igreja, o vigário de Jesus Cristo; queiramo-nos sempre bem, rezemos uns pelos outros, e particularmente vós, rezai por este vosso pobre Dom Bosco, que cada dia se aproxima sempre mais da morte, a fim de que, pela misericórdia de Deus, todos nos possamos salvar, e conosco salvar muitos outros.

SEGUNDA SEÇÃO

DOM BOSCO FUNDADOR

Apresentação

A experiência originária de Valdocco e dos primeiros oratórios turinenses teria podido crescer em amplitude e profundidade, como também se estender para além dos limites da cidade, com duas condições: a existência de um projeto operativo e a disponibilidade de recursos humanos e econômicos a fim de realizá-lo.

Dom Bosco intuiu muito precocemente que a continuidade da sua Obra passava pela organização estável das forças disponíveis, adequadamente formadas no plano educativo e pastoral. As sugestões do ministro Rattazzi, particularmente o apoio moral do papa Pio IX, permitiram-lhe superar as incertezas que surgiam naturalmente ao aviar um projeto de fundação que parecia estar em aberto contraste com os "sinais dos tempos", isto é, com as leis Cavour-Rattazzi contra as instituições religiosas não dedicadas à pregação, educação, assistência aos doentes, que suprimiram centenas de casas religiosas com milhares de membros.

Vencidas todas as dúvidas, Dom Bosco se entregou com coragem ao empreendimento de dar vida a uma congregação religiosa como a salesiana que, com toda probabilidade, ele sonhava diferente da que surgiu na prática e cuja fundação certamente não imaginava ser tão árdua e tão recheada de sofrimentos. Ao passo que mais rápida e menos problemática foi a fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e das duas associações leigas: os "Cooperadores Salesianos" (atualmente Salesianos Cooperadores) e os "Devotos de Maria Auxiliadora".

Ora, dos diversos perfis históricos sob os quais pode ser estudada a figura de Dom Bosco fundador [1] *(factual, psicológico, sociológico, teológico...), aqui haveremos de nos interessar somente pelo histórico-jurídico.*

Já nos primeiros cinquenta anos, Dom Bosco procurou atrair para seu campo de ação colaboradores muito jovens que, formados junto a ele no campo concreto do trabalho e com os estudos teológicos encerrados, pudessem depois continuar a Obra dos Oratórios *turinenses por ele iniciada.*

[1] Cf. Mario Midali, *Tipi di approccio a don Bosco fondatore. Rilievi valutati alla luce della riflessione contemporanea*, em Id. (editor), *Don Bosco fondatore della Famiglia salesiana*. Roma, SDB 1989, pp. 27-80.

Na fase histórica entre os anos Cinquenta e Sessenta, essa Obra assume a forma de verdadeira e própria sociedade religiosa dotada de Constituições, destinada a ter um futuro tanto na sociedade civil e eclesiástica da Itália quanto em muitos países europeus e extraeuropeus.

No final dos anos Sessenta, terminada a construção da igreja de Maria Auxiliadora, Dom Bosco lançou uma associação laical de devotos sob esse título, com a finalidade de conferir estabilidade ao culto espontâneo à Virgem de Valdocco, que se tornaria sempre mais um centro de religiosidade popular e eclesial.

No início dos anos Setenta, à emergente Sociedade de São Francisco de Sales já formalmente reconhecida pela Santa Sé, é agregado o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, destinado a cumprir a mesma missão educativa salesiana, mas para as meninas e as jovens.

Finalmente, aprovadas definitivamente as Constituições Salesianas (1874) e enviada a primeira expedição missionária para além-oceano (1875), Dom Bosco procedeu à fundação canônica da Associação dos Cooperadores Salesianos, que completava os projetos apenas entrevistos e esboçados nos anos anteriores.

Com esta quarta fundação se completava, assim, a "Família Salesiana" da época de Dom Bosco, que haveria de se enriquecer com outros grupos somados a ela pelos futuros reitores-mores.

Aqui publicamos tanto os pedidos de aprovação ou de reconhecimento que Dom Bosco apresentou às diversas autoridades religiosas referentes às quatro instituições fundadas por ele, quanto os eventuais decretos que se seguiram e que Dom Bosco publicou diversas vezes nos seus dossiês enviados à Santa Sé.

I. SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES

No dia 3 de abril de 1874, o papa Pio IX aprovou de forma definitiva as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales, *e no dia 13 de abril sucessivo, a Congregação dos Bispos e Regulares emanou o decreto correspondente.*

A tortuosa história do complexo itinerário *redacional das Constituições Salesianas já é conhecido graças à edição crítica de todos os textos preparatórios ao texto aprovado em 1874 e do primeiro texto traduzido para o italiano (1875)*[2]*. Igualmente conhecidas são as graves dificuldades encontradas por Dom Bosco para conseguir a tão desejada aprovação, devidas à oposição dos arcebispos de*

Turim, dom Alexandre Riccardi di Netro, antes, e particularmente dom Lourenço Gastaldi, depois, e também devidas às múltiplas "animadversiones" *dos consultores e dos responsáveis pela Congregação dos Bispos e Regulares, encarregada da aprovação.*

Os contínuos pedidos ao papa com que Dom Bosco solicitou a aprovação das Constituições, o apoio moral dos bispos e dos cardeais favoráveis, por ele abordados pessoalmente ou por carta, não conseguiram levar de vencida as normas em vigor e a própria praxe canônica da época, que exigiam tempos longos para a experiência, como também a aceitação de determinadas "animadversiones", *ao passo que Dom Bosco as considerava em grande parte contrárias à plena liberdade de ação da qual a Sociedade Salesiana, conforme seu parecer, tinha necessidade.*

Aqui publicamos 11 documentos relativos a Dom Bosco fundador, para o período de tempo que vai de 1852 a 1884, dividido em três fases distintas.

Em primeiro lugar, os cinco momentos ou dados que precedem o reconhecimento da Sociedade Salesiana de 1864: a nomeação em 1852 de Dom Bosco como diretor-chefe dos três oratórios de Turim por parte do arcebispo Fransoni (n. 30); a escolha, em 1854, do nome "salesianos" *para alguns jovens dispostos a fazer uma "prova de exercício prático de caridade para com o próximo" (n. 31); a fundação da Sociedade Salesiana em 1859 (n. 32); o primeiro pedido de aprovação diocesana, em 1860, que ficou em suspenso, por parte do arcebispo no exílio (n. 33); e as primeiras profissões religiosas em 1862 (n. 324).*

Segue-se depois o percurso de aprovação canônica da Sociedade e das Constituições (1864-1874), articulado em quatro pedidos e quatro decretos correspondentes, de acordo com a norma do Methodus, *em vigor para a aprovação das Constituições de novos institutos: decreto de louvor de 1864 (n. 35), decreto*

[2] Giovanni Bosco, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858] - 1875*. Textos críticos de Francesco Motto (= ISS - Fontes, Primeira Série, 1). Roma, LAS 1982.

de aprovação diocesana da Sociedade Salesiana de 1868 (n. 36), decreto de aprovação pontifícia da mesma Sociedade de 1869 (n. 37), decreto de aprovação definitiva das Constituições Salesianas de 1874 (n. 38). Os decretos, todos em língua latina, serão acompanhados da correspondente tradução.

A terceira fase é constituída pela decenal espera da concessão dos "privilégios" por parte da Santa Sé em 1884 (n. 39), pouco antes do anúncio oficial da nomeação do padre Rua como vigário de Dom Bosco com plenos poderes (e do padre João Cagliero como pró-vigário para a América Latina), tornada pública, porém, só um ano mais tarde (n. 40).

No árduo caminho da fundação de um instituto religioso verdadeiro e próprio como o salesiano, para o qual Dom Bosco não tinha experiência pessoal nem preparação teológico-jurídica específica, desempenharam sua função fatores de ordem diversa: acontecimentos, situações, experiências, ordenamentos jurídicos, intuições, preconceitos, caracteres pessoais, amizades, autoridades civis e religiosas; todos são elementos nem sempre fáceis de individuar, analisar, avaliar e confrontar. Para uma apresentação mais ampla remetemos para as contribuições recolhidas em seção apropriada de um volume[3]*. Para sínteses amplas da saga completa, vejam-se as já citadas volumosas obras de P. Stella, F. Desramaut, P. Braido, A. J. Lenti..., que por sua vez são ricas de indicações bibliográficas.*

30. Nomeação de Dom Bosco como diretor-chefe dos três oratórios de Turim

ASC A0201203. Cópia conforme o original[4].

Luís, dos Marqueses Fransoni
Cavalheiro da Suprema Ordem da Santíssima Anunciação
por graça de Deus e da Santa Sé Apostólica
Arcebispo de Turim

Ao muito reverendo senhor padre João Bosco de Castelnuovo, sacerdote da nossa diocese.

Saudação

[3] M. Midali, *Don Bosco fondatore della Famiglia salesiana...*, pp. 148-278.
[4] O documento pode ser considerado o primeiro reconhecimento oficial da Obra de Dom Bosco por parte da autoridade diocesana.

Congratulando-nos convosco, digno sacerdote de Deus, que com industriosa caridade soubestes criar a nunca suficientemente recomendada Congregação dos jovens pobres no público Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco. Graças ao presente escrito, julgamos conveniente testemunhar-vos o nosso perfeito agrado ao nomear-vos efetivamente diretor-chefe espiritual do Oratório de São Francisco de Sales, ao qual queremos que estejam unidos e dele dependam os de São Luís Gonzaga e do Santo Anjo da Guarda, a fim de que a obra iniciada com tão felizes auspícios progrida e se amplie no vínculo da caridade, para a verdadeira glória de Deus e para a grande edificação do próximo, e vos conferimos todas as faculdades que são necessárias e oportunas para a santa finalidade.

Ao mesmo tempo, mandamos que este documento, no original, seja inserido nos atos da nossa cúria arquiepiscopal, com a faculdade para o nosso chanceler de emitir cópia.

Dado em Turim, no dia trinta e um de março do ano de mil oitocentos e cinquenta e dois.

Assinado: Filipe Ravina, vigário-geral

Subscrito: Balladore, chanceler

31. Escolha do nome "salesianos"

ASC A4630102 manuscrito do padre Miguel Rua (sem data, provavelmente posterior ao fato).

"Na noite de 26 de janeiro de 1854 nos reunimos no aposento do senhor Dom Bosco, presentes: o mesmo Dom Bosco, Rocchietti, Artiglia, Cagliero e Rua[5] e nos foi proposto fazer, com a ajuda do Senhor e de São Francisco de Sales, uma experiência de exercício prático da caridade para com o próximo, a fim de chegar, com o tempo, a uma promessa e em seguida, se parecer possível e conveniente, fazer um voto ao Senhor. A partir daquela noite foi dado o nome de "*salesianos"* aos que se propuseram e se proporão tal exercício".

[5] Somente os dois últimos se tornaram salesianos; Rocchietti o foi por pouco tempo.

32. Ata de fundação da Sociedade de São Francisco de Sales

Edição crítica em RSS 27 (2008) 335.

Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo
Amém

1859. No ano do Senhor de mil oitocentos e cinquenta e nove, no dia dezoito de dezembro, neste Oratório de São Francisco de Sales, no aposento do padre João Bosco, às 9 horas da noite, se reuniram: ele próprio, o padre Vitório Alasonatti, os clérigos Ângelo Savio, diácono; Miguel Rua, subdiácono; João Cagliero, João Batista Francesia, Francisco Provera, Carlos Ghivarello, José Lazzero, João Bonetti, João Anfossi, Luís Marcellino, Francisco Cerruti, Celestino Duranto, Segundo Pettiva, Antônio Rovetto, César José Bongiovanni, o jovem Luís Chiapale, todos com a finalidade e com um único intento de promover e conservar o espírito de verdadeira caridade, que é necessário na Obra dos Oratórios para a juventude abandonada e em situação de risco que, nestes tempos difíceis, é de mil maneiras seduzida para dano da sociedade e encaminhada para a impiedade e a irreligião.

Aprouve, assim, aos mesmos congregados erigir-se em Sociedade ou Congregação que, tendo em vista a recíproca ajuda para a própria santificação, se propõe promover a glória de Deus e a salvação das almas, especialmente as mais necessitadas de instrução e de educação; aprovado o comum acordo, feita breve oração e invocada a luz do Espírito Santo, procederam à eleição dos membros que deveriam constituir a Direção da Sociedade para esta e para novas congregações*, se aprouver a Deus favorecer o incremento.

Dessa forma, pediram unanimemente que ele, iniciador e promotor, aceitasse o cargo de superior maior, dado ser de todo conveniente que fosse ele a ocupar esse cargo. Tendo-o aceito, com a reserva da faculdade de ser ele a nomear o prefeito, dado que ninguém a isto se opunha, disse que lhe parecia não devesse transferir do ofício de prefeito o escrevente que até aqui desempenhava esse cargo na casa.

Logo em seguida se pensou na forma de eleger os outros sócios que comporiam a Direção, e se concordou em adotar a votação com sufrágio secreto como o caminho mais breve para constituir o Conselho, o qual devia ser composto por um diretor espiritual, pelo ecônomo e três conselheiros, junto com os dois acima citados oficiais.

* Isto é, casas ou comunidades.

O escrevente, feito secretário para este escopo, assegura ter cumprido fielmente o ofício que de comum acordo lhe foi confiado, atribuindo o sufrágio a cada um dos sócios à medida que era indicado em votação; e, portanto, na eleição do diretor espiritual, ter resultado unanimemente a escolha do clérigo subdiácono Miguel Rua, que não a recusou. Tendo-se repetido o mesmo procedimento para o ecônomo, foi eleito e reconhecido tal o diácono Ângelo Savio, que também prometeu assumir o relativo compromisso.

Faltava ainda eleger os três conselheiros; para o primeiro, feita como antes a votação, foi eleito o clérigo João Cagliero; o segundo conselheiro foi o clérigo João Bonetti; para o terceiro e último escrutínio, tendo resultado empatados os sufrágios em favor dos clérigos Carlos Ghivarello e Francisco Provera, feita outra votação, a maioria dos votos resultou para o clérigo Ghivarello e assim foi definitivamente constituído o corpo de administração para a nossa Sociedade.

Este acontecimento, tal como até aqui foi exposto no seu conjunto, foi lido no plenário da reunião de todos os citados sócios e oficiais nomeados no momento, os quais, reconhecida a veracidade, concordes, decidiram que se conservasse o original que, para sua autenticidade, fosse subscrito pelo superior maior e pelo secretário.

Sac. João Bosco

Sac. Vitório Alasonatti, prefeito

33. Pedido ao arcebispo de Turim, dom Luís Fransoni, para a aprovação diocesana da Sociedade Salesiana

Edição crítica em E(m) I, pp. 406-407.

[Turim, 11 de junho de 1860]

Excelência reverendíssima,

Nós, abaixo assinados, movidos pelo desejo de assegurar a nossa salvação eterna, nos unimos para viver vida comum, a fim de poder com maior comodidade atender ao que se refere à glória de Deus e à salvação das almas.

Para conservar a unidade de espírito e de disciplina, e para pôr em prática os meios conhecidos como úteis para o escopo proposto, formulamos algumas regras a modo de sociedade religiosa que, excluindo qualquer assunto relativo à política, tenda unicamente a santificar os seus membros, especialmente pelo exercício da caridade para com o próximo. Já fizemos experiência de pôr em prática essas regras e as consideramos compatíveis com as nossas forças e proveitosas para as nossas almas.

Sabemos, porém, que o modo de pensar das pessoas individualmente está sujeito a ilusões e muitas vezes ao erro, se não for guiado pela autoridade estabelecida por Deus sobre a terra, que é a Santa Madre Igreja. É por este motivo que recorremos humildemente a vossa excelência reverendíssima, pedindo-lhe queira ler o anexo plano de regulamento, modificar, suprimir, acrescentar, corrigir o que Deus lhe inspirar para sua maior glória e que for compatível com as nossas forças.

Nós reconhecemos no senhor, excelência reverendíssima, o pastor que nos une com o supremo hierarca da Igreja de Jesus Cristo. Fale vossa excelência e na sua voz reconheceremos a vontade do Senhor.

Enquanto lhe suplicamos queira acolher com bondade este nosso pedido, prostrados, solicitamos sua santa bênção; e lhe rogamos queira ler o anexo plano de regulamento; com esta finalidade, todos nos subscrevemos

[Sac. João Bosco

Seguem mais 25 assinaturas][6]

34. Primeiras profissões religiosas trienais de dezesseis salesianos

Edição crítica em RSS 29 (2010) 34.

1862. No dia 14 de maio, os irmãos da Sociedade de São Francisco de Sales foram convocados pelo reitor e a maior parte deles confirmou sua permanência na Sociedade nascente ao emitir formalmente os votos.

[6] Depois da reunião de fundação da Sociedade Salesiana (18 de dezembro de 1859), houve novas admissões de sócios, entre os quais Paulo Álbera, com quinze anos, e o primeiro salesiano "terciário", padre João Ciattino, pároco de Maretto (Asti). Quanto aos 78 artigos constitucionais enviados ao arcebispo, este só fez uma pequena reserva a respeito da formulação do voto de castidade.

Isto foi feito da seguinte maneira: o senhor Dom Bosco, reitor, vestido de sobrepeliz, convidou cada um a se ajoelhar e começou a récita do *Veni Creator,* que se continuou alternadamente até o fim. Dito o *Oremus* do Espírito Santo, recitaram-se as ladainhas da Bem-aventurada Virgem com o *Oremus*. Depois se rezou um *Pai-nosso, Ave-Maria* e *Glória* a São Francisco de Sales, ao que se acrescentou a invocação própria e o *Oremus*.

Terminada a oração, os coirmãos Vitório Alasonatti, Miguel Rua, Ângelo Savio, José Rocchietti, João Cagliero, João Francesia, Domingos Rufino, os clérigos Celestino Durando, João Anfossi, João Boggero, João Bonetti, Carlos Ghivarello, Francisco Cerruti, José Lazzero, Francisco Provera, Luís Chiapale, todos pronunciaram juntos a fórmula dos votos, assinada por cada um em livro apropriado[7].

35. Pedido a Pio IX para a aprovação pontifícia das Constituições Salesianas

Edição crítica em E(m) II, pp. 37-38.

Turim, 12 de fevereiro de 1864

Santíssimo Padre,

Com o único objetivo e somente com o desejo de promover a glória de Deus e o bem das almas, humildemente me prostro aos pés de Vossa Santidade para solicitar a aprovação dos estatutos da Sociedade de São Francisco de Sales[8]. É este um projeto longamente meditado por mim e há muito tempo desejado. No ano de 1858, quando tive a feliz oportunidade de poder me apresentar a Vossa Santidade, ao notar os esforços que a heresia e a incredulidade faziam para se insinuar em meio ao povo e particularmente entre a juventude pobre e sem experiência, acolhi com agrado a proposta de criar uma Sociedade que tomasse particular cuidado dessa porção em situação de risco do rebanho de

[7] Quatro deles (Anfossi, Boggero, Chiapale e Rocchietti) deixarão a Sociedade.

[8] O "Plano de Regulamento" da Sociedade Salesiana, já ampliado em até 107 artigos, subdivididos ao longo de 16 capítulos, e acompanhado pelas cartas comendatícias favoráveis de diversos bispos, é encaminhado por Dom Bosco ao sumo pontífice, junto com um dossiê, no qual já indicava a necessidade por parte do superior da Sociedade da plena liberdade em questão de admissão às ordens sagradas (faculdade de emitir cartas "dimissórias"). Este haveria de ser o *punctum dolens* de todo o processo de aprovação canônica.

Jesus Cristo. Vossa Santidade pessoalmente se dignou indicar-me as bases, e eu fiz o que pude para seguir por esse caminho que me foi traçado.

Embora eu tenha tido firme vontade e, segundo as minhas forças, me tenha empenhado em pôr em prática os conselhos de Vossa Santidade, todavia, na execução, receio, mesmo em coisas essenciais, ter-me afastado do objetivo proposto. Por isso, peço mais a correção do que propriamente a aprovação destas projetadas Constituições.

Sendo assim, Vossa Santidade, ou quem se dignar encarregar, corrija, acrescente, elimine o que julgar contribuir para a maior glória de Deus. Eu não farei nenhum tipo de observações, aliás, enquanto me disponho a dar todas as explicações que forem necessárias e oportunas, professo-me desde agora obrigadíssimo para com quem me ajudar a aperfeiçoar os estatutos desta Sociedade e a torná-los estáveis e conformes com os princípios da nossa santa religião católica.

Os estatutos são compostos por 16 capítulos, divididos em breves artigos, dos quais anexo aqui uma cópia. Em folha à parte, apresento os motivos de alguns assuntos mais importantes.

Os bispos de Cúneo, Acqui, Susa, Mondovì, Casale, e o vigário-geral capitular desta nossa arquidiocese tiveram a bondade de anexar suas cartas comendatícias em favor da dita Sociedade. Esta atualmente conta com mais de 70 sócios, todos decididos a empregar a própria vida e suas posses para a salvação das almas.

Enquanto todos nós, na oração, aguardamos as decisões do supremo hierarca da Igreja, ou seja, de Vossa Santidade, nos prostramos, suplicando queira antecipar o esperado favor ao conceder a cada um de nós a santa bênção apostólica.

Enquanto isso, em nome de todos, tenho a máxima honra de prostrar-me aos pés de Vossa Santidade e professar-me

Humílimo e obrigadíssimo

Filho da Santa Igreja e de Vossa Santidade

Sac. João Bosco

Decretum[9]

Pauperum adolescentulorum miserans conditionem sacerdos Ioannes Bosco e Dioecesi Taurinensi, iam ab anno 1841 aliorum Presbyterorum etiam auxilio fretus, illos in unum colligere, Catholicae fidei rudimenta edocere, et temporalibus subsidiis levare instituit. Hinc ortum habuit Pia Societas, quae a Sancto Francisco Salesio nomen habens, ex Presbyteris, Clericis et Laicis constat. Socii tria consueta simplicia vota obedientiae, paupertatis et castitatis profitentur, Superioris Generalis, qui Rector Maior nuncupatur, directioni subsunt, et praeter propriam sanctificationem, praecipuum hunc habent finem, ut quum temporalibus, tum spiritualibus adolescentium praesertim miserabilium commodis inserviant.

Iam inde a Piae Congregationis principio, quae ad huiusmodi consilii rationem pertinere arbitrati sunt, adeo studiose diligenterque curarunt, ut maximum ex eorum laboribus Christianae Reipublicae fructum accessisse, exploratum omnibus sit; et quamplures Antistites in proprias eos Dioeceses advocaverint, quos tamquam solertes strenuosque operarios in vinea Domini excolenda sibi adiutores adsciscerent. Verum, praenominato sacerdoti [Ioanni] Bosco, qui Fundator simulque Superior Generalis Piae Societatis est, multum sibi suisque sociis deesse visum est, nisi eidem Societati Apostolica accederet confirmatio.

Commendatus idcirco a plurimis Antistitibus praefatam confirmationem a SS. Domino Nostro Pio Papa IX humillimis precibus nuperrime postulavit, et Constitutiones approbandas exhibuit. Sanctitas sua in audientia habita ab infra[scripto] Domino pro Secretario Sacrae Congregationis Episcoporum et Regularium sub die prima Iulii 1864, memoratam Societatem, attentis Litteris Commendatitiis praedictorum Antistitum, uti Congregationem votorum simplicium, sub regimine Moderatoris Generalis, salva Ordinariorum jurisdictione, ad praescriptum Sacrorum Canonum et Apostolicarum Constitutionum, amplissimis verbis laudavit atque commendavit, prout praesentis Decreti tenore laudat atque commendat; dilata ad opportunius tempus Constitutionum approbatione.

Insuper Sanctitas Sua, attentis peculiaribus circumstantiis, indulsit, veluti huius Decreti tenore indulget, ut hodiernus Moderator Generalis, seu Rector Major, in suo munere, quoad vixerit, permaneat; quamvis constitutum sit, ut eiusdem Piae Societatis Superior Generalis duodecim tantum annis suum officium exerceat.

[9] Com o decreto "se louvava e recomendava" a nova Congregação, mas também se pediam algumas correções do texto constitucional (indicadas em 13 *animadversiones*) em vista da sua futura aprovação.

Datum Romae ex Secretaria Sacrae Congregationis Episcoporum et Regularium hac die 23 Iulii 1864.

A. card. Quaglia, *Praefectus*

Stanislaus Svegliati, *Pro-Secretarius*

(Tradução)

Movido pela compaixão para com os jovens mais pobres, o sacerdote João Bosco, da diocese de Turim, desde o ano de 1841, com a ajuda também de outros padres, começou a recolhê-los, ensinar-lhes os primeiros rudimentos da fé católica e socorrê-los com meios temporais. Daqui se originou a Pia Sociedade que, tomando o nome de São Francisco de Sales, consta de sacerdotes, clérigos e leigos. Os sócios fazem profissão com os tradicionais três votos simples de obediência, pobreza e castidade, estão sob a direção do superior-geral que é chamado Reitor-Mor e, além da própria santificação, se propõem como fim primordial atender às necessidades temporais e espirituais dos jovens, especialmente dos mais pobres.

Desde o início da Pia Congregação, com dedicação e diligência, cuidaram do que julgaram ser útil para o seu objetivo, de tal modo que o proveito que com suas fadigas proporcionaram à religião cristã foi de grande utilidade para todos; muitíssimos bispos os chamaram para as próprias dioceses e os associaram a si como atentos e laboriosos operários em cultivar a vinha do Senhor. Entretanto, ao acima citado sacerdote João Bosco, que é o fundador e ao mesmo tempo o superior-geral da Pia Sociedade, pareceu faltar muito, para si mesmo e para os seus sócios, se não se somasse à mesma Sociedade a aprovação apostólica.

Por isso, recomendado por muitíssimos bispos, pediu recentemente com humilde solicitação a dita aprovação de Sua Santidade, o nosso senhor papa Pio IX, e apresentou as Constituições para a aprovação. Sua Santidade, na audiência concedida ao abaixo assinado pró-secretário da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, em data de 1º de julho de 1864, consideradas as cartas comendatícias dos ditos bispos, com palavras elogiosas, louvou e recomendou a mencionada Sociedade, da mesma forma como pelo teor do presente decreto louva e recomenda como congregação de votos simples, sob o governo do superior-geral, salva a jurisdição dos ordinários diocesanos, segundo o que prescrevem os cânones das constituições apostólicas, adiando para tempo mais

oportuno a aprovação das Constituições. Além disso, Sua Santidade, levando em conta as circunstâncias especiais, concedeu, assim como pelo teor do presente decreto concede, que o atual superior-geral ou Reitor-Mor permaneça no seu cargo por toda a vida, embora seja estabelecido que o superior-geral da mesma Pia Sociedade permaneça no cargo somente por doze anos.

Dado em Roma, na secretaria da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, no dia 23 de julho de 1864.

A. cardeal Quaglia, *Prefeito*
Estanislau Svegliati, *Pró-secretário*

36. Pedido ao bispo de Casale Monferrato, dom Pedro Maria Ferrè, para a aprovação diocesana da Sociedade Salesiana

Edição crítica em E(m) II, pp. 461-462.

Turim, 19 de dezembro de 1867

Excelência reverendíssima[10],

Eis em mãos de vossa excelência reverendíssima o humilde pedido que os sócios da Sociedade de São Francisco de Sales apresentam com o objetivo de obter a aprovação diocesana da sua Sociedade, caso julgue que seja para a maior glória de Deus.

Somente observo que o decreto, do qual anexo aqui uma cópia[11], foi emitido em relação às Regras, que depois foram impressas segundo a cópia que creio ter-lhe enviado. Segundo esse decreto, o senhor poderá ter uma norma para fixar as cláusulas com as quais entende acolher esse hóspede* em sua casa, onde já vive provisoriamente.

Se for necessário, dou uma corrida até Casale quando for preciso.

De todo coração nós lhe desejamos todas as bênçãos do céu e nos recomendamos à caridade das suas santas orações, enquanto me professo com profunda gratidão

De vossa excelência reverendíssima, obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

[10] Pedro Maria Ferrè (1815-1886) foi transferido de Pavia para Casale em março daquele ano, graças aos acordos entre a Santa Sé e o Estado Italiano, dos quais também participou Dom Bosco (cf. n. 64).
[11] Cf. n. 35.

Decretum[12]

Edição Impressa em OE XVIII, 579-582.

Nos Petrus Maria Ferrè
Dei et Apostolicae Sedis gratia
Ecclesiae Casalensis episcopus, et comes

Sicuti praecipuum est Episcoporum munus a Vinea Domini totis viribus malas herbas eradicare, ita maxima est eis cura adhibenda ut bonae arbores, quae bonos fructus facere portendant, in eadem Vinea serantur, colantur, atque custodiantur.

Cum autem Divina providentia factum sit ut Societas a Sancto Francisco Salesio dicta tamquam nova plantatio in Nostra hac Dioecesi constitueretur, eam omni prorsus animi favore prosequi Nobis est in Consilium.

Acceptis itaque epistolis supplicatoriis una cum constitutionibus, quas Ioannes Bosco Sacerdos, eiusdem Societatis Superior Generalis, Nobis obtulit, optimum in Domino factum Nobis est visum hanc eamdem Societatem rite adprobare.

Istius enim Societatis constitutiones quindecim capitulis constat; capitula autem in articulis dividuntur. Finis est Sociorum sanctificatio praecipue per exercitium christianae charitatis erga adolescentulos diebus festis derelictos; pauperiores vero quibusdam domibus receptos alere; et si bonum Ecclesiae postulaverit, Iuniorum Seminariorum curam suscipere, quemadmodum in hac Nostra Dioecesi, in pago, cui est nomen Mirabello, iampridem est factum, ubi centum circiter et quinquaginta parvuli ad scientiam ac pietatem informantur, quemadmodum eos decet qui in sortem Domini sunt vocati. Deinde sacris praedicationibus, cathechesi, bonorum librorum diffusione, ut animarum lucrum Socii optineant, operam dabunt.

Attente igitur hisce constitutionibus perlectis, fine, ac forma memoratae Societatis consideratis, peculiari quoque benevolentia permoti erga Domum iam antea in hac Dioecesi constitutam, ut ipsa magis atque magis firmetur, eiusdemque fructus uberiores evadant;

[12] Trata-se do reconhecimento canônico e não de simples carta comendatícia.
* A expressão "esse hóspede" refere-se à Congregação Salesiana que já tinha uma casa na diocese de Casale, precisamente em Mirabello.

Habita ratione commendationem Antecessoris Nostri, qui eam erigendam curavit, et etiam atque etiam commendavit;

Adhaerentes Sacrae Congregationis Episcoporum et Regularium Decreto, quo hanc Societatem, attentis litteris Commendationis plurimorum Episcoporum, Maximus Ecclesiae Pontifex amplissimis verbis laudare et commendare dignatus est uti Congregationem votorum simplicium sub regimine Superioris Generalis;

Hisce demum omnibus attente consideratis ac perpensis, Societatem a Sancto Francisco Salesio dictam commendandam atque adprobandam esse duximus, uti praesenti Decreto commendamus, et tamquam Dioecesanam Congregationem adprobamus secundum constitutiones Nobis relatas.

Insuper cum ex memorato Decreto constet Superiorem Generalem eiusdem Societatis esse rite constitutum, Nos benevolenti animo parati sumus omnes facultates et privilegia eidem concedere, quae necessaria aut opportuna videbuntur, ad maiorem Dei gloriam et ad bonum Societatis promovendum.

Verumtamen cum supralaudata Sacra Episcoporum et Regularium Congregatio absolutam Constitutionum adprobationem ad opportunius tempus distulerit, volumus omnes correctiones ac reformationes, additamenta, quae Sancta Sedes in his constitutionibus inserere iudicaverint, eadem admittantur, in constitutionibus accommodentur et observentur, sicuti et Nos admittimus et observare intendimus.

Dum autem hanc Societatem apud omnes Catholicos Episcopos commendamus, ut opere ac consilio eam firmiorem reddant eique pro viribus faveant, Supremum Ecclesiae Antistitem demissis precibus enixe obsecramus, ut absolutam Apostolicam Constitutionum adprobationem huic Societati concedere tandem dignetur.

Hanc denique probationem esse tantum Dioecesanam declaramus salva aliorum Episcoporum iurisdictione.

Datum Casali, in Aedibus Nostris Episcopalibus, die 13 ianuarii anni 1868.

† Petrus Maria, *Episcopus*

Can. Briatta, *Cancell. Episc.*

(Tradução)

Nós, Pedro Maria Ferrè
Por graça de Deus e da Sé Apostólica
Bispo de Casale e Conde

Dado que a principal tarefa dos bispos é a de arrancar com todas as forças as ervas daninhas da vinha do Senhor, eles devem usar todo o seu empenho para que nela sejam semeadas, cultivadas e guardadas as plantas que prometem bons frutos.

Desde que, por intervenção da divina Providência, a Sociedade denominada de São Francisco de Sales, como uma nova planta, foi semeada nesta nossa diocese, é nossa firme vontade protegê-la com todo o nosso favor.

Por isso, recebidas as cartas suplicatórias e as Constituições que o sacerdote João Bosco, superior-geral da dita Sociedade, fez chegar às nossas mãos, julgamos ser ótima coisa no Senhor conceder a devida aprovação a esta mesma Sociedade.

As Constituições desta Sociedade constam de quinze capítulos, divididos em artigos. Finalidade proposta é a santificação dos sócios a ser perseguida especialmente mediante o exercício da caridade cristã nos dias festivos em favor dos adolescentes abandonados; recolher os mais pobres, providenciando-lhes uma casa; e se o bem da Igreja o pedir, tomar cuidado de jovens seminaristas, como já há certo tempo foi feito nesta diocese no vilarejo de *Mirabello*, onde cerca de cento e cinquenta jovens são instruídos na ciência e na piedade, como deve ser para aqueles que são chamados ao serviço do Senhor. Além disso, os sócios se dedicarão às sagradas pregações, ao ensino da catequese e à difusão de bons livros, a fim de favorecer a salvação das almas.

Portanto, lidas atentamente as Constituições, examinadas a finalidade e a forma da dita Sociedade, levados também por especial benevolência para com o Instituto que há tempo existe nesta diocese, a fim de que ele se fortifique sempre mais;

Tendo presente a recomendação do nosso antecessor, que quis erigi-lo e por diversas vezes também o louvou;

Em plena fidelidade ao decreto da Sagrada Congregação dos Bispos e dos Religiosos, mediante o qual o sumo pontífice da Igreja, depois de ter tomado conhecimento das cartas comendatícias de muitos bispos, se dignou louvar esta Sociedade e recomendá-la como congregação de votos simples, regida por um superior-geral;

Examinadas e ponderadas devidamente todas essas coisas, consideramos nosso dever recomendar e aprovar a dita Sociedade de São Francisco de Sales, como declaramos mediante o presente decreto e a confirmamos como Congregação diocesana de acordo com as Constituições a nós apresentadas.

Além disso, dado que pelo citado decreto consta que o superior-geral da dita Sociedade foi devidamente constituído, com ânimo benévolo estamos dispostos a conceder ao mesmo todas as faculdades e os privilégios que possam ser julgados necessários ou oportunos com a finalidade de promover a maior glória de Deus e o bem da Sociedade.

Todavia, dado que a citada Sagrada Congregação dos Bispos e dos Religiosos adiou a aprovação definitiva para tempo mais oportuno, queremos que sejam acolhidas todas as correções, as variações e os acréscimos que a Santa Sé julgar oportuno inserir e que sejam adotadas e observadas, assim como também nós entendemos aceitar e observar.

Enquanto recomendamos esta Sociedade a todos os bispos católicos, para que com obras e conselhos a tornem mais sólida e a favoreçam segundo as suas possibilidades, com humildes preces suplicamos intensamente o supremo pastor da Igreja se digne, por fim, conceder a aprovação apostólica definitiva das Constituições desta Sociedade.

Finalmente, declaramos que esta aprovação é somente diocesana e respeitosa da jurisdição dos demais bispos.

Dado em Casale (Monferrato), no nosso palácio episcopal, no dia 13 de janeiro de 1868.

† Pedro Maria, *bispo*

Côn. Briatta, *Chanc. Episc.*

37. Pedido ao papa Pio IX para a aprovação pontifícia da Sociedade Salesiana

Edição crítica em E(m) II, pp. 545-546.

A domo sodalitia pagi Mirabelli,

quarto idus junii MDCCCLXVIII [10 de junho de 1868][13]

Beatissime Pater,

Humillime ad pedes Sanctitatis Tuae provolutus supplex deprecor ut Sancti Francisci Salesii Societatem paterna ac consueta bonitate tua adspicias, eidemque, sienti optimum in Domino visum fuerit, provideas.

Abhinc quatuor annis amplissimis verbis hanc nascentem Congregationem commendare dignatus fuisti ad instar Congregationum votorum simplicium, dilata tamen ad opportunius tempus Constitutionum approbatione. Attentis peculiaribus circumstantiis generalem superiorem, ejusdemque successorem constituebas.

Temporis vero opportunitatem ad hoc opus perficiendum praesens tempus, Beatissime Pater, ex tui cordis erga nos voluntate, habere dignare. Nam per octo et viginti circiter annos existentia hujus Societatis inter tot malorum temporum perversitates; commendatio, quam saepe saepius de eadem fecisti; adprobatio Dioecesana Episcopi Casalensis; litterae supplicatoriae Antistitum Provinciae Ecclesiasticae Taurinensis, aliorumque Antistitum et praecipue Eminentissimorum Cardinalium De Angelis, Sanctitatis Tuae Camerlingi; Antonucci Archiepiscopi Anconitani; Corsi Archiepiscopi Pisani; dies denique mei, qui jamjam vertunt ad occasum; atque alia quae separatim adnotantur, Salesianae Societatis approbationem esse summopere necessariam suadere videntur.

Quod si Sanctitas Tua, Beatissime Pater, hanc supremam approbationem bonum in Domino non dijudicaverit saltem concede ut socii, qui clericalem militiam prosequuntur, sacros ordines admitti possint et valeant ab Episcopo Casalensi, licet ad aliam Dioecesim pertineant. In illa enim Dioecesi juniorum seminarium et sodalitia domus jam pridem fuit instituta.

Congregatio ista, quae creatura tua dici potest, Beatissime Pater, benedictionem, soliditatem, certum quodam existendi modum, summa videlicet atque Apostolica approbatio, a Te expectat. Faxit Deus, ut nostrorum votorum compotes fiamus.

[13] É a quarta súplica que Dom Bosco dirige ao Papa depois do decreto de louvor de 1864. O problema principal é o das cartas dimissórias para as ordenações.

Dum autem ad hunc finem quotidie preces ad Deum enixe perfundimus, omnes ad Pedes Sanctitatis Tuae provoluti humiliter tuam sanctam et Apostolicam benedictionem expostulamus.

Mihi autem prae omnibus felicissima sors contingit ut nominatim possim me profiteri.

Beatitudinis Tuae

Humillimus, addictissimus filius et famulus

Sacerdos Joannes Bosco

(Tradução)

Beatíssimo Padre,

Humildemente prostrado aos pés de Vossa Santidade, peço, suplicante, queira volver seu costumeiro e benigno olhar para a Sociedade de São Francisco de Sales e vir ao encontro das suas necessidades, se lhe parecer oportuno.

Cinco anos atrás, Vossa Santidade dignou-se apoiar com grandes elogios a Congregação, que então nascia como congregação de votos simples, adiando para tempo mais oportuno a aprovação das Constituições. Levadas em conta particulares circunstâncias, Vossa Santidade dignou-se definir o superior-geral e o seu sucessor.

Beatíssimo Padre, na bondade do seu coração para conosco, digne-se considerar o tempo presente como o tempo oportuno para completar a obra. De fato, por aproximadamente 28 anos, esta Sociedade resistiu em meio a tantas contrariedades de tempos difíceis; por diversas vezes Vossa Santidade a recomendou; ela recebeu a aprovação diocesana do bispo de Casale; testemunham a seu favor as cartas suplicatórias dos bispos da província eclesiástica de Turim e de outros bispos, particularmente do eminentíssimo cardeal De Angelis, camerlengo de Vossa Santidade; dos excelentíssimos Antonucci, arcebispo de Ancona; Corsi, arcebispo de Pisa. Digne-se também considerar os meus anos que já caminham para o ocaso. Estas e outras situações assinaladas separadamente parecem querer indicar que a aprovação da Sociedade Salesiana é sumamente necessária.

Beatíssimo Padre, se Vossa Santidade não julgar oportuna no Senhor a sua aprovação definitiva, conceda pelo menos que os seus sócios encami-

nhados ao sacerdócio possam e obtenham ser admitidos às ordens sagradas pelo bispo de Casale, embora provenham de outra diocese: de fato, naquela diocese, há tempo, foi constituído o seminário menor e a casa religiosa.

Esta Congregação, que pode ser considerada criatura sua, Beatíssimo Padre, espera de Vossa Santidade, evidentemente, com a aprovação apostólica definitiva, bênção, estabilidade e penhor seguro de existência. Queira o bom Deus que sejam atendidas as nossas aspirações.

Enquanto diariamente elevamos a Deus orações suplicantes para esta finalidade, humildemente prostrados aos pés de Vossa Santidade, imploramos a sua santa bênção apostólica.

A mim é concedida a singularíssima graça de poder declarar-me nomeadamente de Vossa Beatitude

Humílimo afeiçoadíssimo filho e servidor

Sac. João Bosco

Decretum[14]

Edição impressa: OE XXXII, 153-157.

Salus animarum, quarum curam a Principe Pastorum accepit SS. Dominus Noster Pius Papa IX, continuo Eum vigilem reddit, ut nihil inexpertum relinquat, quo sacrosancta Catholica Fides, sine qua impossibile est placere Deo, ubique terrarum vigeat semper, atque augeatur. Quocirca singulari sua Apostolica benevolentia eos potissimum ecclesiasticos viros prosequitur, qui in Societatem adunati, iuventutis curam suscipiunt, eam spiritu intelligentiae ac pietatis imbuunt, omnique studio et contentione, uberes in vinea Domini fructus virtutis, et honestatis afferre conantur. Quum Sanctitas Sua inter huiusmodi Societates accenseri noverit Piam Ecclesiasticorum Virorum Congregationem, quae a S. Francisco Salesio nuncupata, anno 1841, a sacerdote Ioanne Bosco, Augustae Taurinorum erecta fuit, illam sub die prima Iulii 1864 Apostolicae Laudis decreto condecoravit.

[14] A resposta da Santa Sé foi negativa para ambos os pedidos. Dom Bosco conseguiu fazer aprovar a Sociedade Salesiana e obter a faculdade decenal das dimissórias para os clérigos que entraram nas casas salesianas antes dos 14 anos, somente através de uma série de intervenções pessoais junto às autoridades competentes, no curso de uma longa viagem a Roma no início de 1869.

Ast memoratus Fundator nuperrime Urbem petiit, atque penes Sanctam Sedem enixe postulavit, ut praefatam Congregationem, eiusque Constitutiones approbare dignaretur. Summus vero Pontifex in audientia habita ab infrascripto D. Secretario huius Sacrae Congregationis Episcoporum et Regularium, sub die 19 Februarii 1869, attentis Litteris Commendatitiis plurimorum Antistitum, enunciatam Piam Congregationem, uti Societatem votorum simplicium, sub regimine Moderatoris Generalis, salva Ordinariorum iurisdictione ad formam sacrorum Canonum et Apostolicarum Constitutionum, approbavit, et confirmavit, uti praesentis Decreti tenore approbat, atque confirmat, dilata ad opportunius tempus approbatione Constitutionum, quae emendandae erunt iuxta animadversiones ex mandato Sanctitatis Suae iam alias communicatas, excepta quarta, quae modiflcanda erit prout sequitur; nempe Sanctitas Sua supplicationibus sacerdotis Ioannis Bosco benigne annuens, eidem tamquam enunciatae Piae Congregationis Moderatori Generali facultatem tribuit, ad decennium proximum tantum duraturam, alumnis, qui in eiusdem Congregationis aliquo collegio, vel convictu ante aetatem annorum quatuordecim excepti fuerunt, vel in posterum exipientur, ac nomen praefatae Piae Congregationi suo tempore dederunt vel in posterum dabunt, relaxandi Litteras Dimissoriales ad Tonsuram, et Ordines tam Minores, quam Maiores recipiendos; ita tamen ut, si a Pia Congregatione quavis de causa dimittantur, suspensi maneant ab exercitio suscetorum Ordinum, donec de sufficienti Sacro Patrimonio provisi, si in Sacris Ordinibus sint constituti, benevolum Episcopum receptorem inveniant.

Contrariis quibuscumque non obstantibus.

Datum Romae ex Secretaria Sacrae Congregationis Episcoporum et Regularium sub die 1 Martii 1869.

A. Card. Quaglia, *Praefectus*

S. Svegliati, *Secretarius*

(Tradução)

A salvação das almas confiadas aos cuidados do nosso santíssimo senhor papa Pio IX pelo Príncipe dos pastores torna-o continuamente vigilante a fim de não descuidar absolutamente nada para que a sacrossanta fé católica, sem a qual é impossível agradar a Deus, sempre floresça e se dilate em toda a terra. Por esse motivo, com sua singular benevolência, aprecia particularmente aqueles homens eclesiásticos que, reunidos em sociedade, tomam conta da juven-

tude, que a encaminham no espírito da ciência e da piedade e que com todo cuidado e esforço se empenham em produzir frutos abundantes de virtude e de honestidade na vinha do Senhor. Logo que Sua Santidade soube estar entre essas sociedades a Pia Congregação dos religiosos, que, tomando o nome de São Francisco de Sales, foi criada em Turim em 1841 pelo sacerdote João Bosco, a honrou com um decreto de louvor apostólico no dia 1º de julho de 1864.

O citado fundador, vindo recentemente a Roma, insistiu junto à Santa Sé para que se dignasse aprovar a dita Congregação e as suas Constituições. O sumo pontífice, portanto, na audiência concedida ao subscrito monsenhor secretário desta Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, em data 19 de fevereiro de 1869, tomadas em consideração as cartas comendatícias de muitíssimos bispos, aprovou e confirmou a citada Congregação sob o governo do superior-geral, salva a jurisdição dos ordinários diocesanos, segundo a forma dos sagrados cânones e das constituições apostólicas, como pelo teor do presente decreto ele aprova e confirma, adiada para tempo mais oportuno a aprovação das Constituições, as quais deverão ser corrigidas segundo as observações, por ordem de Sua Santidade já outras vezes comunicadas, exceto a quarta, que deverá modificar-se como segue: isto é, Sua Santidade, anuindo benignamente aos pedidos do sacerdote João Bosco, concedeu a ele, como superior-geral da Pia Congregação, a faculdade, válida somente por todo o decênio próximo vindouro, de emitir as cartas dimissórias para conferir a tonsura e as ordens menores e maiores aos alunos que antes dos catorze anos foram recebidos em algum colégio ou internato da mesma Congregação ou que serão acolhidos no futuro e que a seu tempo deram seu nome à dita Pia Congregação ou o darão em seguida; mas de tal modo que, se por algum motivo, forem dispensados da dita Pia Congregação, devem ficar suspensos do exercício das ordens recebidas, até que providenciem para si um patrimônio sagrado suficiente, caso estejam munidos das ordens sagradas, enquanto não encontrarem um bispo que benevolamente os acolha.

Não obstante qualquer coisa em contrário.

Dado em Roma, na secretaria da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, no dia 1º de março de 1869.

A. cardeal Quaglia, *Prefeito*

E. Svegliati, *Secretário*

38. Pedido ao papa Pio IX para a aprovação pontifícia das Constituições Salesianas

Edição crítica em E(m) IV, pp. 59-60.

Taurini, 1° martii 1873

Beatissime Pater,

Societas Salesiana quam tu, Beatissime Pater, opere et consilio fundasti, direxisti, consolidasti, nova beneficia a Magna Clementia Tua postulat. Etenim hujus Congregationis constitutionum existentia et praxis ferme triginta annorum; difficultates et gravia pericula superata, admirabile ejus incrementum, sunt totidem argumenta quae Dei digitum ostendunt, quemadmodum ipsi Episcopi in eorum litteris commendatitiis asserunt.

Nunc vero ad hujus operis complementum duo summopere adhuc desiderantur: Absoluta Constitutionum approbatio, et facultas dimissoriales litteras relaxandi absque exceptione. Haec sunt duo beneficia quae humillimis et enixis precibus exopto.

Ut autem uno oculorum ictu Congregationis status dignoscatur hic adnectuntur:

1° Brevis notitia sive collectio documentorum ad hanc congregationem spectantium.

2° Nonnulla exemplaria constitutionum de ultima editione.

3° Declarationes supra aliquas parvi momenti mutationes, quas experientia ad processum et soliditatem Congregationis perutiles ostendit.

Caetera, quae desunt, addere dignetur bonitas et clementia Tua.

Dum autem hoc magnum negotium nostrum in manus Domini commendamus, omnes salesianae Congregationis socii, qui omnes filios tuos esse gloriantur, corde et animo Deum deprecamur, ut, quidquid in oculis Domini melius sit, ipse perficiat, tibique suggerat.

Interim ad Tuae Sanctitatis pedes provolutus, caeteris felicior suppliciter [me] subscribo

Humillimus filius

Joannes Bosco sacerdos

Sup. Gen.

(Tradução)

Turim, 1° de março de 1873

Beatíssimo Padre,

A Sociedade Salesiana que Vossa Santidade, Beatíssimo Padre, mediante fatos e conselhos, fundou, dirigiu e consolidou, implora de sua grande benignidade novos favores, dado que a existência e a prática de quase trinta anos das Constituições nesta Sociedade, as dificuldades e os graves perigos superados e o seu maravilhoso incremento são provas abundantes que fazem ver o dedo de Deus, como o afirmam também os bispos nas suas cartas comendatícias.

Sendo assim, como acabamento da obra, desejam-se particularmente duas coisas: a aprovação definitiva das Constituições e a plena faculdade de emitir as cartas dimissórias[15].

São estes os dois favores que imploro com humílimas e insistentes preces.

E a fim de que, como num só olhar, conheça a situação da Congregação, acrescento aqui alguns anexos:

1) Uma breve notícia ou coletânea de documentos relativos a esta Congregação.

2) Várias cópias das Constituições da última edição.

3) Algumas declarações a respeito de pequenas variantes que a experiência mostrou muito úteis para o desenvolvimento e a consolidação da Congregação.

Sua bondade e benignidade digne-se acrescentar tudo o que faltar.

E enquanto colocamos com confiança este nosso grande negócio nas mãos de Deus, todos os sócios da Congregação, que se gloriam de ser seus filhos, cordial e intimamente rezamos a Deus para que ele mesmo realize e lhe sugira o que for melhor conforme os seus desígnios.

Entretanto, prostrado aos pés de Vossa Santidade, mais feliz do que todos, subscrevo-me, suplicando,

Humílimo filho
Sac. João Bosco
Superior-geral

[15] A faculdade era válida para os clérigos que tivessem sido acolhidos em casa salesiana antes dos 14 anos.

Decretum[16]

Sanctissimus Dominus Noster Pius Papa Nonus, in Audientia habita ab infrascripto D. Secretario S. Congregationis Episcoporum et Regularium, sub die 3 Aprilis 1874, Feria VI in Parasceve, attentis Literis Commendatitiis Antistitum Locorum, in quibus Piae Societatis Presbyterorum a S. Francisco Salesio nuncupatae Domus extant, uberibusque fructibus quos ipsa in Vinea Domini protulit, suprascriptas Constitutiones, prout in hoc exemplari continentur, cuius Autographum in Archivio huius S. Congregationis asservatur, approbavit et confirmavit, prout praesentis Decreti tenore, approbat atque confirmat, salva Ordinariorum iurisdictione, ad praescriptum Sacrorum Canonum, et Apostolicarum Constitutionum.

Datum Romae ex Secretaria memoratae S. Congregationis Episcoporum et Regularium die 13 Aprilis 1874.

A. *card.* Bizzarri *Praefectus*

S. Archiep. Seleucien. Secret.

(*Tradução*)

A santidade do nosso senhor papa Pio IX, na audiência concedida ao subscrito monsenhor secretário da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares em data de 3 de abril de 1874, sexta-feira santa, consideradas atentamente as cartas comendatícias dos bispos de diversos lugares onde existem casas da Pia Sociedade, dita dos padres de São Francisco de Sales, e vistos os abundantes frutos que a mesma produziu na vinha do Senhor, aprovou e confirmou as citadas Constituições como estão contidas no presente exemplar do qual o autógrafo se conserva no arquivo desta Sagrada Congregação, como pelo teor deste decreto também aprova e confirma, salva a jurisdição dos ordinários diocesanos, segundo o que prescrevem os sagrados cânones e as constituições apostólicas.

[16] O longo intervalo de tempo transcorrido entre a súplica de 1º de março de 1873 e a aprovação pontifícia das Constituições (13 de abril de 1874) foi devido também às objeções de dom Gastaldi, acolhidas pelos responsáveis vaticanos, quanto a determinados artigos (dimissórias, noviciado, estudos...). A aprovação definitiva das Constituições foi obtida somente depois das correções, que não eram somente formais, queridas pela "Congregação Particular" de cardeais encarregada do exame do texto constitucional.

Dado em Roma, na secretaria da citada Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, no dia 13 de abril de 1874.

A. *Card.* Bizzarri, prefeito

E. Arcebispo de Selêucia, secretário

39. Último pedido ao papa Leão XIII para a concessão dos "privilégios" à Sociedade Salesiana

Arquivo da Congregação dos Religiosos e dos Institutos Seculares 18130/12; original alógrafo com assinatura autógrafa (cf. MB XVII, 714, 720).

Taurini, die 1° aprilis 1884

[*Romae, die 24 maii 1884*][17]

Beatissime Pater[18]*,*

Jam undecimus annus agitur ex quo, Beatissime Pater, humilis Societas ex S. Francisco Salesio dicta absolutam et specificam constitutionum adprobationem consecuta est. Aliqua privilegia omnimode necessaria a Supremo Ecclesiae Antistite tunc elargita fuerunt. Hoc temporis decursu socii Salesiani toti in eo fuerunt ut eorum constutiones ad praxim traducerent, novitatum, studia perficerent, pietatis exercitia inter socios eorumque alumnos promoverent et ita societatis finem consequerentur, qui gloria Dei lucrumque animarum semper fuit. Post absolutam adprobationem, adiuvante Deo, factum est ut haec humilis societas, vere pusillus grex, mirum in modum citissime augeretur et in diversas Italiae partes, in Galliam, in Hispaniam, in Americam Meridionalem usque ad Indos et ad Patagones se se extenderit.

Cum haec Congregatio suam adprobationem est consecuta, sexdecim domos dumtaxat habebat in quibus septem millia circiter adolescentuli Christianam educationem habebant; socii tercentum adnumerabantur.

[17] Há numerosos manuscritos deste pedido, continuamente atualizado.

[18] Para obter da Santa Sé os suspirados "privilégios", análogos aos concedidos às outras famílias religiosas, Dom Bosco teve que fadigar durante dez anos. O êxito positivo só aconteceu depois da nomeação de um novo arcebispo para Turim.

Nunc vero Domus sive familiae alumnorum sunt centum quinquaginta: alummi ultra centum milia: religiosi quatuor centum supra mille.

Inter tot alumnos et socios, inter tot domus unam ab aliis tam dissitam magna difficultas exorta est ob deficientiam privilegiorum, quibus coetera Ecclesiastica instituta gaudere solent.

Sed cum non amplius privilegiorum communicatio concedi assoleat, aliqua praecipua et pernecessaria privilegia aliis Congregationibus concessa in pagella hic adnexa descripta, et pro humili Societate nostra nunc fidenter postulo.

Per huiusmodi concessionem, Beatissime Pater, pia Salesiana Societas tutam et cognitam viam habet quam sequatur; facillime Ordinariis locorum innotescent privilegia quibus fruatur praecipue in Missionibus suscipiendis et domibus in externis regionibus adaperiendis.

Ob tantum beneficium Salesiani omnes grato animo Deo et tibi quotidie laudem dicent; unusquisque pro virili parte ad vineam Domini excolendam operam dabit.

Ego vero videns solidatum opus, quod Sancta Dei Ecclesia mihi concredidit, cum gaudio cantabo: Nunc dimittis servum tuum Domine.

Humillimus filius

Joannes Bosco sacerdos

(Tradução)

Beatíssimo Padre,

Há onze anos que a humilde Sociedade denominada de São Francisco de Sales obteve a definitiva aprovação específica das Constituições: alguns privilégios absolutamente necessários foram então concedidos pelo supremo pastor da Igreja. Nesse lapso de tempo, os membros salesianos se dedicaram inteiramente à atuação das suas Constituições, à realização do noviciado e à complementação dos estudos; a promover entre os sócios e os seus alunos as práticas de piedade, para conseguir assim o escopo da Sociedade que foi sempre a glória de Deus e a conquista das almas. Depois da definitiva aprovação, com a ajuda de Deus, esta humilde Sociedade, verdadeiro pequeno rebanho, de forma prodigiosa se estendeu em diversas partes da Itália, na França, na Espanha, na América do Sul, até alcançar os índios e a Patagônia.

A Congregação, quando obteve a aprovação, tinha somente dezesseis institutos, nos quais recebiam a educação cristã cerca de sete mil adolescentes: os sócios eram trezentos. Ao passo que atualmente as casas religiosas dos alunos são cento e sessenta, os alunos externos e os internos cerca de cento e cinquenta mil; os religiosos são mil e quatrocentos.

Com tantos alunos e sócios, com tantas casas tão distantes umas das outra, surgem grandes dificuldades pela falta dos privilégios dos quais costumam gozar os outros institutos eclesiásticos.

Agora, porém, embora não seja mais usual a concessão dos privilégios, alguns deles importantes e muito necessários, concedidos a outras congregações, como constam da ficha aqui anexa, eu os peço também para a nossa humilde Congregação.

Graças a esta concessão, Beatíssimo Padre, a Sociedade salesiana encontrará um caminho conhecido e seguro a seguir; com grande facilidade os ordinários locais conhecerão os privilégios dos quais pode gozar, especialmente ao aceitar centros de missão e ao abrir institutos em regiões estrangeiras.

Por este e tão grandioso benefício, todos os salesianos agradecerão a Deus e louvarão Vossa Santidade todos os dias; cada qual se esforçará com todas as suas forças a trabalhar na vinha do Senhor. E eu, contemplando consolidada a obra que a Santa Igreja de Deus me confiou, cantarei com alegria: *Agora, Senhor, deixa o teu servo ir em paz.*

Humílimo filho,

João Bosco, sacerdote

Decretum

SS. D. N. Leo PP. XIII in audientia habita ab infrascripto D. Secretario S. Congregationis Episcoporum et Regularium die 13 Junii 1884 Sacerdotem Joannem Bosco fundatorem et Superiorem Generalem Piae Societatis Presbyterorum a S. Francisco Salesio nuncupatae illiusque Socios specialibus favoribus et gratiis prosequens, omnia et singula Indulta, Privilegia, Exemptiones et Facultates Congregationi SS. Redemptoris concessa, iisdem Socios eorumque Ecclesiis, Capellis et Domibus benigne communicare, extendere atque in perpe-tuum elargiri dignatus est, cum omnibus Clausulis et Decretis necessariis et opportunis. Ceterum eadem $anctitas Sua mandavit declarari, prout praesentis Decreti tenore declaratur, Privilegia, Facultates, Gratias Spirituales sive ad tempus sive oretenus

concessa, omnino revocata, abolita et suppressa esse. Contrariis quibuscumque non obstantibus. –

Datum Romae ex Secretaria S. Congregationis Episcoporum et Regularium hac die 28 junii 1884.

I. *Card.* Ferrieri, *Praef.*

I. Masotti, *Secretarius*

(Tradução)

Sua Santidade, o nosso senhor papa Leão XIII, na audiência concedida ao subscrito secretário da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, no dia 16 de junho do ano de 1884, querendo ajudar com especiais favores e graças o sacerdote João Bosco, fundador e superior-geral da Pia Sociedade dos presbíteros, denominada de São Francisco de Sales e os seus membros, dignou-se benignamente comunicar e conceder perpetuamente todos e cada um dos indultos, privilégios, isenções e faculdades concedidas à Congregação do Santíssimo Redentor, com todas as cláusulas e decretos necessários e oportunos. Além disso, a mesma Santidade ordenou declarar, conforme o teor do presente decreto, que estão plenamente revogados, abolidos e suprimidos os privilégios, as faculdades e as graças espirituais concedidas, tanto oralmente quanto provisórias.

Nenhuma norma contrária e nenhum obstáculo poderá opor-se a quanto aqui é estabelecido.

Dado em Roma, na secretaria da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, hoje, 28 de junho de 1884.

I. *cardeal* Ferrieri, *Prefeito*

I. Masotti, *Secretário*

40. Comunicação oficial aos salesianos da nomeação do padre Miguel Rua como vigário com plenos poderes e do padre João Cagliero como pró-vigário para a América Latina

ASC A1750502, cópia impressa com assinatura autógrafa de Dom Bosco;
edição em E IV, pp. 347-349.

Turim, 8 de dezembro de 1885

Caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Afetado por diversos incômodos, sentindo cada dia diminuir as minhas forças, já havia certo tempo eu sentia a necessidade de um alívio e de um apoio no cumprimento da missão que a divina Providência me confiou.

Eu sentia a necessidade de alguém que me ajudasse eficazmente na realização das minhas diversas ocupações e que fosse também encarregado de tudo o que é indispensável para o bom andamento da Pia Sociedade de São Francisco de Sales.

Com esta finalidade, portanto, pensei em escolher um vigário que me represente e seja como outro eu mesmo, um vigário que tenha como encargo especial que as tradições até agora por nós observadas se mantenham intatas e assim sejam conservadas depois de mim por aqueles que nos seguirão. Falo das tradições que são as normas práticas para compreender, explicar e praticar fielmente as Regras, tais como foram definitivamente aprovadas pela Santa Igreja, e que formam o espírito e a vida da nossa Pia Sociedade. Pois é meu vivíssimo desejo que, chegada a hora da minha passagem para a vida eterna, em nada se perturbem e se mudem as nossas coisas.

Algum tempo atrás, enquanto eu ia meditando nesta necessidade, o sumo pontífice, por sua iniciativa, me escrevia por meio de sua excelência o arcebispo Domingos Jacobini, perguntando-me quem eu julgava ser apto entre os nossos irmãos para fazer as minhas vezes na direção suprema da Pia Sociedade salesiana.

Eu, agradecendo ao santo padre pela sua benevolência, respondi propondo como meu vigário o padre Miguel Rua, porque também em ordem de tempo é um dos primeiros da Sociedade, há muitos anos exerce em grande parte este ofício e afinal esta nomeação encontraria o pleno agrado de todos os irmãos. E o santo padre, algumas semanas atrás, por meio do nosso ama-

díssimo arcebispo, dignou-se comunicar-me que esta proposta era de seu total agrado.

Por isso, caríssimos filhos, depois de ter rezado por muito tempo ao doador de todos os bens, depois de ter invocado as luzes do Espírito Santo e a especial proteção de Maria Virgem Auxiliadora e do nosso patrono São Francisco de Sales, valendo-me da faculdade concedida pelo supremo pastor da Igreja, nomeio meu vigário-geral o padre Miguel Rua, atualmente prefeito da nossa Pia Sociedade, e tudo o que posso fazer eu, poderá fazê-lo também ele, com plenos poderes, em todos os assuntos públicos e privados que se referem a esta Sociedade, e sobre todo o pessoal com o qual ela se compõe.

O novo vigário, estou certo disto, ao tratar dos assuntos de importância, aceitará sempre com gratidão os benévolos avisos e conselhos que lhe forem oferecidos.

A vós, meus caríssimos filhos, recomendo que lhe presteis aquela inteira obediência que sempre professastes para com aquele que chamais de pai e que vos ama de amor paterno, a obediência que foi até agora e será sempre, assim espero, a minha consolação.

Assim, como consequência dessa eleição, comunico-vos também que, valendo-me da faculdade que me atribuem as nossas Regras, nomeio como prefeito da Pia Sociedade Salesiana o padre Celestino Durando, exonerando-o do ofício de conselheiro escolástico que ocupava até este momento, enquanto em seu lugar e para o ofício de conselheiro escolástico da nossa Pia Sociedade elejo e nomeio o padre Francisco Cerruti, atualmente inspetor da inspetoria lígure e diretor do colégio de Alassio. Este, além disso, manterá ainda o cargo de inspetor até novas nossas disposições.

Quanto às nossas missões da América do Sul, estabeleço dom João Cagliero como meu pró-vigário, com plena autoridade sobre todo o pessoal e sobre todas as casas e inspetorias daquelas regiões[19].

Nesta mesma ocasião, creio fazer-vos coisa grata ao dizer-vos que a minha saúde melhorou um pouco, e atribuo isto às caridosas orações que sei que elevastes a Deus por mim. Agradeço-vos de todo coração e vos garanto que o pouco de forças e de dias que Deus piedoso se dignará ainda conceder-me, entendo que seja totalmente para vantagem da nossa humilde Congregação e para proveito das nossas almas.

[19] João Cagliero (1838-1926), nascido em Castelnuovo, chefe da primeira expedição missionária (1875), fora consagrado bispo exatamente um ano antes (7 de dezembro de 1884). Será criado cardeal em 1915.

O Senhor abençoe o novo vigário, os outros superiores e todos os nossos irmãos e faça de tal modo que todos sejam sempre um só coração e uma só alma na promoção da glória do nosso Pai celeste e a santificação das nossas almas.

Afeiçoadíssimo em Jesus

Sac. João Bosco

Nota 1. Os diretores de cada casa lerão esta carta na primeira conferência que farão aos nossos amados irmãos.

Nota 2. Lembro o que em outras ocasiões já recomendei, que no endereço das cartas e em todos os demais escritos públicos ou privados que não tratam de relações com a autoridade eclesiástica, não se usem nunca os títulos civis, como *diretor, doutor, professor, mestre, prefeito,* etc. Assim, os missionários, escrevendo da América para a Europa, ao escrever a algum coirmão, nunca usem o título de *padre,* mas o de *sacerdote* ou então de *senhor.*

II. ASSOCIAÇÃO DOS DEVOTOS DE MARIA AUXILIADORA

Construída a igreja de Maria Auxiliadora em Turim-Valdocco em 1868, Dom Bosco quis que a consagração fosse marcada por um vasto programa de festas, tornado público mediante um pequeno opúsculo preparado para essa ocasião[20]*. Logo a seguir, por meio de um segundo volumoso opúsculo*[21]*, procurou fazer da nova igreja um centro de atração para orações, graças e ofertas. Ainda não satisfeito, quis conferir estabilidade ao culto e à devoção mariana sob o título de Maria Auxiliadora por meio de uma Associação de leigos que levasse o seu nome.*

Ele mesmo esboçou as origens num terceiro fascículo, no qual reevocava a história secular do título de Auxiliadora, ilustrava a devoção a esse título em Munique (Alemanha) e em Turim e acrescentava uma longa série de orações e práticas, com as indulgências correspondentes[22]*. Não deixou de inserir os documentos relativos à aprovação da Associação, que são os que apresentamos aqui: o Breve papal de concessão das indulgências da nascente Associação (n. 41), o pedido e a aprovação canônica arquidiocesana dos* Estatutos *(n. 42) e o Regulamento (n. 43).*

Em seguida (1870), obteve de Pio IX que a Associação fosse erigida em confraria, com a faculdade de agregar a si associações semelhantes já existentes ou a serem erigidas na arquidiocese de Turim; faculdade depois estendida pelo mesmo papa em 1877 para todas as dioceses do Piemonte (e em 1896, no tempo do padre Rua como Reitor-Mor, para todas as dioceses do mundo pelo papa Leão XIII).

Para um rápido conhecimento da Associação, da sua história e também da sua realidade atual, abrangendo inclusive as intervenções de alguns reitores-mores, remetemos para o n. 3 dos Cadernos de Maria Auxiliadora[23] *e para as já citadas mais amplas biografias de Dom Bosco.*

[20] *Rimembranza di una solennità in onore di Maria Ausiliatrice*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Francesco di Sales 1868 (OE XXI, 1-174).

[21] *Maraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice. Raccolte dal Sacerdote Giovanni Bosco.* Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868 (OE XX, 192-376).

[22] *Associazione dei divoti di Maria Ausiliatrice canonicamente eretta nella chiesa a lei dedicata in Torino, con ragguaglio storico su questo titolo*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Francesco di Sales 1869 (OE XXI, 339-434).

[23] Pier Luigi Cameroni, *ADMA. Associazione di Maria Ausiliatrice. Un itinerario di santificazione e di apostolato secondo il carisma di don Bosco.* Leumann (Turim), Elledici 2009.

41. Pedido a Pio IX para as indulgências em favor da *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora* a ser erigida

Edição crítica em E(m) III, pp. 62-63.

[Roma, anterior a 2 de março de 1869]

Beatíssimo Padre,

O sacerdote João Bosco, movido pelo vivo desejo de promover a devoção à Mãe de Deus e a veneração ao augusto sacramento da Eucaristia, pensou em satisfazer as repetidas instâncias de muitos fiéis cristãos e iniciar uma pia união sob o título de:

Associação dos devotos de Maria Auxiliadora
na igreja a ela dedicada em Turim

O objetivo dos sócios seria o de empenhar-se na medida do possível para aumentar o decoro, a devoção e a observância das festas, solenidades, tríduos, novenas, procissões e de todas as práticas de piedade que visam à honra e à glória da grande rainha do céu e de Jesus no Santíssimo Sacramento.

Como o tesouro das santas indulgências despertaria especial estímulo e fervor nos associados, o abaixo assinado recorre humildemente à já provada caridade de Vossa Santidade a fim de que se digne conceder a cada associado os seguintes favores espirituais:

1° Indulgência plenária em todas as festas e solenidades que durante o ano se celebram em honra da Bem-aventurada Virgem Maria e do Santíssimo Sacramento, com a condição de receberem os santos sacramentos da confissão e da comunhão.

2° Indulgência plenária toda vez que, no dia em que recebem os sacramentos da confissão e da comunhão, rezarem pelas necessidades da Santa Madre Igreja.

3° Indulgência de quinhentos dias sempre que ouvirem devotamente a santa missa.

4° Indulgência de trezentos dias sempre que recitarem devotamente a jaculatória: *Maria Auxilium Christianorum ora pro nobis*, também quando tra-

duzida em outras línguas. Que essa indulgência se possa lucrar também por aqueles que não forem agregados a esta pia união.

5° Na citada igreja de Maria Auxiliadora, todas as manhãs se faz um exercício devoto em que se recita a terça parte do rosário com outras orações, celebra-se a santa missa no altar-mor, onde se conserva o Santíssimo Sacramento, e se faz com muita frequência a comunhão geral de fiéis, especialmente de jovens. Sendo assim, faz-se humilde solicitação para que possam lucrar a mesma indulgência plenária todos os que, tomando parte nesse exercício devoto, se aproximam da santa comunhão.

6° Que estas indulgências possam ser aplicadas também às santas almas do purgatório em forma de sufrágio.

Pede a graça...

Sac. João Bosco

[Breve papal]

Edição impressa em *Associazione dei divoti di Maria Ausiliatrice canonicamente eretta nella chiesa a lei dedicata in Torino, con ragguaglio storico su questo titolo*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Francesco di Sales 1869 (OE XXI, 378-385).

Pius PP. IX

Ad futuram rei memoriam

Exponendum curavit Nobis dilectus filius Ioannes Bosco, Presbyter Taurinensis, sibi, ad fovendam augendamque fidelium erga sanctam Dei Matrem, augustumque Eucharistiae Sacramentum religionem, in animo esse, piam sodalitatem in Ecclesia sub invocatione Inmaculatae Virginis Auxiliatricis Civitatis Taurinensis de Ordinarii licentia instituere, cui vulgo - Associazione dei divoti di Maria Ausiliatrice - *nomen sit, et cujus sodales praecipue in promovendum Deiparae Immaculatae augustique Sacramenti cultum intendant animum.*

Quo vero, propositis uberioribus ad coelestem beatitatem potiundam praesidiis, maiori studio fideles sodalitati isti nomen dent, atque in praescripta pietatis opera incumbant, enixas Nobis preces adhibuit humiliter, ut Ecclesiae thesauros,

quorum dispensationem Nobis commisti Altissimus, idcirco reserare de benignitate Nostra dignaremur.

Nos igitur salubres has frugiferasque memorati dilecti filii curas plurimum commendantes, quo sodalitas ista maiora in dies, Deo iuvante, suscipiat incrementa, de Omnipotentis Dei misericordia, ac BB. Petri et Pauli App. ejus auctoritate confisi, omnibus et singulis utriusque sexus Christifidelibus e pia sodalitate vulgo - Associazione dei divoti di Maria Ausiliatrice - *in cognomine Ecclesiae Civitatis Taurinensis canonice instituta nunc et pro tempore existentibus, vere poenitentibus et confessis, ac sacra Communione refectis, qui eandem Ecclesiam, et sodalitatis Oratorium vel Altare, Nativitatis, Circumcisionis, Epiphaniae et Ascensionis D. N. I. C. festivitatibus, Dominica Pentecostes, sollemnitate SS. Corporis Christi, itemque septem potioribus Immaculatae Virginis Deiparae festis, a primis vesperis usque ad occasum solis dierum hujusmodi, singulis annis devote visitaverint, ibique pro Christianorum Principum concordia, haeresum extirpatione ac s. Matris Ecclesiae exaltatione pias ad Deum preces effuderint, quo die ex recensitis id egerint, Plenariam omnium peccatorum suorum Indulgentiam et remissionem misericorditer in Domino concedimus.*

Praeterea eisdem sodalibus, qui quolibet die sollemnium supplicationum, quae in honorem sanctae Dei Matris dicta in Ecclesia per tres aut novem dies continuos fieri solent, ea, quae descripsimus, pietatis opera corde saltem contriti peregerint, septem annos totidemque quadragenas: quotiescumque vero rite devoto interfuerint Exercitio cujusvis diei mane de Ordinarii licentia praefata in Ecclesia habendo, et corde pariter contriti consuetas preces ut supra pro Christianorum Principum concordia, haeresum extirpatione, ac s. Matris Ecclesiae exaltatione recitaverint, centum dies de injunctis eis, seu alias quomodolibet debitis poenitentiis in forma Ecclesiae consueta relaxamus.

Quae omnes et singulae Indulgentiae, peccatorum remissiones, ac poenitentiarum relaxationes ut etiam Animabus Christifidelium, quae Deo in charitate conjunctae ab hac luce migraverint, per modum suffragii applicari possint, misericorditer in Domino elargimur.

Praesentibus ad Decennium tantum valituris.

Datum Romae apud S. Petrum sub annulo Piscatoris die XVI Martii MDCCCLXIX pontificatus Nostri anno vigesimotertio.

N. *card.* Paracciani Clarelli

(Tradução)

Pio PP. IX

Para futura memória do fato

Nosso dileto filho João Bosco, sacerdote turinense, para estimular e aumentar a devoção dos fiéis à Santa Mãe de Deus e ao augusto sacramento da Eucaristia, nos expôs ter em mente a instituição, com a licença do ordinário diocesano, na igreja dedicada a Maria Santíssima Auxiliadora, na cidade de Turim, de uma pia sociedade com o nome de *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora,* cujos sócios tenham como objetivo principal promover o culto da Imaculada Mãe de Deus e do augusto Sacramento do altar.

A fim de que, ao propor-lhes maiores auxílios para chegarem à bem-aventurança celeste com maior empenho, dessem o nome a esta Associação e se dedicassem a realizar as obras de piedade prescritas, ele nos apresentou humilde solicitação para que, com esta finalidade, nossa benignidade aceitasse abrir os tesouros da Igreja, cuja dispensação nos foi confiada pelo Deus altíssimo.

Nós, portanto, muito recomendando os salutares e profícuos cuidados deste nosso amado filho, a fim de que, com a ajuda divina, esta Associação tenha cada dia maior incremento, apoiados na misericórdia de Deus e na autoridade dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, a todos e a cada um dos fiéis cristãos de ambos os sexos que agora e no futuro serão inscritos na pia sociedade que tem por nome *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora,* canonicamente ereta na igreja dedicada a Maria Auxiliadora, na cidade de Turim, verdadeiramente arrependidos e após ter confessado e comungado e visitado devotamente esta mesma igreja, oratório ou altar da Sociedade, desde as primeiras vésperas até o pôr do sol, nas festas da Natividade, Circuncisão, Epifania e Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo, no domingo de Pentecostes, na solenidade do Santíssimo Corpo do Senhor, e também nas sete principais festas da Imaculada Virgem Mãe de Deus, e nesse lugar tenham rezado pela concórdia dos príncipes cristãos, a extirpação das heresias e a exaltação da Santa Madre Igreja, em qualquer um dos acima citados dias que tiverem praticado esses atos, misericordiosamente concedemos a indulgência plenária e a remissão de todos os seus pecados.

Além disso, aos mesmos sócios que, pelo menos de coração arrependido, cumprirem as citadas obras de piedade em cada dia de novenas ou tríduos que solenemente se costumam celebrar na dita igreja em honra da Mãe de Deus, concedemos sete anos de indulgência e mais sete vezes quarenta dias,

sempre que participarem do devoto exercício que, com a licença do ordinário local, se celebra todas as manhãs na dita igreja e, igualmente de coração arrependido, recitarem as costumeiras orações para a concórdia entre os príncipes cristãos, a extirpação das heresias e a exaltação da Santa Madre Igreja, concedemos cem dias de indulgência.

Estas e cada uma das indulgências, o perdão dos pecados e a remissão das penas, concedemos misericordiosamente no Senhor que possam também ser aplicadas a modo de sufrágio em favor das almas dos fiéis cristãos que, unidas a Deus na caridade, passaram desta vida.

A presente concessão é válida somente por dez anos.

Dado em Roma, junto de São Pedro, sob o anel do Pescador, no dia 16 de março de 1869, 23º ano do nosso pontificado.

N. *Card*. Paracciani Clarelli[24]

42. Pedido ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi, para a ereção canônica da *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora*

Edição crítica em E(m) III, pp. 73-74 (OE XXI, 370-377).

[Turim, anterior a 18 de abril de 1869]

Excelência reverendíssima,

O abaixo assinado expõe humildemente a vossa excelência reverendíssima que, movido unicamente pelo desejo de promover a glória de Deus e o bem das almas, teria em mente que na igreja de Maria Auxiliadora, há um ano

[24] No opúsculo citado, na nota 22 (Turim, 1869, cap. VI, pp. 28-311), se lê: "Favores concedidos pelo sumo pontífice para esta igreja. O sumo pontífice veio diversas vezes em ajuda do iniciado edifício, com ofertas materiais e ainda mais com favores espirituais. No dia 12 de janeiro de 1867 concedeu as seguintes indulgências a todos os que tinham ajudado na construção desta igreja: 1. Bênção apostólica com indulgência plenária *in articulo mortis*; 2. Indulgência plenária, sempre que se aproximarem dignamente da santa comunhão; 3. Estas indulgências, a modo de sufrágio, são aplicáveis às almas do purgatório. E para animar todos os fiéis cristãos a tomar parte na consagração desta igreja, com apropriado Breve de 22 de maio de 1868, concedia indulgência plenária a todos os que, tendo confessado e recebido a comunhão, visitassem esta igreja de Maria Auxiliadora no dia da consagração ou em outro dia da oitava..." (segue a carta Papal de 23 de setembro de 1868).

consagrada por vossa excelência ao culto divino, se iniciasse uma pia união de fiéis sob o nome de *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora.* Objetivo principal seria o de promover a veneração ao Santíssimo Sacramento e a devoção a *Maria Auxilium Christianorum,* título que parece ser de vivo agrado à augusta rainha do céu.

Para essa finalidade, foram compiladas algumas regras que tomaram como base e quase foram copiadas dos estatutos da célebre confraria de Maria erigida em Munique na Baviera.

A fim de que estes exercícios tenham uma forma estável e estejam totalmente de acordo com o espírito da Santa Igreja, o humilde requerente suplica vossa excelência queira tomar em benévola consideração este pio projeto e humildemente solicita também queira examinar estes estatutos, acrescentar, eliminar, mudar o que julgar oportuno; e depois, como humildemente o requerente suplica, queira aprová-los com todas as cláusulas que vossa excelência julgar oportunas para promover a maior glória da augusta rainha do céu e o bem das almas.

O altar da Associação seria o altar-mor da dita igreja, dado que é altar privilegiado, e junto ao qual se realiza a maior parte dos exercícios de piedade que são o objetivo desta Associação.

Cheio de esperança de conseguir este favor, com a mais profunda gratidão, implora a sua santa bênção e se professa

Humilde suplicante

Sac. João Bosco

[*Decretum*]

Alexander Octavianus Riccardi
Ex Comitibus A Netro
Supremi Ordinis SS. Annuntiationis
Eques Torquatus Etc. Etc.
Dei et Sanctae Sedis Apostolicae Gratia
Archiepiscopus Taurinensi
SS. D. N. D. Pii Papae IX Praelatus Domesticus
Ac Pontificio Solio Adsistens

Viso memoriali nobis exhibito ab ad. Rev. Dom. Ioanne Bosco ecclesiae sub invocatione Immaculatae Virginis Auxiliatricis nuper erectae in hac civitate rectore, eiusque tenore considerato, piis oratoris votis libenter annuentes ad fovendam augendamque fidelium erga s. Dei Matrem augustumque Eucharistiae Sacramentum religionem, piam sodalilatem cui nomen erit: Associazione dei divoti di Maria Ausiliatrice *ad altare maius praedictae ecclesiae praesentium tenore erigimus ac canonice erectam declaramus pro utriusque sexus fidelibus, ut omnes eidem adscribendi de Ecclessiae thesauris, praescripta opera adimplendo, participare valeant; quoniam vero statuta nobis pariter exhibita, ac per nos firmata, piae societatis regimini et incremento accommodata novimus, eadem approbamus, reservata nobis facultate ea addendi vel variandi, quae magis pro dictae piae sodalitatis utilitate expedire iudicabimus. Hoc nostrum decretum una cum memoratis precibus ac statutis in registris Curiae nostrae referri iubemus ac per authenticum exemplar D. Oratori exhiberi.*

Datum Taurini die decima octava aprilis anno millesimo octingentesimo sexagesimo nono.

† Alexander *Archiepiscopus*

et manualiter subscriptus Th. Gaudi *pro Cancell.*

Ita in originali cum quo coll. concordat.
Datum Taurini die, mense et anno praemissis.
Th. Gaude pro Cancell.

(Tradução)

Alexandre Otaviano Riccardi
dos Condes Di Netro
Cavalheiro da Suprema Ordem
da Santíssima Anunciação, etc, etc.
Por graça de Deus e da Santa Sé apostólica
Arcebispo de Turim
Prelado doméstico de Sua Santidade
o papa Pio IX
e Assistente ao Sólio Pontifício

Visto o memorial que nos foi apresentado pelo muito reverendo sacerdote João Bosco, reitor da igreja há pouco tempo construída nesta cidade sob a invocação da Imaculada Virgem Auxiliadora, e considerando seu conteúdo, de bom grado consentindo nos pios desejos do solicitante, para alimentar e aumentar a devoção dos fiéis para com a Santa Mãe de Deus e o augusto sacramento da Eucaristia, pelo teor do presente decreto, erigimos e declaramos canonicamente ereta para os fiéis de ambos os sexos, no altar-mor da dita igreja, a pia sociedade que terá como nome *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora,* de modo que todos os que nela se inscreverem, cumprindo as práticas prescritas, possam participar dos tesouros da Igreja. E dado que também vimos que os estatutos a nós apresentados e por nós assinados são adaptados ao governo e ao incremento da pia Associação, nós os aprovamos, reservando-nos a faculdade de acrescentar ou modificar o que julgarmos ser para maior utilidade para a dita Associação. Este nosso decreto, com a correspondente solicitação e com os estatutos, queremos que seja consignado nos registros da nossa cúria e um exemplar seja entregue ao solicitante.

Dado em Turim, no dia 18 de abril de 1869

† Alexandre, *arcebispo*

Teólogo Gaude, *pró-chanceler*

43. Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora [Regulamento]

Edição impressa em *Associazione dei divoti di Maria Ausiliatrice canonicamente eretta nella chiesa a lei dedicata in Torino, con ragguaglio storico su questo titolo*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Francesco di Sales 1869, 96 p. (OE XXI, 386-397).

1. Na igreja dedicada a Maria Auxiliadora em Turim, com autorização de sua excelência reverendíssima o arcebispo de Turim, está canonicamente ereta uma Associação de seus devotos que se propõem promover as glórias da divina Mãe do Salvador, a fim de merecer a sua proteção na vida e particularmente em ponto de morte.

2. Dois meios principais são propostos: difundir a devoção à Bem-aventurada Virgem e a veneração a Jesus Sacramentado.

3. A esta finalidade se dedicarão com as palavras, o aconselhamento, as obras e com o empenho de promover o decoro e a devoção nas novenas, festas e solenidades que no curso do ano se realizam em honra da Bem-aventurada Virgem Maria e do Santíssimo Sacramento. A difusão de bons livros, imagens, medalhas, folhetos, participar e recomendar a participação nas procissões em honra de Maria Santíssima e do Santíssimo Sacramento, a comunhão frequente, a assistência à santa missa, o acompanhamento do Viático, são coisas que os agregados se propõem promover com todos os meios compatíveis com o próprio estado.

4. Os associados terão o máximo cuidado consigo mesmos e junto às pessoas que deles dependem de impedir a blasfêmia e qualquer conversa contrária à religião e, na medida de suas possibilidades, qualquer obstáculo que possa impedir a santificação dos dias santos.

5. Cada associado, segundo os conselhos dos catecismos e dos mestres de espírito, é calorosamente exortado a se confessar e comungar cada quinze dias ou uma vez por mês e a ouvir todos os dias a santa missa, desde que as obrigações do próprio estado o permitam.

Em honra de Jesus Sacramentado, todos os dias, os associados, depois das orações ordinárias da manhã e da noite, recitarão a jaculatória: *Graças e louvores sejam dados a cada momento ao santíssimo e diviníssimo Sacramento.* E em honra da Bem-aventurada Virgem: *Maria, Auxilium Christianorum, ora pro nobis*. Para os sacerdotes é suficiente que na santa missa ponham a intenção de rezar por todos os agregados a esta pia Associação. Essas orações servirão como vínculo de união entre todos os associados num só coração e numa só alma, a fim de render a devida honra a Jesus oculto na Santa Eucaristia e à sua augusta Mãe, e de participar de todas as obras de piedade realizadas por cada associado.

Benefícios espirituais dos associados

Todos os agregados a fim de se ajudarem mutuamente a caminhar pelo caminho da salvação entendem fazer entre si comunhão de todas as boas obras que cada um realiza em particular ou na igreja de Maria Auxiliadora ou em outros lugares.

1. Participarão também das práticas de piedade que se realizam no altar da Associação, que é o altar-mor desta igreja: altar privilegiado quotidiano, segundo o decreto da sagrada Congregação em data de 22 de maio de 1868. Nesse altar, entre outras coisas, todas as manhãs, em torno das seis horas nos dias feriais e das sete nos dias santos, se celebrará uma missa com a recitação da

terceira parte do santo rosário, orações especiais e a comunhão de todos os que puderem participar. O reinante papa Pio IX concede benignamente 100 dias de indulgência a todos e cada vez que se toma parte neste exercício de piedade. Todas as noites haverá o canto de loas sacras, leitura espiritual, orações, bênção com o Santíssimo Sacramento, à qual seguirá a recitação do santo terço, como de manhã. Cada agregado pode lucrar a indulgência plenária nas solenidades do Santo Natal, da Circuncisão, da Epifania, da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo, no domingo de Pentecostes e no dia de *Corpus Domini*.

2. Indulgência igualmente plenária na festa da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem, da sua Natividade, Apresentação no Templo, Anunciação, Purificação, Visitação e Assunção ao céu.

3. A mesma indulgência plenária poderá ser lucrada em qualquer dia da novena ou na festa de Maria *Auxilium Christianorum*; na festa de São Francisco de Sales, de São Luís Gonzaga, e num dia de cada mês que os sócios escolherem para fazer o exercício da boa morte. As indulgências indicadas aqui podem ser lucradas também por aqueles que não estão inscritos na pia Associação. Cada agregado, participando das práticas de piedade que se fazem nesta igreja ao longo do ano por ocasião de tríduos ou novenas, pode lucrar, uma vez por dia, a indulgência de sete anos, mais sete vezes quarenta dias. É bom notar aqui que, para a aquisição das citadas indulgências plenárias é prescrita a confissão sacramental e a comunhão, a não ser que o agregado tenha a louvável prática de se confessar todas as semanas. Neste caso, se requer unicamente o estado de graça.

4. Todos os anos, no primeiro dia ferial depois da festa de Maria Auxiliadora, canta-se uma missa de *Requiem,* com outros sufrágios especiais, pelas almas dos coirmãos falecidos em geral e particularmente por aqueles que foram chamados por Deus à vida eterna no curso daquele ano. Caso um coirmão ou uma coirmã venha a ficar doente ou, segundo os desígnios de Deus, for chamado à vida eterna, será recomendado de modo especial às orações que todos os dias se fazem no altar de Maria Auxiliadora, desde que se avise o reitor da igreja.

Aceitação

1. Quem deseja participar desta pia Associação fará inscrever o próprio nome, sobrenome e lugar de residência no registro apropriado que se conserva na sacristia da igreja de Maria Auxiliadora. Nessa ocasião, se ele deseja, lhe será entregue uma imagem e uma medalha com o livreto da Associação.

2. Os párocos e todo aquele que tiver cura de almas, os diretores de colégios ou de casas de educação ou de institutos de beneficência podem agregar qualquer um dos seus dependentes, desde que enviem os nomes dos agregados ao reitor da igreja, que também é o diretor da pia Associação.

Não há nenhuma anuidade pecuniária; cada um, se quiser, fará todos os anos alguma oferta para cobrir as despesas que ocorrem na novena e na festa de Maria Auxiliadora, e todas as outras celebrações sagradas que se realizam nas diversas oportunidades do ano na igreja da Associação.

Visa supra scripta statuta seu capitula a nobis firmata tamquam praedictae piae societati ac fidelium pietati consona approbamus, reservata nobis facilitate eadem variandi, iuxta rerum ac temporum circumstantias.

Datum Taurini die 18 aprilis 1869.

† Alexander *Archiepisc.*

manual. Th. Gaude *pro Cancellarius*

Ita in originali cum quo etc.
Th. Gaudi pro Cancellarius

III. INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

Nos inícios de 1870, quando a Sociedade Salesiana vivia momentos de expansão para além dos confins do Piemonte, graças também às numerosas vocações que afluíam, Dom Bosco, com o grupo das Filhas de Maria Imaculada reunidas em Mornese em torno de Maria Domingas Mazzarello (1837-1881), deu vida ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Aprovado pelo ordinário diocesano e agregado à Sociedade Salesiana, em pouquíssimo tempo se difundiu na Itália e no exterior. A respeito dessa fundação feminina publicamos aqui cinco documentos.

Em primeiro lugar, o pedido à superiora das Irmãs de Sant'Ana, madre Henriqueta Dominici, para adaptar as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales ao nascente Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (n. 44).

Em segundo lugar, a ata das primeiras onze profissões trienais e das primeiras cinco vestiduras (quatro, em outras cópias da ata) que de algum modo constitui o ato de fundação do próprio Instituto (n. 45). Assinado pelas autoridades diocesanas, falta a assinatura de Dom Bosco (presente à profissão, não, porém, à redação da ata da cerimônia), o qual depois fará duas correções de própria mão em outra cópia do documento.

Segue depois a circular aos párocos, na qual Dom Bosco, mediante uma simples informação, apresenta o escopo do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, de cujo educandário de Mornese envia o programa (n. 46).

O documento mais importante pelas suas consequências é talvez o pedido ao bispo de Acqui, dom José Maria Sciandra, para a aprovação diocesana do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, após eventuais correções das suas Constituições (n. 47).

Obtido o decreto de aprovação, diante do fato de as irmãs salesianas já estarem espalhadas pela Itália, França e América, Dom Bosco sentiu a necessidade de fazer chegar a elas o texto impresso das suas Constituições, com algumas recomendações particulares (n. 48).

Pode ser que a sofrida experiência no caso da aprovação pontifícia da Sociedade Salesiana e das suas Constituições tenha desaconselhado Dom Bosco a correr o mesmo risco no caso do instituto feminino. Simplesmente o agregou ao dos salesianos, coisa um tanto insólita, que não passou despercebida às autoridades pontifícias por ocasião do relatório de 1879 (veja o n. 24) e que depois será reexaminada sucessivamente[25].

[25] De acordo com a constituição *Conditae a Christo* de Leão XIII (1900) e com as *Normae* aplicativas (1901), a Santa Sé exigiu a separação jurídica das Filhas de Maria Auxiliadora e da Sociedade Salesiana e a revisão das Constituições (1906). O decreto de aprovação pontifício do Instituto é datado de 7 de setembro de 1911.

Quanto às relações entre Dom Bosco e madre Mazzarello e a sua cooperação na fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, veja-se a bibliografia indicada na nota[26]*. Para os aspectos pedagógicos e espirituais, remetemos respectivamente para a segunda e a terceira parte deste volume.*

44. À superiora das Irmãs de Sant'Ana, madre Henriqueta Dominici (beata)

Edição crítica em E(m) III, pp. 325-326.

[Turim], 24 de abril de 1871

Reverendíssima senhora madre[27],

Passo às suas mãos o regulamento[28] da nossa Congregação para que tenha a bondade de lê-lo e ver se é possível adaptá-lo para um instituto de religiosas, conforme tive a honra de lhe expor pessoalmente.

Será preciso começar pelo N° 3 – *Escopo desta Instituição das Filhas da Imaculada*[29] –, depois eliminar e acrescentar o que na sua sabedoria julgar conveniente para fundar um instituto cujas filhas, perante a Igreja, sejam verdadeiras religiosas, mas que, perante a sociedade civil, sejam livres cidadãs.

Aqueles capítulos ou artigos das Regras de Sant'Ana que puderem ser adaptados, me dará grande satisfação se puder fazê-lo.

Quando julgar conveniente conversarmos, queira me avisar por meio de algum dos nossos clérigos ou de algum portador, que é frequente aparecer por aqui.

[26] María Esther Posada, *Don Bosco fondatore dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, em M. Midali (editor), *Don Bosco fondatore della Famiglia salesiana...*, pp. 281-303; Maria Esther Posada, *L'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice in rapporto a don Bosco*, em Mario Midali (editor), *Don Bosco nella storia*. Atti del I Congresso Internazionale di studi su don Bosco. Roma, LAS 1990, pp. 217-229; María Esther Posada, *Significato della "validissima cooperatio" di S. Maria Domenica Mazzarello alla fondazione dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, em Id. (editor), *Attuale perché vera. Contributi su S. Maria Domenica Mazzarello.* Roma, LAS 1987, pp. 53-68. Muitos textos estão publicados em Piera Cavaglià - Anna Costa (editor), *Orme di vita. Tracce di futuro. Fonti e testimonianze sulla prima comunità delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1870-1881).* Roma, LAS 1996.

[27] Maria Henriqueta (no século Catarina) Dominici (1829-1894). Desde 1861 era superiora da Congregação das Irmãs de Sant'Ana, fundadas em Turim pelos marqueses Júlia e Tancredi Falletti di Barolo. Paulo VI proclamou-a bem-aventurada em 1978.

[28] Texto das Constituições Salesianas em fase de aprovação pontifícia.

[29] Filhas da Imaculada: refere-se à Pia União das Filhas de Maria Santíssima Imaculada de Mornese, à qual pertenciam em grande parte as primeiras religiosas salesianas.

Certamente, este é mais um incômodo, mas creio que será para a maior glória de Deus. Se com isto conseguirmos conquistar alguma alma, a parte mais meritória caberá à senhora.

Deus a abençoe e abençoe toda a sua família religiosa, e recomendando a mim e a estes meus jovens à caridade das suas santas orações, me professo com reconhecimento

De vossa senhora reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

45. Ata da fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora

Edição em Piera Cavaglià - Anna Costa (editoras), *Orme di vita - Tracce di futuro. Fonti e Testimonianze sulla prima comunità delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1870-1881)*. Roma, LAS 1996, pp. 38-41.

No ano do Senhor de mil oitocentos e setenta e dois, no dia oito de agosto, em Mornese, na casa do novo Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, na presença dos abaixo assinados e por ordem de sua excelência reverendíssima dom José Maria Sciandra foi redigida a seguinte ata.

Há muito tempo o reverendo padre João Bosco, fundador e diretor de muitos colégios para a educação cristã e civil dos jovens, desejava abrir uma casa que fosse o início de um Instituto pelo qual se estendessem idênticos benefícios também às jovens, principalmente da classe popular. Finalmente seu desejo se concretizou. No dia cinco do corrente mês, na capela desta casa, vestiram o hábito da nova Congregação: Maria Mazzarelo, [filha] de José; Petronila Mazzarello, do falecido Francisco; Felicidade Mazzarello, de José; Joana Ferretino, do falecido José; Teresa Pampuro, do falecido Lourenço; Felicidade Arecco, de João Antônio; Rosa Mazzarello, de Estêvão; Catarina Mazzarello, de José, todas de Mornese; Ângela Jardet, de Luís, de Turim; Maria Poggo, de Gaspar, de Acqui; Assunta Gaino, de Antônio, de Cartosio; Rosa Mazzarello, de Estêvão, de Mornese; Maria Grosso, de Francisco, de Santo Stefano-Parodi; Corina Arrigotti, de Pedro, de Tonco; Clara Spagliardi, de Lourenço, de Mirabello; Margarida Motta, de Orio: das quais as primeiras onze fizeram a profissão religiosa com votos por três anos, emitidos perante sua excelência reverendíssima dom José Maria Sciandra, bispo desta diocese, o qual

anteriormente já tinha abençoado o hábito religioso por elas vestido, impondo às noviças a medalha de Nossa Senhora Auxiliadora e às professas o crucifixo.

A celebração foi muito comovente e, por graça especial do Senhor, compareceu também o muito reverendo padre João Bosco, que não era mais esperado por causa de sua saúde precária; e as novas religiosas tiveram a consolação de ouvir de sua boca as recomendações mais importantes para corresponder à graça da vocação no Instituto religioso que abraçaram.

Houve uma série de circunstâncias que demonstram uma especial Providência do Senhor em favor deste novo Instituto. A maior parte das jovens já tinha recebido em Mornese a medalha de Maria Santíssima Imaculada das mãos de dom Modesto Contratto, de venerada memória. Dom Sciandra, seu imediato sucessor, sem pensar nisso, tendo-se dignado aceitar a hospitalidade nesta casa a ele oferecida unicamente porque neste clima saudável se recuperasse de uma grave doença, completou a obra, cabendo-lhe presidir a mencionada celebração. Esta deveria ter sido realizada no fim dos santos exercícios espirituais pregados pelo senhor padre Raimundo Olivieri, cônego arcipreste da catedral de Acqui, e pelo muito reverendo senhor padre Marcos Millarini, vigário forâneo de Canelli, exercícios iniciados na noite do dia trinta e um de julho próximo passado; mas, devido à esperada presença do muito reverendo Dom Bosco, que devia partir imediatamente para Turim, antecipou-se a celebração, tanto mais que o dia cinco era consagrado a Maria Santíssima das Neves.

Os exercícios espirituais terminariam hoje. O senhor bispo, que durante os mesmos tinha celebrado todas as manhãs a santa missa para a família religiosa e distribuído a todas a Santíssima Eucaristia, assistiu o encerramento da forma mais solene, coroando-o com algumas palavras de estímulo e salutares lembranças a estas suas novas filhas em Jesus Cristo e lhes deu com toda a efusão do coração a sua bênção de pastor.

E para que conste o ocorrido, foi redigida esta ata, cuja cópia será depositada por ordem do senhor bispo no arquivo paroquial de Mornese e outra cópia na cúria episcopal de Acqui.

† José Maria, bispo[30]

Sacerdote Domingos Pestarino, diretor do Instituto
Raimundo Oliviere, cônego arcipreste da catedral de Acqui

[30] José Maria Sciandra (1808-1888), consagrado bispo de Acqui em novembro de 1871, tinha ingressado na diocese no dia 6 de janeiro de 1872.

Marcos Mallarini, preboste vigário forâneo de Canelli
Carlos Valle, preboste pároco de Mornese
José Pestarino, sacerdote, testemunha
Tomás Ferraris, sacerdote, testemunha
Sacerdote Francisco Berta, secretário episcopal

46. Circular aos párocos sobre o educandário de Mornese

Edição crítica em E(m) IV, p. 155.

[Turim, fim de agosto de 1873]

Muito reverendo senhor,

Tomo a liberdade de apresentar a vossa senhoria reverendíssima o programa do educandário feminino estabelecido há um ano em Mornese.

O senhor compreenderá que o escopo deste instituto é o de educar na religião e na moralidade as meninas cristãs; por isso, espero muito na sua bondade e lhe peço respeitosamente queira tornar conhecido o programa que lhe envio em anexo e assim conseguir alguma jovem para a nova casa.

Cheio de confiança no seu apoio, desejo antecipar-lhe os meus mais sinceros agradecimentos, e faço votos que o Senhor lhe conceda todas as bênçãos celestes, enquanto com grande estima tenho a honra de professar-me

De vossa senhoria reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac.João Bosco[31]

[31] À carta estava anexo o programa da casa de Mornese. Não admira que Dom Bosco não acenasse às Filhas de Maria Auxiliadora que a administravam. Nos primeiros tempos, era o fundador que aceitava as postulantes e estabelecia as condições de admissão das jovens no Instituto.

47. Pedido ao bispo de Acqui, dom José Maria Sciandra, para a aprovação diocesana do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora

Edição crítica em E(m) V, pp. 49-50.

Mornese, 14 de janeiro de 1876

Excelência reverendíssima,

Vossa excelência sabe como em Mornese, por iniciativa do zeloso senhor padre Domingos Pestarino, de sempre saudosa memória[32], foi constituído um educandário com o título de casa ou colégio de Maria Auxiliadora, com o objetivo de educar cristãmente as meninas de baixa condição ou então pobres e abandonadas, a fim de encaminhá-las à moralidade, à ciência e à religião, sob a direção das irmãs chamadas *Filhas de Maria Auxiliadora.*

Vossa excelência, bondosamente, se dignou fazer-se protetor do novo Instituto e no dia 5 de agosto de 1872 também se dignou ler as Regras, inserir as devidas observações, procedendo às primeiras vestiduras e às primeiras profissões.

Pouco depois enriqueceu aquele Instituto com diversos favores e preciosos privilégios, graças ao que tal Instituto foi de fato constituído perante a Igreja.

Estes fatos foram como uma sementinha de mostarda que vossa excelência semeou e que cresceu maravilhosamente. O número atual das religiosas chega a mais de cem; às irmãs são confiadas as escolas públicas femininas do lugar; ao edifício do Instituto está unido um educandário de jovens de média condição, como é possível observar no programa do texto anexo.

Uma segunda casa foi aberta em Borgo San Martino, outra em Alassio; a quarta será aberta neste ano em Lanzo, perto de Turim; há muitos pedidos para que novas casas sejam abertas em outros lugares.

Todavia, este Instituto não terá seu verdadeiro fundamento enquanto não obtiver a aprovação eclesiástica que indica para os institutos religiosos o caminho seguro que conduz à maior glória de Deus.

[32] Domingos Pestarino (1817-1874) estudou teologia em Gênova e foi ordenado sacerdote em 1839; em 1847 voltou para a terra de origem, Mornese, onde desempenhou um intenso apostolado; fez parte da Sociedade Salesiana como membro "externo".

É a fim de obter este assinalado favor que eu apresento respeitosamente a vossa excelência as Regras do Instituto de Maria Auxiliadora, tais como são praticadas há diversos anos, pedindo-lhe queira examinar e inserir as modificações que na sua iluminada sabedoria julgar necessárias; em seguida, se assim Deus lhe inspirar, queira conceder ao Instituto e às suas Constituições a aprovação diocesana. A mim se unem o sacerdote Tiago Costamagna, diretor[33], e todas as religiosas, para solicitar este assinalado favor.

Este será um motivo a mais para a nossa imorredoura gratidão e lhe asseguramos que todos os dias elevaremos orações em comum e em particular a Deus bondoso e à sua augusta Mãe, a Virgem Auxiliadora, a fim de que conserve vossa excelência por longos anos de vida feliz e assim possa ver copiosos frutos daquela obra que aceitou abençoar, enriquecer de graças espirituais e proteger e, podemos dizer, fundar e sustentar até o momento presente.

Com a máxima gratidão, tenho a honra de poder professar-me

De vossa excelência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

Padre Tiago Costamagna

Irmã Maria Mazzarello, superiora

Decreto de aprovação diocesana das Constituições das Filhas de Maria Auxiliadora

Edição em P. Cavaglià - A. Costa (editoras), em *Orme di vita - Tracce di futuro*. Roma, LAS 1996, pp. 163-166.

Josephus Maria Sciandra
Dei et Santae Apostolicae Sedis gratia
Episcopus Aquensis et Comes
Sacri Romani Imperii Princeps

Miserrimis hisce temporibus, quibus consiliorum evangelicorum professio tam impiis ac innumeris modis praepeditur, ipsaque iuvenum ac puellarum chris-

[33] Padre Tiago Costamagna (1846-1921), sacerdote desde 1868, diretor espiritual da primeira comunidade da Filhas de Maria Auxiliadora de Mornese, em 1877 partiu como missionário para a Argentina e em 1894 foi consagrado bispo titular de Colonia e vigário apostólico de Méndez y Gualaquiza, no Equador.

tiana educatio aut prorsus negligitur, aut sceleste corrumpitur, nulla plane res optatior atque iucundior nobis offerri poterat, quam sacra in hac Dioecesi erigenda Domus, quae puellis Deo mancipandis ianuas aperiret cuiusque ope educationi christianae filiarum populi opportune consuleretur.

Quapropter vix conscii effecti de proposito ab Adm. Rev.do D. Sacerdote Joanne Bosco Taurinensi piae Societatis Salesianae Superiore, concepto, instituendi nempe in hac Dioecesi, loco Moronisii, Congregationem Filiarum Mariae Auxiliatricis ad eum finem, ut in ipsam omnes illae puellae convenirent, quae tum propriae spirituali perfectioni vacare, tum proximorum saluti, filias populi praesertim christianae edocendo, promovere intenderent, Nos libenti animo enascentis Instituti Costitutiones, quibus regeretur, ad experimentum probavimus, illudque gratiis et favoribus auximus.

Quum vero Institutum huiusmodi Filiarum Mariae Auxiliatricis iam, Deo favente, sub praedictarum Constitutionum regimine, adeo feliciter creverit, ut centum quinquaginta puellis ditetur, vel eidem adscriptis, vel proxime adscribendis, ac praeterea ipsa Filiarum Mariae Auxiliatricis Domus gynaeceum agat filiabus populi instituendis, ac in Christi doctrina instituendis, tum ipsae foemineae scholae Pagi Moronisiensis sub filiarum Mariae Auxiliatricis disciplina in dies augeantur et floreant; hinc ut novum hoc ac perutile, iudicio quidem Nostro, Institutum, meliori modo promoveatur, eiusdem Constitutiones iampridem datas ac iterum nobis subiectas praesentibus litteris, tamquam ad Dei gloriam et animarum salutem procurandam et adaugendam idoneas, firmius ac stabilius probamus ac confirmamus, ea innixi potestate, quam vigens dat praxis hoc inducta fine, ut Congregationes ad experimentum aliquod de iis sumendum prius inchoentur, quam Sanctae Sedis absoluto iudicio, ab eaque plenissima potestate cum ipsarum regulis definiantur.

Hoc vero dum facimus, potestatem tamen Nobis ac Successoribus Nostris explicite reservatam volumus, variandi nempe, ubi et quoties id expedire videbitur, Constitutiones ipsas, quas in praesens probamus et confirmamus.

Jam reliquum est, ut Congregationem Filiarum Mariae Auxiliatricis, eiusdemque singula membra paternae benevolentiae ac charitati omnium Episcoporum, in quorum Dioecesi vel iam operantur, vel in posterum sunt operaturae, commendemus.

Praesens decretum una cum Constitutionibus praelaudatis, ac praesentibus litteris confirmatis, in Curia nostra Episcopali asservabitur.

Datum Aquis die 23 januarii 1876

† Joseph Maria *Ep.us*

Sac. Franciscus Berta *Secr.ius*

(Tradução)

José Maria Sciandra
Por graça de Deus e da Santa Sé apostólica
Bispo-Conde de Acqui
Príncipe do Sacro Império Romano

Em tempos muito tristes como os atuais, nos quais de várias formas e de maneira ímpia é combatida a profissão dos conselhos evangélicos e até mesmo a educação cristã dos jovens e das jovens é completamente descuidada ou corrompida de maneira nefasta, nada de mais idôneo e grato podia ser-nos oferecido do que a ereção de uma casa abençoada por Deus nesta diocese, que possa abrir as portas às jovens que aspiram a consagrar-se ao Senhor e mediante a qual se possa oportunamente providenciar a educação cristã das meninas do povo.

Pelo que, apenas tivemos conhecimento da intenção do reverendo sacerdote João Bosco, de Turim, superior da Sociedade Salesiana, de querer iniciar nesta diocese, na localidade de Mornese, a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, para que nela se congreguem todas as jovens que aspiram a atender à própria perfeição pessoal e promover a salvação do próximo, particularmente mediante a educação cristã das filhas do povo, de bom grado aprovamos *ad experimentum* as Constituições do nascente Instituto e favorecemos e promovemos seu desenvolvimento.

Dado que o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, com a ajuda de Deus, felizmente se desenvolveu sob a disciplina das citadas Constituições a ponto de se enriquecer com 150 jovens já inscritas ou que proximamente haverão de se inscrever no dito Instituto, e dado que a mesma casa das Filhas de Maria Auxiliadora administra um educandário feminino para a educação e instrução catequética das filhas do povo, e que as mesmas escolas femininas da localidade de Mornese aumentam e florescem sob a guia das Filhas de Maria Auxiliadora: nós, a fim de que, a nosso juízo, esta nova e utilíssima instituição se desenvolva ainda melhor, aprovamos e confirmamos de forma mais estável e mais segura as Constituições, já precedentemente apresentadas a nós e a nós de novo submetidas com a presente documentação, enquanto elas são idôneas para promover e aumentar a glória de Deus e a salvação das almas; servindo-nos, pois, do poder que nos foi concedido pela praxe vigente, com a finalidade de que a Congregação comece a praticá-las *ad experimentum,* antes que o expresso juízo da Santa Sé pelo pleno poder que ela detém as aprove definitivamente junto com as Regras correspondentes.

Todavia, queremos que a nós e aos nossos sucessores seja reservado, de forma explícita, o poder de mudar onde e quando for julgado conveniente as citadas Constituições, que neste momento aprovamos e confirmamos.

Só nos resta recomendar a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora e cada um de seus membros à paterna benevolência e à caridade de todos os bispos em cujas dioceses elas trabalham e trabalharão no futuro.

O presente decreto, junto com as Constituições citadas e confirmadas com esta documentação, se conservará na nossa cúria episcopal.

Dado em Acqui, no dia 23 de janeiro de 1876

† José Maria, *bispo*
Sac. Francisco Berta, *secretário*

48. Carta de acompanhamento das Constituições das Filhas de Maria Auxiliadora

Edição impressa: *Regole o costituzioni per aggregate alla Società salesiana*. Turim, Tipografia e Libreria salesiana 1878, pp. 3-6; edição também em P. Cavaglià - A. Costa (editoras), *Orme di vita...*, pp. 262-263.

Turim, Festa da Imaculada Conceição
[8 de dezembro] de 1878

Às Filhas de Maria Auxiliadora

Graças à bondade do nosso Pai celeste, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, ao qual tendes a graça de pertencer, de alguns tempos para cá teve um grande desenvolvimento. No espaço de poucos anos pudemos inaugurar um bom número de casas no Piemonte, na Ligúria, na França, inclusive nas mais distantes regiões da América.

Até quando o Instituto estava concentrado na casa-mãe de Mornese, algumas cópias das Regras manuscritas podiam bastar a fim de que cada Irmã as conhecesse; mas agora que, pela divina Providência se multiplicaram as casas e as irmãs que nelas residem, essas poucas cópias não são mais suficientes.

Por isso, julguei ser para a maior glória de Deus e o bem das vossas almas fazê-las imprimir e agora desejo apresentá-las.

Elas já receberam a devida aprovação por parte de diversos bispos[34], os quais as encontraram plenamente adaptadas para santificar uma filha que

[34] Ou seja, os bispos de Casale, Biella, Turim e Bordighera.

aspira a ser toda de Jesus e que ao mesmo tempo queira empregar a própria vida para o serviço do seu próximo, especialmente na educação das meninas pobres. Aliás, mais: o mesmo Instituto foi louvado e aprovado com decreto especial pelo bispo de Acqui[35], em cuja diocese nasceu em 1872 e atualmente prospera.

Sendo assim, amai as Regras que o governam, lede-as, meditai sobre elas particularmente, nunca esqueçais que de nada valeria sabê-las até mesmo de memória se depois não as colocásseis em prática.

Por isso, cada Irmã tenha a máxima solicitude em observá-las pontualmente; a isto vise a vigilância e o zelo da superiora, e também a diligência e o esforço das súditas. Fazendo assim encontrareis na vossa Congregação a paz do coração, caminhareis pelo caminho do céu e vos tornareis santas.

Entretanto, aproveito de bom grado esta ocasião propícia para recomendar-vos que nas vossas orações tenhais sempre presente a alma do muito reverendo padre Domingos Pestarino, primeiro diretor das Irmãs de Maria Auxiliadora, do qual o Senhor se serviu para lançar os fundamentos deste Instituto. Ele, pela sua caridade e pelo seu zelo, merece verdadeiramente a nossa mais viva gratidão.

Rezai também umas pelas outras a fim de que o Senhor vos torne constantes e fiéis na vossa vocação e vos faça dignas de operar um grande bem para sua maior glória.

Rezai de modo particular pelas irmãs que já partiram ou que irão partir para as regiões mais distantes da terra, a fim de difundir o nome de Jesus Cristo e torná-lo conhecido e amado. Rezai particularmente pela Igreja Católica, pelo seu chefe visível, pelos bispos e pelos pastores locais; rezai também pela Sociedade Salesiana, à qual estais agregadas[36]; e não vos esqueçais de mim, que vos desejo toda a felicidade.

A Virgem Auxiliadora nos proteja e nos defenda na vida e na morte; e com sua poderosa intercessão nos obtenha do seu Divino Filho a bela graça de encontrar-nos todos juntos recolhidos sob o seu manto na eterna bem-aventurança.

Sac. João Bosco

[35] Cf. n. 46.

[36] Essa agregação, data como coisa certa por Dom Bosco, será questionada pelo Prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares em 1879, por ocasião da apresentação do relatório trienal sobre o estado moral e jurídico da Sociedade Salesiana: veja n. 24 e 25 onde se refere ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

IV. ASSOCIAÇÃO DOS COOPERADORES SALESIANOS

A Associação dos Cooperadores Salesianos, surgida em 1876, apenas dois anos depois da aprovação das Constituições da Sociedade Salesiana, é o último grupo associativo fundado por Dom Bosco. Como para a Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora (ADMA), não pediu à Santa Sé uma aprovação canônica, formal, da Associação; para as finalidades da Associação dos Cooperadores Salesianos considerou suficiente um reconhecimento moral mediante a concessão de indulgências da parte do papa e as cartas comendatícias de alguns bispos.

Publicamos antes de tudo o texto União Cristã, *impresso por Dom Bosco no início de 1874, antes ainda que a Sociedade Salesiana fosse aprovada no dia 3 de abril (n. 49). Segue um segundo texto sob o novo título* Associação de Boas Obras*, impresso em 1875, mais desenvolvido do que o precedente e que, particularmente, traz um novo parágrafo com a apresentação da Sociedade Salesiana (n. 50). As variantes parecem atribuíveis à própria mão de Dom Bosco. Em 1876, antes em Albenga, e depois em Turim, viu a luz o texto impresso* Cooperadores para os bons costumes e para a sociedade civil (n. 51). *No mesmo ano, em Gênova-Sampierdarena* (OE XXVIII, *365-374), em Nice e em Buenos Aires apareceram edições ampliadas com alguma modificação*[37] *e uma série de textos complementares: uma introdução de Dom Bosco de 12 de julho de 1876, o breve de Pio IX com a data de 9 de maio de 1876 e uma lista de indulgências. "A pia Associação dos Cooperadores", com efeito, foi oficialmente aprovada pela própria arquidiocese, pelo arcebispo de Gênova, Salvador Magnasco, somente no dia 15 de dezembro de 1877, depois de ulterior edição daquele ano, contra a qual o arcebispo de Turim reagiu com muita veemência.*

A esses três textos regulamentares se acrescentam aqui duas circulares aos Cooperadores Salesianos, que apareceram no Boletim Salesiano*: uma no número de janeiro de 1879 (n. 52) e outra no de janeiro de 1888 (n. 53). Nelas Dom Bosco os informava de maneira muito familiar a respeito das obras iniciadas no ano anterior e das que pensava poder abrir no ano em curso, graças à ajuda espiritual e econômica dos Cooperadores. Não lhes escondia as dificuldades e os insucessos e os animava a continuarem na sua generosidade.*

Os enxutos Regulamentos aqui editados e as duas simples circulares "de contorno" não traduzem plenamente o sentido da identidade e do valor do Cooperador Salesiano. Conferências, discursos e acontecimentos, particularmente do último

[37] A mais importante talvez seja o título do primeiro parágrafo: "É necessário que os cristãos se unam ao fazer o bem", que substitui o título da edição turinense: "União cristã para fazer o bem". No parágrafo VIII (Práticas religiosas) se acrescenta o ponto 5 relativo às aplicações das indulgências.

decênio de vida de Dom Bosco, enriqueceram a figura, da qual se encontram alguns traços também na terceira seção deste volume. Mas uma história completa e exaustiva da Associação dos Cooperadores Salesianos, que por sinal tem uma pré-história bastante complexa, ainda aguarda para ser escrita. Por ora, remetemos a estudos e a pesquisas parciais[38]*, obviamente além das páginas a isso dedicadas pelas muitas vezes citadas biografias científicas de Dom Bosco*[39].

49. "União cristã" (1874)

Edição impressa em *Unione cristiana.* Turim, Tipografia dell'Oratorio di San Francesco di Sales, 1874 (OE XXV, 403-410).

1. [Preâmbulo]

As forças frágeis, quando reunidas, se tornam mais fortes: *Vis unita fortior*, diz Deus. Uma cordinha, sozinha, pode ser rompida com facilidade, mas juntando várias delas, forma-se uma corda resistente, que dificilmente se rompe: *Funiculus triplex difficile rumpitur*. Assim é que fazem os homens para os negócios temporais e para garantir um bom êxito nos seus projetos. Assim devemos fazer nós também, cristãos: unidos, como faziam os primeiros cristãos num só coração e numa só alma para ter bom êxito no importante negócio, no grande projeto da salvação eterna da nossa alma. Esta é a finalidade da Associação salesiana.

2. Associação salesiana

Portanto, a finalidade desta Associação é a de propor às pessoas que vivem no meio do mundo um teor de vida que, de certo modo, se aproxima daquele que vivem de fato os membros da Congregação religiosa, e isto com o fim de gozar, pelo menos em parte, da paz que inutilmente se busca no mundo. Muitos iriam de boa vontade fechar-se num convento: mas, alguns pela idade, outros pela saúde ou pela condição de vida, muitíssimos por falta

[38] Por exemplo, Guido Favini, *Don Bosco e l'apostolato dei laici*. Turim, SEI 1952; Francis Desramaut, *Da Associati alla Congregazione salesiana del 1873 a Cooperatori salesiani del 1876,* em Id. - Mario Midali (editor), *Il cooperatore salesiano nella società contemporanea*. (= Colloqui sulla vita salesiana, 6). Leumann (Turim), Elledici 1975, pp. 335-359; Id., *Don Bosco fondatore dei Cooperatori Salesiani,* in Mario Midali (editor), *Don Bosco fondatore della Famiglia salesiana*. Roma, SDB 1989, pp. 323-357.
[39] Particulamente se veja a ampla e atualizada síntese de Pietro Braido, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*. (= ISS - Studi, 21). Roma, LAS 2009³, vol. II, pp. 173-205.

de oportunidade ou de vocação, se encontram totalmente impedidos. Estes, também no meio das suas ocupações ordinárias, no seio das próprias famílias, podem viver de maneira a serem úteis ao próximo e a si próprios, como se vivessem numa comunidade religiosa. Por isso, a Associação salesiana pode chamar-se uma espécie de Ordem Terceira dos antigos, com esta diversidade: aqueles se propunham a perfeição cristã no exercício da piedade, ao passo que aqui se tem como finalidade principal a vida ativa, especialmente em favor da juventude em situação de risco.

3. Escopo desta Associação

A cada associado se oferece a mesma seara que forma o objetivo da Congregação Salesiana.

1° Primeiro ofício dos associados é a caridade para com os jovens em situação de risco. Recolhê-los, instruí-los na fé, aconselhá-los nos perigos ou levá-los aonde possam ser instruídos, são coisas nas quais todo associado é convidado a exercer o próprio zelo. Quem não puder realizar essas coisas por si mesmo, pode fazê-lo por meio de outros, como seria: aconselhar um parente, um amigo, a praticar essas obras, ou então, fazer orações ou fornecer meios materiais onde houver necessidade. É também ofício da Associação promover novenas, tríduos, exercícios espirituais e catecismos, particularmente nos lugares onde há falta de meios materiais e morais.

2° Como nestes tempos se faz sentir gravemente a penúria de vocações ao estado eclesiástico, cada qual cuidará especialmente dos jovens que, por moralidade e aptidão ao estudo, mostrarem algum indício de ser chamados, ajudando-os com bons conselhos, encaminhando-os às escolas ou aos colégios nos quais seriam educados e orientados para esta finalidade.

3° Opor a boa imprensa à imprensa irreligiosa, empenhando-se em difundir bons livros, folhas, folhetos, impressos de qualquer tipo, nos lugares e entre as pessoas às quais pareça prudente fazer a proposta.

4. Constituição e governo

1° Qualquer pessoa que tenha completado dezesseis anos pode fazer-se inscrever nesta Associação, desde que se adapte às regras que nela são propostas.

2° O superior da Congregação Salesiana é também o superior desta Associação.

3° Os diretores de cada casa da Congregação estão autorizados a inscrever os associados, transmitindo depois o nome, sobrenome e a residência ao superior, a fim de que tudo seja anotado no registro comum.

4° Nos lugares ou cidades onde não existe nenhuma dessas casas e onde os associados alcançarem o número de dez, será estabelecido um chefe com o nome de decurião. Dez decuriões podem ter um chefe que se chamará prefeito da Associação.

Prefeito e decurião serão preferivelmente escolhidos na pessoa do pároco ou de algum eclesiástico exemplar. Eles responderão diretamente ao superior. Onde os associados forem menos de dez, manterão contato com o diretor da casa mais próxima ou diretamente com o superior.

5° Cada decurião se comunicará com os seus dez; cada prefeito, com os seus cem sócios; todavia, cada associado, precisando, pode dirigir-se ao próprio superior e expor-lhe o que ele julgar conveniente para o bem do próximo, particularmente da juventude.

6° No fim de cada ano, o superior comunicará aos sócios as obras que no curso do ano seguinte lhe parece mais conveniente promover, e ao mesmo tempo informará a respeito de todos os que no ano que terminou foram chamados à vida eterna, e os recomendará às orações de todos.

5. Obrigações particulares

1° Os sócios não são obrigados a nenhuma anuidade pecuniária; somente são convidados a fazer uma oferta para manter as obras promovidas pela Associação. Essas ofertas podem ser entregues aos decuriões, aos prefeitos, aos diretores, ou então diretamente ao superior.

6. Benefícios

1° Os associados podem lucrar muitas indulgências, cujo elenco posteriormente será enviado a cada um.

2° Participarão de todas as missas, indulgências, orações, novenas, tríduos, exercícios espirituais, pregações, catecismos e de todas as obras de caridade que os salesianos realizarão no sagrado ministério; especialmente das missas e das orações que todos os dias, de manhã e à noite, se fazem na igreja de Maria Auxiliadora em Turim, para invocar as bênçãos do céu sobre os associados e suas famílias.

3° No dia seguinte à festa de São Francisco de Sales, todos os sacerdotes da Congregação e da Associação celebrarão a santa missa pelos coirmãos fale-

cidos. Os que não são sacerdotes procurarão fazer a santa comunhão e recitar a terceira parte do rosário com outras orações.

4° Quando um coirmão ficar doente, avise-se imediatamente o superior a fim de que sejam feitas orações especiais por ele. O mesmo se faça em caso de morte de algum associado.

7. Práticas religiosas

1° Aos associados salesianos não é prescrita nenhuma penitência exterior, mas se recomenda a modéstia no vestir, a frugalidade à mesa, a simplicidade nos móveis de casa, a moderação nas conversas e a exatidão nos deveres do próprio estado.

2° São aconselhados a fazer todos os anos ao menos alguns dias de exercícios espirituais. No último dia de cada mês ou em outro dia mais cômodo, far-se-á o exercício da boa morte, confessando-se e comungando como se fosse de fato o último dia de vida.

3° Os leigos recitarão todos os dias um *Pai-nosso* e uma *Ave-Maria* a São Francisco de Sales pelas necessidades da Santa Igreja. Os sacerdotes e todos os que recitarem o ofício de Nossa Senhora ou as horas canônicas, estão dispensados desta oração, desde que na recitação do seu ofício ponham uma intenção especial para esta finalidade.

4° Procurem aproximar-se com a maior frequência possível dos santos sacramentos da confissão e da comunhão.

5° Para eliminar qualquer dúvida de consciência, declara-se que as regras desta Associação não obrigam sob pena de culpa, nem mortal nem venial, a não ser no que for mandado ou proibido pelos preceitos de Deus ou da Santa Madre Igreja. Recomenda-se, porém, sua observância por causa dos muitos benefícios espirituais que cada um pode adquirir e que formam o objeto desta Associação.

… [segue o formulário para inscrição]

50. "Associação de Boas Obras" (1875)

Edição impressa em *Associazione di Opere Buone.* Turim, Tip. dell'Orat. di San Francesco di Sales 1875 (OE XXV, 483-494).

I. União cristã para fazer o bem

Esta Associação é intitulada *União Cristã* ou de boas obras, porque tem como finalidade associar todos os bons, a fim de que unam as próprias forças ajudando-se reciprocamente para fazer o bem.

É este o exemplo que nos deixaram os cristãos da Igreja primitiva. À vista dos graves perigos que todos os dias lhes advinham, sem nunca desanimar, uniam-se num só coração e numa só alma para se animarem e permanecerem firmes na fé e superar os incessantes ataques com que eram ameaçados. Esta é também a advertência feita pelo Senhor que diz: as forças fracas, se unidas, se tornam mais fortes, e se uma cordinha, sozinha, se rompe facilmente, é bem mais difícil romper três juntas: *vis unita fortior, funiculus triplex difficile rumpitur*. A mesma atitude é tomada também pelos homens do mundo nos seus negócios temporais. Será que os filhos da luz devem ser menos prudentes do que os filhos das trevas? Não, certamente. Nós também, cristãos, devemos nos unir nestes tempos difíceis e associar-nos no espírito de oração, de caridade e de zelo, usando todos os meios que a religião oferece para afastar os males que hoje a cada momento podem pôr a perder o importante negócio da salvação eterna. Como vínculo estável de união é proposta a Associação da Congregação de São Francisco de Sales.

II. Congregação Salesiana

Esta Congregação foi aprovada definitivamente pela Santa Igreja em 3 de abril de 1874. A finalidade principal dos seus membros é a de trabalhar em favor do próximo em geral e da juventude em particular. Embora o seu número já tenha crescido notavelmente, todavia, só em parte mínima consegue responder às necessidades e aos pedidos diários que são recebidos. Em diversos lugares da Itália e de outras partes da Europa, na China, na Austrália, na América e particularmente na República Argentina foram solicitados operários evangélicos para abrir casas religiosas ou colégios para a educação dos jovens, iniciar ou pelo menos assumir missões, que incessantemente pedem a vinda de operários evangélicos.

Os pobres salesianos não podem atender a tantas necessidades e, por isso, enquanto eles fazem a parte que lhes cabe, dirigem-se a todos os que

amam a nossa santa religião católica e a salvação das almas, e os convidam, aliás, lhes suplicam pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo a querer ajudar e cooperar com eles nas obras especiais de caridade, que formam o escopo desta Congregação. Multiplicados assim os braços, espera-se estender o cultivo a uma messe mais copiosa e obter maiores frutos para a glória de Deus e o bem das almas.

III. Associação salesiana

1. Este pio Instituto, portanto, sendo definitivamente aprovado pela Igreja, parece poder ser proposto como vínculo estável de união.

2. Seu objetivo geral é o de estabelecer um modo de viver como bom cristão que deseja sinceramente salvar a própria alma e, ao mesmo tempo, buscar para o próprio coração a paz que inutilmente se procura no mundo.

Muitos sinceramente iriam de bom grado para um convento; uns por idade, outros por saúde ou condição social; muitíssimos por falta de oportunidade se encontram absolutamente impedidos. Estes, mesmo no meio das suas ocupações ordinárias, no seio das próprias famílias, podem unir-se aos que vivem de fato na Congregação, graças a esta Associação.

Por isso, esta poderia ser comparada com uma espécie de Ordem Terceira dos antigos, com a diferença de que aqueles se propunham a perfeição cristã no exercício da piedade, ao passo que aqui se tem como finalidade principal a vida ativa no exercício da caridade para com o próximo, especialmente para com a juventude em situação de risco. Isto constitui a finalidade particular da Associação.

IV. Modo de cooperar

Os associados salesianos não devem limitar-se a palavras, é preciso que se dediquem às obras. Assim, pois, façam consistir o seu zelo em cultivar particularmente a messe da Congregação, à qual pensam se associar.

1. Seja, portanto, missão do associado promover novenas, tríduos, exercícios espirituais e catecismos, particularmente nos lugares onde faltam meios materiais e morais.

2. Como nos tempos atuais é grande a penúria de vocações ao estado eclesiástico, os que puderem, cuidem especialmente dos jovens que, dotados das necessárias qualidades morais e de aptidão para o estudo, mostrarem indícios de serem chamados, ajudando-os com seus conselhos, encaminhando-os

às escolas e aos colégios onde poderiam ser educados e orientados para esta finalidade.

3. Opor a boa imprensa à imprensa irreligiosa, empenhando-se em difundir bons livros, folhas, folhetos, impressos de qualquer tipo, nos lugares e entre as pessoas às quais pareça prudente fazer a proposta.

4. Finalmente, a caridade para com os jovens em situação de risco, recolhê-los, instruí-los na fé, encaminhá-los às sagradas celebrações, aconselhá-los nos perigos ou levá-los aonde possam ser instruídos na religião, são a messe na qual cada associado é convidado a exercer o próprio zelo. Quem não puder realizar estas coisas por si mesmo, pode fazê-lo por meio de outros, como seria: estimular um parente, um amigo a se dedicar a elas. Pode-se colaborar com a oração ou em fornecer meios materiais, onde fossem necessários. É também ofício da Associação promover novenas, tríduos, exercícios espirituais e catecismos, particularmente nos lugares onde há falta de meios materiais e morais. Os primeiros fiéis levavam os próprios bens aos pés dos apóstolos a fim de que os usassem em favor das viúvas, dos órfãos e para outras graves necessidades.

V. Constituição e governo da Associação

1. Todo aquele que tiver completado dezesseis anos pode inscrever-se nesta Associação, desde que tenha firme vontade de adequar-se às regras aqui propostas.

2. A Associação é humildemente recomendada à benevolência e proteção do sumo pontífice, dos bispos, dos párocos, de quem terá *absoluta* e *ilimitada* dependência em tudo o que se refere à religião.

3. O superior da Congregação Salesiana é também o superior desta Associação.

4. O diretor de cada casa da Congregação está autorizado a inscrever os associados, transmitindo depois o nome, sobrenome e a residência ao superior, a fim de que tudo seja anotado no registro comum.

5. Nos lugares ou cidades onde não existir nenhuma dessas casas e onde os associados alcançarem o número de dez, será estabelecido pelo superior um chefe com o nome de decurião. Dez decuriões podem ter um chefe, que se chamará prefeito da Associação. Prefeito e decurião serão preferivelmente escolhidos na pessoa do pároco ou de algum eclesiástico exemplar. Eles responderão diretamente ao superior. Onde os associados forem menos de dez, manterão contato com o diretor da casa mais próxima ou diretamente com o superior.

6. Cada decurião se comunicará com os seus dez; cada prefeito, com os seus cem sócios; todavia, cada associado, precisando, pode dirigir-se ao próprio superior e expor-lhe o que ele julgar conveniente para ser levado em consideração para o bem do próximo, particularmente da juventude.

7. Todo mês, mediante um boletim impresso, se fornecerá aos sócios uma relação das coisas propostas, realizadas ou que são propostas a fazer. No fim do ano, o superior comunicará aos sócios as obras que durante o ano seguinte parecem as mais importantes a serem promovidas; ao mesmo tempo, informará a respeito dos sócios que no ano que terminou tiverem sido chamados à vida eterna e os recomendará às orações de todos.

8. Cada primeiro domingo do mês ou em outro dia mais cômodo, os decuriões e os prefeitos terão o cuidado de reunir os membros da própria decúria ou centúria para tratar do bom andamento das obras empreendidas, especialmente dos catecismos nas paróquias, mas sempre com aprovação dos párocos.

9. No dia de São Francisco de Sales ou no domingo seguinte, cada centurião ou decurião procurará reunir os membros das próprias decúrias ou centúrias para se animarem reciprocamente na devoção para com o santo patrono e na perseverança nas obras iniciadas, conforme o escopo da Associação.

VI. Obrigações particulares

1. Cada sócio, mediante os próprios meios materiais ou mediante ofertas recolhidas junto a pessoas caridosas, fará tudo o que puder para promover e manter as obras da Associação.

2. Os sócios darão todos os anos 1 lira para as obras promovidas e a serem promovidas pela Associação. Estas ofertas serão encaminhadas ao superior ou então aos decuriões, aos prefeitos, aos diretores, que as farão chegar ao superior.

3. Regularmente será feita uma coleta por ocasião da conferência e especialmente na da festa de São Francisco de Sales. Quem não puder intervir a esta conferência pode fazer chegar sua oferta ao superior de alguma outra maneira.

VII. Benefícios

1. Os associados podem lucrar muitas indulgências, cujo elenco correspondente em seguida será enviado à parte.

2. Participarão de todas as missas, indulgências, orações, novenas, tríduos, exercícios espirituais, pregações, catecismos e de todas as obras de caridade que os salesianos realizarão no sagrado ministério. Igualmente, participarão da missa e das orações que todos os dias são feitas na igreja de Maria Auxiliadora em Turim para invocar as bênçãos do céu sobre os associados, suas famílias, especialmente sobre aqueles que ficarem doentes ou estiverem em perigo de morte.

3. No dia seguinte à festa de São Francisco de Sales, todos os sacerdotes da Congregação e da Associação celebrarão a santa missa pelos irmãos falecidos. Os que não são sacerdotes procurarão fazer a santa comunhão ou recitar pelo menos a terceira parte do rosário.

4. Se um coirmão adoecer, avise-se imediatamente o superior, a fim de que sejam feitas orações especiais a Deus em seu favor. O mesmo se faça no caso da morte de algum associado.

VIII. Práticas religiosas

1. Aos associados salesianos não é prescrita nenhuma penitência exterior, mas se recomenda a modéstia no vestir, a frugalidade à mesa, a simplicidade nos móveis de casa, a moderação nas conversas, a exatidão nos deveres do próprio estado, esforçando-se para que as pessoas que deles dependem observem e santifiquem os dias santos.

2. Os sócios são aconselhados a fazer todos os anos pelo menos alguns dias de exercícios espirituais. No último dia de cada mês ou em outro dia mais favorável farão o exercício da boa morte, confessando-se e comungando como se se tratasse realmente do último dia de vida.

3. Os sócios recitarão todos os dias um *Pai-nosso* e uma *Ave-Maria* a São Francisco de Sales segundo as intenções do sumo pontífice. Os sacerdotes e aqueles que recitarem o ofício da Bem-aventurada Virgem ou as horas canônicas estão dispensados dessa oração. Para eles basta que na recitação do divino ofício incluam alguma intenção especial.

4. Procurem aproximar-se com maior frequência dos santos sacramentos da confissão e da comunhão.

5. Embora se recomende calorosamente a observância destas regras por causa dos muitos benefícios que elas oferecem para cada um, todavia, a fim de eliminar qualquer dúvida de consciência, declara-se que a observância das mesmas não obriga sob pena de culpa, nem mortal nem venial, a não ser no que é mandado ou proibido pelos preceitos de Deus e da Santa Madre Igreja.

… [segue o formulário para inscrição]

51. "Cooperadores Salesianos, ou seja, um modo prático para ajudar os bons costumes e a sociedade civil" (1876)

Edição impressa: *Cooperatori Salesiani ossia un modo pratico per giovare al buon costume e alla civile società*. Turim, Tipografia salesiana 1875 (OE XXVIII, 256-271).

I. União cristã para fazer o bem

Em todos os tempos, sempre se considerou necessária a união entre os bons para se ajudarem mutuamente a fazer o bem e a manter longe o mal. Assim faziam os cristãos da Igreja primitiva, que à vista dos perigos que todos os dias se lhes deparavam pela frente, sem nunca desanimar, unidos com um só coração e uma só alma, se animavam uns aos outros para ficar firmes na fé e prontos para superar os incessantes ataques com que eram ameaçados. Esta era também a advertência que nos foi dada pelo Senhor quando disse: as forças frágeis, quando se unem, tornam-se fortes, e se uma cordinha, sozinha, se rompe com facilidade, é bem mais difícil romper três juntas: *Vis unita fortior, funiculis triplex difficile rumpitur.* Assim costumam fazer também os homens do mundo em seus negócios temporais. Por acaso, os filhos da luz deveriam ser menos prudentes do que os filhos das trevas? Não, certamente. Nós cristãos devemos unir-nos nestes tempos difíceis e, de comum acordo, promover o espírito de oração e de caridade com todos os meios que a religião oferece, a fim de eliminar ou pelo menos mitigar os males que a cada momento podem pôr a perder os bons costumes, sem os quais a sociedade civil inteira caminha para a ruína.

II. A Congregação Salesiana – Vínculo de união

Esta Congregação, tendo sido aprovada definitivamente pela Igreja, pode servir como vínculo seguro e estável para os Cooperadores Salesianos. De fato, ela tem como fim primordial trabalhar em favor da juventude, sobre a qual repousa o bom ou mau futuro da sociedade. Com esta proposta não pretendemos dizer que este seja o único meio para responder a esta necessidade, pois existem milhares deles; aliás, nós recomendamos vivamente que cada um se esforce com todos os meios que julgar oportunos para conseguir essa grande finalidade. De nossa parte, propomos um, que é a obra dos Cooperadores Salesianos, solicitando aos bons católicos que vivem no mundo a virem em ajuda dos sócios desta Congregação. Verdade é que os membros dela cresceram notavelmente, mas o seu número está ainda longe de poder corresponder aos pedidos diários que chegam de vários lugares da Itália e da

Europa, da China, da Austrália, da América e particularmente da República Argentina. Em todos esses lugares surgem pedidos diários de ministros sagrados, a fim de cuidarem da juventude em situação de risco, abrir casas ou colégios, iniciar ou pelo menos manter missões; enfim, são todos pedidos que solicitam a vinda de operários evangélicos.

III. Escopo dos Cooperadores Salesianos

Escopo fundamental dos Cooperadores Salesianos é o de fazer o bem a si mesmos graças a um teor de vida, na medida do possível, semelhante ao que se vive na vida comum. Por isso, muitos iriam de bom grado para um convento, mas quem por idade, quem por saúde ou condição social, muitíssimos por falta de oportunidades estão absolutamente impedidos. Estes, mesmo em meio às suas ocupações ordinárias, no seio das próprias famílias, podem fazer-se Cooperadores e viver como se de fato estivessem na Congregação. Razão pela qual esta Associação é considerada pelo sumo pontífice como uma Ordem Terceira dos antigos, com a diferença de que aqueles se propunham a perfeição cristã no exercício da piedade, ao passo que aqui se tem como objetivo participar da vida ativa no exercício da caridade para com o próximo, particularmente para com a juventude em situação de risco.

IV. Modo de cooperar

Aos Cooperadores Salesianos se propõe a mesma messe da Congregação de São Francisco de Sales, à qual entendem associar-se.

1. Promover novenas, tríduos, exercícios espirituais e catecismos, particularmente nos lugares onde faltam meios materiais e morais.

2. Como nos tempos atuais há grave penúria de vocações ao estado eclesiástico, os que tiverem possibilidades cuidarão especialmente dos jovens e também adultos que, dotados das necessárias qualidades morais e aptidões para o estudo, mostrarem indícios de serem chamados, ajudando-os com conselhos, encaminhando-os às escolas e aos colégios onde possam ser educados e orientados para tal finalidade. A Obra de Maria Auxiliadora tende precisamente a esta finalidade.

3. Opor a boa imprensa à imprensa irreligiosa, mediante a difusão de bons livros, folhas, folhetos impressos de qualquer tipo, nos lugares e nas famílias onde pareça ser prudente fazê-lo.

4. Finalmente, a caridade para com os rapazes em situação de risco, recolhê-los, instruí-los na fé, encaminhá-los às celebrações sagradas, aconselhá-los

nos perigos, levá-los aonde possam ser instruídos na religião, tudo isto faz parte da messe dos Cooperadores Salesianos. Quem não puder realizar este tipo de obras por si mesmo, poderia fazê-lo por meio de outros, como seria estimular um parente, um amigo a querer realizá-las. Pode-se cooperar com a oração ou com a doação de meios materiais onde forem necessários, segundo o exemplo dos primeiros fiéis, que levavam aos pés dos apóstolos seus bens, a fim de que os apóstolos os usassem em favor das viúvas, dos órfãos e para outras graves necessidades.

V. Constituição e governo da Associação

1. Quem tiver completado dezesseis anos pode tornar-se Cooperador, desde que tenha firme vontade de adequar-se às regras aqui propostas.

2. A Associação é humildemente recomendada à benevolência e proteção do sumo pontífice, dos bispos, dos párocos, em relação aos quais terá *absoluta* dependência em tudo o que se refere à religião.

3. O superior da Congregação Salesiana é também o superior desta Associação.

4. O diretor de cada casa da Congregação está autorizado a inscrever os associados, comunicando em seguida o nome, o sobrenome e a residência ao superior, que anotará tudo no registro comum.

5. Nos lugares e nas cidades onde não há nenhuma dessas casas e os associados chegam a dez, será estabelecido um chefe com o nome de decurião, que de preferência será um padre ou algum sacerdote exemplar. Este manterá contato com o superior ou com o diretor da casa mais próxima.

6. Cada cooperador pode expor ao superior o que julgar conveniente levar em consideração.

7. Cada três meses e até mais frequentemente, mediante um boletim ou folheto impresso, os sócios serão informados das coisas propostas, realizadas ou que se propõem realizar. No fim de cada ano os sócios serão informados a respeito das obras que no curso do ano seguinte parece ser conveniente iniciar, bem como a respeito dos sócios que no decurso do ano tiverem sido chamados à vida eterna, os quais serão recomendados às orações de todos.

8. No dia de São Francisco de Sales e na festa de Maria Auxiliadora cada decurião reunirá os membros da própria decúria para se animarem mutuamente na devoção para com estes protetores celestes, invocando o seu patrocínio, a fim de perseverarem nas obras começadas segundo a finalidade da Associação.

VI. Obrigações particulares

1. Os membros da Congregação Salesiana consideram todos os Cooperadores como irmãos em Jesus Cristo e a eles se dirigirão sempre que sua ação puder ser útil nos assuntos que são para a maior glória de Deus e o bem das almas. Precisando, com a mesma liberdade, os Cooperadores se dirigirão aos membros da Congregação Salesiana.

2. Portanto, cada sócio, com seus próprios meios materiais ou com doações recolhidas junto a pessoas caridosas, fará o que puder para promover e apoiar as obras da Associação.

3. Os Cooperadores não têm nenhuma obrigação pecuniária, mas farão mensalmente ou anualmente uma oferta que a caridade do seu coração sugerir. Essas ofertas sejam encaminhadas ao superior, para apoio das obras promovidas pela Associação.

4. Regularmente se fará uma coleta por ocasião das conferências na festa de Maria Auxiliadora e na de São Francisco de Sales. Nos lugares onde o número não puder constituir uma decúria e quando alguém não puder participar da conferência, fará chegar à destinação a própria oferta da maneira que para ele for mais fácil e mais segura.

VII. Benefícios

1. Sua Santidade o papa reinante Pio IX, com decreto de 30 de julho de 1875, concede aos promotores desta obra todos os favores, graças espirituais e indulgências de que podem gozar os religiosos salesianos, menos as que se referem à vida comum. De tudo isto se enviará, à parte, a cada um o elenco correspondente.

2. Participarão de todas as missas, orações, novenas, tríduos, exercícios espirituais, orações, catecismos e de todas as obras de caridade que os religiosos salesianos realizarão mediante o sagrado ministério, em qualquer lugar e em qualquer parte do mundo.

3. Participarão igualmente da missa e das orações que todos os dias são feitas na igreja de Maria Auxiliadora, em Turim, a fim de invocar as bênçãos do céu sobre os seus benfeitores, suas famílias, especialmente sobre os que moral ou materialmente prestarem alguma ajuda à Congregação.

4. No dia seguinte à festa de São Francisco de Sales, todos os sacerdotes da Congregação e todos os sacerdotes Cooperadores celebrarão uma santa missa pelos irmãos falecidos. Os que não são sacerdotes procurarão fazer a santa comunhão e recitar a terceira parte do santo rosário.

5. Quando um coirmão ficar doente, avise-se imediatamente o superior, para que mande fazer orações especiais a Deus por ele. O mesmo se fará no caso de morte de algum Cooperador.

VIII. Práticas religiosas

1. Aos Cooperadores Salesianos não é prescrita nenhuma obra exterior, mas para que a sua vida de algum modo possa assemelhar-se à de quem vive em comunidade religiosa, a eles se recomenda a modéstia no vestir, a frugalidade à mesa, a simplicidade nos móveis de casa, a moderação nas conversas, a exatidão nos deveres do próprio estado, esforçando-se para que as pessoas que dependem deles observem e santifiquem os dias santos.

2. São aconselhados a fazer todos os anos pelo menos alguns dias de exercícios espirituais. No último dia de cada mês ou num dia que lhes for mais cômodo farão o exercício da boa morte, confessando-se e comungando como se fosse de fato o último dia de vida.

3. Cada um recitará todos os dias um *Pai-nosso* e uma *Ave-Maria* a São Francisco de Sales, segundo as intenções do sumo pontífice. Os sacerdotes e aqueles que recitam as horas canônicas ou o ofício da Bem-aventurada Virgem estão dispensados desta oração. A eles basta que no divino ofício incluam alguma intenção com esta finalidade.

4. Procurem com a maior frequência possível receber os santos sacramentos da confissão e da comunhão.

Aviso

Embora se recomende calorosamente a observância destas regras por causa dos benefícios espirituais que elas proporcionam a cada um, a fim de eliminar qualquer ansiedade de consciência, declara-se que sua observância não obriga sob pena de pecado, nem mortal e nem venial, a não ser no que, em algum ponto, for mandado ou proibido pelos preceitos de Deus e da Santa Madre Igreja.

… [segue o formulário para inscrição]

52. Circular aos Cooperadores e às Cooperadoras no início do ano de 1879

Edição impressa em Bollettino Salesiano 3 (1879) 1, 1-3 (E III, pp. 429-432).

[Turim, janeiro de 1879]

Meus venerados benfeitores,

Eu sinto a maior consolação ao apresentar-me a vós, beneméritos Cooperadores e beneméritas Cooperadoras, e ao falar-vos do que no ano passado foi objeto da vossa solicitude e da vossa caridade.

Antes de tudo, devo cumprir um grande dever, que é o de agradecer-vos a bondade e o zelo com que respondestes aos convites feitos à vossa piedade, mediante ofertas pecuniárias ou contribuições de outra espécie.

Eu creio que vós sentireis grande satisfação ao ouvir a relação dos frutos da vossa beneficência.

Com a presente mensagem desejo fazer duas coisas: em primeiro lugar, uma breve exposição do que já se fez; em segundo lugar, a proposta de novas obras para o ano que vem. Devo fazer isto para cumprir o que o nosso regulamento prescreve no art. 7º do capítulo V.

Realizações do ano de 1878

Graças ao vosso apoio eficaz, pudemos realizar muitas iniciativas, que esperamos sejam para a glória de Deus e o bem do nosso próximo.

Neste ano, foram abertas vinte e duas novas casas para os jovens em situação de risco, na Itália, na França, na América Meridional, isto é, na República do Uruguai e na República Argentina.

Além disso, as missões naquelas terras distantes se estenderam num vasto campo evangélico que promete uma messe abundantíssima.

Essas realizações nos obrigaram a uma nova expedição de salesianos e de Irmãs de Maria Auxiliadora para abrir novos internatos, novas casas de educação e para manter as que já foram abertas.

Dessa forma aumentou o número dos que foram retirados da má vida, restituídos à honra de si mesmos, ao decoro da pátria, em benefício da família.

Tivemos também o grande conforto de ter retirado, não centenas, mas diversos milhares de jovens, dos perigos e, podemos dizer, das prisões, e tê-los aviado pelo caminho da virtude, tornando-os ao mesmo tempo hábeis para ganhar honestamente o próprio pão.

Outra obra que despertou a solicitude comum foi a igreja e o instituto de São João Evangelista. Os trabalhos foram levados até o teto, e esperamos retomar o empreendimento na próxima primavera.

A fim de sustentar todas essas obras, foram necessários graves sacrifícios pessoais e pecuniários. Mas a ajuda da divina Providência, mediante a vossa ajuda, não veio a nos faltar. E vós deveis ficar contentes ao ver a santa finalidade para que foi empregada a vossa beneficência e pelos frutos morais e materiais que se obtiveram para o bem das almas e da sociedade civil.

Foi este grande pensamento que moveu a inexaurível caridade do sumo pontífice Leão XIII, que Deus conserve são e salvo por muitos anos, a vir em nosso socorro. Tendo sido informado dos nossos graves apuros, houve por bem enviar-nos a generosa oferta de dois mil francos, com a paterna e confortadora carta que encontrareis mais abaixo (1).

Todavia, faltavam ainda dez mil liras para efetuar a nova expedição dos missionários, e esta soma foi providenciada pela caridade de um Cooperador Salesiano. Este generoso cristão quis conservar o anonimato, mas no envelope da sua oferta acrescentou as seguintes palavras: Li como o santo padre, nas suas grandes necessidades, lhe mandou duas mil liras para diversas obras de caridade que o senhor mantém. Movido por tão nobre exemplo, eu lhe ofereço, especialmente para as necessidades dos seus missionários, a soma de 10.000 francos. É este o lucro que ganhei com a minha indústria e com o meu trabalho no tempo da minha juventude, e eu o ofereço de bom grado, para enviá-lo à minha frente como luz que me ilumine o caminho para a eternidade, da qual me encontro já perto. *Um Cooperador Salesiano.*

Queira o céu abençoar o heroísmo deste piedoso ofertante e lhe conceda o dom de receber abundante recompensa na vida presente e o prêmio dos justos na vida eterna.

Com estas ajudas foi possível efetuar a expedição dos novos missionários, fornecê-los de tudo o que lhes era indispensável e fazer algumas provisões para os que já exercem o sagrado ministério naquelas terras remotas.

Iniciativas propostas para o ano de 1879

Para o novo ano há mais iniciativas a propor. A primeira, usar todos os meios materiais e morais que temos à disposição para promover catecismos

paroquiais e as demais obras que se destinam ao bem dos jovens abandonados e em situação de risco.

Trata-se de livrá-los dos perigos aos quais estão expostos de forma próxima, do mal, das próprias prisões; trata-se de torná-los honestos cidadãos e bons cristãos.

Outra iniciativa a recomendar é a *Obra de Maria Santíssima Auxiliadora,* que tem como escopo cultivar entre os adultos as vocações ao estado eclesiástico.

A casa principal está no Internato São Vicente em Sampierdarena. Já tivemos frutos confortadores. Um número notável já decidiu a respeito da própria vocação e voltou para as próprias dioceses, enquanto outros escolheram o estado religioso e alguns as missões estrangeiras.

A igreja de São João, com o anexo internato, sendo homenagem que os Cooperadores Salesianos rendem à gloriosa memória de Pio IX, deve animar cada um a apoiá-lo, tendo plena confiança de que no próximo ano pelo menos o templo será levado a termo.

Meios

Vós, beneméritos Cooperadores e Cooperadoras, perguntareis onde se podem encontrar tantos meios para sustentar essas obras de beneficência pública.

Eu ponho a minha confiança na vossa caridade. Deus nos ajudou no passado em momentos muito difíceis; certamente ele continuará a vos inspirar generosos propósitos e fará com que possais encontrar o modo de realizá-los.

Como neste momento sentimos a necessidade de providenciar pão e roupa para muitos jovens acolhidos nos nossos internatos, com a aprovação da autoridade civil ideou-se uma pequena rifa que será de algumas pinturas e de objetos antigos de arte oferecidos para esta finalidade.

Uma pequena porção de bilhetes será enviada a cada Cooperador e espero que possais tê-los para vós ou pelo menos vendê-los a algum caridoso parente ou amigo. De tudo, a seu tempo, se dará informação no *Boletim.*

Entretanto, venerados e insignes benfeitores, aceitai os mais vivos agradecimentos que eu, com todos os salesianos e jovens, vos faço desde o mais profundo do coração.

Nós teremos para convosco imorredoura gratidão, enquanto Deus vai preparando para vós uma imperecível recompensa.

Na igreja de Maria Auxiliadora em Turim, em todas as igrejas, em todas as casas salesianas, de manhã e à noite, elevam-se orações ao céu a fim de que Deus vos conceda saúde estável e vida feliz, proporcione a concórdia e a paz às vossas famílias, a fertilidade aos vossos campos. Enfim, as nossas orações têm a finalidade de invocar as bênçãos celestes sobre vós, para que depois de ter passado dias felizes e tranquilos nesta terra, gozeis o fruto da vossa caridade no mais alto dos céus.

De modo particular, peço as orações de todos pelo sumo pontífice Leão XIII, nosso chefe e Cooperador; por todos os que trabalham pelo bem da Santa Igreja; pelos Cooperadores que ao longo do ano foram chamados por Deus à vida eterna. Finalmente, recomendo também a minha alma à caridade das vossas orações, garantindo-vos que sempre serei para vós em Jesus Cristo

Obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

(1) A carta já foi publicada no benemérito jornal *Unità Cattolica,* N. 279, ano de 1878.

53. Última circular aos Cooperadores e às Cooperadoras no início do ano de 1888

Edição impressa em Bollettino Salesiano 12 (1888) 1, 1-6.

Beneméritos Cooperadores e Cooperadoras,

Embora a minha frágil saúde não me permita escrever longamente, todavia, não posso deixar de dirigir-vos também neste ano esta carta, de acordo com o nosso regulamento, para entreter-me um pouco convosco, que sois os benfeitores dos meus jovens e que tendes amoroso cuidado para com as obras de Deus confiadas à Pia Sociedade de São Francisco de Sales.

E que vos direi? Antes de tudo que vos unais a mim para recitar pelo menos um *Pai-nosso,* uma *Ave-Maria* e um *Requiem aeternam* por mais de 1.000 entre Cooperadores e Cooperadoras que foram chamados para outra vida no ano que está terminando. Depois vos direi que agradeçamos a Deus que, em meio a tantas vítimas da morte, teve a bondade de poupar-nos e nos concede encontrar-nos ainda no alvorecer do ano novo.

Ainda vos direi que temos muitas razões para alegrar-nos no Senhor, porque com o seu divino auxílio pudemos realizar muitas obras boas para a salvação das almas e para o bem da sociedade civil. Finalmente vos direi que o bem a ser feito cresce entre os dedos das nossas mãos e, por isso, razão e religião exigem de nós que não abandonemos a boa vontade, pelo contrário, que tenhamos ainda mais ânimo para fazer sacrifícios cada vez maiores e cresçamos na nossa operosidade.

Rápida resenha das principais obras realizadas no ano de 1887

Embora as obras principais realizadas no ano que está terminando já vos sejam bastante conhecidas por meio do *Boletim Salesiano*, a fim de que, como num mural, as tenhais diante dos olhos, vou recordá-las aqui brevemente.

A obra que merece ser assinalada à frente de todas as demais foi a consagração da igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Roma, em meio ao esplendor dos ritos sagrados, com a participação dos mais insignes prelados e membros do Sacro Colégio, com o acompanhamento de música clássica e, o que mais importa, com a plena satisfação do santo padre Leão XIII, o qual nos havia confiado a construção desde o princípio do seu glorioso pontificado.

Em Vallecrosia, perto de Bordighera, na casa de Maria Auxiliadora, foram reparados os ingentes danos produzidos pelo terremoto de 23 de fevereiro; ela foi reconstruída quase por completo e agora já é habitável; em boa parte foram refeitos os quartos, as salas de aula e até mesmo a vacilante torre da nova igreja; por fim, também se terminou a própria igreja, que será inaugurada para o culto divino no dia 18 deste mês de dezembro.

Na localidade de Mathi, na fábrica de papel, iniciaram-se e estão sendo feitos trabalhos de tal relevo que fará subir a produção de papel de mil e quinhentos para quatro mil quilos por dia, dobrando assim a produção e, dessa forma, tornando possível sua venda com preço menor, o que é muito vantajoso para a imprensa católica.

Em Catânia, foi adquirida uma propriedade, chamada Villa Piccioni, com terreno anexo de aproximadamente oito mil metros quadrados e com uma pequena casa a ser ampliada e, no futuro, com o auxílio da divina Providência, tornar-se um grandioso internato e casa de artes e ofícios para o bem dos jovens pobres do povo que com a instrução também aprenderão a conquistar honradamente o pão de cada dia e serão um dia o apoio da família e uma garantia segura para o bem-estar moral de toda a cidade.

Na cidade de Marselha comprou-se um bom pedaço de terreno a fim de ampliar a casa anexa existente, já insuficiente para as necessidades; aquisição

que tornará possível a aceitação de muitos outros jovens para arrancá-los do abandono e da miséria.

Também se ampliaram as casas de Paris e Lille, na França, de Utrera e Sarriá, na Espanha, e de Faenza e Florença, na Itália.

Com o favor de Sua Alteza o príncipe-bispo e com a ajuda eficaz do egrégio prefeito da cidade, como também de várias pessoas caridosas, eclesiásticas e leigas, abriu-se uma casa de salesianos na cidade de Trento, assumindo a direção de um orfanato; casa que é a primeira a se abrir no império austríaco e que, com o divino auxílio e o apoio dos bons, espero que terá grande desenvolvimento e abrirá o caminho à implantação de outras semelhantes em outras cidades do mesmo império.

Em Londres, capital da Inglaterra, pelo zelo de uma nobre senhora católica, aceitou-se a direção de escolas frequentadas já por cerca de 200 meninos e meninas e, além disso, assumiu-se a administração de uma paróquia que no seu conjunto atinge 30.000 pessoas, quase todas protestantes, entre as quais, com o tempo, se espera conseguir muitas conversões para a Igreja Católica.

Nem devo calar o cuidado espiritual e também corporal prestado pelos salesianos aos afetados pelo cólera-morbo na cidade de Catânia, na Sicília, e na de San Nicolás de los Arroyos, na República Argentina; como também aos feridos e às vítimas do terremoto na cidade de Diano Marina, na Ligúria, e aos órfãos de uns e de outros; cuidados que mereceram amplíssimos elogios por parte das autoridades constituídas.

Quanto à América, eu me tornaria longo se quisesse passar em resenha tudo o que, graças a Deus e à caridade católica, foi possível fazer no ano que está para terminar.

Referindo-me agora às missões, aqui basta acenar à implantação da casa de artes e ofícios, sob o título de São José, na cidade de Concepción, e a residência estável dos missionários em Punta Arenas, na República do Chile; e a outra residência semelhante em Chol-Malal e em Guardia Pringles, na Patagônia, Argentina. Nesses e em outros lugares foram construídas ao mesmo tempo várias capelas para a celebração dos mistérios divinos e para a instrução dos fiéis e dos infiéis.

Além disso, muitas das casas americanas já fundadas, especialmente colégios e internatos, foram bastante ampliadas, para proveito de centenas de jovens, mediante novas construções; entre outras, as de Patagones e de Viedma, às margens do Rio Negro, a de Paysandu*, e a de São Paulo, no império do Brasil.

* Paysandu, no Uruguai.

Também não posso deixar de acenar brevemente às várias missões realizadas no mesmo ano por dom João Cagliero, vigário apostólico da Patagônia setentrional e central, e por monsenhor José Fagnano, prefeito apostólico da Patagônia meridional; missões levadas até as gargantas mais profundas das cordilheiras e até a Terra do Fogo, com enormes fadigas e evidentes perigos de vida, mas com grande e confortador resultado; de modo que por meio delas lançou-se a primeira semente da palavra divina em meio a tribos até então desconhecidas, e se conheceram lugares e costumes que serão muito úteis para implantar estações de missionários naquelas regiões abandonadas, onde será possível solidificar o bem religioso e moral para a salvação de tantas almas infelizes.

E dado que me foi possível falar das missões estrangeiras, não devo passar em silêncio a caridade dos Cooperadores que cresceu muito nestes últimos meses, depois de eu lhes ter enviado uma carta circular com esta intenção, que eu fui obrigado a vos dirigir para implorar ajuda em favor das mesmas; caridade que enquanto alivia o meu coração e o alegra no Senhor, me proporciona os meios com os quais é possível continuar rapidamente a difusão do Evangelho e da civilização cristã nas regiões mais longínquas do mundo. Em particular, não posso calar a recente expedição de oito salesianos para a cidade de Quito, na República do Equador, onde abrirão escolas e oficinas para jovens e donde partirão para levar a luz da fé a milhares de índios que no meio dos Andes vivem ainda privados dos benefícios da civilização cristã.

Finalmente, na obsequiosa exultação e comoção do orbe católico pelo faustoso jubileu sacerdotal do sábio Leão XIII, também nós das casas da Europa e da América, e mesmo das missões da extrema Patagônia, pudemos recolher objetos e produtos raros e preciosos, para humildemente depositar aos pés do seu augusto trono, como homenagem de profunda veneração e inabalável apego à sua pessoa e como prova da nossa profunda e sincera alegria pelo glorioso acontecimento.

Novas casas e obras das Filhas de Maria Auxiliadora

Também as Filhas de Maria Auxiliadora puderam neste ano aumentar as suas obras para o bem das meninas. De fato, elas assumiram a direção de asilos infantis e abriram escolas, oficinas e oratórios festivos em oito localidades, como, na Itália, em Gattinara, Torre di Bairo, Farigliano, Pecetto Torinese e Mathi. Em Moncrivello e Novara, pela caridade de duas zelosas Cooperadoras Salesianas foram adquiridos para as irmãs dois amplos edifícios para iniciar obras de grande utilidade para a juventude feminina. Na América, mediante a ajuda de uma família ilustre de Montevidéu, abriram um novo colégio na

cidade de Paysandu, com oratório festivo e escolas externas frequentadas por uma centena de meninas. Além disso, ampliaram as casas já existentes em Buenos Aires e em Patagones, na última das quais acolheram para aulas meninas desde a Terra do Fogo, instruíram-nas e fizeram batizar, apresentando-as a Deus como primícias cristãs daqueles extremos confins do mundo. Merece ser mencionada também a assistência que prestaram aos doentes de cólera-morbo na cidade de Bronte, na Sicília, onde algumas, por amor de Jesus Cristo, não tiveram dúvidas em morar junto com os afetados no lazareto.

Ainda deveria citar aqui outras obras, tanto dos salesianos, quanto das Filhas de Maria Auxiliadora; mas, além de já terdes sido informados ao longo do ano, deixo-as para não me alongar demais e para ter ocasião de tratar de outra obra, que no próximo ano deveremos ter particularmente a peito.

Entretanto, do que acenei até aqui podeis facilmente perceber como a vossa caridade produziu frutos abundantes; frutos no alívio e na educação e na instrução ministrada a muitos meninos e meninas, que foi possível recolher em maior número nos internatos, colégios, oficinas, oratórios festivos, nas aulas quotidianas e dominicais, nas igrejas e nas capelas erigidas e consagradas ao culto divino; frutos na conversão de muitos infiéis, que foram evangelizados e civilizados em suas próprias terras até agora inexploradas; frutos na conservação da fé em muitos cristãos da Europa, especialmente da América, para onde todos os anos emigram milhares de pessoas em busca de uma mísera fortuna terrena, mas com perigo de perder a feliz e eterna herança do céu; frutos ainda na publicação de bons livros, em centenas de milhares de cópias, em defesa da religião e para fomentar a piedade cristã. De todo este bem, os salesianos e as Irmãs de Maria Auxiliadora agradecem com a mais sincera gratidão, em primeiro lugar a Deus, que foi tão generoso em favores celestes; depois, a todos vós, beneméritos Cooperadores e beneméritas Cooperadoras, que com tanta bondade viestes em nossa ajuda e vos tornastes instrumentos utilíssimos da divina Providência para o bem de inumeráveis almas.

Obra proposta para o ano de 1888

Muitas seriam as obras que eu deveria recomendar à vossa caridade para o ano que vem, mas quero indicar-vos somente uma como a que mais me está a peito. Os fiéis de ambos os sexos já podem usar comodamente a bela igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma; ali, em grande número, podem ouvir a palavra divina, aproximar-se dos santos sacramentos, assistir, para sua edificação, as sagradas celebrações, instruir-se por meio da frequente pregação, em suma, animar-se na piedade e devoção e afervorar-se na prática das virtudes cristãs. Mas isto ainda não é tudo. O santo padre Leão XIII deseja que surja

outra obra junto à citada igreja; ele deseja que o internato apenas iniciado seja ampliado com construções já projetadas e tenha a capacidade de acolher quinhentos e mais jovens, os quais todos os dias representem ao vivo os meninos da Palestina em torno da pessoa de Jesus Cristo, para ser, como aqueles, abençoados por ele, instruídos, aviados à virtude, encaminhados para o céu.

Esta obra está sendo altamente reclamada pelas necessidades da cidade de Roma. Centenas de jovens, romanos e não romanos, provenientes de todas as partes, por razões de pobreza, abandono ou pelas insídias dos inimigos se encontram expostos a grandes perigos do corpo e da alma. Muitos, por falta de casa, se abandonam ao ócio, crescem no vício, entregam-se a fazer o mal e terminam por cair nas mãos da polícia e daí para a prisão. Não são poucos os que, provenientes de vários lugares, indo para Roma a fim de buscar trabalho e não o encontrando, perdem na inércia e nas más companhias até mesmo a religião, precisamente onde ela tem sua sede e seu centro, donde irradia seus raios luminosos por todas as partes do mundo. É uma desventura que um pobre jovem cristão tenha que encontrar perigos para a sua fé e seus costumes precisamente em Roma, que por meio do vigário de Jesus Cristo iluminou e ilumina, santificou e santifica os povos!

Se essas desgraças são dolorosas para o papa quando acontecem a um católico em qualquer lugar do mundo, afligem-no profundamente quando sucedem tão frequentemente, pode-se dizer, debaixo de seus próprios olhos, sem que ele possa preveni-las ou remediá-las, e acontecem particularmente com tantos jovens incautos e inexperientes que assim mesmo são as esperanças da Igreja e da sociedade civil.

Pois bem, nós podemos afastar em grande parte essas desgraças em Roma, podemos salvar muitíssimos jovens, confortar o coração do romano pontífice e ao mesmo tempo consolar o coração de Jesus; nós podemos alcançar esta santíssima finalidade construindo o projetado internato. E que seja assim, teve a bondade de indicá-lo o mesmo zeloso supremo hierarca da Igreja, quando tive a fortuna de ser recebido por ele em audiência particular em maio passado. Depois de ouvir com prazer que a igreja do Sagrado Coração estava pronta e tinha sido inaugurada para o serviço de Deus, depois de ter agradecido aos salesianos, aos seus Cooperadores e a todos os que os tinham ajudado a realizar a árdua empresa, continuou dizendo: "Agora, mãos à obra para construir o internato já projetado, a fim de que ali possamos recolher e salvar muitos jovens pobres, ajudando-os a se tornarem bons cristãos e sábios cidadãos. Para esta finalidade eu abençoo a vós e a todos os que vos ajudarão".

Estas palavras do vigário de Jesus Cristo estão profundamente impressas no meu coração e me preocupo em que também vós façais delas um tesouro.

Seria coisa realmente digna do vosso zelo, se nos anos de 1887 e 1888, em que celebrais as grandiosas festas jubilares do santo padre Leão XIII, levásseis a termo as duas obras principais que ele vos confiou apenas eleito para a cátedra de Pedro. A primeira está terminada e nós a apresentamos ao santo padre desde o dia 14 de maio passado, quando foi solenemente consagrada, como que para inaugurar o seu jubileu sacerdotal; hoje a igreja do Sagrado Coração, junto com muitas outras, se tornou motivo de admiração para os peregrinos que acorrem a Roma de todas as partes do mundo. De grande conforto para o papa seria a vossa caridade, se no fim do próximo ano, a modo de encerramento das citadas festas, fosse possível dizer: "Eis terminado o internato tão desejado por vós para salvação dos jovens: várias centenas deles poderão de agora em diante encontrar um asilo seguro junto a vós, e como que à sombra da vossa cátedra, crescer como dignos filhos da Igreja e penhor seguro de moralidade e de boa ordem para a convivência civil".

Para concluir, quatro lembretes

Concluo, apresentando-vos quatro pensamentos em forma de lembretes. Em primeiro lugar, uma pessoa e uma casa generosa em colaborar é como o mar; por mais água que o calor do sol faça evaporar da sua superfície, apesar disso, não diminui absolutamente de tamanho, porque os seus vapores convertidos em chuva, em neve e em gelo, depois de terem irrigado e fecundado a terra sob a forma de rios, as águas voltam a ele de todas as partes. Assim aproximadamente acontece com uma pessoa, uma família, que com seus bens, mesmo que somente com o seu supérfluo, colabora para a glória de Deus e o bem do próximo. A esmola que ela dá se junta à de tantas outras pessoas e esta união, a modo da união de tantas gotas de água, forma como que uma chuva de benefícios em favor de milhares de pessoas, para proveito dos fiéis e dos infiéis, em favor dos jovens, das famílias, das populações, da sociedade humana. Estes meninos, estas famílias, estes povos que foram beneficiados, além de rezar e obter de Deus graças multiplicadas por cem para os seus benfeitores, por meio da educação religiosa e moral a eles proporcionada com as esmolas reunidas, formando-se e crescendo virtuosos, promovem a concórdia e a paz, pessoal e pública, aumentam o trabalho, a indústria, o comércio, diminuem os furtos, os delitos, as rebeliões e, desse modo, todo cidadão aproveita também temporalmente e vê entrar em sua casa o cêntuplo do que tinha entregue para as obras de religião e de caridade.

Portanto, o primeiro lembrete é este: Se queremos fazer prosperar os nossos interesses espirituais e materiais, procuremos antes de tudo fazer pros-

perar os interesses de Deus e promovamos o bem espiritual e moral do nosso próximo por meio da esmola.

Vamos ao segundo lembrete. Começo convidando-vos a refletir que, normalmente, quando alguém deseja obter de Deus uma graça por intercessão da Virgem ou de algum santo, costuma mais ou menos dizer assim: se me conceder esta graça, eu farei tal esmola, tal oferta. Embora este modo de proceder não deva ser desaprovado, todavia, eu não o considero o mais adequado para obter logo e com segurança as graças de Deus, especialmente as que mais nos estão a peito. Este modo de proceder contém um não sei quê de desconfiança em relação a Deus, a Nossa Senhora ou aos santos que se invocam. Muito melhor e mais eficaz seria doar antes o que estaríamos dispostos a dar depois de ter conseguido a graça implorada. Dando antes, realiza-se uma boa obra que, unida à fé, à confiança em Deus, adquire maior poder junto do seu trono. Dando antes, de certo modo, compromete-se Deus, a Virgem e os santos a se mostrarem generosos para conosco que nos abandonamos à sua soberana bondade e poderosa intercessão. Dando antes, cumprem-se ao pé da letra as palavras de Jesus Cristo que, ao recomendar a esmola, usa estas expressões: Dai e vos será dado: *date et dabitur vobis*. Aqui, como se percebe, Jesus Cristo não diz: prometei dar e vos será dado; mas diz: dai vós primeiro e em seguida também será dado a vós. A experiência demonstra que este modo é poderosíssimo para obter as graças mais assinaladas; eu mesmo fui testemunha disso milhares de vezes. Portanto, aqui está o segundo lembrete: se quereis obter mais facilmente alguma graça, fazei vós primeiro a graça, ou seja, a esmola aos outros, antes que Deus e a Virgem a façam a vós: *Date et dabitur vobis*.

Em terceiro lugar, lembrai-vos de que dar esmola em favor da religião ou do bem espiritual ou corporal do próximo não é só um conselho do qual nos podemos dispensar sem detrimento da alma, mas é um rigoroso preceito que faz parte dos mandamentos da lei divina, dos quais alguns nos mandam honrar e amar a Deus e os outros mandam amar o próximo. É somente um conselho dar tudo o que é próprio, a fim de professar a pobreza voluntária como os religiosos; mas é um preceito dar como esmola uma parte dos próprios bens ou o supérfluo, como diz o Evangelho: *Quod superest date eleemosynam*. É precisamente pelo descuido deste preceito que Jesus Cristo no dia do juízo universal dirá aos réprobos: Ide para longe de mim, malditos, para o fogo eterno. E por quê? Porque não fizestes a caridade a quem precisava dela. Por não ter dado o supérfluo ao pobre Lázaro, é que Jesus Cristo disse que o rico Epulão tinha sido sepultado no inferno: *Mortuus est dives et sepultus est in inferno*. É ainda de quem não dá de seus bens aos pobres que o apóstolo São Tiago diz que tem uma fé morta, que não serve para a salvação eterna. O mes-

mo apóstolo acrescenta que a religião pura e imaculada é esta: providenciar às necessidades dos órfãos e das viúvas, quer dizer, realizar obras de misericórdia espiritual ou corporal. Todas estas palavras do Espírito Santo e outras semelhantes provam à evidência que quem pode e não faz obras de misericórdia é um cristão que não é cristão; é um homem que nos últimos dias ouvirá uma sentença de condenação; é um homem que embora não falhe em nada absolutamente, todavia, enquanto rico sem misericórdia, não receberá misericórdia por parte de Deus. Portanto, meu terceiro lembrete é este: mediante as obras de caridade, fechamos as portas do inferno e abrimos para nós as do paraíso.

Finalmente, confidencio-vos que a minha saúde vai decaindo a olhos vistos, sinto falta de forças e prevejo não estar longe o dia em que deverei pagar o meu tributo à morte e descer para o sepulcro. Se isto ocorrer e esta for a última carta que vos envio, eis o quarto e último lembrete: Recomendo à vossa caridade todas as obras que Deus se dignou confiar-me ao longo de quase cinquenta anos; recomendo-vos a educação cristã da juventude, as vocações ao estado eclesiástico e as missões estrangeiras; mas de modo muito particular vos recomendo o cuidado dos jovens pobres e abandonados, que foram sempre a porção mais querida do meu coração na terra e que, pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, espero que sejam a minha coroa e a minha alegria no céu.

Agora nada mais falta senão pedir a Deus que derrame as suas bênçãos mais escolhidas sobre vós, sobre vossas famílias, sobre vossos interesses; invocá-lo particularmente para que vos conceda vida próspera e feliz, coroada a seu tempo com a morte dos justos. Para esta finalidade, os salesianos e os jovens das nossas casas se unem comigo a rezar todos os dias ao Senhor e, mediante a poderosa intercessão da Virgem Auxiliadora e de São Francisco de Sales, esperamos ser atendidos e ter a felicidade de encontrar-nos todos juntos reunidos na bem-aventurada eternidade.

Tende a bondade de vós também rezar por mim, que com o maior reconhecimento me professo de todos vós, beneméritos Cooperadores e beneméritas Cooperadoras,

Turim, 8 de dezembro de 1887

Obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

TERCEIRA SEÇÃO

DOM BOSCO ENTRE A SANTA SÉ, O REINO DA ITÁLIA E O ARCEBISPO DE TURIM

Apresentação

No contexto do Ressurgimento, Dom Bosco, sabemos, optou por manter-se publicamente alheio às diferentes correntes políticas da época. Desde o biênio 1848-1849 manteve-se numa posição de difícil equilíbrio entre Igreja e Estado, não se perfilando decididamente em favor das inovações políticas, mas também não se opondo a elas direta e publicamente mediante atos, palavras, atitudes hostis.

Embora contrário à política eclesiástica do reino da Sardenha dos anos 1850-1860 – ele a combateu dentro dos limites do seu ser sacerdote piemontês – evitou entrar em polêmicas e ferir suscetibilidades, também para salvaguardar a sua ação de educador e fundador.

Durante o governo da direita histórica – anos 60-70 – graças à sua obra caritativa e filantrópica, apreciada pelos principais atores da política italiana do tempo (Vitório Emanuel II, Camilo Cavour, Urbano Rattazzi, Afonso Lamarmora, João Lanza, Marcos Minghetti, Paulo Honorato Vigliani...), não só pôde evitar excessivos aborrecimentos por parte deles a respeito das suas multiformes iniciativas sociorreligiosas, mas também, em mais de uma ocasião, desempenhar o papel de traço de união entre eles e as autoridades pontifícias. O recém-nascido reino da Itália, de fato, caminhava em rota de colisão com a Santa Sé desde o seu nascimento (1861) e particularmente depois da ocupação militar de Roma e a proclamação da cidade papal como capital do novo reino (1870).

Pondo de lado qualquer timidez, Dom Bosco entrou nos palácios dos respectivos poderes para tentar certo acordo, pelo menos temporário, entre as duas partes. De fato, conseguiu reduzir as distâncias a respeito de alguns pontos específicos de dissenso ao não se entrincheirar por detrás da globalidade das soluções políticas, mas optando por salvar o salvável, para além das insanáveis divergências de princípio sobre a "questão romana". Se Pio IX e o cardeal Antonelli puderam considerá-lo um campeão de fidelidade a toda prova, os políticos liberais da época, embora encontrando-se em posições ideologicamente diversas, consideraram útil a sua presença nos setores da vida social, onde se acumulavam reservas de valores morais, de solidariedade, de responsabilidade. Dom Bosco não lhes escondeu o seu ser sa-

cerdote fiel ao papa e à Igreja de Roma. Mas a sua oposição ao liberalismo, mais do que de cunho político foi de índole religiosa e moral. Todas as suas intervenções de "política eclesiástica", tanto aquelas em que se ofereceu espontaneamente como "mediador" entre as partes, quanto aquelas em que foi envolvido por outros, foram especificamente inspiradas a favorecer e criar as condições para a salvaguarda da fé e da prática religiosa no povo italiano[1].

Também com a esquerda histórica no poder, no fim dos anos Setenta e durante todos os anos Oitenta (Bento Cairoli, Miguel Coppino, Francisco Crispi, Agostinho Depretis, João Nicotera, José Zanardelli…), Dom Bosco manteve bom relacionamento, obviamente sem compartilhar as posições ideológicas, em geral maçônicas e anticlericais, e a sua política para com a Santa Sé. Apesar da intensificação do conflito entre clericalismo e anticlericalismo, Dom Bosco cultivou um enraizado sentido do Estado, percebendo sua função essencial e colaborando nos limites do possível. Não faltaram momentos de forte tensão na própria casa de Turim-Valdocco, no final dos anos Setenta, onde, aliás, já havia tempo se viviam horas difíceis por causa das numerosas controvérsias com o arcebispo dom Lourenço Gastaldi.

[1] Quanto ao pensamento e à ação "política" de Dom Bosco cf. Francesco Motto, *L'impegno civile e morale di don Bosco nell'Italia unita in dialogo con le istituzioni civili e di governo*, em RSS 29 (2010) 177-200.

I. CARTAS CONFIDENCIAIS AO PAPA A RESPEITO DA SITUAÇÃO POLÍTICA (1858-1867, 1873)

Nos anos imediatamente anteriores e seguintes à Unidade da Itália (1858-1866), Dom Bosco manteve constante contato epistolar com o papa Pio IX. Não somente por interesses ligados diretamente à sua Obra, mas também para tratar da situação preocupante em que vivia a Igreja no Piemonte, para encorajá-lo na defesa da sua fé contra os inimigos da religião, para transmitir-lhe eventualmente informações reservadas de que pudesse dispor. Como acabamos de dizer, Dom Bosco, na questão romana, estava do lado de Pio IX e do seu secretário de Estado, cardeal Antonelli. Lentamente, porém, se convenceu de que uma resistência por demais vigorosa à "revolução" se tornava sempre mais inútil, pelo contrário, até corria o risco de piorar a situação, de modo que depois da tomada de Roma optou também em política pelo princípio de que o bem se devia fazer da maneira como era possível fazê-lo[2].

Nesse contexo, reproduzimos aqui 10 cartas reservadas, enviadas ao sumo pontífice nos anos que giram em torno da unidade da Itália, por meio de pessoas de confiança, e não mediante o correio normal, que Dom Bosco sabia ser controlado pelas autoridades públicas.

Em 1858 ele se mostrava preocupado pela não solucionada questão do bispo de Turim, dom Fransoni, na qual, durante sua viagem a Roma, fora envolvido pelo irmão do presidente do Conselho, marquês Gustavo di Cavour (n. 54)[3].

No ano seguinte, informava o sumo pontífice a respeito de possíveis infiltrações de "revolucionários" nos Estados Pontifícios e da iminente proposta por parte do governo de candidatos às sedes vacantes (n. 55). Sempre em 1859, comunicava a sua desaprovação da política expansionista do reino de Saboia em prejuízo do Estado Pontifício e o seu constante empenho na defesa da fé do povo e na educação dos seus jovens (n. 56).

Análogas são as preocupações do ano seguinte, embora nutrisse a confiança de que, após o momento difícil, haveria de se seguir o triunfo final da Igreja (n. 57). Na vigília da proclamação do novo reino da Itália, incluindo os territórios subtraídos aos Estados Pontifícios (1860), renovava as mesmas preocupações e esperanças, apesar de não excluir novo afastamento do papa da sua sede de Roma (n. 58).

[2] Para a posição de Dom Bosco quanto à questão romana cf. Francesco Motto, *Orientamenti politici di don Bosco*, em RSS 12 (1993) 9-37. Cf. várias cartas do Santo ao Papa, com o relativo comentário em Arthur J. Lenti, *Don Bosco, his Pope and his Bishop*. Roma, LAS 2006, pp. 11-64.

[3] A respeito do assunto, cf. Francesco Motto, *Don Bosco mediatore fra Cavour e Antonelli*, em RSS 5 (1986) 3-20.

Nas cartas do biênio 1863-1864, fazia notar a substancial estabilidade da situação (nn. 59, 60), enquanto na de 1865 relevava que o sofrimento pela legislação matrimonial que estava para ser aprovada pelo parlamento seria compensado pela alegria do encaminhamento da construção da igreja de Maria Auxiliadora e pela perspectiva da aprovação da Sociedade Salesiana e das suas Constituições (n. 61).

No ano seguinte (1866), voltava a falar tanto da expectativa pela aprovação papal, quanto da situação difícil das relações Estado-Igreja (n. 62).

Vários anos depois, em 1873, anunciava ao papa, em linguagem profético-simbólica, o exílio que o aguardava (n. 63), antes de voltar a Roma. O valor da mensagem era devido ao fato de provir de uma pessoa cujas predições anteriores se tinham verificado[4].

54. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 352-354.

Turim, 14 de junho de 1858

Beatíssimo Padre,

Com o coração repleto da mais profunda gratidão para com a sagrada pessoa de Vossa Santidade, eu voltei para o meio dos meus jovens a fim de contar-lhes o que ouvi e vi na cidade eterna, especialmente o que se refere à pessoa de Vossa Santidade.

Os favores espirituais que com tanta bondade me concedeu já produziram bons efeitos: mais de trinta localidades, animadas pelas indulgências concedidas pelo canto das loas sacras, puseram-se a celebrar o mês de maio em honra da grande Mãe de Deus.

É para mim também um grande conforto poder contar as coisas de Roma no seu verdadeiro aspecto, e assim rebater as insinuações indiscretas de algumas pessoas que, por maldade ou por ignorância, sempre procuram interpretar mal as coisas mais dignas de veneração.

[4] Aos vaticínios a respeito dos acontecimentos de 1870-1874 dedica algumas páginas Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica.* Vol. II. *Mentalità religiosa e spiritualità.* Roma, LAS 1981, pp. 532-547 (Apêndice, *Note per uno studio sui sogni di don Bosco*).

Um ponto, porém, deixou em mim uma grande pena depois de minha partida de Roma, e é o de não ter tido mais tempo para me apresentar a Vossa Santidade, precisamente quando se dignara receber-me em audiência. Penso que se tratava de assunto referente ao nosso arcebispo. Seja como for, eu continuo a recomendar à bondade paterna de Vossa Santidade a situação deplorável desta diocese. Eu digo a Vossa Santidade o que os fiéis de Lião, tempos idos, diziam a Santo Eleutério, digno antecessor vosso: "Beatíssimo Padre, concedei paz à nossa Igreja e às nossas necessidades". Certamente, não estamos em tempo de perseguição aberta e sanguinária, mas o mal vai se propagando em surdina, de forma terrível. Os bons, cujo número graças a Deus é ainda muito grande, gemem e não sabem o que fazer; os maus se tornam cada dia mais audazes; os fracos engrossam sempre mais as fileiras dos transviados. De tal modo que, se por cúmulo de desgraça, a heresia tomasse legalmente o poder, eu temeria espantosas quedas, até mesmo por parte de quem nesta diocese ocupa elevados cargos eclesiásticos. Falo diante de Deus: Vossa Santidade me perdoe.

Não sei se a ideia apresentada pelo senhor Cavour[5] possa oferecer alguma esperança de bem junto a Vossa Santidade. Se se tratar de estabelecer um princípio, eu não teria nenhuma confiança; tratando-se de um fato particular, pode-se esperar algum resultado, dado que ele demonstra ter ainda os mesmos desejos. De qualquer forma, para evitar males certamente difíceis a reparar, é preciso que Vossa Santidade providencie de alguma maneira a solução dos problemas da diocese de Turim. Falo isso na presença de Deus.

Corre voz e se divulga nos jornais, que deveria ser proposto para o bispado de Asti o teólogo Genta, pároco de São Francisco de Paula, nesta capital[6]. Como sugestão para Vossa Santidade, observo que ele é muito submisso ao governo. Há pouco tempo recebeu a cruz dos Santos Maurício e Lázaro pelo *seu zelo iluminado:* palavras do decreto. É seguidor de Gioberti e deu sinais de aprovação do matrimônio civil.

Vossa Santidade queira ter compaixão das palavras de um filho que fala prostrado aos seus pés e que o ama mais do que a si mesmo. Enquanto imploro a bênção apostólica para mim, para os meus pobres jovens, asseguro-lhe que sempre pediremos a Deus que conserve a pessoa de Vossa Santidade por longo tempo, para o bem da Igreja, e tenho firme esperança

[5] Trata-se do marquês Gustavo di Cavour (irmão do conde Camilo, presidente do Conselho) que lhe tinha escrito, enquanto estava em Roma, que se empenharia junto à Santa Sé pela promoção cardinalícia do arcebispo de Turim, dom Fransoni, exilado em Lião, e a nomeação de um bispo coadjutor com direito de sucessão.

[6] João Antônio Genta (1810-1888), que não foi nomeado bispo.

de poder empregar, com a ajuda de Deus, todas as minhas forças pelo bem da Igreja até o último respiro.

De Vossa Beatitude obrigadíssimo e humílimo filho da Santa Igreja

Sac. João Bosco

55. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, p. 368.

[Turim, fevereiro de 1859]

Beatíssimo Padre,

Humildemente prostrado, sirvo-me de pessoa de confiança que vai a Roma, o senhor cônego Sossi, da catedral de Asti[7], para dizer a Vossa Santidade algo que me preocupa. De alguns textos que eu pude ter em mãos, soube repetidamente que algumas pessoas mal-intencionadas quereriam se reunir em Civitavecchia, Ancona e Roma. O escopo seria o de promover ideias revolucionárias, para colocá-las em prática no fim do mês de março. Não pude obter os nomes dessas pessoas: as cartas continham simplesmente a assinatura de F. $\Delta^{\cdot}_{\cdot}{}^{\cdot}$

A situação da nossa diocese está cada vez mais problemática: o mal cresce. Cavour[8] manifesta boa vontade, se for sincera, mas está rodeado de gente ruim, que o arrasta quem sabe para onde. Somente esta manhã ele me disse que quer apresentar outros candidatos para as dioceses vacantes.

Perdoe-me a liberdade com que escrevo: eu, os meus jovens, os meus clérigos e sacerdotes, rezamos todos os dias a Deus para que conceda a Vossa Santidade saúde e graça e o conserve por longo tempo para o bem da Igreja.

Todos, prostrados a seus pés, imploramos humildemente e com o maior respeito a sua santa bênção apostólica, professando-me em seu nome de Vossa Santidade obrigadíssimo filho em Cristo

Sac. João Bosco

[7] Antônio Vitaliano Sossi (falecido em 1891) provavelmente foi a Roma também para defender a nomeação de um bispo para a diocese de Asti, vacante desde a renúncia de dom Filipe Artico.
[8] Deveria tratar-se do conde Camilo (do qual se fala na nota 5), com quem Dom Bosco se encontrara depois do retorno de Roma em abril de 1858.

56. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 386-388.

Turim, 9 de novembro de 1859

Beatíssimo Padre,

Com grande ansiedade esperei encontrar um meio seguro para entrar em contato com Vossa Santidade, a fim de pedir respeitosamente a sua bênção em meio às nossas atuais tribulações e também para assegurar a Vossa Santidade o católico e filial apego à sua sagrada pessoa como sucessor de Pedro e vigário de Jesus Cristo, supremo pastor da Igreja, a quem, se alguém não estiver unido, não pode esperar a salvação. Agora posso realizar esse desejo por meio do marquês Scarampi, zeloso membro da Sociedade de São Vicente de Paulo, e assíduo colaborador dos nossos oratórios, que vai passar o inverno em Roma.

Antes de tudo, Beatíssimo Padre, nós desaprovamos fortemente o que o nosso governo fez nas Romanhas; e se não foi possível impedir o mal, mediante a palavra e os escritos sempre condenamos o que se fez por lá[9]. A maior parte dos padres, quase todos párocos, e poderia também dizer a maior parte dos leigos, pensam do mesmo modo, embora não tenham coragem de manifestar-se publicamente. Mas a imprensa perversa, as ameaças, as promessas de quem governa, infelizmente seduziram a muitos; outros ficaram hesitantes ou se esconderam, de tal modo que o número dos católicos corajosos é terrivelmente escasso.

Em meio a esses desastres religiosos, os bons se uniram aos seus bispos e puseram-se à sua disposição. Mas nós, turinenses, fomos e estamos expostos ao maior dos perigos. O nosso arcebispo está no exílio; o vigário-geral, só de abrir a boca está sob ameaças; os protestantes, protegidos pelas autoridades, não poupam dinheiro nem trabalhos para propagar os seus erros; a permissividade da imprensa e do ensino são coisas que se juntam para formar uma gangrena mortal para os costumes e a religião.

Apesar disso, fizemos e continuamos a fazer o que se pode para diminuir as consequências dos males. Unimo-nos numa espécie de sociedade, particularmente de padres: dedicamo-nos a difundir livros e bons jornais; pregamos; organizamos exercícios espirituais, tríduos, novenas e catecismos, sempre com

[9] Tratava-se da anexação de territórios do Estado Pontifício ao reino Sardo-Piemontês.

a finalidade de instilar os fundamentos da nossa religião católica e o respeito pelo supremo hierarca da cristandade. Desse modo, conseguimos conservar até agora sadios princípios religiosos em muitos jovens. Posso calcular mais de três mil os que frequentam os oratórios festivos e as aulas noturnas e diurnas, e todos eles nutrem bons sentimentos, frequentam os santos sacramentos da confissão e da comunhão, são assíduos à palavra de Deus.

Os jovens que frequentam as nossas aulas são aproximadamente quinhentos. Os internos somam trezentos; destes, dezoito, neste ano, vestiram a batina; dois entraram para a Ordem dos Pregadores. Dois acabaram de chegar ao sacerdócio; três, com a ajuda de Deus, esperam chegar no fim deste ano.

A divina Providência, de forma realmente maravilhosa, dispõe que estejamos tranquilos em nossas aulas, onde podemos manter todas as classes sem sermos molestados em nada.

Todavia, Beatíssimo Padre, não devo esconder que a tempestade ainda não passou. Temo um governo que se guia pela revolução; temo a diária diminuição dos bons católicos; temo o grande número de inimigos da ordem que se refugiam entre nós ou que vão engrossar as fileiras dos rebeldes nas Romanhas; temo também – Deus mantenha longe esse flagelo – que Vossa Santidade seja ainda mais molestado e talvez perseguido, quem sabe de quantos modos.

Digo isso como filho afeiçoadíssimo, que sempre teme algum mal para seu amado pai; por isso, peço à Santa Virgem Imaculada que nos obtenha de Deus tempos melhores entre os povos e paz para a Igreja. Para conforto de Vossa Santidade lhe direi que, desde o momento que explodiram as desordens nos Estados da Santa Sé, os meus jovens decidiram fazer todos os dias orações especiais por Vossa Santidade, e uma dezena deles se aproxima alternativamente todos os dias da santa comunhão para implorar de Deus saúde, graça e conservação de Vossa Santidade.

Disse-lhe estas poucas coisas não usando talvez o devido respeito nos sentimentos e nas palavras: digne-se conceder-me benigna compreensão.

Entretanto, prostro-me aos pés de Vossa Santidade, junto com muitos padres que trabalham comigo no ministério sagrado; uns cinquenta clérigos que aspiram ao sacerdócio; uns duzentos jovens que estudam para se iniciarem na milícia sagrada; todos os meus jovens internos e todos os que participam destes oratórios: todos, prostrados aos seus pés, invocamos a bênção apostólica como se viesse do próprio Jesus Cristo. Bênção que nos mantenha firmes na santa religião católica e que nos torne fortes e prontos, até mesmo a

dar a vida, antes que dizer ou fazer a mínima coisa contrária aos seus preceitos. Assim seja.

De Vossa Santidade filho afeiçoadíssimo obrigadíssimo apegadíssimo

Sac. João Bosco

57. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 400-401.

Turim, 12 de abril de 1860

Beatíssimo Padre,

Já bem antes de agora, Beatíssimo Padre, os meus jovens queriam dar um sinal de gratidão e de veneração a Vossa Santidade, em quem vemos um pai generoso e o vigário de Jesus. Mas os tempos eram tão tristes que para não comprometer-nos inutilmente tivemos que nos limitar a pedir a Deus por Vossa Santidade, mantendo-nos nos cantos de nossas casas e de nossas igrejas.

Atualmente, embora as coisas continuem em situação violenta, todavia, os meus jovens, por iniciativa própria, promoveram uma subscrição para oferecer o seu óbolo, ou melhor, o seu centésimo para o dinheiro de São Pedro. Os que de nenhum modo puderam tomar parte por causa da sua pobreza, se oferecem para fazer a santa comunhão segundo as intenções de Vossa Santidade e pela paz da Igreja.

A fim de favorecer este seu entusiasmo religioso, criei ânimo para depositar aos pés de Vossa Santidade o nome e o sobrenome dos doadores, com seus sentimentos simples mas sinceros, com que eles exprimem o que o afeto do seu coração sugeriu para com o melhor dos pais.

A pequena soma de dinheiro chegará a seu destino por meio da direção do jornal *L'Armonia.*

Beatíssimo Padre! Estamos num momento muito difícil. Até agora o clero piemontês se manteve firme na fé, mas agora as ameaças, as promessas, as subvenções e o mau exemplo do clero de regiões *anexadas* levam a temer muito pelo futuro. Alguma parte do clero de algumas dioceses deram sinais públicos de adesão à política atual; algumas corporações re-

ligiosas fizeram repetidamente a iluminação de seus prédios para festejar a *famosa anexação.*

O projeto é o de não somente invadir as Romanhas, mas todas as demais províncias da Santa Sé, de Nápoles, da Sicília, etc.[10]. A religião é combatida, aviltada legalmente; não podemos defendê-la de outra forma, senão mediante pequenos impressos populares, aulas e catecismos.

Portanto, Beatíssimo Padre, se olharmos para a situação apoiados unicamente no socorro humano, devemos dizer que nos aproximamos de uma época de destruição da fé, época de sangue para quem quiser defendê-la.

Todavia, Beatíssimo Padre, alegre-se no Senhor. A Santa Virgem Imaculada prepara no céu um grande triunfo para a sua Igreja. Este triunfo ocorrerá dentro de pouco tempo. Verdade é que nos precederá uma catástrofe horrível de males, mas eles serão abreviados por intervenção de Deus. Nós rezamos para que termine o reino do pecado e que em tudo se faça a santa vontade de Deus. Dada a paz à Igreja, espero poder ir à cidade eterna para espelhar-me ainda uma vez na veneranda figura de Vossa Santidade antes que chegue ao termo dos meus dias.

Os meus sacerdotes, os clérigos, os estudantes e aprendizes se prostram comigo aos pés de Vossa Santidade, suplicando-lhe humildemente que receba a nossa humilde oferta, e nos dê a santa bênção apostólica, que nos torne fortes na santa religião de Jesus Cristo até a morte. *Amém.*

De Vossa Santidade humílimo, afeiçoadíssimo filho da Santa Igreja

Sac. João Bosco

[10] Efetivamente, depois de doze dias zarpava de Gênova para a Sicília a expedição "dos Mil", sob o comando de José Garibaldi.

58. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 440-442.

Turim, 10 de março de 1861[11]

Beatíssimo Padre,

Aproveito da ocasião favorável da ida de um zeloso colaborador do jornal *L'Armonia* a Roma para dizer duas palavras a Vossa Santidade. Quantas coisas gostaria de dizer um pobre sacerdote ao chefe da cristandade! Direi tudo com a máxima brevidade.

Depois de muitas perturbações, no momento estou em paz e me deixam trabalhar livremente para os meus jovens e para a impressão das *Leituras Católicas*. De um ano para cá, as nossas aulas aumentaram quatro vezes. Atualmente temos em casa cerca de quinhentos jovens, que dão boas esperanças e que se preparam para o estado eclesiástico.

O nosso clero até agora se manteve corajosamente firme; mas se aproximam grandes provações, e se o Senhor não nos fortificar com a sua graça, temo algum naufrágio. Promessas, ameaças, opressões são três inimigos com que fomos assaltados; agora se aproxima o tempo da perseguição.

Os fiéis são fervorosos; mas cada dia que passa um grande número caminha da tibieza para um indiferentismo apático, que é a maior praga do catolicismo nos nossos países. Mas os tímidos espantaram todo o medo e se mostram intrépidos em todo lugar onde for necessário mostrar-se cristão.

Todavia, Beatíssimo Padre, esteja tranquilo, que aqui no Piemonte tem um grandíssimo número de filhos unidos, de acordo com o espírito do Senhor. Estão todos prontos, se assim Deus quiser, a dar a vida e seus bens por aquela religião santíssima da qual Vossa Santidade é o chefe visível sobre a terra, enquanto Deus o assiste desde o céu.

O que mais aflige o nosso ânimo são os desastres que ameaçam a Igreja universal. Coragem, Beatíssimo Padre, nós rezamos e cada dia multiplicamos as nossas orações pela conservação da sua sagrada pessoa. Um jovem, que de alguns anos para cá dá sinais claros de possuir luzes especiais da parte de Deus[12], já se expressou diversas vezes com estas palavras: Quantas tribulações

[11] Dez dias mais tarde, em 17 de março, foi proclamado o reino da Itália, constituído depois da anexação dos territórios subtraídos ao Estado Pontifício e ao reino das Duas Sicílias.

[12] Não se conhece o nome do rapaz.

haverão de atingir o coração paterno de Pio IX. A Virgem Imaculada envia ao santo padre um grande ramalhete de rosas, mas ele deverá apanhá-las do lado onde há pungentes espinhos.

Outra pessoa é do parecer que, se Deus não mudar seus desígnios, Vossa Santidade deverá abandonar novamente Roma; o que será um grande bem em meio ao mal, pois povos inteiros correrão para venerá-lo; milhões de homens abraçarão o catolicismo, movidos unicamente pela grandeza das tribulações do vigário de Cristo, que com este meio iluminará tantas almas redimidas pelo nosso Salvador.

Em suma, aproximam-se acontecimentos espantosos, talvez inauditos na história das nações, mas Vossa Santidade obterá sobre tudo isso o mais glorioso triunfo quando, após sanguinosos conflitos, voltará a ser possuidor tranquilo dos seus Estados, acolhido pelo amor dos seus povos, abençoado pelos reis e pelas nações.

Mas, e os governantes, os seus seguidores, que são a causa de tantos males? Os que são a causa destes males ou então que poderiam impedi-los e não os impedem, esses estão nas mãos de Deus como um bastão de que ele se serve para punir os delitos dos homens; em seguida o bastão será quebrado e atirado ao fogo.

De qualquer forma, nós rezamos e continuaremos a pedir a Deus misericordioso para que conserve e proteja o seu vigário e conceda a paz à sua Igreja. No momento, vã é a esperança nos homens; só Deus pode ajudar-nos.

Vossa Santidade, Beatíssimo Padre, já me concedeu tantos favores; a eles queira acrescentar ainda este de perdoar a maneira demasiado confidencial com que lhe escrevi. Atribua tudo à bondade do seu coração e ao grande afeto que nutro para com sua venerada pessoa.

Finalmente se digne conceder a mim e aos meus jovens a sua santa bênção apostólica enquanto me prostro humildemente

De Vossa Beatitude afeiçoadíssimo filho

Sac. João Bosco

59. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 552-554.

Turim, 13 de fevereiro de 1863

Beatíssimo Padre,

Queira usar da sua costumeira bondade ao permitir que eu, pobre mas afeiçoadíssimo filho da Santa Madre Igreja, mediante a zelosa caridade da católica marquesa Landi, desfrute da mais preciosa consolação de poder prostrar-me aos sagrados pés de Vossa Santidade e exprimir alguns afetos filiais do meu coração.

Antes de tudo, desejo apresentar-lhe os mais sinceros sinais de gratidão da minha parte, da parte de muitos dos meus colegas e jovens pelos muitos favores espirituais que em diversas ocasiões nos concedeu. Esses favores foram para nós poderoso estímulo, a fim de nos esforçarmos para corresponder com a oração e com a solicitude, para promover, na nossa pequenez, a glória de Deus e o bem das almas.

Os assuntos de religião e os sagrados ministros, de dois anos para cá, foram expostos a graves desafios nos nossos países, quer por causa das tradicionais subvenções dos protestantes, quer pelas ameaças e também pela opressão das autoridades, quer pelo abandono de não poucos dos que tinham sido postos como guardas da casa do Senhor. A isso se acrescenta a instrução não católica da juventude nas escolas primárias e secundárias, o que produziu dois tristes efeitos: contribuiu para a mania de ler escritos sedutores e irreligiosos e para recusar o que é fundamental na religião: portanto, uma sensibilíssima diminuição das vocações ao estado eclesiástico e religioso, e certo desdém para com os que se sentem chamados.

Os jornais e os livros ímpios continuam a ser impressos, a multiplicar-se, a difundir-se, mas com êxito muito menos feliz para os inimigos da religião. Isto por causa do aumento dos jornais e dos livros bons e do maior empenho com que os católicos se dedicam a promover a boa imprensa e a propagá-los.

Entretanto, entre tantos motivos de aflição temos também razões para nos consolar. O respeito e a veneração por Vossa Santidade cresceu muito entre os bons, manteve-se e aumentou muito entre os próprios inimigos da fé. Isto é devido ao comportamento intocável, às belas obras, à firmeza de Vossa Santidade. *Omnia ad majorem Dei gloriam.*

A morte ou o exílio de não poucos bispos[13] gerou certa desconfiança nos menos fervorosos e fez com que o clero se unisse mais entre si, orientando exclusiva e diretamente o pensamento para o centro da verdade, o vigário de Jesus Cristo. Os bispos continuam a estar maravilhosamente unidos; o clero do Piemonte tem um só pensamento com os bispos e com Roma; o clero de outras províncias *(flens dico)* desonrou a si mesmo em não pequeno número. O único consolo neste desastre é a firmeza e a prudência dos bispos com que conseguiram impedir a queda de muitos e o retorno de não poucos. Direi algo estranho, mas creio que seja verdadeiro: neste momento parece que o bem praticado pelos bispos é maior por estarem eles no exílio ou nas prisões do que se estivessem nas próprias sedes, dado que com isso publicam, defendem o princípio da autoridade divina no seu chefe visível, que é a base da nossa santa religião católica.

Embora tenhamos que ser testemunhas de frequentes espoliações de lugares e de pessoas sagradas, todavia, nada até agora se deixou faltar quanto ao culto divino. Muitas igrejas estão sendo construídas ou restauradas. Só na cidade de Turim estão em construção quatro igrejas destinadas a serem paróquias, uma das quais a de *Maria Auxilium Christianorum.*

Dado que Vossa Santidade, já na outra vez, dignou-se ouvir falar dos oratórios, direi alguma coisa sobre eles. Seu número é de cinco, nos quais temos a mais do que satisfatória afluência de jovens que comparecem para ouvir a palavra de Deus e frequentar os santos sacramentos. O número dos que frequentam os oratórios nos dias santos excede normalmente o de três mil. No Oratório de São Francisco de Sales há internato, aulas e frequência dos jovens de todas as partes da cidade nos dias festivos. Os internos nesta nossa casa são setecentos; desses, quinhentos e cinquenta aspiram ao estado eclesiástico; todos os anos alguns chegam ao sacerdócio e vão exercer o sagrado ministério em várias localidades.

Enquanto isso, Beatíssimo Padre, os jovens dos nossos oratórios continuam a rezar pela conservação dos dias preciosos de Vossa Santidade e pelo triunfo da Santa Madre Igreja. Todos os dias há um número considerável de comunhões; de manhã e à noite fazemos orações à Bem-aventurada Virgem Imaculada; durante o dia são frequentes as visitas ao Santíssimo Sacramento; tudo isso para invocar a divina misericórdia, a fim de que Deus se digne mitigar os flagelos que há vários anos ocorrem de forma grave e terrível nas nossas localidades, e para que restitua os belos dias de paz para a Igreja e para os povos.

[13] Uns cinquenta bispos tinham sido exilados durante o breve governo de Rattazzi de 1862 (março-dezembro).

Infelizmente, Beatíssimo Padre, ainda devemos fazer a grande passagem *per ignem et aquam,* e esta passagem que parecia tão distante agora se tornou bem próxima. Vossa Santidade acolha o elevado pensamento que Deus inspira ao seu coração, proclamando por toda parte a veneração ao Santíssimo Sacramento e a devoção à Bem-aventurada Virgem, que são as duas âncoras de salvação para a pobre humanidade. Muitos fiéis rezam por Vossa Santidade, Beatíssimo Padre, a fim de que – esteja certo disso –, no tempo da provação, a Santa Virgem lhe sirva de apoio e Jesus Sacramentado o livre de todos os perigos.

Tendo tido a grande consolação de poder falar com Vossa Santidade, peço queira ter benigna compreensão pela ousadia a que me deixei levar pelo grande afeto que nós temos aqui pela sua sagrada pessoa.

Por fim, queira acrescentar ainda um traço de sua especial bondade, concedendo a sua santa bênção apostólica ao numeroso grupo de sacerdotes, clérigos, leigos e jovens que se unem a mim para pedi-la humildemente, enquanto em nome de todos tenho a maior consolação de poder prostrar-me aos pés de Vossa Santidade

Pobre mais afeiçoadíssimo filho

Sac. João Bosco

60. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) II, pp. 69-70.

Turim, 25 de agosto de 1864

Beatíssimo Padre,

O teólogo advogado Emiliano Manacorda, zeloso colaborador dos nossos oratórios[14], vai a Roma para continuar a se dedicar ao sagrado ministério, como fez até agora. A divina Providência o dotou de meios econômicos, e ele não tem outro objetivo que não seja o de empregar sua vida e seus bens no que Vossa Beatitude considerar ser para a maior glória de Deus.

[14] Emiliano Manacorda (1833-1909), sacerdote de Asti, trabalhando na cúria romana, era muito íntimo de Dom Bosco, que apoiou sua candidatura para a sede episcopal de Fossano: cf. E(m) III, pp. 382-383.

Sirvo-me deste benfeitor dos nossos jovens para exprimir a Vossa Santidade alguns sentimentos de gratidão, Beatíssimo Padre. Agradeço-lhe quanto sei e posso pela bondade com que se dignou acolher o projeto da Sociedade de São Francisco de Sales. Já recebi um decreto de aprovação da Sociedade de modo geral, com algumas observações a respeito das Constituições. Procurarei atender a tudo o que me foi pedido; depois as reenviarei a Vossa Beatitude a fim de que se digne completar a obra que começou sob os seus santos auspícios. Parece mesmo que Deus está sendo generoso em bênçãos. Já mais de cem membros fazem parte desta Sociedade; quatro casas e cinco oratórios foram abertos com a presença de jovens de toda idade e condição. Frequentemente seu número passa de três mil.

A nossa situação em questão de religião parece que chegou ao ponto final; entre nós, todos os dias aparecem sinais sensíveis da mão do Senhor. *Est Deus in Israel.* Nas antigas províncias da Sardenha continua um perfeito acordo entre bispos e o clero de todas as condições. Verdade é que a imprensa religiosa muitas vezes é ameaçada, multada, punida; os ministros sagrados são enganados com belas palavras, perseguidos e às vezes encarcerados; apesar disso, nada se teme e em todos só há um olhar voltado para Roma, para o vigário de Jesus Cristo.

Coragem, Beatíssimo Padre, o tempo está próximo; as consolações estão sendo preparadas, Deus está com Vossa Santidade. Nós aqui, de manhã e de noite, pedimos a Deus e à Santa Virgem pela conservação *ad multos annos* da sagrada pessoa de Vossa Beatitude, a fim de que possa ver com seus próprios olhos o triunfo da religião e a glória da Santa Igreja.

Perdoe-me esta liberdade, Beatíssimo Padre, eu sou o pobre e último dos seus filhos, mas Vossa Santidade é nosso pai e saberá compadecer-se benignamente. Muitos sacerdotes párocos, vigários, cônegos, clérigos e vários milhares de jovens se unem a mim para oferecer a Vossa Beatitude os seus bens, o seu coração, a sua vida. Dê-nos o tão desejado conforto da sua santa bênção apostólica.

Com grande estima, com a mais sentida gratidão, com a mais terna devoção, prostro-me aos pés de Vossa Beatitude, enquanto embora indigno ouso professar-me,

De Vossa Beatitude, pobre e obrigadíssimo filho,

Sac. João Bosco

61. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) II, pp. 128-130.

Turim, 30 de abril de 1865

Beatíssimo Padre,

Para mim é sempre uma grande consolação, Beatíssimo Padre, todas as vezes que, também em nome dos meus companheiros e colegas, posso falar ao mais querido, ao mais amado dos pais. O portador desta carta é o marquês Fassati, que vai a Roma unicamente por espírito de devoção. Ele é insigne benfeitor desta casa e, se a igreja de Maria Auxiliadora já está com as paredes levantadas, em grande parte se deve à benemérita família Fassati.

Esta igreja, Beatíssimo Padre, está subindo com grande rapidez; encontrando-me em apuros pela falta de dinheiro, decidi usar o meio que Vossa Beatitude se dignou sugerir-me mediante um nosso benfeitor, isto é, a rifa. Em relação a isto, suplico a Vossa Beatitude dois favores: conceder a sua santa bênção a quem se dedica a este tão desejado edifício sagrado e enviar-nos algum brinde para ser posto no início do catálogo dos objetos a rifar.

Nos dias passados mergulhamos em gravíssima consternação por causa da lei do matrimônio civil, e isto era tanto mais sensível por se atribuir a causa a dom Di Giácomo[15]. Quem sabe, na questão em debate a respeito dos bispos, seja possível obter alguma modificação?

Quinta-feira (27 de abril) foi abençoada pelo bispo de Susa a pedra fundamental da igreja de *Maria Auxilium Christianorum* e ocorreu uma bela e gloriosa coincidência. Das duas às três da tarde fez-se a sagrada celebração, da qual participaram mais de mil pessoas pertencentes às primeiras famílias desta cidade. Ora, enquanto todos ajoelhados rezavam à grande Mãe de Deus a fim de que anulasse os assaltos dos inimigos das congregações religiosas e dos bens eclesiásticos, na mesma hora nasceu um desacordo na câmara dos deputados, a sessão é suspensa, depois é retirada a infausta lei, que de manhã parecia que seria aprovada sem nenhuma oposição[16].

[15] Januário Di Giacomo (1796-1878), bispo de Alife (Caserta); amigo do rei Vitório Emanuel II, foi por ele nomeado senador do reino em 1863; nos dias anteriores, no senado, ele tinha participado do debate sobre o matrimônio civil.

[16] No dia 27 de abril, o guarda-selos José Vacca tinha solicitado a suspensão da discussão do seu projeto de lei para a liquidação dos bens eclesiásticos; no dia 28 de abril, um decreto real ordenou a retirada do projeto.

Beatíssimo Padre, nós continuamos de manhã e de tarde a fazer orações especiais em comum para que Deus o ajude a consertar da melhor maneira possível o grave desastre que cada dia se torna mais calamitoso, caso ainda haja alguma dilação. Refiro-me ao retorno e à nomeação dos bispos[17]. Todos estão em grande agitação, pensando no que o papa fará; mas todos logo se confortam, dizendo: seja qual for a solução, se ela foi tratada pelo papa, será sempre coisa bem feita e todos os fiéis aprovarão.

No mês de março enviei à Congregação dos Bispos e dos Regulares as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales, adaptadas às observações que me tinham sido feitas. Recomendo tudo às tantas vezes provada bondade paterna de Vossa Santidade. O número dos sócios ultrapassa os cem. As casas abertas até agora são sete; as Regras e a disciplina são observadas, tanto quanto humanamente se pode desejar.

Coragem, santo padre, nós redobramos as nossas orações a fim de que chegue quanto antes o dia em que Vossa Santidade possa cantar pessoalmente o *Te-Deum* que assinalará a paz da Igreja e a glória do pontificado de Pio IX. Parece-me estar muito próximo esse dia, mas antes desta paz deveremos ainda enfrentar sérias batalhas.

Deus abençoe Vossa Santidade, e a Santa Virgem o conserve *ad multos annos* para o bem da Igreja. Digne-se conceder a sua santa e apostólica bênção a mim e a todos os meus pobres jovens, com os quais humildemente me prostro, considerando ser sempre o momento mais belo da minha vida quando posso ter a alta honra de professar-me,

De Vossa Beatitude, obrigadíssimo e afeiçoadíssimo filho,

Sac. João Bosco

[17] Estavam em curso tratativas entre o cardeal Antonelli e o enviado do governo, Xavier Vegezzi, para solucionar as dificuldades em relação à nomeação dos bispos de muitas sedes vacantes da Itália. Dom Bosco talvez participou desta retomada das tratativas: nota 20.

62. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) I, pp. 201-202.

Turim, 25 de janeiro de 1866

Beatíssimo Padre,

A marquesa Amat de Villaríos, nossa insigne benfeitora, vai a Roma, e eu tomo a liberdade de servir-me desta fervorosa católica para exprimir a Vossa Santidade alguns pensamentos da minha parte, da parte dos jovens e de muitos colegas no sagrado ministério.

A Obra dos Oratórios continua sem nenhuma perturbação; no curso do ano passado abrimos um novo, e se Deus permitir, abriremos mais um no próximo verão.

Os jovens recolhidos em três casas separadas são mil e duzentos, dos quais cerca de cem, todos os anos vestem a batina e em geral vão para os seminários das próprias dioceses. Os que tiverem o nosso espírito ficam para fazer parte da Sociedade de São Francisco de Sales, que no presente conta com cento e dez religiosos.

De manhã e de noite continuamos a fazer em comum orações especiais pelas atuais necessidades da Santa Igreja, especialmente pela conservação dos dias preciosos de Vossa Santidade.

De modo geral, neste ano teme-se uma grande prova. Será uma pestilência? Uma guerra? Uma carestia? Seja como aprouver a Deus, contanto que não nos seja tirada a vinha evangélica e confiada a cultivadores melhores.

Um verdadeiro desastre entre nós foi a questão do estado civil, que teve início no primeiro dia deste ano[18]. Além das consequências imorais que se seguirão, produz mal-estar entre os bons fiéis e sementes de discórdia entre a autoridade civil e eclesiástica. O que grandemente nos conforta em meio a todo este mal é a estreita concórdia que há entre os fiéis e o clero, do clero com o bispo, dos bispos com a voz do supremo hierarca da Igreja.

Quanto ao mais, entre nós, se escreve, se prega e se faz catecismo com muito bom êxito. Há muitas confissões e o sacramento da comunhão é muito frequentado. Por sinal, o objeto da nossa fé e das práticas de piedade pode-se

[18] A referência é aos novos códigos que entraram em vigor no reino da Itália no início do ano, nos quais se contemplava também a legislação matrimonial, a que se refere a carta anterior.

dizer que é Jesus no Sacramento da Eucaristia e a devoção a Maria Santíssima Imaculada. A propósito da devoção à grande Mãe de Deus, Vossa Santidade sabe que a igreja de Maria Auxiliadora, recomendada e aprovada por Vossa Santidade, já está bem adiantada. As paredes estão terminadas, o telhado coberto; agora esperamos que a divina Providência nos ajude a terminar a sua obra. Não é a igreja mais rica desta cidade, mas todos dizem que é a mais majestosa e talvez também a mais adequada para alimentar a piedade dos fiéis.

As *Leituras Católicas* continuam e os associados ultrapassam os doze mil, e parece que são lidas com gosto. Este ano é o décimo quarto desde que foram iniciadas e que se publicam. Pedimos sua santa bênção a fim de que possamos continuar.

A Sociedade de São Francisco de Sales progride com satisfação. A disciplina e o zelo são observados, e não permitimos que nada fique a desejar.

Aliás, a expectativa de todos os seus membros está voltada para a Santa Sé, suspirando pela definitiva aprovação das Constituições, quando e da maneira que Vossa Santidade julgar ser para a maior glória de Deus e o bem das almas.

Todos os meus colegas párocos e simples sacerdotes, os membros da Sociedade de São Francisco de Sales, todos os nossos jovens internos ou que frequentam os oratórios festivos, prostrados aos pés de Vossa Santidade, dispostos a dar saúde, bens e vida por aquela religião da qual Vossa Santidade é o chefe, invocam sua santa e apostólica bênção.

E eu, o mais afortunado de todos, tenho a alta honra de poder professar-me, em nome de todos, com a mais sentida gratidão e a mais profunda veneração

De Vossa Santidade obrigadíssimo humílimo e afeiçoadíssimo filho

Sacerdote João Bosco

63. Mensagem onírica reservada ao papa Pio IX

Edição crítica em Cecilia ROMERO, *I sogni di don Bosco*. Leumann (Turim), Elle Di Ci 1978, pp. 29-32.

24 de maio - 24 de junho de 1873

Era uma noite escura, os homens não podiam mais enxergar o caminho para voltar para a própria terra, quando apareceu no céu uma luz fortíssima que iluminava os passos dos caminhantes como se fosse meio-dia. Naquele momento viu-se uma multidão de homens, mulheres, velhos, crianças, monges, monjas e sacerdotes, tendo à frente o pontífice, saindo do Vaticano e perfilando-se em procissão.

De repente, porém, um tremendo temporal, amortecendo um pouco aquela luz, parecia dar início a uma batalha entre a luz e as trevas. Entretanto, chegou-se a uma pequena praça coberta de mortos e feridos, dos quais vários pediam ajuda em alta voz. As filas da procissão se distanciaram muito. Após ter caminhado por um espaço de aproximadamente duzentas vezes o amanhecer do sol, todos se deram conta de que não estavam mais em Roma. A aflição invadiu o ânimo de todos e os que ali estavam se agruparam em torno do pontífice para defender sua pessoa e assisti-lo em suas necessidades.

Naquele momento apareceram dois anjos que carregavam um estandarte e foram apresentá-lo ao pontífice dizendo: *Recebe o estandarte d'aquela que combate e dispersa os mais fortes exércitos da terra. Os teus inimigos desapareceram, os teus filhos, com lágrimas e suspiros, suplicam o teu retorno.*

Olhando para o estandarte, de um lado via-se escrito: *Regina sine labe concepta*; e do outro: *Auxilium Christianorum*.

O pontífice pegou o estandarte com alegria, mas olhando para o pequeno grupo daqueles que lhe estavam ao redor, ficou muito aflito.

Os dois anjos acrescentaram: *Vai logo confortar os teus filhos. Escreve aos teus irmãos, dispersos pelas várias partes do mundo, que é necessária uma reforma nos costumes dos homens. Isto não pode ser obtido a não ser repartindo para os povos o pão da palavra divina. Catequizai as crianças, pregai o desapego das coisas da terra. Chegou o tempo,* concluíram os anjos, *em que os pobres serão os evangelizadores dos povos. Os levitas serão procurados entre a enxada, a pá e o martelo, a fim de que se realizem as palavras de Davi: Deus levantou o pobre da terra para colocá-lo no trono dos príncipes do teu povo.*

Ouvindo isto, o pontífice se moveu e as filas da procissão começaram a engrossar novamente. E quando colocou os pés na cidade santa, começou a chorar por causa da desolação em que se encontravam os cidadãos, muitos dos quais não existiam mais, e tendo entrado em São Pedro, entoou o *Te-Deum,* ao qual um coro de anjos respondeu: *Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis.*

Terminado o canto, acabou toda escuridão e brilhou intensamente o sol; as cidades, as vilas, os campos tinham diminuído muito de população, a terra estava como se tivesse sido arrasada por um ciclone, pela chuva e pelo granizo, e as pessoas corriam umas ao encontro das outras, comovidas, dizendo: *Est Deus in Israel.*

Do início do exílio até o canto do *Te-Deum,* o sol se levantou duzentas vezes. O total do tempo que passou enquanto ocorriam todas aquelas situações corresponde a quatrocentas vezes o levantar do sol.

A pessoa que comunicou estas notícias é a mesma que predisse os acontecimentos da França um ano antes e que se verificaram ao pé da letra.

Em muitos lugares era possível ler as predições que se verificaram dia por dia, como se tivessem sido escritas num jornal depois de acontecidas.

Segundo a mesma pessoa, a França, a Espanha, a Áustria e uma potência da Alemanha seriam escolhidas pela divina Providência para impedir o desmantelamento social e dariam paz à Igreja, há tanto tempo e de tantas formas combatida. Os acontecimentos começariam na primavera de 1874 e se encerrariam no espaço de um ano e alguns meses, contanto que novas iniquidades não venham opor-se à vontade divina.

II. INDICAÇÕES À SANTA SÉ PARA A ESCOLHA DE NOVOS BISPOS PARA AS SEDES VACANTES (1867-1877)

Um dos contrastes mais árduos a resolver nas relações entre a Santa Sé e o novo reino da Itália era o das dezenas de sedes episcopais vacantes por razões políticas. Ambas as partes em causa estavam conscientes da gravidade dessa situação, mas as tentativas de resolvê-las nos inícios da década de 1860 tinham naufragado miseravelmente por causa do fortíssimo atrito provocado pela proclamação do reino que açambarcou os territórios subtraídos ao Estado Pontifício (1861). Somente nos anos 1865-1867 encaminhou-se um processo de distensão, pelo qual, superadas as recíprocas resistências, a Santa Sé conseguiu nomear, de acordo com as autoridades do reino, muitos bispos.

Dom Bosco, envolvido nessas complexas tratativas diplomáticas na qualidade de encarregado oficioso da Santa Sé, a fim de estabelecer contatos, fazer pressões, referir, tentar uma mediação, tinha feito a sua parte em favor de dezenas de sedes episcopais vacantes no Piemonte[19]*. Em 1865 interveio para encaminhar a que seria chamada a* missão Vegezzi, *que se encerrou sem resultados; em 1866-1867 fora contatado pelo mediador Tonello, por convite do presidente do Conselho Ricasoli, e ao longo desses contatos tinha proposto candidatos aceitos por ambas as partes.*

Nos anos seguintes continuou a comunicar ao cardeal secretário de Estado o agrado popular e das autoridades civis pelas nomeações feitas, a exprimir as suas opiniões, esperanças e perplexidades a respeito de alguns deles, a sugerir nomes de candidatos conhecidos por ele que se distinguiam por piedade, doutrina, prudência e sintonia com a Santa Sé.

Como é óbvio, a de Dom Bosco era uma voz, aliás bem aceita por ambas as partes, mas havia muitas outras vozes que se levantavam ao mesmo tempo para se posicionar a favor ou contra a política de entendimento; havia muitos elementos positivos e negativos que entravam no jogo para fazer avançar ou retroceder as tratativas em curso; havia muitas outras personalidades que expressavam pareceres diferentes a respeito das novas nomeações pontifícias e da transferência de alguns prelados. É lógico, portanto, que vários candidatos sugeridos por Dom Bosco tenham sido de fato nomeados bispos, ao passo que outros não.

A este respeito, publicamos a seguir seis cartas: cinco enviadas ao cardeal secretário de Estado Tiago Antonelli, e uma muito posterior (1877) ao sucessor, cardeal João Simeoni. Dom Bosco, em seguida, se interessará pelas nomeações episcopais na Argentina, inclusive a do missionário salesiano padre João Cagliero.

[19] A história completa do caso é apresentada em Francesco Motto, *L'azione mediatrice di don Bosco nella questione delle sedi vescovili vacanti in Italia*. (= Piccola Biblioteca dell'ISS, 8). Roma, LAS 1988.

64. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) I, pp. 349-350.

Turim, 5 de abril de 1867

Eminência reverendíssima,

Sirvo-me de pessoas particulares para escrever com certa liberdade, o que não quereria fazer pelo correio. Quanto à deputação de Fossano, ouvirá tudo dos cônegos Viara e Rossi, ótimos eclesiásticos que foram enviados a fim de promover a nomeação do seu bispo.

Dos que foram nomeados para a nossa região, Gastaldi para Saluzzo, Galletti para Alba, Savio para Asti, a satisfação é universal e todos esperam bom desempenho, mesmo os que se mostram contrários à autoridade eclesiástica. O mesmo se espera de Colli para Alessandria*, Calabiana para Milão, Ferrè para Casale.

Algo muito digno de ser levado em consideração é a situação de mon-senhor Balma. Este digno prelado goza merecidamente da fama de santo. Seu comportamento público e privado mostra ser de fato assim; há vinte anos trabalha para as dioceses vacantes, não poupando fadigas de viagens e de ministério. Mas agora, o fato de não ser de modo nenhum nomeado, está causando uma má impressão em todos e se fazem mil conjeturas. Tanto mais que ele passa por verdadeiras necessidades e vive de esmolas de pessoas benévolas que lhe passam caridosos subsídios.

Leve isto em consideração e veja o que pode fazer por uma pessoa publicamente conhecida como pia, douta, prudente e zelosa.

Entre as pessoas que aqui gozam de fama de virtude e que seriam bem acolhidas por qualquer autoridade estão: Salvay, vigário-geral de Alba; Garga, vigário-geral de Novara; Bottino, cônego cura da catedral de Turim; Nasi, cônego da mesma; mas de modo especial merece consideração o teólogo Marengo, que é professor de teologia no seminário de Turim, trabalha muito no sagrado ministério com a pena e com a palavra. Essas pessoas são perfeitamente afeiçoadas à Santa Sé.

Talvez o senhor veja nisto confiança demais no escrever, mas, como teve a bondade de me acolher como pai, e eu me sinto levado a falar com a palavra e o coração como filho, queira compadecer-se de mim.

* Alessandria (pronuncia-se "Alessândria"), cidade italiana do Piemonte, a não confundir com Alexandria, no Egito.

Renovo-lhe o pedido de oração pela nossa pobre Congregação de São Francisco de Sales; nós continuamos a rezar para que se conserve sempre sua preciosa saúde. Deus nos ouça.

Com grande estima e com a mais sentida gratidão, considero ser uma grande honra para mim professar-me,

De sua eminência reverendíssima, humílimo, obrigadíssimo servidor,

Sac. João Bosco

65. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) III, pp. 369-371.

[Roma, 12 de setembro de 1871]

[Eminência reverendíssima],

Ponderadas bem as coisas diante de Deus, depois de fazer orações especiais, parece-me que posso propor como modelos de vida pastoral:

1° João Batista Bottino, teólogo, cônego, cura da catedral, pregador famoso.

2° Celestino Fissore, cônego, *idem*. Há muitos anos, vigário-geral da diocese de Turim, doutor agregado, célebre canonista.

3° Jorge Oreglia, cônego preboste, vigário-geral capitular da diocese de Fossano.

Os quatro estão bem economicamente.

O cônego Luís Nasi, homem de grandíssimos méritos, mas de saúde bastante precária.

O cônego Gazzella e o cônego Morozzo seriam de se admitir, pois agradam ao soberano, mas no caso atual, seria menos oportuno escolhê-los do que os cônegos Celestino Fissore, João Batista Batta, Jorge Oreglia.

Menos oportuno seria o preboste Gasti, vigário forâneo de Castel Ceriolo; mas é muito desejado pelo rei, a quem é grandemente afeiçoado, embora seguro na sã doutrina.

Monsenhor André Scotton, cônego de Bassano, Vêneto, pregou neste ano com grande sucesso na catedral de Turim. Mostrou-se piedoso e muito douto. Pelas muitas obras e relações parece digno de consideração. É pessoa que está bem economicamente, de muita saúde e coragem.

Por muitos é recomendado o cônego Siboni, vigário-geral capitular de Albenga.

Dom Gastaldi, bispo de Saluzzo, é visto pelos bons como candidato para Turim, dada sua ciência e piedade. Sendo doutor agregado em teologia, pode contribuir bastante em moderar os estudos da universidade de Turim, da qual ele faria parte.

[Sac. João Bosco]

66. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) III, pp. 418-419.

[Turim, 4 de abril de 1872]

[Eminência reverendíssima],

Entre os eclesiásticos com fama de zelosos, pios, doutos, prudentes, afeiçoados à Santa Sé e que trabalham muito no sagrado ministério, que poderiam ser postos entre os candidatos a dioceses vacantes, por exemplo, as de Aosta e de Bobbio, parece poder-se indicar:

– O cônego Duc, atual vigário-geral capitular da catedral de Aosta.

– O preboste Silvestre Tea, reitor da paróquia principal da cidade de Ivrea, sob o título de São Salvador: de muita doutrina.

– O cônego Salvaj, há muitos anos vigário-geral de Alba.

[Sac. João Bosco]

67. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 53-54.

[Turim], 17 de fevereiro de 1873

Eminência reverendíssima,

Deus chamou a si o bispo de Biella e alguém me diz que também o de Tortona.

Não pretendo fazer propostas, mas somente acenar. Segundo a voz pública, bispos adequados para as necessidades de hoje seriam:

1° O cônego Jorge Giorgio Origlia, cônego, preboste, vigário-geral de Fossano.

2° O barão Luís Nasi, cônego da catedral de Turim, de família muito nobre, mas católico firme.

3° O teólogo Silvestre Tea, reitor e pároco da cidade de Ivrea.

São todos pios, doutos, prudentes e trabalham com sucesso no sagrado ministério.

Espero poder saudá-lo pessoalmente dentro de poucos dias; entretanto, tenho a honra de professar-me,

De vossa eminência reverendíssima, obrigadíssimo servidor,

Sac. João Bosco

68. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 118-119.

[Turim], 10 de junho de 1873

Eminência reverendíssima,

Deus chamou a si o zeloso pastor, coluna da Igreja subalpina, o bispo de Mondovì, dom Ghilardi.

Parece que um bom sucessor poderia ser a pessoa do cônego Estanislau Eula, cura arcipreste da catedral daquela cidade. Por todos conhecido como pio, douto, prudente, é muito erudito na ciência canônica e teológica. Prega muito, é afeiçoadíssimo à Santa Sé.

Somente aceno. O senhor faça o que Deus lhe inspirar.

Eu me sinto sempre contente de poder dar-lhe um sinal de profunda veneração e de garantir-lhe que rezamos pelo senhor, enquanto me professo,

De vossa eminência reverendíssima, obrigadíssimo servidor,

Sac. João Bosco

69. Ao secretário de Estado, cardeal João Simeoni

Edição crítica em E(m) IV, pp. 396-397.

Turim, 27 de junho de 1877

Eminência reverendíssima,

Faleceu o bispo de Albenga, dom Siboni, e eu ouso recordar a sua eminência os mesmos que, com o conselho do arcebispo de Gênova, indiquei ao eminentíssimo cardeal Antonelli.

Talvez o vigário Della Valle, conhecendo muito bem a diocese, poderia fazer melhor; mas eu passo tudo às mãos de vossa eminência, pedindo a Deus que o ilumine na escolha de um pastor que corresponda às necessidades.

Digne-se aceitar o pobre tributo das nossas orações comuns, enquanto tenho a alta honra de professar-me,

De vossa eminência reverendíssima, humilde servidor,

Sac. João Bosco

O padre Antônio Campanella, doutor, professor de eloquência, preboste cura do Carmo, Gênova. O abade mitrado de Nossa Senhora dos Remédios, Gênova. Padre André Scotton, célebre pregador, prelado de Sua Santidade, insigne escritor, muito amado e conhecido na diocese de Albenga, embora more ordinariamente em Bassano, Vêneto.

III. INTERVENÇÕES PARA A SOLUÇÃO DA QUESTÃO DO PATRIMÔNIO EPISCOPAL (1872-1874)

A lei das garantias de 13 de maio de 1871 e os decretos para sua aplicação exigiam que os bispos de recente nomeação, para ter o direito de entrar na posse do patrimônio diocesano –, as assim chamadas "temporalidades" – deviam apresentar ao ministério do governo o original da bula de nomeação e pedir formalmente a concessão do* exsequatur. *Esse ato, segundo o juízo da Santa Sé, implicava o reconhecimento do reino da Itália surgido em 1861, compreendendo parte do Estado Pontifício, subtraído "ilegitimamente" ao pontífice.*

Ora, não estando a Santa Sé disposta ao reconhecimento, mesmo indireto, do novo reino, e não querendo o governo renunciar à própria posição, os bispos se encontraram entre a bigorna e o martelo, entre a irredutibilidade vaticana e a intransigência ministerial. Por isso, deviam contentar-se com o subsídio papal, e os que tinham dado passos não autorizados pela Santa Sé (Montecassino, Saluzzo) foram repreendidos e punidos. Tentaram-se várias formas de compromisso, resolveu-se positivamente algum caso, mas a situação permanecia bloqueada.

Dom Bosco, em 1872, baseando-se em alguns entendimentos orais com os ministros dos anos anteriores, por iniciativa pessoal, interveio novamente em duas direções, mas não encontrou ouvidos na sede vaticana. No biênio seguinte, o Vaticano pareceu renunciar à sua absoluta intransigência, aceitando a hipótese de outro compromisso, o da apresentação ao governo por parte de qualquer autoridade, mesmo de um notário, de uma cópia das bulas de nomeação, elaborada com base nas bulas expostas nas sacristias. Dom Bosco tinha-se mantido em estreito contato com as duas partes em causa, apesar dos ataques de algum zeloso expoente vaticano.

Quando, na metade de janeiro de 1874, parecia que a questão caminhava para a solução pela recíproca aceitação da citada fórmula, tudo estancou definitivamente por causa da oposição do governo, devida talvez também a pressões internacionais. O traço de união constituído por Dom Bosco, que não tinha poupado viagens, colóquios e cartas com vários expoentes políticos e vaticanos, não conseguira fazer "conciliar o inconciliável"[20].

[20] Cf. Francesco Motto, *La mediazione di don Bosco fra Santa Sede e governo per la concessione degli "exequatur" ai vescovi d'Italia (1872-1874)*. (= Piccola Biblioteca dell'ISS, 7). Roma, LAS 1987.

* Essa questão na Itália ficou conhecida como a questão das "temporalidades", isto é, dos "bens temporais" das dioceses, que aqui traduzimos sempre por "patrimônio".

Na fase resolutiva do desentendimento, a da lenta cedência, conforme a discrição da Santa Sé no biênio sucessivo (1875-1876), parece que Dom Bosco não participou mais da questão.

Em relação à questão do patrimônio episcopal, publicamos aqui a correspondência de Dom Bosco com os ministros João Lanza (n. 70, 72), Marcos Minghetti (n. 73), Paulo Honorato Vigliani (n. 76), com o papa Pio IX (n. 71) e com o cardeal Antonelli (nn. 74-77).

70. Ao presidente do Conselho de ministros e ministro do Interior, João Lanza

Edição crítica em E(m) III, pp. 397-398.

Varazze, 11 de fevereiro de 1872

Excelência,

Já antes de agora eu deveria ter oferecido esclarecimentos quanto ao patrimônio dos bispos preconizados ultimamente, mas uma doença até o momento me impediu. Agora lhe peço queira tolerar-me por um momento nesta carta.

Quando me coube a honra de falar com vossa excelência no dia nove de setembro passado, tive a impressão de que o governo estava de pleno acordo em deixar ao papa a plena liberdade para a escolha dos bispos, e que não teria oposto nenhuma dificuldade para a questão da posse do *patrimônio episcopal.*

Comuniquei esta impressão ao santo padre, e quando da parte dele, dois dias depois, exprimi os agradecimentos com outros pensamentos de Sua Santidade, vossa excelência teve a bondade de confirmar a mesma impressão.

Agora me perguntam, e eu deverei responder, se as coisas foram realmente expressas neste sentido e se alguma razão deu motivo a mudanças.

Se vossa excelência, na sua conhecida bondade, julgar oportuno dizer-me uma palavra, tirar-me-ia de uma situação embaraçosa, e as intenções do governo seriam conhecidas no seu verdadeiro sentido.

Julgo oportuno dizer-lhe que as recentes nomeações de bispos foram de agrado de todos os bons e motivo de satisfação, até mesmo de entusiasmo por parte do povo.

Em todas as partes faziam-se os maiores elogios pela liberdade deixada ao pontífice e aos bispos no exercício do seu ministério. Todavia, quando os bispos se viram obrigados a ir, alguns para os seminários diocesanos, outros para a própria casa, ou para uma pensão, ou para uma casa alugada, não dá para exprimir como mudou o parecer da opinião pública.

Eu estou convencido de que, se vossa excelência tiver oportunidade de ouvir o que sempre mais se comenta todos os dias a este respeito, tomaria alguma medida eficaz para que as dificuldades sejam superadas; e a impressão que se tem é que seria possível resolver a situação sem prejuízo de nenhuma das partes.

Eu escrevo com confiança e lhe garanto que, enquanto me professo sacerdote católico e afeiçoado ao chefe da religião católica, também sempre me mostrei afeiçoado ao governo, para cujos súditos dediquei constantemente os meus poucos bens, as minhas forças e a vida.

Se o senhor julgar que eu posso servir para alguma coisa vantajosa para o governo e para a religião, basta dar-me um pequeno aceno.

Deus conceda todos os bens a vossa excelência e aceite a minha mais profunda gratidão

De vossa excelência obrigadíssimo servidor

J. Bosco

P. S. Depois do dia 13 deste mês estarei em Turim.

71. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) III, pp. 349-350.

[Turim], 8 de abril de 1872

Beatíssimo Padre,

Mediante dom Fissore, arcebispo de Vercelli, posso passar com segurança às mãos de Vossa Santidade o presente escrito.

Com grande consolação posso dizer-lhe, Beatíssimo Padre, que os novos bispos foram acolhidos com os maiores sinais de veneração por toda classe

de cidadãos; mas o que certamente será de conforto para Vossa Santidade é o grande zelo que os novos pastores demonstram e a estima e a submissão que os fiéis lhes manifestam constantemente.

Tomando como referência somente a cidade de Turim, podemos dizer que os princípios de ordem e de religião fizeram um extraordinário progresso.

A questão do *patrimônio episcopal* é o que causa ainda não pequeno problema. Apenas o governo criou dificuldades, logo escrevi ao ministro Lanza, lembrando-lhe a promessa formal feita por ele, pelos seus colegas e pelo próprio soberano, de não criar qualquer obstáculo em relação à questão do *patrimônio*.

Lembrei-lhe como ele, Lanza, me tinha dito repetidamente de comunicar tudo ao santo padre; e que, por isso, não era o caso de vir a faltar à palavra de modo tão formal. Foi-me imediatamente respondido que eu ficasse tranquilo, que eram dificuldades momentâneas, mas que as intenções do governo não tinham absolutamente mudado nessa questão.

Vendo depois que a situação estava sempre no mesmo, escrevi outras cartas para as quais não recebi nenhuma resposta. Sei positivamente que o governo deseja sair dessa confusão, mas sempre responde que não sabe como fazer.

Entretanto, Beatíssimo Padre, eu lhe sou devedor da minha saúde. Os médicos não me davam mais nenhuma esperança de cura. Mas, recebida a sua santa bênção, comecei a melhorar de tal modo que poucos dias depois eu estava curado e podendo ocupar-me dos meus trabalhos normais.

Dom Fissore lhe falará da nossa Congregação, que Deus abençoa e que prospera de forma maravilhosa.

Com meus padres, clérigos e cerca de 6.000 jovens, prostramo-nos aos pés de Vossa Santidade e, como filhos ajoelhados diante do seu pai, imploramos a sua santa bênção.

Em nome de todos me subscrevo

Obrigadíssimo afeiçoadíssimo filho

Sac. João Bosco

72. Ao presidente do Conselho de ministros e ministro do Interior, João Lanza

Edição crítica em E(m) III, pp. 434-435.

[Turim], 21 de maio de 1872

Excelência,

A questão do *patrimônio* dos bispos nomeados ultimamente de alguma maneira deve ser resolvida. Muitos são os comentários que se fazem em desfavor da Igreja, do governo e para utilidade de ninguém.

Algum tempo atrás, eu escrevi a vossa excelência como me parecia não ser tão difícil chegar a uma aproximação e deixar intatos os princípios que o governo, por um lado, e a Santa Sé, por outro, querem conservar.

Embora eu seja totalmente estranho à política e aos assuntos públicos, e também não tenha recebido algum encargo para esta finalidade, todavia, creio que o governo podia sentir-se satisfeito mediante uma nota autêntica da Santa Sé, na qual se declara ao próprio governo que no consistório celebrado em data n. n. foram preconizados bispos para as sedes vacantes...

Caso vossa excelência julgue possível este projeto ou algum outro que lhe parecer mais fácil, e quiser servir-se de mim para comunicá-lo a quem de direito, eu me consideraria feliz por ter prestado algum serviço ao meu governo e proporcionado algum bem à Santa Igreja. Como pessoa particular desconhecida ao mundo político, não darei nenhum motivo aos jornais para falar, nem a favor, nem contra, como pôde notar em casos semelhantes.

Todavia, suplico-lhe queira compreender benignamente a renovação deste incômodo, e creia-me com grande estima e profunda gratidão

De vossa excelência obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

73. Ao presidente do Conselho de ministros, Marcos Minghetti

Edição crítica em E(m) IV, pp. 128-129.

[Turim], 14 de julho de 1873

Excelência,

Embora eu me conserve totalmente estranho aos assuntos políticos, todavia, nunca posso recusar-me a tomar parte no que de alguma maneira pode ser vantajoso para o meu país.

Por isso, no mês de março passado, tendo ido a Roma, procurei apresentar-me ao senhor ministro Lanza para estudar um modo viável a fim de poder facilitar aos bispos a posse do próprio patrimônio[21]. Sua excelência gostou da ideia e quando soube que eu tinha encargo oficioso da Santa Sé em diversos encontros, procurou-se um *modus vivendi*. Ele, então, me mostrou quatro propostas do Conselho de Estado, das quais uma com alguma modificação seria como a que está escrita em folha à parte.

Informados disto, o cardeal Antonelli e o próprio santo padre, houve um acerto com o presidente dos ministros que, terminada a discussão da lei sobre as congregações religiosas, apenas iniciadas as férias da câmara dos senhores deputados, seria definitivamente concretizado o dito projeto sobre as bases que nele estavam estabelecidas.

Persuadido de que o novo ministério tem a mesma boa vontade para solucionar o desentendimento que causa mal-estar em muitos e utilidade a ninguém, renovo minha humilde disposição de servir, caso de alguma maneira eu possa ser útil ao meu governo e à religião. Ao ministério do Interior, num alentado dossiê, informou-se o que se tinha tratado a respeito.

Consideraria verdadeiro favor, se me mandasse uma palavra para me indicar que esta mensagem chegou às mãos de vossa excelência.

Com a mais profunda estima, tenho a honra de professar-me

De vossa excelência, humilde servidor

Sac. João Bosco

[21] Numa carta de 15 de março de 1873, Dom Bosco comunicava ao cardeal Tiago Antonelli que, à noite, teria "a última conferência com aquela pessoa" e no dia seguinte lhe comunicaria o resultado: cf. E(m) IV, pp. 66-67.

[Anexo]

Patrimônio dos bispos

O *modus vivendi* mais de acordo com os princípios da Santa Sé seria o seguinte artigo, com algumas modificações:

1° O Cabido ou a cúria ou outra autoridade competente apresentem uma síntese da bula; declarando que nada foi acrescentado às fórmulas usuais nesse tipo de escritos.

2° O Cabido, a cúria, ou outra autoridade competente envie uma declaração ao procurador do rei ou de outra autoridade governamental que no consistório ocorrido no dia ... o sacerdote ... foi preconizado bispo de ... e que foi emitida a tradicional bula com as formas usuais, ou então simplesmente, *foi emitida a bula usual.*

74. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 137-138.

Turim, 3 de agosto de 1873

Eminência reverendíssima,

No início do mês de julho, o representante do governo de Turim me interpelou em nome do ministério, se vinha de mim a notícia de que a Santa Sé ainda tinha a mesma ideia a respeito do assunto por mim conhecido.

Eu não pude responder com palavras, mas então escrevi uma carta a Minghetti, na qual eu dizia que, se o assunto se referia ao patrimônio dos bispos, era preciso que me dissesse a que *modus vivendi* ele aludia; que se fosse aquele modificado neste inverno com o ministro, do qual eu lhe dei cópia, então acreditava que sim; mas acrescentei que eu não tinha nenhum encargo a respeito do assunto; e que, se se tratasse de fazer o que tinha sido acertado oficiosamente, eu me teria prestado de boa mente e teria falado com quem de direito.

Minghetti, em data de 16 de julho, respondeu com o autógrafo: *Recebi a sua carta no dia 14, e enquanto desejo dar-lhe garantias, dentro de poucos dias responderei a respeito,* etc.

Logo então escrevi a vossa eminência a fim de ter orientações a seguir. Talvez a carta não tenha chegado ou o senhor não tenha compreendido o sentido; eu queria escrever uma mensagem em cifras por meio do monsenhor Tortone[22], que me disse que não era mais possível enviar mensagens desse tipo.

Julgou melhor enviar-lhe aquele breve escrito e agora explico a situação mais detalhadamente.

Nesse momento, eu pediria que me dissesse com palavras vagas:

1° se este assunto é tratado por alguma outra pessoa;

2° se devo abandonar o caso ou continuar com base nas orientações já estabelecidas.

É bom notar, como disse entre nós, que o ministro de Graça e Justiça foi para um balneário, donde estará de volta em torno do dia 4 deste mês; creio que seja este o motivo da demora de Minghetti em responder como tinha prometido.

Perdoe-me pelos novos incômodos, mas ficaria contente se pudesse depositar, mesmo que fosse um só átomo na balança da solução do problema, que cada dia se torna mais espinhoso e urgente.

Aceite os meus votos de que Deus lhe conceda saúde estável, enquanto com a mais profunda gratidão tenho a honra de professar-me

De vossa eminência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

75. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 150-151.

Turim, 25 de agosto de 1873

Eminência reverendíssima,

Recebi a estimada carta de vossa eminência reverendíssima que me autoriza a tratar do conhecido assunto do patrimônio dos bispos sobre as bases estabelecidas no último mês de março.

[22] Caetano Tortone (1844-1891), sacerdote piemontês, "encarregado de negócios" da Santa Sé junto ao governo de Turim após a ruptura das relações diplomáticas de 1850.

Devo observar que a fórmula anexa à sua carta será mais facilmente aceita, mas o *modus vivendi*, como se quer chamar, definitivamente aprovado, seria aquele descrito na página em anexo. Se me diz que eu devo manter-me firme quanto a este, então não haverá mais necessidade de discutir; mas, se devo orientar-me conforme o descrito na sua estimada carta, então tratar-se-ia de uma nova proposta.

De qualquer forma, o ministro Minghetti só me fez saber e depois me escreveu de próprio punho que me responderá quanto antes a propósito do problema.

Se por causa deste assunto eu tiver que ir a Roma, farei de tal modo que eu possa apresentar-me primeiro a vossa eminência, para receber as orientações e normas que forem consideradas mais oportunas.

O portador desta mensagem é o sacerdote Antônio Sala, ecônomo desta casa, que leva também os respeitosos cumprimentos de toda a Congregação Salesiana; a ele pode ser entregue todo tipo de escrito.

Nós continuamos a rezar pela conservação da preciosa saúde de vossa eminência e esperamos que Deus bondoso ouça as nossas preces comuns e particulares, enquanto com a mais profunda gratidão tenho a grande honra de professar-me

De vossa eminência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

76. Ao ministro de Graça e Justiça e dos Cultos, Paulo Honorato Vigliani

Edição crítica em E(m) IV, pp. 166-167.

Turim, 12 de outubro de 1873

Excelência,

A grande confiança de que vossa excelência goza publicamente é que me leva a dizer-lhe algumas palavras sobre um assunto que se refere ao bem da religião e também do Estado. Exponho a situação brevemente.

Em março deste ano eu tive a honra de falar com o ministro Lanza e por encargo oficioso tratei do desentendimento quanto ao patrimônio dos bispos. Ele me apresentou três *modus vivendi* propostos pelo Conselho de Estado. Escolheu-se um que se aproxima da forma desejada por ambas as partes. Feitas algumas modificações, mais de forma do que de substância, foi aceito aquele que na folha à parte está assinalado com a letra A.

As discussões que naquele tempo deviam ocorrer na câmara dos deputados aconselhavam a adiar a execução da proposta até o final da sessão parlamentar.

De repente, porém, a mudança de ministro levou a que tudo encalhasse.

Aproximadamente na metade de julho, eu relatei o assunto a sua excelência Minghetti, que no dia 16 do mesmo mês, bondosamente acusava ter recebido minha carta, acrescentando que quanto antes me daria uma resposta categórica. A gravidade e a quantidade enorme de problemas públicos aos quais ele deve se dedicar certamente o terão levado a atrasar ou talvez a esquecer o assunto da conversa.

Por esse motivo, ousei dirigir-me a vossa excelência, que está à frente do ministério a que precisamente se referem os assuntos em questão. Naquela ocasião, porém, só se falou do *modus vivendi* a se aplicar aos bispos de futura nomeação, ao passo que para os já nomeados fora proposto outro *modus vivendi*, assinalado na folha anexa com a letra B.

Disto então nada se falou, nem houve qualquer tipo de reação, deixando tudo para um tempo mais oportuno.

Enquanto sacerdote, eu amo a religião, mas enquanto cidadão, desejo fazer o que posso para o governo; tomando aqui o partido deste, parece-me que o *modus vivendi* B seja hoje mais do que nunca consentâneo com os pontos de vista governamentais; pois, com ele, o governo:

1° Põe-se em relação direta com a Santa Sé.

2° A Santa Sé responderia oficialmente ao governo.

3° E o governo, ao receber a comunicação dos bispos preconizados, quando fosse o caso, poderia livremente fazer as suas exceções, antes de conceder a posse do patrimônio episcopal.

4° Aliás, admitindo este princípio, parece-me que o governo teria um verdadeiro *exequatur,* dado que poderia ou não conceder entrar na posse do patrimônio e também propor condições quando lhe parecesse conveniente.

Julguei oportuno manifestar estas reflexões práticas para que o assunto seja compreendido facilmente no seu verdadeiro aspecto.

E se no caso da execução prática do que foi dito acima fosse preciso modificar alguma expressão, creio que a Santa Sé estaria disposta a condescen-

der; por exemplo, onde se diz *Pedindo-se ao senhor bispo* etc.; este pedido, se se quiser, poderia ser feito mesmo verbalmente por uma pessoa encarregada, como da mesma forma poderia ser dirigido ao santo padre ou ao seu primeiro secretário.

Como eu sou estranho à política e aos problemas públicos, se vossa excelência julgar conveniente servir-se da minha pobre pessoa para alguma coisa, não haveria nenhum temor quanto a uma publicidade indiscreta.

Dito isso, devo cumprir um grave dever de minha parte, pedindo compreensão pela confiança talvez demasiada com que escrevi; e contente por poder desejar-lhe as bênçãos celestes, com a máxima estima considero ser uma grande honra poder professar-me

De vossa excelência [obrigadíssimo servidor]

[Sac. João Bosco]

77. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) III, pp. 171-172.

Turim, 20 de outubro de 1873

Eminência reverendíssima,

Um senador do reino veio falar comigo do assunto a respeito do qual informo em texto anexo. Aquela conversa não mudou absolutamente em nada os entendimentos havidos, mas me deu oportunidade de escrever outra carta na qual substituí a base estabelecida na carta de vossa eminência pelo outro *modo* que foi ventilado no inverno passado e do qual eu já tinha enviado cópia anteriormente ao mesmo personagem. Se, por acaso, pela carta do senhor Vigliani, vossa eminência julgar conveniente que eu vá a Roma, bastaria dizer-me meia palavra.

Escrevo para mantê-lo a par do andamento das coisas e para garantir-lhe que para mim será sempre um verdadeiro prazer se puder prestar, mesmo que se trate de um pequeno serviço à Santa Sé e a vossa eminência, de quem tenho a elevada honra de professar-me com profunda gratidão

Humilde servidor

Sac. João Bosco

78. Ao secretário de Estado cardeal, Tiago Antonelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 191-192.

Roma, 2 de janeiro de 1874
Via Sistina 104

Eminência reverendíssima,

Esta tarde pude conversar com o senhor Vigliani sobre o conhecido problema. Ele manifestou o desejo de modificar algumas palavras a fim de prevenir eventuais dificuldades que, dizia ele, poderiam surgir no Conselho de Estado. Aceitou o formulário por inteiro e se mostrou contente, e garantiu que o apresentaria ao Conselho dos ministros no qual, diz ele, não encontrará oposição, porque já está tudo acertado com eles neste sentido. O mesmo afirma quanto ao Conselho de Estado.

Observou somente que os conselheiros de Estado, encontrando-se no fim do mandato e dispondo somente de uma reunião por semana, o assunto deverá demorar uns doze dias. Depois ele me informará para que eu, em seguida, transmita o assunto a vossa eminência reverendíssima.

Enquanto isso, ele, Vigliani, quereria definir um formulário para as futuras eleições episcopais.

Eu me limitei a dizer que não acredito que haja dificuldades por parte da Santa Sé para que a fórmula usada para os eleitos, retirando o que se refere ao momento atual, possa ser aplicada aos futuros bispos; mas logo acrescentei que era melhor primeiro resolver um caso antes de começar a tratar de outro.

O mesmo Vigliani expressou algumas suas ideias que procurarei anexar aqui e que transmitirei para informar vossa eminência quanto ao que foi feito para o 2º projeto. Espero apresentar-lhe os detalhes mais tarde pessoalmente.

Deus lhe conceda saúde estável com um ano feliz, e me permita a elevada honra de poder professar-me

De vossa eminência reverendíssima humilde servidor

Sac. João Bosco[23]

[23] Numa carta de Roma ao arcebispo Lourenço Gastaldi (16 de janeiro de 1874) comunicava que "o conhecido problema" estava resolvido, que "o formulário" foi aceito por ambas as partes, e que o arcebispo de Turim seria o primeiro a usar, a não ser que se intrometessem "as patas de satanás": cf. E(m) IV, pp. 203-204.

IV. AS DIFÍCEIS RELAÇÕES COM O ARCEBISPO DE TURIM (1872-1882)

As relações entre Dom Bosco e o bispo Gastaldi ocorreram em dois períodos, um de grande entendimento e colaboração, outro de sérias dificuldades e contrastes. O ponto alto pode ser considerado a transferência de Gastaldi da sede episcopal de Saluzzo à arquiepiscopal de Turim em 1871.

O teólogo, cônego Lourenço Gastaldi, no final dos anos de 1840, apreciava e apoiava a Obra dos Oratórios de Dom Bosco, elogiava-a na imprensa, deixava que sua mãe e sua irmã ajudassem os meninos do Oratório de Valdocco e, sendo rosminiano, ao partir para a Inglaterra em 1853, redigiu o testamento em favor de Dom Bosco. Retornando para a Itália, manteve sua estima por Dom Bosco e sua amizade se intensificou com a colaboração na publicação das Leituras Católicas*, com a pregação aos jovens de Valdocco e aos salesianos, com o ensino teológico a estes últimos, com generosas ofertas para a igreja de Maria Auxiliadora.*

Com tais precedentes, compreende-se como Dom Bosco o indicasse ao cardeal Antonelli como possível bispo e de fato o papa o nomeou em 1867 para a sede de Saluzzo e depois, em 1871, por nova indicação de Dom Bosco, como arcebispo de Turim.

Nesse momento, a "convivência" entre as duas fortes personalidades tornou-se difícil, a estima recíproca das pessoas e das obras diminuiu, as relações se tornaram sempre mais tensas e desembocaram em aberto contraste, agudizado pela imprensa laica hostil, mas também por escritos de recíprocos defensores religiosos, todos com as suas boas razões.

Os motivos de dissenso ou de áspero conflito foram diversos: concepções eclesiológicas diversas, modo diferente de entender a formação para a vida sacerdotal e religiosa, desacordo quanto ao modo de ser instituto religioso da Sociedade Salesiana e a sua configuração jurídica, distintos pontos de vista a respeito dos privilégios obtidos pelo superior da Sociedade, direitos reais ou pretendidos por parte de ambos, reclamações justificadas ou simples suscetibilidades, envolvimento voluntário ou menos em situações de conflito no qual não tinham nenhuma responsabilidade direta, repercussão sobre eles de polêmicas de outros e de vicissitudes em si insignificantes, mas que geraram penosos mal-entendidos e recíproca desconfiança.

Para além das funções que exerciam e dos símbolos que representavam, é preciso levar em conta que eram pessoas de índole e sensibilidade diversa, com desejos, paixões e sonhos diferentes; ambos, porém, irredutíveis combatentes, igualmente inclinados ao comando mais do que à submissão, atentos aos resultados das

próprias ações mais do que aos fáceis consensos, nem sempre dispostos a se encontrarem, a esclarecer, a conciliar, talvez por recíprocas desilusões, esperanças frustradas, reais pré-compreensões.

Às acusações de insubordinação à legítima autoridade de uma parte, respondia a de perseguição da outra, com a consequência de que todas as tentativas de mediação, tanto locais quanto da Santa Sé, falharam. À diatribe que se apresenta como o clássico desencontro entre autoridade e carisma, ainda mais numa época dominada pelo ultramontanismo, só pôs fim à "concórdia" ordenada pela Santa Sé em 1882.

De todo este doloroso desentendimento publicamos onze textos, quase todos eles cartas de Dom Bosco ao arcebispo. Nelas lhe comunica a satisfação das autoridades civis pela nomeação para arcebispo de Turim (n. 79); esclarece o sentido da aprovação pontifícia das Constituições Salesianas e a praxe formativa dos salesianos (n. 80); discorda das decisões do arcebispo quanto às ordenações dos sacerdotes salesianos, especialmente levando em consideração as numerosas vocações diocesanas que saíram de Valdocco e as próprias intervenções pessoais em favor da nomeação episcopal de Gastaldi para Saluzzo e para Turim (n. 81); mostra-se desgostoso pelos sofrimentos do arcebispo, pelos quais não se sente responsável (n. 82); defende seu agir quanto aos cursos de exercícios espirituais, fazendo votos que fossem deixadas de lado as solicitudes pelo "ótimo", a fim de combater o mal e promover o bem (n. 84); expõe algumas reflexões e esclarece alguns fatos, pedindo eventualmente as razões de uma intervenção recusada (n. 85).

Estarrecido pelo fato de num colóquio pessoal não ter podido falar para se desculpar ou retificar o que lhe estava sendo imputado – depois de tudo o que ele tinha feito pelas duas nomeações episcopais –, declara que nada mais tinha a acrescentar e só pedia desculpas pelos desprazeres que lhe tinha causado (n. 86); em seguida pede para que lhe renove a faculdade de confessar, já vencida, a fim de evitar escândalos (n. 87). Segue uma carta de resposta a respeito de uma controvérsia sobre as indulgências levada a Roma (n. 88), antes de uma ampla relação impressa no final de 1881 (n. 89), que constitui um simples exemplo das queixas circunstanciadas de Dom Bosco quanto a alguns comportamentos de dom Gastaldi em relação a ele, a respeito das quais já para o biênio de início do episcopado turinense (1872-1874) tinha traçado uma minuciosa exposição ao prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares, Salvador Nobili Vitelleschi (n. 83).

Concluímos a resenha documentária com a carta de aceitação formal da "Concórdia"(90)[24]*, que, na realidade, foi um armistício entre beligerantes, não*

[24] Na carta ao cardeal Lourenço Nina, em 17 de junho de 1884, Dom Bosco comunicava que "o projeto do senhor advogado Colomiatti apresentado ao santo padre" continha algumas dificuldades para a

uma paz: uma verdadeira pacificação dos ânimos não houve. Continuavam desconfianças ou profundas feridas que não tinham como se fechar por obra de um ato que substancialmente tinha caráter de cartório. A verdadeira "concórdia" só acontecerá com a morte improvisa do arcebispo em 25 de março de 1883 e com a concessão dos privilégios aos salesianos em 28 de junho de 1884, depois de um longo decênio de espera.

Boa parte da correspondência de Dom Bosco e da documentação relativa ao desentendimento com dom Gastaldi aqui editada – assim como a ainda mais abundante de ambos os personagens existente nos arquivos e parcialmente publicada – é de cunho um tanto polêmico, de modo que sua credibilidade resulta problemática e a sua interpretação não é tão simples. Remete-se, portanto, ainda uma vez, às biografias críticas dos dois personagens[25] *e a estudos apropriados*[26].

79. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) III, pp. 383-384.

[Passerano (Asti), início de novembro 1871]

Reverendíssimo e caríssimo senhor bispo,

Passei dois dias aqui em Passerano, na casa Radicati[27], onde falei longamente com o vice do representante do governo em Turim, que também está aqui, o senhor cavalheiro advogado Bonino. Ele me falou muito bem da carta escrita pelo senhor e da resposta dada pelo representante do governo; em seguida, manifestou um vivo desejo de que o senhor, entrando na nova diocese, fizesse uma *entrada* solene.

Falta ver a disposição das autoridades civis, eu respondi.

Não tenha dúvidas, acrescentei, que em nada deixarão a desejar. Havendo possibilidade de falar entre nós, contarei a conversa em seus particulares.

execução. Pedia, por isso, "alguns dias para alguns esclarecimentos": cf. E IV, pp. 145-146.

[25] Para dom Gastaldi veja-se Giuseppe Tuninetti, *Lorenzo Gastaldi (1815-1883).* Vol. II. Turim, Edição Piemme 1988, pp. 259-290.

[26] A. J. Lenti, *Don Bosco, his Pope...,* pp. 65-240.

[27] Nobre família de benfeitores, em cordial relacionamento com Dom Bosco. Costantino Radicati Talice, de Passerano, foi representante do governo em Turim de 1868 a 1871.

Se ainda não tiver formado a ideia a respeito de um pró-vigário, creio que poderia nomear o teólogo Bertagna. Pio, douto, prático, bem de vida economicamente. Mas este é só um pensamento meu, que o senhor pode levar em conta ou não ter em conta nenhuma.

Peço sua santa bênção e me professo com profunda gratidão

De vossa excelência reverendíssima e caríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

P. S. Por favor, cuide da sua saúde. *Messis multa*, mas o senhor terá operários.

80. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) III, pp. 493-495.

Turim, 23 de novembro de 1872

Excelência reverendíssima,

Agradeço cordialmente vossa excelência reverendíssima pela carta que com grande bondade se dignou escrever-me; embora ela não mitigue meus sofrimentos, todavia me faz ver algumas das razões da atitude que, de uns tempos para cá, o senhor tem para com minha pobre pessoa e com todos os sócios da Sociedade de São Francisco de Sales.

O senhor reduz as coisas a dois pontos: à falta de um bom noviciado e do espírito religioso ou eclesiástico nos seus membros. Estes dois assuntos pedem esclarecimentos, para mim e para vossa excelência. Queira, pois, ter a bondade de ler.

Antes de a Santa Sé chegar à aprovação desta Congregação tive um longo colóquio com dom Svegliati e com o cardeal Quaglia e em seguida com o próprio santo padre. Este, uma tarde, me fez expor longamente as razões pelas quais, segundo penso, seja da vontade de Deus esta nova instituição, sobre o que dei todas as respostas solicitadas. Em seguida, perguntou-me se seria viável uma congregação em tempos, lugares e em meio a pessoas que querem suprimir as congregações.

– Como ter uma casa de estudos e um noviciado? – perguntava. Eu respondi o que alguns meses antes tinha respondido a vossa excelência, quer dizer, que eu não pretendo fundar um ordem religiosa na qual se podem acolher penitentes ou convertidos que precisam ser formados para os bons costumes e a piedade; mas a minha intenção é a de recolher jovens e também adultos de moralidade segura, moralidade comprovada por muitos anos, antes de serem acolhidos na nossa Congregação.

– Como se pode conseguir isso? – interrompeu o santo padre.

– Até agora consegui – acrescentei – e espero continuar assim quanto ao tipo de sócios que se recebem para fazer parte da Sociedade. Nós nos limitamos a jovens educados, instruídos nas nossas casas; jovens já escolhidos ordinariamente pelos párocos que, vendo-os resplandecer na virtude entre a marreta e a enxada, os recomendam às nossas casas. Dois terços deles, depois, são restituídos às próprias casas.

Os que nós conservamos são exercitados no estudo e na piedade por quatro, cinco e até mesmo sete anos e, destes, poucos são admitidos à prova, também depois deste longo tirocínio. Por exemplo, neste ano, cento e vinte cursaram retórica nas nossas casas; destes, cento e dez entraram no clericato; mas somente vinte ficaram na Congregação, os demais foram encaminhados aos respectivos ordinários diocesanos.

Admitidos assim à prova, devem fazer dois anos aqui em Turim, onde todos os dias têm leitura espiritual, meditação, visita ao Santíssimo Sacramento, exame de consciência, e todas as noites uma breve exortação feita por mim, raramente por outros, e isto a todos os aspirantes em comum.

Duas vezes por semana faz-se uma conferência expressamente para os aspirantes, uma vez, para todos os da Sociedade.

Quando o santo padre ouviu estas coisas, mostrou-se satisfeito e respondeu: – Deus o abençoe, meu filho; ponha em prática as coisas do modo como me expôs, e a sua Congregação alcançará o seu objetivo; e encontrando dificuldades, faça-me saber e estudaremos o modo para superá-las.

Depois disso houve o decreto de aprovação que o senhor viu. E nós fizemos conforme nos foi dito.

Do que expus, o senhor poderá facilmente compreender que, segundo me parece, o noviciado, se não existe de nome, existe de fato.

O senhor acrescenta que, *com raríssimas exceções,* nenhum membro da Congregação Salesiana apresenta as necessárias virtudes, e particularmente não têm nenhuma humildade. Eu pediria humilde e respeitosamente a vossa

excelência queira me indicar, não de forma genérica, mas citando os nomes desses indivíduos, e depois, garanto-lhe, esses tais seriam severamente corrigidos e uma só vez.

Por isso, este seria um esconderijo a ser posto à luz do dia; esconderijo desconhecido por mim até o dia de hoje; esconderijo desconhecido também a vossa excelência até o mês de abril do ano corrente. Até essa época, o senhor viu, ouviu, leu e podemos dizer administrou o que há de mais importante nesta casa. Até esse tempo, seja por escritos seja com a palavra pública e privada, sempre proclamou esta casa como a arca da salvação para a juventude, onde se aprende a verdadeira piedade e coisas semelhantes.

Aqui eu teria mais coisas para dizer, mas que não desejo confiar ao papel e que, espero, quando puder me ouvir, expor à viva voz.

Agradeço-lhe as benévolas expressões usadas na sua carta, e este é o único conforto que eu posso ter, enquanto com a mais profunda gratidão tenho a honra de professar-me

De vossa excelência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

81. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, pp. 96-98.

Borgo San Martino, 14 de maio de 1873

Excelência reverendíssima,

As cartas que mandou o senhor secretário Chiuso me escrever, especialmente a última[28], me fizeram pensar muito, e para não dar a esta última uma resposta precipitada, fui para a casa de Borgo San Martino para três dias de retiro espiritual, depois dos quais, como se devesse apresentar-me diante do tribunal de Deus, manifesto o meu pensamento em relação ao assunto.

O Senhor manda dizer que não admitirá mais nenhum dos nossos clérigos às sagradas ordenações, se não forem afastados das nossas casas o clérigo

[28] Cartas de 10 e 29 de abril e carta de 10 de maio. Tomás Chiuso (1840-1904) era secretário do arcebispo e chanceler da cúria.

Borelli, que há duas semanas não está mais conosco, e o clérigo Rocca. Além de uma promessa formal de não receber mais em nenhuma casa da nossa Congregação alguém que tenha pertencido ao clero de Turim.

Dado que não fornece nenhuma razão, creio que posso fazer algumas reflexões.

Se esses clérigos foram expulsos do seminário, o que importa se vão refugiar-se em alguma casa para refletir sobre o seu futuro ou para preparar-se para algum exame, aprender algum ofício com que possam de algum modo ganhar um pedaço de pão? Por acaso esses clérigos, pelo fato de terem perdido a própria vocação, deverão andar por aí como prófugos e entregar-se a um triste futuro?

Parece-me melhor ajudá-los a se colocarem em algum lugar onde possam fazer alguma coisa e providenciar a própria situação. Assim fizeram e fazem ainda os bispos com os quais estamos em contato. Talvez, pode-se dizer que peçam permissão, e assim fica resolvida toda dificuldade.

Pode-se responder que a obrigação de pedir autorização é um peso muito grave para eles e para a Congregação ou para a casa onde pedem para ser admitidos; trata-se de uma condição que, não constando da sua aprovação, o superior não é autorizado a acrescentá-la; tanto mais que esta licença foi solicitada várias vezes, e até agora não foi obtida.

Nesses casos, seria preferível que o senhor considerasse que, se a estes clérigos expulsos do seminário se diz que, por ordem do arcebispo, não podem ser recebidos em nenhuma casa, ou então que devem ser expulsos, o senhor, me parece, acaba criando para si grande número de adversários, tantos quantos são os amigos ou parentes desses clérigos.

Tanto mais que alguns deles já teriam feito um curso de estudos e algum até já teria começado a aprender um ofício.

Esta declaração que eu creio não estar autorizado a fazer, poria um muro de divisão entre a Congregação Salesiana e o clero desta diocese, para cujo bem é especialmente consagrada e há mais de trinta anos trabalha.

Se por acaso a este respeito houver alguma prescrição da Igreja que eu ignoro, eu me submeterei totalmente.

Quanto a todos os clérigos que se apresentaram para a ordenação, observo que o senhor deve recusá-la, se eles não a merecem; mas, se são dignos, quereria por acaso, por represália ou por motivos totalmente estranhos a eles, rejeitá-los, privando assim a Congregação, a Igreja e a sua mesma diocese de sacerdotes, dos quais há tanta penúria?

Parece-me que esta Congregação que, sem interesses de nenhuma espécie, trabalha para esta diocese, e que desde 1848 até hoje forneceu pelo menos dois terços do clero diocesano, merece algum respeito. Tanto mais que, se algum clérigo ou também eclesiástico vem ao Oratório, não faz outra coisa senão mudar de casa, mas sempre trabalharia na diocese e para a diocese de Turim.

De fato, nas três vezes que vossa excelência julgou que não devia admitir alguns dos nossos clérigos à ordenação, não fez outra coisa senão diminuir o número dos sacerdotes que trabalham nesta diocese.

Dito isso, gostaria que vossa excelência se persuadisse vivamente que o senhor e eu temos pessoas ao nosso redor que, de maneira maliciosa, gostariam de ter em mãos coisas a publicar e dizer: o arcebispo rompeu também com o pobre Dom Bosco.

Quanto a isso, o senhor sabe que, não faz poucos dias, fiz não pequenos sacrifícios para impedir a publicidade de certos artigos difamatórios.

Desejo ainda que o senhor esteja informado de que certas notícias, trancadas nos gabinetes do governo por obra de alguém, depois são postas a girar publicamente por Turim. Por tais informações consta que, se o cônego Gastaldi foi bispo de Saluzzo, foi por proposta de Dom Bosco. Se o bispo se tornou arcebispo de Turim, também foi por proposta de Dom Bosco. Comentam-se até as dificuldades que foi preciso superar para isso. Inclusive são comentadas as razões pelas quais eu defendia sua candidatura, entre outras coisas, pelo grande bem que tinha feito à nossa casa, à nossa Congregação.

Todos sabem o grande bem que podemos fazer um ao outro mediante um comum acordo, ao passo que os mal-intencionados se alegrariam enormemente com o nosso desacordo.

Ora, vossa excelência dirá: mas o que Dom Bosco quer?

Plena submissão, pleno acordo com o meu superior eclesiástico. Não peço outra coisa senão o que várias vezes disse ao santo padre e que diversas vezes vossa excelência repetiu quando era bispo de Saluzzo, isto é: nos tempos difíceis que vivemos, uma Congregação nascente precisa de toda a indulgência compatível com a autoridade dos ordinários locais, e quando surgirem dificuldades, ajudá-la mediante as obras e o conselho, na medida do possível.

Escrevi esta carta com o único desejo de dizer-lhe o que pode ser norma para ambos e útil para a glória de Deus; todavia, se me tiver escapado

alguma palavra inoportuna, peço humildemente desculpas, enquanto com profunda veneração, me professo

De vossa excelência reverendíssima humílimo servidor

Sac. João Bosco

82. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, pp. 143-144.

Santo Inácio [Lanzo], 12 de agosto de 1873

Excelência reverendíssima,

O bispo de Vigêvano me falou de uma sua carta a meu respeito, com a resposta de vossa excelência. Se não fosse escrita por um bispo, diria que foi escrita por brincadeira. Ao passo que é séria. Lamento e sinto pena que o senhor tenha espinhos, mas que esses espinhos tenham sido plantados por Dom Bosco, isso é coisa que não posso admitir. Sempre fiz o possível para diminuir os seus incômodos, e eu bem sei com que sacrifícios. Sempre tive boa vontade. Nunca pedi nada, senão que me dissesse o que desagrada em mim, e nunca pude ter uma resposta positiva.

O senhor acena à mediação do cônego da catedral. A mim parece ter atendido a tudo o que me pediu. Pedia-se que eu fizesse uma declaração de nunca aceitar clérigos sem licença. Fiz. Falou-me de Borelli, que só esteve em nossas casas momentaneamente para fazer os exercícios, depois tirou a batina. Falou-se de Rocca e se concluiu que mandá-lo imediatamente embora seria aumentar ainda mais os falatórios; tudo seria feito apenas chegadas as férias. O teólogo Marengo esteve de acordo e as coisas foram decididas neste sentido. No dia quatro do próximo mês de setembro termina o ano escolar em Lanzo, e depois o clérigo voltará para junto dos seus.

Se eu estivesse no lugar de vossa excelência, teria dado a licença para que ele fique onde está, tanto para deixar um clérigo para Dom Bosco, que todos os anos manda vários para o seminário diocesano, quanto para que se perceba que quando um clérigo perde a sua vocação não é abandonado pelo seu superior, que o favorece no que é possível. Seja como for, se ele não consegue a

licença que me diz ter sido solicitada diversas vezes, terminado o ano escolar, irá para casa.

Quanto a outros assuntos de que se fala na carta, posso afirmar que na minha vida terei culpas para dar contas a Deus, mas não conheço nenhuma que tenha ocorrido em relação a vossa excelência.

O que eu fiz e disse em público e em privado, creio que prova o que eu digo.

São dezesseis meses que eu pergunto o que o senhor tem contra o pobre Dom Bosco e, até agora, mais do que coisas vagas, não pude saber. Se há alguma coisa que eu ignoro, diga e desde agora peço humilde perdão. Mas não acrescentemos espinhos aos espinhos.

Sei que o senhor busca a maior glória de Deus, eu faço o que posso pela mesma finalidade; por que então não podemos ir de acordo? Prove a dizer-me o que deseja de mim.

Não cesso de rezar e fazer rezar pela conservação de sua saúde, enquanto tenho a honra de professar-me

De vossa excelência reverendíssima humilde servidor

Sac. João Bosco

83. Ao secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, dom Salvador Nobili Vitelleschi

Edição crítica em E(m) IV, pp. 287-290.

[Turim, anterior a 21 de maio de 1874]

Excelência reverendíssima,

O temor pela continuação das dificuldades com o nosso arcebispo, especialmente quanto às ordenações dos clérigos, infelizmente se concretizou. Digo, com o arcebispo de Turim, pois, de quarenta e quatro outros bispos com quem mantemos relações, recebemos de todos eles benevolência e apoio.

Para que vossa excelência tenha uma visão exata da situação, julgo oportuno fazer notar que dom Gastaldi, até que foi cônego, antes e depois de deixar a congregação dos rosminianos, sempre se mostrou zeloso colaborador dos nossos oratórios masculinos.

Feito bispo de Saluzzo, protegeu-nos com todo o seu zelo. Criado arcebispo de Turim, continuou por certo tempo a demonstrar-se muito benévolo e, como os outros ordinários, admitiu diversas vezes os nossos clérigos às ordenações. Mas dez meses depois mudou de atitude.

Deixo de lado muitos episódios que se referem a outros assuntos: aqui falo somente das ordenações.

Começo dizendo que ele não pretendia admitir nenhum dos nossos clérigos às ordenações, se antes não se tivesse submetido aos exames de teologia de uma comissão delegada por ele. Era esta uma novidade na nossa região, dado que os bispos costumam encaminhar os ordenandos religiosos aos exames por parte dos respectivos superiores.

Apesar disso, aderi imediatamente à sua determinação, e convidei os meus clérigos a prestarem tais exames; então o arcebispo acrescentou querer ele mesmo, quarenta dias antes, examinar a vocação dos candidatos, a época da entrada na Congregação, que tipo de votos tinham emitido, onde tinham feito os estudos inferiores, quem eram os seus superiores, por qual motivo queriam abandonar a diocese para agregar-se a uma Congregação, etc., etc.

Tratava-se de algo insólito que perturbava bastante as vocações dos nossos alunos.

Todavia, submeti-me, e fazendo vir de bastante longe os ordenandos, apresentei-os para que passassem pelo escrutínio estabelecido.

Mostrou-se satisfeito com todos, mas não quis admiti-los às ordenações.

Essas coisas são suficientes para os alunos, dizia, não, porém, para os superiores. Quero que o superior declare formalmente que, para o futuro, em nenhuma de suas casas seja aceito um clérigo ou sacerdote que tenha pertencido ao clero de Turim.

Apesar de ser uma decisão que ultrapassa o direito, eu aceitei a determinação, mas na declaração julguei ser meu dever inserir que essa declaração em nada pretendia lesar as prescrições dos sagrados cânones, emanadas para tutelar a liberdade das vocações religiosas. Esta cláusula lhe desagradou e não quis saber de admitir os candidatos às ordenações.

Feitos humildemente alguns outros pedidos, respondeu que desaprovava os votos trienais; não reconhecia nenhuma autoridade no superior da Congregação Salesiana. Observou-se então que os pedidos feitos estavam de acordo com o decreto de aprovação de 1º de março de 1869, cuja cópia autêntica estava na cúria arquiepiscopal e outra cópia com as Constituições tinha sido entregue em suas próprias mãos.

Ele acrescentou que não se lembrava de nada disso; e que por isso fossem enviadas outras cópias. Foi satisfeito nisso também: mas não respondeu. Entretanto, com grave incômodo e prejuízo para a Congregação, passaram-se dois anos sem querer admitir ninguém às ordenações.

Depois da aprovação definitiva das Constituições, tudo foi comunicado a ele e também foi renovado o pedido para as ordenações.

Respondeu não querer pronunciar-se enquanto não tivesse visto o decreto de concessão das dimissórias. Então apresentei-o; leu-o e depois acrescentou que não queria se pronunciar nem pelo sim, nem pelo não, enquanto não houvesse uma cópia autêntica daquele decreto fornecido à cúria arquiepiscopal.

Observei que isto era contra o que se costuma fazer nas ordens religiosas e nas congregações eclesiásticas, isto é, que é suficiente mostrar o documento a quem de direito; tanto mais que, atendendo às relativas exigências, dois rescritos desse tipo já tinham sido apresentados à cúria eclesiástica e que foram perdidos com grave incômodo para nós, sem nunca mais ter tido notícias deles.

Firmando-se ele sempre em posição negativa, julguei oportuno dizer-lhe que eu estava autorizado a apresentar uma visão da situação a quem de direito, não, porém, a dar cópia a alguém. Entretanto, ele sempre se manteve em posição negativa.

Pedi, supliquei que não me acrescentasse mais desgostos ao grande número que nós já temos de ambas as partes. Não modificou suas pretensões.

Vossa excelência pode compreender facilmente quanto prejuízo e desânimo semelhante atitude provoca a uma Congregação pobre e em fase de nascimento. Pelo menos se a gente soubesse os motivos. Mas ninguém consegue saber.

Esta é a simples exposição dos fatos que aqui relatei brevemente depois de ter-me posto na presença de Deus e com os olhos voltados para o crucifixo.

Agora faço um humilde pedido a vossa excelência, que queira comunicar esta minha situação ao santo padre ou a quem julgar oportuno e dar-me um a orientação e conselhos a seguir.

Seria talvez demasiadamente ousado o pedido de dimissórias *ad quemcumque episcopum?*

Digne-se perdoar o grave incômodo que lhe proporciono e crer que, com a mais profunda gratidão, etc.

[Sac. João Bosco]

84. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, pp. 316-318.

Turim, 10 de setembro de 1874

Excelência reverendíssima,

O cuidado com que vossa excelência reverendíssima vigia sobre o andamento da nossa pobre Congregação demonstra que quer a exata observância das suas Regras e das prescrições eclesiásticas; e isto só nos pode fazer bem e manter-nos vigilantes quanto aos nossos deveres, do que desejo agradecer-lhe de todo coração.

Há, porém, certas coisas que não consigo entender bem, se são segundo o espírito da Igreja e se podem ter alguma vantagem para os outros.

Não falo das frequentes cartas pessoais escritas a nosso respeito; nem da insistência com que me repreende por ter impresso algumas cartas de vossa excelência, coisa que jamais me passou pela imaginação; falo somente da carta que fui obrigado a escrever no dia 23 de agosto passado a respeito dos exercícios espirituais programados e a serem realizados no nosso colégio de Lanzo, pela única razão de que a publicação foi feita sem que eu soubesse, sem ingerência nenhuma de minha parte e numa época em que estava decidido que não haveria mais tais exercícios; basta isto para eliminar qualquer ideia de oposição à autoridade eclesiástica. De fato, não houve a comunicação do convite impresso enviado aos párocos sem que o senhor soubesse e sem mandar cópia ao arcebispo.

Entre outras coisas, ali se diz: *Esses exercícios não se podem realizar a não ser com o consentimento da autoridade eclesiástica.* Não sei onde se encontra semelhante prescrição.

Conheço as disposições do Concílio Tridentino (sess. V, c. 2) e as da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, segundo as quais, os pregadores religiosos não aprovados para a pregação devem, em certos casos, pedir licença, em outros, pedir a bênção do ordinário.

Não ignoro o que prescrevem as Constituições Sinodais publicadas aos cuidados de vossa excelência; mas todas essas disposições se referem às igrejas públicas, e nesses casos eu me teria adequado sem problemas; aliás, antes de começar a pregação não teria deixado de fazer o que a simples conveniência ordena.

Mas, no nosso caso, trata-se simplesmente de alguns professores que querem recolher-se num colégio e ali, em vez de entreter-se com outras coisas, querem ocupar uma semana nos exercícios espirituais.

É conveniente observar que os nossos padres são todos aprovados por vossa excelência reverendíssima para a pregação; que desde os primeiros tempos do Oratório, a autoridade eclesiástica concedia a faculdade de fazer, à vontade, tríduos, novenas, exercícios espirituais nas igrejas ou capelas dos oratórios.

Em março de 1852, mediante decreto apropriado, *concediam-se todas as faculdades necessárias e oportunas a esta instituição.*

Dessas determinações existe o original na cúria; e uma cópia levei-a, eu mesmo, e entreguei-a em mãos de vossa excelência reverendíssima. Dom Riccardi[29] confirmou todas essas faculdades; e vossa excelência, ao conceder alguns direitos paroquiais à igreja de Maria Auxiliadora, garantia que com essas concessões não entendia derrogar absolutamente nada do que já fora concedido pelos antecessores.

Por essas razões, diversas vezes durante o ano houve exercícios espirituais em Turim, Moncalieri, Giaveno e Lanzo, sem nunca recorrer à autoridade eclesiástica.

Vossa excelência mesmo, quando era somente cônego, várias vezes pregou-os com zelo em Valdocco e em Trofarello, mas nem vossa excelência nem eu pedimos alguma autorização. Em todas essas pregações e em todos esses exercícios tratava-se somente de membros da Congregação e dos jovens educados em suas casas, nunca de pessoas estranhas convidadas publicamente. E fazendo agora o que se costuma fazer há tantos anos, eu estava intimamente persuadido de não empreender nada que pudesse ser contrário às prescrições canônicas e às ordens sempre respeitáveis de vossa excelência.

Antes de receber a sua carta, de várias partes me chegaram aos ouvidos comentários ampliando o ressentimento manifestado pelo senhor, ora com este, ora com outros, sempre marcados pela má interpretação, quase parecendo querer impedir o bem dos fiéis.

Muitas coisas que se referem a mim e a vossa excelência são exageradas e deturpadas pela opinião pública, ou seja, por quem vive denegrindo a vida alheia.

Agora eu lhe peço me deixe falar um momento com a linguagem do coração.

[29] Dom Alexandre Riccardi di Netro (1808-1870), arcebispo de Turim de 1867 a 1870.

A mim parece que, no tribunal de Deus, vossa excelência e eu, aliás, mais próximo dele, estaremos muito contentes se, deixando de lado a busca pelo melhor, nos pusermos a combater o mal e a promover o bem, e fizermos retornar aqueles tempos em que cada ideia do pobre Dom Bosco era para o senhor um projeto a ser posto em execução, se não fossem escritas cartas, ora aqui, ora ali, com as quais não se faz outra coisa senão aumentar os desgostos e fornecer pretextos para críticas e desprezo para os inimigos da religião.

Não seria melhor se o senhor escrevesse, não vagamente, mas de forma concreta e específica, o que deseja desta pobre Congregação, cujos sócios trabalham com todo esforço para o bem da diocese ao senhor confiada pela divina Providência? E, além disso, se deixasse para sempre sepultado o pensamento que alguém loucamente imagina existir em Dom Bosco, isto é, que ele queira mandar em casa alheia?

Escrevi com a intenção de não ofender, nem de dar desgosto a vossa excelência, mas, se alguma expressão involuntária por acaso lhe desagradar, peço humildemente desculpas.

Nesta casa sempre rezamos e continuamos a rezar pela conservação da sua saúde preciosa; e cheio de confiança, tanto quanto pode o pobre remetente, asseguro-lhe que foi e sempre será

De vossa excelência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

85. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) I, pp. 350-351.

Turim, 10 de novembro de 1874

Excelência reverendíssima,

Foi-me comunicada a resposta negativa de vossa excelência reverendíssima a respeito da admissão dos nossos clérigos na próxima ordenação do Santo Natal. O senhor sabe como é estrito o dever de um superior de providenciar o bem dos seus religiosos, que é também o da Igreja, e certamente sabe também quais devem ser os casos em que um ordinário pode recusar tais ordenações.

Antes, porém, de eu pedir a Roma como devo proceder, julgo oportuno apresentar-lhe algumas minhas reflexões e isto unicamente para não aumentar seus problemas e desgostos, que sempre procurei diminuir, diga-se o que se quiser.

Perguntei se eu devia ou podia fazer a declaração de não receber clérigos do seminário segundo o teor que tive a honra de apresentar a vossa excelência e fui levemente criticado por isso. No fim, se dizia: vá ler a Constituição de Bento XIV que começa: *Ex quo dilectus,* consulte as declarações da Congregação dos Bispos e Regulares *Super ingressu clericorum saecularium in Regulares,* de 20 de dezembro de 1859; consulte também as respostas dadas ao bispo de Pinerolo em 3 de maio de 1839, e terá normas para seu governo".

Apesar disso, eu lhe peço queira crer que, dos clérigos expulsos do seminário de Turim, até agora não aconteceu nenhum caso de algum deles pertencer à nossa Congregação, nem como professo, nem como noviço.

No máximo, vieram alguns para ficar aqui momentaneamente porque se encontravam abandonados, mas apenas puderam encontrar uma colocação em outro lugar, saíram daqui; outros vieram para fazer os exercícios espirituais e se disporem a deixar a batina, como fez o clérigo Borelli.

Todos, porém, foram convidados a pedir autorização a vossa excelência que, tendo sido recusada, foi também recusada sua aceitação aqui.

Tenha também a bondade de crer que, se resolvi aceitar momentaneamente esses clérigos, era para mitigar a irritação dos parentes e dos amigos deles, que não paravam de vomitar *plagas* contra o senhor, como se quisesse que eles fossem abandonados por todos.

Dito isso, peço a vossa excelência queira admitir os nossos clérigos às sagradas ordenações, do que faço humilde solicitação. Caso, porém, julgar que deve continuar absolutamente a recusá-las, pediria que, para minha orientação, pelo menos mande que me escrevam dizendo quais são os motivos.

Seja qual for sua decisão e seja lá o que for que se diga a meu respeito, eu posso dar-lhe garantias de que sempre me esforcei para fazer o bem, segundo as minhas forças, ao meu superior eclesiástico e à diocese confiada a ele pela divina Providência; e na esperança de poder continuar assim por toda a minha vida, tenho a honra de poder professar-me

De vossa excelência reverendíssima humilde servidor

Sac. João Bosco

86. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, p. 536.

Turim, 28 de outubro de 1875

Excelência reverendíssima,

Ontem vossa excelência reverendíssima julgou por bem dizer-me tudo o que lhe parecia oportuno, sem permitir que eu proferisse uma única palavra de desculpas ou de retificação do que me estava sendo imputado.

Lamento, mais por vossa excelência do que por mim. Eu tinha em mente expor-lhe alguns assuntos que teriam ajudado eficazmente a diminuir, talvez a afastar de vez sérios desgostos.

Com todo respeito devido à dignidade arquiepiscopal da qual vossa excelência está revestido, creio poder dizer-lhe que, se foi bispo de Saluzzo e depois arcebispo de Turim, se foram aplainadas as graves dificuldades que a isto se opunham, e vossa excelência sabe muito bem disto, é devido às propostas e às solicitudes do pobre Dom Bosco, que agora não pode nem mesmo falar e é mandado embora da maneira que o senhor sabe. Pelo contrário, eu pensava que poderia falar-lhe, ao passo que agora penso que estou inteiramente exonerado disso.

Desculpe-me os desgostos que lhe causei e creia-me sempre com a máxima veneração, como sempre fui e nunca deixarei de ser

De vossa excelência reverendíssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

87. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) IV, pp. 586-587.

Turim, 26 de dezembro de 1875

Excelência reverendíssima,

Somente na vigília do Santo Natal o padre Rua me fez ver que a minha autorização para confissões tinha vencido em setembro passado. Estando a sacristia cheia de jovens internos e externos que esperavam para confessar-se, julguei que podia servir-me, por aquela vez, da faculdade recebida do santo padre de confessar em casos especiais que ocorressem em qualquer parte.

Hoje, porém, deixei de confessar e amanhã me afasto de Turim para eximir-me de responder às perguntas que começam a se fazer a respeito da realidade deste fato.

Agora lhe apresento humildemente o pedido para que queira renovar essa faculdade, a fim de evitar comentários e escândalos; e dado que a medida tomada supõe motivo grave, como pobre sacerdote e como superior de uma Congregação definitivamente aprovada pela Santa Sé, nomeadamente constituído superior pela mesma, suplico-lhe respeitosamente queira dizer-me o motivo, quer para que sirva para mim de norma, quer para me emendar de alguma falta que de fato pesasse na minha consciência. Caso não deseje comunicar a mim esse motivo, mas a Roma, voltaria a pedir-lhe humildemente queira explicar-me a razão, a fim de poder sair desta situação, que se é dolorosa para todos, é muito mais para um superior de Congregação que está em comunhão com muitas casas.

Qualquer resposta que se dignar me dar, peço-lhe queira dirigi-la aqui para o Oratório, que logo me será transmitida para o lugar de minha residência.

Tenho a honra de professar-me com a devida estima e veneração

De vossa excelência reverendíssima devotíssimo servidor

Sac. João Bosco

88. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Edição crítica em E(m) V, pp. 508-510.

Turim, 22 de novembro de 1877

Excelência reverendíssima,

Em atenção à sua prezada carta de 9 do corrente mês tenho a obrigação de assegurar-lhe que, quanto à missa celebrada por um sacerdote salesiano no dia 16 de setembro deste ano num oratório privado de Rivara, eu não tenho a intenção de invocar nenhum privilégio.

O sacerdote que celebrou a dita missa, não podendo ter como celebrar porque rejeitado pelo seu pároco, de boa fé e apoiado em razões que lhe pareceram suficientes, acreditou que, naquelas circunstâncias, lhe fosse permitido celebrar naquele lugar de propriedade da Congregação Salesiana.

Se tivesse havido tempo para me perguntar, eu não lhe teria permitido e não o permitirei a ninguém, enquanto a situação estiver da forma como está. Como diante de Deus não houve nenhuma falta, assim espero que esta franca declaração de minha parte encontre boa acolhida junto a vossa excelência reverendíssima, o que lhe peço com toda reverência.

Quanto à questão das indulgências para os Cooperadores, lamentaria muito se o juízo emitido por vossa excelência reverendíssima fosse levado a público, mesmo que se tratasse somente dos párocos, antes que seja examinado pela Congregação das Indulgências. Porque estou convencido de que esta publicação seria um escândalo e uma pedra de tropeço para os fiéis e para os incrédulos que não deixariam de comentá-la.

Certamente seria de prejuízo para a Congregação, porque uma acusação tão grave não poderia deixar de prejudicá-la; mas talvez o pior dano não seria para a Congregação, nem para mim. Só o fato de conhecer este desentendimento já seria ocasião de muitas críticas e de juízos opostos, não todos desfavoráveis a mim.

Então, de minha parte, seria preciso recorrer às Congregações romanas; e se, como creio, a sentença me haveria de ser favorável, que inconveniente, quando se viesse a conhecer semelhante decisão! Não pretendo absolutamente impedir que vossa excelência faça o que seu zelo pela religião lhe manda fazer, todavia, conceda a um indigno seu servo que possa pedir-lhe que, antes de dar este passo, queira interrogar pessoas criteriosas e prudentes, pelo menos para pôr-se a salvo de todas as críticas e da malevolência dos adversários, como vossa excelência já fez com alguma carta publicada no Calendário.

Além disso, por que não confiar nos ponderados e autorizados juízos das Congregações Romanas, que não deixarão de tratar as coisas criteriosamente e julgar conforme o direito?

Para falar sinceramente tudo o que penso, lamentaria muito que a questão da proibição das missas não fosse tratada da mesma maneira, e que num impresso, que traz a qualificação de reservado, tenha vindo prejudicar a decisão.

Dado que a controvérsia foi levada por vossa excelência a Roma, não era talvez mais oportuno que também lá fosse acertada? A Sagrada Congregação verá se de fato essa publicação foi oportuna.

Agora, contra a minha vontade, serei obrigado a responder; certamente uma defesa a respeito de acusações suficientemente graves, na qual estou persuadido de ter razão, nunca poderá ocorrer sem uma censura proporcionada aos argumentos e às reprovações expostas por vossa excelência contra o meu modo de agir.

Preventivamente lhe peço perdão, e se lhe parecer que eu estou me excedendo em alguma coisa, queira atribuí-lo à necessidade da defesa e ao veemente desgosto que estou provando. Mas, por que não tratar essas dificuldades com medidas paternas e com aquela indulgência que merece uma Congregação nascente, que sinceramente quer o bem e pode errar por ignorância, não certamente por malícia?

Deus julgará vossa excelência e este seu pobre servo quanto à retidão das nossas intenções, da caridade cristã e da humildade com que teremos agido, do esforço que tivermos empenhado para encontrar os meios proporcionais para defender e promover os interesses da sua santa religião: Nele confio.

Não devo deixar sem resposta a observação que me foi feita de ter recebido na Congregação sem as cartas testemunhais um clérigo (agora padre Rocca), expulso do respeitável seminário de Turim. Permita-me que lembre a vossa excelência que as cartas testemunhais foram solicitadas cinco vezes pelo clérigo Rocca, outra vez pelo padre Rua e uma pelo remetente, sem nunca ter conseguido resposta: por razão disso, fomos para frente segundo as instruções da sagrada Congregação da Disciplina Regular, emanadas em 25 de janeiro de 1848 (*Collectanea* p. 891).

Beijando-lhe respeitosamente as mãos, professo-me

De vossa excelência reverendíssima devotíssimo obsequioso servidor

Sac. João Bosco

89. Exposição à Santa Sé (15 de dezembro de 1881)

Edição Impressa em *Esposizione del sacerdote Giovanni Bosco agli eminentissimi cardinali della Sacra Congregazione del Concilio*. Sampierdarena, Tipografia di San Vincenzo dei Paoli 1881, pp. 51-53, 75-76 (OE XXXII, 99-101, 123-124)[30].

1879

No dia 12 de janeiro deste ano, o arcebispo de Turim foi à cidade de Chieri, reuniu em assembleia os cônegos do cabido e, a fim de induzi-los a apresentar um ato de desaprovação em relação ao oratório aberto por Dom Bosco naquela cidade em favor das jovens, compara os salesianos às locomotivas a vapor, que saltando dos seus trilhos, produzem mais mal do que bem.

Não tendo conseguido os votos necessários contra o dito oratório, o senhor bispo, no dia 12 e depois no dia 14 de fevereiro, suspende o diretor salesiano[31] da faculdade de ouvir confissões em toda a arquidiocese, como acenamos acima.

No dia 20 de fevereiro, estando ausentes da nossa casa principal de Turim Dom Bosco e os principais superiores, o arcebispo veio improvisamente, sem ser convidado, tomar parte numa encenação do nosso teatrinho, ao passo que poucos dias antes tinha suspenso o padre Bonetti de ouvir as confissões sacramentais, não somente em Chieri, mas em toda a diocese, como foi dito. – Depois disto escreve que *"interveio em nossas apresentações cênicas no carnaval, como prova da sua indubitável benevolência para com a Congregação Salesiana".*

Nós perguntamos: por que o senhor bispo recusou tantas vezes vir presidir as celebrações em nossa igreja e também administrar a crisma quando era convidado, e depois vem ao teatro sem nenhum convite?

No dia 26 de maio escreve a Dom Bosco que vá ter com ele por motivo gravíssimo. O motivo gravíssimo era a questão do padre Bonetti ao qual, por certas cartas vindas de Roma, primeiro tinha dito que lhe restituía a faculdade de ouvir confissões, mas depois mandou dizer que tudo continuava como antes por causa de Chieri, julgando-o culpado no próprio campo dos seus suores. Dom Bosco, na mesma tarde, vai ter com ele e o senhor bispo decla-

[30] Da longa exposição (76 páginas), extraímos algumas passagens dos anos 1879-1880 e a conclusão.
[31] João Bonetti (1838-1891), um dos primeiros e brilhantes salesianos, na qualidade de diretor do *Boletim Salesiano* e diretor do oratório feminino de Chieri teve um longo desentendimento com o pároco do domo de Chieri. Na polêmica, foram envolvidos tanto Dom Bosco quanto as autoridades pontifícias.

ra que devolve novamente ao padre Bonetti a faculdade de ouvir confissões em qualquer parte, deixando à prudência de Dom Bosco enviá-lo ou não a Chieri. Esta notícia levada para casa por Dom Bosco alegrou a todos; mas durou pouco porque na manhã seguinte, muito cedo, o senhor bispo envia uma nova carta, pela qual desdisse o que tinha dito na tarde anterior. Eis esta carta singular:

"Turim, 27 de maio de 1879.

Reverendíssimo Senhor,

A necessidade em razão da qual estou para encerrar sem demora as discórdias surgidas em Chieri me obriga a ter certeza de que o padre Bonetti foi afastado até que eu pessoalmente tenha reexaminado a situação e chegue a uma conclusão com pleno conhecimento de causa; sendo assim, considero necessário que durante todo este tempo este sacerdote não exerça em Chieri o ministério de confessor; consequentemente retiro do padre Bonetti (*se a retira, é sinal de que na tarde anterior a tinha concedido*) a faculdade de absolver sacramentalmente, até o tempo acima indicado que, considerando o estado físico em que me encontro, não me é possível no momento determinar. Isto é o que eu tinha declarado ao padre Rua no princípio deste mês, e também o que, refletindo sobre toda a nossa conversa de ontem à tarde, penso dever declarar a vossa senhoria, de quem me professo

Devotíssimo servidor

Lourenço, Arcebispo".

De quem é a culpa, se desde o princípio não foi possível chegar a um pacífico entendimento?

1880

No dia 22 de março o arcebispo de Turim enviou ao padre João Cagliero uma carta pela qual oferecia uma casa, um terreno e o montante de 6.000 liras, com a condição de que a Congregação Salesiana abrisse um oratório festivo e duas salas de aulas elementares diárias para jovens da paróquia do Sagrado Coração de Jesus em Turim.

Examinado o caso e considerando que a mesma oferta já tinha sido feita a outras congregações religiosas, que não a aceitaram, e que a Congregação

Salesiana, já com falta de pessoal e de meios, não estava em condições de abrir uma nova casa com os compromissos indicados, por somente 300 liras por ano como resultado da oferta de 6.000 liras, respondeu-se que, no momento, não havia a possibilidade de aceitar os compromissos que resultavam de tal proposta. O próprio arcebispo, considerando sensatas as observações do padre Cagliero concordou que a Congregação não teria podido manter aberta uma casa somente com 300 liras por ano e mandou dizer que se suspendessem as tratativas até a abertura de uma nova igreja e casa de São João Evangelista, situada perto do local oferecido onde com maior facilidade seria possível enviar os dois professores para as aulas de manhã e à tarde. Não demorou que ele, esquecido destes entendimentos, se queixou com o cardeal Lourenço Nina, nosso benévolo protetor, e para indispô-lo contra seus protegidos, disse-lhe que a tal oferta tinha sido acolhida pelos salesianos com muita frieza *e que ainda estava esperando uma resposta definitiva.*

Ao receber esta queixa, sua eminência reverendíssima, no dia 23 de junho escrevia a Dom Bosco pedindo-lhe informações; e Dom Bosco informou o eminentíssimo com a seguinte carta, à qual anexava outra do padre Cagliero, que tinha tratado pessoalmente o assunto com o senhor bispo.

Um pedido

Com esta Exposição eu não pretendo acusar ninguém, nem me defender. Eu só desejo que a Santa Sé possa estar em condições de conhecer o estado desta Pia Sociedade Salesiana, a fim de que me dê seu valioso apoio para impedir a repetição de fatos tão perturbadores, que custaram tempo, fadigas e despesas, o que eu desejaria consagrar inteiramente à glória de Deus e ao bem das almas.

Sendo assim, peço humildemente aos eminentíssimos senhores cardeais da Sagrada Congregação do Concílio e, por meio deles, ao santo padre, que venham em ajuda da nossa Congregação nascente, cujos interesses eu sou obrigado a promover e defender.

A Santa Sé ao aprovar a humilde Congregação Salesiana, também a tomou sob sua proteção e, por isso, tenho plena confiança de que quererá também apoiá-la a fim de que, em meio às calamidades dos tempos, possa conseguir a finalidade para a qual foi fundada e aprovada.

E tanto mais atualmente, que Deus misericordioso ajudou os salesianos a fundar 140 casas, nas quais educam cristãmente mais de 80 mil jovens. Destas casas, 35 estão na América do Sul, inclusive entre os pobres índios.

Todos estes institutos requerem tempo e tranquilidade para poder governá-los, administrar e fazer de tal modo que consigam seu escopo, como a propagação do Evangelho e a salvação das almas.

Compromisso

Expostos estes pensamentos, o superior da Congregação Salesiana se prostra aos pés do santo padre Leão XIII, pedindo humildemente desculpas pelo incômodo involuntário causado; assegura-lhe que se submeterá a qualquer disposição, conselho e aviso que Sua Santidade quiser lhe comunicar; preventivamente promete aceitar todas as orientações e fazer delas norma inalterável para si e para a Congregação a ele confiada pela divina Providência. Ela nasceu, se manteve e consolidou, mediante a ajuda moral e material do sumo pontífice e, por isso, todos os salesianos se sentirão orgulhosos em viver e morrer para trabalhar, servir e agradar àquele que a eles deu e aos quais conserva a existência diante da Igreja e diante do mundo.

90. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi

Arquivo Secreto Vaticano, *Secretaria de Estado,* ano 79, rubrica 257, original alógrafo com assinatura autógrafa; edição em E IV, p. 151.

Turim, 8 de julho de 1882

Excelência ilustríssima e reverendíssima,

A Santidade de Nosso Senhor, considerando que os diversos desentendimentos que há certo tempo surgiram entre vossa excelência ilustríssima e reverendíssima e a humilde congregação dos salesianos são fonte de dissabores e atritos em detrimento da autoridade e com admiração dos fiéis, dignou-se fazer-me conhecer ser vontade sua que cesse todo dissídio e se restabeleça entre nós uma paz verdadeira e duradoura.

Por isso, a fim de atender às paternas e sábias intenções do sumo pontífice, que sempre foram também as minhas, eu exprimo a vossa excelência reverendíssima o meu pesar por alguns incidentes que nestes últimos tempos vieram alterar as relações pacíficas que antes havia entre nós e que ocasiona-

ram amarguras ao ânimo de vossa excelência reverendíssima. Aliás, se alguma vez vossa excelência pensou que alguém do Instituto Salesiano influenciou para que isso ocorresse, eu peço perdão a vossa excelência reverendíssima e lhe peço queira esquecer o passado.

Na esperança de que vossa excelência aceitará benignamente estes meus sentimentos, alegro-me em servir-me dessa oportunidade para desejar-lhe as mais eleitas bênçãos de Deus, enquanto tenho a elevada honra de professar-me com grande estima e com profunda veneração

De vossa excelência ilustríssima e reverendíssima obsequioso servidor

Sac. João Bosco

QUARTA SEÇÃO

A INICIATIVA MISSIONÁRIA

Apresentação

A dimensão missionária é parte fundamental da história de Dom Bosco, que viveu numa época de forte atenção missionária por parte da Igreja sob a guia do papa Gregório XVI (1831-1846) e particularmente de Pio IX (1846-1877), graças também à chegada a Roma de bispos missionários para o Concílio Vaticano I (1869-1870) e à fundação de numerosas congregações missionárias.

Dom Bosco, que alimentava aspirações missionárias desde os anos dos estudos teológicos e era leitor atento de revistas missionárias, em Turim foi testemunha de exposições missionárias e de expedições in partibus infidelium. *Também escreveu páginas de história missionária e manteve relações amigáveis com promotores de missões e grandes missionários: cônego José Ortalda (Turim), dom Daniel Comboni (Verona-África), cardeal Carlos Lavigerie (África), padre Timoleão Raimondi (Hong Kong), etc.*

Fundada e aprovada pela Santa Sé a Congregação Salesiana, Dom Bosco cultivou projetos de enviar missionários salesianos para a Índia, Austrália, China, África, Estados Unidos. Mas a falta de pessoal preparado e particularmente a dificuldade de aprender línguas e encontrar-se à vontade em países totalmente estranhos às raízes neolatinas dos salesianos da época, fizeram-no adiar os planos. Ao passo que no outono de 1874, aceitou com extrema rapidez as propostas que lhe chegaram da Argentina, mediante o convite do cônsul daquela República em Savona, João Batista Gazzolo, admirador das obras salesianas da Ligúria, e com o consentimento do papa Pio IX, que conhecia aquela região sul-americana.

Tratava-se de assumir um colégio de meninos em San Nicolás de los Arroyos, não longe de territórios povoados pelos índios, nos quais Dom Bosco podia identificar os personagens de um sonho de alguns anos atrás. Pensava-se também em oferecer a assistência espiritual aos emigrados italianos de Buenos Aires[1].

A iniciativa transoceânica, que coincidia com a primeira expansão salesiana na Europa (precisamente na França, em 1875), apresentava-se ousada, mas Dom Bosco assumiu em primeira pessoa a responsabilidade de aceitá-la, tratando

[1] O mais recente estudo das precedentes expedições missionárias de Dom Bosco é fornecido por Carlo Socol, *Don Bosco missionary call and China,* em RSS 25 (2006) 215-294.

com as autoridades religiosas locais e as associações promotoras, de ampliar a suas perspectivas e de definir seus detalhes. Em seguida empenhou-se ainda pessoalmente em escolher e preparar o pessoal, organizar as expedições, encontrar os meios financeiros indispensáveis, manter viva a qualidade missionária do empreendimento, tanto junto aos salesianos, quanto às autoridades civis e religiosas dos dois lados do Atlântico.

O zelo evangelizador que acompanhara toda a sua existência induziu-o a passar rapidamente do projeto de assistência espiritual ao mundo civil dos conacionais emigrados e dos jovens de classe média ao da ação missionária verdadeira e própria em favor dos indígenas presentes naquela área geográfica. Depois de sete expedições de mais de cem missionários e missionárias, em agosto de 1883, com a longamente aguardada ereção canônica do vicariato apostólico da Patagônia setentrional e central, confiada ao empreendedor padre João Cagliero, e da prefeitura apostólica da Patagônia meridional e da Terra do Fogo, confiada ao incansável padre José Fagnano, a grande aventura missionária podia dizer-se apoiada sobre bases estáveis e seguras. Agora se tratava de consolidar e desenvolver a obra bem começada. Haveria de acontecer nos anos seguintes com a epopeia patagônica ainda em vida de Dom Bosco e particularmente durante o reitorado do seu sucessor, padre Miguel Rua (1888-1910).

Da abundantíssima documentação disponível sobre o tema missionário, escolhemos 17 dentre os escritos de Dom Bosco e de outros documentos, subdividindo-os em duas seções: os preparatórios e precedentes à primeira expedição missionária e os sucessivos que ilustram o desenvolvimento das missões salesianas. Para os textos posteriores a 1877, editamos o texto original, muitas vezes somente assinado por Dom Bosco, mas do qual existem minutas com correções e acréscimos. Aqui é preciso observar que as informações histórico-geográficas contidas nos diversos memoriais de Dom Bosco sobre a Patagônia não podem ser tomados ao pé da letra, dada a inadequação das fontes que estavam à sua disposição.

I. FONTES ANTERIORES À PRIMEIRA EXPEDIÇÃO MISSIONÁRIA

Os primeiros sete documentos apresentados aqui se referem de certo modo à primeira expedição missionária que zarpou de Gênova no dia 14 de novembro de 1875.

Trata-se, antes do mais, de três cartas enviadas a correspondentes da Argentina. Na primeira, de dezembro de 1874, depois de tomar as devidas informações e os contatos indispensáveis com o arcebispo de Buenos Aires e também com o seu vigário-geral, Dom Bosco apresentava a este último a sua proposta de enviar salesianos para duas fundações, na capital e em San Nicolás de los Arroyos[2]*. Garantia que o pessoal estaria em condições de prestar serviço até mesmo superiores às próprias requisições dos promotores argentinos (n. 91).*

A segunda carta, do verão de 1875, quando já tinham sido aceitas as propostas da comissão fundadora do colégio de San Nicolás de los Arroyos, mediante o pároco local italiano, padre Pedro Ceccarelli, Dom Bosco comunicava as mudanças quanto ao pessoal que enviaria na metade de novembro, o nome do superior responsável pelos primeiros tempos, padre João Cagliero, e o do seu imediato sucessor, padre João Bonetti[3]*. Nela não tinha escrúpulos em pedir o pagamento da maior parte dos bilhetes de passagem (n. 93).*

Permaneciam ainda incertezas, pelo que, pouco depois, enviava ao mesmo pároco um elenco com informações precisas, que ele insistia em conhecer antecipadamente, para evitar um eventual mal-estar no momento da chegada e do início do trabalho em terras tão distantes (n. 94).

A esta correspondência se somam duas importantes intervenções de Dom Bosco dirigidas aos salesianos. A primeira é a circular na qual lhes anunciava a aceitação do projeto missionário em favor, tanto da população civilizada, quanto dos "povos selvagens" da Argentina. Por isso, fazia um apelo para quem quisesse fazer parte da expedição prevista para outubro e indicava as formalidades a preencher e os tempos e modos de preparação para os que iriam partir (92).*

O segundo é o comovente discurso de despedida de Dom Bosco no dia 11 de novembro de 1875 (n. 97). A partida dos primeiros missionários foi organi-

[2] Localidade distante 55 km a sudoeste de Buenos Aires.

[3] Padre Bonetti não partiu para a América Latina. A suceder o padre Cagliero no cargo de inspetor foi o padre Francisco Bodrato (1823-1880).

* Dom Bosco em seus escritos sobre as missões na América do Sul usa com frequência a palavra "selvagens" para se referir aos povos indígenas aos quais enviava seus missionários. Evidentemente a linguagem do século XIX não possuía a sensibilidade que nós temos hoje a respeito desses povos.

zada como um acontecimento memorável. A cerimônia deve ter impressionado a imaginação dos presentes e os leitores do jornal católico que referiu o acontecido. Pela manhã, a comunidade fez o exercício da boa morte e assistiu, com os jovens, a administração do batismo a um jovem valdense por parte do chefe da expedição missionária, padre Cagliero. De tarde, depois das vésperas solenes, aconteceu a comovente cerimônia do adeus aos que iam partir, durante a qual Dom Bosco fez o discurso.

Lembrando a ordem de Jesus de ir por todo o mundo pregar o Evangelho, explicava que, enquanto os pedidos de outros países missionários não fora possível atendê-los por falta de pessoal, não acontecera o mesmo com os pedidos vindos da Argentina, onde havia uma situação pastoral preocupante, tanto por parte dos civis, isto é, dos emigrados italianos que estavam perdendo a fé, quanto dos "selvagens" a civilizar e evangelizar. Obviamente não deixou de agradecer aos benfeitores e ao grupo dos viajantes, pequena semente de trigo ou de mostarda de uma grande árvore destinada a crescer. O futuro lhe teria dado razão.

Esta resenha é encerrada com o pedido de favores, graças espirituais e ajuda material encaminhada ao cardeal Alexandre Franchi, Prefeito da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé (n. 95), com o pedido de uma audiência papal para os missionários que estavam para partir e também de uma eventual honorificência para dois exímios benfeitores daquela primeira expedição, o cônsul Gazzolo e o padre Ceccarelli (n. 96)[4].

[4] Para as modalidades da ação missionária de Dom Bosco, veja-se Jesús Borrego, *Estrategia misionera de don Bosco,* em Pietro Braido, *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità. Studi e testimonianze*. (= ISS - Studi, 5). Roma, LAS 1987, pp. 153-202. Sobre as cinco expedições missionárias, veja Luigi Frangi, *Le prime cinque spedizioni missionarie nell'Argentina e nell'Uruguay dal 1875 al 1881,* em "Salesianum" 41 (1979) 819-856.

91. Ao vigário-geral de Buenos Aires, monsenhor Antônio Espinosa

Edição crítica em E(m) IV, pp. 366-360.

[Turim, 22 de dezembro de 1874]

Reverendíssimo monsenhor Espinosa, vigário-geral de Buenos Aires[5],

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco.

O senhor comendador João Batista Gazzolo, cônsul da República Argentina na Itália[6], falou diversas vezes do zelo de vossa senhoria e do trabalho indefeso que sua excelência reverendíssima, seu arcebispo[7], desenvolve em favor dessa imensa arquidiocese. Ao mesmo tempo acenava para a grande penúria de operários evangélicos, especialmente daqueles que se dedicam especificamente à educação e à instrução cristã da juventude. Este benemérito senhor, para favorecer o espírito da Congregação Salesiana e fazer o maior bem que pode à República que aqui ele representa, decidiu escrever a sua excelência o arcebispo, dizendo-lhe que os salesianos não seriam alheios a oferecer-lhe suas débeis fadigas onde fosse preciso e, se isso fosse do seu agrado. Vossa senhoria reverendíssima teve a bondade de responder que o senhor arcebispo apreciou a ideia, receberia de boa vontade os novos missionários e haveria de protegê-los.

Agradecendo cordialmente a ambos, digo-lhe que estou disposto a aceitar o projeto e para isso pretendo tratar de modo formal com vossa senhoria, como representante do ordinário diocesano.

Para concretizar este projeto seria muito útil o que escreve o doutor Ceccarelli, pároco de San Nicolás, o qual está disposto a oferecer casa, paróquia e seu apoio aos salesianos, caso assumam realizar de modo estável os muitos trabalhos que lá ficam sem frutos por falta de operários.

Nessas condições, poderíamos chegar à seguinte proposta que entendo apresentar humildemente à iluminada sabedoria de sua excelência:

[5] Mariano Antônio Espinosa (1844-1923). Na realidade, era secretário do arcebispo e se tornaria vigário-geral somente em 1879; nomeado como primeiro bispo de La Plata (1898), será transferido para a sede metropolitana de Buenos Aires em 1900.

[6] João Batista Gazzolo (Gênova 1827-1895), oficial da marinha, emigrado para a Argentina em 1858, voltou para a Itália com o título de cônsul argentino em Savona e "agente de imigração".

[7] Trata-se de dom Leão Frederico Aneiros (1826-1894).

1° Eu enviaria alguns sacerdotes a Buenos Aires para criar ali um internato central. Para isso, seria muito útil dispor de uma igreja qualquer para as sagradas celebrações, especialmente para dar catecismo aos meninos mais abandonados da cidade. O citado comendador Gazzolo me diz que poderia ser muito oportuna a igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, que deveria estar vacante. Na falta de igreja pública, poderíamos também usar algum local que de algum modo seja apto a recolher e entreter os meninos pobres.

2° Depois eu mandaria para San Nicolás o número de sacerdotes, clérigos, leigos que serão necessários para o serviço religioso, o canto, e também para dar aula onde for preciso.

3° Desde esses lugares, salesianos poderiam ser enviados para outras partes, segundo o que parecer melhor ao ordinário.

Se estes pensamentos parecerem poder formar a base para concretizar o nosso projeto, queira escrever-me e eu me dedicarei ao assunto.

Para sua norma lhe direi que a nossa Congregação foi aprovada definitivamente pela Santa Sé, e embora o escopo primário seja o cuidado da juventude pobre, todavia, ela se dedica a todos os ramos do sagrado ministério. Além disso, o santo padre, tendo-se ele mesmo feito nosso protetor, deseja que apresentemos a ele a prática concreta, antes de concluir tudo definitivamente. Além disso, sei que ele estima muito este modo de pensar, porque tem especial afeto por esses países longínquos, que foram objeto do seu zelo apostólico no tempo em que foi enviado para ali como núncio da Santa Sé.

Escrevo também ao vigário de San Nicolás no que se refere à sua carta.

Não escrevi em latim nem em espanhol porque vejo que o senhor escreve maravilhosamente na língua italiana[8].

Recomendo a mim e às minhas famílias à caridade das santas orações de vossa senhoria e de sua excelência o arcebispo, e prestando a ambos humildes obséquios, com profunda veneração considero máxima honra poder professar-me

De vossa senhoria reverendíssima obrigadíssimo humilde servidor

Sac. João Bosco

[8] Fizera os estudos teológicos em Roma no quadriênio 1865-1869.

92. Circular aos salesianos

Edição crítica em E(m) IV, pp. 407-409.

Turim, 5 de fevereiro de 1875

Aos sócios salesianos,

Entre as muitas propostas que nos foram feitas para a abertura de uma missão nos países estrangeiros parece merecer preferência a da República Argentina. Ali, além da parte civilizada, existem ainda extensões intermináveis de terras habitadas por povos selvagens, entre os quais o zelo dos salesianos, com a graça de Deus, pode ser exercido.

Por ora, começamos a abrir um internato em Buenos Aires, capital dessa vasta República, e um colégio com igreja pública em San Nicolás de los Arroyos, não muito distante da mesma capital.

Agora, tratando-se de preparar o pessoal para enviar a realizar esta primeira experiência, desejo que a escolha caia sobre sócios que vão, não por obediência, mas por absoluta livre escolha.

Portanto, os que se sentem propensos a ir às missões estrangeiras deverão:

1° Fazer um pedido por escrito, no qual manifestam seu desejo de ir para aqueles países como sócios da nossa Congregação.

2° Depois se reunirá o Capítulo Superior, que invocará as luzes do Espírito Santo, examinará a saúde, a ciência e as forças físicas e morais de cada um. Serão escolhidos somente aqueles a respeito dos quais se pode julgar com fundamento que essa experiência resultará vantajosa para a sua alma, e ao mesmo tempo servir para a maior glória de Deus.

3° Feita a escolha, se reunirão pelo espaço de tempo necessário para estudar a língua e os costumes dos povos aos quais se entende levar a palavra da vida divina.

4° Se alguma grave razão não levar a mudar de plano, a partida está marcada para o próximo mês de outubro.

Agradeçamos de todo o coração a bondade divina que tão generosamente concede cada dia novos favores à nossa humilde Congregação, e procuremos tornar-nos dignos com a exata observância das nossas Constituições, especialmente no que se refere aos votos com que nos consagramos ao Senhor.

Continuemos a elevar contínuas orações ao céu a fim de que possamos praticar as virtudes da paciência e da mansidão. Assim seja.

Crede-me sempre em Jesus Cristo afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

P.S. O senhor diretor leia e explique o teor desta carta aos salesianos que vivem nessa casa.

93. Ao pároco de San Nicolás de los Arroyos, padre Pedro Ceccarelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 490-493.

Turim, 28 de julho de 1875

Reverendíssimo e caríssimo no Senhor[9],

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco.

Tendo levado em consideração as cartas escritas por vossa senhoria reverendíssima e os preciosos documentos que a excelentíssima comissão fundadora do colégio de San Nicolás houve por bem enviar-me, decidi que os meus filhos se apressem em partir para a República Argentina apenas tudo estiver pronto.

Agora peço queira comunicar aos senhores da respeitável comissão que:

1° Eu lhes sou muito grato de todo coração pelas benévolas expressões com que me escreveram, e que os salesianos, com sua boa vontade, esperam corresponder à sua justa expectativa, tanto em relação à direção do colégio de San Nicolás, quanto em relação às escolas noturnas, que entre nós obtêm muito bons resultados.

2° Para uniformar-me às Constituições da nossa Congregação, modifico um pouco o pessoal que me tinha sido indicado. Serão cinco sacerdotes, to-

[9] Pedro Ceccarelli (1842-1893), sacerdote da Emília, emigrado para a Argentina em 1871, foi por vinte anos (1873-1893) pároco de San Nicolás de los Arroyos, onde promoveu várias obras sociais. Era membro da comissão promotora do projeto de um colégio a ser confiado aos salesianos.

dos professores aprovados e munidos dos seus diplomas em nossa terra. Com eles irá também um maestro de música para tocar e ensinar o canto, o piano, o órgão e outros instrumentos, tanto nas igrejas, onde for preciso, quanto no colégio e nas escolas noturnas. Dois coadjutores salesianos, dos quais um cuidará da igreja, o outro da manutenção do colégio. Eu gostaria que as pessoas de serviço fossem todas da Congregação Salesiana, para poder estar sempre mais seguro de suas atividades; mas, quando tudo estiver encaminhado, o senhor me escreverá e então se poderá providenciar o que for necessário.

3° O sacerdote doutor João Cagliero, inspetor ou vice-superior da Congregação, guiará os sócios salesianos, com plenos poderes para tratar e concluir qualquer problema que possa ocorrer com as autoridades civis ou eclesiásticas. Instalados os salesianos nas respectivas funções, ele deixará como diretor o professor João Bonetti, que há muitos anos é o diretor de um colégio de mais de trezentos alunos e já conhecido por causa de diversas obras publicadas; em seguida, o padre Cagliero voltará para a Europa para poder corresponder-se e providenciar o que for necessário para o bom andamento do novo colégio e de outras iniciativas que a divina Providência se dignar confiar-nos.

[4°] E como esta é a primeira viagem que os salesianos fazem através de tão grande mar, eu desejo vivamente que sejam acompanhados pelo comendador João Gazzolo, cônsul argentino em Savona. Ele é pessoa que tem toda a nossa confiança, prático nas vicissitudes do mar e conhecedor dos países e de muitas pessoas entre as quais os nossos deverão estabelecer sua residência. Os viajantes, portanto, são dez, e eu lhe peço providenciar as passagens correspondentes, das quais bastam três de segunda classe. Mas, se isto causar dificuldades, eu assumirei a passagem de todos pelos quais não seria possível pagar. Estou pronto a fazer este e outros sacrifícios, porque desejo vivamente que tudo corra bem, especialmente quanto à moralidade e que não falte nada do que pode contribuir para pôr um sólido alicerce na obra de San Nicolás.

5° Os salesianos deverão partir aproximadamente na metade de novembro, e farei saber o dia, apenas puder ser definido com precisão.

6° Quanto aos nomes dos religiosos a pôr nos bilhetes das passagens, poder-se-ia fazer uma passagem única, tendo à frente o doutor João Cagliero ou então o comendador João Gazzolo, que tivesse validade para o número de pessoas que se julgar oportuno. Desta maneira, se evitaria a dificuldade que poderia ocorrer se algum ficasse doente e não pudesse viajar na época estabelecida.

7° Comunicar a sua excelência o senhor arcebispo o que aqui se diz, da forma que julgar mais oportuna.

Finalmente, caro e respeitável sacerdote no Senhor, apresento-lhe meus humildes e cordiais agradecimentos pela caridade que está usando neste pio empreendimento. Se disso resultar, conforme espero, um pouco de glória de Deus e algum bem para os meninos de San Nicolás, o senhor certamente terá o mérito principal.

Eu estou convencido de que vossa senhoria terá nos salesianos bons irmãos que, seguindo seus sábios conselhos, corresponderão às expectativas das autoridades civis e religiosas, como fizemos até agora nas difíceis situações que se encontram as coisas públicas em nossa terra.

Seja o que for, queira escrever-me com toda liberdade e também imediatamente; eu lhe escreverei outra carta quanto antes a fim de informá-lo a respeito do que andamos preparando para a partida.

Finalmente, recomendo-me a mim, os meus salesianos e todos os nossos jovens à caridade das suas santas orações, enquanto tenho a honra de professar-me, com gratidão e estima,

De vossa senhoria reverendíssima humilde servidor e amigo

Sac. João Bosco

94. Ao pároco de San Nicolás de los Arroyos, padre Pedro Ceccarelli

Edição crítica em E(m) IV, pp. 503-504.

Turim, 12 de agosto de 1875

Caríssimo senhor doutor Ceccarelli,

Tendo recebido a sua carta de acordo com o senhor comendador Gazzolo, enviei imediatamente uma resposta para o senhor e para o município de San Nicolás. A nossa partida não será depois de 15 de novembro próximo, mas esperamos que seja antes. Enquanto nós preparamos nossa equipagem, devo pedir-lhe muitas coisas particulares, e:

1° Quanto a paramentos e vasos sagrados, móveis para a igreja, serão providenciados ali ou devemos providenciar aqui e levar junto?

2° O mesmo seja dito dos móveis de casa, cozinha, quarto, roupas pessoais, lençóis, toalhas, toalhas de mão, etc.

3° Quanto a livros, por exemplo, missais, antifonários, textos para a bênção, para as missas dos falecidos, breviários, catecismos, livros de aula como gramáticas, dicionários e coisas semelhantes.

4° Se, chegando em San Nicolás, os nossos deverão ir logo para o colégio ou para a casa paroquial; se devemos pensar nas pessoas de serviço ou se já há algo definido a este respeito.

5° Se, falando das escolas do colégio, incluem-se também as escolas da cidade, ou estas são separadas daquelas; e se são ou não confiadas a outras pessoas.

6° Se é necessário que providenciemos um piano ou já existe no colégio; o mesmo quanto a papel de música, métodos para ensinar órgão, piano, canto gregoriano.

7° Mando-lhe os regulamentos ou propriamente o horário de algumas das nossas escolas de Varazze e de Turim, pois o verdadeiro regulamento está nas atitudes de quem ensina.

8° Se os nossos padres deverão tomar parte na pregação, no catecismo, nas confissões dos fiéis, como fazemos nas nossas igrejas.

9° Se será preciso que eu escreva preventivamente ao arcebispo de Buenos Aires e em que sentido.

10° Como estou imprimindo um livro de piedade para a juventude em língua espanhola, como já lhe escrevi, e desejando adequar-me quanto possível aos costumes dessa arquidiocese, precisaria que me mandasse o mais rápido que puder um pequeno catecismo para meninos, do qual se possam extrair as orações diárias, isto é: *Eu vos adoro, Ave*, *Creio*, *Salve Rainha*, *Anjo de Deus*, Decálogo, atos de fé e semelhantes. Assim os nossos religiosos se adaptariam logo ao que é costume praticar nessa diocese.

Durante este tempo é preciso que o senhor se arme de paciência, me instrua e me ajude.

Eu desejo que o senhor faça bela figura, e que ninguém possa dizer: é uma mesquinhez. Por isso, estando empenhada a honra de uma Congregação nascente, entendo não poupar nada de pessoal e também de despesas, que possa contribuir para o bom êxito do nosso empreendimento.

Finalmente, peço-lhe me dê todos os conselhos que julgar oportunos para o caso, e apresente da minha parte os meus humildes e respeitosos cum-

primentos aos senhores da comissão fundadora, os quais se dignaram me escrever com tanta bondade.

Deus o cumule com as suas bênçãos; reze por mim, que com verdadeira gratidão tenho a honra de professar-me,

De vossa senhoria caríssima humilde servidor

Sac. João Bosco

95. Ao prefeito da Congregação para a Propagação da Fé, cardeal Alexandre Franchi

Edição crtica em E(m) IV, pp. 514-516.

[Ovada, 31 agosto 1875]

Eminência reverendíssima,

Recorro humildemente a vossa eminência para que se digne fazer-me de pai e protetor no assunto que aqui respeitosamente tenho a honra de expor. Com a bênção do santo padre, prévias as práticas necessárias com o arcebispo de Buenos Aires e com o município de San Nicolás de los Arroyos, a Congregação Salesiana concluiu tratativas para abrir um internato naquela capital e um colégio em San Nicolás, especialmente para o bem das missões, e assumir a administração das escolas públicas, com igreja, em favor daqueles cidadãos.

A primeira partida dos salesianos está fixada para os últimos dias do próximo mês de outubro, em número de dez, e igual número deverá partir um pouco mais tarde. Sendo esta a primeira vez que abrimos casas nas missões estrangeiras, eu me dirijo a vossa eminência reverendíssima, suplicando-lhe:

1° Queira conceder à Congregação Salesiana (definitivamente aprovada no dia 3 de abril de 1874) todos os favores, graças espirituais e privilégios que a Santa Sé costuma conceder aos religiosos que vão para as missões estrangeiras, quer enquanto indivíduos, quer enquanto casas religiosas, como são precisamente as salesianas.

2° Esta Congregação, embora se encontre bastante provisionada do pessoal necessário, todavia, estando ainda nos seus inícios e sem meios econômi-

cos, portanto em grave necessidade, suplica vossa eminência queira fornecer-nos os subsídios em dinheiro, em livros, especialmente de língua espanhola, para uso da igreja ou da escola; vasos sagrados, paramentos e coisas semelhantes, conforme sua conhecida caridade julgar oportuno.

A benevolência e a singular caridade que usou para comigo em outras oportunidades fazem-me esperar que também desta vez se dignará fazer de pai e protetor. Os salesianos, por sua parte, procurarão com todo zelo corresponder aos benefícios recebidos, recordando com indelével gratidão quem lhes proporcionou meios eficazes, com que puderam ir exercer o ministério evangélico na República Argentina, onde, com a ajuda divina, esperam poder também ir a outras partes da América.

Todos, de muito bom grado, pedem a Deus que o cubra de favores celestes e lhe conceda longos anos de vida feliz para o bem da Igreja e da sociedade civil, enquanto, em nome de todos, beijo a sagrada púrpura e me professo com a mais profunda veneração

De vossa eminência reverendíssima obrigadíssimo humilde servidor

[Sac. João Bosco]

96. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) IV, pp. 534-536.

Turim, 27 de outubro de 1875

Beatíssimo Padre,

O projeto de abrir um colégio e um internato para as missões na República Argentina, que Vossa Santidade se dignou abençoar, está para se realizar. A partida dos missionários está marcada para o próximo dia 13 de novembro. Entre as muitas pessoas que com zelo se empenharam para o bom êxito deste pio empreendimento parece-me poder apontar:

1° O comendador João Batista Gazzolo, cônsul daquela República em Savona. Foi ele que tratou de tudo, aplainou as dificuldades surgidas, dedicou-se pessoalmente a ensinar a língua espanhola aos nossos religiosos e a vinte religiosas, e que acompanhará a todos até Buenos Aures e a San Nicolás de los Arroyos.

2° O doutor Pedro Ceccarelli, único pároco da grande população desta última cidade, que, solucionando muitos problemas, enfrentando despesas e com muito zelo tratou com a autoridade eclesiástica, depois iniciou e levou a bom termo as práticas com aquele município, que oferece aos novos missionários um colégio, igreja pública em favor dos jovens e dos adultos.

Para estes dois católicos exemplares, Beatíssimo Padre, pela caridade que usaram para conosco e dos quais ainda muito esperam os salesianos, ouso pedir a Vossa Santidade queira honrar o senhor comendador João Batista Gazzolo com o título de comendador de alguma ordem pontifícia, segundo o que parecer melhor a Vossa Santidade, e ao senhor doutor Pedro Ceccarelli, o título de capelão de Vossa Santidade ou outro título honorífco que for do seu agrado.

Nem um nem outro fazem qualquer pedido, pelo contrário, ignoram esta minha solicitação; mas eu sei que um sinal de benevolência por parte de Vossa Santidade seria sumamente grato às respectivas famílias, estimularia ambos a continuar suas solicitudes para o bem da nossa santa religião católica e também a fundar outras pias instituições naqueles longínquos países.

Antes de partir, os nossos salesianos desejam ir a Roma para receber sua santa bênção apostólica e assim terem a certeza de trabalhar, viver e morrer por aquela divina religião da qual Vossa Santidade é o chefe supremo sobre a terra. Eles esperam que Vossa Santidade, em sua ilimitada clemência, queira benevolamente acolhê-los.

Humildemente prostrado a seus pés, apresento-lhe as filiais homenagens de todos os salesianos, pedindo queira conceder-lhes sua santa bênção, enquanto em nome de todos, com a maior gratidão, tenho a honra de professar-me

De Vossa Santidade humílimo e obrigadíssimo filho

Sac. João Bosco

Reitor-Mor

97. Despedida de Dom Bosco na partida dos missionários

Edição impressa em *Da Torino alla Repubblica Argentina. Lettere dei missionari salesiani per il sac. Cesare Chiala*. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1876, pp. 43-57.

Terminadas as vésperas, subia ao púlpito Dom Bosco para fazer a saudação de despedida.

Apenas ele apareceu, fez-se um profundo silêncio em toda a igreja, lotada de pessoas; sentia-se no ar um frêmito de comoção que perpassava toda a assembleia, sendo aquela a última vez que um pai amado falava aos seus diletos filhos, e também a última que estes iam ouvir o eco de suas queridas palavras!

Um dos nossos jovens, dotado de feliz memória, pôde conservar-nos em parte este discurso, que se pode dizer improvisado pela mente em luta com o coração, porque a cada momento que o orador tocava a parte vital do argumento, isto é, os missionários ali presentes, sua voz se velava, em seguida morria sobre os lábios..., e com visível esforço passava a outro assunto, sufocando as lágrimas que, por sua vez, corriam abundantemente dos olhos dos ouvintes.

– "O nosso divino Salvador, assim começou Dom Bosco, quando estava na terra, antes de voltar ao seu Pai celeste, reunidos os apóstolos, disse: *Ite in mundum universum... docete omnes gentes... praedicate evangelium meum omni creaturae.* Ide por todo o mundo... ensinai a todos... pregai o Evangelho a todas as criaturas".

Com estas palavras, o Salvador não dava um conselho, mas uma ordem aos seus apóstolos, a fim de que fossem levar a luz do Evangelho por todas as partes da terra. Esta ordem ou missão deu o nome de "missionários" aos que em nosso país e nos países estrangeiros vão promulgar ou pregar as verdades da fé. *Ite*, ide.

– Tendo subido ao céu o divino Salvador, os apóstolos puseram em prática o preceito do mestre. São Pedro e São Paulo estiveram em muitos países, cidades e reinos do mundo. Santo André esteve na Pérsia, São Bartolomeu na Índia, São Tiago na Espanha e todos, quem aqui, quem acolá, pregaram o Evangelho de Jesus Cristo, de tal modo que São Paulo, no seu tempo, pôde escrever: *Fides vestra annunciatur in universo mundo.* A fé de Jesus Cristo está sendo pregada em todo o mundo.

Não teria sido melhor que os apóstolos se tivessem dedicado antes a conquistar os habitantes de Jerusalém e de toda a Palestina, especialmente para ter a comodidade de se reunirem juntos e discutir os pontos mais fundamentais da religião católica e quanto ao modo de propagá-la, de tal modo que não houvesse mais ninguém naquelas terras que não acreditasse em Jesus Cristo? Não, não foi assim que fizeram; o divino Salvador lhes tinha dito: *Ite in mundum universum:* – Ide por todo o mundo: e é por isso que os apóstolos, não podendo, sozinhos, percorrer todas as regiões do globo, associaram a si outros e depois ainda outros operários evangélicos, que enviaram para cá e para lá a propagar a palavra de Deus. São Pedro mandou Santo Apolinário a Ravena, São Barnabé a Milão, São Lino e outros para a França, e assim outros apóstolos no governo da Igreja.

Os papas, sucessores de São Pedro, fizeram o mesmo: e todos os que foram para missões partiram enviados por Roma ou pelo menos com o consentimento do santo padre.

E tudo isso conforme as disposições de Deus Salvador que estabeleceu, como era necessário, um centro seguro, infalível, ao qual todos deveriam referir-se, do qual todos dependeriam e ao qual deveriam adequar-se todos os que iriam pregar sua santa palavra.

– Agora, procurando nós, no nosso pequeno mundo, executar, segundo as nossas forças, o preceito de Jesus Cristo, várias missões se apresentavam na China, na Índia, na Austrália, na própria América; mas, por vários motivos, especialmente por estar a nossa Congregação ainda nos inícios, preferiu-se uma missão na América do Sul, na República Argentina. A fim de seguir o costume adotado, aliás, o preceito de Jesus Cristo, apenas se começou a falar dessa missão, imediatamente se apresentou a ideia ao chefe da Igreja e tudo foi feito com pleno entendimento de Sua Santidade; os nossos missionários, antes de partir para a sua missão, foram prestar homenagem ao vigário de Jesus Cristo a fim de receberem a sua santa bênção apostólica e então partirem como enviados pelo próprio divino Salvador.

Desta forma, estamos dando início a uma grande obra, não porque tenhamos pretensões ou se pense em converter o mundo inteiro em poucos dias, não; mas quem sabe se esta partida e este pouco não será como uma semente da qual deva germinar uma grande árvore? Quem sabe não seja como um grãozinho de trigo que pouco a pouco vai se estendendo e não resulte disso um grande bem?

Para dar-vos uma ideia exata da grande necessidade de sacerdotes na República Argentina, leio somente algumas passagens de uma carta que recebi há pouco por parte de pessoa amiga que vive naquelas terras: "Se por

acaso nestas terras houvesse a comodidade, ele escreve, que se tem, não digo na igreja de Maria Auxiliadora, mas no mais esquecido lugarejo da Itália ou da França, como se considerariam felizes estes povos e como se mostrariam dóceis e gratos à voz de quem por eles trabalha! Mas aqui é frequente, mesmo na hora da morte, não se ter nenhum conforto da nossa santa religião. Alguns lugares estão absolutamente sem possibilidade de ter a santa missa". E um seu parente me conta que, querendo num domingo ir à missa, partiu de casa na quinta-feira, e para chegar a tempo, teve que viajar muito depressa, servindo-se de um cavalo, carroça ou qualquer meio possível, e só pôde chegar naquele lugar no domingo de manhã para a hora da missa.

Os poucos padres que há não são suficientes para administrar os sacramentos aos moribundos, quer pela numerosa população à qual devem dedicar seus cuidados, quer pela distância dos diversos lugares onde moram.

Recomendo-vos com particular insistência a dolorosa situação de muitas famílias italianas, que, numerosas, vivem dispersas naquelas cidades, nos vilarejos e no interior. – Os pais, seus filhos, pouco instruídos na língua e nos costumes dos lugares, longe das escolas e das igrejas, ou não vão às práticas religiosas ou, se vão, nada compreendem. Por isso, me escrevem que vós encontrareis grandíssimo número de meninos e também de adultos que vivem na mais deplorável ignorância, sem saber ler e escrever, e ignorância também de qualquer princípio religioso. Ide, procurai esses nossos irmãos, aos quais a miséria ou a desventura levou a terras estrangeiras, esforçai-vos por fazer-lhes conhecer quão grande é a misericórdia daquele Deus que a eles vos envia para o bem das suas almas e para ajudá-los a conhecer e seguir a estrada que, com segurança, os conduz à salvação eterna.

Nas regiões que circundam a parte civilizada há grandes grupos de selvagens, entre os quais ainda não penetrou a religião de Jesus Cristo, nem a civilização, nem o comércio, onde até agora nenhum pé europeu deixou alguma pegada.

Estas regiões são os Pampas, a Patagônia e algumas ilhas próximas e que formam um continente talvez maior do que toda a Europa.

Ora, todas essas vastíssimas regiões ignoram o cristianismo e também qualquer princípio de civilização, de comércio e religião. Oh, nós então rezemos, rezemos, rezemos ao Senhor da vinha para que mande operários para a sua messe, que mande muitos, mas que os mande segundo o seu coração, a fim de que se propague sobre a terra o Reino de Jesus Cristo.

Neste ponto eu deveria dirigir palavras de agradecimento a tantos benfeitores, que de tantas maneiras se empenharam no bom êxito desta missão. Mas, o que digo? Haveremos de falar com Jesus Sacramentado, que agora se

expõe para a bênção, e rezaremos para que ele recompense tudo o que eles fizeram em favor desta nossa casa, da Congregação Salesiana e desta missão.

Eu deveria falar de um ilustre personagem que iniciou, continuou e levou a termo o pio empreendimento; mas a respeito dele devo calar porque está aqui presente; deixo para falar dele em outro tempo.

Agora direi alguma palavra a vós, amados filhos, que estais para partir.

Antes de tudo, recomendo-vos que nas vossas orações particulares e comuns não esqueçais nunca os nossos benfeitores da Europa; e as primeiras almas que conseguirdes conquistar para Jesus Cristo oferecei-as ao Pai celeste em homenagem e penhor de gratidão aos beneméritos colaboradores desta missão. A todos em particular já disse à viva voz o que o meu coração inspirava ou que eu pensei que seria útil; a todos deixo por escrito algumas lembranças especiais para que sejam como o meu testamento para eles, que vão para países tão distantes e que talvez nunca mais terei a consolação de ver sobre esta terra.

A voz me falta, as lágrimas sufocam a minha palavra. Digo-vos somente que se neste momento eu me sinto comovido por causa da vossa partida, o meu coração exulta de grande consolação ao ver solidificada a nossa Congregação; ao ver que, na nossa pequenez, também nós neste momento colocamos uma pedrinha no grande edifício da Igreja. Sim, parti corajosamente, mas lembrai-vos de que há uma só Igreja que está presente na Europa e na América e no mundo inteiro, e acolhe em sua casa os habitantes de todas as nações que querem vir refugiar-se no seu seio materno.

Cristo é o salvador das almas que estão aqui, como também daquelas que estão lá. O Evangelho é o mesmo que se prega num lugar como o que se prega em outro, de modo que, embora separados pelo corpo, temos em toda a parte unidade de espírito, trabalhando todos para a maior glória do mesmo Deus e Salvador nosso Jesus Cristo.

Seja aonde for que ireis morar, amados filhos, deveis sempre ter presente que sois padres católicos, que sois salesianos. Como católicos, vós fostes a Roma receber a bênção, aliás, a missão do sumo pontífice.

E com este fato vós pronunciastes uma fórmula, uma profissão de fé e manifestais publicamente que sois enviados pelo vigário de Jesus Cristo a realizar a mesma missão dos apóstolos, como enviados pelo próprio Jesus Cristo.

Portanto, vós deveis amar com solicitude, professar e somente pregar, os mesmos sacramentos, o mesmo Evangelho pregado pelo Salvador, pelos seus apóstolos, pelos sucessores de São Pedro até os nossos dias, a mesma religião, os mesmos sacramentos, quer seja entre os selvagens, quer entre os povos

civilizados. Deus vos livre de pronunciar uma palavra ou fazer uma ação que possa, mesmo de longe, ser interpretada como contrária aos ensinamentos infalíveis da suprema sede de Pedro, a sede de Jesus Cristo, ao qual tudo deve ser referido e do qual em tudo se deve depender.

Como salesianos, em qualquer parte remota do mundo que vos encontrardes, não esqueçais nunca que aqui na Itália tendes um pai que vos ama no Senhor, uma Congregação que, em cada acontecimento, pensa em vós, e vos provê de tudo e que sempre vos acolherá como irmãos.

Ide, portanto, vós deveis enfrentar toda espécie de fadigas, cansaços, perigos, mas não tenhais medo, Deus está convosco, eles vos dará tal graça que podereis dizer com São Paulo: por mim, nada posso, mas com a divina ajuda, sou onipotente: *Omnia possum in eo qui me confortat*. Ireis, mas não ireis sozinhos; todos vos acompanharão. Não poucos colegas vossos seguirão vosso exemplo e irão alcançar-vos no campo da glória e das tribulações. E os que não irão partir convosco, a fim de acompanhar-vos no campo evangélico ao qual a divina Providência vos destinou, vos acompanharão com o pensamento e com a oração, e convosco dividirão as consolações, as aflições, as flores e os espinhos, para que pelo auxílio divino possais produzir muitos frutos em tudo que devereis enfrentar para a salvação das almas remidas por Jesus. Ide, portanto, o vigário de Jesus Cristo e o nosso venerado arcebispo vos abençoam, eu também com todo o afeto do meu coração invoco copiosamente as bênçãos divinas sobre vós, sobre a vossa viagem, sobre vossos empreendimentos e sobre vossas fadigas.

Adeus! Talvez nem todos voltaremos a ver-nos nesta terra; mas tenho firme esperança de que, pela infinita misericórdia do Senhor, nos veremos todos reunidos naquela pátria onde as fadigas da terra e os breves padecimentos da vida serão dignamente recompensados com as eternas alegrias do céu.

II. UM PROJETO MISSIONÁRIO EM RÁPIDO DESENVOLVIMENTO

Quais foram os projetos missionários de Dom Bosco para a Argentina depois de os salesianos porem os pés naquela terra? Mediante as informações que ele tinha, graças às pesquisas do padre Júlio Barberis, à correspondência com as autoridades locais e com os missionários salesianos, depois de seis meses da primeira expedição, Dom Bosco já podia enviar ao prefeito da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, cardeal Alexandre Franchi, uma primeira relação quanto aos resultados iniciais da obra dos missionários salesianos na Argentina (n. 98). Solicitava subsídios econômicos e a ereção de uma prefeitura apostólica para os territórios dos Pampas e da Patagônia, que informava não pertencerem a nenhuma instituição eclesiástica nem civil.

Pedia ajuda financeira também ao ministro do Exterior da Itália, em função da assistência salesiana aos emigrados italianos na Argentina (n. 99); e aos benfeitores em geral, para as casas já abertas na Argentina, para as que tinham sido solicitadas pelo Chile, para as despesas de viagem e todo o enxoval necessário para os missionários.

No fim de 1877 enviava novamente ao cardeal prefeito da Congregação para a Propagação da Fé novo memorial sobre a importância das missões salesianas, informando-o a respeito dos resultados obtidos em dois anos, quanto ao pessoal empenhado nos trabalhos e sobre as fontes limitadas de financiamento. Concluía seu escrito com o pedido da ereção de um vicariato apostólico na Patagônia centro-norte, e de uma prefeitura apostólica no sul (n. 101).

Apenas nomeado o novo prefeito da Congregação para a Propagação da Fé, na pessoa do cardeal João Simeoni, Dom Bosco se apressava em renovar brevemente o mesmo pedido, aliás, já comunicado ao novo pontífice Leão XIII, que concordava com os projetos de Dom Bosco para a América e para a Índia, mas deixava toda decisão para o apreço da correspondente Congregação (n. 102).

Ao mesmo pontífice, em abril de 1879, enviava um pró-memória sobre o estado da Sociedade Salesiana nas missões da Patagônia, para as quais solicitava novamente um reconhecimento formal por parte da Santa Sé, a fim de poder obter subsídios econômicos da Pia Obra de Propagação da Fé de Lião *e da* Obra da Santa Infância *(n. 103).*

Informações muito amplas, com documentação anexa quanto ao progresso das missões salesianas, estão contidas em outros dois memoriais: em primeiro lugar, uma ampla exposição ao papa sobre as missões patagônicas com a finalidade de conseguir um vicariato apostólico na Patagônia (n. 104), e depois uma história

mais explícita de cada uma das fundações salesianas na Patagônia enviada à Obra da Propagação da Fé em Lião, em março de 1882, a fim de obter algum apoio econômico para conseguir resultados apostólicos sempre melhores (n. 105).

Os reiterados pedidos de novas circunscrições jurídicas foram acolhidos no ano seguinte. No dia 16 de novembro de 1883, de fato, eram erigidos o vicariato e a prefeitura apostólica, longamente desejados (n. 106)[10].

A nossa breve resenha documentária se encerra com a circular aos Cooperadores e Cooperadoras missionários de 1886 (n. 107), traduzida em 4 línguas e enviada para todo o mundo, na qual Dom Bosco relatava o iminente desenvolvimento das obras missionárias salesianas no Chile, nas terras magalânicas, no Brasil, enquanto renovava os pedidos de orações e ajuda econômica.

Naquela época, já tinham partido nove expedições, com mais de 100 missionários salesianos e 40 Filhas de Maria Auxiliadora. Ainda durante a vida de Dom Bosco, seguiriam mais três expedições (abril e dezembro de 1886, dezembro de 1887), com uns trinta missionários e missionárias que já tinham chegado ao extremo sul do Chile (Punta Arenas, em 1887).

98. Ao prefeito da Congregação para a Propagação da Fé, cardeal Alexandre Franchi

Edição crítica em E(m) V, pp. 143-149.

Roma, 10 de maio de 1876

Eminência reverendíssima,

Como filho afeiçoado e obediente da Santa Sé, exponho a vossa eminência reverendíssima um projeto que, nesses tempos, me parece poder se realizar em benefício de uma vasta região, talvez a única na qual o Evangelho ainda não pôde fazer sentir os misericordiosos efeitos da fé em Jesus Cristo.

Essa região é conhecida sob o nome de Pampas e Patagônia ou terras magalânicas, na América do Sul. Estende-se a partir do grau 42 até o 60, e se a ela se somarem as ilhas vizinhas, chega a formar um continente maior que

[10] Maria Andrea Nicoletti, *Le complicate missioni della Patagonia da don Bosco a don Rua: situazione iniziale, sviluppi, bilancio*, em Francesco Motto (editor), *Don Michele Rua nella storia*. Roma, LAS 2010, pp. 339-362.

o da Europa. Trinta anos depois de Cristóvão Colombo, os célebres viajantes Caboto e Magalhães revelaram a existência daquelas terras, mas não puderam penetrar nelas. Depois deles, vários corajosos operários evangélicos tentaram trabalhar lá, em épocas diferentes, e alguns atualmente ainda trabalham, mas os seus esforços e o seu progresso foram momentâneos.

O nome de Jesus ressoou até o grau 45, mas de novo eles tiveram que retroceder e limitar-se às fronteiras da República Argentina e do Chile.

Por isso, na Patagônia, pela sua vasta superfície e pela escassez de habitantes, pela índole feroz e a estatura gigantesca dos mesmos, e ainda pela dureza do clima (o calor, no máximo, chega entre os 6 e oito graus centígrados), só foi possível conseguir alguns poucos êxitos; e a geografia inclui aquela região vastíssima entre as que, nem o cristianismo, nem a civilização conseguiram até agora penetrar, nem alguma autoridade civil pôde estender sobre ela sua influência e seu domínio.

Nestes últimos tempos, apareceram alguns sinais de esperança e de misericórdia divina, dado que várias cidades, diversos lugares da República Argentina, fundados perto dos selvagens, quase insensivelmente começaram com eles algum relacionamento, sinal de que às vezes será possível aproximá-los, falar e também exercer algum tipo de comércio.

Quem esteve por trás desses acontecimentos sociais considera que seria possível fazer uma tentativa com probabilidade de frutos espirituais.

Alguns anos atrás, tratou-se com o cardeal Barnabò[11], de gloriosa memória, de vários projetos que inclusive foram expostos ao santo padre. Um dentre eles pareceu preferível, que Sua Santidade abençoou e encorajou a tentar sua execução prática.

O projeto que parecia conveniente consistia em estabelecer albergues, colégios, internatos e casas de educação na altura dos limites com os selvagens.

Iniciadas as relações com eles, seria fácil entrar em contato com os seus parentes e em seguida, pouco a pouco, abrir caminho em meio às tribos selvagens. Recebida, pois, a bênção do santo padre, eu me pus em relação com o pio comendador João Batista Gazzolo, cônsul argentino em Savona, e por meio dele, conversou-se com o arcebispo de Buenos Aires, com o presidente da República Argentina[12] e com o município de San Nicolás de los Arroyos;

[11] Alexandre Barnabò (1801-1874), Prefeito da Congregação para a Propagação da Fé de 1856 até a morte.

[12] Presidente era Nicolau Avellaneda (1837-1885). Outrora ministro da Justiça e ministro da Instrução, praticou uma política voltada para o desenvolvimento agrícola e industrial do país, graças também à colonização dos Pampas aviada pelos seus predecessores e à forte imigração europeia que forneceu mão de obra a baixo custo.

depois de dois anos de tratativas concluiu-se que dez salesianos fossem para lá e se dedicassem a este novo gênero de missões, abrindo um internato em Buenos Aires como lugar central, e um colégio em San Nicolás.

Esta cidade, não distando mais do que 60 léguas dos selvagens, ofereceria um campo para os salesianos estudarem a língua, os costumes daqueles povos e talvez preparar entre os próprios alunos algum missionário indígena, que pudesse servir como guia entre os selvagens.

Internato de Buenos Aires

Definida a época da partida dos salesianos, estes se dedicaram com esforço ao estudo da língua, da história e dos costumes daquelas terras.

Preparado, em seguida, todo o necessário para o culto religioso e para os móveis dos quartos e da escola, foram a Roma para receber a bênção, a missão e os conselhos oportunos do vigário de Jesus Cristo. Depois, munidos por vossa eminência reverendíssima da faculdade de missionários apostólicos, no dia 14 de novembro partiram para a América e no dia 14 do mês de dezembro seguinte chegaram à capital da República Argentina.

Levavam consigo um *Breve* do santo padre, com uma carta comendatícia do cardeal prefeito da Sagrada Congregação para os Negócios Eclesiásticos Extraordinários, pelo que foram acolhidos com muita benevolência pelas autoridades civis e eclesiásticas.

Dos salesianos, três permaneceram no citado internato e na igreja da *Mater Misericordiae* para ocupar-se dos muitos italianos que lá residem. Nesta cidade se dedicam a ouvir confissões, pregar, e já puderam abrir três oratórios festivos nos três principais pontos da cidade.

Colégio de San Nicolás

Os outros sete religiosos foram para San Nicolás, onde aquele município ofereceu um lugar pequeno, mas suficiente para ali poder dar início a um colégio.

Com a ajuda de alguns generosos cidadãos, foram terminados os trabalhos, o local foi ampliado, fornecido de móveis, e agora já conta com cinquenta internos e cinquenta semi-internos, que a falta de lugar obriga a passar as noites nas respectivas famílias ou em casas particulares.

O colégio é chamado de San Nicolás para não ofender certas suscetibilidades nacionais, mas é um verdadeiro seminário, ou seja, um colégio para as missões entre os selvagens.

Com esse colégio já se conseguiram resultados consoladores. As escolas funcionam regularmente, a disciplina é plenamente observada. Entre os alunos indígenas, sete dos maiores pedem para abraçar o estado eclesiástico, a fim de ir, como dizem, converter os seus parentes ainda selvagens. Alguns alunos são filhos de pais que há pouco viviam nos Pampas, outros vêm de lá para ver os próprios filhos, conversando um pouco com os professores e com os diretores dos mesmos, é o que concluo pelas cartas recebidas há alguns dias de San Nicolás.

Agora se trata de abrir outras casas de educação em lugares mais próximos das tribos selvagens; mas para que essas obras possam manter-se, progredir e obter os desejados efeitos, precisamos de homens e de meios materiais. E dado que a evangelização entre os selvagens cabe à Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, recorro humildemente a vossa eminência, que é seu digníssimo prefeito, suplicando queira vir em minha ajuda concretamente e com seus conselhos.

Coisas mais necessárias

A messe é copiosa em toda parte, os alunos são abundantes, e por isso são indispensáveis edifícios e pessoas. Para impedir que os atuais missionários não sejam esmagados pelo trabalho é necessário enviar o mais cedo possível não menos de dez religiosos a fim de manter as obras iniciadas e tentar dar algum novo passo rumo à Patagônia.

As despesas feitas até agora (cerca de 100.000 francos), com muito esforço foram cobertas pela Congregação Salesiana, ajudada localmente por algum pio argentino, mas uma pessoa particular não pode, sozinha, responder por esse empreendimento, e por isso eu suplico vossa eminência:

1° Queira tomar esta missão em benévola consideração, dar-lhe todas as normas e os conselhos que na sua iluminada sabedoria julgar poderem ajudar o bem moral daqueles selvagens.

2° Dignar-se vir em ajuda material das escolas ativadas em Turim para os missionários destinados à Patagônia e para aqueles aos quais vossa eminência julgar oportuno confiar uma missão nas Índias, como já teve a oportunidade de manifestar; para pagar as despesas de viagem e as que ocorre fazer

pelo colégio aberto de San Nicolás, pelas casas e internatos a serem abertos conforme o projeto acima relatado.

3° Estabelecer uma prefeitura apostólica, que possa exercer a autoridade eclesiástica sobre as terras dos pampas e dos patagões, que por ora não pertencem a nenhum ordinário diocesano, nem a algum regime de governo civil.

Exposto assim o humilde projeto, submeto tudo à elevada prudência de vossa eminência, pronto a aceitar preventivamente e a seguir qualquer modificação e variação que julgar conveniente fazer. Somente desejo empregar os últimos dias da minha vida em favor desta missão que me parece ser para a maior glória de Deus e a salvação das almas; vossa eminência me ajude no que puder, especialmente com a caridade das suas santas orações, enquanto tenho a elevada honra de me professar

De vossa eminência reverendíssima humílimo e obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

99. Ao ministro dos Negócios Exteriores, Amadeu Melegari

Edição crítica em E(m) V, pp. 192-193.

[Turim, 12 de agosto de 1876]

Excelência[13],

No mês de abril passado, eu tive a honra de expor a vossa excelência a situação miserável em que viviam os italianos dispersos na República Argentina e em outros países e cidades da América do Sul, pela falta de instrução escolar e moral.

Indiquei também alguns meios com que me parecia ser possível tomar providências para aquela necessidade, e como para fazer a experiência, eu já enviei dez salesianos, ou seja, membros da associação de beneficência sob o nome de São Francisco de Sales, que tem como finalidade ocupar-se dos meninos mais pobres e mais abandonados da sociedade.

[13] Luís Amadeu Melegari (1805-1881), senador desde 1862, no biênio 1876-1877 era ministro do Exterior.

Vossa excelência se mostrou sensível a essa exposição, louvou o projeto e, prometendo o apoio do governo, me encaminhou ao senhor marquês Spínola[14], que estava para partir na qualidade de ministro italiano em Buenos Aires.

Aquele senhor inteligente apreciou a importância dos fatos, prometeu ocupar-se com todas as suas forças assim que assumisse sua função; nesse ínterim, me aconselhou a continuar na Itália as tratativas junto a vossa excelência.

Atualmente tenho a honra de lhe dar a conhecer que com bom êxito já foram ativadas algumas escolas e o serviço religioso na igreja *de los Italianos* em Buenos Aires.

Foi aberto um colégio em San Nicolás de los Arroyos, no qual há jovens internos; os alunos pobres, que não podem ser acolhidos como internos, frequentam as aulas como externos.

Além disso, será aberto quanto antes um internato para meninos mais pobres que moram naquela capital, e um colégio em Montevidéu, com o mesmo escopo do de San Nicolás.

A fim de providenciar a manutenção daquelas escolas, do internato e dos colégios, se aprouver a vossa excelência, posso tratar quando tiver recebido a relação do senhor marquês Spínola.

Na situação atual, eu me recomendo unicamente a fim de que vossa excelência queira me conceder um subsídio[15] para pagar as despesas de tudo o que é necessário e da viagem de vinte sócios salesianos que devem quanto antes ir ajudar seus companheiros, que insistem calorosamente, pois se sentem insuficientes para o muito crescente trabalho.

Nutro grande esperança de que vossa excelência dará seu eficaz apoio a esta obra que, além de ser nacional, dirige-se de modo especial a melhorar a classe mais necessitada da sociedade, os filhos em situação de risco das famílias italianas.

Queira dar-me a honra de poder professar-me com toda estima

De vossa excelência humilde servidor

[Sac. João Bosco]

[14] Frederico Constâncio Spinola (1830-1909), enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do governo italiano na Argentina.
[15] Foram concedidas mil liras.

100. Circular aos benfeitores

Edição crítica em E(m) V, pp. 204-208.

Turim, 25 de agosto de 1876

Benemérito senhor,

Deus bondoso, rico em misericórdia, dignou-se abençoar o projeto de uma *missão na República Argentina,* e no espaço de poucos meses, os missionários salesianos puderam fundar um colégio em *Montevidéu,* ativar um internato para meninos abandonados, reabrir a igreja dita da *Mãe de Misericórdia*, iniciar escolas e oratórios festivos em Buenos Aires para os numerosos italianos que ali moram.

Terminou-se e já foi aberto um colégio em *San Nicolás de los Arroyos*, onde recolheram mais de cento e vinte jovens, dos quais vários pertencem a famílias que viveram entre as tribos selvagens.

Anexa ao colégio, também abriram uma igreja pública, onde os adultos acorrem para ouvir a palavra de Deus, a santa missa, aproximar-se dos sacramentos da confissão e da comunhão.

Com a abertura dessas casas, está traçado o caminho para se lançarem entre os selvagens; o santo padre dignou-se abençoar e recomendar este pio empreendimento. Agora se trata de criar um novo instituto na cidade de *Dolores,* outro em *Carmen,* última povoação da República Argentina entre o Atlântico e a Patagônia.

Pelas cartas recebidas recentemente dos missionários, foi-nos proporcionada a consolação de, em três lugares, os selvagens pedirem missionários que vão até eles para anunciar o Reino dos Céus. Outras casas, outros internatos do mesmo tipo estão sendo projetados para a República do *Chile.*

Lá nos foi oferecido abrir em *Santiago*, que é a capital, um internato para as multidões de meninos abandonados que vivem sem instrução, totalmente sem meios para conhecer a Deus Criador; um colégio em *Valparaíso*, segunda cidade daquela República; um pequeno seminário na cidade de *Concepción,* última diocese ao sul daquela República e uma em *Valdivia*, cidade que confina com os selvagens da Patagônia.

Abertas essas casas, ativados esses internatos, garante-se a moralidade e a religião entre os indígenas, pode-se dar uma educação científica e cristã aos

meninos de todas as classes, e enquanto isso cultivar vocações eclesiásticas que porventura aparecerem entre os alunos.

Dessa forma, espera-se preparar missionários para os índios pampas e para os patagões, e assim os selvagens se tornariam evangelizadores dos próprios selvagens, sem o perigo de se ver novamente os massacres de tempos idos. O projeto de formar missionários indígenas parece ser abençoado pelo Senhor, pois há dez jovens indígenas mais adultos que pediram e foram admitidos entre os missionários. Seu vivo desejo é o de se tornarem eclesiásticos e ir pregar o Evangelho entre os selvagens.

Mas os salesianos enviados e que já se encontram no campo evangélico indicado pela divina Providência são insuficientes para o pesado trabalho que têm entre as mãos e para aquele que ainda mais extenso se apresenta a eles.

E para que não tenham que sucumbir sob o peso das fadigas, é indispensável que sejam enviados imediatamente em ajuda não menos de *vinte novos colaboradores*. Este é precisamente o número que de lá se pede e que se está preparando, todos contentes por enfrentar todo tipo de perigos, para ficar junto aos seus irmãos e trabalhar com eles para conquistar almas para Deus. Pois bem, como no ano passado fui obrigado a recorrer à caridade dos fiéis para fazer a primeira expedição, da mesma forma devo fazer agora.

É preciso providenciar livros, enxoval pessoal, paramentos sacros, móveis para a escola, para a casa, passagens para os que estão de partida. É também preciso providenciar muitos objetos pedidos por aqueles que lá já se encontram no lugar das missões.

Dado que naqueles países remotos falta tudo, a despesa da nova missão não é menor do que a de *sessenta e seis mil francos.* Para recolher esta soma, eu não tenho outra saída senão a de recorrer à piedade dos bons católicos e especialmente a vossa senhoria benemérita.

Enquanto os salesianos oferecem de bom grado a sua vida para salvar as almas, desde o lugar das suas missões se dirigem à caridade de vossa senhoria suplicando queira socorrê-los com a sua beneficência.

Faça o que puder, e queira também recomendar-nos às pessoas caridosas com quem tiver especial relacionamento. Cada oferta, mesmo pequena, pode ser encaminhada ao abaixo assinado, pelos meios que forem mais cômodos para o benemérito ofertante.

O nosso amoroso divino Salvador, que morreu na cruz para a salvação de todos, abençoe e recompense largamente todos os nossos benfeitores.

Os missionários, de sua parte, tanto os que já estão na América, quanto os que se preparam para partir, garantem suas orações diárias pelos seus benfeitores, e eu, em nome de todos, externando a mais viva e profunda gratidão, tenho a elevada honra de professar-me

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

101. Ao prefeito da Congregação para a Propagação da Fé, cardeal Alexandre Franchi

Edição crítica em E(m) V, pp. 533-541.

Turim, 31 de dezembro de 1877

A sua eminência reverendíssima o cardeal Franchi, prefeito da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé,

Nos tempos problemáticos em que vivemos, os bons católicos e especialmente as congregações religiosas devem, mais do que nunca, reunir-se compactamente em torno da grande mestra da verdade, a Santa Sé, e dela receber normas e conselhos a fim de agir com sucesso assegurado tanto nos países civilizados quanto nas missões estrangeiras. Com esta finalidade, há alguns anos, tive a elevada honra de expor a vossa eminência o desejo de muitos salesianos consagrarem as próprias forças em favor das missões estrangeiras, onde cada dia mais se faz notar a penúria de operários evangélicos.

Vossa eminência, com paterno e sábio conselho, me dizia: preparemos missionários. Confortado pelas bênçãos do santo padre, dediquei-me a esse empreendimento e, apoiado unicamente na divina Providência, abri um colégio ou seminário para as missões em Turim, quase logo em seguida outro em Gênova e depois em outras partes.

Deus abençoou estes frágeis esforços e em pouco tempo pude preparar um número notável de valentes profissionais e de eclesiásticos ansiosos para se consagrarem de fato às missões.

Então, apresentei-me novamente a vossa eminência a fim de que me aconselhasse onde seria melhor fazer a primeira experiência, isto é, se nas Índias ou na Austrália ou na América do Sul, entre os pampas e os patagões.

Pareceu oportuna a última proposta, porque mais proporcionada a uma nova congregação. Os sucessos obtidos me animam a pedir a vossa eminência queira intervir com a sua autoridade a consolidar a obra iniciada dois anos atrás sob os seus auspícios.

Por isso, permita que antes lhe exponha brevemente a situação; as necessidades dessa missão; o estado da mesma quanto ao pessoal e aos meios com que até este momento foi mantida; depois vossa eminência julgará quais providências devem ser tomadas para a maior glória de Deus.

Necessidades desta missão

Deve-se dizer que entre as terras dos selvagens pampas e patagões até para além da Terra do Fogo, ou seja, do Cabo Horn, há uma extensão do tamanho da Europa, onde o Evangelho ainda não pôde penetrar.

Em diversas épocas, alguns eclesiásticos corajosos penetraram em algumas terras daqueles selvagens, mas sempre lhes custou a vida, sem poder obter o sucesso estável do seu sacrifício.

Verdade é que nos confins das terras dos índios ou dos selvagens houve sempre alguns missionários, particularmente franciscanos ou lazaristas, mas o escasso número e as extraordinárias distâncias, além de outras graves dificuldades, tornaram parco também o fruto do seu zelo.

Nessa carência geral, levando em conta o ensinamento da história e valorizando o que outros disseram ou fizeram, considerando a situação atual daquelas regiões, julgou-se conveniente tentar uma nova experiência. Não se podem mandar missionários diretamente em meio aos selvagens, mas é possível ir até os confins dos lugares civilizados e ali fundar igrejas, escolas e internatos, com duas finalidades:

1° Cooperar na conservação da fé que por acaso já tiverem recebido;

2° Instruir, recolher aqueles índios que a religião ou a necessidade tiver movido a buscar asilo junto aos cristãos. O escopo consiste em estabelecer relações com os pais por meio dos filhos, a fim de que os selvagens se tornem evangelizadores dos próprios selvagens.

A fim de executar este projeto, ajudou-nos eficazmente o cônsul argentino residente em Savona, o qual, por solicitação do arcebispo da República Argentina e do missionário de Modena, monsenhor Ceccarelli, fez pedido formal de ajudar religiosamente os lugares já constituídos, como também os selvagens. Pois, conforme foi escrito, esses pobres índios avançam em turbas

contra as tropas regulares para dominá-las e apossar-se de seus despojos, e acabam todos estraçalhados pelas metralhadoras e pelos arcabuzes do governo.

Terminados os trâmites, no dia 14 de novembro partiram os primeiros salesianos em números de dez; a segunda expedição foi de 24, um ano depois; finalmente, organizou-se a última no dia 27 do mês de novembro passado; outros quinze salesianos irão alcançar os seus colegas na próxima primavera.

Resultados obtidos

1° Abençoados pelo vigário de Jesus Cristo e por isso abençoados pelo próprio Deus, os missionários salesianos encontraram um messe copiosíssima.

Dom Aneyros, arcebispo de Buenos Aires, tem uma diocese muito extensa, e em diversas partes ela confina com a região dos patagões e dos pampas. Muitas localidades e também cidades passam anos sem ver um sacerdote católico. Por isso, aquele arcebispo acollheu com a maior benevolência os novos enviados e logo lhes confiou a administração da igreja dita da Misericórdia ou *de los Italianos*, situada no centro da cidade, então abandonada.

2° Foram abertos oratórios festivos, escolas noturnas, em seguida um internato para meninos pobres e abandonados, especialmente para os que provêm de famílias dos selvagens. Aquele internato já está com oitenta órfãos, tendo igreja pública ao lado.

3° Sendo insuficiente o internato para tão grande necessidade, com o apoio do governo, foi aberto outro para artes e ofícios na mesma cidade, onde foram recolhidos trezentos órfãos, com igreja pública.

4° Ao lado do orfanato em Buenos Aires, há um bairro chamado La Boca, que atualmente tem certa de 25 mil moradores, provenientes de várias línguas e nações. Não havia ali nenhuma igreja, nem escola, nem sacerdote. Por isso, de acordo com o arcebispo, criaram ali uma paróquia, abriram aulas diurnas e noturnas e oratórios festivos. E agora já se está construindo em madeira (está quase pronta) uma igreja com casa para o pároco e os seus coadjutores.

5° Um colégio de internos e externato em San Nicolás de los Arroyos, última cidade da República Argentina, no caminho para os índios dos Pampas. Há ali cerca de 200 alunos.

6° Nesta mesma cidade abriram uma igreja pública que está em funcionamento.

7° O colégio Pio em Villa Colón, não muito distante de Montevidéu, capital do Uruguai.

8° Nessa extensa República não há bispo, mas só um vigário apostólico, monsenhor Vera, que não tinha nenhum missionário nem colégio católico. No colégio Pio agora estão recolhidos cerca de 150 alunos, único viveiro donde se podem esperar vocações eclesiásticas para a atual República e para as missões.

9° Ao lado do colégio foi aberta a igreja de Santa Rosa, frequentada pelos habitantes das terras e dos lugares próximos.

10° A pouca distância de Villa Colón, criou-se um educandário e um externato feminino para as meninas pobres e abandonadas, dirigido pelas Irmãs de Maria Auxiliadora, que também pertencem à Congregação Salesiana.

11° No fim do mês de novembro passado, monsenhor Vera[16] propôs aos salesianos, e foi aceita a paróquia de Las Piedras, cidade com aproximadamente 6.000 almas, sem padres e sem professores para a escola. Dista uns 20 km de Villa Colón e nos põe em comunicação com a parte ocidental daquela República, ainda agora habitada pelos selvagens.

Estas são as casas e as igrejas já abertas ao público na República Argentina e na do Uruguai, em favor da juventude e dos adultos.

Todavia, enquanto os salesianos trabalham para promover e conservar nelas o espírito de fé, nunca perderam de vista os meios que poderiam abrir caminho rumo aos selvagens, que é a meta constantemente sonhada por eles.

Pessoal

Para manter os oratórios festivos, as escolas diurnas e noturnas, os internatos de aprendizes, os colégios e as igrejas, era indispensável muito pessoal. Com esta finalidade, já 60 salesianos partiram da Europa e agora estão ocupados em administrar as obras acima mencionadas.

Verdade é que neste ano falecia um dos nossos mais zelosos missionários, vítima, segundo escrevem, do seu incessante trabalho[17]. Mas isto, não levou ao desânimo, pelo contrário, despertou ainda mais nos demais salesianos o entusiasmo a fim de irem para as missões estrangeiras.

[16] Jacinto Vera, vigário apostólico de Montevidéu e primeiro bispo da mesma nova diocese desde 1878 até a morte (1881).
[17] Padre João Baccino (1843-1877), membro da primeira expedição missionária (1875); primeiro salesiano falecido na América.

Dos colégios e das escolas abertas já saíram trinta jovens que, animados quanto ao estado eclesiástico, se tornaram missionários, dispostos a levar o Evangelho aos seus parentes e amigos que ainda estão imersos na idolatria. Mais de cem alunos já manifestaram vontade decidida de abraçar o estado eclesiástico, dando claros sinais de vocação.

Também um noviciado regular e um estudantado foram abertos na capital argentina, com prévia autorização de vossa eminência reverendíssima.

Na Europa, temos muitas casas onde se recolhem jovens de várias condições, educados na ciência e na piedade, e em geral decidem fazer-se missionários. Mais de duzentos com esta finalidade estão recolhidos numa única casa de Sampierdarena, sob o título de *Obra de Maria Auxiliadora.*

Todos esses elementos nos proporcionam uma fundada esperança de que, com a ajuda de Deus, poderemos fazer todos os anos a expedição de cinquenta missionários para o exterior, entre chefes de oficinas, catequistas e sacerdotes.

Meios materiais

Se quisermos fazer um balancete preventivo, não dispomos de nenhuma renda segura; mas sempre e unicamente apoiados na divina Providência, poderemos fundar, ativar, providenciar móveis para tantas casas e igrejas, preparar centenas de chefes de aprendizes e sacerdotes para fazer um expedição com tudo o que é necessário, e isto enquanto se dá pão e educação cristã a vinte mil jovens.

Para a glória de Deus e dos povos americanos é preciso declarar que os salesianos, ao chegar em países estrangeiros, foram acolhidos com inaudita caridade, nada lhes faltando para o exercício do sagrado ministério, para criar internatos, igrejas, escolas.

De tal modo que, falando com realismo, os salesianos não possuem nada, nem na Europa, nem na América, mas nunca lhes faltou nada para seus empreendimentos.

O único benfeitor fixo e estável é o santo padre, o qual, com a sua inexaurível caridade, muitas vezes veio em nossa ajuda. Atualmente depositamos nossa esperança em vossa eminência e na pia Obra da Propagação da Fé, que, conforme cartas escritas pelo seu presidente, ajudará quando estas missões forem recomendadas por vossa eminência[18].

[18] Veja n. 102.

Providências

Enquanto os missionários salesianos se dedicavam à administração dos institutos a eles confiados pela divina Providência, frequentemente, ora uns, ora outros, iam pregar missões no interior, nas colônias mais avançadas entre os índios.

Ali catequizavam gente de todas as nações que correram para lá por motivos materiais, mas que em geral, havia anos, não tinham visto o sacerdote católico, nem tinham ouvido a sua voz.

Graças a essas excursões evangélicas, escreve o teólogo Cagliero, chefe dos missionários salesianos, foi possível adquirir muitos conhecimentos quanto à índole, ao caráter, às línguas e aos costumes dos índios e começar com eles algum relacionamento que está sendo muito útil para conhecer os lugares mais oportunos para as missões e menos perigosos para os missionários.

Entre os muitos lugares onde parece possível criar missões estão Carruhué e Santa Cruz.

Carruhué é um lugar onde houve uma guarnição de soldados a modo de fortaleza; construída em 1875 na fronteira, foi novamente erguida pela República Argentina. Aquele governo, tendo alargado as suas fronteiras para mais de mil quilômetros rumo aos Pampas, à mão armada, precisa manter longe os selvagens que, sob a aparência de comércio, atacam continuamente para exterminar argentinos.

Do lado ocidental da República Argentina, Carruhué é a parte mais avançada em meio aos índios, dado que se encontra na altura do grau 37 de latitude meridional, e no 5° de longitude ocidental do meridiano de Buenos Aires.

Verdade é que, conforme referem os jornais, neste ano (1877) houve graves hostilidades e massacres entre os pampas e os argentinos; mas os missionários, sendo estranhos àqueles acontecimentos, são benevolamente acolhidos, aliás, desejados por ambas as partes: quer dizer, pelos selvagens e pelos argentinos, que de Carruhué fizeram, ou melhor, improvisaram uma praça forte e um local de comércio para os selvagens com os civilizados.

Lá os salesianos são esperados, e o arcebispo de Buenos Aires só aguarda sua chegada, a fim de que vão àquelas regiões cuidar dos adultos e dos meninos índios, os quais, segundo o seu bárbaro costume, muitas vezes abandonam os próprios filhos em meio aos campos quando são muitos ou incomodam demais. Aqui se está construindo uma igreja, tendo ao lado um internato a ser confiado aos salesianos.

Santa Cruz é uma pequena colônia na parte extrema da Patagônia, do lado oriental do estreito de Magalhães, na altura do grau 50 de latitude. É lugar de comércio para os patagões, que ali costumam reunir-se para trocar alguns dos seus produtos com pessoas que vêm de fora e que lhes levam alimentos e bebidas, em geral coisa apreciada pelos selvagens. Esta colônia agora assume grande importância porque, como anunciam os jornais argentinos, devem ir para lá duzentas famílias russas a fim de se dedicarem ao comércio e à agricultura. Atualmente não há nenhum projeto para o culto religioso.

Se os católicos os precederem, os outros os encontrarão já estabelecidos e de certo modo lhes serão superiores. Mas, se os russos chegarem antes e assumirem a preeminência, será muito difícil para os missionários católicos poder organizar-se e ali se estabelecer.

Um internato, uma casa de missão em Santa Cruz e em Carruhué parecem coisas oportunas, quer para conservar a fé nos que já a tiverem recebido, quer para relacionar-se com os indígenas, para recolher, educar os seus filhos, sempre com a finalidade religiosa de progredir nas terras habitadas por eles.

Pedido

Referida assim a situação das missões salesianas, ouso suplicar vossa eminência queira agora vir em ajuda com a sua autoridade e com os seus sábios conselhos.

A mim parece que lá seja oportuno e eficaz consolidar de forma estável a existência e a difusão do Evangelho:

1° Erigir como prefeitura apostólica a missão de Carruhué;

2° Erigir como vicariato apostólico Santa Cruz, por ser um lugar muito distante e, pode-se dizer, quase na impossibilidade de ter um bispo para os sacramentos que o exigem.

Agora não me resta senão cumprir um meu dever por parte de toda a Congregação Salesiana, isto é, agradecer vossa eminência pela caridade usada para com os salesianos e pedir-lhe que nos conceda o tesouro de sua benevolência e dos seus conselhos, enquanto tenho a elevada honra de professar-me

De vossa eminência reverendíssima obrigadíssimo filho da Santa Sé

[Sac. João Bosco]

102. Ao novo prefeito da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, cardeal João Simeoni

ASC A1740613; edição em E III, pp. 320-321.

[Roma, posterior a 15 de março de 1878]

Eminência reverendíssima[19],

Depois dos colóquios que tive a elevada honra de manter com vossa eminência reverendíssima a respeito das missões da América do Sul e das Índias, imediatamente fui ter com o santo padre para expor-lhe o que parece possível empreender para o bom andamento das missões iniciadas[20].

Observei brevemente:

1° O êxito obtido nas casas, ou melhor, no seminário já criado em San Nicolás de los Arroyos, última cidade da República Argentina, limítrofe com os selvagens, parece que manifesta o tempo da misericórdia em favor daqueles povos, o que, por isso, pode tornar frutuosa uma experiência na própria Patagônia, onde os missionários seriam convidados por dois famosos caciques para irem até suas aldeias, garantindo-lhes assistência e proteção.

2° Sendo assim, parece ser oportuno um vicariato ou prefeitura apostólica em Carmen, dita também Concepción ou Patagones, que é uma pequena colônia à margem norte do Rio Negro, onde os selvagens praticam algum comércio com forasteiros. Estabelecido aqui um colégio para estudantes e um internato para aprendizes, com facilidade uma pessoa poderia entrar em contato com os selvagens e, por meios dos seus filhos, abrir caminho para falar de religião aos seus pais. O colégio de San Nicolás oferece um exemplo em favor deste argumento.

3° Expus também em poucas palavras como eu poderia, dentro de um ano, preparar dez sacerdotes e dez catequistas para o vicariato apostólico de Mangalor nas Índias, ou então, para outra missão que Sua Santidade julgasse mais oportuno.

[19] João Simeoni (1816-1892), outrora auditor junto à nunciatura da Espanha, depois secretário na Congregação para a Propagação da Fé; em 1875 foi enviado como núncio na Espanha desde 1876 até 5 de março de 1878; depois foi prefeito do palácio apostólico e da Congregação para a Propagação da Fé.
[20] Dom Bosco passou em Roma de 23 de dezembro de 1877 até 26 de março de 1878. Foi recebido em audiência pelo novo Papa Leão XIII no dia 16 de março.

Sua Santidade, com a costumeira bondade, ouviu esta breve exposição e se dignou louvar e abençoar os dois projetos e me encaminhou a vossa eminência a fim de que, na sua iluminada sabedoria, converse com Sua Santidade quanto à conveniência, aos meios materiais e morais que seria preciso providenciar em tais contingências. O mesmo pedido, alguns meses atrás, foi apresentado à sagrada Congregação dos Bispos e Regulares; e agora, o humilde expositor renova-o, a fim de que seja concedida a graça, sem a qual não pode atender a todas as exigências urgentes das missões estrangeiras e das casas salesianas da Europa que reclamam providências indispensáveis para a maior glória de Deus e a salvação das almas.

Sac. João Bosco

103. Ao papa Leão XIII

Arquivo Secreto Vaticano, Secretaria de Estado a. 1879 r. 248, manuscrito autógrafo de Joaquim Berto com assinatura autógrafa Dom Bosco; edição em E III, pp. 468-470.

Turim, 20 de abril de 1879

Pró-memória

Aprovação das missões salesianas pela Santa Sé

[Beatíssimo Padre,]

As primeiras tratativas de missões salesianas no exterior foram com o eminentíssimo Barnabò, em 1872, que as encorajou.

Depois, Sua Santidade Pio IX, em 1874, definiu e nos encorajou a irmos para a República Argentina, a fim de tomar conta dos italianos que lá vivem dispersos e tentar novas experiências entre os índios pampas e patagões. O mesmo caridoso Pio IX forneceu meios materiais para a primeira expedição, que se realizou em 14 de novembro de 1875.

Os primeiros missionários salesianos, em número de 10, se apresentaram ao santo padre no dia 1º de novembro daquele ano para receber a bênção e a missão apostólica.

O santo padre os encorajou com palavras calorosas, muniu-os de uma carta do cardeal secretário de Estado ao arcebispo de Buenos Aires, com a data do mesmo dia (veja *anexo A*[21]).

Aos missionários foram concedidas as faculdades necessárias pela sagrada Congregação para a Propagação da Fé, com decreto de 14 de novembro de 1875 (veja *anexo B*).

O mesmo sumo pontífice exprimiu a sua consolação, louvando e aprovando a nova missão com um *Breve* datado de 17 do mesmo mês e ano (veja *anexo C*).

Nos anos seguintes houve mais quatro partidas de missionários salesianos. Agora são em número superior a 100 na América do Sul, isto é, no Uruguai e na República Argentina e no Paraguai, onde se preparam para atender aos pios desejos de Sua Santidade Leão XIII.

Agora, a fim de dar maior estabilidade às missões salesianas, a Congregação para a Propagação da Fé, informada quanto ao incremento da messe evangélica e das vocações que naqueles países Deus suscitou, autorizou a abertura de um noviciado regular, com um decreto de 6 de julho de 1876 (veja *anexo D*).

O sumo pontífice reinante Leão XIII, que Deus conserve são e salvo por longos anos, em data de 18 de setembro de 1878, dignou-se emanar outro *Breve,* repleto de paterno afeto, com o qual aprovou e encorajou as missões salesianas da América (veja *anexo E*).

O mesmo generoso sumo pontífice Leão XIII, embora apertado por graves dificuldades financeiras, todavia, informado das dificuldades que encontramos na quarta expedição por falta de meios pecuniários, concorreu com generosa oferta[22] e nos animou a prosseguir as obras iniciadas, com específica carta datada de 23 de novembro de 1878.

Grande dificuldade foi a incerteza quanto a saber se as missões da América do Sul pertencem à Congregação para a Propagação da Fé ou à Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários.

Por isso, recomenda-se tudo à caridade e ao zelo do eminentíssimo cardeal Nina, secretário de Estado, a fim de que, enquanto protetor da Congregação Salesiana, se digne:

1° Estabelecer a qual das duas Congregações citadas devem dirigir-se, em seus recursos à autoridade da Santa Sé, os missionários salesianos, que no momento estão no Uruguai e na República Argentina.

[21] Os anexos não são reproduzidos aqui.
[22] A soma de 2.000 liras.

2° Aprovar estas missões, segundo o pedido feito pelo Conselho-Geral da Pia Obra da Propagação da Fé, situada em Lião[23], a fim de que se possam obter os subsídios prometidos, que na situação atual são indispensáveis (veja *anexo F*).

3° Em resposta à mesma carta do Conselho-Geral da Propagação da Fé se observa que, para cada tratativa de subsídio ou de práticas relativas, tudo seja encaminhado ao sacerdote João Bosco, Reitor-Mor da mencionada Congregação em Turim. Aqui está o seminário principal, do qual partem os missionários e onde também se concentra a correspondência e a orientação dos países a eles confiados para o exercício do sagrado ministério.

4° Seria também de grande vantagem uma carta comendatícia junto à Obra dita da Santa Infância.

É bom observar como muitos jovens, salvos da morte certa, foram trazidos da Arábia (Cabil) para esta casa de Turim. Aqui, instruídos na fé, batizados, ilustrados nas ciências, alguns foram encaminhados a um ofício e outros foram aviados à carreira eclesiástica, e agora são missionários na própria pátria. Outros 10, provenientes da cidade de Damasco, atualmente estudam para depois serem enviados aos próprios países. Mais notável é o número de meninos selvagens batizados em meio aos índios; outros foram acolhidos nos internatos de Buenos Aires.

Neste mesmo dia 20 de abril de 1879 partem três missionários, com o ministro da Guerra de Buenos Aires, a fim de ir entre os índios pampas e salvar o maior número possível de meninos do extermínio ao qual parece que estão condenados pelo governo argentino. Infelizmente, esses meninos vagam aos milhares em busca de quem os salve na alma e no corpo, mas não é possível ter meios materiais e morais para salvar a todos; apesar disso, será sempre bastante grande o número de meninos selvagens entregues ao Evangelho e à sociedade civil.

Sac. João Bosco

[23] Veja n. 105.

104. Ao papa Leão XIII

ASC A1720724 *Lett. orig., Leone XIII*; edição em E III, pp. 568-575.

Roma, 13 de abril de 1880

As missões salesianas e as relações com a Santa Sé

As missões estrangeiras foram sempre objeto de um sonho da Congregação Salesiana.

A necessidade de manter a fé nos que já foram batizados, propagá-la nos países selvagens e assim ajudar a libertar das trevas do erro os que nelas ainda se encontram, entre nós foi sempre motivo de estudo, leitura e admiração.

Por muito tempo os nossos congregados costumavam ir às missões, associando-se a outros institutos, solicitados pelos bispos da América, da Austrália, da Índia, da China e do Japão.

As primeiras tentativas de enviar uma expedição de missionários ao exterior ocorreram em 1872, com o eminentíssimo cardeal Barnabò, prefeito da Congregação para a Propagação da Fé; em seguida, o sumo pontífice Pio IX nos aconselhou a que recolhêssemos os religiosos salesianos que desejavam ir às missões a fim de enviá-los juntos a fundar casas e institutos nos lugares onde houver mais necessidade.

Entre outras regiões, o sumo pontífice nos indicou a América do Sul e particularmente a República Argentina. Tendo ele vivido certo tempo naqueles países, pôde conhecer a grande necessidade de missionários para tomar conta dos italianos dispersos por lá e também tentar alguma experiência entre os índios pampas e patagões.

O bondoso Pio IX ajudou eficazmente com meios materiais a fim de realizar a primeira expedição, e no dia 1º de novembro de 1875, dez salesianos foram apresentados ao supremo hierarca da Igreja, o santo padre, a fim de pedir a sua santa bênção e assim receber a missão apostólica do vigário de Jesus Cristo.

O santo padre os acolheu com grande amabilidade, encorajou-os com palavras calorosas e os muniu de uma carta do cardeal secretário de Estado ao arcebispo de Buenos Aires, com a data do mesmo dia. Veja *Anexo A*[24].

[24] Os anexos não são reproduzidos aqui.

Concedeu-lhes também as faculdades necessárias da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, com decreto de 14 de novembro de 1875. Veja *Anexo B.*

Pouco depois, o sumo pontífice exprimia sua satisfação, louvando e aprovando a expedição missionária, com um *Breve* de 17 do mesmo mês e ano. Veja *Anexo C.*

A fim de conferir maior estabilidade àquela missão, a Congregação para a Propagação da Fé, informada do incremento da messe evangélica e das vocações que naqueles países começaram a se manifestar, autorizou a fundação de um noviciado com um decreto de 6 de julho de 1876. Veja *Anexo D.*

O pontífice reinante, que Deus conserve são e salvo por longos anos, em data de 18 de setembro de 1878, dignou-se emanar um novo *Breve,* repleto de afeto paterno, com o qual aprovou e encorajou as missões salesianas na América. Veja *Anexo E.*

Ainda o mesmo papa Leão XIII, embora em meio a dificuldades financeiras, todavia, sabendo da falta de meios pecuniários para uma quarta expedição, concorreu com generosa oferta e, mediante uma carta específica com data de 23 de novembro de 1878, animou-nos a continuar as obras iniciadas.

Escopo das missões salesianas na América

O sumo pontífice Pio IX propunha aos missionários salesianos três finalidades:

1° Cuidar dos adultos e especialmente dos jovens italianos que, numerosos, estão dispersos pela América do Sul.

2° Abrir internatos nas proximidades dos selvagens, a fim de que servissem como pequenos seminários e lugares de acolhida dos jovens mais pobres e abandonados.

3° Com isto, abrir caminho para a propagação do Evangelho entre os índios pampas e patagões. A primeira partida de salesianos, como foi dito, ocorreu em 14 de novembro de 1875, e chegaram em Buenos Aires, capital da República Argentina, no dia 14 do mês seguinte.

Situação atual das missões salesianas na América

Atualmente, os salesianos na América são cerca de 120, que se ocupam conforme se diz abaixo:

Na diocese e cidade de Buenos Aires, casa provincial, centro de direção e administração. O inspetor provincial mora na paróquia há pouco erigida sob o título de São Carlos em Almagro, de aproximadamente seis mil almas.

Internato Pio IX, no qual cerca de 150 meninos pobres aprendem artes e ofícios.

Escolas públicas, oratório, ambientes para recreação e entretenimento para os externos nos dias santos.

Noviciado e estudantado para os sócios da Congregação.

Paróquia, dita da *La Boca,* dedicada a São João Evangelista, com cerca de 27 mil habitantes, quase todos italianos.

Escolas públicas para meninos pobres.

Igreja, dita *Mater Misericordiae* ou *de los Italianos*, que tem como finalidade principal assistir na religião os adultos e os jovens italianos, que, numerosos, acorrem de vários bairros da cidade e dos campos mais próximos.

Na cidade de San Nicolás de los Arroyos, a pouca distância dos selvagens, há um colégio ou pequeno seminário para as missões, do qual já saíram algumas vocações. Na mesma cidade administram uma igreja pública para os adultos.

Igualmente administram a paróquia de Ramallo, que é uma localidade com aproximadamente 4.000 almas. Esta paróquia é composta por várias casas dispersas e distantes umas das outras, mas os habitantes se juntam nos dias santos a fim de assistir às práticas religiosas, aproximar-se dos santos sacramentos e fazem administrar o santo batismo às crianças.

Na República do Uruguai, com a ajuda do Senhor, foi possível fundar também ali diversas casas.

O Colégio Pio de Villa Colón, que é considerado seminário diocesano para as missões, é equiparado à universidade do Estado.

Uma igreja pública é oficiada em favor da população que mora perto da Villa Colón.

Em Montevidéu, capital da República, foi fundado um oratório com escolas para meninos pobres e em situação de risco.

Na cidade de Las Piedras há uma paróquia de seis mil almas, com escolas públicas e oratório festivo.

Irmãs de Maria Auxiliadora

Há três anos, as Irmãs de Maria Auxiliadora foram em socorro dos religiosos salesianos da América, e se ocupam das meninas pobres, que são numerosíssimas e que se encontram em graves perigos quanto à moralidade e à religião.

Na diocese de Montevidéu, na citada paróquia de Las Piedras, as irmãs ajudam os missionários a lecionar, dar catecismo, assistir e instruir as meninas dos indígenas, preparando-as para a confissão e a comunhão e a receber o sacramento da crisma.

Em Villa Colón elas têm escola, oficinas nos dias feriais e promovem encontros festivos para as meninas mais adultas.

Em Montevidéu fundaram escolas e internato para meninas que se encontram em perigo de cair nas mãos dos protestantes.

Na cidade de Buenos Aires fundaram muitas escolas, oficinas e animam encontros nos dias santos para as meninas abandonadas.

As colônias do Rio Negro

Feito um rápido aceno à situação das missões salesianas na América, convém expor brevemente o que se julga ser mais necessário a se fazer para melhorar a situação dos selvagens pampas e patagões às margens do Rio Negro.

O Rio Negro nasce nos píncaros da Cordilheira dos Andes, e depois de longo e tortuoso curso de mais de 1.000 km, vai desaguar no Atlântico, na altura dos 40 graus de latitude sul. A margem norte deste rio marca os limites dos vastos desertos dos Pampas. Na margem sul do mesmo rio começam as vastas regiões da Patagônia oriental.

Por quatro séculos, os missionários católicos entregaram-se a muitas fadigas a fim de penetrar naquelas regiões selvagens; fizeram sacrifícios inauditos, mas sem fruto, pelo que se sabe, pois nenhum dos que penetraram no interior da Patagônia pôde voltar com vida.

No ano de 1878, os salesianos, desejando também eles fazer uma experiência, partiram num navio do governo direto ao Rio Negro, mas uma terrível borrasca os colocou em perigo de vida, várias vezes os impediu de continuar, pelo que, no fim de tudo, foram obrigados a retornar para Buenos Aires.

Em 1879, tentaram novamente por outro caminho, com melhor sucesso. Atravessaram os Pampas e encontraram boa acolhida; puderam administrar o batismo a mais de 400 crianças índias. Chegando a Rio Negro, visitaram as colônias, das quais o arcebispo de Buenos Aires, numa carta de 15 de agosto de 1879, ao oferecer aquelas missões aos salesianos, faz uma descrição, conforme segue: Veja *Anexo I.*

Chegou finalmente o momento em que posso lhe apresentar a missão da Patagônia, que tanto lhe estava a peito, como também a paróquia de Patagones, que pode servir como centro para a missão. Como vossa eminência já viu pelas cartas do senhor padre Costamagna, a paróquia de Patagones compreende:

1° Carmen di Patagones, com cerca de 3.500 almas, e é aqui que reside o pároco que responde por ela.

2° Guardia-Mitre, que está situada cerca de 17 léguas de Patagones, onde há uma população de aproximadamente 1.000 almas.

3° Colonia Conesa, a 34 léguas de Patagones, onde há aproximadamente 800 índios da tribo dos catriel.

4° A nova população de Choele-Choel, a 70 léguas de Patagones, com cerca de 2.000 almas entre cristãos e índios. Todas essas localidades estão situadas na margem norte do Rio Negro, que se pode passar facilmente, pois em sua maior largura não passa de duas quadras (270 metros). Em frente a Carmen de Patagones, na margem sul do Rio Negro, já propriamente na Patagônia, se encontra Mercedes da Patagônia, onde reside o governador desses territórios. Há ali uma igreja adaptada à população que é de aproximadamente 1.500 almas.

A oito léguas de Mercedes, se encontra a colônia de São Francisco Xavier, também ela sobre a margem sul do Rio Negro, por isso, é terra da Patagônia. Esta colônia é composta por 400 índios linares.

Todos esses selvagens só têm um sacerdote que, nos dias santos, celebrada uma missa no lugar da sua residência, atravessa o rio para ir celebrar outra em Mercedes da Patagônia. Como vossa eminência pode constatar, é impossível que um padre sozinho possa ser suficiente para o serviço regular de todas essas paróquias, mesmo que tivesse um coadjutor; por isso, é com

grande dor da minha parte que até agora não tenha sido possível remediar a tantas necessidades por causa da absoluta falta de sacerdotes.

Os padres lazaristas, alguns anos atrás, assumiram esta missão, mas tudo se resumiu em alguns preparativos para a casa dos missionários; depois disso, por falta de pessoal, tiveram que abandonar a iniciativa.

A todos esses males se somam os tristes efeitos da propaganda protestante que trabalha nestas regiões. A fim de colaborar para barrar os males crescentes e proporcionar alguma estabilidade às missões patagônicas e impedir que aquelas populações caiam vítimas das insídias dos inimigos da fé, aceitou-se a proposta do zeloso arcebispo Aneyros, que também fazia boas propostas em nome do governo argentino, de enviar os salesianos para a Patagônia. Assim, ficou acertada uma expedição de doze salesianos, no último dia 15 de dezembro, que, com navegação mais tranquila, chegaram a Carmen no dia 2 de janeiro deste ano. Outros partiram depois em ajuda dos seus irmãos; e se a divina Providência continuar a nos apoiar, esperamos poder efetuar brevemente mais uma expedição.

O governo argentino, a fim de favorecer a sistematização civil e religiosa daquelas colônias, constituiu a região em província, favorece as missões e atualmente oferece sua ajuda para colaborar com os salesianos para evangelizar as duas margens do Rio Negro, o que se pode dizer que corresponde a anunciar o Evangelho entre os selvagens pampas e patagões.

Com esta finalidade, promete ajuda material e apoio moral. Ultimamente, o presidente daquela República pediu formalmente que se apresente um relatório no qual se expõem as condições que se consideram oportunas para regularizar as relações entre os missionários, o governo e os índios.

Os salesianos, ao chegar à Patagônia, conforme o parecer do arcebispo de Buenos Aires, escolheram Carmen como centro de correspondência e de direção. Suas primeiras solicitudes foram dirigidas à construção de igrejas, casas de moradia, escolas para meninos e para as meninas. Assim, enquanto alguns se ocupam em ensinar artes, ofícios e agricultura nas colônias constituídas, outros continuam a avançar entre os selvagens para catequizá-los e, se possível, fundar colônias nas regiões mais internas do deserto.

As Irmãs de Maria Auxiliadora já começaram a trabalhar em favor dessas colônias, a organizar escolas e internatos para as meninas mais abandonadas.

Coisas a fazer

Para tornar a religião estável na Patagônia e colaborar eficazmente no desenvolvimento e incremento das missões, parecem necessárias três coisas de suma importância:

1° Uma prefeitura ou um vicariato apostólico, que seja o centro das colônias já constituídas e daquelas que, com a ajuda do Senhor, se espera formar.

2° Fundar um seminário que recolha alunos para estudar a índole, a língua, os costumes, a história e a geografia daqueles lugares.

3° Formular uma proposta pela qual, aceitando as boas disposições do governo argentino, se garanta a situação religiosa e civil dos índios que abraçarem a fé.

Como as tratativas do governo argentino exigem tempo e esclarecimentos, este ponto pode ser adiado um pouco.

Desde agora, porém, podem ser tratados os outros dois pontos, isto é, a fundação de um vicariato apostólico e de um seminário para as missões da Patagônia.

Vicariato apostólico na Patagônia

O governo argentino, tendo erigido recentemente em província as colônias acima descritas com o nome de Província da Patagônia, poder-se-ia chamar com o mesmo nome o vicariato ou a prefeitura apostólica. O vicariato abrangeria as colônias das duas margens norte e sul do Rio Negro, compreendendo todas as terras da região oriental da Patagônia, até que seja ereto um novo vicariato em Santa Cruz, pequena colônia já fundada rumo ao estreito de Magalhães, onde o rio com esse nome deságua no Atlântico. Assim, o novo vicariato se estenderia do 36° exclusive até o 50° grau de latitude sul.

Será bom observar que a Cordilheira dos Andes divide a Patagônia do 40° ao 50° grau de latitude sul até o estreito de Magalhães, formando assim a região oriental da parte do Atlântico e a região ocidental rumo ao Pacífico.

Esta segunda região, pertencendo ao Chile, seria para não ser incluída no projetado vicariato.

Depois do estreito de Magalhães, começam a Terra do Fogo e as ilhas adjacentes, até o cabo Horn, isto é, do 50° ao 63° grau. Com relação a essas

regiões, atualmente em litígio entre o governo e o Chile, será conveniente não acenar a elas no nosso projeto.

Fundado pela Santa Sé um vicariato apostólico em Carmen, além de ser um centro estável para aquelas missões, ter-se-ão também os títulos para obter ajuda por parte da obra da Propagação da Fé e da Santa Infância.

A ajuda poderá vir também de algumas instituições de beneficência constituídas em Buenos Aires com o escopo de colaborar na difusão do Evangelho entre os pampas e na Patagônia.

Tem-se também fundada esperança de que o governo argentino aceite doar uma quota anual para um vicariato, que se pode dizer indispensável para as condições políticas e religiosas daquelas regiões.

Seminário para as missões da Patagônia

Três colégios ou pequenos seminários, como se disse, foram fundados na América do Sul, a fim de cultivar as vocações ao estado eclesiástico. Um em Villa Colón, outro em Buenos Aires e o terceiro em San Nicolás de los Arroyos, última cidade da República Argentina que se limita com os pampas.

Já se conseguiu alguma vocação, mas essas vocações por ora são muito raras e não podem ser suficientes para as graves necessidades daquelas dioceses que vivem em grande penúria. De modo que se torna indispensável um seminário na Europa que tenha como finalidade preparar operários evangélicos para a Patagônia.

Após maduras reflexões sobre a conveniência de abrir esse seminário na Itália, na França ou na Espanha, parece que, pela esperança de apoio material e moral, seria preferível optar pela cidade de Marselha para o seminário propriamente dito e, a seu tempo, abrir um estudantado na Espanha, para facilitar o estudo e o uso da língua espanhola, que é precisamente a do governo, das escolas do povo e a primeira a ser aprendida pelos selvagens.

Constituído um vicariato apostólico, esse seminário e esse estudantado, com razão podem também eles esperar alguma ajuda da Propagação da Fé e da Santa Infância; inclusive se poderia organizar um modo fácil de recolher ofertas com esta finalidade, caso tudo isto for do agrado do santo padre.

Note-se que, para não ferir a suscetibilidade das dioceses, que, em geral, se encontram em penúria de vocações eclesiásticas, parece melhor instruir os alunos até a filosofia; depois, que se sintam livres para retornar para as próprias dioceses ou entrar para alguma ordem religiosa, ou então

dedicar-se às missões na Patagônia. Somente estes últimos deveriam ser definitivamente recebidos e encaminhados a fazer os estudos próprios dos que pretendem consagrar-se às missões entre os pampas, os patagões e, se Deus quiser, também na Terra do Fogo.

Tudo o que foi exposto acima foi tratado e discutido com o reverendíssimo senhor dom Domingos Jacobini, secretário da Congregação para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários[25], e com o eminentíssimo cardeal Caetano Alimonda[26], membro da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, ambos explicitamente encarregados por Sua Santidade o sumo pontífice Leão XIII, ao qual tudo será referido, a fim de que se digne abençoar e aprovar o que julgar ser útil para a glória de Deus e a salvação das almas.

Sac. João Bosco

105. À Obra da Propagação da Fé de Lião

ASC A2210117 *Autografi (non lettere),* minuta de Joaquim Berto com correções autógrafas de Dom Bosco; edição em E IV, pp. 123-127[27].

[Turim, março de 1882]

A evangelização da Patagônia

A vasta extensão das regiões desertas dos Pampas e da Patagônia, da Terra do Fogo e das Ilhas Malvinas, é constituída pelas terras que até agora resistiram à civilização e à voz dos missionários católicos. Essas terras formam uma superfície aproximadamente como a da Europa. Desde que Colombo descobriu a América, diversas vezes corajosos operários evangélicos tentaram

[25] Domingos Jacobini (1837-1900), antes secretário da Congregação para os *Breves*, de 1879 a 1880 foi secretário dos Assuntos Extraordinários. Núncio apostólico em Lisboa de 1891 a 1896, foi criado cardeal em 1896.

[26] Caetano Alimonda (1818-1891), bispo de Albenga em 1877, cardeal desde 1879, em 1883 foi promovido a arcebispo de Turim, que manteve relações de amizade e estima com Dom Bosco.

[27] O texto foi traduzido e publicado na França (*Les Missions catholiques*, 24 de julho) e retraduzido na Itália (*Bollettino delle Missioni Cattoliche*, Milão, 3 de novembro de 1882).

penetrar nelas, mas com pouco fruto, aliás, pode-se dizer, todos foram massacrados, sem que ninguém pudesse trazer notícias positivas a respeito daquelas povoações e daqueles habitantes.

O sacerdote João Bosco, meditando sobre a situação infeliz daquela multidão de selvagens ainda sepultados nas sombras da morte, provou grande pena por este fato.

Movido pelo desejo de renovar as experiências de evangelização, foi a Roma, falou com o prefeito da Congregação para a Propagação da Fé, depois com o sumo pontífice Pio IX. Este pontífice maravilhoso, embora soubesse quão árduo seria o empreendimento, todavia, o encorajou, abençoou e colaborou eficazmente para preparar os primeiros meios indispensáveis.

Concluídas as práticas necessárias com as autoridades civis e eclesiásticas, um grupo de salesianos escolhidos foi a Roma e se apresentou ao vigário de Jesus Cristo no dia 1º de novembro de 1875.

O amável pontífice os acolheu com bondade paterna, entreteve-se com eles em público e por fim lhes disse: vós ireis para a América Meridional. As experiências realizadas persuadem a não ir diretamente entre os selvagens, mas a vos estabelecerdes nas suas proximidades, a fim de conservar na fé os que já a tiverem recebido e, entretanto, por meio dos filhos dos índios, abrir caminho e chegar junto aos seus parentes selvagens.

Recebida assim a missão do vigário de Jesus Cristo, os filhos de São Francisco de Sales, em número de 10, guiados pelo teólogo João Cagliero, partiram no dia 14 do mesmo mês para a República Argentina e no dia 14 do mês de dezembro chegaram a Buenos Aires, capital da dita República.

Os primeiros trabalhos dos novos missionários consistiram em fundar institutos na fronteira entre o Uruguai e a República Argentina em favor dos selvagens. Fundaram-se internatos para acolher meninos pobres e abandonados; foram criados alguns seminários a fim de recolher meninos a serem educados e cultivados como possíveis vocações eclesiásticas.

Multiplicando-se as casas, foi imprescindível enviar outro grupo de pessoal, mais numeroso. Todos os anos houve uma e até duas expedições para a América do Sul. Iniciaram-se em diversos lugares missões não muito longe dos índios, e mais de uma centena de meninos e de adultos foram instruídos e recebidos na fé.

Primeiras experiências para entrar na Patagônia

A fim de tentar uma entrada definitiva na Patagônia, decidiu-se aproveitar uma embarcação do governo que devia ir ao Rio Negro, que se encontra na parte norte da Patagônia. O navio partiu em maio de 1879. A navegação parecia que teria êxito feliz, mas não foi assim.

Alcançado o alto mar, uma tempestade levantou de tal modo as ondas do Atlântico que, após 13 dias de inútil e perigosíssima navegação à mercê dos ventos, a embarcação não conseguiu avançar e a equipagem acabou voltando para o lugar donde tinha partido. Atribui-se a uma especial proteção do céu o fato de os missionários e os demais viajantes poderem se salvar.

Longe de perder o ânimo, os missionários tentaram novamente a prova por terra. Por isso, no ano seguinte, o sacerdote Tiago Costamagna, com o doutor Antônio Espinosa e um catequista, puseram-se em viagem através dos Pampas, onde os aguardavam muitas consolações. Puderam falar com vários caciques ou chefes de tribo, fazer ouvir o nome de Jesus aos habitantes daquelas imensas regiões desertas até então desconhecidas, batizar pelo menos 500 selvagens entre adultos e crianças.

Finalmente, após 45 dias por terras sem nome, sem estradas e sem moradias, embora com grande dificuldade, puderam atravessar o Rio Colorado, o Rio Negro e chegar de fato à Patagônia propriamente dita, que era o objetivo constantemente sonhado pelos missionários.

O governo argentino deu proteção durante esta perigosa expedição, numa viagem de mais de dois mil quilômetros.

Confins da Patagônia e situação das missões salesianas naquelas regiões

Dá-se o nome de Patagônia àquela parte da América Meridional que começa no grau 37 de latitude sul e se estende até o Estreito de Magalhães. Uma alta cadeia de montanhas, dita Cordilheira dos Andes, divide a Patagônia em duas partes. A parte ocidental, que chega até às ondas do Pacífico, pertence à República do Chile; a outra forma a grande parte oriental, que quando for possível civilizar pertencerá ao governo argentino.

O lado oriental confina: ao norte, com o Rio Colorado, que nasce na Cordilheira e vai desaguar nas águas do Atlântico; a oriente, com o Atlântico; ao sul, com o Estreito de Magalhães; a ocidente, com a Cordilheira, que o separa da parte ocidental.

Os novos missionários pararam às margens do Rio Negro, no grau 40 de latitude sul. Ali foram vistos diversos lugares de encontro aonde os forasteiros costumam ir para vender, ou melhor, para trocar vinhos, licores, pão e algum objeto de arte com os frutos daquelas regiões e com algum trabalho executado pelos índios e que pela sua novidade são levados para outras partes da América e também da Europa.

Assim, os missionários se estabeleceram em Carmen, que é um lugar onde os selvagens e os forasteiros costumam se reunir.

Os patagões e alguns europeus que já moram naquelas regiões acolheram os missionários com alegria inexprimível. Por isso, puderam tratar com seus chefes, examinar as condições dos habitantes, conhecer a possibilidade de lá estabelecer colônias.

Tomados alguns cuidados necessários, de bom entendimento com os índios, com a promessa de voltar quanto antes entre eles, embarcaram num navio preparado pelo governo no Rio Negro e retornaram a Buenos Aires para providenciar as coisas indispensáveis para a vida social, especialmente víveres que começavam a escassear.

Chegando a Buenos Aires, expuseram ao governo e aos seus irmãos salesianos o bom êxito da sua viagem, e todos agradeceram a bondade do Senhor que, por fim, abrira os tesouros das suas graças para aqueles povos que até então jaziam nas sombras da morte.

Preparadas, em seguida, as coisas mais necessárias, com a ajuda dos missionários e das Irmãs de Maria Auxiliadora que tinham chegado da Europa, o sacerdote José Fagnano, no fim de dezembro de 1879, foi diretamente à Patagônia para conferir forma regular àquela missão.

Fundaram casas, igrejas, internatos e estabeleceram escolas para meninos e para meninas. Atualmente, as colônias regularmente constituídas na Patagônia, na margem norte do Rio Negro, rumo ao Rio Colorado, são:

1° *Carmen de Patagones,* que conta com cerca de 1.500 almas, entre europeus e índios que receberam a fé;

2° *Guardia Mitre,* que está a 85 km de Patagones e tem 1.500 almas;

3° *Colonia Conesa,* a 155 quilômetros de Patagones, onde há mais de mil índios da tribo catriel;

4° A nova população dita *Choele-Choel* , a 350 quilômetros de Patagones. Entre cristãos batizados e índios que se preparam para a fé são 2.500 almas.

Diante de Carmen, na margem sul do Rio Negro, na Patagônia propriamente dita, encontra-se Mercedes, que atualmente é a residência de um

governador enviado pelo governo argentino. A população é de cerca 2.000 almas.

A 50 quilômetros de Mercedes há a colônia *San Xavier*, também ela na margem sul do Rio Negro, mas mais no interior da Patagônia. Ali vivem 600 índios linares, em parte já batizados e em parte que vão se instruindo na fé. Neste momento, estão sendo fundadas novas colônias mais no interior da Patagônia e se prepara o necessário para que uma seja regularmente fundada nas margens do lago Nahuel-Huapi, cujas redondezas são muito povoadas pelos índios.

O sacerdote José Fagnano[28], acompanhado por um catequista, fez uma excursão até este lugar, que dista de Carmen mais de 1.000 quilômetros, e que está situado a pouca distância da Cordilheira dos Andes. Os detalhes desta e doutras excursões são expostos à parte.

Perto desse lago já receberam a fé algumas centenas de selvagens que assim começaram uma cristandade que se pode chamar a primeira flor da Patagônia central, oferecida ao jardim da Igreja Católica.

Dificuldades a superar

A primeira dificuldade é o escasso número de missionários para aquelas regiões intermináveis. De acordo com o santo padre, na Europa foram fundados colégios e seminários com a finalidade de preparar operários evangélicos.

No Uruguai e na República Argentina há dois colégios ou seminários com a mesma finalidade de preparar missionários para a evangelização dos Pampas e da Patagônia.

Desta forma espera-se superar esta primeira dificuldade.

A segunda dificuldade é a escassez de meios pecuniários. É preciso construir casas, igrejas, escolas, residências para as irmãs e salas de aula, tanto para meninas quanto para meninos.

Já foram construídos internatos para os meninos e para as meninas dos índios, mas a necessidade pede outros mais. São necessários paramentos sagrados, móveis para as escolas e as casas, e roupas para os próprios índios mais pobres.

Outro grave obstáculo são os protestantes. Apenas viram que o perigo de serem massacrados tinha desaparecido, animados por grossos estipêndios,

[28] José Fagnano (1844-1916) partiu com a primeira expedição missionária (1875), em 1883 será nomeado Prefeito Apostólico da Patagônia meridional e da Terra do Fogo (n. 106).

foram plantar suas tendas nas terras das colônias. Aqui assumiram o trabalho de professores e sob a aparência de exercer a medicina, a cirurgia, a farmacêutica, prodigando todo tipo de meios, conseguem criar sérios embaraços aos missionários católicos.

Mas todas estas e outras dificuldades espera-se que os próprios missionários possam superá-las à medida que avançarem nas terras a evangelizar.

A proteção dos céus é sensibilíssima em favor dos cristãos. Havia uma colônia que, levada pelas necessidades e por vantajosas promessas, se tinha entregue cegamente às mãos dos protestantes; mas apenas ali entraram os missionários, estes puderam fundar escolas católicas e assim as escolas ditas evangélicas ficaram desertas e sem alunos. O que neste momento se torna indispensável é o apoio da benemérita e pia Obra da Propagação da Fé.

[Sac. João Bosco]

106. Decretos de ereção do Vicariato Apostólico e da Prefeitura Apostólica no Sul da América (16 de novembro de 1883)

ASC A8430106 *Patagonia Nord: apertura/erezione canonica*, cópia manuscrita; edição em MB XVI, 582.

Vicariato Apostólico

LEO XIII

Ad futuram rei memoriam. Ad fovendam vel magis et provehendam sacram missionem Patagoniae, cuius curam laboresque iam pridem Sodales Congregationis Salesianae susceperunt, postulatum est a dilecto filio Joanne Bosco memoratae Congregationis Auctore et Antistite Summo, ut in Septentrionali Patagoniae regione Vicariatus Apostolicus erigatur. De sacrarum missionum bono et incremento ex officio Supremi Apostolatus, quo in Ecclesia Dei fungimur, Nos vehementer solliciti Venerabilibus Fratribus Nostris S. R. E. Cardinalibus Catholicae propagandae Fidei praepositis huiusce rei examen commisimus. Itaque pensatis hac de re omnibus accurateque consideratis de eorundem Venerabilium Fratrum Nostrorum consilio huiusmodi postulato annuendum existimavimus.

Nos igitur Apostolica auctoritate Nostra harum litterarum vi in Septentrionali supradictae regionis parte Vicariatum Apostolicum erigimus atque erectum declaramus, ea lege ut in ipso comprehendatur etiam pars centralis Patagoniae, quae nondum explorata est. Huiusce autem Vicariatus Apostolici Patagoniae Septentrionalis limites esse volumus ad Orientem mare Atlanticum, ad Occidentem Montes, qui vulgari nomine "Les Cordiglieres" appellantur, ad Austrum [?] populos, qui dicuntur Pampas, ad meridiem Patagoniam centralem. Haec volumus atque decernimus in contrarium facientibus quamvis speciali atque individua mentione ac derogatione dignis non obstantibus quibuscumque.

Datum Romae apud S. Petrum suo Annulo Piscatoris die XVI Novembris MDCCCLXXXIII. Pontificatus Nostri Anno sexto[29].

Pro D.mo Card. Mertel

A. Trinchieri *Subst.*

(Tradução)

Para perpétua memória do acontecimento. A fim de favorecer melhor e promover a sagrada missão na Patagônia, já há tempo confiada aos cuidados e à ação dos membros da Congregação Salesiana, foi solicitado pelo amado filho João Bosco, fundador e supremo moderador da dita Congregação, que seja erigido um vicariato apostólico na região setentrional da Patagônia. Grandemente solícitos pelo bem e pelo incremento das sagradas missões, em força da missão de supremo apostolado a nós confiada na Igreja de Deus, transmitimos o pedido feito, para exames, aos nossos venerados irmãos cardeais da Santa Igreja romana prepostos à atividade da Congregação para a Propagação da Fé. Portanto, ponderadas atentamente todas as coisas quanto ao assunto, conforme o parecer dos nossos venerados irmãos, julgamos oportuno aderir à solicitação proposta.

Portanto, nós, em força da nossa autoridade apostólica, por meio deste documento, criamos e declaramos ereto o Vicariato Apostólico na parte setentrional da dita região, com a determinação de que no mesmo seja incluída também a parte central da Patagônia que ainda não foi explorada. Os limites deste vicariato apostólico da Patagônia setentrional serão: a oriente, o mar

[29] No dia 20 de novembro foi emanado o *Breve* de nomeação do padre Cagliero como vigário apostólico (MB XVI, 583).

Atlântico; a ocidente, os montes chamados na língua vulgar "as cordilheiras"; ao norte, os povos pampas; ao sul, a Patagônia central. Isto nós queremos e decretamos, estabelecendo que nada em contrário, embora digno de especial e singular menção ou derrogação, possa se opor.

Dado em Roma, junto a São Pedro, com o anel do Pescador, no dia 16 de novembro de 1883, sexto do nosso pontificado.

Pelo eminentíssimo cardeal Mertel
Trinchieri, *Substituto*

Prefeitura Apostólica

ASC A8420101 *Patagonia Merid.: apertura/erezione canonica*, cópia manuscrita; edição em MB XVI 584.

Decretum

Cum ad catholicae fidei propagationem in Patagoniae regionibus expedire visum fuerit Sacro Consilio Christiano nomini propagando ut Apostolica Praefectura ibidem erigeretur, E.mi ac R.mi Patres eiusdem Sacri consilii in Generali Conventu habito die 27 Augusti 1883 censuerunt statuerque, ut praedicta Praefectura in parte Meridionali Patagoniae erigeretur, quae insulas Malvinianas ac insulas circa sinus Magellanum existentes comprehendat. Huius tamen Praefecturae limites determinari in praesens non possunt cum regio illa adhuc explorata non sit in omnibus partibus.

Quam quidem in rem E.mi ac R.mi Patres praesens edi Decretum mandarunt.

Datum Romae ex aedibus S. Congregationis para a Propagação da Fé die 16 Novembris 1883[30].

† Ioannes Card. Simeoni *Praefectus*
Trinchieri, *Substitutus*

[30] Padre Fagnano foi nomeado Prefeito Apostólico no dia 2 de dezembro de 1883.

(Tradução)

Desde que, visando à propagação da fé católica nas regiões da Patagônia, pareceu oportuno ao sagrado Conselho preposto à difusão do nome cristão constituir lá uma Prefeitura Apostólica, os eminentíssimos e reverendíssimos padres do mesmo sacro Conselho, na reunião geral do dia 27 de agosto de 1883, consideraram oportuno e estabeleceram que a dita prefeitura apostólica seja ereta na parte meridional da Patagônia e compreenda as Ilhas Malvinas e as ilhas que estão em torno do Estreito de Magalhães. Todavia, os limites dessa prefeitura, no momento atual, não podem ser determinados, pois aquela região ainda não foi explorada em todas as suas partes.

Em função desta decisão, os eminentíssimos e reverendíssimos padres ordenaram que fosse emanado o presente decreto.

Dado em Roma, no palácio da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, no dia 16 de novembro de 1883.

† João Cardeal Simeoni, *prefeito*

D. Arcebispo de Tiro, *secretário*

107. Circular aos Cooperadores e às Cooperadoras

ASC A1770201 *Circolari, Inviti ad altri*, manuscrito alógrafo em 4 línguas, com assinatura autógrafa; edição em E IV, pp. 360-363.

Turim, 15 de outubro de 1886

Beneméritos Cooperadores e Cooperadoras,

Sinto grande alegria em meu coração em poder fazer chegar até vós, caros Cooperadores e Cooperadoras, as notícias interessantes que chegam da Patagônia e das outras numerosas missões já abertas na América do Sul e, ao mesmo tempo, expor-vos os planos para novos empreendimentos, aos quais, dadas as necessidades urgentes daquelas populações distantes, será conveniente dedicar-se quanto antes.

Após ter corrido e percorrido toda a Patagônia, do Oceano Atlântico à Cordilheira dos Andes, e ter atravessado por duas vezes aquelas célebres mon-

tanhas a fim de chegar até o Chile, depois de ter catequizado e batizado várias tribos de selvagens, em meio a enormes fadigas e perigos incríveis por parte dos nossos missionários, chegou o momento de ter que pensar seriamente em consolidar e perpetuar o bem feito até agora.

Pois aquelas tribos pacificadas e convertidas à fé, tendo começado a saborear as primeiras doçuras da vida cristã e civil, não podem resignar-se a ver só de quando em quando o missionário que os chamou à vida social e à luz do Evangelho.

Com justa razão eles o quereriam sempre por perto para ser dirigidos por ele, instruídos e confortados, especialmente para ser assistidos nos casos de doença e em perigo de morte.

Não é, portanto, de se admirar, se dom Cagliero, vigário apostólico da Patagônia, não tenha coragem de recusar aos pobres selvagens, que também são seus caríssimos filhos em Jesus Cristo, os justíssimos confortos da religião. Ele, porém, não tem pessoal nem meios suficientes para satisfazer seus ardentes desejos. Devendo estabelecer residências fixas para os missionários na região desértica da Patagônia, à medida que os selvagens se reúnem em colônias ou em vilas, ele precisa, como bem podeis compreender, de maior número de sacerdotes, catequistas e religiosas, e de muitos meios materiais que são indispensáveis à vida social e ao culto divino.

Aqueles pobres neófitos, apesar de sua boa vontade, não podem oferecer aos nossos missionários senão o espetáculo da sua triste miséria. Eles precisam de tudo, até mesmo de serem vestidos e mantidos, especialmente no início da sua conversão. Por isso, o futuro daquelas missões depende de fato da Pia Sociedade Salesiana e da caridade dos nossos Cooperadores e Cooperadoras. Por acaso, deveríamos desanimar? Não! Pelo contrário, redobraremos os esforços a fim de não permitir que aquelas obras, que já custaram tantos suores e sacrifícios, venham a sofrer detrimento.

Além disso, é bom que saibais que, para garantir o êxito da completa conversão da Patagônia, já decidimos abrir um caminho pelo lado ocidental do Chile, e um grupo de salesianos já esteve lá para fundar uma casa, do outro lado da Cordilheira dos Andes, na cidade de Concepción, pertencente à República do Chile.

É de lá que deverão partir grupos de missionários para evangelizar a Araucânia e a Patagônia ocidental, chegando depois pouco a pouco ao Arquipélago de Chiloe e de Magalhães, na assim dita Terra do Fogo, que são regiões povoadas por numerosas tribos indígenas, totalmente sem qualquer ideia de religião e de civilização.

O padre Fagnano, neste momento, já deve ter descido até as Ilhas Malvinas, e de lá irá explorar todas aquelas ilhas até o Cabo Horn, estudará os lugares mais estratégicos e mais adaptados para plantar ali as tendas dos novos soldados da cruz, que logo irão alcançá-lo.

Não podeis imaginar, queridos Cooperadores e Cooperadoras, quantos pedidos insistentes recebo de lá por parte dos nossos incansáveis missionários e das próprias populações a fim de mandarmos novos e importantes reforços de pessoas e de dinheiro.

Precisamente para nos fazer conhecer melhor as necessidades e situações, graças a Deus, satisfatórias das nossas missões da América, veio expressamente daqueles distantes países o nosso missionário padre Luís Lasagna, que não omitiu nenhum argumento para induzir-me a preparar também desta vez uma numerosa expedição de missionários salesianos e de Irmãs de Maria Auxiliadora. Também ele precisa de um bom número de colaboradores para as missões que lhe confiei no vastíssimo império do Brasil, que, sozinho, é mais extenso do que toda a Europa, e onde há regiões imensas, povoadas unicamente por selvagens, que vagam por aquelas florestas, suspirando há séculos por uma mão amiga que vá subtraí-los à vergonhosa barbárie na qual estão sepultados e onde nela permanecerão quem sabe por quantas gerações, se o zelo de missionários, apoiados pela caridade dos fiéis, não lhes oferecer quanto antes alguma ajuda.

Motivados por estes fortes motivos, decidimos preparar para o mês de novembro próximo a expedição de um novo grupo de missionários, que chegarão pelo menos a trinta, e que poderão ser ainda mais numerosos, se a ajuda dos benfeitores nos chegar a tempo e de maneira abundante.

Dito isso, não vos será difícil compreender, queridos Cooperadores e Cooperadoras, que para preparar a nova expedição de conquistadores de almas e de propagadores do Reino de Deus na terra são necessárias grandes despesas em paramentos sagrados, vestes e outras roupas, móveis para a igreja, para a escola e a residência e despesas urgentíssimas para as viagens por mar e por terra. Por isso, não tenho outra opção senão pôr em Deus e na vossa generosidade, caríssimos Cooperadores e Cooperadoras, a minha esperança, a fim de que, assim como já nos socorrestes em expedições anteriores, assim também não duvideis em socorrer-me na expedição que atualmente estamos preparando, apesar da grande estreiteza de meios materiais que nos aflige.

De modo que, faço aqui um novo apelo à vossa caridade: ouvi também vós, como eu, a voz dos caros missionários e o grito que nos fazem chegar tantos pobres abandonados naquelas terras longínquas.

Por isso, suplico aos Cooperadores e às Cooperadoras que tornem possível a nova expedição, socorrendo-nos com fervorosas orações e com as ofertas que puderem fazer em tecido ou peças de roupa, em panos e vestes, em alfaias para a igreja ou em vasos sagrados, e mais ainda em dinheiro, com o qual poderemos enfrentar as despesas de viagens e transportes por terra e por mar, afinal, com qualquer doação que a vossa piedade sugerir e as vossas forças permitirem.

No Oratório de Turim, donde partirão os nossos missionários, com gratidão será recebido tudo o que, de forma pessoal, por trem ou por correio, a vossa industriosa caridade decidir enviar para esse nobre empreendimento.

No dia que for escolhido para a partida dos missionários, antes da função de despedida, haverá uma conferência apropriada para os Cooperadores e as Cooperadoras no santuário de Maria Auxiliadora, o que vos será noticiado em tempo, a fim de que os que desejarem, possam participar; e enquanto desde agora vos convido, não quero deixar de pedir-vos que tenhais a bondade de procurar também entre os vossos conhecidos e amigos, pessoas que também estejam dispostas a colaborar com sua doação nesta obra de humanidade e de fé.

Nós anotaremos o vosso e o seu nome nos registros do nosso Pio Instituto, para todos os dias vos lembrar em nossas orações, a fim de implorar do céu copiosas bênçãos sobre vós e sobre todos os que nos beneficiarem, sobre suas famílias e suas obras, certos de que Deus tomará nota do nome de cada um no livro da vida, no livro dos predestinados, pois é sentença do grande Santo Agostinho que quem procura eficazmente a salvação das almas, assegura a salvação da própria: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti.*

Maria Santíssima Auxiliadora, que se constituiu protetora e mãe dos nossos missionários e dos pobres selvagens, vos obtenha de Deus as mais eleitas bênçãos espirituais e temporais

Vosso afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. J. Bosco

N.B. Os generosos benfeitores das nossas missões queiram enviar suas ofertas diretamente a Dom Bosco, em Turim, Via Cottolengo, N. 32.

QUINTA SEÇÃO

EM CONTÍNUA BUSCA DE RECURSOS ECONÔMICOS

Apresentação

O amplo desenvolvimento edilício de Valdocco, a construção de quatro igrejas, as dezenas de fundações na Itália, na Europa e na América Latina, a manutenção de milhares de jovens hospedados gratuitamente ou acolhidos em base a modestas pensões diárias, a formação de centenas de salesianos (sacerdotes e coadjutores) e Filhas de Maria Auxiliadora, as numerosas expedições missionárias e muitos outros capítulos de despesas exigiram de Dom Bosco o emprego de ingentes somas, que certamente ele não possuía.

Sendo a sua uma iniciativa voluntariamente privada, em vista da qual queria manter as mãos livres, ele tinha pela frente somente duas possibilidades para conseguir financiamento: obter subsídios de entidades públicas – mas sem com isto vincular-se de algum modo sob o ponto de vista jurídico – e apelar para generosas doações de pessoas particulares. É precisamente o que ele fez em toda a sua vida, provando na própria pele a experiência dantesca: "Tu proverai sì come sa di sale lo pane altrui, e come è duro calle lo scendere e 'l salir per l'altrui scale" (Paradiso, XVII 55-60)*. *O que ele definia como "Providência" ou "vontade de Deus" não lhe poupou contínuas preocupações, duros ataques da imprensa hostil, cansativas viagens pela Itália, França e Espanha, insistentes chamadas de atenção aos seus filhos para que vivessem uma vida de pobreza e de duro trabalho quotidiano.*

O risco de não conseguir ter êxito em todos os empreendimentos assumidos sempre pesou sobre ele, dado que o balancete global da Obra da qual era o chefe normalmente estava no vermelho. A generosidade dos benfeitores, porém, embora em meio a inevitáveis alternâncias, nunca lhe faltou.

Não havendo estudos específicos sobre a dimensão econômica da Obra Salesiana[1]*, julgamos útil apresentar rapidamente os momentos principais dessa "economia em devir" de Valdocco, quando Dom Bosco ainda vivia.*

[1] Para a casa de Valdocco até 1870 cf. Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870).* Roma, LAS 1980.

* O texto é de Dante na Divina Comédia e, em versão livre, significa: "Tu provarás, sim, como tem sabor de sal o pão alheio e como é duro o caminho que te obriga a descer e a subir pelas escadas dos outros" .

Em primeiro lugar, no final da década de 1840 e na década de 1850, Dom Bosco, não possuindo disponibilidades financeiras, a não ser as espórtulas da missa diária, por eventuais exercícios do ministério sacerdotal, proventos mínimos do seu patrimônio eclesiástico, de poucos hóspedes e de subsídios aleatórios de algum amigo, preferiu recorrer à beneficência pública. Dessa maneira é que foram levantadas as primeiras construções e foram feitas não insignificantes ampliações edilícias.

O decênio sucessivo (1860-1870) foi inaugurado em clima de maus auspícios. No biênio de 1860-1861, sendo cúmplice a situação política e a campanha difamatória da "Gazzetta del Popolo", Dom Bosco sofreu perquisições, inspeções escolares e ação fiscal pessoal. Defendeu-se protestando junto às mesmas autoridades de governo que, entretanto, não se eximiam, naqueles mesmos anos, de enviar-lhe meninos pobres e órfãos. A conjuntura favorável de 1862, com Rattazzi no governo e a euforia do momento econômico, interrompeu-se em dezembro de 1862, com os governos Farini e Minghetti, que deram início a uma fase de fratura entre os programas políticos e a Obra de Valdocco. Dom Bosco, em 1863, sofreu nova perquisição e acusações de pouco patriotismo, mas soube entrincheirar-se atrás do apoio das autoridades intermediárias (os prefeitos Pasolini, Radicati).

A aquisição de edifícios e terrenos graças às entradas de uma rifa bem-sucedida incentivou Dom Bosco a encaminhar, em 1864, a construção de uma nova igreja. Absolutamente nada no momento deixava prever o trauma da transferência da capital do reino de Turim para Florença, com todas as consequências do ocorrido. A nova rifa não deu o resultado esperado e a situação econômica não acenou com melhoras durante todo o biênio de 1865-1866. Para pagar as despesas não eram suficientes as ofertas capilares ativadas por meio de pequenos gestos, novenas, cartinhas, propaganda nas Leituras Católicas. *Dom Bosco e o seu colaborador, cavalheiro Frederico Oreglia, foram então obrigados a se sobrecarregarem com pesadas viagens pela Itália a fim de reconstruir e consolidar uma rede de amizades nas áreas mais sensíveis do país, ou seja, em Florença, Gênova, Milão, Bolonha, Roma. Obviamente, não deixava de manter os contatos com a nobreza rural piemontesa, já reduzida, que aos poucos ia se transformando em nobreza de negócios.*

No final do mesmo decênio, o imaginário de Dom Bosco educador, fundador, personagem ouvido pelos vértices do governo e da Santa Sé, enriqueceu-se com o de prodigioso taumaturgo graças a Nossa Senhora Auxiliadora. A forte vitalidade do culto mariano fez então crescer a generosidade dos fiéis, inclusive dos aristocratas. As somas, recebidas discretamente e não sujeitas a controle legal, logo foram investidas, em grande parte, em empreendimentos edilícios, em manutenção de edifícios e de alunos, na aquisição de aparelhagens e oficinas.

Entretanto, a lei Casati (1859) forçava as administrações municipais a providenciarem escolas primárias e secundárias sem pesar financeiramente sobre o Estado. Dom Bosco, então, abriu colégios por meio de convênios com os municípios fora de Turim, pelo que diminuíram, mas sem desaparecer totalmente, as relações com os gabinetes governamentais e municipais da cidade. Dom Bosco agora podia contar com a rede dos meninos dos colégios, as contribuições e os convênios com os municípios, alguns bens fundiários e heranças. A economia, nos limites do possível, era, porém, sempre administrada pelo centro de Valdocco, que ampliava os imóveis e se tornava a cidadela dotada de estruturas, digamos, grandiosas.

O final da década de 1860 e os primeiros anos da década de 1870 foram para Dom Bosco anos de dificuldades, por causa do aumento da carga fiscal do novo reino, do recurso forçado ao papel moeda, do aumento do preço do trigo e do pão e de outros gêneros de primeira necessidade, dada a fase de depressão que se anunciava para os anos 1872-1873. Recorreu a pequenos subsídios periodicamente concedidos pelo Banco Nacional, a outras entidades financeiras e também a doações mais ou menos eventuais, mais ou menos consistentes, de proprietários de terras (por exemplo, os Callori di Vignale) e de representantes da burguesia financeira (por exemplo, o banqueiro Cataldi de Gênova). Ajudou-o também a publicação dos primeiros perfis biográficos por parte de algum dos seus admiradores. Tornaram-no conhecido como incansável fundador de obras caritativo-filantrópicas, resultando em ofertas em dinheiro, doações, heranças, empréstimos.

Em 1875 começaram as enormes despesas para as expedições missionárias e as sempre mais pesadas fundações na França (Nice, Marselha...) e na Itália (Lácio, Sicília, Toscana, Vêneto...), às quais se somou, nos inícios da década de 1880, a construção da igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma. A mobilização para a beneficência aconteceu então particularmente mediante o Boletim Salesiano e as desgastantes viagens pela Itália, França e Espanha.

As rifas

Consideração à parte merece o tema das rifas. Nada menos do que quinze foram organizadas por Dom Bosco: dez entre 1851 e 1870, e cinco entre 1873 e 1887. Algumas foram liquidações de objetos sobrantes. A de 1865 foi adiada até 1867, por causa das evidentes dificuldades de mobilizar a beneficência privada e pública.

As primeiras rifas apelaram para a nobreza rural e a burguesia financeira local, além das autoridades políticas e municipais, diocesanas e paroquiais. As últimas foram lançadas em escala nacional e até mesmo internacional.

Elas eram reguladas por uma normativa exigente, que, embora modificada ao longo do tempo, requeria muita disponibilidade de tempo e de pessoas, justificadas unicamente pelos suspirados retornos econômicos.

Em geral, era preciso dispor da autorização oficial das autoridades, publicar a circular, constituir um comitê de apoio com personalidades religiosas e leigas de grande prestígio, recrutar promotores e promotoras encarregados de recolher doações e distribuir os bilhetes, imprimir o catálogo dos prêmios com os nomes dos doadores, expô-los em grandes salas, encontrar peritos para avaliar os objetos e determinar o número de bilhetes a serem emitidos pelo preço de 50 centavos cada um, anunciar nos jornais o lugar e o dia da extração dos prêmios, etc... No fim, os prêmios não reclamados e, portanto, deixados para o organizador, podiam ser postos à venda por 80% do valor estimado.

Para limitar-nos ao único exemplo da rifa promovida por Dom Bosco em 1857, ela contou com a presença de 200 promotores e 142 promotoras, incluindo membros da casa real. Recolheu quase 3.000 prêmios, oferecidos por expoentes de casas ilustres, pela magistratura, por autoridades religiosas, banqueiros, pela alta e média burguesia, por damas e viúvas individualmente, pelo clero (cônegos, párocos, clérigos), jovens, famílias, pessoas anônimas... Todas as classes sociais estavam representadas, para além dos dissídios em curso entre a Igreja e o Estado, e todas as categorias sociais adquiriram bilhetes. O lucro, embora não especificado, deve ter sido muito alto.

I. RECURSOS À BENEFICÊNCIA PÚBLICA

Como acabamos de dizer, para os recursos financeiros necessários a fim de cobrir as despesas sempre crescentes das suas obras, Dom Bosco apelou para a benevolência das instituições: a família real, as autoridades do governo, os administradores públicos (municipais, provinciais, estatais...), as obras de beneficência existentes no território, o Banco Nacional, as paróquias, as dioceses, a própria Santa Sé, nas pessoas dos seus máximos expoentes, inclusive o papa.

Para cada solicitação de ajuda, apresentava amplas e específicas razões beneficentes e sociais, que, segundo seu modo de pensar, deveriam fazer abrir "os cordões da bolsa" de quem a possuía bem forrada e conceder o que era pedido às autoridades em termos de isenções, licenças, autorizações, etc.

Na experiência concreta dos fatos, o apoio das autoridades públicas, tanto civis quanto eclesiásticas, nunca faltou a Dom Bosco, apesar de ele sempre ter mantido nas próprias mãos ou de cada salesiano a propriedade dos bens móveis e imóveis e se tenha mostrado pouco disposto a constituir um ente moral legalmente reconhecido. E com razão, dado que a legislação em vigor era decididamente hostil às instituições religiosas. Para o voto de pobreza, encontrou um modus vivendi *aceitável para a Santa Sé.*

Nas quinze cartas que aqui publicamos como exemplos, entre centenas de recuperadas, vê-se como Dom Bosco se dirigiu a autoridades municipais para as primeiras aparelhagens escolares (n. 108) e para as de vinte e cinco anos depois (n. 123), para as despesas dos três oratórios e as dívidas da construção da igreja de São Francisco de Sales (n. 111), para a manutenção dos órfãos do cólera-morbo (n. 112). Ao rei pediu subsídios para formar o patrimônio eclesiástico de clérigos pobres (n. 109) e títulos honoríficos para os benfeitores generosos (n. 124). Ao ministro da Guerra pediu roupas militares já usadas para defender os meninos dos rigores do inverno (n. 113) ou ajuda para emergências alimentares (n. 119). Ao ministro do Interior solicitou o pagamento de pensões em favor de meninos acolhidos por solicitação ministerial (n. 116) e uma contribuição para pagar a taxa sobre os bens móveis do colégio de Mirabello (n. 118). Ao ministro das Finanças apresentou um pedido de redução da pesada taxa sobre a farinha (n. 121), ao da Instrução Pública, o pedido de uma contribuição para as aulas (n. 122). Ao representante do governo na província pediu uma mediação, já negada pelo ministro do Interior, para redução das passagens ferroviárias para os meninos dos colégios salesianos (n. 120).

Obviamente, Dom Bosco não deixou de recorrer com frequência também às autoridades eclesiásticas, tanto episcopais (n. 110), quanto pontifícias (n. 125). Nunca faltaram também as circulares para os promotores de rifas (n. 114) e para os possíveis compradores dos bilhetes postos à venda (n. 115).

A correspondência que editamos situa-se no lapso de tempo entre 1847-1876, quer dizer, desde os inícios da Obra Salesiana na casa Pinardi em Turim até o início da Obra Salesiana na Argentina. Depois desse período, os maiores pedidos de contribuições às autoridades tiveram particularmente o objetivo de manter as missões. Remetemos, por isso, à seção precedente [2].

108. Aos prefeitos de Turim

Edição crítica em E(m) I, p. 75.

[Turim, anterior a 22 de abril de 1847]

Ilustríssimos senhores prefeitos[3],

O sacerdote teólogo João Borel e o padre João Bosco, que se dedicam à direção espiritual dos jovens aprendizes do Oratório de São Francisco de Sales, aberto em Valdocco nas proximidades da Pia Casa do Refúgio, percebendo ser desejo de muitos jovens que para ali acorrem empregar alguma hora dos dias santos para aprender a ler e escrever, e querendo atender a este seu desejo, que corresponde admiravelmente aos seus objetivos de manter a juventude nos nossos dias longe do ócio e dos vícios, decidiram, aconselhados por pessoas sábias, abrir uma escola beneficente para os mesmos.

Com esta finalidade, recorrem respeitosamente a vossas senhorias ilustríssimas, pedindo-lhes, caso existam nos depósitos das escolas da sua ilustríssima cidade, bancos, cadeiras ou mesas sem uso, que se dignem conceder o uso aos requerentes assinados, nas condições que julgarem mais oportunas.

Os requerentes

[Teól. João Borel

Sac. João Bosco]

[2] Veja nn. 98-107.

[3] Na época, os dois prefeitos da cidade eram o marquês Vitório Colli e o conde José Ponte. Depois da reforma de 1848, os pedidos de subsídios municipais foram encaminhados ao prefeito e aos conselheiros municipais. Assim, por exemplo, o pedido de fevereiro de 1850, no qual Dom Bosco mostra que as despesas de aluguel dos três oratórios chegavam a 2.400 liras: cf. RSS 22 (2003) 343-344. Veja também n. 110.

109. Ao rei Vitório Emanuel II

AST *Grande Cancelleria* m. 259/1 n. 1370, manuscrito autógrafo,
edição em RSS 13 (1994) 295-296.

Turim, 1° de maio de 1851

Sacra Real Majestade,

Os clérigos Ascânio Savio, José Buzzetti, Carlos Gastini, Félix Reviglio, com o apoio de algumas pessoas caridosas e com a permissão do superior eclesiástico, vestiram a batina, mas por não disporem absolutamente de bens econômicos, encontram graves dificuldades para continuar seus estudos e providenciar residência, alimentação e roupa.

Nesta sua difícil situação, não sabendo a quem recorrer, suplicam humildemente vossa Sacra Real Majestade queira levá-la em benévola consideração e conceder-lhes o caridoso subsídio que sua bondade considerar conveniente, a fim de poderem continuar na carreira eclesiástica, à qual lhes parece terem sido chamados unicamente por Deus.

Os solicitantes, lembrando-se sempre do benefício que esperam receber, pedirão todos os dias ao Senhor que conceda prosperidade e conserve longamente vossa Sacra Real Majestade e toda a família real.

Os solicitantes

[Clérigos Ascânio Savio, José Buzzetti,
Carlos Gastini, Félix Reviglio]

O abaixo assinado, plenamente informado, declara que os quatro clérigos solicitantes têm comportamento exemplar e se dedicam a dar catecismo na paróquia de Borgo Dora, de modo particular no Oratório de São Francisco de Sales, onde, além do catecismo, ministram aulas noturnas, ensinam canto gregoriano e música, tudo gratuitamente. Além disso, declara que os quatro clérigos não dispõem de bens econômicos, acolhidos no Oratório citado, onde, pela pobreza e pelo comportamento, são todos muito dignos de consideração.

Turim, 1° de maio de 1851

Sac. João Bosco
Diretor[4]

[4] Também para dotar os seus clérigos do patrimônio necessário para receber as ordens sagradas, Dom Bosco recorreu à beneficência do rei.

110. Ao bispo de Biella, dom Pedro Losana

Edição crítica em E(m) I, pp. 155-156.

Turim, 4 de maio de 1852

Ilustríssimo e reverendíssimo senhor bispo[5],

Tomado pelos sentimentos da mais viva gratidão para com a divina Providência, que se dignou suscitar na pessoa de vossa senhoria ilustríssima e reverendíssima um insigne benfeitor do Oratório de São Francisco de Sales, humildemente lhe agradeço, senhor bispo, por ter recomendado com tanto zelo, mediante sua circular especial de 13 de setembro do ano passado, a minha igreja à caridade dos seus fiéis diocesanos. As ofertas, que formam a generosa soma de mil liras, que declaro ter recebido do senhor, são uma prova evidente de que todos reconheceram a necessidade de manter intata a moralidade da juventude e de promover a instrução cristã e, por isso, pessoas de boa vontade corresponderam à pia expectativa do seu pastor.

Por isso, fique contente, senhor bispo, por ter feito este benefício à juventude de Turim, e alegre-se, porque redunda também em vantagem de muitíssimos jovens da sua diocese que, devendo passar parte notável do ano na capital por razões de trabalho, em número exemplar comparecem a este Oratório para se divertir, instruir-se e santificar os dias consagrados ao Senhor[6].

Vossa excelência sabe, senhor bispo, que, apesar das generosas doações de pessoas piedosas e caridosas, vieram a me faltar os meios para continuar a construção do edifício sagrado[7], mas a divina Providência me estendeu a mão e soube fornecer-me novos meios por meio de uma rifa de brindes.

Apenas anunciada, a rifa foi acolhida favoravelmente pela caridade pública; muitos dignos personagens e beneméritas senhoras, com zelo verdadeiramente católico, tomaram parte e a promoveram de tal modo que, graças a essas pessoas, os brindes foram numerosos, para além da minha expectativa, seja quanto ao preço, seja quanto ao número, de tal modo que,

[5] João Pedro Losana (1793-1873), professor da Universidade de Turim, depois bispo de Biella (desde 1933); atento aos problemas sociais, foi um liberal moderado.

[6] Parece que os meninos da diocese de Biella que frequentavam o Oratório de Valdocco eram cerca de 200, um terço do total.

[7] A referência é para a construção da igreja de São Francisco de Sales: veja n. 6.

hoje, são mais de três mil e cem; agora espero que o favor das pessoas pias e dotadas de meios econômicos continue mediante a aquisição dos bilhetes, do que unicamente depende a realização plena dessa santa iniciativa.

Assim confortado e apoiado, tenho a alegria de anunciar-lhe que os trabalhos de construção da igreja continuam com todo o empenho possível, e tenho fé em Deus que no dia 20 de junho próximo, dia sagrado para nós, dedicado a Nossa Senhora da Consolação, será possível satisfazer nossa urgente necessidade, começando a usar a nova igreja, benzendo-a e realizando nela as celebrações sagradas. Vossa excelência, senhor bispo, pode imaginar a alegria e a consolação que desde agora sinto à simples lembrança da solenidade que acontecerá naquele dia tão desejado!

Não podendo, como gostaria, demonstrar a minha gratidão para com vossa senhoria ilustríssima e reverendíssima e para com os seus diocesanos, pelas ofertas recebidas e pela ajuda eficaz quanto à rifa, terei o máximo cuidado em acolher com grande amabilidade todos os jovens da região de Biella que vierem para o Oratório, e nada pouparei em favor dos que quiserem aproveitar das aulas e da instrução religiosa.

O que posso, e não deixarei de fazer, é unir-me aos jovens, que de certo modo me foram confiados pela divina Providência, e com eles pedir a Deus diariamente que recompense com suas generosas bênçãos vossa senhoria ilustríssima e reverendíssima, e todos os que na sua caridade colaboraram e colaboram de algum modo com esta obra de beneficência.

Permita, senhor bispo, que lhe peça queira continuar a conceder a sua eficaz proteção ao Oratório e abençoar a nova igreja, a rifa e todos os rapazes do Oratório, e com eles também a minha pessoa, que entre todos é a que mais tem necessidade.

Entretanto, digne-se aceitar meus sentimentos de sincera gratidão e da mais profunda e obsequiosa veneração com que tenho a honra de declarar-me

De vossa senhoria ilustríssima e reverendíssima humílimo devotíssimo e obedientíssimo servidor

Sac. João Bosco

111. Às autoridades municipais de Turim

Edição crítica em E(m) I, pp. 201-202.

[Turim, 3 de agosto de 1853]

Ilustríssimos senhores,

Tomado por sentimentos de sincera gratidão pelos subsídios que vossas senhorias ilustríssimas me concederam no ano passado em favor dos oratórios erigidos nesta cidade para o bem da juventude abandonada, ouso recorrer novamente a vossas senhorias ilustríssimas, dado que me encontro necessitado de ajuda como nunca.

Antes de tudo, devo dizer-lhes uma palavra sobre o andamento desses três oratórios, os quais, neste ano, tiveram melhor êxito, dado o maior número de jovens que deles participam. Só no Oratório de Valdocco, às vezes, foram mais de dois mil os jovens que passaram ali os dias santos, cumprindo seus deveres religiosos, junto com instrução moral e civil, como leitura, alfabetização, aritmética, sistema métrico, desenho, música de canto e de alguns instrumentos. Junto com tudo isso, havia também alguns divertimentos de ginástica elementar, como: pernas-de-pau, gangorra, bochas, malhas, corridas e saltos, e isso para satisfazer aqueles que sem esses divertimentos talvez não compareceriam.

As aulas noturnas deste ano não puderam obter o resultado que eu esperava; e isso por falta de meios; por isso, sendo pobres todos os jovens, muitas vezes deixavam de participar das aulas por não terem o que lhes era necessário. Todavia, os alunos frequentemente eram mais de trezentos.

Além das despesas do aluguel, da manutenção da igreja e da pavimentação do oratório de Vanchiglia e de Porta Nuova, cujas despesas não são inferiores a dois mil e duzentos francos, devemos cobrir as pesadas despesas para a construção de uma igreja na região de Valdocco, como também a construção, ou melhor, a restauração do prédio destinado às aulas e a recolher os jovens que são absolutamente pobres e abandonados.

A multiplicidade dessas despesas cansou a caridade dos benfeitores tradicionais, e a prova disso é que ainda estou em dívidas com o aluguel de um ano inteiro do oratório de Porta Nuova; por isso, se o município não vier em minha ajuda nessas circunstâncias especiais, eu me encontrarei na dura necessidade de ter que fechar algum destes oratórios, pelo que cessaria um meio de instrução para um número considerável de jovens pobres e abandonados.

Por esse motivo, recorro a vossas senhorias ilustríssimas, suplicando-lhes queiram levar em benévola consideração o exposto acima e conceder-me a caridosa ajuda que lhes parecer conveniente e da qual, dada a gravidade do momento presente, tenho necessidade.

Não peço nada para mim, nem mesmo para os meus colaboradores, pois estamos contentes em dedicar as nossas fadigas em favor dos jovens pobres do povo; somente peço um subsídio para algumas dívidas contraídas nas citadas construções e para cobrir as despesas dos aluguéis e da manutenção dos respectivos locais.

Cheio de confiança na já experimentada bondade do município de Turim, exprimindo a mais sentida gratidão, me professo

De vossas senhorias ilustríssimas humilde requerente

Sac. João Bosco

112. Ao prefeito de Turim, João Batista Notta

Edição crítica em E(m) I, pp. 243-244.

Turim 25 de janeiro de 1855

Ilustríssimo senhor prefeito[8],

Levando em conta as pesadas despesas feitas pelo município de Turim por causa da emergência fatal do cólera-morbo, eu tinha decidido não fazer nenhum pedido de ajuda neste ano; todavia, minhas atuais necessidades me obrigam a fazê-lo. Além das despesas que tive que fazer para tornar salubre o local atual, conforme a situação exige, agora devo manter, vestir e cobrir na cama noventa e cinco meninos. Eu queria diminuir seu número, mas os órfãos do cólera-morbo[9] aumentaram ainda mais; de modo que entre os que me foram enviados pelo comitê de beneficência pública em favor dos doentes de cólera e os que eu mesmo encontrei pelas praças e em outras partes, acolhi uns quarenta desses infelizes.

[8] Foi prefeito desde dezembro de 1852 até fevereiro de 1861.

[9] Dom Bosco, em outubro de 1854, tinha oferecido acolher na casa do Oratório vários meninos que ficaram órfãos por causa do cólera, e o prefeito tinha concordado.

Eu não peço nenhum subsídio para pagar os aluguéis, nem para as escolas, nem para os trabalhos que ali se executam: só peço um subsídio para poder dar pão a estes meus pobres meninos até que passe o inverno; em seguida, espero em Deus ter algum meio à disposição e, pelo menos em parte, poder colocá-los em algum outro lugar.

Por isso, eu me recomendo à já provada bondade de vossa senhoria ilustríssima, pedindo queira me ajudar nesta necessidade excepcional, certo de que não faltarão os meios para o senhor, nem a vontade de socorrer a estes que são os mais pobres, os mais abandonados e periclitantes filhos do povo.

Com os sentimentos da mais sincera gratidão me professo

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

113. Ao ministro da Guerra, Tiago Durando

Edição crítica em E(m) I, pp. 268-269.

[Turim, novembro de 1855]

Ilustríssimo senhor ministro,

Exponho respeitosamente a vossa senhoria ilustríssima como, premido pela necessidade de providenciar o necessário para mais de cem jovens acolhidos na casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales, e também para o atendimento de mais de mil e quinhentos que frequentam os oratórios masculinos de Valdocco, Porta Nuova e Vanchiglia, eu recorria ao ministério da Guerra a fim de obter, a título de subsídio, algumas peças de roupa que, pela forma ou pelo uso prolongado, já não serviam mais para uso das tropas do rei. O pedido teve sempre acolhida favorável, e este benemérito ministério vinha em minha ajuda.

Os apertos do ano corrente, pondo-me em situação mais difícil do que nos anos passados, obrigam-me a recorrer a vossa senhoria ilustríssima, suplicando-lhe queira levar em benévola consideração a situação infeliz destes jovens pobres e abandonados, e conceder-lhes as peças de vestuário, que para

eles são de primeira necessidade, a fim de se defenderem do frio no próximo inverno, e poderem assim continuar no trabalho e ganharem o pão em alguma ocupação honesta.

Observo somente que, dada a absoluta pobreza destes jovens, receberemos com a máxima gratidão qualquer tipo de vestuário, como sapatos, capotes, jaquetas, camisas, ceroulas, lençóis, cobertas, calções, mesmo que se trate de peças remendadas ou gastas, mesmo pedaços de cobertas e coisas semelhantes, pois entre nós consertamos tudo e usamos para socorrer as nossas necessidades.

Cheio de confiança na sua conhecida bondade, com os sentimentos da mais sincera gratidão, também em nome dos mencionados jovens, professo-me

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo solicitante

Sac. João Bosco

114. Circular para a rifa

Edição crítica em E(m) I, pp. 317-320.

Turim, [21] de fevereiro de 1857

A caridade do Evangelho que inspira ao homem as mais belas obras de beneficência, embora evite chamar a atenção das pessoas, todavia, onde a glória de Deus e o bem do próximo o exigem, não hesita em superar a própria timidez e estender a mão às pessoas generosas, e às vezes a relatar o bem feito, a fim de que sirva para outros como convite e estímulo a vir em ajuda dos necessitados. Esta reflexão levou a comissão constituída para esta rifa a decidir fazer um breve relato das obras principais que nestes oratórios se realizam, e assim dar a conhecer a todos a que se destina o resultado que se espera.

Cremos tratar-se de assunto publicamente conhecido como o sacerdote João Bosco, desejando promover o bem moral da juventude abandonada, trabalhou para abrir nas três partes principais da cidade três oratórios, onde, nos dias santos, é acolhido o maior número possível de jovens em situação de risco da cidade e dos que do interior vêm a esta capital.

Nesses oratórios há capela para as celebrações religiosas, algumas salas para aulas e pátio para recreação. Para ali são atraídos mediante prêmios, e entretidos com um pouco de ginástica ou qualquer outro divertimento honesto, após terem assistido as celebrações da Igreja. O número dos que participam, às vezes, vai para além dos três mil. Quando a estação do ano permite, há aulas de leitura, alfabetização, canto e música. Pios senhores, em bom número, são solícitos em ajudar a obra, dando catecismo, procurando colocar os jovens desocupados em algum trabalho junto a patrões honestos, continuando a acompanhá-los amorosamente, como convém a um bom pai.

No Oratório de Valdocco há também aulas semanais de dia e de noite, especialmente para os meninos que, por razão de suas vestes puídas ou pela sua indisciplina, não podem ser admitidos nas escolas públicas.

As aulas noturnas são bastante frequentadas. Ali também se ensina leitura, alfabetização, música vocal e instrumental; tudo isso para afastá-los das más companhias, junto às quais certamente correriam o risco de perder a escassa remuneração do trabalho, a moralidade e a religião.

Entre esses jovens, tanto da cidade, quanto das localidades da província, há alguns (em geral órfãos) que são tão pobres e abandonados que é impossível encaminhá-los a alguma arte ou ofício, se não se oferecer a eles um lugar para morar, alimentação e roupa; para esta necessidade providenciou-se uma casa anexa ao Oratório de Valdocco, onde são acolhidos mais de cento e cinquenta: a eles se dá todo o necessário para se tornarem bons cristãos e honestos trabalhadores.

Exposta a situação destes oratórios, pode-se facilmente compreender para onde vai o resultado da rifa: as despesas dos aluguéis dos respectivos locais, a manutenção das aulas e das igrejas, dar pão a cento e cinquenta internos, tudo isso é objeto de pesadas despesas.

Além disso, faz três anos que, por ocasião da fatal disseminação do cólera-morbo, foi necessário adaptar um lugar apropriado, onde, naquela circunstância, foram internados quarenta órfãos, vários dos quais ainda estão na casa. Neste ano, além disso, foi preciso terminar parte de uma construção parada havia anos. Todos esses trabalhos, embora executados com a mais rigorosa economia, tornaram indispensável a despesa de mais de quarenta mil francos. Esta soma, mediante a ajuda de pessoas generosas, já foi paga em sua maior parte, mas resta ainda uma dívida de doze mil francos.

Para cobrir essas despesas, providenciar a possibilidade de continuar o bem iniciado, não encontramos outra saída senão uma rifa de brindes, como

expediente de dar oportunidade a qualquer condição de pessoas a fim de colaborarem da maneira e na medida que seus meios e sua caridade sugerirem.

Para esta finalidade, foi solicitada autorização ao governo régio, que acolheu favoravelmente a solicitação, e com decreto de 2 deste mês de fevereiro, concedeu as licenças oportunas para o bom êxito desta rifa.

Estamos intimamente persuadidos de que os nossos concidadãos e as pessoas caridosas das províncias, às quais também se estende o benefício dos oratórios e da casa, certamente irão associar-se a nós e tomarão parte generosamente, enviando brindes destinados a servir como prêmio e comprando bilhetes. Um seleto grupo de pessoas beneméritas aceitou assumir o trabalho de promotores e promotoras, empenhando-se em recolher brindes e distribuir bilhetes, conforme o plano de regulamento em anexo.

Nós somente expusemos o escopo dos oratórios e os meios principais que é preciso usar a fim de alcançá-lo. A obra nos parece por si mesma muito recomendável, sem haver necessidade de dar muitas explicações. Observamos somente que, tomando parte nesta obra de beneficência, também se promove a utilidade pública e particular; e vós sereis abençoados por Deus e pelos homens. Por Deus, junto ao qual não vos faltará a recompensa; pelos homens, dado que recebereis o mais profundo reconhecimento, enquanto uma multidão de jovens abençoará a cada momento a mão benfazeja que os afastou dos perigos das ruas, encaminhando-os pelo bom caminho, ao trabalho, à salvação da alma.

A Comissão[10]

[10] Entre os ministros, o da Guerra, Afonso Lamarmora, aceitou e pagou 40, o do Interior, Urbano Rattazzi pagou os 400, restituindo-os, o da Instrução Pública, João Lanza, os devolveu sem pagar nenhum, limitando-se a louvar a obra de caridade de Dom Bosco; no mesmo ano, porém, ele enviou uma contribuição de 1.000 liras.

115. Circular aos promotores da rifa

Edição crítica em E(m) I, pp. 476-477.

Charitas benigna est, patiens est.
A caridade é benigna e paciente (São Paulo).

Turim, [30 de janeiro de] 1862

Ilustríssimo senhor,

A caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que em tudo é benigna e paciente, me dá esperança de que vossa senhoria ilustríssima terá benévola compreensão diante do incômodo que estou para lhe proporcionar. As situações que a divina Providência neste ano me pôs entre as mãos me colocam na necessidade de recorrer à beneficência individual e pública mediante uma rifa de brindes. Este meio, na verdade, sendo usado há algum tempo com certa frequência, às vezes não agrada muito a esta ou àquela pessoa, todavia, não consegui encontrar outro mais compatível com os tempos e mais adequado para as necessidades. A fim de que o senhor tenha uma visão adequada da situação das despesas que deverei cobrir, farei aqui uma pequena apresentação.

Em primeiro lugar, são três oratórios: o de São Francisco de Sales em Valdocco, de São Luís em Porta Nuova e do Anjo da Guarda em Vanchiglia. Nessas três igrejas realizam-se de manhã e à noite celebrações religiosas, administram-se os santos sacramentos e instruem-se os meninos que se encontram em situação de risco e que acorrem para ali em grande número.

Estes jovens, para os quais com frequência é preciso fornecer alimentação e roupa, na medida do possível são postos a aprender um trabalho junto a algum patrão. Mas as três igrejas não possuem renda fixa a fim de providenciar o necessário para o culto divino, nem dispõem de paramentos indispensáveis. Além disso, os locais de Vanchiglia e Porta Nuova são alugados, o primeiro por 650 francos anuais, o segundo por 500 francos. Além do aluguel do momento presente, há alguns atrasados que já deveriam ter sido pagos. Nesses mesmos locais, para as aulas diurnas e as noturnas foi preciso fazer muitos consertos, que eram indispensáveis, coisa que ainda está para ser paga em grande parte. Há também um considerável número de jovens aprendizes e também de estudantes que vivem na casa anexa ao Oratório de Valdocco, aos quais se providencia pão, instrução, roupa, moradia, trabalho; para socorrer esses jovens as despesas são bem pesadas.

[Finalmente, foi preciso fazer uma despesa não pequena, mas indispensável, para montar as oficinas em casa; pois, por motivos muito sérios, não foi mais possível permitir que os jovens aprendizes fossem aprender o seu ofício junto a patrões na cidade].

Exposto o escopo da rifa, humildemente desejo convidar vossa senhoria ilustríssima a fim de vir em nossa ajuda:

1° Para recolher os brindes que pessoas caridosas estiverem dispostas a oferecer, ajudando depois a distribuir os bilhetes em tempo oportuno.

2° Caso o senhor conheça quem estiver disposto a aceitar o benéfico encargo de promotor ou de promotora desta rifa, principalmente, no caso de pessoas leigas, se puder me indicar nome, sobrenome e endereço; em seguida eu mesmo faria um convite formal.

3° Se vossa senhoria, por algum motivo especial, julgar que não convém que seu nome apareça no catálogo dos promotores e das promotoras, pediria respeitosamente queira dizer-me de que maneira prefere fazer, para não lhe causar qualquer incômodo.

Espero poder quanto antes lhe encaminhar o plano correspondente de regulamento, junto com outras notícias que se referem a esta rifa, que tomo a liberdade de recomendar de modo particular à sua conhecida e provada bondade.

Deus, infinitamente rico em favores, o recompense, concedendo-lhe saúde e copiosas bênçãos. Entretanto, da minha parte e em nome dos jovens beneficiados, lhe apresento o mais profundo reconhecimento, enquanto, com plena estima, tenho a honra de professar-me

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco[11]

[11] Junto com esta circular, Dom Bosco difundiu outra, assinada por 22 membros da comissão presidida pelo prefeito de Turim Emanuel Luserna de Rorà, cf. E(m) I, pp. 478-479.

116. Ao secretário do ministro do Interior, Ubaldino Peruzzi

Edição crítica em E(m) I, pp. 625-626.

Turim, 22 de dezembro de 1863

Ilustríssimo senhor[12],

Dada a grande quantidade de jovens que pediam com urgência para serem acolhidos nesta casa, não foi possível dar sequência às benévolas recomendações feitas por esse ministério em favor de alguns jovens pobres, todavia, as práticas nunca foram esquecidas e a situação se resolveu conforme segue.

Carlos Henrique Malabailo, recomendado por carta de 22 de setembro, 6ª divisão, 2ª seção, 5.826, foi definitivamente acolhido no dia 1° de novembro e encaminhado a aprender um ofício.

João Batista Benna, de Biella, recomendado por carta de 8 de outubro, foi acolhido no 10 de novembro passado e, encontrando-se em séria necessidade de instrução, foi posto a estudar.

José Grassero, recomendado com carta de 13 de outubro, N° 6.522, foi definitivamente acolhido, e a sua entrada está marcada para o dia 12 de janeiro próximo.

Lourenço Ferrero, recomendado por carta de 5 de novembro, dado o estado de grave necessidade em que se encontra, também foi acolhido e entrará para esta casa no dia 24.

Nessa mesma ocasião, renovo o que em meados de outubro eu escrevi em resposta à carta de 22 de setembro quanto ao jovem *Pivetta.*

A mãe do jovem, então, era devedora de 330 liras; atualmente se deveriam acrescentar mais dois meses de 15 francos cada um, o que resultaria num total de 360 francos.

Anexa a esta carta está também a nota que se refere aos jovens *Jesualdo Rissoli,* napolitano, e *Durazzo,* turinense, que não podendo, por falta de idade, serem acolhidos nesta casa por solicitação de cartas ministeriais, foram colocados junto ao professor Miglietti, a 65 centavos cada um por dia[13].

[12] Na iminência da unidade da Itália (1861) e até os inícios da década de 1870, foram dezenas de meninos pobres que os diversos ministérios (Interior, Justiça e Culto, Agricultura, Guerra, Instrução Pública...) recomendaram a Dom Bosco. Ele acolheu quase todos, em troca do pagamento de uma pequena pensão.

[13] Cf. carta ao ministro do Interior, Ubaldino Peruzzi, 23 de fevereiro de 1863, em E(m) I, pp. 555-556.

Dada a necessidade e levando em conta o pedido do interessado, tive que lhe antecipar a soma vencida, embora eu mesmo me encontre em apuros econômicos.

Na esperança de que continue com seu favorecimento a fim de fornecer pão aos jovens pobres, que em número acima dos setecentos estão aqui internados, peço queira transmitir de minha parte a sua excelência o ministro do Interior, que terei sempre a máxima solicitude em acolher jovens abandonados, especialmente os que de algum modo me forem recomendados.

Por fim, aceite que nestes dias de felicitações deseje ao senhor todos os bens do céu e me professe com plena estima

De vossa senhoria obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

117. Ao diretor-geral das estradas de ferro da Alta Itália

Edição crítica em E(m) II, p. 33.

[Turim, fim de janeiro de 1864] [14]

[Ilustríssimo senhor],

Recorro a vossa senhoria ilustríssima em favor de uma obra de beneficência pública. No povoadíssimo quarteirão de Valdocco há uma grande extensão de casas onde vivem cerca de trinta mil habitantes, entre os quais não há uma só igreja, nem grande, nem pequena, para o culto divino.

Apurado pela necessidade e pelo desejo de providenciar remédio para esta grave deficiência, decidi iniciar a construção de uma igreja que possa servir para os jovens que costumam reunir-se ali nos dias santos e para o público que desejar servir-se dela. Para isso já foi adquirido o terreno e também entregue aos edis municipais o correspondente projeto.

Tudo se começou confiando na caridade da cidade, e muitos já tomaram parte. Agora, tratando-se de iniciar a construção, foram adquiridos duzentos mil quilos de pedras em Borgone. É para encontrar solução para o transporte dessas pedras que, também em nome dos cidadãos de Valdocco, me recomendo à sua conhecida bondade, pedindo transporte gratuito do material de Borgone até Turim.

[14] Pedidos análogos, sempre acolhidos, Dom Bosco fez também nos anos seguintes, particularmente para o transporte do material necessário para construção da igreja de São João Evangelista.

Esta é uma obra que se refere à utilidade pública, por isso o senhor se interessa por ela de bom grado. Assim, pois, cheio de confiança de ser atendido, asseguro-lhe a gratidão de todos os beneficiados e especialmente da minha parte, que considero ser a maior das honras sempre que me é permitido desejar-lhe todos os bens do céu e professar-me

[De vossa senhoria ilustríssima, obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco]

118. Ao ministro *ad interim* das Finanças, Urbano Rattazzi

Edição crítica em E(m) II, p. 416.

Turim, 5 de agosto de 1867

Excelência,

O sacerdote João Bosco expõe respeitosamente a vossa excelência como no ano passado, por falta de formalidades cumpridas dentro do prazo devido, teve que pagar um imposto sobre os bens móveis sujeitos a taxas. Vossa excelência, considerando a realidade do fato e o escopo desta instituição, que é de afastar os jovens pobres e em situação de risco dos perigos, concedeu um generoso subsídio de 600 francos, correspondente a quanto se devia pagar pela casa de Mirabello, da qual precisamente se tratava.

Agora, o abaixo assinado, encontrando-se em caso idêntico para o atual pagamento do 2º semestre de 1866, solicita a vossa excelência lhe seja renovado o mesmo favor, assegurando-lhe que essa beneficência redunda em benefício exclusivo dos meninos mais abandonados do povo pobre.

Entretanto, observo que, agora, tendo podido fornecer no devido tempo os oportunos esclarecimentos, o cobrador de impostos tomou tudo em benévola consideração.

O abaixo assinado, com os meninos beneficiados, cheios de confiança na sua já provada caridade, lhe deseja todas as bênçãos celestes, e se professa.

De vossa excelência humilde solicitante

[Sac. João Bosco[15]]

[15] Se o pedido de 7 de junho de 1867 ao ministro das Finanças, Francisco Ferrara, não tinha sido levado em conta, o atual, dirigido ao sucessor, resultou num subsídio de 600 liras.

119. Ao ministro da Guerra, Heitor Bertolè Viale

Edição crítica em E(m) II, pp. 497-498.

Turim, 11 de fevereiro de 1868

Ilustríssimo senhor,

As dificuldades sempre mais crescentes entre nós neste ano me levam a recorrer à já experimentada caridade de vossa senhoria ilustríssima, que tantas vezes já provei. O número dos jovens pobres recomendados por esse ministério cresceu um pouco, mas o que nos coloca em verdadeiro apuro é o preço elevado dos alimentos. No ano passado, quase nesta mesma época, pagávamos um pão por 0,30 centavos o quilo; agora quase duplicou; o mesmo se deve dizer dos outros víveres.

Por isso, recomendo-me calorosamente à sua conhecida bondade, a fim de que venha também neste ano em ajuda destes pobres meninos e queira conceder-nos o maior subsídio que lhe parecer oportuno.

Junto com estes jovens, não deixarei de manifestar-lhe a mais profunda gratidão e invocar todos os dias as bênçãos do céu sobre sua pessoa, enquanto, com grande estima, tenho a elevada honra de professar-me

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

120. Ao representante do governo em Turim, Costantino Radicati Talice de Passerano

Edição crítica em E(m) III, pp. 219-220.

[Turim, posterior a 20 de junho de 1870]

Ilustríssimo senhor,

Recebi a carta pela qual vossa senhoria ilustríssima me comunicou que o ministério do Interior não pretende continuar a conceder a passagem de volta para casa dos jovens pobres que saem deste estabelecimento[16].

Como o senhor está a par da condição precária desta instituição, eu pediria que apresentasse a sua excelência o ministro do Interior a situação dos jovens recomendados. Entre os cerca de 800 internados, há mais de uma centena que é enviada pelo governo ou que permanece aqui gratuitamente.

Se por acaso eu ainda tivesse que ser privado do favor do pagamento da passagem de volta para casa, eu me encontraria numa posição muito difícil, pois, do ministério das Ferrovias não se obtém mais nenhum favor; esse ministério, em outros tempos, concedia todos os anos um subsídio, que lamentavelmente cessou há vários anos.

Assim, depois de manter em casa gratuitamente um menino, no fim, ainda devo devolvê-lo à família por minha conta. Por exemplo, poucos dias atrás, tive que encaminhar de volta à família dois jovens, um de Ancona, o outro de Tortorici na Sicília, gastando uma soma para nós realmente pesada, dadas as dificuldades em que vive este estabelecimento.

Leve-se em conta também a taxa de 10.000 francos que devemos pagar pela farinha[17].

Por aí se vê, senhor, que, apesar da boa vontade, eu me encontro na dura necessidade de diminuir o número de internos, enquanto as contínuas e incessantes solicitações de internação nos obrigariam a aumentar seu número.

Deixo tudo para seus bons ofícios[18], e estes jovens pobres não deixarão de invocar as bênçãos do céu sobre o senhor, como todos os dias as pedem para todos os seus benfeitores.

Creia-me com gratidão

De vossa senhoria ilustríssima obrigadíssimo servo

Sac. João Bosco

[16] Veja carta anterior.

[17] Veja carta seguinte.

[18] Petição análoga de abril de 1870 ao presidente do Conselho dos ministros e ministro do Interior, João Lanza, tinha sido rejeitada.

121. Ao ministro das Finanças, Quintino Sella

Edição crítica em E(m) III, pp. 236-237.

Turim, 15 de agosto de 1870

Excelência,

Os apertos em que vivem os jovens pobres internados nesta casa, dita Oratório de São Francisco de Sales, me levam a recorrer à caridade de vossa excelência.

Seu número que, somado ao de todos os estabelecimentos, chega a 1.200, a diminuição da beneficência, o aumento dos impostos, a multidão de meninos abandonados que de toda Itália solicita acolhida, fazem-me esperar, se não um perdão total, pelo menos parcial da taxa sobre a farinha, que supera os doze mil francos.

Esta é a solicitação que o requerente apresenta em nome destes jovens pobres e que espera seja levada em benévola consideração neste caso excepcional.

Com gratidão, se professa

De vossa excelência humilde solicitante

[Sac. João Bosco[19]]

122. Ao ministro da Instrução Pública, César Correnti

Edição crítica em E(m) III, pp. 279-280.

Turim, 11 de dezembro de 1870

Excelência,

A solicitude com que vossa excelência promove a instrução da classe mais simples do povo, de que tanto precisa, leva-me a ter esperanças de que tomará em consideração o que agora lhe exponho.

[19] O pedido foi rejeitado.

Temos neste estabelecimento cerca de quinhentos jovens internos, provenientes precisamente da classe mais necessitada do povo, que se dedicam aos estudos clássicos; além disso, cerca de outros quinhentos, entre internos e externos, frequentam as aulas elementares que se promovem em favor da juventude pobre, tanto nos dias feriais quanto nos dias santos, não só de dia, mas também de noite.

Vossa excelência compreende muito bem quantas despesas este estabelecimento deve enfrentar, ou seja, para a manutenção dos professores, dos mestres e das aulas, para a provisão de livros, cadernos e outros objetos escolares, dado que muitos dos que frequentam as nossas aulas jamais poderiam providenciar, por motivo da sua pobreza, se não forem doados gratuitamente.

O senhor sabe também que aqui não temos nenhuma renda e que a caridade pública é a sua única solução.

Embora no passado tenhamos enfrentado essas ingentes despesas, todavia, atualmente nos encontramos em apertos excepcionais e talvez sejamos obrigados a limitar as obras de beneficência, se alguma mão benfazeja não nos socorrer.

É com esta finalidade que me dirijo confiante à bondade de vossa excelência, pedindo-lhe queira socorrer-nos da maneira que lhe parecer melhor, e assegurando-lhe o nosso mais vivo reconhecimento, não só da minha parte, mas também da parte de toda a administração desta casa e do numeroso grupo de jovens beneficiados pela sua caridade, que não deixarão de implorar todas as bênçãos do céu para vossa excelência.

Aceite os sentimentos da mais elevada estima com que me sinto honrado de professar-me

De vossa excelência obrigadíssimo servidor

[Sac. João Bosco[20]]

[20] Não se tem notícia de resposta. Dom Bosco continuará a renovar o seu pedido. Em janeiro de 1865, mostrou ao diretor-geral das Ferrovias da Alta Itália, Paulo Amilhau, que, às sete casas salesianas de Turim, às de Lanzo Torinese, Borgo San Martino, Varazze e Alassio, era preciso acrescentar a das Filhas de Maria Auxiliadora em Mornese, cf. E(m) IV, pp. 387-388.

123. Ao prefeito de Turim, Félix Rignon

Edição crítica em E(m) III, pp. 463-464.

Turim, 26 de agosto de 1872

Ilustríssimo senhor prefeito,

Entre as regiões muito povoadas da cidade de Turim e repletas de jovens, certamente uma delas é Valdocco. Muitos vão às aulas em Santa Bárbara, que, aliás, não fica tão perto. Mas grande número deles, seja pelo descuido dos familiares, seja porque mal vestidos ou pelo próprio desinteresse, andam de cá para lá o dia inteiro, com prejuízo para eles mesmos e importunando as autoridades de segurança pública.

Para tentar ajudar estes jovens pobres, além de aulas noturnas, iniciei também algumas diurnas. Neste ano, podendo dispor de um pouco mais de espaço, o número dos alunos cresceu notavelmente e no momento presente passa de trezentos.

A estes alunos é preciso ministrar gratuitamente instrução, doar grande parte dos objetos escolares, livros, papel, penas, etc.; para alguns, até mesmo roupa e pão. Estes são esforços de uma pessoa particular que não podem durar sem um subsídio especial.

Com este objetivo, recorro a vossa senhoria ilustríssima, pedindo-lhe queira levar em benévola consideração estas necessidades e conceder para isso o subsídio que considerar mais oportuno.

Se por acaso o senhor julgar oportuno enviar alguém para visitar as nossas aulas, elas atualmente funcionam atrás da igreja de Maria Auxiliadora, e será acolhido com todo o respeito devido à pessoa enviada e a quem o envia. Há quatro classes elementares: algumas, por causa do número, estão divididas em duas seções.

Creia-me com a costumeira gratidão

De vossa senhoria ilustríssima

[Sac. J. Bosco[21]]

[21] A resposta do prefeito foi interlocutória. Dom Bosco, três anos depois, pedirá ao mesmo prefeito bancos de escola para acomodar o número crescente de alunos em Valdocco, cf. E(m) IV, pp. 383-384.

124. Ao rei Vitório Emanuel II

Edição crítica em E(m) IV, pp. 557-558.

[Turim, 16 de novembro de 1875]

Sacra Real Majestade,

Os jovens pobres, cerca de 850, estão recolhidos no Internato de São Francisco de Sales, por meio do seu diretor, se dirigem a vossa Sacra Real Majestade, para solicitar queira dar um sinal de pública benevolência a um dos mais honestos cidadãos de Turim. Esta pessoa é o senhor Miguel Lanza, membro da municipalidade desta cidade.

São indicados à parte os títulos que o tornam especialmente benemérito; aqui somente se quer mostrar a caridade feita por ele aos jovens, especialmente mediante a generosa doação, pouco tempo atrás, da soma de 10.000 francos.

Este honrado cidadão, embora não aspire a honras, todavia, pela sua posição doméstica e social, receberia com a maior satisfação a condecoração dos Santos Maurício e Lázaro; aliás, essa honorificência o encorajaria a continuar a investir muitas das suas riquezas em obras de caridade, para este ou para outros institutos que sobrevivem graças à beneficência diária.

Estes jovens solicitam humildemente vossa Sacra Real Majestade para que, aos muitos benefícios que já lhes foram concedidos, acrescente a solicitada condecoração para este seu insigne benfeitor.

Na esperança de serem atendidos, cordialmente agradecidos, pedem a Deus que cubra vossa pessoa com suas bênçãos e lhe conceda longos anos de vida feliz.

Em nome dos beneficiados e em seu próprio nome

Humilde expositor,

[Sac. João Bosco]

Senhor Miguel Lanza di Vittorio, cavalheiro, Turim, piazza Solferino, rua Giannone 1, casa própria, 48 anos, ex-industrial no ramo da astearina, da firma Lanza. Conselheiro municipal, membro da comissão para os impostos; mantém alunos pobres nas escolas; benemérito para com a obra dos jovens transgressores em sistema de correção e para com o albergue da mendicidade; finalmente, para com o Oratório de São Francisco de Sales com a soma...

125. Ao papa Pio IX

Edição crítica em E(m) V, pp. 106-107.

[Roma, posterior a 9 de abril de 1876]

Beatíssimo Padre,

O sacerdote João Bosco, prostrado aos pés de Vossa Santidade, expõe humildemente como em Sampierdarena, perto de Gênova, há quatro anos, foi iniciado um internato para meninos pobres que de várias localidades acabam chegando a essa cidade.

Começou-se com um pequeno número; mas o grande número dos que, a toda hora, pedem pão e acolhida obrigaram a adquirir outro terreno e levantar um novo edifício.

Agora há cerca de trezentos jovens ali internados, dos quais cento e trinta mais adultos se aplicam ao estudo e se preparam para o estado eclesiástico; os outros se dedicam às artes e aos ofícios.

Entretanto, para comprar o terreno, construir o prédio, mobiliá-lo, fornecer pão e roupa aos que já são internos, foi preciso contrair algumas dívidas que não se sabe como cobrir. Trata-se de mais de setenta mil francos que ainda pesam sobre o pobre instituto, ou melhor, sobre o pobre abaixo assinado.

Nesta excepcional necessidade, os jovens recorrem à fonte inexaurível da caridade, ou seja, a Vossa Santidade, que todos proclamam pai dos infelizes.

O subsídio que aqui se solicita depende da sua suprema autoridade e consiste em permitir aos párocos desta diocese genovesa, em cujo favor foi especialmente criado este internato, que nos dias santos de preceito, ao celebrar a santa missa *pro populo**, possam ceder a espórtula em benefício deste orfanato.

O benefício se limita à missa nos dias santos de preceito, porque o das festas que não são de preceito, já foi destinado pelo ordinário diocesano para várias necessidades do jovem clero.

Este favor, que me dizem já ter sido concedido para outras graves necessidades, seria somente por um triênio.

* A expressão latina "missa *pro populo*" significa: "missa pelo povo". Foi e continua a ser ainda hoje uma obrigação dos bispos e dos párocos que, em todos os domingos e dias santos, devem aplicar uma das missas em favor do povo do qual são pastores.

Quanto a isso, tudo foi acertado com o arcebispo de Gênova, o qual, de bom grado, se interessará junto aos seus párocos, e que também se associa a esta solicitação junto a Vossa Santidade, a fim de implorar a graça, sempre que for intenção do sumo pontífice concedê-la.

Com a máxima gratidão por parte do abaixo assinado e dos jovens beneficiados, asseguramos as nossas orações diárias para que Deus conserve longamente Vossa Santidade para o bem da Igreja e para sustentáculo dos necessitados, enquanto, todos, prostrados, imploram a bênção apostólica.

Pede deferimento

[Sac. João Bosco[22]]

[22] O sumo pontífice concordou com o pedido, mas em favor de um seminário local diocesano e das vocações eclesiásticas. Entre os beneficiados, Dom Bosco conseguiu fazer entrar os seus *Filhos de Maria*.

II. RECURSOS À BENEFICÊNCIA PARTICULAR

As contribuições econômicas solicitadas e obtidas das autoridades e das instituições públicas certamente não eram suficientes para cobrir as ingentes despesas da Obra Salesiana. Era preciso recorrer à beneficência particular. Logicamente, Dom Bosco se dirigiu de modo especial às famílias e às pessoas particulares que dispunham de possibilidades econômicas, isto é, pertencentes à classe nobre, em geral grandes proprietários, e à alta e média burguesia da época, notoriamente disponíveis quanto a doações para beneficência. Uma parte, embora modesta, de suas poupanças particulares podia ser aplicada em obras educativas assistenciais, como as de Dom Bosco.

Este, lentamente, mas sem solução de continuidade, alargou a área geográfica dos seus benfeitores potenciais, passando do circunscrito círculo turinense e piemontês, que podia conhecer pessoalmente, ao círculo mais amplo, nacional e internacional, que podia alcançar mediante cartas circulares e correspondência pessoal. Contínuas são as cartas destinadas aos mais generosos benfeitores franceses dos últimos anos: a família Quisnard de Lione, a senhorita Claire Louvet e particularmente os cônjuges Colle de Tolone (76 cartas), que ofereceram somas correspondentes hoje a milhões de euros.

Dos benfeitores mais conspícuos (Callori, Fassati, Ricci des Ferres, Corsi, Uguccioni, madre Galeffi, os citados Colle e Louvet na França, Doroteia de Chopitea na Spagna…), Dom Bosco se aproximou também pessoalmente ao longo de suas numerosíssimas viagens, organizadas muitas vezes precisamente em busca de liquidez para os frequentes e imprevisíveis momentos de crise econômica, quando a beneficência nacional e local se contraía.

A resposta de Dom Bosco a tanta generosidade era "simplesmente" um sincero muito obrigado, uma sincera promessa de orações ao Senhor ou à Virgem Maria, de sua parte e da parte dos seus jovens, um caloroso voto de felicidade terrena e eterna, pessoal e familiar, eventualmente um convite a fazer-lhe uma visita e assentar-se à sua mesa.

Entre as inumeráveis cartas escritas por Dom Bosco individualmente a benfeitores ao longo dos seus quarenta e dois anos de vida despendida em favor dos jovens, publicamos simplesmente umas vinte, selecionadas segundo um duplo critério: o de oferecer exemplos de particulares modalidades de ajuda econômica (simples ofertas, empréstimos, heranças, aquisição de ações de objetos, de bilhetes de rifa, etc.) e exemplos das diversas necessidades urgentes para as quais Dom Bosco pedia dinheiro: pagar faturas vencidas de víveres de primeira necessidade, adquirir alimentos e roupas, extinguir dívidas, saldar aluguéis e taxas, pagar isen-

ções dos clérigos do serviço militar, mobiliar casas e igrejas, organizar expedições missionárias, etc. Devem-se acrescentar as despesas para novas construções, aquisições e reformas de edifícios já existentes.

Obviamente, os benfeitores de Dom Bosco foram milhares, de todas as categorias sociais, e os seus nomes permanecerão na maior parte desconhecidos, assim como as somas entregues por eles, muitas vezes diretamente nas mãos de Dom Bosco.

126. Ao padre Antônio Rosmini

Edição crítica em E(m) I, pp. 119-120.

Turim, 7 de janeiro de 1851

Ilustríssimo e reverendíssimo senhor,

Considero ser minha especial obrigação comunicar a vossa senhoria ilustríssima e reverendíssima que, na época em que se executava o plano do novo edifício, surgiu uma ocasião mais adequada de fazer o mesmo com maior vantagem.

O dono da casa em que atualmente resido, por causa de algumas circunstâncias pessoais, está disposto a vendê-la; e tendo tratado especificamente do assunto, seria possível fechar o contrato pelo qual se adquiriria o conjunto de uma casa com capacidade para vinte pessoas e terreno de aproximadamente 3.500 metros quadrados, todo cercado. O preço é de vinte e oito mil e quinhentos francos.

Observe que o terreno comprado para o novo edifício, vendendo-o sem pressa, resultaria em não menos de 30.000 francos: dessa forma, se trocaria um terreno baldio por outro do mesmo tamanho, só que construído e cercado. A posição dos dois terrenos é adequada e goza dos mesmos favores quanto à distância da cidade.

Se vossa senhoria estiver atualmente disposto a emprestar a soma de que em outras ocasiões já falamos, seria ótima coisa para o Oratório. A nova compra ficaria totalmente saldada, e o senhor poderia ter garantias quanto ao seu dinheiro pelo investimento numa casa e num terreno livre de qualquer ônus. Na reforma do edifício, uma parte poderia ser reservada, conforme nossa vontade, para o mencionado internato.

O senhor padre Puecher, padre Scesa, padre Pauli[23] conhecem muito bem o lugar, sendo precisamente aquele onde existe o Oratório de São Francisco de Sales, internato para jovens abandonados, etc. Espero somente um aceno de sua parte para concluir o contrato.

Na esperança de que queira cooperar com esta obra, que julgo ser para a maior glória de Deus, desejo-lhe todo bem da parte de Deus, considerando-me sumamente honrado em poder declarar-me

De vossa senhoria ilustríssima e reverendíssima humílimo servidor

Sac. João Bosco[24]

127. Ao conde Clemente Solaro della Margherita

Edição crítica em E(m) I, pp. 212-213.

Turim, 5 de janeiro de 1854

Excelência[25],

Embora eu nunca tenha recorrido a vossa excelência para alguma ajuda, todavia, meu empenho em muitas obras de caridade e a grave necessidade em que me encontro atualmente, fazem-me esperar que lerá com bondade o que aqui lhe exponho.

O encarecimento de todo tipo de alimento, o aumento de número de jovens andrajosos e abandonados, a diminuição de muitas ofertas que pessoas particulares me faziam e que agora não podem mais fazer, puseram-me em grande apuro, do qual não consigo me livrar; sem calcular muitas outras despesas, só a fatura do padeiro neste trimestre chega a mais de 1.600 francos, e

[23] Trata-se de padres rosminianos.

[24] Rosmini acolheu a proposta e ofereceu 20.000 liras, das 28.550 pedidas por Pinardi para vender a "casa com área, jardim e parte da horta" à sociedade financeira cujos membros eram Dom Bosco, padre Borel, padre Cafasso e padre Roberto Murialdo: veja n. 8.

[25] Clemente Solaro della Margherita (1792-1869), ministro do Exterior desde 1835 até 1847, do partido ultraconservador, defensor do absolutismo monárquico, tinha relações de amizade com o padre Cottolengo e o padre Cafasso.

ainda não sei onde buscar um centavo: entretanto, é preciso comer; se eu nego um pedaço de pão a esses jovens periclitantes e perigosos, exponho-os a graves riscos para a alma e para o corpo.

Neste caso excepcional, julguei oportuno recomendar-me a vossa excelência, esperando queira me conceder a ajuda que sua caridade considerar conveniente, e recomendar-me às pessoas caridosas que, na sua prudência, julgar propensas a auxiliar estas obras de caridade. Aqui não se trata de socorrer um indivíduo em particular, mas de dar um pedaço de pão a jovens cuja fome os expõe a um grande perigo de perder a moralidade e a religião.

Persuadido de que tomará em benévola consideração estas circunstâncias calamitosas, asseguro-lhe que conservarei a mais grata memória, e desejando ao senhor e a toda a sua respeitável família todos os bens da parte de Deus, considero ser para mim elevada honra professar-me

De vossa excelência obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

P.S. 1° Caso a sua caridade julgue oportuno fazer alguma oferta para esta situação, se assim lhe aprouver, poderia fazer chegá-la ao benemérito senhor padre Cafasso.

2° Inclusive, convido-o respeitosamente a assistir a um drama religioso que amanhã, à uma e meia da tarde, será encenado no Oratório de São Francisco de Sales.

128. Ao conde Pio Galleani d'Agliano

Edição crítica em E(m) I, pp. 262-263.

Turim, 31 de julho de 1855

Ilustríssimo e benemérito senhor[26],

Retornando dos santos exercícios espirituais em Santo Inácio (Lanzo), sinto-me na obrigação de escrever a vossa senhoria ilustríssima e benemérita a fim de agradecer-lhe e pôr minha consciência em ordem.

[26] Conde Pio Galleani d'Agliano (1816-1889), ex-membro do Conselho municipal de Turim, grande amigo de Dom Bosco, no verão residia em Caraglio (Cúneo), onde hospedou Dom Bosco.

Por isso, com sentimentos de autêntica gratidão recebi os cento e trinta francos pelos bilhetes da rifa recomendados à sua caridade; além disso, recebi da padaria Fornello 105 kg de pão que serviram para dar de comer aos jovens órfãos e pobres, internados neste Oratório; como também agradeço a caridade de doar quinze quilos por mês em favor desta casa.

Estas insignes obras de caridade serão pérolas preciosas que, junto com outras, ornarão a coroa de glória que vossa senhoria, na prudência da serpente e na simplicidade da pomba, vai preparando cada dia e garantindo no céu.

Agora me encontro em nova necessidade, mas de outro tipo. Tenho entre as mãos um trabalho para as *Leituras Católicas,* para o qual eu precisaria afastar-me alguns dias de Turim, a fim de poder ocupar-me nele. Veio-me em mente diversas vezes ir a Caraglio e precisamente na casa de vossa senhoria, mas antes de entrar, pedimos licença ao patrão. Se o senhor me oferecer um cantinho onde minha pobre pessoa possa ficar com algum livro e alguns cadernos, com alguma coisa *ad refocillandam famem,* eu partiria daqui na manhã do dia 6 de agosto e voltaria sábado da mesma semana.

O senhor me perguntará: pagará a pensão? Não é tão ruim assim. Dividiremos pela metade o estipêndio do meu trabalho. Quer dizer: se por aquele fascículo resultar algum bem para as almas, eu cedo a metade da vantagem em troca da hospitalidade que me deu.

Entretanto eu lhe peço de todo o coração queira acolher esta carta, escrita talvez com demasiada confiança; quanto ao mais, não deixarei de rezar e também de fazer rezar ao bom Deus pelo senhor, pela sua família; enquanto, com elevada estima e gratidão, considero ser para mim grande honra, poder professar-me

De vossa senhoria ilustríssima e benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

129. Circular aos benfeitores

Edição crítica em E(m) I, pp. 392-393.

Turim, ... de ... de 1860

Ilustríssimo senhor,

O grande desejo de responder à necessidade moral sempre crescente da juventude, o grande número de jovens que pedem para ser acolhidos nesta casa chamada *Oratório de São Francisco de Sales,* fazem com que seja sempre dolorosa a negativa que todos os dias se deve dar a meninos pobres que, abandonados a si mesmos, fazem temer por um péssimo futuro.

Com relação ao edifício atual, especialmente desde que foram montadas as oficinas dentro de casa, não comportando maior número de pessoas, nem possuindo os meios a fim de ampliá-lo, pensei num projeto que creio pode ser do agrado de vossa senhoria e, ao mesmo tempo, que seja útil para ajuntar os meios necessários para um local apto a acolher um número de jovens bem maior do que o atual.

Tratar-se-ia de criar certo número de ações de 500 francos cada uma, pagáveis conforme segue, isto é, ao longo dos dois próximos meses de

Agosto e setembro, 200 francos

Em janeiro de 1861, outros 200 francos

Em julho do mesmo ano de 1861, 100 francos

Total: 500 francos

Cada acionista, porém, adquiriria o direito de enviar para esta casa o jovem que pensa encaminhar para o estudo ou para uma arte, segundo as aptidões e propensões do indivíduo. (Vejam-se as condições mais abaixo).

Deste modo, vossa senhoria concorreria com duas obras de caridade: aumentar uma casa destinada a atender a jovens pobres e beneficiar um jovem que julgasse digno desse favor. A respeito do que, além de ser recompensado por parte de Deus, terá também nesta casa quem abençoará a sua mão beneficente, pela qual tal jovem foi tirado dos perigos e encaminhado pela estrada que conduz ao bem.

Se esta minha proposta for do seu agrado e decidir tomar parte, desde agora lhe manifesto minha gratidão, e pediria, para minha orientação, queira comunicar-me a sua decisão dentro do tempo mais breve possível. Ao mesmo tempo,

peço-lhe humildemente queira comunicar o teor desta minha carta às pessoas que o senhor julgar propensas a tomar parte nesta obra de pública beneficência.

Caso contrário, queira somente se compadecer benignamente de mim pelo incômodo que lhe causei e aceitar os votos de todos os bens do céu, enquanto com elevada estima professo-me

De vossa senhoria obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

130. À marquesa Maria Fassati

Edição crítica em E(m) I, p. 625.

Turim, 22 de dezembro de 1863

Benemérita senhora marquesa[27],

Transmito-lhe um bilhetinho para Emanuel, pedindo-lhe queira incluí-lo em alguma carta, se por acaso escrever a ele nos próximos dias.

Recebi o pacote da senhora condessa Callori e agradeço. Ontem de manhã comecei a novena de missas e também farei com que os jovens rezem por esta necessidade espiritual.

Senhora marquesa, estamos em apuros nestes dias. A senhora já me ajudou algumas vezes. Se puder, eu passaria ali esta tarde; a senhora chame como quiser, pensão ou doação, para nós é sempre caridade que se recebe com gratidão para pagar o pão consumido pelos nossos pobres jovens.

Deus abençoe a senhora e toda a sua família e me creia

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

[27] Maria Fassati, nascida de Maistre (1824-1905), ex-dama de corte da rainha Maria Adelaide junto com a condessa Carlota Callori (veja n. 136), casou-se com o marquês Domingos Fassati (1804-1878). Grandes benfeitores de Dom Bosco, tiveram três filhos, entre os quais Emanuel e Azélia.

131. Ao barão Feliciano Ricci des Ferres

Edição crítica em E(m) II, p. 740.

Turim, 15 de março de 1864

Caríssimo senhor barão[28],

Desejando dar uma volta por Cúneo, resolvi adiar a resposta a respeito do resultado do negócio com o senhor Toselli.

Como, porém, ele mesmo escreveu a vossa senhoria caríssima, e certamente já terão conversado a respeito do assunto, prescindo de abordá-lo demoradamente aqui. Prefiro falar-lhe da continuação da beneficência. Este generoso cristão estaria disposto a fazer um legado ou doacão desde agora de aproximadamente 76.000 metros quadrados de terreno, limítrofe com o que prentende dar a Cúneo, e que o daria em favor deste Oratório, reservando-se somente o usofruto durante a sua vida, com algum ônus a se realizar até o momento em que não se lhe atribuirá mais o usofruto. Ao terreno juntaria também uma parte da construção para fazer o núcleo de uma construção rural.

Senhor barão, eu precisaria que o senhor me ajudasse a utilizar essa doação. Haveria alguém disposto a comprar pelo seu preço esse terreno? Não seria possível unir a parte que daria para o asilo e fazer de tudo um conjunto só para a dita construção? Isso não seria de conveniência também para o senhor barão?

Isto era o que eu pretendia dizer-lhe pessoalmente e que por um pequeno incômodo de saúde não me foi possível realizar. Aqui se trata de alguém que esteja disposto a comprar, garantir o seu dinheiro, investindo-o num terreno, enquanto a obra serviria para cobrir as despesas que se fazem nesta casa e também a criar um asilo já projetado.

Perdoe-me este incômodo, aceite que eu deseje ao senhor, à senhora baronesa e a toda a família todos os bens do céu; e enquanto me recomendo, com os meus jovens, à caridade das suas santas orações, tenho o agradável prazer de professar-me com gratidão

De vossa senhoria caríssima no Senhor obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco[29]

[28] Feliciano Ricci des Ferres (1816-1893), natural de Cúneo, amigo e benfeitor de Dom Bosco. O filho Carlos (1847-1925) casou em 1871 com a filha dos marqueses Fassati, Azélia (1846-1901).

[29] O barão estava disposto a oferecer imediatamente 5.000 liras, mas Dom Bosco, então, pediu somente 2.000, dado que nesse ínterim tinha recebido "alguma beneficência" e alguma outra soma. Previa poder extinguir o empréstimo dentro de alguns meses, graças à venda de pequenos imóveis já em fase de conclusão. O conde preferiu fixar um prazo anual (julho de 1865), mesmo se depois pediu a Dom Bosco a restituição do empréstimo com dois meses de antecedência.

132. Ao cavalheiro Xavier Provana di Collegno

Edição crítica em E(m) II, pp. 146-147.

Turim, 5 de julho de 1865

Caríssimo senhor cavalheiro[30],

O pobre Dom Bosco está em apuros para levar adiante a construção da igreja de Maria Auxiliadora, por isso se recomenda ao senhor, caso aceite assumir alguma despesa por sua conta. O material necessário é o seguinte:

1° Telhas para a cobertura.

2° Sarrafos para as telhas.

3° Traves para sustentar os sarrafos.

4° Traves para sustentar outras traves.

Cada um desses lotes (não se assuste) custa cerca de quatro mil francos, talvez algumas centenas a menos.

O que diz seu coração? Eu creio que Nossa Senhora o recompensará, preparando para o senhor e para os queridos Emanuel e Luís, uma bela casa no paraíso, porque o senhor a ajuda a construir sua casa na terra.

Esta soma não seria preciso vertê-la totalmente agora, mas ao longo do ano. Digo-lhe com prazer que os trabalhos já estão na altura da cúpula das capelas, e na metade de agosto espero chegarmos à cobertura.

Eu faço um pedido e conheço a caridade do seu coração, por isso, faça o que puder e eu estarei sempre contente; em todo caso, nunca deixarei de invocar as bênçãos do céu sobre o senhor e sobre seus filhos que estão crescendo, aos quais desejo todo o bem.

Recomendo a mim e aos meus pobres jovens à caridade das suas orações, enquanto tenho a bela honra de poder professar-me com elevada estima

De vossa senhoria caríssima afeiçoadíssimo servidor

Sac. João Bosco

[30] Francisco Xavier Provana di Collegno (1826-1900), filho do senador Luís (1786-1861), ligado a Dom Bosco por forte amizade. Viúvo desde 1855, teve dois filhos, Emanuel e Luís.

133. À condessa Carlota Callori

Edição crítica em E(m) II, pp. 221-222.

Turim, 31 de março de 1866

Benemérita senhora condessa[31],

Aleluia! Estamos na Páscoa, por isso, pensamos em pagar as nossas dívidas. Tenho dois mil francos à disposição por parte do senhor conde, seu marido. Se ele tem projetos a respeito dos outros dois mil, farei com que lhe cheguem às mãos antes que termine a semana; do contrário, me servirei deles até junho. Se tem algum lugar onde eu possa levá-los, bem, senão farei uma passeio até Casale.

Não foi possível ocupar-me do livreto sobre o Santíssimo Sacramento[32]; creio, porém, que a impressão esteja bem encaminhada. O senhor bispo de Mondovi[33] me enviou o manuscrito e na próxima semana daremos início à composição tipográfica. É um trabalho certamente um pouco longo, mas agradará.

Feliz Aleluia!, senhora condessa, boas festas! Deus derrame copiosas bênçãos sobre a senhora, sobre seu piedoso marido e sobre toda a sua respeitável família.

Esqueci um assunto: a estátua de Nossa Senhora a ser posta sobre a cúpula da nova igreja comporta uma despesa bem maior do que a que tínhamos imaginado. Seu tamanho deve ser de quatro metros, em latão de grossa espessura e com um trabalho muito bem caprichado. A despesa é de doze mil francos; uma senhora está disposta a pagar oito mil. Não pretendo comprometê-la quanto ao que falta, a não ser que a Santa Mãe tenha feito nevar ou cair moedas na sua caixa[34].

[31] Carlota Callori (1827-1914), nascida de Sambuy, esposa do conde Frederico Callori di Vignale (1814-1890), deputado no parlamento subalpino. Grandes benfeitores de Dom Bosco desde os anos Cinquenta, os dois cônjuges estão representados na igreja de São Francisco de Sales.

[32] *Pratiche divote per l'adorazione del Ss. Sacramento*. Turim, Tipog. dell'Oratorio di San Francesco di Sales 1866, 126 p.

[33] Dom João Tomás Ghilardi (1800-1873), dominicano, bispo de Mondovì desde 1842 até a morte. Em relação a Dom Bosco, favoreceu a aprovação pontifícia da Congregação, embora não tivesse (nem quisesse) uma casa salesiana em sua diocese.

[34] A condessa evidentemente dispunha de recursos próprios, diversos dos do seu marido.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco, e nos livre dos perigos que todos os dias se aproximam de nós cada vez maiores.

Com profunda gratidão me professo

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

134. À condessa Henriqueta Bosco Riccardi

Edição crítica em E(m) II, pp. 240-241.

Turim, 16 de maio de 1866

Benemérita senhora condessa[35],

Não posso fazer uma visita a vossa senhoria benemérita como gostaria, mas vou pessoalmente com a pessoa de Jesus Cristo escondido sob estes trapos que lhe recomendo para que na sua caridade queira remendar. É coisa magra no tempo, mas espero que para a senhora seja um tesouro na eternidade.

Deus a abençoe; abençoe também suas fadigas e toda a sua família, enquanto tenho a honra de poder professar-me com elevada estima

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

[35] Henriqueta Bosco di Ruffino, nascida de Riccardi (1896-1874), fora penitente do padre Cafasso, que em 1845 lhe tinha pedido para exortar seu marido, um dos dois prefeitos de Turim, a nomear Dom Bosco como capelão do cemitério de São Pedro in Víncoli.

135. À presidente das Oblatas, madre Maria Madalena Galeffi

Edição crítica em E(m) III, p. 52.

Roma, 17 de fevereiro de 1869

Benemérita madre presidente[36],

No passado, a senhora, diversas vezes, com sua caridade, veio em ajuda da igreja e dos jovens pobres que vivem em Turim. Agora não lhe recomendo mais os jovens turinenses, mas os de Roma.

Com o beneplácito do santo padre, tratar-se-ia de iniciar em Roma uma pequena casa semelhante ao Oratório de São Francisco de Sales. São Carlos, dito "delle Barberine", com o local anexo, seria muito oportuno, porque é lugar salubre, e cômodo para os jovens que vivem entre essa região e Trinità dei Monti frequentarem o catecismo e também terem um pouco de aula.

A dificuldade está nas despesas da aquisição, que chegaria a nove mil e quatrocentos escudos.

Já existe alguma oferta, mas é preciso que também a senhora, por amor a Deus e à Santíssima Virgem Maria, faça o que puder concretamente, entre suas generosas religiosas e entre as pessoas do seu conhecimento.

Outra dificuldade é a pressa em fechar o contrato, pois há quem esteja de olho para iniciar tratativas logo que forem interrompidas as nossas.

A senhora Merolli se mostrou muito propensa a ajudar-nos e quer também levar outras pessoas piedosas a se associarem; ela falará com a senhora, e a senhora a encoraje e lhe prometa as bênçãos de Deus e a dos meninos pobres que, salvando-se graças à sua caridade, invocarão sempre as graças do céu sobre os seus benfeitores[37].

Deus abençoe a senhora e todos os que se interessam de modo particular pelo bem dos meninos abandonados; recomendando-me à caridade das suas santas orações, tenho a honra de professar-me, com a mais profunda gratidão

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

[36] Maria Madalena Galeffi (1810-1876), admiradora e benfeitora de Dom Bosco, foi por longos anos superiora ("presidente") das Irmãs Oblatas do mosteiro de Tor de' Specchi em Roma.

[37] Também esta tentativa de encontrar uma residência em Roma falhou; Dom Bosco teve que esperar a década de 1880 para poder ter uma casa salesiana na cidade.

136. À condessa Virgínia Cambray Digny

Edição crítica em E(m) III, pp. 101-102.

[Turim], 25 de junho de 1869

Benemérita senhora condessa[38],

Depois de dez dias de leve doença, hoje posso retomar alguns dos meus trabalhos e, em primeiro lugar, o de escrever a vossa senhoria benemérita.

Recebi a oferta de 20 francos para a *Associação de Maria*[39], na qual, de muito bom grado, inscrevi vossa senhoria e a senhorita sua filha. Assim, embora distantes, estaremos sempre em oração diante dos olhos do Senhor.

Dom Gastaldi recebeu uma antecipação de 4.000 francos, que ele considera oportuníssimos. Já tinha decidido fechar o seminário, e agora poderá continuar. Agradece-lhe muito cordialmente e lhe assegura as suas orações.

Por aquilo que me tinha feito esperar o senhor seu marido, eu estava certo de uma ajuda que correspondesse mais ou menos ao imposto que devo pagar pela farinha. Trata-se de aproximadamente dez mil francos de aumento para mil duzentos e cinquenta jovens a quem devo providenciar alimento. Entre nós não há mais recursos, a beneficência diminui, não tenho renda de nenhum tipo. Veja se pode oferecer-me uma ajuda um tanto consistente. É uma caridade que somente a senhora pode fazer em momentos como este.

Note que, além do aumento citado, há ainda o imposto de mais de dois mil francos pagos pelos prédios em que vivem os nossos jovens pobres.

Tenha paciência, faça tudo por amor do Senhor, eu rezarei e farei rezar muito pela senhora e pela sua família.

Deus abençoe a senhora e suas fadigas; reze também por mim, que com profunda gratidão tenho a honra de professar-me

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

[38] Virgínia Cambray Digny (1822-1909), nascida Tolomei de Biffi, esposa do conde Luís Guglielmo (1820-1906), senador, prefeito de Florença, ministro da Agricultura, Indústria e Comércio (1867), depois ministro das Finanças (1867-1869).
[39] Veja n. 43.

137. À condessa Virgínia Cambray Digny

Edição crítica em E(m) III, pp. 121-122.

[Turim], 6 de agosto de 1869

Benemérita senhora condessa,

Agradeço-lhe as reiteradas solicitudes em nosso favor. A senhora me diz que o subsídio é pequeno, mas em vista da gravidade das necessidades de que estamos rodeados, toda pequena contribuição vale por muitas. Agradeça de minha parte também ao senhor conde.

Nos anos passados, alguma vez me perdoaram o imposto sobre a construção do estabelecimento em que vivem os nossos jovens pobres; se julgar conveniente, peça a alguém se conviria encaminhar uma petição.

O bispo de casa[40], pessoa santa e zelosa, também se encontra em apuros por causa das necessidades; ele me escreveu a carta que lhe envio junto a esta. Ele não sabe que eu estou escrevendo à senhora, por isso, se por razões prudenciais julgar oportuno não comentar o assunto, tudo ficaria somente entre nós. Noto que este bispo faz muito bem em sua diocese e que sua necessidade é real.

Recebi as estampas de Nossa Senhora das Dores, lembrança da morte do seu pranteado filho. Entreguei-as a pessoas piedosas que me asseguraram que farão orações especiais pela alma do falecido.

Senhora condessa, a senhora se interessa por nós com tanta caridade; nós lhe agradecemos de todo coração; por isso, especialmente esteja certa de que não deixarei de fazer todas as manhãs um particular *momento* no sacrifício da santa missa.

Deus abençoe a senhora e toda a sua família, particularmente o senhor seu marido, a fim de que, em meio às suas espinhosas ocupações, possa caminhar pelo caminho da salvação.

Neste momento me veio em mente outro assunto. A senhora poderia de algum modo falar a respeito do Concílio e fazer com que o nosso governo, se não diretamente, pelo menos indiretamente seja representado? Se o governo quiser manter-se absolutamente estranho, entraria por um caminho muito perigoso. Os motivos conheceram-nos os soberanos do passado e também os

[40] Talvez se trate do arcebispo de Turim, dom Alexandre Riccardi di Netro.

do presente que, embora heterodoxos, buscaram ser favorecidos pelas graves disposições que se costumam tomar nos concílios ecumênicos.

Queira transmitir meus respeitos ao cavalheiro Oreglia e me perdoe a confiança com que lhe escrevo, e creia-me, com a mais profunda gratidão

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

138. Ao senador José Cataldi

Edição crítica em E(m) III, pp. 329-330.

[Turim], 1° de maio de 1871

Benemérito senhor barão[41],

A bondade que me demonstrou diversas vezes me leva a ter confiança de que esteja disposto a ouvir com paciência o que estou para lhe expor.

No ano passado abrimos um colégio em Alássio, onde, entre a inesperada aquisição do local, sua adaptação e seu implante, deveremos enfrentar despesas muito elevadas. O município, conforme o convênio, deveria vir em nossa ajuda com um subsídio de 10.000 francos, mas, não tendo podido efetuar a doação, nos deixou sozinhos a enfrentar as despesas, apesar de sua boa vontade.

Agora eu precisaria encontrar uma pessoa benévola, disposta a emprestar-me a soma correspondente e recebê-la de volta mediante dois mil por ano e, portanto, todo o valor em cinco anos: esta é também uma obrigação do município de Alássio. O colégio desta cidade, o de Lanzo, de Cherasco, de Borgo San Martino, todos se tornam fiadores junto com o de Turim.

Se o senhor puder ajudar-nos nesta circunstância e oferecer a dita soma, contribui eficazmente em fazer o bem aos nossos jovens, que deverão ao senhor, alguns, a consciência civil, outros, a vocação religiosa; outros, talvez a salvação da própria alma.

[41] José Cataldi (1809-1876), genovês, comerciante e financista. Em 1870 tinha posto à disposição de Dom Bosco uma vila em Gênova-Marassi para hospedar temporariamente um grupo de aprendizes e a sua pequena oficina.

Alguém já deveria ter-lhe falado desse assunto, não sei se de fato isso aconteceu; a situação das coisas é tal como lhe expus. Como o senhor vê, eu escrevo com toda confiança, mas o senhor faça igualmente como puder e como Deus lhe inspirar[42].

Seja como for, eu nunca deixarei, agora e sempre, de rezar pelo senhor e por toda a sua família, especialmente pela família que deverá abraçar um novo estado de vida. Para todos pedirei ao céu saúde estável, longos anos de vida feliz, com o precioso dom da perseverança no bem. *Amém*.

Recomendo a mim e as nossas obras providenciais à caridade das suas santas orações, e com gratidão me professo

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

139. À senhora Lucini

Edição crítica em E(m) III, pp. 347-348.

Turim, 12 de julho de 1871

Benemérita senhora[43],

A bondade e a caridade que pude constatar na sua breve permanência no Piemonte e nesta nossa casa me animam a recomendar-me à senhora para uma ajuda numa necessidade excepcional.

Temos 14 clérigos que foram chamados ao serviço militar e que só podem ser dispensados até o dia 31 deste mês de julho. Depois, todos terão que fazer o serviço militar, excluídos todos os suplentes[44].

[42] Informado da disponibilidade do senador, no dia 23 de maio Dom Bosco dividiu a solicitação pela metade. Em fevereiro de 1872 já estava em condições de restituir metade da soma. Alguns meses mais tarde, no dia 11 de junho de 1872, devendo cobrir uma grande despesa (37.000 liras) pelo Instituto Gênova-Sampierdarena, Dom Bosco recorria novamente ao generoso benfeitor; fará o mesmo em janeiro de 1876.

[43] Benfeitora bergamasca, não identificada.

[44] De acordo com recentes disposições de lei sobre o serviço militar, os clérigos podiam ser exonerados, pagando a ingente soma de 3.200 liras (aproximadamente 14.000 euros).

Movido pelo vivo desejo de conservar na Igreja estes ministros de Jesus Cristo, recomendo-me à sua caridade. A taxa para cada um é de 3.200 francos; mas eu recebo com a máxima gratidão qualquer oferta que a senhora estiver disposta a fazer. A senhora terá a consolação de ter cooperado com uma obra das mais santas, pois estes clérigos, tornando-se sacerdotes, conquistarão almas para Deus, e vossa senhoria, além de ter o mérito, ainda terá quem todos os dias fará especiais orações pela senhora durante toda a vida.

Queira saudar os senhores padre Cristóvão Fumagalli, padre Paulo Colombo, padre João Legnani; e também as senhoritas, suas filhas, Emília, Carolina, Vitória.

Deus as abençoe a todas e as conserve por longos anos de vida feliz, com o precioso dom da santa perseverança no bem.

Reze por mim que com gratidão me professo

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

140. Circular para uma pequena rifa

Edição crítica em (E9m) IV, pp. 35-37

[Turim, janeiro-fevereiro de 1873]

Benemérito senhor,

O ano excepcional que vivemos obriga também a mim a recorrer pela primeira vez a meios excepcionais.

O aumento dos preços de todo tipo de alimento e a notável diminuição de esmolas por parte de diversos benfeitores, para os quais diminuíram as entradas, puseram-me em sérios apuros e, portanto, em graves dificuldades para providenciar pão e roupas para os jovens, que em número superior a 800 vivem no Oratório de São Francisco de Sales. Por isso, pensou-se num projeto de solicitar pequenas ofertas de 10 francos, a fim de que, multiplicando-se os benfeitores, se possa mais facilmente providenciar às necessidades, conforme consta dos bilhetes em anexo.

Crio coragem de recomendar a iniciativa à sua caridade, N..., com o pedido de conservá-los para si ou de distribuí-los a alguém de seu especial conhecimento. Uma pessoa benemérita, para encorajar de algum modo beneméritos colaboradores, fez a oferta de uma preciosa pintura representando a Bem-aventurada Virgem dita de Foligno(1); e outra pessoa piedosa ofereceu trinta prêmios de 100 francos cada, a serem resgatados na extração que se fará depois do mês de março próximo. Portanto, no total, são 31 prêmios, dos quais o primeiro é a pintura mencionada.

A iniciativa que proponho visa a vestir os nus e a dar de comer a pobres famintos, por isso, é merecedora de especial gratidão diante dos homens e certamente de grande mérito diante de Deus.

Da minha parte não deixarei de unir minhas pobres orações às dos meus pobres jovens para invocar as bênçãos do céu sobre o senhor e sobre todos os nossos colaboradores, a fim de que lhe seja sempre mais assegurada a mercê prometida pelo Salvador, quando disse: da vossa caridade recebereis o cêntuplo na vida presente e a glória eterna na futura.

Com profunda gratidão, tenho a honra de professar-me

De vossa senhoria benemérita obrigadíssimo servidor

Sacerdote João Bosco

(1) A *Madona de Foligno ou da piedade* é obra do famoso Rafael Sanzio, nascido em Urbino em 1483 e falecido em Roma, com apenas 37 anos de idade, em 1520. Esta pintura representa da forma mais expressiva e vívida a Santa Virgem sobre as nuvens, rodeada por uma multidão de anjos. Mas em baixo está São João, São Francisco, São Jerônimo e no centro um gracioso menino que brinca com o manto de sua Mãe celeste. O original deste trabalho maravilhoso se encontra na galeria do Vaticano. O tempo o deixou um tantinho descolorido. A cópia melhor considera-se ser a que aqui se oferece como primeiro prêmio e que um perito de arte julgou valer não menos de 4.000 francos.

Os meninos pobres do Oratório de São Francisco de Sales, junto com o abaixo assinado, recomendam à sua caridade o envio dos bilhetes em anexo.

Aviso para o benemérito distribuidor

O benemérito distribuidor, se puder, é solicitado a:

1. Anotar o nome e a residência das pessoas a quem se distribuirão os bilhetes, a fim de que a seu tempo se possa fazer chegar a eles uma informação com os números que venceram os prêmios.

2. Antes do fim do mês de março, se sobrarem bilhetes que o generoso distribuidor não pretende conservar para si, por favor, queira fazê-los chegar ao abaixo assinado, da maneira que lhe causar menor incômodo.

3. Caso alguém, em vez de dinheiro, preferir oferecer alimentos, pano, roupas ou coisas semelhantes, tudo será aceito com o máximo reconhecimento, mesmo estando gasto ou usado.

De vossa senhoria obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

141. Ao conde Francisco Viancino di Viancino

Edição crítica em E(m) IV, pp. 160-161.

[Lanzo], 20 de setembro de [1873]

Caríssimo senhor conde[45],

Agora que a questão financeira entre a Prússia e a França terminou, devo ir a campo eu, depois de uma batalha que foi disputada mais do que a de Sedan[46]. O senhor Coriasco, proprietário da pequena casa que divide o Oratório da igreja de Maria Auxiliadora, finalmente está disposto a redigir o documento de venda.

Uma pessoa caridosa veio em minha ajuda e assim eu pude preparar quinze mil francos, que é o que ele quer, e os depositei no Banco.

Entretanto, para encerrar a prática com o protestante Morglia e forçá-lo a ceder *para utilidade pública* uma faixa de terreno para a igreja de São Luís, foi preciso enviar uma declaração do Conselho ao Estado de que estávamos em situação de poder pagar aquela faixa e apoiar a declaração a respeito dos quinze mil francos depositados no citado Banco.

[45] Francisco Viancino di Viancino (1821-1904), expoente do patriciado católico de Turim, presidente do Comitê Regional da Obra dos Congressos.
[46] Batalha franco-alemã de 1870.

Isto faz com que *hic et nunc* não a possamos usar.

Neste momento me veio em mente o que o senhor me disse uma vez a respeito do dinheiro depositado no Banco para fazer a oferta para a suspirada igreja de São Luís ou de São João. O senhor forneceria a soma de 5 mil francos, para assim ajuntarmos o necessário para a casa de Coriasco? Liberado o dinheiro de que falei acima, eu usarei o equivalente para a mesma igreja.

Se o senhor decidir aceitar esta proposta, se tornará benemérito diante de Nossa Senhora e do seu filho adotivo, São João, que ambos são bons pagadores. Eu estou em Lanzo para os exercícios espirituais e sábado estarei de volta a Turim.

Aqui não me esqueci de rezar pelo senhor e pela senhora condessa Luísa, e augurando aos dois saúde e graça, recomendo-me às suas orações e me professo com gratidão

De vossa senhoria caríssima afeiçoadíssimo servidor

Sac. João Bosco

142. Ao padre José Ronchail

Edição crítica em E(m) V, pp. 98-100.

[Turim, posterior a 22 de março de 1876]

Caríssimo padre Ronchail[47],

Dado que devemos dançar, será preciso que procuremos conduzir o baile até o fim; portanto, resolver as dificuldades que se apresentam para o nosso patronato São Pedro. Se, pois, o benemérito senhor notário Sajetto puder encontrar a soma de 60 m. francos emprestados, nós nos esforçaremos para encontrar os outros 30 m. necessários para o pagamento imediato à casa Gautier. Portanto:

1° Dirás ao senhor advogado Michel e ao senhor barão Héraud que busquem *ubique terrarum,* a fim de somar coisa a coisa, isto é, dinheiro a di-

[47] Padre José Ronchail (1850-1898), piemontês, diretor da casa de Nice, aberta em 1875, era encarregado de fazer as tratativas econômicas com as autoridades locais e os promotores da aquisição de uma nova sede para o *Patronato São Pedro.*

nheiro; interessando-se especialmente pela marquesa Villeneuve, o inglês que mora embaixo da residência do senhor barão, o conde Aspromonte e todos os que puderem ajudar-nos na distribuição da beneficência do carnaval.

Como o prefeito disse repetidamente que tomaria parte no nosso caso, e que como cidadão e como chefe do município também haveria de colaborar, será bom solicitar que escreva uma carta pedindo uma contribuição para poder pagar os 30 m. que se devem pagar à vista imediatamente a fim de efetuar uma obra que se refere certamente à parte mais digna de atenção, como são os meninos abandonados de Nice.

Quem sabe se o senhor Dellepiane não venha também em nossa ajuda?

2° Trabalha tu junto ao senhor Pirone, ao cônego Daideri e também junto ao cônego Bres, para que façam algum esforço neste caso excepcional.

Diz ao senhor Audoli que ponha em ação toda a sua paciência, a sua caridade e também a sua bolsa. Talvez também o padre Giordano nos poderá ajudar. O bispo acrescentará alguma coisa, mas eu lhe escreverei a seu tempo.

3° Enquanto isso, estuda bem cada coisa, faça-se o compromisso, fixando cerca de dois meses para elaborar a relativa documentação. No final deste mês vou a Roma e de lá farei o que puder.

Quinze dias antes do dia fixado por ato cartorial, tu me escreverás para dizer quanto ainda te falta e procurarei enviá-lo, mesmo que tenha de tomar um empréstimo em Turim.

Deus quer esta obra e não podemos recusar-nos a isso sem prejudicar sua santa vontade, e se nós cooperarmos, estaremos certos do bom êxito. É preciso dizer que o demônio meterá pelo meio seu rabo, mas nós procuraremos de comum acordo cortá-lo.

Será bom também comunicar o assunto ao bispo, sem, porém, fazer nenhum pedido.

Saúda os mencionados senhores; rezemos com fé e o auxílio divino não nos faltará.

Deus nos abençoe a todos e crê-me em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

143. Ao conde Carlos Giriodi

Edição crítica em E(m) V, pp. 479-480.

Vignale, 21 de outubro de 1877

Caríssimo senhor cavalheiro Carlos[48],

A fim de não me expor às consequências de uma bancarrota, fugi de Turim, e vejo de fato que a única tábua de salvação será o castelo de Costigliole[49].

Por isso, queira pensar como remediar, ou melhor, como resolver a minha situação, que o senhor assumiu como própria, quando disse que se eu desejasse alguma coisa me dirigisse ao senhor. Não é assim?

Se Deus quiser, estarei em Saluzzo na próxima quinta-feira às 5 horas da tarde, onde espero em seguida encontrar o *omnibus* até sua casa.

No caso do sacerdote professor, provavelmente haverá alguma coisa a acertar, ou melhor, a buscar um entendimento com o senhor, o pároco e comigo, mas isto de algum modo se resolverá.

Deus conceda todos os bens ao senhor, a toda sua família, e reze por este pobre, que será sempre em Jesus Cristo

Humilde servidor amigo

Sac. João Bosco

[48] Conde Carlos Giriodi (1805-1878), turinense, ex-presidente da Conferência de São Vicente de Turim, à qual pertenciam muitos benfeitores de Dom Bosco, como o conde Cays, o conde di Collegno, o marquês Fassati.

[49] Residência de verão do conde.

144. À senhorita Clara Louvet

ASC A1870232 *Copie semplici*; edição em E IV, p. 466.

Turin, 20 décembre 1884

Charitable Mademoiselle[50],

Pendant que je vous écrivais ma lettre d'augure de bonnes fêtes, vous me prévenez avec votre charitable offrande de 300 francs.

Que Dieu récompense largement vos prières, vos augures, votre charité. Afin de témoigner notre reconnaissance nous ferons bien des prières à votre intention dans cette neuvaine; nos enfants feront aussi des prières, des communions, et moi j'offrirai le sacrifice de la sainte messe le jour de Noël.

Ma santé s'est beaucoup ameliorée, mais je ne suis pas sûr de faire une promenade dans le printemps jusqu'à Lille. Nous verrons.

Que la crise agricole ne vous donne pas de la peine. Si les revenus diminuent vous diminuerez les bonnes oeuvres de charité, ou mieux vous les augmenterez, vous consommerez les capitaux, vous vous ferez pauvre comme Job et alors vous serez sainte comme Sainte Thérèse.

Mais non jamais. Dieu nous assure le *centuple sur la terre*; *donc donnez et on vous donnera!* Avec les fermiers soyez généreuse et patiente. Dieu est tout-puissant. Dieu est votre Père, Dieu vous fournira tout ce qui est nécessaire pour vous et pour eux.

Rélativament à la somme d'argent pour la famille de votre père, dans la crise actuelle c'est difficile de fixer. Je dirais de laisser par testament la somme de 30.000 francs. Vous ferez seulement une note testamentaire. Mais j'espère que le Bon Dieu permettra de nous parler personnellement, de nous entendre et de destiner mieux les choses.

Je vous prie de dire à monsieur l'Abbé Engrand que je ne l'oublie pas et que toute la maison priera pour lui, et d'une manière toute spéciale pour vous, pour vos parents, vos amis, vos affaires pour le temps et l'éternité.

Veuillez bien prier pour votre pauvre Don Bosco qui vous sera à jamais en Notre Segneur

Humble serviteur

Abbé J. Bosco

[50] Clara Louvet (1832-1912) de Aire-sur-la Lys (França, departamento de Passo de Calais), benfeitora generosíssima, uma das mais ativas coletoras de ofertas para a igreja e o internato do Sagrado Coração em Roma. Conheceu Dom Bosco em Nice em 1882 e se confiou à sua direção espiritual.

(Tradução)

Caridosa senhorita,

Enquanto vos escrevo a minha carta desejando boas festas, vós me prevenis com a vossa caridosa oferta de 300 francos.

Que Deus recompense largamente vossas orações, vossos votos de boas festas, vossa caridade. A fim de demonstrar o nosso reconhecimento, rezaremos segundo a vossa intenção nesta novena; também os nossos jovens rezarão, farão a comunhão, e eu oferecerei em sua intenção o sacrifício da missa no dia do Natal.

Minha saúde melhorou bastante, mas não estou certo de poder fazer um passeio na primavera até Lille. Veremos.

Que a crise agrícola não vos traga, sofrimentos. Se as rendas diminuírem, vós diminuireis as vossas boas obras de caridade, ou melhor, as aumentareis, consumireis os capitais, vos tornareis pobre como Jó e então sereis santa como Santa Teresa.

Que não seja assim. Deus nos garante *o cêntuplo na terra, portanto, dai e vos será dado.*

Com os agricultores sede generosa e paciente. Deus é onipotente. Deus é vosso Pai, Deus fornecerá todo o necessário para vós e para eles.

Quanto à soma de dinheiro para a família do vosso pai, na crise atual é difícil fixar. Eu diria de deixar em testamento a quantia de 30.000 francos. Vós fareis somente uma nota testamentária. Mas espero que o bom Deus nos permita falar-nos pessoalmente, entender-nos e encaminhar as coisas para o melhor.

Peço-vos para dizer ao padre Engrand que não o esqueço e que toda a casa rezará por ele, e de forma muito especial por vós, pelos vossos pais, por vossos amigos, pelos vossos negócios ao longo do tempo e na eternidade.

Rezai pelo vosso pobre Dom Bosco que será sempre para vós em nosso Senhor

Humilde servidor

Sac. J. Bosco

145. Ao conde Luís Antônio Colle

ASC A1700842, *Orig. Aut.*; edição em E IV, pp. 510-511.

Turin, 29 décembre 1884

Mon cher et charitable comte[51],

Je voudrais vous faire une visite et personnellement vous faire bien des actions de grâces. Ne pouvant faire la chose avec des paroles, je désire, que par lettre je finisse l'année en vous écrivant, ô charitable monsieur le comte et madame la comtesse Colle.

Dieu soit béni et remercié, qui nous a conservés en bonne santé, et, je l'espère, aussi dans sa grâce.

Parmi les autres bonnes oeuvres vous avez payées pour don Perrot les dettes de la Navarre; et le bon Dieu ne manquera pas de vous récompenser largement, et nos pauvres orphelins prieront sans cesse à votre intention: heureux don Perrot qui a des payeurs de telle façon.

Mais pourquoi ne pouvons-nous pas trouver des bienfaiteurs semblables en Italie?

Si telle payeur existe en Italie, qu'il vienne payer soixante et quinze mille frs. que D. Rua devra payer pour nos missionnaires d'Amérique, une autre somme presque semblable pour le trousseau, pour le voyage de ceux qui partiront au plus tôt?

Pourquoi ne vient-il pas payer les dettes de nos maisons de Turin, et de l'église et hospice de Rome?

La raison est claire. En France et en Italie il y a un seul monsieur le comte Colle; et nous bénissons mille fois le bon Dieu que ce monsieur et madame la comtesse Colle vivent pour nous aider, nous appuyer, nous soutenir dans nos difficultés.

Que Dieu vous conserve tous les deux bien longtemps en bonne santé, et vous donne la grâce de passer encore d'autres et bien d'autres années heu-

[51] O conde Luís Antônio Fleury (1822-1888) de Tolone foi o mais munífico benfeitor da igreja do Sagrado Coração de Roma e o mais generoso entre os benfeitores das obras de Dom Bosco. Da esposa Maria Sofia Bouchet teve um filho que morreu em 1881 com somente 17 anos. São mais de setenta as cartas escritas a ele por Dom Bosco.

reuses comme récompense de vos charités sur la terre, et enfin dans l'autre vie le vrai prix, le grand prix dans le séjour du paradis, où, j'ai pleine confiance, que nous pourrons nous trouver avec Jésus, Marie, notre cher Louis, à louer Dieu, a parler de Dieu éternellement.

Jeudi, premier de l'année 1885. Dans toutes nos maisons, on prie, on fera des communions pour vous.

Veuillez aussi recommander votre pauvre à Dieu

Obligé humble serviteur

Abbé J. Bosco

(Tradução)

Meu caro e generoso conde,

Eu gostaria de fazer-vos uma visita e de agradecer-vos pessoalmente. Não podendo fazê-lo com as palavras, desejo por carta que o ano termine enquanto vos escrevo, generoso senhor conde e senhora condessa Colle.

Deus seja louvado e agradecido, que nos conservou com boa saúde e, assim espero, também na sua graça.

Entre outras obras, pagastes para o padre Perrot as dívidas de La Navarre[52]; o bom Deus não deixará de recompensar-vos largamente, e os nossos pobres órfãos rezarão incessantemente segundo a vossa intenção: feliz o padre Perrot que tem pagadores assim.

Por que não podemos encontrar benfeitores semelhantes na Itália?

Se existir na Itália um pagador assim, que venha pagar os 75 mil francos que o padre Rua deverá pagar pelos nossos missionários na América, mais outra soma correspondente pelo enxoval e pela viagem dos que partirão o mais cedo possível.

Por que não vem pagar as dívidas da nossa casa de Turim e da igreja e do internato de Roma?

A razão é clara. Na França e na Itália só existe um senhor conde Colle; e nós bendizemos mil vezes o bom Deus pelo fato deste senhor e da senhora

[52] Padre Pedro Perrot (1853-1928), primeiro diretor da casa de La Navarre.

Colle viverem para nos ajudar, nos apoiar, nos socorrer em nossas dificuldades.

Que Deus vos conserve a ambos por longo tempo em boa saúde, e vos conceda a graça de passar muitos e muitos anos felizes como recompensa pela vossa caridade na terra, e finalmente na outra vida o verdadeiro prêmio, o grande prêmio da permanência no paraíso, onde, tenho plena confiança, nos poderemos encontrar com Jesus, Maria, com o nosso querido Luís, louvar a Deus e falar de Deus eternamente.

Quinta-feira, dia primeiro do ano de 1885, em todas as nossas casas, rezaremos e faremos muitas comunhões por vós.

Peço-vos recomendeis a Deus também o vosso pobre

Obrigado humilde servidor

Sac. J. Bosco

146. Circular aos benfeitores

ASC A1780705 *Lettere autografe*; edição em E IV, pp. 363-364.

Turim, 1º de novembro de 1886[53]

Benemérito senhor,

Recebi com profunda gratidão a generosa oferta que, na vossa grande caridade, vos dignastes fazer pelos nossos missionários que vão trabalhar a fim de conquistar para o Evangelho os selvagens da América, especialmente da Patagônia.

Além dos seus sinceros e merecidos agradecimentos, eles rezam de modo especial por vós e pelas vossas famílias; encorajados pela ajuda material e moral que vós lhes destes, redobrarão o zelo e, se for o caso, darão de bom grado também a própria vida para cooperar com a salvação das almas, dilatar o Reino de Jesus Cristo, levando a religião e a civilização entre aqueles povos e nações que ignoram ambas as coisas.

[53] A carta impressa em zincotipia foi utilizada diversas vezes (modificando a data), mesmo depois da morte de Dom Bosco. Conserva-se também uma cópia em francês.

Deus vos abençoe a todos, Deus recompense largamente a vossa caridade e vos torne felizes no tempo, mais felizes ainda na bem-aventurada eternidade.

Alegro-me grandemente em poder professar-me em Nosso Senhor Jesus Cristo

Obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

SEGUNDA PARTE

ESCRITOS E TESTEMUNHOS DE DOM BOSCO SOBRE A EDUCAÇÃO E A ESCOLA

Aos cuidados de

José Manuel Prellezo

INTRODUÇÃO

Dom Bosco sacerdote, educador e "formidável homem de ação", embora sem ser um "pedagogista" no sentido rigoroso ou técnico da palavra, é autor de escritos pedagógicos, fundador de institutos destinados à educação da juventude e promotor de iniciativas educativas válidas, que despertaram e ainda hoje despertam a atenção de educadores e estudiosos de questões pedagógicas, não somente em perspectiva histórica.

A figura de "Dom Bosco educador" se apresenta, talvez, mais relevante, atraente e popular do que a de "Dom Bosco escritor". Em todo caso, a sua produção bibliográfica e editorial é realmente conspícua[1]*; além disso, pode-se afirmar que "não há escrito publicado por ele que não tenha alguma relação com a educação juvenil e popular, seja qual for o seu caráter: histórico, apologético, didático, catequético, religioso hagiográfico, biográfico, normativo"* [2].

Todavia, nesta segunda parte do volume – Escritos e testemunhos de Dom Bosco sobre a educação e a escola – *foram inseridos somente os documentos que desenvolvem diretamente, mesmo se em medida diferente, argumentos que se referem à educação ou determinadas questões estreitamente ligadas à educação ou à escola. Em geral, são escritos redigidos e assinados por Dom Bosco, ao passo que, em alguns casos, se trata de narrações ou relatos orais, transmitidos por textos autorizados e reconhecidos ou assumidos como próprios por Dom Bosco. Para a preparação e redação de outros documentos, ele pôde contar com o trabalho redacional, e não somente isto, dos seus mais próximos e fidedignos discípulos e colaboradores.*

Na apresentação que precede o texto de cada documento ou de grupos de escritos com estrutura e temáticas próximas, faz-se referência às distintas caraterísticas ou peculiaridades acima acenadas, para facilitar a leitura, a compreensão e a avaliação.

Dom Bosco não deixou um tratado orgânico de pedagogia, nem uma exposição completa do seu pensamento sobre educação ou sobre as instituições assistenciais e educativas. Nas páginas das passagens mais pessoais com frequência se entrelaçam temáticas e enquadramentos diversificados. Acenou-se muitas vezes ao argumento em estudos críticos e em livros de divulgação. De qualquer forma,

[1] Pietro Stella, *Gli scritti a stampa di San Giovanni Bosco*. Roma, LAS 1977; Saverio Gianotti (aos cuidados de), *Bibliografia generale di don Bosco*. Vol. I: *Bibliografia italiana 1844-199*2. Roma, LAS 1995, pp. 11-99.

[2] Pietro Braido, *Prevenire non reprimere. Il sistema educativo di don Bosco*. Roma, LAS 1999, p. 134; Id., *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*. Segundo volume. Terceira edição corrigida e retocada. Roma, LAS 2009, pp. 243-279 (Dom Bosco "Forjador de comunidades religiosas dedicadas à educação juvenil").

convém sublinhar ainda um fato em sintonia com os critérios que guiaram a organização dos documentos recolhidos neste volume.

O leitor não encontrará nesta segunda parte todos os escritos, embora significativos, em que Dom Bosco acena à educação ou dedica reflexões mais amplas ao tema. De fato, com a finalidade de evitar repetições não pertinentes, alguns documentos – particularmente cartas pessoais a jovens e educadores, escritos de índole biográfica e autobiográfica – foram postos, por exemplo, na primeira ou terceira parte do volume, tendo presente que, a par das considerações de caráter pedagógico, o nosso autor dedica também, naqueles escritos, particular atenção a questões históricas e a temas de caráter religioso-espiritual.

Considerando os diversos gêneros de documentos recolhidos e as características diferenciadas dos mesmos, e procurando ao mesmo tempo facilitar sua consulta, esta segunda parte se articula em três seções – 1ª Documentos narrativos; 2ª Intuições, reflexões e ideias pedagógicas; 3ª Regulamentos e programas –*, cujo conteúdo mostra certa homogeneidade. Cada uma dessas três seções se abre com uma breve apresentação que especifica os tipos de documentos, acena às normas seguidas na apresentação dos mesmos e aos pontos ou temas de maior relevo.*

PRIMEIRA SEÇÃO

DOCUMENTOS NARRATIVOS

Apresentação

O padre Júlio Barberis – nomeado por Dom Bosco em 1874 como primeiro professor de pedagogia dos jovens salesianos – exprime este autorizado juízo nos Apontamentos de pedagogia sagrada *utilizados nas suas lições: "O nosso grande Pai nos deixou um sistema de educação em pequeníssima parte por escrito, mas na maior parte impresso na mente e nos corações de todos nós que tivemos a dita de conviver com ele por vários lustros"* [1].

Dessa documentação amplamente documentada emerge a importância que contêm os relatos e os testemunhos referentes à prática educativa de Dom Bosco; e, de modo particular, o interesse dos documentos narrativos em que ele mesmo manifesta as suas experiências entre os jovens dos bairros turinenses, e não só isso. Consideradas as peculiaridades de tais escritos, julgou-se necessário – como já se acenou na Introdução geral – situá-los em seções diferentes do volume. Na primeira parte, por exemplo, ocupam um lugar de relevo os textos: Síntese histórica do Oratório de São Francisco de Sales *(1854) e* Dados históricos sobre o Oratório de São Francisco de Sales *(1862), sobre a origem e o desenvolvimento da Obra oratoriana e salesiana. Ao passo que na quarta parte do volume, o leitor encontrará diversos escritos de Dom Bosco de índole biográfica e autobiográfica. Entre os quais devem ser postas em relevo e apreciadas as* Memórias do Oratório de São Francisco de Sales (1815-1855), *publicadas depois da morte do autor.*

Nesta segunda parte do volume está inserido antes de tudo "um curioso episódio contemporâneo", intitulado: A força da boa educação *(1855). No relato se encontram diversas alusões à participação do jovem Pedro – protagonista principal da narração – em atividades religiosas, recreativas e culturais do Oratório de São Francisco de Sales. Em algumas passagens, Dom Bosco acrescenta que Pedro "foi o modelo dos seus companheiros".*

[1] Júlio Barberis, *Appunti di pedagogia sacra. Esposti agli ascritti della Pia Società di S. Francesco di Sales* dal sac. –. [Turim], Litografia Salesiana 1897, p. 8. Júlio Barberis (1847-1927). Entrou no Oratório de Valdocco com 13 anos. Tornou-se salesiano em 1864. Laureado em teologia na universidade de Turim. Ordenado sacerdote em 1870. Em 1874 foi nomeado como primeiro mestre dos noviços da Sociedade Salesiana; cf. Mario Fissore, *Il* Vademecum *di don Giulio Barberis. Spunti di indagine e sguardi d'insieme*, in RSS 31 (2012) 11; cf. *DBE, Scritti*, pp. 89-167 ("Documenti di pedagogia narrativa").

Referem-se também à prática do método de educação os dois conhecidos testemunhos a respeito da conversa de Dom Bosco com o político italiano Urbano Rattazzi (1854), e os encontros com Francisco Bodrato (1864), professor elementar.

Os três documentos referidos aqui iluminam, sem dúvida, desde perspectivas diversas e em níveis diferentes, aspectos e momentos significativos das primeiras experiências educativas do fundador de Valdocco.

I. EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS EM ÂMBITO ESCOLAR E FAMILIAR (1855)

O "documento que propriamente inaugura a representação de experiências vivas de Dom Bosco educador é A força da boa educação. *Ali entra em cena o diretor do Oratório de São Francisco de Sales como catequista, conselheiro e confidente do jovem Pedro", embora este "apareça somente na penumbra e sem uma fisionomia muito definida"* [2].

O conhecido e autorizado estudioso salesiano Pedro Stella, no trecho que acabamos de citar, se refere à narração publicada nas "Leituras Católicas" *de 1855* [3]. *Precisamente com este documento* – A força da boa educação –*, de cunho histórico-biográfico, quisemos abrir aqui a segunda parte da coletânea antológica de escritos de Dom Bosco que se referem à sua experiência educativa.*

Um "filho exemplar", chamado Pedro, e "uma mãe modelar", são os principais protagonistas desta história. O escrito constitui uma narração pedagógica de tipo popular – "Curioso episódio contemporâneo", diz o subtítulo do documento – que reflete, antes de tudo, as preocupações do narrador no contexto da circunstância social e política do próprio tempo, no qual a religião é sempre menos reconhecida como base indispensável da educação e as práticas religiosas tradicionais são continuamente questionadas [4].

No contexto indicado faz-se emergir a importância da educação familiar, "particularmente nos primeiros anos". Os elementos pedagógicos qualificadores postos em relevo são: o dever, o estudo, a alegria, a piedade.

Nas páginas introdutórias, Dom Bosco adverte que não pretende oferecer ao leitor uma exposição completamente original: "este livro – declara – baseou-se num livro com o título: Un mari comme il y en a beaucoup, une femme com-

[2] Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Segundo volume. *Mentalità religiosa e spiritualità.* Segunda edição revista pelo autor. Roma, LAS 1981, p. 446; cf. P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…*, I, pp. 553-555.

[3] Outras edições do escrito: *La forza della buona educazione. Narrazione contemporanea*. Roma, nella tipografia Forense 1860; *Pietro ossia La forza della buona educazione. Curioso episodio contemporaneo*, pel Sac. Giovanni Bosco. Turim, tipografia e Libreria Salesiana 1885. Nos conteúdos da edição de 1860 não se encontram variantes significativas; ao passo que na de 1885 aparecem diversas de algum relevo; nas páginas introdutivas de Dom Bosco, "Ao Leitor", são substituídas por outras seis, assinadas por um anônimo "Editor". Este, dirigindo-se "Ao Leitor Operário", escreve: "O autor é Dom Bosco, aquele amigo sincero de cada operário que tu deves conhecer e amar como benfeitor e pai" (p. vi). O escrito foi traduzido para o francês, o alemão e o espanhol: (Barcelona, Librería Salesiana 1951).

[4] Jacques Schepens, *"La forza della buona educazione". Etude d'un écrit de don Bosco*, em José Manuel Prellezo (editor), *L'impegno dell'educare. Studi in onore di Pietro Braido* promovidos pela Faculdade de Ciências da Educação. Roma, LAS 1991, pp. 417-433.

me il y en a peu*, isto é: um marido como muitos: uma esposa como poucas"*[5]*. Todavia, a seguir, o próprio Dom Bosco assegura "com lealdade": "o que aqui se narra são fatos realmente acontecidos; fatos quase todos vistos ou ouvidos por mim mesmo"; e acrescenta: "Quanto ao mais, aqui se verá quanta força possui sobre o futuro dos filhos a boa educação; ver-se-á uma mãe modelar, um filho exemplar. Uma mãe que, em meio a mil dificuldades, consegue dar a melhor educação ao filho e reconduzir o marido transviado ao bom caminho. Um filho que responde às solicitudes maternas [...] e que ao mesmo tempo se torna o sustento da família, modelo para os colegas".*

A exposição dos fatos se encerra com um forte apelo aos pais, insistindo na função da boa educação, também numa perspectiva de regeneração social: "Se os filhos são bem educados, ver-se-á a geração em crescimento, amante da ordem e do trabalho [...]. Em suma, teremos – conclui Dom Bosco – tempos melhores, filhos que serão a honra da pátria, o sustento das famílias, a glória e o decoro da religião" [6]*.*

147. A força da boa educação. Curioso episódio contemporâneo.

Edição impressa em *La forza della buona educazione. Curioso episodio contemporaneo* per cura del Sac. Bosco Giovanni. Turim, Tipografia Paravia e Comp. 1855.

Ao leitor

Talvez o leitor pergunte se este episódio contém fatos verdadeiros ou coisa semelhante, ao que posso responder com lealdade que o que aqui se narra são fatos realmente ocorridos, fatos, quase todos vistos ou ouvidos por mim mesmo. Observo somente que este livro se baseou num livreto intitulado: *Un mari comune il y en a beaucoup, une femme comme il y en a peu*, isto é: um marido como muitos, uma esposa como poucas. Não posso oferecer uma narração completa, porque Pedro, a quem os fatos se referem, ainda vive; o que tam-

[5] P. Stella documentou as coincidências que se notam entre *La forza dell'educazione* e diversos textos extraídos do texto: *Un mari comme il y en a beaucoup, une femme comme il y en a peu…*, publicado em Caen-Paris, em 1853 (cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica…,* II, p. 191).

[6] Na enumeração dos capítulos nota-se alguma imprecisão, que foi corrigida por quem cuidou desta edição, levando em conta as edições sucessivas do documento.

bém me obrigou a modificar algumas circunstâncias de nomes e de lugares a fim de que a pessoa não possa ser identificada. Também julguei conveniente calar algumas coisas que seriam as mais interessantes, pelo único motivo de que se apresentam sob um aspecto que contém algo de sobrenatural e que por isso poderia ser motivo de crítica inoportuna.

Quanto ao mais, aqui se verá quanta força tem a boa educação sobre o futuro dos filhos; ver-se-á uma mãe modelar, um filho exemplar. Uma mãe que, em meio a mil dificuldades, consegue dar a melhor educação ao filho e reconduzir o marido transviado para o bom caminho. Um filho que corresponde às solicitudes maternas de uma mãe afeiçoada; filho de quem a divina Providência se serviu para reconduzir o pai à religião; e que ao mesmo tempo se tornou o sustento da família, modelo dos colegas, exemplo de fortaleza e resignação para todo fiel cristão.

Capítulo I. A fábrica de fósforos

João. – Realmente, mulher, começo a me irritar ao ver o nosso Pedro arrastando seus trapos ao longo das ruas e a ter que mantê-lo não fazendo nada. Nós temos quatro filhos, este é o maior e já vai completar oito anos, é preciso arranjar-lhe um trabalho. Se não for capaz de outra coisa, vamos colocá-lo na fábrica de fósforos da senhora Boccardi. Claro, não ganhará grande fortuna, dado que é muito jovem, mas mesmo que ele traga para casa só algumas moedas, isso será sempre motivo de satisfação.

Esposa. – É verdade, João, um fardo de quatro meninos... eu compreendo que isso começa a ser de peso, pois deveis providenciar tudo com o trabalho de vossas mãos. Mas, caro marido, eu creio que é melhor enviá-lo por algum tempo à escola dos irmãos[7], que lhe ensinariam a ler, escrever e rezar a Deus, enquanto ele é ainda bem novo e incapaz de um trabalho que nos possa trazer algo que possa ser útil. Isso certamente seria melhor do que colocá-lo numa fábrica de fósforos, onde há uma turba de rapazes transviados que lhe darão maus exemplos e maus conselhos.

João. – Cala-te, mulher: sempre com os teus maus exemplos. O que podem dizer e fazer de mal rapazes desta idade? Afinal, já estamos entendidos: eu quero colocá-lo a trabalhar junto à senhora Boccardi.

[7] Certamente se refere às escolas turinenses dos Irmãos da Escolas Cristãs, congregação fundada por São João Batista de La Salle (1651-1719); cf. a introdução geral a este volume e Carlo Verri, *I Fratelli delle Scuole Cristiane e la storia della scuola in Piemonte.* Como, Ediz. Sussidi 1948.

Esposa. – Pelo menos procuremos outra fábrica, onde não haja tanta gente desse tipo, como os que trabalham na fábrica de que vós dizeis. Porque precisamos preservar este nosso rapaz de todos os maus encontros, para que ele possa conservar os bons princípios que eu procurei lhe transmitir até agora.

João. – Tá bom, tá bom..., já basta: deixa-me em paz com os teus princípios; se não for trabalhar no estabelecimento da senhora Boccardi, não vai ganhar mais do que doze soldos por semana, ao passo que lá poderá ganhar pelo menos dezoito, e com isso...

Esposa. – Ainda uma palavra; não é para vos contrariar, mas me parece ser mais razoável fazer-lhe agora aprender o que mais tarde ele deverá saber, quando então estará em condições de dedicar-se a uma profissão honrosa, porque desejo muito que ele saiba pelo menos ler, escrever e um pouco de aritmética. Ao mesmo tempo poderia aprender o catecismo e preparar-se para fazer a primeira comunhão e...

João. – Já está tudo resolvido. Ele fará como eu fiz; eu nunca fui à escola e cresci grande e forte como os outros. Verdade é que eu não sei nada e me sinto mortificado quando se expõe um cartaz e vejo que todos correm para ler, enquanto eu sou obrigado a perguntar o que está dito lá; e se alguém me pergunta o que foi publicado, eu não sei responder absolutamente nada. Seja como for, eu preciso trabalhar no domingo, se quiser comida na segunda-feira; com dezoito soldos do meu menino, tu farás a tua polenta e eu terei a minha comida. Vamos, Pedro, põe os tamancos, rua, e vai trabalhar.

Esposa. – Dado que quereis assim, pelo menos deixai que eu o leve e assim poderei recomendá-lo à sua patroa.

A pobre mãe, suspirando profundamente, lava o rosto do seu menino e apertando-o nos braços, coloca-o sentado sobre seus joelhos. Pobre menino, lhe diz, tu deves obediência a teu pai e à tua mãe. Nesta tua pouca idade, já temos que te pôr a ganhar um pouco da tua comida. Pobre menino! Tem paciência: a nossa situação é muito pobre; é por isso que também tu deves trabalhar um pouco apesar de tão novo.

Tu encontrarás alguns dos teus pequenos companheiros; lembra-te sempre dos bons conselhos que eu te dei. Tu sabes, querido Pedro, que é preciso amar a Deus, e por isso obedecer a ele e nunca ofendê-lo. Se teus colegas te disserem alguma coisa inconveniente, não precisa responder. Se te derem maus conselhos, como seria não trabalhar, pegar alguma coisa dos outros, desobedecer a teus pais, não deves ouvi-los. Toma cuidado, querido Pedro, de me contar todas as noites o que te dirão os colegas durante o dia. Assim, eu poderei dar-te sempre bons conselhos a respeito do que deves fazer e do

que deves evitar. Sê respeitoso para com teus patrões, bem-educado com os teus colegas; se alguém te bater, não te revoltes, porque sabes que Deus não o quer.

Trabalha com diligência, oferece teus pequenos sofrimentos ao bom Jesus; de quando em quando pensa nele e na Santa Virgem Maria; pede muito a esta boa mãe para obter as graças de que precisas. Pede a ela também pelo teu pobre pai. Lamento muito que ele tenha dito na tua presença o motivo pelo qual quer colocar-te a trabalhar, assim tão novinho, porque ele espera servir-se do teu trabalho para passar melhor o dia no bar; este é um pensamento muito triste!.

Depois desta conversa, a boa mãe, com o coração angustiado, tomou pela mão o menino e foi para a casa onde estava a fábrica de fósforos. Sobe até o terceiro andar por uma escada íngreme e meio escura; abre a segunda porta à direita e entra dizendo: Bom dia, senhora Boccardi! Aqui está um menino de oito anos; poderia ocupá-lo junto com os aprendizes da sua idade?

Senhora Boccardi. – És tu, menino, que queres trabalhar? Na verdade, teu pai me tinha dito que não eras muito grande, mas já estás bastante crescido para a ocupação que estou para te dar. Senhora, fique tranquila, ele fará seu trabalho como os outros.

Mãe. – Eu vos recomendo o meu filho, senhora Boccardi, se ele fizer alguma coisa de errado, não deixeis de me dizer, por favor; e vede que ele não tenha conversas indecentes ou coisas semelhantes com os outros rapazes.

Senhora Boccardi. – Podeis ir, podeis ir, não sejais aborrecida, dormi em paz sobre as duas orelhas, o vosso menino não será pior que os outros.

Estas expressões deixaram uma impressão negativa a respeito da casa onde a pobre mãe colocara o seu menino. Mas guardou todos os seus tristes pensamentos para si mesma, pondo sua confiança em Deus, sua única esperança. Feliz dela que soube encontrar na religião um bálsamo para amenizar as penas do coração!

Agora entremos um momento naquela fábrica de fósforos.

Um rapaz. – Vejam só, vejam só, aquele menino ali! Como está todo limpinho! Que luxo! Bem lavado, vejam que bonito lencinho lhe pende da sacola! O colarinho da camisa cobre metade da cara!

Outro rapaz. – Ei, você, empreste as ferramentas que tem na sacola, quero fazer uma brincadeira. Vamos, deixe-me ver o seu lencinho. Chora! Por quê?

Outro. – Esses aí têm tempo para perder, não ligue para as conversas deles; venha aqui, se alguém lhe perguntar o motivo, responda que eu devo organizar o seu trabalho.

Este que falava assim era o mais velho da turma. Um tanto mais tranquilo, Pedro foi sentar-se ao lado do seu protetor, e a senhora Boccardi trouxe para ele material de trabalho, com que ele logo se ocupou para poder ganhar os dezoito soldos que seu pai esperava.

Pedro tinha um caráter muito alegre, criou facilmente familiaridade com os outros meninos, de modo que as conversas se tornaram cada dia mais animadas e sobre assuntos diversos.

Colega. – Pedro, o que é que seu pai faz?

Pedro. – Meu pai é marceneiro, e o seu?

Colega. – O meu é carregador. Você se diverte bem aos domingos?

Pedro. – Sim que me divirto. Vou à missa com minha mãe, depois às vésperas, em seguida dou uma volta com meus irmãos.

Colega. – Você vai à missa e às vésperas, você... Se soubesse como é muito mais divertido fazer como faço eu. Minha mãe me diz: vá à missa; sim, mamãe, eu vou. Chegando à porta da igreja, entro de um lado e saio do outro, e vou jogar pião com meus amigos. Domingo você vem também com a gente, não é, Pedro?

Pedro. – Não é possível; minha mãe vem comigo, e depois, mesmo se ela não viesse, eu sei que é preciso ouvir missa todos os dias santos.

Colega. – Pelo menos você virá enquanto cantam as vésperas. Você vai ver como a gente se diverte.

Pedro. – Também isso é impossível; minha mãe me acompanha sempre, e me diz para assistir as vésperas, e eu vou para obedecer, pois ela me diz muitas vezes que a desobediência aos pais é o mesmo que desagradar ao próprio Deus.

Colega. – Certamente você quer dar uma de hipócrita; se você não quiser vir, então vá plantar batatas...

Apesar das insistências dos colegas, Pedro ficou inflexível e por dois anos continuou pelo bom caminho que sua mãe lhe tinha indicado. Isso é muito bonito da parte dele, mas ele sempre tinha tido grande confiança em sua mãe; todos os dias lhe contava o que os colegas lhe sugeriam. A mãe lhe dava seus conselhos, rezavam junto as orações para conseguir as graças do céu;

e, com as bênçãos de Deus, o menino tinha podido resistir às ameaças e aos engodos dos seus companheiros.

Capítulo II. A preparação

A situação caminhou assim por dois anos. – Pedro ganhava vinte e quatro soldos em vez de dezoito. A senhora Boccardi estava contente, o pai tinha o que desejava ao receber os seus vinte e quatro soldos por semana, que na qualidade de homem valente sabia gastar tudo numa só semana. Chegando, porém, o tempo da primeira comunhão, a boa mãe esbarrou novamente em dificuldades. O pai prometera deixar este ano à disposição da mulher para a educação do seu menino. Mas, o que fazer? Seu gosto pelo bar se tornara forte mais do que nunca, os outros rapazes cresciam sempre mais, as despesas também cresciam, nenhum dos meninos conseguia ganhar um soldo. Mulher, dizia João, precisas ter paciência, é necessário que o nosso Pedro continue a trabalhar.

Esposa. – E a primeira comunhão?

João. – Bem, quanto a isso, faze do jeito que puderes.

Esposa. – Mas, como quereis que ele possa aprender o catecismo e ir à igreja para ouvir sua explicação?

João. – Arranja-te como quiseres, eu decido que ele continue a trabalhar. Vamos, Pedro, vai trabalhar, anda logo.

Um profundo suspiro foi a resposta da pobre mãe; o filho obedeceu.

A pobre mãe, dando uma volta pela cidade, parou entristecida diante de uma igreja, onde entrou e com lágrimas nos olhos se ajoelhou diante do tabernáculo onde mora o Deus consolador dos aflitos. Ali, como criança que se abandona nos braços do seu pai, lhe expôs todos os sofrimentos que oprimiam seu coração; suplica-o queira inspirar-lhe um bom pensamento e como devia proceder para guiar corretamente o menino durante aquele ano tão importante para a primeira comunhão. De repente, ela sentiu o coração repleto de consolação, e saindo da igreja esperava pelo momento em que poderia falar sozinha com Pedro e dar-lhe os devidos conselhos. Este momento chegou.

Caro filho, ela começou a dizer-lhe, estamos no ano em que tu deves fazer a primeira comunhão; esta é a coisa mais importante da tua vida; é preciso que te prepares com orações fervorosas, com uma obediência pronta, com uma grande pontualidade e atenção nas celebrações da igreja. Uma coisa

me dói e é o pouco tempo que terás para aprender o catecismo e ouvir sua explicação, que deverá ser feita pelo nosso padre.

Filho. – Não vos aflijais, querida mãe, graças a Deus tenho boa memória e boa vontade. Nos dias santos tenho tempo de ir e me aplicarei com toda a atenção possível. Nos dias de trabalho, eu tenho uma hora e meia para almoçar; em meia hora eu como, em seguida irei logo para o Oratório de São Francisco de Sales, onde, durante a quaresma, há catecismo ao meio-dia. Se eu não puder terminar a refeição antes do catecismo, comerei depois qualquer coisa ao voltar.

Além disso, querida mãe, se me permitirdes, voltarei para lá todas as noites, pois lá instruem de bom grado e gratuitamente os meninos. Afinal, eu me aplicarei tanto que espero poder estudar e compreender o catecismo e estar em condições de responder ao padre como se deve no exame. Aliás, espero poder também continuar a aprender a ler e a escrever; ah, como me parece que logo vou aprender!

Mãe. – Querido filho, vem aqui que eu te abraço, as tuas palavras confortam meu aflito coração.

A pobre mãe, a fim de dispor o céu em seu favor, redobrou os cuidados e as solicitudes para amenizar a dureza do seu marido. Embora não lhe desse mais do que vinte soldos sobre trinta que ele ganhava todos os dias, ela sabia fazer de tal modo que o almoço fosse pontualmente preparado para quando ele voltava do trabalho. Sua casa era mantida sempre limpa; não havia um grão de pó sobre a mesa, o chão, bem varrido, a cama, ou melhor, o colchão, sacudido e coberto de trapos, é verdade, mas limpos e bem remendados. Recebia com o sorriso no rosto seu marido, apesar de ser bronco, da sua pouca religião e das suas frequentes visitas ao bar. Ela aparecia diante dele com ar aprazível e fazia isso na esperança de que qualquer dia conseguiria que ele se corrigisse.

De fato, quantos desses homens embrutecidos se arruínam todos os dias por causa do vinho, que seriam bem diferentes se pudessem viver no seio de suas famílias e encontrar com frequência junto deles uma boa acolhida, uma mulher afável e paciente, filhos submissos e respeitosos!

A pobre mulher, persuadida dessa verdade, fazia de tudo para tornar agradável a seu marido a vida em família; mas em quantas solicitudes ela teve que se desdobrar para proporcionar-lhe o que era necessário! Que economia na administração dos negócios, quantas privações para ela, quantas vigílias prolongadas em torno de um trabalho ingrato e pouco lucrativo, e tudo isso para poder oferecer ao marido para o dia seguinte uma sopa que ela não podia mais preparar com o pouco que ele lhe entregava cada dia!

Mas voltemos a Pedro. Fiel ao plano estabelecido entre ele e sua mãe, trabalhava como antes na mesma fábrica de fósforos. Aprendeu as lições de catecismo, jejuando; isto é, aproveitando da hora do almoço para ir à igreja. Muitas vezes o seu jantar consistia em alguns pedaços de pão que ele guardava nos bolsos e, comia, uma parte, indo, outra, voltando do catecismo. À noite também vinha pontualmente ao Oratório para ouvir a explicação do que ele nem sempre tinha entendido bem ao meio-dia. Lembro-me de tê-lo visto muitas vezes de noite, mesmo quando o tempo era brusco e cheio de névoa, vir sozinho ao catecismo. Uma noite eu lhe disse: não tens medo de vir até aqui com um tempo tão ruim e completamente sozinho? Não estou só, respondeu: o bom Deus e o Anjo da Guarda são ótimos companheiros!

Os seus colegas zombavam dele por causa do seu bom comportamento; vários deles também deviam fazer a primeira comunhão naquele mesmo ano, mas para eles e para seus pais isso era uma coisa da qual era preciso livrar-se quanto antes.

Um deles dizia: no ano passado o confessor me mandou de volta porque em casa comia carne nos dias de abstinência; mas meu pai me disse para não ser tão bobo e neste ano não voltar a contar a mesma coisa ao padre.

Outro: eu fui mandado de volta pelo mesmo motivo, mas minha mãe conseguiu de meu pai que neste ano se faça abstinência para que eu possa fazer a primeira comunhão; depois voltaremos a fazer como sempre.

Um terceiro acrescentou: meu pai me proibiu de dizer os pecados mais graves ao padre, porque isso poderia impedir-me de fazer a primeira comunhão; de qualquer modo, bem ou mal, neste ano preciso fazê-la, porque isso me abre o caminho para ganhar alguns soldos a mais.

Pedro, estarrecido ao ouvir aquelas conversas, se limitava a dizer alguma palavra de desaprovação. Ele dizia: eu não sou capaz de lhes dar uma resposta, mas é certo que aquele que vai se confessar e não promete de coração mudar de vida, faz uma confissão mal feita; quem cala um pecado ao confessor não obtém o perdão dos pecados e acrescenta um sacrilégio à sua consciência. E aqueles que comem carne nos dias de abstinência, desobedecem à Igreja, que manda praticá-la nas sextas-feiras, nos sábados e em outras vigílias de certas festas.

Entretanto, Pedro cuidava para sempre contar à sua mãe os despropósitos que ouvira. Aquela boa mãe, assustada ao saber que seu filho vivia no meio de rapazes tão mal educados e tão mal aconselhados, dava-lhe maternalmente recomendações conforme a sã moral do Evangelho.

Que desgraça, dizia ao pobre Pedro, que desgraça é ter parentes sem religião e particularmente não ter uma boa mãe para afastar dos seus corações a influência dos maus exemplos e dos maus conselhos de seus pais. Lembra-te sempre, querido Pedro, de que a primeira comunhão é o ato mais importante da vida, para o qual é preciso preparar-se longamente, reformando os maus hábitos e praticando todas as virtudes compatíveis com a tua idade, como a obediência, a docilidade, o amor ao trabalho, a assiduidade ao catecismo, o respeito e a modéstia na igreja.

Quanto aos pecados que irás confessar, é preciso que te arrependas e, além disso, que tomes a decisão de não cometê-los mais no futuro. E quando também os teus parentes, assim como os teus colegas, quiserem obrigar-te a comer carne nos dias de abstinência, tu deverás lembrar-te de que é preciso obedecer antes a Deus do que aos homens. Particularmente toma cuidado para não calar nenhum pecado na confissão; é preciso confessá-los todos, arrepender-se de todos e tomar a resolução de uma vida melhor, com a graça de Deus. É mil vezes melhor adiar por um ano a primeira comunhão, se o confessor assim julgar conveniente, do que esconder um pecado pelo desejo de comungar; porque quem faz comunhões assim pode ser comparado com quem quisesse convidar um amigo a almoçar e depois lhe oferece comida envenenada.

Pedro. – Ficai tranquila, mamãe, faz quatro anos que vou me confessar e nunca calei nada ao confessor. Alguma vez não me lembro de alguma coisa e ele me pergunta e então eu digo logo tudinho.

Assim, a boa mãe ia preparando seu filho para o ato mais importante e sério da vida. Quantas mães se preocupam com os enfeites do corpo e não fazem nada pela alma dos seus filhos! E o que devemos dizer daqueles pais que, além de não se preocuparem com o bem espiritual e eterno dos próprios filhos, servem de tropeço para a sua salvação eterna, dando escândalo com suas conversas e seu mau comportamento? Que, ao invés de prepará-los santamente para a comunhão, infelizmente os encaminham pela estrada da perdição? Que terríveis contas deverão depois prestar a Deus no seu tribunal!

Capítulo III. A confissão

Pedro frequentava com assiduidade o catecismo; mostrava-se obediente ao menor aceno do pai. Este se vangloriava de ter um menino melhor do que os filhos dos seus vizinhos; ele bem sabia que as boas qualidades do filho eram devidas à religião que sua mulher tinha conseguido fazer praticar ao seu primogênito.

O dia da primeira comunhão se aproximava e Pedro redobrava de fervor. Costumava confessar-se com frequência e havia quatro anos que se apresentava sempre ao mesmo confessor, ao qual mostrara todos os segredos do seu coração e nunca tinha calado qualquer coisa na confissão; por isso a sua confissão podia ser tão rápida. Mas ele desejava estar mais seguro quanto às confissões passadas, nas quais nem sempre se costuma dar a devida importância à falta de conhecimento; e decidiu fazer uma confissão geral.

Primeiro invocou a ajuda e as luzes do Espírito Santo, a fim de poder lembrar os seus pecados, em seguida fez um diligente exame de consciência, depois foi para a igreja com a maior modéstia, esperando sua hora de se apresentar ao confessor. Declarou todos os seus pecados, ou melhor, aquilo que ele julgava que fosse culpa, sem esconder absolutamente nada ou diminuir sua gravidade. Quando a confissão terminou, ele se preparou com toda humildade do coração para receber a absolvição, pedindo muito a Deus que lhe desse forças para ter um grande arrependimento dos seus pecados.

No Oratório de São Francisco de Sales é costume celebrar um tríduo a fim de preparar os meninos para fazer dignamente a comunhão pascal. Durante aqueles três dias de pregação, ele foi um modelo para seus colegas. Vendo-o assim, tão recolhido, tão afável e tão bom para com eles, todos o invejavam. Um colega, comovido ao ver a modéstia e a devoção de Pedro, decidiu confessar um pecado que, para satisfazer seu pai, tinha calado numa confissão anterior.

Um dia, um colega lhe disse: venha, Pedro, olhe-se no espelho e ajeite o cabelo. Ora essa, respondeu, o que eu quero é ajeitar bem as coisas da minha alma e preparar meu coração para ser uma bela casa para o meu Jesus. De fato, todos os seus cuidados visavam a despertar em si um vivo arrependimento, e praticar cada pequena virtude própria da sua idade.

Quantos meninos e particularmente quantas meninas dedicam todos os seus cuidados em se vestir e enfeitar o próprio corpo, em vez de cuidar de embelezar a alma com a prática das virtudes! Quantos pais não têm outra ambição senão a de ver a filha elegante e bem vestida para que seja a mais bonita entre as que vão receber a comunhão! A mãe de Pedro não tinha essas ideias na cabeça. Ela, sempre ocupada com os trabalhos que se referiam aos seus filhos e ao seu marido, passava o pouco de tempo que lhe sobrava a rezar e a preparar uma roupa bonita para o seu primogênito.

Mas a pobre mulher não tinha meios para fazer grandes despesas para comprar roupas, e se o padre não tivesse vindo em sua ajuda, o bom Pedro teria corrido o risco de se vestir somente com uma roupa muito simples, quase

miserável; mas por baixo daquela roupa humilde, que alma bonita se escondia! Este pensamento era de grande conforto para sua mãe.

Finalmente chegou o último dia do tríduo sagrado, no qual Pedro, feita a confissão geral, devia receber a absolvição. É impossível descrever com que ardor ele se preparou. Nada de olhares distraídos; um recolhimento perfeito o acompanha; entra na igreja, aproxima-se do confessionário, e recebe o perdão dos seus pecados. Como se comoveu seu coração no momento em que recitava o ato de arrependimento! As lágrimas lhe caíam dos olhos quando se afastou do tribunal da penitência. Cobrindo o rosto com suas mãos, foi até o altar, pôs-se de joelhos, renovou o ato de arrependimento e prometeu querer sempre pertencer a Deus, e servi-lo a vida inteira. O seu coração, inundado de alegria, não sabe encontrar expressões para agradecer a Deus por ter-se dignado usar de tanta bondade para com uma criatura tão pobre. Todos os seus desejos se voltam então para o momento em que no dia seguinte deverá recebê-lo no seu coração, embora pobre, último entre todos.

Onde seria possível encontrar um mortal mais feliz? Repleto de contentamento, voa para casa. Seu pai o vê; a figura radiante do filho o enche de estupor; suas carícias o enternecem; algo de inconcebível acontece em seu coração; aproxima seu filho, abraça-o; este, em transportes de alegria, lhe salta ao colo e lhe diz: ah, papai, se soubésseis como sou feliz!

Sim, sim, meu filho, acredito que sim; tenho certeza de que quanto antes te livrarás da tua primeira comunhão.

Não, não, acrescentou Pedro, vós me compreendeis mal; do que estais falando? O bom Deus amanhã vem morar no coração de Pedro, pobre e miserável criatura; aquele que fez o céu e a terra quer que eu me assente à sua mesa para alimentar-me com a sua carne; recebê-lo em mim, fazer uma coisa só com ele. Papai, compreendeis do que se trata? Deus me deixa plenamente livre de aproximar-me dele e de servir-me de seus imensos tesouros. De quantas riquezas eu posso prover a minha alma, quantas graças eu quero pedir para vós e para mamãe! Deus, sendo tão bom, como poderá recusar-me esses favores quando estiver comigo e dentro de mim? Ah, como eu quero falar com ele! Papai, vós serieis feliz, pois ele disse: pedi e recebereis.

O pai de Pedro, fora de si pelo estupor, dizia a si mesmo: é preciso que exista de fato outro tipo de felicidade além da que se encontra no fundo de uma garrafa; tenho inveja do contentamento do meu filho, da sua felicidade; sua alegria, sua felicidade me parecem sem misturas; ao contrário, os meus prazeres são sempre misturados com alguma amargura; por isso, não é sem certo sentimento de mau humor que no bar gasto o que poderia aliviar minha

mulher, que, aliás, é tão boa, tão afável para comigo, apesar das minhas ofensas.

Naquele momento, um pensamento generoso passou pela mente do pai de Pedro. Ele disse: eu também quero sentir a alegria que meu filho está para provar amanhã: mulher, toma, aqui está o dinheiro de toda a minha semana; amanhã, que é domingo, passarei o dia todo com a família, irei com Pedro para ver a sua primeira comunhão. Dê um jeito para que amanhã haja algum prato a mais, quero que estejamos todos alegres, alegres todos juntos.

Pedro, quase explodindo de alegria, salta de novo para o colo do pai, abraça-o e beija repetidamente. A mãe, com os olhos repletos de lágrimas, abraça os outros filhos, e todos correm a fazer festa em torno do feliz pai, fazendo-lhe mil carícias. Ele, por sua vez, experimenta em si uma alegria pura que no passado jamais tinha sentido; a vida de família e a felicidade de uma alma tranquila se tinham revelado nele.

Antes de ir para a cama, Pedro quis fazer o gesto de emenda, isto é, pedir perdão aos próprios pais por todos os desgostos que lhes causou no passado, e isto na presença de toda a família. Em alguns lugares, essa cerimônia costuma ser feita na igreja, estando reunidos todos juntos; em outros lugares, isso se faz em família.

Perdão, dizia Pedro, perdão, queridos pais, pelos desgostos que vos causei; tenho certeza de que não recusareis esquecer as ofensas que vos fiz. Deus, assim espero, já me perdoou, e vós levareis a minha felicidade ao máximo, se disserdes que posso ficar tranquilo quanto à vossa benevolência; vós vedes um pobre menino arrependido e que promete uma obediência sem limites para o futuro. Ah, sim, sim, perdoai-me!

O pobre pai, voltando os olhos, encontrou-se com o olhar de Pedro, ficou comovido até as lágrimas, e quase fora de si, dizia: pobre menino, tu me pedes perdão, enquanto sou eu que deveria pedi-lo e lançar-me aos teus pés e implorar a tua piedade por um pai que não foi para ti senão um carrasco; pouco lhe faltou para não explodir em soluços. Pondo as mãos sobre o rosto, deixou cair lágrimas abundantes, lágrimas doces, porque provinham de arrependimento.

Depois das orações da noite, feitas com fervor maior do que o normal, Pedro foi para a cama e logo adormeceu. O pai se aproxima e contempla sobre o pobre leito de palha o seu querido filho, cujo aspecto ressumava inocência e felicidade; rosto sereno e um sorriso lhe davam o aspecto de um anjo. Comovido, o pai vai para a cama, mas naquela noite o sono lhe foge, o remorso agita sua alma; de repente, um bom propósito nasce no seu co-

ração; pensa na sua vida passada, na felicidade que também ele em tempos idos provara, na tranquilidade e na felicidade do seu Pedro; entretanto, uma luta terrível entre o bem e o mal se trava no seu coração; e não lhe é mais possível ter paz, a não ser renovando a resolução de passar o dia de domingo com toda a família.

Capítulo IV. O dia da comunhão

Acordando, o primeiro pensamento de Pedro foi um ato de adoração e de amor, e ao mesmo tempo uma elevação do seu coração a Deus que naquela manhã ele iria receber. Feito o oferecimento do seu coração a Jesus sacramentado, consagrando a ele o dia inteiro, levantou-se e se vestiu com toda modéstia. Não pensemos que a visão da sua roupa nova e decente lhe tenha causado a mínima impressão, embora esta fosse a primeira vez que se via bem vestido, dado que suas roupas eram sempre de panos grosseiros e remendados. De fato, o que é uma roupa que cobre o corpo, em comparação com o ornamento de uma alma que se reveste de virtudes, que é diligente em evitar a menor vaidade, o mais leve defeito que possa desgostar o hóspede que quer vir fazer nela a sua morada?

Entretanto, toca o sino, todos os meninos, aos grupos, vão para a igreja; um se sente envaidecido pela sua roupa elegante, o outro se vangloria porque é acompanhado pelos pais ou porque muitos olham para ele. Pedro é todo humilde, não repara em ninguém; e vestido com as roupas que a caridade do padre lhe proporcionou, exemplarmente composto, vai para a igreja.

Que importava para ele possuir todos os bens da terra, se dali a pouco iria tomar posse das riquezas do céu, participar do festim celeste, sentar-se à mesma mesa dos seus afortunados companheiros e atrair sobre si e sobre sua família os favores celestes? Acompanhado pelo pai, entra na igreja; a compostura e a modéstia transparecem de todos os seus passos; seu olhar está sempre fixo no altar; nem uma palavra, nem um sorriso para os colegas. Seu pai o contempla, comovido; está imóvel, seus olhos se fixam sempre mais sobre aquela figura angélica.

Ao começar a missa, teve um novo motivo de estupor ao ver seu filho ler num livro. Reconheceu a bondade da sua esposa e a diligência que ela despendeu para com este querido menino. Entretanto, começam a ler em voz alta os atos preparatórios da comunhão, que são repetidos alternativamente pelos outros meninos. Com que atenção Pedro recita aquelas orações! Com que fervor o seu coração participa de tudo! Como ele se humilha diante de

Deus! Como ele se reconhece indigno do grande favor que o espera! Com que afetos renova o ato de arrependimento por ter ofendido a Deus, tão bom e tão digno de ser amado! Com que firme propósito promete evitar no futuro tudo o que poderia prejudicar a sua alma!

Finalmente chegou o grande momento há tanto tempo esperado. Três vezes este querido menino repete: Senhor, eu não sou digno da honra que vós me fazeis, eu não sou digno de que vós venhais ao meu coração; eu vou receber-vos só confiando na vossa misericórdia: Jesus, Jesus, vinde tomar conta da minha alma. Ditas estas palavras, ele estende um pouco a língua sobre seus lábios inocentes e recebe o Deus do céu e da terra, o soberano dos coros celestes que reverentes o adoram.

Naquele momento, Pedro não é mais filho de um pobre operário; é um anjo. No seu coração, ele possui Aquele que faz a verdadeira felicidade, a única felicidade da vida: ele possui Deus. O seu aspecto é radiante de luz, o seu coração transbordante de alegria, de reconhecimento, repete os mais entusiastas protestos de nunca mais descuidar seus deveres. Entretém-se com Jesus, a sós com ele; e depois de ter-lhe exposto a sua miséria, suas necessidades, as fraquezas da sua alma, depois de ter-lhe pedido algumas graças particulares, começou a dizer assim no seu coração: meu bom Jesus, eu vos possuo na minha alma, a vossa bondade para com uma criatura miserável me encoraja a pedir-vos ainda um grandíssimo favor. Tenho um pai que é testemunha da minha felicidade nesta igreja, vós o conheceis: oh, meu Jesus! Não penso em acusá-lo diante de vós, mas posso dizer-vos que ele vive longe das práticas da santa religião. Faz muito que sua alma não se nutre com o vosso sangue adorável; as más companhias o arrastaram para certos lugares onde não deveria ter ido. Mudai-lhe o coração, meu bom Jesus, fazei que ele volte a vós.

Vós dissestes: pedi e recebereis. Oh, então, com essa confiança, eu me dirijo a vós. Insisto, meu amável Salvador, eu não vos deixarei enquanto um raio de esperança não entrar no meu coração.

Minha pobre mãe, sim, meu bom Jesus, recompensai-a por todo o bem que ela me fez; dai-lhe paciência, a força para conduzir a bom êxito a minha educação e dos meus irmãos; dai-lhe um marido digno da sua virtude; e que a paz e a felicidade das almas puras comecem a reinar entre nós. Oh, Jesus, nós vivemos numa grande pobreza, mas eu vos peço que a transformeis em abundância; não vos peço senão o vosso amor, a vossa graça, para mim e para meus pais, e que a vossa santa vontade seja feita entre nós.

Durante este colóquio interior seu aspecto manifestava a viva comoção de sua alma. Seu pai, sempre com os olhos fixos nele, teria desejado chegar perto do querido filho e banhá-lo com suas lágrimas; mas não quis interrom-

per o agradecimento que ele tinha iniciado. Pedro recitou com os colegas alternativamente os atos que se fazem depois da comunhão, em seguida se retirou num canto da igreja e ainda passou meia hora lendo um livro devoto. Depois, para satisfazer seu pai e sua mãe, cheio de contentamento que experimenta quem realiza a maior ação da própria vida, concorda com seus pais e vai com eles para casa.

Em todo aquele memorável dia, Pedro foi constantemente um modelo para seus colegas e para quem pôde observá-lo. Depois de um almoço frugal, do qual participou o pai e ainda mais a afortunada mãe, voltaram para a igreja onde, naquela tarde, devia haver uma pregação, a fim de encorajar a perseverar no bem todos os que de manhã tinham feito a sua comunhão. O pai fez questão de acompanhar ele mesmo o próprio filho. Este, sempre repleto do pensamento do seu Deus, ficou triste em observar a dissipação que de tarde mostraram aqueles mesmos meninos que de manhã tinham feito a comunhão.

Outro louvável costume que há em muitas localidades e que seria desejável houvesse em toda parte, consiste na renovação das promessas batismais no mesmo dia em que os meninos fazem a sua comunhão pascal. E como não é costume fazer entre nós, Pedro quis fazê-lo em casa, na presença de Deus, de seus pais, e de toda a sua família.

Colocando-se de joelhos, com um pequeno crucifixo nas mãos, pronunciou com voz firme e sonora: eu renuncio para sempre ao demônio, às suas pompas e às suas obras, e prometo consagrar-me a Jesus por toda a minha vida. O pai não pôde aguentar mais ao ouvir aquelas ternas e sublimes expressões. Sentiu seu coração apertar; também eu, começou a dizer, fiz esta promessa, mas como é que a cumpri? A primeira comunhão para mim não foi mais do que uma formalidade que devia ser feita. Oh, se eu tivesse tido uma mãe como a de Pedro, certamente não teria abandonado os sacramentos no mesmo ano da minha primeira comunhão. Eu teria feito a felicidade para minha mulher, que merece um marido bem diferente do que sou; teria abandonado o bar e os falsos amigos, e um ganho honesto teria entrado na minha casa, com uma vida feliz para toda a família. Oh, Pedro! Tu me fizeste conhecer a verdadeira felicidade; perdoa teu pai. Meu Deus, perdoai este miserável; e dado que fostes tão bom para tornar meu filho tão feliz, eu também espero que vós não recusareis o meu arrependimento e a resolução que eu faço agora de começar uma vida nova, pois quero ser feliz como é meu filho e fazer a felicidade da minha família.

Parecia mesmo que naquela tarde a paz de Deus tivesse entrado naquela família. Que doçura para o coração de todos! Mais do que todos, eram felizes

a mãe e o filho por terem junto o chefe da família. Que alegria indizível o pai saboreava, alegria que esperava conservar por toda a sua vida!

As orações da noite foram feitas em comum, o pai tomou parte pela primeira vez. Quem pode imaginar a consolação da pobre esposa, vendo seu marido posto de joelhos em meio a toda a família? Nada podia ser comparado com a sua felicidade. Todavia, ela tinha um temor: estas boas intenções, dizia a si mesma, será que vão durar? Eu rezarei de todo o coração, e Pedro, que é tão íntimo do bom Deus, rezará ele também a fim de que ouça nossos pedidos e nos atenda.

Antes de deitar, Pedro abriu a janela que dava para a igreja, e dirigindo ainda um doce afeto a Jesus, que de manhã se tinha dado a ele, disse: eu vos saúdo ainda uma vez, meu bom Jesus, fazei que eu seja todo vosso agora e para sempre. Em seguida, com o coração cheio de santos afetos e o pensamento voltado para Deus, entre os braços do seu Anjo da Guarda, adormeceu.

Capítulo V. A conversão do pai

Na segunda-feira ficou decidido que Pedro voltaria a trabalhar na fábrica de fósforos até completar doze anos, e que de noite continuaria a ir à escola para aprender bem a ler e escrever. O pai trabalhou normalmente a manhã toda e depois do almoço, segundo seu malfadado costume, deixou seu local de trabalho. Sua mulher, muito inquieta, observava seus passos e ficou profundamente aflita quando soube que ele não tinha ido trabalhar.

Um companheiro o tinha arrastado, embora contra a vontade, e ele já estava no bar.

O que tens, lhe disse o companheiro, o que te deixa tão triste? Por acaso apanhaste da mulher? Esta estocada, acompanhada de uma gargalhada, despertou nele a lembrança do que tinha passado por seu coração no dia anterior.

João. – Eu estou aqui, respondeu ele, mas não sei onde deveria estar; aqui não cumpro meus deveres, nem faço o que deveria fazer. Adeus, quero ir embora.

Companheiro. – Vamos, vamos; por acaso é o teu Pedro que te faz girar a cabeça? Porque me disseram que ontem tu deste uma de impostor na igreja. Manda embora a tristeza, fica alegre. À tua saúde, viva a alegria! As coisas de igreja são para mulheres e crianças.

João. – Sim, mas minha mulher e meu filho são mais felizes do que eu, pois eles têm a consciência tranquila e eu estou aqui atormentado por remorsos.

Companheiro. – Vamos, alegra-te, toma um copo de vinho, dois copos, e verás como o bom tempo volta logo.

João. – Isso é impossível.

Companheiro. – Tá bom, tá bom! Eu vou encontrar logo o remédio. Balconista, traga uma garrafa, do bom, do melhor! Aqui está o remédio que cura todos os males; bebamos; à saúde de tua mulher e da minha!

Naquele momento, Pedro passa por perto, voltando do trabalho: seu pai o vê; para ele foi como um raio caído do céu. Levanta-se depressa, corre para a porta, chamando: Pedro, Pedro, escuta, vem aqui, meu querido!

Pedro. – Papai, papai, o que estais me pedindo? Sabeis muito bem o que ontem prometi a Deus. Querido papai, abraçai-me, eu volto ao meu trabalho.

O pobre Pedro, todo triste, entrou na fábrica de fósforos. Resolveu não dizer nada, antes, redobrar as orações pelo seu pobre pai. Entretanto, João voltou para o bar, mas parece atordoado; seu companheiro percebe e começa a dizer-lhe assim: eu te falei, amigo, que era teu filho que te fazia girar a cabeça. Também o meu ontem fez a sua comunhão. Ele já se livrou dessa obrigação; não te preocupes, ele será o que quiser. Irá à igreja quando quiser; eu nunca o impedirei, mas quando for adulto, tenho certeza de que fará como seu pai e sua mãe. Olha, aqui está, à tua saúde; vamos, manda a tristeza passear!

Esta asneira sem tamanho, em vez de fazê-lo sorrir, lhe oprimiu ainda mais o coração. A lembrança de sua esposa e do seu Pedro martelava continuamente na sua cabeça.

João. – É impossível achar graça; eu vou abandonar esse copo, boa-noite, vou-me embora, até mais. Dizendo isso, saiu.

Companheiro. – Que é isso, João, espera, uma palavra só. Mas João já tinha saído e não voltou mais. Aí está, disse o companheiro, aí está um impostor, que se deixa conquistar por conversas de mulheres e crianças.

Outro companheiro. – É verdade, mas ele não está totalmente errado, pois tem uma mulher virtuosa e um menino tão bom que merece o melhor. Esse, sim, ama de verdade seu pai e não lhe responde com arrogância, como faz o meu! Quando penso que ontem de manhã, depois da sua comunhão, chegando em casa, me tratou com insolência, como se faz com um cachorro, ah, o que vai ser mais tarde, quando tiver dezoito ou vinte anos? Ele não terá mais fé, nem lei, zombará de seu pai e de suas ordens, precisamente como fazia sempre. É preciso confessar, é a religião que torna a esposa de João tão virtuosa, seu filho tão respeitoso e obediente; é a religião que traz felicidade para a família. Certamente, se tivesse tido uma mulher como a dele, e se meu

filho tivesse tido a sorte de ser criado como o dele, eu não seria tão desgraçado e obrigado a espantar a tristeza da vida com uma garrafa de vinho.

Mas, aonde foi o pai de Pedro? Como se tivesse perdido a cabeça, desmemoriado, caminha cambaleando da praça para fora da cidade, sem saber para onde ir. De repente, sem se dar conta, está diante da igreja onde, no dia anterior, tinha provado tão doces consolações. Vamos, ele murmura, o Deus de Pedro e de minha mulher está aqui, eu quero entrar, aconteça o que acontecer. Seus passos o encaminham irresistivelmente para o altar onde tinha sido testemunha da felicidade do seu filho; maquinalmente se põe de joelhos. Repassando em seu coração as emoções do dia anterior, sente-se tomado de arrependimento e de tamanha comoção que seus olhos se desfazem em lágrimas. Por longo tempo ficou ali absorto em suas reflexões, quando sente que alguém o toca no ombro: era o padre da igreja. Desconfiando que o homem estivesse passando mal, o padre o toma pelo braço e o leva para a sacristia. E lhe diz: vós me pareceis estar sofrendo de algo muito doloroso, contai-me os vossos sofrimentos, eu sou ministro do Deus da consolação; o que eu poderia fazer para confortá-lo?

Um profundo suspiro foi a sua resposta.

Padre. – Falai, amigo, eu sou um pobre padre que já viu de tudo em termos de miséria, qualquer desgraça humana não me impressiona mais; falai, abri vosso coração, vós estais falando com um amigo. Animado por estas doces palavras, que jamais tinha ouvido da boca de seus falsos amigos, ele conta as suas impressões do dia anterior, seus suspiros, suas promessas, a bondade e amabilidade da esposa, a docilidade e as carícias do seu filho maior.

Padre. – Pois bem, meu amigo, não é por acaso vosso desejo de tornar-vos digno da vossa família e de reconquistar a amizade com aquele Deus que tornou vosso filho tão feliz?

João. – Ah, sim! É isso que eu quero, é precisamente isso que de ontem para hoje me atormenta continuamente a alma.

Padre. – Isso não é um tormento, meu caro, é a graça de Deus que vos convida, é Deus que vos faz lembrar os vossos pecados e a sua infinita bondade, são as orações de vossa esposa e do vosso filho que subiram ao céu. Coragem, meu amigo, uma boa confissão, um propósito firme de mudar de vida, eis o remédio para o vosso tormento. Não é verdade, bom senhor, que estais disposto a confiar-me vossos remorsos de consciência?

João. – Gostaria de todo o coração, pois vós me pareceis tão bom; mas o que dirão meus companheiros?

Padre. – Por acaso, são os companheiros que vos darão a felicidade que não tendes? Vede para que servem vossos companheiros. Eles só servem para vos fazer beber, para vos fazer gastar muito mal o vosso dinheiro, afastar-vos da vossa mulher e de um filho que vós amais, e dos quais sois ternamente amado. Deixai que os companheiros falem o que quiserem, mostrai que sois homem e tendes coragem, que não tendes vergonha de cumprir os próprios deveres. Quando tiverem falado de vós e dado suas risadas, calarão, vos louvarão, e por fim dirão: pelo menos este cumpre livremente o seu dever.

João. – Vós tendes razão; vede, minha mulher pensa que estou no bar, eu acabei indo para lá arrastado por um resto de mau hábito; um companheiro me enganou, apesar de ser contra minha vontade: eu não consegui me furtar ao seu convite; em seguida fui embora, andei de cá para lá, da praça até fora da cidade, quando finalmente me encontrei por acaso diante desta igreja e entrei...

Padre. – Pois bem, meu amigo, é Deus que vos conduziu para aqui; ele vos ama muito, como podeis constatar. Ele quer restituir-vos a tranquilidade da vossa alma e restituir a felicidade à vossa família. Amigo, ouvi sua voz, eu tenho compaixão de vós; vós não sois feliz. Aceitai o meu conselho: colocai-vos lá de joelhos, fazei uma boa confissão e logo sentireis a paz entrar de novo no vosso coração.

Pronto, o sacrifício do amor próprio estava feito, o respeito humano fora superado! Entre lágrimas e soluços, ele fez a primeira confissão; outra confissão ficou marcada para a tarde seguinte. Um bálsamo foi derramado sobre aquela alma há tanto tempo agitada por remorsos; uma alegria indizível ilumina o seu rosto. Como quem encontrou um grande tesouro, João, com o coração repleto de alegria, corre apressadamente para casa. A própria esposa está muito espantada ao ver o marido se apresentar com rosto alegre e sereno, e mais ainda pelo fato de ele voltar para casa antes do tempo normal da segunda-feira.

Ela lhe pergunta: donde vindes, João?

Eu venho do bar, em seguida venho da igreja, disse João. Fui dizer um adeus eterno ao primeiro, e na segunda encontrei um bom padre que me viu transtornado, a quem contei meu tormento, e ele me animou a usar o único remédio, a confissão. Realmente, movido pela sua bondade e gentileza, eu me entreguei a seus conselhos, e agora estou aqui todo contente comigo mesmo; e venho dar um esposo à esposa, um pai aos filhos, que por tanto tempo ficaram abandonados.

Não é possível exprimir a comoção da pobre mulher e a alegria de Pedro ao saber que seu pai tinha dado um adeus definitivo ao jogo e ao bar, tinha ido

à igreja e se tinha confessado. Precisaria um volume inteiro para falar da felicidade desta família reunida desde que o seu chefe mudou de comportamento e recuperou a graça de Deus por meio da absolvição dos seus pecados, e que recebeu no coração um Deus que por tanto tempo tinha ofendido.

Apesar da miséria, a alegria começou a morar naquela casa, pois todos praticavam a religião, única fonte da verdadeira felicidade. Uma amabilidade muito grande começou a reinar entre eles, pois o marido, no domingo e na segunda-feira, não mais jogava fora num só dia os ganhos de uma semana inteira. A esposa, bondosa e atenta, sempre encontrava um meio de economizar alguma coisa para oferecer meio litro de vinho ao seu marido depois do almoço do domingo, a fim de que ele não se privasse totalmente do prazer que lhe proporcionara o bar. Todos participavam dos ofícios divinos na igreja; depois da pregação e da bênção, o pai e os filhos iam dar um passeio; no inverno passavam suas tardes, em família; às vezes o pai, com o seu querido Pedro, vinha até nossa casa, passar a tardinha em agradável e honesta diversão, assistindo as encenações, as comédias ou coisas semelhantes que costumamos oferecer no nosso Oratório nas noites festivas de inverno.

Na segunda-feira, o trabalho progredia como nos outros dias da semana.

Os companheiros de João fizeram um pouco de barulho a respeito dele por causa do seu novo modo de vida, mas logo se cansaram, deram lugar à estima, que ele soube inspirar neles com o seu bom comportamento.

Manhã e noite recitavam as orações em comum; todos se aproximavam com frequência da confissão e da comunhão; muitas vezes foram vistos, pai, mãe e filhos, um depois do outro, fazerem a sua confissão, e em seguida todos juntos receberem devotamente a comunhão.

Assim, uma família, por diversos anos mergulhada na desolação por causa de um pai transviado que incautamente esquecera os deveres de marido e de cristão e também esquecera a religião, depois de doze anos de tribulação, voltou a viver dias de paz e tranquilidade, porque somente a religião ou a graça de Deus podem tornar o homem verdadeiramente contente e feliz.

Capítulo VI. As vicissitudes da juventude

Certamente o leitor quererá conhecer a continuação desta narração; de bom grado vou satisfazê-lo; todavia, para manter-me dentro de uma discreta

brevidade, considero oportuno omitir o que se refere aos pais de Pedro, e deter-me unicamente nos acontecimentos que se referem a ele.

Começarei referindo os propósitos feitos na sua primeira comunhão, acenando rapidamente à maneira como ele os observou na sua juventude.

Um dia, chegou às minhas mãos um livro de orações; abri e encontrei um pedacinho de papel escrito com letra firme, mas com alguns erros de ortografia. Comecei a lê-lo e logo me dei conta de que eram as anotações de Pedro por ocasião da primeira comunhão. Embora escrito com palavras muito simples, como é fácil de compreender num menino de onze anos e que apenas começou a ler e escrever, todavia, dada a candura e a importância do assunto, julgo oportuno transcrevê-lo aqui sem nenhuma correção, certo de que poderá servir de modelo para todos os que fazem a primeira comunhão. Aqui está, portanto.

"Regras de vida estabelecidas por mim, Pedro, no dia feliz em que fiz a primeira comunhão, em 12 de abril de 1845, com a idade de 11 anos completos.

"Ponho-me de joelhos e na presença de Deus, prometo que amanhã, apenas tiver recebido a sagrada hóstia, farei os seguintes propósitos a fim de poder salvar a minha alma.

1° Prometo que Deus será sempre meu pai e Maria Santíssima, minha mãe, e eu quero amá-los e obedecer-lhes.

2° Confessar-me cada quinze dias ou uma vez por mês, e comungar segundo a autorização que me dará o confessor.

3º Santificar as festas de preceito, indo sempre à missa, à pregação e à bênção do Santíssimo.

4º Todos os dias ler algumas páginas de um livro de devoção e todos os dias recitar uma *Salve Rainha* à Virgem Maria por meu pai e minha mãe, para que se salvem.

5º Com humildade de coração pedirei a Jesus, quanto estiver em mim, duas graças especiais: 1ª de poder fugir sempre dos maus companheiros; 2ª de poder conservar a virtude da modéstia até o fim da minha vida, como fez São Luís.

6º Lerei e renovarei estes propósitos uma vez por mês, de joelhos, diante do crucifixo. Assim seja.

Santa Maria, salvai a minha alma, a alma de meu pai, de minha mãe, e a alma dos meus irmãos e das minhas irmãs. Assim seja."

Estes são os propósitos que Pedro fez na sua primeira comunhão. Como é fácil perceber, o bom Pedro ajeitou da melhor maneira alguns sentimentos, talvez ouvidos nas pregações do tríduo feito em preparação à Páscoa, da maneira que lhe parecia melhor. Apesar disso, ele considerou ser seu dever sagrado observá-los.

Antes de lhe devolver o livro de orações, perguntei-lhe se até então tinha mantido as promessas feitas e escritas naquela lembrança. Até agora, sim, me respondeu, e espero mantê-las até a minha morte. Creio que seria uma grande mentira dizer a Deus uma coisa e depois não cumpri-la.

Chegando à idade de treze anos, os pais de Pedro, vendo-o capaz de assumir uma nova profissão, colocaram-no a trabalhar na fábrica de algodão. O novo trabalho, embora rendesse algum soldo a mais em termos de ganhos temporais, era para ele um obstáculo para as práticas religiosas; pois seu patrão, ora com o pretexto de ter pressa nos trabalhos, ora por encarregá-lo de algumas tarefas especiais, fazia-o trabalhar o dia todo nos dias de preceito. Pobre de mim, dizia Pedro, Deus manda santificar os dias festivos e eu sou obrigado a profaná-los; de que jeito as nossas fadigas podem ser abençoadas por Deus? Falou sobre isso com os pais, que se sentiam mal em permitir que o filho continuasse nesse tipo de trabalho. A mãe dizia com frequência: imagina, Pedro, quanto sinto em ver-te passar a maior parte do dia do Senhor em trabalhos profanos. E assim mesmo, não sei o que fazer. Falei com o nosso padre e ele me aconselhou a ter paciência, porque não é possível agir diversamente; entretanto, somos obrigados a buscar outro tipo de trabalho; enquanto isso, toleramos aquele patrão até que seja possível encontrar um trabalho mais adequado.

A Providência divina veio em socorro de Pedro, mostrando com os fatos, que o lucro dos dias santos leva todo o trabalho à ruína. Eis o caso. Houve um incêndio no estabelecimento do patrão; depois sua firma entrou em falência; morreram seus dois filhos; a mulher ficou por mais de um ano doente; de tal modo que foi obrigado a passar a outros a sua fábrica e, de patrão, tornar-se simples operário.

Enquanto estava com esse patrão, de que modo Pedro pôde praticar os deveres de religião? Quem deseja realmente fazer o bem, sempre encontra tempo para isso. Todos os domingos, levantando-se muito cedo, antes de ir ao trabalho, ouvia a santa missa, após a qual se fazia a pregação. Depois do almoço, se possível, ia também à instrução, senão, no fim do dia, frequentava a bênção do Santíssimo em alguma igreja. – Também encontrava tempo para se confessar. Se não podia ir num dia, ia no sábado à tarde, sempre com o mesmo confessor, fazendo depois a comunhão no domingo; às vezes, muito

cedinho, antes de ir para o trabalho. Era também perseverante em ler todos os dias algumas páginas de um livro de devoção; e dado que com frequência lhe faltava tempo, levava na sua sacola o *Jovem Instruído,* e na ida ou na volta do trabalho, lia algum trecho, que ele procurava decorar, para depois, como costumava dizer, dá-lo em alimento aos seus pensamentos, e alguma vez também para contá-lo aos seus colegas.

O novo patrão de Pedro foi mais humano e também mais cristão do que o primeiro. Instruído pelas desgraças do seu antecessor e plenamente persuadido de que a santificação das festas é mandamento de Deus que traz consigo a bênção celeste sobre o que se faz durante a semana, fazia com que todos cumprissem suas tarefas e que todos estivessem no local de trabalho na hora marcada; mas no sábado à noite mandava fechar o estabelecimento e não o abria a não ser na segunda-feira. Esta decisão foi sua fortuna. Todos iam trabalhar de boa vontade, eram pontuais no cumprimento do próprio dever, e ninguém gazeava a segunda-feira; assim, os seus trabalhos progrediam prosperamente.

Pedro também foi muito favorecido pelo novo patrão, o qual, observando sua fidelidade, pontualidade, dedicação, logo lhe aumentou a diária: de dez soldos passou a pagar-lhe quinze. E dado que, mediante a assiduidade às aulas noturnas, Pedro chegou a aprender bem a aritmética e o sistema métrico, com elementos da língua italiana, seu patrão o considerou capaz de manter o registro do trabalho de determinado número de companheiros, com o encargo de vigiar para que não acontecessem desentendimentos ou se estragasse alguma coisa ao fiar e ao tecer o algodão.

Este encargo agradou aos companheiros, que não podiam ter um assistente mais paciente, mais caridoso; contente ficou o patrão, que dificilmente teria podido confiar essa tarefa a pessoa mais fiel e mais diligente do que ele. Contente ficou também Pedro, pois, com aquela sua autoridade, enquanto vigiava que cada um atendesse ao próprio trabalho, podia também impedir blasfêmias ou nomear o santo nome de Deus em vão, ou ter más conversas. O que mais? Para quem ama a Deus, tudo corre bem. O patrão, observando o bom comportamento de Pedro e as vantagens em tê-lo como responsável, lhe aumentou diversas vezes o pagamento. De tal modo que Pedro, apenas com dezessete anos, já tinha alcançado um estipêndio fixo de dez francos por semana. O que foi um verdadeiro dom da Providência, pois seu pai, que há vários meses sofria de alguns incômodos, não podendo mais cumprir seu dia de trabalho, a manutenção da família ficava quase toda por conta de Pedro.

Quantas vezes a bondosa mãe abençoava o tempo usado na educação do filho! Quantas vezes o pai agradecia a divina Providência por ter-lhe dado uma esposa que soubera insinuar tão bem princípios religiosos no coração do seu Pedro, que então era a consolação e o sustento da família inteira.

Capítulo VII. Fatos particulares

Não pensemos que Pedro não tenha tido maus encontros, pois a juventude é a idade dos perigos e estes se acham por toda parte e entre todos os tipos de pessoas. Pedro teve muitos deles: mas com sua coragem e com a ajuda da graça de Deus, livrou-se de todos, sem se deixar arrastar pela corrente do mal. Contarei alguns.

Num dia santo, era dia de São Pedro, alguns companheiros o convidaram para ir com eles numa festa. Vem, Pedro, lhe disseram, queremos pagar-te um bom lanche.

Pedro. – Obrigado, meus amigos, irei de bom grado, mas depois de ter assistido as celebrações da igreja.

Colegas. – Depois iremos também às celebrações, temos tempo.

Pedro. – Não, antes vamos fazer o que Deus manda, depois o que os homens querem.

Colegas. – Se formos com você à igreja, virá com certeza?

Pedro. – Irei com certeza, mas com a única condição que vocês já conhecem.

Colegas. – Qual?

Pedro. – Que não tenham más conversas.

Os colegas, pelo prazer da companhia agradável de Pedro e também porque esse era o desejo dos pais de cada um deles, foram às vésperas, à pregação e à bênção do Santíssimo. Tendo ido em seguida para o lugar acertado para o piquenique, de repente Pedro se viu num imbróglio tanto mais grave quanto menos podia imaginar. A festa de São Pedro naquele ano caía numa sexta-feira, e aqueles jovens, em boa fé ou por malícia, o fato é que mandaram preparar um lanche com carne. Pedro se deu conta imediatamente da embrulhada em que se tinha metido. Sim, vocês me aprontaram uma muito boa, começou a dizer aos companheiros.

Um colega. – O que é, Pedro?

Pedro. – Vocês não lembraram que hoje é sexta-feira? A nós cristãos não é permitido comer carne nesse dia.

Colegas. – É verdade, não pensamos nisso; mas, agora, o que fazer, agora que está tudo pronto?

Pedro. – Agora não deixa de ser sexta-feira, nem o mandamento da Igreja deixa de obrigar.

Colegas. – Mas nós não pensamos nisso, nem fizemos de propósito.

Pedro. – Mas se agora comemos carne, pensamos e a comemos de propósito.

Colega. – Pedro, eu creio que, por uma vez, podemos comer tranquilamente.

Pedro. – Eu sei que é proibido comer carne na sexta-feira, no sábado e nas outras vigílias prescritas; nem eu vejo como se possa comer uma só vez, sem que haja um motivo grave, como seria uma doença grave.

Outro colega. – Pedro, deixe tudo na minha consciência; outrora, sim, que era proibido, mas agora todos comem.

Pedro. – Você é bem engraçado em querer assumir essa responsabilidade na sua consciência; mas se eu vou para o inferno, você não virá tirar-me de lá. Além disso, nunca ouvi dizer que os preceitos da Igreja se podem transgredir sem pecar.

Colega. – Mas nos tempos atuais todos comem.

Pedro. – Desculpe, não é verdade que todos comem: eu conheço muitos que fazem abstinência nos dias em que é proibido comer carne; e mesmo que no caso de todos comerem, por acaso no inferno não haveria lugar para todos? Talvez nos tempos atuais não é mais Deus quem manda? Mudam os tempos, mudam os homens, mas a lei divina nunca muda.

Colega. – Não é Deus que manda fazer abstinência, mas a Igreja.

Pedro. – Mas é Deus que governa a Igreja, portanto, o que a Igreja manda, é Deus que manda.

Colega. – Pedro, escute com calma: que importa a Deus se nesta tarde eu como uma fatia de salame ou uma fatia de queijo?

Pedro. – Que importa a Deus que Adão tenha ou não comido aquela fruta? Entretanto, você sabe o castigo terrível que lhe caiu nas costas. Caro amigo, nas coisas mandadas por Deus, não devemos perguntar o que importa a Deus, mas quais são as consequências a nosso respeito. Não posso impedir vocês de comer carne; mas eu nunca comerei.

Colega. – Mas, Pedro, você não sabe que quando há uma causa grave, pode-se comer carne? Quando meus pais estão doentes não reparam se é sexta-feira.

Pedro. – Está bem o que você diz, mas aqui não vejo nenhuma causa grave; nós estamos em plena forma.

Colega. – Tudo bem, mas o que você quer que façamos com isso aqui?

Pedro. – Eu sou amigo de vocês, sou seu colega, mas não sou seu ecônomo. Isto aqui se pode conservar ou fazer disso outro uso, mas não comer.

Outro colega. – Escute, Pedro. Você sabe muito bem que estamos em tempo de constituição, em tempo de liberdade; tempo em que cada um pode escrever, falar, pensar, fazer como quer.

Pedro. – A liberdade de que você fala não pode existir nas coisas mandadas ou proibidas pela legítima autoridade humana, quanto menos quando mandadas por Deus. No céu não há constituição que possa anular a lei divina: nem entre os preceitos de Deus há liberdade para fazer ou pensar como cada um quer. Sua santa lei é eterna; obrigava ontem, como obriga hoje; e nenhum ser humano pode introduzir nela a mínima mudança. Se vocês quiserem insistir quanto à palavra liberdade, façamos assim: eu os deixo em liberdade para comer o que vocês quiserem; e dado que eu não posso impedir vocês, vocês também certamente serão tão gentis de me deixarem em liberdade para comer o que eu quero.

Ouvindo essas palavras, mais ninguém quis fazer alguma observação a Pedro; e deixando de lado qualquer discussão, puseram-se à mesa para comer, e Pedro com eles. Os olhos de todos estavam voltados para Pedro. Ele, entretanto, muito alegre, toma um pedaço de pão com cerejas e se põe a comer com grande apetite. Vendo isso, um colega comenta: se Pedro come desse jeito, eu também vou fazer o mesmo; e deixando de lado o frango e o salame, que já estavam postos nos pratos, pegou uma fatia de queijo. Em seguida, outro, depois um segundo, um terceiro, outro ainda... acabam fazendo o mesmo.

Agora eram somente três os que comiam carne. Embora lhes desagradasse ter que parar, todavia, confusos pelo exemplo dos outros e pelos remorsos de consciência, também eles começaram a comer somente queijo e fruta. Comeram alegremente. Pedro não podia conter em seu coração a alegria ao ver que conseguira impedir que seus colegas ofendessem a Deus. Terminado o lanche, Pedro divertiu muito seus amigos com algumas anedotas e brincadeiras inocentes; pois, embora fosse muito reservado no falar, era muito alegre e brincalhão nas conversas, e quando estava com outras pessoas, podia-se dizer que era a alma do grupo.

Chegando o fim da tarde chegava ao fim também a diversão. Quando todos estavam para voltar para a própria casa, Pedro os saudou desse jeito: colegas, vocês hoje me deram uma grande prazer ao proporcionar-me a opor-

tunidade de honrar o Santo de quem trago o nome. Mas a minha alegria foi muito maior quando vi que todos vocês acabaram fazendo abstinência. No futuro, vocês todos serão meus queridos amigos e, dado que hoje pagaram tudo, eu os convido para depois de amanhã, domingo à tarde, virem à minha casa comer um pouco de carne por minha conta. Meus pais me querem muito, eles também tomarão parte na nossa alegria. Os colegas aceitaram o convite, e no domingo seguinte, depois de cumprir os deveres religiosos, foram para a casa de Pedro. Seus pais, que desejavam festejar o dia onomástico do seu querido Pedro, ficaram muito contentes por aquele encontro, de tal modo que a mãe caprichou para que nada faltasse do que podia contribuir para uma saborosa refeição entre verdadeiros amigos.

Assim, Pedro teve a alegria de ver aqueles seus colegas encaminharem-se para as celebrações sagradas e impedir que violassem os preceitos da Igreja. Além disso, se tornaram amigos fiéis de Pedro, e nos dias santos continuaram a ir com ele para a igreja, nada omitindo do que deve fazer um bom cristão para santificar o dia santo. Quanto bem pode fazer um companheiro corajoso e verdadeiramente cristão, e que não se deixa dominar pelo respeito humano!

Capítulo VIII. Singularidade da sua devoção

Deus diz que o caminho pelo qual um jovem envereda nos primeiros anos de sua vida haverá de percorrê-lo na sua juventude, na idade madura, na velhice, até o túmulo. Feliz quem tem a dita de se entregar a Deus na juventude! Eles já têm um penhor quase certo da salvação eterna. Esse tipo de felicidade coube ao nosso Pedro. Ele se entregou a Deus logo cedo e com o andar dos anos cresceu maravilhosamente na virtude. E o que mais impressiona é que, quanto mais ele procurava se aproximar de Deus, tanto mais se escondia aos olhos dos homens.

Por isso, aqui acenarei a alguns episódios que se referem à singularidade da devoção de Pedro.

Nos dias santos, depois das celebrações sagradas, entre nós é costume organizar jogos no recinto do Oratório, para que os meninos que o frequentam possam passar o tempo agradavelmente em honestos divertimentos. Pedro assistia, conversava, animava e se divertia com os divertimentos dos outros, mas quase nunca tomava parte neles. O que ele fazia, então? Quando todos os colegas estavam brincando, cantando, correndo, jogando e coisas semelhantes, eu o via espertamente se afastar e com muito jeito ia para a igreja. Observando-o, sem que ele percebesse, dei-me conta de que toda a sua esper-

teza o levava a fazer uma visita ao Santíssimo Sacramento, a recitar o terço e a percorrer as estações da *Via Sacra.*

Perguntando-lhe um dia que, com toda a confiança, me dissesse por que escolhia aquele tempo para rezar, e que finalidade ele tinha para aquelas orações, respondeu: escolho essa hora porque os meu colegas, estando ocupados no recreio, não vêm me perturbar. E essas orações têm como finalidade sufragar as almas do purgatório. Pobres almas, ele dizia, comovido, pobres almas! Nós podemos sufragá-las e fazer com que elas vão imediatamente estar junto de Deus; não seria crueldade omitir o que podemos fazer para aliviá-las?

Apesar da sua diligência em escolher o tempo em que não fosse observado, todavia, alguns colegas, também eles muito devotos, deram-se conta e lhe seguiram o exemplo. Dali surgiu o costume que se conserva ainda hoje de recitar o terço depois da bênção do Santíssimo Sacramento, do qual participa somente quem quiser, sem haver nenhuma obrigação, enquanto a maior parte dos jovens se diverte no pátio.

Seu coração era tão bom e afetuoso que se enternecia ao ouvir falar de coisas espirituais. Bastava falar-lhe do paraíso, do amor de Deus ou dos seus benefícios, que ele logo se comovia. Um dia, estando perto de mim junto com seus companheiros, disse-lhe estas palavras: meu caro Pedro, se você for sempre bom, que grande festa faremos um dia no paraíso junto com Deus! Estaremos sempre com ele, lá nos saciaremos com suas delícias e o amaremos eternamente! Ouvindo essas palavras, ditas quase por acaso, eu o vi imediatamente empalidecer, desmaiar, e certamente teria caído ao chão se os colegas não o tivessem amparado.

Lembro um caso ocorrido em Giaveno, quando um grupo de jovens foi fazer os exercícios espirituais. No início de cada pregação ele se punha em algum canto, como para observar de que assunto o pregador iria tratar. Notei que às vezes ele ia se aproximando sempre mais do pregador, outras que saía depressa da igreja. Vendo que isso ocorria com frequência, eu quis saber o motivo; por isso, um dia lhe perguntei: Pedro, que novidade é essa, que você não ocupa seu próprio lugar como os outros colegas? Por que fica no fundo da igreja? Ele respondeu: faço isso para não importunar meus colegas. Respondi: de que modo você receia importunar os colegas? Veja, me respondeu, se o pregador tratar do pecado mortal, não posso suportar, sinto meu coração oprimido de tal modo que preciso sair ou gritar.

Então compreendi por que, às vezes, ele saía improvisamente da igreja do Oratório, apressadamente, e até mesmo gritava ou fazia movimentos estranhos. Por isso, quando ele estava presente nas minhas pregações, eu procurava

moderar as minhas expressões; mas bastava pronunciar a palavra pecado mortal com um pouco de emoção, que depressa ele saía do banco e fugia. Razão pela qual, no momento da pregação, costumava ficar perto da porta da igreja.

Esses fatos, segundo os mestres de vida espiritual, demonstram duas verdades importantes. Em primeiro lugar, nos mostram quão pura e inocente era a alma de Pedro, se ele sentia tão forte emoção só de ouvir falar das coisas espirituais. Depois, quão profunda e enraizada era a sua aversão ao mal; doce presságio da continuação na virtude para o futuro.

Apesar das muitas ocupações a que ele devia atender junto ao próprio patrão e na sua própria casa paterna, encontrava tempo para a oração e para as demais práticas religiosas. De manhã, levantava bem cedinho, ouvia a santa missa, durante a qual recitava as orações comuns e o santo terço, e muitas vezes fazia também a comunhão. Ao meio-dia, dispunha de duas horas de tempo que ele, em vez de passá-las brincando, como muitos fazem, ajudava seus pais a ajeitar as coisas de casa, fazia com que seus irmãos menores recitassem as lições da escola, e em seguida, um quarto de hora antes do tempo estabelecido, já estava a postos no seu lugar de trabalho para distribuir a cada um a própria tarefa, à medida que os companheiros iam chegando.

Ocupava conscienciosamente qualquer retalho de tempo e, podendo, ao trabalho material unia a oração. Ao ir e voltar do trabalho, ao cumprir tarefas em lugares um tanto afastados, se estava sozinho, entregava-se à oração. A este propósito não quero deixar passar um fato do qual eu mesmo fui testemunha.

Uma tarde, perto do escurecer, eu voltava para casa passando pela alameda que do rio Pó vai até Porta Palazzo. Chegando a certo ponto do caminho, alcancei um jovem que carregava um pesado tronco de madeira revestido de grossos pedaços de ferro em forma de cravos. Parecia que o rapaz, sob o peso daquela madeira, falava alguma coisa. Pobre rapaz, pensei, deve estar muito cansado. Quando cheguei perto, vi que, ao inclinar a cabeça como se costuma fazer para o *Gloria Patri* ou quando se pronuncia alguma coisa de grande veneração, ele rezava. Era Pedro.

Pedro, eu lhe disse, você me parece muito cansado!

Pedro. – Não muito; fui fazer um serviço para meu patrão, levo o cilindro de uma máquina que se estragou e que ele mandou consertar.

Eu. – Eu tinha a impressão de que você estava falando; com quem?

Pedro. – Veja, esta manhã não pude ir à missa, por isso não rezei o terço, e como estou sozinho pelo caminho, aproveito para rezá-lo agora, porque hoje

é terça-feira, dia em que morreu minha tia que me tinha feito tantos favores. Não podendo demonstrar-lhe de outra forma a minha gratidão, todas as terças-feiras rezo o terço pela sua alma.

Exemplo muito digno de imitação, especialmente pelas pessoas que receberam algum benefício. A oração é um meio facílimo e muito eficaz para recompensar de alguma forma quem nos beneficiou.

Capítulo IX. A separação da casa paterna

Um fato desconcertou toda a família. Foi a convocação para o serviço militar, à qual Pedro teve que se submeter por causa da idade. A sorte não o favoreceu e teve que se alistar no exército. Não se pode dizer a desolação de seus pobres pais.

Pobre de mim! Ia exclamando o pai, doente, estou chegando à velhice; as forças e a saúde me abandonaram; não consigo nem ganhar a minha comida; o único sustento era meu filho Pedro. Agora ele vai para o exército; pobre de mim, pobre da minha família! A desolação e a miséria vão me levar logo para o túmulo.

Pedro. – Não vos preocupeis, papai, somos cidadãos, devemos servir a pátria. Também nisto é preciso reconhecer a vontade de Deus. Toque a quem tocar, é preciso ter paciência e conformar-se. Nem quero que vos lamenteis por medo da miséria. Vamos pôr nossa confiança em Deus; observemos a sua lei, ele não deixará de vir em nossa ajuda.

Pai. – Mas quem me ajudará?

Pedro. – Deus será a nossa ajuda; minha mãe continuará a dar-vos assistência; tenho dois irmãos que já começam a ganhar alguma coisa; eu também farei o que puder para vos ajudar.

A mãe, sempre bondosa e solícita pelo bem espiritual do filho, mais ainda do que pelo bem temporal da família, na noite que precedia a partida de Pedro, levou-o a um quarto um tanto afastado e, tomando-o pela mão, lhe disse: Pedro, amanhã tu deixarás a casa paterna, deixarás teus pais; quem sabe se ainda nos veremos nesta vida. Quantos pensamentos estranhos apertam meu coração neste momento!

Pedro. – Não choreis, mamãe, vós me deixais desarmado falando assim.

Mãe. – Não choro por causa da tua partida; eu sou cristã e sei quais são os meus deveres para com Deus e para com a pátria! Mas, meu caro Pedro, a

lembrança de que já passaste vinte e um anos debaixo dos meus olhos, sempre bom, sempre amante da religião, sempre frequentando os santos sacramentos, sempre longe dos maus companheiros, agora que te vejo partir para prestar o serviço militar, no qual há tantos perigos por parte das pessoas com quem te encontrarás e dos lugares para onde serás enviado, ah, este pensamento me aflige, me faz penar e me faz temer alguma desgraça para a tua alma.

Pedro. – Compreendo o vosso sofrimento, mamãe, os vossos temores são fundados. Mas também nisto já pensei. Esta manhã fiz a minha confissão e a minha comunhão e, se com a ajuda de Deus eu puder manter os propósitos feitos e observar o regime de vida que estabeleci, estou certo de que evitarei todas as ofensas a Deus.

Mãe. – Serás bastante corajoso para não tomar parte em coisas proibidas pela santa lei de Deus?

Pedro. – Eu espero que sim; é o que já prometi e que prometo agora diante desta imagem de Maria, que desde a primeira comunhão sempre procurei honrar como minha querida mãe; sim, prometo manter-me constante no serviço de Deus, não dar atenção a quem fala mal, frequentar a oração e os santos sacramentos como fiz até agora.

Mãe. – Estas palavras, Pedro, me confortam profundamente. E dado que estamos aqui na frente desta imagem da Bem-aventurada Virgem, façamos um pacto: tu não deixarás passar um dia sem alguma oração a Maria, para que te conserve sempre longe do pecado; e eu todas as noites, antes de deitar, virei aqui me ajoelhar diante desta santa imagem e, onde quer que estejas, invocarei sobre ti as graças e as bênçãos desta mãe piedosa.

Nesse momento, ambos se comoveram de tal modo que começaram a chorar e a soluçar. O pai, percebendo, correu para o quarto onde eles estavam, seguido pelos outros filhos mais novos e então contemplaram a cena mais comovente do mundo. Os gemidos, os suspiros, as lágrimas, os soluços, foi coisa de todos. Um olhava para o outro com as lágrimas escorrendo e chorando, sem dizer palavras, até que Pedro, criando coragem, disse: é tempo de levantar os olhos para o céu e resignar-nos à vontade de Deus, nosso Criador. Ofereçamos a Deus esta separação dolorosa em expiação dos nossos pecados. Boa-noite, vamos todos dormir.

Os sofridos pais, confortados pelas ternas palavras do filho, também ofereceram a Deus o sacrifício das suas penas e foram para a cama, sem, porém, conseguir dormir um momento.

Na manhã seguinte, antes de partir, Pedro reuniu todos os irmãos e irmãs em redor da cama do pai, que pela fragilidade da saúde ainda estava

deitado, e com a sua costumeira afabilidade, recomendou-lhes calorosamente a santificação dos dias de preceito; aos irmãos, em particular, recomendou que tivessem cuidado com as más companhias e as blasfêmias. Entre outras coisas dizia: se vocês amarem a Deus e o servirem e forem obedientes a papai e mamãe, receberão grandes bênçãos espirituais e temporais.

A vós, mamãe, recomendo continuar a cuidar do papai. Sua saúde é frágil, por isso é mais digno da nossa compaixão e da nossa solicitude. Ele é meu pai.

A vós, papai, recomendo ter paciência e resignação: não temos riquezas; por isso será preciso tolerar alguma dificuldade: mas Deus levará tudo em conta. Embora eu deva viver longe de vós, não deixarei de pensar em vós e enviar-vos a ajuda que me será possível. Por ora, papai, tomai isto... O que você está me dando, Pedro, disse o pai, atônito. Isto é tudo o que eu poupei em todos esses anos. Vós e minha mãe me dáveis sempre alguma coisa para minhas pequenas despesas, e eu pude dispensar esse tipo de coisas; assim, agora, conservo uma parte para mim, para as primeiras despesas quando entrar para o meu regimento: a outra parte é para vós: deixo-vos duzentos e cinquenta francos. Adeus a todos, não desanimeis, coragem!

Pedro queria partir, o pai queria falar-lhe, e não podia por causa da grande comoção, mas o segurava pela mão; entretanto, fazendo grande esforço, disse: aproxima-te, Pedro, e escuta estas palavras que talvez sejam as últimas que ouvirás de teu pai: *vai, Pedro, vai confortado, o céu te seja propício, e seja a consolação do teu coração o pensamento de que, com tuas fadigas salvaste e confortaste a vida do teu pai, com o teu comportamento salvaste a sua alma.*

Pedro, contente por ver seus familiares resignados à vontade divina, partiu e foi se integrar ao regimento para o qual estava destinado.

Capítulo X. A vida militar

É um fato que a vida militar é cheia de perigos para as almas boas, embora não faltem superiores e simples soldados de conduta exemplar e de coragem verdadeiramente cristã; todavia, pelo ócio que com frequência se goza, particularmente em tempo de paz, ou por causa de certos livros e jornais irreligiosos que se difundem, por certas conversas que se fazem, por certos lugares e pessoas que o próprio dever leva a frequentar, resulta ser coisa rara encontrar alguém que volte do serviço militar com a santidade de vida e a honestidade de costume com que saiu de casa. Pedro foi um dos poucos abençoados por Deus e favorecidos com esta graça.

Decidido a não omitir nenhuma prática religiosa que fosse compatível com a sua situação militar, no primeiro dia em que se integrou ao grupo, à hora da refeição, antes de começar a comer, segundo seu costume, fez o sinal da cruz com uma breve oração, que não pôde terminar, porque interrompida por um longo oh! oh! oh!...

É um frade, dizia um; é um impostor, comentava outro: oh! oh!... Pedro, sem se intimidar, muito tranquilo, dizia a um companheiro: o que há? Talvez não tenha feito bem o sinal da cruz? Então farei de novo, melhor. E repete o sinal da cruz com a oração... e o murmúrio continuou. Fez o mesmo quando terminou de comer; agora a zoada dos colegas já era menor...

Durante o dia, Pedro se aproximou deste e daquele. Alguns o consideravam um jovem calmo e tranquilo, outros um rapaz bem educado pelos pais. E muitos colegas, que também tinham entrado para o serviço militar havia pouco tempo, e que ainda alimentavam bons sentimentos, de bom grado se juntaram a ele para estreitar amizade. Entretanto, aconteceu que alguns, precisando escrever aos pais, não podiam porque não sabiam ler e escrever. Pedro, então, logo se ofereceu para ler e escrever suas cartas sempre que precisassem de ajuda, como bom amigo, sem nenhuma recompensa. Isso fez com que logo se unissem a ele outros amigos.

À noite, na hora de ir para a cama, Pedro se ajoelhou ao lado dela para rezar. Aqui a algazarra foi tal que o capitão teve que correr ao dormitório. Perguntando a razão da gritaria, começou a repreender a turma com a cara fechada: é assim que entre vocês se valoriza a religião? Todos deveriam praticá-la, isso sim; mas como cada qual é livre de praticá-la, quem não o quer, pelo menos respeite os outros. Não vou deixar passar em branco essa desordem, e se ela se repetir, os transgressores serão severamente punidos.

No dia seguinte, Pedro continuou a ajudar quem lhe pedia alguma coisa.

Que bom rapaz é esse Pedro, dizia um; leu para mim uma carta, escreveu outra, sem pedir nada; até a despachou para mim; realmente é um amigo que vale a pena conservar. A mim, dizia outro, leu um texto, acertou uma conta na qual eu devia pagar três francos, tudo gratuitamente. O próprio cabo responsável pela contabilidade, informado de que Pedro tinha uma letra bonita e conhecia bastante bem a aritmética e o sistema métrico decimal, o ocupou em alguns trabalhos urgentes, dos quais o contador sozinho não dava conta.

Na hora das refeições ou de ir dormir, fazia regularmente o sinal da cruz com as orações de costume, e os caçoadores foram diminuindo aos poucos, de

tal modo que depois de alguns dias, os mesmos que se riam dele se tornaram seus admiradores.

Todavia, o mais admirável vem agora: alguns colegas, que por puro respeito humano, não rezavam, começaram pouco a pouco a seguir seu exemplo, e ainda não tinham passado três meses desde que Pedro estava com eles que todo o dormitório onde ele dormia fazia regularmente suas orações. Ele agradecia a Deus pela coragem que lhe inspirava e se alegrou em seu coração por ver tantos colegas cumprindo suas obrigações religiosas.

Apesar disso, não faltaram alguns colegas viciados que o convidaram a participar de certas festas e a ir para certos lugares dos quais um jovem cristão e bem educado deve manter-se distante. Pedro sempre recusou esse tipo de convite. Um dia, alguns queriam quase arrastá-lo à força e dado que ele não queria em absoluto concordar, disseram-lhe: você não passa de um soldado bobo. Por quê? Perguntou Pedro. E eles: porque não se comporta como os soldados honrados. A honra do soldado, respondeu, consiste em guardar o corpo para seu rei terreno e a alma para o seu rei celeste; o que vocês pretendem desonra o verdadeiro soldado porque é proibido pelo rei do céu e pelo rei da terra. De fato, toda a solicitude de Pedro consistia no cumprimento dos seus deveres, dispor-se a ajudar quem precisava de algum favor, sem jamais tomar parte em alguma coisa contrária à santa lei de Deus.

Um colega que não tinha recebido de Pedro muita ajuda, um dia lhe disse: eu gostaria de dar-lhe um presente que fosse do seu gosto. Então me diga: de que mais você gostaria?

Pedro. – Se você quiser fazer alguma coisa que muito me agrada e que ao mesmo tempo me é útil, eu lhe peço: nunca nomeie o santo nome de Deus em vão. Este é para mim o presente mais valioso.

Colega. – Dou-lhe minha palavra de honra de que lhe darei esse presente e prometo nunca mais nomear o nome de Deus em vão; mas eu gostaria que você me pedisse também outra coisa.

Pedro. – Dado que você é tão gentil, pediria que nesse tempo pascal você se confessasse e comungasse, e que, além disso, rezasse a Deus por mim e pela minha pobre família.

Colega. – Que beleza! Você é um santo que veio estar entre nós. Saiba então que alguns colegas e verdadeiros amigos seus souberam que seu pai está doente e que passa necessidades. Por isso fizeram uma coleta e recolheram doze francos: este é o presente que eu estava encarregado de lhe entregar. Você só pede coisas úteis para a alma, e lhe garanto que cumprirei o que prometi; mas ao mesmo tampo lhe peço que em nome dos amigos aceite esta pequena quantia para enviar a seu pai.

Pedro aceitou com gratidão o dinheiro, que imediatamente enviou para seu pai, como iremos expor logo a seguir.

Capítulo XI. A morte do pai

O pai de Pedro realmente passava necessidades. Sofria de diversos incômodos e desde alguns meses estava quase sempre acamado. Os duzentos e cinquenta francos serviram para manter a família por aproximadamente oito meses. Crescendo, porém, as despesas, subindo o preço dos alimentos e, além disso, ficando desempregados os dois filhos que já ganhavam alguma coisa, a miséria chegou ao ponto máximo. Sabemos como era a situação daquela família por uma carta que a mãe mandou escrever para Pedro. Ela dizia:

Caríssimo Pedro,

A mão de Deus continua a pesar sobre nós; depois de tua partida, a saúde de teu pai piorou sempre mais e não teve mais condições de dedicar-se a um dia de trabalho sequer. O patrão dos teus irmãos não tem mais trabalho para eles e estão em casa desempregados. Quase todos os objetos de algum valor foram penhorados. Todavia, em meio a tantos males, temos uma grande consolação, a resignação à vontade de Deus. Teu pai mostra uma paciência própria de um cristão. Nos seus incômodos, ele reconhece a mão de Deus e muitas vezes diz: na juventude me entreguei aos prazeres, agora é justo que eu sofra na velhice: se Deus me manda esses males é sinal de que quer salvar a minha alma. Escrevo-te essas coisas para informar-te da situação da nossa casa. Certamente tu não podes mandar-nos nenhuma ajuda, mas pelo menos podes rezar ao bom Deus para que nos abençoe a todos. A Santa Virgem te conserve sempre bom. Aceita a saudação de toda a tua família.

Tua mãe afeiçoadíssima.

Recebida a carta, Pedro ficou aflito e, buscando conforto, contou seu sofrimento a alguns dos seus amigos mais íntimos, que como ele queriam levar uma vida de jovens honestos e morigerados. Estes são os mesmos que, tendo recebido de Pedro muitos favores, quiseram dar-lhe de presente os doze francos para que pudesse ajudar um pouco seu pai. Pedro respondeu imediatamente à sua mãe; a carta, da qual possuo cópia e que aqui transcrevo, dizia assim:

Cágliari, 5 de setembro de 1854

Querida mamãe,

Louvai a divina Providência, mamãe, confiemos sempre em Deus, ele nos recomendou que antes de tudo buscássemos a sua glória, prometendo-nos que ele mesmo acrescentaria o necessário para a nossa vida.

Alguns amigos meus, sabendo das nossas necessidades, deram-me doze francos para vos enviar; eu acrescento mais doze, que poupei durante vários meses. Recebereis, portanto, um vale postal de 24 francos. Essa quantia certamente é pequena diante da quantidade das vossas necessidades, mas reavivemos a nossa fé, a Providência divina que cuida de nós hoje, também cuidará amanhã. Lamento muito que a doença de meu pai esteja piorando. Todavia, dizei-lhe da minha parte que também nisto devemos nos consolar; a estrada das flores e dos prazeres não leva para o céu; os espinhos, as tribulações, como são a miséria e as doenças, são sinais especiais da benevolência por parte de Deus que chama *bem-aventurados os atribulados e os que sofrem;* certamente ele os chama bem-aventurados por causa do grande prêmio que preparou para eles no céu. Por isso, meu conforto cresce diante das notícias que me dais, isto é, que meu pai, nos seus sofrimentos, está plenamente resignado à vontade divina, sinal claro de que a graça de Deus está com ele. Dizei aos meus irmãos que se esforcem para ocupar-se em alguma coisa, num trabalho ou noutro; e enquanto não tiverem encontrado trabalho, que frequentem a escola e aprendam bem a ler e escrever; isso será sempre de alguma utilidade para eles. Para isso, anexo aqui um bilhete para o meu antigo professor, no qual peço que dê um pouco de aula para os meus irmãos enquanto não estiverem ocupados com outras coisas. Ele me queria muito bem e espero que, além dos benefícios feitos, queira ainda acrescentar mais este de dar um pouco de aula para os meus irmãos.

Creio que neste ano meu irmão mais novo deseja fazer a sua primeira comunhão. Fico muito contente com isso, porque ele é bom. Procurai ajudá-lo, todos, para que ele faça tudo direitinho. Porque, como se diz, quem fizer bem a primeira comunhão é quase certo que irá para o paraíso. – Instruí-o vós ali em casa o mais que puderdes, recomendai-o ao professor para que o faça estudar bem o catecismo. Mandai-o confessar-se com frequência, recomendando-lhe sempre que se confesse bem e que nada esconda ao confessor.

De uns meses para cá ajudo um meu superior a escrever; prometeu-me uma gratificação; apenas a tiver em mãos, escreverei de novo e a enviarei.

Querida mamãe, amo tanto minha família que nunca pararia de escrever porque me dá a impressão de estar conversando convosco. Mas estou chegando ao fim da folha e por isso termino minha carta pedindo-vos que digais a meu pai que nesta cidade há uma bela igreja dedicada à Virgem Maria, onde eu vou todas as noites fazer uma oração por ele a fim de que possa sarar ou ter paciência; mas que de qualquer forma ele possa cumprir a vontade de Deus. Recomendai sempre, insistindo com os de nossa casa, a santificação dos dias de preceito e particularmente a pregação.

Deus vos ajude, querida mamãe, saudai todos os nossos parentes, e eu sou sempre o vosso

Afeiçoadíssimo filho Pedro.

Esta carta e esta ajuda não chegaram a tempo a fim de socorrer o pai; ele tinha falecido havia três dias. A mãe, apenas recebida a carta de Pedro, imediatamente mandou escrever outra para comunicar-lhe a dolorosa perda do pai; a carta diz assim:

Turim, 10 de setembro de 1854

Amadíssimo Pedro,

A tua carta, Pedro, não chegou a tempo para confortar teu pai. Ele faleceu no dia seis deste mês. Chora e consola-te. Perdeste um pai, mas ele foi para o céu. Há quatro anos, ele estava continuamente sujeito a muitos incômodos; há três meses vivia imóvel na cama; sofreu muito, mas a resignação nunca o abandonou. Durante estes últimos três meses confessou-se várias vezes, recebeu o Viático duas vezes; foi-lhe administrado em tempo o sacramento da extrema-unção; pôde receber também a bênção papal; e devolveu sua alma ao Criador no dia seis, às onze e meia da noite, assistido pelo nosso padre, que lhe recomendou a alma até o último respiro. Algumas horas antes de morrer, chamou toda a família ao redor da sua cama e nos recomendou que nos amemos uns aos outros. Somos pobres, ele dizia, mas seremos muito ricos se tivermos o temor de Deus. Amai a Deus, e começai a amá-lo desde a juventude. Rezai por mim neste momento e depois da minha morte. Dito isso, volveu seu olhar apagado ao redor do leito: e Pedro, disse, o meu Pedro! Ah, o meu Pedro não está aqui! Dizei-lhe que reze por mim, ele... sim, ele salvou a minha alma. Pedro, quanto te amo, Pedro!... Queria ainda dizer outras coisas, mas não conseguiu mais falar.

Nós ainda estamos submersos numa profunda dor.

Recebi os vinte e quatro francos que me mandaste; agradece da minha parte teus generosos colegas que te fizeram o presente de doze francos. Essa quantia serve para pagar algumas dívidas feitas nos últimos dias da doença do teu pai. Os teus irmãos estão de novo trabalhando junto a um bom patrão. Nós aqui rezamos três vezes ao dia pela alma do teu pai, reza também tu conosco, reza também por mim, que sou

Tua mãe que está sofrendo muito.

A notícia da morte do pai foi um duro golpe para o terno coração de Pedro. Não conseguiu terminar a leitura da carta. Retirou-se à parte para poder desafogar a intensa comoção de sua alma. Chorou várias horas: naquele dia não conseguiu se alimentar. Alguns amigos queriam consolá-lo, mas ele respondia: se quiserem me consolar, deixem-me chorar a morte do meu pai. – Seu único conforto consistia em ir para a igreja e depor seus sofrimentos aos pés do crucifixo: meu Jesus, dizia, recebei a dor que sinto, em penitência pelos meus pecados e em sufrágio pela alma do meu pai. Sim, papai, eu vos amei tanto durante a vida, e vos amo ainda agora que não estais mais conosco: Deus vos conceda o repouso eterno; sim, meu querido pai, eu rezarei muito a Deus para que vos conceda quanto antes o paraíso.

Na noite daquele dia foi até seu superior e lhe pediu vinte e quatro horas de licença para acertar alguns assuntos referentes à morte do seu pai. O superior lhe disse palavras de conforto e de bom grado aceitou seu pedido. Empregou todo esse tempo em obras de piedade para sufragar a alma do seu pai. Fez a sua confissão e comunhão, ouviu diversas missas; depois do almoço fez diversas visitas ao Santíssimo Sacramento, fez a *Via Sacra,* recitou o terço de Nossa Senhora com outras orações. No fim do dia, como quem cumpre um dever muito importante, Pedro se acalmou e disse a si mesmo: fiz tudo o que podia pela alma do meu pai; afligir-me ainda mais certamente não lhe agradaria, nem lhe seria de alguma utilidade. Portanto, ânimo alegre e resignação. Depois, tomou um papel e escreveu a seguinte carta para sua mãe:

18 de setembro de 1854

Querida mamãe,

A vossa carta, mamãe, me causou toda a dor que um filho pode provar pela perda do seu terno e amado pai. Chorei, suspirei, mas dado que as

aflições não sufragam os falecidos, recorri à religião. Pedi um dia de licença, que consegui com facilidade, e empreguei-o todo em obras de piedade para sufragar a alma do meu pai. Mitigai também vós os vossos sofrimentos, continuai a rezar por ele, e para o futuro diremos com mais afeto: pai nosso, que estais nos céus; porque tenho viva fé de que a este momento meu pai já esteja no paraíso. Agradeçamos a Deus que lhe concedeu tempo para receber todos os sacramentos. Isso deve servir para nós de grande conforto. Domingo, ide todos à igreja para ouvir uma missa a mais, e os que puderem, que façam a sua comunhão pela alma dele.

Se Deus dispuser que eu possa voltar para casa, quero dar-vos todas as consolações que um bom filho pode dar à sua mãe: amor, obediência, respeito, diligência nos meus deveres, e o que mais vos está a peito, assiduidade às práticas religiosas, são coisas que desde agora vos prometo.

Voltarei a vos escrever daqui a algum tempo, quando meu coração estiver mais tranquilo. Dizei a meus irmãos e às minhas irmãs que o trabalho os torna bons cidadãos; mas que trabalho e religião conduzem ao céu. Deus vos conceda a verdadeira felicidade. Entretanto, vós, mamãe, crede-me sempre

Vosso afeiçoadíssimo filho Pedro.

Capítulo XII. Partida para a Crimeia[8]

A situação da família de Pedro depois da morte do pai pareceu melhorar um pouco. Uma tia levou para criar uma irmã de Pedro de oito anos, que assim deixou de depender da própria mãe. Os dois irmãos maiores encontraram trabalho com um patrão de quem recebiam, entre ambos, oito francos por semana. Uma irmã de treze anos também começou a trabalhar como costureira, recebendo dois francos por semana.

O próprio Pedro, ao ser feito cabo, também pôde mandar alguma coisa para ajudar a família; destinou-lhe dez francos por mês. A boa mãe juntava todas essas pequenas quantias e, com iniciativa e um pouco de economia, conseguia resolver todos os seus problemas.

A situação de Pedro estava nessa altura quando foi concluído um tratado de aliança entre o nosso governo, a França e a Inglaterra, em força do qual

[8] Crimeia: península da Ucrânia entre o Mar Negro e o Mar de Azov. Guerra da Crimeia (1853-1856), conflito entre a Rússia e uma aliança composta pelo Império Otomano, a França, a Grã- Bretanha e o reino da Sardenha.

quinze mil soldados do Piemonte deviam ir para a Crimeia combater contra os russos. Entre os regimentos destinados a essa expedição estava também o de Pedro. Ele sabia que sua mãe haveria de sofrer grande aflição ao receber a notícia; por isso, devendo comunicar-lhe esse fato, assumiu um ar alegre, como quem vai dar um passeio para se divertir. Eis como ele escreveu para a própria mãe.

Cágliari, 12 de março de 1855

Querida mamãe,

Boas notícias, mamãe; estou para fazer uma viagem sem custos e despesas. Transporte, comida, roupas, permanência, volta (quando voltarmos) tudo grátis. Fomos avisados de estarmos prontos para partir para a Crimeia. Alguns se assustaram só de ouvir esse nome; eu não; meu dever quer assim, eu parto de bom grado. O mundo é um exílio. Quer eu fique na Sardenha, quer retorne para o Piemonte ou vá para a Turquia, estou sempre neste exílio num vale de lágrimas, a nossa pátria é o céu.

Não penseis que eu diga isso por leviandade: a primeira preparação foi a da alma, minha consciência está tranquila. Eu me encontro nas mãos de Deus, se tiver que morrer em batalha, morrerei com honra e espero também morrer como bom cristão. Se eu puder retornar, saberei contar-vos alguma coisa sobre aquelas bandas. Chegando a meu destino, escreverei. Continuai a cuidar da família, e se não pudermos nos encontrar a todos neste mundo, nos encontraremos depois na eternidade com o nosso pai que nos espera. Adeus, querida mamãe, adeus, ficai alegre: eu sou sempre o vosso

Afeiçoadíssimo Pedro.

Como dissemos, Pedro escreveu essa carta com expressões alegres para que não causasse muita aflição para a mãe. Mas ela, ao contrário de se alegrar, ficou profundamente triste. Eu procurei consolá-la, fazendo-lhe notar que seu filho, no exército, tinha como tarefa a escrituração e por isso, na Crimeia, dificilmente deveria encontrar-se com o inimigo; que se consolasse porque tinha um filho tão corajoso e tão virtuoso. Então, a boa mãe, mais resignada do que consolada, me encarregou de escrever-lhe uma carta, na qual lhe recomendei calorosamente que tomasse muito cuidado em não ofender a Deus, que para ela seria menos doloroso saber que morreu em batalha do que tinha

manchado sua alma com o pecado. De bom grado executei essa tarefa, e na carta acrescentei todas as reflexões que me pareceram oportunas para o caso. Ele respondeu prontamente, e dado que a resposta está repleta de sentimentos positivos e sinceros, julgo bom transcrevê-la ao pé da letra, com o pedido de não dar importância às expressões que se referem a mim.

Cágliari, 4 de abril de 1855

Caríssimo amigo,

Imagine com que prazer recebi sua carta! Cada palavra foi bálsamo precioso para mim. O senhor me pergunta se ainda sou um bom rapaz, se o meu coração ainda é bom. Sim, querido Dom Bosco[9], direi com simplicidade que o meu coração é o mesmo de quando eu tinha doze anos e o senhor me conheceu. Só a distância me impede de ir ao Oratório, mas diga a todos os meus amigos que as regras da Companhia de São Luís são sempre a guia do meu comportamento. O livro que me deu de presente no momento da partida, eu o conservo ciosamente e leio um pouco todos os dias. Trouxe comigo os propósitos da minha primeira comunhão, leio-os uma vez por mês, e até mais frequentemente, procurando praticá-los com solicitude. O senhor me diz que deseja de todo o coração a salvação da minha alma. Eu o creio e o senhor sempre me demonstrou isso. Da minha parte, posso garantir-lhe que farei todo esforço para me salvar. Já encontrei perigos gravíssimos, mas a Bem-aventurada Virgem Maria sempre me ajudou, e consegui superá-los sem ofender a Deus.

Eu recomendo que procure confortar minha mãe, que eu creio estar muito aflita porque devo partir para a Crimeia. Recomendo também que inculque em meus irmãos o temor de Deus. Cuide da alma deles como cuidou e ainda agora mostra cuidar da minha. Em suma, faça com que parentes, amigos, irmãos e irmãs, todos nos possamos salvar.

Ainda não sabemos o dia da nossa partida, mas certamente será logo. Quem sabe se voltarão os belos dias em que poderei retornar ao Oratório e gozar da amena companhia dos amigos e com eles frequentar as práticas religiosas como se fazem ali! Não esqueça o pacto que fizemos. Eu rezo todos os dias um *Pai-nosso* a São Luís, o senhor se lembre de mim na santa missa.

Saúdo-o cordialmente, e de todo coração me professo agora e sempre em Jesus Cristo,

Afeiçoadíssimo filho Pedro.

[9] [...].

Capítulo XIII. Suas aventuras na Crimeia

Realmente, Pedro partiu poucos dias depois de ter escrito essa carta. Da sua viagem, da chegada e da sua estada na Crimeia, por ora não podemos saber outra coisa senão o que ele escreve em duas cartas à sua mãe, que é tudo o que podemos saber a respeito deste virtuoso militar.

A primeira é a seguinte.

Do Campo do Oriente, 26 de maio de 1855

Querida mamãe,

Hoje é o dia em que finalmente posso escrever-vos alguma coisa. Começo por dizer-vos que estou muito bem de saúde; quanto ao mais, conto alguma coisa de tudo o que andei vendo. Parti das praias da Sardenha no dia primeiro de maio num navio que é parecido com os barcos que vós vedes no rio Pó, mas que se pode dizer cinquenta vezes maior. Passamos doze dias viajando. Quando a gente está no alto mar, só se vê água por todos os lados. Muitos dos meus companheiros sofreram um bocado por causa da viagem, três deles morreram por causa do mal de mar (vômitos). Puderam confessar-se com um frade, não, porém, receber a comunhão porque não havia o Santíssimo Sacramento a bordo. Senti muita pena ao ver a maneira como foram sepultados. Foi amarrada uma pedra nos pés e outra nas pernas e depois os corpos jogados ao mar; logo afundaram, quem sabe até que profundidade... Depois de sete dias de viagem chegamos a um mar muito estreito que se chama *Dardanelos,* em seguida apareceu uma grande cidade chamada Constantinopla. Lá perto paramos um dia e eu pude ver os Turcos. Que caras feias! Suas calças parecem sacos; na cabeça usam uma espécie de chapéu de pano enrolado que em cada um poderiam caber cerca de 25 litros* de milho. Não consegui ouvi-los falar porque era proibido sair do navio.

Finalmente, no dia 13, chegamos na Crimeia. Oh, vós direis, mas o que é essa Crimeia?

A Crimeia é como qualquer outro país. Território muito extenso, rodeado de águas por toda parte, menos de um lado, que tem o nome de Perecop, pelo qual está unido à Rússia. Ficamos seis dias parados no navio, em seguida foi autorizado o desembarque. Os primeiros a se encontrar conosco foram os ingleses, que nos acenavam com gestos de amizade, mas eu não entendi absolutamente nada; o que eu pude lembrar foram só estas palavras: *the the italien: the the ilalien pruk*: palavras que eu penso queiram significar: bravos, italianos, bravos!

* "Litro" era, então, a medida para grãos.

Logo nos dividimos, alguns para cá, outros para lá, conforme as ordens superiores. Alguns regimentos dos nossos já tinham desembarcado, outros chegaram depois de nós. Vós direis: onde havia casas para tanta gente? Não vos assusteis: o mundo é grande, há lugar para todos. Espaços enormes cobertos de areia, de mato rasteiro, de pedras e algum bosque, eis o chão das nossas casas. O céu azul é a sua cobertura. De fato, poderia haver chão e teto mais belos do que os que foram feitos por Deus? De dia estávamos ocupados em levantar algumas tendas onde se deviam guardar as munições e também abrigar os que ficam doentes. Quanto ao mais, chegando a noite, enrolo na cabeça dois lenços e envolvo o corpo numa grossa coberta de lã, ponho um saco debaixo da cabeça e assim, deitado por terra, durmo até de manhã. Às vezes, porém, somos perturbados por algum tiro de fuzil ou de canhão dado pelos russos para nos assustar; mas eles estão muito longe de nós. Até agora ainda não combatemos contra os russos, mas devemos continuar a combater contra outros inimigos. De dia, sentimos calor que dá a impressão de estar na antecâmara do inferno, com moscas e butucas impertinentes, que não respeitam ninguém, e picam mais ou menos como as nossas vespas. De noite, sentimos frio, há pernilongos e percevejos que voam por todas as partes e que, se não estivermos bem cobertos e defendidos desses pequenos animais, é impossível descansar. Há também outro inimigo: são os piolhos, dos quais todos procuram livrar-se. Até agora este inimigo não pôde fazer grandes progressos entre nós, mas tem-se muito medo pelo futuro, quando começar a faltar a roupa de baixo. O que mais me entristece é que depois da partida da Sardenha não pude mais participar da missa, ouvir alguma pregação, receber a bênção do Santíssimo. Diz-se, porém, que dentro em breve tudo será acertado como convém, e que pelo menos teremos missa nos dias santos.

A carta já é longa demais, tenho muita coisa para contar, por isso vos escreverei novamente em breve. Até agora a Bem-aventurada Virgem Maria me ajudou e ainda não me aconteceu nenhuma desgraça. Saudai etc.

Afeiçoadíssimo filho Pedro.

Outra carta de 2 de julho de 1855.

Querida mamãe,

Não me foi possível escrever-vos até o dia de hoje. Tive sempre que ir daqui para lá, sem um momento livre. Não tenho mais nem pena, nem tinta, e por isso vos escrevo com o lápis.

Muitos e graves acontecimentos ocorreram depois que vos escrevi. Fomos terrivelmente assaltados pelo cólera-morbo: o número dos mortos

chega a quase dois mil e quinhentos; agora, porém, vai diminuindo, mas há ainda as febres pútridas que são uma espécie de cólera. No dia sete do mês passado, houve uma grande batalha perto de Sebastopol: os franceses e os ingleses venceram. No dia dezoito do mesmo mês houve outra; e embora os aliados tenham feito prodígios de valor, todavia, foram derrotados pelos russos, com grave dano para os nossos. Nessas duas batalhas, entre mortos e feridos, contam-se 18 mil dos nossos e 12 mil dos russos. O número destes é menor porque se encontravam dentro da fortaleza e, por isso, estavam mais defendidos. Agora estamos às vésperas de algum grande acontecimento. O que dá mais pena é pensar que na batalha morrem quase todos com raiva, e em vez de invocar a misericórdia de Deus, como se deveria, a maior parte a blasfema e a amaldiçoa. Quantas almas não estarão indo para o inferno!

Eu de saúde estou muito bem; só me faltam camisas; quanto ao mais, tendo sido acostumado a comer mal em casa, aqui me adapto a qualquer tipo de comida; pelo contrário, os que estavam acostumados a comer e beber bem, agora sofrem: este, um mal, aquele, outro, e não poucos partiram para o outro mundo.

Agora não estou mais adido como escrevente do meu superior, mas fui promovido ao grau de sargento, o que me rende um estipêndio melhor, mas tenho que estar em atividades de serviço e viver em campanha com os outros soldados. Não vos preocupeis em nada comigo. Quanto ao corpo, não preciso de nada; quanto à alma, tenho a consciência tranquila. Se viver, espero viver na graça de Deus; se morrer, espero gozar com ele as alegrias do paraíso. Se deixar passar algum tempo sem vos escrever, não vos preocupeis, pode ser que me falte tempo. Continuai a rezar por mim, e crede-me sempre o vosso

Afeiçoadíssimo filho Pedro.

Estas são as últimas notícias que temos do nosso Pedro. Agora não sabemos se ele está vivo ou morto. Esperamos, porém, que o céu o conserve para consolação da mãe viúva, para alívio da família e para exemplo de virtude para seus companheiros.

Capítulo XIV. Conclusão

Esta é, querido leitor, a força que tem a boa educação, e podemos dizer, estes são os efeitos da primeira comunhão bem feita. Pedro sempre se

lembrava da promessa feita a Deus de lhe ser fiel, apesar dos maus exemplos e os maus conselhos dos seus companheiros, em muitos dos quais, depois da primeira e segunda comunhão, não se viu nenhuma melhora de vida. Por isso, o comportamento deles foi de mal a pior.

Pedro sabia que o Deus que ele recebera uma primeira vez, queria e mandava recebê-lo pelo menos uma vez por ano, na Páscoa da Ressurreição. Mas ele não se limitava a uma vez por ano, pois, dizia: Como se pode fazer bem uma coisa, se se faz uma só vez por ano? Por isso aproximai-vos do sacramento da confissão e da comunhão com a frequência que vimos.

Muitas mães desejariam ter filhos semelhantes a Pedro pelo seu comportamento, e que são o sustento e a consolação das famílias; mas, em vez disso, os seus filhos, quando jovens, serão fonte de sofrimento para elas e de sua tristeza e desolação quando adultos.

Pais e mães! Se quereis ter filhos bem-educados e que sejam a vossa consolação na idade adulta, imitai a mãe de Pedro, procurai instruí-los na religião, particularmente na primeira infância; ajudai-os e observai se vão à igreja ou se preferem frequentar maus companheiros.

Entretanto, vós mesmos deveis dar-lhes o exemplo; porque seria uma verdadeira loucura se houvesse pais que não se preocupam absolutamente em falar com toda liberdade das atitudes contra os bons costumes ou contra a religião, e às vezes até na presença dos próprios filhos; em ver que eles se divertem nos dias de preceito, precisamente no tempo em que deveriam participar das celebrações sagradas, e depois pretender que os seus filhos sejam bons, moderados e devotos.

Pais e mães! Não nos iludamos! É certo que vós deveis prestar contas rigorosíssimas diante do tribunal de Deus quanto à educação dada aos vossos filhos. É certo que muitos filhos se condenam por terem sido mal educados pelos pais. E é igualmente certo que muitos pais e muitas mães vão para a perdição eterna por causa da má educação dada aos seus filhos.

São estas três grandes verdades que merecem ser consideradas atentamente. Porque é um fato incontestável que, se os filhos são bem-educados, ver-se-á a nova geração em crescimento ser amante da ordem e do trabalho, solícita em ajudar os pais e aliviar a família. Em suma, teremos tempos melhores, filhos que serão a honra da pátria, o sustento das famílias, a glória e o decoro da religião.[10]

[10] No original, segue: "Ladainhas pelos falecidos (tradução do inglês)" (pp. [104]-111).

II. O MÉTODO EDUCATIVO DE DOM BOSCO NOS DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS COM UM POLÍTICO (1854) E UM PROFESSOR ELEMENTAR (1864)

"Embora confiadas a escritos tardios (1881-1882), podem ser consideradas autênticas duas tomadas de posição de Dom Bosco a respeito do seu sistema educativo em duas conversas de 1854 e de 1864: a primeira com o ministro sardo Urbano Rattazzi, a segunda com um professor elementar" [11].

Os dois documentos que registramos aqui em seguida apresentam aspectos peculiares no âmbito dos textos e dos testemunhos que repropõem o pensamento pedagógico de Dom Bosco, particularmente se se considera a maneira com que seu conteúdo é articulado. O primeiro documento fornece o relato da conversa tida em 1854 com Urbano Rattazzi[12]*. No segundo, o interlocutor é Francisco Bodrato*[13]*, professor elementar de Mornese (Alessândria). Este diálogo de Bodrato com Dom Bosco ocorreu dez anos mais tarde, em 1864, mas o núcleo central da reconstrução dos conteúdos é semelhante.*

A situação de partida é, nos dois relatos, praticamente idêntica: Rattazzi e Bodrato, no encontro com o fundador de Valdocco, embora em datas e lugares diferentes, ficam impressionados com o comportamento exemplar dos numerosos jovens de que está rodeado o padre piemontês. Por isso, pedem um encontro particular com Dom Bosco, com a finalidade de conhecer o método educativo e o modo com que esse método é aplicado na prática.

A redação mais próxima aos fatos traz a data de 1881 (ainda em vida de Dom Bosco). A narração da conversa com Rattazzi foi publicada no Boletim Salesiano (1882), provavelmente aos cuidados de João Bonetti, redator principal da revista. O diálogo com o professor de Mornese é reproduzido em Dados biográficos do sacerdote Francisco Bodrato.

Parece muito provável que os acenos a "dois sistemas de educação" que emergiram na conversa com Rattazzi tenham sido sugeridos pelas páginas do fascículo:

[11] P. Braido, *Prevenire non reprimere...*, p. 136.

[12] Urbano Rattazzi (1808-1873), jurista e político. O texto da conversa com Rattazzi "faz parte dos capítulos VII e VIII da segunda parte da *História do Oratório de São Francisco de Sales,* publicada pelo padre João Bonetti, redator principal do Boletim Salesiano. Portanto, pode-se supor que seja ele mesmo o autor do texto" (*DBE, Scritti*, p. 76).

[13] Francisco Bodrato (1823-1880), depois da morte da esposa, tornou-se sacerdote salesiano e missionário na América Latina. O diálogo com Dom Bosco é extraído de *Dados biográficos sobre o sacerdote Francisco Bodrato,* do qual existem o texto manuscrito autógrafo de Carlos Cays (1813-1882) e o "esboço impresso" em ASC B220 *Bodrato Francesco*; cf. *DBE, Scritti*, pp. 77 e 191.

O Sistema preventivo na educação da juventude *de 1877.*[14] *Consideração análoga se deve fazer a respeito da redação do diálogo com Bodrato. Em todo caso, os dois documentos têm especial interesse para conhecer o pensamento pedagógico e a praxe educativa de Dom Bosco, como também o desenvolvimento dos mesmos.*

148. Conversa com o político Urbano Rattazzi

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 78-87.

Sem referir-nos à sua política, observamos, para bem da verdade, que o advogado Rattazzi, como deputado e como ministro, sempre viu com bons olhos o nosso Oratório e o internato. Costumava dizer que o governo era obrigado a proteger essa instituição porque cooperava eficazmente em diminuir os moradores das prisões e em formar sábios cidadãos, enquanto ao mesmo tempo prepara bons cristãos; e ele mesmo dava o exemplo.

Por isso, animava Dom Bosco a prosseguir na sua obra, enviava-lhe ajuda, recomendava-lhe jovens; chegou mesmo a confiar-lhe um jovem primo seu, de nome César Rattazzi, para que o reduzisse a bons sentimentos e a pensamentos mais ajuizados. Sempre que assumia o ministério, dignava-se fazer saber a Dom Bosco que não devia ter medo de nada. Ele começou a alimentar essas benévolas disposições desde que conheceu pessoalmente Dom Bosco e que, de modo incógnito, veio ao nosso Oratório. O fato merece ser assinalado.

Era um domingo de manhã do mês de abril de 1854, pelas dez horas e meia. Os jovens do internato, junto com muitos outros externos, estavam pela segunda vez na igreja; tinham cantado as matinas e as laudes em honra de Nossa Senhora, ouvido a missa, e Dom Bosco, no púlpito, contava um episódio da *História eclesiástica,* já iniciado tempos atrás. Naquele momento entra pela porta externa da nossa igreja um senhor que ninguém e nem mesmo Dom Bosco conhecia. Vendo que se estava pregando, sentou-se num dos bancos destinados aos fiéis no fundo da igreja, e ficou ouvindo a pregação até o fim.

Dom Bosco tinha iniciado no domingo anterior a contar a vida do papa São Clemente, e naquela manhã relatava como o santo pontífice, por ódio à religião cristã, fora mandado pelo imperador Trajano para o exílio no Quersoneso, hoje Crimeia, onde naquele ano começava a guerra a que acenamos acima.

[14] Cf. Pietro Braido, *Breve storia del "Sistema Preventivo".* Roma, LAS 1993, p. 98.

Terminada a narração, costumava interrogar, dentre os jovens, aqueles que tivessem alguma pergunta a fazer a respeito do assunto ou alguma conclusão moral que pudesse ser extraída do episódio da história. Dessa forma, ele nos obrigava a estarmos mais atentos e ao mesmo tempo conferia à narração um interesse mais vivo. Fazendo o mesmo naquela manhã, chamou um dos jovens externos. Este, contrariamente a qualquer expectativa, fez uma pergunta em si apropriada, mas inoportuna para o lugar, e também perigosa para aqueles tempos.

Ele disse: "Se o imperador Trajano cometeu uma injustiça ao expulsar de Roma e mandar para o exílio o papa São Clemente, fez mal também o nosso governo em exilar o nosso arcebispo dom Fransoni?". – A esta pergunta inesperada, Dom Bosco, sem se descompor, respondeu: – "Aqui não é lugar para dizer se o nosso governo fez bem ou mal em mandar para o exílio o nosso venerado arcebispo; este é um fato do qual se falará a seu tempo; o certo é que em todos os séculos e desde o princípio da Igreja, os inimigos da religião cristã sempre visaram seus chefes, os papas, os bispos, os sacerdotes, porque creem que, eliminadas as colunas do edifício e ferido o pastor, as ovelhas se dispersam e se tornam presa fácil para os lobos rapaces.

Nós, portanto, quando ouvimos ou lemos que este ou aquele papa, este ou aquele bispo, este ou aquele sacerdote foi condenado a uma pena, como, por exemplo, ao exílio, à prisão e ou mesmo à morte, não devemos crer imediatamente que ele era verdadeiramente culpado como afirmam, pois poderia acontecer que fosse vítima do seu dever, um confessor da fé, um herói da Igreja, como foram os apóstolos, os mártires, tantos papas, bispos, sacerdotes e simples fiéis. Além disso, tenhamos sempre presente que o mundo, o povo hebreu e Pilatos condenaram à morte de cruz como blasfemo e subvertedor do povo o próprio divino Salvador, ao passo que era verdadeiro Filho de Deus, tinha recomendado a obediência e a submissão aos poderes constituídos, ordenado dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus".

Ditas ainda algumas palavras sobre o dever de ser fortes na fé e na devoção e de ter respeito pelos ministros da Santa Igreja, Dom Bosco desceu do púlpito, e nós, recitado o tradicional *Pai-nosso* em honra de São Luís Gonzaga, e cantado o costumeiro *Louvado seja sempre o nome de Jesus e de Maria,* saímos da capela pela porta lateral. Depois de nós, saiu também o senhor desconhecido, que veio para o pátio, pedindo para falar com Dom Bosco. Este já tinha subido para seu aposento, e o dito senhor foi acompanhado até ele por um jovem.

Depois dos cumprimentos, entre Dom Bosco e Rattazzi se iniciou um breve diálogo ouvido pelo jovem que o acompanhara, o qual, segundo o cos-

tume daqueles tempos benditos, após introduzir o visitante, tinha ficado ali até que Dom Bosco o dispensasse por não precisar de nada. O diálogo é este.

Dom Bosco – Poderia saber com quem tenho a honra de falar?

Rattazzi – Com Rattazzi.

Dom Bosco – Com Rattazzi! Aquele grande Rattazzi (*coul gran Ratass*)*, deputado, ex-ministro da câmara e agora ministro do rei?

Rattazzi – Exatamente.

Dom Bosco – Portanto (sorrindo) posso oferecer os pulsos às algemas e preparar-me para a sombra da prisão.

Rattazzi – E por qual motivo?

Dom Bosco – Por aquilo que vossa excelência ouviu minutos atrás na igreja a respeito do senhor arcebispo.

Rattazzi – Absolutamente não. Deixando de lado a pergunta do rapaz se foi ou não oportuna, o senhor respondeu e se saiu muito bem, e nenhum ministro deste mundo poderia fazer-lhe a mínima observação, embora eu seja do parecer que não é conveniente tratar de política na igreja, menos ainda com rapazes que ainda não são aptos a fazer o devido juízo; todavia, não se devem negar as próprias convicções diante de ninguém. Acrescente-se ainda que num governo constitucional, os ministros são responsáveis por suas próprias ações, que podem ser analisadas por qualquer cidadão e por isso também por Dom Bosco. Eu mesmo, embora nem todas as ideias e os atos de dom Fransoni me agradem, estou contente que a severa medida contra ele não tenha sido tomada durante meu tempo de ministro.

Dom Bosco – Se é assim, concluiu jocosamente Dom Bosco, posso estar tranquilo que vossa excelência, desta vez, não me mandará para a cadeia, e me deixará respirar o ar livre de Valdocco. Então falemos de outras coisas.

Depois deste divertido início, houve uma conversa séria de quase uma hora; e Rattazzi, com uma enfiada de perguntas, quis saber em detalhes a origem, o escopo, o progresso, os frutos da instituição do Oratório e do internato anexo; sendo homem de bom coração, ficou tão bem impressionado que, a partir daquele dia, como dissemos acima e como ainda veremos, tornou-se seu advogado e protetor.

Este foi para nós um gesto especial da Providência, pois, dado que cada ano a situação dos tempos se tornava sempre mais difícil e que Rattazzi teve

* A expressão "*coul gran Ratass*", em dialeto piemontês, significa: "*aquele grande Ratazzi*"; entretanto, com boa dose de malícia em relação ao político, também pode significar: "*aquele grande ratão*".

em suas mãos diversas vezes o governo, sendo sempre um personagem muito influente, o nosso Oratório encontrou nele total apoio, sem o qual teria sofrido fortíssimos abalos e também gravíssimos danos. Ao passo que foi o contrário. Parece que Nosso Senhor quis servir-se dele para fazer-nos o bem e para que não sofrêssemos nenhum mal, como para a mesma finalidade, sob o rei Nabucodonosor, se serviu de um poderoso ministro em favor do jovem Daniel e seus companheiros. Deus nunca muda. Ele é sempre Pai providente. Feliz de quem o ama e nele confia.

Entre as várias perguntas que o senhor Rattazzi fez a Dom Bosco, uma foi a respeito do meio que ele usava para conservar a ordem entre tantos jovens que afluíam para o Oratório.

– Vossa senhoria, por acaso, não dispõe de pelo menos dois ou três guardas civis uniformizados ou disfarçados, sempre atentos a algum sinal de sua parte?

– Excelência, não são necessários absolutamente.

– Possível? Mas estes seus jovens não são diferentes dos jovens do mundo inteiro; no mínimo, são indomáveis, insubordinados, briguentos. Que repreensões, que castigos usa para freá-los e para impedir desordens?

– A maior parte desses jovens de fato são "desenfreados"; apesar disso, para impedir desordens, aqui não se usa de violência, nem de castigos de nenhuma espécie.

– Isto me parece um mistério; por favor, explique-me o segredo.

– Vossa excelência sabe que há dois sistemas de educação: um é chamado Sistema Repressivo, o outro, Sistema Preventivo. O primeiro se propõe educar o homem mediante a força, reprimindo e punindo a pessoa sempre que violar a lei ou cometer um delito. O segundo procura educar mediante a doçura, por isso ajuda o jovem com suavidade a observar a própria lei, e lhe fornece os meios mais adequados e eficazes para tal finalidade; é precisamente este o sistema que vigora entre nós.

Antes de tudo, aqui se procura infundir no coração dos jovens o santo temor de Deus; inspira-se neles o amor à virtude e o horror ao vício, mediante o ensino do catecismo e adequadas instruções morais; são encaminhados e sustentados no caminho do bem por meio de oportunas e amorosas orientações, especialmente mediante práticas de piedade e de religião.

Além disso, são acompanhados, na medida do possível, por uma amorosa assistência durante os recreios, na escola, no trabalho; são encorajados

com palavras cheias de benevolência, e apenas esquecem seus deveres, são chamados à atenção com bons modos e bons conselhos. Numa palavra, usam-se todas as iniciativas que a caridade cristã sugere para que façam o bem, fujam do mal, por princípio de uma consciência iluminada e sustentada pela religião.

– Certamente este é o método mais adaptado para educar criaturas racionais; mas ele é eficaz para todos?

– Para noventa por cento, este sistema produz efeitos confortadores; para os outros dez por cento, pelo menos exerce um influxo benéfico, de modo que os jovens se tornam menos teimosos e perigosos, o que me leva muito raramente a ter que mandar embora um jovem indomável e incorrigível. Tanto neste Oratório, quanto nos oratórios de Porta Nuova e de Vanchglia, apresentam-se ou são encaminhados jovens que, por má índole ou por indocilidade ou também por malícia, já foram o desespero dos pais e dos patrões, e ao cabo de poucas semanas não parecem mais eles mesmos; de lobos, podemos dizer, se transformaram em cordeiros.

– Pena que o governo não esteja em condições de adotar esse método nos seus estabelecimentos penais, onde, para reprimir desordens, são necessárias centenas de guardas, e os presos se tornam cada vez piores.

– E o que impede ao governo de seguir este sistema nos seus institutos penais? Que se introduza a religião; que se estabeleça o tempo oportuno para o ensino religioso e as práticas de piedade; que se dê a eles, por parte de quem está à sua frente, a importância que merecem; que se deixe entrar lá com frequência o ministro de Deus e se permita que ele se entretenha livremente com aqueles coitados, diga-lhes uma palavra de amor e de paz, e então o método preventivo terá sido plenamente adotado. Depois de algum tempo, os guardas não terão mais nada ou muito pouco a fazer; mas o governo terá o orgulho de restituir às famílias e à sociedade cidadãos moralizados e úteis. Do contrário, gastará dinheiro para corrigir ou punir por um tempo mais ou menos longo um grande número de desordeiros e culpados, e quando os tiver posto novamente em liberdade, terá que continuar a vigiá-los, para prevenir-se contra eles, porque estarão sempre prontos a fazer ainda pior.

Na linha desse tipo de considerações, Dom Bosco continuou a falar por um bom tempo; e como desde 1840 ele conhecia a situação dos presos, jovens e adultos, porque, seguindo o exemplo do senhor padre Cafasso e do teólogo Borel, visitava frequentemente aqueles pobres coitados, assim pôde mostrar ao ministro do Interior a eficácia da religião para a reabilitação moral

das pessoas. Ao ver o sacerdote de Deus, ele acrescentou, ao ouvir a palavra de conforto, o preso lembra os anos saudosos em que participava do catecismo, os conselhos do pároco ou do professor, reconhece que caiu naquele lugar de sofrimento porque parou de frequentar a igreja, ou porque não pôs em prática os ensinamentos que nela recebera; de tal modo que, relembrando essas suaves recordações, quase sempre sente que o coração se comove, uma lágrima umedece seus olhos, arrepende-se, sofre com resignação, resolve melhorar seu comportamento e, descontada a pena, reentra na sociedade disposto a resgatá-la dos escândalos que ele deu.

Ao passo que se se elimina o amável aspecto da religião e a doçura das suas orientações e das suas práticas; se o jovem é privado de conversas e conselhos de um amigo da alma, o que será do pobrezinho naquele recinto de ódio? Nunca convidado por uma palavra amorosa a elevar o espírito das coisas da terra; nunca animado a refletir que, pecando, ofendeu, não somente as leis do Estado, mas a Deus, supremo legislador; nunca estimulado a pedir-lhe perdão, nem a sofrer sua pena temporal no lugar da eterna que Deus lhe quer perdoar, ele, na sua situação miserável, não verá outra coisa senão a desgraça de uma sorte adversa; e assim, em vez de banhar suas cadeias com lágrimas de arrependimento, haverá de mordê-las na sua mal reprimida raiva; em vez de propor mudança de vida, se obstinará ainda mais no mal; dos seus companheiros de punição aprenderá novas malícias e com eles combinará o modo de um dia delinquir ainda mais cuidadosamente, a fim de não recair nas mãos da justiça, não porém para se tornar melhor e ser um bom cidadão.

Dom Bosco, aproveitando da ocasião favorável, apontou para o ministro a utilidade do Sistema Preventivo, particularmente nas escolas públicas e nas casas de educação, onde é preciso cultivar ânimos ainda isentos de delitos; ânimos que se dobram docilmente à voz da persuasão e do amor. Sei muito bem, concluiu Dom Bosco, que promover este sistema não é tarefa da pasta de vossa excelência, mas uma reflexão sua, uma palavra sua, sempre terá um grande peso nas deliberações do ministro da Instrução Pública.

O senhor Rattazzi ouviu com vivo interesse estas e outras observações de Dom Bosco; e, convencido plenamente da bondade do sistema em uso nos oratórios, de sua parte, prometeu fazê-lo preferir a qualquer outro nos institutos do governo. Se depois manteve a palavra, o fato é que também a Rattazzi faltava às vezes a coragem de manifestar e defender as próprias convicções religiosas.

149. O diálogo entre Dom Bosco e o professor Francisco Bodrato

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 187-198.

Não satisfeito com a simples admiração, Bodrato queria saber alguma coisa a mais, e foi para isto que pediu a Dom Bosco para ter com ele uma conversa particular; sendo atendido na mesma tarde, perguntou-lhe qual era o segredo que ele tinha para dominar tantos jovens a ponto de torná-los obedientes, respeitosos e dóceis, nada a mais podendo desejar.

O educador deve estar persuadido de que todos, ou quase todos estes queridos jovens, têm uma inteligência natural para conhecer o bem que lhes é feito pessoalmente, e ao mesmo tempo são dotados de um coração sensível, facilmente aberto ao reconhecimento.

Quando, com a ajuda de Deus, se consegue fazer penetrar nas suas almas os principais mistérios da nossa santa religião e que, sendo Deus puro amor, nos recorda o imenso amor que ele teve para com o ser humano; quando se consegue fazer vibrar no seu coração a fibra do reconhecimento que se deve a Deus pelos benefícios que generosamente nos concedeu; quando finalmente, com os recursos da razão, os jovens ficarem persuadidos de que o verdadeiro reconhecimento a Deus deve traduzir-se em cumprir sua vontade, em respeitar seus preceitos, especialmente os que inculcam a observância dos nossos deveres recíprocos; acredite, grande parte do trabalho educativo já foi realizado.

A religião nesse campo exerce a tarefa do freio na boca do fogoso cavalinho, que o domina e submete; a razão cumpre a tarefa da rédea que, fazendo pressão na boca do animal, produz o efeito que dele se quer obter. Religião verdadeira, religião sincera, que domina as ações da juventude, razão que aplica retamente aqueles santos ditames que regulam todas as suas ações, eis em duas palavras compendiado todo o sistema aplicado por mim, do qual o senhor deseja conhecer o grande segredo.

Para terminar essa conversa, Bodrato, por sua vez, retomou o assunto: Reverendo, com a comparação do sábio domador dos jovens cavalos, o senhor me falou do freio da religião e do bom uso da razão para dirigir todas as suas ações. Isto está muito bem, mas me parece que não tratou de um terceiro meio que sempre acompanha o trabalho do domador de cavalos, isto é, o inseparável chicote, que é como o terceiro elemento do seu bom êxito.

A essa observação de Bodrato, Dom Bosco acrescentou: Meu caro senhor, permita observar que no meu sistema, o chicote, que o senhor con-

sidera indispensável, ou seja, a ameaça salutar de futuros castigos, não está absolutamente excluída; observe que muitos e terríveis são os castigos que a religião promete a quem, não levando em conta os preceitos de Deus, ousa desprezar os mandamentos; ameaças severas e terríveis que, sendo lembradas com frequência, não deixarão de produzir seu efeito, tanto mais justo quanto não se limita a ações externas, mas atinge também as ações mais secretas e os pensamentos mais ocultos.

A fim de fazer penetrar ainda mais profundamente a persuasão dessa verdade, acrescentem-se as práticas sinceras da religião, a frequência dos sacramentos e a insistência do educador, e é certo que, com a ajuda de Deus, chegar-se-á mais facilmente ao objetivo de transformar em bons cristãos muitíssimos dentre os mais pertinazes.

Quanto ao mais, quando os jovens estão persuadidos de que quem os dirige quer sinceramente o seu verdadeiro bem, será suficiente como castigo dos recalcitrantes uma atitude reservada, que demonstre a insatisfação interior do educador por se ver mal correspondido nos seus cuidados paternos.

Creia-me, caro senhor, que este sistema é talvez o mais fácil e certamente o mais eficaz porque, com a prática da religião, será também o mais abençoado por Deus. Para dar-lhe uma prova palpável, ouso convidá-lo para vir algum dia ver a aplicação prática nas nossas casas. O senhor é livre de vir passar alguns dias conosco, e espero que no fim da experiência acabe se convencendo de que o que lhe disse é provadamente o sistema mais prático e o mais seguro.

Este convite, feito em parte por brincadeira, em parte também seriamente, impressionou o nosso Bodrato. Agradecendo a Dom Bosco, deixou para outro momento uma resposta mais explícita, levando no coração o pensamento de que talvez em outro momento aceitaria o convite com satisfação.[15]

[15] O texto da primeira parte do diálogo é completado por aquele de outra relação, redigida também por Carlos Cays, e referida pelo editor no aparato crítico das variantes: cf. *DBE, Scritti*, pp. 196-197.

SEGUNDA SEÇÃO

INTUIÇÕES, REFLEXÕES E IDEIAS PEDAGÓGICAS

Apresentação

Encontrada a sistematização definitiva da sua obra assistencial-educativa em Turim-Valdocco, em 1846, Dom Bosco se deu conta muito cedo da urgência de compor e publicar escritos que pudessem responder ao escopo da sua Obra e às necessidades dos jovens pobres e abandonados, muitas vezes analfabetos, que ali estavam recolhidos. Entre as suas primeiras publicações estão as que se referem à instrução e à escola.

Na seleção dos escritos e documentos principais a oferecer nesta coletânea antológica foram seguidos os critérios formulados na Introdução geral e rapidamente mencionados nas primeiras linhas desta apresentação.

Ao lado de textos e documentos mais conhecidos e difundidos – O Sistema Preventivo na educação*, as* Lembranças confidenciais aos diretores*, a* Carta de Roma *de 10 de maio de 1884 – foram incluídos escritos menos conhecidos, que de algum modo ilustram assuntos e temas de notável interesse. No elenco, os títulos e núcleos mais relevantes são: insistência quanto à prática do Sistema Preventivo, orientações pedagógicas e questões disciplinares e escolásticas, normas e diretrizes referentes a leituras educativas e à difusão de bons livros.*

Estes e outros argumentos são apresentados ou brevemente mencionados por Dom Bosco em cartas circulares e, mais frequentemente, em cartas pessoais dirigidas a jovens alunos, membros da Sociedade Salesiana, educadores em geral e autoridades civis e religiosas.

Quase a modo de exemplo, foram inseridos também nesta seção da coletânea textos de "boas-noites" ou "breves exortações antes do repouso no fim do dia" aos jovens do Oratório de Valdocco.

Na articulação da seção e no ordenamento dos diferentes escritos que a compõem, levou-se em conta a sua relevância e as exigências dos diversos agrupamentos formados pelos documentos que tratam de argumentos afins. Ao passo que na disposição dos elementos que integram cada um dos mencionados agrupamentos, teve-se presente como norma o critério cronológico.

I. ORIENTAÇÕES PARA A DIREÇÃO DAS CASAS SALESIANAS (1863-1887)

Na origem do autorizado documento Lembranças confidenciais[1]*, encontra-se uma carta escrita por Dom Bosco ao padre Miguel Rua, chamado por Dom Bosco, no outono de 1863, a assumir o encargo de dirigir a primeira casa salesiana fora de Turim: o colégio ou pequeno seminário de São Carlos em Mirabello Monferrato*[2]*. No escrito, enviado ao jovem diretor, Dom Bosco entendia transmitir as orientações pedagógicas e espirituais já postas em prática em Valdocco, que deveriam caracterizar também o trabalho apostólico e educativo na nova fundação no Monferrato.*

Trata-se de um documento "ditado pelas urgências imediatas, mas que sob a aparência de conselhos práticos, exemplos concretos, rápidas anotações e intuições, traz a marca das profundas certezas e das vivas preocupações de Dom Bosco. Ele mesmo se mostra convencido disto, tanto é que a carta, que em 1863 não passa de uma simples carta de caráter pessoal ao padre Rua, em seguida – desde 1871 –, com alguns retoques e algumas integrações ditadas pelas sucessivas experiências e reflexões, se apresentará como "Lembranças confidenciais aos diretores das casas particulares da Sociedade Salesiana"[3].

A última edição impressa das Lembranças Confidenciais *– precisamente a inserida neste volume – aparece com a data de 8 de dezembro de 1886, aproximadamente um ano antes da morte de Dom Bosco. Os vinte e seis pontos da carta primitiva ao padre Rua se enriqueceram com novos conteúdos e duplicaram de número, chegando a quarenta e sete. Estes se articulam em oito breves parágrafos que percorrem os momentos da vida, as principais tarefas e o modo de comportar-se do diretor-educador de uma casa salesiana.*

O escrito foi objeto de atento estudo e de reflexões no sétimo Capítulo-Geral salesiano de 1895 e no primeiro Capítulo Americano da Pia Sociedade Salesiana (Buenos Aires, 1901). Mais tarde, nas reuniões dos inspetores salesianos europeus em 1907, surgiu esta orientação: "Os Diretores fariam ótima coisa se no dia do exercício da boa morte relessem atentamente as Lembranças Confidenciais *de Dom Bosco, que encerram tanta sabedoria pedagógica"* [4].

[1] Francisco Motto, *I "Ricordi confidenziali ai direttori" di don Bosco,* em RSS 3 (1984) 25-166.
[2] Mirabello Monferrato: município da província de Alessândria (Piemonte).
[3] *DBE*, *Scritti*, pp. 173-174.
[4] *Atti del Primo Capitolo Americano della Pia Società Salesiana.* Buenos Aires (Almagro), Collegio Pio IX di Arti e Mestieri 1902, p. IV; ASC E171 *Convegni Ispettori 1907-1915*; José Manuel Prellezo, *Linee pedagogiche della Società Salesiana nel periodo 1880-1922. Approccio ai documenti*, em RSS 23 (2004) 107.

150. Lembranças confidenciais aos diretores da casa de...

Edição crítica em *DBE, Scritti*, pp. 173-186.

Contigo mesmo

1° Nada te perturbe[5].

2° Evita as austeridades na alimentação. As tuas mortificações consistam na diligência nos teus deveres e em suportar as moléstias causadas por outros. Todas as noites repousarás por sete horas. Prescreve-se uma hora a mais ou a menos para ti e para os outros, quando houver alguma causa razoável. Isso é útil para a tua saúde e para a dos teus dependentes.

3° Celebra a santa missa e recita o breviário *pie, attente ac devote.* Isso para ti e para os teus dependentes.

4° Nunca omitir a meditação todas as manhãs, e ao longo do dia uma visita ao Santíssimo Sacramento. O restante, como está disposto nas Regras da Sociedade.

5° Procura fazer-te amar, mais do que fazer-te temer. A caridade e a paciência te acompanhem constantemente ao mandar, ao corrigir, e faze com que cada uma das tuas ações e palavras mostrem que buscas o bem das almas. Tolera qualquer coisa quando se trata de impedir o pecado. Tuas solicitudes se voltem para o bem espiritual, sanitário e científico dos jovens que a divina Providência te confiar.

6° Nas coisas de maior importância faze sempre uma breve elevação do coração a Deus antes de deliberar. Quando te relatam algo, escuta tudo, mas procura esclarecer bem os fatos e ouvir ambas as partes antes de julgar. Não raro algumas coisas parecem uma trave ao primeiro relato, não passam de palha.

Com os professores

1° Procura que aos professores não falte nada do que lhes for necessário para o alimento e a roupa. Leva em conta as suas fadigas, e quando doentes ou simplesmente indispostos, manda logo alguém substituí-los na aula.

[5] Primeiras palavras de uma conhecida oração de Santa Teresa de Ávila (1515-1582).

2º Fala muitas vezes com eles separada ou simultaneamente; observa se não são demasiadas as suas ocupações; se lhes faltam roupas, livros; se têm algum sofrimento físico ou moral; ou então, se em suas aulas têm alunos que precisam de correção ou de atenção especial quanto à disciplina, ao modo e grau de ensinamento. Conhecida alguma necessidade, faze o que puderes para providenciar a solução.

3° Mediante conferências apropriadas recomenda que interroguem indistintamente todos os alunos da classe; que leiam por turnos os trabalhos de cada um. Fujam das amizades particulares e da parcialidade, e nunca levem alunos ou outras pessoas para o próprio quarto.

4° Devendo dar incumbências ou avisos aos alunos, usem uma sala ou um aposento destinado a esta finalidade.

5° Quando ocorrerem solenidades, novenas ou festas em honra de Maria Santíssima, de algum santo padroeiro do lugar, do colégio, ou algum mistério da nossa santa religião, comuniquem a celebração com breves palavras, mas que isso nunca seja omitido.

6° Cuide-se para que os professores nunca mandem algum aluno embora da classe, e quando forem absolutamente obrigados a isso, façam com que ele seja acompanhado até o superior. Como também nunca batam nos alunos negligentes ou delinquentes, por nenhum motivo. Acontecendo alguma coisa grave, avise-se imediatamente o diretor dos estudos ou o superior da casa.

7° Os professores, fora da aula, não exerçam nenhuma autoridade sobre os seus alunos, e se limitem a conselhos, avisos ou, no máximo, às correções que a caridade bem entendida permite ou sugere.

Com os assistentes e os chefes de dormitório

1° O que foi dito quanto aos professores, em grande parte pode-se aplicar também aos assistentes e aos chefes de dormitório.

2° Procura distribuir as ocupações de tal modo que tanto eles quanto os professores tenham tempo e comodidade para atender aos próprios estudos.

3° Procura entreter-te de bom grado com eles para ouvir seu parecer quanto ao comportamento dos jovens que lhes foram confiados. A parte mais importante dos seus deveres consiste em estar pontualmente no lugar onde os jovens se reúnem para o repouso, as aulas, o trabalho, os recreios e semelhantes.

4° Notando que algum deles tem amizade particular com algum aluno, ou que a tarefa que lhe foi confiada ou que sua moralidade está em perigo, com toda prudência mudarás sua ocupação; se o perigo continuar, avisarás imediatamente o teu superior.

5° De vez em quando reúne os professores, os assistentes, os chefes de dormitório, e a todos dirás que cuidem para impedir más conversas, afastar qualquer livro, escrito, imagem, pintura (*hic scientia est*) e qualquer outra coisa que ponha em perigo a rainha das virtudes, a pureza. Deem bons conselhos, usem de caridade para com todos.

6° Seja objeto de comum solicitude descobrir os alunos que forem perigosos; descobertos, insiste para que te sejam indicados os nomes.

Com os coadjutores e as pessoas de serviço

1° Faze de tal modo que todas as manhãs possam assistir a santa missa e aproximar-se dos santos sacramentos segundo as Regras da Sociedade. As pessoas de serviço sejam exortadas a se confessarem cada quinze dias ou uma vez por mês.

2° Usa de grande caridade no mandar, mostrando com as palavras e os fatos que desejas o bem das suas almas: vigia especialmente para que não se contraia familiaridade com os jovens ou com pessoas externas.

3° Nunca permitir que entrem mulheres nos dormitórios ou na cozinha, nem que tratem com alguém da casa, a não ser por caridade ou absoluta necessidade.

4° Surgindo dissensões ou rixas entre as pessoas de serviço, os assistentes, os jovens ou outras pessoas, ouve cada um com bondade, mas normalmente exprimirás separadamente o teu parecer de tal modo que um não ouça o que se diz do outro.

5° Para as pessoas de serviço seja estabelecido como chefe um coadjutor de conhecida probidade, que acompanhe seus trabalhos e vigie quanto à sua moralidade, para que não aconteçam furtos, nem se tenham más conversas. Haja constante solicitude para impedir que alguém assuma encargos por conta própria, tarefas referentes aos parentes ou a outras pessoas externas, seja quem for.

Com os jovens alunos

1° Nunca aceitarás alunos expulsos de outros colégios ou a respeito dos quais conste que têm maus costumes. Se apesar de toda cautela, ocorrer aceitar algum desse tipo, encarrega logo um colega exemplar para que o assista e nunca o perca de vista. Caso cometa faltas em assuntos imorais, seja avisado apenas uma vez, e se recair, seja imediatamente mandado para casa.

2° Procura fazer-te conhecer pelos alunos e conhecê-los, passando com eles todo o tempo possível, empenhando-te em dizer-lhes ao ouvido alguma palavra afetuosa, como bem sabes, à medida que fores descobrindo a necessidade. Esse é o grande segredo que te fará dono do seu coração.

3° Talvez perguntes: – Que palavras são essas? Aquelas que no passado, em geral, foram ditas a ti. Por exemplo: Como vais? – *Bem.* – E quanto à alma? – *Mais ou menos.* – Tu deverias ajudar-me numa grande empresa; estás disposto a me ajudar? – *Sim, mas em quê?* – A tornar-te bom; ou então: a salvar a tua alma; ou ainda: a tornar-te o melhor dos nossos jovens. Com os mais levianos: – Quando queres começar? – *O quê?* – A ser a minha consolação; a ter o comportamento de São Luís. Aos que são um pouco retraídos quanto aos santos sacramentos: – Quando queres que quebremos os chifres do demônio? – *De que modo?* – Com uma boa confissão. – *Quando quer* ? – O mais cedo possível. Outras vezes: – Quando lavaremos a roupa? Ou então: Estás disposto a me ajudar a quebrar os chifres do demônio? Queres que sejamos dois amigos para os negócios da alma? *Haec aut similia.*

4° Nas nossas casas, o diretor é o confessor ordinário; por isso, mostra que ouves de bom grado em confissão a cada um, mas deixa ampla liberdade de se confessarem com outros, se assim quiserem. Dá claramente a conhecer que nas votações sobre o comportamento moral tu não tomas parte, e procura afastar qualquer sombra de suspeita de que te servirás, ou mesmo de que te lembrarás, do que te foi dito em confissão. Nem uses o mínimo sinal de parcialidade com quem prefere confessar-se com este e não com aquele.

5° O Pequeno Clero, a Companhia de São Luís, do Santíssimo Sacramento, da Imaculada Conceição sejam recomendadas e promovidas. Demonstra benevolência e satisfação para com os que nelas estão inscritos; mas tu serás somente o promotor, não o diretor delas; considera essas coisas como próprias dos jovens, cuja direção é confiada ao catequista.

6° Quando descobrires alguma falta grave, chama imediatamente para o teu aposento o culpado ou o suspeito do fato, e da maneira mais caridosa procura fazer com que ele declare a culpa e o erro em tê-la cometido; em se-

guida corrige-o e convida-o a acertar os assuntos da sua consciência. Com este meio e continuando a assistir benevolamente o aluno, foram obtidos efeitos maravilhosos e mudanças de vida que pareciam impossíveis.

Com os externos

1° Prestemos de bom grado a nossa colaboração para com o serviço religioso, a pregação, celebrar missas para a comodidade do público e ouvir as confissões, sempre que a caridade e os deveres do próprio estado o permitirem, especialmente em favor da paróquia cujos limites confinam com a nossa casa. Nunca, porém, se assumam compromissos ou outras tarefas que comportem ausência do estabelecimento ou possam impedir os encargos confiados a cada um.

2° Por cortesia, às vezes, sejam convidados sacerdotes externos para as pregações ou para outros empenhos, por ocasião de solenidades, de apresentações musicais ou coisas semelhantes. Esse mesmo convite seja feito às autoridades e a todas as pessoas caridosas ou beneméritas por favores que nos prestaram ou que estejam em condições de prestar.

3° A caridade e a cortesia sejam as notas características de um diretor para com os internos e para com os externos.

4º Em questões de coisas materiais sê condescendente em tudo o que puderes, mesmo com algum prejuízo, contanto que se afaste qualquer motivo de discussão ou coisa que possa fazer perder a caridade.

5º Se se trata de coisas espirituais, as questões se resolvam sempre de modo a poderem redundar na maior glória de Deus. Empenhos, caprichos, espírito de vingança, amor próprio, razões, pretensões e também honra, tudo se deve sacrificar para evitar o pecado.

6º Nas coisas de grave importância é bom pedir tempo para rezar e solicitar conselho a alguma pessoa pia e prudente.

Com os da Sociedade

1° A observância exata das Regras e especialmente da obediência é a base de tudo. Mas, se quiseres que os outros obedeçam a ti, sê tu obediente aos teus superiores. Ninguém é capaz de mandar se não é capaz de obedecer.

2º Procura dividir as coisas de maneira que ninguém fique muito sobrecarregado de incumbências, mas faze com que cada um cumpra fielmente as que lhe são confiadas.

3° Ninguém da Congregação faça contratos, receba dinheiro, faça trocas ou empréstimos aos parentes, aos amigos ou a outras pessoas. Ninguém conserve dinheiro ou administração de coisas temporais sem estar diretamente autorizado pelo superior. A observância deste artigo manterá longe a peste mais fatal para as congregações religiosas.

4º Abomina como veneno as modificações das Regras. Sua observância exata é melhor do que qualquer mudança. O ótimo é inimigo do bom.

5º O estudo, o tempo, a experiência fizeram-me comprovar que a gula, o interesse e a vanglória foram a ruína de congregações muito flóridas e de respeitáveis ordens religiosas. Os anos farão conhecer também a ti verdades que agora talvez te pareçam incríveis.

6º Máxima solicitude em promover com palavras e fatos a vida comum.

Ao mandar

1° Nunca ordenes coisas que julgas superiores às forças dos subalternos ou quando prevês que não serás obedecido. Evita ordens inaceitáveis; antes, tem o máximo cuidado em favorecer as inclinações de cada um, confiando de preferência os encargos que se sabe serem de maior agrado a este ou àquele.

2º Nunca mandar coisas prejudiciais à saúde ou que impeçam o necessário repouso ou venham a chocar-se com outras incumbências ou ordens de outro superior.

3º Ao mandar, usem-se sempre maneiras e palavras caridosas e delicadas. As ameaças, a ira, particularmente a violência, estejam sempre longe das tuas palavras e atos.

4º No caso de se dever ordenar coisas difíceis ou repugnantes ao subalterno, diga-se, por exemplo: Poderias fazer isto ou aquilo? Ou então: Tenho uma coisa importante de que não te queria incumbir porque é difícil, mas não encontro outro como tu para fazê-la. Terias tempo, saúde, e não há outra ocupação que te impeça, etc.? A experiência mostrou que modos assim, empregados a tempo, têm muita eficácia.

5º Faça-se economia em tudo, de maneira, porém, que absolutamente nada venha a faltar aos doentes.

Por outra parte, faça-se notar a todos que fizemos voto de pobreza, por isso não devemos procurar nem desejar comodidades em nada. Devemos amar a pobreza e os companheiros da pobreza. Evitar, pois, toda despesa não absolutamente necessária nas roupas, nos livros, na mobília, nas viagens etc.

Este é como um testamento que mando aos diretores das casas particulares. Se tais avisos forem postos em prática, morrerei tranquilo, porque estarei seguro de que a nossa Sociedade será cada vez mais florescente diante dos homens e abençoada pelo Senhor, e conseguirá o seu escopo, que é a maior glória de Deus e a salvação das almas.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

Turim, 1886, Festa da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, 45.º aniversário da fundação do Oratório.

II. PREVENÇÃO E EDUCAÇÃO (1877-1878)

O Sistema Preventivo na educação da juventude *(1877)*[6] *é um dos documentos mais importantes e difundidos do fundador dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora. Trata-se da primeira e mais completa relação – apesar das suas dimensões reduzidas – que Dom Bosco compilou do próprio método educativo. A este "tratadozinho" esteve ligada intimamente por muito tempo sua reputação como "educador-pedagogo".*

Quanto à origem do documento, alguns elementos indicativos são oferecidos pela pequena crônica inédita do atento colaborador de Dom Bosco: Júlio Barberis[7]*. No dia 12 de março de 1877, realizou-se em Nice a inauguração da nova sede do Patronato São Pedro. Dom Bosco fez um discurso ou uma exposição, que pouco depois completou ao retornar à Itália. À relação da festa e ao texto do discurso acrescentou um "resumo" do que se refere ao "sistema de educação usado por nós, dito preventivo". O texto custou a Dom Bosco "vários dias de trabalho. Escreveu-o e reescreveu três vezes e depois ainda se queixava de que seus escritos não lhe pareciam mais ser de seu gosto"* [8]*.*

No outono de 1877, a tipografia salesiana de Sampierdarena editou um livreto que recolhia o material referente a Nice, "com um apêndice sobre o Sistema Preventivo na educação da juventude". A partir daquele momento, multiplicaram-se as traduções, reimpressões e as edições. Um trabalho de "circunstância" se converteu, portanto, pela força dos acontecimentos, num texto pedagógico de interesse geral.

Até agora não foram encontrados traços autógrafos da redação originária do fascículo sobre o Sistema Preventivo na educação da juventude. *"Todavia, não pode haver nenhuma dúvida acerca da paternidade 'dombosquiana' do texto: para além do testemunho explícito do padre Barberis, é mais do que suficiente uma cuidadosa análise lexical e estilística do texto, comparado com textos paralelos da autoria de Dom Bosco"* [9]*.*

[6] As páginas da primeira versão do texto foram publicadas em edição bilingue, italiana e francesa, num opúsculo intitulado: *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nizza a Mare. Scopo del medesimo esposto dal sacerdote Giovanni Bosco con appendice sul sistema preventivo nella educazione della gioventù*. Turim, tip. e libr. salesiana 1877; cf. Giovanni Bosco (s.), *Il Sistema Preventivo nella educazione della gioventù*. Introdução e textos críticos de P. Braido. Roma, LAS 1985.

[7] Cf. M. Fissore, *Il* Vademecum *di don Giulio Barberis…*, p. 11; Eugenio Ceria, *Profili di capitolari salesiani morti dall'anno 1865 al 1959*… Colle Don Bosco (Asti), Libreria Dottrina Cristiana 1951, pp. 305-324.

[8] *Cronachetta,* 12, p. XI; cf. *DBE, Scritti*, pp. 209-210.

[9] *DBE*, *Scritti*, p. 210.

Ele, porém, não se propôs elaborar um tratado pedagógico sistemático, nem um ensaio original sobre educação. Considera seu escrito "como o índice" de uma obra que pensa publicar. Depois acrescenta que "dois são os sistemas usados ao longo dos tempos na educação da juventude: Preventivo e Repressivo", e se declara, sem nenhuma hesitação, seguidor do primeiro: o "Sistema Preventivo" que "se costuma usar" nas casas salesianas e que – ele sublinha – "se apoia todo na razão, na religião e na bondade".

A obra que Dom Bosco pensava levar a termo ficou num simples projeto, mas o fascículo pedagógico de 1877 é mais do que um simples "índice". De fato, nele se refletem ideias e orientações do contexto cultural pedagógico do tempo, assimiladas e repropostas de forma característica e original, inseridas na genuína tradição cristão-católica.

"Ao lado do valor do Sistema Preventivo como formulação de doutrinas pedagógicas, deve-se também lembrar o que foi usado na história da praxe educativa. O Sistema Preventivo, *de fato, incorporado no* Regulamento da Sociedade Salesiana*, se torna o documento-base para a formação pedagógica das jovens gerações, é comentado e desenvolvido, ainda durante a vida de Dom Bosco, em apontamentos de "pedagogia sagrada" pelo padre Barberis, em breves textos e discursos pelo padre Francisco Cerruti, em diversos escritos pedagógicos pelo padre Domingos Giordano"* [10].

Após atenta pesquisa, Pietro Braido chega a esta conclusão no âmbito da "pequena história" do Sistema Preventivo: "A sua primeira formulação literária explícita é devida a Dom Bosco, que aplicou e propôs uma forma suficientemente reconhecível entre outros modelos de "pedagogia". Não se trata de um sistema perfeitamente completo e fechado; mas é uma proposta aberta a integrações e desenvolvimentos, teóricos e históricos, que o enriquecem sem desfigurar suas linhas essenciais originárias"[11].

***

Em 1878, Dom Bosco enviou ao ministro do Interior Francisco Crispi[12] *um texto que retomava o título já utilizado* – O Sistema Preventivo na educação da

[10] P. Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*…, II, p. 462. O estudioso salesiano acena em seguida a alguns "limites" do texto.

[11] P. Braido, *Breve storia del "sistema preventivo*"…, p. 5. Um dos primeiros colaboradores e estudiosos de Dom Bosco escreveu em 1910: "Todos vós conheceis, estou certo disso, as poucas, mas densas páginas do nosso bom Pai, que fez seu este sistema, intuído e ensinado pelos maiores pedagogistas, colocou em bela e suave luz, iluminou com as palavras e com o exemplo e embelezou com aquela graça que deriva do Evangelho" (Francesco Cerruti, *Educazione ed istruzione. Sistema preventivo. Ispezioni scolastiche e civili*. Turim, Tip. S.A.I.D. "Buona Stampa" 1910, pp. 7-8).

[12] Francisco Crispi (1818-1901), expoente da esquerda histórica italiana; presidente do Conselho de ministros do reino da Itália (1887-1891 e 1893-1896).

juventude –. *Pondo em relevo as características dos conteúdos, o escrito foi publicado também sob o título:* O Sistema Preventivo aplicado entre os jovens em situação de risco *(1878)"* [13].

O segundo documento enviado a Crispi estava acompanhado por uma carta na qual o próprio Dom Bosco indicava alguns prédios romanos, considerados adequados para a fundação de um albergue ou internato, no qual se haveria de aplicar o Sistema Preventivo entre os jovens em situação de risco.

Diversos parágrafos das duas "versões do Sistema Preventivo" coincidem quase literalmente; mas as diferenças entre elas são também relevantes, quer pelo enquadramento geral, quer pelos conteúdos. No fascículo de 1877 prevalece a preocupação pedagógica; ao passo que o sintético pró-memória de 1878 tem certo caráter "sociopolítico", acentuando o fenômeno das transformações sociais que tornam mais agudo e ameaçador o problema dos "jovens abandonados".

Uma das frequentes crises ministeriais interrompeu as práticas iniciadas. Dom Bosco apresentou seu "projeto" ao novo ministro do Interior José Zanardelli[14]*; mas, pelo que se sabe da documentação disponível, sem êxito. Todavia, não é sem interesse o projeto do fundador da Congregação Salesiana de tornar presente seu método educativo nos ambientes leigos, entre rapazes pobres e "em situação de risco".*

151. O Sistema Preventivo na educação da juventude*

Edição crítica em *DBE*, *Scritti*, pp. 248-257 (OE XXVIII, 422-443).

Fui instado várias vezes a expressar, verbalmente ou por escrito, o meu pensamento sobre o chamado Sistema Preventivo, que se costuma praticar em nossas casas. Por falta de tempo, não pude ainda satisfazer esse desejo, mas agora julgo oportuno expor aqui um rápido esboço. Isso será como o índice de um opúsculo que estou elaborando, se Deus me der vida para levá-lo a termo. Move-me a isso apenas a vontade de colaborar na difícil arte da educação juvenil. Direi, portanto, em que consiste o Sistema Preventivo, e por que se deve preferir; sua aplicação prática e vantagens.

[13] Cf. *DBE*, *Scritti*, p. 284.

[14] José Zanardelli (1826-1903), jurista e homem político, presidente do Conselho de 1901 a 1903, filiado à Loja Propaganda Maçônica. Em 1878 esteve por alguns meses à frente do ministério do Interior.

* A tradução que apresentamos aqui, com pouquíssimos retoques, é a que consta do texto das Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales traduzidas para o português.

I. Em que consiste o Sistema Preventivo e por que se deve preferir

São dois os sistemas até hoje usados na educação da juventude: o Preventivo e o Repressivo. O Sistema Repressivo consiste em fazer que os súditos conheçam a lei, e depois vigiar para conhecer os seus transgressores e, quando necessário, aplicar-lhes o merecido castigo. Nesse sistema, as palavras e o semblante do superior devem constantemente ser severos e até ameaçadores, e ele próprio deve evitar toda a familiaridade com os dependentes.

O diretor, para dar mais prestígio à sua autoridade, raramente deverá achar-se entre os dependentes e quase unicamente quando se trata de ameaçar ou punir. Esse sistema é fácil, menos trabalhoso. Serve especialmente para soldados e, em geral, para pessoas adultas e sensatas, que devem, por si mesmas, estar em condições de saber e lembrar o que é conforme as leis e outras prescrições.

Diferente e, eu diria, oposto é o Sistema Preventivo. Consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, deem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas.

O Sistema apoia-se todo na razão, na religião e na bondade. Exclui, por isso, todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves. Parece preferível pelas seguintes razões:

I. O aluno, previamente avisado, não fica abatido pelas faltas cometidas, como sucede quando são levadas ao conhecimento do superior. Não se irrita pela correção feita, nem pelo castigo ameaçado ou mesmo infligido, pois a punição contém em si um aviso amigável e preventivo que o leva a refletir e, as mais das vezes, consegue granjear-lhe o coração. Assim o aluno reconhece a necessidade do castigo e quase o deseja.

II. A razão mais essencial é a volubilidade do jovem, que num instante esquece as regras disciplinares e o castigo que ameaçam. Por isso é que, amiúde, se torna um jovem culpado e merecedor de uma pena em que nunca pensou, e de que absolutamente não se lembrava no momento da falta cometida, e que teria por certo evitado, se uma voz amiga o tivesse advertido.

III. O Sistema Repressivo pode impedir uma desordem, mas dificilmente melhorará os culpados. Diz a experiência que os jovens não esquecem os castigos recebidos, e geralmente conservam ressentimento acompanhado do desejo de sacudir o jugo e até de tirar vingança. Podem, às vezes, parecer

indiferentes; mas quem lhes segue os passos sabe quão terríveis são as reminiscências da juventude. Esquecem facilmente os castigos que recebem dos pais; muito dificilmente, porém, os dos educadores. Há casos de alguns que na velhice se vingaram com brutalidade de castigos justos que receberam nos anos de sua educação. O Sistema Preventivo, pelo contrário, granjeia a amizade do jovem, que vê no assistente um benfeitor que o adverte, quer fazê-lo bom, livrá-lo de dissabores, castigos e desonra.

IV. O Sistema Preventivo predispõe e persuade de tal maneira o aluno, que o educador poderá em qualquer momento falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação, quer depois. Conquistado o ânimo do discípulo, o educador poderá exercer sobre ele grande influência, avisá-lo, aconselhá-lo, e também corrigi-lo, mesmo quando já colocado em qualquer trabalho ou emprego público, ou no comércio. Por essas e muitas outras razões, parece que o Sistema Preventivo deve preferir-se ao Repressivo.

II. Aplicação do Sistema Preventivo

A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de S. Paulo: *"Charitas benigna est, patiens est; omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet"*. A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo. Por isso, somente o cristão pode aplicar com êxito o Sistema Preventivo. Razão e religião são os instrumentos de que o educador se deve servir; deve inculcá-los, praticá-los ele mesmo, se quiser ser obedecido e alcançar os resultados que deseja.

I. Deve, pois, o diretor consagrar-se totalmente aos seus educandos: jamais assuma compromissos que o afastem das suas funções. Pelo contrário, permaneça sempre com seus alunos, todas as vezes que não estiverem regularmente ocupados, salvo estejam por outros devidamente assistidos.

II. A moralidade dos professores, mestres de oficina, assistentes, deve ser notória. Esforcem-se por evitar, como epidemia, toda a sorte de afeições ou amizades sensíveis com os alunos, e lembrem-se de que o descaminho de um só pode comprometer um instituto educativo. Veja-se que os alunos não fiquem jamais sozinhos. Porquanto possível, os assistentes sejam os primeiros em achar-se no lugar onde os alunos se devem reunir; entretenham-se com eles enquanto não vier um substituto; nunca os deixem desocupados.

III. Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade. Os exercícios de ginástica e de esporte, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios eficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e con-

servar a saúde. Mas haja cuidado em que a matéria das diversões, as pessoas que tomam parte, as falas, não sejam repreensíveis. "Fazei quanto quiserdes", dizia o grande amigo da juventude, São Filipe Néri, "a mim me basta que não cometais pecados".

IV. A confissão e a comunhão frequentes e a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo, do qual se queira eliminar a ameaça e o castigo. Nunca se obriguem os jovens a frequentar os santos sacramentos: basta encorajá-los e dar-lhes comodidade de se aproveitarem deles. Nos exercícios espirituais, tríduos, novenas, pregações, catecismos, ponha-se em relevo a beleza, a sublimidade, a santidade da religião, que oferece meios tão fáceis, tão úteis à sociedade civil, à paz do coração, à salvação da alma, como são precisamente os santos sacramentos. Dessa maneira, estimulam-se os meninos a querer, espontaneamente, essas práticas de piedade; haverão de cumpri-las de boa vontade, com prazer e fruto (1).

V. Use-se a máxima vigilância para impedir que entrem no instituto companheiros, livros ou pessoas que tenham más conversas. A escolha de um bom porteiro é um tesouro para uma casa de educação.

VI. Todas as noites, após as orações de costume e antes que os alunos se recolham, o diretor, ou quem por ele, dirija em público algumas palavras afetuosas, dando algum aviso ou conselho sobre o que convém fazer ou evitar. Tire-se a lição moral de acontecimentos do dia, sucedidos em casa ou fora; mas a sua alocução não deve passar de dois ou três minutos. Essa é a chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação.

VII. Afaste-se como a peste a opinião dos que pretendem adiar a primeira comunhão para uma idade demasiado adiantada, quando em geral o demônio já se apossou do coração dos meninos, com incalculável dano da sua inocência. Conforme a disciplina da Igreja primitiva, costumava-se dar às crianças as hóstias consagradas que sobravam da comunhão pascal. Isso demonstra quanto a Igreja preza que os meninos sejam admitidos mais cedo à santa comunhão. Quando uma criança pode distinguir entre Pão e pão, e revela instrução suficiente, já não se olhe para a idade, e venha o soberano celeste reinar nessa alma abençoada.

VIII. Os catecismos recomendam a comunhão frequente: São Filipe Neri aconselhava-a cada oito dias e ainda mais amiúde. O Concílio Tridentino diz claramente que deseja sumamente que todos os fiéis, quando ouvem a santa missa, façam também a comunhão. Porém, a comunhão seja não somente espiritual, mas também sacramental, a fim de que se tire maior fruto desse augusto e divino sacrifício (Concílio Tridentino, Sess. XXII, capítulo VI).

III. Utilidade do Sistema Preventivo

Dir-se-á que esse sistema é difícil na prática. Observo que da parte dos alunos torna-se bastante mais fácil, agradável e vantajoso. Para o educador, encerra alguma dificuldade que, porém, diminuirá se ele se entregar com zelo à sua missão. O educador é uma pessoa consagrada ao bem de seus alunos: por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e canseira para conseguir o fim que tem em vista: a formação civil, moral e científica dos seus alunos.

Além das vantagens acima expostas, acrescenta-se ainda o seguinte:

I. O aluno conservará sempre grande respeito para com o educador e lembrará com saudades a educação recebida, e considerará ainda os seus mestres e demais superiores como pais e irmãos. Esses alunos, nos lugares para onde forem, serão, as mais das vezes, o consolo da família, cidadãos prestimosos e bons cristãos.

II. Qualquer que seja o caráter, a índole, o estado moral do aluno ao ser admitido, os pais podem estar seguros de que seu filho não vai piorar, e considera-se como certo que se alcançará sempre alguma melhora. Antes, houve meninos que depois de terem sido por muito tempo o flagelo dos pais, e, até, rejeitados pelas casas de correção, educados segundo esses princípios, mudaram de índole e caráter, deram-se a uma vida morigerada, e presentemente ocupam posição distinta na sociedade, tornando-se, desse modo, o amparo da família e honra do lugar em que moram.

III. Os alunos que por acaso entrarem num instituto com maus hábitos, não poderão prejudicar os seus companheiros. Nem os meninos bons serão contaminados por eles, porque não haveria tempo, nem lugar, nem ocasião, pois o assistente, que supomos presente, logo acudiria.

IV. Uma palavra sobre os castigos[15]

Que norma seguir sobre os castigos? – Por quanto possível, jamais se faça uso de castigos. Quando, porém, a necessidade o exigir, observe-se quanto segue:

[15] Não foi incluída na coletânea a circular dita *Dos castigos a serem infligidos nas casas salesianas (*ASC A1750401), manuscrito do padre João Batista Francesia datado de 1883 e publicado pela primeira vez em 1935 (cf. MB XVI, 440-449) pelo padre Eugênio Ceria. Nesse texto, erroneamente atribuído a Dom Bosco e à transcrição do padre Rua, se encontra a famosa frase: "a edução é coisa do coração". Cf. José Manuel Prellezo, *"Dei castighi" (1883): puntualizzazioni sull'autore e sulle fonti redazionali dello scritto*, em RSS 27 (2008) 287-307.

I. O educador entre os alunos procure fazer-se amar se quer fazer-se respeitar. Nesse caso, subtrair a benevolência já é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir.

II. Entre os meninos é castigo o que se dá como castigo. Observou-se que um olhar não amável produz, para alguns, maior efeito do que uma bofetada. O elogio quando uma ação é bem feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.

III. Salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se deem em público, mas em particular, longe dos companheiros, e empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta, à luz da razão e da religião.

IV. Bater, de qualquer modo que seja, pôr de joelhos em posição dolorosa, puxar as orelhas e outros castigos semelhantes, devem ser absolutamente banidos, porque são proibidos pelas leis civis, irritam muito os jovens e desmoralizam o educador.

V. O diretor dê a conhecer bem as regras, os prêmios e os castigos sancionados pelas leis disciplinares, a fim de que o aluno não possa se desculpar dizendo: "Eu não sabia que isso era mandado ou proibido".

Se em nossas casas se puser em prática este sistema, creio poderemos alcançar grande resultado, sem recorrermos a pancadarias, nem a outros castigos violentos. Há quarenta anos, mais ou menos, que trato com a juventude, não me lembro ter usado castigo de espécie alguma. Com o auxílio de Deus, não só obtive sempre o que era de dever, mas ainda o que eu simplesmente desejava, e isso daqueles mesmos meninos dos quais se havia perdido a esperança de bom resultado ([1]).

(1) Não faz muito tempo que um ministro da rainha da Inglaterra, ao visitar um instituto de Turim, foi levado a uma sala espaçosa onde estudavam cerca de quinhentos jovens. Ficou muito admirado ao ver essa multidão de meninos em perfeito silêncio e sem assistentes. Sua admiração aumentou ainda mais quando soube que talvez em todo o ano não se tinha a lamentar uma palavra de desordem, um motivo para infligir ou ameaçar um castigo. – Como é possível obter tanto silêncio e tanta disciplina? Pergunta: e vós, disse ao secretário, anotai o que ele vos disser. – Senhor, respondeu o diretor do estabelecimento, o meio que se usa entre nós não pode ser usado entre vós. – Por quê? – Porque são segredos revelados somente aos católicos. – Quais? – A confissão frequente, a comunhão e a missa diária bem participada. – Tendes razão, nós não temos esses meios poderosos de educação. Não podem ser

supridos com outros meios? – Se não se usarem esses elementos da religião, será preciso recorrer às ameaças e ao bastão. – Tendes razão! Tendes razão! Ou religião, ou bastão: quero contá-lo em Londres.

152. O Sistema Preventivo na educação da juventude ["em situação de risco"]

Edição crítica em *DBE*, *Scritti*, pp. 291-294 ("Minuta autógrafa de Dom Bosco de um pró-memória para o ministro Francisco Crispi").

Dois são os sistemas usados na educação moral e civil da juventude: repressivo e preventivo. Um e outro são aplicáveis na sociedade civil e nas casas de educação. Aqui apresentaremos de forma geral o Sistema Preventivo enquanto pode ser usado na sociedade civil: em seguida, diremos como pode ser aplicado com sucesso nos reformatórios, colégios, albergues e nos próprios educandários.

Sistema Preventivo e Repressivo em meio à sociedade

O Sistema Repressivo consiste em fazer conhecer as leis e as penas que elas estabelecem; em seguida, a autoridade deve vigiar para conhecer e punir os culpados. Este sistema é usado no exército e em geral entre os adultos. Quanto aos jovens, faltos de instrução, reflexão e levados pelos companheiros ou pela irreflexão, frequentemente se deixam arrastar cegamente para a desordem pelo único motivo de serem abandonados.

Enquanto as leis vigiam sobre os culpados, certamente é preciso usar de grande solicitude para diminuir seu número.

Que jovens devem ser considerados em perigo

Eu creio que podem ser considerados, não maus, mas em perigo de se tornarem tais, os que:

1° Das cidades ou das diversas localidades do Estado vão para outras cidades e povoados em busca de trabalho. Em geral, eles levam um pouco de dinheiro, que também gastam em pouco tempo. Se depois não encontram

trabalho, correm realmente perigo de entregar-se à ladroagem e começar o caminho que os leva para a ruína.

2° Aqueles que, órfãos de pais, não têm quem os assista e por isso ficam abandonados, entregues à vadiagem e às más companhias, ao passo que uma mão amiga, uma voz caridosa, poderia encaminhá-los pela estrada da honra e do cidadão honesto.

3° Aqueles que têm pais que não podem ou não querem tomar conta dos próprios filhos; por isso, os expulsam da família ou absolutamente os abandonam. Desses pais desnaturados, infelizmente, grande é seu número.

4° Os vagabundos que caem nas mãos da segurança pública, mas que ainda não são maus. Estes, se forem acolhidos num albergue onde puderem ser instruídos, encaminhados ao trabalho, certamente seriam tirados das prisões e restituídos à sociedade civil.

Soluções

A experiência mostrou que é possível socorrer com eficácia estas quatro categorias de meninos:

1° Com encontros para divertimento nos dias festivos. Mediante uma recreação amena, a música, a ginástica, a corrida, os saltos, a declamação, o teatrinho, é fácil reuni-los. Com as aulas noturnas, dominicais e o catecismo se proporciona alimento moral apropriado e indispensável para esses pobres filhos do povo.

2° Nessas reuniões, elaborar um levantamento para saber quais são os que não têm um patrão, e procurar que sejam ocupados e assistidos no trabalho durante a semana.

3° Há também os que são pobres e abandonados, não têm o que vestir e comer, e onde dormir à noite. A esses não se pode ajudar de outra forma senão mediante internatos e casas de preservação, artes, ofícios e também colônias agrícolas.

Participação governamental

O governo, sem assumir uma específica administração, sem tocar no princípio da caridade legal, pode cooperar das seguintes formas:

1° Providenciar ambientes para divertimento nos dias festivos; ajudar a dotar as escolas e os ambientes de divertimento com os móveis necessários.

2° Providenciar locais para internatos, provisioná-los com os meios necessários para as artes e os ofícios a que se aplicariam os meninos a serem ali recolhidos.

3° O governo deixaria livre a aceitação dos jovens, mas daria uma diária ou um subsídio mensal para aqueles que se encontram nas situações acima descritas e que forem internados. Isto se deveria fazer constar por meio de certificados da autoridade civil, ou de boletins de ocorrência da polícia, que com muita frequência encontra jovens que vivem nessa condição.

4° Esse subsídio diário se limitaria a um terço do que custa um jovem nos reformatórios do Estado. Tomando como base os cárceres correcionais da Generala de Turim, e reduzindo a despesa total para cada indivíduo, pode-se calcular a despesa diária em torno de 80 centavos.

Deste modo, o governo ajudaria, mas deixaria livre a participação da caridade particular dos cidadãos.

Resultados

Com base na experiência de trinta e cinco anos, pode-se constatar que:

1° Muitos jovens que saíram das prisões, facilmente se encaminham para um trabalho com que ganhar honestamente o próprio pão.

2° Muitos que corriam grande perigo de se tornarem maus, começavam a criar problemas aos cidadãos honestos e já provocavam graves perturbações para as autoridades públicas, afastaram-se do perigo e puseram-se no bom caminho do honesto cidadão.

3° Consta pelos registros que, não menos de cem mil jovens assistidos, recolhidos, educados com este sistema, alguns aprenderam a música, outros a ciência literária, a arte ou um ofício, e se tornaram trabalhadores conscienciosos, gerentes ou donos de casas comerciais, professores, empregados laboriosos, e não poucos ocupam graus honoríficos no exército. Muitos também, dotados pela natureza de grande engenho, puderam fazer os cursos universitários e se laurearam em letras, matemática, medicina, leis, tornaram-se engenheiros, tabeliães, farmacêuticos e semelhantes.

III. EXORTAÇÕES PARA PRATICAR O SISTEMA PREVENTIVO (1884-1885)

Nas páginas do fascículo pedagógico de 1877, Dom Bosco põe em relevo as vantagens do Sistema Preventivo e outros motivos pelos quais deveria ser preferido; mas, ao mesmo tempo, reconhece que a "aplicação prática" do método de educação proposto por ele, comporta, para os educadores, "algumas dificuldades".

As dificuldades não haveriam de faltar nem mesmo em Valdocco, especialmente no âmbito disciplinar. Na primeira parte da década de 1880 foi sentida diversas vezes a necessidade de enfrentar o delicado tema dos "castigos". No dia 9 de março de 1883, na "conferência geral" ou reunião de todo o pessoal envolvido no trabalho entre os jovens, foi posto na ordem do dia o assunto considerado "importante": "Encontrar o motivo pelo qual os jovens mais nos temem do que amam". Os responsáveis pela casa advertem que o fato é contrário ao espírito salesiano ou "pelo menos ao espírito de Dom Bosco"[16].

Poucos meses depois – 14 de julho de 1884 – na reunião do Capítulo Superior (hoje Conselho-Geral) da Congregação Salesiana, o próprio Dom Bosco alude à questão da "reforma da casa do Oratório" e sublinha a esse respeito a importância de observar pontualmente o "regulamento que se praticava nos tempos antigos"[17].

Neste sentido, há pontos de correspondência com o conteúdo do primeiro texto que vamos apresentar aqui em seguida: a célebre carta de Roma de 1884 (dirigida à comunidade salesiana de Turim-Valdocco), na qual se narra um "sonho" de Dom Bosco – exposto ao seu secretário, padre João Batista Lemoyne – sonho que se referia à situação do Oratório de São Francisco de Sales em dois momentos do seu desenvolvimento: antes de 1870 (aspectos positivos) e na atualidade de 1884 (aspectos problemáticos). Existe também uma redação mais breve, dirigida aos estudantes de Valdocco[18].

[16] José Manuel Prellezo, *Valdocco nell'Ottocento tra reale e ideale (1866-1889). Documenti e testimonianze.* Roma, LAS 1992, pp. 257-258.

[17] *Ibid*., p. 275. Considerações análogas levaram Dom Bosco a interromper as práticas iniciadas para confiar-lhe em 1885 um "Reformatório" em Madri. No dia 17 de março de 1886 escreveu ao senador espanhol Manuel Silvela: "Apesar de toda a vontade de fazer o bem, nós não podemos nos distanciar da prática do que estabelece o nosso Regulamento, do qual lhe enviei cópia em setembro próximo passado. Viável para nós seria um instituto do tipo dos *Talleres Salesianos* de Barcelona-Sarriá; não, porém, uma escola de reforma do tipo da Santa Rita" (E IV, pp. 353-354).

[18] Cf. Pietro Braido, *Due lettere datate da Roma 10 maggio 1884*, em *DBE, Scritti*, pp. 344-390; José Manuel Prellezo, *La(s) Carta(s) de Roma (1884),* em "Cuadernos de Formación Permanente" 17 (2011) 179-202.

"Dessa carta [datada em 10 de maio de 1884] não se conhece a minuta autógrafa de Dom Bosco, mas somente o original (em duas redações), escrito pelo padre Lemoyne e assinado por Dom Bosco. Apesar disso, pelo seu conteúdo, deve ser considerado como um dos mais eficazes e ricos documentos pedagógicos de Dom Bosco" [19].

Numa circunstância análoga à acenada nos parágrafos precedentes, foram escritas diversas cartas por Dom Bosco em 1885. Da América Latina tinham chegado informações pouco satisfatórias quanto aos métodos educativos seguidos em algumas casas da Argentina, em contraste com a familiaridade e a bondade própria do sistema educativo salesiano. Informado da situação, Dom Bosco intervém pessoalmente e com muita franqueza escreve: "O Sistema Preventivo seja verdadeiramente nosso".

Além do texto da redação mais extensa da carta de 10 de maio de 1884, apresentamos aqui a seguir três escritos dirigidos, em 1885, a autorizados missionários salesianos: João Cagliero, Tiago Costamagna e padre Domingos Tomatis[20]*. Dom Bosco, neles, faz paternas e vivas exortações a pôr em prática a pedagogia da caridade, da paciência e da doçura. Em outras palavras: a assumir os principais traços do "espírito salesiano" que ele se propôs "introduzir nas casas da América". O empenho do fundador da Congregação Salesiana não resultou inútil.*

[19] P. Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*…, II, p. 469. Nas páginas anteriores, acenando ao tema dos "sonhos", Stella escreve: "Entre todos, aquele enviado de Roma ao Oratório, pode ser considerado como a mais eficaz exegese da assistência amorosa e preventiva" (*Ibid*., p. 467); cf. também Pietro Braido, *La lettera di don Bosco da Roma del 10 maggio 1884*. Roma, LAS 1984, p. 8.

[20] Destinatários das cartas de Dom Bosco, referidas aqui, são: dom João Cagliero (1838-1926), futuro primeiro cardeal salesiano (1915). Tiago Costamagna (1846-1921), futuro bispo (1894), Viágio Apostólico de Méndez y Gualaquiza (Equador). José Vespignani (1854-1932) se tornou salesiano depois da ordenação sacerdotal (1876); em 1877 é enviado como missionário para a Argentina; no CG de 1922 é eleito conselheiro profissional-geral. Domingos Tomatis (1849-1912), diretor por vários anos do colégio de San Nicolás de los Arroyos (Argentina). Outros missionários salesianos italianos mencionados: padre José Beauvoir (1850-1930), padre Domingos Milanesio (1843-1922), monsenhor José Fagnano (1844-1916).

153. Carta de Roma para a comunidade salesiana do Oratório de Turim-Valdocco

Edição crítica em *DBE*, *Scritti*, pp. 377-390.

Roma, 10 de maio de 1884

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo

Perto ou longe, eu penso sempre em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento e esse desejo é que me levaram a escrever-vos esta carta. Sinto, meus caros, o peso do afastamento, e o fato de não vos ver nem ouvir me aflige como não podeis imaginar. Desejaria, por isso, escrever-vos estas linhas há uma semana, mas as contínuas ocupações me impediram. Todavia, embora faltem poucos dias para minha volta, quero antecipar minha chegada ao menos por carta, já que não posso fazê-lo pessoalmente. São palavras de quem vos ama carinhosamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-vos com a liberdade de um pai. Haveis de permiti-lo, não é verdade? E me prestareis atenção e poreis em prática o que vou dizer-vos.

Afirmei que vós sois o único e contínuo pensamento de minha mente. Ora, numa das noites passadas, havia-me recolhido ao quarto e enquanto me dispunha a repousar tinha começado a rezar as orações que minha boa mãe me ensinou. Nesse momento, não sei bem se dominado pelo sono ou fora de mim por uma distração, pareceu-me ver dois dos antigos jovens do Oratório virem ao meu encontro.

Um deles aproximou-se e saudando-me afetuosamente me disse:

– Dom Bosco, não me conhece?

– Se te conheço! Respondi.

– E lembra-se ainda de mim? — acrescentou o homem.

– De ti e de todos os outros. Tu és Valfrè e estavas no Oratório antes de 1870.

– Diga – continuou Valfrè –, quer ver os jovens que estavam no Oratório no meu tempo?

– Sim, mostra-me – respondi –, isso vai me dar grande prazer.

Então Valfrè mostrou-me todos os jovens, com o mesmo semblante, estatura e idade daquele tempo. Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Alguns corriam,

outros pulavam, outros faziam pular. Num lugar se brincava de rã, de barra, ou com bola. Noutro, uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre, que lhes contava uma história. Noutro ainda, um clérigo no meio de um grupo de meninos brincava de burro voa e de jerônimo. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte havia padres e clérigos, e ao redor deles jovens brincando e gritando alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado com o espetáculo. Valfrè me disse então:

– Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores. Tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão, e se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados.

Nesse instante aproximou-se de mim o outro ex-aluno, de barba toda branca, e me disse:

– Dom Bosco, quer conhecer e ver agora os jovens que atualmente estão no Oratório? (Era José Buzzetti).

– Sim, respondi; porque há já um mês que não os vejo!

E mostrou-os para mim: vi o Oratório e todos vós no recreio. Mas já não ouvia gritos de alegria e cantos, não via o movimento e a vida da cena anterior.

Nos modos e nos rostos de muitos jovens lia-se enfado, cansaço, mau humor, desconfiança que me faziam sofrer o coração. Vi, é verdade, muitos correndo, brincando, agitando-se com feliz despreocupação, mas muitos estavam sós, encostados às colunas, dominados por pensamentos desalentadores; outros se espalhavam pelas escadas e nos corredores ou na sacada perto do jardim para fugir do recreio comum; outros ainda passeavam lentamente em grupos, falando em voz baixa, lançando ao derredor olhares desconfiados e maliciosos. Sorriam de vez em quando, mas com um sorriso acompanhado de olhares que faziam suspeitar e até mesmo acreditar que São Luís haveria de corar se andasse em sua companhia; mesmo entre os que brincavam, alguns havia tão enfadados que mostravam claramente não achar nenhum gosto nos divertimentos.

– Viu seus jovens? – perguntou-me o ex-aluno.

– Vejo-os –, respondi suspirando.

– Como são diferentes do que éramos nós em nosso tempo! – exclamou o ex-aluno.

– É pena! Quanta falta de vontade nesse recreio!

– De aí é que vem a frieza de tantos meninos na frequência dos santos sacramentos, o desleixo das práticas de piedade na igreja e fora; o estar de má vontade num lugar onde a divina Providência os cumula de todos os bens para o corpo, para a alma, para a inteligência. De aí vem muitos não corresponderem à sua vocação, a ingratidão para com os superiores, os segredinhos e as murmurações, com todas as demais consequências deploráveis.

– Compreendo, entendo – respondi –. Mas como reanimar estes meus caros jovens, para que retomem a antiga vivacidade, alegria, expansão?

– Com o amor!

– Com o amor? Mas os meus jovens não são bastante amados? Sabes quanto eu os amo. Sabes quanto por eles sofri e tolerei no decorrer de bem quarenta anos, e quanto suporto e sofro mesmo agora. Quantas privações, quantas humilhações, quantas oposições, quantas perseguições, para dar-lhes pão, casa, professores e especialmente para garantir-lhes a salvação da alma. Fiz tudo quanto soube e pude por eles, que são o amor de toda a minha vida.

– Não falo do senhor!

– De quem então? Dos que me fazem as vezes? Dos diretores, prefeitos, professores, assistentes? Não vês como são mártires do estudo e do trabalho? Como consomem sua juventude por aqueles que a divina Providência lhes confiou?

– Vejo, sei perfeitamente; mas isso não basta. Falta o melhor.

– Que é que falta, então?

– Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados.

– Mas, afinal, não têm olhos? Não têm a luz da inteligência? Não veem que tudo o que por eles se faz é por amor deles?

– Não, repito, isso não basta.

– Que é preciso, então?

– Que sendo amados nas coisas que lhes agradam, ao participar de seus gostos infantis, aprendam a ver o amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor.

– Explica-te melhor.

– Observe os jovens no recreio.

Observei e respondi:

– E que há de especial para ver?

– Há já tantos anos que vive a educar os jovens e não entende? Olhe melhor! Onde estão os nossos salesianos?

Observei e vi que bem poucos padres e clérigos se misturavam com os jovens e bem menos ainda eram os que tomavam parte em seus divertimentos. Os superiores já não eram a alma do recreio. A maior parte deles passava conversando entre si, sem ligar ao que faziam os alunos; outros olhavam o recreio sem se preocupar absolutamente com os jovens; outros vigiavam, mas de tão longe que não poderiam perceber se os jovens cometiam alguma falta; um ou outro avisava, mas em atitude ameaçadora e bem raramente. Ainda havia algum salesiano que gostaria de intrometer-se no meio dos jovens; vi, porém, que estes procuravam propositalmente se afastar dos professores e superiores.

Então meu amigo continuou:

– Nos velhos tempos do Oratório, o senhor não estava sempre no meio dos jovens, especialmente na hora do recreio? Lembra-se daqueles belos anos? Era um santo alvoroço, um tempo que recordamos sempre com saudades, porque o afeto é que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para o senhor.

– Certamente. Tudo então era alegria para mim. Os jovens corriam ao meu encontro para falar-me; ansiavam por ouvir meus conselhos e pô-los em prática. Vês, porém, que agora as contínuas audiências, os muitos afazeres e minha saúde não o permitem.

– Está bem: mas se o senhor não pode, por que seus salesianos não o imitam? Por que não insiste, não exige que tratem os jovens como o senhor os tratava?

– Eu falo, canso-me de falar, entretanto muitos não se sentem dispostos a enfrentar os trabalhos como outrora.

– E então, descuidando o menos, perdem o mais, e esse "mais" são seus trabalhos. Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que agrada aos superiores. E assim ser-lhes-á fácil o trabalho. A causa da mudança atual no Oratório é que bom número de jovens não tem confiança nos superiores. Antigamente os corações estavam todos abertos aos superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente. Mas agora os superiores são considerados como superiores e não como pais, irmãos e amigos; são, pois, temidos e pouco amados. Por isso, se se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus se rompa a barreira fatal da desconfiança e ela

seja substituída por uma confiança cordial. Guie, pois, a obediência o aluno como a mãe guia o filhinho; reinará então no Oratório a paz e a antiga alegria.

– Como fazer então para romper a barreira?

– Familiaridade com os jovens, especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve mostrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! O professor, visto apenas na cátedra, é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens, torna-se irmão.

Se alguém é visto somente a pregar do púlpito, dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever; mas se diz uma palavra no recreio, é palavra de alguém que ama. Quantas conversões não provocaram algumas palavras suas ditas ocasionalmente aos ouvidos de um jovem enquanto brincava!

Quem sabe que é amado, ama; e quem é amado, alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse amor faz os superiores suportarem canseiras, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida, nem apagou a mecha que fumega. Eis vosso modelo. Então não se verá ninguém mais trabalhar apenas por vanglória; punir somente para satisfazer o amor próprio ofendido, retirar-se do campo da vigilância somente por ciúme de sucesso alheio; murmurar dos outros, querendo ser amado e estimado pelos jovens, com exclusão de todos os demais superiores, ganhando nada mais do que desprezo e falsas manifestações de carinho; deixar-se roubar o coração por uma criatura e, para cortejá-la, descuidar todos os outros meninos; por amor da própria comodidade, julgar sem importância o dever importantíssimo da vigilância; por vão respeito humano deixar de advertir quem deve ser advertido.

Se houver esse verdadeiro amor, não se haverá de procurar senão a glória de Deus e a salvação das almas. Se vier a definhar, então é que as coisas já não vão bem. Por que se quer substituir a frieza de um regulamento à caridade? Por que se afastam os superiores do modo de educar que Dom Bosco ensinou? Por que o sistema de prevenir com a vigilância e amorosamente as desordens vai sendo substituído pouco a pouco pelo sistema, menos pesado e mais cômodo para quem manda, de impor leis que se mantêm com castigos, acendem ódios e geram desgostos, e se não se cuida de fazer com que sejam observadas, geram desprezo aos superiores e causam gravíssimas desordens?

É o que acontece necessariamente se faltar a familiaridade. Se se quiser, pois, que o Oratório volte à antiga felicidade, reponha-se em vigor o antigo sistema: O superior seja tudo para todos, sempre disposto a ouvir qualquer

dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternalmente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou.

Então, já não haverá corações fechados e não se alastrarão mais certos segredinhos que acabam matando. Somente em caso de imoralidade os superiores sejam inexoráveis. É melhor correr o perigo de expulsar de casa um inocente, do que conservar um escandaloso. Os assistentes considerem gravíssimo dever de consciência relatar aos superiores tudo o que souberem ser de algum modo ofensa a Deus.

Então indaguei:

– Qual é o meio mais indicado para que reine essa familiaridade, esse amor e confiança?

– A observância exata das regras da casa.

– E nada mais?

– O melhor prato de um jantar é o bom humor.

Enquanto meu antigo aluno acabava de falar e eu continuava a observar com vivo desprazer o recreio, pouco a pouco senti-me abatido por grande canseira, que ia crescendo cada vez mais. E chegou a tal ponto que não podendo mais resistir, estremeci e acordei.

Encontrei-me de pé junto à cama. As pernas estavam tão inchadas e me doíam tanto que não podia ficar de pé. A hora já ia muito adiantada, de modo que me deitei resolvido a escrever estas linhas a meus filhos.

Desejo não ter sonhos assim, porque me cansam demais. No dia seguinte sentia-me todo moído e não via a hora de descansar na noite seguinte. Eis, porém, que, apenas me deitei, o sonho recomeçou. Reaparece o pátio, os jovens que atualmente estão no Oratório e o mesmo aluno do Oratório. Comecei a interrogá-lo:

– Comunicarei aos salesianos o que me disseste; mas que devo dizer aos jovens do Oratório?

Respondeu-me:

– Que reconheçam quanto os superiores, mestres e assistentes trabalham e estudam por amor deles, pois se não fosse pelo bem deles, não se haviam de sujeitar a tantos sacrifícios; que se lembrem de que a humildade é a fonte de toda tranquilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros, porque a perfeição não é deste mundo, mas somente do paraíso; que deixem de murmurar, porque as murmurações esfriam os corações; particularmente, que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus, não tem paz nem consigo nem com os outros.

– Queres dizer então que há entre meus jovens alguns que não estão em paz com Deus?

– Entre as causas do mal-estar que Dom Bosco conhece, que não vou recordar agora e às quais deve pôr remédio, esta é a principal. Com efeito, não desconfia senão quem tem segredos a guardar, senão quem teme que tais segredos venham a ser conhecidos, porque sabe que isso lhes traria vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo, se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado, irrequieto, rebelde à obediência, irrita-se por nada, parece-lhe que tudo vai mal, e por não ter amor, julga que os superiores não o amam.

– Entretanto, meu caro, não vês quanta frequência de confissões e comunhões há no Oratório?

– É verdade que é grande a frequência das confissões, mas o que falta radicalmente em muitos meninos que se confessam é a firmeza nos propósitos. Confessam-se, mas sempre das mesmas faltas, das mesmas ocasiões próximas, dos mesmos maus hábitos, das mesmas desobediências, das mesmas transgressões dos deveres. E vai-se assim para frente meses e meses, e também por vários anos, e alguns chegam assim até o fim do curso secundário. São confissões que pouco ou nada valem; consequentemente não trazem a paz. Se o menino fosse chamado nesse estado ao tribunal de Deus, que desgraça não seria.

– E há muitos assim no Oratório?

– Poucos em comparação com o grande número de jovens que se encontram na casa. Veja. E apontava.

Olhei e vi os tais jovens um por um. Nesses poucos, porém, vi coisas que me amarguraram profundamente o coração. Não quero pô-las no papel, mas quando voltar quero contar a cada um dos interessados. Aqui apenas vos direi que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções: tomar propósitos não com palavras, mas com fatos, e demonstrar que os Comollos, os Domingos Savios, os Besuccos e os Saccardis ainda vivem entre nós.

Perguntei por fim ao meu amigo:

– Não tens mais nada a dizer-me?

– Pregue a todos, grandes e pequenos, que se lembrem sempre de Maria Santíssima Auxiliadora. Que ela os reuniu aqui para tirá-los dos perigos do mundo, para que se amem como irmãos, e para que deem glória a Deus e a ela, com o bom procedimento; que é Nossa Senhora que lhes providencia pão e meios para estudar mediante graças e portentos. Lembrem-se de que estão na vigília da festa de sua Mãe Santíssima, e com sua ajuda deve cair a barreira da desconfiança que o demônio soube erguer entre jovens e superiores, e da qual se aproveita para ruína de certas almas.

– E conseguiremos destruir essa barreira?

– Sim, certamente, contanto que grandes e pequenos estejam dispostos a sofrer alguma pequena mortificação por amor de Maria e ponham em prática o que eu disse.

Entrementes, eu continuava a olhar meus jovenzinhos; ante o espetáculo dos que eu via que se encaminhavam para a eterna perdição senti tamanho aperto no coração que acordei. Gostaria de contar-vos muitas coisas importantíssimas que eu vi, mas o tempo e as conveniências não permitem.

Vou concluir. Sabeis o que deseja de vós este pobre velho, que gastou toda a vida por seus caros jovens? Nada mais do que, feitas as devidas proporções, retornem os dias felizes do Oratório primitivo. Os dias do afeto e da confiança cristã entre jovens e superiores; os dias do espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com outros; os dias dos corações abertos com toda a simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Tenho necessidade de que me consoleis, dando-me a esperança e a promessa de que fareis tudo o que desejo para o bem de vossas almas. Não conheceis suficientemente que felicidade é a vossa de haverdes sido recebidos no Oratório! Diante de Deus declaro: basta que um jovem entre numa casa salesiana, para que a Virgem Santíssima o tome imediatamente debaixo de sua especial proteção. Ponhamo-nos, pois, todos de acordo. A caridade dos que mandam, a caridade dos que devem obedecer, faça reinar entre nós o espírito de São Francisco de Sales. Ó meus caros filhinhos, aproxima-se o tempo em que me deverei separar de vós e partir para a minha eternidade. (Nota do secretário: Neste ponto Dom Bosco suspendeu o ditado; os olhos se lhe encheram de lágrimas, não por desgosto, mas por inefável ternura que brotava do seu olhar e do tom de sua voz; depois de alguns instantes continuou). Desejo, portanto, deixar-vos a todos, padres, clérigos, jovens caríssimos, no caminho do Senhor, em que ele próprio vos deseja.

Para tal fim, o santo padre, que vi sexta-feira, 9 de maio, vos manda de todo o coração sua bênção.

No dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora estarei convosco ante a imagem de nossa amorosíssima mãe. Quero que essa grande festa se celebre com toda a solenidade, e que o padre Lazzero e o padre Marchisio providenciem para que estejamos todos alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que deveremos celebrar um dia, todos juntos, no paraíso.

Vosso afeiçoadíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

154. Carta a dom João Cagliero

Edição crítica em *DBE*, *Scritti*, pp. 445-447.

Turim, 6 de agosto de 1885

Meu caro dom Cagliero,

A tua carta causou-me grande prazer, e embora minha vista esteja muito enfraquecida, quis lê-la eu mesmo do começo ao fim, não obstante a caligrafia que dizes ter aprendido de mim, mas que degenerou da forma primitiva. Quanto à parte administrativa, outros responderão por mim. De minha parte direi o que segue.

Quando escreveres à Propagação da Fé, à Obra da Santa Infância, tem em consideração tudo o que em diversos tempos fizeram os salesianos...

Preparo uma carta para o padre Costamagna, e, para tua norma, tratarei de maneira especial do espírito salesiano que queremos introduzir nas casas da América.

Caridade, paciência, doçura, jamais recriminações humilhantes, jamais castigos, fazer o bem a quem se pode, mal a ninguém. Valha isso para os salesianos, para os alunos, e outros, externos ou internos. Quanto às relações com as nossas irmãs, usa de muita paciência, mas de rigor na observância das Regras.

De modo geral, nos nossos apertos faremos todo o sacrifício para ajudar-te; mas recomenda a todos que evitem a construção ou a aquisição de imóveis que não sejam estritamente necessários para nosso uso. Jamais coisas para revender; nem campos nem terrenos, casas para lucrar pecuniariamente.

Procurai ajudar-nos nesse sentido. Fazei quanto puderdes para terdes vocações, tanto para as irmãs quanto para os salesianos, mas não vos empenheis em muitos trabalhos. Quem muito abarca pouco abraça e tudo estraga.

Tendo ocasião de falar como o arcebispo, com dom Espinosa ou personagens semelhantes, dirás que estou inteiramente a serviço deles para assuntos em Roma.

Dirás à minha sobrinha Rosina que tenha muito cuidado com a saúde, que não vá sozinha para o paraíso. Vá, sim, mas acompanhada de muitas almas salvas por ela.

Deus abençoe todos os nossos filhos salesianos, as nossas Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora. Conceda a todos saúde, santidade e a perseverança no caminho do céu.

De manhã e à noite rezaremos por todos vós no altar de Maria; e tu também reza por este pobre semicego que será sempre em Jesus Cristo teu Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

P.S. – Uma multidão incontável pede para ser lembrada e manda saudações.

155.Carta ao padre Tiago Costamagna

Edição crítica em *DBE*, *Scritti*, pp. 448-450.

Turim, 10 de agosto de 1885

Caro e sempre amado padre Costamagna,

A época dos nossos exercícios espirituais vai-se aproximando e eu, que me vejo numa idade decadente, quereria poder ter comigo todos os meus filhos e as nossas irmãs da América. Não sendo possível, pensei em escrever-te uma carta que possa servir a ti e aos outros irmãos nossos como norma para se tornarem verdadeiros salesianos nos vossos exercícios que, aliás, não são lá muito diferentes dos nossos.

Antes de tudo devemos bendizer e agradecer ao Senhor que com a sua sabedoria e poder nos ajudou a superar muitas e graves dificuldades que, sozinhos, seríamos verdadeiramente incapazes de superar. *Te-Deum, Ave-Maria* etc.

Ademais, quereria fazer eu próprio uma pregação a todos, ou melhor, uma conferência sobre o espírito salesiano que deve animar e guiar as nossas ações e todas as nossas conversas. O Sistema Preventivo seja verdadeiramente nosso; jamais castigos penosos, jamais palavras humilhantes, jamais repreensões em presença de outros. Nas aulas soe a palavra doçura, caridade e paciência. Nunca palavras mordazes. Faça-se uso de castigos persuasivos, e sempre de modo que os que são avisados se tornem amigos nossos, mais do que antes, e não se sintam aviltados ao partirem.

Não se murmure nunca contra as disposições dos superiores, mas tolerem-se as coisas que não são do nosso gosto, penosas ou desagradáveis. O salesiano faça-se amigo de todos, não procure se vingar; seja fácil em perdoar e não lembre as coisas uma vez perdoadas.

Não se critiquem nunca as ordens dos superiores, e cada um se esforce para dar e promover o bom exemplo. Inculque-se em todos e recomende-se constantemente a promoção das vocações religiosas, tanto das irmãs quanto dos salesianos.

A doçura no falar, no agir, no avisar conquista tudo e todos.

Seria essa a recomendação para ti e para os outros que devem tomar parte na próxima pregação dos exercícios.

Dar a todos muita liberdade e muita confiança. Quem quiser escrever ao seu superior ou dele receber alguma carta, que ela não seja absolutamente lida por ninguém, exceto se quem a receber desejar tal coisa. Nos assuntos mais difíceis eu aconselho calorosamente os inspetores e os diretores que façam conferências apropriadas. Antes, recomendo que o padre Vespignani esteja bem informado dessas coisas e as explique aos seus noviços ou candidatos, com a devida prudência.

Por quanto me for possível desejo deixar a Congregação sem complicações. Por isso tenho a intenção de determinar um vigário-geral que seja um *alter ego* para a Europa, e outro para a América. Mas a tal respeito receberás a seu tempo instruções oportunas.

É muito conveniente que reúnas algumas vezes durante o ano os diretores da tua inspetoria para sugerir as normas práticas acima indicadas. Ler e inculcar a leitura e o conhecimento das nossas Regras, especialmente o capítulo que trata das práticas de piedade, a introdução que fiz para as nossas Regras e as deliberações tomadas nos nossos Capítulos-Gerais ou particulares.

Vês que minhas palavras requereriam muitas explicações, mas estás por certo capacitado a compreendê-las e, quando preciso, comunicá-las aos nossos irmãos.

Apenas puderes, apresenta-te ao senhor arcebispo dom Espinosa, aos seus vigários-gerais, padre Carranza, doutor Ferraro e a outros amigos, e apresentarás a todos e a cada um humildes e afetuosos obséquios como se eu falasse com cada um deles.

Deus te abençoe, caro padre Costamagna, e contigo abençoe e conserve em boa saúde todos os nossos coirmãos e as nossas coirmãs, e Maria Auxiliadora vos guie a todos pelo caminho do céu. *Amen.*

Rezai por mim.

Vosso afeiçoadíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

156. Carta ao padre Domingos Tomatis

Edição crítica em *DBE*, *Scritti*, pp. 451-452.

Mathi, 14 de agosto de 1885

Meu caro padre Tomatis,

O fato de receber tão raramente cartas tuas faz-me pensar que tens muito que fazer; acredito; mas dar notícias tuas ao teu caro Dom Bosco merece certamente estar entre os afazeres que não se devem descuidar. Escrever o quê? Tu dirás. Escrever sobre a tua saúde e sobre a saúde dos nossos irmãos; se as Regras da Congregação são fielmente observadas; se se fez e como se faz o exercício da boa morte. Número dos alunos e esperanças que te dão de bom êxito. Fazes alguma coisa para cultivar as vocações, tens alguma esperança quanto a elas? O padre Ceccarelli é sempre um verdadeiro amigo dos salesianos? São respostas que espero com grande prazer.

Como a minha vida corre a grandes passos para o seu termo, assim as coisas que te quero escrever nesta carta são as que te haveria de recomendar nos últimos dias de exílio. Meu testamento para ti.

Caro padre Tomatis: mantém fixa na mente a ideia de que te fizeste salesiano para te salvar; prega e recomenda a todos os nossos irmãos a mesma verdade.

Lembra-te de que não basta saber as coisas, mas é preciso praticá-las. Deus nos ajude a fim de que não sejam para nós as palavras do Salvador: *Dicunt enim et non faciunt* (Mt 23,3).

Procura ver os teus negócios com os teus próprios olhos. Quando alguém cometer faltas ou negligências, avisa-o prontamente, sem esperar que os males se multipliquem.

Com a tua maneira exemplar de viver, com a caridade no falar, no mandar, no suportar os defeitos alheios, muitos serão conquistados para a Congregação. Recomenda constantemente a frequência dos sacramentos da confissão e comunhão.

As virtudes que te tornarão feliz no tempo e na eternidade são: a humildade e a caridade.

Sê sempre o amigo, o pai dos nossos irmãos; ajuda-os em tudo o que podes nas coisas espirituais e temporais, mas sabe servir-te deles em tudo o que pode valer para a maior glória de Deus.

Todo pensamento que exprimo nesta folha tem necessidade de ser um tanto explicado; podes fazer isso para ti e para os outros.

Deus te abençoe, meu sempre caro padre Tomatis, saúda cordialmente todos os nossos irmãos, amigos e benfeitores. Dize-lhes que todas as manhãs, na santa missa, rezo por eles e que me recomendo humildemente às orações de todos.

Deus permita que possamos um dia louvar o santo nome de Jesus e de Maria na bem-aventurada eternidade. *Amen.*

Dentro de pouco tempo te escreverei ou farei escrever outras coisas de alguma importância.

Maria nos mantenha a todos firmes e nos guie pelo caminho do céu. Amém.

Vosso afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

IV. PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS E QUESTÕES DISCIPLINARES (1846-1879)

Os dez breves documentos referidos em seguida – alguns talvez menos conhecidos do que os anteriores na historiografia salesiana – apresentam também eles interesse na ótica da maturação e da prática do sistema educativo de Dom Bosco. Trata-se de uma seleção, necessariamente limitada, de cartas pessoais a autoridades responsáveis pela Instrução Pública, a jovens e a educadores, e de circulares sobre temáticas pedagógico-didáticas.

A primeira carta, dirigida a um dos mais válidos auxiliares na Obra dos Oratórios, o teólogo Borel, foi redigida três décadas antes da publicação do fascículo sobre o Sistema Preventivo na educação da juventude, de 1877. Já em 1846, Dom Bosco mostra ter suas reservas quanto ao fato de um padre dentre os seus colaboradores, padre José Trivero, tratar os meninos com certo rigor ("com muita energia").

Uma carta ao provedor dos Estudos, Francisco Selmi, apresenta particular interesse. Dom Bosco, nela, dá respostas pontuais a críticas relativas a alguns dos seus escritos e põe em evidência a falta de fundamento de certas acusações feitas contra ele e contra o Oratório de São Francisco de Sales.

No escrito enviado ao pretor urbano de Turim emergem, por sua vez, aspectos importantes da situação real de Valdocco em 1865. Ali se faz referência a problemas criados por "certos jovens, em geral enviados pela autoridade governamental". Um desses rapazes "se mostrou não somente incorrigível, mas insultou, ameaçou e destratou seu assistente".

Ao estudante Emanuel Fassati, Dom Bosco garante que continuará a rezar pelo seu bom êxito nos estudos, mas acrescenta: "Tu faze um esforço: dedicação, diligência, submissão, obediência, tudo esteja em movimento, contanto que os exames tenham bom êxito".

Neste grupo de documentos, dirigidos a diferentes destinatários, afloram temas que iriam ser frequentes nos escritos e nas intervenções de Dom Bosco: perigos das férias, disciplina (não entendida como "o castigo ou a vara, coisas que entre nós nem devem ser mencionadas", mas como um "modo de viver conforme as Regras e os costumes do nosso Instituto").

Respondendo em 1875 ao jovem sacerdote salesiano José Bertello sobre o modo de despertar o amor ao estudo entre os alunos, Dom Bosco aconselha: "Considera-os como teus irmãos; bondade, compaixão, respeito".

Em 1879, numa carta ao príncipe Plácido Gabrielli, que – em nome da Administração do Albergue São Miguel em Ripa – propõe confiar à Sociedade

Salesiana a direção dos jovens daquele centro assistencial-educativo romano, Dom Bosco vê favoravelmente a proposta; todavia, sublinha que nas casas dirigidas pelos salesianos "usa-se um sistema disciplinar muito especial", chamado "preventivo, no qual não se usam castigos nem ameaças" [21].

157. Carta ao teólogo João Borel

Edição crítica em E(m) I, pp. 71-72.

Castelnuovo d'Asti, 31 de agosto de 1846

Caríssimo senhor teólogo,

Bravíssimo senhor teólogo! Tua carta repleta de detalhes serviu para mim e para alguns amigos meus como leitura muito agradável; estou muito contente em ver que as coisas do Oratório progridem da maneira que se esperava. Está bem que o padre Trivero se ofereça para trabalhar no Oratório; mas fica atento, porque ele trata os meninos com muita energia, e sei que alguns já ficaram muito desgostosos. Faze com que o óleo tempere todos os alimentos do nosso Oratório. Envio-te dois pombos do nosso sítio, que creio não serão de desagrado para o padre Pacchiotti; eu queria mandar dois frangos, mas minha mãe não concordou, porque ela quer que esse tipo de comida seja consumido no lugar onde foi produzido; mas disso falaremos em outra carta.

Ontem, aqui perto, houve o sepultamento de um homem que foi objeto de muitas conversas. Numa doença qualificada pelos médicos como incurável, por insistência de uma pessoa piedosa fez a promessa de se confessar e comungar e também de ir à missa. A promessa agradou a Deus que lhe restituiu a saúde. Acontece, porém, que o homem esqueceu a promessa; e embora sua mulher e outras pessoas, repetidamente, o tivessem advertido para manter a palavra dada a Deus, todavia, ele nada cumpriu. Que quer? Gozou de saúde

[21] Destinatários das cartas inseridas na coletânea são: João Borel (1801-1873), sacerdote, teólogo, amigo e colaborador de Dom Bosco (que escreve Borelli); José Trivero († 1874), sacerdote, empenhado na Obra dos Oratórios. Lourenço Turchi, camponês, pai de João Turchi (1838-1909), estudante no Oratório. O pretor de Borgo Dora na cidade de Turim era, em 1865, João Devalle (E[m] II, p. 122). Emanuel Fassati (1852-1874), filho da marquesa Fassati, com o qual Dom Bosco mantém relação epistolar. João Cinzano (1854-), sacerdote, ex-salesiano. José Bertello (1848-1910), sacerdote salesiano, conselheiro profissional-geral (1898-1910). Plácido Gabrielli (1832-1911), filho do príncipe Mário Gabrielli e de Carlota Bonaparte, sobrinho de Luciano Bonaparte Napoleone.

aproximadamente durante um mês, mas sábado passado foi surpreendido por doença improvisa, e o infeliz em poucas horas passou para a eternidade, sem poder se confessar, nem comungar. Ontem, por ocasião do sepultamento, todos falavam desse fato.

Por favor, manda-me um exemplar dos livros: *Os seis domingos* etc., *Luís Comollo, Anjo da Guarda, História Eclesiástica,* que encontrarás no armário perto da minha escrivaninha.

Minha situação de saúde continua a melhorar, só que de alguns dias para cá ando tendo dor de dentes: esta, porém, *incomoda* e *depois vai embora.* A uva já está madura, dize-o ao padre Pacchiotti e ao padre Bosio; pensa nisso também tu...

Teria muito prazer se me desses notícias de Genta, Gamba, dos dois Ferrero e di Piola, se estão indo bem, ou se vivem no mundo da lua, etc.

Saúda os nossos queridos colegas, padre Pacchiotti e padre Bosio, e crê-me sempre como de todo o coração me professo em nome do Senhor

Afeiçoadíssimo servo e amigo

Sac. João Bosco

P.S. Dá esta carta ao senhor teólogo Vola. Estou saindo para ir a Passerano encontrar-me com os amigos.

158. Carta ao provedor dos Estudos de Turim, Francisco Selmi

Edição crítica em E(m) I, pp. 588-590.

Turim, 13 de julho de 1863

Ilustríssimo senhor provedor,

Agradeço de todo o coração vossa senhoria por se ter dignado dizer-me com clareza as observações que, supondo serem reais, seriam merecidas pelas escolas dos nossos jovens pobres, pelo fato de estarem em oposição às determinações governamentais. Eu creio que o senhor também queira admitir como sinceras as observações feitas por mim; portanto, as divergências, como

o senhor gosta de dizer, se reduziriam a algumas coisas acidentais e que me parecem não dever causar nenhuma apreensão.

Todavia, desejando que o senhor compreenda bem o que eu dizia de passagem a respeito de suas respeitáveis observações, peço-lhe queira permitir-me que aqui eu reduza a poucos períodos a minha profissão de fé política.

São 23 anos desde que estou em Turim e sempre usei meus poucos recursos e as minhas forças nas prisões, nos hospitais, nas praças, em favor dos meninos abandonados. Entretanto, nem mediante a pregação, nem mediante os escritos, que, todos, sempre foram impressos com o meu nome, nem de alguma outra forma, jamais pretendi envolver-me em política. Por isso, a ligação com jornais, seja qual for a sua cor, por princípio é proibida nesta casa. Quando se afirma o contrário, trata-se de vozes vagas e sem nenhum fundamento. Quanto às coisas acidentais que o senhor aponta, direi o seguinte:

1° A instrução dos clérigos, que se pretenderia fosse contrária ao governo, não o é, porque aqui não recebem outra instrução a não ser a da literatura grega e latina. Quanto às matérias de filosofia, hebraico, Bíblia e teologia, vão regularmente para o seminário.

2° *A História da Itália* não é usada nas nossas classes, a não ser para a história romana. Quanto ao duque de Parma e a outros personagens, a respeito dos quais calei algumas ações lamentáveis, fiz isso para atender ao princípio estabelecido pelos célebres educadores Girard e Aporti, que recomendam calar nos livros destinados a jovens tudo o que pode causar impressão negativa nas suas mentes tenras e volúveis. Apesar disso, na próxima reimpressão, modificarei e também omitirei todas as passagens que o senhor me indicou ou que ainda pretender indicar.

3° Os programas das escolas não são diferentes dos programas governamentais, como pôde notar o senhor inspetor, cavalheiro Torsi, e o senhor doutor Vigna, seu secretário.

4° As *Leituras Católicas* não podem ser consideradas antipolíticas, dado que nelas nunca se fala de política. Se nelas há alguma coisa que para alguns parecem inexatas, isso deve ser perdoado a um pobre historiador que faz o que pode para escrever a verdade, e muitas vezes não consegue satisfazer o leitor, ou porque as coisas não são do seu agrado, ou porque não conseguiu haurir de fontes suficientemente apuradas. Mas também nisso eu me submeto ao que lhe disse verbalmente. Note, além disso, que eu sou um simples colaborador das *Leituras Católicas.* O escritório central fica em Turim, a direção cabe a outras pessoas. Nem tenho vantagem alguma, a não ser a da impressão, que serve para dar serviço aos nossos jovens pobres.

5° Houve também a acusação de que não temos o retrato do rei. Isso é completamente inexato, pois ele existe em vários lugares; nas três salas da administração, da secretaria e de audiência há um em cada ambiente. Será difícil encontrar casa de educação onde se reza mais do que nós pelo rei e por toda a família real.

Quanto às escolas, se me deixar continuar assim até que os atuais professores tenham terminado seus exames, será um bem que se fará aos jovens pobres, do contrário deverei buscar professores titulares e por isso recusar acolher determinado número de jovens pobres. Mas espero muito na continuação dos seus favores.

Quanto ao mais, pense que ambos somos pessoas públicas: o senhor por autoridade, eu por caridade; o senhor não precisa absolutamente de mim, ao passo que eu muito preciso do senhor. Mas ambos podemos merecer as bênçãos de Deus, a gratidão dos homens, fazendo o bem e tirando das ruas jovens pobres. O céu envie bênçãos copiosas sobre o senhor e toda sua família; queira compreender a renovação do incômodo que lhe causei e creia-me com plena estima

De vossa senhoria ilustríssima

Obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco.

159. Carta ao pretor urbano da cidade de Turim

Edição crítica em E(m) II, pp. 120-122.

[Turim, 18 de abril de 1865]

Ao senhor pretor urbano da cidade de Turim,

Dada a citação para intimar o clérigo Mazzarello, assistente na oficina dos encadernadores da casa dita Oratório de São Francisco de Sales; dadas igualmente as que intimam os jovens Frederico Parodi, João Castelli, José Guglielmi, e considerado atentamente o seu teor, o sacerdote João Bosco, diretor deste estabelecimento, desejando resolver a questão com o menor incômodo para as autoridades da pretura urbana, crê poder intervir em nome de

todos na causa relativa ao jovem Carlos Boglietti, pronto a fornecer a quem de direito as mais amplas satisfações.

Antes de acenar ao fato em questão, parece oportuno observar que o artigo 650 do código penal parece inteiramente estranho ao assunto de que se trata, pois, interpretado no sentido pretendido pela pretura, acabaria por intrometer-se no regime doméstico das famílias; os pais e quem faz suas vezes não poderiam mais corrigir os próprios filhos, nem impedir uma insolência e uma insubordinação, coisas que seriam de grave dano para a moralidade pública e particular.

Além disso, a fim de controlar alguns jovens, em geral enviados pela autoridade governamental, foi concedida a faculdade de usar todos os meios que fossem considerados oportunos, e em casos extremos, entregá-los aos cuidados da segurança pública, como se fez diversas vezes.

Vindo agora ao caso de Carlos Boglietti, deve-se afirmar com tristeza, mas francamente, que várias vezes ele foi paternalmente avisado; que se demonstrou não somente incorrigível, mas insultou, ameaçou e destratou seu assistente, clérigo Mazzarello, diante dos seus colegas. Este assistente, de índole tranquila e bondosa, ficou de tal modo assustado, que daquele dia em diante não pôde mais retomar seus deveres e ainda agora se encontra doente.

Depois daquele episódio, Boglietti fugiu de casa sem dizer nada aos seus superiores aos quais tinha sido encaminhado e somente deu a conhecer sua fuga mediante sua irmã, quando soube que se pretendia entregá-lo nas mãos da polícia. O que não foi feito para salvar sua honra.

Entretanto, seus colegas continuaram o escândalo que ele deu e foi preciso despedir alguns do estabelecimento, outros, com muita pena, entregá-los às autoridades da pública segurança que os levaram para a cadeia.

É com grandíssima pena que se vê um jovem desviado, que insulta e ameaça os seus superiores, e tem a audácia de citar perante as autoridades aqueles que para seu próprio bem consagram a vida e os recursos. Parece que a autoridade pública deveria vir sempre em auxílio da autoridade particular e não diversamente.

Caso se queira fazer um exame minucioso do acontecido e das testemunhas nomeadas, não há nenhum problema, contanto que Carlos Boglietti apresente no processo uma pessoa que responda pelas despesas que podem ocorrer e que se responsabilize pelas graves consequências que poderiam advir.

Entretanto, fazemos instância para que sejam reparados os danos que o assistente sofreu em sua honra e na sua pessoa, pelo menos até que possa retomar suas ocupações ordinárias.

Que as despesas desta causa corram por conta do jovem expulso. E que Carlos Boglietti e o senhor Estêvão Caneparo, seu parente ou conselheiro, nunca mais venham ao mencionado estabelecimento renovar os atos de insubordinação e os escândalos que já causaram outras vezes.

Sac. João Bosco

160. Carta ao jovem Emanuel Fassati

Edição crítica E(m) II, p. 253.

Turim, 1° de junho de 1866

Caro Emanuel,

Na tua querida carta que tiveste a bondade de me escrever pedias que eu rezasse à Santa Virgem para que te concedesse boa vontade e força para estudar. Rezei de bom grado e de todo coração durante todo o mês de Maria. Mas não sei se fui atendido. Gostaria muito de saber, embora eu tenha motivos para crer que sim.

Papai, mamãe e Azélia estão bem; muitas vezes os vejo às cinco e meia da tarde, e a nossa conversa em grande parte é sempre a teu respeito. Eles estão sempre inquietos, com medo que tu não vás para frente no estudo e acrescentes algum desgosto aos muitos que tu sabes que eles já tiveram neste ano. Eu sempre os conforto, apoiado no engenho, na boa vontade e nas promessas de Emanuel.

Ainda dois meses e depois, que bela festa, se os teus exames saírem bem! Por isso, caro Emanuel, eu continuarei a recomendar-te a Deus. Tu faze um esforço: dedicação, diligência, submissão, obediência, tudo esteja em movimento, para que os exames tenham bom êxito.

Deus te abençoe, caro Emanuel; sê sempre a consolação dos teus pais mediante bom procedimento; reza também por mim que de coração sou teu

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

161. Circular: as férias

Edição crítica em E(m) II, pp. 517-518.

[Turim, abril de 1868]

[Benemérito senhor],

Diante de repetidas instâncias de muitos respeitáveis pais de família e após muitos convites de homens experientes na educação da juventude, julguei oportuno tomar a seguinte deliberação: as férias ao longo de todo o ano serão reduzidas a um só mês, de 15 de setembro a 15 de outubro. Esta determinação foi tomada pelos seguintes motivos.

1° Os colégios mais apreciados da Itália e nos quais florescem melhor os estudos não concedem mais do que um mês de férias para os alunos.

2° A experiência de vários anos mostra que os alunos, passando três meses longe das aulas, perdem grande parte do proveito obtido ao longo do ano escolar.

3° Com isso ganha-se tempo para aqueles que, com mais idade, precisam percorrer mais rapidamente o curso dos estudos.

Espero que vossa senhoria veja de bom grado esta modificação, feita unicamente com vistas ao maior aproveitamento que poderão obter os jovens, para quem manifestamos toda a nossa benevolência no Senhor, a cuja honra a glória dedicamos no passado e atualmente as nossas pobres fadigas.

Durante os meses mais quentes procurar-se-á prolongar o recreio e fazer passeios mais frequentes, para proporcionar aos jovens a saúde necessária do corpo, e para que possam atender com todo empenho possível aos seus estudos. Isso serve também como conforto para os parentes.

Humílimo servidor

O Diretor

[Sac. João Bosco]

162. Circular aos salesianos sobre a disciplina

Edição crítica em E(m) IV, pp. 177-180.

Turim, 16 de novembro de 1873

Aos meus filhos da casa de…

Sobre a disciplina

Meus queridos filhos, no início deste ano escolar convém que eu cumpra a promessa de falar-vos a respeito do fundamento da moralidade e do estudo que é a disciplina entre os alunos.

Não pretendo apresentar-vos um tratado de preceitos morais ou civis que se referem à disciplina; somente quero expor-vos os meios que a experiência de 45 anos provou serem fecundos em bons resultados.

Essas provas, esses resultados, espero que servirão também para vós como ensinamento nas várias tarefas que vos podem ser confiadas.

Por disciplina eu não entendo correção, castigo ou vara, coisas das quais entre nós nem se deve falar; nem artifício ou maestria em alguma coisa; por disciplina eu entendo *um modo de viver de acordo com as Regras e os costumes de um instituto.*

Por isso, para obter bons resultados da disciplina, antes de tudo é preciso que as Regras sejam observadas, todas, e por todos.

Dai-me uma família na qual sejam muitos a recolher e um só a dispersar; um edifício no qual sejam muitos a construir e um só a destruir; veremos a família ir para a ruína, o edifício esboroar-se e reduzir-se a um monte de caliça.

Essa observância deve existir nos sócios da Congregação e nos jovens que a divina Providência confia aos nossos cuidados; pois a disciplina fica sem efeito, se as Regras da Sociedade e do colégio não forem observadas.

Crede, meus caros, dessa observância depende o aproveitamento moral e científico dos alunos ou então a sua ruína.

A esta altura, vós perguntareis: quais são essas regras práticas que nos podem ajudar na aquisição de tesouro tão precioso?

Duas coisas: uma geral e outra particular. Em geral, observai as Regras da Congregação e a disciplina triunfará.

Ninguém ignore as regras próprias do seu encargo; observe-as e faça observá-las por seus dependentes. Se quem preside não é observante, não pode pretender que os seus dependentes façam o que ele descuida; do contrário se responderia a ele: *medice, cura te ipsum.*

Todavia, para falar de alguns casos práticos, indicarei as coisas que em particular se referem a cada um.

1° *O diretor.* Ele deve ser instruído a respeito dos deveres, tanto dos sócios enquanto congregados, quanto dos sócios adidos a algum ofício.

Não é necessário que trabalhe muito, mas que vigie para que cada um cumpra a sua parte.

As nossas casas podem ser comparadas a um jardim. Não é preciso que o chefe de jardinagem trabalhe muito; basta que busque ajudantes práticos, que os instrua a respeito da jardinagem, assista, avise no momento oportuno, e nas coisas mais importantes que ele também esteja presente para ajudar quem se encontrar em maiores dificuldades em algum ponto de maior relevo. Esse jardineiro é o diretor; as tenras plantinhas são os alunos; todo o pessoal são os cultivadores dependentes do patrão, ou seja, do diretor, que responde pelas ações de todos.

O diretor ganhará muito se não se afastar da casa que lhe foi confiada, a não ser por motivos razoáveis e graves; caso surjam motivos realmente graves, nunca se afaste sem primeiro definir quem o substitui nas coisas que podem ocorrer.

Com toda caridade visite com frequência ou pelo menos peça satisfação a respeito dos dormitórios, da cozinha, da enfermaria, das aulas e do estudo.

Seja constantemente aquele pai amoroso que deseja saber de tudo para fazer bem a todos, mal a ninguém.

2° *Prefeito*. – O prefeito ou censor da disciplina deve zelar pela observância do horário da casa; impedir, quanto possível, as relações dos internos com os externos; fazer de tal modo que os assistentes, e em geral os que detêm alguma autoridade, estejam em meio aos jovens no tempo do recreio.

Cuide para que nos passeios não haja paradas, quer dizer, que não haja paradas nas quais os alunos, interrompendo a caminhada, possam se afastar dos olhares dos assistentes.

Ninguém se afaste das filas, ninguém vá a cafés ou albergues; ninguém se ajunte a externos, nem introduza livros, jornais, cartas que não tenham passado pelas mãos dos superiores.

3° *Catequista.* – O catequista lembre que o espírito e o aproveitamento moral das nossas casas dependem da promoção do *Pequeno Clero,* da *Companhia da Imaculada Conceição,* do *Santíssimo Sacramento* e de *São Luís.*

Cuide para que todos, especialmente os coadjutores, tenham comodidade de frequentar a confissão e a comunhão.

Se entre as pessoas adidas aos trabalhos domésticos houver alguém necessitado de instrução, faça com que não lhe falte nada para receber a comunhão, a crisma, ajudar a santa missa e coisas semelhantes.

Antes das solenidades que se celebram, fale um pouco a respeito delas, e mediante breves exortações ou algum exemplo, prepare os alunos para que a festa seja celebrada com o maior decoro e solenidade possíveis.

4° *Professores.* – Os professores sejam os primeiros a entrar para a sala de aula e os últimos a sair.

Amem de forma igual todos os seus alunos; animem a todos, não desprezem nenhum deles.

Sejam bondosos com os mais ignorantes da classe, interessem-se muito por eles, interroguem-nos com frequência, e se for preciso, falem com quem de direito para que sejam também ajudados fora do tempo das aulas.

Cada professor deve lembrar-se de que é um professor cristão, por isso, nunca deixe de dizer um bom pensamento aos seus alunos, quando a matéria escolar ou alguma festa proporcionar a oportunidade para isso.

5° *Os assistentes.* – Todos os que exercem alguma autoridade nas aulas, nos dormitórios, na cozinha, na portaria e em qualquer parte da casa sejam pontuais nas suas obrigações, pratiquem as Regras da Sociedade, particularmente as práticas religiosas, mas se esforcem com a maior solicitude para impedir as murmurações contra os superiores, contra o andamento da casa, especialmente insistam, recomendem e nada descuidem para impedir as más conversas.

6º A todos é recomendado calorosamente que comuniquem ao diretor tudo o que puder servir como norma para promover o bem e impedir a ofensa de Deus.

O Senhor disse um dia a um seu discípulo: *Hoc fac et vives*. Faze isto, quer dizer, observa os meus preceitos e terás a vida eterna. Digo o mesmo a vós, meus querido filhos, esforçai-vos por praticar o que vos expôs este vosso afeiçoadíssimo pai, e tereis as bênçãos do Senhor, gozareis de paz no coração, a disciplina triunfará nas nossas casas e veremos os nossos alunos crescer de virtude em virtude e caminhar seguros pela caminho da sua eterna salvação.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre comigo e convosco, a fim de que todos possamos constantemente amá-lo e servi-lo nesta vida e, um dia, possamos ir louvá-lo e bendizê-lo eternamente no céu. Assim seja.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

163. Carta ao clérigo João Cinzano e aos seus alunos

Edição crítica em E(m) IV, pp. 244-245.

Roma, nonis martii [7 de março] de 1874

Caríssimo Cinzano e caríssimos estudantes,

Fizeste uma ótima proposta quando animaste os teus alunos a me oferecerem duas semanas de bom procedimento. Louvável o pensamento, louvabilíssimo o bom êxito.

Tu não me falas de ti mesmo, mas dizendo que por duas semanas todos receberam a nota: *todos optime,* creio que nessa palavra *todos*, estará compreendida também a tua reverenda pessoa, não é mesmo?

Por isso, agradeço a ti e a todos os teus alunos pelo presente que me destes; eu demonstrarei a minha gratidão assim que chegar em casa. Um cálice daquele bem puro, um bife, um doce, etc., etc., será o sinal de satisfação que darei a cada um.

Dentro em breve estarei novamente entre vós; convosco, que sois o objeto dos meus pensamentos e das minhas solicitudes, convosco que sois os

donos do meu coração, e que, como diz Paulo, por onde quer que eu vá, vós sois sempre *gaudium meum et corona mea.* Sei que rezastes por mim, e vos agradeço; depois vos contarei o fruto das vossas orações.

Mas, meus queridos filhos, *motus in fine velocior*, preciso que dupliqueis as orações e o fervor, e que continueis a comportar-vos bem.

É pouco o que posso fazer por vós, mas é muito grande o prêmio que Deus tem preparado para vós. Eu também rezarei por vós, vos abençoo de todo coração, e vós fazei por mim uma vez a 172.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco. *Amém.*

Tu vero, Cinzano fili mi, age viriliter ut coroneris feliciter, perge in exemplum bonorum operum. Argue, obsecra, increpa in omni patientia et doctrina. Spera in Domino: ipse enim dabit tibi velle et posse. Cura ut coniuges comites Viancino visites, eosque verbis meis saluta, eisque nomine meo omnia fausta precare. Vale in Domino.

Joannes Bosco sacerdos

164. Carta ao padre José Bertello

Edição crítica em E(m) IV, p. 448.

Turim, 9 de abril de 1875

Caríssimo Bertello[22],

Farei o que posso para despertar amor ao estudo entre os teus alunos; mas tu também faze o que puderes para cooperar.

1º Considera-os como teus irmãos; carinho, tolerância, atenção, eis as chaves do coração deles.

2º Fazer com que estudem somente o que podem e não mais. Fazer ler e compreender o texto do livro, sem digressões.

3º Interrogá-los com muita frequência, convidá-los a expor e a ler, a ler e a expor.

[22] Cf. José Bertello, *Scritti e documenti sull'educazione e sulle scuole professionali.* Introdução, textos críticos e notas de J.M. Prellezo. "Istituto Storico Salesiano". Roma. LAS 2010, pp. 10-11.

4º Encorajar sempre, jamais humilhar; louvar quanto possível, sem nunca desprezar, a não ser que se queira demonstrar desgosto como castigo.

Experimenta pôr isso em prática e depois responde-me. Eu rezarei por ti e pelos teus e crê-me em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

165. Carta a uma mãe preocupada com seu filho

Edição em E III, pp. 411-412.

Turim, 11 de novembro de 1878

Respeitável senhora,

Sem dúvida é uma situação ruim a de seu filho. Idade, ciência, dinheiro são laços terríveis de que o demônio se serve para levar tantos jovens incautos à ruína espiritual e corporal. Uma mãe cristã, nesses casos, deve:

1° Tratá-lo com bondade, acompanhá-lo por toda parte, se ele aceitar. Arrazoar com ele, aconselhá-lo quanto aos santos sacramentos, às pregações, boas leituras. Se não ceder, tenha paciência, mas continue.

2° Se quiser, pode dizer-lhe com certeza que se não se comportar melhor, sua vida será muito abreviada e talvez...

3° Procure ligá-lo a parentes e a outras pessoas honestas e afastá-lo dos maus companheiros.

4° Orações a Deus e a Santa Mônica.

Na minha pobreza farei também eu orações a Maria Auxiliadora. Por sua vez, eu preciso muito da sua caridade espiritual e corporal. Tenho uma messe copiosíssima entre as mãos; daria para salvar muitas almas, mas me faltam os meios materiais.

Deus a abençoe com toda a sua família e reze também por mim que serei sempre em Jesus Cristo seu

Humilde servidor

Sac. João Bosco

166. Carta ao príncipe Gabrielli: proposta do Albergue São Miguel em Ripa e prática do Sistema Preventivo

ASC A1710601 *Lettere autografe di don Bosco* manuscrito de Joaquim Berto com correções e acréscimos autógrafos; edição em E III, pp. 481-482[23].

Roma, [30 de junho de 1879]

Excelentíssimo senhor príncipe,

Alguns empenhos dos dias passados me privaram do prazer de responder prontamente à sua respeitável carta de 4 deste mês de junho.

Agora apresento os meus humildes agradecimentos ao senhor e a toda a Administração do Albergue de São Miguel, que quis pedir à Pia Sociedade de São Francisco de Sales para prestar serviço naquele instituto religioso.

Eu desejaria que a respeitável Administração alcançasse o seu escopo e que da minha parte eu pudesse me encontrar em situação de poder satisfazê-la. Por isso, será conveniente que eu me explique a respeito da parte mais essencial da sua carta: confiar a direção dos jovens e sua imediata dependência e vigilância.

De modo geral, estas propostas em si são mais do que aceitáveis, e eu tentarei traduzi-las em prática neste sentido:

1° A Administração exerce sua autoridade sobre tudo o que se refere a finanças, ao pessoal relativo, compras, vendas, construções, reformas e coisas semelhantes.

2° O sacerdote Bosco providenciará diretor, ecônomo, prefeitos, porteiros, chefes de oficinas, professores de escola e servidores, na quantidade que for necessária para garantir a disciplina, a moralidade e o aproveitamento pessoal dos alunos. E para isto será definida uma discreta soma para cada indivíduo ou globalmente.

3° A Administração estabelecerá uma diária ou mensalidade com relação aos jovens que entende sejam acolhidos no instituto.

4° O diretor do internato é o responsável por tudo o que se refere ao instituto e recebe os jovens alunos conforme as condições que a Administração haverá de definir.

[23] As tratativas iniciadas não chegaram a uma conclusão positiva: cf. G. Barberis, *Cronachetta* 1879, Quad. 15, p. 13.

O mesmo diretor está disposto a conservar no respectivo serviço as atuais pessoas de serviço e os chefes de oficina cujos méritos e conveniências a Administração reconhecer.

Dessa forma, a Administração teria todas as vantagens financeiras que deseja, conservaria intato o escopo do instituto e exerceria sua plena autoridade, enquanto a *Sociedade Salesiana,* por sua vez, poderia pôr em prática todos os meios que para ela são indispensáveis a fim de alcançar seus objetivos. Pois em nossas casas usamos um sistema disciplinar completamente especial, que nós chamamos de preventivo, no qual jamais se usam castigos ou ameaças.

O trato gentil, a razão, a bondade e uma vigilância muito particular são os únicos meios que usamos para conseguir disciplina e moralidade entre os alunos, como vossa excelência terá notado pelo regulamento da casa de Turim, que serve também para todas as nossas casas da Itália, da França e da América.

Seria para mim algo muito grato se vossa excelência ou algum dos senhores administradores, vindo a Turim, nos honrasse com uma visita neste nosso internato e observasse o que se haveria de eliminar ou acrescentar a fim de aplicar o nosso regulamento ao de São Miguel em Ripa.

Expus brevemente alguns meus pensamentos; precisando tratar ulteriormente, poderá me escrever, e encarregarei algum amigo da prefeitura de Roma ou do ministério do Interior, pessoas que, conhecedoras como são de nossas coisas, poderão fornecer os devidos esclarecimento e também tratar em meu nome.

Peço a Deus que o conserve em boa saúde e me creia com a máxima estima

De vossa excelência humilde servidor

[Sac. João Bosco]

V. LEITURAS EDUCATIVAS E DIFUSÃO DOS BONS LIVROS (1860-1885)

Dom Bosco – lembra o padre Miguel Rua numa breve crônica de 1867 – "entristecido ao ver o imenso mal que se vai fazendo especialmente entre a juventude mediante a leitura de maus livros, elaborou o projeto de fazer uma associação de livros bons, modernos e clássicos".

O projeto tornou-se realidade no ano seguinte, com o início da publicação da "Biblioteca da Juventude Italiana" ou "biblioteca dos Clássicos Italianos" [24].

A iniciativa se inseria no âmbito das realizações consolidadas precedentemente e das que, mais numerosas, deveriam sem realizadas depois. Na realidade, "Dom Bosco não se deu tréguas como escritor, editor e propagandista, porque estava pessoalmente persuadido de que pregar a boa nova por meio da imprensa era um serviço que devia prestar irrevogavelmente à religião, uma explicitação necessária da sua vocação de educador da juventude e do povo" [25].

Junto com o programa publicado em 1868, são incluídas nesta seção quatro cartas circulares, nas quais se examina, desde perspectivas e com acentuações diversas, o tema das leituras educativas. Apresentam particular interesse as duas circulares publicadas em 1884 e 1885. Na primeira, Dom Bosco se concentra num ponto que considera "importantíssimo", referente aos "livros que se devem tirar das mãos dos nossos jovens" e "àqueles que se devem usar para as leituras individuais ou para as que são feitas em comum". A segunda desenvolve de forma mais ampla e articulada a questão da "difusão de bons livros" entre o povo em geral e entre os jovens em particular, que – garante Dom Bosco – "é um dos fins principais" da Congregação Salesiana.

Nessa perspectiva se insere também a carta pessoal dirigida ao padre J. B. Lemoyne, diretor do colégio-internato de Lanzo[26].

[24] Eugenio Ceria, *Annali della Società salesiana. Dalle origini alla morte di S. Giovanni Bosco (1841-1888)*. Turim, SEI [1941], pp. 147-118, 686; cf. Francesco Traniello (a cura di), *Don Bosco nella storia della cultura popolare*. Torino, SEI 1987; Francesco Malgeri, *Don Bosco y la prensa,* em José Manuel Prellezo García (editor), *Don Bosco en la historia. Actas del Primer Congreso Internacional de Estudios sobre San Juan Bosco*. Roma/Madri, LAS/CCS 1990, pp. 441-450.

[25] Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Primeiro volume: *Vita e opere*. Segunda edição revista pelo autor. Roma, LAS 1979, p. 247.

[26] Giovanni Battista Lemoyne (1839-1916), sacerdote salesiano, escritor, secretário do Conselho Superior, colaborador e historiador de Dom Bosco.

167. Circular: Ofertas para a difusão de bons livros

Edição crítica em E(m) I, p. 397.

Turim, 6 de março de 1860

Ofertas para a difusão de bons livros

No ano passado, algumas pessoas piedosas se associaram para recolher ofertas a fim de distribuir bons livros nos hospitais, especialmente entre os militares. A iniciativa teve bom êxito; muitos livros maus foram recolhidos, entregues às chamas, enquanto esses foram substituídos por livros bons.

Atualmente continua o esforço para difundir impressos perversos; muitos sacerdotes e religiosos que pregam na quaresma ou nos exercícios espirituais, como também diversos párocos e outros sacerdotes, querendo opor-se ao mal crescente, pedem livros religiosos ou de devoção, que seriam utilmente distribuídos nos catecismos e em muitas outras oportunidades, mas lhes faltam meios para adquiri-los.

Com esse objetivo, recorremos a católicos generosos, convidando-os a tomar parte e a inscrever-se para essa oferta, que parece oportuna para as necessidades dos tempos atuais. O abaixo assinado, de acordo com outros sacerdotes, se empenhará em satisfazer os vários pedidos feitos com este propósito.

Deus não deixará de recompensar a obra que se faz em favor da nossa santa religião católica.

Sac. João Bosco

168. Biblioteca da Juventude Italiana

Edição impressa em MB IX, 429-430 [1868].

A necessidade sentida por toda parte de instruir a juventude na língua italiana deve animar todos os cultores dessa nossa nobre língua a usar os meios que estão ao seu alcance para facilitar o estudo e o conhecimento.

É com esta intenção que se pensou em criar a Biblioteca da Juventude Italiana. Seu escopo é o de publicar os textos antigos e modernos que mais de

perto possam interessar à juventude culta. Para ter bom êxito nesse empreendimento foi instituída uma sociedade de professores beneméritos e célebres e de doutores em letras, os quais se propõem:

1° Recolher e publicar os melhores clássicos da nossa língua italiana, redigidos em ortografia moderna, a fim de que, com mais facilidade, possam ser lidos e compreendidos pelo jovem leitor;

2° Selecionar os que, pela amenidade da matéria e a pureza da linguagem, servirem melhor para a finalidade proposta;

3° Nos comentários, quando for o caso, haverá somente algumas breves anotações que sirvam para esclarecer o sentido literal, atendo-se às interpretações dos comentaristas mais insignes;

4° Consideramos ser conveniente omitir em parte e mesmo completamente aqueles autores que, embora insignes, contêm matéria ofensiva à religião ou à moralidade;

5° Haverá o máximo cuidado a fim de que a parte tipográfica em nada deixe a desejar pela nitidez dos caracteres, a qualidade do papel e a exatidão da impressão.

Dito isso, nós nos colocamos a trabalhar, recomendando o bom êxito aos educadores da juventude e a todos os amantes da glória da língua italiana e do maior bem da juventude.

Condições para a associação

1° A Biblioteca da Juventude será composta por cerca de cem pequenos volumes, de 200 páginas cada um aproximadamente.

2° A associação é obrigatória por um ano e cada mês se publicará um volume, mas de tal modo que a cada ano se disponha de obras completas.

3° O preço da associação é de 6 liras por ano, a serem pagas antecipadamente. Os volumes são enviados gratuitamente pelo correio para dentro do país; para o exterior, o aumento será proporcional.

4° Quem conseguir dez associados, terá uma cópia gratuita. As casas de educação ou outras pessoas que se associarem para 50 cópias receberão 60.

5° Os pagamentos são feitos às pessoas com quem se fez a assinatura, pessoalmente ou mediante um vale postal e também em selos.

6° O escritório central está em Turim; qualquer impresso, carta ou correspondência deve ser enviado a pagar.

O endereço será simplesmente:

Ao Diretor da Biblioteca da Juventude Italiana.

Oratório de São Francisco de Sales

Turim

169. Carta ao padre João Batista Lemoyne

Edição crítica em E(m) II, pp. 476-477.

Turim, 8 de janeiro de 1868

Caríssimo padre Lemoyne,

A seu tempo, recebi a tua carta e também as cartas coletivas e especiais desses nossos jovens. Eu li todas com a maior consolação e devo confessar: por várias vezes me comovi diante de tantos sinais de afeto e benevolência. Pena que não tenho tempo para responder a cada um; espero fazê-lo pessoalmente dentro de não muito tempo. Entretanto, peço que digas a eles da minha parte três coisas:

1° Que eu vos agradeço a todos pela boa vontade e pelo afeto que me demonstrastes para além do meu merecimento. Eu procurarei recompensar-vos ao recomendar-vos diariamente na santa missa, como se todos estivésseis comigo a meu redor.

2° Neste ano tenho absoluta necessidade de que, desde o primeiro superior até o último da casa, reine a caridade em suportar com paciência os defeitos dos outros e em dar-vos bons avisos e conselhos sempre que houver oportunidade. Esta é a chave que abre a porta da felicidade durante o ano inteiro.

3° Promova-se a visita frequente ao Santíssimo Sacramento, como meio eficaz, aliás, como único meio para manter longe os muitos flagelos que neste ano nos ameaçam em público e em particular.

Estas coisas, no momento oportuno, sejam devidamente explicadas e sejam tema de observações de ordem moral, segundo julgares mais apropriado.

Este ano precisamos impedir as más leituras e promover as boas, por isso eu gostaria muito que todos os nossos queridos alunos se associassem às

Leituras Católicas; enquanto isso, todos os superiores e também os jovens procurem propô-las e propagá-las junto a pessoas de quem se pode esperar uma boa acolhida da proposta.

Tu vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistae, ministerium tuum imple; argue, obsecra, increpa in omni patientia et doctrina, et in perdifficilibus rebus dic constanter: omnia possum in eo qui me confortat.

Deus te abençoe, abençoe tuas fadigas, os professores, os assistentes e todos os jovens. Rezai por mim que serei sempre vosso

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

P.S. De Magistris me escreveu uma carta em que me diz coisas estupendas. Se tudo isso corresponder de fato ao seu pensamento, creio que esteja quase pronto para dar o golpe final. Procura falar-lhe um pouco neste sentido. Indo a Lanzo, depois farei o resto.

170. Circular: Difusão das Leituras Católicas e da Biblioteca dos Clássicos Italianos

Edição crítica em E(m) IV, pp. 582-583.

[Turim, segunda metade de dezembro de 1875]

Aos nossos beneméritos correspondentes e benévolos leitores,

Estamos contentes por poder anunciar-vos, beneméritos correspondentes, e a vós, benévolos leitores, que as *Leituras Católicas* e a *Biblioteca dos Clássicos Italianos,* diversas vezes recomendadas ao vosso zelo, continuarão também neste ano de 1876 a sair com a mesma regularidade das que foram publicadas até agora.

Aliás, podemos até garantir que a isso somaremos um empenho especial quanto ao papel, à impressão e à expedição, e mais ainda agora quanto à seleção das matérias que serão, o mais possível, úteis, amenas, interessantes e morais.

Nossas fadigas, porém, precisam do vosso apoio e do vosso auxílio na promoção e propagação dessas publicações, da maneira e nos lugares que na vossa iluminada prudência julgardes ser oportuno.

Muitos bispos, arcebispos e o próprio santo padre abençoaram e recomendaram a difusão desses livretos; basta isso para garantir a bondade da iniciativa. De fato, as *Leituras Católicas* visam a conservar no meio do povo os princípios sadios da nossa santa religião; enquanto os *Clássicos Italianos,* expurgados, precisam promover e conservar os bons costumes da juventude estudiosa.

As tristes consequências provenientes da má imprensa e os sacrifícios que alguns suportam para difundi-la certamente farão dizer ao bom cristão: se fazem tanto os maus para difundir o mal, não devemos os bons pelo menos fazer o mesmo para propagar o bem?

Não faz muito tempo, alguém disse: o que se gasta para a difusão de livros bons, pode ser comparado ao óbolo que se dá ao pobre faminto.

Nós, portanto, confiamos na vossa cooperação, e não podendo demonstrar-vos de outra forma a nossa gratidão, pedimos a Deus que vos cumule com as suas bênçãos celestes e vos conceda longos anos de vida feliz; entretanto, em nome de todos, tenho a honra de professar-me, em nome da Direção e dos colaboradores

Obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco

171. Circular: Leituras

ASC A1750409 Circular aos salesianos, com assinatura autógrafa; edição impressa em *Lettere circolari di DB*, pp. 15-20 (cf. MB XVII, 197-200).

No dia da festa de Todos os Santos [1884]

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Uma razão gravíssima me leva a vos escrever esta carta no início do ano escolar. Vós sabeis quanta afeição eu nutro pelas almas que o bendito Jesus Senhor nosso, na sua infinita bondade, quis confiar-me, e por outra parte, não deveis desconhecer a responsabilidade que pesa sobre os educadores da juventude, e que contas minuciosas eles deverão prestar à justiça divina pela sua missão.

Esta responsabilidade eu devo mantê-la indivisa junto convosco, meus caríssimos filhos, e desejo que seja para vós e para mim origem, fonte, causa de glória e de vida eterna. Por isso, pensei em chamar a vossa atenção a respeito de um ponto importantíssimo, do qual pode depender a salvação dos nossos alunos. Falo dos livros que se devem tirar das mãos dos nossos jovens e dos que se devem usar para as leituras individuais ou para as que são feitas em comum.

As primeiras impressões que as mentes virgens e os corações tenros recebem duram por todo o tempo da sua vida; e os livros hoje em dia são uma das causas principais disso. A leitura para eles possui um fortíssimo atrativo, estimulando a sua incontrolável curiosidade, e desta depende muitíssimas vezes a escolha definitiva que fazem do bem ou do mal. Os inimigos das almas conhecem o poder dessa arma e a experiência mostra como sabem usá-la maldosamente para dano da inocência. Títulos estranhos, beleza do papel, nitidez dos caracteres, finura das imagens, modicidade dos preços, popularidade do estilo, variedade das tramas, vivacidade das descrições, tudo é usado com arte e prudência diabólicas.

Portanto, cabe a nós opor armas a armas; arrancar das mãos dos nossos jovens o veneno que a impiedade e a imoralidade lhes oferecem: aos maus livros opor livros bons. Ai de nós se dormirmos enquanto o homem inimigo vigia continuamente para semear a cizânia.

Por isso, desde o princípio do ano escolar, ponha-se em prática o que as Regras prescrevem, observe-se atentamente que livros os jovens trazem consigo ao entrar para o colégio, destinando, se for preciso, uma pessoa para

inspecionar baús e pacotes. Além disso, o diretor da casa imponha aos jovens fazer o elenco consciencioso de cada livro e apresentá-lo a ele pessoalmente. Esta medida não será supérflua, quer porque se poderá examinar melhor se algum livro passou inobservado, quer porque, conservando esses elencos, em dada circunstância poderão servir como norma de ação contra quem maliciosamente tiver escondido algum livro mau.

Essa vigilância deve continuar o ano todo, quer ordenando aos alunos que entreguem todo livro novo que comprarem durante o curso escolar ou que for trazido pelos parentes, amigos e colegas externos; quer observando que, por ignorância ou por malícia, não cheguem aos jovens pacotes embrulhados em jornais maliciosos; quer fazendo prudentes perquisições no estudo, no quarto, na escola.

A diligência usada para esta finalidade nunca é demais. O professor, o responsável pelo estudo, o assistente observem também que coisa se lê na igreja ou no recreio, na escola, no estudo. Os dicionários não expurgados também devem ser eliminados. Para muitos jovens são o princípio da malícia, das insídias dos maus companheiros. Um mau livro é uma peste que arruína muitos jovens. O diretor considere ter obtido uma bela vitória quando conseguir tirar das mãos de algum aluno um desses livros.

Infelizmente, os jovens que conservam maus livros dificilmente se prestam a obedecer e recorrem a todas as astúcias para escondê-los. O diretor deve lutar contra a avareza, a curiosidade, o medo do castigo, o respeito humano, as paixões desenfreadas. Por isso, eu creio necessário conquistar o coração dos jovens, persuadindo-os com a doçura. Muitas vezes, durante o ano, do púlpito, à noite, nas aulas, tratar do assunto dos livros maus, fazer ver os danos que deles derivam; persuadir os jovens que não se quer outra coisa senão a salvação das suas almas, que nós, depois de Deus, amamos acima de todas as coisas.

Não se use de rigor, a não ser no caso de algum jovem ser motivo de ruína para os outros. Se alguém entregar um livro mau ano adentro, dissimule-se a desobediência passada e se aceite aquele livro como um belíssimo presente. Tanto mais que às vezes pode ser o confessor que lhe prescreveu essa entrega, e seria imprudência querer saber mais do que isso. A conhecida benignidade dos superiores levaria também os colegas à denúncia de quem escondesse livros semelhantes.

Descoberto, porém, um livro proibido pela Igreja ou imoral, seja imediatamente dado ao fogo. Já foram vistos livros tirados dos jovens e conservados serem causa de ruína para padres e clérigos.

Fazendo assim, eu espero que os maus livros não entrem nos nossos colégios, e se entrarem, que sejam imediatamente destruídos.

Mas, além dos maus livros, é preciso estar atento em relação a outros tipos de livros, que, embora bons ou indiferentes, também podem resultar perigosos porque não convenientes à idade, ao lugar, aos estudos, às inclinações, às paixões nascentes, à vocação. Também esses devem ser eliminados. Quanto a livros honestos e amenos, se for possível excluí-los, seria de grande vantagem para o aproveitamento nos estudos; os professores, controlando as tarefas escolares, poderão regular o tempo para os alunos. Sendo, porém, atualmente quase irrefreável a mania de ler, e também muitos livros bons estimulando demais as paixões e a imaginação, se Deus me der vida, pensei em organizar e imprimir uma coleção de livros amenos para a juventude.

Digo isto a respeito dos livros que são lidos em particular. Pelo que se refere às leituras feitas em comum nos refeitórios, nos dormitórios e na sala de estudo, direi em primeiro lugar que não se leiam nunca livros, se antes não tiverem sido aprovados pelo diretor, e sejam excluídos os romances de qualquer tipo que não saíram da nossa tipografia.

No refeitório leia-se o *Boletim,* as *Leituras Católicas,* à medida que forem publicadas, e nos intervalos, os livros históricos impressos no Oratório, a *História da Itália,* a *História Eclesiástica* e dos papas, as narrações sobre a América e sobre outros argumentos, mas publicados na coleção das *Leituras Católicas,* e os livros históricos ou de contos da *Biblioteca da Juventude.* Estes últimos poderiam ser lidos no estudo, onde ainda houver o costume de uma leitura no último quarto de hora, antes da aula de canto.

Quanto à leitura nos dormitórios, entendo eliminar absolutamente qualquer tipo de leitura fantasiosa ou amena, mas desejo que sejam adotados livros que, mediante suas impressões no ânimo do jovem que está para dormir, sejam aptos a torná-lo sempre melhor. Portanto, será muito útil usar nessa circunstância livros agradáveis, mas de argumento preferentemente sagrado ou ascético. Eu começaria com as biografias dos nossos jovens *Comollo*, *Savio*, *Besucco*, etc., e continuaria com aqueles livretos das *Leituras Católicas* que tratam de religião; terminaria com as vidas dos santos, mas escolhendo as mais atraentes e oportunas.

Essas leituras feitas depois do boa-noite, partindo de um coração que deseja a salvação das almas, estou certo de que às vezes produz melhores resultados do que possa fazer um curso de exercícios espirituais.

Para obter plenamente esses efeitos almejados e fazer com que os nossos livros sirvam como antídoto contra os livros maus, peço-vos e vos esconjuro que vós mesmos ameis as publicações dos nossos irmãos, mantendo-vos livres de qualquer sentimento de inveja ou de pouca estima. Se por acaso encontrardes alguma falha, mediante sugestões e também com a vossa colaboração, se

tiverdes tempo, ponde-vos à disposição, para que se possam fazer as correções necessárias, notificando as vossas observações ao próprio autor ou aos superiores a quem cabe a revisão das nossas publicações. Nunca, porém, saia da vossa boca alguma censura. A honra de um é a honra de todos. Se os jovens ouvirem o professor ou o assistente louvar um livro, eles também o estimarão, louvarão e lerão.

Lembrai-vos de uma grande palavra do santo padre Pio IX dirigida um dia aos salesianos: "Imitai o exemplo dos padres da Companhia de Jesus. Por que seus escritores são tão estimados? Porque os irmãos se esforçam para rever e corrigir, como se as obras de um coirmão fossem próprias; pois, em público, celebrando seus méritos mediante todos os jornais de que dispõem, proporcionam-lhes uma fama exímia, e em particular, nas suas conversas, em seus lábios só ressoam palavras de louvor. Jamais ouvireis algum desses padres, que, aliás, se contam aos milhares, fazer uma crítica que diminua a fama de um coirmão".

Fazei vós também assim em meio aos nossos queridos jovens e estai certos de que os nossos livros farão um bem imenso.

Meus caros filhos, ouvi, guardai, praticai estas minhas orientações. Sinto que os meus anos caminham para o ocaso. Também os vossos passam velozmente. Trabalhemos, portanto, com zelo, a fim de que a messe das almas salvas seja abundante e possa ser apresentada ao bom Pai de família, que é Deus. O Senhor vos abençoe, e convosco abençoe os nossos jovens alunos, que cumprimentareis da minha parte, recomendando às suas orações este pobre velho que muito os ama em Jesus Cristo.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

172. Circular aos salesianos sobre a difusão de bons livros

ASC A1750411 Circolari ai Salesiani, Diffusione dei buoni libri; edição impressa em *Lettere circolari di DB,* pp. 15-20.

Turim, 19 de março, festa de São José, 1885

Caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Deus sabe quão vivo é meu desejo de ver-vos, de estar no meio de vós, de falar-vos das nossas coisas, de consolar-me com a recíproca confiança dos nossos corações. Infelizmente, queridos filhos, a fraqueza das minhas antigas doenças, os negócios urgentes que me chamam para a França, impedem-me, pelo menos por ora, de satisfazer os impulsos do meu afeto por vós.

Não podendo visitar-vos a todos pessoalmente, venho a vós por carta, e estou certo de que vos agradareis da lembrança contínua que guardo de vós; de vós que, assim como sois a minha esperança, sois também a minha glória e o meu apoio. Por isso, desejoso de ver-vos todos os dias crescendo sempre mais no zelo e em méritos diante de Deus, não deixarei de sugerir-vos de quando em quando os diversos meios que considero melhores para que o vosso ministério resulte sempre mais frutuoso. Entre esses meios, o que eu entendo recomendar-vos calorosamente, para a glória de Deus e a salvação das almas, é a difusão de bons livros.

Eu não hesito em chamar de divino este meio, pois o próprio Deus se serviu dele para a regeneração do homem. Foram os livros inspirados por ele que levaram por todo o mundo a sua sã doutrina. Ele quis que em todas as cidades e vilas da Palestina houvesse cópias, e que todos os sábados se fizesse leitura deles nas assembleias religiosas. No começo, esses livros foram patrimônio unicamente do povo hebreu, mas, quando as tribos foram levadas em cativeiro para a Assíria e a Caldeia, eis que a Sagrada Escritura foi traduzida em língua siro-caldaica e toda a Ásia central pôde tê-la em mãos na própria língua.

Prevalecendo a potência grega, os hebreus instalaram suas colônias em todos os cantos da terra, e com elas se multiplicaram ao infinito os livros sagrados; e os Setenta, mediante sua versão, enriqueceram com esses livros as bibliotecas dos povos pagãos; de tal modo que os oradores, os poetas, os filósofos daqueles tempos puderam haurir da Bíblia não poucas verdades. Deus, principalmente mediante seus escritos inspirados, preparava assim o mundo para a vinda do Salvador.

Cabe, pois, a nós imitar a obra do Pai celeste. Os livros bons, difundidos em meio ao povo, são um dos meios aptos a manter o Reino do Salvador em tantas almas. Os pensamentos, os princípios, a moral de um livro católico são substância extraída dos livros divinos e da tradição apostólica. Eles são tanto mais necessários quanto mais a impiedade e a imoralidade hoje em dia usam essa arma para fazer estragos no redil de Jesus Cristo, para levar e arrastar para a perdição os incautos e os desobedientes. Portanto, é necessário opor arma a arma.

É preciso ainda dizer que, se por um lado, o livro não possui aquela força intrínseca de que é dotada a palavra viva, por outro, em certas circunstâncias apresenta vantagens ainda maiores. O livro bom entra até mesmo nas casas onde não pode entrar o sacerdote, é tolerado até pelos maus como recordação ou como presente. Apresentando-se, ele não enrubesce, descuidado, ele não se inquieta, lido, ensina a verdade com calma, desprezado, não se queixa, e deixa na consciência o remorso que às vezes acende o desejo de conhecer a verdade, ao passo que ele está sempre pronto a ensiná-la.

Às vezes, ele fica empoeirado sobre uma mesa ou numa biblioteca. Ninguém pensa nele. Mas chega a hora da solidão ou da tristeza, da dor ou do tédio, da necessidade de distração ou da ansiedade pelo futuro, e este amigo fiel depõe seu pó, abre suas folhas e se renovam as conversões admiráveis de Santo Agostinho, do Beato Colombino e de Santo Inácio. Gentil com os medrosos por respeito humano, entretém-se com eles sem ninguém suspeitar; familiar com os bons, está sempre pronto a manter uma troca de ideias; está com eles o tempo todo, vai com eles para todo lugar. Quantas almas foram salvas pelos livros bons, quantas foram preservadas do erro, quantas encorajadas para o bem!

Quem dá um bom livro, se não tiver outro merecimento senão o de despertar um pensamento de Deus, já teria adquirido um mérito incomparável junto de Deus. Entretanto, quanto se consegue mais do que isso! Um livro numa família, se não é lido por aquele a que foi destinado ou doado, é lido pelo filho ou pela filha, pelo amigo ou pelo vizinho. Um livro num povoado ou numa cidade passa pelas mãos de cem pessoas.

Só Deus sabe o bem que um livro produz numa cidade, numa biblioteca circular, numa sociedade de operários, num hospital, doado como sinal de amizade. Nem precisa recear que um livro possa ser rejeitado por algumas pessoas pelo fato de ser bom. Pelo contrário. Um nosso coirmão, todas as vezes que em Marselha ia até o cais do porto, levava sua provisão de livros bons para com eles presentear os carregadores, os trabalhadores, os marinheiros. Pois bem, esses livros sempre foram acolhidos com alegria e reconhecimento, e às vezes eram lidos imediatamente com viva curiosidade.

Feitas essas observações e omitidas muitas delas que vós mesmos já conheceis, desejo pôr diante dos vossos olhos as razões pelas quais deveis ani-

mar-vos a promover com todas as forças e com todos os meios a difusão de bons livros, não só como católicos, mas especialmente como salesianos:

1. Este foi um dos principais empreendimentos que a divina Providência me confiou, e vós sabeis como eu tive que dele me ocupar com incansável dedicação, apesar das mil e uma ocupações. O ódio raivoso dos inimigos do bem, as perseguições contra a minha pessoa demonstraram como o erro via nesses livros um adversário e, por motivo oposto, um empreendimento abençoado por Deus.

2. De fato, a difusão admirável desses livros é um argumento para provar a assistência especial de Deus. Em menos de trinta anos, somam cerca de vinte milhões os fascículos ou volumes distribuídos por nós entre o povo. Se algum livro tiver ficado esquecido, outros terão tido uma centena de leitores e, portanto, o número das pessoas a quem os nossos livros fizeram bem, pode-se crer com certeza que foi muitíssimo maior do que o número dos volumes publicados.

3. Esta difusão dos bons livros é uma das finalidades principais da nossa Congregação. O artigo 7 do parágrafo primeiro das nossas Regras diz a respeito dos salesianos: "Dedicar-se-ão a difundir bons livros entre o povo, usando todos os meios que a caridade cristã inspira. Mediante as palavras e os escritos procurarão opor um obstáculo à impiedade e à heresia que de tantas maneiras procura insinuar-se entre os rudes e os ignorantes. A esta finalidade devem dirigir-se as pregações, que, de tempos em tempos se fazem ao povo, os tríduos, as novenas e a difusão dos bons livros".

4. Por isso, entre esses livros que se devem difundir, eu proponho que se escolham os que têm fama de serem bons, morais e religiosos; e devemos preferir as obras que saíram das nossas tipografias, quer porque a vantagem material que daí deriva se mudará em caridade pela manutenção de nossos jovens pobres, quer porque as nossas publicações tendem a formar um sistema ordenado que abrange em vasta escala todas as classes que formam a sociedade humana. Não quero me deter somente neste ponto; de preferência quero acenar a uma só classe, a dos jovens, à qual sempre procurei fazer o bem, não somente com a palavra viva, mas também mediante a impressa.

Por meio das *Leituras Católicas*, enquanto desejava instruir todo o povo, tinha em mente entrar nas casas, fazer conhecer o espírito que predomina nos nossos colégios e atrair os jovens para a virtude, especialmente mediante as biografias de Savio, Besucco e semelhantes. Por meio do *Jovem Instruído* tive em mente levá-los para a igreja, instilar neles o espírito de piedade e enamorá-los pela frequência dos sacramentos. Por meio da coleção dos clássicos italianos e latinos depurados e mediante a *História da Itália* e de outros livros históricos ou literários, quis sentar-me a seu lado na escola e preservá-los de tantos erros e de tantas paixões que seriam fatais para eles no tempo e na eternidade. Eu desejava, como outrora, ser companheiro nas horas do recreio, e pensei organizar uma série de livros amenos que espero não demorará a ver a luz.

Finalmente, mediante o *Boletim Salesiano,* entre as muitas minhas finalidades, tive também esta: a de manter vivo nos jovens que voltaram para as próprias famílias o amor ao espírito de São Francisco de Sales e às máximas eternas, e fazer deles mesmos os salvadores de outros jovens. Não vos digo que eu tenha alcançado meu ideal de perfeição; antes, vos direi que toca a vós coordená-lo de tal modo que se complete em todas as suas partes.

Peço-vos e vos esconjuro, portanto, que não descuideis dessa parte importantíssima da nossa missão. Iniciai-a não somente entre os jovens que a Providência vos confiou, mas com as vossas palavras e com o vosso exemplo fazei deles apóstolos da difusão dos bons livros.

No começo do ano os alunos, especialmente os novos, são tomados de entusiasmo pela proposta dessas nossas associações, tanto mais ao ver que se trata de desembolsar uma soma muito diminuta. Procurai, porém, que essas adesões sejam espontâneas e não impostas, e mediante ponderadas exortações, levai os jovens a associar-se, não somente em vista do bem que esses livros farão a eles, mas também pelo bem que com eles podem fazer aos outros, enviando-os para casa à medida que são publicados, ao pai, à mãe, aos irmãos, aos benfeitores. Também os parentes pouco praticantes ficam comovidos diante da recordação de um filho, de um irmão distante, e facilmente são induzidos a ler o livro, senão por outro motivo, pela curiosidade.

É preciso cuidar, porém, que essas expedições não assumam o aspecto de um sermão ou de lições para os parentes, mas sempre e somente como um presente gentil ou uma lembrança afetuosa. Os jovens, voltando para casa, oferecendo-os aos amigos, dando-os aos parentes, ao entregá-los como compensação de um serviço, ao cedê-los ao pároco, pedindo que os distribua, ao procurar novos associados, se esforcem para aumentar os méritos das suas boas obras.

Persuadi-vos, meus queridos filhos, que estas iniciativas atrairão sobre vós e sobre os nossos jovens as bênçãos mais eleitas de Deus.

Termino: a conclusão desta carta tirai-a vós mesmos, fazendo com que os nossos jovens busquem os princípios morais e cristãos especialmente em nossas produções, evitando desprezar os livros dos outros. Devo, porém, dizer-vos que senti grande dor no coração quando soube que em algumas das nossas casas, livros impressos por nós, especificamente para a juventude, foram às vezes deixados num canto ou não foram levados em conta. Não deveis amar e não deveis fazer amar pelos outros aquela ciência que, no dizer do Apóstolo, *inflat*, e lembrai-vos de que Santo Agostinho, tornando-se bispo, embora exímio mestre de belas letras e eloquente orador, preferia as impropriedades da língua ou nenhuma elegância de estilo, a correr o risco de não ser entendido pelo povo.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco. Rezai por mim.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

VI. "RESUMO" DE BOAS-NOITES AOS JOVENS DE VALDOCCO (1864-1877)

Entre as práticas mais originais adotadas pela praxe educativa de Valdocco, e conservadas na sucessiva tradição salesiana, devem-se pôr em relevo as "boas-noites": falas breves, "discursinhos", feitos depois das orações da noite. Dom Bosco se dirige aos jovens na presença dos seus educadores (superiores da casa, professores, assistentes), familiarmente, com linguagem simples e atraente.

Até agora não foram encontradas transcrições autógrafas desse tipo de intervenções. Todavia, no Arquivo Salesiano Central de Roma se conservam textos em número relevante, que recolhem os conteúdos integrais ou o "resumo" dos mesmos. Constituem testemunhos interessantes, transmitidos pelos mais atentos ouvintes; em particular, pelos membros de uma espécie de "sociedade" ou "comissão" de jovens colaboradores que, desde 1860-1861, se propõem "impedir que nada do que se refere a Dom Bosco caia no esquecimento", fazendo todo o possível "para conservar a memória". A esta finalidade correspondem precisamente as pequenas crônicas e os diários compilados por alguns dos membros da comissão a que se acenou há pouco. Entre os mais conhecidos: Júlio Barberis, Domingos Ruffino. Miguel Rua, João Batista Francesia[27].

O "resumo" de sete "boas-noites" aos estudantes de Valdocco nos meses de novembro e dezembro de 1864 oferece orientações práticas, com o objetivo de ajudar os ouvintes a "tirar proveito dos estudos". Discorrendo sobre esse argumento, Dom Bosco dá grande importância ao bom comportamento moral e religioso do estudante, como condição prévia indispensável.

Além disso, aqui transcrevemos duas "boas-noites" de 1877 – mais completas e provavelmente mais próximas da intervenção original – nas quais é tratado novamente o tema do estudo e das leituras, mas também outros assuntos característicos da proposta educativa 'dombosquiana': as férias, a fuga do ócio, os recreios e o jogo.

[27] Domingos Ruffino (1840-1865), sacerdote salesiano, diretor espiritual-geral (1863); diretor do colégio de Lanzo (1864); compilador de algumas *Crônicas do Oratório de São Francisco de Sales.*

173. Meios para tirar proveito dos estudos

ASC A0090102 *Sunto di Buone notti di don Bosco,* manuscrito alógrafo, 1864/65 (cf. MB VII, 817- 829).

24 de novembro

1° *Meio* – O primeiro meio para bem estudar é o temor de Deus: *Initium sapientiae timor Domini*. Quereis tornar-vos doutos e tirar grande proveito do estudo? Temei o Senhor. Tomai cuidado de não pecar, porque: *Sapientia non habitabit in corpore subdito peccatis*; a sabedoria dos homens deriva daquela de Deus. Além disso, que satisfação quereis que tenha em estudar quem tem o coração agitado pelas paixões. Como quereis que supere as dificuldades que se encontram, sem a ajuda de Deus? Homens verdadeiramente doutos nunca foram os que ofendiam a Deus. Vede São Francisco de Sales, Santo Tomás. A experiência ensina continuamente que os que aproveitam dos estudos são os que se mantêm longe do pecado. É verdade, há pessoas más que brilham por engenho e saber. Mas talvez em outros tempos com seu bom comportamento e com boas obras mereceram de Deus este grande dom do qual depois abusaram. Por outro lado, a maior parte delas não possui verdadeira sabedoria: têm a mente cheia de erros que ensinam aos outros. E se, por acaso, a alguma dessas pessoas más Deus permitiu que tirassem proveito dos estudos, apesar de serem suas inimigas, isso resultará em maior castigo e maior maldição para elas, tendo cometido o pecado.[28]

25 de novembro

2° *Meio* – Nunca perder migalhas de tempo. O tempo, meus caros, é precioso. *Fili conserva tempus*. O tempo que se deve dedicar ao estudo, dedicai-o a ele por inteiro, não busqueis nunca pretextos para fugir da escola. No tempo de estudo, não deveis ler outros livros que nada têm a ver com a matéria escolar. Freai a fantasia. Vedes aquele jovem que está tão atento lendo um livro? Pensais que está estudando? Pobre de mim! Tem a mente distante milhares de quilômetros. Vede, sorri, parece-lhe ainda estar no recreio brincando com o pião, e pensa na vitória que conseguiu sobre um colega. Aquele

[28] O trecho "Vede São Francisco de Sales" até "depois abusaram" é extraído de MB VII, 817. O "resumo" somente refere: "São Francisco de Sales, Santo Tomás, etc.".

outro pensa nas castanhas e no salame que tem no seu baú. O outro pensa naquele projeto, naquele passeio, naquela brincadeira. Não falo dos jovens que pensam em ofender a Deus, porque espero que aqui no Oratório não exista nenhum deles. Portanto, vamos estudar e não percamos tempo.

27 de novembro

3° *Meio* – Comer no tempo devido. Mata mais a gula do que a espada. Quereis instruir-vos? Não deveis viver para comer, mas comer para viver. De manhã e na hora da merenda, procurai ficar leves e não comer até não poder mais. Se tiverdes alguma comida guardada no vosso baú, não vos deixeis levar pela gula e comê-la toda de uma vez, conservai para os dias seguintes e assim não vos fará mal. Não creiais que eu vos digo isso por meu interesse: verdadeiramente, porque a experiência diz que se comeis um pão a menos no café da manhã, comereis 3 a mais na hora do almoço. Quem tem o estômago cheio demais, vai para a aula ou para o estudo com a cabeça cheia; tendo o estômago indisposto, muitas vezes combate inutilmente o sono, e se fica acordado, não faz nada. Ou então, se quiser se aplicar, pior ainda: a dor de cabeça toma conta dele e naquele dia não faz mais nada e às vezes só ganha uma bela indigestão.

28 de novembro

4° *Meio* – A companhia de jovens estudiosos é o meio mais apto para tirar proveito dos estudos. Quando vos encontrais no recreio, aproximai-vos dos colegas ou dos clérigos mais instruídos. Perguntai-lhes alguma coisa sobre geografia, latim, história; falando essas coisas entre vós, tirareis grande proveito! Também ao passear conversai sobre isso e deixai a companhia de certos vadios e contadores de lorotas, que mais ajudam a perder do que adquirir a ciência. As conversas inúteis não servem para nada; só servem para distrair a mente ou para esfriar os corações. Se quiseres tornar-te sábio, frequenta os sábios.

1º de dezembro

5° *Meio* – Fazei o recreio por inteiro, porque, divertindo-vos, tereis novas forças para estudar melhor quando chegar a hora da aula. Não transfor-

meis o tempo do recreio em tempo de estudo, porque, quando tiverdes que estudar, tereis a mente cansada e tirareis pouco proveito. Tomai cuidado com divertimentos exagerados e excessivos. Na hora do recreio há alguns que correm para cima e para baixo furiosamente, que acabam não fazendo recreio: a gente diria que pretendem se matar. Esbarram nos colegas, derrubam-nos ao chão, quebram o nariz, pisam uns nos outros, e quando o recreio termina, suados e bufando, vão para o estudo, sim, mas a cabeça ainda está em revolução e precisam de descanso.

Não falo daqueles que gritam a ponto de ter dor de cabeça o dia inteiro; daqueles que no recreio têm más conversas; dos que se pegam a socos por divertimento: só digo que onde falta o temor de Deus é impensável tirar verdadeiramente proveito. Portanto, também no recreio deveis ser moderados; já não vos digo que não deveis brincar com o pião, barra comprida, etc. Pulai quanto quiserdes, diverti-vos, mas evitai os excessos. Também eu quando não tenho que me entreter com alguma pessoa que me procura faço recreio convosco, descanso, brinco, rio, mas não me quebro o pescoço para me divertir.

Portanto, o quinto meio para tirar proveito do estudo exige um recreio bem ordenado, como se pede a estudantes bem comportados. Observo também que alguns jovens falam de passeios e merendas com tanto entusiasmo que depois nas aulas não têm outra coisa na cabeça. Como vedes, do aproveitamento deles, pouco se pode esperar.

4 de dezembro

6º *Meio* – Para estudar com proveito e vencer as dificuldades no estudo dos autores, não vos deveis assustar. O que viestes fazer no Oratório? Estudar! Portanto, é natural que deveis aprender o que não sabeis. Por isso, coragem, não se deve deixar o trabalho pela metade. Não procedem bem os que, encontrando uma dificuldade, a evitam, dizendo: isso aqui eu não entendo, e passam a outro assunto; não, não se deve ir para outro assunto enquanto a dificuldade não for vencida e superada. Para conseguir fazer assim, recorrei a Jesus e Maria com alguma piedosa jaculatória e vereis que as dificuldades desaparecerão. Nunca vos esqueçais, meus queridos filhos, este meio para vencer as dificuldades, porque só Deus é Pai da ciência e ele a dá a quem quer e como quer; e Maria, vós a chamais todos os dias nas ladainhas *Sedes sapientiae*, ela é a Sede da sabedoria. Além disso, dirigi-vos também aos professores, aos assistentes: eles se preocuparão em vos ajudar; como também não deveis somente esforçar-vos para superar as dificuldades, mas também vos deveis

alegrar quando as encontrardes porque são elas que vos ajudam a aumentar o entendimento. Que adianta gloriar-se de aprender o que se entende com facilidade?

5 de dezembro

7° *Meio* – Consiste em ocupar-vos com assuntos relativos ao vosso estudo. É preciso que fixemos bem na mente que os estudos estranhos à nossa escola devem ser postos de lado. Há jovens que leem muito, mas coisas leves, sem perceber que não fazem mais do que enganar a própria mente. Há muitos que leem poesias, contos, coisas boas, mas que deixam de lado o próprio dever. Quando tiverdes feito o vosso dever, sobra ainda alguma hora de tempo? Pois bem, repassai as lições já estudadas, voltai a ler novamente algumas regras de gramática que já fugiram da vossa cabeça e não percais tempo lendo a vida de *Gianduja* ou de *Bertoldo* e de *Cacasenno**.

174. Férias, recreios, fuga do ócio

ASC A0000303*, Conferenze*, 1877-1878, Quad. III, manuscrito alógrafo, pp. 17-21 (cf. MB XIII, 431-433).

Sexta-feira, 31 de agosto de 1877

Tenho uma bela notícia para dar-vos: segunda-feira começam as férias. Agrada-vos esta notícia? Vejo que pelo menos a alguns agrada. Eu fico contente que vós tireis férias. Todavia, posso dizer-vos que muitos pediram para passá-las aqui. Estou contente também com esses, mas quero que fiquem aqui de boa vontade. Haverá também para eles tempo de divertimento, passeios em abundância, mas teremos férias mais recolhidas e estaremos expostos a menores perigos. A única coisa que recomendo, tanto a uns como a outros, é a fuga do ócio. Sei que para alguns não agrada muito ir para as férias para trabalhar. No entanto, a palavra "férias" (em latim *vacare*) não significa repousar, como alguns pensam, mas aplicar-se, dedicar-se a alguma coisa. Assim, *vacare studio*, quer dizer dedicar-se ao estudo; *vacare agriculturae*, aplicar-se à agri-

* Personagens fantasiosos de histórias infantis.

cultura. O que eu desejo é que nos entendamos quanto às palavras. Fugir do ócio quer dizer não ficar sem fazer nada, também não quer dizer não trabalhar continuamente em trabalhos manuais, embora isso não seja para lamentar, pelo contrário, até recomendo. Eu lembro que quando ia para as férias, pegava couro e fazia sapatos e depois dava de presente. Pegava pano, cortava calças ou outra peça de roupa, depois costurava e fazia com elas o que queria. Ou então eu me ocupava com a madeira e fazia cadeiras, bancos. Na minha casa ainda hoje há mesas que fiz pessoalmente. Às vezes eu ia cortar a grama do campo, revolvia o feno, tendo numa mão Virgílio ou algum outro livro. Não pretendo propor-vos essas coisas como exemplo, mas somente para que vejais de quantas maneiras é possível ocupar o tempo durante as férias. Por isso, recomendo-vos que, indo para casa, quem tiver vinhedo, coma a uva mais madura; se encontrar pêssegos, figos, peras ou frutas em geral, coma das frutas mais maduras. Recomendo-vos que vos divirtais muito: jogai bochas, bola... Depois, em família, cada qual terá divertimentos especiais: baralho, damas, xadrez, etc. Fazei belos passeios, isso eu recomendo muito. Depois, cada um ainda encontrará muito tempo para ler, estudar para terminar alguma matéria que não conseguiu compreender bem.

Portanto, sempre trabalhar e divertir-se? Não, na hora do almoço comei, na hora do café da manhã, comei também, do mesmo modo ao jantar. Servi à mesa, desarrumai-a, servi também pão, contanto que não fiqueis no ócio. Descansai à noite e de manhã um pouco mais, mas tomai cuidado com um tipo de repouso que se chama *daemonium meridianum.* Isso se refere ao descanso feito depois do almoço: esse é o tempo do demônio. Se vos deixardes dominar por ele, o demônio poderá cantar vitória. Ele gira ao redor de vós e assovia aos ouvidos. Oh, que más conversas voltam à memória! Depois vos pisca um olho. Oh, que imagens feias se apresentam à memória! Essas tentações se fixam ali, e o rapaz não conseguirá desfazer-se delas e cairá nas garras do diabo. Cuidai, portanto, de não vos pordes na cama após o almoço. Se for necessário, sentai-vos numa cadeira e cochilai um pouco.

Mas, que conversa, esta! Vamos reduzi-la a algumas palavras: tende boas férias, mas não fiqueis sem fazer nada; se vós não trabalhardes, o demônio trabalhará. De dia trabalhai; de noite dormi.

Eu teria ainda outras coisas para dizer, mas espero dizê-las no próximo domingo, antes de partir. Amanhã e depois de amanhã, que são os últimos dias que ficais aqui, eu desejo que todos venhais até mim e eu terei alguma coisa para dizer a cada um. Também gostaria que tomásseis nota do que Dom Bosco vos sugere para passar alegremente as férias. É para que passeis alegre-

mente as férias que vos dou estes conselhos, e se os praticardes, experimentareis e passareis férias muito felizes.

Boa-noite.

175. Convite à leitura

ASC A0000303 *Conferenze*, 1877-78, Quad. III, pp. 22-24 (cf. MB XIII, 437-438).

7 de outubro de 1877

Eu vos saúdo a todos e muito cordialmente, tanto mais que é a primeira vez que vos vejo depois das férias. Verdade é que ainda não chegaram todos, mas vejo que estamos aqui em bom número, e se agora houvesse uma mesa farta, claro que nós sozinhos lhe faríamos as devidas honras.

A maior parte de vós está aqui se preparando para entrar para o ginásio, passar a uma classe superior ou sanar algum problema resultante do exame final, e todos devem estudar. Há também outros que no início do ano devem repetir o exame dos tratados que estudaram no ano passado, e também estes devem estudar para completar e repetir os próprios tratados. Nesse número estão incluídos todos os clérigos.

E os demais que por acaso não têm ocupação fixa deverão tirar sempre férias? Quando não houver mais livros para ler, nem na livraria, nem na biblioteca ou quando já tiverem lido todos, então eu diria a eles: descansai. Mas enquanto houver livros para ler, direi sempre: lede! Entre esses estão os que vieram para superar os exames em filosofia e a eles eu aconselharia ler o tratado que deverão estudar neste ano; depois podem ler ou estudar um livro de Virgílio, de Horácio ou um canto de Dante ou repetir o que estudaram no curso de latinidade. Um livro que eu aconselharia que todos lessem é a *História da Itália*, e se alguém já a tiver lido cinco vezes, eu diria que continuasse a lê-la. Porque nos tempos atuais todas as histórias são falseadas: os inimigos da Igreja aproveitam a ocasião da história para poder difamá-la e desacreditá-la, narrando fatos exagerados ou totalmente falsos.

Pelo contrário, nessa história, os fatos são expostos na sua integridade histórica, brevemente, mas eles dão a chave para poder estudar a história da

Itália de forma mais particularizada e a história eclesiástica que a acompanha por afinidade. Não pretendo elogiar-me, expondo as vantagens da minha história, mas é só porque vejo nela grande utilidade.

Acabo de receber a notícia da morte do padre Cerruti. Amanhã rezaremos pela sua alma. Não é esta a única notícia de morte que tenho recebido nesses dias. Soube que morreu improvisamente no palco um ator famoso, e outro que representava com ele, vendo-o cair, também morreu repentinamente. Os que assistiam a uma comédia saíram consternados do teatro diante dessa terrível tragédia. Este não é o único caso, poderia falar de outros. Entretanto, estejamos preparados, para que quando chegar a morte, possamos responder como Abraão quando o Senhor o chamou: *Abraham, Abraham! Ecce, Domine, adsum.*

E por ora, boa-noite.

TERCEIRA SEÇÃO

REGULAMENTOS E PROGRAMAS

Apresentação

No fascículo pedagógico de 1877, Dom Bosco, querendo precisar o significado do Sistema Preventivo, escreve: "Este consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, deem conselhos e corrijam com bondade" [1].

Desses pressupostos se conclui que o conhecimento e a prática de um regulamento formam parte, por assim dizer, "da essência do Sistema Preventivo" [2]. *Segundo Dom Bosco, de fato, o apelo direto e explícito ao regulamento se torna indispensável nos institutos de educação para que tenha bom êxito o método ou sistema educativo por ele proposto. Sem esquecer, por outro lado, que ele, na carta de 10 de maio de 1884, que já conhecemos, faz própria a pergunta que um dos personagens do "sonho" exprime com as seguintes palavras: "Por que se pretende substituir o amor pela frieza de um regulamento?"* [3].

A esse respeito, é também iluminador um aceno, apesar de muito rápido, à situação da obra assistencial-educativa estabelecida definitivamente em Valdocco em 1846. Nos primeiros anos da década de 1880, na seção dos estudantes da casa anexa ao Oratório, tinha-se uma situação delicada do ponto de vista disciplinar.

Nessa circunstância, Dom Bosco não se limita a enviar uma carta à comunidade salesiana: a mencionada carta de Roma de 1884, já apresentada nesta coletânea; voltando poucas semanas depois a Turim, ele reúne diversas vezes os responsáveis pela casa. No encontro de 5 de junho, fica decidido criar "uma comissão" que estude as decisões a tomar para promover o bom comportamento dos jovens do Oratório. Alguns dias mais tarde, depois de acenar ao tema da "reforma da casa do Oratório", Dom Bosco adverte: "Examinei o regulamento que se praticava nos tempos antigos e digo que estou persuadido de que ele deve ser praticado também

[1] *DBE, Scritti*, p. 248; cf. n. 151, I.
[2] Pietro Braido, *Regolamenti*, em S. Giovanni Bosco, *Scritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù.* Introdução, apresentação e índices de P. Braido. Brescia, La Scuola 1965, p. 355; Francis Desramaut, *Règlaments de la Société salésienne*. Lião, Secrétariat Provincial Don Bosco 1953.
[3] P. Braido, *Due lettere datate da Roma…*, p. 385.

nos dias atuais, pois ele provê e prevê todas as necessidades. É preciso que o diretor mande. Que conheça bem o seu regulamento e saiba também o regulamento dos outros e tudo o que devem fazer" [4].

O "regulamento que se praticava nos tempos antigos" – considerado pelo grande educador piemontês ainda válido e atual em 1884 – era provavelmente aquele que fora publicado impresso em 1877: Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales[5]. *Mas no outono do mesmo ano de 1877 fora impresso também o* Regulamento para as Casas da Sociedade de São Francisco de Sales.[6] *A esses dois regulamentos gerais – "oficiais" – acrescentamos nesta seção o programa e o regulamento das primeiras casas salesianas fundadas fora de Turim: em Mirabello Monferrato (Alessândria), em Lanzo perto de Turim, em 1864. Apresentamos também o programa e o regulamento do educandário de Mornese (Alessândria) e do internato de Nice: as duas primeiras casas do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, fundadas em 1872 por Dom Bosco, com Maria Domingas Mazzarello.*

Finalmente, apresentamos o breve regulamento para os oratórios festivos, elaborado no terceiro Capítulo-Geral salesiano de 1883 – presidido por Dom Bosco – e publicado em 1887.

A seleção de regulamentos a inserir nesta coletânea entre as principais fontes salesianas poderia ser ainda mais ampliada. Todavia, nos limitamos aos mais significativos, compartilhando este critério autorizado: "Certamente, não se devem exagerar, mas também não subestimar, o lugar e a função dos regulamentos na comunidade educativa de Dom Bosco e no quadro da sua visão pedagógica" [7].

A seção que se encerra com o texto de dois documentos que se referem aos oratórios festivos e à formação dos jovens aprendizes – "o setor operário das casas salesianas" –, elaborados nos Capítulos-Gerais dos anos de 1883 e 1886, as duas últimas assembleias ainda presididas pelo fundador da Sociedade de São Francisco de Sales. As deliberações desses dois Capítulos foram publicadas em 1887.

[4] ASC D869 *Verbali delle riunioni capitolari*; cf. J.M. Prellezo, *Valdocco nell'Ottocento…,* p. 275.
[5] *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli esterni*. Turim, Tipografia dell'Oratorio di S. Francesco di Sales 1877.
[6] *Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales*. Turim, Tipografia Salesiana 1877.
[7] P. Braido, *Regolamenti…,* p. 355.

I. PRIMEIROS COLÉGIOS SALESIANOS FUNDADOS FORA DE TURIM (1863-1864)

"Uma e não última preocupação de Dom Bosco nesse ano – escreve J. B. Lemoyne, referindo-se ao ano de 1863 – fora a fundação do Colégio de Mirabello. Tinha escrito seu regulamento, tomando como base o do Oratório, especificando todos os deveres de cada um dos superiores e dos alunos, mudando o que não era adaptado à natureza do instituto". Esse "regulamento – que permaneceu por diversos anos manuscrito, sempre segundo o testemunho de Lemoyne – devia ser como o estatuto fundamental, também de todas as demais casas que com o tempo se haveriam de abrir. Exigia que se desse a ele grande importância"[8].

Em seguida, Dom Bosco redigiu o programa e, após tê-lo impresso, mandou cópia aos párocos da diocese de Casale e às dioceses vizinhas.

No Arquivo Salesiano Central de Roma, de fato, se conservam alguns exemplares das cópias manuscritas e das que foram impressas por Dom Bosco, embora nem sempre completas.

Aqui apresentamos: o programa do Pequeno seminário episcopal de São Carlos em Mirabello *(1863) e a primeira parte do regulamento do mesmo centro, publicado por J. B. Lemoyne no volume VII das* Memórias Biográficas. *Especial significado apresenta o* Plano de regulamento para o colégio de São Filipe Neri em Lanzo *(1863-1864))*[9]*, manuscrito alógrafo, no qual há numerosas correções e acréscimos da mão de Dom Bosco.*

Pode ser especialmente ilustrativo o confronto destes últimos documentos, embora não completos, com os regulamentos "oficiais" de 1877.

[8] MB VII, 519-520; cf. também E. Ceria, *Annali della Società salesiana. Dalle origini…*, pp. 27-40 ("Inícios da expansão: Giaveno e Mirabello").

[9] Cf. E. Ceria, *Annali della Società salesiana. Dalle origini…,* pp. 71-77 ("Fundação do colégio de Lanzo"). Lanzo Torinese (Província de Turim. Região do Piemonte) A casa salesiana de Lanzo foi fundada em 1864.

176. Pequeno seminário episcopal de São Carlos, em Mirabello

Edição impressa em *Piccolo seminario vescovile di San Carlo in Mirabello*. Turim, Tipografia dell'Oratorio di S. Francesco di Sales 1863.

Em Mirabello, ameno e saudável localidade do fértil Monferrato, foi aberto um pequeno seminário sob o título de São Carlos em favor da juventude estudiosa. Embora o escopo principal dessa obra seja a educação dos jovens aspirantes ao estado eclesiástico, todavia, ao recebê-los, não se pôs nenhuma condição, e terminados os seus estudos, são deixados em plena liberdade de seguir a vocação e a carreira que a divina Providência indicar a cada um.

Por esse motivo, tanto nas classes elementares, quanto nas classes ginasiais, serão aprovadas e se seguirão as disciplinas e as matérias de ensino em analogia com os programas estabelecidos pelo ministério da Instrução Pública.

Haverá o maior cuidado para que aos alunos nada falte do que pode contribuir para o seu aproveitamento moral, sanitário e científico.

Condições para aceitação

1. Na entrada, cada aluno deve estar munido do seu certificado de nascimento e de batismo, de ter tido varíola, dos estudos e de bom comportamento, no qual conste explicitamente a frequência às celebrações paroquiais.

2. Idade de oito anos completos e tenha pelo menos terminado a primeira série elementar.

3. O ensino abraça a segunda e a terceira série elementar e as cinco classes ginasiais até a filosofia, exclusive.

4. Há três modalidades de pensão. A menor será de 24 francos mensais: nela, ao café da manhã e à merenda, haverá pão; ao almoço, pão, vinho, sopa e um prato de mistura; ao jantar, pão e sopa. A pensão média será de 32 francos; ao almoço, haverá pão, como acima, vinho, sopa e dois pratos de mistura; ao jantar, vinho, sopa e um prato de mistura. Há também uma terceira pensão de 42 francos, na qual, ao café da manhã, haverá pão como acima, café com leite; ao almoço, vinho, sopa, dois pratos de mistura, com frutas; ao jantar, vinho, sopa, um prato de mistura.

5. Pelos cuidados médicos e do cirurgião, pela cama e o colchão, pelo cabeleireiro, pela tinta, a luz e o aquecimento no inverno, se pagarão 3 francos por mês. Em cada classe, aquele que nos exames tirar as melhores notas, ao ser

promovido, terá como prêmio o perdão de todas as despesas indicadas neste número.

6. A pensão é paga antecipadamente a cada trimestre; não haverá nenhum desconto para quem ficar fora do pequeno seminário menos de quinze dias. Deve-se fazer também um pequeno depósito para as pequenas despesas.

7. As despesas em lavar, passar ferro e remendar a roupa, e consertar os sapatos ficam a cargo dos parentes. Quem quiser se livrar desses trabalhos, pode confiá-los ao seminário, que se oferece para executá-los por conta própria, ao custo de 5 francos por mês.

8. Mediante o pagamento regular da pensão, além da instrução relativa a cada classe, a todos é facultada a oportunidade de tomar parte na aula de canto gregoriano, de música vocal, nos primeiros exercícios de ginástica, de declamação e também da repetição, que se costuma fazer para os que forem recomendados pelo respectivo professor.

Enxoval

1. Não há uniforme; todavia, recomenda-se roupa preta para os passeios, os dias festivos e nos casos de saída.

2. Cada um deverá trazer o necessário para se vestir e para a cama, menos cama e colchão.

3. O enxoval normal prevê pelo menos 4 lençóis, 6 camisas, 2 pares de roupa de baixo, 2 pares de sapatos, 4 pares de ceroulas, 6 guardanapos, 8 toalhas de mão; bacia e jarro, pentes, escova para a roupa, outra para os sapatos, dois conjuntos de roupa em bom estado, um para ser usado nas ocupações diárias, outro para os casos de saída do seminário.

Indicações necessárias

1. A este pequeno seminário pode-se chegar de trem, partindo de Turim – Alessândria – Valenza, com parada em Giarole ou em San Martino.

Ou então de Turim – Vercelli – Casale, com parada em San Martino ou em Giarole, que são estações próximas de Mirabello.

2. O tempo para início dos estudos e dos exames nas respectivas classes será conforme o que ficar estabelecido para as escolas públicas governamentais. Nesse ano, as aulas terão início no dia 20 de outubro.

3. Cada um procurará trazer suas roupas marcadas com o número determinado no ato de aceitação.

4. Os pedidos serão feitos a sua excelência *dom Luís de Calabiana, bispo de Casale, senador do reino,* ou então ao *diretor do Pequeno Seminário de São Carlos em Mirabello.*

Turim, 1863 – Tipografia do Oratório de São Francisco de Sales. Sales.

177. Plano de regulamento para o colégio internato de São Filipe Neri, em Lanzo

ASC D4820401 *Regolamento di Lanzo, Piano di Regolamento per il Collegio Convitto di San Filippo Neri in Lanzo*, manuscrito alógrafo com correções e acréscimos autógrafos de Dom Bosco.

PRIMEIRA PARTE

Escopo deste colégio

Escopo deste colégio é a educação moral, literária e civil da juventude que aspira à carreira dos estudos. A educação moral será dada junto com o ensino dos princípios e das máximas da nossa santa religião católica. A educação literária e científica se estende às classes elementares e ginasiais. Esse ensino será ministrado de acordo com os programas governamentais da instrução pública.

[Capítulo I] – Condições para aceitação

1. Cada aluno, ao entrar, deve estar munido do certificado de nascimento e de batismo, de vacinação ou de ter tido varíola, de estudos e de bom comportamento atestado pelo próprio pároco.

2. Que tenha a idade de oito anos e não mais do que catorze, nem tenha sido expulso de outra casa de educação. O diretor, com a máxima prudência, examinará os casos particulares em que se deverá fazer alguma modificação a essas condições. As demais se encontram no programa à parte.

Capítulo II - Diretor

O diretor é o chefe do colégio: a ele cabe receber, despedir os alunos, e é o responsável pelos deveres, pelo bom comportamento de cada empregado e dos alunos do colégio.

Somente o diretor tem a faculdade de fixar a cada um as próprias atribuições; e ninguém pode introduzir modificações no horário ou na disciplina sem seu expresso consentimento.

Capítulo III - Prefeito

1. O prefeito, ou seja, ecônomo, cuida da gestão material do colégio e faz as vezes do diretor na sua ausência, na administração e em tudo aquilo de que for encarregado.

2. Ele responde pelos contratos, controla as entradas e saídas, providencia o necessário para a alimentação, a roupa e os combustíveis, mas sempre nos limites definidos junto com o diretor.

3. Segundo as normas de administração admitidas nas nossas casas, o prefeito cuidará do registro onde anotará o nome, sobrenome dos alunos e as condições de sua aceitação.

4. Da mesma forma, cuidará para que os novos alunos sejam logo confiados ao catequista a fim de serem instruídos a respeito das normas do colégio.

5. Quando algum aluno deixar de pertencer ao colégio, anotará o dia da saída e os motivos pelos quais se afastou.

6. O prefeito cuidará da exata observância da disciplina de todo o colégio, especialmente dos funcionários, isto é, daqueles aos quais são confiados os trabalhos materiais do estabelecimento.

7. Nunca deixe passar em branco o tempo, o lugar ou as pessoas, para dar avisos, conselhos e correções, sempre que houver necessidade e surgir a oportunidade.

8. Providencie o necessário, mas cuide de evitar despesas inúteis e supérfluas. Os consertos, o fornecimento de roupas, móveis, viagens não necessárias, são pontos suscetíveis de muitas economias. O mesmo se diga do consumo de luz, alimentos, lenha e semelhantes.

9. Todos os meses procure conhecer a avaliação de cada aluno por parte do diretor da escola e do catequista, a fim de poder dar avisos ou fazer correções, havendo necessidade.

10. De noite, na hora marcada, reúna os funcionários, oriente-os e acompanhe na recitação das orações, e depois lhes deixe sempre algum pensamento cristão.

11. Ao administrar, o prefeito seguirá as disposições do diretor e, devendo modificar alguma coisa, tomará junto com ele as devidas decisões.

Capítulo IV - Catequista

1. O catequista tem o encargo de acompanhar os alunos e providenciar suas necessidades espirituais; por quanto possível, deve ser um sacerdote de comportamento exemplar e irrepreensível diante de todos os alunos do colégio.

2. É responsabilidade sua fixar para o novo aluno um lugar na igreja, no refeitório, no dormitório, e em seguida acompanhá-lo até o inspetor dos estudos, a fim de que lhe determine o lugar na escola e no estudo. Tanto o catequista quanto o inspetor dos estudos façam de tal modo que nenhum dos alunos seja deixado entregue a si mesmo, sem livros ou fora da classe.

3. Instruirá os alunos a respeito das normas do colégio e, de forma suave e caridosa, se informará a respeito de que tipo de instrução religiosa precisam particularmente, e se esforçará para instruí-los quanto a isso.

4. É seu dever cuidar para que todos os alunos do colégio aprendam pelo menos o pequeno catecismo da diocese. Para isso, toda semana dará pelo menos uma lição de catecismo. Tomará nota dos que já foram promovidos à santa comunhão, se receberam o sacramento da crisma, se devem receber atenção especial para aprender o catecismo, as orações da manhã e da noite.

5. Vigie atentamente quanto aos seus defeitos, para depois poder corrigi-los oportunamente, e cada mês registre a nota de avaliação do comportamento moral de cada aluno.

6. Cuidará para que todos estejam pontualmente presentes nas orações e em todas as demais práticas de piedade, e que ali estejam em atitude devota, rezem com voz normal, clara e distinta.

7. Toda semana dará aos clérigos uma lição sobre o Novo Testamento; explique-a brevemente e faça decorar, a não ser que o diretor prefira cumprir pessoalmente este ofício. Ensinará as cerimônias para o serviço eclesiástico.

8. Cuidará dos paramentos, das velas, do vinho, da limpeza da sacristia e da igreja. Acertará com o diretor o que for necessário para o canto, a pregação e os catecismos, e nos dias festivos fará a explicação do Evangelho ou então uma breve instrução de acordo com o diretor.

9. Fará com que todos os jovens aprendam a ajudar a santa missa corretamente, quer mediante a pronúncia clara e distinta das palavras, quer adotando junto ao altar as diversas posições que neste ato religioso são necessárias.

10. Cuidará para que os responsáveis pelo dormitório sejam diligentes nas suas obrigações e tenham bom comportamento, fazendo com que nenhum deles falte às celebrações sagradas, tanto nos dias festivos, como nos dias feriais, no que se fará ajudar pelos decuriões.

11. Ao catequista é confiada a enfermaria, e havendo alguém doente, cuidará para que nada lhe falte no campo espiritual, nem no temporal; mas será muito cauto em sugerir remédios sem ordem médica.

12. Com grande zelo fará apreciar e promoverá a Companhia de São Luís, do Santíssimo Sacramento, da Imaculada e o Pequeno Clero.

Capítulo V - Despenseiro

1. O despenseiro é encarregado de fornecer todo o material de que os estudantes precisam em termos de livros, cadernos e outros objetos de estudo. Fará um catálogo dos jovens que pedirem, no todo ou em parte, os objetos fornecidos pelo colégio e anotará a qualidade, o valor do objeto, nome e sobrenome do solicitante, e cada mês entregará a cada um a fatura das suas despesas.

2. Desempenhará de tal modo sua gestão que possa prestar contas ao prefeito da casa, pelo menos de forma geral, uma vez por mês.

3. Toda semana procurará observar se os jovens mantêm a cabeça limpa, cuidando para que ninguém tenha cabelos muito compridos, porque isso influi bastante na criação de insetos.

4. Àqueles que recebem do colégio a roupa de uso pessoal, fará dar pelo responsável do guarda-roupas, todo sábado, uma camisa e uma toalha de mão, e todos os meses dois pequenos lençóis e meias, segundo a necessidade.

5. No domingo de manhã fará recolher a roupa de uso pessoal com atenção para que nada fique perdido nos dormitórios ou nos quartos individuais.

6. Terá o máximo cuidado a fim de que todas as roupas de cama ou de uso pessoal, tanto do colégio quanto dos alunos, sejam marcadas, para que não haja confusão entre as roupas de um e de outro.

7. Será tarefa sua também receber dos alunos roupas ou sapatos gastos; sabendo que algum deles precisa de roupas novas ou de sapatos, comunicará o fato ao prefeito a fim de que providencie.

8. O despenseiro depende inteiramente do prefeito, o qual, por isso, pode modificar as suas atribuições da maneira e no tempo que ele julgar ser para a maior glória de Deus.

Capítulo VI – Diretor dos estudos

1. O diretor dos estudos ou das escolas é encarregado de tudo o que se refere aos alunos, professores e a tudo quanto tenha a ver com estes.

2. Recebido um aluno, o diretor cuidará para que seja posto na classe para a qual ele é considerado idôneo, tenha um lugar no estudo e na escola.

3. Precisando de material para as aulas, havendo desentendimento entre alunos ou queixas por parte dos professores, os alunos se dirijam ao diretor das escolas.

4. Terá todo o cuidado para que os alunos, quando forem passear, estejam limpos, dispondo a assistência de tal modo que ninguém possa se afastar das filas. Considere falta grave afastar-se das filas, comprar livros, comida, licores ou outras coisas nas casas de comércio.

5. De acordo com o diretor, providenciará ou fará consertar os bancos, as mesas, as cadeiras, as escrivaninhas, as portas do estudo e das aulas; quanto a esses trabalhos, se forem necessários, informe o prefeito a fim de que sejam logo realizados.

6. Providenciará os professores para os cursos principais, os suplentes, os mestres dos cursos acessórios, os assistentes, os decuriões e vice-decuriões do estudo, os chefes de dormitório e de passeios. Encontre-se com frequência com os seus contratados para ouvir suas ponderações quanto à disciplina e ao comportamento moral dos jovens, e também para dar-lhes conselhos que ele considerar para sua utilidade. Lembre com frequência aos professores que trabalham por motivos sobrenaturais; por isso, enquanto ensinam a ciência literária, não deixem de recordar a ciência que se refere à salvação da alma.

7. Fixar o tempo dos exames tanto semestrais quanto finais, as mudanças nos dias de escola, as férias, as dispensas de alguma coisa que se refere ao ensino, os repetidores e as repetições para quem precisar delas, são assuntos de competência do inspetor das escolas, mas sempre de prévio entendimento com o diretor do colégio.

Capítulo VII – Assistentes chefes de dormitório

1. Em cada dormitório há um chefe e um vice-chefe, que são obrigados a prestar contas do que pode contribuir para a moralidade e a boa educação dos jovens a eles confiados..

2. Devem preceder os outros no bom exemplo e mostrar-se em tudo justos, exatos, cheios de caridade e de temor de Deus.

3. São obrigados a corrigir os defeitos dos jovens do seu dormitório e, se não forem suficientes as simples correções, informará devidamente o superior. De noite, antes de deitar, visite o próprio dormitório, e percebendo que falta alguém, avise o diretor.

4. Insista quanto à observância do silêncio, especialmente depois das orações da noite até a manhã seguinte à hora do café. De manhã, ao sinal para levantar, seja pontual, e enquanto não tiverem saído os alunos, não deixe o dormitório, que em seguida fechará, levando a chave para o lugar estabelecido pelo superior.

5. Vigie atentissimamente para impedir toda espécie de más conversas, toda palavra, atitude ou gesto que possa ser interpretado como contrário à modéstia. São Paulo quer que essas coisas nem sejam nomeadas entre cristãos. *Impudicitia ne quidem nominetur in vobis.* O assistente, se descobrir algumas dessas faltas, é gravemente obrigado a comunicá-las ao superior.

Capítulo VIII - Auxiliares

1. Os auxiliares são três: cozinheiro, camareiro, porteiro. Eles devem ajudar-se reciprocamente em todas as coisas compatíveis com as respectivas obrigações e ocupações.

2. Aos auxiliares é recomendado que nunca assumam encargos estranhos aos próprios deveres e nem façam negócios ou contratos, a não ser os que se referem aos interesses da casa. Havendo algum negócio de sua utilidade pessoal, falem com o prefeito.

3. Sejam fiéis também nas pequenas coisas. Quem começa a cometer furtos na compra, venda ou em outra transação, sem perceber, aos poucos se torna um ladrão.

4. Sobriedade no comer e particularmente no beber: quem não sabe comandar a própria gula é um servo inútil.

5. Nenhuma familiaridade com os jovens da casa; respeito e caridade para com todos no que se refere aos próprios deveres, sem contrair qualquer tipo de confiança ou amizade particular.

6. Pelo menos uma vez por mês se aproximem com devoção dos santos sacramentos da confissão e da comunhão, e podendo, façam isso na igreja do colégio, para que seu comportamento cristão seja conhecido pelos alunos da casa.

7. Ninguém se recuse a algum trabalho humilde, e lembre que Deus pede contas do cumprimento dos deveres do próprio estado, e não se por acaso desempenham trabalhos ou cargos importantes. Nas ocupações diárias, cada um se lembre de que tanto quem se ocupa com trabalhos humildes, quanto quem consuma a vida pregando, confessando e em outros elevados cargos do ministério sacerdotal, no céu terá a mesma recompensa, contanto que trabalhe para a maior glória de Deus.

Como há ocupações que se referem diretamente a cada um em particular, aqui, mediante alguns artigos, se acenará às respectivas incumbências particulares.

[Capítulo IX] – Do cozinheiro ou chefe de cozinha

1. O cozinheiro ou chefe de cozinha deve procurar que a alimentação seja sadia, econômica e pronta para a hora estabelecida. Um pequeno atraso pode causar mal-estar na comunidade.

2. O cozinheiro deve manter limpa a cozinha, ter grandíssimo cuidado com a higiene e cuidar para que nenhuma quantidade de comida se estrague.

3. Qualquer porção de alimento, fruta, carne ou bebida que sobrar à mesa, guarde-a e não disponha dela de maneira nenhuma, a não ser segundo a vontade do superior.

4. Deve impedir rigorosamente a entrada na cozinha de qualquer pessoa de casa ou de fora, a não ser com licença especial do superior.

5. Terminados os trabalhos na cozinha, se dispuser de tempo livre, ocupar-se-á em outros trabalhos; mas evite o ócio.

6. O chefe da cozinha deverá vigiar atentamente sobre todas as pessoas que ali trabalham e, caso notar alguma desordem, avise o prefeito ou o diretor...

[Capítulo X] – Do camareiro

1. Cabe ao camareiro ou aos camareiros cuidar dos quartos dos superiores, servir à mesa, ajudar o cozinheiro em manter limpa a cozinha, os refeitórios, lavar os pratos, as panelas e colocá-las no lugar.

2. Ao longo do dia, se lhes sobrar tempo livre, ficarão às ordens do prefeito.

3. As atribuições de cada camareiro são fixadas pelo prefeito.

[Capítulo XI] – Do porteiro

1. É estrito dever do porteiro estar sempre a postos na portaria e receber com gentileza todas as pessoas que ali comparecem. Quando tiver que deixar a portaria a fim de participar de seus deveres religiosos e das refeições ou para cumprir algum outro compromisso, faça-se substituir por pessoa determinada pelo diretor.

2. Jamais introduzirá em casa alguma pessoa sem informar os superiores, encaminhando ao prefeito as que têm assuntos referentes aos interesses materiais da casa; ao diretor, as que procuram diretamente a este.

3. Não permitirá a nenhum aluno sair de casa sem estar munido de uma autorização escrita do diretor, na qual deve constar a hora da saída e do retorno.

4. Toda carta ou encomenda dirigida a um jovem da casa será apresentada ao prefeito antes de ser entregue ao destinatário.

5. De noite, procure fechar todas as saídas e as portas que dão para fora do colégio.

6. Dará os sinais para os diversos compromissos do horário e receberá todas as luminárias que lhe serão entregues para limpá-las e consertá-las para o serviço de toda a casa, conforme a necessidade. Se sozinho não der conta de exercer este último ofício, pedirá ao prefeito alguém que o ajude.

7. É rigorosamente proibido comprar ou vender alimentos, conservar dinheiro e outras coisas em nome dos jovens ou dos seus parentes.

8. Faça o que puder para impedir toda desordem, toda algazarra nos pátios durante as celebrações sagradas, as aulas, o estudo e o descanso.

9. Guarde as chaves dos dormitórios, das aulas e de outros ambientes, e só entregue a quem é encarregado do ofício para o qual são necessárias.

10. O tempo para falar com os jovens é da uma até as duas da tarde. O diretor verá quando é conveniente modificar a hora para falar com os alunos e restringir os dias a um número menor. Em outros momentos, é proibido introduzir pessoas para falar com os jovens. As mulheres deverão ficar no locutório e ali aguardar os alunos com quem pediram para falar.

11. Ele anotará num registro todas as solicitações que lhe forem feitas, mas, tanto ao recebê-las quanto ao cumpri-las, use sempre de doçura e afabilidade, pensando que a mansidão e a afabilidade são as principais qualidades de um porteiro.

NB. 1. O tempo ordinário durante o qual o diretor atenderá as pessoas externas é pela manhã dos dias feriais, das 9 às 11 horas.

2. O tempo mais oportuno para tratar de assuntos administrativos, de escola ou de economia doméstica com o prefeito, é nos dias feriais, das 9 às 12 horas da manhã e das 2 às 5 horas da tarde.

SEGUNDA PARTE

Disciplina do colégio

Capítulo I - Estudo

1. O horário do estudo varia conforme as estações do ano, mas todos são obrigados a observá-lo.

2. No estudo haja um assistente, o qual é o responsável pelo comportamento de cada um, tanto na diligência em ser pontual, quanto na aplicação ao estudo. Em cada banco do estudo haja um decurião e um vice-decurião para ajudar o assistente.

3. Quem não é assíduo ao estudo ou cria problemas quando estiver ali, será avisado; se não se emendar, informe-se o superior para que tome as devidas providências. O tempo é precioso, por isso, devem-se eliminar todos os obstáculos que podem impedir que seja bem ocupado.

4. A fim de contribuir com a exata ocupação e também para que haja um lugar onde cada um possa tranquilamente ler ou escrever segundo a necessidade e sem ser perturbado, no estudo se observará rigoroso silêncio o tempo todo.

5. Quem não tem o temor de Deus deixe o estudo porque trabalha em vão. A ciência não entrará numa alma malévola, nem habitará num corpo escravo do pecado. *In malevolam animam scientia non introibit, nec habitabit in corpore subdito peccatis*, diz o Senhor.

6. A virtude que se recomenda particularmente a cada jovem é a humildade. Um estudante soberbo é um estúpido ignorante. O princípio da sabedoria é o temor de Deus. *Initium sapientiae timor Domini*: diz o Espírito Santo. *Initium omnis peccati superbia scribitur*, diz Santo Agostinho.

Capítulo II - Da piedade

1. Lembrai-vos, jovens, de que nós fomos criados para amar e servir a Deus, nosso Criador; que de nada adiantaria adquirir todas as ciências do mundo, se nos faltar este santo temor de Deus. Dele depende o vosso bem espiritual e temporal.

2. Os meios que podem contribuir para adquirir e conservar o temor de Deus e, por consequência, garantir-vos o caminho que conduz à salvação eterna, são: a oração, os sacramentos e a palavra de Deus.

3. A oração seja frequente e fervorosa, nunca feita de má vontade e perturbando os colegas. É melhor não rezar do que rezar mal.

4. Confessai-vos cada quinze dias ou uma vez por mês, como diz o catecismo. São Filipe Neri, porém, grande amigo da juventude e nosso especial protetor, recomendava aos seus filhos espirituais que se confessassem cada oito dias e que comungassem o mais possível, segundo a orientação do confessor.

5. Ouvi devotamente a santa missa, e lembrai-vos de que a igreja é casa de Deus e lugar de oração.

6. Não vos esqueçais de fazer todos os dias a comunhão espiritual e de ouvir sempre com atenção as pregações e as outras instruções morais. Nunca

deveis sair da pregação sem levar convosco algum propósito a ser praticado durante as vossas ocupações.

7. Dai-vos à prática da virtude desde jovens, porque quem espera entregar-se a Deus em idade avançada corre gravíssimo risco de se perder eternamente. As virtudes que formam o mais belo ornamento de um jovem são: a modéstia, a humildade, a obediência e a caridade.

8. Tende especial devoção ao Santíssimo Sacramento, à Bem-aventurada Virgem Maria, a São Filipe Neri e a São Luís Gonzaga, que são os protetores espirituais deste colégio.

9. Nunca deveis abraçar uma nova devoção, a não ser com a licença do vosso confessor; lembrai-vos do que dizia São Filipe Neri aos seus filhos: não vos carregueis de muitas devoções, mas sede perseverantes nas que tiverdes escolhido.

10. Tende grande respeito para com os sagrados ministros da Igreja e para com tudo o que se refere à nossa santa religião; quem tiver más conversas quanto a isso, considerai-o vosso inimigo e, como tal, fugi dele.

Capítulo III – Do trabalho

1. Meus caros jovens, o homem foi feito para trabalhar. Adão foi posto no paraíso terrestre para que o cultivasse. O apóstolo São Paulo diz: É indigno de comer quem não quer trabalhar: *Si quis non vult operari, non manducet*.

2. Por trabalho entende-se o cumprimento dos deveres do próprio estado.

3. Mediante o trabalho podeis tornar-vos beneméritos da sociedade, da religião e fazer um grande bem à vossa alma, especialmente se oferecerdes a Deus as vossas ocupações.

4. Entre as diversas ocupações, devem ocupar o primeiro lugar as que vos são prescritas pela obediência, mantendo o firme propósito de nunca omitir nenhuma das vossas obrigações para entregar-vos a trabalhos que não vos foram ordenados.

5. Se aprenderdes alguma coisa, dai glória a Deus, que é o autor de todo bem, mas nunca vos deveis ensoberbecer, pois a soberba é um verme que rói e faz perder o mérito de todas as vossas boas obras.

6. Lembrai-vos de que a vossa idade é a primavera da vida, e quem não se habitua ao trabalho no tempo da juventude, em geral será um vadio e

ignorante até a velhice; será uma desonra da pátria e dos parentes, talvez com prejuízo irreparável da própria alma, porque o ócio traz consigo todos os vícios.

7. Quem é obrigado a trabalhar e não trabalha faz um furto a Deus e aos seus superiores. Os ociosos no fim da vida provarão grandíssimo remorso pelo tempo perdido.

Capítulo IV – Comportamento para com os superiores

1. O fundamento de toda virtude é a obediência aos superiores. Reconhecei na sua vontade a vontade de Deus, submetendo-vos a eles sem oposição de nenhuma espécie.

2. Eis as palavras de São Paulo quanto à obediência: Obedecei aos que vos são prepostos para vos mandar e sede-lhes submissos. Eles, e não vós, deverão prestar contas a Deus das vossas almas; obedecei-lhes de bom grado e não por força, a fim de que os vossos superiores possam cumprir seus deveres com alegria e não entre gemidos e suspiros.

3. Persuadi-vos que os vossos superiores sentem vivamente a obrigação que têm de promover da melhor forma o vosso bem, e que quando vos avisam, mandam ou corrigem, não têm em mente senão o vosso bem.

4. Honrai e amai os vossos superiores como quem ocupa o lugar de Deus e dos vossos pais, e quando lhes obedeceis, pensai que estais obedecendo ao próprio Deus.

5. A vossa obediência seja pronta, respeitosa e alegre a cada ordem, não fazendo observações para vos eximirdes do que mandam. Obedecei sempre, embora vos seja mandada alguma coisa difícil e contrária ao vosso gosto.

6. Abri a eles com liberdade o vosso coração, vendo neles pais amorosos que desejam a vossa felicidade.

7. Ouvi com reconhecimento as suas correções, e se for necessário, recebei o castigo das faltas cometidas sem mostrar ódio ou desprezo para com eles.

8. Cuidai muito para não ser dos que, enquanto os seus superiores consumam suas fadigas por eles, censuram suas disposições. Seria um sinal de verdadeira ingratidão.

9. Quando vos interrogarem a respeito do comportamento de um vosso colega, deveis responder da maneira como é conhecido por vós, especialmente quando se trata de remediar ou prevenir algum mal. Calar nessas circunstân-

cias seria crueldade e traria prejuízo para o colega, e poderia causar desordem em todo o colégio.

Capítulo V – Comportamento para com os colegas

1. Honrai e amai os vossos colegas como vossos irmãos e procurai edificar a todos com o vosso bom exemplo.

2. Amai-vos mutuamente, diz o Senhor, mas cuidai para não dardes escândalos. Quem com palavras, conversas, ações, der escândalo, não é amigo, mas assassino da alma.

3. Se puderdes prestar-vos algum serviço e dar-vos algum bom conselho, fazei-o de boa mente. No recreio, acolhei de bom grado na vossa companhia todos os colegas, sem nenhuma exceção, e cedei parte dos vossos brinquedos com modos afáveis. Tende cuidado para nunca falar dos defeitos ocultos dos vossos colegas, a não ser que sejais interrogados pelo vosso superior. Nesse caso, procurai não exagerar o que dizeis.

4. Devemos reconhecer que provém de Deus todo bem e todo mal, por isso cuidai para não ridicularizar vossos colegas pelos seus defeitos do corpo ou do espírito. O que hoje vós ridicularizardes nos outros, pode ser que Deus permita que vos aconteça a vós.

5. A verdadeira caridade manda suportar com paciência todos os defeitos dos outros e perdoar quando alguém nos ofende, mas devemos ter cuidado para não ofender ninguém, especialmente se estiver numa posição inferior à nossa.

6. A soberba deve ser evitada de forma absoluta. O soberbo é odioso aos olhos de Deus e desprezível diante dos homens.

Capítulo VI - Da modéstia

1. Por modéstia se entende o modo decente e moderado de falar, tratar e caminhar. Esta virtude, meus jovens, é o mais belo ornamento da vossa idade, e deve aparecer em todo o vosso agir e falar.

2. O corpo e as roupas, tudo deve ser limpo, o rosto constantemente alegre e sereno, sem levantar os ombros ou mover ligeiramente o corpo de cá para lá, a não ser que exista alguma honesta razão para isso.

3. Recomenda-se a modéstia nos olhos; eles são as janelas pelas quais o demônio introduz o pecado no coração.

4. Nunca ponde as mãos sobre os outros, e no passeio ou no recreio, não andeis de braços dados ou em volta do pescoço dos colegas, como às vezes fazem os meninos da rua.

5. O caminhar seja moderado, não com muita pressa, a não ser que a necessidade o exija. As mãos, quando não estão ocupadas, sejam mantidas em ato decente, e de noite, na medida do possível, sejam mantidas juntas sobre o peito.

6. Quando falais, sede modestos e sinceros, nunca usando expressões que podem ofender a caridade e a decência; na vossa idade, é mais conveniente um respeitoso silêncio do que a ousadia e a loquacidade.

7. Não vos apresseis em criticar as ações dos outros, nem vos vanglorieis de alguma vossa qualidade; acolhei sempre com indiferença a queixa e o louvor, humilhando-vos diante de Deus quando deveis sofrer alguma repreensão.

8. Evitai toda ação, movimento e palavra que tenha ressaibos de baixeza; cuidai de emendar em tempo os defeitos do temperamento e esforçai-vos para formar em vós uma índole afável e constantemente moderada, segundo os princípios da modéstia cristã.

9. Faz parte da modéstia também o modo de comportar-se à mesa, pensando que o alimento é dado a nós, não como animais, somente para satisfazer o gosto, mas para manter sadio e vigoroso o corpo, como instrumento material destinado a servir ao Criador e a promover a felicidade da alma.

10. Antes e depois das refeições fazei os costumeiros atos de religião, e durante a refeição procurai alimentar o espírito com algum pensamento honesto ou ouvindo em silêncio o pouco de leitura que se faz.

11. Não é permitido comer ou beber a não ser o que é fornecido pelo estabelecimento; os que receberem frutas ou alimentos deverão entregá-los ao superior, que disporá que sejam distribuídos de forma moderada.

12. Recomenda-se calorosamente nunca estragar qualquer quantidade de sopa, pão ou outra comida. Quem estragar voluntariamente alguma comida, além de ser severamente punido, deve temer fortemente que Deus o faça passar fome.

Capítulo VII – Comportamento no andamento da casa

1. De manhã, depois do sinal da campainha ou a um aceno do superior, saltando imediatamente da cama, começai a vestir-vos com toda decência possível e sempre em silêncio. Vestida a roupa e arrumada a cama, saireis para os vossos deveres, como lavar-vos e coisas semelhantes.

2. Nunca deveis sair do dormitório sem antes pentear o cabelo, limpar, ajeitar e pôr em ordem vossos pertences.

3. Dado o segundo sinal da campainha, ireis para a capela (ou ao lugar determinado) para recitar as orações em comum e ouvir a santa missa. Quando a missa for transferida para depois do estudo, também as demais práticas de piedade serão transferidas para aquela hora.

4. Durante as celebrações sagradas abstende-vos o mais possível de bocejar, dormir, virar para os lados, conversar ou sair da igreja: esses defeitos demonstram pouco desejo das coisas de Deus e em geral perturbam e também escandalizam os colegas.

5. Terminadas as práticas da igreja, ireis em ordem e sem barulho para o lugar destinado para o estudo e procurareis cumprir com exatidão vossas ocupações. Começado o estudo, não é mais lícito tomar emprestado ou emprestar coisas, apesar de qualquer necessidade.

6. Evitai também fazer barulho com papéis, com os livros, com os pés, deixando cair objetos no chão ou de qualquer outra forma. Havendo real necessidade, chamareis o assistente e fareis tudo com o mínimo incômodo para os colegas. Ninguém se mova nem faça barulho até que a campainha dê o sinal do fim do estudo.

7. É proibido olhar ou mexer na caixa ou no baú dos outros. Como também, ao longo do dia, é proibido ir aos dormitórios sem licença especial.

8. Tende muito cuidado em não vos apropriardes do que é dos outros, mesmo que se trate de coisa mínima; acontecendo encontrar alguma coisa, entregai-a logo ao superior. Se alguém enganar, conservando-a para si, será severamente punido na proporção do furto.

9. As cartas ou encomendas que se recebem e despacham devem ser entregues abertas ao superior, o qual pode vê-las livremente quando julgar oportuno fazê-lo.

10. Não é permitido conservar dinheiro consigo, nem com outros, mas tudo deve ser entregue ao prefeito, o qual o fornecerá segundo as necessidades;

é absolutamente proibido fazer contratos de venda, compra ou permuta, fazer dívidas com quem quer que seja sem a licença do superior.

11. É proibido introduzir em casa ou nos dormitórios qualquer pessoa: devendo-se falar com pessoas externas, é no locutório que se irá encontrá-la. Não deveis ficar perto dos outros quando conversam de forma particular. Também é proibido entrar nos dormitórios dos outros, fechar o quarto, escrever nas paredes, plantar pregos, quebrar coisas, seja como for. Quem estraga alguma coisa deve mandar consertá-la pagando com o dinheiro do seu depósito. Finalmente, a todos é rigorosamente proibido entrar na cozinha, com exceção daqueles que ali trabalham.

12. Usai de caridade para com todos, tolerai os defeitos dos outros, não deis aos outros apelidos, nunca façais nada do que causaria descontentamento, se fosse feito a vós.

Capítulo VIII – Comportamento fora de casa

1. Lembrai-vos, jovens, de que todo cristão é obrigado a ser edificante para o próximo, e que nenhuma pregação é tão eficaz quanto o bom exemplo.

2. Saindo do colégio, sede reservados nos olhares, nas conversas e em tudo o que fazeis. Nada pode edificar mais do que um jovem de bom comportamento: ele mostra que pertence a uma comunidade de jovens cristãos e bem-educados.

3. Pelo caminho, não pareis para apontar com o dedo quem quer que seja, nem deis gargalhadas; menos ainda, não deveis atirar pedras, pular fossos ou aquedutos, coisas que indicam má educação.

4. Se encontrardes pessoas de dignidade, descobri a cabeça, cedendo a elas a parte mais cômoda do caminho, o que fareis com sacerdotes e religiosos e com toda pessoa que sabeis ser constituída em autoridade, especialmente se essas pessoas vierem ao colégio ou forem encontradas pelo pátio ou pelas escadas.

5. Passando diante de alguma igreja ou alguma imagem, descobrireis a cabeça em sinal de reverência. E se ocorrer parar perto de uma igreja onde estão sendo celebrados os ofícios divinos, fareis silêncio à devida distância para não incomodar os que estão dentro.

6. Entrando em alguma igreja, tomai a água benta e, feito o sinal da cruz, fareis reverência, se ali houver somente a cruz ou alguma imagem; do-

brareis o joelho, se houver o Santíssimo Sacramento no tabernáculo; fareis genuflexão com ambos os joelhos, se o Santíssimo Sacramento estiver exposto. Cuidai, porém, de não fazer barulho, conversar ou rir. É melhor não ir à igreja do que comportar-vos sem o devido respeito.

7. Se vós não vos comportardes bem na escola, no estudo e fora de casa, além de ter que dar contas a Deus, também desonrareis o colégio ao qual pertenceis.

8. Se acontecer ter próximo ou dever tratar com algum colega que pratica ações ou tem conversas más, dizei-o logo ao superior para receber as devidas orientações e assim saber como comportar-vos com prudência, sem ofender a Deus.

9. Não faleis mal dos vossos companheiros, do andamento da casa e das disposições dos vossos superiores. Cada qual é plenamente livre de ficar ou partir, e desonraria a si mesmo quem se queixasse a respeito do lugar onde é totalmente livre de permanecer ou não.

10. Fora do tempo das férias comuns não se dá licença a nenhum aluno para sair do colégio. Se quiserdes fazer um grande bem a vós mesmos e ao colégio, falai sempre bem, buscando também razões para fazer aprovar o que se faz e se dispõe por parte dos superiores para o bom andamento do colégio.

11. Os transgressores destas regras serão devidamente punidos, e os que as observam, além da recompensa que Deus lhes dará, serão premiados também pelos superiores, conforme sua perseverança e diligência.

Capítulo IX – Coisas proibidas

1. Na casa, sendo proibido ter dinheiro, também é proibido qualquer tipo de jogo a dinheiro.

2. É também proibido todo jogo em que pode haver perigo de se fazer mal ou ocorrer alguma atitude contrária à modéstia.

3. Fumar e mascar tabaco é proibido em qualquer tempo e sob qualquer pretexto. Cheirar rapé é tolerado nos limites estabelecidos pelo superior, por conselho médico.

4. Nunca se dará licença para sair com parentes ou amigos para refeições ou compra de roupas. Precisando de alguma roupa, tomem-se as medidas e comprem-se feitas, ou então se encarregue o prefeito do colégio para providenciá-las.

Capítulo X – Três males que se devem sumamente evitar

Embora os jovens deste colégio devam fazer tudo o que podem para fugir de todo tipo de pecado, todavia, recomenda-se, de modo particular, a fuga dos seguintes males que são mais funestos para a juventude. Estes são: 1° a blasfêmia e nomear o santo nome de Deus em vão; 2° a imoralidade; 3° o furto.

Crede, meu jovens, um só destes pecados é suficiente para atrair as maldições do céu sobre toda a casa. Pelo contrário, mantendo-se longe deles, temos motivo seguro de receber as bênçãos celestes sobre nós e sobre todo o nosso colégio.

Quem observar estas regras seja abençoado por Deus.

Na noite do domingo ou de outro dia da semana, o diretor ou quem por ele, lerá algum artigo destas regras, com breve explicação, a fim de que sejam conhecidas, compreendidas e observadas.

II. "EDUCANDÁRIO" DE MORNESE E "INTERNATO" DE NIZZA MONFERRATO – FILHAS DE MARIA AUXILIADORA (1873-1878)

O Programa – *denominado também* Regulamento – *do* educandário *de Mornese foi mandado imprimir por Dom Bosco na Tipografia do Oratório, como todos os demais regulamentos das casas salesianas. O texto reproduz em muitos aspectos o programa em uso nos colégios por ele fundados*[10].

Nele se explicita a finalidade educativa do internato e as condições de aceitação, assim como as principais ocupações das alunas. Em nível didático, o Programa se articula em três áreas: ensinamento literário, trabalhos domésticos, ensino religioso. O Programa, adequando-se aos do governo, inclui quatro classes elementares e prevê lições facultativas de desenho, língua francesa e piano, além de exercícios de declamação, estilo epistolar e lições de boa educação.

A mulher que se pretendia formar não devia abandonar sua função tradicional de doméstica, mas nessa formação se integravam harmoniosamente as dimensões morais e religiosas com as culturais necessárias para a inserção ativa da jovem na família e na sociedade.

O Regulamento *da comunidade educativa do* internato *de Nizza Monferrato compreende 12 artigos e o horário do dia de uma menina acolhida como educanda no internato. O texto apresenta em síntese a identidade da instituição, o contexto didático e formativo, a composição e o estilo de vida de uma comunidade a total serviço das internas. O* Regulamento *foi enviado no mês de novembro-dezembro ao inspetor escolar a fim de obter a aprovação da escola. De fato, este era um dos documentos que também se tornavam indispensáveis para a conclusão positiva das tratativas.*

[10] Cf. por exemplo, o *Regulamento* do colégio-internato de Valsálice aberto em 1872 (cf. MB X, 411-414) e o do colégio de Varazze (cf. MB X, 223-225).

178. Programa. Casa de Maria Auxiliadora para a educação feminina em Mornese

AGFMA 051 01-4-01. Cópia impressa em *Programma. Casa di Maria Ausiliatrice per l'educazione femminile in Mornese.* Turim, Tipografia do Oratório de São Francisco de Sales 1873.

Mornese, 1873

Em Mornese, localidade amena e saudável da diocese de Acqui, foi aberta uma casa de educação para meninas. O escopo é o de ministrar ensino moral e científico de tal modo que nada fique a desejar para uma jovem de família honesta e cristã[11].

Ensino literário

O ensino abrange quatro classes elementares, curso completo de língua italiana, caligrafia, aritmética, sistema métrico, contabilidade e livros de registro para uso doméstico. A declamação e um exercício especial de estilo epistolar fazem também parte do ensino. Há inclusive lições de desenho, de língua francesa e de piano, mas a pedido e por conta dos parentes das alunas.

Trabalhos domésticos

Os trabalhos domésticos consistem em costurar a própria roupa segundo a condição das alunas, trabalhos de malharia, fazer meias, camisas, bordados, remendar, fazer rendas e todos os trabalhos mais ordinários de uma família honesta. Para acostumar as jovens em ocupações domésticas, as maiores de doze anos fazem, por turno, o serviço do dormitório, e ajudam também na cozinha e nos trabalhos de jardinagem, conforme esses trabalhos puderem ser conciliados com seus outros deveres. A gestão dos trabalhos está a cargo do instituto e é em favor do mesmo.

[11] Tendia-se a formar a mulher da classe popular e por isso era preciso evitar tudo o que soubesse a afetação e luxo. O primeiro texto das Constituições de fato prescrevia: "Poderão também receber na própria casa jovens de condição modesta, às quais, porém, nunca ensinarão as ciências e as artes que são próprias da educação nobre e senhoril. Todo o seu empenho consistirá em formá-las à piedade e a tudo o que poderá servir para torná-las boas cristãs e boas mães de família" (*Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice [1872-1885].* Textos críticos de Cecilia Romero F.M.A. Roma, LAS 1983, p. 43, art. 3º).

Ensino religioso

Considerando a religião e a moralidade como partes da boa educação, no ensino religioso há livros de texto para o catecismo e a história sagrada, com reflexões e práticas de aplicação. Serão ministradas também lições de boa educação.

Condições para aceitação

1° Toda aluna, ao ingressar, deve vir munida de certificado de batismo, de vacinação ou de ter tido varíola e ter completado 6 anos de idade.

2° A pensão mensal é de 20 francos e é paga antecipadamente a cada trimestre.

3° A casa fica aberta o ano inteiro. Se os parentes desejarem, as alunas podem ter alguns dias de férias de 15 de setembro a 15 de outubro, mas para esse tempo não haverá redução da pensão trimestral. Fora desse tempo e fora do caso de doença não se permite às alunas sair com seus parentes. Os parentes ou quem por eles podem visitar suas filhas uma vez por semana. Essas visitas são concedidas com mais frequência em casos de doença.

4° Haja o máximo cuidado a fim de que a alimentação seja sadia e adequada para a idade e a condição das alunas. De manhã terão pão, café com leite e fruta. Ao meio-dia, pão à vontade, sopa, um prato de mistura, com vinho. Na hora da merenda: pão. Ao jantar, pão à vontade, sopa, um prato de mistura ou um pão ou fruta, com vinho[12]. Quem quiser uma refeição melhor, pode tê-la mediante oportuno entendimento com a diretora.

5° Cada trimestre, os parentes recebem informações quanto à saúde, o comportamento moral e o aproveitamento das alunas nas respectivas classes. No fim de cada ano, há exame final com a distribuição de prêmios e menções honrosas. No internato, a aluna usa a língua italiana.

6° Música vocal, cuidados médicos e cirúgicos, lavanderia, passar ferro, tinta, luz e aquecimento para o inverno ficam aos cuidados do instituto, mas são pagos no princípio do ano mediante 20 francos. Destes, nada se restitui a

[12] Há um evidente contraste entre o cardápio definido para as alunas e a pobreza da mesa para as irmãs. Numerosos são os testemunhos das Filhas de Maria Auxiliadora que lembraram a escassez de comida e a fome sofrida em Mornese (cf. o testemunho de irmã Emília Mosca, consignado na primeira *Cronistoria* do Instituto e publicada em Ferdinando Maccono, *Santa Maria D. Mazzarello confondatrice e prima superiora generale delle Figlie di Maria Ausiliatrice,* I. Turim, Scuola Tip. privata 1960, pp. 234-235). Todavia, é preciso notar que a austeridade própria da comunidade religiosa não era imposta às meninas para as quais se procurava providenciar o necessário, solicitando para esse fim a colaboração das famílias.

quem ficar no instituto, mesmo que for durante uma pequena parte do ano. As outras despesas acessórias, como livros, papel, remédios, roupas, viagens e coisas semelhantes ficam por conta dos parentes. Começado o mês, paga-se metade; passada a metade do mês, paga-se integral. Não há desconto para quem ficar fora do instituto por menos de quinze dias.

7° As alunas não podem ter dinheiro consigo para pequenas despesas, mas, recebendo alguma quantia de parentes, devem depositá-la junto à diretora, que a fornecerá de forma regular.

Enxoval

O instituto providencia cama de ferro e colcha grossa. As alunas devem providenciar colchão, travesseiro, cobertas para o inverno e para o verão, 4 lençóis, 6 blusas, 6 pares de meias, 4 vestidos, dos quais dois brancos, uma saia de lã, 4 fronhas, 4 lenços brancos e 4 coloridos, 6 toalhas, 6 guardanapos, 4 roupas de baixo, 3 toucas para a noite, 4 aventais brancos e 3 de cores variadas, 2 pentes, 6 pequenos lenços ou cachecóis para o inverno, 3 pares de sapatos, 4 vestidos, conforme o gosto e o de uniforme. O uniforme será um só para o verão e para o inverno e será fornecido pelo instituto por conta dos parentes; feito o pedido, providenciará também as outras peças do enxoval. Cada peça do enxoval deve ser marcada com o número de ordem atribuído no ato de aceitação[13].

Indicações necessárias

O caminho mais cômodo para chegar a essa localidade é Novi Ligure, Castelletto d'Orba, Montaldeo, Mornese – ou então a estação de Serravalle Scrivia, Gavi, Parodi, Mornese. Em breve haverá transporte que levará regularmente passageiros e bagagens de Serravalle até Mornese.

Os pedidos são feitos ao padre Domingos Pestarino ou então à diretora da casa de Mornese, e também ao muito reverendo senhor Dom Bosco, diretor da Sociedade de São Francisco de Sales, Turim.

[13] Do que nos refere a *Cronistoria*, que recolhe as memórias das primeiras irmãs, sabemos que as Filhas de Maria Auxiliadora aprenderam das Irmãs de Sant'Ana os costumes práticos relativos à organização do educandário: modalidades de aceitação das meninas, indicações para o enxoval, relações com os pais das alunas, estilo da correspondência epistolar, etc. (cf. *ibid.*, II, p. 21).

179. Regulamento interno do internato de Nizza Monferrato

Arquivo da Escola "Nossa Senhora das Graças de Nizza Monferrato, original manuscrito[14].

Nizza Monferrato [1878]

1° As escolas e o internato dependem da diretora, a qual tem a responsabilidade perante as autoridades escolares e civis, como perante os parentes das internas..

2° O ensino é dado por duas professoras, uma para o curso superior, a outra para o inferior, ambas munidas dos títulos correspondentes.

3° Crescendo o número das alunas, serão contratadas outras professoras em proporção à necessidade, sempre, porém, com a prévia autorização da autoridade competente e em conformidade com as leis.

4° Estas professoras, ajudadas convenientemente por assistentes, responderão também pela vigilância das internas nas horas das refeições, do recreio, do passeio e do descanso. Uma professora de trabalho feminino, por cerca de três horas por dia, conservará as alunas ocupadas em trabalhos convenientes à sua capacidade e condição.

5° A administração material é confiada a uma ecônoma que cuidará para que tudo seja feito com ordem, limpeza e parcimônia.

6° Haverá também uma responsável pela rouparia, a fim de cuidar e manter em ordem a roupa de cama e o enxoval das educandas.

7° Uma cozinheira e uma ajudante providenciarão a comida para as internas e para o pessoal da casa, tendo o maior cuidado para que seja sadia, higiênica e na quantidade necessária.

8° Haverá também serventes, particularmente encarregadas da limpeza dos diversos ambientes da casa.

9° Quanto ao ensino, seguirá os programas e as normas governamentais para as escolas elementares.

10° O sistema educativo do instituto se funda essencialmente na religião, na moral e no respeito das autoridades constituídas.

[14] Não é fácil identificar quem escreveu. Provavelmente a irmã Elisa Roncallo que, por breve período, foi diretora da escola.

11° O método que se segue na aplicação desse sistema é paternal, isto é, prefere o caminho do coração ao da dureza e do rigor, atrai pouco a pouco as alunas a fazerem o bem com espontaneidade e sinceridade[15].

12° Lembrando que a escola não deve ser separada da vida e o internato tem de apresentar a imagem de uma família bem organizada; as educadoras terão todo o cuidado para que as alunas se formem também naquele modo de vida caseiro, simples e ao mesmo tempo digno, que constitui uma das riquezas da vida social feminina.

Horário

Horas:

“	6	Levantar
“	6h30min	Orações e missa
“	7	Estudo
“	8	Café da manhã e recreio
“	9	Aula
“	11	Estudo
“	12	Almoço e recreio
“	2	Trabalho feminino
“	4h30min	Merenda e recreio
“	5	Aula
“	6	Estudo
“	7h30min	Jantar
“	8	Orações e repouso

N. B. Todos os dias haverá também ginástica educativa[16] e aula de canto. Para os passeios, o horário variará conforme as estações.

[15] Esta breve referência ao método educativo do Instituto reflete alguns elementos do “Sistema Preventivo” de Dom Bosco. Também ele usa o termo “paterno” ao dirigir-se às autoridades escolares para qualificar o espírito que anima as suas instituições (cf. G. Bosco, *Scritti sul sistema preventivo...,* pp. 473-549).

[16] A ginástica nas escolas fora tornada obrigatória pela lei de 7-7-1878 e pelo regulamento aprovado em dezembro do mesmo ano (cf. L. 7-7-1878; R. D. 16-12-1878, em *Raccolta ufficiale delle Leggi e dei Decreti*, n. 4677). Dentro de cinco anos da promulgação da lei se deviam formar as professoras. (Apresentação dos documentos 178 e 179: irmã Piera Cavaglià FMA).

III. OS DOIS REGULAMENTOS "OFICIAIS" (1877)

Durante anos de 1853 e 1862 Valdocco se transforma de oratório festivo – uma instituição aberta – numa obra complexa: albergue-internato, oficinas, escolas internas e centro editorial, entre as seções mais importantes.

Essa transformação traz consigo um sensível reforço e consolidação das instâncias preventivas e disciplinares. O "novo rosto do sistema educativo" se acentua ainda mais nos decênios seguintes com o progressivo desenvolvimento do Oratório – agora já casa central de uma nova Congregação Religiosa – e especialmente com a ampliação da experiência colegial. Esse "novo rosto" – com traços preventivos e disciplinares mais marcados – é definido de forma privilegiada no fascículo sobre o Sistema Preventivo *de 1877, no* Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales para os externos *e no* Regulamento para as casas da Sociedade de São Francisco de Sales, *publicados na mesma data:* 1877 [17].

O detalhado Regulamento do Oratório *de Valdocco consta de três partes, 29 breves capítulos e cerca de 270 artigos, nos quais se descrevem a organização e as incumbências dos 12 encargos – atribuídos a uma ou mais pessoas – responsáveis pelo andamento da obra. Por ocasião da sua edição impressa, no mês de outubro de 1877, nas páginas do "Boletim Salesiano" se acenava à origem, à modalidade de composição, como também às principais características do próprio documento:*

"Tenha-se presente, porém, que o Regulamento desses oratórios não é outra coisa senão a coletânea de observações, preceitos e máximas que diversos anos de estudo e de experiência (1841-1855) sugeriram. Houve viagens, foram visitados colégios, institutos penitenciais, albergues de caridade, de mendicidade, foram estudadas suas constituições, houve conferências com os mais creditados educadores. Tudo foi recolhido e se selecionou o que parecia ser útil para o escopo" [18].

Para além do contexto e das eventuais fontes de inspiração, deve ser posto em relevo o interesse do documento em si mesmo, que "espelha, pelo menos em parte, a que foi a prática habitual de Dom Bosco compilador de regulamentos ou de estatutos, nunca considerados como códices fundamentais, mas de preferência, como a condensação das experiências vividas nos desenvolvimentos e nas graduais estruturações das instituições. O seu oratório não surgiu do regulamento, pelo contrário, aquele precedeu a este de vários anos; por isso, a utilização de regulamentos

[17] Cf. P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…,* I, pp. 314-315.
[18] "Oratori festivi"…, em BS 1 (1877) 2, 1.

precedentes não podia deixar de se ressentir das experiências feitas espontaneamente no dito oratório"[19].

No Arquivo Salesiano Central (D482, fasc., 01), está guardado um manuscrito autógrafo de Dom Bosco – Plano de Regulamento para o Oratório de São Francisco de Sales em Turim –, *compilado provavelmente no período de 1852-1854, que contém, com poucas variantes, o texto da primeira e da segunda parte do* Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales para os externos, *aqui apresentado a seguir. Nas folhas do manuscrito se observam numerosas correções, também elas devidas à mão de Dom Bosco.*

Na origem do Regulamento para as casas *há o manuscrito* Plano de regulamento para a casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales, *redigido com muita probabilidade no período assinalado acima. Nesse manuscrito – conservado no Arquivo Salesiano Central (D482) – notam-se as caligrafias de Dom Bosco, do padre Rua, do padre Berto e de outros. Conserva-se também uma cópia do* Plano de regulamento*, transcrito com caligrafia caprichada e datado: 1867.*

A estreita relação – e com frequência a coincidência – dos conteúdos do Plano de regulamento *com os do* Regulamento para as casas *de 1877 é constatada particularmente nos capítulos que se referem a temas relativos à educação. Entre outros: comportamento religioso dos estudantes, estudo, disciplina da casa, do trabalho, comportamento para com os superiores, para com os companheiros, modéstia.*

É preciso, porém, apontar uma diferença entre os dois documentos: a inclusão, no Regulamento de 1877 do escrito sobre o Sistema Preventivo.

As páginas sobre O Sistema Preventivo na educação da juventude, *assinadas por Dom Bosco, constituíram, a partir de então e por muito tempo, a introdução ou o quadro de referência do amplo e articulado Regulamento para as casas, formando com ele um único fascículo*.[20]

[19] P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…,* I, pp. 309-310. "Sob esta luz – observa o próprio Braido – devem atenuar-se algumas afirmações categóricas e arriscadas quanto à dependência de regulamentos anteriores da ideia de oratório e do sistema assistencial e educativo nele adotado. Aparecem com evidência diferenciações nos textos escritos por Dom Bosco: a peculiar carga de humanidade e doçura, a singular atenção à psicologia juvenil, a notável simplificação das práticas religiosas, o amplo espaço dado ao jogo e ao recreio, a vivacidade das festas e das reuniões" (*Ibid*., p. 310).

[20] O texto de *O Sistema Preventivo na educação da juventude* inserido nas primeiras páginas do *Regulamento para as casas* (pp. 3-13) não é referido aqui porque já foi apresentado autônoma e integralmente no documento 151 desta coletânea antológica.

180. Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales para os externos

Edição impressa em *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli esterni*. Turim, Tipografia Salesiana 1877 (OE XXIX, 31-94).

Primeira Parte

ESCOPO DESTA OBRA

O escopo do oratório festivo é o de entreter a juventude nos dias de festa com divertimentos agradáveis e honestos depois de ter assistido às sagradas celebrações da Igreja.

Diz-se 1. Entreter a juventude nos dias de festa, porque se têm de mira particularmente os jovens operários, os quais, de modo especial nos dias festivos, estão expostos a grandes perigos morais e corporais; não se excluem, porém, os estudantes, que nos dias festivos ou de férias quiserem participar.

2. Recreio agradável e honesto, de fato apto a divertir, não a cansar. Portanto, não se permitem jogos, brinquedos, saltos, corridas e qualquer outra forma de recreação na qual possa ser comprometida a saúde ou a moralidade dos alunos.

3. Após ter assistido às celebrações sagradas na igreja, pois a instrução religiosa é o escopo primário; o restante é acessório e serve como atração para fazer com que os jovens compareçam.

Este Oratório é posto sob a proteção de São Francisco de Sales porque os que desejam dedicar-se a este gênero de trabalho devem propor-se este Santo como modelo de caridade, de boas maneiras, que são as fontes donde derivam os frutos que se esperam da Obra dos Oratórios.

Os encargos que devem cumprir aqueles que desejam trabalhar com fruto, podem ser distribuídos entre os seguintes encarregados, que nas respectivas incumbências são considerados autênticos superiores.

1. Diretor.
2. Prefeito.
3. Catequista ou diretor espiritual.
4. Assistentes.

5. Sacristães.

6. Monitor.

7. Vigilantes.

8. Catequistas.

9. Arquivistas.

10. Pacificadores.

11. Cantores.

12. Moderadores do recreio.

13. Protetores.

As incumbências de cada um são distribuídas conforme segue:

Capítulo I – Do diretor

1. O diretor é o superior principal, responsável por tudo o que acontece no Oratório.

2. Ele deve preceder os outros responsáveis na piedade, na caridade e na paciência; mostrar-se constantemente amigo, companheiro, irmão de todos, por isso sempre anima a todos no cumprimento dos próprios deveres de oração, jamais será severo no mandar.

3. Ao nomear alguém para algum cargo pedirá o parecer dos outros responsáveis, e se forem eclesiásticos, consultará o superior eclesiástico ou o pároco da paróquia na qual existe o Oratório, a não ser que sejam notoriamente conhecidos e na suposição de que nada haja em contrário.

4. Uma vez por mês reunirá seus colaboradores para ouvir e propor o que julgar vantajoso para os alunos.

5. Ao diretor cabe avisar, vigiar para que todos desempenhem as próprias tarefas, corrigir e também remover da função os colaboradores, caso seja necessário.

6. Terminadas as confissões dos que desejam receber o sacramento da penitência, o diretor ou outro sacerdote, celebrará a santa missa, em seguida fará a devida explicação do Evangelho ou contará alguma passagem tirada da história sagrada ou da história eclesiástica.

7. Ele deve ser como um pai em meio aos próprios filhos, e esforçar-se para que, de toda forma possível, insinue nos jovens corações o amor de Deus, o respeito pelas coisas sagradas, a frequência dos sacramentos, filial devoção a Maria Santíssima e tudo o que constitui a verdadeira piedade.

Capítulo II – Do prefeito

1. O prefeito deve ser sacerdote e fará as vezes do diretor sempre que for necessário.

2. Receberá as ordens do diretor e as transmitirá a todos os demais colaboradores; vigiará para que as classes do catecismo sejam providenciadas a tempo pelo respectivo catequista, e cuidará para que durante o catecismo não haja desordens ou tumultos nas classes.

3. Na ausência de algum colaborador, ele deve imediatamente providenciar quem o substitua.

4. Deve cuidar para que os cantores estejam preparados quanto às antífonas, aos salmos e aos hinos que se devem cantar.

5. O prefeito desempenhará também os ofícios do diretor espiritual nos lugares onde houver penúria de sacerdotes.

6. Ao prefeito é também confiado o cuidado das aulas diurnas, noturnas e dominicais.

Capítulo III – Do catequista ou diretor espiritual

1. Ao diretor espiritual cabe assistir e dirigir as celebrações sagradas, por isso deve ser sacerdote.

2. De manhã, na hora marcada, iniciará e acompanhará as matinas da Bem-aventurada Virgem Maria; terminado o canto do *Te Deum,* irá vestir-se para celebrar a santa missa da comunidade.

3. Dará catecismo no coro, acompanhará as vésperas e preparará o necessário para a bênção do Santíssimo Sacramento.

4. Deverá manter-se bem informado a respeito do comportamento dos jovens, para poder fornecer as devidas informações e emitir os certificados de assiduidade e bom comportamento quando for solicitado.

5. Nas solenidades procurará que haja um número conveniente de confessores e de missas; disporá o necessário para o serviço das celebrações sagradas.

6. O diretor espiritual do Oratório é também diretor da Companhia de São Luís, cujas incumbências estão descritas onde se fala dessa Companhia.

7. Se souber de algum jovem mais adulto que precisa de instrução religiosa, como acontece com frequência, ele terá o maior cuidado em determinar-lhe o tempo e o lugar mais convenientes para ele mesmo dar o catecismo ou dispor que seja feito por outros.

8. Tenha-se presente que os ofícios de prefeito e de diretor espiritual com facilidade podem ser concentrados na mesma pessoa.

Capítulo IV – Do assistente

1. Ao assistente cabe acompanhar todas as celebrações sagradas do Oratório e vigiar para que não aconteçam desordens durante as mesmas.

2. Cuidará para que não ocorram desordens ao entrar na igreja, e que cada um tome a água benta e faça bem o sinal da santa cruz e a genuflexão ao altar do Santíssimo Sacramento.

3. Se forem levadas para a igreja crianças de colo que perturbam com seus gritos ou choros, avisará com bondade a quem de direito a fim de que sejam levadas para fora.

4. Ao avisar alguém na igreja raramente use de palavras; precisando corrigir alguém com conversa mais prolongada, deixe isso para depois das celebrações, ou então leve para fora da igreja a pessoa interessada..

5. Ao cantar as vésperas ou outras celebrações sagradas, precisando, indicará em que página do livro se encontra o que foi entoado.

Capítulo V – Dos sacristães

1. Os sacristães devem ser dois: um clérigo e um leigo, escolhidos entre os jovens que cultivam a piedade, os mais limpos e mais capacitados para este encargo.

2. O clérigo é o primeiro sacristão, e a ele cabe de modo especial ler o calendário, marcar o missal, ensinar, se for preciso, as cerimônias para ajudar a missa privada e a bênção do Santíssimo Sacramento.

3. De manhã, chegando à sacristia, seu primeiro cuidado será o de arrumar logo o altar para a santa missa, preparar água, vinho, partículas, cálice e ostensório, se for preciso, para a bênção; depois, enquanto se começa o ofício da Bem-aventurada Virgem Maria, convidar o sacerdote a vestir-se para a santa missa.

4. Na hora da pregação, avisem o pregador, acompanhem-no até o púlpito e o reconduzam à sacristia.

5. À hora da missa ordinariamente acendam somente duas velas; quatro, na missa da comunidade nos dias festivos; seis, nas missas solenes. Nas festas ordinárias, quatro na hora das vésperas; nas solenidades seis; na bênção do Santíssimo devem ser acesas não menos do que catorze velas (*Sinod. Dioces*. Tit. X, 22. - Taurin.).

6. Nunca se acendam as velas enquanto se prega, porque isso incomoda o pregador e os ouvintes.

7. Na sacristia deve-se manter silêncio e nunca falar de assuntos que não se referem a coisas da igreja ou então aos deveres dos sacristães.

8. É calorosamente recomendado a um sacristão que se ponha perto da campainha que se costuma tocar na bênção, para dar o sinal quando o sacerdote se volta para o público com o Santíssimo; não deve, porém, tocá-la segunda vez enquanto não tiver sido fechado o sacrário, e isso para tirar aos meninos a vontade de se levantarem e sair da igreja com irreverência a Jesus Sacramentado.

9. Devem estar na sacristia antes que comecem as celebrações sagradas, e nunca sair enquanto os paramentos não tiverem sido guardados e todos os demais objetos postos em ordem e debaixo de chave.

10. Nunca sairão da sacristia sem fechar bem os armários e as portas.

Avisos para os adidos à sacristia

1. Seu principal dever consiste em abrir e fechar a porta da igreja, manter a limpeza da igreja e de todas as alfaias e dos objetos que se referem ao altar, para o sacrifício da santa missa, como as galhetas, os candelabros, as toalhas de altar, as toalhas de mão, corporais, sanguinhos, avisando o prefeito, quando for necessário, para mandar lavar as alfaias sagradas e limpar os objetos ou reformá-los.

2. Um dos sacristães é encarregado de tocar o sino e, por meio da campainha, avisar quando é o momento de encerrar o recreio e de entrar na igreja para as celebrações sagradas.

3. À noite, um pouco antes que se dê o sinal para ir para a igreja, ajeitem os bancos, dispondo-os em classes distintas, como está indicado pelo número afixado na parede da igreja.

4. Enquanto os jovens entram na igreja, os sacristães distribuam aos catequistas os catecismos numerados, e cinco minutos antes do fim do catecismo, dois deles, um à direita e o outro à esquerda, distribuam os livros para cantar as vésperas; pelo fim do *Magnificat*, passem a recolhê-los e levem-nos ao seu lugar, fechem o armário e entreguem a chave ao chefe da sacristia.

Capítulo VI - Do monitor

1. O monitor tem como ofício manter a ordem nas orações vocais que se fazem no Oratório.

2. Todos os dias festivos, entrando na igreja, dá início às orações da manhã e recita a terceira parte do terço da Bem-aventurada Virgem Maria.

3. Nas festas de maior solenidade, à hora do *Sanctus*, lerá a preparação para a santa comunhão e em seguida o agradecimento.

4. Depois da pregação recita uma *Ave-Maria*, e de manhã acrescenta um *Pai-nosso* e uma *Ave-Maria* a São Luís, e terminará entoando o canto: *Seja sempre louvado....*

5. À noite, antes do catecismo, logo que chega na igreja, um bom número de alunos entoará o *Pai-nosso* e a *Salve-Rainha.* Terminado o catecismo, recitará os atos de fé, como de manhã, e procurará pôr-se na parte da igreja onde mais facilmente possa ser ouvido por todos.

6. Deve ter o máximo cuidado para ler com voz alta, distinta e devota, de modo que os ouvintes compreendam que ele está compenetrado do que lê.

7. Também deve estar atento para que na santa missa, no momento da elevação da sagrada hóstia e do cálice, ao *Ite missa est,* no momento em que o sacerdote dá a bênção, se suspendam as orações comunitárias, devendo cada qual naquele grande momento falar somente com Deus mediante os afetos do próprio coração.

8. O mesmo se deverá observar à noite no momento em que se dá a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Capítulo VII – Dos vigilantes

1. Os vigilantes são jovens escolhidos entre os mais exemplares, que têm a incumbência de ajudar o assistente, especialmente durante as celebrações sagradas da igreja.

2. Deverão ser pelo menos quatro e tomarão lugar em quatro pontos ou cantos principais da igreja, e sem motivo, não se movam do próprio lugar. Precisando avisar alguém, evitem correr apressadamente, e nunca passem diante do altar-mor sem fazer a genuflexão (1).

3. Estejam atentos para que os jovens, entrando na igreja, tomem seu respectivo lugar, façam a adoração, comportem-se respeitosamente, tanto no esperar quanto no cantar.

4. Vendo alguém conversar ou dormir, será corrigido com bons modos, movendo-se o mínimo possível do próprio lugar, sem nunca bater em ninguém, mesmo por motivos graves; nem repreendê-lo com palavras ásperas ou em voz alta. Em casos graves, leve-se o culpado para fora da igreja e faça-se ali a devida correção.

Capítulo VIII – Dos catequistas

1. Uma das principais incumbências no Oratório é a de catequista; porque o escopo primário deste Oratório é o de instruir na doutrina cristã os jovens que comparecem: "Vós, catequistas, ensinando o catecismo, fazeis uma obra grandemente meritória diante de Deus, porque cooperais com a salvação das almas redimidas pelo sangue de Jesus Cristo. Ao apontar os meios convenientes para seguir o caminho que leva à salvação eterna, tereis também um grande mérito diante dos homens, e os ouvintes abençoarão para sempre as vossas palavras com que lhes mostrastes o caminho para se tornarem bons cidadãos, úteis à própria família, como igualmente à própria sociedade civil".

2. Os catequistas, na medida do possível, sejam sempre padres ou clérigos. Todavia, como entre nós há muitas classes de pessoas e, além disso, temos a sorte de dispor de diversos senhores exemplares que se prestam para ajudar nessa obra, ofereça-se a eles com gratidão uma classe de catequizandos. No coro, para a classe dos adultos, se possível, haja sempre um sacerdote.

3. Caso o número dos catequistas seja inferior ao das classes, o prefeito escolherá alguns jovens mais instruídos e mais preparados e lhes atribuirá a classe que não dispõe de catequista.

4. Enquanto se canta o *Pai-nosso,* cada catequista deverá já estar na classe que lhe foi atribuída.

5. O catequista deve dispor a sua classe em forma de semicírculo, de tal modo que ele fique no meio; nunca se incline sobre os alunos para interrogá-los e para ouvir suas respostas, mas conserve-se bem composto em sua pessoa, girando frequentemente o olhar de cá para lá sobre seus alunos.

6. Nunca se afaste da própria classe. Precisando de alguma coisa, dê um sinal ao prefeito ou ao assistente.

7. Cada qual assista a própria classe até o fim do ato de fé, esperança e caridade e, se puder, não saia do seu lugar enquanto as celebrações sagradas não tiverem terminado.

8. Cinco minutos antes de terminar o catecismo, ao som da campainha, contar-se-á algum breve exemplo tirado da história sagrada ou da história eclesiástica, ou então se exporá claramente e de forma popular um apólogo ou uma comparação moral, que deve tender a fazer notar a fealdade de algum vício ou a beleza de alguma virtude em particular.

9. Ninguém se ponha a explicar o catecismo antes de ter aprendido a matéria de que se deve tratar. As explicações sejam breves e mediante poucas palavras.

10. Não se abordem matérias difíceis, nem se levantem questões que não se sabe como resolver com clareza e de forma popular.

11. Os vícios a combater são a blasfêmia, a profanação dos dias santos, a imoralidade, o furto, a falta de arrependimento, de propósito e de sinceridade na confissão.

12. As virtudes a inculcar com frequência são: caridade para com os colegas, obediência aos superiores, amor ao trabalho, fuga do ócio e das más companhias, frequência da confissão e da santa comunhão.

13. As classes de catecismo se dividem conforme segue: no coro, os promovidos definitivamente à santa comunhão e que já completaram os quinze anos de idade; nas capelas de São Luís e de Nossa Senhora, os que foram promovidos definitivamente à santa comunhão, mas que têm menos de quinze anos. As outras classes serão divididas por conhecimento e por idade, até chegar aos pequenos. Ao criar as classes daqueles que ainda não foram promovidos à comunhão, cuide-se para não pôr os pequenos junto com os mais adultos. Por exemplo, faça-se uma classe com os que são maiores de catorze anos; outra, com os de doze aos catorze, dos dez aos doze. Isso ajudará eficazmente a manter a ordem nas classes e a eliminar o respeito humano que os mais adultos sentem quando são postos junto com os menores.

14. A ordem que se deve manter ao ensinar a doutrina cristã é determinada pelos números postos diante de cada pergunta do catecismo. As perguntas assinaladas com o número 1 são ensinadas indistintamente a todos, pequenos e adultos. As assinaladas com o número 2, aos que se preparam para a crisma ou para a primeira comunhão. As assinaladas com os números 3 e 4, para quem deseja ser promovido para aquele ano. As perguntas assinaladas com os números 5 e 6, para os que desejam ser promovidos definitivamente.

15. O catequista do coro, em geral, tem somente jovens já promovidos definitivamente à santa comunhão; por isso, não exigirá respostas ao pé da letra do catecismo, mas feita uma pergunta, as exporá com brevidade e clareza; para reavivar a atenção dos ouvintes, poderá contar algum fato concreto, correspondente à matéria de que trata, nunca, porém, trate de assuntos que não sejam adaptados à idade e à condição dos ouvintes.

16. Cada catequista mostre sempre um rosto alegre e faça ver como de fato é importante o que ensina; ao corrigir, use sempre palavras que animam, jamais que humilham. Louve quem merece, seja lento em se queixar.

17. Todos os colaboradores, fora do tempo de catecismo, são considerados catequistas, porque eles estão em situação melhor de conhecer a índole e o modo de comportar-se com os jovens.

Capítulo IX – Do arquivista ou chanceler

1. O escopo do arquivista é o de registrar tudo o que se refere ao Oratório em geral e em particular.

2. Escreverá sobre um cartão o nome, o sobrenome e o encargo de cada colaborador e o dependurará na sacristia. Formará um catálogo de todos os objetos que servem para uso da igreja, particularmente dos destinados e doados para algum altar determinado. Nisto seguirá as ordens do prefeito.

3. Cuidará e prestará contas oportunamente dos livros, do catálogo e de outras coisas que se referem à Companhia de São Luís e à Sociedade de Mútuo Socorro.

4. Num lugar apropriado, fechará à chave todas as músicas do Oratório e só entregará ao chefe dos cantores. Nunca emprestará músicas para serem levadas embora. Pode permitir que alguém faça uma cópia na casa do Oratório.

5. A ele também é confiada uma pequena biblioteca de livros escolhidos para a juventude, que pode emprestar livremente para serem lidos ali mesmo

ou então levar para a própria casa; mas deverá anotar o nome, o sobrenome da pessoa a quem foram emprestados. Vejam-se as regras para o bibliotecário na 3ª parte.

6. Principal tarefa do arquivista é a de vigiar para que não se perca absolutamente nada do que é propriedade do Oratório, nem algum objeto seja levado para outro lugar sem que se tenha anotado para onde foi.

Capítulo X – Dos pacificadores

1. O cargo dos pacificadores consiste em impedir rixas, altercações, blasfêmias e toda má conversa.

2. Quando ocorrerem essas faltas (que graças a Deus entre nós são raríssimas), avisem imediatamente o culpado, e com paciência e caridade façam-lhe ver como essas culpas são proibidas pelo superior, contrárias à boa educação e, o que é mais grave, proibidas pela santa lei de Deus.

3. No caso de ter que fazer correções, tenha-se o cuidado de fazê-las em particular e, na medida do possível, nunca na presença de outros, a não ser que isso fosse necessário para reparar um escândalo público.

4. É também incumbência dos pacificadores recolher os jovens nas proximidades do Oratório, levá-los à igreja com a promessa de algum pequeno prêmio, que o diretor certamente não se recusará a oferecer.

5. Os pacificadores procurem impedir com maneiras gentis que alguém saia antes do tempo das celebrações religiosas. Ninguém faça barulho ou se divirta perto da igreja durante as mesmas; ocorrendo esses casos, com paciência exortem-se os envolvidos a ir para a igreja logo ao primeiro sinal da campainha.

6. É também atribuição dos pacificadores reconciliar com os superiores quem tiver cometido alguma falta; reconduzir aos pais quem tiver fugido deles; ao longo da semana, animar os companheiros a serem assíduos ao Oratório nos dias festivos.

7. O prior e o vice-prior da Companhia de São Luís são pacificadores.

Capítulo XI – Dos cantores

1. Seria desejável que todos fossem cantores, porque todos devem participar do canto; todavia, para impedir diversos inconvenientes que poderiam

ocorrer, são escolhidos alguns jovens que tenham voz boa e saúde, e a eles é confiada a direção do canto.

2. Entre nós não há duas categorias de cantores: os do coro e os que ficam diante do altar. Ninguém, porém, deve ser escolhido como cantor, se não tiver bom comportamento e não souber ler corretamente o latim.

3. Para ser cantor no coro exige-se que o aluno saiba solfejar e conheça os tons do canto gregoriano.

4. O cuidado do canto é confiado a um entoador, ou seja, ao chefe dos cantores, e a um vice-entoador. Eles devem procurar que o canto seja distribuído entre os cantores de tal modo que todos possam tomar parte e ser estimulados a cantar.

5. De manhã canta-se o ofício da Bem-aventurada Virgem Maria, com voz coral, com exceção dos *Hinos, Lições, Te Deum* e *Benedictus,* que se cantam segundo as normas do canto gregoriano. Nas festas solenes canta-se tudo em canto *gregoriano*. À noite cantam-se as vésperas conforme for indicado pelo calendário de diocese (2).

6. Entoado um salmo ou uma antífona, todos cantem com voz uníssona, evitando levantar demais a voz, tons muito altos ou muito baixos. Quando alguém erra no canto, não se deve rir, nem desprezar o colega, mas o entoador procure com sua voz conduzi-lo ao tom certo.

7. Os cantores postos diante do altar estejam atentos para entrar no mesmo tom e na mesma intensidade de voz em tudo o que for entoado no coro ou pela orquestra (3).

8. No último domingo de cada mês canta-se o ofício dos mortos pelos colegas e benfeitores falecidos, ofício que será igualmente cantado em sufrágio de cada colaborador, de seu pai e de sua mãe logo depois que for comunicado o falecimento.

9. Aos cantores é calorosamente recomendado que evitem toda vaidade e soberba; dois vícios muito detestáveis que fazem perder o fruto do que se realiza e criam inimizades entre os companheiros. Um cantor verdadeiramente cristão não deveria nunca se ofender, nem ter outra finalidade senão a de louvar a Deus e unir a sua voz à dos anjos que o bendizem e louvam no céu.

Capítulo XII – Moderadores do recreio

1. É muito desejável que no recreio todos possam tomar parte em algum divertimento da maneira e na hora permitida.

2. Os divertimentos ou jogos permitidos são: bochas, malhas, gangorra, perna-de-pau, roda gigante, tiro ao alvo, corda; exercícios de ginástica são: ganso, damas, xadrez, tômbola, corridas, ou barra comprida, tarefas a cumprir, mercador, e todo qualquer outro jogo que possa contribuir para adestrar o corpo.

3. São proibidos os jogos de cartas, baralho e outros semelhantes, que incluem perigo de ofender a Deus, provocar dano ao próximo e ocasionar mal a si mesmo.

4. O tempo ordinário para o recreio, de manhã, é das 10 às 12 horas, e depois do almoço, da 1 às 2h30min, e do fim das celebrações religiosas até de noite. No inverno, também ao longo da tarde, não, porém, depois das oito, haverá entretenimentos de recreio nas horas em que não se perturbam as aulas.

5. Os jogos são confiados a cinco vigilantes, a respeito dos quais se fala a seguir.

6. O chefe-vigilante conserva o registro do número e do tipo de brinquedo e é responsável por eles. Havendo necessidade de provisionar ou consertar algum deles, avisará o prefeito.

7. Os vigilantes prestarão seu serviço dois por domingo. O chefe somente cuida para que não aconteçam desordens, mas não é obrigado ao serviço, a não ser que falte algum dos vigilantes.

8. Cada jogo é marcado com um número, por exemplo: se houver nove jogos de bocha, fazem-se nove cartões sobre os quais se escreve 1-2-3-4-5-6-7-8-9. Se houver cinco pares de pernas-de-pau, serão anotadas com os números 10-11-12-13-14. E assim progressivamente para os demais jogos.

9. Chegando a hora da distribuição, quem quiser um brinquedo, deve deixar alguma coisa como penhor, sobre a qual o vigilante colocará o número correspondente do brinquedo tomado emprestado.

10. Durante o recreio, um vigilante andará pelo pátio para vigiar que nada se estrague ou seja levado embora; o outro não se afastará nunca do quartinho dos brinquedos, mas não se permitirá a ninguém entrar no lugar onde os brinquedos são guardados, seja qual for o pretexto.

11. É particularmente recomendado aos vigilantes que procurem que todos participem de algum divertimento, preferindo sempre aqueles que são conhecidos como mais frequentadores do Oratório.

12. Terminado o recreio e verificado que nada falta, os materiais de divertimento serão postos em ordem, fecha-se o quartinho e a chave é entregue ao prefeito.

Capítulo XIII – Dos patronos e protetores

1. Os patronos e os protetores têm o importantíssimo encargo de colocar junto a patrões os mais pobres e abandonados, e vigiar para que os aprendizes e os trabalhadores que frequentam o Oratório não estejam com patrões junto dos quais corram perigo de condenação eterna.

2. É ofício dos patronos acompanhar de volta para casa os jovens que tiverem fugido, procurando colocar junto a um patrão aqueles que precisam aprender alguma profissão ou que estão sem trabalho.

3. Os protetores serão dois e cuidarão de anotar o nome, sobrenome e a residência dos patrões que necessitam de aprendizes e trabalhadores a fim de enviar-lhes os próprios protegidos.

4. O protetor procura assistir e corrigir seus protegidos, não assume, porém, nenhuma obrigação pecuniária, nem mesmo junto aos respectivos patrões.

5. Nos contratos com os patrões ponha-se como primeira condição que deixem o aluno livre para santificar o dia de preceito.

6. Percebendo que algum aluno foi posto num lugar perigoso, acompanhe-o para que não cometa desordens, avise o patrão, se for conveniente; entretanto, procure buscar uma colocação melhor para o seu protegido.

Segunda Parte

Capítulo I – Incumbências referentes a todos os colaboradores deste Oratório

1. Dado que os cargos deste Oratório são todos exercidos a título de caridade, cada um deve exercê-los com zelo, como homenagem que presta à divina majestade; por isso, todos devem animar-se reciprocamente a serem fiéis aos próprios encargos e a cumprir os deveres que deles derivam.

2. Exortem-se à assiduidade os jovens que já frequentam o Oratório, e ao longo da semana convidem-se novos a comparecer.

3. É uma grande ventura ensinar alguma verdade da fé a um ignorante e impedir mesmo que seja um só pecado.

4. Caridade, paciência recíproca em suportar os defeitos dos outros, promover o bom nome do Oratório, dos colaboradores, e exortar todos à be-

nevolência e à confiança com o reitor, são coisas recomendadas calorosamente a todos, e sem elas não se conseguirá manter a ordem, promover a glória de Deus e o bem das almas.

5. Há grande dificuldade em providenciar pessoas para cobrir tantos encargos; com esta finalidade, podem-se reunir mais encargos numa só pessoa: por exemplo, os encargos de pacificador, de patrono e de assistente podem ser reunidos na mesma pessoa.

6. Da mesma forma, o ofício de prefeito pode constituir um cargo só junto com o de diretor espiritual. Pacificador, vigilante, monitor podem formar um único encargo. Assim também o encargo de arquivista, assistente, bibliotecário pode ser confiado a um dos sacristães que tenha capacidade para isso.

Capítulo II – Condições para aceitação

1. Sendo o escopo deste Oratório manter a juventude longe do ócio e das más companhias particularmente nos dias santos, todos podem ser acolhidos sem nenhuma exceção de grau ou condição.

2. Todavia, os que são pobres, mais abandonados e mais ignorantes, são acolhidos e educados de forma preferencial, porque têm maior necessidade de assistência a fim de se manterem no caminho da salvação eterna.

3. Parte-se da idade de oito anos, de modo que ficam excluídas as crianças, como também os que provocam muita confusão e são incapazes de entender o que se lhes ensina.

4. Não tem importância se a pessoa for deficiente, contanto que esteja isenta de doenças contagiosas ou que possam causar grave repugnância aos companheiros; nesses casos, bastaria um para alarmar muitos do Oratório.

5. Que estejam ocupados em alguma arte ou ofício, porque o ócio e a desocupação trazem consigo todos os vícios, e assim seria inútil qualquer instrução religiosa. Quem estiver desocupado e desejar entregar-se ao trabalho pode dirigir-se aos protetores e será ajudado por eles.

6. Um jovem, ao entrar neste Oratório, deve persuadir-se de que este é lugar de religião, no qual se deseja preparar bons cristãos e honestos cidadãos, por isso é rigorosamente proibido blasfemar, ter conversas contrárias aos bons costumes ou contra a religião. Quem cometer essas faltas será avisado paternalmente na primeira vez; se não se emendar, será avisado o diretor, o qual o despedirá do Oratório.

7. Também os jovens transviados podem ser acolhidos, contanto que não deem escândalo e manifestem vontade de ter um comportamento melhor.

8. Não se paga nada, nem entrando, nem morando no Oratório. Quem quiser agregar-se a alguma sociedade lucrativa, pode inscrever-se na do Mútuo Socorro, cujas regras se encontram à parte.

9. Todos são livres de frequentar este Oratório, mas todos devem sujeitar-se às ordens de cada encarregado, ter o devido comportamento no recreio, na igreja e fora do Oratório.

Capítulo III – Comportamento no recreio

1. O recreio é o melhor divertimento para a juventude, e se deseja que todos possam participar, somente, porém, com os jogos que entre nós se costumam usar.

2. Cada um fique contente com os brinquedos que lhe foram entregues e permaneça no lugar determinado para aquele tipo de jogo.

3. Durante o recreio e em todo o tempo, é proibido falar de política, introduzir jornais de qualquer tipo, ler ou conservar livros sem a aprovação do diretor.

4. É proibido jogo de apostas por dinheiro, conservar comidas e outros objetos, sem especial licença do prefeito; há motivos graves para que este artigo seja observado.

5. Dado o caso de que, durante o recreio, entre no Oratório alguma pessoa que pareça ser de condição distinta, todos devem apressar-se em cumprimentá-la, descobrindo a cabeça, deixando livre a passagem e às vezes até mesmo suspendendo o jogo.

6. Geralmente é proibido o jogo de cartas, baralho, bola, gritar exageradamente, perturbar os jogos dos outros, atirar pedras, bolas de madeira ou de neve, danificar as plantas, as inscrições, estragar as paredes, as pinturas; arruinar as paredes ou os móveis, desenhar nelas com carvão ou madeira, ou qualquer outra coisa que deixe manchas.

7. É especialmente proibido brigar, bater e mesmo pôr grosseiramente as mãos sobre os colegas, proferir palavras chulas, usar modos que demonstram desprezo pelos colegas. Somos todos filhos de Deus e devemos amar-nos todos com a mesma caridade como nossos irmãos.

8. Um quarto de hora antes que termine o recreio, ao sinal da campainha, todos devem encerrar logo o jogo ou a partida em que estão empenha-

dos, sem tentar começar novamente. Dado o sinal pela segunda vez, cada qual leve o brinquedo aonde o pegou, e lá lhe será dado o objeto que deixou como penhor.

9. Ninguém pode ir brincar fora do recinto com os brinquedos do Oratório.

10. No tempo de recreação todos devem usar o devido respeito para com os encarregados e se demonstrarem submissos aos vigilantes.

Capítulo IV – Comportamento na igreja

1. Dado o sinal para ir para a igreja, cada um vá imediatamente para o seu lugar, em ordem, bem arrumados, e os que sabem ler não se esqueçam do próprio livro.

2. Entrando na igreja, cada um tome a água benta, faça o sinal da santa cruz, ponha-se no seu lugar para, de joelhos, fazer uma breve oração, e pense que se encontra na casa de Deus que é o Senhor do céu e da terra.

3. Na igreja não deveria ser necessário nenhum assistente; só o pensamento de estar na casa de Deus deveria bastar para impedir toda distração. Mas como alguns podem esquecer-se até de si mesmos e do lugar onde se encontram, recomenda-se que todos sejam submissos às ordens dos assistentes e dos pacificadores, nem procurem sair da igreja sem motivos graves.

4. Recomenda-se a todos não dormir, não conversar, não brincar ou levantar a voz de tal modo que provoque riso ou incômodo. Essas faltas serão logo corrigidas e também punidas, conforme o exemplo do divino Salvador que expulsou do templo a chicotadas os que ali faziam negócios.

5. Quando alguém é avisado de algum defeito, com ou sem razão, acolha em silêncio e de bom grado o aviso, e se tiver algum motivo para se justificar, faça isso depois das celebrações da igreja.

6. De manhã ninguém saia da igreja enquanto não for cantado: *Louvado seja sempre o nome de Jesus e de Maria.* À noite, todos fiquem de joelhos até que o Santíssimo Sacramento seja guardado no tabernáculo, quando então se levantarão.

7. Recomenda-se a todos fazer de tudo para não sair da igreja durante a pregação. Terminadas as celebrações sagradas, cada um, sem barulho, vá para o recreio ou para casa.

Capítulo V – Comportamento fora do Oratório

1. Lembrai-vos, jovens, de que a santificação das festas vos propicia as bênçãos do Senhor sobre todos os trabalhos da semana; há, porém, ainda outras coisas que deveis praticar e que também deveis fugir fora do Oratório.

2. Procurai fazer as orações da manhã e da noite todos os dias, e também alguns minutos de meditação ou pelo menos um pouco de leitura espiritual, ouvir a santa missa, se vossos trabalhos o permitirem. Não deveis passar diante de uma igreja, cruz ou imagem devota sem descobrir a cabeça.

3. Evitai toda conversa obscena ou contra a religião, porque São Paulo nos diz que as más conversas são a ruína dos bons costumes.

4. Em todo tempo, todos deveis manter-vos longe dos teatros diurnos e noturnos, fugir das tabernas, dos cafés, dos lugares de jogo e de outros lugares perigosos.

5. Não cultiveis a amizade dos que foram expulsos do Oratório, dos que falam mal dos vossos superiores ou que procuram afastar-vos dos vossos deveres; fugi especialmente de quem vos aconselha a roubar em casa ou em outra parte.

6. Finalmente, nadar ou parar para ver outros nadarem é proibido como uma das mais graves transgressões das regras do Oratório.

Capítulo VI – Práticas religiosas

1. As práticas religiosas entre nós são: a confissão e a comunhão, e para esse fim, todo domingo e festa de preceito haverá a comodidade para os que querem frequentar estes dois augustos sacramentos.

2. O ofício da Bem-aventurada Virgem Maria, a santa missa, a lição de história sagrada ou eclesiástica, o catecismo, as vésperas, a instrução moral, a bênção com o Santíssimo Sacramento, são as celebrações religiosas dos dias festivos.

3. Das práticas especiais às quais estão anexas as santas indulgências se falará no momento oportuno.

Capítulo VII – Confissão e comunhão

1. Meus caros jovens, lembrai-vos de que os dois sustentáculos mais fortes para vos manter e caminhar pelo caminho do céu são os sacramentos da

confissão e da comunhão. Por isso, considerai como grande inimigo da vossa alma quem quiser afastar-vos destas duas práticas da nossa santa religião.

2. Entre nós não há nenhuma ordem para frequentar estes santos sacramentos; isto para deixar que cada qual se aproxime livremente por amor e nunca por temor, o que resulta ser muito vantajoso, pois vemos muitos participarem cada quinze ou oito dias, e alguns em meio às ocupações diárias fazerem exemplarmente a sua comunhão até mesmo todos os dias. Os cristãos dos primeiros tempos faziam a comunhão diariamente; a Igreja Católica no Concílio Tridentino inculca que todo cristão, quando participa da santa missa, também faça a santa comunhão.

3. Todavia, eu aconselho todos os jovens do Oratório a fazerem o que o catecismo da diocese ensina, isto é: é bom confessar-se cada quinze dias ou uma vez por mês. São Filipe Neri, grande amigo da juventude, aconselhava seus filhos espirituais a se confessarem cada oito dias e a comungarem até mais frequentemente, conforme o conselho do confessor.

4. Recomenda-se a todos, especialmente aos mais adultos, frequentar os santos sacramentos na igreja do Oratório para dar bom exemplo aos companheiros; porque um jovem que se aproxima da confissão e da comunhão com verdadeira devoção e recolhimento, às vezes causa maior admiração na alma dos outros do que um longo sermão.

5. Os confessores ordinários são o diretor do Oratório, o diretor espiritual e o prefeito. Nas solenidades, convidar-se-ão também outros confessores para maior comodidade de todos.

6. Embora não seja pecado mudar de confessor, todavia, eu vos aconselho a escolher um estável, porque com a alma acontece o mesmo que um jardineiro faz com uma planta, um médico com um doente. Em caso de doença, o confessor ordinário conhece melhor a situação da nossa alma.

7. No dia que escolhestes para aproximar-vos dos santos sacramentos, chegando ao Oratório, não deveis ficar brincando no pátio, mas ide logo para a capela, preparai-vos segundo as normas explicadas nas sagradas instruções, como são indicadas no *Jovem Instruído* e em outros livros de piedade. Se tiverdes que esperar, tende paciência e fazei-o como penitência pelos vossos pecados. Nunca, porém, provoqueis rixas para impedir que outros passem à vossa frente ou para vós mesmos passardes na frente dos outros.

8. O confessor é o amigo da vossa alma, por isso vos recomendo que tenhais plena confiança nele. Dizei também ao vosso confessor todos os segredos do coração e persuadi-vos que ele não pode revelar a mínima coisa ouvida em confissão. Aliás, não pode nem mesmo pensar nela. Nos assuntos de grave

importância, como seria a escolha do vosso estado, consultai sempre o confessor. O Senhor diz que quem ouve a voz do confessor ouve a voz do próprio Deus. *Qui vos audit me audit*.

9. Terminada a confissão, retirai-vos à parte, e com o mesmo recolhimento, fazei o vosso agradecimento. Se tiverdes a aprovação do confessor, preparai-vos para a santa comunhão.

10. Depois da comunhão, permanecei pelo menos um quarto de hora a fazer o agradecimento; seria gravíssima irreverência, se poucos minutos depois de ter recebido o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Jesus Cristo, alguém saísse da igreja e se pusesse a rir e conversar, cuspir ou olhar de cá para lá pela igreja afora.

11. Fazei de tal modo que de uma confissão para a outra vos lembreis das recomendações dadas pelo confessor, procurando colocá-las em prática.

12. Outra coisa que se refere à comunhão é esta: feito o agradecimento, pedi sempre a Deus esta graça, isto é, de poder receber com as devidas disposições o santo Viático antes da vossa morte.

Capítulo VIII – Matéria para as pregações e as instruções

1. A matéria das pregações e das instruções morais deve ser escolhida e adaptada à juventude e, na medida do possível, ser apresentada mediante exemplos, comparações, apólogos.

2. Os exemplos sejam extraídos da história sagrada, da história eclesiástica, dos santos padres, ou de outros autores dignos de crédito. Evitem-se, porém, narrações que podem despertar o ridículo quanto às verdades da fé. As comparações agradam muito, mas é preciso que se trate de coisas conhecidas ou fáceis de conhecer pelos ouvintes; que sejam bem estudadas e tenham uma aplicação clara e adaptada às pessoas.

3. Tenha-se em mente que os exemplos devem servir somente para confirmar as verdades da fé, as quais já devem ser conhecidas antes. As comparações só devem servir como meio para esclarecer uma verdade provada ou a ser provada. As pregações sejam feitas em língua italiana, mas da maneira mais simples e popular possível, e onde for necessário, use-se também o dialeto da província. Pouco importa que estejam presentes jovens e outros ouvintes que compreendem o italiano elegante; quem compreende um discurso elegante, compreende também um muito popular, e também o piemontês (4).

4. As pregações nunca devem ir além de meia hora, porque o nosso São Francisco de Sales diz que é melhor o pregador deixar o desejo de ser ouvido novamente do que de nunca mais ser ouvido. A juventude particularmente tem necessidade e deseja ouvir, mas é preciso grande criatividade para que não se sinta cansada ou aborrecida.

5. Os que se dignarem vir a este Oratório para explicar a palavra de Deus são calorosamente solicitados a serem, o quanto possível, claros e populares no falar, isto é, façam de tal modo que em qualquer ponto os ouvintes compreendam qual virtude está sendo inculcada ou que vício está sendo condenado.

Capítulo IX – Festas a que estão anexas as santas indulgências

1. Não há dia de férias neste Oratório: as celebrações sagradas são feitas todos os dias. Dado que os sumos pontífices concederam muitas indulgências para certas solenidades, nelas se recomenda particular devoção e recolhimento. O pontífice reinante Pio IX concede indulgência plenária nas seguintes solenidades:

I. São Francisco de Sales, titular do Oratório.

II. São Luís Gonzaga, nosso padroeiro principal e titular do Oratório de Porta Nuova.

III. Anunciação de Maria Virgem.

IV. Assunção de Maria Virgem.

V. Nascimento de Maria.

VI. Rosário de Maria.

VII. Imaculada Conceição.

VIII. Santo Anjo da Guarda.

2. É bom notar que para lucrar a indulgência plenária há as seguintes prescrições: 1° Confissão e comunhão sacramental 2° Visitar esta igreja. 3° Fazer alguma oração segundo as intenções do sumo pontífice.

3. As festas de São Francisco de Sales e de São Luís Gonzaga são celebradas com particular pompa e solenidade. O reitor, o diretor espiritual, o prefeito, acertarão com o prior da Companhia de São Luís o que fazer de especial naqueles dias.

Capítulo X – Práticas particulares de piedade cristã

1. Uma prática importante de piedade é a comunhão, que o sumo pontífice concedeu fazer à meia-noite do Santo Natal. Há faculdade de celebrar três missas consecutivas, de fazer a santa comunhão com indulgência plenária a quem se confessa e comunga. Precede a festa uma novena solene com a bênção do Santíssimo Sacramento. Naquela noite todos podem livremente cear ou fazer uma refeição, depois preparar-se para a santa comunhão. A razão é que é preciso estar em jejum desde a meia-noite para frente, e essa comunhão se faz depois da meia-noite.

2. Nos últimos quatro dias da Semana Santa há os ofícios divinos e se prepara o "santo sepulcro" Na quinta-feira, às cinco da tarde, se o tempo não impedir, todos irão processionalmente visitar os "santos sepulcros" nas igrejas. Depois do que haverá a tradicional celebração do lava-pés.

3. Há também especiais exercícios de piedade durante o mês de maio em honra de Maria Santíssima; na última semana desse mês haverá um oitavário que servirá como encerramento do mês.

4. No último domingo de cada mês se fará o exercício da boa morte, que consiste numa cuidadosa preparação para se confessar e comungar bem, acertar as coisas espirituais e temporais como se se estivesse no fim da vida. Na solenidade das *Quarentas Horas* e para o exercício da boa morte há indulgência plenária.

5. No primeiro domingo de cada mês é costume fazer uma procissão em honra de São Luís Gonzaga no recinto do Oratório, e todos os que dela participam alcançam 300 dias de indulgência concedida pelo sumo pontífice reinante Pio IX.

6. Há também indulgência plenária na devoção dos Seis Domingos em honra de São Luís Gonzaga. Consiste em escolher seis domingos anteriores à festa do Santo e fazer neles alguma prática de piedade, como se encontra no pequeno livreto e também no *Jovem Instruído*. Quem se confessa e comunga nesses domingos pode lucrar a indulgência plenária em cada um deles.

7. Para lucrar as santas indulgências é indispensável o estado de graça, porque não pode obter a remissão da pena temporal quem merecer a pena eterna.

8. Todas as indulgências mencionadas acima são aplicáveis às almas do purgatório.

Capítulo XI – Companhia de São Luís

1. O pontífice reinante Pio IX concedeu a indulgência plenária para o dia em que alguém se inscrever na Companhia de São Luís. O escopo que se propõem os sócios é o de imitar este santo nas virtudes compatíveis com o próprio estado e ter a sua proteção na vida e na hora da morte.

2. A aprovação do arcebispo de Turim e do reinante Pio IX deve animar-nos a nos inscrever nessa Companhia.

3. Para maior tranquilidade de todos observa-se que as regras da Companhia de São Luís não obrigam sob pena de pecado, nem mesmo leve; por isso, quem descuida alguma regra da Companhia priva-se de um bem espiritual, não comete, porém, nenhum pecado. A promessa feita no altar de São Luís não é um voto; quem, porém, não tiver vontade de mantê-la, é melhor que não se inscreva.

4. Esta Companhia é dirigida por um sacerdote, com o título de diretor espiritual e por um prior, que não deve ser sacerdote.

5. O diretor espiritual é nomeado pelo superior do Oratório. É sua tarefa vigiar para que todos os irmãos observem as regras; faz a aceitação dos que lhe parecem dignos; conserva o registro dos vivos e dos falecidos; é visitador dos doentes da Sociedade de Mútuo Socorro. O tempo de seu cargo não é limitado.

6. O prior é eleito mediante a maioria dos votos de todos os irmãos da Companhia reunidos. Seu cargo dura um ano e pode ser reeleito. O tempo estabelecido para a eleição do prior é a tarde do dia de Páscoa.

7. O cargo de prior não envolve nenhuma obrigação pecuniária. Faz-se alguma oferta por ocasião da festa de São Luís, de São Francisco de Sales e em outras circunstâncias, mas sempre a título de esmola. É também ofício seu vigiar no coro e procurar que o canto seja bem conduzido e que as solenidades sejam feitas com decoro.

8. Ao prior se recomenda a parte disciplinar das regras do Oratório, e é ajudado por um vice-prior, que também é eleito mediante a maioria dos votos no domingo *in Albis.*

Terceira Parte

ESCOPO DESTA OBRA DAS AULAS ELEMENTARES DIURNAS E NOTURNAS

Capítulo I – Classes e condições de aceitação

1. As aulas do Oratório abrangem todo o curso elementar anual; as aulas noturnas vão do princípio de novembro até a Páscoa e são ditas também outonais. As matérias são as prescritas pelos programas governamentais.

2. Todos podem tomar parte nessas aulas, menos os que ainda não completaram 6 anos de idade ou são afetados por doença contagiosa, conforme determina o regulamento do Oratório festivo (segunda parte, cap. I, art. 4).

3. No ato de aceitação devem indicar nome, sobrenome, paternidade, lugar de nascimento, idade e domicílio, se já foram promovidos à primeira comunhão e quantas vezes, e se foram crismados. Todos os alunos são estritamente obrigados a frequentar as celebrações religiosas do Oratório festivo.

4. A aula é gratuita, mas cada um deve providenciar seus livros, cadernos e o necessário para estudar; quem, por extrema pobreza, não puder providenciar o necessário, poderá fazer um pedido ao diretor, que não deixará de ajudá-lo, quando, verificada a necessidade, houver bom comportamento por parte do aluno.

5. Embora essas aulas estejam abertas para todos, todavia, nos casos de falta de espaço, preferem-se os mais pobres e abandonados, e os que já frequentam o Oratório nos dias santos.

Avisos gerais

1. Cada aluno deve respeitar os superiores e os professores; e quem não puder mais frequentar as aulas, avise o diretor ou o próprio professor.

2. No início do ano dar-se-á a cada aluno uma caderneta na qual se assinalará a presença nas celebrações sagradas do Oratório festivo. Tenha-se o cuidado de fazê-la carimbar na manhã e na tarde de todos os domingos, e na segunda-feira traga-a consigo para poder apresentá-la ao superior, caso ele solicitar.

3. Os pais devem cuidar para que os alunos venham às aulas limpos na pessoa e nas roupas, e de quando em quando procurem informar-se a respeito do comportamento do aluno.

4. É rigorosamente proibido a todos os alunos: 1° assumir encargos em favor dos internos; 2° introduzir livros, jornais, escritos ou imagens de qualquer gênero, sem antes a revisão pelo diretor do Oratório.

5. É rigorosamente proibido atirar pedras, brigar ou gritar ao vir para as aulas ou na saída.

Capítulo II – Do porteiro

1. É importantíssimo dever do porteiro estar a tempo na portaria, receber gentilmente os jovens e toda pessoa que ali se apresentar.

2. Vindo algum aluno novo, acolha-o amavelmente, informe-o a respeito do andamento do Oratório, encaminhe-o ao diretor ou a quem faz suas vezes, a fim de que seja inscrito no registro dos alunos e lhe seja determinada uma classe.

3. É rigorosamente proibido deixar passar pessoas estranhas com o escopo de entrar no instituto. Nesses casos, elas devem ser encaminhadas ao porteiro da casa ou do internato.

4. Os pais dos jovens, vindo pedir informações a respeito dos próprios filhos, se forem mulheres, façam-nas esperar no fundo do pátio.

5. Deve impedir a comunicação das pessoas internas com as externas, encargos, compras, vendas de qualquer tipo de coisas.

6. Os jovens, depois que entraram no pátio, não devem mais sair, e quando houver algum motivo razoável, obtenham a licença do superior ou pelo menos do respectivo professor.

7. É proibido severamente deixar sair alguém dos internos pela porta dos externos.

8. O porteiro deve vigiar para que ninguém introduza no pátio livros, jornais, folhas de qualquer tipo, se antes não forem vistos pelo diretor. Renove constantemente a proibição de fumar ou mascar tabaco no pátio ou em outros ambientes do Oratório.

Capítulo III – Das aulas noturnas de comércio e de música

1. As aulas de comércio e de música são gratuitas, mas quem deseja frequentá-las é obrigado a participar das práticas de piedade do Oratório festivo; os alunos devem ter completado 9 anos de idade. Para a aula de canto é preciso saber ler latim e italiano.

2. No ato de aceitação, deve-se indicar nome, sobrenome, paternidade, lugar de nascimento, idade e domicílio, se já foram promovidos à comunhão e quantas vezes, e se foram crismados..

3. De cada aluno de música se exige a promessa formal de não ir cantar ou tocar nos teatros públicos, nem em outras diversões em que se possam comprometer a religião e os bons costumes.

4. No princípio da aula recita-se o *Actiones nostras* etc., com a *Ave-Maria.* Terminada a aula, se dirá o *Agimus* com a *Ave-Maria* e a jaculatória: *Maria Auxilium* etc., em seguida cada um irá para sua casa.

5. Quem, por algum motivo, tiver que se ausentar da aula avisará o professor ou o diretor.

6. No fim do ano, será feita distribuição pública de prêmios aos que se distinguiram no comportamento moral e no aproveitamento escolar.

Capítulo IV – Dos professores

1. O professor procure ser pontual na sala de aula para impedir que sucedam desordens antes ou depois da aula.

2. Procure ir para a aula preparado na matéria da lição que irá ministrar; isso ajudará muito a fazer compreender as dificuldades dos temas e será até menos cansativo para o próprio professor.

3. Nenhuma parcialidade, nenhuma animosidade; dê avisos e faça queixas, se for o caso, mas perdoe facilmente.

4. Os mais atrasados da classe sejam objeto de suas solicitudes; anime-os e nunca humilhe ninguém.

5. Interrogue a todos sem distinção e com frequência, e demonstre grande estima e afeição por todos os seus alunos.

6. Os castigos sejam infligidos na aula; e por castigo nunca afaste alguém da classe. Todavia, tenha-se presente que é rigorosamente proibido dar

tapas, surrar ou de qualquer forma bater nos alunos. Ocorrendo situações graves, mande-se chamar o diretor ou então o culpado seja levado até ele.

7. Devendo tomar deliberações de grave importância a respeito de algum aluno, primeiro fale com o diretor.

8. Recomende a limpeza nos cadernos, regularidade e perfeição na caligrafia, ordem nos livros e nas páginas que devem ser apresentadas ao professor.

9. Pelo menos uma vez por mês passe um trabalho como prova, e depois de corrigido, entregue as provas ao diretor.

10. Mantenha a decúria de tal modo que possa ser apresentada todos os dias a quem a pedir, em particular no caso de alguma pessoa importante visitar as classes.

11. Cuide quanto às leituras de livros maus, recomende e cite autores que podem ser lidos e conservados sem que a religião e a moralidade fiquem comprometidas.

12. Dos clássicos sagrados e profanos terá cuidado de extrair as consequências morais, quando a pertinência da matéria oferecer oportunidade, mas sem exagerar.

13. São proibidas aos professores as visitas aos parentes dos jovens.

14. Vindo algum parente pedir informações sobre um aluno, dê-lhe satisfação, mas faça isto no pátio ou no locutório, não nas classes.

Capítulo V – Normas gerais para a festa de São Luís e de São Francisco de Sales

1. Nos nove dias que precedem a festa cantar-se-á na igreja o *Iste confessor*... ou o *Infensus hostis* etc., com alguma oração e uma breve pregação, ou pelo menos um pouco de leitura tirada da vida do Santo ou sobre alguma verdade da fé.

2. Nas celebrações sagradas da manhã e da noite precedente exortem-se os jovens a se aproximarem dos santos sacramentos da confissão e da comunhão.

3. Durante esse tempo, providenciem-se cantores, ensinem-se as cerimônias ao pequeno clero e tudo o que concerne às celebrações sagradas; e não se deixe de avisar os jovens que, aproximando-se dos santos sacramentos naqueles dias, podem lucrar a indulgência plenária.

Do fim do carnaval e do princípio da quaresma

1. No domingo da Sexagésima, avisem-se os jovens que, no domingo seguinte, sendo o último do carnaval, haverá algo especial nos jogos e nos divertimentos.

2. Avise-se que o Oratório estará aberto também na segunda e terça-feira de carnaval. Naqueles três dias, ou pelo menos no domingo e na terça-feira, depois do almoço, após o recreio, cantarão as vésperas, às quais seguirá a instrução em forma de diálogo e a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Do catecismo da quaresma e da crisma

1. Desde os primeiros dias da quaresma observe-se se entre os que frequentam o Oratório há alguém que deve ser crismado. No caso afirmativo, os crismandos sejam divididos em duas ou três classes e haja para eles instruções à parte quanto ao modo de receber este sacramento. Devem ser crismados não muito mais do que depois da metade da quaresma, para que haja tempo para serem preparados para a Páscoa.

2. Os jovens sejam classificados segundo a sua idade, o conhecimento, e os alunos não tenham mais do que aproximadamente dez anos.

3. O catequista anote com exatidão os seus alunos e cada dia atribua a eles uma nota de comportamento e aproveitamento.

4. Antes que termine a quaresma, procure que os alunos sejam suficientemente instruídos quanto aos mistérios principais e especialmente quanto à confissão e à comunhão.

5. Na semana da paixão examine seus alunos e os promova, se idôneos, e entregue a nota de avaliação ao diretor que a registrará em livro à parte.

6. Quando na classe houver algum aluno já adulto, mas ignorante de religião, deve levá-lo ao diretor, a fim de que possa ministrar-lhe uma instrução adequada.

7. Na quinta-feira que divide a quaresma pela metade, não há catecismo nem de manhã nem à noite, e isso para evitar certas brincadeiras que com frequência causam rixas e escândalos.

8. Também no sábado à tarde haverá o catecismo, mas deixe-se a comodidade de se confessarem aos que desejarem. Tenha-se o maior cuidado para

que os catequizandos no curso da quaresma se confessem pelo menos uma vez e até mais, e isso para evitar inconvenientes que costumam acontecer quando se aproximam para a confissão pascal. No fim da semana da paixão avisa-se que na semana seguinte começarão os santos exercícios espirituais.

Dos exercícios e da Páscoa

1. Os exercícios começarão no dia e na hora da semana santa que o diretor julgar ser mais convenientes para os seus jovens.

2. Em cada dia haverá o número de pregações compatível com a condição e ocupação dos alunos.

3. Na segunda-feira de manhã, depois do domingo de Ramos, haverá confissões dos menores que ainda não foram promovidos à santa comunhão.

4. Na terça-feira santa, dos alunos promovidos à santa comunhão (5).

5. O domingo da ressurreição é destinado à Páscoa dos aprendizes.

Dos sete domingos de São José e dos seis domingos de São Luís

1. Nos sete domingos precedentes à festa de São José e nos seis precedentes à festa de São Luís Gonzaga há indulgência plenária para quem se aproxima dos santos sacramentos da confissão e da comunhão; por isso, avisem-se em tempo os jovens e dirijam-se a eles palavras especiais de animação.

Classificação dos jovens para o catecismo

1. Duas vezes por ano convém organizar as classes; depois da Páscoa, porque então chegam muitos jovens de fora; e por outro lado, é preciso atribuir um lugar novo àqueles que foram promovidos à santa comunhão. A segunda, no princípio das aulas outonais, por causa do grande número de jovens que costumam frequentar o Oratório. Então convém criar duas categorias, isto é: os aprendizes e os estudantes.

Das rifas

1. Determinou-se que as rifas sejam feitas a cada trimestre, isto é: na festa de São Francisco de Sales, de Maria Santíssima Auxiliadora, de São Luís Gonzaga e de Todos os Santos.

2. Quem ganhar terá um prêmio correspondente à frequência e ao seu comportamento moral.

3. Os objetos da rifa serão: livros de devoção ou de leitura amena, quadros, crucifixos, medalhas, brinquedos de tipo diverso, e para os mais exemplares, também algum par de sapatos ou alguma peça de pano para fazer roupa.

4. No domingo *in Albis* há a solene distribuição dos prêmios aos que se distinguiram pela frequência e pelo bom comportamento no catecismo no tempo da quaresma.

5. No segundo domingo depois da Páscoa há a rifa para os que frequentaram o Oratório festivo.

6. Os pacificadores estejam no pátio perto do lugar do sorteio da rifa para acalmar os que provocarem alguma confusão.

Do bibliotecário

1. Ao bibliotecário é confiada uma pequena seleção de livros úteis e amenos a serem distribuídos aos jovens que desejam ler e que dão esperança de tirar deles algum proveito.

2. Anotará num registro o nome e o sobrenome dos que tomaram emprestado o livro, avisando-os de que, terminado o mês, procurem restituir o livro emprestado.

3. Também tomará conta dos livros que entram e saem da biblioteca para prestar contas a quem de direito.

4. Os adidos à biblioteca serão dois, isto é: o bibliotecário, que distribui os livros, e o assistente-geral, que dá as autorizações e toma nota do nome, da residência do aluno e dos títulos dos livros emprestados.

5. O ofício de bibliotecário e de assistente pode ser reunido na mesma pessoa, como também eles podem substituir-se reciprocamente na ausência de um ou do outro.

6. Recomenda-se a todos não perder os livros, estragá-los ou escrever neles o próprio nome e restituí-los dentro de um mês.

Visto, nada obsta que seja impresso.

Turim, 23 de novembro de 1877.

Zappata, vigário-geral.

Turim, 1877. Tipografia Salesiana.

(1) Nos lugares em que se pode dispor de catequistas desde o princípio até o fim da celebração, poderá ser suficiente só o assistente, ajudado pelos catequistas de cada classe.

(2) Onde não for possível cantar as matinas, cantar-se-ão pelo menos à tarde as vésperas da Bem-aventurada Virgem Maria, ou então só o *Ave Maris Stella* com o *Magnificat* e o *Oremus* etc.

(3) O entoador do coro procure que os salmos e os hinos sejam cantados alternativamente primeiro pelo coro, depois pela assembleia.

(4) Nos primeiros tempos do Oratório de 1840 a 1850, era costume usar somente o dialeto piemontês; mas depois, vindo jovens de todas as partes da Itália e de todas as nações, adotou-se a língua italiana como a usada em toda a península.

(5) Onde forem muitos os que fazem a primeira comunhão, convém que a façam em dias diferentes, somente eles, à escolha do diretor.

181. Regulamento para as casas da Sociedade de São Francisco de Sales

Edição impressa em *Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales*. Turim, Tipografia Salesiana 1877 (OE XXIX, 97-196).

ARTIGOS GERAIS[21]

1. Os que desempenham algum ofício ou prestam assistência aos jovens que a divina Providência nos confia, todos têm o encargo de avisar e aconselhar qualquer jovem da casa, sempre que houver razão para isso, especialmente quando se trata de impedir a ofensa de Deus.

2. Cada um procure fazer-se amar se quiser fazer-se temer. Alcançará este grande objetivo se, com palavras e mais ainda com fatos, mostrar que sua solicitude é dirigida exclusivamente ao bem espiritual e temporal dos seus alunos.

3. Na assistência, poucas palavras, muitos fatos, e se favoreça aos alunos exprimir livremente os seus pensamentos; haja, porém, atenção para retificar e também corrigir expressões, palavras, atos que não forem de acordo com a educação cristã.

4. Os jovens costumam manifestar um destes diversos caracteres: índole boa, ordinária, difícil e má. É nosso estrito dever estudar os meios que servem para conciliar estes caracteres diversos, para fazer o bem a todos, sem que alguns sejam de dano para os outros.

5. Aos que receberam da natureza um caráter, uma índole boa, basta a vigilância geral, explicando as regras disciplinares e recomendando sua prática.

6. A maior parte pertence aos que têm caráter e índole ordinária, um tanto volúvel e inclinada à indiferença; estes precisam de breves mas frequentes recomendações, avisos e conselhos. É preciso encorajá-los ao trabalho, também com pequenos prêmios e demonstrando ter neles grande confiança, sem descuidar a vigilância.

7. Mas os esforços e as solicitudes devem ser de modo especial para a terceira categoria, que é a dos discípulos difíceis e inclusive maus. O número destes corresponde a um sobre quinze. Cada superior procure conhecê-los, informe-se a respeito da sua vida passada, mostre-se seu amigo, deixe-os falar muito; ele, porém, fale pouco, e suas palavras sejam breves sentenças, episódios e coisas semelhantes. Nunca, porém, deve perdê-los de vista, sem dar a perceber que se desconfia deles.

[21] Cf. edição crítica destes dez "Artigos gerais" em *DBE, Scritti*, pp. 281-283.

8. Os professores, os assistentes, quando chegam entre os seus alunos, ponham imediatamente seus olhos sobre eles e percebendo que algum deles está ausente, faça-o logo procurar, sob a aparência de ter que lhe recomendar alguma coisa.

9. Caso for preciso queixar-se deles, dar-lhes algum aviso ou fazer alguma correção, que isso não se faça na presença dos companheiros. Todavia, pode-se aproveitar de fatos e episódios ocorridos com outros para dali extrair louvor ou queixa que caia precisamente sobre aqueles de quem estamos falando.

10. Estes são os artigos preliminares do nosso regulamento. Mas a todos é indispensável a paciência, a diligência e muita oração, sem as quais é inútil qualquer regulamento.

Primeira Parte
REGULAMENTO PARTICULAR

Capítulo I – Do diretor

1. O diretor é o chefe do estabelecimento; somente a ele cabe aceitar ou despedir os jovens da casa, e é responsável pelos deveres de cada colaborador, da moralidade e da educação dos alunos. Para a aceitação, porém, poderá delegar o prefeito, que nisso agirá em nome do diretor, segundo as prescrições próprias do colégio e os limites e as normas indicadas no fim do regulamento.

2. Somente o diretor pode modificar os ofícios dos seus dependentes, a disciplina e o horário estabelecido, e sem sua licença não se podem introduzir variações de nenhuma espécie.

3. Ao diretor cabe cuidar de todo o andamento espiritual escolar e material.

Capítulo II – Do prefeito

1. O prefeito tem a gestão geral e material da casa, e faz as vezes do diretor em sua ausência, na administração e em tudo o que lhe for confiado.

2. No livro dos candidatos escreverá nome, sobrenome, lugar e condição dos que pedem para ser aceitos para trabalhar ou para estudar; observará especialmente se o candidato se encontra em perigo para a sua moralidade. Esta circunstância faz preferi-lo na aceitação a todos os demais. Anotará também as condições propostas para a aceitação e tudo o mais que ele julgar oportuno.

3. Cada aluno será acolhido pelo diretor ou, por delegação, pelo prefeito, que anotará no registro geral o dia da entrada, as condições com que foi aceito, se trouxe dinheiro consigo ou peças de roupa, a classe ou o ofício a que

será destinado, e o endereço de quem o recomenda, com as outras indicações necessárias.

4. Fará atribuir ao recém-chegado um lugar no dormitório e no refeitório. Se for estudante, o enviará ao conselheiro escolar para que o coloque na classe correspondente. Se se destinar ao trabalho, lhe fará atribuir um lugar na oficina ou no trabalho ao qual parecerá mais apto, segundo a necessidade, e comunicará o nome ao diretor e ao catequista.

5. Quando um aluno deixa de pertencer à casa, o prefeito anotará o dia e o motivo pelo qual saiu. Se for por motivo de falecimento, procurará avisar imediatamente a quem de direito, anotando os acontecimentos e as circunstâncias que podem servir de bom exemplo e de grata recordação.

6. O prefeito é o centro donde partem todas as saídas e despesas, e onde se concentram todas as entradas pecuniárias que pertencem à casa, seja qual for sua denominação.

7. Por isso, controlará, pelo menos de forma geral, as despesas necessárias para os jovens e para as pessoas da casa, as aulas, as oficinas, a comida e a manutenção da casa. Mas ao administrar essas coisas, deve manter-se sempre dentro dos limites e das ordens estabelecidas pelo diretor ou pelo superior da Congregação.

8. Receberá todo o dinheiro que provém das oficinas, dos contratos de venda, das ofertas e das pensões dos jovens e o entregará ao diretor, do qual receberá o necessário para o dia e para os pagamentos com data fixa.

9. Seja muito solícito em manter em ordem os registros, conforme as normas de contabilidade estabelecidas para as nossas casas, e procure estar informado a fim de referir, quando for preciso, as entradas e as saídas, para cada mês prestar contas da sua gestão, sempre que estas lhe forem solicitadas. Cada três meses procure enviar o relatório das pensões, das provisões e dos consertos aos parentes dos jovens alunos e cada trimestre acertar as próprias contas com as outras casas da Congregação e com as pessoas externas, com as quais houver contas abertas.

10. Além da contabilidade, é confiado ao prefeito o cuidado dos funcionários e em geral a disciplina dos jovens, a limpeza e a manutenção da casa.

11. Quanto à manutenção, seu comportamento e sua autoridade limita-se a reformar e conservar algum objeto móvel e imóvel da casa. Portanto, quem precisar desse tipo de trabalhos, deverá dirigir-se ao prefeito, mas este não pode introduzir nenhuma novidade sem o expresso consentimento do diretor; aliás, se se tratar de obras de demolição ou construção e de outras iniciativas de alguma importância, será preciso esperar a licença do Reitor-Mor.

12. Quanto aos "familiares"*, de acordo com o diretor, providenciará o pessoal correspondente às necessidades e vigiará para que cada um cumpra os próprios deveres, ocupe o tempo, particularmente que nenhum deles se encarregue de tarefas estranhas ao próprio ofício. Recomendará, porém, que sobrando algum tempo, se prestem de bom grado para se ajudarem mutuamente, quando houver necessidade.

13. Pela manhã irá pessoalmente ou encarregará alguém que vá chamar os funcionários e os empregados, para que todos participem da santa missa e recitem juntos as orações; procurará recitar com eles as orações da noite e lhes dirigirá as recomendações que julgar convenientes para seu bem espiritual e temporal. Fará com que lhe prestem contas das próprias ocupações, das desordens e dos estragos que houver em casa.

14. De modo particular, cabe-lhe cuidar da limpeza da pessoa e das roupas dos jovens. Pelo menos uma vez por semana os fará passar em revista para assegurar-se quanto à limpeza de suas roupas, da cabeça, cuidando para que nenhum deles tenha cabelos muito compridos.

15. Cuidará para que as portas, as saídas, as janelas, as chaves, as fechaduras não se estraguem. Encontrando alguma estragada, mande imediatamente consertar e da maneira mais econômica.

16. Por si ou por meio de outros assistirá à distribuição do pão no café da manhã e na merenda, e à mesa. Avise constantemente que aqueles que não querem comer o que é fornecido, o reponham sobre a mesa. Quem estragar voluntariamente pão, sopa ou comida, seja advertido severamente, e se não se emendar, seja avisado imediatamente o diretor.

17. Cabe ao prefeito cuidar que os alimentos sejam sadios e estejam em boas condições, que o pão não seja muito fresco, que se pesem ou meçam as provisões quando são trazidas para casa, e que se tome nota dos pesos e das medidas para compará-los com os pesos e as medidas feitas pelos vendedores.

18. Enquanto cuida para que os jovens sejam pontuais nos seus deveres, de acordo com o conselheiro escolar e com o catequista, com bons modos, procure que os professores, os chefes de artes e os assistentes ocupem o próprio lugar antes de os jovens chegarem à igreja, ao estudo, às aulas, às oficinas e aos dormitórios, e assim impeçam desordens que geralmente costumam ocorrer nesses momentos.

* Na linguagem salesiana, por "familiares" se entendem adultos, recomendáveis pelo seu comportamento e pela sua afinidade com o espírito salesiano, que, por diversos motivos, eram acolhidos em alguma casa da Congregação, nela viviam e prestavam algum serviço, mas sem se fazerem religiosos. Não eram funcionários, mas viviam praticamente como irmãos de comunidade, daí o nome de "familiares". Com o tempo, essa figura foi desaparecendo.

19. Onde houver oficinas, o prefeito se mantenha em contato direto com os chefes de artes e com os assistentes, faça anotar o trabalho que se recebe de fora, os preços contratados, o que foi pago e o que não foi pago, tempo e despesas feitas, as provisões, e isso para prestar contas específicas ou pelo menos gerais a quem de direito.

20. Por si ou por meio de quem é adido às oficinas receberá as entradas de cada uma delas, pagará a cada um o estipêndio contratado e procurará que todos os instrumentos de trabalho sejam de propriedade da casa.

21. Cuidará para que os externos não entrem nos dormitórios, nas aulas, nas oficinas, encaminhando ao locutório ou ao gabinete das oficinas quem precisar falar com os alunos ou tratar de trabalhos a encomendar ou já executados.

22. O prefeito poderá ter como ajudante um vice-prefeito ou secretário, a quem poderá confiar a contabilidade e a correspondência. Poderá também ser ajudado por um ecônomo, caso o tamanho da casa e a quantidade de compromissos o justifiquem.

23. O ecônomo será encarregado especialmente do que se refere à limpeza da casa e dos jovens, dos funcionários e da conservação e reforma das coisas domésticas.

24. O ecônomo, os compradores, os provedores de livros e objetos de estudo mantêm-se em contato direto com o prefeito e ordinariamente dependem dele. O prefeito aumentará o número dos seus colaboradores conforme a necessidade.

Capítulo III – Catequista

1. O catequista tem como ofício cuidar das necessidades espirituais dos jovens da casa e providenciar-lhes ajuda.

2. Logo que souber da chegada de um jovem, procurará conhecê-lo, informá-lo a respeito das normas principais da casa e, mediante exortações e modos afáveis e caridosos, informar-se de que instrução religiosa particularmente necessita, e se dedicará ao máximo para instruí-lo.

3. Cuide para que todos aprendam pelo menos o catecismo pequeno da diocese. Para isso, toda semana, definirá não menos de uma lição para ser decorada. Anotará os que já foram promovidos à santa comunhão e que rece-

beram o sacramento da crisma, e cuidará especialmente dos que precisam ser instruídos para receber dignamente estes sacramentos.

4. Vigie atentamente sobre os defeitos dos jovens para poder, pela parte que lhe toca, corrigi-los oportunamente e a fim de atribuir-lhes no fim de cada mês um voto de avaliação quanto ao comportamento moral de cada um.

5. Cuidará para que os alunos se aproximem assiduamente dos santos sacramentos, que cheguem a tempo para as celebrações sagradas, as orações da manhã e da noite, e terá o cuidado de impedir o mais possível tudo o que pode perturbar os exercícios de piedade cristã, no que se fará ajudar pelos assistentes e pelos decuriões.

6. Segundo entendimento com o prefeito, procurará fazer com que os chefes de dormitórios se encontrem a tempo no seu lugar para cumprir seu dever, que todos sejam pontuais nas celebrações sagradas, ocupando o lugar que lhes foi marcado, precedendo os jovens com o seu bom exemplo.

7. Cuidará para que nada falte aos doentes no espiritual e no temporal, mas não administrará remédios sem ordem médica.

8. Converse frequentemente com o prefeito para poder prevenir qualquer desordem.

9. O catequista fará tudo o que puder para que cada um aprenda a ajudar a santa missa corretamente, quer pronunciando clara e distintamente as palavras, quer observando devotamente as cerimônias prescritas para esse augusto mistério da nossa santa religião.

10. O catequista dos estudantes converse com frequência com os assistentes do dormitório, do estudo, com os decuriões e com os assistentes das aulas, com os professores e com o próprio conselheiro escolar, a fim de poder fornecer as informações oportunas quanto aos alunos e fazer as correções que merecerem.

11. Promoverá as Companhias de São Luís Gonzaga, do Santíssimo Sacramento, do Pequeno Clero e da Imaculada Conceição. Em caso de necessidade, poderá fazer-se ajudar por algum sacerdote ou clérigo mais velho, especialmente para as reuniões.

12. Cuidará dos clérigos adidos a alguma função da casa, procurando que aprendam as sagradas cerimônias e se dediquem ao estudo da teologia. Se for possível, fará com que decorem toda semana um trecho do Novo Testamento e preparará o serviço religioso por ocasião das solenidades.

13. Cuidará também do serviço da igreja, das celebrações religiosas e dos objetos destinados ao culto divino.

14. Nas solenidades maiores, onde for possível, haverá música com orquestra; nas festas ordinárias, haverá canto gregoriano com órgão ou harmônio.

15. Por turno, escolherá dois clérigos dos cursos inferiores para atender por uma semana ao serviço na igreja. Estes se encontrarão todas as manhãs na sacristia no tempo das missas, e se houver necessidade ficarão ali até às 9 horas. Mas nos dias festivos seu serviço será o dia inteiro.

16. Estes clérigos procurarão aprender a paramentar e desparamentar o celebrante, a dobrar o amito, a sobrepeliz, a alva, a preparar o cálice, marcar o missal, segundo o calendário da diocese.

17. Conservará o catálogo dos objetos existentes nas capelas e terá o cuidado de que ali haja o necessário para o culto divino; nada se perca e no tempo devido mandem-se lavar, passar e remendar os paramentos sagrados.

18. Faça-se uso moderado da cera, não seja usada a não ser em coisas referentes ao culto divino. Precisando de iluminação para outras coisas, providencie-se diversamente.

19. Ele deve promover o decoro das celebrações sagradas e fazer de tal modo que na sacristia se observe rigoroso silêncio, especialmente durante os ofícios divinos.

20. Para o horário das missas, a pregação, os catecismos, os casos de provisão ou despesa de qualquer gênero, entenda-se com o diretor e na sua ausência com o prefeito da casa.

21. Para regular o necessário para a sacristia, serão escolhidos um ou mais funcionários que ajudarão nas coisas que lhes serão confiadas.

22. Nos colégios onde houver igreja pública e clero numeroso, o catequista poderá ter como seu ajudante um prefeito de sacristia, especialmente para o que está prescrito pelo art. 14 até o fim do presente capítulo (1).

Capítulo IV - Catequista dos aprendizes

1. O catequista dos aprendizes, além do que está prescrito no capítulo anterior, deve procurar que seus alunos se aproximem cada quinze dias ou pelo menos uma vez por mês da santa confissão e comunhão, e que ninguém falte às práticas de piedade nos dias festivos, assim como nos dias feriais.

2. Deve manter-se em contato com os chefes de artes, com os assistentes das oficinas e do dormitório, com o ecônomo e com o próprio prefeito para dar e receber informações sobre os jovens a ele confiados.

3. Procure que os alunos façam silêncio ao entrar e sair da igreja, ao sair das oficinas, indo e vindo do refeitório; à noite, indo repousar e de manhã, depois de levantar, indo para a igreja ou a outra parte a fim de cumprir seus deveres religiosos.

4. Cuide que ninguém fique a conversar, discutir, e percebendo alguma desordem, use de grande diligência e caridade para preveni-la e impedi-la.

5. À noite e, podendo, também na manhã dos dias festivos, providencie para seus alunos uma aula adaptada e faça de tal modo que ninguém fique andando pela casa.

6. Todas as noites assista-os enquanto rezam as orações, e depois delas recolha os objetos perdidos, e como boa-noite deixe-lhes um pensamento moral. Será também conveniente que os entretenha alguma vez a respeito das normas mais importantes da boa educação.

7. Procure que todos os aprendizes aprendam a ajudar a missa e promova entre eles alguma Companhia, como a de São José, de São Luís e da Imaculada Conceição.

8. Sua vigilância deverá estender-se também à aula de música instrumental, especialmente pelo que se refere à moralidade e à disciplina (2).

Capítulo V – Conselheiro escolar

1. O conselheiro escolar é responsável por regular e fazer providenciar tudo o que é necessário para os alunos e professores paras as aulas e o estudo.

2. Recebendo o aluno estudante, ele o colocará na classe para a qual for julgado idôneo e fará com que lhe seja dado um lugar no estudo.

3. Precisando de objetos de aula, havendo desentendimentos entre os estudantes, queixas quanto aos professores, todos se dirijam ao conselheiro escolar.

4. Se por falta de trabalho ou por outro motivo alguém ficar desocupado, entregue-lhe alguma coisa para fazer ou estudar, ler, escrever e coisas semelhantes, mas não o deixe desocupado.

5. Procure que os estudantes, quando vão passear, estejam limpos e que nenhum deles se afaste das filas. Considere falta grave a de quem se afasta dos companheiros para comprar coisas para comer, beber licores ou qualquer outra coisa.

6. Assista os estudantes quando vão para a igreja, ao estudo, à aula, ao dormitório, para que observem a ordem e o silêncio.

7. Tocará a ele lembrar ao diretor ou ao prefeito a necessidade de provisões ou de consertos nas cadeiras, nas escrivaninhas, nas portas do estudo e das aulas.

8. De acordo com o diretor, providenciará os professores dos cursos principais, os suplentes e os professores dos cursos acessórios, assistentes, decuriões e vice-decuriões do estudo, chefes de passeio.

9. É competência sua também promover o canto gregoriano, a música vocal, e de acordo com o próprio diretor, providenciar professores, assistentes, e vigiar quanto à disciplina a ser observada nesse gênero de aulas.

10. Acolha as observações dos professores e dos assistentes quanto à disciplina e à moralidade dos alunos, para dar-lhes as normas e os conselhos que perceber serem necessários. Recorde com frequência aos professores que trabalham para a glória de Deus, por isso, enquanto ensinam a ciência temporal, não esqueçam o que se refere à salvação da alma. Informe o diretor e o prefeito mensalmente e até mais vezes, se for necessário. Lembre-se, porém, de que compete somente ao diretor e ao prefeito dar notícias dos internos aos parentes.

11. Fixar a época dos exames semestrais e finais, as mudanças nos dias de aula, as férias, as dispensas, os repetidores e as repetições para quem precisar, tudo isso é competência do conselheiro escolar, mas sempre de acordo com o prévio entendimento com o diretor.

12. Ordinariamente, a responsabilidade pelas declamações, pelas representações teatrais e pelas academias e coisas semelhantes será confiada ao conselheiro escolar.

Capítulo VI – Dos professores

1. O primeiro dever dos professores é o de se encontrar pontualmente na sala de aula e impedir as desordens que costumam ocorrer antes e depois da aula. Percebendo que falta algum aluno, avise imediatamente o conselheiro escolar ou o prefeito.

2. Devem ir para a aula bem preparados na matéria que é objeto de sua lição. Esta preparação ajudará muito a fazer compreender aos alunos as dificuldades dos temas e das lições, e servirá eficazmente para aliviar a fadiga do próprio professor.

3. Nenhuma parcialidade, nenhuma animosidade; avisem, corrijam, se for o caso, mas perdoem facilmente, evitando o quanto possível darem eles mesmos castigos.

4. Os mais atrasados da classe sejam objeto de suas solicitudes, animemnos e jamais os humilhem.

5. Interroguem a todos sem distinção e com frequência, e demonstrem estima e afeição por todos os seus alunos, especialmente pelos que têm dificuldades no estudo. Evitem o mau costume de alguns que abandonam a si mesmos os alunos que são negligentes ou dotados de pouca capacidade intelectual.

6. Havendo necessidade de castigos, sejam infligidos nas aulas, mas nunca afastem alguém da própria classe como castigo. Havendo casos graves, mandem chamar o conselheiro escolar ou façam levar o culpado até ele. É severamente proibido bater ou infligir castigos humilhantes ou que prejudicam a saúde.

7. Tendo que infligir castigos fora da aula ou tomar deliberações de grande importância, refiram e passem o assunto ao conselheiro escolar ou ao diretor da casa. Fora da escola, o professor não deve ameaçar nem infligir punições de nenhuma espécie, mas limitar-se a avisar e aconselhar com boas maneiras e como amigo sincero.

8. Recomende constantemente a limpeza nos cadernos, a regularidade e perfeição na caligrafia, a ordem nos livros e nas páginas que se devem apresentar ao professor.

9. Pelo menos uma vez por mês, passe uma prova, e depois de corrigida, entregue-a ao superior da casa ou pelo menos ao conselheiro escolar.

10. Mantenha a decúria em ordem de modo a poder apresentá-la todos os dias a quem a pedir, como também no caso de alguma pessoa importante visitar as aulas; lembre-se, porém, de que cabe ao diretor ou ao prefeito informar a respeito dos alunos.

11. Vigie quanto à leitura de maus livros, recomende e cite os autores que se podem ler e guardar sem que a moralidade e a religião fiquem comprometidas, e escolha como temas as passagens mais aptas para promover a moralidade, evitando as que podem significar algum dano à religião e aos bons costumes. Estejam, porém, atentos a nunca nomear, o quanto for possível, o título dos maus livros.

12. Dos clássicos sagrados e profanos terá cuidado de extrair as consequências morais, quando a oportunidade da matéria oferecer ocasião, mas com poucas palavras e sem exageros.

13. Ocorrendo uma novena ou solenidade, diga alguma palavra de estímulo, mas com brevidade, e se for possível, com algum exemplo.

14. Uma vez por semana deem uma lição a respeito de um texto latino de autor cristão.

Capítulo VII – Dos mestres de oficinas

1. O mestre de oficina deve ensinar aos jovens da casa o ofício a que foram destinados pelos superiores. Ele deve distribuir o trabalho entre seus alunos e fazer de tal modo que nenhum deles fique desocupado.

2. Seu dever principal consiste na pontualidade em estar presente no momento da entrada, e isso para dar logo trabalho aos alunos e para impedir que comece alguma desordem de conversas ou brincadeiras.

3. Se o mestre de ofício deve sair da oficina para tomar alguma medida ou para outro seu dever, avise o assistente, e sem o seu consentimento nunca se deverá afastar.

4. Observe e, de acordo com o assistente, faça observar o silêncio durante o trabalho.

5. Nunca deve fazer contratos com os jovens da casa, nem assumir algum trabalho da sua profissão por conta própria, nem ocupar-se com coisas estranhas aos trabalhos da sua oficina.

6. Nunca se comece algum trabalho na oficina se antes no gabinete das oficinas ou do assistente não foram anotados os contratos, o preço acertado, o nome, a residência da pessoa para quem se deve começar um trabalho.

7. O mestre de ofícios, bem como o assistente, deve ter o maior cuidado para impedir toda espécie de más conversas.

8. Os mestres de ofício procurem preceder os seus alunos com o bom exemplo, tanto nas oficinas, quanto no cumprimento dos seus deveres religiosos.

Capítulo VIII – Assistentes das aulas e do estudo

1. Os assistentes das aulas são encarregados de vigiar quanto à disciplina e à boa ordem pelo tempo e pela classe que lhes foi confiada, e em caso de necessidade, também por outras classes.

2. Deverão assistir a própria classe na escola, na igreja, no recreio e nos passeios.

3. Acompanharão os jovens do estudo à igreja, e da igreja ao estudo, e procurarão que caminhem em ordem e em silêncio; haverão de acompanhá-los também quando vão ao refeitório até que todos tenham entrado.

4. No recreio cuidarão para que todos estejam no pátio que lhes foi determinado, impedirão rixas, más conversas, palavras grosseiras e ofensivas, atos inconvenientes, como seria pôr as mãos sobre os outros, e recomendarão constantemente que todos falem italiano.

5. Cada semana e até mais frequentemente, se for o caso, informarão o conselheiro escolar a respeito do comportamento de cada jovem, mas havendo coisas graves, o avisarão imediatamente.

6. Caso a um assistente for confiada alguma ocupação momentânea pela qual não pode permanecer na própria classe, primeiro deverá informar o conselheiro escolar, e não sair de seu lugar até que seja substituído por outro.

7. Na igreja cuidem para que cada aluno tenha o livro das práticas de piedade e não outro, e procurem sustentar o canto religioso, impedindo que os jovens levantem a voz imoderadamente, o que costuma perturbar em vez de conciliar a devoção. Percebendo que na igreja está faltando algum aluno da sua classe, apenas terminadas as celebrações religiosas, avise logo o catequista ou o conselheiro escolar.

8. A fim de que a informação semanal resulte exata, tome nota dos defeitos conhecidos e das observações que lhe forem feitas a respeito de cada um dos alunos.

9. Para qualquer caso, na ausência do conselheiro escolar, comunicará suas observações ao prefeito.

Capítulo IX – Do assistente das oficinas

1. O assistente das oficinas é encarregado de cuidar da moralidade, do emprego do tempo e de tudo o que pode ser útil para o estabelecimento.

2. Esteja a tempo em seu lugar na entrada e na saída dos jovens da oficina para impedir desordens que poderiam ocorrer naqueles momentos e para anotar quem chega atrasado. Faltando algum aluno, avisará o prefeito ou o catequista dos aprendizes para tomar as medidas oportunas.

3. Observará atentamente o comportamento moral dos alunos, sua as-

siduidade e diligência, e no fim de cada semana, ouvindo o parecer do mestre de ofícios, entregará ao prefeito ou ao catequista a nota de avaliação do comportamento dos seus alunos, segundo a qual se estabelecerá a recompensa ou a queixa merecida.

4. Está estritamente obrigado a impedir toda espécie de más conversas, e sabendo que alguém é culpado, deverá avisar imediatamente o superior. Será útil para o assistente entreter-se com os jovens, especialmente com os mais avançados na aprendizagem do ofício, para conhecer os estragos e as desordens que costumam ocorrer e que se podem evitar.

5. Por quanto possível, nunca saia da oficina. Devendo afastar-se por alguns momentos, previna o mestre de ofícios.

6. O assistente (se isto não foi combinado no gabinete das oficinas) anotará o trabalho confiado à oficina, com a data, o preço acertado, o nome, a residência de quem o trouxe ou leva, com as outras indicações necessárias; e se houver contratos, faça-os com clareza e na medida do possível por escrito. Em seguida registre as palavras textuais dos que encomendaram o trabalho. Será conveniente conservar as cartas e os escritos análogos.

7. Anotará também o dia em que o trabalho foi restituído e se foi pago ou não, mas não criará um depósito separado. Por isso, entregará o dinheiro ao prefeito ou ao ecônomo, aos quais recorrerá, se precisar.

8. Nenhum trabalho poderá ser executado sem prévia licença do prefeito ou do ecônomo.

9. Devendo-se providenciar objetos ou material necessário, o assistente avisará o prefeito ou o chefe do gabinete das oficinas, para que dê ordens oportunas ao comprador. Entretanto, ele mantenha trancados os objetos de maior valor e que poderiam estar sujeitos a indevidas subtrações. Fique também atento ao consumo do material da própria oficina.

10. Quando for preciso fazer provisões das quais o comprador ou o assistente não têm prática, levarão junto o mestre de ofícios ou alguma outra pessoa, escolhendo as horas que menos perturbam as oficinas, providenciando, porém, antes a assistência dos jovens.

11. Caso seja encarregado de anotar os trabalhos e as provisões, deverá manter seus registros de modo que todos os anos possa apresentar ao prefeito um quadro comparativo das saídas e das entradas, do material usado e dos instrumentos estragados ou inutilizados, e prestar contas aos superiores em qualquer ocasião em que for requisitado para isso.

12. De acordo com o mestre de oficinas, mantenha-se informado quanto aos progressos ocorridos em determinado ofício, aos preços correntes, ao trabalho que os operários costumam fazer num determinado período de tempo.

Capítulo X – Assistentes ou chefes de dormitório

1. Em cada dormitório há um chefe e um vice-chefe, os quais são obrigados a prestar contas do que ocorre contra a moralidade e contra a disciplina do dormitório a eles confiado.

2. Deve preceder os outros com o bom exemplo e mostrar-se em tudo justo, exato, cheio de caridade e de temor de Deus.

3. O assistente deve corrigir os defeitos dos seus alunos, pode até ameaçar punições, mas sua aplicação é reservada ao prefeito ou ao diretor. À noite, antes de deitar, visite o dormitório, e percebendo que falta algum aluno, avise imediatamente o prefeito.

4. Insista para que à noite, feitas as orações, no dormitório se observe rigoroso silêncio até a manhã seguinte depois da missa. Dado o sinal para levantar, seja pontual em levantar e não saia do dormitório enquanto não tiverem saído todos os demais.

5. Vigie atentamente para impedir toda espécie de más conversas, gestos ou comportamentos ou mesmo brincadeiras contrárias à virtude da modéstia. São Paulo quer que essas coisas de nenhuma maneira sejam nomeadas entre os cristãos. *Impudicitia nec nominetur in vobis*. Descobrindo algumas dessas faltas, é gravemente obrigado a comunicar imediatamente ao diretor.

6. É também encarregado de vigiar quanto à limpeza da pessoa, da cama, das roupas dos jovens a ele confiados.

7. Sempre que os jovens devem ir para o dormitório, o assistente deve ser o primeiro a chegar, o último a sair e ser para todos de bom exemplo. *Praebe te ipsum exemplum bonorum operum* (São Paulo).

NB. Se algum aluno adoecer, o assistente o acompanhe até a enfermaria ou avise o prefeito ou o catequista. Na medida do possível, nunca deixe um jovem sozinho no dormitório.

Capítulo XI - Despenseiro

1. O despenseiro está encarregado de fornecer aos estudantes e aprendizes tudo o de que necessitam em termos de livros, cadernos e outros objetos de estudo.

2. Criará um catálogo dos jovens que adquiriram, em parte ou no todo, alguma coisa da casa, e anotará a qualidade, o valor do objeto, nome e sobrenome do aluno, e mensalmente acrescentará na ficha de cada um as despesas feitas naquele mês, somando-as às já existentes.

3. Sob a responsabilidade e o cuidado do prefeito anotará as gorjetas dos aprendizes e, conforme o merecimento, entregará a cada um não mais do que a metade; guardará o resto para eles. Havendo mau comportamento, a gorjeta será reduzida de acordo com o demérito do jovem. Também cuidará dos depósitos em dinheiro dos estudantes, entregando-os conforme ordens do prefeito.

4. Fará de tal modo que a sua gestão possa prestar contas pelo menos de forma global ao prefeito da casa, uma vez por mês.

5. O despenseiro depende inteiramente do prefeito, o qual por isso pode modificar as atribuições da maneira e no tempo que julgar ser mais conveniente para a casa. Mas só entregará algum objeto segundo as normas definidas e as ordens dadas pelo próprio prefeito.

Compradores

1. O diretor escolherá um ou dois compradores para fazer as pequenas aquisições da casa, da cozinha, das oficinas.

2. Os compradores, nas suas incumbências tanto internas quanto externas da casa, dependerão do prefeito ou de quem faz suas vezes.

3. Executarão as ordens preventivamente recebidas do prefeito ou de quem faz suas vezes, manterão em ordem os registros necessários para a própria gestão a fim de, em seguida, prestar contas detalhadas ou globais no fim do ano e sempre que lhes forem solicitadas.

4. O comprador executará também as tarefas de que será encarregado pelos próprios superiores.

Capítulo XII – Dos funcionários

1. Os funcionários ou as pessoas a quem se confiam os trabalhos domésticos são especialmente de três categorias: cozinheiros, camareiros e porteiros, os quais devem ajudar-se reciprocamente em tudo o que é compatível com as respectivas ocupações.

2. Aos funcionários é fortemente recomendado que nunca assumam encargos estranhos aos próprios deveres, que não recebam gorjetas de quem quer que seja e também não tratem de negócios ou de contratos que se referem à casa. Ocorrendo algum assunto pessoal, falem com o prefeito.

3. Sejam fiéis também nas pequenas coisas. Ai de quem começa a fazer pequenos furtos na compra e venda ou de alguma outra forma. Sem perceber é levado a se tornar um ladrão.

4. Sobriedade no comer e no beber. Quem não sabe dominar a gula é um servo inútil.

5. Não contrair familiaridade com os jovens da casa; respeito e caridade para com todos nas coisas que se referem aos próprios deveres, sem usar para com eles de confiança, pior ainda contrair amizade particular.

6. Aproximem-se pelo menos uma vez por mês com devoção da santa confissão e comunhão, e o façam na própria igreja ou no próprio Oratório, para que seu comportamento cristão seja conhecido pelos jovens da casa e sirva para eles de exemplo.

7. Os coadjutores que pertencem à Congregação Salesiana devem ser fiéis às práticas de piedade estabelecidas pelas suas Regras.

8. Ninguém recuse trabalhos humildes; considere que Deus pede contas do cumprimento dos deveres do próprio estado, e não se porventura exerceram cargos importantes ou ilustres: aquele que se ocupa com trabalho humilde tem a mesma recompensa de quem consuma sua vida em cargos ilustres e públicos. – Como nesse setor há tarefas específicas, aqui se apresentarão as normas referentes a cada uma delas.

Capítulo XIII – Do cozinheiro e dos ajudantes da cozinha

1. O cozinheiro ou chefe da cozinha deve cuidar para que a alimentação seja sadia, econômica e preparada para a hora marcada. Todo atraso ocasiona mal-estar na comunidade.

2. Ao cozinheiro cabe cuidar para que haja grande limpeza na cozinha e que não se estrague nenhum tipo de alimento. Cuidará também para que não haja luzes acesas onde e quando não há necessidade.

3. Qualquer porção de comida, frutas, carne, seja o que for, ou bebida que sobrar, guarde-a e só disponha dela conforme a ordem estabelecida pelo superior.

4. Deve proibir rigorosamente a entrada na cozinha de jovens ou de qualquer outra pessoa da casa, a não ser que se trate de algum adido a ela para algum trabalho ou que deva cumprir alguma ordem superior.

5. Conforme a necessidade das diversas casas, terá como ajudantes outras pessoas para os trabalhos da cozinha, da cantina e dos refeitórios, as quais terão grande cuidado na limpeza dos lugares de seu trabalho, das mesas e das toalhas, procurando que haja também adequada ventilação.

6. Na distribuição da comida, lembrem-se de que são somente dispensadores e não patrões, por isso, se comportem conforme as ordens dos superiores.

7. Havendo necessidade de consertos ou de provisões, avisem o prefeito ou o ecônomo.

8. Terminados os próprios trabalhos, se ocuparão em outras tarefas domésticas, mas nunca fiquem no ócio.

9. O cozinheiro ou chefe da cozinha deverá vigiar sobre todas as pessoas que lhe estão subordinadas e se descobrir alguma desordem, deverá recorrer logo ao prefeito ou a quem lhe faz vezes.

Capítulo XIV – Dos camareiros

1. É tarefa dos camareiros arrumar e manter limpos os quartos, os dormitórios, as aulas, as escadas, os corredores, os pórticos, os pátios, etc., e zelar pelas camas, os colchões, as roupas de cama e pessoais.

2. Se encontrarem alguma peça de roupa de cama, de roupa pessoal e coisas semelhantes, entreguem a quem de direito, ao próprio dono ou ao assistente ou ao prefeito. Aliás, terminado o recreio, um dos camareiros observe se há peças de roupa abandonadss e leve-as ao prefeito.

3. Também avisarão o prefeito a respeito de estragos ou inconvenientes encontrados na casa.

4. Procurarão manter a necessária ventilação nos dormitórios e nos quartos, lembrando-se de fechar as janelas em tempo e nos diversos lugares, especialmente por ocasião de intempéries.

5. Durante o dia, se tiverem tempo livre, se porão à disposição do prefeito, pelo qual devem ser determinadas as respectivas ocupações.

6. Os que têm como tarefa cuidar das camas, da roupa de cama e de uso pessoal, terão grande solicitude para que tudo seja separado conforme os números ou as marcas dos pertences, não atribuindo a alguém o que é dos outros.

7. Procurem que no tempo devido haja lavação da roupa e se conserte a roupa de cama e de uso pessoal que precisar.

8. No tempo devido, farão também a distribuição do necessário para a cama e para a pessoa, e recolherão a roupa de cama usada, estando atentos para que nada falte do que se deve retirar.

9. Retirando-se alguém da casa, um camareiro logo recolherá seus pertences e os guardará diligentemente, anotando ordenadamente baús, caixas, colchões, etc.

10. A ordem e a diligência em conservar e ressarcir o que lhes é confiado é de grande vantagem para a comunidade.

Capítulo XV – Do porteiro

1. É estrito dever do porteiro estar sempre na portaria, receber gentilmente todas as pessoas que ali se apresentam. Quando tiver que se afastar para cumprir seus deveres religiosos, tomar refeição ou por outro motivo razoável, far-se-á substituir por um colega determinado pelo diretor.

2. Nunca introduzirá em casa uma pessoa sem que os superiores sejam informados, encaminhando ao prefeito os que têm assuntos referentes aos jovens da casa; e conforme as normas que lhe serão dadas pelos superiores, encaminhará ao diretor quem o procurar diretamente. Não admita ninguém a conversar com os superiores a não ser nas horas que lhe serão indicadas.

3. Nunca permitirá que alguém saia de casa se não estiver munido da autorização correspondente, na qual se deve anotar a hora da saída e do retorno, menos as pessoas que tiverem licença expressa do diretor.

4. Qualquer carta ou encomenda enviadas aos jovens ou a outras pessoas da casa, antes de passá-las ao destinatário, sejam entregues ao prefeito ou dadas a conhecer a ele, o qual poderá abri-las ou fazê-las abrir.

5. À noite cuidará de fechar todas as portas que dão para fora do estabelecimento.

6. Será também ofício do porteiro dar os sinais do horário, da maneira e na hora indicada pelo superior.

7. É proibido vender ou comprar comida, conservar dinheiro e outras coisas para satisfazer aos jovens ou aos parentes, como também é proibido receber gorjeta de quem quer que seja.

8. Procure que haja tranquilidade, impeça os gritos, o barulho e qualquer outra coisa que possa perturbar as celebrações sagradas, as escolas, o estudo ou o trabalho.

9. Se precisar, guarde as chaves dos dormitórios, das escolas, das oficinas e de outros ambientes, e não as entregue a não ser a quem é encarregado do ofício para o qual elas são necessárias.

10. Dê autorização de falar com os jovens nos dias e nas horas definidas pelos superiores. Cuide para que os parentes ou conhecidos não falem com os jovens fora do locutório, e não chame ninguém ao locutório, a não ser de acordo com o entendimento com os superiores. Se for preciso, o superior dará ao porteiro alguém que o ajude para chamar os alunos.

11. Num registro apropriado anote os encargos recebidos, mas tanto ao recebê-los quanto ao executá-los, use sempre de modos suaves e afáveis, pensando que a mansidão e a afabilidade são as qualidades características do bom porteiro.

12. Anote também em registros apropriados os objetos que lhe são entregues para guardar, tanto na chegada como na partida, e se for preciso, peça um recibo antes de entregá-los. Não deixe sair nada sem a licença dos superiores.

13. Informe os superiores a respeito de quem sair sem licença ou ficar fora além do tempo que lhe foi autorizado. E cuide de evitar o ócio, ocupando o tempo livre da maneira que lhe for indicado.

Capítulo XVI – Do teatrinho

O teatrinho, feito segundo as normas da moral cristã, pode ser de grande utilidade para a juventude, quando objetiva alegrar e instruir moralmente o mais possível os jovens. Para que esta finalidade seja alcançada, é preciso estabelecer:

1. Que a matéria seja adequada.

2. Que se exclua tudo o que pode gerar maus hábitos.

Matéria adequada

1. A matéria deve ser adequada aos ouvintes, isto é, deve servir para instrução e diversão dos alunos, sem dar atenção às pessoas externas. Os convidados e os amigos que costumam comparecer ficarão satisfeitos e contentes se perceberem que o divertimento é útil aos jovens e proporcionado à sua capacidade. Dito isso, devem-se excluir as tragédias, os dramas, as comédias e também as farsas em que se representa um caráter cruel, vingativo, imoral, embora no desenvolvimento da ação se tenha em mente corrigi-lo e emendá-lo.

2. Tenha-se presente que os jovens recebem no coração as impressões de situações representadas com vivacidade e dificilmente se consegue fazê-las esquecer com raciocínios ou com fatos opostos. Duelos, tiros de fuzil, de pistola, ameaças violentas, atos atrozes, nunca façam parte do teatrinho. Nunca seja nomeado o nome de Deus, a menos que isso ocorra como forma de oração ou de ensinamento; tanto menos se profiram blasfêmias ou imprecações para em seguida serem objeto de correção. Evitem-se também as palavras que, ditas em outro lugar, seriam consideradas incivis ou de baixo nível.

3. Predomine a declamação de trechos selecionados de bons autores, a poesia, a prosa, as fábulas, a história, os episódios engraçados, até mesmo ridículos, contanto que não sejam imorais; a música vocal ou instrumental, as partes corais e solo, duetos, tercetos, quartetos, coros, sejam escolhidos de modo que possam proporcionar repouso, promover ao mesmo tempo a educação e os bons costumes.

Coisas a excluir

Entre as coisas a excluir devem-se enumerar as roupas exclusivamente teatrais.

1. Limite-se o vestuário à transformação das próprias roupas e ao que já existe nas respectivas casas ou que tenha sido presenteado por alguém. As roupas muito elegantes favorecem o amor próprio dos atores e despertam nos jovens a vontade de ir aos teatros públicos para satisfazer a própria curiosidade.

2. Outra fonte de desordem são as bebidas, os doces, as comidas, lanches, merendas, que às vezes se distribuem aos atores ou aos que se ocupam da aparelhagem material.

3. A experiência mostrou que essas exceções geraram vanglória e soberba naqueles que delas participam, e inveja e humilhação nos companheiros que não participam. A estes se somam outros motivos graves, pelo que julgo oportuno estabelecer que não sejam usadas particularidades com os atores; que eles se sirvam da mesa e do tratamento comum a todos. Devem ficar contentes por participar do divertimento comum como atores ou como espectadores. Além disso, permitir-lhes que aprendam o canto, a música, a declamação e coisas semelhantes, já deve ser considerada uma satisfação suficiente. E se alguém tiver merecido um prêmio especial, os superiores têm muitos meios para recompensá-lo condignamente.

4. Portanto, a escolha da matéria, a moderação no vestir, a exclusão de coisas acima mencionadas, são a garantia da moralidade do teatrinho.

5. Os diretores vigiem atentamente para que sejam observadas as normas estabelecidas à parte para o teatrinho, e se lembrem de que ele dever servir de descanso e de educação para os jovens que a divina Providência envia para as nossas casas.

6. Portanto, cada diretor e os outros superiores são convidados a mandar ao inspetor provincial as composições dramáticas que podem ser representadas, conforme as normas acima expostas. Ele recolherá todas as representações já conhecidas, examinará as que lhe são enviadas e as conservará, se estiverem de acordo, caso contrário fará as devidas correções.

Deveres do responsável pelo teatrinho

1. Há um responsável pelo teatrinho que deve manter informado vez por vez o diretor da casa do que se pretende representar, do dia que se quer escolher e pôr-se de acordo com ele tanto na seleção da representação, quanto dos jovens que devem entrar em cena.

2. Entre os jovens a escolher como atores prefiram-se os de bom comportamento, que, para estímulo dos outros, de quando em quando serão preferidos a outros companheiros.

3. Os que já estão ocupados com o canto e a música procurem não se intrometer na recitação; poderão, porém, declamar alguma poesia ou outra coisa nos intervalos.

4. Na medida do possível, sejam deixados livres da recitação os mestres de ofício.

5. Cuide para que as composições sejam amenas e aptas a repousar e divertir, mas sempre instrutivas, morais e breves. A longa duração, além de maior incômodo nos ensaios, geralmente cansa os ouvintes, faz perder o valor da representação e ocasiona aborrecimento até no que em si é apreciável.

6. O responsável pelo teatro esteja sempre presente aos ensaios, e quando são feitos de noite, que não passem das 10 horas. Não permita que assistam aos ensaios os que não trabalham na apresentação. Terminado o ensaio, cuide para que, em silêncio, cada um vá imediatamente descansar e não pare em conversas, que acabam sendo prejudiciais e causam incômodo aos que já estão descansando.

7. O responsável cuide de mandar preparar o palco no dia anterior à apresentação, de tal modo que não se tenha que trabalhar no dia santo.

8. Seja rigoroso no uso de roupagens decentes.

9. A cada apresentação, haja entendimento com os chefes da música e do canto quanto às partes a serem executadas.

10. Sem motivo adequado, não permita a ninguém a entrada no palco, menos ainda no camarim dos atores; e vigie quanto a estes para que, durante a apresentação, não fiquem aqui ou acolá em conversas particulares. Cuide também que seja observada a maior decência possível.

11. Faça de tal modo que o teatro não perturbe o horário normal; havendo necessidade de mudar, fale antes com o superior da casa.

12. Em preparar e desmontar o palco, impeça o mais possível que alguma coisa se rompa, que se estraguem as roupagens e a aparelhagem de teatro.

13. O chefe, não podendo sozinho desempenhar o que prescreve este regulamento, lhe será dado um ajudante, que é o assim chamado "ponto"*.

14. Recomende aos atores uma expressão da voz não afetada, pronúncia clara, gesto natural, decidido; o que conseguirão facilmente se estudarem bem as partes.

15. Tenha-se presente que a beleza e a característica dos nossos teatrinhos consiste nos intervalos breves entre um ato e outro, e na declamação de composições preparadas ou extraídas de bons autores.

* "Ponto", na linguagem de teatro, é a pessoa que permanece oculta e "sopra" (lembra, sugere) ao ator o texto que deve recitar.

NB. Em caso de necessidade, o chefe poderia confiar a um professor dos estudantes, a um assistente dos aprendizes, que animasse os próprios alunos a estudar e a encenar alguma farsa ou um pequeno drama.

Capítulo XVII – Regulamento para a enfermaria

1. O aluno da casa que se sentir mal se apresente ao catequista, ou na sua ausência, ao prefeito, para ter a autorização, se for o caso, de entrar e ficar na enfermaria.

2. Durante todo o tempo de cura deve obedecer ao catequista, representado por um assistente ou pelo enfermeiro, um dos quais procure estar sempre na enfermaria.

3. Os convalescentes não devem sair da enfermaria sem licença, nem ter relação com estranhos não doentes. Quem transgredir esta norma é considerado restabelecido e deverá retomar a vida comum e as suas ocupações ordinárias.

4. Brincar ou gritar não é coisa de doente. Por isso, na enfermaria se deve manter sempre silêncio, menos no tempo estabelecido para o recreio dos convalescentes e dos ligeiramente indispostos, mas entre eles e em lugar apropriado. Não podem entrar livremente no quarto dos doentes mais graves sem licença, que não é concedida, a não ser em caso de absoluta necessidade.

5. O enfermeiro nunca permita que outras pessoas fiquem perto da cama dos doentes, a não ser para realizar alguma tarefa caridosa à qual o próprio doente não tiver condições de realizar.

6. Cabe ao enfermeiro providenciar que o médico visite, o mais cedo possível, os doentes que lhe forem confiados: é conveniente que nessa visita esteja presente o catequista ou quem por ele.

7. Cada doente, percebendo que a doença tem certa gravidade, ele mesmo peça os sacramentos, ao que devem dar atenção imediata o catequista ou o enfermeiro. Possuir a graça de Deus é o maior conforto que pode ter quem está sofrendo.

8. O assistente procure que os convalescentes e os que têm somente algum incômodo não passem o tempo no ócio, pai de todos os vícios; segundo a sua condição, poderá ocupar-se em leituras amenas, estudar o catecismo, ajudar a limpar a enfermaria e coisas semelhantes.

9. Quando o médico ou o enfermeiro declara que alguém está curado, este pare imediatamente de frequentar a enfermaria, mas se apresente ao catequista ou ao prefeito para assumir alguma ocupação.

10. É proibido introduzir ou usar alimentos diferentes dos que são proporcionados na enfermaria ou sugeridos de modo especial pelo médico. Não se toque em nada do que se encontra na enfermaria sem licença.

11. É rigorosamente proibido todo tipo de más conversas. Quem souber de algum companheiro culpado desse escândalo está gravemente obrigado a referir aos superiores.

12. Quem deseja entrar na enfermaria para visitar algum doente obtenha antes a licença do catequista ou do prefeito.

13. Assistente e enfermeiro procurem que este regulamento seja caridosamente executado para a maior glória de Deus.

14. A paciência é necessária aos doentes e a quem cuida deles. *Patientia vobis est necessaria*, diz o salmista, e na paciência possuireis as vossas almas: *In patientia vestra possidebitis animas vestras.*

NB. O enfermeiro, cada dois dias, apresente ao catequista a lista dos que comem na enfermaria.

Segunda Parte

REGULAMENTO PARA AS CASAS DA CONGREGAÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE SALES

Capítulo I – Escopo das casas da Congregação de São Francisco de Sales

Escopo geral das casas da Congregação é o de socorrer, beneficiar o próximo, especialmente mediante a educação da juventude, cultivando-a nos anos mais perigosos, instruindo-a na prática da religião e da virtude.

A Congregação não recusa nenhum tipo de pessoa, mas prefere ocupar-se da classe média e da classe pobre, como as que mais precisam de socorro e assistência.

Entre os jovens da cidade e do interior, não poucos meninos se encontram em tal condição que se torna inútil qualquer meio moral sem a aju-

da material. Alguns mais adultos, órfãos ou sem nenhum acompanhamento porque os pais não podem ou não querem cuidar deles, sem profissão, sem instrução, estão expostos aos perigos de um futuro muito triste, se não encontrarem alguém que os acolha, os encaminhe ao trabalho, à ordem, à religião. Para esses jovens, a Congregação de São Francisco de Sales abre internatos, oratórios, escolas, especialmente nos centros mais povoados, onde costuma ser maior a necessidade. Como não é possível acolher todos os que se apresentam, é preciso definir algumas normas que sirvam para limitar a aceitação dos que, pelas circunstâncias, devem ser preferidos.

Capítulo II – Da aceitação

1. Todo colégio terá um programa ou um prospecto no qual serão indicadas as condições de aceitação conforme a classe das pessoas para as quais será destinado; para acolher os jovens num colégio será preciso observar se há neles as condições indicadas.

2. Para todos se exigirão os atestados de idade, vacinação ou de ter tido varíola, do estado de saúde. Faltando o certificado de saúde, se poderá suprir com a visita do médico. Haverá especial cuidado em não admitir entre os jovens sadios e bem dispostos os que forem doentes de doenças repugnantes, contagiosas ou de tal modo deformados que os torna ineptos para o trabalho e para cumprir as regras e os costumes do colégio.

3. Da mesma forma se cuidará de não admitir jovens ou outras pessoas que, pelo seu mau procedimento e por más conversas, puderem ser de obstáculo para os próprios colegas; por isso, se exigirá de cada um o certificado de bom comportamento dado pelo próprio pároco e, como norma geral, não se admitirão nas nossas casas de educação alunos que tenham sido expulsos de outros colégios.

4. Tratando-se de aceitação gratuita de jovens, se exigirá um certificado que demonstre que são órfãos de pai e de mãe, pobres e abandonados. Se possuírem irmãos ou tios ou outros parentes que podem cuidar deles, estão fora da nossa finalidade. Se o solicitante possuir algum recurso, o trará consigo e será usado em seu benefício, porque não é justo que goze da caridade dos outros quem possui alguma coisa de próprio.

5. Nas nossas casas de beneficência serão aceitos de preferência os que frequentam os nossos oratórios festivos, porque é de grande importância conhecer alguma coisa da índole dos jovens antes de recebê-los definitivamente

nas casas. Todo jovem recebido nas nossas casas deverá considerar seus companheiros como irmãos e os superiores como quem faz as vezes dos pais.

6. Quanto às pessoas destinadas aos trabalhos da casa, além dos certificados acima indicados, se exigirá delas uma declaração de adaptar-se aos regulamentos e às ordens dos superiores nas ocupações e nos lugares que lhe serão confiados. Como norma geral, se cuidará para que essas pessoas não sejam jovens demais.

7. Geralmente falando, os jovens aceitos gratuitamente serão destinados ao trabalho. Como entre eles há alguns a quem Deus concedeu aptidões especiais para o estudo ou para uma profissão liberal, as nossas casas de beneficência se oferecem para ajudar esses jovens, embora não possam pagar nada ou somente uma módica pensão. Dessa forma, esses jovens poderão fazer frutificar para si mesmos e para o próximo os dons que Deus Criador em larga medida lhes concedeu, e não ficarão estéreis e talvez perigosos por falta de meios materiais e de cultura.

8. Será conveniente, porém, ter presente que esses estudos não devem perturbar o regulamento e o horário da casa, dado que os estudantes devem propor serem modelos de bom exemplo para os seus companheiros, especialmente nas práticas de piedade.

9. Ninguém será admitido a estudar, 1° se não tiver completado o curso elementar; 2° se não for dotado de eminente piedade, que normalmente deverá ser comprovada por um bom comportamento durante pelos menos algum tempo em nossas casas; 3° o estudo será o curso clássico ou ginasial, que se vai desde a primeira ginasial até a filosofia, exclusive.

10. Os estudantes devem prestar-se para qualquer serviço da casa, como servir à mesa, dar catecismo e coisas semelhantes.

Capítulo III - Da piedade

1. Lembrai-vos, jovens, de que nós fomos criados para amar e servir a Deus, nosso Criador, e que de nada adiantaria possuir toda a ciência e todas as riquezas do mundo sem o temor de Deus. Deste santo temor depende todo nosso bem temporal e eterno.

2. Para manter-se no temor de Deus muito ajudam a oração, os santos sacramentos e a palavra de Deus.

3. A oração seja frequente e fervorosa, nunca, porém, de má vontade e perturbando os colegas; é melhor não rezar do que rezar mal. De manhã,

ao acordar, como primeira coisa, fazei o sinal da santa cruz e elevai a mente a Deus com alguma oração jaculatória.

4. Escolhei um confessor que seja estável, a ele mostrai todos os segredos do vosso coração cada oito ou quinze dias, ou pelo menos uma vez por mês, como ensina o *Catecismo Romano*; uma vez por mês, todos farão o exercício da boa morte, preparando-se para isso mediante alguma exortação ou outro exercício de piedade.

5. Assisti devotamente a santa missa e não vos esqueçais de fazer todos os dias um pouco de leitura espiritual.

6. Ouvi com atenção as pregações e as outras instruções morais. Cuidai de não dormir, tossir ou fazer algum barulho durante as mesmas. Nunca deixeis as pregações sem levar convosco algum propósito a ser praticado durante as ocupações e dai grande importância ao estudo da religião e do catecismo.

7. Desde jovens, dai-vos à virtude, porque esperar para dar-se a Deus em idade avançada é correr gravíssimo perigo de se perder eternamente. As virtudes que formam o mais belo ornamento de um jovem cristão são: a modéstia, a humildade, a obediência e a caridade.

8. Tende especial devoção ao Santíssimo Sacramento, à Bem-aventurada Virgem Maria, a São Francisco de Sales, a São José, que são os protetores especiais de cada casa.

9. Nunca adoteis uma nova devoção sem a licença do vosso confessor, e lembrai-vos do que dizia São Filipe Neri aos seus filhos: não vos carregueis de muitas devoções, mas perseverai nas que já tendes.

Capítulo IV – Comportamento na igreja

A igreja, queridos filhos, é casa de Deus, é lugar de oração.

1. Sempre que entrardes em alguma igreja, tomai a água benta e, feito o sinal da santa cruz, inclinai-vos diante do altar, se ali houver somente a cruz ou alguma imagem; fazei genuflexão simples, se houver o Santíssimo Sacramento no sacrário; genuflexão dupla, se o Santíssimo estiver exposto. Cuidai, porém, para não fazer barulho, conversar ou rir. Na igreja, não ir ou então ir com o devido respeito. A igreja é casa de Deus, casa de oração, não é lugar para conversas ou dissipação.

2. Não fiqueis parados no limiar da porta da igreja; nunca vos ajoelheis com um joelho só, apoiando-vos grosseiramente com o cotovelo sobre o outro; não vos assenteis sobre os calcanhares, como fazem os cachorrinhos;

nem vos inclineis na cadeira, fazendo das costas um arco; caminhando pela igreja, não façais barulho, incomodando os que estão recolhidos em oração. Lembrai-vos de que é mau costume, ao entrar na igreja, ficar olhando para as pessoas, os objetos ou as obras de arte que nela existem, antes de fazer um ato de adoração a Deus; como também é mau costume ficar em pé durante a missa, ajoelhando somente na hora da elevação, como fazem em alguns lugares.

3. Durante as celebrações sagradas, evitai o quanto possível bocejar, dormir, olhar de cá para lá, conversar e sair da igreja. Esses defeitos mostram pouco desejo das coisas de Deus e em geral perturbam e até escandalizam os colegas.

4. Indo para o vosso lugar, tomai cuidado para não mover os bancos ou as cadeiras, nem fazê-las ranger movendo-vos a cada momento. Nunca deveis cuspir no chão, pois é coisa muito inconveniente e corre o perigo de sujar quem estiver ajoelhado perto de vós.

5. Mantende o recolhimento também ao sair da igreja e não vos amontoeis junto à porta para serdes os primeiros a sair. Esperai para cobrir a cabeça quando estiverdes fora da igreja e ficai atentos para não parar ali e não fazer barulho perto da igreja.

6. Ao recitar as orações, não levanteis demais a voz, mas também não as digais tão baixo que não possais ser ouvidos. As orações se recitem com calma e não precipitadamente, nem haja quem corra na frente, terminando, quando os outros ainda estão na metade.

7. Cantando o ofício divino, observai as pausas indicadas pelo asterisco, e não inicieis o versículo seguinte enquanto o outro coro não tiver terminado. Cuidai para não desafinar ou levantar a voz, cantar fora de tom ou prolongar exageradamente o final dos versículos ou das estrofes.

8. Nunca aconteça abrirdes a boca somente para mostrar a vossa voz; pelo contrário, pensai que com o canto devoto louvais a Deus, e que à vossa voz fazem eco os anjos do céu.

9. Quando tiverdes a bela oportunidade de ajudar a missa, lembrai-vos do que diz São João Crisóstomo: "Em torno do altar sagrado, enquanto se celebra, os coros dos anjos assistem com suma devoção e reverência, de modo que ajudar o padre em tão elevado ministério é mais ofício angélico do que humano".

10. Procurai, portanto, conhecer com exatidão as cerimônias, fazendo bem as inclinações e as genuflexões no tempo devido. Pronunciai com voz clara, distinta e devota as palavras.

11. Nunca deveis ficar com as mãos no bolso; guardai-vos de rir com o colega ou virar para trás; só no tempo devido observai se na balaustrada há quem deseja comungar.

12. Indo e vindo do altar, caminhai com calma; procurai, porém, que o celebrante nunca tenha que esperar.

13. Ide de bom grado confessar-vos; não fiqueis a girar pelos corredores ou pelos pátios no tempo das confissões; procurai preparar-vos bem e manter-vos recolhidos.

14. Não empurreis os colegas para passar à frente deles; esperai com paciência a vossa vez, rezando ou lendo algum livro devoto; mais do que tudo, porém, cuidai de não falar, mesmo que seja em voz baixa.

15. No ato de vos confessar, ficai na posição mais cômoda para o confessor, nunca o forceis a ter que se inclinar sobre vós ou a ficar mal acomodado; não o obrigueis a fazer-vos perguntas no início, mas vós mesmos dizei logo quanto tempo faz que não vos confessais, se praticastes a penitência, se fizestes a comunhão, e depois fareis a acusação dos pecados.

16. Ao aproximar-vos da santa comunhão, não vos amontoeis para comungar mais depressa; e também não vos façais esperar no fim; quem for de pequena estatura, fique em pé.

17. Depois da santa comunhão fazei pelo menos um quarto de hora de ação de graças.

18. Durante o dia criai o belo hábito de fazer alguma visita a Jesus Sacramentado, se vos for possível. Mesmo que dure somente algum minuto, que seja diária.

Capítulo V – Do trabalho

1. Meus jovens, o homem nasceu para trabalhar. Adão foi posto no paraíso terrestre para que o cultivasse. O apóstolo São Paulo diz que é indigno de comer quem não quer trabalhar. *Si quis non vult operari non manducet.*

2. Por trabalho se entende o cumprimento dos deveres do próprio estado, seja de estudo, de arte ou de ofício.

3. Mediante o trabalho podeis tornar-vos beneméritos da sociedade, da religião e fazer o bem à vossa alma, especialmente se oferecerdes a Deus as vossas ocupações diárias.

4. Entre as vossas ocupações preferi sempre as que são mandadas pelos vossos superiores ou prescritas pela obediência, tendo bem presente nunca omitir alguma obrigação vossa para entregar-vos a coisas não mandadas.

5. Se souberdes alguma coisa, dai glória a Deus que é o autor de todos os bens, mas não vos ensoberbais, pois a soberba é um verme que rói e faz perder o mérito de todas as vossas boas obras.

6. Lembrai-vos de que a vossa idade é a primavera da vida. Quem não se habitua ao trabalho no tempo da juventude, em geral será sempre um vadio até a velhice, com desonra para a pátria e para os parentes, e talvez com dano irreparável para a própria alma.

7. Quem é obrigado a trabalhar e não trabalha rouba a Deus e aos seus superiores. Os ociosos, no fim da vida, provarão grandíssimo remorso pelo tempo perdido.

8. Começai sempre o trabalho, o estudo e a aula com o *Actiones* e com a *Ave-Maria*, e terminai com o *Agimus*. Dizei bem estas pequenas orações para que Deus guie os vossos trabalhos e os vossos estudos, e possais lucrar as indulgências concedidas pelos sumos pontífices a quem cumpre essas práticas de piedade.

9. De manhã, antes de começar o trabalho, ao meio-dia e à noite, terminadas as vossas ocupações, rezai o *Angelus Domini*, acrescentando à noite o *De profundis* em sufrágio das almas dos fiéis falecidos; dizei-o sempre de joelhos, menos no sábado à noite e no domingo, que o direis estando em pé; o *Regina coeli* se diz no tempo pascal, sempre em pé.

Capítulo VI – Comportamento nas aulas e no estudo

1. Depois da piedade é sumamente recomendado o estudo. Por isso, a primeira ocupação deve consistir em fazer as tarefas prescritas e estudar a lição; somente depois de terminar tudo isso é que podereis ler algum bom livro ou fazer outra coisa.

2. Cuidai muito dos livros, dos cadernos e de tudo o que vos pertence; procurai não fazer garatujas neles, nem estragá-los de qualquer forma. Nunca vos aproprieis dos livros, do papel e dos cadernos dos outros. Havendo necessidade de alguma coisa, pedi-a gentilmente ao companheiro mais próximo. Não jogueis papel debaixo das mesas ou dos bancos.

3. Na aula, levantai-vos à chegada do professor ou do mestre; e se demorar a chegar, não façais barulho, mas esperai sentados, em silêncio, estudando a lição ou lendo algum bom livro.

4. Procurai nunca chegar atrasados à aula. No estudo e na aula tirai o chapéu, o capote e o lenço ao redor do pescoço, se tiverdes.

5. Precisando faltar à aula ou ao estudo por algum motivo, avisai antes o professor; não podendo fazê-lo por vós mesmos, fazei-o pelo menos por meio de um colega. Ao retornar às aulas, antes de ir para o vosso lugar, apresentai ao professor a razão da vossa ausência.

6. Durante a explicação, evitai o mau costume de bisbilhotar, desenhar figuras no livro, fazer bolinhas de papel, riscar os bancos, fazer sinais exagerados de admiração pelo que ouvistes e, pior ainda, mostrar-vos desgostosos ou aborrecidos pela explicação recebida.

7. Nunca interrompais a explicação mediante perguntas importunas e, se fordes interrogados, levantai-vos prontamente e respondei sem precipitação e sem fazer-vos esperar.

8. Repreendidos por algum fato, nunca respondais com arrogância, embora tenhais carradas de razões; mostrai-vos humilhados, sim, mas contentes de terdes sido avisados. Nunca sejais dos que se revoltam, jogam o livro ao chão, encostam a cabeça na carteira, atos que indicam soberba e má educação.

9. Não zombeis nunca de quem erra ou não pronuncia bem as palavras ou as consoantes duplas. É também contra a caridade ridicularizar os colegas que estiverem menos adiantados nas aulas.

10. Fazer garatujas no quadro-negro, escrever palavras que podem ofender ou ridicularizar alguém, sujar as paredes da sala de aula ou os mapas geográficos ou qualquer outra coisa, derramar tinta ou com ela esborrifar a roupa dos outros, são atitudes que deveis absolutamente evitar.

11. Os trabalhos sejam feitos com grande atenção, as páginas estejam bem limpas, bem escritas, sem rasgaduras nas beiradas e sempre com um pouco de margem.

12. Respeitai os professores, sejam da vossa classe ou das classes dos outros. Sede respeitosos para com os vossos professores dos anos anteriores. O reconhecimento para com quem vos fez benefícios é uma das virtudes que mais orna o coração de um jovem.

13. O horário do estudo varia conforme o horário das aulas, mas todos são obrigados a se informar.

14. O estudo começa com a recitação do *Actiones* e da *Ave-Maria*, e termina com o *Agimus* e outra *Ave-Maria*.

15. Iniciado o estudo, não é mais lícito falar, tomar emprestado ou emprestar alguma coisa, apesar de qualquer necessidade. Evite-se também fazer

barulho com o papel, os livros, os pés ou ao deixar cair alguma coisa. Havendo verdadeira necessidade, faça-se um sinal ao assistente e tudo será feito sem a mínima perturbação.

16. Ninguém se mova ou faça barulho enquanto a campainha não der o sinal de que tudo terminou.

17. No estudo haverá um assistente, o qual é responsável pelo comportamento de cada um, tanto na diligência em comparecer quanto na aplicação. Em cada banco do estudo há um decurião e um vice-decurião para ajudar o assistente.

18. Cada domingo à noite haverá uma palestra para os estudantes, na qual o conselheiro escolar ou quem por ele lerá as notas de comportamento de cada um, com alguma reflexão paternal que sirva de estímulo para os alunos progredirem no estudo e na piedade.

19. Quem não é assíduo ao estudo ou perturba os outros quando está presente será avisado que, se não se corrigir, será logo destinado a outras ocupações ou enviado de volta aos próprios parentes.

20. Para contribuir a fim de que se cumpra com exatidão o próprio dever e também para que na casa haja um lugar onde todos possam ler e escrever tranquilamente, sem serem incomodados, no estudo dever-se-á observar silêncio durante todo o tempo.

21. Quem não possui o temor de Deus abandone o estudo porque trabalha inutilmente. A ciência não entra numa alma malévola, nem habitará num corpo escravo do pecado. *In malevolam animam scientia non introibit, nec habitabit in corpore subdito peccatis*, diz o Senhor (Livro da Sabedoria).

22. A virtude particularmente inculcada aos estudantes é a humildade. Um estudante soberbo é um estúpido ignorante. O princípio da sabedoria é o temor de Deus. *Initium sapientiae est timor Domini*, diz o Espírito Santo. O princípio de todo pecado é a soberba: *Initium omnis peccati superbia scribitur*, afirma Santo Agostinho.

Capítulo VII – Comportamento nas oficinas

1. De manhã, terminadas as práticas de piedade, cada aprendiz, sem fazer barulho, tomará o café da manhã e irá imediatamente e em ordem para a própria oficina, sem parar para conversar ou brincar, e procurará que nada falte para as suas ocupações.

2. O trabalho começará sempre com o *Actiones* e com a *Ave-Maria*. Dado o sinal para o fim do trabalho, se recitará o *Agimus* com a *Ave-Maria*. Ao meio-dia e à noite, antes de sair da oficina, se recitará o *Angelus Domini*.

3. Em cada oficina, todos os que ali trabalham devem ser submissos e obedientes ao assistente e ao mestre de ofícios, como seus superiores, usando grande atenção e diligência ao cumprir os seus deveres e ao aprender o ofício com que, a seu tempo, deverão ganhar o seu pão.

4. Cada aluno fique na própria oficina; ninguém vá à oficina dos outros sem absoluta necessidade, e nunca sem a devida licença.

5. Ninguém saia da oficina sem licença do assistente. Caso seja necessário cumprir algum encargo fora de casa, o assistente pedirá a autorização ao ecônomo ou ao prefeito.

6. Nas oficinas é proibido beber vinho, brincar; as oficinas são lugar de trabalho, não de divertimento.

7. O quanto for compatível com a arte ou o ofício que ali se exerce, observe-se rigoroso silêncio.

8. Cada um tenha cuidado para que não se percam nem se estraguem os instrumentos da oficina.

9. Cada um pense que o homem nasceu para trabalhar e que só quem trabalha com amor e assiduidade tem paz no coração e a fadiga lhe é leve.

10. Estes artigos serão lidos pelo catequista ou pelo assistente todos os sábados, com voz clara, e deles haverá sempre uma cópia nas oficinas.

Capítulo VIII – Comportamento com os superiores

1. O fundamento de toda virtude num jovem é a obediência aos superiores. A obediência gera todas as demais virtudes, e se é necessária para todos, ela o é de modo particular para a juventude. Portanto, se quiserdes adquirir a virtude, começai pela obediência aos vossos superiores, submetendo-vos a eles sem oposição de espécie alguma, como faríeis com Deus.

2. Eis as palavras de São Paulo quanto à obediência: Obedecei aos que vos são prepostos para a vossa guia e vossa orientação e sede-lhes submissos, porque eles deverão prestar contas a Deus das vossas almas. Obedecei a eles, não por força, mas de bom grado, a fim de que os vossos superiores possam cumprir seus deveres com alegria e não entre lágrimas e suspiros.

3. Persuadi-vos que os vossos superiores sentem vivamente a grave obrigação que os incentiva a promover da melhor maneira o vosso bem, e que ao avisar-vos, mandar, corrigir, não buscam senão o vosso bem.

4. Comportam-se mal os que nunca se deixam ver pelos superiores e que, pelo contrário, se escondem ou fogem deles quando se aproximam. Lembrai-vos do exemplo dos pintainhos: os que ficam mais perto da galinha são os que mais recebem dela algum bocado especial. Assim, os que costumam aproximar-se dos superiores recebem sempre algum aviso ou conselho particular.

5. Dai a eles também as demonstrações de reverência que bem merecem, saudando-os respeitosamente quando os encontrardes, mantendo a cabeça descoberta na sua presença.

6. A vossa obediência seja pronta, respeitosa e alegre a todas as suas ordens, não fazendo observações para vos eximir do que mandam. Obedecei sempre, embora o que for mandado não seja do vosso agrado.

7. Abri-lhes livremente o vosso coração, vendo neles pais que desejam ardentemente a vossa felicidade.

8. Ouvi com reconhecimento suas correções e, se for necessário, recebei com humildade o castigo de vossas faltas, sem mostrar ódio ou desprezo para com eles.

9. Fugi da companhia dos que, enquanto os superiores consumam suas fadigas para convosco, censuram suas disposições; o que seria sinal da maior ingratidão.

10. Quando fordes interrogados por um superior a respeito do comportamento de algum vosso colega, respondei da maneira como os fatos vos são conhecidos, especialmente quando se trata de prevenir ou remediar algum mal. Calar nessas circunstâncias seria prejudicar o colega e ofender a Deus.

Capítulo IX – Comportamento com os companheiros

1. Honrai e amai os vossos companheiros como irmãos e procurai edificar-vos uns aos outros mediante o bom exemplo.

2. Amai-vos reciprocamente, como diz o Senhor, mas guardai-vos do escândalo. Quem com palavras, conversas, ações, der escândalo, não é um amigo, mas um assassino da alma.

3. Se puderdes prestar-vos algum serviço e dar-vos algum bom conselho, fazei-o de boa mente. No recreio, acolhei de bom grado no vosso entre-

tenimento qualquer companheiro, sem nenhuma discriminação, e cedei parte dos vossos brinquedos com maneiras gentis. Tende cuidado para nunca falar dos defeitos dos vossos colegas, a não ser que sejais interrogados pelo vosso superior. Nesse caso, cuidai para não exagerar o que dizeis.

4. Devemos reconhecer que vem de Deus todo bem e todo mal, por isso, cuidai para não ridicularizar os vossos colegas por causa de seus defeitos corporais ou espirituais. O que hoje ridicularizardes nos outros, amanhã pode ser que Deus permita que aconteça convosco.

5. A verdadeira caridade manda suportar com paciência os defeitos dos outros e perdoar facilmente quando alguém nos ofende; mas não devemos ofender os outros, especialmente os que nos são inferiores.

6. A soberba deve ser sumamente evitada; o soberbo é odioso aos olhos de Deus e desprezível perante os homens.

Capítulo X – Da modéstia

1. Por modéstia se entende um modo decente e ordenado de falar, tratar com os outros e caminhar. Esta virtude, ó jovens, é um dos mais belos ornamentos da vossa idade e deve aparecer em todas as vossas atividades, em todas as vossas conversas.

2. O corpo e as roupas devem estar sempre limpos, o rosto constantemente sereno e alegre, sem movimentar os ombros ou o corpo de cá para lá, a não ser que um divertimento honesto o exija.

3. Recomendo-vos a modéstia nos olhos; eles são as janelas pelas quais o demônio leva o pecado ao coração. O caminhar seja moderado, não com muita pressa, a não ser que a necessidade exija diversamente; as mãos, quando não estão ocupadas, sejam mantidas em ato decente, e de noite, mantende-as juntas sobre o peito o mais possível.

4. Não ponhais as mãos sobre os outros, nem façais recreio segurando um ao outro pela mão, nem andeis a passeio de braços dados ou agarrando o pescoço dos colegas, como faz a gente da rua.

5. Sede modestos ao falar, nunca useis expressões que podem ofender a caridade e a decência: ao vosso estado, à vossa idade, convém mais um respeitoso silêncio do que se dar a falatórios que geralmente denotam em vós ousadia e loquacidade.

6. Não critiqueis as ações dos outros, nem vos vanglorieis das vossas qualidades ou virtudes. Acolhei sempre com indiferença a queixa e o louvor, humilhando-vos diante de Deus quando alguém vos repreende.

7. Evitai todo ato, movimento ou palavra que saiba a baixeza; procurai corrigir-vos em tempo dos defeitos de temperamento e esforçai-vos para formar em vós uma índole afável e constantemente regulada segundo os princípios da modéstia cristã.

8. Faz também parte da modéstia o modo de comportar-se à mesa, pensando que o alimento nos é dado, não como a brutos, só para satisfazer o gosto, mas para manter sadio e vigoroso o corpo, como instrumento para ser usado a fim de promover a felicidade da alma.

9. Antes e depois da comida fazei os costumeiros atos de religião, e durante a refeição procurai satisfazer também o espírito, ouvindo em silêncio o pouco de leitura que se faz.

10. Não é lícito comer ou beber a não ser o que é oferecido pelo estabelecimento; os que recebem frutas, comidas ou bebidas de qualquer tipo, devem entregá-las ao superior, que disporá delas para que se faça uso moderado.

11. Recomenda-se calorosamente nunca desperdiçar a mínima parte de sopa, pão ou comida. Não esqueçamos o exemplo do Salvador que mandou seus apóstolos recolher as sobras de pão para que não se perdessem: *Colligite fragmenta ne pereant*. Quem estraga voluntariamente qualquer tipo de comida será severamente punido, e muito deve temer que Deus o faça morrer de fome.

Capítulo XI – Da limpeza

1. Deveis apreciar muito a limpeza. A limpeza e a ordem exterior indicam limpeza e pureza da alma.

2. Fugi da vã ambição de afetar elegância ou ajeitar os cabelos para fazer bela figura; procurai que as roupas nunca estejam rasgadas ou sujas.

3. Cortai as unhas a seu tempo e não deixeis que vos cresçam demais. Não fiqueis com os sapatos desamarrados, lavai os pés com frequência, especialmente no verão.

4. Nunca deixeis o quarto sem arrumar a cama, limpar e ajeitar a roupa e pôr em ordem vossas coisas. Não deixeis os sapatos velhos ou outros trastes debaixo da cama, mas ponde tudo em algum canto ou entregai ao encarregado.

5. Todas as manhãs lembrai-vos de lavar as mãos e o rosto, quer para o bem-estar da vossa saúde, quer para não causar repugnância aos outros.

6. Cuidai dos dentes, mantende-os limpos; isso vos livrará do mau hálito, da dor de dentes ou de estragá-los, o que costuma resultar como consequência.

7. Pentear-se deve ser coisa de todas as manhãs. Para ocupar menos tempo e conservar a cabeça mais limpa, usai sempre os cabelos curtos.

8. Não sujeis os dedos com tinta, e se os sujardes, não deveis limpá-los na roupa, como também não sequeis a pena na roupa ao acabar de escrever.

Capítulo XII – Comportamento no andamento da casa

1. Pela manhã, ao sinal da campainha, deixai prontamente a cama, começai a vestir-vos com toda decência possível e sempre em silêncio.

2. Nunca deixeis o quarto sem arrumar a cama, pentear-vos, limpar e arrumar a roupa e pôr em ordem todas as vossas coisas.

3. Dado o segundo sinal da campainha, cada um irá para a capela para o lugar que lhe foi designado a fim de recitar as orações em comum e assistir a santa missa; ou então fazer as próprias ocupações, indo em seguida para a missa no tempo que for determinado.

4. Enquanto se celebra a missa, recitam-se as orações e o santo terço, no fim haverá uma breve meditação.

5. É proibido olhar e mexer na caixa ou baú dos outros. Ao longo do dia, ninguém vá ao dormitório sem licença especial.

6. Tende muito cuidado para não vos apropriardes dos pertences dos outros, mesmo que se trate de coisa mínima; encontrando algum objeto perdido, entregai-o aos superiores; quem se engana a si mesmo ao tomá-lo como próprio, será severamente castigado na proporção do furto cometido.

7. As cartas, os pacotes que se recebem ou se despacham devem ser entregues ao superior, o qual, se julgar oportuno, pode lê-las livremente.

8. É rigorosamente proibido conservar dinheiro, mas deve ser entregue ao prefeito, o qual o fornecerá conforme as necessidades pessoais. É também severamente proibido fazer contratos de venda, compra ou troca e dívidas com quem quer que seja sem licença do superior.

9. É proibido levar para dentro de casa ou para o dormitório pessoas externas. Devendo-se falar com parentes ou com outras pessoas, que seja no

locutório comum. Nunca fiqueis perto dos outros quando conversam de forma particular. Não entreis nas oficinas, nos dormitórios dos outros, porque isso traz grave incômodo a quem entra ou a quem trabalha. É igualmente proibido fechar-se no quarto, escrever nas paredes, plantar pregos, provocar estragos de qualquer tipo. Quem for culpado por estragar alguma coisa é obrigado a mandá-la consertar às próprias custas. Finalmente, é também proibido entrar no ambiente do porteiro, na cozinha, a não ser para quem for encarregado de alguma tarefa.

10. Usai de caridade para com todos, compadecei-vos dos defeitos dos outros, não inventeis apelidos, e nunca digais ou façais coisa alguma que, se dita ou feita a vós, poderia causar aborrecimento.

Capítulo XIII – Comportamento fora de casa

1. Lembrai-vos, jovens, de que todo cristão deve ser de edificação para o próximo, e que nenhuma pregação é mais eficaz do que o bom exemplo.

2. Saindo de casa, sede reservados nos olhares, nas conversas e em todos os vossos atos. Nada pode edificar melhor do que ver um jovem de bom comportamento; ele mostra que pertence a uma comunidade de jovens cristãos e bem educados.

3. Quando fordes a passeio ou para a escola ou para cumprir alguma tarefa fora do Oratório, não deveis parar e ficar apontando com o dedo quem quer que seja, nem dar gargalhadas, menos ainda atirar pedras, divertir-vos saltando fossos ou aquedutos. Essas coisas denotam má educação.

4. Se encontrardes pessoas que ocupam cargos públicos, descobri a cabeça, cedendo-lhes a parte mais cômoda da rua; fareis o mesmo com os religiosos e com toda pessoa constituída em dignidade, especialmente se ela vier ao Oratório ou se nele for encontrada.

5. Passando diante de alguma igreja ou imagem devota, descobri a cabeça em sinal de reverência. Se passardes perto de uma igreja onde se realizam ofícios divinos, fazei silêncio a certa distância para não perturbar os que estão dentro. Encontrando um enterro, descobri a cabeça, recitando em voz baixa um *Requiem aeternam* ou o *De profundis*. No caso de uma procissão, ficai de cabeça descoberta até que passe por completo. Se encontrardes o Santíssimo Sacramento levado aos doentes, ajoelhai-vos no chão com ambos os joelhos para adorá-lo.

6. Lembrai-vos de que, se não vos comportardes bem na igreja, nas aulas, no trabalho ou na rua, além de ter que prestar contas a Deus, desonrais o colégio ou a casa a que pertenceis.

7. Se por acaso um colega tiver más conversas ou propuser coisas más, dizei-o imediatamente ao superior para receber a orientação necessária e comportar-vos com prudência e sem ofender a Deus.

8. Não faleis mal dos vossos companheiros, do andamento da casa, dos vossos superiores ou das suas disposições. Cada um é plenamente livre de ficar ou ir embora, e desonra a si mesmo quem se queixa do lugar onde está com a plena liberdade de ali permanecer ou de ir para onde mais lhe agradar.

9. Quando se vai a passeio é proibido parar pelo caminho, entrar nas tabernas, fazer visitas, ir divertir-se ou afastar-se das filas. Também não é lícito aceitar convites para refeições, para o quê nunca se dará autorização.

10. Se quiserdes fazer um grande bem a vós mesmos e a casa, falai sempre bem dela, procurando também motivos para aprovar o que é feito ou disposto pelos superiores para o bom andamento da comunidade.

11. Exigindo de vós uma obediência racional e espontânea a todas estas regras, os transgressores serão devidamente punidos, e os que as observarem, além da recompensa que devem esperar da parte de Deus, serão premiados também pelos superiores, conforme a perseverança e a diligência.

Capítulo XIV – Dos passeios

1. O passeio é um exercício muito útil para conservar a saúde, por isso, quando as normas o prescrevem, nunca vos deveis recusar a tomar parte.

2. À hora da saída, estai preparados, ponde-vos logo em ordem, sem vos fazerdes esperar. Observe-se que não é lícito aos jovens de uma divisão ir com os de outra.

3. Cada divisão deve ter um assistente, o qual é responsável pelas desordens que nela podem ocorrer.

4. Não se deixem sair os que não têm roupas limpas e sapatos engraxados. No passeio se vá ao lugar determinado, e em tudo se obedeça ao assistente.

5. O passeio não seja uma corrida, nem se façam paradas sem expressa licença dos superiores. Os passeios ordinários duram uma hora e meia, e nunca devem ultrapassar duas horas. A compostura da pessoa, a guarda dos olhos, a gravidade do passo devem ser observadas por todos.

6. A falta que mais será levada em conta é a de se afastar das filas. O assistente não pode dar esta licença. Quem faz compras ou vai a algum bar ou restaurante merece ser expulso de casa.

Advertências

1. Os assistentes no passeio observem com exatidão a hora da partida e do retorno.

2. Não admitam na divisão a eles confiada alguém que não pertence à mesma.

3. Cuidem que os jovens estejam limpos na pessoa e na roupa.

4. Nunca levem os jovens para dentro da cidade ou para visitar museus, galerias, jardins, palácios, etc., sem autorização especial.

5. Nunca permitam que alguém pare pelo caminho ou se afaste do assistente, por nenhum motivo.

6. Se alguém cometer alguma falta, seja imediatamente avisado o diretor dos estudos ou o prefeito.

7. Finalmente, os assistentes pensem que é grande a sua responsabilidade em relação aos jovens, diante de Deus e dos superiores.

Capítulo XV – Comportamento no teatrinho

1. Para vosso divertimento e vossa agradável instrução são encenadas também representações teatrais; mas o teatrinho, que é destinado a cultivar o coração, nunca seja causa da menor ofensa a Deus.

2. Tomai parte alegremente, com reconhecimento para com os vossos superiores que o permitem, mas não deis sinais de desaprovação quando se tiver que esperar ou que forem apresentadas partes que não são do vosso agrado.

3. Ir precipitadamente, até com perigo de machucar os colegas, procurar passar na frente dos outros e sentar-se no melhor lugar e não no lugar marcado, conservar a cabeça coberta enquanto se declama, querer ficar em pé, impedindo a visão dos outros, gritar, assoviar ou dar outros sinais de descontentamento, são coisas que se devem evitar.

4. Logo que se levanta o pano, fazei silêncio, e se não puderdes ver muito bem, não teimeis em ficar de pé incomodando os outros. Se outro estiver na vossa frente, não griteis nem o maltrateis, mas com boas maneiras avisai-o, e se ele não entender, aquietai-vos e sofrei com paciência.

5. Cuidai para não desprezar quem erra ou não declama direito; nunca manifesteis desaprovação, e mesmo fora do teatro não lhe demonstreis desa-

grado de nenhuma espécie. Baixando o pano, aplaudi sempre, mesmo que o espetáculo não tenha sido perfeito, como todos esperavam.

6. Na saída do teatrinho, não vos amontoeis à porta, mas saí na ordem que é indicada e cobri-vos bem, porque o ar de fora ordinariamente é mais frio e pode prejudicar a saúde.

Capítulo XVI – Coisas rigorosamente proibidas na casa

1. Na casa, sendo proibido conservar dinheiro, é também proibida toda espécie de jogo por dinheiro.

2. É também proibida toda espécie de jogo no qual pode haver perigo de se machucar ou que possa resultar contra a modéstia.

3. Sob qualquer pretexto é proibido fumar e mascar tabaco. Cheirar rapé é tolerado nos limites estabelecidos pelo superior, conforme conselho médico.

4. Nunca se dará licença para sair com parentes e amigos para almoçar ou para comprar roupas. Havendo necessidade, pode-se tomar a medida para comprá-las já prontas, ou então mandar fazê-las nas oficinas do estabelecimento.

Três males que se devem absolutamente evitar

Embora cada um deva evitar todo e qualquer pecado, todavia, há três males que deveis evitar de modo especial porque são mais funestos para a juventude. São: l° a blasfêmia e nomear o santo nome de Deus em vão, 2° a imoralidade, 3° o furto.

Crede, meus filhos, um só destes pecados é suficiente para atrair as maldições do céu sobre a casa. Pelo contrário, mantendo distantes esses males, temos os motivos mais seguros para esperar as bênçãos celestes sobre nós e sobre toda a nossa comunidade.

Quem observar estas regras seja abençoado por Deus. Todo domingo à noite ou em outro dia da semana, o prefeito ou quem por ele lerá algum artigo destas normas, com breve e apropriado comentário moral.

Apêndice

AO REGULAMENTO DA CASA QUANTO AO MODO DE ESCREVER CARTAS

Regras gerais

Acontece com frequência ter que escrever cartas, por isso, será oportuno acrescentar aqui, a modo de apêndice, algumas normas.

1. As cartas são um meio com que podemos exprimir os nossos pensamentos e afetos às pessoas ausentes, assim como pela voz os exprimimos aos nossos parentes.

2. Para escrever bem as cartas é útil ler algum bom epistolário; para isso eu vos sugiro o de Aníbal Caro e Sílvio Péllico. Belíssimas são as cartas de São Jerônimo, de São Francisco de Sales e de Santa Catarina de Sena.

3. O estilo das cartas não deve ser rebuscado; pelo contrário, seja simples, espontâneo, pois deve falar de improviso, usar uma linguagem que nunca é forçada e abstrusa. O estilo deve ser preciso, breve, mas sem prejudicar a clareza (Ver o n. 10 e 11 no fim deste apêndice)

4. Quando tiverdes que pedir um favor, não exagereis em elogios, em promessas impossíveis de cumprir, mas pensai que nada ajuda melhor a mover alguém em vosso favor, do que a simplicidade das palavras e a sinceridade dos sentimentos.

5. As sentenças, diz São Gregório Nazianzeno escrevendo a Nicébulo sobre o estilo epistolar, os provérbios, as máximas e os gracejos conferem elegância a uma carta. Devem, porém, ser semeadas, não jogadas ali aos montes. Nunca usá-las é rusticidade, o contrário é afetação.

6. Nas cartas nada haja de afetado, mas tudo seja fácil e natural.

7. A boa educação não permite que se façam perguntas aos superiores; porém, se houver necessidade, pode-se usar esta forma ou alguma semelhante: Permita que eu lhe peça o favor...; Perdoe a liberdade que me permito de lhe pedir... Nem se devem atribuir encargos a serem cumpridos ou enviar saudações para serem transmitidas a outros; querendo fazê-lo, é preciso usar alguma forma gentil e a modo de pedido.

8. É bom seguir esta norma também entre iguais, dizendo, por exemplo: Queira providenciar que tudo esteja preparado... Por favor, peço-lhe a gentileza de etc.

9. Numa carta, uma pessoa constituída em dignidade não deve ser nomeada secamente: o cônego tal, o vosso diretor..., mas se deve dizer: o senhor cônego, o vosso senhor diretor, etc.

10. As cartas podem ser de diversos tipos: políticas, científicas, eruditas, artísticas, didascálicas, conforme se refiram a assuntos de política, ciência, letras, artes ou estudos. Ao passo que se chamam cartas familiares quando tratam de argumentos da vida ordinária..

11. Como na vida de cada dia falamos para perguntar ou responder, para pedir ou agradecer, para advertir ou repreender, para aconselhar, desaconselhar ou augurar..., assim as cartas familiares podem ser para *perguntar ou responder, pedir ou agradecer, avisar ou repreender, consultar ou aconselhar, augurar, etc., etc.*

Partes da carta

12. As partes da carta são a introdução, o assunto central e a saudação. A introdução, ou exórdio, é uma abertura que a pessoa faz de forma adequada para introduzir o assunto que pretende tratar. Esta parte deve ser muito breve e às vezes pode ser omitida e entrar logo no assunto. Quando, porém, se responde a cartas ou a notas de pessoas importantes ou de funcionários públicos, convém citar a data e o assunto da carta que se pretende responder, dizendo, por exemplo: *Cumpro a obrigação de responder sua prezada carta de 10 do corrente mês de junho, relativa a...*

13. O assunto central compreende o que se quer manifestar, seja pedido, convite, congratulação, repreensão, etc.

14. Sob o nome de saudação se entendem os votos de bem-estar, os cumprimentos, as manifestações de reverência e amizade que costumamos usar ao despedir-nos das pessoas a quem estamos escrevendo. Ela deve variar conforme o grau de nossa proximidade ou de relacionamento com a pessoa a quem escrevemos. Por exemplo, escrevendo a um superior se concluirá assim: Com o maior respeito, com a mais elevada estima, com todo respeito, com a maior profunda reverência, com a maior veneração... Escrevendo a uma pessoa simples, não a superiores: Com real estima. Às pessoas familiares: Com particular afeto, com sincera benevolência, com sincero amor. Nas cartas de pedido será bom associar estas expressões: Com o mais vivo reconhecimento, com toda gratidão...; e com sentimentos análogos, em outros casos. Quando se enviarem cartas a personagens ilustres, omite-se a saudação propriamente dita e se escrevem somente afirmações de reverência e respeito.

15. Terminada a carta, às vezes se acrescenta alguma coisa porque foi esquecida ou porque estranha ao assunto. Esse apêndice costuma-se assinalar com as letras P. S. (*Post scriptum* ou *em anexo*); como em geral revela desatenção ou inadvertência, não é bom usá-lo a não ser nas cartas familiares.

16. No fim devereis sempre mostrar que não somos pagãos, por isso, convém acrescentar um pensamento cristão, por exemplo: o céu vos seja propício, não deixarei de pedir a Deus que vos conserve em boa saúde, recomendo-me às vossas orações. Com os bispos e os cardeais é costume usar esta fórmula: peço humildemente a sua santa bênção, ou algo semelhante.

Apresentação da carta e sua forma

17. A folha de papel seja limpa e inteira; para familiares e amigos pode também servir meia folha; para as pessoas graduadas é bom escrever sobre uma folha maior.

18. A letra precisa ser clara e límpida, pois não é de boa educação enviar uma carta que tenha garatujas ou correções, ou tão mal escrita que quem a recebe tem dificuldade de ler.

19. As linhas sejam retas; deixe-se sempre um pouco de margem; a folha seja bem dobrada para dentro, ocultando assim o que nela está escrito.

20. Quem escreve deve cuidar do título dado à pessoa, da data, da assinatura e do endereço.

21. A titulação da carta, isto é, o atributo de honra ou de afeto que se dá às pessoas a quem se escreve não se deve abreviar.

22. Da titulação ao começo da carta costuma-se deixar um intervalo mais ou menos amplo, conforme o maior ou menor grau da pessoa a quem se escreve; convém observar a mesma norma quanto à margem esquerda.

23. Acima e abaixo de cada página convém deixar o espaço intato de ao menos uma linha, e na segunda página continua-se a carta começando na altura da titulação.

24. A fim de não terminar a carta precisamente ao pé da página, quando o respeito pela pessoa a quem se escreve o recomenda, costuma-se fazer de tal modo que duas ou três linhas fiquem para a página seguinte.

25. A data deve constar do lugar, do dia, do mês e do ano em que se escreve; normalmente é posta à direita, quase no alto da página. Quando se escreve a uma pessoa qualificada, põe-se à esquerda, no fim da carta, depois da renovação do título. Deve-se cuidar para que a data seja de fato posta antes

ou depois da carta, sem que venha a separar pensamentos e palavras que se referem à própria carta.

26. A assinatura é o nome de quem escreve e costuma vir acompanhada de um ou mais acréscimos que exprimem respeito ou amizade para com a pessoa a quem a carta é dirigida. Põe-se um pouco separada do assunto central da carta, no fundo da folha, do lado direito.

27. Quando se escreve a uma pessoa qualificada, uma linha abaixo da conclusão da carta, do lado esquerdo, repete-se o título da pessoa, conforme seu grau, e mais abaixo, à direita, põe-se a assinatura. Por exemplo:

De vossa senhoria ilustríssima
obrigadíssimo servidor
N. N.

28. O sobrescrito ou endereço contém o nome e o sobrenome da pessoa a quem se escreve, precedido pelos títulos correspondentes; em seguida vem o nome do lugar para onde se envia a carta; e se a pessoa a quem se escreve desempenha algum trabalho, ou se for preciso indicar a casa onde ela mora, a indicação deve vir numa outra linha depois do nome e do sobrenome.

29. O endereço deve ser feito com a maior exatidão e clareza, escrevendo na primeira linha o título geral: por exemplo: *Ao Ilustríssimo Senhor*; na segunda linha vem o nome e o sobrenome, em seguida o cargo, e só na terceira linha se escrevem as indicações da residência e coisas semelhantes; e quando essas indicações não forem necessárias, o cargo ou o emprego pode ser posto na terceira linha. O nome da localidade ou da cidade para onde a carta é endereçada escreve-se com letra maior, embaixo, à direita, e é costume também sublinhar.

30. Quando a carta deve ir para um lugar pouco conhecido é bom indicar no envelope também algum lugar mais próximo e mais conhecido ou a província onde o lugar se encontra.

31. Quanto à frequência de escrever, devem-se evitar os excessos. Não merecem louvor os que escrevem de qualquer maneira, e por qualquer motivo enviam cartas enormes; como também os que caminham na direção contrária, com dificuldade para responder aos outros, mesmo quando há urgente necessidade.

32. Quanto à frequência em escrever cartas deve-se usar a mesma norma que se usa para as visitas. Quando há necessidade ou conveniência de escrever a alguém alguma coisa, ninguém deve mostrar-se indolente; como também ninguém deve fazer o contrário e gastar papel inutilmente.

33. Quanto aos títulos mais usados, eis os principais:

Ao papa: Sua Santidade.

Aos cardeais: Sua Eminência.

Aos bispos e arcebispos: Sua Excelência Reverendíssima.

Aos teólogos, cônegos e dignitários eclesiásticos: Ilustríssimo e muito Reverendo.

Aos sacerdotes: Muito Reverendo.

Aos clérigos: Reverendo.

Aos professores: Ilustríssimo.

Aos deputados e senadores: Honorável.

Aos dignitários seculares e a qualquer cavalheiro: Ilustríssimo.

Aos comerciantes e profissionais: Prezadíssimo.

Aos jovens estudantes: Gentilíssimo

(1) Nas casas onde houver muitos estudantes e aprendizes pode-se estabelecer um catequista para o cuidado espiritual destes últimos.

(2) *Avisos para quem é adido à sacristia*

1. A todos recomenda-se a observância do silêncio na sacristia, especialmente quando se realizam celebrações sagradas, e quem é adido à sacristia esforce-se por fazê-lo observar também pelos outros.

2. Limpeza na igreja, na sacristia, em todos os móveis, nos altares, nos paramentos, nos bancos da igreja e no púlpito.

3. Grande atenção para não estragar nem manchar os paramentos e outras alfaias da igreja; tenha-se cuidado em recolher, conservar a cera derretida e a sobra das velas, do óleo e do vinho.

4. Não se acendam as velas antes do tempo, nem se causem problemas acendendo-as antes que o pregador tenha terminado a sua alocução.

5. Tenha-se diligência em dobrar as alvas, as casulas e os demais paramentos sagrados, menos os amitos e os sanguinhos que se recomenda ficarem ao cuidado de cada celebrante.

6. Os sacristães, no devido tempo, levem a roupa para lavar, passar e também remendar, caso seja necessário.

7. Na missa da comunidade suspendam as orações em comum quando se diz o *Confiteor, Misereatur, Indulgentiam, Ecce Agnus Dei...* para a comunhão, e quando na missa se dá o sinal da elevação da hóstia e do cálice, e o sacerdote dá a bênção.

8. Tratem com grande gentileza os que vêm à sacristia para cumprir algum encargo, especialmente se pedirem confessores; agradeçam cordialmente aos que fazem alguma oferta ou dão alguma esmola para a celebração de missas.

IV. DELIBERAÇÕES DOS ÚLTIMOS CAPÍTULOS-GERAIS PRESIDIDOS POR DOM BOSCO (1883-1886)

Entre os documentos elaborados no terceiro (1883) e quarto (1886) Capítulo-Geral da Congregação Salesiana – dos quais ainda participou o fundador – merece consideração particular o novo Regulamento para os oratórios festivos, bem como *as deliberações referentes à* Orientação que deve ser dada ao setor operário nas casas salesianas. *Os dois documentos foram publicados, como já foi lembrado, no ano de 1887.*

Os conteúdos do Regulamento*, formulados nos dez breves artigos que ele compreende, apresentam numerosas e significativas diferenças em relação aos quase 270 artigos do amplo e orgânico* Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales, *transcrito nas páginas precedentes. De fato, basta acenar a um dado: dos treze cargos ou ofícios – com as respectivas incumbências – propostos pelo regulamento de 1877, na nova versão de 1887 são descritos apenas dois: o do diretor da casa e de outro sacerdote responsável pelo Oratório.*

Essa simplificação das instâncias organizativas não significa, porém, que seja pouco apreciada a importância da atividade oratoriana no pensamento e na experiência de Dom Bosco; pelo contrário, o Capítulo-Geral de 1883 formulou ao mesmo tempo esta norma: em todos os lugares onde houver uma casa salesiana seja fundado um oratório festivo a ser considerado como "a obra mais importante"; os sócios salesianos e os leigos são chamados a colaborar com o bom andamento da mesma, considerando-a "a única tábua de salvação" para muitos jovens.

No terceiro Capítulo-Geral de 1883, além disso, foi posto na ordem do dia, pela primeira vez, o estudo do tema referente "ao setor operário nas casas salesianas", que depois foi aprofundado pelo quarto (1886)[22].

Nos manuscritos conservados no Arquivo Salesiano Central não se encontram intervenções da mão de Dom Bosco, presidente da assembleia. Na redação das últimas fases de elaboração do documento notam-se os traços da letra de alguns membros do Capítulo de importância: Luís Nai, Miguel Rua, João Marenco, Júlio Barberis, entre outros.

A este propósito, Eugênio Ceria escreve: "Dom Bosco, em 1886, um pouco mais de um ano antes da sua morte, convocou e presidiu o quarto Capítulo-Geral, no qual se tratou do aperfeiçoamento a ser introduzido entre os aprendizes. Resultou um conjunto de normas, poucas, mas fundamentais, que, formuladas sob

[22] *Deliberazioni del terzo e quarto Capitolo generale della Pia Società salesiana tenuti in Valsalice nel settembre 1883-86*. San Benigno Canavese, Tipografia Salesiana 1887, pp. 18-22.

o olhar de Dom Bosco e por ele transmitidas as casas, foram como o documento-base das escolas profissionais salesianas para todo tempo e lugar"[23].

As "normas importantes" de 1887 constituíram um passo muito relevante na transformação das oficinas primitivas de Valdocco em escolas de artes e ofícios[24].

As variantes entre o texto crítico do documento final do quarto Capítulo-Geral e o publicado impresso em 1887 são poucas e, em geral, de caráter estilístico-formal. Só em algum caso é considerado oportuno assinalar, em nota ao pé da página, as modificações introduzidas.

182. Regulamento para os oratórios festivos

Edição impressa em *Deliberazioni del terzo e quarto Capitolo generale della Pia Società salesiana tenuti in Valsalice nel settembre 1883-86*. San Benigno Canavese, Tipografia Salesiana 1887, pp. 22-24.

O artigo 3 do capítulo I das nossas Constituições diz que o primeiro exercício de caridade da Pia Sociedade de São Francisco de Sales é o de recolher jovens pobres e abandonados para instruí-los na santa religião católica, particularmente nos dias santos.

Para atender eficaz e difusamente a este nobre intento é grandemente útil nas cidades e nos lugares onde existe uma casa salesiana, implantar também um ambiente recreativo, ou seja, o oratório festivo para os jovens externos, que são mais necessitados de instrução religiosa e expostos aos perigos de perversão.

Por essa razão, o terceiro Capítulo-Geral delibera quanto segue:

1. Cada diretor seja solícito em implantar um oratório festivo junto à sua casa ou instituto, se ainda não existir, e de estimular seu desenvolvimento, se já tiver sido fundado. Considere essa obra como uma das mais importantes das que lhe foram confiadas, recomende-a à caridade e à benevolência das pessoas abastadas do lugar para ter os subsídios necessários; fale com frequência, encorajando os coirmãos a se ocuparem dele e instruindo-os

[23] E. Ceria, *Annali della Società salesiana. Dalle origini…*, p. 653.
[24] Cf. Sante Redi di Pol, *L'istruzione professionale popolare a Torino nella prima industrializzazione,* em *Scuole, professioni e studenti a Torino*… Turim, Centro Studi sul Giornalismo Piemontese 1984, p. 81; citação por José Manuel Prellezo, *La "parte operaia" nelle case salesiane. Documenti e testimonianze sulla formazione professionale (1883-1886)*, em RSS 16 (1997) 370.

para isso, e nunca esqueça que um oratório festivo já foi o berço da nossa humilde Congregação.

2. Para a perpétua memória deste fato e para exemplo e auxílio das outras casas sejam promovidos e apoiados de modo particular os oratórios festivos de São Francisco de Sales e de São Luís Gonzaga em Turim, e o anexo à casa de San Benigno Canavese; e por quanto possível, sejam empregados neles os clérigos e os outros sócios salesianos a fim de que se tornem sempre mais capazes de exercer um tão importante ministério de caridade para o bem da juventude em situação de risco.

3. Na distribuição do pessoal em cada casa, o inspetor, de acordo com o diretor da mesma, todos os anos, tenha em mente determinar um sacerdote ao qual seja atribuído o especial encargo do oratório festivo, e o diretor seja amorosamente generoso em fornecer-lhe a ajuda material e pessoal considerada necessária para seu bom andamento.

4. Todos os sócios salesianos, eclesiásticos e leigos considerem-se felizes por prestar sua ajuda, persuadindo-se de que este é um apostolado de suma importância, porque, no tempo atual, o oratório festivo é para muitos jovens, especialmente nas cidades e no interior, a única tábua de salvação.

5. Para regular a implantação e o desenvolvimento do oratório, antes de tudo procure-se manter um bom relacionamento e harmonia com a autoridade eclesiástica local.

6. Onde houver colégios ou internatos impeça-se toda comunicação entre os internos e os externos. Para eliminar todo perigo e perturbação, na medida do possível, designe-se um lugar próximo, com pátio adequado, capela à parte e tudo o que for necessário para os jovens, as aulas e para o caso de intempéries.

7. São especialmente recomendados os jogos e divertimentos de diversos tipos, segundo a idade e os costumes do lugar, sendo este um dos meios mais eficazes para atrair os jovens para o oratório.

8. Para promover a frequência e o bom comportamento nos oratórios festivos, são muito úteis os prêmios a serem distribuídos em tempos determinados: por exemplo, livros, objetos de devoção, roupas, como também rifas, passeios, teatrinhos fáceis e morais, aula de música, pequenas festas, etc.

9. O bom andamento do oratório festivo depende particularmente de usar sempre um verdadeiro espírito de sacrifício, grande paciência, caridade e benevolência para com todos, de tal modo que os jovens tenham e conservem sempre uma lembrança saudosa, e o frequentem, mesmo quando forem adultos; como também depende da promoção das Companhias de São Luís, do Pequeno Clero, etc.

10. O Capítulo-Geral aprova o regulamento para os oratórios festivos, que é impresso à parte.

183. Orientação a ser dada ao setor operário nas casas salesianas

Edição crítica em RSS 16 (1997) 388-391[25].

Entre as principais obras de caridade que a nossa Pia Sociedade exerce, consiste em acolher, na medida do possível, os jovens de tal modo abandonados que para eles tornar-se-ia inútil qualquer cuidado; de instruí-los nas verdades da fé católica e de encaminhá-los a alguma arte ou ofício. Por isso, nas casas onde o número de aprendizes for considerável, poder-se-á encarregar um dos sócios para que cuide particularmente deles com o nome de conselheiro profissional.

A finalidade que a Pia Sociedade Salesiana se propõe ao acolher e educar jovens aprendizes é a de prepará-los de tal modo que, ao sair das nossas casas, terminado o seu tempo de aprendizagem, disponham de um ofício para ganhar honestamente o próprio pão, sejam bem instruídos na religião e tenham conhecimentos científicos adequados para o seu estado de vida.

Como consequência, a orientação a ser dada a eles deve ser de três ordens: educação religiosa e moral, intelectual e profissional.

Orientação religiosa e moral

Obter-se-á uma boa educação religiosa e moral pondo em prática fielmente as seguintes normas:

1. Haja o maior cuidado para que o regulamento das casas seja fielmente posto em prática.

2. Lembre-se com frequência aos alunos o pensamento de Deus e do dever, e eles se persuadam de que a bondade dos costumes e a prática da religião é própria e necessária para toda condição de pessoas.

[25] *Indirizzo da darsi alla parte operaia nelle case salesiane, e mezzi onde svilupparne e coltivarne le vocazioni [1887],* em J.M. Prellezo, *La "parte operaia" nelle case salesiane...*, pp. 353-391; Id., *Las escuelas profesionales salesianas. Momentos de su historia*. Madri, Editorial CCS 2012; cf. *Dei giovani artigiani,* em *Deliberazioni del terzo e quarto Capitolo generale...*, pp. 18-22.

3. Cuide-se muito para que saibam que são amados e estimados pelos superiores, o que se obtém tratando-os com espírito de verdadeira caridade que, somente ele, pode torná-los bons.

4. Para reavivar o estudo do catecismo haverá um exame apropriado (a ser passado duas vezes por ano?) e prêmios especiais a serem distribuídos com certa solenidade para os que tiveram maior proveito.

5. Sejam também instruídos no canto gregoriano, para que, ao sair, possam tomar parte nas celebrações religiosas das paróquias e das confrarias.

6. Além das Companhias já existentes, possivelmente se introduza a do Santíssimo Sacramento, para animá-los à comunhão frequente.

7. Onde for possível, separem-se os pequenos dos grandes, especialmente no dormitório e no recreio.

8. Evite-se o inconveniente de fazer passar para os aprendizes os alunos que forem reprovados pelo seu comportamento; se o diretor, por motivos especiais, julgar bom fazer alguma exceção, mande-os para outras casas.

9. O diretor, cada dois meses, faça uma conferência aos assistentes e aos chefes de oficinas para ouvir as observações que eles têm a fazer e dar-lhes as normas e as instruções oportunas para o bom andamento das oficinas; quando for preciso, convidem-se também chefes de oficina externos, se houver.

10. Em vista da grande necessidade que se tem de chefes de oficinas para abrir sempre novas casas e estender a um número maior de jovens o benefício da educação, todo coirmão procure, mediante o bom exemplo e a caridade, inspirar nos alunos o desejo de fazer parte da nossa Pia Sociedade; quando alguém for aceito como candidato, seja enviado, mesmo com sacrifício, para uma casa apropriada para eles.

11. É importante pôr o aluno que terminou seu tempo de aprendizagem junto a patrões bons e cristãos e que lhe seja dada uma carta de apresentação a ser entregue ao próprio pároco.

12. É conveniente[26] inscrevê-los entre os Cooperadores Salesianos e recomendá-los a alguma sociedade operária católica.

Orientação intelectual

A fim de que os alunos aprendizes no seu aprendizado profissional adquiram o conjunto de conhecimentos literários e científicos que lhes são necessários, estabelece-se quanto segue:

[26] Nas *Deliberações* impressas se acrescenta: "se o comportamento foi bastante bom" (*Deliberazioni del terzo e quarto Capitolo generale...,* p. 18).

1. Todos os dias tenham uma hora de aula; para os que tiverem maior necessidade, haja aula também de manhã após a missa da comunidade, até a hora do café da manhã. Onde as leis exigirem mais, será conveniente adaptar-se ao que for prescrito.

2. Organize-se um programa escolar a ser seguido em todas as nossas casas de aprendizes e sejam indicados os livros a ler e a explicar nas aulas.

3. Classifiquem-se os jovens depois de tê-los feito passar por um exame, e confie-se sua instrução a mestres que tenham prática do seu ofício.

4. Uma vez por semana, um superior dê a eles uma lição de boa educação.

5. Ninguém pode ser admitido a aulas especiais, como desenho, língua francesa, etc., se não for suficientemente instruído nos assuntos próprios das classes elementares.

6. No fim do ano escolar, haja um exame para constatar o aproveitamento de cada aluno, e sejam premiados os mais dignos.

7. Imprima-se um atestado a ser entregue ao jovem quando, terminado o aprendizado, quiser sair do instituto; no atestado conste distintamente seu aproveitamento na arte ou no ofício, na instrução e no bom comportamento.

Orientação profissional

Não basta que o aluno aprendiz conheça bem a sua profissão; para que possa exercê-la com proveito, é preciso que tenha adquirido a capacidade para diversos trabalhos e os realize com presteza.

Para alcançar esta finalidade, será conveniente:

1. Favorecer o mais possível a inclinação dos jovens na escolha da arte ou do ofício.

2. Providenciar mestres de ofício hábeis e honestos, mesmo com sacrifício pecuniário, a fim de que nas oficinas possam realizar com perfeição diversos trabalhos.

3. O conselheiro profissional e o mestre de oficinas dividam, ou levem em conta se já está dividida, a série progressiva dos trabalhos que constituem o conjunto da arte ou do ofício a ser ensinado em diversos cursos e graus, pelos quais façam passar gradualmente o aluno, de tal modo que este, depois de sua aprendizagem, conheça e possua de forma plena o exercício do seu ofício.

4. Não se pode determinar a duração do tempo de aprendizagem, dado que nem todos os ofícios requerem o mesmo tempo para serem aprendidos; de modo geral, porém, pode-se falar de cinco anos.

5. Em cada casa profissional, haja todos os anos uma exposição dos trabalhos realizados pelos nossos alunos por ocasião da distribuição dos prêmios; e cada três anos, uma exposição geral, da qual participem todas as nossas casas de aprendizes.

Para obter a habilidade e a presteza na execução do trabalho será útil:

1. Atribuir semanalmente aos jovens duas notas distintas, de trabalho e de comportamento.

2. O trabalho será distribuído por empreitada, fixando uma porcentagem para o jovem, segundo um sistema preparado pela comissão.

3. A casa dos alunos aprendizes seja bem provida do material necessário para eles se aperfeiçoarem nas diversas profissões, e disponha dos melhores mestres salesianos.

TERCEIRA PARTE

ESCRITOS E TESTEMUNHOS DE DOM BOSCO SOBRE A VIDA ESPIRITUAL

Aos cuidados de

Aldo GIRAUDO

INTRODUÇÃO

Dom Bosco, prolífico escritor religioso, não é considerado um "autor espiritual" no sentido clássico do termo. Nele não encontramos textos autobiográficos semelhantes aos de Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz ou Santa Teresa de Lisieux. Nem ele compôs tratados ou manuais de vida espiritual afins aos Exercícios espirituais *de Santo Inácio de Loyola, ao* Combate espiritual *de Lourenço Scúpoli, à* Introdução à vida devota *de São Francisco de Sales, ao* Exercício da perfeição e das virtudes cristãs *de Afonso Rodríguez ou às pequenas obras ascéticas de Santo Afonso Maria de Ligório. Todavia, deixou um amplo testemunho do seu ensinamento espiritual esparso nos seus numerosos escritos e documentado nas memórias recolhidas pelos discípulos. Por isso, pode ser considerado um "mestre de vida espiritual, particularmente pela sua fecundíssima ação de formador de santos, de guia espiritual de comunidades e de pessoas, de fundador de congregações, de iniciador de um movimento histórico de traços inconfundíveis, que se configura como verdadeira escola de santidade cristã*[1].

Se confrontarmos os traços que qualificam o seu magistério e a sua praxe com os de outras escolas espirituais, descobriremos inegáveis sintonias com os ensinamentos de São Franciso de Sales e também elementos substanciais assimilados na escola de São José Cafasso, na moral e na ascética de Santo Afonso de Ligório, na espiritualidade clássica, na literatura jesuítica. No seu apostolado, especialmente na luminosa e familiar caridade para com os jovens, podem-se entrever muitos pontos de contato com São Felipe Neri. Todavia, Dom Bosco continua inconfundível.

Mediante a Introdução à vida devota *e os* Entretenimentos espirituais*, São Francisco de Sales lhe transmite, reelaborada, a substância da espiritualidade italiana do humanismo devoto, que enfatiza a beleza da piedade, fonte de gozo*

[1] Quanto à dependência e à originalidade dos ensinamentos espirituais de Dom Bosco cf. Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica.* Vol. II. *Mentalità religiosa e spiritualità.* Roma, LAS 1981. Entre as sínteses mais significativas da espiritualidade de Dom Bosco, além da apenas citada de P. Stella, lembramos: Francis Desramaut, *Don Bosco et la vie spirituelle*. Paris, Beauchesne 1967; Joseph Aubry, "La scuola salesiana di don Bosco", em Ermanno Ancilli, *Le grandi scuole della spiritualità cristiana*. Roma, Pontificio Istituto di Spiritualità del Teresianum; Milão, O.R. 1984, pp. 669-698; Pietro Scotti, *La dottrina spirituale di don Bosco*. Turim, Società Editrice Internazionale 1939; Alberto Caviglia, "Savio Domenico e Don Bosco. Studio", em *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*. Vol. IV. Turim, Società Editrice Internazionale 1943, pp. 5-590; Id., *Il "Magone Michele" una classica esperienza educativa. Studio*, em *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco...* Vol. V. Turim, Società Editrice Internazionale 1965, pp. 131-200; Id., *Un documento inesplorato. La Vita di Besucco Francesco scritta da Don Bosco e il suo contenuto spirituale*, em *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco...* Vol. VI. Turim, Società Editrice Internazionale 1965, pp. 105-262.

e mantém o equilíbrio entre a vontade humana e a graça, gosta de simplificar as práticas de piedade para deixá-las ao alcance das pessoas mais comuns. A escola espiritual italiana caracteriza-se também por uma atitude combativa que deriva da consciência da presença no coração do homem de uma "dupla lei", o que o leva a se sentir estimulado ao "combate espiritual", ao exercício da mortificação dos sentidos, da oração e da prática sacramental, mas em perspectiva de crescimento na virtude. Como Francisco de Sales, Dom Bosco olha com otimismo para essa luta na certeza da vitória, pela sua fé no poder da graça santificante e na eficácia do sangue de Cristo que fecunda o esforço humano e torna os caminhos de santidade acessíveis também aos pequenos, aos jovens. Em consideração à estrutura psicológica destes, ele cuida das coisas pequenas, dá mais importância à mortificação interior do que à corporal, estimula a alegria interior e a afetividade na piedade, insiste na unificação da vida de oração e da vida ativa, educa a um espírito de adaptação e de conciliação, sem jamais esquecer a totalidade da entrega de si mesmo a Deus.

O "entregar-se a Deus" proposto com insistência aos jovens não é senão o convite a converter-se com generosidade ao primado do amor divino, superando todo apego e egocentrismo.

Em síntese, trata-se de conduzir cada um a apropriar-se, de forma plena e definitiva, das promessas batismais no contexto da própria condição de menino ou de adolescente; a pôr Deus, de maneira alegre e operativa, no centro da própria existência, dos pensamentos e dos interesses. Deriva daí um dinamismo interior que no dia a dia é fecundo de frutos espirituais, abre caminhos de purificação e de construção virtuosa, impele para uma santidade operativa, isto é, para uma vida cristã integral e alegre que se exprime na fuga do pecado, no exercício prático da caridade, na união com Deus, na fidelidade aos compromissos assumidos e aos deveres do próprio estado, numa vida fervorosa e repleta de relações humanas fecundas.

As consequências dessa opção são uma vida marcada pela fidelidade, pela observância obediente e alegre, permeada de bondade, amável, operativa, servi-çal; é um constante e doce compromisso de superação de si mesmo, de purificação do coração e de exercício das virtudes, que se traduz em testemunho, em tensão apostólica, em empenho vocacional a serviço da Igreja e da sociedade. Desde este ponto de vista, a de Dom Bosco é mais uma ascética do que uma mística, embora o dinamismo central seja constituído pelo amor de Deus, e a piedade que ele promove se caracterize pela perfeita unificação da ação e da contemplação. Nem podia ser diversamente, dado o seu caráter de contemplativo operante e de apóstolo da contemporaneidade, de seu propósito de querer ser luz e sal, fermento evangélico na cidade terrestre na perspectiva da cidade celeste.

Traços inconfundíveis de Dom Bosco são a insistência sobre a centralidade da obediência como caminho de perfeita conformação com Cristo no dom generoso de si mesmo; a acentuação posta sobre a "bela virtude", a castidade, como condição indispensável para a intimidade amorosa com Deus e fonte de graças, e como realização perfeita da entrega de si mesmo ao Amado sobre todas as coisas; a valorização pedagógica dos sacramentos da penitência e da Eucaristia; a promoção de uma devoção mariana inseparável da decidida orientação interior para a perfeição virtuosa na correspondência operativa à graça, no zelo pela glória de Deus, no espírito de oração, no exercício das virtudes quotidianas, no fervor eucarístico e apostólico: uma devoção mariana capaz de acender no coração dos jovens o desejo da mais alta perfeição[2].

Nota peculiar da sua espiritualidade é a função ativa e determinante atribuída pelo educador cristão à sua guia paciente, à sua caridade ardorosa, ao seu zelo, à sua doação diária, à forma particular da sua "assistência". Aqui se insere o discurso sobre a tarefa do educador-confessor, do amigo da alma que conquista a confiança e provoca a abertura do próprio coração; que ensina a arte do exame de consciência, a forma de arrependimento perfeito, estimula ao propósito eficaz, guia pelos caminhos da purificação e do exercício das virtudes, introduz ao gosto pela oração e pela prática da presença de Deus, ensina o itinerário para uma fecunda comunhão com o Cristo eucarístico. Confissão e comunhão frequentes estão intimamente ligadas na pedagogia espiritual de Dom Bosco. Pela confissão assídua e regular promove-se a vida "na graça de Deus" e alimenta-se a tensão virtuosa que permite aproximar-se de maneira sempre mais "digna" da comunhão frequente; ao mesmo tempo criam-se as condições para que, por meio da comunhão eucarística, Deus se "aposse" de forma definitiva do coração, para que a graça encontre condições interiores ideais que lhe permitam agir eficazmente, transformar e santificar.

Estas características impregnam todo o magistério spiritual de Dom Bosco, inclusive a espiritualidade do religioso e da religiosa salesiana. A entrega decidida de si a Deus proposta aos jovens, na consagração religiosa assume um movimento mais radical, totalizador, que acentua o primado absoluto de Deus e as exigências operativas de um seguimento incondicionado, expresso mediante a profissão dos votos, de um movimento de plena conformação com Cristo oferecido e imolado. A substância é a mesma, a de uma caridade ardente que alimenta o dom incondicionado de si mesmo em tensão unitiva e operativa, que se traduz em disponibilidade obediente, em espírito de sacrifício, em trabalho incessante a serviço da missão, em sobriedade e essencialidade da vida, em castidade serena, em fraternidade, em serviço solícito e amoroso, em fidelidade e observância.

[2] Cf. A. Caviglia, *Il "Magone Michele" una classica esperienza educativa*, em *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco.* Vol. V, p. 156.

Nesta terceira parte, dedicada aos escritos e aos testemunhos de Dom Bosco sobre a vida espiritual, a quantidade e a variedade da documentação impôs a necessidade de uma seleção. Os critérios seguidos são os da importância histórica, do significado e do conteúdo exemplificativo. São seis as seções que a compõem: 1ª Orientações de vida para os jovens; 2ª Orientações de vida espiritual para os salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora; 3ª Orientações para um cristianismo coerente e ativo; 4ª A dimensão mariana da espiritualidade salesiana; 5ª O zelo pela salvação das almas: os modelos de Dom Bosco; 6ª Testamento espiritual. Cada seção é introduzida por uma breve "apresentação" que ilumina e situa no contexto as fontes nela contidas e os critérios seguidos para a seleção.

PRIMEIRA SEÇÃO

ORIENTAÇÕES DE VIDA ESPIRITUAL PARA OS JOVENS

Apresentação

Não existe um escrito sistemático de Dom Bosco sobre a formação espiritual dos jovens. Seja como for, dispomos de uma quantidade de subsídios impressos, testemunhos biográficos, intervenções formativas, em que é possível identificar uma visão bem definida da vida cristã, junto com alguns temas específicos que se repetem e que sublinham atitudes e valores, comportamentos virtuosos a cultivar e perigos a evitar. Tudo isso nos permite reconstruir o horizonte espiritual de Dom Bosco, ancorado nos parâmetros culturais e na sensibilidade típica do seu tempo e do seu ambiente, claramente devedor de tradições espirituais precedentes, todavia marcado por alguns princípios espirituais e traços pedagógicos que definem sua peculiaridade e permitem a sua transposição em contextos históricos e culturais diversos dos anos oitocentos na Itália. Neste sentido o material que aqui apresentamos é significativo e exemplar.

Quatro partes compõem esta seção.

A primeira é constituída pelas porções mais substanciosas do Jovem Instruído *(1847). Livro fundamental de Dom Bosco, "adaptado aos tempos e à juventude" – como ele escreve nas* Memórias do Oratório – *"oportuno pelas suas ideias religiosas, apoiado na Bíblia", no qual se expõem "os fundamentos da religião católica com a máxima brevidade e clareza"* [1]*. Não é uma simples coletânea de orações, mas um pequeno manual de vida espiritual com meditações, leituras edificantes, instruções e devoções que visam a alimentar o espírito de piedade, a tocar o coração dos jovens e orientá-los para uma vivência cristã integral e alegre. O estudo desse documento é essencial para compreender os traços fundamentais da pedagogia espiritual de Dom Bosco*[2].

A segunda parte compreende uma amostra de cartas dirigidas a jovens individualmente ou a comunidades educativas salesianas. Ressaltam as notas que

[1] Giovanni Bosco, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introdução e notas históricas de Aldo Giraudo. Roma, LAS 2011, p. 164.

[2] Cf. Pietro Stella, *Valori spirituali nel "Giovane provveduto" di san Giovanni Bosco*. Roma, Scuola Grafica Borgo Ragazzi Don Bosco 1960.

caracterizam a direção espiritual de Dom Bosco, seu realismo operativo e a tendência à simplificação, que não consistia em abaixar o horizonte dos ideais, mas que era estratégia educativa. A orientação cristã das suas sugestões é muito clara. Exigentes e robustas são suas propostas. Evidente é a referência contínua à concretude do quotidiano, aos seus desafios e às responsabilidades que dele derivam. Dom Bosco possui a arte de projetar horizontes transcendentes de sentido e visões entusiasmantes de futuro, aptas a inspirar uma vida muito intensa. Convencido da ação eficaz de Deus no coração de cada ser humano, ele sabe estimular os melhores sentimentos dos jovens, sua generosidade inata, para suscitar a colaboração concreta com a graça santificante.

Na terceira parte são transcritos os regulamentos originais das Companhias de São Luís Gonzaga (1847), da Imaculada (1856) e do Santíssimo Sacramento (1858). As Companhias foram instrumentos excelentes para a formação espiritual da elite juvenil no Oratório e nas casas de Dom Bosco. Reservadas aos jovens mais sensíveis à vida interior, disponíveis para um caminho espiritual totalizador, abertos à colaboração educativa entre os colegas, foram um viveiro de vocações salesianas.

A quarta parte recolhe alguns exemplos de breves exortações de Dom Bosco aos jovens, sob a forma de instruções dominicais, de pequenos discursos à noite ("boas-noites") e de contos de sonhos. Demonstrações eficazes de um estilo plenamente formativo próprio do santo educador.

I. O JOVEM INSTRUÍDO

*Aparecido em sua primeira edição em 1847, o "*Jovem Instruído*" é o livro de Dom Bosco que teve o maior sucesso editorial. No ano de sua morte foi impressa a 119ª edição. Foram feitas reimpressões com pouquíssimas adaptações até 1961*[3]*. É também o livro a que Dom Bosco esteve mais afeiçoado e que recomendou constantemente.*

Representa o ponto de chegada das suas experiências pastorais entre os jovens do primeiro Oratório e constitui a base para os futuros desenvolvimentos do seu programa de santidade juvenil. Nele são postos em relevo os conteúdos e os métodos do modelo de vida cristã proposto aos jovens, seus inconfundíveis "horizontes de espiritualidade juvenil" [4]*. Esta era a intenção do autor, declarada desde o proêmio, onde afirma querer ensinar "um método cristão de vida que seja ao mesmo tempo alegre e contente", "breve e fácil, mas suficiente" para que os jovens possam se tornar "a alegria dos pais, a honra da pátria, bons cidadãos na terra a fim de ser um dia felizes habitantes do céu".*

Do ponto de vista do conteúdo, o volume está dividido em três partes, mais um apêndice de cânticos sacros. A primeira parte *contém uma série de instruções e reflexões sobre Deus e sua relação privilegiada com os jovens, sobre os deveres do cristão, as verdades eternas e a exemplaridade de São Luís Gonzaga.*

A segunda parte *oferece uma série de "Exercícios particulares de piedade cristã", que são peculiares ao contexto devoto dos anos oitocentos, mas que foram selecionados e estruturados com vistas ao tipo específico de vida cristã que Dom Bosco gostava de propor e em sintonia com a sua sensibilidade pessoal: orações da manhã e da noite; sugestões para assistir com fruto à santa missa e aproximar-se dos sacramentos; orações para a visita ao Santíssimo e para a comunhão espiritual; coroinhas ao Sagrado Coração de Jesus, a Nossa Senhora das Dores e outras práticas devotas; orações para o exercício da boa morte; uma instrução a respeito da escolha do próprio estado de vida (inserida muito mais tarde, depois de 1878).*

A terceira parte *do* Jovem Instruído *contém o ofício de Nossa Senhora e os formulários para a celebração das vésperas ao longo de todo o ano.*

[3] [Giovanni Bosco], *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri, degli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'ufficio della beata Vergine e dei principali vespri dell'anno coll'aggiunta di una scelta di laudi sacre ecc*. Turim, Tipografia Paravia e Comp. 1847; Giovanni Bosco, *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri e degli esercizi di cristiana pietà…* 119ª ed. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1888; Id., *Il giovane provveduto per la pratica dei suoi doveri e degli esercizi di cristiana pietà.* Novíssima edição revista com base no texto original e adaptada na parte devocional aos usos atuais. Turim, Società Editrice Internazionale 1961.

[4] Cf. P. Stella, *Valori spirituali nel "Giovane provveduto"…*, pp. 80-126.

Aqui reproduzimos integralmente a primeira e a segunda parte do Jovem Instruído, *inclusive as fórmulas de oração e as práticas devocionais comuns ao catolicismo dos anos oitocentos. De fato, também nelas o trabalho editorial de Dom Bosco imprime uma marca inconfundível. É muito instrutivo para o leitor percorrer aqueles textos rezados diariamente pelos meninos de Valdocco, tão densos de afetos devotos e de tensão espiritual, tão fecundos de resolução operativa e de responsabilidade ética, tão orientados para o empenho ascético e virtuoso.*

Os estudiosos individuaram os autores referenciais de Dom Bosco, mas também identificaram seus critérios de escolha e de exclusão, as acentuações e os matizes que conferem à pequena obra um cunho inconfundivelmente pessoal [5]*. Por exemplo, o aceno aos enganos que o demônio insinua na mente dos jovens para que não se entreguem a Deus desde a juventude e a afirmação da perfeita sintonia entre a religião e a alegria. Em particular, a insistência sobre a juventude como tempo favorável para o empenho virtuoso, para uma vivência batismal integral, fecunda de frutos por toda a vida. A idade juvenil, segundo Dom Bosco, é "a chave de toda a existência terrena"* [6]*, idade responsável e construtiva, momento feliz para entrar numa relação privilegiada com Deus e empreender um caminho virtuoso e gozoso rumo à santidade (*Servite Domino in laetitia*).*

Emergem também outros temas que voltarão seguidamente no magistério do Santo: a necessidade de estar sempre prontos porque a morte pode chegar a qualquer hora fixando eternamente o nosso destino; o cuidado pela união com Deus numa relação afetuosa e oblativa, feita de oração, práticas devotas, jaculatórias, oblações; a devoção mariana; o exercício de virtudes específicas, como o amor e o temor de Deus, a obediência e a pureza, a caridade e o serviço; o cumprimento exato e alegre dos deveres do próprio estado; o cuidado pela meditação, pela escuta da palavra de Deus, pela instrução catequética; a necessidade de mortificar os sentidos, de fugir dos maus companheiros e das ocasiões de pecado; a centralidade estratégica dos sacramentos da confissão e da comunhão, pilares do método formativo posto em ação por Dom Bosco.

A importância do Jovem Instruído *sobressai particularmente quando é lido em sintonia com todo o ensinamento de Dom Bosco e "com todo o sistema e o estilo de vida" no qual o Santo mergulhava os seus jovens no dia a dia do Oratório*[7]*. O leitor poderá dar-se conta disto comparando-o com outros textos contidos nesta antologia, particularmente com as vidas de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco.*

[5] Cf. Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Vol. II. *Mentalità religiosa e spiritualità*. Roma, LAS 1981; Francis Desramaut, *Don Bosco e la vita spirituale*. Leumann (Turim), Elle Di Ci 1970.

[6] Pietro Braido, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*. Terceira edição corrigida e retocada. Roma, LAS 2009, vol. I, p. 232.

[7] P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…*, I, p. 233.

184. O jovem instruído na prática dos seus deveres dos exercícios de piedade cristã*

Edição impressa em [Giovanni Bosco], *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri degli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'ufficio della beata Vergine e dei principali vespri dell'anno coll'aggiunta di una scelta di laudi sacre ecc*. Turim, Tipografia Paravia e Comp. 1847, pp. 5-143. (OE II, 185-323).

À juventude

Dois são os principais ardis de que se vale o demônio para afastar os jovens da virtude. O primeiro é fazê-los acreditar que para servir o Senhor é preciso levar uma vida triste e longe de qualquer divertimento e prazer. Não é assim, queridos jovens. Vou indicar-vos um método de vida cristã que vos deixe alegres e contentes e ao mesmo tempo vos dê a conhecer quais são os verdadeiros divertimentos e os verdadeiros prazeres, de modo que possais dizer com o santo profeta Davi: Sirvamos ao Senhor em santa alegria. *Servite Domino in laetitia.* Este é o escopo deste livrinho: ensinar a servir ao Senhor sem perder a alegria.

O outro engano é o de dar-lhes a esperança de uma vida longa e de se converterem mais tarde, na velhice ou na hora da morte. Atenção, meus filhos, porque muitos se deixaram enganar. Quem nos assegura que chegaremos à velhice? Seria preciso firmar um pacto com a morte para que nos espere até lá: porém a vida e a morte estão nas mãos de Deus, que delas dispõe como lhe aprouver. E ainda que vos concedesse vida longa, ouvi o grande aviso que ele vos dá: "O homem, na velhice e até a morte, segue o caminho que principiou a trilhar na sua adolescência". *Adolescens iuxta viam suam etiam cum senuerit non recedet ab ea*. Significa que, se agora que somos jovens, começarmos a viver bem, seremos bons também quando tivermos idade avançada, boa será a nossa morte e princípio de uma felicidade eterna. Pelo contrário, se deixarmos que os vícios tomem conta de nós durante a juventude, é muito provável que continuemos assim até à morte, presságio funesto de uma eternidade infeliz. Para que isso não vos aconteça, apresento-vos uma norma de vida breve e fácil, mas suficiente para que vos torneis a consolação dos vossos pais, a honra de vossa pátria, bons cidadãos na terra e depois felizes habitantes do céu.

* A tradução usada nesta coletânea corresponde basicamente à tradução do *Jovem Instruído* existente em português, com frequentes adaptações para a nossa linguagem atual.

Este pequeno volume se divide em três partes. Na primeira, encontrareis o que deveis fazer e o que deveis evitar a fim de viver como bons cristãos. Na segunda, há várias práticas de piedade. Na última, o ofício da Bem-aventurada Virgem Maria, os principais ofícios da oração de vésperas do ano e uma série de cânticos espirituais.

Meus caros, eu vos amo de todo o coração. Basta que sejais jovens para que eu vos ame muito. Posso garantir-vos que podereis encontrar muitos livros escritos por pessoas bem mais doutas e virtuosas do que eu, dificilmente, porém, encontrareis quem mais do que eu vos ame em Jesus Cristo e quem mais do que eu deseje a vossa verdadeira felicidade. O Senhor, portanto, esteja sempre convosco e vos conceda a graça de poderdes, com a prática desses poucos conselhos, salvar as vossas almas e assim aumentar a glória de Deus, que é a finalidade única deste livrinho.

Sede felizes, e o santo temor de Deus seja a vossa riqueza durante toda a vossa vida.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

Primeira parte: Do que precisa um jovem para se tornar virtuoso.

Artigo 1° - Conhecimento de Deus

Erguei os olhos, queridos filhos, e contemplai tudo quanto existe no céu e na terra. Tempo houve em que o sol e a lua, as estrelas, o ar, a água, o fogo não existiam. Com a sua onipotência, Deus os tirou do nada e os criou; por esse motivo ele se chama Criador. Este Deus, que sempre existiu e sempre há de existir, depois de ter criado tudo o que há no céu e na terra, deu existência ao homem, a mais perfeita de todas as criaturas visíveis. De modo que os nossos olhos, os pés, a boca, a língua, os ouvidos, as mãos, tudo é dom do Senhor.

O homem distingue-se dos outros animais especialmente porque é dotado de uma alma que pensa, raciocina e conhece o que é bem e o que é mal. Sendo puro espírito, a alma não pode morrer com o corpo, mas quando o corpo for levado à sepultura, a alma começará uma nova vida que não terminará jamais. Se for virtuosa, será para sempre bem-aventurada com Deus no paraíso, onde gozará de todos os bens por toda a eternidade; se praticar o mal,

será punida com terrível castigo no inferno, onde sofrerá para sempre toda espécie de suplícios.

Por isso, convencei-vos, queridos filhos, de que todos vós fostes criados para o paraíso, e que Deus, Pai amoroso, experimenta imenso desgosto quando se vê constrangido a condenar alguém ao inferno. Oh! como o Senhor vos ama e deseja que pratiqueis boas obras, para depois vos tornardes participantes da grande felicidade que ele preparou para todos eternamente no céu.

Artigo 2° - Os jovens são muito amados por Deus

Persuadidos, queridos filhos, de que todos nós fomos criados para o paraíso, devemos encaminhar todas as nossas ações para esse grande fim. A isso deve animar-nos o prêmio que Deus nos promete e o castigo com que nos ameaça; mas o que mais nos deve atrair ao seu amor e ao seu serviço é o grande amor que Deus nos dedica. Porque, embora ame todos os homens como obra das suas mãos, todavia, consagra particular afeto aos jovens, pois encontra neles suas delícias: *Deliciae meae esse cum filiis hominum*. Vós sois as delícias e o amor de Deus que vos criou. Ele vos ama porque ainda tendes tempo para praticar muitas boas obras. Porque estais ainda na idade da simplicidade, humildade e inocência, e em geral não chegastes a ser vítimas infelizes do inimigo infernal.

Também o nosso Salvador deu provas de especial benevolência para com os meninos. Ele nos assegura que considera como feito à sua pessoa tudo que se fizer em benefício deles. E ameaça terrivelmente os que vos dão escândalos mediante palavras ou ações. Eis aqui as suas palavras: "Se alguém escandalizar a algum destes pequenos que creem em mim, melhor seria que lhe pusessem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem no mais profundo do mar". Gostava que os meninos o seguissem, chamava-os para junto dele, abraçava-os e lhes dava a sua bênção.

Dado que o Senhor vos ama na idade em que estais, como não deve ser firme o vosso propósito de corresponder a ele, procurando fazer tudo o que for do seu agrado e evitando tudo o que poderia causar-lhe desgosto!

Artigo 3° - A salvação de um jovem depende ordinariamente do tempo da juventude

Dois são os lugares que nos são preparados para a outra vida. Um inferno para os maus, onde se sofrem todos os males; um paraíso para os bons, onde se goza de todos os bens. Entretanto, o Senhor vos dá a conhecer que, se começardes a ser bons na juventude, também sereis bons para o resto da vida,

que receberá como prêmio uma felicidade de glória. Pelo contrário, uma vida desordenada iniciada na juventude facilmente será desordenada até à morte, e vos levará inevitavelmente para o inferno. Por isso, se virdes homens avançados em anos entregues ao vício da embriaguez, do jogo, da blasfêmia, quase sempre podereis dizer: estes vícios começaram na juventude: *Adolescens iuxta viam suam, etiam cum senuerit non recedet ab ea* (Pr 22, 6).

Ah! meu filho, diz Deus, lembra-te do teu Criador no tempo da tua juventude. Em outro lugar declara feliz o homem que começa a observar os seus mandamentos desde a adolescência. Esta verdade era conhecida pelos santos, especialmente por Santa Rosa de Lima e São Luís Gonzaga, que tendo começado desde os cinco anos de idade a servir fervorosamente ao Senhor, quando adultos, não encontravam nenhum prazer a não ser em tudo o que se referia a Deus, e assim se tornaram grandes santos. Dizemos o mesmo do filho de Tobias que, ainda muito jovem, já era obediente, submisso em tudo à vontade dos seus pais; quando eles morreram, Tobias continuou a viver virtuosamente até à morte.

Mas (dirão alguns), se começarmos agora a servir ao Senhor, viveremos tristes. Não é verdade; será triste somente o jovem que servir ao demônio; tal jovem, por mais que se esforce para se mostrar alegre, terá sempre um coração que chora, dizendo-lhe: tu és infeliz porque és inimigo de Deus. Quem era mais afável e mais jovial do que São Luís Gonzaga? Quem era mais divertido e mais alegre do que São Filipe Neri? Entretanto, a sua vida foi uma contínua prática de todas as virtudes.

Coragem, portanto, meus caros: entregai-vos quanto antes à virtude e vos asseguro que tereis um coração sempre alegre e contente e provareis como é bom servir ao Senhor.

Artigo 4° - A primeira virtude de um jovem é a obediência a seus pais

Assim como uma plantinha delicada, embora posta no bom terreno de um jardim, cresce torta e definha se não for cultivada ou, por assim dizer, guiada até certo ponto, assim vós, meus queridos filhos, haveis de pender certamente para o lado do mal, se não vos deixardes guiar pelos encarregados da vossa educação. Essa guia a encontrareis na pessoa dos vossos pais e dos que fazem suas vezes, a quem deveis obedecer com toda exatidão. Honra teu pai e tua mãe e viverás longo tempo sobre a terra, diz o Senhor. Mas em que consiste esta honra? Consiste na obediência, no respeito e na assistência. Na obediência: por isso, quando vos ordenarem qualquer coisa, fazei-a prontamente sem vos mostrardes contrariados; não sejais daqueles que encolhem os

ombros, balançam a cabeça e, o que é pior, respondem com insolência. Estes fazem grande injúria, não só a seus pais, mas ao mesmo Deus, que por meio deles vos manda fazer isto ou aquilo. O nosso Salvador, embora todo-poderoso, quis ensinar-nos a obedecer, submetendo-se em tudo a Nossa Senhora e a São José, no humilde ofício de carpinteiro. E para obedecer ao Pai celeste morreu por entre tormentos na cruz.

Do mesmo modo, deveis ter muito respeito por vosso pai e vossa mãe. Por isso, não façais nada sem sua licença, nem vos mostreis impacientes em sua presença, nem conteis a outros os seus defeitos. São Luís nada fazia sem licença e, na ausência dos pais, ele a pedia aos seus criados. O jovem Luís Comollo, um dia, contra a vontade, foi forçado a ficar longe dos seus pais por mais tempo do que lhe tinham permitido. Ao chegar em casa, chorando, pediu humildemente perdão pela desobediência involuntária.

Deveis também prestar assistência a vossos pais em tudo de que necessitarem, quer com os serviços domésticos que puderdes fazer, e muito mais ainda, entregando-lhes todo o dinheiro, os presentes, qualquer coisa que receberdes, empregando tudo conforme eles aconselharem. É também obrigação para todo jovem cristão rezar de manhã e à noite pelos seus pais, a fim de que Deus lhes conceda todos os bens espirituais e temporais.

Tudo o que vos digo a respeito dos vossos pais estende-se também aos vossos superiores eclesiásticos ou leigos, como também a vossos mestres, cujos ensinamentos, conselhos e correções deveis receber com humildade e respeito, porque tudo o que vos ordenam é para o vosso maior bem; e porque a obediência que prestais a vossos superiores é como se a prestásseis a Jesus Cristo e a Maria Santíssima.

Duas coisas recomendo-vos de todo o coração. A primeira é que sejais sinceros com os vossos superiores, não encobrindo com mentiras as vossas faltas e ainda menos pretendendo negá-las; dizei sempre a verdade, com franqueza, pois as mentiras vos tornarão filhos do demônio, príncipes da mentira, e servem unicamente para que, descoberta a verdade, sejais tidos por mentirosos e desacreditados perante vossos superiores e vossos companheiros. Em segundo lugar, tomai por norma de vossa vida e de vossas ações os conselhos e as advertências de vossos superiores. Felizes de vós, se assim fizerdes; os vossos dias serão felizes, todas as vossas ações serão sempre boas e de edificação para o próximo. Concluo, dizendo-vos: dai-me um jovem obediente e se tornará santo; o desobediente, pelo contrário, caminha por uma estrada que o levará à perda de todas as virtudes.

Artigo 5° - Do respeito que deveis ter pelas igrejas e pela religião

A obediência e o respeito aos vossos superiores deve ser acompanhada também pelo respeito para com as igrejas e com tudo o que se refere à religião. Somos cristãos, por isso devemos venerar tudo o que diz respeito a essa realidade, especialmente a igreja, que é chamada templo do Senhor, lugar de santidade, casa de oração, na qual tudo o que pedirmos a Deus nos será concedido. *In ea omnis qui petit accipit* [Lc 11,10]. Ah, meus queridos filhos! Que grande prazer dais a Jesus Cristo, que bom exemplo dais ao povo, ao estar na igreja com devoção e recolhimento! Quando São Luís ia para a igreja, o povo corria para vê-lo e todos ficavam edificados com a sua modéstia e o seu comportamento. Ao chegar à igreja, sem correr e sem fazer barulho, fazei o sinal da cruz com água benta e ajoelhai-vos, adorai a Santíssima Trindade com três *Gloria Patri* etc.

Se ainda não tiver chegado a hora da celebração sagrada, podeis recitar as alegrias de Maria Santíssima ou fazer alguma outra prática de piedade. Tende muito cuidado para não rir na igreja ou falar sem necessidade, porque basta uma só palavra ou um sorriso para dar escândalo e perturbar os que assistem às sagradas celebrações. Santo Estanislau Kostka ficava na igreja com tanta devoção que muitas vezes não ouvia quem o chamava ou não percebia quando seus servos o tocavam, pedindo-lhe que fosse para casa.

Além disso, recomendo-vos que tenhais sumo respeito pelos sacerdotes e religiosos. Por isso, acolhei com veneração as recomendações que vos derem; descobri a cabeça em sinal de reverência quando falardes com eles ou os encontrardes pelo caminho. Principalmente tomai muito cuidado em não desprezá-los com atos ou com palavras, porque alguns jovens, ao zombarem do profeta Eliseu mediante apelidos, Deus os castigou fazendo sair da floresta lobos que se atiraram sobre eles e despedaçaram quarenta. Quem não respeita os ministros sagrados deve temer grandes males da parte do Senhor. Se ouvirdes falar mal dos ministros de Deus, fazei como o jovem Luís Comollo que costumava dizer: "Dos sacerdotes, ou se fala bem ou se cala". Também devo advertir-vos de que não tenhais vergonha de vos mostrardes cristãos também fora da igreja. Por isso, quando passardes diante de uma igreja, de alguma imagem de Maria Santíssima ou de algum santo, não deixeis de descobrir a cabeça em sinal de reverência. Assim vos mostrareis verdadeiros cristãos e o Senhor vos cobrirá de bênçãos pelo bom exemplo que dareis ao próximo.

Artigo 6° - Leitura e palavra de Deus

Além das orações habituais da manhã e da noite, exorto-vos também a que empregueis algum tempo na leitura de algum livro que trate de coisas

espirituais, como a *Imitação de Cristo*, a *Filoteia* de São Francisco de Sales, a *Preparação para a morte* de Santo Afonso, *Jesus ao coração do jovem*[8].

A leitura de trechos desses livros será muito proveitosa para a vossa alma. E tereis também mérito redobrado diante de Deus, se contardes aos outros o que lestes, ou se o lerdes para os outros, sobretudo para os que não sabem ler.

Assim como o nosso corpo sem alimento adoece e morre, do mesmo modo acontece com a nossa alma, se a privarmos do seu alimento. Nutrição e alimento da nossa alma é a palavra de Deus, isto é, as pregações, a explicação do Evangelho e do catecismo. Sede, pois, muito diligentes em chegar a tempo na igreja, e lá prestai toda a atenção e procurai aplicar a vós mesmos o que perceberdes ser apropriado para o vosso estado. Além disso, é muito importante frequentar o catecismo. Não alegueis o pretexto de que já o sabeis pelo fato de terdes sido admitidos à sagrada comunhão, pois a vossa alma, da mesma forma como o vosso corpo, também agora necessita de alimento, e se privais vossa alma desse alimento, vos expondes ao perigo de graves danos espirituais.

Recomendo-vos também que façais todo o possível para frequentar as vossas paróquias, a fim de cumprir estes vossos deveres, pois o vosso pároco foi destinado de modo especial por Deus para cuidar da vossa alma. Guardai-vos igualmente do engano do demônio quando sugere: *Isso é bom para o meu companheiro Pedro, aquilo é para Paulo.* Não, meus caros, o pregador fala a todos e entende aplicar a todos as verdades que expõe. Além disso, o que não servir para corrigir o passado, servirá para vos preservar de algum pecado no futuro.

Quando ouvirdes algum sermão, procurai guardá-lo na memória durante o dia e, especialmente à noite, antes de deitar, recolhei-vos um pouco e refleti sobre o que ouvistes. Se assim fizerdes, tirareis grande proveito para a vossa alma.

Dos males que a juventude deve evitar de modo particular

Artigo 1° - Fuga do ócio

O ócio é o laço principal que o demônio estende para a juventude, fonte funesta de todos os vícios. Persuadi-vos, meus caros, de que o homem

[8] A *Imitação de Cristo,* a *Filoteia* ou *Introdução à vida devota* de São Francisco de Sales e a *Preparação para a morte* de Santo Afonso Maria de Ligório eram obras muito difundidas no tempo de Dom Bosco; *Jesus ao coração do jovem* era um livrinho do cônego José Zama Mellini (1788-1838), escrito em forma de colóquios afetuosos entre Jesus e o leitor.

nasceu para trabalhar e, quando abandona o trabalho, está fora do seu centro e corre grande perigo de ofender ao Senhor. Nada há que atormente mais os condenados no inferno do que ter passado no ócio o tempo que Deus lhes tinha dado para se salvarem. Pelo contrário, nada há que conforte mais os bem-aventurados do paraíso do que pensar que o tempo empregado para Deus proporcionou-lhes um bem eterno.

Não pretendo, porém, que vos ocupeis da manhã à noite sem terdes algum descanso, pois existem muitas coisas que, enquanto servem para vos ocupar, ao mesmo tempo também vos podem proporcionar satisfação e grande utilidade.

Essas coisas são, por exemplo, o estudo da história, da geografia, das artes mecânicas e liberais, e outros estudos e trabalhos domésticos, que enquanto vos divertem, podem também vos fazer adquirir conhecimentos úteis e honestos, e deixar contentes os vossos superiores; aliás, podereis também ocupar-vos em jogos e divertimentos, contanto que sejam lícitos e que sirvam para vos distrair e não cansem. Nunca deveis tomar parte nesses divertimentos sem antes pedir a devida licença, e preferi os que exercitam o corpo, pois são mais úteis para a vossa saúde. Afastai para longe de vós certos enganos, fraudes e espertezas, invencionices do espírito, que com frequência causam discórdias e ofendem a caridade dos vossos companheiros. Enquanto participais de um jogo, de alguma conversa ou de algum passatempo, elevai de vez em quando a mente a Deus, oferecendo-lhe vossas diversões para sua maior honra e glória.

Perguntando a São Luís, enquanto se divertia com seus colegas, o que faria se naquele momento um anjo o avisasse de que dentro de um quarto de hora o Senhor o chamaria para submetê-lo ao seu tremendo juízo, ele prontamente respondeu: Continuaria a brincar, porque sei com certeza que esses divertimentos agradam ao Senhor.

Finalmente, o que mais vos recomendo é que nos vossos divertimentos e recreações fujais o mais possível dos maus companheiros, como se foge da peste.

Artigo 2° - Fuga dos maus companheiros

Há três espécies de companheiros. Alguns são bons, outros são maus; e há os que não são totalmente maus, mas também não são bons. Com os primeiros podeis entreter-vos e vos será útil; com os últimos podeis tratar quando necessário, mas sem contrair familiaridade. Os maus devem ser absolutamente evitados, sempre. Mas quais são esses companheiros maus? Ficai atentos e compreendei quais são. Todos os jovens que na vossa presença não

têm vergonha de ter conversas obscenas, usar palavras equívocas ou escandalosas, murmurar, mentir, jurar falso, proferir imprecações, blasfêmias, ou que procuram afastar-vos das práticas religiosas ou levar-vos a transgredir os vossos deveres, são maus companheiros, ministros de satanás, dos quais deveis fugir mais do que da peste ou do próprio diabo. Ah, meus caros, com as lágrimas nos olhos eu vos suplico: fugi e aborrecei esse tipo de companhias!

Ouvi o que diz o Senhor: Quem anda com uma pessoa virtuosa, também se torna virtuoso. O amigo dos estultos se torna semelhante a eles. Evitai os maus companheiros como se evita a mordida de uma serpente venenosa: *tamquam a facie colubri*. Em suma, se andardes com os bons, eu vos asseguro que com eles ireis para o paraíso. Pelo contrário, se frequentardes os perversos, também vos haveis de perverter e perdereis irreparavelmente a vossa alma.

Alguém dirá: são tantos os maus companheiros, que seria preciso sair do mundo para evitar a todos. Sei que há muitos maus companheiros, e precisamente por isso vos recomendo com todas as minhas forças para que fujais deles. E se, por acaso, para não tratar com eles, fôsseis obrigados a ficar sozinhos, seríeis felizes, pois teríeis como companheiros Jesus Cristo, a Bem-aventurada Virgem Maria, o vosso Anjo da Guarda. Seria possível encontrar companheiros melhores do que estes?

Apesar disso, podem existir também bons companheiros e são os que frequentam os santos sacramentos, vão à igreja, vos animam a cumprir os vossos deveres e não têm conversas que ofendem Nosso Senhor. Frequentai a esses e tereis grande proveito. Desde que o jovem Davi começou a ter como companheiro um jovem chamado Jônatas, se tornaram bons amigos, com vantagens para os dois, pois um encorajava o outro na prática da virtude.

Artigo 3° - Evitar as más conversas

Quantos jovens estão no inferno por causa das más conversas! Esta verdade pregava-a já São Paulo quando dizia que as coisas obscenas não deviam ser nem mesmo pronunciadas pela boca de um cristão, porque são a ruína dos bons costumes: *Currumpunt bonos mores colloquia prava.* Considerai as conversas como comida: por melhor que seja um prato, bastaria que caísse nele uma só gota de veneno para provocar a morte dos que o provassem; o mesmo acontece com as conversas obscenas. Uma palavra, um gesto, uma brincadeira são suficientes para ensinar a malícia a um ou a mais companheiros; e aqueles jovens que eram cordeiros inocentes de Jesus Cristo, tornam-se presas infelizes do demônio.

Alguém poderá dizer: conheço as consequências funestas das más conversas, mas como fazer? Eu estou numa escola, num bar, numa loja ou num trabalho e ali há más conversas. Sei também eu que existem esses lugares, por isso vos sugiro a regra pela qual podeis livrar-vos delas sem ofender ao Senhor. Se forem pessoas inferiores a vós, corrigi-as rigorosamente; caso forem pessoas às quais não convém censurar, fugi, se puderdes, e se não puderdes, ficai atentos para não tomar parte nem com palavras, nem com o sorriso, e no vosso coração, dizei: Meu Jesus, misericórdia! Não faltará quem ria ou zombe de vós, mas isso não importa. Chegará o tempo em que rir e zombar dos maus se mudará em pranto no inferno, e o desprezo dos bons se mudará na mais consoladora alegria no paraíso: *Tristitia vestra vertetur in gaudium* [Jo 16,20]. Ficando assim firmes por causa do Senhor, acontecerá que os vossos próprios zombadores serão obrigados a estimar a vossa virtude, de modo que não ousarão mais molestar-vos com seus raciocínios perversos.

Onde estava São Luís ninguém mais tinha coragem de proferir uma palavra menos honesta, e quando acontecia de ele chegar no momento em que alguém a pronunciava, logo se dizia: silêncio, aí vem Luís.

Artigo 4° - Evitar o escândalo

Quando o demônio não consegue apanhar algum jovem como sua presa, ele se serve dos escandalosos. De quantos pecados enormes carregam a própria consciência os jovens que na igreja, na rua, na escola, em qualquer lugar, durante as suas ocupações dão escândalo. Quantas forem as pessoas que os observam, tantos são os pecados de que se tornam culpados aos olhos de Deus. E o que dizer dos que chegam a ensinar a malícia aos que ainda são inocentes? Esses malvados ouçam o que lhes diz o Salvador. Um dia, tomando um menino pela mão e voltando-se para o povo que o ouvia, disse: "Ai de quem der escândalos a um desses meninos; infelizmente há escândalos no mundo, mas ai de quem os der; seria melhor para ele que lhe amarrassem uma mó de moinho ao pescoço e o atirassem para o fundo do mar". Se fosse possível extirpar do mundo os escândalos, quantas almas iriam para o paraíso, mas, ao contrário, vão perder-se eternamente no inferno. Fugi dessa raça de malvados, fugi deles mais do que do demônio. Uma menina em tenra idade, ao ouvir uma conversa escandalosa, disse a quem falava: foge daqui, diabo maldito. Se vós, meus caros, quiserdes ser verdadeiros amigos de Jesus Cristo e reparar o grande mal que fazem às almas os escandalosos, procurai dar bom exemplo. Por isso, as vossas conversas sejam boas e modestas; comportai-vos devotamente na igreja, obedecei e respeitai os vossos superiores. Oh, quantas almas vos imitarão e caminharão pela estrada do paraíso! E vós estareis certos

de vos salvardes, porque quem busca a salvação de uma alma pode com certeza esperar a salvação da própria: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti.* Estas são as coisas principais de que vós, caros jovens, deveis fugir neste mundo: são poucas, mas suficientes para que possais formar-vos para um estado de vida virtuosa e cristã. Felizes de vós, se fugirdes delas; eu vos asseguro que chegareis a salvar eternamente a vossa alma.

Artigo 5° - Modo de comportar-se nas tentações

Também na vossa tenra idade o demônio vos estende laços para roubar a vossa alma; por isso, deveis estar bem atentos para não cair quando fordes tentados, ou seja, quando o demônio vos sugerir fazer o mal. Será de grande ajuda para preservar-vos das tentações evitar as ocasiões, as conversas escandalosas, os espetáculos públicos, onde não há nada de bom, e em geral se aprende sempre alguma coisa má. Procurai estar sempre ocupados, e quando não souberdes o que fazer, preparai altarzinhos, consertai imagens ou quadros; pelo menos ide passar algum tempo com um divertimento honesto, bem entendido, com a licença dos vossos pais. E quando fordes tentados, não fiqueis esperando que o demônio tome conta do vosso coração, mas fazei logo alguma coisa para vos livrar da tentação, mediante um trabalho ou alguma oração. E se a tentação continuar, fazei o sinal da santa cruz, beijai algum objeto abençoado, dizendo: São Luís, fazei que eu não ofenda o meu Deus. Eu falo desse santo porque foi proposto pela Igreja para ser o protetor especial da juventude. De fato, ele, para vencer as tentações, fugia de toda espécie de ocasião, jejuava com frequência a pão e água, flagelava-se até o sangue, de tal modo que as roupas, as paredes e o chão ficavam tingidos com o seu sangue inocente. Assim é que Luís conseguiu vitória completa contra todas as tentações. Também vós a obtereis, se procurardes imitá-lo pelo menos na mortificação dos sentidos, particularmente na modéstia, e se vos recomendardes de coração a ele quando estiverdes para ser tentados.

Artigo 6° - Algumas astúcias de que o demônio se serve para enganar a juventude

O primeiro laço que o demônio costuma estender à vossa alma é o de vos fazer imaginar como seria possível por quarenta, cinquenta ou sessenta anos que vos promete de vida, caminhar pela difícil estrada da virtude, sempre longe dos prazeres.

Quando o demônio vos sugerir esta ideia, respondei-lhe assim: Quem me garante que eu vou chegar até essa idade? A minha vida está nas mãos do Senhor, e pode ser que o dia de hoje seja o último da minha vida. Quantos que

ontem estavam alegres, bem dispostos, eram espirituosos e hoje são levados à sepultura? E mesmo quando tivéssemos que trabalhar duramente por alguns anos para o Senhor, esses anos não seriam compensados de forma superabundante por uma eternidade de glória e de prazeres no paraíso? Além disso, nós vemos que os que vivem na graça de Deus estão sempre alegres e mesmo no meio das aflições têm o coração contente. Pelo contrário, os que se entregam aos prazeres vivem irritados e procuram buscar a paz nos seus divertimentos, mas se sentem sempre infelizes: *Non est pax impiis* [Is 48,22].

Alguém ainda poderá dizer: Nós somos jovens, e se nos pusermos agora a pensar na eternidade, no inferno, acabaremos ficando tristes e até transtornaríamos a nossa cabeça. Eu concordo que o pensamento de uma eternidade feliz ou infeliz, que o pensamento de um suplício que jamais terminará, seja um pensamento tétrico e assustador. Mas, dizei-me: se só de pensar nessas coisas vos transtorna a cabeça, o que será se de fato vos perderdes? É melhor pensar agora nessas coisas do que no futuro cair nelas; e é certo que se nós pensarmos nelas agora, no futuro seremos preservados. Observai, porém, que se é ruim o pensamento do inferno, enche-nos de consolo a esperança de um paraíso onde se goza de todos os bens. Por isso, os santos enquanto pensavam seriamente na eternidade das penas viviam em grande alegria, com a firme confiança em Deus de um dia evitá-las e entrar na posse dos bens infinitos que Deus prepara para quem o serve. Coragem, portanto, meus caros, esforçai-vos por servir o Senhor e vereis como ficará contente o vosso coração.

Artigo 7° - Advertências para os jovens inscritos em alguma congregação ou em algum oratório

Se tiverdes a ventura de estardes inscritos em alguma associação ou em algum oratório, procurai comportar-vos bem e observar com exatidão todas as normas que vos forem explicadas pelos superiores. Em particular vos recomendo que tenhais grande reverência para com os diretores desse lugar santo, sempre procurando pedir autorização quando tiverdes que vos ausentar. Na igreja comportai-vos com particular modéstia e ficai em silêncio, lendo ou ouvindo ler algum livro devoto até que chegue o tempo de começar as celebrações sagradas. Então, com alegria de espírito e recolhimento, cantai os louvores do Senhor. Se vos confessardes ou fizerdes a santa comunhão, procurai fazê-la sempre na vossa associação ou no vosso oratório, porque isso muito contribuirá para o bom exemplo e para animar os outros na frequência dos sacramentos.

E se no vosso oratório houver a louvável facilidade de participar do recreio dos jovens nos dias festivos, participai de boa mente, cuidando para não

provocar rixas, dar apelidos aos companheiros e mostrar-vos insatisfeitos com os brinquedos que vos foram entregues. E se ouvirdes alguma coisa inconveniente para aquele lugar santo, ide depressa avisar secretamente o superior, para que sejam impedidos todos os males que dali poderiam derivar.

Seria muito útil se os mais instruídos se pusessem a contar algum fato que servisse de exemplo para os colegas.

Sede sinceros nas palavras e tomai cuidado com as mentiras, porque se perceberem que sois mentirosos, além da ofensa a Deus, sereis desonrados na presença dos vossos colegas e dos vossos superiores. Recomendo-vos também que tenhais uma filial confiança no diretor, recorrendo a ele quando tiverdes alguma dúvida de consciência. Tende também grande respeito por todos os vossos superiores, especialmente se forem sacerdotes; encontrando-os, descobri a cabeça, beijando-lhes as mãos. Quando falardes com eles, respondei às suas perguntas com palavras humildes e toda sinceridade. E os que são destinados a algum ofício de cantor, assistente ou algo semelhante, sintam-se estimulados a se mostrar mais devotos e mais zelosos em tudo o que se refere às práticas de piedade. Finalmente, a todos recomendo suma exatidão na observância das normas, procurando cada qual ser mais devoto do que o outro, mais modesto e exato do que o outro nos exercícios de devoção.

Sete considerações para cada dia da semana

Como tenho um grande desejo de que todos os dias façais um pouco de leitura espiritual, e considerando que nem todos dispõem de livros para essa finalidade, aqui vos apresento sete breves considerações, distribuídas ao longo dos dias da semana, que favorecerão os que não puderem dispor de livros de leitura espiritual.

Assim, pondo-vos de joelhos, direis: Meu Deus, eu me arrependo de todo o meu coração por vos ter ofendido, dai-me a graça de conhecer como convém a vossa verdade que estou para meditar. Virgem Maria, Mãe de Jesus, rogai por mim.

Primeira consideração para o domingo: Fim do homem

1. Considera, meu filho, que este teu corpo, esta tua alma te foram dados por Deus, sem nenhum merecimento de tua parte, quando te criou à sua imagem. Ele te fez seu filho no santo batismo, amou-te e ama-te ainda com

ternura de Pai e criou-te para este único fim: para que o ames e o sirvas nesta vida e possas assim ser um dia eternamente feliz com ele no céu.

Não estás, portanto, no mundo somente para gozar, nem para enriquecer, nem para comer, beber e dormir, como os animais. O teu fim é muitíssimo mais nobre e mais sublime; o teu fim é amar e servir ao teu Deus e salvar a tua alma. Se assim fizeres, quantas consolações experimentarás na hora da morte! Mas se não procurares servir a Deus, quantos remorsos terás no fim da vida! As riquezas, os prazeres que buscaste com tanto afã somente te servirão para encher o teu coração de amargura e então conhecerás o mal que tais coisas fizeram à tua alma.

Meu filho, não queiras de modo algum pertencer ao número daqueles que pensam somente em satisfazer o corpo com atos, conversas e divertimentos maus. Naquela hora extrema se encontrarão em grande perigo de se condenarem eternamente. Um secretário do rei da Inglaterra expirava dizendo: "Ai de mim! Gastei tanto papel em escrever as cartas do meu príncipe e não usei uma folha sequer para tomar nota dos meus pecados e fazer uma boa confissão!"

2. Torna-se ainda maior aos teus olhos a importância deste fim, se consideras que dele depende a tua salvação ou a tua perdição. Se salvas a alma, tudo estará bem e gozarás para sempre; mas se não alcançares isso, perderás alma e corpo, Deus e o paraíso e serás condenado para sempre. Não imites aqueles infelizes que se iludem dizendo: "Cometo este pecado, mas depois me confessarei". Não te enganes a ti mesmo desta forma. Deus amaldiçoa a quem peca na esperança do perdão: *Maledíctus homo qui peccat in spe.* Lembra-te de que todos os que estão no inferno tinham esperança de emendar-se mais tarde e no entanto se perderam eternamente. Quem sabe se depois terás tempo para confessar-te? Quem te garante que não hajas de morrer logo depois do pecado e que a tua alma não seja precipitada no inferno? Além disso, que grande loucura não seria ferir-te a ti mesmo na esperança de que o médico venha depois curar a tua ferida! Afasta pois a enganadora ideia de poderes entregar-te a Deus mais tarde. Neste mesmo momento detesta e abandona o pecado, que é o maior de todos os males e que, afastando-te do teu fim, vem privar-te de todos os bens.

3. Quero ainda indicar à tua consideração um laço terrível com que o demônio prende e arrasta à perdição tantos cristãos: é deixar que aprendam as coisas da religião, mas não as pratiquem. Eles sabem que foram criados por Deus para amá-lo e servi-lo e, entretanto, com suas obras, parece que buscam somente a própria ruína. Quantas pessoas não vemos neste mundo que em tudo pensam, menos em salvar-se? Se digo a um jovem que frequente os sa-

cramentos, que faça um pouco de oração, responde: "Tenho mais que fazer; preciso trabalhar, preciso divertir-me". Ó Deus! Por acaso não tens uma alma para salvar? Por isso, tu, jovem cristão, que lês esta consideração, vê lá, não te deixes enganar desta maneira pelo demônio. Promete a Deus que tudo o que fizeres ou disseres e pensares no futuro será para o bem da tua alma; porque seria a maior loucura ocupar-te com tanto empenho no que acaba tão depressa e pensar tão pouco na eternidade, que nunca há de acabar. São Luís podia ter prazeres, riquezas e honras, mas renunciou a tudo dizendo: "Que me serve tudo isto para a minha eternidade?" *Quid hoc ad aeternitatem?*

Conclui também tu da mesma maneira: Tenho uma alma; se a perco, perco tudo. Que me vale ganhar o mundo inteiro, se isto for em prejuízo de minha alma? De que me serve vir a ser um grande homem, muito rico, adquirir fama de sábio, tornando-me conhecedor de todas as artes e ciências deste mundo, se depois vier a perder a minha alma? De nada te serviria toda a sabedoria de Salomão, se viesses a perder-te.

Portanto, quero que no futuro o único fim das minhas ações seja a salvação da minha alma. Trata-se de ser para sempre feliz ou para sempre infeliz. Perca-se tudo, contanto que me salve! Meu Deus, concedei-me o perdão dos meus pecados e fazei que não caia jamais na desgraça de ofender-vos. Ajudai-me com a vossa santa graça para que possa fielmente amar-vos e servir-vos para o futuro. Maria, minha esperança, intercedei por mim.

Segunda-feira: O pecado mortal

1. Oh! se soubesses, meu filho, o que fazes quando cometes um pecado mortal! Dás as costas àquele Deus que te criou e te cumulou de benefícios; desprezas a sua graça e a sua amizade. Quem peca diz com os fatos ao Senhor: "Apartai-vos de mim, já não quero obedecer-vos, não vos quero servir, não vos quero reconhecer por meu Senhor: *Non serviam.* O meu Deus é aquele prazer, aquela vingança, aquele ódio, aquela conversa obscena, aquela blasfêmia". Poder-se-á imaginar ingratidão mais monstruosa do que esta? Entretanto, meu filho, tudo isso fizeste quando ofendeste ao teu Senhor.

2. Maior ainda se torna esta ingratidão, refletindo que, para pecar, serves-te das mesmas coisas que Deus te deu. Ouvidos, olhos, boca, língua, mãos, pés, são todos dons de Deus e tu deles te serviste para ofendê-lo! Ah! ouve pois o que te diz o Senhor: "Filho, eu te criei do nada; dei-te tudo o que agora tens, fiz-te nascer na verdadeira religião e receber o santo batismo. Podia deixar-te morrer quando estavas no pecado: conservei-te a vida para não te condenar ao inferno. E tu, esquecido de tantos benefícios, queres servir-te dos

meus próprios dons para ofender-me?". Quem não se sentirá tomado de profundo pesar por ter feito tamanha injúria a um Deus tão bom, tão benfazejo para conosco, suas miseráveis criaturas?

3. Deves ainda considerar que este Deus, embora seja bom e infinitamente misericordioso, todavia fica muito indignado quando o ofendes. Por isso, quanto mais tempo viveres no pecado, tanto mais vais provocando e acumulando a ira de Deus contra ti. Deves, portanto, recear muito que os teus pecados cheguem a tal número que ele por fim te abandone. *In plenitudine peccatorum puniet.* Não que isso aconteça por te faltar a misericórdia divina, mas é que te faltará o tempo para pedir perdão, pois que não merece a misericórdia de Deus quem dela abusa para ofendê-lo. Com efeito, quantos viveram no pecado na esperança de converter-se e, entretanto, chegou a morte e faltou-lhes o tempo para disporem os negócios da consciência e agora estão eternamente perdidos! Teme que não venha acontecer a mesma coisa a ti. Depois de tantos pecados que Deus te perdoou, deves com razão recear que, com mais algum pecado mortal, a ira divina te fulmine e te precipite no inferno. Dá graças a Deus por ter-te esperado até agora e toma desde já uma firme resolução dizendo: Basta, meu Deus! O pouco de vida que ainda me resta não a quero desperdiçar em ofender-vos. Haverei de empregá-la em vos amar e chorar os meus pecados. Arrependo-me de todo o coração. Meu Jesus, quero amar-vos; dai-me força. Virgem Santíssima, Mãe de meu Jesus, ajudai-me. Assim seja.

Terça-feira: A morte

1. A morte é a separação da alma do corpo, com um total abandono das coisas deste mundo. Considera, portanto, meu filho, que a tua alma deverá separar-se do corpo; mas não sabes onde se dará esta separação. Não sabes se a morte te assaltará na tua cama ou durante o trabalho, na rua ou em outra parte. A ruptura de uma veia, uma hemorragia, uma febre, uma ferida, uma queda, um terremoto, um raio, bastam para tirar a vida. Isso pode acontecer daqui a um ano, daqui a um mês, a uma semana, a uma hora e talvez, ao terminar a leitura desta consideração. Quantos se deitaram à noite cheios de saúde e de manhã foram encontrados mortos! Quantos acometidos de algum ataque morreram de repente! E depois para onde foram? Se estavam na graça de Deus felizes deles! Gozarão para sempre. Se, pelo contrário, se achavam em pecado mortal, estão para sempre perdidos. Dize-me, filho, se tivesses que morrer neste instante, que seria de tua alma? Ai de ti, se não te manténs sempre preparado! Quem não está hoje preparado para bem morrer, corre grande perigo de morrer mal.

2. Embora seja incerto o lugar e incerta a hora de tua morte, é muito certo que a morte há de vir. Quero esperar que a última hora de tua vida não venha repentinamente ou de modo violento, mas aos poucos e precedida de uma doença comum. Mas há de chegar um dia no qual, estendido numa cama, estarás prestes a passar à eternidade, assistido por um sacerdote que encomendará tua alma, tendo um crucifixo ao lado, uma vela acesa do outro e em derredor os parentes que choram. Terás a cabeça dolorida, os olhos embaçados, a língua ressequida, a garganta presa, a respiração ofegante, o sangue a arrefecer, o corpo exausto, o coração oprimido. E assim que a alma expirar, o teu corpo, vestido de poucos andrajos será lançado a apodrecer em uma cova. Aí os ratos e os vermes roerão todas as tuas carnes e de ti restarão apenas alguns ossos descarnados e um pouco de pó repugnante. Abre um sepulcro e vê a que ficou reduzido aquele jovem rico, aquele ambicioso, aquele soberbo. Lê com atenção estas linhas, meu filho, e lembra-te de que elas se aplicam também a ti, igualmente como a todos os demais homens. Agora o demônio, para induzir-te a pecar, procura arrancar-te deste pensamento e levar-te a escusar as tuas culpas dizendo-te não ser enfim tão grande mal aquele prazer, aquela desobediência, aquela omissão da missa nos domingos. Mas na hora da morte descobrir-te-á a gravidade destes e de outros teus pecados, pondo-os diante de ti. E que haverás de fazer tu então, no momento de te encaminhares para a tua eternidade? Ai de quem se achar em desgraça de Deus naquele instante!

3. Considera que do instante da morte depende a tua eterna salvação ou eterna perdição. Nas proximidades da morte, ao avizinhar-se aquela última vez que a boca se fecha, à luz daquela vela, quantas coisas se hão de ver! Duas vezes temos diante de nós uma vela acesa: quando somos batizados e em ponto de morte; a primeira vez, para conhecermos os preceitos da lei divina que devemos guardar; a segunda, para que vejamos se os temos cumprido. Por isso, meu filho, à luz dessa vela hás de ver se amaste o teu Deus ou se o desprezaste; se honraste o seu santo nome ou se o blasfemaste; hás de ver os dias santos profanados, as missas deixadas, as desobediências aos superiores, os maus exemplos dados aos companheiros; verás aquela soberba, aquele orgulho que te lisonjeava; verás... mas, oh! meu Deus! tudo verás naquele momento, no qual se abrirá diante de ti o caminho da eternidade: *Momentum a quo pendet aeternitas.* Oh! grande, oh! terrível momento, do qual depende uma eternidade de glória ou de tormentos! Compreendes bem o que te digo? Quero dizer que daquele momento depende ir para o céu ou para o inferno; ser para sempre feliz ou para sempre infeliz; para sempre filho de Deus ou para sempre escravo do demônio; para sempre gozar com os anjos e com os santos do céu ou gemer e arder para sempre com os condenados no inferno!

Teme grandemente pela tua alma e pensa que do viver bem depende uma boa morte e uma eternidade de glória. Por isso, não adies por mais tempo e prepara-te desde já para fazer uma boa confissão e dispor bem as coisas da tua consciência, prometendo a Nosso Senhor perdoar aos teus inimigos, reparar os escândalos dados, santificar os dias de guarda, cumprir os deveres do teu estado.

E agora, põe-te na presença do teu Deus e dize-lhe de coração: Meu Deus, desde este momento eu me converto a vós; amo-vos, quero amar-vos e servir-vos até à morte. Virgem Santíssima, minha mãe, ajudai-me naquele terrível momento. Jesus, José e Maria, expire em paz entre vós a minha alma.

Quarta-feira: O juízo

1. O juízo é a sentença que o Salvador há de pronunciar no fim da nossa vida, sentença por toda a eternidade. Apenas a alma tiver saído do corpo, comparecerá logo perante o supremo juiz. A primeira coisa que torna este comparecimento terrível à alma do pecador, é que a alma se encontrará sozinha na presença de um Deus desprezado, de um Deus que conhece todos os segredos do nosso coração, todos os nossos pensamentos. E que levaremos conosco? Levaremos aquele pouco de bem ou mal que tivermos feito durante a vida: *Refert unusquisque prout gessit sive bonum, sive malum* (2Cor 5,10). Não se pode então inventar nem desculpa nem pretexto nenhum. Santo Agostinho, falando deste tremendo comparecimento, diz: "Quando tu, ó homem, compareceres diante do Criador para seres julgado, terás sobre tua cabeça um juiz indignado; de um lado, os pecados que te acusam; de outro os demônios prontos a executar a condenação; dentro de ti uma consciência que te agita e te atormenta; debaixo de ti um inferno aberto, pronto a tragar-te". Em tais apertos, para onde irás, para onde fugirás? Feliz de ti, ó meu filho, se tiveres feito o bem durante a tua vida. Entretanto o divino juiz abrirá os livros da consciência e começará o exame: *Iudícium sedit et libri aperti sunt.*

2. Então dirá aquele juiz inapelável: Quem és tu? Sou um cristão, responderás. Bem, replicará ele; se és cristão, vamos ver se procedeste como cristão. Em seguida começará a recordar as promessas feitas no santo batismo, pelas quais renunciaste ao demônio, ao mundo, à carne; lembrar-te-á as graças que te concedeu, as muitas vezes que recebeste os sacramentos, as pregações, as instruções, os avisos dos confessores, as correções dos pais: tudo será posto diante de ti. Mas tu, dirá então o divino juiz, apesar de tantos dons, de tantas graças, oh! quão mal correspondeste à tua profissão de cristão! Mal chegando à idade em que apenas começavas a conhecer-me, começaste a ofender-me com mentiras, com falta de respeito na igreja, com desobediências a teus pais

e com muitas outras transgressões dos teus deveres. Ainda bem se com o correr dos anos tivesses melhorado o teu procedimento, mas não: juntamente com a idade, aumentou em ti, infelizmente, também o desprezo à minha lei. Missas perdidas, profanação dos dias santos, blasfêmias, jejuns não observados, confissões mal feitas, comunhões às vezes sacrílegas, escândalos dados aos companheiros: eis o que fizeste em vez de servir-me.

Voltar-se-á para o escandaloso, cheio de indignação, dizendo: "Vês aquela alma que caminha pela estrada do pecado? Foste tu, com as tuas conversas imorais, que lhe ensinaste a malícia. Tu, como cristão que és, devias ensinar com o bom exemplo o caminho do céu aos teus companheiros. Pelo contrário, traindo o meu sangue, lhes ensinaste o caminho da perdição. Vês aquela alma no inferno? Foste tu com teus pérfidos conselhos que a arrancaste de mim para entregá-la ao demônio. Foste tu a causa da sua eterna perdição. Agora pague a tua alma por aquela outra que deitaste a perder com o teu escândalo : *Repetam animam tuam pro anima illius".*

Que te parece, meu filho, deste exame? Que te diz a consciência? Estás ainda em tempo, se quiseres: pede a Deus perdão de teus pecados e faze um sincero propósito de não tornar a pecar. Começa desde hoje uma vida de bom cristão, preparando-te assim um tesouro de boas obras para o dia em que deverás comparecer perante o tribunal de Jesus Cristo.

3. À vista das rigorosas contas que o juiz supremo exige do pecador, tentará este aduzir alguma desculpa ou pretexto, dizendo que não sabia que deveria ser submetido a um exame tão rigoroso. Mas receberá esta resposta: "E não ouviste aquele sermão e aquela explicação do catecismo? Não leste naquele livro que eu haveria de pedir rigorosas contas de tudo?" O infeliz então se encomendará à misericórdia divina; mas a misericórdia não é mais para ele, porque não merece misericórdia quem por tanto tempo dela abusou e porque na morte termina o tempo da misericórdia. Recomendar-se-á aos anjos, aos santos, a Maria Santíssima; e Maria responderá por todos: "Agora é que pedes o meu auxílio? Não me quiseste por mãe durante a vida e agora já não te quero por filho; já não te conheço: *nescio vos*".

Então o pecador, não encontrando mais nenhum refúgio, gritará às montanhas, aos rochedos que o cubram e eles não se moverão. Invocará o inferno e vê-lo-á aberto: *Inferius horrendum chaos.* Esse é o momento em que o inexorável juiz proferirá a tremenda sentença: "Filho infiel, dirá, para longe de mim. Meu Pai celeste te amaldiçoou: eu também te amaldiçoo. Vai para o fogo eterno a gemer e sofrer com os demônios por toda a eternidade: *Ite maledicti in ignem aeternum* [Mt 25,41]. Proferidas essas palavras, a alma é abandonada às mãos dos demônios, os quais a arrastam, espancam e fazem

precipitar naqueles abismos de penas, de miséria e de tormentos eternos. Não temes para ti sentença semelhante?

Ah! por amor de Jesus e de Maria, prepara com boas obras uma sentença favorável e lembra-te de como é terrível a sentença proferida contra o pecador, igualmente consolador será o convite que há de dirigir Jesus a quem viveu cristãmente. "Vem, dirá, vem para a posse da glória, que te preparei. Tu me serviste com fidelidade no breve tempo de tua vida; agora gozarás eternamente". *Intra in gaudium Domini tui* [Mt 25,21]. Meu Jesus, concedei-me a graça de poder ser também eu um desses bem-aventurados. Virgem Santíssima, ajudai-me; protegei-me na vida e na morte e especialmente quando me apresentar ao vosso divino Filho para ser julgado.

Quinta-feira: O inferno

1. O inferno é um lugar destinado pela justiça divina para punir com suplícios eternos os que morrem em pecado mortal. A primeira pena que os condenados sofrem no inferno é a pena dos sentidos: são atormentados por um fogo que queima horrivelmente, sem nunca diminuir de intensidade. Fogo nos olhos, fogo na boca, fogo em todas as partes. Cada sentido sofre a própria pena; os olhos sofrem pela fumaça e pelas trevas e são aterrados pela vista dos demônios e dos outros condenados. Os ouvidos, dia e noite, só escutam contínuos uivos, prantos e blasfêmias. O olfato sofre enormemente pelo mau cheiro daquele enxofre e piche ardente que o sufoca. A boca é atormentada por sede devoradora e fome canina: *Et famem patientur ut canes.* O rico malvado, no meio daqueles tormentos, ergueu o olhar ao céu e pediu como grande graça, uma gotinha de água para mitigar a secura de sua língua, e até essa gota de água lhe foi negada. Por isso, aqueles infelizes, requeimados de sede, devorados pelas chamas, atormentados pelo fogo, choram, gritam e se desesperam. Oh! inferno, inferno! Como são infelizes os que caem nos teus abismos! E tu que dizes, meu filho? Se agora não podes conservar um dedo sobre a pequena chama de uma vela, se não podes aguentar uma pequena faísca de fogo na mão sem gritar, como poderás aguentar-te então entre aquelas chamas por toda a eternidade?

2. Considera, além disso, meu filho, o remorso que experimenta a consciência dos condenados. Eles padecerão continuamente o motivo da sua perdição, isto é, por terem querido satisfazer alguma paixão. Esta lembrança é o verme que nunca morre: *Vermis eorum non moritur.* Recordarão o tempo que Deus lhes deu para evitar a perdição, os bons exemplos dos companheiros, os propósitos feitos e não cumpridos. Pensarão nos sermões ouvidos, nas recomendações do confessor, nas boas inspirações para deixar o pecado; vendo que

já não há remédio, gritarão desesperadamente. A vontade nada terá do que deseja, ao contrário, padecerá todos os males. A inteligência conhecerá finalmente o grande bem que perdeu. A alma separada do corpo, ao apresentar-se no tribunal divino, entrevê a beleza de Deus, conhece toda a sua bondade, chega quase a contemplar por um instante o esplendor do paraíso, ouve talvez também os cantos harmoniosos dos anjos e dos santos. Que dor verificar que perdeu tudo isso para sempre! Quem poderá resistir a tais tormentos?

3. Meu filho, tu que agora não te importas de perder o teu Deus e o paraíso, conhecerás a tua cegueira quando vires tantos companheiros teus, mais ignorantes e mais pobres do que tu, triunfarem e gozarem no reino dos céus, ao passo que tu serás arrojado para longe daquela pátria feliz, do gozo do mesmo Deus, da companhia da Santíssima Virgem e dos santos. Vamos, pois, faze penitência, não esperes para quando não houver mais tempo: entrega-te a Deus. Quem sabe se não é este o último chamado e, se não corresponderes, quem sabe se Deus não te abandona e não te deixa cair naqueles eternos suplícios! Oh! meu Jesus, livrai-me do inferno: *A poenis inferni, libera me, Domine!.*

Sexta feira: A eternidade das penas

1. Considera, meu filho, que se fores para o inferno, nunca mais sairás dali. Lá se sofrem todas as penas, e todas para sempre. Passarão cem anos desde que caíste no inferno, passarão mil, e o inferno estará ainda em seu começo; passarão cem mil, cem milhões, passarão mil milhões de séculos, e o inferno terá apenas iniciado. Se um anjo levasse aos condenados a notícia de que Deus os quer libertar do inferno depois de passados tantos milhões de séculos quantas são as gotas de água do mar, as folhas das árvores e os grãos de areia da terra, esta notícia lhes causaria a maior satisfação. Em verdade, diriam, que devem passar ainda tantos séculos, mas um dia hão de acabar. Pelo contrário, passarão todos esses séculos e todos os tempos que se possam imaginar, e o inferno estará sempre no princípio. Todos os condenados fariam de boa vontade com Deus o seguinte pacto: "Senhor, aumentai quanto quiserdes o meu suplício; deixai-me nestes tormentos por quanto tempo vossa vontade decidir, contanto que me deis a esperança de que um dia vão acabar". Mas nada: esta esperança, esse dia nunca chegará.

Se pelo menos o pobre condenado pudesse enganar-se a si mesmo e iludir-se dizendo: Quem sabe, um dia talvez Deus terá piedade de mim e me arrancará deste abismo! Mas não, nem isto: verá sempre escrita diante de si a sentença de sua eternidade infeliz. Pois então, irá ele dizendo, todas estas penas, este fogo, estes gritos nunca mais acabarão para mim? Não, lhe será respondido, não, nunca! E durarão para sempre? Sempre, por toda a eternidade!

Sempre, verá escrito nas chamas que queimam; sempre, na ponta das espadas que o transpassam; sempre, nos demônios que o atormentam; sempre, nas portas eternamente fechadas para ele. Oh! eternidade! Oh! abismo sem fundo! Oh! mar sem praias! Oh! caverna sem saída! Quem não tremerá ao pensar em ti? Maldito pecado! Que tremendos suplícios preparas para quem te comete! Ah! nunca mais, nunca mais pecarei durante a minha vida.

2. Mas o que deve encher de pavor é pensar que aquela horrível fornalha está sempre aberta debaixo de teus pés e que é suficiente um só pecado mortal para te lançar nela. Compreendes bem, meu filho, o que estás lendo? Uma pena eterna por um só pecado mortal que cometes com tanta facilidade. Uma blasfêmia, uma profanação dos dias santos, um furto, um ódio, uma palavra, um ato, um pensamento impuro basta para seres condenado às penas do inferno. Oh! meu filho, escuta o meu conselho: se a consciência te acusa de algum pecado, vai depressa confessar-te para começar uma vida boa. Põe em prática todos os meios que te indicar o confessor. Se for necessário, faze uma confissão geral. Promete que hás de fugir das ocasiões perigosas, dos maus companheiros, e se Deus te indicar até que deves deixar o mundo, segue logo a sua voz. Tudo que se fizer para evitar uma eternidade de tormentos, é pouco, é nada: *Nulla nimia securitas, ubi periclitatur aeternitas (*São Bernardo). Oh! quantos na flor da idade abandonaram o mundo, a pátria, os parentes, e foram viver isolados nas cavernas, nos desertos, alimentando-se somente de pão e água, e às vezes só de raízes, e tudo isto para evitar o inferno! E tu, que fazes, depois de tantas vezes que mereceste o inferno com o pecado? Que fazes? Lança-te aos pés do teu Deus e dize-lhe: Senhor, estou pronto a fazer o que vós quiserdes: nunca mais hei de pecar em minha vida; por demais já vos tenho ofendido; mandai-me todos os sofrimentos que quiserdes durante esta vida, contanto que eu possa salvar a minha alma.

Sábado: O paraíso

1. Se muito nos apavora o pensamento e a consideração do inferno, igualmente nos consola a lembrança do paraíso, preparado por Deus para todos os que o amam e o servem durante esta vida. Para que possas fazer dele uma ideia, contempla uma noite serena. Como é belo ver o céu com aquela multidão e variedade de estrelas! Umas menores, outras maiores: enquanto umas despontam no horizonte, outras estão prestes a desaparecer; todas, porém, com boa ordem e segundo a vontade do seu Criador. Acrescenta a isso a visão de um belo dia, mas de tal forma que o esplendor do sol não ofusque a claridade das estrelas e da lua. Supõe, além disso, ter à mão tudo o que de belo se pode encontrar no mar, na terra, nos povoados, nas cidades, nos palácios

dos reis e dos monarcas do mundo inteiro. Junta a isso as bebidas mais delicadas, os alimentos mais saborosos, a música mais doce, a harmonia mais suave. Pois bem: tudo isso junto não é nada em comparação da excelência dos bens, dos gozos do paraíso. Oh! como bem merece ser desejado e ardentemente amado aquele lugar onde se goza de todos os bens! O bem-aventurado não poderá deixar de exclamar: estou saciado da glória do Senhor: *Satiabor cum apparuerit gloria tua.*

2. Considera, além disso, o gozo que inundará a tua alma ao entrares no paraíso. O encontro, o acolhimento dos parentes e dos amigos; a nobreza, a beleza dos querubins, dos serafins, de todos os anjos e de todos os santos, que aos milhões e milhões louvam o Criador; o coro dos apóstolos, a multidão imensa dos mártires, dos confessores, das virgens. Há também um exército enorme de jovens que por terem conservado a virtude da pureza cantam a Deus um hino que só eles podem entoar. Oh! quanto gozam naquele reino os bem-aventurados! Sempre mergulhados na alegria, sem a menor doença, sem desgostos e preocupações que perturbem a sua paz e o seu gozo!

3. Considera, além disso, meu filho, que todos os bens até aqui enumerados são um nada em comparação do grande prazer que se experimenta na visão de Deus. Ele alegra os bem-aventurados com o seu olhar amorável e derrama nos seus corações um mar de delícias. Da mesma forma que o sol ilumina e embeleza o mundo inteiro, assim Deus com a sua presença ilumina todo o paraíso e enche os seus felizes habitantes de gozos inefáveis. Nele hás de ver como num espelho todas as coisas, gozarás de todos os prazeres da mente e do coração. São Pedro no Monte Tabor, por ter visto uma só vez o rosto de Jesus radiante de luz, ficou repleto de tanta doçura que exclamou fora de si: "Senhor, é bom para nós ficarmos aqui: *Bonum est nos hic esse*". E lá teria ficado para sempre. Que prazer não será, pois, contemplar, não por um instante, mas para sempre, para sempre gozar desse rosto divino que enleva os anjos e os santos e que embeleza todo o paraíso! E a beleza e amabilidade de Maria, de que prazer deve também encher o coração do bem-aventurado! Oh! sim! Como são amáveis os teus tabernáculos, ó Senhor! *Quam dilecta tabernacula tua, Domine virtutum!* Por isso, os coros dos anjos e dos bem-aventurados cantam a sua glória dizendo: "Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos exércitos. A ele seja dada honra e glória por todos os séculos".

Coragem, pois, meu filho; neste mundo terás que sofrer alguma coisa, mas não importa: o prêmio que hás de receber no céu compensará infinitamente todos os teus sofrimentos. Que consolação não será a tua quando te encontrares no céu na companhia dos parentes, dos amigos, dos santos, dos bem-aventurados e exclamares: Estou salvo e estarei sempre com Deus: *Semper cum Domino erimus.* Então é que haverás de abençoar a hora em que

abandonaste o pecado, a hora em que fizeste aquela boa confissão e começaste a frequentar os sacramentos, o dia em que deixaste os maus companheiros e te entregaste à virtude. E cheio de gratidão te voltarás para o teu Deus e cantarás seus louvores e sua glória por todos os séculos. Assim seja.

Devoção a Maria Santíssima

Um grande sustentáculo para vós, meus queridos filhos, é a devoção a Maria Santíssima. Ouvi como ela vos convida: *Si quis est parvulus, veniat ad me:* quem for pequenino, venha a mim. Se fordes seus devotos, além da abundância das suas bênçãos neste mundo, ela vos garante o paraíso na outra vida. *Qui elucidant me, vitam aeternam habebunt.* Tende, pois, a mais íntima convicção de que obtereis todas as graças desta boa mãe, contanto que não peçais coisas que resultem em vosso dano. Deveis pedir-lhe com instância particularmente três graças que são necessárias para todos, mas especialmente para vós, meus caros jovens.

A primeira é a de *não cometerdes nunca nenhum pecado mortal durante a vossa vida*. Sabeis o que significa cair em pecado mortal? Quer dizer ficar suspenso por subtilíssimo fio sobre a boca do inferno. Quer dizer fazer enorme ofensa a uma bondade infinita: é este o maior mal que se possa imaginar. Oh! sim, por mais favores que vos obtenha Maria, seriam todos inúteis sem esta graça de não cair nunca em pecado mortal. Esta é a graça que deveis pedir de manhã e à noite e em todas as vossas práticas de piedade.

A segunda graça que deveis pedir a Nossa Senhora é a de *poder conservar a preciosa virtude da pureza.* O jovem que a conserva tem a maior semelhança com os anjos do céu, pelo que o seu Anjo da Guarda o considera como irmão e se alegra grandemente com a sua companhia.

Como me está muito a peito que todos conserveis esta bela virtude, indico-vos alguns meios para preservá-la do veneno que a poderia contaminar. Antes de tudo, evitai a companhia de pessoas de outro sexo. Entendamo-nos: quero dizer que os meninos nunca devem contrair familiaridade com as meninas: do contrário, esta bela virtude se acharia em grande perigo. A guarda dos sentidos contribui também muitíssimo para a conservação desta bela virtude. Evitai, portanto, todo excesso no comer e no beber. Evitai os teatros, os bailes e semelhantes diversões, que são a ruína dos bons costumes.

Mas guardai principalmente os olhos, que são as janelas pelas quais o pecado entra no nosso coração e o demônio vem tomar posse da nossa alma. Nunca vos detenhais a olhar para coisas contrárias à modéstia, por pequenas que sejam. São Luís Gonzaga nem queria que lhe vissem os pés quando se deitava ou quando se levantava. Não se permitia fixar o rosto da própria mãe.

Por duas vezes esteve com a rainha da Espanha como pajem de honra e nunca a olhou no rosto.

Outro menino, sendo interrogado por que era tão recatado na vista, respondeu: tomei a resolução de não fitar nunca o rosto de uma mulher, a fim de reservar os meus olhos para fixar pela primeira vez (se não for indigno) o rosto formosíssimo da mãe da pureza, Maria Santíssima.

A terceira graça que deveis implorar solicitamente da Virgem Imaculada é de poderdes andar sempre afastados da companhia dos que têm más conversas, isto é, conversas que não se fariam na presença de vossos pais ou de alguma pessoa de respeito. Fugi dessa gente, mesmo que se trate de vossos parentes. Posso garantir-vos que às vezes é mais prejudicial a companhia deles do que a de um demônio. Felizes vós, meus caros filhos, se fugirdes da companhia dos maus! Então estareis certos de que trilhais o caminho do céu; do contrário, correreis grande perigo de perder-vos para sempre.

Por isso, quando virdes companheiros vossos proferir blasfêmias, desprezar as práticas religiosas para afastar-vos da Igreja ou, pior ainda, dizer palavras contrárias à virtude da pureza, por pouco que sejam, fugi deles como da peste. Ficai certos de que quanto mais puros forem os vossos olhares e vossas conversas, tanto mais Maria se comprazerá em vós e maiores graças vos alcançará de seu Filho e nosso Redentor Jesus Cristo.

São estas as três graças mais necessárias na vossa idade; e as alcançareis com certeza de Nossa Senhora, se fordes sempre seus devotos sinceros, rezando todos os dias o santo terço ou pelo menos três *Ave-Marias* e três *Glória,* com a jaculatória *Querida mãe Virgem Maria, fazei que eu salve a minha alma.*

Com essas três graças andareis desde agora pelo caminho que vos há de tornar homens honrados na idade madura. Mediante essas graças tereis também o penhor certo da felicidade eterna, que Maria Santíssima há de alcançar infalivelmente para os seus devotos.

Os seis domingos e a novena de São Luís Gonzaga

São Luís é proposto como modelo de inocência e de virtude a todas as pessoas, mas especialmente à juventude, em favor da qual ele já alcançou de Deus muitas graças.

Os sumos pontífices, a fim de aumentar o culto deste grande santo, concederam a todos os que em sua honra santificarem seis domingos conse-

cutivos (antes ou depois da festa, ou no decorrer do ano), indulgência plenária para cada domingo, contanto que, tendo confessado e recebido a comunhão, façam piedosas meditações ou orações vocais ou outras práticas de piedade. Estas indulgências são também aplicáveis às almas do purgatório. E para que todos vós conheçais as obras e as orações que se devem praticar, aqui seguem algumas práticas de piedade que poderão servir para celebrar os domingos e a novena de São Luís, e assim participar das graças e dos favores que continuamente ele alcança de Deus em favor dos seus devotos.

Primeiro domingo – Primeiro dia da novena: São Luís chora os seus pecados

Embora se possa afirmar que São Luís nunca cometeu algum pecado deliberado, contudo, chorou amargamente o que ele considerava ter sido ofensa a Deus: era que, na idade de quatro a cinco anos, tomou um pouco de pólvora de alguns soldados de seu pai para disparar uma pequena peça de artilharia, e proferiu algumas palavras inconvenientes. Por esse motivo, ele chorou durante toda a sua vida; quando se confessou pela primeira vez, desmaiou aos pés do confessor; nem podia recordar-se disso sem derramar lágrimas. Até mesmo as rigorosas penitências, as duras mortificações, os austeros e longos jejuns eram-lhe inspirados, não só pelo amor de Deus, mas também pelo desejo de castigar o seu corpo por aquelas faltas cometidas na sua tenra idade.

Que confusão para nós que cometemos tantos e tão graves pecados e, entretanto, rimos disso sem dar nenhum sinal de arrependimento! Ah! se considerássemos que um só pecado ofende a um Deus de bondade infinita, que o pecado mortal nos torna indignos do paraíso, onde se gozam todos os bens, e nos torna merecedores do inferno, lugar de todos os males, diante dessa consideração, quem poderia conter as lágrimas? Era este pensamento que fazia chorar a São Luís.

Jaculatória

Meu amável protetor, que tínheis tão poucos motivos para chorar e, contudo, chorastes com lágrimas tão amargas e prolongadas, fazei com que eu chore as minhas culpas e as deteste, e assim obtenha de Deus o perdão.

Prática

Se julgais que a vossa consciência é culpada de algum pecado, pedi sinceramente perdão a Deus, prometendo confessar-vos o mais breve possível.

Oração

Ó São Luís, adornado de angélicos costumes, eu, vosso indigno devoto, recomendo-vos singularmente a castidade da minha alma e do meu corpo. Rogo-vos por vossa angélica pureza que intercedais por mim diante

do Cordeiro Imaculado, Cristo Jesus, e sua Santíssima Mãe, a Virgem das virgens, e me preserveis de todo o pecado mortal. Não permitais que eu seja manchado com a mínima nódoa da impureza; mas, quando me virdes em tentação ou perigo de pecar, afastai do meu coração todos os pensamentos e afetos impuros, e despertando em mim a lembrança da eternidade e de Jesus Crucificado, imprimi profundamente no meu coração o sentimento do santo temor de Deus e inflamai-me no amor divino, para que, imitando-vos cá na terra, mereça gozar de Deus convosco lá no céu. Assim seja.

Seis *Pai-nossos,* seis *Ave-Marias* e seis *Glória* etc.

Segundo domingo – Segundo dia da novena: Penitências de São Luís

A vida de São Luís é um conjunto das virtudes mais puras, que ele conservou e aperfeiçoou mediante as mais rígidas penitências. Quando ainda criança, mortificava o corpo inocente com prolongados jejuns. Chegou a reduzir o seu alimento ao peso de 28 gramas por dia. Flagelava-se até derramar sangue; punha entre os lençóis pedacinhos de madeira para sofrer também durante o sono. Não podendo ter cilícios, trazia ocultamente por baixo de sua roupa esporas de cavalo; procurava o que lhe fosse mais incômodo, quer estando em pé, quer sentado ou andando. Foi tão grande em São Luís este desejo de fazer penitência que, estando para morrer, pediu entre lágrimas ao seu superior lhe permitisse naquela hora extrema ser açoitado sem compaixão, da cabeça aos pés. E não o conseguindo, suplicou que ao menos o deitassem sobre a terra nua, para assim morrer como verdadeiro penitente, por amor daquele que tinha por ele morrido sobre o duro lenho da Cruz.

São Luís, príncipe delicado e de compleição fraca, puro e inocente, fazia tanta penitência. Que confusão não devem experimentar aqueles jovens que buscam mil pretextos para evitar toda ocasião de mortificar o corpo ou fazer alguma abstinência por amor daquele Deus que tanto sofreu por nós!

Jaculatória

Glorioso São Luís, alcançai-me um vivo desejo de fazer penitência dos meus pecados, para que não me aconteça a desgraça de ter que descontá-los na outra vida, nos tormentos do inferno ou do purgatório.

Prática

Não deixeis a penitência para a velhice, quando as forças já não a comportam. E a quem vos disser que não convém usar de tanto rigor contra o nosso corpo, respondei: quem não quer padecer com Jesus Cristo na terra, não poderá gozar com Jesus Cristo no céu.

Oração: Ó São Luís etc.

Terceiro domingo – Terceiro dia da novena: São Luís modelo da virtude da pureza

São Luís praticou todas as virtudes até o heroísmo; mas a virtude da pureza resplandece nele mais do que todas as outras. Costumavam chamá-lo de anjinho, anjo em carne, jovem angélico. Quando em alguma reunião se faziam conversas menos puras, apenas aparecia Luís, ninguém mais se atrevia a continuar, receando ofender a sua modéstia e o seu candor. Convém notar, porém, que, para conservar tão bela virtude, ele guardava com muito cuidado todos os sentidos externos, especialmente os olhos. Uma vez em Chieri, tendo sido convidado para dançar, fugiu espantado e foi se esconder num quarto a rezar e se açoitar até derramar sangue. Contava apenas 10 anos de idade quando, tendo conhecido o grande valor desta virtude, ofereceu-a com voto à Rainha das Virgens, Maria Santíssima, na igreja de Nossa Senhora da Anunciação, em Florença. E Maria, para mostrar-lhe com quanto agrado tinha recebido aquele voto, alcançou-lhe a graça de nunca experimentar nenhuma tentação contra esta virtude, oferecendo-lhe assim a glória de levar para a outra vida, sem mancha nenhuma, a inocência batismal.

Meus meninos, se também vós quereis conservar esta virtude, que vos torna tão agradáveis a Deus, à Bem-aventurada Virgem e a todos os anjos, tomai São Luís por modelo, colocai-vos com ele sob a proteção especial de Maria Santíssima e ela será a guarda fiel da vossa pureza. Oh! que predileção especial tem ela para com as almas puras e castas! Quantas graças lhes concede! Mas esta virtude não se pode conservar sem fugir do ócio, que é pai de todos os vícios, sem evitar os maus companheiros e sem guardar os sentidos do corpo, especialmente os olhos.

Jaculatória

Fazei, ó São Luís, que eu possa fugir como da peste, do ócio e dos companheiros que com suas conversas obscenas buscam a ruína da minha alma.

Prática

Tomai a resolução de nunca mais fitar objetos perigosos e de não falar de coisas contrárias à virtude da pureza.

Oração: Ó São Luís, etc.

Quarto domingo – Quarto dia da novena: São Luís desapegado dos bens do mundo

São Luís considerou todos os bens da terra como coisas de nenhuma importância. Lia com espanto estas palavras do Salvador: é mais fácil uma corda grossa passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico se salvar. Por isso, compadecia-se dos ricos e grandes do mundo que vão atrás de bens tão

desprezíveis e passageiros, e muitas vezes, por um pouco de dinheiro ou por um palmo de terra, perdem a felicidade eterna. Desprezava todo o respeito humano e, apesar de ter sido muitas vezes ridicularizado e desprezado, deixava que cada um pensasse como melhor entendesse e se mantinha constante na prática do que se refere à glória de Deus e à salvação da alma. Dado que em meio às grandezas e riquezas, o seu coração estava em perigo de apegar-se aos bens da terra, renunciou ao principado, deixou os parentes e os amigos, e depois de muitas contrariedades por parte de uns e de outros, abraçou o estado religioso, no qual atingiu o mais alto grau de perfeição cristã.

Se quisermos também nós desapegar o nosso coração das vaidades do mundo e tomar gosto pelas coisas de Deus, comecemos por desprezar os bens da terra, como espinhos e laços funestos que nos impedem de alcançar a nossa salvação, e apreciemos somente o que nos pode levar à felicidade eterna, dizendo com São Luís: o que não é eterno, não é nada: *Quod aeternum non est, nihil est.* Alcançaremos facilmente este fim se, desprezando todo o respeito humano, cuidarmos com diligência do que se refere à honra de Deus, especialmente recebendo com frequência os sacramentos da confissão e da comunhão, que são os dois meios mais eficazes para desapegar o nosso coração das coisas terrenas e abrasá-lo no amor das coisas do Céu.

Jaculatória

Amabilíssimo São Luís, pela íntima união que tivestes com Deus, alcançai-me que de agora em diante o meu coração se dirija somente às coisas do céu e considere como desprezíveis as da terra.

Prática

Tomemos hoje a resolução de frequentar, o mais que for possível, os sacramentos da confissão e da comunhão, e de praticar os conselhos do confessor.

Oração: Ó São Luís etc.

Quinto domingo – Quinto dia da novena: Amor de São Luís para com Deus

São Luís foi um verdadeiro serafim no amor para com Deus. De tal modo se abrasava nesse amor, que só de pensar ou ouvir falar das coisas de Deus, quase desmaiava. Era extraordinário o seu amor para com Jesus Crucificado. Toda a vez que alguém o desprezava, que sofria dores de cabeça ou outros incômodos de saúde, ficava satisfeitíssimo e desejava padecer ainda mais por amor de Deus. Como foi grande a sua ternura para com Jesus Sacramentado! Passava diversas horas por dia diante do altar do Santíssimo

Sacramento. Quando ainda menino, levava três dias em preparar-se à comunhão e outros três em ação de graças.

Já mais adulto, aproximava-se todos os dias da sagrada comunhão e sempre com grande fervor e recolhimento. E ao receber a sagrada hóstia, desfazia-se em lágrimas e delíquios, de tal forma que muitas vezes não tinha mais forças para se levantar.

Donde provém que nós temos tão pouco prazer nas coisas espirituais? Provém de que o nosso coração tem pouco amor a Jesus Crucificado e nos aproximamos muito raras vezes da sagrada comunhão, ou de a recebermos indignamente, com o coração cheio de afetos mundanos. Do contrário, seria impossível aproximarmo-nos destas duas inexauríveis chamas do amor de Deus, sem nos sentirmos também nós inflamados e sem experimentarmos conforto e contentamento. Por isso, no futuro, aproximemo-nos de Jesus com o coração inflamado de viva caridade e com atos fervorosos de fé, de esperança e de dor. Experimentaremos então também nós as consolações que experimentava São Luís.

Jaculatória

Ó grande serafim de amor, fazei com que, no futuro, só queira amar e servir a Deus.

Prática

Procurai rezar as orações da manhã e da noite diante da imagem de Jesus Crucificado e beijai-a frequentemente. Os sumos pontífices concederam muitas indulgências a quem beija o crucifixo. Se vos for possível, fazei alguma visita a Jesus Sacramentado, especialmente onde houver exposição das *Quarenta Horas.*

Oração: Ó São Luís etc.

Sexto domingo – Sexto dia da novena: Caridade de São Luís para com o próximo

O amor que temos ao próximo é a medida do nosso amor a Deus. São Luís não somente tinha entranhas de caridade para com o próximo, mas sabia admiravelmente suportar seus defeitos. Desde menino, era tão paciente em sofrer os insultos, o desprezo e as grosserias dos companheiros, que, longe de mostrar-se ofendido, alegrava-se com isso, e quem mais o desprezava, era justamente quem mais ele estimava. Já então tinha aprendido e meditado as palavras do Evangelho: dai o supérfluo aos pobres. Por isso, alegrava-se em dar aos pobres, não só o supérfluo, mas também em privar-se das coisas que mais estimava, para dá-las aos necessitados. Quando sabia que algum pobre batia

à porta, corria logo para ver, e todo apressado, ia ter com a marquesa sua mãe para pedir-lhe alguma coisa; em seguida, fazia questão de ele mesmo entregar a esmola nas mãos do mendigo.

Muito mais ardente era a sua caridade para com as necessidades espirituais do próximo. Quando ainda no mundo, ia às igrejas ensinar o catecismo aos ignorantes, corrigia seus modos e procurava acalmá-los nas brigas e discórdias. Depois de religioso, percorria a cidade de Roma para instruir os mendigos; conduzia-os a algum confessor para serem absolvidos de suas culpas e assim alcançar a graça de Deus. Não tendo mais nada para oferecer a Deus em favor do próximo a não ser a própria vida, ofereceu-a generosamente a ele. Assim, numa epidemia que grassou em Roma, conseguiu ir prestar seus serviços aos empestados; quanto mais repugnantes eram as pessoas atacadas do mal, com tanto maior prazer Luís se prestava a servi-las. Com uma sacola às costas, andava pela cidade de porta em porta, pedindo esmola; voltava depois ao hospital, para socorrer aqueles infelizes, aos quais prestava os mais humildes serviços.

Também nós, queridos jovens, podemos imitar esse grande santo nas obras de caridade, suportando os defeitos de nossos companheiros e perdoando quando nos ofenderem. Esta caridade, porém, será muito maior, se lhes ensinarmos as verdades de fé ou se ao menos os levarmos a lugares onde possam ser instruídos. Quantas almas podemos afastar do caminho da perdição e reconduzir ao caminho que as levará à salvação! E então, quantas graças São Luís nos alcançará de Deus.

Jaculatória

Amabilíssimo São Luís, inflamai o meu coração no verdadeiro amor do próximo, para que em mim cresça cada vez mais o amor de Deus.

Prática

Conduzi algum companheiro a ouvir a palavra de Deus ou a receber o sacramento da confissão.

Oração: Ó São Luís etc.

Três considerações que servem para completar a novena de São Luís

Sétimo dia: São Luís deu-se desde cedo a Deus

Geralmente só se aprecia o valor da graça divina depois de tê-la perdido. Muitos há que devem remediar o passado, chorando os pecados cometidos.

Isso não aconteceu com São Luís. Apenas pôde conhecer a Deus, começou logo a amá-lo. Suas primeiras palavras foram os nomes dulcíssimos de Jesus e de Maria; suas primeiras inclinações foram para a piedade; seus primeiros entretenimentos foram exercícios de sincera devoção: nesse teor de vida continuou até à morte. Este meu filho, afirmou sua mãe, foi sempre um anjinho. Desde a idade de sete anos até a morte, sempre levou uma vida virtuosa, uma vida angélica e foi um verdadeiro modelo de santidade.

Deus se compraz de modo todo especial em ser servido por nós no tempo da nossa juventude. "Meus filhos, diz-nos ele, lembrai-vos de mim nos primeiros anos de vossa vida" (Ecl 12,1). Dai a mim as primícias; não deis ao demônio os vossos anos mais belos, para reservar a mim somente os restos de uma vida de pecado.

São Luís ouviu esta voz e Deus o cumulou de tantas graças que se tornou um grande santo. Se para entregar-se a Deus tivesse esperado até a idade avançada, sem dúvida não teria adquirido tão eminente grau de santidade, pois morreu muito moço, e talvez nem teria salvado a sua alma.

Por que então não haveis de consagrar a Deus este tempo da vossa juventude, que ele tanto aprecia? Por que adiar de dia para dia a decisão de abandonar o pecado e começar uma vida verdadeiramente cristã? Todos os que estão agora no inferno tinham a intenção de entregar-se "mais tarde" a Deus; mas a morte surpreendeu-os antes do que imaginavam e eles se perderam para sempre; agora, entre aquelas chamas, eles gritam: fomos insensatos, nós nos enganamos: *nos insensati erravimus.*

Jaculatória

Ó glorioso São Luís, fazei que eu chore o tempo perdido e que possa empregar no serviço de Deus todo o tempo que ele ainda me conceder.

Prática

Fugi do ócio, que é a causa funesta de tantos pecados, e começai hoje mesmo uma nova vida do agrado de Nosso Senhor.

Oração: Ó São Luís etc.

Oitavo dia: São Luís, modelo de oração

É preciso dizer que os dons e as sublimes virtudes de São Luís eram também fruto da sua oração. Iluminado por Deus, bem sabia que tudo o que lhe pedimos em proveito da nossa alma nos será concedido: *Petite et accipietis.* [Lc 11,9]

Logo que pôde articular algumas palavras devotas sugeridas por sua mãe, tomou nisto grande gosto. Aos quatro anos, afastava-se da companhia

dos outros, e quando o procuravam, iam encontrá-lo escondido em algum lugar, de joelhos no chão, com as suas mãozinhas juntas diante do peito, a rezar fervorosamente; embora chamado em altas vozes, com dificuldade ouvia o que lhe diziam, tanto era o prazer que experimentava em entreter-se com Deus. Muitas vezes também durante a noite se levantava da cama e no rigor do inverno ficava muitas horas em oração. Este sistema de vida aperfeiçoou-se cada vez mais, à medida que crescia em idade e lhe alcançou do céu o extraordinário privilégio de não sofrer distrações nas suas orações. Era até preciso fazer grande violência a si mesmo para abandonar a oração. Desse modo conquistou esse grau sublime de santidade que se pode quase dizer não haver outro igual.

Procuremos também nós adquirir este espírito de oração. Em todas as nossas necessidades, nas tribulações, nas desgraças, ao empreendermos alguma coisa difícil, não deixemos nunca de recorrer a Deus. Mas recorramos especialmente a ele com confiança nas necessidades da alma, e com certeza seremos atendidos. Peçamos também a Nosso Senhor que nos faça conhecer em que estado de vida ele quer que o sirvamos, para podermos empregar bem o tempo que nos concede e do qual depende a nossa salvação eterna.

Jaculatória

Glorioso São Luís, alcançai-me uma centelha do vosso fervor e aumentai em mim o espírito de oração e de devoção.

Prática

De ora em diante esforçai-vos em rezar sempre com devoção e recolhimento as orações da manhã e da noite.

Oração: Ó São Luís etc.

Nono dia: Preciosa morte de São Luís

O que mais nos pode perturbar em ponto de morte são especialmente os pecados da vida passada e o temor dos divinos castigos na outra vida. Nada disso podia temer São Luís: sua vida foi um contínuo pensamento da morte, que ele considerava como o único meio para terminar o exílio desta vida e entrar na posse dos bens celestes. Depois de tantos jejuns, depois de tão duras e austeras mortificações, de tão contínuas meditações e orações, enfim, depois de uma vida realmente angélica como a dele, o que poderia ainda recear? Foi por isso que, ao receber a notícia que estava próxima a sua morte, cantou o *Te Deum*, e radiante de alegria andava repetindo: *Laetantes imus.* Deus lhe revelou o instante de sua morte, e depois de ter gozado da glória do paraíso no êx-

tase que durou uma noite e que a ele pareceu durar um instante, prometendo a todos os que lhe estavam em derredor que haveria de transmitir seus recados a Deus, a Maria Santíssima e aos outros santos, beijando a Jesus Crucificado, placidamente expirou. Que bela morte!

Agrada-vos sem dúvida a preciosa morte de São Luís. Pois bem, igual será também a nossa, se assim quisermos. Lembremo-nos, porém, de que na hora da morte recolhe-se o que semeamos no decurso da vida. Se tivermos feito boas obras, felizes de nós: a morte nos será um consolo e nos estará aberto o paraíso para sempre. Diversamente, ai de nós! Em ponto de morte teremos diante de nós remorsos de consciência e o inferno que nos espera: *Quae enim seminaverit homo, hcaec et metet.*

Jaculatória

Glorioso São Luís, alcançai-me a graça de viver como bom cristão para ter uma santa morte.

Prática

Todas as noites pensai qual seria a vossa sorte se tivésseis que morrer naquela noite.

Oração: Ó São Luís etc.

Festa de São Luís: Glória de São Luís no céu

A glória de que uma alma goza no céu avalia-se especialmente pela inocência de sua vida, pela penitência e pela caridade. Essas virtudes refulgiram em São Luís de modo extraordinário. Nada se descobre em toda a sua vida que se possa dizer com certeza uma falta deliberada. Apenas chegou ao uso da razão, entregou-se de todo o coração a Deus para amá-lo. À sua inocência andou unida uma penitência muito rigorosa. Ora, se no céu se recompensa até um copo de água fresca dada por amor de Deus, que se dirá de tanto sangue que São Luís derramou quando ainda menino, disciplinando-se muitas vezes por dia de tal forma que suas roupas ficavam ensanguentadas? Que se dirá do fato de se levantar à noite para rezar, de joelhos, no chão frio, a ponto de ficar enregelado? Que diremos dos seus jejuns tão austeros? De tantos meios de mortificação que inventou para macerar suas carnes inocentes? Que glória terá merecido tudo isso a São Luís no céu! Sua caridade para com Deus e para com o próximo era tão grande que toda a sua vida, do uso da razão até a morte, foi um contínuo exercício dessa caridade, com grande aumento de graças e de merecimentos. Não é, pois, de admirar que Santa Madalena de Pazzi, arrebatada em êxtase, na contemplação da felicidade dos bem-aventurados, ao

ver a glória de São Luís, tenha exclamado que nunca teria acreditado haver tão grande glória no céu, como a que adornava a São Luís.

Eis, queridos jovens, o fim a que leva uma vida boa e virtuosa! A uma eternidade feliz, cheia de delícias, a uma glória incomparável, na qual contemplaremos a Deus face a face, e havemos de louvá-lo e bendizê-lo juntamente com Nossa Senhora, com os anjos e bem-aventurados por todos os séculos. Ânimo, pois: comecemos desde já a trabalhar por Nosso Senhor. Teremos que padecer alguma coisa neste mundo; mas os sofrimentos desta vida pouco duram e o prêmio que havemos de receber durará eternamente: o sofrimento é passageiro, o gozo é eterno.

Jaculatória

Piedoso São Luís, alcançai-me a graça de tornar-me santo, para um dia participar da vossa glória no céu.

Oração: Ó São Luís etc.

Segunda parte – Práticas particulares de piedade

Orações da manhã e da tarde.

O bom cristão, logo ao despertar, deve fazer o sinal da cruz e oferecer o coração a Deus, dizendo: Jesus, José e Maria, meu coração vos dou e minha alma. Depois, levantar-se com toda a modéstia; São Luís Gonzaga não queria que lhe vissem nem sequer os pés descobertos, porque considerava a pureza como um límpido espelho, que ao menor sopro fica logo embaçado.

Ao vestir-vos, podeis dizer: Anjo de Deus, que sois a minha guarda e a quem fui confiado por celestial piedade, iluminai-me, guardai-me, regei-me, governai-me. Amém. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém. Dizendo esta oração, lucram-se muitas indulgências.

Depois de vestidos, ajoelhai-vos diante da imagem de Jesus Crucificado ou de Nossa Senhora ou de algum santo e rezai as seguintes orações:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. Meu Senhor, meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração. Eu vos adoro, meu Deus, e vos amo de todo o coração. Agradeço-vos por me terdes criado, feito cristão e

conservado nesta noite. Ofereço-vos todas as minhas ações e vos peço a graça de nunca vos ofender, principalmente no dia de hoje.

Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. Amém.

Salve, Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve. A vós bradamos os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria.

Os mandamentos da Lei de Deus são dez: 1. Amar a Deus sobre todas as coisas. 2. Não tomar seu santo nome em vão. 3. Guardar os domingos e as festas. 4. Honrar pai e mãe. 5. Não matar. 6. Não pecar contra a castidade. 7. Não furtar. 8. Não levantar falso testemunho. 9. Não desejar a mulher do próximo. 10. Não cobiçar as coisas alheias.

Os mandamentos da Igreja são cinco: 1. Ouvir a missa inteira nos domingos e festas de guarda. 2. Confessar-se ao menos uma vez cada ano. 3. Comungar ao menos uma vez pela Páscoa da Ressurreição. 4. Jejuar e abster-se de carne quando manda a Santa Madre Igreja. 5. Pagar o dízimo segundo o costume.

Ato de Fé: Eu creio firmemente que existe Deus, que dá o prêmio aos bons e castiga os maus. Creio que em Deus há três pessoas realmente distintas, Pai, Filho e Espírito Santo. Creio que o Filho de Deus se fez homem no seio puríssimo da Virgem Maria por obra do Espírito Santo: como homem, morreu na cruz pelos nossos pecados, e no terceiro dia ressuscitou. Creio estas e todas as outras verdades da nossa santa fé porque Deus, sumamente veraz, revelou-as à Santa Igreja e por meio da Santa Igreja ensina a nós.

Ato de Esperança: Meu Deus, porque sois onipotente, misericordioso e fiel, espero que me dareis o perdão dos meus pecados, a graça de bem viver e morrer, e o paraíso, que me prometestes pelos méritos de Jesus Cristo, se eu fizer as obras do bom cristão, como proponho fazer com a vossa santa ajuda.

Ato de Caridade: Meu Deus, eu vos amo acima de todas as coisas; eu vos amo pelos bens que recebi de vós e pelos bens que espero receber de vós; mas vos amo principalmente porque sois Deus de infinita bondade e, por isso, por vós mesmo digno de ser amado acima de todas as coisas; e por amor de vós, amo ao próximo como a mim mesmo.

Ato de Contrição: Misericórdia, Senhor, eu me arrependo, com todo o meu coração por vos ter ofendido; eu me arrependo, não somente pelos bens que perdi e pelos males que mereci ao pecar; eu me arrependo principalmente porque ofendi um Deus tão bom e tão grande como sois vós. Teria preferido morrer antes que vos ter ofendido. Proponho firmemente, com a ajuda da vossa graça, não vos ofender nunca mais, porque vos amo acima de todas as coisas. *Meu Jesus, misericórdia!* (O pontífice reinante Pio IX concede cem dias de indulgência sempre que se diz: *Meu Jesus, misericórdia!*).

Para durante o dia: Virgem Maria, Mãe de Jesus, São Luís Gonzaga, fazei-me santo. Terminadas as orações ide até os vossos pais para receber deles as suas ordens e nada começar sem o seu consentimento.

À noite recitareis a terceira parte do rosário (se ainda não a tiverdes recitado durante o dia) em companhia dos vossos irmãos e irmãs, mas devotamente, sem muita pressa, evitando apoiar-vos sem educação sobre a mesa ou sobre os calcanhares. Caso vos faltar tempo para a recitação do terço, dizei pelo menos três *Ave-Maria* etc. para obter a sua proteção. Em seguida, direis as orações da manhã, acrescentando esta breve oração a São Luís Gonzaga: Ó glorioso São Luís Gonzaga, eu vos suplico humildemente que me recebais debaixo de vossa proteção e me obtenhais do Senhor a graça de praticar vossas virtudes nesta vida, para alcançar uma boa morte, e ser depois participante da vossa glória no paraíso. Amém. *Pai-nosso, Ave-Maria* e *Glória.*

Parai alguns instantes para examinar o estado da vossa consciência, e se vos sentirdes culpados de algum pecado, recitai de coração o ato de contrição, prometendo confessar-vos o mais cedo possível. Enquanto vos despis, imaginai ver os carrascos arrancarem com violência as vestes de Jesus Cristo para flagelá-lo. Apenas tiverdes deitado, direis: Jesus, José e Maria, eu vos dou o meu coração e a minha alma. Jesus, José e Maria, assisti-me na última agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz entre vós a minha alma. Em seguida, pensando na presença de Deus, com as mãos juntas ao peito, repousareis.

Durante o dia, ou então depois das orações da manhã ou da noite, lede um trecho da vida de algum santo, como a de São Luís, ou então uma das considerações postas nas páginas 705-716 [*Sete considerações para cada dia da semana*]; ou então pensai nas recomendações que o confessor vos fez na última confissão.

Um bom cristão, ao longo do dia, deve dedicar-se com diligência às ocupações próprias do seu estado e orientar todas as suas ações para o Senhor, dizendo: Senhor, eu vos ofereço este trabalho, dai-lhe a vossa santa bênção.

De manhã, ao meio-dia e à tarde, ao som das ave-marias, convém ajoelhar-se (menos no sábado, no domingo e no tempo pascal, quando se fica em pé) e recitar a seguinte oração:

Angelus Domini nuntiavit Mariae, et concepit de Spiritu Sancto. Ave Maria etc.

Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum. Ave Maria etc.

Et verbum caro factum est, et habitavit, in nobis. Ave Maria etc.

Três *Gloria Patri.*

Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix.

Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Oremus: *Gratiam tuam, quaesumus, Domine, mentibus nostris infunde, ut qui, angelo nuntiante, Christi filii tui incarnationem cognovimus, per passionem eius et crucem ad resurrectionis gloriam perducamur. Per eumdem Christum Dominum nostrum. Amen.*

Bento XIV concedeu cem dias de indulgência sempre que se pratica esta devoção. Há também diversas indulgências para quem acompanha o Santo Viático quando é levado aos enfermos; não podendo acompanhá-lo, dizei um *Pai-nosso* e *Ave-Maria.* Quando soa a agonia, podem ser lucradas muitas indulgências por quem vai à igreja a rezar por quem está morrendo e, não podendo, pelo menos recita um *Pai-nosso* e *Ave-Maria*. O mesmo se diga ao sinal da morte, para quem diz três *Requiem aeternam* em sufrágio da alma que passou à eternidade.

Antes das refeições fazei o sinal da santa cruz e dizei: Abençoai-me, Senhor, e a este alimento que vou tomar para manter-me no vosso santo serviço. São Bento, um dia, antes de pôr-se à mesa, feito segundo costume o sinal da cruz, com grande espanto viu romper-se um copo dentro do qual tinha sido posto veneno.

Depois das refeições: Senhor, eu vos agradeço os benefícios recebidos, concedei-me a graça de que eu me sirva deles sempre para o bem.

*Modo prático de assistir com fruto a santa missa**

Advertência: A missa é o sacrifício do corpo e do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é oferecido a Deus nos altares, sob as espécies do pão e do vinho consagrados. Tratai de compreender bem, caros jovens, que, assistindo à santa missa, é como se vísseis o divino Salvador quando saiu de Jerusalém para levar a cruz até ao Calvário, onde, no meio dos mais bárbaros tormentos, foi crucificado, derramando até a última gota de seu sangue. Este mesmo sacrifício é renovado pelo sacerdote quando celebra a santa missa, com a única diferença que o sacrifício do Calvário foi doloroso para Jesus e com derramamento de sangue, ao passo que o sacrifício da missa é incruento, isto é, sem derramamento de sangue e sem nenhuma dor. Como não se pode imaginar coisa mais santa e mais preciosa do que o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Jesus Cristo, assim, ao assistirdes à missa, deveis estar persuadidos de que fazeis a ação maior, mais santa, mais gloriosa aos olhos de Deus e mais útil para vossa alma. Nela, Jesus Cristo vem em pessoa aplicar a cada um de nós em particular os merecimentos daquele sangue adorável, que derramou por nós no Calvário. Isso deve inspirar-nos suma estima para com a santa missa e ao mesmo tempo um vivíssimo desejo de assistirmos bem a ela.

Pelo contrário, o triste fato de vermos tantos jovens voluntariamente distraídos, sem modéstia, sem atenção, sem respeito, de pé, olhando para cá e para lá, nos faz pensar que eles não assistem ao divino sacrifício como Nossa Senhora e São João, mas como os judeus, crucificando outra vez a Nosso Senhor, com grande escândalo para os companheiros e desdouro para a nossa religião.

Assisti, pois, meus caros jovens, à santa missa com espírito de verdadeiros cristãos, imaginando que estais vendo Jesus Cristo começar sua dolorosa paixão e sofrer os mais cruéis tormentos pela nossa salvação. Durante a missa deveis estar com tal modéstia e recolhimento que nada vos possa perturbar. A mente, o coração, todos os vossos pensamentos estejam unicamente ocupados em honrar a Deus. Recomendo-vos que façais grande empenho em assistir à santa missa todos os dias, até com algum sacrifício. Santo Isidoro, que trabalhava no campo, para ir à missa, levantava-se de madrugada, de forma a

* Para compreender os detalhes das orações que Dom Bosco propõe a seus meninos para acompanhar a celebração da missa, é preciso ter presente que, naquele tempo, o sacerdote a rezava voltado para o altar, em latim, em voz baixa, ao passo que os que "assistiam" ou "ouviam" a santa missa faziam suas próprias orações (terço, ofício de Nossa Senhora, etc.); além disso, o rito da missa, em parte, era diferente do rito atual, que resultou da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Dom Bosco tem o mérito de ajudar seus meninos a sintonizarem sua oração pessoal com a do sacerdote celebrante.

encontrar-se depois no tempo marcado, pronto para fazer os trabalhos que o patrão lhe marcava. Com isso atraía sobre si todas as bênçãos de Deus e todos os trabalhos lhe saíam bem.

No princípio da missa: Meu Senhor e meu Deus, ofereço-vos este santo sacrifício para a vossa maior glória e para o bem da minha alma. Concedei-me a graça que o meu coração e a minha mente não se ocupem em outras coisas senão em vós. Minha alma, afasta de ti todo pensamento e distração e prepara-te para assistir a esta santa missa com o maior recolhimento.

Ao Confíteor: Eu pecador, me confesso a Deus todo-poderoso; à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos santos apóstolos São Pedro e São Paulo, a todos os santos, que pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras, por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa. Portanto, peço e rogo à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos santos apóstolos São Pedro e São Paulo, a todos os santos, que roguem por mim a Deus Nosso Senhor.

O sacerdote sobe ao altar: Toda a terra vos adore, meu Senhor, e cante louvores ao vosso santo nome. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. Amém.

Ao Kyrie eleison: Senhor meu Jesus Cristo, tende misericórdia desta minha pobre alma e da alma de todos aqueles por quem sabeis que devo rezar.

Ao Glória: Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade, porque só Deus é digno de ser amado, louvado e glorificado por todos os séculos.

Ao Oremus: Recebei, ó Senhor, as orações que vos dirige este sacerdote em nosso nome. Concedei-me a graça de viver e morrer como bom cristão, no grêmio da Santa Madre Igreja.

À epístola: Concedei-me a graça, ó Senhor, de cumprir todos os mandamentos da vossa santa lei e inflamai o meu coração no vosso santo amor, para que eu vos ame e vos sirva em todos os dias da minha vida.

Ao Evangelho: Pronto estou, meu Senhor, para confessar a fé do Evangelho, mesmo à custa da minha vida, professando as grandes verdades que nele se contêm. Concedei-me graça e fortaleza, para fazer a vossa santa vontade, evitando o pecado e todas as ocasiões de pecar.

Ao Credo: Creio firmemente, ó meu Deus, todas as verdades que vós revelastes à vossa Igreja, porque sois verdade infalível. Aumentai, portanto, em mim o espírito de viva fé, firme esperança e ardente caridade.

Ao ofertório: Ofereço-vos, ó meu Deus, pelas mãos do sacerdote, o pão e o vinho que devem ser mudados no corpo e no sangue de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo vos ofereço o meu coração e a minha língua, a fim de que, para o futuro, nada mais eu deseje e de nada eu fale, a não ser do que se refere ao vosso santo serviço.

Ao Orate fratres: Recebei, ó Senhor, este sacrifício para honra e glória do vosso santo nome, para meu bem e de toda a vossa Santa Igreja.

Ao prefácio: Meu coração, ergue-te para Deus e pensa no quanto padeceu Jesus Cristo por causa de teus pecados.

Ao Sanctus: Minha alma, afasta de ti agora todo pensamento e solicitude das coisas temporais; une todos os teus afetos ao coro dos anjos e canta com eles um hino de glória, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos. Glorificado e bendito seja por todos os séculos o seu santo Nome.

Ao memento dos vivos: Suplico-vos, ó meu Jesus, lembrai-vos dos meus pais, parentes e amigos, dos meus benfeitores espirituais e temporais, e também dos meus inimigos; lembrai-vos especialmente do sumo pontífice, de toda a Igreja e de todas as autoridades espirituais e temporais: a todos eles paz, concórdia e bênção.

À elevação da hóstia: Com toda a humildade, prostrado, eu vos adoro, ó Senhor meu Jesus Cristo, e creio firmemente que vós estais realmente presente na Santíssima Eucaristia. Oh grande mistério! Um Deus desce do céu à terra para a minha salvação! Seja louvado e agradecido a todo o momento o santíssimo e diviníssimo Sacramento! (Cem dias de indulgência cada vez).

À elevação do cálice: Eterno Pai, adoro o sangue preciosíssimo derramado pelo vosso divino Filho e Senhor Nosso Jesus Cristo, para a salvação da minha alma. Eu o ofereço a vós em memória da sua paixão, morte, ressurreição e ascensão ao céu. Recebei-o em desconto dos meus pecados e pelas necessidades da Santa Igreja.

Ao memento dos mortos: Lembrai-vos, Senhor, das almas do purgatório, especialmente das almas dos meus parentes e benfeitores espirituais e temporais. Recomendo-vos também as almas que há mais tempo se acham no meio daqueles tormentos, aquelas para as quais eu fui a causa de pecado com o meu mau exemplo. Livrai-as depressa daquelas penas e concedei a todas a glória do paraíso.

Ao nobis quoque peccatoribus: Pelos merecimentos da vossa paixão e morte, ó meu bom Jesus, e da vossa augusta Mãe e de todos os santos, concedei-me o perdão dos meus pecados.

Ao Pater noster: Agradeço-vos, meu Jesus, por este excelente modelo de oração que me destes; concedei-me a graça que eu a possa rezar com a devoção

e atenção que merece. Concedei-me tudo o que nela vos pede em meu nome o sacerdote que celebra, e especialmente que eu não caia no pecado mortal, único e sumo mal que pode perder-me eternamente. Rezai o *Pai-nosso* etc.

Ao Agnus Dei: Jesus, Cordeiro Imaculado, peço-vos queirais usar de misericórdia para comigo e para com todos os homens do mundo, a fim de que todos se convertam a vós, para gozarem daquela verdadeira paz que experimentam os que estão na vossa graça.

Ao Domine non sum dignus: Ó Senhor, por causa dos meus inúmeros pecados não sou digno de que venhais habitar na minha alma, mas dizei somente uma palavra e serão perdoados todos os meus pecados. Oh! como sinto ter-vos ofendido! Concedei-me a graça de nunca mais vos ofender no futuro.

À comunhão: Se não podeis fazer a comunhão sacramental, fazei ao menos a espiritual, que consiste num vivo desejo de receber a Jesus no vosso coração, dizendo: Meu amado e bom Jesus, dado que esta manhã não posso receber a sagrada hóstia, vinde ao menos tomar posse de mim com a vossa graça, para que eu viva sempre no vosso santo amor. A graça que de modo todo especial vos peço, ó meu Deus, é que eu possa estar afastado dos maus companheiros, porque se tiver a felicidade de frequentar somente companheiros bons, também eu serei bom e poderei salvar a minha alma.

Às últimas orações: Agradeço-vos, ó meu Jesus, por vos terdes sacrificado por mim; fazei que desde agora eu possa sacrificar-me todo a vós. Desgostos, trabalhos, calor, frio, fome, sede e até a morte, tudo aceitarei de boa mente das vossas mãos, pronto a tudo vos oferecer, a tudo perder, contanto que possa cumprir a vossa santa lei e conformar-me em tudo à vossa sempre adorável vontade.

À bênção: Abençoai, ó Senhor, estas minhas resoluções; abençoai-me pela mão do vosso ministro e fazei com que os efeitos desta bênção permaneçam eternamente em mim. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ao último Evangelho:* Verbo Eterno, feito carne para salvar a minha alma, eu vos adoro com o mais profundo respeito e vos agradeço tudo o que sofrestes por mim. Concedei-me a graça de conservar os frutos desta santa missa; perdoai-me se não a assisti com a devida atenção e fazei que, ao sair desta igreja, meus olhos, a língua e todos os meus sentidos tenham sumo horror a tudo o que se opõe à verdade do vosso santo Evangelho.

---

* A missa anterior ao Concílio Vaticano II terminava sempre com a leitura pelo celebrante do prólogo do Evangelho de São João.

Dizei uma *Salve-Rainha* à Bem-aventurada Virgem e um *Pai-nosso* a São Luís, a fim de que vos ajudem a manter os propósitos feitos e particularmente a evitar as más conversas.

Modo prático de aproximar-vos dignamente do sacramento da confissão

Caros filhos, se não aprenderdes desde jovens a confessar-vos bem, correis o perigo de nunca mais aprender na vossa vida e, por conseguinte, de nunca vos confessar como se deve, com grave prejuízo e talvez pondo em risco a vossa salvação eterna. Antes de tudo, eu gostaria que vos persuadísseis de que qualquer culpa que puderdes ter na vossa consciência, ela será perdoada na confissão, contanto que tenhais as devidas disposições.

A primeira delas consiste em fazer o exame de consciência, isto é, em trazer à memória as vossas ações, a fim de perceber quais foram as boas e quais as pecaminosas. Começai *pedindo ao Senhor que vos ilumine,* dizendo: Senhor meu Jesus Cristo, Redentor da minha alma, eu me prostro aos vossos pés, suplicando-vos que tenhais piedade e misericórdia de mim. Iluminai-me com a vossa graça a fim de que eu conheça os meus pecados, como os tornareis conhecidos a mim quando eu me apresentar diante de vós para o meu julgamento. Fazei, meu Deus, que eu os deteste com verdadeira dor e obtenha o perdão pelos méritos infinitos do sangue preciosíssimo de Jesus Cristo derramado por mim na cruz. Virgem Santíssima, São Luís Gonzaga, rogai por mim para que eu faça uma boa confissão.

Examinai-vos se falastes mal das coisas religiosas; se blasfemastes, se nomeastes o nome de Deus em vão; se ouvistes a santa missa nos dias santos e vos ocupastes com obras de piedade ou vos dedicastes a trabalhos proibidos. Examinai-vos se desobedecestes aos vossos pais, superiores e mestres, ou se lhes destes alguma resposta insolente; se fostes motivo de escândalo na igreja ou fora, especialmente com conversas obscenas ou com maus conselhos; se roubastes alguma coisa em casa ou fora dela; notai que se pode roubar também não ocupando o tempo no que vos foi mandado. Se dissestes, ouvistes, fizestes, permitistes ou mesmo pensastes em alguma coisa contra a honestidade.

Quanto ao exame de consciência, devo advertir-vos de que não basta expor simplesmente o pecado, mas deveis dizer também o número de vezes que cometestes este ou aquele pecado. Por exemplo: não basta dizer: desobedeci meus pais; é preciso acrescentar: desobedeci duas ou três vezes, isto é, o número preciso ou aproximativo das desobediências cometidas. O mesmo vale para os demais pecados.

Estas são as coisas principais a respeito do que deveis examinar-vos. Mas para fazer uma boa confissão, isso ainda não basta; deveis também *excitar-vos para um verdadeiro arrependimento,* refletindo seriamente que o pecado é um grande mal. O pecado vos abre o inferno debaixo dos pés. Que grande mal, Oh! que pavor! O pecado vos fecha as portas do paraíso: que perda espantosa! Ele vos torna inimigos de Deus e escravos dos demônios. Cada pecado que cometestes provocou agudíssimas dores ao coração amoroso de Jesus, que por vós sofreu flagelos, espinhos, chagas, sangue e cruz; e vós vos tornastes para ele motivo de desgosto, desprezo e vilania. O pecado é uma ofensa feita ao vosso Deus, que é tão bom e amável por si mesmo, que vos criou, vos conserva a vida. A saúde, o ar que respirais, o pão que comeis são dons que Deus vos concede. Ele vos preservou de contínuas desgraças e do próprio inferno merecido muitas vezes. E a tantos benefícios seus vós correspondentes com a mais monstruosa ingratidão, servindo-se deles para ofendê-lo.

À vista de tão grande mal que fizestes pecando, deveis ter uma grande dor, ou seja, grande desgosto por ter ofendido a Deus, mais do que se vos tivesse acontecido alguma desgraça, algum castigo por parte dos vossos pais ou de outros. Este desgosto deve levar-vos ao *propósito,* isto é, a fazer uma promessa de nunca mais ofender a Deus para o futuro. Por exemplo: se dissestes palavras feias, se fostes desobedientes, para que a vossa confissão seja válida, é preciso que façais uma promessa ao Senhor que não quereis mais cometer esses pecados, mesmo à custa de sofrer qualquer mal.

Depois dessas reflexões, fazei um ato de contrição e aproximai-vos com toda humildade do confessor, e se tiverdes que esperar, não vos dissipeis com conversas ou sorrisos, olhando de cá para lá, mas mantende o recolhimento, esperando a vossa vez. Devo advertir-vos de *nunca calar nenhum pecado na confissão.* Antes de pecar, o demônio vos diz que não há nisso grande mal; depois faz o que pode para que sintais vergonha e caleis e façais uma confissão sacrílega. Por isso, não tenhais nenhum medo diante do confessor, ele se alegra ao ouvir que vós lhe confiais o que praticastes. Além disso, tende certeza de que o sacerdote não pode dizer a ninguém o que vós confessastes; não pode servir-se disso nem mesmo que se tratasse de evitar a morte. Coragem, portanto, em primeiro lugar confessai o pecado que mais vos causa pena.

Aproximando-vos do confessor, fazei o sinal da santa cruz, dizendo: "Abençoai-me, padre, porque pequei". Em seguida direis o tempo desde a última confissão e lhe manifestareis o estado da vossa consciência, expondo o número e a espécie dos vossos pecados. Terminada a acusação, ouvi o que ele vos dirá, e enquanto vos dá a absolvição, pensai ser aquele o momento em que se derrama sobre a vossa alma a força do sangue de Jesus Cristo. Fazei um ato

de arrependimento. Terminada a confissão, retirai-vos à parte para agradecer ao Senhor pelo benefício que vos fez.

Depois da confissão. Renovai de todo coração o propósito já feito na confissão, prometendo ao Senhor querer usar todos os meios sugeridos pelo confessor para nunca mais cair em pecado, tomando estas três resoluções: 1° De querer comportar-vos na igreja com grande devoção; 2° Ser prontamente obedientes aos vossos pais e a todos os demais superiores; 3° Estar decididamente animados a cumprir os deveres do vosso estado e querer trabalhar para a maior glória de Deus e a salvação da vossa alma. Em seguida dizei devotamente esta

Oração: Quanto vos devo agradecer, meu Deus, pela misericórdia que tivestes para comigo ao perdoar todos os meus pecados! Vós voltais a me amar e me amareis sempre mais se eu for fiel em vos servir. Oh! sim, eu quero verdadeiramente emendar-me. Prometo evitar tudo o que poderia levar-me a cair novamente no pecado. Nunca me esquecerei de que vós estais em toda parte e que vedes e sabeis tudo o que eu faço e penso. Ajudai-me, fazei-me morrer antes que eu torne a vos ofender. Maria, minha querida mãe, não permitais para o futuro que eu desgoste o meu bom Jesus com o pecado. Anjo da Guarda, meus santos protetores, ajudai-me e guardai-me para sempre.

Três vezes *Angele Dei* e três *Glória* etc.

Preparação para a santa comunhão

Antes de aproximar-vos para receber o adorável corpo de Jesus Cristo, deveis refletir se tendes no coração as devidas disposições. Sabei, pois, que o jovem que, depois de ter pecado, não quer se emendar, isto é, está disposto a voltar a ofender ao Senhor, não é digno de se aproximar da mesa do Salvador, e comungando, em vez de se enriquecer de graças, torna-se ainda mais culpado e digno de maior castigo.

Pelo contrário, se estais arrependidos, aproximai-vos para receber o pão dos anjos e dareis grandíssimo prazer a Jesus Cristo. Ele mesmo, estando sobre esta terra, embora convidasse todos a segui-lo, todavia, mostrava grande benevolência para com os meninos piedosos e inocentes, dizendo: "Deixai que estes pequeninos venham a mim, e não lhes impeçais", e lhes dava a bênção. Ouvi, portanto, seu amoroso convite e ide, não só receber a sua bênção, mas a ele mesmo em pessoa.

Atos para antes da comunhão

Senhor meu Jesus Cristo, creio com viva fé que estais realmente presente no Santíssimo Sacramento com vosso corpo e sangue, com vossa alma e divindade.

Senhor, eu vos adoro neste Sacramento, e vos reconheço como meu criador, redentor, soberano, senhor, meu sumo e único bem.

Senhor, não sou digno de que entreis na pobre morada de minha alma, mas dizei apenas uma palavra, e minha alma se salvará.

Senhor, detesto todos os meus pecados que me tornam indigno de receber-vos no meu coração e proponho com a vossa graça nunca mais cometê-los, fugir de todas as ocasiões de pecado e fazer por eles penitência.

Senhor, espero que assim como vos dais a mim todo inteiro neste sacramento divino, também usareis de misericórdia para comigo e me concedereis todas as graças que me são necessárias para minha eterna salvação.

Senhor, sois infinitamente amável, sois meu pai, meu redentor, meu Deus, por isso vos amo de todo o meu coração e sobre todas as coisas, e por vosso amor amo a meu próximo como a mim mesmo e perdoo de coração a todos aqueles que me ofenderam.

Senhor, desejo ardentemente que venhais à minha alma, para nunca mais me separar de vós e que a vossa divina graça permaneça sempre comigo.

E vós, ó Virgem Imaculada, pelo amor que destes ao Menino Jesus, fazei que eu o possa receber dignamente, e quando me aproximar do altar para receber a sagrada hóstia, imaginarei receber a Jesus de vossas próprias mãos, acompanhado por todos os coros dos anjos, que no céu louvam e bendizem esse mesmo Jesus que eu vou receber. Meu Anjo da Guarda, São Luís Gonzaga, meus especiais protetores, rogai por mim ao Senhor e alcançai-me a graça de fazer uma santa comunhão. *Omnes sancti et sanctae Dei, intercedite pro nobis*.

Aqui parai alguns momentos, considerando a quem ides receber. É Jesus Cristo, Deus de imensa grandeza e majestade. Deus de bondade e misericórdia infinita, que vem a uma miserável criatura, a um pobre pecador, e vem para ser pai, irmão, amigo e esposo da alma, médico, mestre e alimento. Oh! bondade! Oh! amor! Oh! misericórdia infinita!

Depois da comunhão

Meu Deus, criador e redentor de minha alma, eu vos adoro com o mais profundo respeito e com a mais profunda veneração. Oh! quanto foi grande a

vossa bondade! Tão pura, santa e infinita majestade, vir em pessoa, visitar uma criatura tão miserável, um punhado de pó, um pecador ingrato. Meu amado e bom Jesus, agradeço-vos tão grande favor, e vos louvo e bendigo no íntimo de mim mesmo. Potências de minha alma, sentidos do meu corpo, exultai na presença do vosso Deus.

Um coração só é muito pouco, ó meu bom Jesus, para vos amar e louvar e para vos agradecer tantos benefícios, e principalmente o terdes dado como alimento de minha alma o vosso corpo, o vosso sangue, a vossa alma e a vossa divindade.

Ah! pudesse eu ter o coração dos serafins e dos santos do céu e arder sempre em amor pelo meu Deus, que se dignou eleger minha pobre alma para sua morada e para suas delícias! Ah! meu Jesus amado, quanto é doce e preciosa esta vossa visita, esta vossa permanência, esta vossa união comigo!

Não sou digno de tão grande favor e nem sequer sei o que vos possa oferecer em sinal de agradecimento; mas confiando em vossos merecimentos, ofereço-vos esses mesmos merecimentos, que são infinitos. Agradeço-vos de todo o meu coração e protesto que, de agora em diante, vós sereis sempre as minhas delícias, o repouso de minha alma; vós, minha única esperança e o meu conforto; vós, minha única riqueza, o meu prazer, o tesouro do meu coração.

Quisera também, por mim só, poder-vos dar todo o louvor e glória que vos dão os santos do paraíso; e como não posso fazer tanto, ofereço-vos minhas mãos, meus pés, meus olhos, minha língua, minha boca, minha mente, meu coração e todo meu ser. Guardai-me vós mesmo, para que todos os meus pensamentos, todas as minhas palavras e todas as minhas ações tenham por único fim o que for para vossa maior glória e bem espiritual de minha alma.

Virgem Santíssima, Mãe querida do meu Jesus, São Luís Gonzaga, meu Anjo da Guarda, alcançai-me de Deus esta graça, para mim, para meus parentes, para meus companheiros, amigos e inimigos, e especialmente para todos os que se acham agora nesta igreja.

Ó Virgem Maria, como penhor de que sou vosso, consagro-vos por toda a minha vida, meus olhos, meus ouvidos, minha língua, meu coração e todo o meu ser. Quero ser todo vosso, defendei-me vós como propriedade vossa. Jesus, José e Maria, meu coração vos dou e minha alma. Jesus, José e Maria, assisti-me na última agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz, entre vós, a minha alma.

Visita ao Santíssimo Sacramento

Lembrai-vos, queridos filhos, de que Jesus está presente no Santíssimo Sacramento e é rico de graças para distribuí-las a quem as pede. Um venerável servo de Deus, ao visitar Jesus Sacramentado, viu-o em forma de um menino com uma coroa de rosas na mão. Tendo ele perguntado o que significavam essas rosas, Jesus lhe disse: "Estas rosas são as graças que distribuo àqueles que vêm pedi-las".

Atos a se fazer ao visitar o Santíssimo Sacramento

Senhor meu Jesus Cristo, que pelo amor que tendes aos homens, noite e dia permaneceis neste sacramento, todo cheio de misericórdia e de amor, esperando, chamando e acolhendo a todos os que vêm visitar-vos, creio que estais presente no sacramento do altar. Abismado no meu nada, vos adoro e vos agradeço todos os favores que me tendes dispensado, particularmente dando-me a vós mesmo neste sacramento, concedendo-me por advogada Maria, vossa Mãe Santíssima, e convidando-me a visitar-vos nesta igreja. Hoje saúdo vosso amadíssimo e amantíssimo Coração e o faço por estes três fins: primeiro, em agradecimento deste grande dom; segundo, para compensar-vos de todas as injúrias que recebestes de todos os vossos inimigos neste sacramento; terceiro, com esta visita proponho adorar-vos em todos os lugares da terra, onde vós, sacramentado, sois menos reverenciado e mais abandonado.

Meu Jesus, eu vos amo de todo o meu coração. Arrependo-me de ter no passado tantas vezes desgostado vossa infinita bondade. Proponho com vossa graça não vos ofender mais para o futuro; e neste momento, miserável embora, eu me consagro todo a vós; entrego-vos para sempre a minha vontade, os afetos, os desejos e tudo quanto é meu. De hoje em diante fazei de mim e de quanto me pertence o que for do vosso agrado. Só peço e quero o vosso amor, a perseverança final e o cumprimento perfeito de vossa vontade.

Recomendo-vos as almas do purgatório, especialmente as mais devotas do Santíssimo Sacramento e de Maria Santíssima. Recomendo-vos também os pobres pecadores. Uno finalmente, meu amado Salvador, todos os meus afetos aos de vosso amorosíssimo coração e nesta união os ofereço ao vosso eterno Pai e em vosso nome peço queira por vosso amor aceitá-los e atendê-los.

Seja louvado e agradecido a cada momento o santíssimo e diviníssimo Sacramento. Três *Pai-nossos, Ave-Marias, Glória* etc.

Coroinha ao Sagrado Coração de Jesus

Tende como intenção a de rezar esta coroinha ao divino Coração de Jesus para repará-lo dos ultrajes que recebe na santa Eucaristia por parte dos hereges, infiéis e maus cristãos. Reze-se sozinho ou com outras pessoas reunidas, se possível, diante da imagem do Sagrado Coração ou diante do Santíssimo Sacramento.

V/ Deus, in adiutorium meum intende.

R/ Domine, ad adiuvandum me festina. Gloria Patri etc.

I. Ó amabilíssimo Coração de meu Jesus, adoro humildemente a vossa dulcíssima ternura, que usais de modo singular no Divino Sacramento para com as almas ainda mesmo pecadoras. Sinto imenso em ver que sois tão ingratamente correspondido, e proponho desagravar-vos de tantas ofensas que recebeis na Santíssima Eucaristia dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos. *Pai-nosso* etc.

II. Ó Coração todo humilde do meu Jesus sacramentado, adoro reverente a vossa profunda humildade na divina Eucaristia, escondendo-vos por nosso amor sob as espécies de pão e de vinho. Por piedade, meu Jesus, peço-vos queirais infundir no meu coração tão bela virtude; e entretanto procurarei desagravar-vos de tantas ofensas que recebeis no Santíssimo Sacramento, dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos. *Pai-nosso* etc.

III. Ó Coração de meu Jesus, tão sequioso de padecer, adoro os vossos ardentíssimos desejos de sofrer tão dolorosa paixão e sujeitar-vos às injustiças que previeis no Santíssimo Sacramento. Ah! meu Jesus, de todo o coração proponho repará-las, mesmo com a minha vida; quisera impedir as ofensas que infelizmente recebeis na Divina Eucaristia dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos. *Pai-nosso* etc.

IV. Ó Coração pacientíssimo de meu Jesus, venero humildemente a vossa invencível paciência em sofrer por meu amor tantas penas na cruz e tantos desprezos na divina Eucaristia, ó meu querido Jesus! Já que não posso lavar com o meu sangue os lugares em que fostes tão maltratado num e noutro mistério, prometo-vos, meu sumo bem, empregar todos os meios para desagravar o vosso divino Coração de tantos ultrajes, que recebeis na Santíssima Eucaristia dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos. *Pai-nosso* etc.

V. Ó Coração de meu Jesus, amantíssimo de nossas almas na admirável instituição da Santíssima Eucaristia, adoro humildemente o imenso amor que tendes para conosco, dando-nos como alimento o vosso divino corpo e o vosso

divino sangue. Qual o coração que deixará de comover-se à vista de tamanha caridade? Oh meu bom Jesus! Dai-me abundantes lágrimas para chorar e reparar tantas ofensas que recebeis no Santíssimo Sacramento dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos. *Pai-nosso* etc.

VI. Ó Coração de meu Jesus, sequioso de nossa salvação, venero humildemente o amor que vos impeliu a realizar o sacrifício inefável da cruz e a renová-lo todos os dias sobre os altares na santa missa. Será possível que, à vista de tanto amor, o coração humano não arda de gratidão? Sim, infelizmente é possível, meu Deus; mas prometo fazer para o futuro tudo o que puder a fim de reparar tantos ultrajes que recebeis neste mistério de amor, dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos. *Pai-nosso* etc.

(Esta prática pode servir para fazer a novena das festas de Nosso Senhor Jesus Cristo).

Oração ao sacratíssimo Coração de Maria

Ave, augustíssima rainha de paz, Mãe de Deus; pelo sacratíssimo Coração de vosso Filho Jesus, príncipe da paz, fazei que se aplaque a sua ira e que ele reine sobre nós em paz. Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria, de que nunca se ouviu dizer que por vós seja abandonado quem implora os vossos favores. Animado eu de tal confiança, a vós recorro: ó Mãe do Verbo, não desprezeis as minhas súplicas, mas ouvi-as propícia e atendei-me, ó clemente, ó doce Virgem Maria.

(*Pio IX concede indulgência de 300 dias cada vez que se recita devotamente esta oração*).

Ó Jesus de amor ferido, nunca houvera te ofendido! Ó meu doce e bom Jesus, nunca te pregue à cruz.

Sagrado Coração de Maria, fazei que eu salve a minha alma. Sagrado Coração de Jesus, fazei que eu vos ame sempre mais.

[…][9]

Coroa de Nossa Senhora das Dores

Preparação. Caríssimos irmãos e irmãs em Jesus Cristo, nós fazemos os nossos costumeiros exercícios meditando devotamente as grandíssimas dores

[9] Seguem os mistérios do rosário e as ladainhs lauretanas, que aqui omitimos.

que a Bem-aventurada Virgem Maria sofreu na vida e na morte do seu amado Filho, nosso divino Salvador. Imaginemos que nos encontramos perto de Jesus que pende da cruz e que sua mãe aflita diga a cada um de nós: Vinde e vede se há dor semelhante à minha dor. Certos de que esta mãe piedosa nos quer conceder especial proteção ao meditar as suas dores, invocamos a ajuda divina com as seguintes orações:

Veni, Sancte Spiritus, reple tuorum corda fidelium et tui amoris in eis ignem accende.

V. *Emitte spiritum tuum et creabuntur*,

R. *Et renovabis faciem terrae*.

V. *Memento congregationis tuae*,

R. *Quam possedisti ab initio*.

V. *Domine, exaudi orationem meam*,

R. *Et clamor meus ad te veniat*.

Oremus: *Mentes nostras, quaesumus, Domine, lumine tuae claritatis illustra, ut videre possimus, quae agenda sunt, et quae recta sunt agere valeamus. Per Christum Dominum nostrum*. R. Amen.

Primeira dor: *Profecia de Simeão.* A primeira dor foi quando a Santa Virgem, Mãe de Deus, tendo apresentado seu filho no templo, o depôs nos braços do santo velho Simeão, que lhe disse: A espada da dor traspassará a tua alma: o que significa a paixão e morte de seu filho Jesus. Um *Pai-nosso* e sete *Ave-Marias.*

Segunda dor: *Fuga para o Egito.* A segunda dor foi quando a Santa Virgem se viu obrigada a fugir para o Egito, a fim de evitar a perseguição do cruel Herodes, que impiamente procurava dar a morte ao seu amado filho Jesus. Um *Pai-nosso* etc.

Terceira dor: *Jesus perdido no templo*. A terceira dor da Santa Virgem foi quando, pelo tempo da páscoa, depois de ter estado com o seu esposo São José e com o seu amado filho Jesus em Jerusalém, de volta à sua pobre casa, perdeu o seu divino filho e por três dias seguidos o procurou lamentando a perda do seu único amor. *Pai-nosso* etc.

Quarta dor: *Encontro com Jesus carregando a cruz.* A quarta dor da Santa Virgem foi quando se encontrou com o seu dulcíssimo filho Jesus, que carregava uma pesada cruz em seus ombros delicados até ao monte Calvário, para ser crucificado pela nossa salvação. *Pai-nosso* etc.

Quinta dor: *Crucifixão de Jesus.* A quinta dor da Santa Virgem foi quando viu o seu filho Jesus suspenso sobre o duro madeiro da cruz, vertendo sangue de todo o seu santíssimo corpo e morrendo depois de três horas de agonia. *Pai-nosso* etc.

Sexta dor: *Deposição de Jesus da cruz.* A sexta dor da Santa Virgem foi quando o seu amado filho Jesus, depois de ter sido traspassado no peito com um golpe de lança e despregado da cruz, foi deposto em seu santo regaço. *Pai-nosso* etc.

Sétima dor: *Sepultamento de Jesus*. A sétima e última dor da Santa Virgem, senhora e advogada dos seus servos e dos pobres pecadores, foi quando viu sepultado o corpo santíssimo de seu filho Jesus. *Pai-nosso* etc.

Digam-se em seguida três *Ave-Marias* em sinal de profundo respeito às lágrimas que derramou a Santíssima Virgem nas suas dores, a fim de impetrar uma verdadeira dor pelos nossos pecados. *Ave-Maria* etc.

Terminada a Coroa, recita-se o seguinte hino: *Stabat Mater dolorosa…*

V. Ora pro nobis, Virgo dolorosissima!

R. Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Oremus: *Interveniat pro nobis, quaesumus, Domine Iesu Christe, nunc et in hora mortis nostrae apud tuam clementiam Beata Virgo Maria Mater tua, cuius sacratissimam animam in hora tuae Passionis doloris gladius pertransivit. Per Te, Iesu Christe Salvator mundi, qui cum Patre et Spiritu Sancto vivis et regnas in saecula saeculorum.* R. Amen.

As sete alegrias de que Maria goza no céu

1. Alegrai-vos, ó esposa imaculada do Espírito Santo, por aquele gozo que experimentais agora no paraíso, porque pela vossa humildade, pureza e virgindade fostes exaltada acima de todos os anjos e sublimada além de todos os santos. *Ave-Maria* etc. *Glória* etc.

2. Alegrai-vos, ó Mãe de Deus, por aquele gozo que experimentais no paraíso, porque da mesma forma que o sol cá na terra ilumina o mundo inteiro, assim vós com o vosso resplendor embelezais e fazeis resplandecer todo o paraíso. *Ave-Maria* etc.

3. Alegrai-vos, ó filha de Deus, pela sublime dignidade a que fostes exaltada no paraíso, porque todas as hierarquias dos anjos, dos arcanjos, dos tronos, das dominações e de todos os espíritos bem-aventurados vos prestam

honra e reverência e vos reconhecem por Mãe de seu Criador, e ao menor aceno vosso vos prestam imediata obediência. *Ave* etc.

4. Alegrai-vos, ó serva da Santíssima Trindade, pelo grande poder que tendes no paraíso, porque vos são imediatamente concedidas todas as graças que pedis ao vosso filho Jesus, de tal sorte que, diz São Bernardo, não se concede nenhuma graça aos homens, sem que antes passe pelas vossas mãos santíssimas. *Ave* etc.

5. Alegrai-vos, ó augustíssima rainha, porque só vós merecestes assentar-vos à direita do vosso santíssimo filho, que está assentado à direita do Eterno Pai. *Ave* etc.

6. Alegrai-vos, ó esperança dos pecadores, refúgio dos atribulados, ao ver que todos os que vos louvam e veneram neste mundo são premiados pelo Eterno Pai com a sua santa graça na terra e com a sua imensa glória no céu. *Ave* etc.

7. Alegrai-vos, ó mãe, filha e esposa de Deus, porque todas as graças, todos os gozos, todas as alegrias e todos os privilégios, de que agora gozais no paraíso, não diminuirão jamais; antes aumentarão até ao dia do juízo e durarão por toda a eternidade. *Ave* etc.

Oração à Beatíssima Virgem: Ó gloriosa Virgem Maria, Mãe de meu Senhor, fonte de todas as nossas consolações, por estas vossas alegrias, que recordei com a maior devoção que me foi possível, rogo-vos me alcanceis de Deus a remissão dos meus pecados e o auxílio contínuo de sua graça, para que nunca me torne indigno da vossa proteção, mas pelo contrário tenha a dita de receber todos os favores celestes que costumais alcançar e conceder aos que fazem devota comemoração destas alegrias, que inundam o vosso belo coração, ó rainha imortal do céu.

Exercício de devoção ao Santo Anjo da Guarda

1. Anjo da minha Guarda, que não desdenhais velar com tanto cuidado por mim, miserável pecador, oh! por piedade, suplico-vos que animeis o meu espírito com fé viva, firme esperança e ardente caridade, de tal modo que, desprezando o mundo, só pense em amar e servir meu Deus. Três vezes *Angele Dei* e três *Glória* etc.

2. Nobilíssimo príncipe da corte celestial, que vos dignais tomar cuidado de minha pobre alma, defendei-a contra as insídias e os assaltos do demônio, para que no futuro não torne mais a ofender ao meu Deus. Três vezes *Angele Dei* etc.

3. Espírito gloriosíssimo, que com ininterrupta benignidade vos ocupais da minha alma, alcançai-me a graça de ser sempre devoto vosso e de praticar com fidelidade as recomendações e os conselhos que vos dignardes sugerir ao meu espírito e inspirar ao meu coração. Três vezes *Angele Dei* etc.

4. Guarda piedosíssimo de minha alma, vós que tanto vos humilhastes vindo do céu à terra para desempenhar o vosso ministério em favor de uma criatura tão mesquinha como eu, fazei que possa também eu adquirir o espírito de verdadeira humildade e plenamente me convença de que, por mim só, nada posso sem o vosso auxílio e sem a graça de meu Senhor. Três vezes *Angele Dei* etc.

5. Espírito benigníssimo, que tantas fadigas suportais para a salvação de minha alma, alcançai-me do Senhor que na hora derradeira da minha vida a minha alma por vós defendida passe das vossas mãos aos braços amorosíssimos de meu Jesus. Três vezes *Angele Dei* etc.

Oração. Meu amabilíssimo Guarda, dado que tudo o que fazeis neste mundo em meu favor não tem outro fim a não ser a salvação de minha alma, eu vos peço, quando estiver no meu leito de morte, privado de todos os sentidos, imerso nas angústias da agonia, e quando a minha alma se apartar do corpo para comparecer diante do seu Criador, defendei-a dos seus inimigos e levai-a vencedora convosco para gozar eternamente da glória do paraíso. Assim seja.

Breve maneira de fazer a Via-Sacra

V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Oremus: Respice, quaesumus, Domine, super hanc familiam tuam, pro qua Dominus noster Iesus Christus non dubitavit manibus tradi nocentium et crucis subire tormentum. Qui tecum vivit et regnat in saecula saeculorum. Amen.

Ato de contrição: Meu Redentor e meu Deus, eis-me aqui a vossos pés, arrependido de todo o coração dos meus pecados, pois com eles ofendi a vossa infinita bondade. Quero antes morrer do que tornar a ofender-vos, porque vos amo sobre todas as coisas. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço: fique bem meu peito impresso das chagas do meu Senhor.

Stabat Mater dolorosa / iuxta crucem lacrimosa / dum pendebat Filius,

I Estação

V. *Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi*.

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum*.

Esta primeira estação nos representa o pretório de Pilatos, onde o nosso Divino Redentor recebeu a sentença de morte. Considera, ó minha alma, como Pilatos condenou à morte de cruz o nosso inocentíssimo Jesus e como ele se submeteu de boa vontade a essa condenação, para livrar-te da eterna perdição. Meu Jesus! Eu vos agradeço tanta caridade e vos suplico que canceleis a sentença de morte eterna merecida pelas minhas culpas, para que me torne digno de gozar a vida eterna. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço: fique bem meu peito impresso das chagas do meu Senhor.

Cuius animam gementem, / contristatam et dolentem / pertransivit gladius.

II Estação

V. Adoramus te, Christe, et benedecimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Esta segunda estação nos representa como puseram às costas de Jesus o pesadíssimo madeiro da cruz. Considera ó minha alma, como Jesus sujeitou seus ombros à cruz, que teus enormes e muitíssimos pecados tornavam ainda mais pesada. Meu Jesus! Perdoai-me e concedei-me a graça de que nunca mais, durante o resto da minha vida, vos sobrecarregue de novas culpas, mas antes suporte sempre a cruz de uma verdadeira penitência. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória etc*. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

O quam tristis et afflicta / fuit illa benedicta / Mater Unigeniti!

III Estação

V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Esta terceira estação nos representa como Jesus caiu pela primeira vez debaixo da cruz. Considera, ó minha alma, como Jesus, não podendo suportar o duro peso da cruz, caiu debaixo dela com grande dor. Meu Jesus! As

minhas recaídas no pecado são disto a causa. Eu vos suplico me deis a graça de nunca mais renovar esta dor com novos pecados. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Quae maerebat et dolebat, / pia Mater, dum videbat / Nati paenas inclyti.

IV Estação

V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam, redemisti mundum.

Esta quarta estação nos representa o encontro dolorosíssimo de Maria Santíssima com seu divino Filho. Considera, ó minha alma, como ficou transpassado o coração da Virgem Santíssima vendo a Jesus, e o coração de Jesus vendo sua tão aflita Mãe. Tu, com teus pecados, foste a causa dessa dor de Jesus e de Maria. Oh! Jesus! Oh! Maria! Fazei que eu sinta uma verdadeira dor dos meus pecados, para que os chore enquanto viver e mereça na hora da morte encontrar-vos cheios de compaixão para comigo. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Quis est homo, qui non fleret, / Matrem Christi si videret / in tanto supplicio?

V Estação

V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Esta quinta Estação nos representa como Simão Cireneu foi obrigado a carregar a cruz, acompanhando a Jesus Cristo. Considera, ó minha alma, como não tendo Jesus mais forças para carregar a cruz, os judeus, com fingida compaixão, o aliviaram desse enorme peso. Meu Jesus! A mim é que é devida a cruz, pois que pequei. Fazei que ao menos vos acompanhe, carregando, por vosso amor, a cruz de qualquer adversidade. *Pai-nosso, Ave=Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peco, etc.

Quis non posset contristari / piam matrem contemplari / dolentem cum Filio?

VI Estação

V. Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi.

R. Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.

Esta sexta estação nos representa como a Verônica enxugou o rosto de Jesus. Considera, ó minha alma, o benefício prestado a Jesus por esta piedosa mulher, e como ele a recompensou logo, permitindo que seu rosto ficasse impresso naquele pano. Meu Jesus! Dai-me a graça de purificar a minha alma de todas as manchas e de imprimir em minha mente e no meu coração a vossa santíssima paixão. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peco, etc.

Pro peccatis suae gentis / vidit Jesum in tormentis / et flagellis subditum.

VII Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi*.

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum*.

Esta sétima estação nos representa a segunda queda de Jesus com grande dor e tormento. Considera, ó minha alma, que os padecimentos de Jesus nesta nova queda são efeito de tuas recaídas no pecado. Meu Jesus! Eu me confundo na vossa presença, e vos peço que me concedais a graça de levantar-me de minhas culpas, de maneira a nunca mais nelas recair. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Vidit suum dulcem Natum / moriendo desolatum / dum emisit spiritum.

VIII Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi*.

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum*.

Esta oitava estação nos representa como Jesus encontrou as piedosas mulheres que choravam por ele. Considera, ó minha alma, como Jesus disse àquelas mulheres que não chorassem por ele, mas por si mesmas, para que aprendas que deves primeiro chorar os teus pecados e depois os seus sofrimentos. Meu Jesus! Dai-me lágrimas de verdadeira contrição, para que me seja meritória a compaixão que tenho de vossas dores. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Eia, Mater fons amoris, / me sentire vim doloris / fac, ut tecum lugeam.

IX Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.*

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta nona estação nos representa a terceira queda de Jesus, que lhe causou novas feridas e novos tormentos. Considera, ó minha alma, como o bom Jesus caiu pela terceira vez, porque a tua obstinação no mal te levou a continuares a cair em novas culpas. Ah! Jesus! Para vos dar alívio, quero para sempre acabar com minhas culpas. Confirmai o meu propósito e tornai-o eficaz com a vossa santa graça. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Fac ut ardeat cor meum / in amando Christum Deum / ut sibi complaceam.

X Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.*

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta décima estação nos representa como Jesus, tendo chegado ao Calvário, foi despido de suas vestes e lhe deram a beber fel e mirra. Considera, ó minha alma, o pejo que Jesus experimentou, vendo-se despido, e o tormento que sofreu ao darem-lhe a beber fel e mirra. E foi isto em castigo de tuas faltas de modéstia e de tua gula. Meus Jesus! Eu me arrependo de meus excessos e proponho nunca mais durante toda a minha vida tornar a magoar-vos com eles, mas sim viver com toda a modéstia e temperança. Assim o espero com o vosso divino auxílio. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Sancta Mater, istud agas / Crucifixi fige plagas / cordi meo valide.

XI Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi.*

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum.*

Esta décima primeira estação nos representa como Jesus foi pregado na cruz, na presença de sua aflitíssima Mãe. Considera, ó minha alma, os horríveis sofrimentos de Jesus quando lhe transpassaram com cravos as mãos e os pés. Oh! crueldade dos Judeus! Oh! amor de Jesus para conosco! Meu Jesus! Vós sofrestes tanto por amor de mim e eu fujo o mais que posso de qualquer sofrimento. Pregai em vossa cruz a minha vontade, resolvida a nunca mais vos ofender e a sofrer até de boa vontade, por vosso amor, qualquer tormento. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Tui nati vulnerati / tam dignati pro me pati / paenas mecum divide.

XII Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi*.

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum*.

Esta décima segunda estação nos representa a morte de Jesus na cruz. Considera, ó minha alma, que, depois de três horas de agonia, o teu Redentor morreu na cruz, para a tua salvação. Ah! meu Jesus! É bem justo que eu empregue em vosso serviço o resto de minha vida, pois por mim destes a vossa no meio de tantos tormentos. Assim proponho: auxilie-me a vossa graça pelos merecimentos de vossa morte. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri*.

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Fac me tecum pie flere, / Crucifixo condolere / donec ego vixero.

XIII Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi*.

R. *Quia per sanctam crucem et mortem tuam redemisti mundum*.

Esta décima terceira estação nos representa como foi tirado da cruz o corpo santíssimo de Jesus e depositado nos braços da Santíssima Virgem Maria, sua Mãe. Considera, ó minha alma, a dor de Maria Santíssima vendo morto em seus braços o seu divino filho. Virgem Santíssima, alcançai-me, pelos merecimentos de Jesus, a graça de nunca mais em minha vida renovar o que foi causa da sua morte, para que ele viva sempre em mim com a sua divina graça. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Iuxta crucem tecum stare / et me tibi sociare / in planctu desidero.

Última Estação

V. *Adoramus te, Christe et benedicimus tibi*.

R. *Quia per sanctam Crucem et mortem tuam redemisti mundum*.

Esta última estação nos representa a sepultura de nosso Redentor. Considera, ó minha alma, como o corpo santíssimo de Jesus foi sepultado com grande devoção no sepulcro novo para ele preparado. Meu Jesus! Eu vos agradeço tudo o que sofrestes por mim e vos suplico me outorgueis a graça de preparar o meu coração para receber-vos dignamente na comunhão, e estabeleçais para sempre a vossa morada na minha alma. *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória* etc. *Miserere nostri, Domine, miserere nostri.*

Santa Mãe, isto vos peço, etc.

Quando corpus morietur, / fac ut animae donetur / paradisi gloria.

V. *Salva nos, Christe Salvator, per virtutem crucis*.

R. *Qui salvasti Petrum in mari, miserere nobis*.

Oremus: *Deus, qui unigeniti Filii tui pretioso sanguine vivificae crucis vexillum sanctificare voluisti, concede, quaesumus, eos qui eiusdem sanctae crucis gaudent honore, tua quoque ubique protectione gaudere. Per eumdem Christum Dominum nostrum*. R. Amen.

V. *Divinum auxilium maneat semper nobiscum*.

R. Amen.

Oração do papa Bento XIII para pedir a Deus a graça de não morrer improvisamente

Misericordiosíssimo Senhor Jesus, por vossa agonia e suor de sangue, e pela vossa morte, livrai-me, eu vos suplico, da morte repentina e improvisa.

Benigníssimo Senhor Jesus, por vossa acerbíssima e ignominiosíssima flagelação e coroação, por vossa cruz e paixão amaríssima e por vossa bondade, humildemente vos peço não permitais que eu morra repentinamente e sem os santos sacramentos.

Meu muito amado Jesus, Deus e Senhor meu, por todos os vossos trabalhos e dores, por vosso precioso sangue e por vossas sacrossantas chagas, por aquelas últimas palavras, que vós, ó meu dulcíssimo Jesus, proferistes na cruz: *Deus meus, Deus meus, ut qui dereliquisti me*? [Mc 15,34] e por aquelas outras:

Pai, em vossas mãos encomendo o meu espírito, ardentissimamente vos rogo me livreis da morte repentina. As vossas mãos, meu Redentor, me fizeram e formaram todo inteiro. Por piedade, não permitais que eu seja surpreendido improvisamente pela morte. Eu vos suplico, dai-me tempo para fazer penitência; concedei-me um trânsito feliz e na vossa graça, para que eu vos ame de todo o coração, vos louve e bendiga eternamente.

Meu Senhor Jesus Cristo, por aquelas cinco chagas que o amor para conosco vos abriu na cruz, socorrei vossos servos, a quem remistes com o vosso preciosíssimo sangue: *Sanguinisque pretiosi quem in mundi pretium.* Assim seja.

Oração a São José

Gloriosíssimo São José, venturoso esposo de Maria, vós que merecestes ser o guarda de Salvador do mundo Jesus Cristo, e que, abraçando-o ternamente, gozastes antecipadamente do paraíso, ah! alcançai-me do Senhor inteiro perdão dos meus pecados, a graça de imitar vossas virtudes, para que eu caminhe sempre pela vereda que conduz ao céu. Assim como merecestes ter a Jesus e Maria junto ao vosso leito, na hora da vossa morte e em seus braços exalar docemente vossa alma bem-aventurada, peço-vos digneis defender-me dos inimigos de minha alma em meus últimos momentos, a fim de que, consolado pela doce esperança de voar convosco ao paraíso a possuir a glória eterna, expire pronunciando os nomes santíssimos de Jesus, José e de Maria.

Oração para a boa morte

Senhor Jesus, Deus de bondade, Pai de misericórdia, eu me apresento diante de vós com o coração humilhado, contrito e compungido; recomendo-vos minha última hora e o que depois dela me espera.

Quando meus pés imóveis me advertirem que minha carreira neste mundo está próxima a terminar, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando minhas mãos, trêmulas e entorpecidas, já não puderem sustentar vossa imagem crucificada e, a meu pesar, a deixar cair sobre o leito das minhas dores, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando meus olhos, já vidrados e ofuscados pelo horror da morte iminente, se fixarem em vós com um olhar lânguido e moribundo, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando os meus lábios, frios e trémulos, pronunciarem pela última vez vosso Nome adorável, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando minhas faces, pálidas e lívidas, inspirarem aos circunstantes compaixão e terror, e os meus cabelos, banhados do suor da morte se eriçarem, indicando que está próximo a meu fim, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando meus ouvidos, prestes a cerrarem-se para sempre às palavras dos homens, se abrirem para escutar a vossa voz, que pronuncia a irrevogável sentença que há de fixar a minha sorte por toda a eternidade, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando minha imaginação, agitada pelos horrendos e temerosos fantasmas, estiver submersa em mortais tristezas, e o meu espírito, perturbado ao aspecto de minhas iniquidades e pelo temor da vossa justiça, lutar contra o anjo das trevas, que buscará privar-me da vista consoladora das vossas misericórdias e lançar-me no desespero, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando meu débil coração, oprimido pelas dores da enfermidade, estiver tomado dos horrores da morte e exausto de forças pelas lutas sustentadas contra os inimigos da minha salvação, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando eu derramar minhas últimas lágrimas, sintoma da minha destruição, recebei-as, meu Jesus, em sacrifício expiatório, para que expire como vítima de penitência, e naquele terrível momento*, ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando meus parentes e amigos, estando em torno de mim, se enternecerem ao ver o meu lastimoso estado, e por mim vos invocarem, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando houver perdido o uso de todos os meus sentidos, e o mundo inteiro tiver desaparecido para mim, e gemer nas angústias da última agonia e nas aflições da morte, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando as últimas ânsias do coração forçarem minha alma a sair do corpo, aceitai-as como sinais de uma santa impaciência de chegar a vós, e vós, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando minha alma, fugindo-me dos lábios, partir para sempre deste mundo e abandonar meu corpo pálido, frio e sem vida, aceitai a destruição de meu ser como homenagem que presto a vossa divina majestade; e então*, ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Quando finalmente minha alma comparecer diante de vós, e vir pela primeira vez o esplendor imortal de vossa majestade, não a expulseis de vossa presença; mas dignai-vos receber-me no seio amoroso da vossa misericórdia, para que eu cante eternamente os vossos louvores, *ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim.*

Oração: Ó Deus, que nos condenando à morte, nos ocultastes a hora e o momento dela, fazei que vivendo eu em justiça e santidade todos os dias da vida, possa merecer a graça de sair deste mundo em vosso santo amor, pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, que convosco vive e reina em unidade do Espírito Santo. Assim seja (*Pio VII concedeu indulgência de 100 dias para quem recita todos os dias esta oração e, por um mês, indulgência plenária*)

Oração pelas almas do purgatório

Senhor todo-poderoso, que pelo amor que tendes aos homens, vos dignastes revestir carne humana, viver nas privações, sofrer uma dolorosíssima paixão e enfim morrer na cruz, ah! por tantos merecimentos que nos alcançastes com o vosso preciosíssimo sangue, peço-vos volvais um olhar piedoso aos tormentos que no purgatório padecem aquelas santas almas; elas saíram deste vale de pranto na vossa graça e sofrem agora os ardores daquelas chamas para pagar as dívidas que ainda têm para com a vossa divina justiça. Aceitai, pois, ó piedosíssimo Senhor, as orações que por elas humildemente vos ofereço; tirai-as daquele tenebroso cárcere e chamai-as à glória do paraíso. Recomendo-vos de modo particular as almas de meus parentes, dos meus benfeitores espirituais e temporais, e especialmente as almas a quem eu tenha podido ser ocasião de pecado com o meu mau exemplo. Virgem Santíssima, mãe piedosa, consoladora dos atribulados, intercedei vós por aquelas almas, a fim de que pela vossa poderosíssima intercessão possam fruir do paraíso para elas preparado.

V. Te ergo, quaesumus, tuis famulis subveni.

R. Quos pretioso sanguine redemisti. Pai-nosso, Ave-Maria e *Requiem.*

A respeito da escolha do estado de vida

Edição impressa em Giovanni Bosco, *Il giovane provveduto per la pratica dei suoi doveri negli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'Uffizio della B. Vergine, dei Vespri di tutto l'anno e dell'Uffizio dei morti coll'aggiunta di una scelta di laudi sacre*. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1880, pp. 75-78.

Nos seus eternos desígnios, Deus marcou a cada um de nós uma determinada condição de vida e as graças relativas. Como em todos os casos, também neste, que é de capital importância, o cristão deve procurar conhecer a vontade divina, imitando a Jesus Cristo, que protestava ter vindo ao mundo somente para cumprir a vontade de seu Eterno Pai. É pois de suma importância, jovem, que procures ver bem claramente neste assunto, para não assumires estados e ocupações às quais o Senhor não te destina.

A uma alma favorecida por Deus de modo singular, manifestou ele por via extraordinária o estado a que a chamava. Tu não pretendas tanto, mas consola-te com a segurança de que Deus te guiará pelo reto caminho, contanto que da tua parte não descures os meios oportunos para tomar uma prudente determinação.

Um destes meios é conservar-te ilibado durante a infância e juventude, ou reparar com uma sincera penitência os anos passados infelizmente no pecado. Outro meio é a oração humilde e perseverante. Será bom repetir com São Paulo: *Senhor, que quereis que eu faça?* Ou então com Samuel: *Falai, Senhor, que o vosso servo vos escuta*. Ou com o Salmista: *Ensinai-me a fazer a vossa vontade, porque sois vós o meu Deus.* Ou alguma outra afetuosa aspiração semelhante a essas.

Quando tiveres de tomar uma determinação, dirige-te a Deus com as mais especiais e frequentes orações; aplica para esse fim a santa missa que ouvires, aplica algumas comunhões. Poderás também fazer alguma novena, algum tríduo, alguma abstinência, visitar algum santuário célebre. Recorre também a Nossa Senhora, que é a mãe do bom conselho; a São José, seu esposo, que sempre foi fidelíssimo às ordens divinas; ao Anjo da Guarda, aos teus santos padroeiros. Ótima coisa seria, sendo possível, antes de tomar decisão de tamanha importância, fazer os exercícios espirituais ou algum dia de retiro.

Promete que haverás de fazer a vontade de Deus, aconteça o que acontecer e apesar da desaprovação de quem julga de acordo com o ponto de vista do mundo.

Acontecendo que os pais ou outras pessoas de respeito quisessem dissuadir-te do caminho ao qual Deus te chama, lembra-te de que então é o caso de pôr em prática o grande aviso do Evangelho, isto é, de obedecer de preferência a Deus não aos homens. Não esqueças absolutamente o respeito e a honra que lhes deves; responde e trata-os sempre com humildade e mansidão, mas sem prejudicar o supremo interesse da tua alma. Toma conselho sobre o modo de te haveres e confia naquele que tudo pode. Consulta o confessor, declarando com toda a clareza o teu caso e as tuas disposições.

O jovem fiel à sua vocação

Quando São Francisco de Sales manifestou em sua casa que Deus o chamava ao sacerdócio, os pais lhe observaram que na qualidade de primogênito da família, devia ser seu apoio e sustentáculo, que a inclinação ao estado eclesiástico provinha de uma devoção indiscreta e que ele poderia perfeitamente tornar-se santo também vivendo no mundo. E até para melhor levá-lo a secundar as suas intenções, propuseram-lhe um casamento muito vantajoso. Mas nada pôde demovê-lo do seu propósito. Antepôs constantemente a vontade de Deus à vontade dos pais, a quem amava com toda a ternura e dedicava profundo respeito; preferiu renunciar a todas as vantagens temporais, a ter que faltar à graça da vocação. E os pais que, não obstante alguma ideia menos reta derivada do ponto de vista mundano, eram pessoas piedosas, mais tarde tiveram que se declarar satisfeitos com a resolução do filho.

Oração para conhecer a própria vocação

Eis-me a vossos pés, ó Virgem piedosa, para pedir-vos a graça importantíssima da escolha do meu estado de vida. Não procuro outra coisa senão fazer perfeitamente a vontade do vosso divino filho em todo o tempo da minha vida. Desejo ardentemente escolher o estado que me deixar mais feliz no momento da morte. Ah! mãe do bom conselho, fazei ressoar aos meus ouvidos uma voz que afaste toda dúvida da minha mente. A vós, que sois a Mãe do meu Salvador, cabe ser também a mãe da minha salvação; porque se vós, ó Maria, não me comunicardes um raio do sol divino, que luz há de me iluminar? Se vós não me instruís, ó Mãe da Sabedoria incriada, quem me ensinará? Orientai-me, a mim que estou duvidoso e vacilante, conduzi-me pelo reto caminho que conduz à vida eterna, dado que vós sois a única esperança de virtude e de vida, cujos frutos são somente frutos de honra e de honestidade. Três *Pai-nossos, Ave-Marias* e *Glória*.

II. CONSELHOS ESPIRITUAIS NAS CARTAS DE DOM BOSCO A MENINOS E JOVENS

A correspondência de São João Bosco reflete a sua multíplice atividade de promotor de obras educativas e assistenciais, de empreendimentos editoriais e missionários. Documenta também a vastíssima rede de relações que ele criou. Suas cartas são de um homem de ação, de um organizador incansável, de um comunicador perspicaz, de um fundador religioso e de um apaixonado animador de iniciativas católicas. Pouco espaço é dado aos aspectos espirituais, que ele prefere tratar na pregação, nos colóquios pessoais ou no contexto do sacramento da penitência.

Todavia, não faltam cartas que, apesar de breves, oferecem orientações espirituais e conselhos preciosos, dos quais emerge a sabedoria e a experiência de um forjador de almas.

Aqui são transcritas, a título de exemplo, algumas correspondências dirigidas a meninos e jovens, com sugestões e pequenos programas de vida, que refletem os traços que caracterizam o seu magistério espiritual, sempre orientado para a concretude de uma vivência cristã fecunda de obras e de tensão virtuosa.

185. A Estêvão Rossetti

Edição crítica em E(m) I, pp. 500-501.

Santo Inácio (Lanzo), 25 de julho de 1860

Amadíssimo filho,

A carta que me escreveste causou-me imenso prazer. Nela mostras que compreendeste minhas disposições para contigo. Sim, meu caro, eu te amo de todo o coração, e o meu amor me leva a fazer tudo quanto posso para fazer-te progredir no estudo e na piedade e guiar-te pelo caminho do céu. Lembra os muitos conselhos que te dei em várias circunstâncias: conserva-te alegre, mas a tua alegria seja verdadeira, como a que nasce de uma consciência limpa do pecado. Estuda para te tornares muito rico, mas rico de virtudes, porque a maior riqueza é o santo temor de Deus. Foge dos maus, sê amigo dos bons; põe-te nas mãos do teu pároco e segue seus conselhos e tudo irá bem.

Saudações a teus pais; reza por mim, e enquanto Deus te mantiver longe de mim, peço-lhe que te conserve sempre junto dele até voltares para cá, ao mesmo tempo que sou, com paterno afeto

Afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco

186. A Severino Rostagno

Edição crítica em E(m) I, p. 423.

Turim, 5 de setembro de 1860

Caríssimo filho,

Tua carta causou-me prazer. Se experimentaste grande consolação por aquele momento de tempo em que estivemos juntos conversando rapidamente, que alegria não será para nós quando, com a ajuda de Deus, viveremos sempre felizes no céu onde havemos de juntar nossas vozes para louvar o nosso Criador por toda a eternidade?

Coragem, pois, meu filho, permanece firme na fé, cresce dia a dia no santo temor de Deus; guarda-te dos maus companheiros como de serpentes venenosas, frequenta os sacramentos da confissão e da comunhão; sê devoto de Maria Santíssima e serás eternamente feliz.

Quando te vi pareceu-me divisar um plano da divina Providência para ti; não o digo por ora: se vieres ver-me outra vez falarei mais claramente e saberás então o motivo de algumas palavras ditas nessa ocasião.

Que o Senhor dê a ti e à tua mãe saúde e graça; reza por mim que sou de coração teu

Afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco

187. A João Garino

Edição crítica em E(m) I, p. 144.

Calliano, 10 de outubro de 1860 [?]

Caríssimo Garino,

Recebi com satisfação a tua carta e alegro-me pela tua firme vontade de ser bom, a fim de te tornares um ótimo eclesiástico. Da minha parte farei tudo o que puder, mas também preciso de alguma coisa da tua parte. De quê? De uma confiança ilimitada em tudo o que se refere ao bem da tua alma. Eu precisaria fazer de ti um caçador de almas, mas temendo que tu sejas caçado por outros, só te proponho que te tornes modelo entre teus colegas em fazer o bem. Além disso, para ti será sempre uma grande fortuna quando promoveres algum bem ou impedires algum mal entre teus colegas.

Ama-me como eu te amo no Senhor; reza também por mim que de coração sou teu

Afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco

188. A Emanuel Fassati

Edição crítica em E(m) I, pp. 459-460.

Turim, 8 de setembro de 1861

Caro Emanuel,

Enquanto gozas do campo com o bom Estanislau, venho com tua *maman* fazer-te uma visita, com este bilhete que tenho o dever de te escrever.

Meu objetivo é o de traçar um belo projeto para ti. Escuta, pois: a idade, os estudos que estás fazendo parecem suficientes para seres admitido à primeira comunhão. Eu então queria que a próxima Páscoa fosse para ti o grande dia da tua primeira comunhão. Que achas, querido Emanuel? Tenta falar com

teus pais e ouvir-lhes a opinião. Mas queria que desde agora começasses a preparar-te, sendo de modo especial exemplar em praticar o seguinte:

1° Obediência exata aos teus pais e aos outros teus superiores, sem nunca fazer oposição a qualquer ordem.

2° Pontualidade no cumprimento dos deveres, especialmente nos da escola, sem que nunca tenham de te repreender para que os cumpras.

3° Apreciar muito todas as coisas de devoção. Por isso, fazer bem o sinal da santa cruz, rezar de joelhos em atitude composta, assistir com exemplaridade às coisas da igreja.

Eu ficaria bem contente se me respondesses a respeito das propostas que te fiz. Peço-te que saúdes em meu nome Azélia e Estanislau. Conservai-vos todos alegres no Senhor.

Deus vos abençoe a todos; rezai por mim; tu especialmente, caro Emanuel, dá-me alegria pelo teu bom procedimento, e acredita-me sempre teu

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

189. Aos jovens do Oratório

Edição crítica em E(m) I, p. 694.

Do santuário de Oropa (Biella), 6 de agosto de 1863

Caríssimos filhos estudantes,

Se vós, meus queridos filhos, estivésseis neste monte ficaríeis certamente comovidos. Um grande edifício em cujo centro há uma igreja devota e que forma o que comumente se chama santuário de Oropa. Há aqui um contínuo vaivém de pessoas. Alguns agradecem a Nossa Senhora as graças recebidas, outros imploram que os livre de um mal espiritual ou temporal, outros pedem a Nossa Senhora que os ajude a perseverar no bem, outros ainda a ter uma santa morte. Jovens e velhos, ricos e pobres, camponeses e senhores, cavalheiros, mulheres, vaqueiros, estudantes de todas as condições vemo-los continu-

amente se aproximar em grande número dos santos sacramentos da confissão e da comunhão e em seguida se dirigir para junto de uma estupenda estátua de Maria Santíssima a fim de implorar-lhe a celeste proteção.

Mas no meio de tanta gente o meu coração sentia um vivo pesar. Por quê? Não via os meus queridos jovens estudantes. Ah! sim, por que não posso ter meus filhos aqui, levá-los todos aos pés de Maria, oferecê-los a ela, colocá-los sob a sua celeste proteção, fazer de todos um Domingos Savio, um São Luís?

Para confortar o meu coração fui ao seu prodigioso altar e prometi a ela que chegando a Turim faria tudo quanto pudesse para inocular nos vossos corações a devoção a Maria e, recomendando-vos a ela, pedi para vós algumas graças especiais. Maria, disse-lhe, abençoai toda a nossa casa, afastai do coração dos nossos jovens até a sombra do pecado; sede guia dos estudantes, sede para eles a fonte da verdadeira sabedoria. Somos todos vossos, sempre vossos; e tende-os como filhos vossos e conservai-os entre os vossos devotos. Creio que a Santa Virgem me atendeu e espero que me haveis de ajudar para que possamos corresponder à voz de Maria, à graça do Senhor.

Que a Santa Virgem me abençoe, abençoe todos os sacerdotes e clérigos e todos os que empregam suas fadigas pela nossa casa, abençoe todos vós. Ela, do céu, nos ajude, e faremos todo esforço para merecer-lhe a santa proteção na vida e na morte. Assim seja.

Afeiçoadíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

190. A Emanuele Fassati

Edição crítica em E(m) I, p. 607.

Da tua casa de campo de Montemagno, 1° de outubro de 1863

Caro Emanuel,

Antes de partir, caro Emanuel, ouve duas palavras de um amigo da tua alma.

Chegando ao colégio que a prudência dos teus pais escolheram, procura pôr em prática estas recomendações:

1° Terás grande abertura de coração com os teus superiores. 2° Procurarás pôr em prática os conselhos do teu confessor. 3° Foge do ócio e dos companheiros que por acaso ouvires falar mal. 4° Reza todos os dias à Santa Virgem para que permita, sim, sofreres qualquer mal, nunca, porém, o de cair em pecado grave.

Deus te abençoe e te conserve em saúde e em graça, até nos vermos novamente em agosto de 1864, se ainda estivermos vivos. *Amen.*

Teu afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

191. Aos alunos de Mirabello

Edição crítica em E(m) I, pp. 629-630.

Turim, 30 de dezembro de 1863

Aos meus amados filhos do Pequeno Seminário de São Carlos em Mirabello,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco. *Amen*.

Os sinais de afeto filial que vós, filhos muito queridos, me destes quando tive o prazer de fazer-vos uma visita, haviam-me decidido a ir procurar-vos novamente nestes dias de festas e de votos de felicidades. Não podendo fazê-lo pelas ocupações que me prendem, limito-me a escrever-vos uma carta para vos expor algumas preocupações do meu coração paterno.

Em primeiro lugar agradeço-vos tudo quanto fizestes por mim, as saudações que me foram enviadas, as orações elevadas a Deus pelo bem da minha alma; como também vos agradeço o afeto que tendes para com o padre Rua e para com os demais superiores desse seminário. Como estive convosco, indo muitas vezes ver-vos em espírito, julgo conveniente dizer-vos quanto pude observar em particular (para isso escrevo bilhetes à parte) e em geral.

Com verdadeira satisfação observei maior frequência aos santos sacramentos da confissão e da comunhão; atitude mais devota na igreja, especialmente na oração da noite; maior caridade em suportar as amolações dos companheiros; e, em muitos, o esforço de progredir no estudo e de combater os vícios e as más tentações. Isso eu observei com grande prazer da minha parte; todavia, se me permitis, devo dizer-vos algumas coisas que muito me amarguraram o coração.

Observei que alguns vão à igreja sem dar a impressão de entrar num lugar santo; que ouvem as pregações (e não são poucos) continuamente distraídos, sem sequer levar no coração algum propósito a praticar para o bem da própria alma. Notei que vários começam as orações e no fim nem sabem se as rezaram e até mesmo nem abrem a boca; encontrei outros que andaram brigando, outros que não podendo vingar-se, alimentam por muito tempo mau humor e ódio contra os seus rivais.

Há também os que fogem do trabalho como de enorme pedra que lhes pende sobre a cabeça; mas o que mais me amargurou foram os que procuraram introduzir máximas desonestas e conversas que São Paulo nem quer que se nomeiem entre os cristãos. Alguns houve, muito poucos, que, devo dizê-lo?, se aproximaram indignamente dos santos sacramentos.

São essas, meus amados filhos, as coisas que notei sobre o andamento do pequeno seminário de Mirabello. Pensais acaso que escrevo isso para vos repreender? Não; escrevo tão-somente para avisar-vos, e assim os bons se animem a perseverar, os tíbios procurem se aquecer e inflamar de amor de Deus, e quem precisar se levante do estado em que se encontra. Aqui teria muitas coisas a escrever, mas deixo para fazê-lo na minha próxima visita: direi então o que Nosso Senhor quer de vós no decorrer deste ano para que mereçais as suas bênçãos.

1° Fuga do ócio; portanto, suma diligência no cumprimento dos próprios deveres escolares e religiosos. O ócio é pai de todos os vícios.

2° Comunhão frequente. Que grande verdade estou a dizer-vos agora! A comunhão frequente é a grande coluna que sustenta o mundo moral e material, para que não caia em ruína.

3° Devoção e recurso frequente a Maria Santíssima. Jamais se ouviu dizer no mundo que alguém tenha recorrido com confiança a essa mãe celeste sem que tenha sido prontamente atendido.

Crede, meus queridos filhos, penso não exagerar afirmando que a comunhão frequente é uma grande coluna sobre a qual se apoia um polo do mundo; a devoção para com Nossa Senhora é a outra coluna sobre a qual se apoia o outro polo. Digo, pois, ao padre Rua, aos outros superiores, profes-

sores, assistentes, a todos os jovens, que recomendem, pratiquem, preguem, insistam com todo o ardor da caridade de Jesus Cristo, a fim de que não sejam nunca esquecidas essas três lembranças que eu vos mando para maior glória de Deus, para o bem das vossas almas, tão queridas a Nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina com o Pai na unidade do Espírito Santo. Assim seja.

Enquanto vos garanto que todos os dias vos hei de recomendar ao Senhor na santa missa, recomendo também minha alma à caridade das vossas orações. Todos os jovens desta casa também se recomendam às vossas orações e vos desejam muitas bênçãos celestes. A Santa Virgem nos conserve a todos como sempre seus. *Amen.*

Vosso afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

192. Ao padre Miguel Rua, aos salesianos e aos jovens de Mirabello

Edição crítica em E(m) II, p. 57.

Turim, 19 de junho de 1864

Ao padre Miguel Rua e a todos os meus queridos filhos de Mirabello.

Tu, caro padre Rua, e todos os demais meus amados filhos de Mirabello, vós me esperáveis para a festa de São Luís; podeis facilmente imaginar como teria sido grande o prazer de poder contentar-vos. Mas tenho alguns trabalhos em curso que me impedem absolutamente ir ter convosco; entre os demais, há a nova igreja, da qual se estão cavando atualmente os alicerces e que exige contínua assistência para as modificações que surgem a todo momento quanto à linha de demarcação. Por isso, é preciso que adiemos esta satisfação para a primeira quinzena de julho e então poderemos conversar, rir e brincar com algum brinde bem agradável.

Todavia, desde agora quero celebrar convosco a festa de São Luís; como, porém, dia 21, entre nós, não é um dia solene, sendo transferida para o dia 29 deste mês a solenidade, assim poderei rezar a santa missa para meus amados filhos de Mirabello. Portanto, unamo-nos todos no espírito do Senhor pedindo três coisas a São Luís:

1° Saúde e graça a fim de vos prepararde para fazer bem os vossos exames e dessa maneira as próximas férias serem mais agradáveis.

2° Imitar São Luís no bom exemplo, especialmente evitando falar mal.

3° Que o padre Rua, por minha conta, vos faça estar alegres, antes na igreja, depois ao almoço e finalmente com um belo passeio. Fazei assim a festa de São Luís e todos estaremos contentes.

Quanto ao mais, eu vos amo a todos no Senhor, e passam poucas horas do dia sem que eu vos visite e me entretenha convosco. Amemo-nos, mas amemo-nos para servir ao Senhor durante toda a nossa vida e depois gozarmos com ele por toda a eternidade.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco. Amém.

Com grande afeto sou

Vosso afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

P.S. Muitas saudações à tua mãe, ao subdiácono Francisquinho, ao padre Bonetti e a toda a família Provera. Assim seja.

193. Aos alunos de Mirabello

Edição crítica em E(m) II, pp. 58-59.

[Turim, início de julho de 1864]

Aos meus queridos filhos de Mirabello,

Atrasei, amados filhos, a visita que havia prometido, mas o que mais me dói é nem mesmo ter podido ir para a festa de São Luís. Procuro agora o jeito de compensar o atraso com uma mais longa permanência entre vós. Terça-feira à tarde, se Deus quiser, aí pelas últimas horas, estarei em Mirabello. Mas por que estou avisando? Não basta chegar como de costume? Não, meus caros, não basta. Preciso falar-vos em público para contar-vos algumas coisas que estou certo serão de vosso agrado; falar-vos em particular de coisas nada agradáveis, mas que é preciso que saibais; falar-vos

também ao ouvido para quebrar os chifres do demônio que quer ser mestre e dono de alguns de vós.

Ponho aqui uma observação que numa recente visita pude fazer a respeito de alguns que devem ser avisados de modo especial; e peço ao vosso senhor diretor queira dizer-lhes em meu nome, que tenho grave necessidade de falar às suas almas, ao seu coração, à sua consciência; mas esta necessidade é somente para fazer-lhes bem à alma.

De resto digo-vos que, nas frequentes visitas que vos fiz, vi coisas que me dão muita consolação, especialmente os que frequentam exemplarmente a sagrada comunhão e cumprem exemplarmente os seus deveres. Observei também as pequenas negligências de alguns, mas disso não faço caso.

Em meio a isso tudo não vos preocupeis absolutamente. Estarei entre vós como pai, amigo e irmão; basta somente que ponhais por alguns instantes o vosso coração nas minhas mãos, e ficareis contentes. Vós ficareis contentes pela paz e pela graça do Senhor, de que por certo se enriquecerá vossa alma; eu ficarei contente por ter a grande e suspirada consolação de ver-vos todos na amizade de Deus Criador.

Mas isso tudo é para a alma; e para o corpo, nada? Certamente depois de havermos dado à alma o que lhe for necessário, não deixaremos o corpo em jejum. Desde agora recomendo ao senhor prefeito que dê as ordens oportunas para passarmos um belo dia, e se o tempo permitir, darmos também todos juntos um passeio.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre convosco; e a Santíssima Virgem vos faça todos ricos da verdadeira riqueza, que é o santo temor de Deus. *Amen.*

Rezai por mim que sou com todo o coração vosso
Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

P.S. Saudações especiais aos padres, mestres, assistentes e à família Provera, especialmente ao querido papai.

194. À jovem Aninha Pelazza

Edição crítica em E(m) II, p. 60.

Turim, 20 de julho de [1864]

Muito estimada jovem Aninha Pelazza,

1º A obediência é para vós o caminho seguro para chegar ao céu.

2º Para executar o pensamento que desde algum tempo ocupa a vossa mente (isto vós não o dissestes, mas parece-me vê-lo na vossa mente, isto é, fazer-vos religiosa), ponde-vos inteiramente nas mãos das vossas santas superioras.

3º Quando tiverdes necessidade de alguma coisa, ide pedi-la a Jesus Sacramentado e a Maria Imaculada, e sereis sempre atendida.

Deus vos abençoe e nos conceda a todos nós caminharmos pelo caminho da salvação da alma.

Orai por mim que sou para vós em Jesus Cristo

Humilde servo

Sac. João Bosco.

195. Ao padre Miguel Rua e aos alunos de Mirabello

Edição crítica em E(m) II, pp. 97-98.

Turim, 30 de dezembro de 1864

Meus queridos filhos de Mirabello,

A bondade e os sinais de afeição filial que me manifestastes quando tive o prazer de fazer-vos uma visita, as cartas, as saudações que alguns me enviaram, e que conservarei como agradável lembrança, estimulavam-me a voltar quanto antes a entreter-me um pouco convosco, ó meus queridos e amados filhos. Não pude até agora satisfazer esse meu desejo, mas haverei

de satisfazê-lo em breve. Entretanto, para dar largas de alguma maneira aos sentimentos do meu coração, desejo escrever-vos uma carta como mensageira de minha ida até aí.

Mas que adianta uma carta para exprimir as muitas coisas que vos queria dizer? Vou restringir-me ao principal.

Direi então que vos agradeço todos os sinais de benevolência que me destes e a confiança que tivestes para comigo no lindo dia que passei em Mirabello. As vozes, os vivas, o beijar e apertar a mão, o sorriso cordial, o falarmos da alma, o encorajar-nos reciprocamente para o bem, são coisas que me alegraram o coração, e por pouco que pense nisso me sinto comovido até às lágrimas.

Estou, portanto, muitas vezes entre vós com o meu pensamento e alegro-me ao ver o belo número que com frequência se aproxima da sagrada comunhão; mas se eu não lhes quisesse muito bem, gostaria de dar uma solene repreensão ao Prot Maggiore, ao Persigotti, ao Cigorza... escaparam-me esses nomes; não quero dizer mais nada.

Direi ainda que sois a pupila dos meus olhos e que todos os dias me lembro de vós na santa missa, peço que Deus vos conserve em saúde, na sua graça, vos faça progredir na ciência, que sejais a consolação dos vossos pais e a delícia de Dom Bosco que tanto vos ama.

Mas como lembrança, que vos dará Dom Bosco? Três coisas muito importantes: um aviso, um conselho e um meio.

Um aviso. Fugi, meus caros, de todo pecado de imodéstia; as obras, pensamentos, olhares, desejos, palavras, conversas contrárias ao sexto mandamento não devem sequer, como diz São Paulo, ser nomeadas entre vós.

Um conselho. Conservai com o máximo cuidado a bela, a sublime, a rainha das virtudes, a santa virtude da pureza.

Um meio. Meio muito eficaz para prostrar e vencer com segurança o inimigo e conseguir conservar essa virtude é a comunhão frequente, mas feita com as devidas disposições.

Quereria dizer aqui coisas que não cabem numa carta; o padre Rua, por favor, faça pelo menos três breves instruções ou considerações sobre cada um dos mencionados argumentos.

Por fim, ó meus caros, dir-vos-ei que vos amo muito, desejo ver-vos e isso acontecerá dentro de pouco tempo. Quero que vós todos me deis o vosso coração para que todos os dias possa oferecê-lo a Jesus no Santíssimo

Sacramento quando digo a santa missa; eu vou ver-vos com um grande desejo de falar a cada um das coisas da vossa alma e a cada um direi três coisas: uma sobre o passado, outra sobre o presente, outra sobre o futuro.

A Santa Virgem nos conserve a todos seus e sempre seus, e a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco. Amém.

Vivam os meus queridos filhos de Mirabello.

Afeiçoadíssimo amigo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

P.S. – Coragem, paciência e capacidade de sofrer é o que desejo ao diretor, ao prefeito, aos professores, aos assistentes, aos serventes, ao querido papai Provera e a toda a sua família, a mamãe Rua, e ao meu amiguinho Meliga, ao Chiastellardo, ao querido Ossella que me escreveu uma bela carta, etc.

196. A Gregório Cavalchini Garofoli

Edição crítica em E(m) II, p. 252.

Turim, 1° de junho de 1866

Caríssimo Gregório Garofoli,

Com prazer recebi tua carta e dei notícias tuas aos jovens que fizeram parte da caravana de Tortona. Ficaram muito contentes e me deram o agradável encargo de agradecer-te e saudar-te. Certamente eu quereria entreter-me algum tempo em falar contigo, mas o que eu gostaria de dizer-te não se pode confiar a uma carta. Se quiseres fazer-me uma visita nas próximas férias, eu te direi o que gostaria de te escrever.

Como amigo da tua alma, não posso recusar-me a deixar-te algumas lembranças fundamentais e são três *f.f.f*. Isto é:

1º Fuga do ócio. 2º Fuga dos colegas que têm más conversas ou que dão maus conselhos. 3º Frequenta a confissão e a comunhão com fervor e com fruto.

Saúda teus dois irmãos, Emanuel Callori e os outros piemonteses de aí, caso os encontres e que sabes serem meus conhecidos. Deus te abençoe e te conserve na sua santa graça, reza por mim que sou teu

Afeiçoadíssimo no Senhor

Sac. João Bosco.

197. Aos alunos de Mirabello

Edição crítica em E(m) II, pp. 279-281.

Turim, 26 de julho de 1866

Aos meus caros filhos de Mirabello.

Eu tinha decidido ir visitar-vos no próximo domingo, mas um compromisso urgente me obrigou a mudar de plano. Sinto muito e já tinha até mesmo preparado o que eu desejava dizer-vos. Paciência, Deus quer reservar-nos esta consolação para depois das férias e então, não só um dia, mas penso passar convosco uma semana inteira.

Entretanto, julgo oportuno desejar-vos boas férias, com alguns avisos paternos que me parecem necessários para as vossas almas.

1° Agradeço ao vosso diretor, ao prefeito, aos professores, aos assistentes e a todas as demais pessoas do pequeno seminário por todas as gentilezas e pela paciência que tiveram comigo e pelas orações que fizeram pela minha pobre alma. Continuai, caros filhos; eu vos asseguro que todos os dias vos recomendarei a todos na santa missa.

2° Cada qual, antes de partir, purifique a consciência mediante um firme propósito de querer conservá-la assim até o retorno das férias, para a semana e o dia que serão determinados para estar de volta; mas não vos deixeis levar por alguma leviandade a fim de ficar em casa além do tempo estabelecido, a não ser que a vossa saúde não permita.

3° Chegando em casa, ide logo saudar da minha parte e dos vossos superiores os vossos parentes, vosso pároco, os professores e as outras pessoas com quem tendes alguma obrigação. Este é um estrito dever de gratidão que agradará aos outros e será também vantajoso para vós mesmos.

4° Em casa fazei como sempre a meditação, a missa, a leitura diária, como no colégio. A mesma frequência na confissão e na comunhão.

5° Por meio do vosso comportamento em família fazei ver que o vosso ano escolar não foi perdido; por isso, sede de modelo para os outros vossos parentes e amigos na virtude da obediência; suportai com caridade os incômodos dos outros, não sejais exigentes quanto à comida, no descanso, nas roupas e em coisas semelhantes.

6° Jamais se possa dizer de vós que tendes más conversas, mesmo que se trate só de ouvi-las. Se acontecer de ouvir alguém que as faz, imitai o nosso protetor São Luís: repreendei-o ou então fugi imediatamente daquela companhia perigosa.

7° Procurai contar algum fato, algum exemplo lido, ouvido, estudado, aos que estão dispostos a ouvi-lo; ou então, lede algum bom livro, mas tende cuidado com as más leituras, fugi delas como de um veneno mortal para as vossas almas.

Certamente, meus caros filhos, eu vos diria ainda muitas coisas, se a brevidade de uma carta o permitisse. Digo-vos, porém, que indo a outros lugares encontrareis pessoas mais doutas e muito mais virtuosas do que eu, mas dificilmente encontrareis quem busque mais o vosso bem.

Por isso, lembrai-vos de mim todas as manhãs ao ouvir a santa missa; eu, da minha parte, não deixarei de todos os dias lembrar-me de vós ao celebrá-la. Que grande consolação para mim, que grande fortuna para vós se fordes para casa e voltardes sem perder a graça do Senhor! Quanto ao mais, descansai, estai alegres, ride, cantai, passeai, fazei o que quiserdes, contanto que não cometais pecados.

Boas férias, meus caros filhos, e bom retorno depois delas. A bênção do Senhor vos acompanhe a cada passo.

O diretor da escola dê esta carta para ler e até mesmo para copiar aos que quiserem.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e a Santa Virgem Maria nos assista e ajude a perseverar no caminho do céu. *Amen.*

Crede-me sempre com paterno afeto todo vosso no Senhor

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

198. Aos alunos de Lanzo Torinese

Edição crítica em E(m) II, pp. 407- 408.

Turim, 26 de julho de 1867

Queridos filhos do colégio de Lanzo,

Esperei até agora para escrever-vos, caríssimos filhos, porque eu pensava poder ir ter convosco pessoalmente antes das férias; mas agora vejo que a urgência das minhas ocupações me priva deste prazer, que procurarei satisfazer por meio desta carta.

Assim, dir-vos-ei que eu vos agradeço pela oferta que fizestes para a igreja de Maria Auxiliadora e pelas cartas que me escrevestes. Vós não podeis imaginar com quanta satisfação eu li uma por uma, e me parecia até mesmo falar pessoalmente com cada um de vós. Enquanto lia, com o meu coração eu respondia a cada um, embora não tenha podido pôr por escrito.

Estai certos, meus caros, vós me expressastes tantos belos pensamentos; esses pensamentos encontraram eco no meu coração e espero que o vosso e o meu coração se tornem uma só coisa para amar e servir ao Senhor. Sede, pois, abençoados e senti-vos agradecidos pela caridade e a benevolência que tivestes para comigo.

Entretanto, aproximando-se as férias, desejo saudar-vos com alguma palavra amiga.

1° Por quanto possível, voltai no dia em que reiniciarão as aulas, que acredito ocorrer no dia 16 do próximo mês de agosto; a não ser que alguma doença o impeça.

2° Saudai da minha parte os vossos parentes, os vossos párocos, os professores.

3° Se encontrardes na vossa terra algum companheiro virtuoso, procurai trazê-lo convosco para o colégio; entretanto, os que não vos parecerem bons, não os convideis para vir a este colégio.

4° Enquanto estiverdes em casa fazei pelo menos a santa comunhão nos dias festivos. Ao longo da semana não esqueçais todas as manhãs a vossa meditação.

5° Todas as manhãs dizei um *Pai-nosso, Ave-Maria* e *Glória* ao Santíssimo Sacramento para unir-vos comigo, que vos recomendo todos os dias na santa missa a fim de que nenhum de vós seja vítima do cólera-morbo que se propaga

terrivelmente em diversos lugares próximos a nós. A respeito deste terrível mal eu aconselharia os que sabem existir essa doença na própria terra a não irem lá para as férias, a fim de não pôr em perigo a própria vida sem necessidade.

Quanto ao mais, queridos filhos, pedi a Deus por mim e rezemos todos uns pelos outros para que possamos evitar toda ofensa de Deus durante esta vida e, assim, encontrar-nos todos juntos um dia para louvar, bendizer e glorificar as divinas misericórdias no céu. *Amen.*

Afeiçoadíssimo amigo, pai, irmão,

Sac. João Bosco

P.S. Viva o diretor, o prefeito, os professores, os assistentes e todos os meus queridos filhos de Lanzo.

199. A Giovanni Turco

Edição crítica em E(m) II, p. 445.

Turim, 23 de outubro de 1867

Caríssimo Turco,

Tua carta me causou grande satisfação e para mim foi ainda mais grata porque falas com aquela mesma antiga confiança que para Dom Bosco é a coisa mais bela deste mundo.

Vendo tua carta sob um único ponto de vista, agradeço ao Senhor que durante os anos mais difíceis da tua vida te ajudou a conservar os sadios princípios da religião. Pode-se dizer que a idade problemática passou; quanto mais avançares nos anos, mais se desfarão as ilusões que o homem faz a respeito do mundo e se confirmará sempre mais o que me disseste, que só a religião é estável e em todos os tempos e idades pode tornar o homem feliz no tempo e na eternidade.

Depois dessas considerações um tanto filosóficas, aconselho-te continuar a ocupar-te na tua profissão de agrimensor, a praticar a religião, especialmente mediante a confissão frequente, que para ti é um verdadeiro bálsamo;

mas esforça-te também com todos os meios possíveis para assistir e consolar teu bom pai na sua velhice, que, graças a Deus, se pode dizer que é florida.

No passado, sempre te recomendei ao Senhor na santa missa e o farei mais ainda agora no futuro, dado que me pedes. Tu também rezarás por mim, não é mesmo?

Tenho alguns livrinhos amenos para traduzir do francês: traduzirias algum para mim? Seriam para imprimir nas *Leituras Católicas.*

Ficarei sempre muito contente toda vez que me escreveres.

Deus abençoe a ti e a teu pai e vos conserve ambos *ad multos annos* com vida feliz.

Padre Francesia, padre Lazzero, Chiapale e muitos outros amigos teus te saúdam, e eu serei sempre para ti no Senhor

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

200. A Luís Vaccaneo

Edição crítica em E(m) II, p. 458.

Turim, 11 de dezembro de 1867

Caríssimo Vaccaneo,

Recebi a tua carta e me deste grande prazer ao escrever-me; eu não deixarei de recomendar-te ao Senhor na santa missa; também tu reza por mim.

Deus não quer que por ora vivamos sob o mesmo teto; quem sabe isso possa ocorrer em algum outro tempo? Tudo seja para a sua maior glória.

Recomendo-te três coisas: atenção para a meditação da manhã; frequência dos companheiros mais piedosos; temperança no comer.

Deus abençoe a ti e a todos os meus filhos do Oratório que estão contigo; saúda-os da minha parte, reza por mim que sou para ti de coração

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

201. Ao padre José Lazzero e à comunidade dos aprendizes de Valdocco

Edição crítica em E(m) IV, p. 208.

Roma, 20 de janeiro de 1874

Caríssimo padre Lazzero e meus caríssimos aprendizes,

Embora tenha escrito uma carta para todos os meus amados filhos do Oratório, como os aprendizes são a menina dos meus olhos, e como pedi para eles uma bênção especial do santo padre, penso ser-vos agradável satisfazer o meu coração com uma carta.

Que eu vos queira muito bem não é preciso que o diga, dei-vos provas evidentes. Que me quereis bem, não preciso que o digais, porque o tendes sempre demonstrado. Mas essa afeição recíproca sobre o que se funda? Na bolsa? Não na minha, pois a uso para vós; não na vossa, porque, não quero ofender-vos, não tendes.

Portanto, a minha afeição se funda no desejo que tenho de salvar vossas almas, que foram todas redimidas pelo sangue precioso de Jesus Cristo, e vós me amais porque procuro guiar-vos pelo caminho da salvação eterna. Assim, o bem das nossas almas é o fundamento da nossa afeição.

Mas, meus queridos filhos, cada um de nós tem um procedimento que leva à salvação da alma, ou antes, à sua perdição? Se o nosso divino Salvador nos chamasse neste momento ao seu divino tribunal para sermos julgados, encontrar-nos-ia a todos preparados? Propósitos feitos e não mantidos, escândalos dados e não reparados, conversas que ensinam o mal aos outros, são coisas a respeito das quais devemos temer uma recriminação.

Entretanto, enquanto Jesus Cristo poderia com razão fazer tais recriminações, estou persuadido de que muitos se apresentariam com a consciência limpa e com as contas da alma bem em ordem, e isso é a minha consolação.

De qualquer maneira, ó meus caros amigos, tende coragem; não deixarei de rezar por vós, de trabalhar por vós, de preocupar-me convosco, e vós deveis ajudar-me com a vossa boa vontade. Ponde em prática a palavra de São Paulo que aqui traduzo: Exorta os jovenzinhos a serem sóbrios, a que nunca se esqueçam de que todos devem morrer, e que depois da morte deveremos todos comparecer diante do tribunal de Jesus. Quem não sofre com Jesus Cristo na terra não pode ser coroado com ele de glória no céu. Fugi do pecado como

do vosso maior inimigo, e fugi da fonte dos pecados, isto é, das más conversas, que são a ruína dos costumes. Dai-vos mútuo bom exemplo nas obras, nas conversas, etc. etc. O padre Lazzero dir-vos-á o resto.

Entretanto, ó meus caros, recomendo-me à vossa caridade, que rezeis de modo especial por mim, e os da Companhia de São José, que são os mais fervorosos, façam uma santa comunhão por mim.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e nos ajude a perseverar no bem até à morte. Amém.

Vosso afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

202. Aos salesianos e aos alunos de Lanzo

Edição crítica em E(m) IV, pp. 385-386.

Turim, vigília da Epifania [de janeiro de] 1875

Aos meus caríssimos filhos, diretor, assistentes, prefeito, catequista, alunos e outros do colégio de Lanzo,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco. *Amen.*

Até agora, meus amadíssimos filhos, não pude satisfazer um grande desejo do meu coração, que era o de fazer-vos uma visita. Uma série ininterrupta de complicadas ocupações, algum leve incômodo de saúde me impediram.

Quero, todavia, dizer-vos uma coisa que vos custará acreditar: várias vezes durante o dia penso em vós e todas as manhãs na santa missa vos recomendo a todos de modo especial ao Senhor. De vossa parte dais também sinais indubitáveis de que vos lembrais de mim. Oh! com que prazer li vossa mensagem de boas-festas; com que prazer li nome e sobrenome de cada aluno, de cada classe, do primeiro ao último do colégio! Parecia-me encontrar-me entre vós, e no meu coração repeti várias vezes: vivam os meus filhos de Lanzo!

Começo então agradecendo a todos e de todo o coração os votos cristãos que me fizestes e peço a Deus que os centuplique para vós e para todos os vossos parentes e amigos. Sim! Deus vos conserve a todos por longos anos

de vida feliz. Querendo descer a alguns votos particulares eu vos desejo do céu saúde, estudo, moralidade.

Saúde. É um dom precioso do céu, cuidai dela. Guardai-vos das intemperanças, de suar muito, de cansar-vos demais, da passagem repentina do calor para o frio. São essas as fontes ordinárias das doenças.

Estudo. Estais no colégio para adquirir uma bagagem de conhecimentos com os quais podereis mais tarde ganhar o próprio pão. Seja qual for a vossa condição, a vocação, o vosso estado futuro, deveis fazer com que, caso venham a faltar todos os vossos bens domésticos e paternos, estejais capacitados a ganhar de outra maneira o honesto sustento. Não se diga nunca que vivemos do suor alheio.

Moralidade. O laço que une saúde e estudo, o alicerce em que se baseiam é a moralidade. Crede-me, meus queridos filhos, eu vos digo uma grande verdade: se mantiverdes bom procedimento moral, haveis de progredir no estudo, na saúde; sereis amados pelos vossos superiores, pelos vossos companheiros, pelos parentes, pelos amigos, pelos conterrâneos e, se quiserdes que vos diga, sereis amados e respeitados até pelos maus. Todos porfiarão em ter-vos em sua companhia, em louvar-vos, em fazer-vos favores. Dai-me, porém, indivíduos sem moralidade. Oh! que coisa feia! Serão preguiçosos e não terão outro nome senão o de asno: falarão mal e serão apontados como escandalosos a evitar. Se são conhecidos no colégio, serão detestados por todos, e no dia feliz em que forem para casa, se haverá de cantar o *Te Deum.* E em casa? Desprezo geral. A família, a pátria os detestam, ninguém os apoia, todos lhes evitam a companhia. E quanto à alma? Se vivem, são infelizes; em caso de morte, como só semearam o mal, não poderão recolher senão frutos funestos.

Coragem, pois, ó meus caros filhos: preocupai-vos em procurar, estudar, conservar e promover os três grandes tesouros: saúde, estudo e moralidade.

Uma coisa ainda. Ouço a voz que vem de longe e grita: ó filhos, ó alunos de Lanzo, vinde salvar-nos! São as vozes de tantas almas que esperam uma mão benéfica que vá arrancá-los da beira da perdição e colocá-los no caminho da salvação. Digo isso porque alguns de vós são chamados à carreira sagrada, à conquista das almas. Coragem; há muitos que vos esperam. Lembrai-vos das palavras de Santo Agostinho: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti.*

Finalmente, ó filhos, recomendo-vos o vosso diretor. Sei que ele não está muito bem de saúde; rezai por ele, consolai-o com o vosso bom procedimento, procurai querer-lhe bem, tende com ele ilimitada confiança. Tudo isso será para ele de grande conforto, de grande vantagem para vós.

Enquanto vos garanto que todos os dias vos recomendo na santa missa, recomendo-me também às vossas orações, para que não me suceda a desgraça de pregar para salvar os outros e venha depois a perder a minha pobre alma. *Ne cum aliis praedicaverim, ego reprobus efficiar*

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

N. B. O senhor diretor queira explicar estas coisas, se por acaso não forem bem entendidas.

203. Ao jovem seminarista Antônio Massara

ASC A1720724 *Copie semplici*; edição em E III, p. 390.

Turim, 26 de setembro de 1878

Caríssimo em Cristo Jesus,

A tua simplicidade em escrever demonstra a tua boa vontade e me leva a falar-te com toda confiança. Deus é grande. Deus é misericordioso. Nós pensamos nele de vez em quando, mas ele pensa em nós e, vendo-nos fugir para longe, ele nos dá uma palmada nas costas, nos segura e nos faz voltar a ele. Não é verdade? Assim, pois, em tudo seja bendito o Senhor e adoremos as suas disposições. Caso a tua saúde te permita retomar os estudos, eu não me recusaria aconselhar-te a ir para frente até o sacerdócio. Se por acaso tu apreciasses a vida recolhida vivida em comum e quisesses vir comigo, eu te incluiria no número dos meus queridos e amados filhos.

Enquanto isso, a oração, o trabalho, a mortificação, com a confissão frequente e a comunhão, irão te tornar vencedor contra o antigo inimigo da tua alma. Os outros assuntos não podem ser confiados a uma carta. Adeus, meu querido. Deus te abençoe. Reza por mim que serei sempre em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

204. Ao padre João Branda e aos aprendizes de Valdocco

ASC A000206 *Conichetta 1878-1879*, Quad. 14, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 104-106; edição em E III, pp. 435-436.

Marselha, janeiro de 1879

Caríssimo padre Branda,

Sempre que eu penso nos meus queridos aprendizes e que rezo por eles, se ao mesmo tempo fosse fazer-lhes uma visita, estaria diversas vezes por dia com eles para falar-lhes e animá-los. Todavia, desejo mostrar com os fatos que me lembro deles de maneira particular. Por isso, dirás a eles que os cumprimentos que me fizeram por ocasião do Natal e do Ano Novo foram muito gratificantes e que eu lhes agradeço de coração. Tive boas notícias a respeito deles, e bendigo ao Senhor que lhes dá boa vontade e a graça de serem virtuosos.

Estou na casa de São Leão, onde já se encontram uns sessenta meninos, que pouco a pouco se tornarão verdadeiros seguidores dos aprendizes do Oratório. Aliás, alguns demonstraram empenho para superá-los na obediência e na piedade. Disse a eles que conseguirão! Veremos!

Entretanto, dirás a todos que recomendo de coração a confissão e a comunhão frequentes; mas que estes sacramentos sejam recebidos com as devidas disposições de tal modo que cada vez se note o progresso em alguma virtude. Queira Deus que eu possa dizer que cada aprendiz é um modelo de bom exemplo para os colegas! Depende de vós, meus caros jovens, dar-me esta grande consolação.

Sei que rezais por mim, e atribuo a melhora da minha vista às vossas orações; continuai. Eu vos agradeço e Deus vos recompensará.

O presente que vos peço é uma santa comunhão segundo a minha intenção.

Deus abençoe a ti, caro padre Branda, abençoe os assistentes, os operários, todos os aprendizes e nos conceda a grande graça de sermos um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus na terra e depois, um dia, podermos louvá-lo e gozar com ele eternamente no céu.

Crê-me todo em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

205. Aos alunos da 4ª e 5ª ginasial de Borgo San Martino

ASC A1920601 *Copie semplici*; edição em E III, pp. 476-477.

Turim, 17 de junho de 1879

Meus queridos filhos,

Eu gostaria de já ter respondido algumas cartinhas que me foram escritas pelo vosso professor e por alguns de vós. Não podendo fazer isso em particular, escrevo uma carta para todos, reservando-me falar com cada um em particular na próxima festa de São Luís.

Lembrai-vos de que neste mundo os homens devem caminhar pelo caminho do céu num desses dois estados: *eclesiástico ou secular*. Em função do estado secular, cada um deve escolher os estudos, os empregos, as profissões que lhe permitam o cumprimento dos deveres de bons cristãos e que agradem inclusive aos próprios pais. Para o estado eclesiástico, devem-se seguir as normas estabelecidas pelo nosso divino Salvador: renunciar ao bem-estar, à glória do mundo, aos prazeres da terra, para entregar-se ao serviço de Deus, e assim garantir sempre mais as alegrias do céu, que jamais terminarão.

Ao fazer essa opção, cada um ouça o parecer do próprio confessor e depois, sem dar atenção nem a superiores, nem a inferiores, nem a amigos, opte por aquilo que lhe facilita o caminho da salvação e o conforto no momento da morte. O jovem que entra para o estado eclesiástico com esta intenção tem a certeza moral de fazer um grande bem à própria alma e à alma do próximo.

Além disso, no estado eclesiástico há muitas possibilidades, e todas devem partir de um determinado ponto e tender ao mesmo centro que é Deus. Padre secular, padre religioso, padre nas missões estrangeiras, são os três campos em que os operários evangélicos são chamados a trabalhar e a promover a glória de Deus. Cada um pode escolher o que lhe estiver mais a peito, mais condizente com as próprias forças, aconselhando-se com alguma pessoa pia, douta e prudente.

Agora eu deveria resolver muitas dificuldades que se referem ao mundo, que quereria toda a juventude ao seu serviço, enquanto Deus a quereria toda para si. Todavia, procurarei responder verbalmente, ou melhor, explicar as dificuldades que cada um pode ter no momento de tomar alguma dessas importantes deliberações.

A base da vida feliz de um jovem é a comunhão frequente e rezar todos os sábados a oração a Maria Santíssima sobre a opção do estado, como consta do *Jovem Instruído.*

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre com todos vós e vos conceda o dom precioso da perseverança no bem. Eu vos recomendarei todos os dias ao Senhor, e vós também rezai por mim, que serei sempre em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

III. COMPANHIAS RELIGIOSAS E AMIZADES ESPIRITUAIS

A educação cristã da juventude em obras populares de acentuado caráter missionário, como os oratórios das periferias de Turim, frequentados por meninos em grande parte abandonados e ignorantes, requeria itinerários adequados de acordo com o passo de cada um, de forma gradual. O Jovem Instruído *oferecia uma proposta completa, mas essencial, adaptada a todos. A partir dela Dom Bosco, mediante o sacramento da penitência, os colóquios pessoais, a proposta de práticas devotas à escolha e a oferta de livros de leitura e de meditação, abria percursos personalizados mais consistentes para os jovens capazes de maior empenho moral e ascético.*

Lembrando suas fecundas experiências juvenis, como a Sociedade da Alegria*, que ele animou nos anos em que frequentava as aulas em Chieri, teve a preocupação de promover entre os alunos do Oratório e da casa a organização de Companhias religiosas e de livres associações de amigos, assinaladas por uma finalidade espiritual e apostólica mais definida, para favorecer entre os meninos mais sensíveis e bem dispostos o desenvolvimento de uma vivência cristã integral e virtuosa, e orientá-los a agirem como fermento na comunidade juvenil.*

A fundação da Companhia de São Luís Gonzaga *(12 de abril de 1847) é fruto do caminho de consolidação do Oratório festivo e testemunha a passagem para um programa formativo mais orgânico, com vistas a "favorecer o crescimento na piedade mediante alguma prática estável e uniforme" e a estimular os sócios a "darem bom exemplo na igreja e fora dela; a evitar más conversas e frequentar os santos sacramentos"* [10].

A Companhia da Imaculada*, criada por iniciativa de Domingos Savio e de seus companheiros em junho de 1856*[11]*, representa uma evolução ulterior da proposta espiritual de Dom Bosco. Era constituída por um grupo seleto de jovens estudantes orientados à vocação sacerdotal e decididamente empenhados na perfeição apostólica entre seus colegas. Os estatutos dessa Companhia contêm "um programa completo de pedagogia espiritual em perfeita harmonia com o regulamento dos estudantes da casa"* [12].

Uma tomada de consciência sempre mais clara da centralidade da Eucaristia como alimento da vida interior inspirou a fundação da Companhia

[10] Giovanni Bosco, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introdução e notas históricas de Aldo Giraudo. Roma, LAS 2011, p. 170.
[11] Giovanni Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, em Id., *Vite di giovani. Le biografie di Domenico Savio, Michele Magone e Francesco Besucco*. Introdução e notas históricas de Aldo Giraudo. Roma, LAS 2012, pp. 78-81.
[12] P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…*, I, p. 330.

do Santíssimo Sacramento *(1858). Mais tarde surgiu a* Companhia de São José *(1859) para alimentar a devoção e o empenho espiritual entre os aprendizes e os jovens operários e promover as vocações leigas salesianas.*

Nesses cenáculos espirituais, verdadeiras "escolas de fé operante na caridade" [13]*, foram forjados os melhores discípulos de Dom Bosco.*

Dos regulamentos das Companhias da São Luís, da Imaculada e do Santíssimo Sacramento, que aqui transcrevemos, é possível constatar a qualidade moral e espiritual do método educativo de Dom Bosco e o clima de fervor que ele sabia infundir nos jovens.

206. Companhia de São Luís Gonzaga (12 de abril de 1847)

ASC A2300201 *Compagnia di S. Luigi. Regolamento*, manuscrito alógrafo com correções autógrafas de Dom Bosco (cf. MB III, 216-220).

O escopo desta Companhia é o de empenhar os jovens em praticar as principais virtudes que foram mais luminosas na vida deste santo. Por isso, cada um, antes de se inscrever, terá um mês de prova, para considerar atentamente as condições e para não ir adiante, caso não se sinta disposto a cumpri-las.

Condições

1. Dado que São Luís Gonzaga foi modelo de bom exemplo, assim, todos que querem se inscrever na sua Companhia devem evitar tudo o que pode causar escândalo e procurar dar bom exemplo em toda parte, especialmente na igreja. Quando são Luís ia para a igreja, o povo corria para observar sua modéstia e seu recolhimento.

2. Cada quinze dias, receber os sacramentos da penitência e da comunhão; até com maior frequência, sobretudo nas maiores solenidades da Igreja. Porque estas práticas são as armas pelas quais se obterá vitória garantida contra o demônio. São Luís, ainda menino, recebia esses sacramentos cada oito dias, depois, quando mais adulto, com maior frequência. Quem, porém, por justo motivo, não puder alguma vez cumprir esta condição, poderá pedir ao superior a substituição por alguma outra prática de virtude.

[13] *Ibid.*, p. 322.

3. Fugir, como da peste, dos maus colegas e evitar cuidadosamente conversas obscenas. São Luís não só evitava essas conversas, mas ninguém ousava proferir palavras, mesmo levemente obscenas, na sua presença.

4. Usar grande caridade para com os colegas, perdoando facilmente qualquer ofensa. Bastava ofender São Luís para tornar-se seu grande amigo.

5. Grande empenho em manter a ordem no Oratório, animando os outros à virtude e levando-os a se inscreverem na Companhia. São Luís, para o bem do seu próximo, foi servir os doentes de peste, o que ocasionou sua morte.

6. Quando um irmão estiver doente, cada sócio se preocupará em rezar por ele, e também em ajudá-lo nas coisas temporais, da maneira possível.

7. Mostrar grande amor ao trabalho e no cumprimento dos próprios deveres, obedecendo com exatidão aos superiores.

207. Companhia da Imaculada Conceição

ASC E452 *Compagnia dell'Immacolata*, manuscrito de José Bongioanni com anotações autógrafas de Dom Bosco (cf. MB V, 479-483)[14].

Nós, José Rocchietti, Luís Marcellino, João Bonetti, Francisco Vaschetti, Celestino Durando, José Momo, Domingos Savio, José Bongioanni, Miguel Rua, João Cagliero, para podermos assegurar durante a vida e no momento da morte o patrocínio da Bem-aventurada Virgem Maria, e para nos consagrarmos inteiramente ao seu santo serviço, no dia 8 de junho, tendo recebido os sacramentos da confissão e da comunhão, resolvidos como estamos a professar para com a nossa mãe celeste uma devoção constante e filial, propomo-nos, perante o seu altar e com o consentimento do nosso diretor espiritual, querer imitar, tanto quanto as nossas forças permitirem, Luís Comollo. Por isso, obrigamo-nos a:

1. Observar rigorosamente o regulamento da casa.

2. Edificar os companheiros, avisando-os caridosamente e animando-os ao bem com as palavras e ainda mais com o bom exemplo.

[14] Este regulamento, com algumas variantes, foi publicado por Dom Bosco na vida de Domingos Savio, cf. Giovanni Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di san Francesco di Sales*. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp. 1859, pp. 76-83 (OE XI, 226-233).

3. Ocupar devidamente o tempo.

Teremos o cuidado de adequar a nossa vida futura de acordo com o que estamos prometendo: por isso, submeteremos ao nosso diretor espiritual este regulamento, de tal modo que ele possa conceder a sua aprovação. A caridade nos estabelece na perfeição, mas somente por meio da obediência e da castidade é que poderemos adquirir este estado que nos aproxima de Deus.

1. Portanto, como primeira norma, seremos perfeitamente obedientes aos nossos superiores, aos quais nos submetemos com ilimitada confiança.

2. O cumprimento dos próprios deveres seja a nossa primeira e especial ocupação, e isso preceda as práticas religiosas que não são obrigatórias.

3. A caridade recíproca unirá as nossas almas, nos fará amar indistintamente os nossos irmãos, aos quais advertiremos com doçura quando mostrarem necessitar de alguma correção.

4. Durante a semana, por meia hora, nos reuniremos; após a invocação do Espírito Santo e feita breve leitura espiritual, trataremos dos progressos da Companhia na devoção e nas virtudes, responderemos às dúvidas, eliminaremos as falhas que a nossa fraqueza poderia cometer; não, porém, repreendendo abertamente o comportamento de alguém, a não ser quando uma demasiada indiferença tivesse feito desaparecer nele o zelo pela obediência e o fervor.

5. Em separado, nos advertiremos mutuamente, sem nenhuma consideração, pelos defeitos de que deveremos emendar-nos.

6. Procuraremos evitar entre nós qualquer dissabor, por menor que seja, suportando os colegas incômodos e buscando ajudar-nos reciprocamente com pequenos serviços.

7. Não se determina nenhuma prática especial de oração, dado que o tempo que sobra após o cumprimento do nosso dever será consagrado ao escopo que nos parecer mais útil para a nossa alma. Com isso quer-se evitar que o demasiado número de práticas não acabe prejudicando, por falta de tempo, as que cada um já adotou, tanto mais que a verdadeira devoção não consiste em prolongadas orações vocais, mas na pureza do coração e no total sacrifício da nossa vontade. Admitimos, porém, as seguintes práticas: frequência dos santos sacramentos o mais possível, na medida em que nos for permitido. Confiamos que quanto maior for o uso desses meios tão salutares, tanto mais nos sentiremos estimulados a perseverar nessa prática e tanto mais teremos forças para vencer todo obstáculo.

8. A santa comunhão haverá de consagrar todos os domingos, as festas de preceito, as dedicadas aos santos padroeiros do Oratório e todas as solenidades de Maria Santíssima.

9. Durante a semana procuraremos comungar normalmente na quinta-feira, a não ser que estejamos impedidos por alguma ocupação inadiável.

10. À frequência dos santos sacramentos acrescentamos o santo terço, do qual recomendamos vivamente a recitação, sem, porém, torná-la obrigação diária.

11. Todos os dias recomendaremos a Maria a nossa associação, pedindo-lhe que nos obtenha a graça da perseverança, as virtudes necessárias para a exata observância destas normas e o seu patrocínio.

12. Todos os sábados procuraremos fazer alguma mortificação ou oração em honra de Maria.

13. Cuidaremos de dar bom exemplo ao nosso próximo. Por isso, teremos atitude modesta na oração, na leitura, nos ofícios divinos, no estudo e na aula. Guardaremos com todo cuidado a santa palavra de Deus e voltaremos com frequência às verdades meditadas. Evitaremos toda perda de tempo a fim de prevenir nossa alma de qualquer tentação que costuma assaltar-nos fortemente nos momentos de ócio.

14. Depois de ter cumprido as obrigações que cabem a cada um, consagraremos o tempo que sobrar a ocupações úteis ou a leituras devotas e instrutivas ou à oração.

15. O recreio é tolerado, aliás, devemos dedicar-nos a ele depois das refeições e quando a mente, muito cansada pelo estudo, precisa de descanso; ou então quando a companhia de superiores ou a boa educação nos levar a estarmos presentes para não faltar às boas maneiras.

16. Manifestaremos aos superiores tudo o que de certo relevo ocorrer entre nós, para assegurar, assim, a justeza de nossa ação ao submetê-la ao juízo deles.

17. Procuraremos também usar com critério as licenças concedidas pela bondade dos nossos superiores, dado que uma das finalidades principais que nós nos propusemos se refere à exata observância das regras da casa, frequentemente violadas pelo abuso das licenças.

18. No estudo observaremos rigoroso silêncio, evitando todo pretexto para falar, fazer barulho ou sair. Para observância desta norma recomendamos máximo cuidado e paciência.

19. Aceitamos para nosso alimento o que for destinado pelos nossos superiores, sem fazer comentários com os colegas; nem receberemos o que nos poderia ser oferecido, a não ser que resulte em prejuízo de alguém.

20. Evitaremos lamentar-nos da comida e procuraremos que também outros não o façam, seja qual for o gosto preferido.

21. Quem deseja fazer parte desta associação, em primeiro lugar deverá purificar a própria consciência por meio do sacramento da penitência e alimentar-se da Eucaristia; além disso, dar provas de bom comportamento durante uma semana de noviciado; ler atentamente estas regras e prometer a Deus, a Maria Santíssima Imaculada e ao próprio diretor espiritual observá-las com exatidão.

22. No dia de sua admissão, os irmãos se aproximarão da mesa dos anjos, pedindo à divina majestade que conceda ao neófito a virtude da perseverança e da obediência, o amor de Deus e de Maria, nossa mãe.

23. A associação é posta sob os auspícios da Imaculada Conceição, de quem trazemos o título e sua medalha. Uma sincera, filial, ilimitada confiança em Maria, uma ternura singular para com ela, uma devoção constante nos tornarão superiores a todo obstáculo, fortes nas resoluções, rígidos para com nós mesmos, amorosos para com o nosso próximo e exatos em tudo. Além disso, aconselhamos os irmãos a escrever os santos nomes de Jesus e de Maria, primeiro no coração e na mente, depois nos livros e em todos os objetos que possam cair sob nosso olhos.

Solicitamos ao muito reverendo senhor Dom Bosco que examine estas regras e nos manifeste seu parecer sobre elas, enquanto lhe asseguramos que todos nós dependemos inteiramente da sua vontade. Ele poderá introduzir neste regulamento as correções e modificações que lhe parecerem convenientes. Ele será para nós, como foi até agora, um ótimo e terno pai e nós seremos (o que até agora infelizmente não fomos) para com ele filhos sinceros e obedientes.

E Maria? Ela abençoe os nossos esforços, dado que a inspiração de dar vida a esta pia sociedade foi toda sua. Sorria às nossas esperanças, ouça nossos votos e nós, cobertos com o seu manto, desafiaremos as tempestades deste mar traiçoeiro, superaremos os assaltos do inimigo infernal, seremos de edificação para os colegas, de consolação para os superiores, seus filhos afetuosos e amados.

E se Deus nos conceder a graça e a vida para servi-lo no ministério sacerdotal, nós nos esforçaremos para realizá-lo com o máximo zelo e, desconfiando de nossas forças, ilimitadamente confiantes no auxílio divino, poderemos esperar que, depois de uma feliz passagem por este vale de lágrimas, consolados pela presença de Maria na última hora, alcançaremos com segurança o galardão eterno que Deus pode dar a quem o serve em espírito e verdade.

Visto. Este regulamento é aprovado de acordo com as seguintes condições:

1. Que as citadas promessas não tenham a força de voto.

2. Não obriguem sob pena de culpa.

3. Nas reuniões se estabeleça alguma obra de caridade externa: como a limpeza da igreja, o acompanhamento dos que se mostram mais relaxados na casa, ou dos mais ignorantes, etc.

4. Dividir entre os membros os dias da semana de tal modo que em cada dia haja algumas comunhões.

5. Não acrescentar nenhuma prática religiosa sem licença especial dos superiores.

6. Propor-se como objetivo fundamental promover a devoção a Maria Santíssima Imaculada e ao Santíssimo Sacramento.

7. Antes de aceitar algum membro fazer-lhe ler a vida de Luís Comollo.

As duas primeiras condições e a quinta são obrigatórias, as outras são aconselhadas.

Turim, 9 de junho de 1856

Sac. João Bosco

208. Companhia do Santíssimo Sacramento (1857)

ASC A2300202 *Compagnia del SS. Sacramento*, manuscrito autógrafo de Dom Bosco (cf. MB V, 759-761)[15].

Eis os principais artigos do regulamento desta Companhia:

1. O escopo principal desta Companhia é o de promover a adoração à Santíssima Eucaristia e desagravar Jesus Cristo dos ultrajes que recebe neste augustíssimo Sacramento por parte dos infiéis, dos hereges e dos maus cristãos.

2. Para isso, os irmãos procurarão distribuir entre si as comunhões de tal modo que nunca falte alguma comunhão diária. Cada irmão, com a autorização do confessor, terá o cuidado de comungar todos os dias santos e uma vez ao longo da semana.

[15] Este documento foi compilado por Dom Bosco quando escreveu a vida de Miguel Magone e reproduzido numa nota do capítulo XIII da sua vida, cf. Giovanni Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp. 1861, pp. 69-70 (OE XIII, 223-224).

3. Com especial prontidão, cada sócio se disporá a todas as funções referentes ao culto da Santíssima Eucaristia, como ajudar a santa missa, assistir à bênção do Santíssimo, acompanhar o Viático quando é levado aos enfermos, visitar o Santíssimo Sacramento quando exposto na adoração das *Quarenta Horas.*

4. Cada sócio procure aprender bem a ajudar a santa missa, fazendo com exatidão todas as cerimônias e proferindo devota e distintamente as palavras deste santo ministério.

5. Cada semana haverá uma reunião de ordem espiritual, à qual os sócios procurarão comparecer pontualmente e convidar colegas a também estar presentes.

6. Nas reuniões se tratarão assuntos referentes ao culto do Santíssimo Sacramento, como estimular a comungar com o maior recolhimento, instruir e assistir os que fazem a primeira comunhão, ajudar a fazer a preparação e o agradecimento com os que precisarem disso, difundir livros, imagens, folhetos que tendem a este escopo.

7. Depois da reunião, se definirá um compromisso espiritual a ser posto em prática durante a semana.

IV. FORMAÇÃO ESPIRITUAL DOS JOVENS MEDIANTE A PREGAÇÃO, OS "BOAS-NOITES" E A NARRAÇÃO DE SONHOS

No sistema educativo de Dom Bosco reveste-se de particular importância a pregação, tanto a ligada ao contexto litúrgico ou catequético, quanto a informal e familiar. O Santo falava com frequência à comunidade dos jovens, por meio de reflexões breves e fervorosas, para mover os afetos, nutrir o intelecto, suscitar bons propósitos e sentimentos de devoção, e projetar horizontes estimuladores.

Nos familiares colóquios comunitários antes do repouso noturno (as "boas--noites") misturava-se o gênero oratório do "fervorino" espiritual, a comunicação, a reflexão educativa e a exortação.

O material conservado nos arquivos é vastíssimo: selecionamos alguns discursos que oferecem um panorama geral dos temas preferidos por Dom Bosco e pelo seu estilo de expressão. Os textos aqui reproduzidos são transcritos de apontamentos tomados por alguns ouvintes durante ou logo depois das intervenções do Santo. Não reproduzem ao pé da letra todas e cada uma de suas palavras, mas certamente contêm a substância do seu discurso. As Memórias Biográficas *valorizam amplamente esse material, corrigindo a linguagem, integrando o texto e amalgamando diversos testemunhos. Nós preferimos ater-nos às fontes.*

Nas "boas-noites" aos jovens, Dom Bosco usou amplamente a narração de sonhos. Narrador habilíssimo e sugestivo, desse modo conseguia imprimir estavelmente na mente dos ouvintes as mensagens que mais lhe estavam a peito. Ao narrar sonhos à comunidade educativa de Valdocco, "o motivo pedagógico resulta muitas vezes entrelaçado com o motivo considerado sobrenatural ou abertamente providencial"[16]*. Podemos constatá-lo nos quatro exemplos aqui reproduzidos (nn. 210, 213, 217, 223) que, "na sua construção alegórica", são um exemplo excelente do seu estilo comunicativo e das suas preocupações pastorais*[17].

As pequenas reflexões no fim do dia e a pregação dominical geralmente tratam de temas comuns sobre o pecado e a graça, a purificação do coração por meio do sacramento da confissão, da comunhão frequente, do fervor espiritual, do empenho no cumprimento exato dos próprios deveres e no fazer o bem, da tranquilidade de consciência (nn. 211, 214, 216, 218, 219, 220). A instrução sobre a "bela virtude" (n. 209) – um dos temas preferidos – é um pequeno sermão dominical particularmente interessante, quer pela argumentação, toda ela construída com exemplos extraídos da Sagrada Escritura, segundo uma abordagem que é típica de Dom Bosco, quer pela perspectiva espiritual específica com que é apresentada a

[16] P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…*, I, p. 374.
[17] Cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia delle religiosità cattolica…*, II, p. 505.

virgindade: virtude "bela" que abre o coração ao gosto pela vida espiritual; permite uma relação da mais intensa intimidade amorosa com Deus; torna capazes de um seguimento integral de Cristo; insere nas falanges dos espíritos bem-aventurados que rodeiam "o Cordeiro divino e o seguem para onde quer que vá".

Em particular emerge a insistência sobre o discernimento vocacional e sobre a opção pelo estado de vida (nn. 212, 215, 221, 222). A conferência de 19 de março de 1876 (n. 212) – reservada aos salesianos, mas aberta a todos os jovens interessados – representa eficazmente o modo como Dom Bosco sabia propor a vocação apostólica, rasgando os horizontes de sentido, amplos tanto quanto o mundo, motivando e entusiasmando. Todos, diz ele, são chamados a trabalhar na vinha do Senhor para a salvação das almas; é uma messe vasta que precisa de operários diversificados, alguns dedicados à pregação e ao ensino, outros a uma variedade de serviços indispensáveis; todos voltados a conquistar os corações dos jovens para levá-los a Deus, mediante a oração, o bom exemplo, a palavra, as obras de caridade, a mansidão, a correção fraterna. Única condição é a reta intenção, isto é, o desejo sincero de cooperar na salvação dos irmãos e a disponibilidade generosa a qualquer tipo de serviço e sacrifício, como bons discípulos de Cristo crucificado.

209. Instrução sobre a bela virtude

ASC A0040601 *Memoria di alcuni fatti 1858*-1861, manuscrito de João Bonetti, pp. 1-7[18] (cf. MB VI, 62-66).

Domingo, 17 de outubro de 1858

A Igreja consagra grande parte do mês de outubro a Maria Santíssima. O primeiro domingo deste mês é consagrado a Nossa Senhora do Rosário, em memória das inumeráveis graças obtidas, dos estupendos prodígios realizados por sua intercessão, a fim de fixar no coração dos fiéis uma memória sempre mais viva de tantos favores que Maria Santíssima, invocada sob esse título, concedeu aos seus devotos. O segundo domingo celebra a maternidade de Maria Virgem, para lembrar aos cristãos que Maria é nossa mãe, que nós todos somos seus queridos filhos. O terceiro domingo, que é hoje, celebra a sua pureza, que é a virtude que a tornou tão grande diante de Deus e a mais bela criatura saída das mãos do Criador.

[18] Trata-se da instrução na parte da tarde, que era feita na igreja após o canto das vésperas, antes da bênção com o Santíssimo Sacramento.

Dado que já faz dois domingos que vós ouvis narrar as glórias de Maria Virgem, nesta tarde, em vez de vos falar de Maria Santíssima, desejo falar-vos desta bela virtude, mostrando-vos quanta estima tinham por ela, não os pagãos, que no entanto honravam com suma veneração os que a guardavam, mas quanta estima tinha por ela o próprio Deus, o que desejo mostrar-vos com os fatos. Oh, como eu me sentiria feliz se nesta tarde eu pudesse introduzir nos vossos tenros corações o amor por esta virtude angélica! Ficai atentos, que vou começar.

O que é a virtude da pureza? Dizem os teólogos que por pureza se entende um ódio, um aborrecimento por tudo o que é contra o sexto mandamento. De tal modo que qualquer pessoa, cada qual no seu estado, pode conservar a virtude da pureza. Esta virtude é tão apreciada por Deus que, em todos os tempos, puniu severamente o vício que lhe é contrário, premiou com os mais estupendos prodígios os que a conservaram.

Já desde os inícios do mundo, quando os homens, embora ainda não se tivessem multiplicado, já tinham aberto o caminho para a desordem, para a corrupção, como afirma a Escritura: *omnis caro corruperat viam suam* (Gn 6,12), Deus premiou a pureza. Enoque que, entre todos, fora o único a conservar para Deus o seu coração puro, Deus considerou injusto que ele permanecesse entre aquelas pessoas viciadas e, por isso, mandou dois dos seus anjos que tiraram Enoque do convívio humano, levando-o para um lugar onde Jesus Cristo, após sua morte, o introduziu no céu.

Vamos em frente. Sendo já numerosos os seres humanos que se multiplicaram sobre a terra, esquecendo-se do seu Criador, entregaram-se aos prazeres carnais, mergulharam nos vícios mais depravados, no vício da desonestidade, da impureza. Deus, indignado com tanta iniquidade, decidiu exterminar o gênero humano por meio de um dilúvio universal. Do extermínio universal, porém, salvou Noé com sua mulher e seus três filhos com suas esposas. Por que tanta preferência por eles? Porque conservaram a bela e inestimável virtude da pureza.

Vejamos mais adiante. Depois do dilúvio, os habitantes de Sodoma e Gomorra se entregaram a todo tipo de desonestidade. Deus decidiu exterminá-los, não mais com um dilúvio de água, mas com um dilúvio de fogo. Antes, porém, o que fez? Olhou para aquelas cidades infelizes e viu que Ló com sua mulher tinham conservado a pureza. Logo manda um anjo para dizer-lhes que fugissem, pois Deus queria incinerar toda aquela gente. Apenas fora da cidade, um mar de fogo, acompanhado de fragores, horrendos trovões e relâmpagos caíram sobre aquelas cidades miseráveis e num instante, com todos os seus habitantes, Deus as precipitou num abismo. Salvaram-se do in-

cêndio Ló e sua mulher. Sua mulher, porém, por um momento de curiosidade, não escapou da indignação de Deus. O anjo tinha proibido que olhassem para trás quando vissem o castigo de Deus cair sobre aqueles habitantes. Ela, porém, ouvindo tanto fragor, que parecia que todo o inferno se atirasse enfurecido sobre a cidade, não se conteve e olhou para trás: e eis que no mesmo instante se transformou numa estátua de pedra. Assim, se Deus a salvara da mortandade comum pela sua pureza, todavia, quis castigá-la, para mostrar a nós que devemos conservar os olhos modestos e não satisfazer toda a nossa curiosidade; do contrário, acabaremos sendo vítimas, não só do corpo, como foi o caso da mulher de Ló, mas também da alma, dado que os olhos são duas portas pelas quais quase sempre entra o demônio.

Continuemos. Em pensamento, vamos até o Egito, e lá vereis um jovem, que por não consentir numa infame ação desonesta à qual sua impudica senhora queria constrangê-lo, sofreu mil punições e até mesmo a prisão. Permitirá, talvez, Deus que José pereça? Absolutamente não! Esperai e vós o vereis sair da prisão e em pouco tempo subir ao trono do Egito; vós vereis que, sozinho, com seus conselhos, salva da morte não só o Egito, mas a Judeia, a Síria, a Mesopotâmia e muitas outras nações. Pois bem, vós me perguntareis, donde lhe veio tanta glória? De Deus, que quis premiar o ato heroico de José por não haver dado ouvidos aos enganos, e quis premiar o seu amor para com a bela virtude da pureza, quis premiar sua constância em conservar casto e puro o seu coração, mesmo à custa da perseguição e da própria prisão.

Eu não acabaria nunca se quisesse referir todos os fatos semelhantes, como o de Judite, por cuja pureza salvou Betúlia de um exército inteiro; da casta Susana, exaltada até os céus; de Ester, salvadora de toda a nação hebreia. Por que Deus operou tantos prodígios em favor dessas pessoas? Pela sua pureza. Sim, a virtude da pureza é tão bela, tão grata a Deus, que em todos os tempos e em todas as circunstâncias jamais deixou sem proteção os que a possuíam.

Vamos ainda em frente, que isso não basta. Já chegara o tão desejado tempo em que devia nascer o suspirado das gentes, o Salvador do mundo. Quem era aquela da qual queria nascer o Filho de Deus? Deus volta seus olhos e contempla todas as filhas de Sião e encontra uma que o deixa enamorado. É Maria Santíssima. Dela nasceu o Salvador do mundo, não por obra de homem, mas por obra do Espírito Santo. Com isso, Deus quis operar um prodígio jamais operado e que jamais renovará. Mas por que tantos privilégios? Para recompensar, para premiar a pureza de Maria que, entre todas as criaturas, foi a mais pura, a mais casta.

Qual pensais que foi o motivo por que o nosso divino Salvador tanto gostava de estar com as crianças, as abraçava, a não ser porque elas ainda não

tinham perdido a bela virtude da pureza? Os apóstolos queriam mandá-las embora porque enchiam seus ouvidos de gritaria, mas o divino Salvador, repreendendo-os, mandou-lhes que as deixassem vir até ele, *sinite pueros venire ad me,* [Mc 10,14] dizendo-lhes que não entrariam no reino dos céus se não se tornassem simples, puros e castos como aquelas crianças. O divino Salvador ressuscitou um menino e uma menina, mas por quê? Porque, segundo os santos padres, não tinham perdido a pureza.

Por que Jesus Cristo mostrou tanta predileção para com São João? Jesus quis subir o monte Tabor para a sua transfiguração? Levou consigo São João. Quis ir pescar com os seus apóstolos? Pois bem, preferiu subir na barca de São João. Vai ao horto do Getsêmani? Quer consigo São João. Pregado na cruz, é a João que ele se dirige e diz: "Filho, eis aí tua mãe; Mulher, eis aí teu filho". Por que Jesus confia sua Mãe a João, Maria, a maior criatura que saiu das mãos de Deus e que, como ela, jamais haverá outra? Por que toda essa preferência? Porque, caros jovens, João, mais do que todos os apóstolos, tinha conservado a bela virtude da virgindade, da pureza. Jesus permitiu que João descansasse sua cabeça sobre o peito divino, por quê? Porque João possuía a bela virtude da pureza. Se Jesus amou todos os seus apóstolos com especial amor, João foi amado por ele mais do que todos: tanto é verdade que os outros pensavam que João nunca morreria porque Jesus dissera a Pedro: e se eu quiser que este viva até meu retorno, que te importa?

De fato, São João foi o apóstolo que viveu mais tempo. Foi a ele que Jesus Cristo fez ver, em espírito, a glória que gozam no paraíso os que neste mundo conservaram a bela virtude da pureza. Ele mesmo escreveu no seu Apocalipse que, tendo sido raptado até o último céu, viu uma multidão de almas vestidas de branco, com um cinto de ouro e que traziam nas mãos uma palma. Essas almas rodeavam o Cordeiro divino e o seguiam para onde quer que ele fosse. Cantavam um hino tão belo, tão suave, que ele, não podendo mais suportar tanta harmonia, ficou como que fora de si e falou assim ao anjo que o acompanhava: "Quem são estes que circundam o Cordeiro e que cantam um hino tão belo, desconhecido dos outros bem-aventurados?". Então o anjo respondeu: "Estes são aquelas almas que conservaram a bela virtude da pureza, *isti sunt qui cum mulieribus non sunt coniugati* (Ap 14,4).

Ó almas bem-aventuradas, que ainda não perdestes a bela virtude da pureza, por favor, redobrai os vossos esforços para conservá-la! Vós possuís um tesouro tão belo, tão grande, que até os anjos o invejam. Vós sois, como diz o nosso Redentor Jesus Cristo, vós sois semelhantes aos anjos.

E vós, que para vossa desgraça a perdestes, não desanimeis, fazei todo o possível para recuperá-la. Verdade é que não sereis mais virgens, não tereis mais a felicidade de fazer parte daquela multidão que no paraíso tem um

lugar separado dos outros, não podereis mais cantar aquele hino que só os virgens podem cantar, não importa, no céu há um lugar tão belo para vós também, tão majestoso, que comparado com ele desaparecem os tronos dos mais ricos imperadores, dos reis mais ricos que houve e poderão existir nesta terra. Apesar disso, sereis rodeados de tanta glória que nenhuma língua humana ou de anjos poderá explicar. Podereis gozar da bela companhia de Jesus, de Maria, essa nossa boa mãe que lá nos espera, de todos os santos, de todos os anjos que estão sempre prontos a nos ajudar, contanto que tenhamos no coração a vontade sincera de conservar a bela virtude da pureza.

210. A serpente e a Ave-Maria

ASC A0080302 *Cronaca dell'Oratorio 1862,* manuscrito de Francisco Provera[19], pp. 1-6 (cf. MB VII, 238-239. 241-243).

Quarta-feira, 20 de agosto de 1862

Quero contar-vos um sonho que tive em alguma das noites passadas (deve ter sido na noite da festa da Assunção de Maria Santíssima). Sonhei que estava junto com todos os jovens em Castelnuovo d'Asti, na casa do meu irmão. Enquanto faziam recreio, veio alguém (não sei quem era) e me chamou para que eu fosse com ele. Levou-me para o prado contíguo ao pátio e me mostrou no meio da grama uma serpente com 7 ou 8 metros de comprimento, enorme. Fiquei horrorizado e queria fugir.

– Não, não, me disse o tal, não fuja, venha aqui perto e veja.

– Eu respondi: como queres que eu tenha a coragem de me aproximar desse animal horrível? Não sabes que ele pode atirar-se sobre mim e devorar-me em poucos instantes?

– Não tenha medo, não lhe fará mal nenhum. Venha comigo.

– Ah, não! Não sou tão doido de expor-me a tão grande perigo.

[19] Francisco Provera (1836-1874), nascido em Mirabello Monferrato, entrou para o Oratório de Valdocco com a idade de 22 anos, em 1858; foi um dos sócios fundadores da Sociedade Salesiana (18 de dezembro de 1859). Em 1863, ainda clérigo, é enviado com o padre Miguel Rua para abrir em Mirabello (sua terra) o primeiro instituto salesiano fora de Turim, com o cargo de ecônomo; no ano seguinte passou para Lanzo Torinese com o mesmo encargo, e naquele ano foi ordenado padre. Morreu com a idade de 38 anos por causa de uma úlcera nos pés que se transformou em gangrena.

– Então, ele continuou, fique aqui. Em seguida foi buscar uma corda, trouxe e me disse:

– Tome esta corda por uma das pontas e segure-a bem firme; eu pegarei pela outra ponta e irei do outro lado e a suspenderemos sobre a serpente.

– E depois?

– Depois vamos fazê-la cair sobre suas costas.

– Ah! não, por favor! Ai de nós, se fizermos isso; raivosa, saltará sobre nós e nos fará em pedaços.

– Não, não; deixe então que eu faço.

– Ai, ai! Eu não quero ter esse prazer que pode custar-me a vida. E já queria fugir. Ele, porém, insistiu novamente que eu nada tinha a temer, que a serpente não me faria nenhum mal. Terminei concordando e fiquei ali. Então ele passou do outro lado, levantou a corda e depois a deixou cair sobre o dorso da serpente. Ela deu um pulo, virando a cabeça para trás para morder quem a tinha atingido, mas em vez de morder a corda enroscou-se nela. Então aquele homem gritou:

– Segure firme e não deixe a corda escorregar. E correu para uma árvore que estava perto e amarrou nela a corda. Correu depois para mim, tomou a corda das minhas mãos e foi prendê-la na grade de uma janela da casa. Entretanto a serpente se debatia e revolvia, batia com força a cabeça no chão, feria-se toda e sua carne saltava aos pedaços a uma boa distância. E assim continuou enquanto estava viva; morreu quando já não passava de um esqueleto sem carnes.

Quando a serpente morreu, aquele homem desamarrou a corda, enrolou-a e depois me disse:

– Fique atento! E a colocou numa caixa, fechou e depois abriu de novo. Ficamos todos maravilhados. Aquela corda não estava mais ali, enrolada, mas disposta de tal forma que formava as palavras *Ave, Maria.*

– Como pode ser isso? Perguntei. A corda foi posta naquela caixa toda enrolada e agora está tão bem disposta.

– Pois bem, ele disse: a serpente representa o demônio e a corda a *Ave-Maria,* ou melhor, o terço, que é uma sequência de *Ave-Marias*, com as quais se podem destruir todos os demônios do inferno.

Até aqui a primeira parte. Há outra ainda, mais curiosa e que interessa a todos. Mas já é tarde e por isso deixaremos para contá-la amanhã. Entretanto,

levemos em consideração o que aquele homem disse a respeito da *Ave-Maria:* vamos recitá-la devotamente em cada tentação, na certeza de sairmos sempre vitoriosos. Boa-noite.

Quinta-feira, 21 de agosto de 1862

Atendendo vossa insistência, contarei a segunda parte do sonho, senão toda, pelo menos o que posso contar-vos. Antes, porém, devo prepor duas condições. A primeira é que ninguém escreva ou relate fora daqui o que eu vou narrar: falai disso entre vós, ride, fazei tudo quanto quiserdes, mas só entre vós.

Então..., enquanto nós falávamos da corda, da serpente e do seu significado, eu me viro e vejo jovens que recolhiam aqueles pedaços de carne da serpente e comiam. Então logo gritei:

– O que estais fazendo? Sois doidos? Não sabeis que essa carne é venenosa e vos fará muito mal?

– Não, não, diziam eles, é muito boa! Entretanto, apenas comiam daquela carne, caíam no chão, inchavam e ficavam duros como pedra. Eu não conseguia ficar quieto, gritava para este, para aquele, dava tapas a um e socos a outro, tentando impedir que comessem, mas tudo foi inútil. Logo que alguém comia daquela carne caía no chão.

Então chamei os clérigos para que ajudassem e disse a eles que fizessem de tudo para que ninguém provasse daquela carne, mas de nada adiantou. (Interrogado depois privadamente a respeito dos clérigos, respondeu que até mesmo alguns deles começaram a comer, caindo no chão como os outros). Eu estava transtornado por completo, via um grande número de jovens caídos no chão. Então, disse ao homem que me acompanhava:

– Afinal, o que significa que estes jovens sabem que esta carne leva à morte e, no entanto, querem comê-la assim mesmo? Ele respondeu:

– Sabes bem que *carnalis homo non percipit quae Dei sunt*. [1Cor 2,14]

– Mas agora não há mais nenhum remédio para recuperar novamente estes jovens?

– Há, sim!

– E qual é?

– Não há outro senão a bigorna e o martelo.

– A bigorna e o martelo? O que fazer com isso?

– É preciso submetê-los à ação deles.

– Como? Por acaso devo colocá-los sobre a bigorna e batê-los com o martelo?

Então ele se explicou e disse:

– Aí está: o martelo significa a confissão, e a bigorna, a santa comunhão. É preciso usar esses meios.

Então comecei a fazer isso e achei muito profícuo esse remédio, não, porém, para todos. Muitíssimos reviviam, curados, mas para alguns era inútil. Esses tais eram os que não faziam boas confissões.

211. A tempestade no coração do pecador

ASC A0000309 *Piccole locuzioni del molto R.do don Giovanni Bosco*, Quad. IX, 1876, manuscrito de Francisco Ghigliotto[20], pp. 3-7 (cf. MB XII, 131-132).

Terça-feira, 14 de março de 1876

Visitei várias casas da Ligúria e vi que lá há muito o que fazer. Sim, há muito bem a fazer, e se todos vós que me ouvis fosseis ordenados sacerdotes e verdadeiros operários evangélicos, todos teríeis muito bem a fazer. Fiquei maravilhado ao ver quanto bem já se fez com tão poucos operários, especialmente em Bordighera, onde, como sabeis, está como diretor o padre Cibrario, o clérigo Cerruti como professor e Martini como coadjutor e também sacristão, e que vai buscar o pão e também come um pouco. [...]

Vindo para o litoral, pude ver que o mar estava furioso. Durante cinco dias houve contínuas tempestades no mar, especialmente numa parte dele. Eu já tinha ouvido falar disso, mas nunca quis ver; digo-vos, porém, que fiquei maravilhado. As ondas eram altas como uma casa e se entrechocavam, faziam um estrondo surdo e forte como o de quatro canhões. Desse encontro fragoroso resultava uma espuma branca e subia tão alto que, se um navio fosse surpreendido por tais ondas, teria sido jogado pelo ar e tão alto que as pessoas que nele estivessem teriam morrido no ar. Entretanto, não havia ali nenhum navio. Eu estava a uns trezentos metros do mar e várias vezes tive que me

[20] Francisco Ghigliotto (1859-1900) naquele ano era noviço e tinha recebido do mestre dos noviços, padre Barberis, o encargo de anotar as palavras de Dom Bosco aos jovens e aos noviços.

afastar para não ficar molhado. Observando esse espetáculo, admirei o poder de Deus que, quando quer, faz com que o mar seja sereno e tranquilo a tal ponto que se possa caminhar sobre ele. Depois, com uma só palavra, põe tudo em movimento numa grandíssima extensão, de tal forma que causa horror contemplá-lo. Se os deputados e senadores fossem gritar ao mar para que se acalme, aí, sim, eles veriam quanto "poder" eles têm...

Observando o mar, eu pensava no pecador que está continuamente submergido por uma tempestade, como estava então o mar. A consciência sempre o corrói e ele jamais tem paz e tranquilidade. Faz um pouco de recreio, depois se retira triste. Os colegas o convidam a divertir-se, mas ele dá de ombros e não tem vontade de brincar, porque o coração o repreende, dizendo-lhe: "Tu não és amigo de Deus". Vai almoçar e procura ficar alegre, tentando expulsar todo pensamento que o censura, mas o coração lhe diz: "E se agora, enquanto te alimentas, morresses, tu serias excluído do paraíso e o inferno estaria pronto para receber-te". À noite, vai para a cama e procura afastar de si os funestos e justos remorsos de consciência, dizendo: "Agora quero dormir tranquilamente, pelo menos me livrarei desses pensamentos tormentosos". Aliás, naquela noite nem recitou as orações a fim de reprimir sempre mais seus remorsos. Inutilmente se esforça, pois seu coração lhe diz: "E se nesta noite tivesses que morrer, passarias à eternidade na desgraça de Deus". Enfim, ele não tem paz e tranquilidade, mas seu coração está sempre em tempestade.

Esses os pensamentos que me passavam pela mente enquanto olhava para o mar em tempestade. Boa-noite.

212. Todos são chamados a trabalhar na vinha do Senhor

ASC A0000408 *Conferenze e prediche di D. Bosco 1875*/1876, Quad. XIX, manuscrito de Júlio Barberis[21], pp. 63-78[22] (cf. MB XII, 625-631).

Domingo, 19 de março de 1876

Um dia, o divino Salvador, passeando pelos campos vizinhos à cidade de Samaria, olhando ao seu derredor e para as planícies e os vales, vendo que a colheita em toda parte era muito abundante, convidou os seus apóstolos a se deleitarem também eles com a visão daquele agradável aspecto dos campos, mas logo se deram conta de que, apesar da quantidade da messe, não havia ninguém para recolher a colheita. Então, Jesus, aludindo a algo bem superior, voltou-se para os apóstolos e disse: *Messis quidem multa operarii autem pauci,* a messe é grande, mas vede como são poucos os operários. [Mt 9,37]. Este é o grito doloroso que em todos os tempos a Igreja e os povos levantaram: a messe é grande, os operários são poucos.

O divino Salvador, vós compreendeis muito bem, por campo ou vinha entendia falar da Igreja e de todos os homens do mundo: a colheita a se fazer consiste na salvação das almas, pois todas as almas devem ser recolhidas e levadas para os silos do Senhor. Oh, como é copiosa a messe; quantos milhões de homens há na terra! Quanto trabalho ainda a fazer para conseguir que todos se salvem, mas *operarii autem pauci,* os operários são poucos! Por operários que trabalham na vinha do Senhor entendem-se todos os que de alguma maneira concorrem para a salvação das almas. E, notai bem, que, como alguém pode pensar, por operários aqui não se compreendem somente sacerdotes, pregadores e confessores, que sem dúvida mais efetivamente são postos a trabalhar e mais diretamente se afadigam em recolher a messe, mas eles não estão sós, nem seriam suficientes.

[21] Júlio Barberis (1847-1927), íntimo confidente de Dom Bosco, foi nomeado por ele primeiro mestre dos noviços da Congregação (1874), cargo que ocupou por 25 anos. Sua obra formativa foi determinante para a consolidação da Congregação. Foi membro do Conselho Superior e, a partir de 1910, diretor espiritual-geral da Sociedade Salesiana. O seu *Vade mecum dei giovani salesiani* (1901, 2 vol.; 2 ed. 1905, 3 vol.) pode ser considerado o primeiro texto orgânico de espiritualidade salesiana.

[22] O padre Barberis introduz o texto com esta observação: "Conferência feita pelo senhor Dom Bosco na noite do dia de São José, 19 de março de 1876, após as orações na igreja pequena, a todos os professos, noviços, aspirantes e aos que desejam ser aspirantes no Oratório de São Francisco de Sales. Foram convidados em público para essa conferência todos os que desejavam pertencer à Congregação; entre os adultos se reuniram 203 pessoas, e a conferência produziu grande efeito" (A0000408 *Conferenze e prediche di D. Bosco…*, p. 63).

Operários são todos que de alguma forma concorrem para a salvação das almas; assim como operários no campo não são somente os que recolhem o grão, mas também os demais. Há quem ara a terra, quem a limpa; outros, com a enxada, a ajeitam; há quem a aplaina com o ancinho; alguns lançam a semente, outros a cobrem; há quem arranca as ervas daninhas, outros regam a terra em tempo oportuno; há quem colhe os grãos, faz feixes e montes de feixes[23]; há quem carrega o carro, quem conduz; há quem espalha os feixes no terreiro, quem bate o grão; há quem separa o grão da palha; outros o levam ao moinho para fazer a farinha, depois a ensacam; há também quem a peneira[24], quem a empasta, prepara o pão, coloca no forno. Vede, caros amigos, quanta variedade de operários é necessária antes que a messe possa chegar ao seu destino de dar-nos um pão excelente.

Tanto no campo quanto na Igreja há necessidade de todo tipo de operários; não há um só do qual se possa dizer: "Eu, embora meu comportamento seja irrepreensível, não sirvo para nada no trabalho para a maior glória de Deus". Não, não se fale isso de ninguém; todos podem fazer alguma coisa de algum modo. Os operários são poucos. Oh, se fosse possível dispor de muitos sacerdotes para enviar para cada região da terra, cada cidade, lugarejo, vila, campo e converter o mundo. E impossível, porém, dispor de tantos sacerdotes; por isso, é preciso que haja também outras pessoas dispostas a isso. Além disso, como os sacerdotes poderiam estar livres em função do seu ministério, se não houvesse quem lhes cozinha o pão e prepara as refeições? Se tivessem que providenciar eles mesmos a fabricação dos sapatos e das roupas? O sacerdote precisa ser ajudado; e eu creio não dizer algo errado afirmando que todos os que estais aqui, sacerdotes, estudantes, aprendizes, coadjutores, todos, todos podeis ser verdadeiros operários evangélicos e fazer o bem na vinha do Senhor. De que maneira? De muitas maneiras.

Por exemplo, todos podem rezar. Sem dúvida, não há ninguém que não possa dedicar-se a isso. Oh, vede, todos podeis fazer a parte principal de que fala o divino Salvador, pois, depois de dizer que poucos são os operários, ele acrescenta: "Orai ao dono da messe que envie operários para a sua messe", *Rogate ergo dominum messis ut mittat operarios in messem suam* [Mt 9,38]. A oração toca profundamente o coração de Deus; Deus, de certo modo, fica obrigado a enviar operários. Rezemos a Deus pelas nossas povoações, pelos países distantes; rezemos pelas necessidades das nossas famílias e das nossas cidades; e rezemos por aqueles que ainda estão mergulhados nas trevas da idolatria, da superstição, da heresia. Oh, todos rezemos de todo o coração, rezemos muito ao dono da messe.

[23] [...].
[24] [...].

Uma coisa que pode ser feita por todos e que é da maior utilidade, um verdadeiro trabalho na vinha do Senhor, consiste em dar bom exemplo. Oh, quanto bem se pode fazer dessa maneira: bom exemplo com as palavras, encorajando os outros ao bem, dando bons conselhos. Aqui está alguém que se encontra duvidoso quanto à sua vocação; lá há outro que está para tomar uma decisão que será para ele prejudicial para sempre; pois bem, se essas pessoas forem aconselhadas, fortalecidas no bem, poderão colher imensas vantagens! Muitas vezes basta uma só palavra para levar alguém a permanecer no bom caminho ou a retornar para ele. São Paulo dizia aos fiéis que procurassem ser *lucerna lucens et ardens* [Jo 5,35]. Se de fato os outros vissem em nós essa luz! Que todos fossem edificados pelas nossas palavras. Mas não basta: é preciso que haja também as obras. Se existisse aquela caridade inflamada que nos leva a desprezar todas as coisas, contanto que possamos fazer o bem aos nossos irmãos; se houvesse de fato aquela castidade perfeita que nos leva a obter vitória sobre todos os outros vícios; se houvesse de fato aquela mansidão que arrebata os corações dos outros, oh, eu creio que o mundo inteiro ficaria retido em nossas redes.

Outra coisa que todos podem fazer é a frequência na prática religiosa, nas orações, em tomar parte em tudo o que pode promover a maior glória de Deus e a salvação das almas. Falar bem da Igreja, dos ministros da religião, do papa, de modo particular, das disposições eclesiásticas. Essas coisas podem ser feitas por todos, do maior ao menor dentre vós; e entre nós, aqui em casa, falar bem dos superiores, da Congregação, da casa, de tudo o que nos é proporcionado.

Mas não basta. Algo que todos podem fazer é ajudar a extirpar as ervas daninhas, a cizânia e todas as demais ervas que só prejudicam; quero dizer, quando houver algum escândalo, que não seja tolerado; quem puder eliminá-lo, faça-o por conta própria e use de todos os meios para fazê-lo cessar; quem não puder eliminá-lo, não fique de braços cruzados, mas fale com quem de direito, e se não for suficiente falar uma só vez, fale duas, três e mais vezes, contanto que o escândalo seja eliminado.

Ouvindo alguém queixar-se da comida, todos vós podeis corrigi-lo. Haverá quem pense em sair sem autorização ou quem se lamenta por não poder sair, todos vós podeis animá-lo, encorajá-lo, aconselhá-lo a ter paciência. Além disso, grande coisa é extirpar a cizânia, isto é, o escândalo no falar. Acontece às vezes que em casa se verifica alguma desordem e os superiores a desconhecem e por isso não podem remediá-la. É absolutamente necessário que vós faleis, que os torneis conscientes do mal; vós estais em contato com essas pessoas, ao passo que os superiores estão mais distantes.

Outra forma de extirpar a cizânia é a correção fraterna. Acontece que, enquanto estais aqui ou em casa dos pais na própria terra, os nossos amigos

inadvertidamente, na nossa presença, têm conversas inconvenientes para um jovem cristão; escrevem cartas servindo-se de frases não cristãs e de expressões que podem suscitar a nossa ira ou então maus pensamentos. O que fazer? Responda-se a essa pessoa educadamente: "Vê, tu dizes assim e assim; mas repara que essas palavras não ficam bem na boca de um cristão. Eu sei que tu és meu amigo e escreveste essas coisas sem dar-te conta; mas precisamente porque és meu amigo, eu creio que tu não te ofenderás se eu te corrijo quanto a isto e àquilo". Ou então: "Desculpa-me, mas eu não posso aceitar as propostas que me fazes e que não estão de acordo com a vida que deve levar um jovem cristão". Muitas vezes, uma correção amigável feita assim produz no coração dos colegas e dos irmãos mais efeito do que uma pregação, e começam a servir a Deus ou pelo menos a amar mais a religião, só pelo fato de encontrar essas boas maneiras em quem sabem que pratica a religião.

Infelizmente, acontece que várias vezes é preciso usar essa caridade com os próprios pais para instruí-los, corrigi-los, repreendê-los. Tenha-se a fortaleza de fazer isso também; sim, corajosamente, mas de forma a usar de toda a caridade, bondade, mansidão que usaria São Francisco de Sales, se estivesse em nosso lugar. Todos esses modos e muitos outros, cada qual, padre, clérigo, leigo de qualquer idade e condição, pode usar ao trabalhar na vinha do Senhor. Vede, portanto, que na messe evangélica todos podem trabalhar de muitas maneiras, contanto que cada qual zele pela honra de Deus e pela salvação das almas.

Alguém poderá perguntar: "Mas, Dom Bosco, com isso tudo, o que o senhor quer dizer? Por qual motivo nos está dizendo essas coisas nesta tarde?". Oh, meus caros amigos! Aquele grito "*operarii autem pauci*" não se fazia ouvir somente nos tempos antigos, nos séculos passados; mas a nós, a nós, nestes nossos tempos, ele se faz ouvir mais imperioso do que nunca. Para a Congregação Salesiana a messe cresce cada dia e de forma tão desmesurada que quase eu diria que não se sabe mais por onde começar e como regular-nos no trabalho. É por isso que eu gostaria de ver-vos todos e logo como bons operários na vinha do Senhor! Os pedidos de colégios, de casas, de missões chegam em número extraordinário, tanto de lugares daqui da Itália, como da França, do exterior: da Argélia, do Egito, da África, da Arábia, da Índia, da China, do Japão na Ásia; da Austrália, da República da Argentina, do Paraguai, de Gibraltar. Pode-se dizer, em toda a América fazem-se pedidos para abrir novas casas, pois por toda parte há uma escassez de operários evangélicos que assusta quem observa o grande bem que se poderia fazer e que se deve deixar para trás por falta de missionários.

Da Argentina temos notícias dolorosas por parte do padre Cagliero. Lá, em geral, quando as pessoas vão se confessar, não se pergunta: quanto tempo

faz que não se confessa, mas se diz: já vos confessastes alguma vez? E não é raro encontrar homens e mulheres com seus quarenta anos e que nunca na vida se confessaram. Não é que não gostem das coisas da Igreja ou da confissão, não; mas é que nunca tiveram a oportunidade para isso. Imaginai quantos se encontram no momento da morte e gostariam de pelo menos naquele momento ter um padre para confessar os próprios pecados e receber a absolvição, mas nem isso lhes é concedido porque muito raramente encontram um padre que possa atendê-los!

Não tenho, porém, a intenção de convidar-vos a ir para lugares distantes; isso pode acontecer para alguns, não para todos, quer porque as necessidades são urgentes também aqui, quer porque por vários motivos nem todos os que se sentem chamados a fazer parte da Congregação Salesiana estariam dispostos a ir a lugares tão distantes. Mas em vista de tantas necessidades, de tanta falta de operários evangélicos, notando que todos vós, de um modo ou de outro, podeis trabalhar na vinha do Senhor, poderia eu ficar quieto e não vos manifestar o desejo secreto do meu coração? Oh, claro que eu gostaria de ver-vos todos dedicados a trabalhar como verdadeiros apóstolos! A isso é que tendem os meus pensamentos, todos os meus cuidados, todas as minhas fadigas. E por isso que se aceleram os estudos, que se oferece a oportunidade para que quanto antes se possa vestir a batina, que se oferecem escolas particulares.

Diante de tantas e tão prementes necessidades, poderia eu calar? Poderia eu acomodar-me, quando de toda parte nos chamam e parece ser realmente a voz de Deus que se manifesta pela boca de tantas pessoas? E depois de tão manifestos sinais da divina Providência, que quer operar tão grandes coisas por meio dos salesianos, poderia eu ficar mudo e não procurar aumentar o número dos operários evangélicos?

Agora, quero dizer-vos ainda uma coisa e é a mais importante. Enquanto eu vos convido a todos a serdes constantes ou a fazer-vos inscrever na Congregação Salesiana, não quero que quem não tem vocação entre nela. Eu vejo o grande bem que podemos fazer; mostro como é grande a messe diante dos nossos olhos, como a vinha do Senhor precisa de muitos operários, para que os que sentirem uma voz interna que lhes diz: tu, na Congregação salesiana, poderás salvar mais facilmente a tua alma e a do próximo, fica sabendo como estão as coisas e vê como fazer para pertencer a ela. Ao passo que espero que cada um siga a própria vocação. O que eu quero e sobre o que muito insisto é que, cada qual, esteja onde estiver, seja de fato, como diz o Evangelho, "*lucerna lucens et ardens*".

Eu não sou contrário a que um jovem, querendo, vá para o seminário e se faça padre secular. O que eu quero e sobre o que insistirei até que tiver

respiro e voz é que quem se faz clérigo seja um clérigo santo, quem se faz padre seja um padre santo, quem quiser participar da herança do Senhor, abraçando o estado eclesiástico, não se envolva em coisas terrenas, mas procure unicamente salvar as almas. Isso é o que peço a todos, mas especialmente peço que quem é eclesiástico seja luz que ilumina a todos os que o rodeiam e não trevas com que engane a si mesmo.

Que esta luz, porém, não se manifeste só com palavras: que ela se traduza em obras. Cada qual procure ornar o próprio coração com aquela caridade que leva a dar a vida para salvar as almas; que faz com que não se olhe para nenhum interesse corporal quando se trata de fazer o bem, e que diga como São Paulo, que considerava os interesses mundanos e as coisas deste mundo como lixo, para somente lucrar as almas para Jesus Cristo: "*omnia arbitror ut stercora ut Christum lucrifaciam*" [Fl 3,8].

É preciso que ninguém se deixe dominar pela gula, pela intemperança, que é a que faz com que tantos jovens naufraguem miseravelmente e, digamos francamente, também tantos eclesiásticos. É preciso que saiba moderar e mortificar especialmente o vinho quem deseja trabalhar com fruto na vinha do Senhor, seja qual for o estado em que se encontra.

Por isso, verdadeiro operário evangélico é quem toma parte de boa vontade nas práticas da religião, que as promove, que as torna solenes. Se há uma novena, essas pessoas estão contentes; se cumprem alguma prática especial, convidam outros a participar dela.

Para ser verdadeiro operário evangélico é preciso não perder tempo, mas trabalhar, seja onde for; numa parte ou noutra, nos estudos, na assistência, no magistério; nas coisas materiais, no púlpito ou no confessionário, nos escritórios ou nos economatos. Contanto que se tenha em mente que o tempo é precioso e que quem perde tempo ou não se esforça para ocupá-lo bem, jamais poderá ser um bom operário evangélico.

Aí está, meus queridos filhos, o que eu vos quis dizer para vos tornardes bons operários evangélicos. Oh, se essas coisas fossem praticadas com exatidão por todos! Vamos dar uma olhadinha: todas elas são praticadas na nossa Congregação? Oh, seu eu pudesse dizer que realmente tudo isso é praticado com exatidão, como me sentiria feliz, eu poderia me sentir envaidecido. Oh, se os salesianos pusessem de fato em prática a vida religiosa como a entendia São Francisco de Sales, com aquele zelo que ele tinha, orientado por aquela caridade que ele tinha, moderado por aquele zelo e por aquela mansidão que ele tinha, aí sim eu poderia me sentir de fato envaidecido e haveria motivos para esperar um imenso bem feito no mundo. Aliás, quero dizer-vos que o mundo correria atrás de nós e ele haveria de ser nosso.

Ainda uma coisa que eu creio seja de importância extraordinária e que é preciso que cuidemos que ela esteja em nós e que a conservemos sempre. Trata-se do amor fraterno. Crede-o, o vínculo que mantém unidas as sociedades, as congregações, é o amor fraterno. Creio que posso dizer que ele é o vínculo, o eixo em torno do qual giram as congregações eclesiásticas. E até que grau ele deveria crescer? O divino Salvador nos diz: *Diligite vos alterutrum sicut et ego dilexi vos* [Jo 13,34]. Amai-vos uns aos outros reciprocamente, com a mesma medida com que eu vos amei. Na Sagrada Escritura a cada passo se repete que nós nos amemos uns aos outros. Este amor, porém, para ser como se deve, deve ser tal que o bem de um seja o bem de todos e o mal de um seja o mal de todos. É preciso que nos apoiemos reciprocamente e nunca alguém critique o que o outro faz, nunca haja nem mesmo um pouco de inveja: "A fulano foi dado aquele cargo, em vez de dá-lo a mim". "Aí está, se há algo de belo e bom, tem que ser sempre para fulano, ao passo que em mim ninguém pensa". Não, para longe esse tipo de inveja, o bem de um deve ser o bem de todos. O mal de um que seja o mal de todos. Alguém está sendo perseguido? É preciso que todos nós nos sintamos perseguidos e tenhamos pena dele e o ajudemos. Alguém está doente? Devemos estar insatisfeitos como se fôssemos nós a estar doentes. Além disso, é preciso que juntos, de acordo, promovamos as coisas boas, venha de quem vier a iniciativa. Todos sabem que nem todos possuem as mesmas capacidades, os mesmos estudos, os mesmos meios. Portanto, grande amor fraterno. Se fizermos assim, sabeis o que acontecerá? Acontecerá o que aconteceu com a Igreja. Alguns eram apóstolos, mas além dos apóstolos havia os 72 discípulos; depois havia os diáconos, os cooperadores evangélicos, mas todos eles trabalhavam de acordo, todos juntos, com grande amor fraterno e por isso conseguiram o que conseguiram, isto é, mudar a face do mundo. Assim devemos fazer também nós, em qualquer lugar que estivermos, seja qual for a missão que nos for confiada, contanto que possamos salvar almas e acima de tudo possamos salvar a nossa alma, e isso será suficiente para nós.

Tudo isso, porém, só se obtém à custa de grandes sacrifícios, não sem dever sofrer um pouco. Sem grandes fadigas, nunca se chega a fazer grandes coisas, por isso, nós devemos estar prontos para tudo.

Sim, cada qual se inscreva na Congregação Salesiana, mas diga: eu quero enveredar por este caminho pela única razão de salvar almas, entendendo que ao salvar as almas dos outros, antes de tudo pretendo salvar a minha. É possível conseguir esse intento sem sacrifícios? Pois bem, eu estou pronto a fazer qualquer sacrifício. Eu quero pôr-me no seguimento de Jesus Crucificado; se ele morreu na cruz, sofrendo dores horríveis, eu que quero ser seu seguidor, devo mostrar-me pronto a qualquer sofrimento, mesmo que se trate de morrer na cruz como ele.

Aliás, notai, no Evangelho eu vejo escrito que são bem-aventurados os que sofrem tribulações e não os que gozam a vida. Cabe-me, portanto, sofrer alguma coisa. Feliz de mim, que assim poderei seguir os passos do divino Redentor mais de perto. Quem goza a vida neste mundo, goza por um momento e depois muito pouco sobrará de seus prazeres; pelo contrário, nada sobrará, e pior ainda para a eternidade. Ao passo que os que sofrem, sim, sofrem um pouco, mas isso durará pouco e cada sofrimento irá transformar-se em pedra preciosa no céu que os consolará por todos os séculos.

Termino com o que disse São Paulo*: "*Vos delectat magnitudo praemiorum; non vos deterreat magnitudo laborum*": se vos alegra o pensamento da grande recompensa no paraíso, não vos assuste, se devereis sofrer alguma coisa nesta terra.

213. A fé, a temperança e o ócio

ASC A0000301 *Conferenze e sogni*, Quad. I, 1876, manuscrito de Tiago Gresino[25], pp. 1-9 (cf. MB XII, 349-356).

Domingo, 15 de junho de 1876, solenidade de *Corpus Christi*

Parecia-me estar no meio do pátio, caminhando para a porta de saída, rodeado dos meus jovens, alguns para me cumprimentar, outros para me dizer alguma coisa, conforme sempre acontece. De repente, do lado dos aprendizes ouço fortes gritos: "Ai! Ai!", e vejo que fogem precipitadamente de cá para lá, muitos saem pela porta dos fundos. Em seguida, também os estudantes se põem a correr, agrupando-se em torno a mim. Eu queria ver o que assustava tanto os meus jovens, mas eles queriam impedir-me, pois havia um monstro que me devoraria, e assim eles me seguravam junto deles.

Enquanto eu estava sem saber o que fazer, apareceu um monstro horrível que corria em nossa direção. Aquele animal, ou demônio que fosse, era tão feio, nojento, terrível, enorme como nenhum outro. Parecia-se um pouco com um urso, mas na parte traseira era menor, se comparada com os demais membros; tinha as espáduas e a barriga muito grandes e grossos, sua cabeça era enorme, a boca escancarada mostrava dois dentes pontiagudos como espadas.

* Dom Bosco cita diversas vezes esta frase, inclusive com variantes, atribuindo-a na maioria das vezes a a São Paulo; na verdade é de São Gregório Magno.

[25] Tiago Gresino (1859-1946) naquele ano era noviço e tinha recebido do mestre dos noviços, padre Barberis, o encargo de anotar as conferências e as falas de Dom Bosco.

Os jovens, assustados, vinham ter comigo para que lhes dissesse o que fazer, mas eu mesmo estava assustado, sem saber como proceder. Eu disse que todos se reunissem aqui debaixo do pórtico e, ajoelhados, pedissem a ajuda da bem-aventurada Virgem. Num instante ficamos todos de joelhos, rezando com maior devoção do que de costume a Maria Auxiliadora para que nos livrasse daquele monstro que, no entanto, a passos lentos, vinha em nossa direção, prestes a nos assaltar.

Poucos minutos se passaram desde quando estávamos ali, quando, não sei como nem quando, de repente nos encontramos todos do outro lado, no refeitório dos clérigos, que era muito mais amplo e intensamente iluminado. No centro estava Nossa Senhora, que se parecia com a imagem que está ali no início dos pórticos ou com a que está na cúpula da igreja ou com a da igreja, não lembro bem; de qualquer forma, estava toda radiante, rodeada de santos e anjos, de tal modo que o refeitório parecia o paraíso. Ao terror sucedeu o estupor, e todos nós estávamos voltados para Nossa Senhora, atentos, pois ela parecia querer dizer alguma coisa; e de fato, ela nos acalmou com estas palavras: "Não tenhais medo, tende fé; esta é só uma prova que meu Filho quer fazer com todos vós".

Então reparei atentamente os que estavam em redor da Santa Virgem e reconheci o padre Alasonatti, o padre Ruffino, o irmão Miguel das Escolas Cristãs, meu irmão e outros que pertenceram à nossa Congregação e que agora estão no paraíso. Quando, de repente, um deles diz em voz alta: "*Surgamus*". Nós estávamos em pé e não sabíamos o que ele queria dizer. Mas a mesma voz repetiu: "*Surgamus*"; e nós, ali, parados, atentos para ver como tudo iria acabar. Eu já estava para pedir alguma explicação, quando Nossa Senhora começou a dizer, com voz admiravelmente forte: "Tu, que és sacerdote, deverias entender o que significa este *surgamus*; quando celebras a santa missa e dizes: *Sursum corda*, o que tu entendes dizer? Por acaso entendes que é para se levantar ou que é para elevar os afetos do coração para Deus?".

Então eu falei assim aos meus jovens: "Façamos o melhor que pudermos um ato de amor e de arrependimento a Deus". Todos, ajoelhando-se rapidamente, em silêncio, rezamos. Um momento depois ouvimos novamente um "*Súrgite*", e nos pusemos em pé. Naquele momento, ouviu-se então uma voz maviosa vinda de Nossa Senhora cantando o hino de São Paulo: "*Sumite scutum fidei*" [Ef 6,16]; a voz era tão cheia, harmoniosa e melodiosa, que caímos como que em êxtase, pois numa só voz ouvíamos todas as notas desde a mais alta até a mais baixa, e parecia que cem vozes cantassem a uma só voz.

Estáticos, ouvindo aquele concerto, de repente nos sentimos arrebatados para o alto por uma força sobrenatural, alguns se agarravam a um prego, outros à beirada da abóbada. Eu me segurava na grade de uma janela e me admirava ao ver que não caíamos; donde eu estava víamos grande quantidade de animais de diversas espécies, todos ferozes, que corriam de cá para lá por todo o refeitório, nos perseguiam e parecia que em pouco tempo pulariam sobre nós, embora ainda não tentassem fazê-lo.

Enquanto se ouvia aquele canto paradisíaco, de perto de Nossa Senhora saíram muitos belos jovens, com asas, e aproximando-se de nós, puseram sobre o nosso coração um escudo que, no centro, era de ferro, próximo ao círculo de ferro havia um de prata, em seguida um de diamante e finalmente um círculo de ouro. Quando todos estávamos munidos desse escudo e o canto cessou, ouviu-se esta voz: "*Ad pugnam*"; vimos então aqueles animais agitarem-se ferozmente, atirar contra nós bolas de chumbo, flechas e outras coisas, mas nada nos alcançava ou atingia os nossos escudos; todos, depois de uma longa batalha, estávamos incólumes. Então se ouviu Nossa Senhora dizer: "*Haec est victoria vestra, fides vestra"* [1Jo 5,4] e todos nos encontramos no chão, tendo desaparecido aqueles animais.

Logo depois ouvimos gritos dolorosos no pátio: eram os nossos jovens que pareciam dilacerados por aquelas feras. Eu quis sair do refeitório para ver se de alguma forma podia ajudá-los. Não queriam me deixar passar, com medo de que me acontecesse algum acidente. Não levei em conta seu medo e respondi-lhes: "Quero ver o que é, nem que tenha que morrer". Saí e vi uma cena horrorosa: aqueles animais perseguiam os nossos jovens, feriam-nos e os dilaceravam. Particularmente fazia espantoso estrago aquele monstro que tinha aparecido antes: feria com ambos os lados da barriga, por meio daqueles dois dentes enormes; muitos jaziam por terra, alguns mortos, outros feridos. Quando eu apareci, aquele monstro correu ao meu encontro, mas não podia ferir nem a mim, nem a outros que me tinham seguido até o limiar da porta, porque estávamos defendidos pelo escudo.

Observei bem aquelas fauces do monstro que tinham feito uma carnificina de meus jovens e vi escrito na ponta de uma *Otium* e na outra *Gula*. Então compreendi do que se tratava, mas não a ponto de poder dar-me conta de que meus jovens pecassem de ócio, ou de gula, parecendo-me que, pelo contrário, eles trabalham ou estudam, e no recreio não perdem tempo; quanto à gula, parece-me que não temos cara de sermos intemperantes.

Voltei para o refeitório muito triste e pedi explicações desse problema a alguém que estava junto de Nossa Senhora, que me respondeu desta for-

ma: "É, meu caro, neste ponto és ainda um noviço, tu que pensas ter muita experiência. Sabe, portanto, que por ócio não se entende somente não trabalhar e nem mesmo ocupar o tempo de recreio para divertir-se, mas também aquele tempo que se deixa livre para a imaginação, pensando em coisas que são perigosas; aqueles retalhos de tempo que não se ocupam como se deve e especialmente na igreja. Quanto à gula, deves saber que se pode pecar de intemperança só com água e quando se come ou se bebe mais do que o necessário é sempre intemperança. Se conseguires dos teus jovens que sejam temperantes nessas pequenas coisas, eles vencerão sempre o demônio; e com a temperança virão também a humildade, a castidade e as outras virtudes. Se ocuparem integralmente o tempo como devem, jamais cairão na tentação do demônio, viverão e morrerão como santos cristãos".

Agradeci-lhe tão bela instrução e cheguei perto do irmão Miguel e dos outros que eu conhecia para ouvir deles se o que eu via e fazia era realidade ou puro sonho. Entretanto, enquanto tento apertar-lhes a mão, fico como fora de mim mesmo ao não conseguir tocá-la. Vendo minha admiração, um deles me disse: "Deverias saber o que tu estudaste, que nós somos puros espíritos e para sermos vistos pelos mortais devemos assumir uma figura, enquanto não tivermos ressuscitado, pois então reassumiremos o nosso corpo que terá os dotes da imortalidade". Então quis chegar perto de Nossa Senhora que me parecia ter alguma coisa para me dizer, mas quando estava bem pertinho, ouvi fora um forte grito e me acordei.

214. O fervor espiritual

ASC A0000310 *Discorsetti di D. Bosco*, Quad. X, 1876/1877, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 4-6 (cf. MB XII, 557).

Sexta-feira, 27 de outubro de 1876

A novena da festa de Todos os Santos vai andando e eu sempre espero que alguém se faça santo, ou pelo menos faça algum milagre: pode ser que haja alguém, mas eu até agora não percebi. No tempo de Domingos Savio, Francisco Besucco e Miguel Magone, essas novenas eram feitas com mais empenho: nada havia que levasse a desejar que fosse melhor. Não digo que agora sejam mal feitas, não, pois há muita gente boa; mas não há mais aquele entusiasmo. Não sei donde vem que agora não é mais como outrora. Talvez da

minha parte, que não falo mais aos meus jovens, que não me faço entender; ou então, da parte deles, que não querem mais me entender; ou então, também de ambos. Seja como for, eu não vejo mais aquele ardor universal como nos tempos de que vos falei, quando eram sessenta ou setenta jovens e de manhã havia sessenta ou setenta comunhões. Mas há ainda tempo. Digo isso porque, estando assim as coisas, num momento, com um fósforo, pode-se pôr fogo a um paiol e acender um grande incêndio, uma bela fogueira. Isso pode ser feito por cada um de nós. Cada um pense no paraíso, onde alguns têm irmãos, irmãs, amigos e companheiros; outros, superiores ou inferiores, que gozam o prêmio da sua virtude. Eles eram de carne e osso como nós; e nós estamos longe dos perigos, temos facilidade em praticar a religião, a comodidade de acertar os assuntos da própria consciência: se eles se fizeram santos, por que não poderemos ser nós também? – Mas, diz alguém, é preciso a graça de Deus! Garanto-vos que a graça de Deus, ele a dá. – O que falta então? Falta-nos um pouco de boa vontade. Se vós não tendes boa vontade, se não podeis empenhá-la, pedi-a a Deus, pedi-a com insistência e ele a suscitará. E se as vossas orações não forem suficientes, dirigi-vos aos santos, que neste tempo estão dispostos a tudo em nosso favor, especialmente dirigi-vos a Maria Santíssima: que os santos peçam por vós um amor divino ardente, um amor constante; e se o Senhor não o concede a vós, não poderá negá-lo a tantos santos. Boa-noite.

215. Crescer depressa para ser apóstolos

ASC A0000302 *Discorsetti di D. Bosco*, Quad. II, 1876, manuscrito de Emanuel Dompè[26], pp. 7-9 (cf. MB XII, 557-558).

Domingo, 29 de outubro de 1876

Hoje houve um grupo que viajou para Roma, não ainda definitivamente rumo à América, mas para assumir um pequeno colégio num lugar perto de Roma, que se chama Albano, exatamente no mesmo lugar onde antigamente havia a chamada Alba Lunga. Depois, daqui a três ou quatro dias, haverá um novo grupo que parte para assumir outro pequeno colégio, em Ariccia; em seguida, um terceiro grupo irá assumir um pequeno colégio em Trinità. Enquanto isso, nós rezamos por aqueles que estão em viagem desde esta noite até as duas da tarde de amanhã.

[26] Emanuel Dompè (1860-1926) naquele ano era noviço e fora encarregado pelo mestre dos noviços, padre Barberis, de anotar as conferências e as falas de Dom Bosco.

Agora estamos na novena da festa de Todos os Santos e precisamos nos lembrar de não perder nenhum desses dias, para rezar por aqueles que deverão partir para a América; também os sacerdotes se lembrem de rezar por eles na missa. Desta vez partirão em número de 24, não sei se todos de uma vez, mas a diferença de tempo será de uma semana ou no máximo de duas; nem por isso, porém, o número do exército deverá diminuir.

Agora que vão embora os alunos maiores seria preciso que os menores crescessem e ocupassem o lugar dos primeiros. Precisaria que os pães, que são feitos sob a proteção de Maria Auxiliadora, vos fizessem crescer um metro cada vez e assim todos vós vos tornásseis grandes de um só golpe. Nós confiamos na Providência e espero que com a ajuda de Deus conseguiremos fazer tudo um pouco por vez.

Aproveito para avisar que amanhã de tarde, talvez às cinco e meia, conforme me disseram, haverá uma conferência para aqueles que pertencem à Congregação: digo-o aqui em público para que todos fiquem informados.

Mantenhamo-nos junto ao Senhor, que é quem guia todo o nosso trabalho, e comportemo-nos de tal modo que depois ele não deva repreender-nos no dia do juízo, quando vier para julgar o mundo. Boa-noite.

216. No início do ano escolar

ASC A0000302 *Discorsetti di D. Bosco*, Quad. II, 1876, manuscrito de Emanuel Dompè, pp. 18-21 (cf. MB XII, 565-567).

Quinta-feira, 2 de novembro de 1876

Amanhã começa o horário regular. Alguns já estavam se queixando: muito recreio, muitos passeios, pouco estudo. Pelo menos amanhã começará o horário regular e todos ficarão contentes. Não basta, porém, que comece o horário, é preciso também que se estude; por isso, a começar de amanhã, todos se empenhem o mais possível para fugir do ócio. Se soubésseis como é precioso o tempo! Os sábios dizem que o tempo é um tesouro, portanto, quem perde um minuto de tempo perde uma parte desse tesouro. Por isso, é preciso ocupar bem o tempo desde o início, a fim de que no fim do ano não tenhamos de nos queixar do tempo perdido. Mas a verdadeira sabedoria vem do Senhor: *Initium sapientiae est timor Domini.* [Sl 111,10]. Por isso, antes

de tudo temos que acertar bem a nossa consciência. *Sapientia non introibit in animam malevolentem,* é o que estava escrito num cartaz no estudo, não sei se ainda está lá ou se não está mais; o padre Durando faça dependurar outro.

E agora repito o aviso que costumo dar no começo do ano: confissão frequente e frequente comunhão. Quanto à confissão frequente, alguns santos padres aconselham a fazê-la toda semana, outros a cada quinze dias ou uma vez por mês. Santo Ambrósio e Santo Agostinho estão de acordo em dizer-nos: cada oito dias. Eu pessoalmente não vos dou nenhum conselho especial, só digo que procureis o confessor sempre que na consciência sentirdes que alguma coisa não está bem. Alguém pode passar dez dias sem ofender a Deus, outros quinze, outros também vinte. Alguém, porém, passa somente três ou quatro dias e depois cai logo no pecado; este busque logo a confissão, a não ser que se trate de ninharias.

Quanto à comunhão frequente, não quero estabelecer tempo, mas desejo contar-vos um fato. Antes, porém, quero olhar o relógio, para ver se não é muito tarde: são só nove horas e oito minutos. São fatos que se contam em cinco minutos. Havia um homem que costumava confessar-se com são Vicente de Paulo. Não gostava, porém, do confessor porque lhe recomendava a comunhão frequente. Então pensou em mudar de ideia e buscar outro confessor, e lhe disse: "Eu costumava me confessar com o padre Vicente, mas ele me mandava comungar com frequência e por isso vim aqui para receber o seu conselho". O padre em poucos instantes o despachou, dizendo-lhe: "Meu filho, comece devagar: você comungará a cada oito dias, depois a cada quinze, em seguida poderá ser só uma vez por mês". O pobre homem seguiu esse conselho e em pouco tempo passou a fazer só a comunhão, não mais a confissão, da confissão passou aos teatros, aos bailes, etc. Depois, adeus confissão, adeus comunhão: aí começou a viver uma vida desregrada. Passado certo tempo, não se sentia mais contente como antes, a consciência o censurava das suas culpas, e por isso voltou a são Vicente e lhe disse: "Eu vejo que, deixando a santa comunhão, deixo também a piedade e me torno cada vez pior; de agora em diante quero seguir o seu conselho e receber mais frequentemente a santa comunhão".

Eu vos digo a mesma coisa. Praticai-a, para conservar a consciência tranquila, se quiserdes a verdadeira sabedoria do Senhor. Boa-noite.

217. Sonho de Lanzo ou do jardim salesiano

Edição crítica em Cecilia Romero, *I sogni di Don Bosco.* Edição crítica. Apresentação de Pietro Stella. Leumann (Turim), Elle Di Ci 1978, pp. 40-44[27].

Sexta-feira, 22 de dezembro de 1876

Uma planície semelhante ao mar quando está perfeitamente calmo, mas formada por cristais brilhantes. O olhar se perdia naquela vasta superfície.

Enorme quantidade de plantas, ervas, vinhedos, bosques, flores de toda espécie cobriam aquela paisagem. Alamedas magníficas, edifícios admiráveis acrescentavam-lhe beleza. Tudo era semelhante ao que se vê na terra, mas a beleza e a forma eram inexprimíveis.

Música instrumental que parecia composta por milhares de instrumentos diferentes, cada qual produzindo um som diverso, mais alto ou mais baixo, mas sempre em perfeito acorde. Diga-se o mesmo das vozes. Via-se imenso número de habitantes, deliciando-se em ouvir o som dos instrumentos e em tomar parte nos cânticos. Quanto mais se ouvia, mais crescia o desejo de ouvir e todos se mostravam sempre mais ansiosos.

Em determinado momento, cessou a música e então muitos ouvintes se voltaram para mim, que não me encontrava sobre aquela planície maravilhosa, mas ali perto sobre uma pequena elevação. Os que mais se aproximaram de mim foi Domingos Savio, o padre Alasonatti, o padre Chiala, o padre Giulitto, em quem muito tinha pensado no dia anterior. Pela pouca distância eu podia tocá-los com as mãos. Eu, porém, tremia e não tinha coragem de dizer uma palavra sequer. Os outros me olhavam com semblante alegre, como querendo me dizer alguma coisa, mas calavam.

Domingos Savio vestia uma túnica branca recoberta de diamantes que lhe cobria o corpo inteiro; uma faixa vermelha com debruns dourados cingia-lhe a cintura. Seu rosto era viçoso, luminoso, belo como um anjo. Numa das mãos trazia um ramalhete de flores, como se fosse dá-las a alguém. Nele notei o lírio, a rosa, a violeta, o girassol, a sempre-viva, uma espiga de trigo, a genciana e outras flores, artisticamente entrelaçadas e de uma beleza incrível.

[27] É um sonho muito valorizado na tradição salesiana. O Santo escreve numa linguagem simples, não estudada; enquanto a versão das *Memórias Biográficas* (MB XII, 586-595) refere uma transcrição mais elaborada, feita depois da narração oral no boa-noite de 22 de dezembro de 1876.

Domingos Savio, com a mão livre fez-me um sinal para que eu escutasse e começou a falar assim:

– Por que tens medo, aqui, onde tudo deve inspirar coragem?

– Tenho medo por causa do lugar onde me encontro e que não conheço: e não compreendo tudo isso e as pessoas que eu vejo.

– A terra em que agora estás, se for bem cultivada, se tornará um pavimento de pedras preciosas no céu. Estes são servos de Deus que tiveram fé e que agora gozam do fruto de suas fadigas.

– Mas por que somente tu falas e não os outros?

– Porque eu sou o mais novo e o mais antigo dos que estão aqui.

– O que significa esta veste branca?

Domingos Savio calou-se e os outros, em coro, puseram-se a cantar: *Dealbaverunt stolas in sanguine Agni, ideo sunt ante tronum Dei* [Ap 22,14].

– Por que esta faixa?

O padre Alasonatti, o padre Chiala e outros responderam cantando: *Habuerunt lumbos praecinctos, virgines enim sunt, ipsi sequuntur agnum quocumque ierit* [Ap 14,4].

– Este jardim é, por acaso, o paraíso onde vós gozais da felicidade eterna?

– Nada disso. Não é mais do que uma beleza material; um mortal que visse uma luz sobrenatural morreria no instante. Queres ver um diminuto raio de luz sobrenatural? Fecha os olhos e abre-os de novo imediatamente.

Apenas abri os olhos, vi uma luz da qual se desprendia um pequeníssimo raio como um relâmpago que vinha na minha direção, mas tão ardente que me fez dar um forte grito involuntário, como se me tivessem arrancado os olhos. Pouco depois reabri os olhos e tudo era como antes.

– Esta, disse Domingos Savio, é ainda a luz natural, isto é, formada por substância material e é cem milhões de vezes menos brilhante do que o menor raio, aliás, do que uma sombra separada da matéria. O homem enquanto vive nesta terra não pode ver nenhum raio da luz divina sem morrer. A razão é esta: a criatura material não pode suportar o confronto com o Criador infinito que é puríssimo espírito. Somente a alma, enquanto princípio espiritual, separada do corpo, voa a contemplar a luz inacessível da divindade e verá a Deus como é em si mesmo.

– O que estou vendo em ti é corpo ou é espírito? Dizendo isto, pus a minha mão sobre a dele. Mas não toquei nada e foi como se eu tocasse uma sombra.

– É inútil procurar tocar-me. O que vês não é senão a forma, ou seja, a sombra do meu corpo, e Deus conserva esta aparência aos espíritos até o dia

da ressurreição universal, quando cada qual vestirá a matéria imortal, retomando o corpo que possuía antes de morrer.

– Dize-me qual é a finalidade desta tua visita; antes, porém, dize-me se estou acordado ou dormindo.

– Nem um, nem outro. Estás na situação de receber severas ordens da parte de Deus e ai de ti se não te esforçares por executá-las. Algumas coisas se referem ao passado, outras ao presente, não poucas ao futuro. Quanto ao passado, é a falta de fé, muita tibieza. Vê quantas almas os oratórios conduziram ao céu: vemos multidões. Seriam cem mil a mais, se tivesses tido fé viva, como devem ter todos os ministros do Rei dos reis.

– Tu me assustas demais. Dize-me alguma coisa do presente.

– Para o presente, tens aqui um ramalhete de flores; toma-o e presenteia-o a todos os teus filhos de qualquer idade e condição, e garantirás para eles o reino dos céus.

– Mas eu não compreendo o que significa.

– Eu te darei breve explicação: a rosa é a caridade; a violeta, a humildade; o lírio, a castidade; o girassol, a obediência; a sempre-viva, a perseverança; a hera, a mortificação; a espiga de trigo, a santa comunhão; a genciana, a penitência. Cada uma dessas coisas deve ser atenta e longamente explicada, e oferecerás aos teus um tesouro finito que os conduzirá a um prêmio infinito.

– Acrescenta alguma coisa para o futuro.

– Não falo mais eu, mas é Deus misericordioso, o único que o conhece e se exprime assim: No próximo ano serás privado de seis e depois de ainda duas outras pessoas muito queridas; mas que da terra deverão ser transplantadas para o lugar de delícias, ou seja, no paraíso do Deus incriado.

Para a Congregação Salesiana despontará uma luminosa aurora desde os quatro cantos da terra. Haverá batalhas e triunfos, mas os seus soldados crescerão muito, se os chefes não permitirem que se desviem do caminho as rodas do carro sobre o qual está sentado o Senhor. Está próximo o tempo em que os bons e os maus ficarão boquiabertos pelas maravilhas que acontecerão rapidamente, mas é tudo misericórdia, e cada qual receberá consolação.

– Qual é o estado atual dos meus jovens?

– Deves dizer dos filhos de Deus, que os confiou a ti, e dos quais deverás a seu tempo prestar contas: toma estas três folhas e em cada uma delas encontrarás o que é necessário.

Eu apanhei aquelas folhas e sobre uma delas estava escrito: *Anotação dos que no momento presente caminham direito pelo caminho do céu.* E vi muitos nomes que eu conhecia e muitos de pessoas desconhecidas. A segunda anota-

ção tinha como título: *Vulnerati*, o número também era grande, não, porém, como o primeiro. Na terceira havia este título: *Lassati sumus in via iniquitatis* [Sb 5,7].

– As duas primeiras tu podes vê-las e os seus nomes podem ser vistos pelos espíritos. Não é assim da terceira. Os que moram no céu, embora sejam espíritos puríssimos, todavia, sentem um odor insuportável só de vê-los. Se quiseres conhecer os nomes e vê-los, vira a página do outro lado. Virei a folha e num instante não vi os nomes, mas as pessoas entregues ao ato mais abominável. Ouviu-se uma voz de um trovão que me ensurdeceu: *Execrabiles viae eorum coram Deo et coram omnibus viventibus.*

Naquele momento, com aquele rumor, acordei. Levanto os olhos, mas tudo era escuridão, não vi mais ninguém e foi só então que me dei conta de estar na cama, mas tão abatido e estressado por aquele sonho, que não pude mais descansar, nem pensar em outra coisa senão nele, de tal forma que, dia e noite, ainda agora me ocupa a mente.

218. A consciência tranquila

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 10-13 (cf. MB XIII, 427-429).

Terça-feira, 21 de agosto de 1877

Aproxima-se o tempo das férias, tanto para os estudantes quanto para os aprendizes: os primeiros para descansar a cabeça, os outros para repousar as costas e os braços; todos para fazer férias. Para essas férias é preciso que eu vos dê alguns conselhos. O conselho que eu vos dou é um só: que fiqueis em plena liberdade, até mesmo que apronteis alguma desordem, mas para isso retirai-vos para um lugar onde Deus não vos veja. Cada qual saberá que lugar é este: uma casa, a torre da igreja, a cantina. Mas penso que não haverá ninguém tão tonto que creia encontrar um lugar onde Deus não o possa ver. Este pensamento da presença de Deus deve acompanhar-nos em todo o tempo, em todo lugar e em cada atividade. E quem terá a coragem de assim cometer alguma coisa que possa ofender o Senhor, quando pensa que aquele que ele quer ofender pode, no mesmo instante em que ele quer pronunciar essa palavra, fazer-lhe secar a língua, paralisar a mão com que pensa pecar?

Acreditai, não é necessário considerar o Senhor como pura justiça, inflexível. Não, pelo contrário, ele é pura misericórdia, bondade, amor. Assim como deve temê-lo quem o ofende, assim deve estar contente quem pode dizer de si mesmo: "Eu não tenho nada ruim na consciência". A este eu digo: vai dormir tranquilo, diverte-te no recreio, vive feliz. Se quem está em harmonia com Deus deve viver feliz, quem não puder dizer que está com a consciência em paz, deve temer que Deus não lhe dê tempo para a conversão. Ontem, por exemplo, o vigário paroquial de Lanzo passeava no jardim com o seu pároco que elogiava a pregação que ele tinha feito; e o vigário paroquial estava contente porque tinha dado satisfação aos seus ouvintes. Quando, de repente, o pároco não viu mais seu vigário ao lado, mas caído ao chão: "Padre Oggero, padre Oggero!". Não responde. Sacode-o: "O que está acontecendo? Como vai?". Já estava morto. Não nos devemos preocupar pelo destino deste padre, que pertenceu a este Oratório e que era uma santa pessoa, mas para dizer que se pode morrer passeando ou comendo, dormindo ou em qualquer outro momento. Da mesma forma, algum tempo atrás morreu em San Nicolas, perto do padre Cagliero, um padre da paróquia que esteve aqui, passou por este Oratório, e eu me recordo dele. Falo destes dois, mas poderia falar de muitos outros que morreram improvisamente e de todas as formas. Assim, amanhã, ao levantar, poderia acontecer que algum de nós viesse a faltar. Quem morreu? Dom Bosco. Oh, como pode ser? Ele não está mais conosco. E o que poderia acontecer a Dom Bosco, poderia acontecer também a cada um de vós. E quem não estiver preparado, pense em acertar sua situação. Quando alguém está tranquilo na sua consciência, pode viver alegre, dormir seu sono com tranquilidade, porque não teme o juízo de Deus. Boa-noite.

219. Cuidar da roupa ao voltar de uma viagem

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 24-26 (cf. MB XIII, 438-440).

Domingo, 29 de outubro 1877

O motivo pelo qual vos reuni todos aqui é para cumprimentá-los e para dizer-vos algumas palavras depois das vossas férias. Uma notícia bem recente, que acabou de chegar agora por meio do padre Ronchail, refere-se à abertura de uma nova casa em Cannes, cidade pouco distante de Nice. Dentro em breve abriremos outras em outros lugares e iremos até a América. Assim, irão

abrir-se casas em La Navarre, Tonon, Marselha, Bordeaux...; vamos em frente: em Barcelona, etc. Todo o litoral e depois um salto de 15 dias seguidos de viagem de navio até o Rio de Janeiro. Mas preciso que vós cresçais como bons padres e bons professores.

O que, porém, eu vos quero dizer é que depois de uma viagem a gente sempre tem as roupas manchadas ou pelo menos empoeiradas. E assim, embora nestas férias não tenhamos tido lama, não faltou um pouco de poeira nas roupas, alguma mancha. Férias, mais ou menos, todos vós tivestes, por isso, é preciso pensar em cuidar das roupas, como quando se volta de uma viagem.

Agora temos a oportunidade para isso nesta festa de Todos os Santos, de fazer uma revisão da própria consciência; e para que vos possais preparar convenientemente se pensou em fazer um tríduo com uma pequena pregação à noite. Procurai executar o que nela for indicado. O que eu vos proponho, nesses dias dedicados pela Igreja às almas dos falecidos, é que procureis sufragá-las o mais possível. Os que puderem fazer a comunhão, comunguem. Todos rezem e rezem muito, e procurai adquirir as indulgências, aplicando-as aos mortos; esta é a melhor maneira de sufragar aquelas almas. Fazei-lhes esta caridade, especialmente para com as almas dos vossos parentes, pois, próximos ou remotos, todos vós os tendes. No fim das contas, essas orações, este bem que fazeis às almas do purgatório, resulta na realidade um bem para vós mesmos; é como o alimento que se dá à boca que o saboreia, mas que nutre a pessoa que o ingere.

Recomendo-vos, pois, que vivais bem esses dias, fazendo uma revisão da própria consciência e oferecendo todo o bem que fizerdes em favor das almas do purgatório; e assim, quando nós tivermos que nos apresentar à eternidade, encontraremos o bem já preparado para nós, que nos preservará das chamas do purgatório e irá abrir-nos as portas do paraíso. Boa-noite.

220. "Exatidão e limpeza"

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 27-30 (cf. MB XIII, 417-419).

Quarta-feira, 28 de novembro de 1877

Dom Bosco vos saúda a todos e vos traz uma boa notícia: amanhã começa a novena de Maria Santíssima Imaculada. Entre os nossos jovens sempre

houve uma devoção a Maria Imaculada. De fato, existe uma companhia chamada da Imaculada, iniciada por Domingos Savio, como se pode ler em sua vida, junto com o regulamento que ele e alguns companheiros prescreveram para si mesmos. A essa companhia pertencem muitos de vós (mas somente aqueles que brilham em todas as virtudes)...

Eu me lembro como no princípio da novena da Imaculada Conceição Domingos Savio propôs vivê-la bem; veio conversar comigo e quis fazer a confissão geral (ainda não a fizera, pelo que sei); depois conservou de tal modo sua consciência pura em todos os dias da novena que em cada dia pôde fazer a santa comunhão; assim como é desejo ardente da Igreja que todos os cristãos – e eu acrescento: todos os jovens do Oratório – se comportem bem para que todas as manhãs possam participar da mesa eucarística.

E como lembrança para esta novena, que conselho eu vos darei? Aqui está, são duas coisas: *exatidão e limpeza.* São duas palavras que fazem rima* e que andam muito de acordo. Exatidão na observância de todas as normas da casa, de todas e sem exceções. Portanto, exatidão em ir para a igreja ou para o estudo, exatidão em ir comer e dormir. Exatidão em tudo. A outra coisa é a limpeza, não em engraxar os sapatos, mas em manter limpa a consciência. É bom que estejamos sempre limpos, mas se alguém sentir algum incômodo no coração e, dando uma olhada para suas confissões, vir que deve sempre acusar as mesmas coisas: as mesmas mentiras, as mesmas perdas de tempo, as mesmas faltas, de tal modo que viver envolvido por uma série de pecados e confissões, de confissões e pecados; pois bem, esse tal manifeste essas coisas e, se julgar oportuno, faça também uma revisão de sua vida ou com uma confissão geral, ou somente a respeito daqueles pontos que considerar mais necessários. Outro sentirá algum incômodo no coração e dirá: "Eu receio ter feito mal uma confissão e não estar numa boa situação; verdade é que daquele pecado eu me tinha esquecido, mas eu me tinha esquecido de propósito". Pois bem, também este – e há gente assim – fale com o próprio diretor a respeito desse assunto e se entregue completamente a ele. Outro dirá: "Eu, faz certo tempo que me encontro inquieto, tenho receio de não ter a minha consciência na devida ordem". Pois bem, converse com o seu diretor espiritual e, se desejar, faça também uma confissão geral, pois este é o tempo oportuno para isso. E assim se diga a respeito de todos que perceberem que as suas confissões foram defeituosas por falta de arrependimento ou de propósito ou de exame de consciência.

Lembrai-vos sempre, portanto, mas especialmente nesta novena: exatidão e limpeza. Sede exatos em tudo e conservai vossa consciência limpa de tal

* Em italiano: *esattezza* e *pulitezza*.

modo que possais frequentar a santa comunhão; como me lembro que fazia exemplarmente Domingos Savio na última novena da Imaculada Conceição, comportando-se em tudo como digno imitador de São Luís; digno de um jovem que, com a idade de sete anos e meio, ao fazer a primeira comunhão, se propôs: antes morrer que pecar. Fazendo assim também nós, Maria Imaculada terá para todos um favor a conceder e será aquele que for de maior proveito para a nossa alma. Boa-noite.

221. Como fazer os exercícios espirituais

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 31-35 (cf. MB XIII, 752-754).

Domingo, 2 de junho de 1878

Uma palavra depois de quase seis meses. Vede quanto tempo passou sem que eu pudesse vir dar-vos boa-noite. Mas, se não vim pessoalmente, a minha mente estava sempre aqui convosco. Quando eu me encontrava em Roma ou em viagem para Nice ou para Sampierdarena, de manhã, na missa, eu pensava em vós, e à noite, irresistivelmente, o meu pensamento corria até vós. Agora, desde há algum tempo estamos aqui e esperamos não nos afastar de vós tão cedo. Estamos aqui para buscar o vosso proveito espiritual e também temporal.

O que, porém, eu vim aqui para dizer-vos é que amanhã à noite começaremos os exercícios espirituais para os estudantes e logo depois para os aprendizes. Tudo o que eu costumo recomendar durante os exercícios se reduz a uma só coisa: ficai atentos e ponde em prática o que se prega ou se lê. Como pôr em prática? Em todas as pregações, em todas as leituras há sempre alguma coisa útil para nós: poderá ser o exame de consciência mal feito ou a falta de arrependimento ou de um propósito ou o esquecimento dos conselhos do confessor, etc. Pensemos no que passou, no que estamos vivendo, no que será; se nada temos a reprovar em nossas ações passadas, se agora caminhamos retamente pelo caminho que Jesus Cristo nos indica e o que devemos fazer para o futuro.

Por isso, este é o tempo mais apropriado para pensar na própria vocação, porque *in solitudine Deus loquitur*, e os exercícios espirituais são precisamente dias de retiro e de solidão. Também os aprendizes devem pensar na própria

vocação, porque alguns devem perguntar-se se Deus não está propondo que fiquem a trabalhar na Congregação e a fazer parte dela, ou se os chama a fazer o bem em outra parte. Por sua vez, todos precisam deixar por alguns dias as próprias ocupações para só se aplicar às coisas da alma.

Pensai que as grandes graças não se recebem tão frequentemente; e poder fazer os exercícios espirituais é uma grande graça. Quantos no ano passado estavam aqui ouvindo estas mesmas palavras e a esta hora já passaram para a outra vida. Creio que todos fizeram bem os exercícios espirituais do ano passado, mas se não os tivessem feito bem, disporiam ainda de tempo? E quem nos garante que no próximo ano todos nós que estamos aqui voltaremos a fazê-los novamente? Eu não posso dar-vos esta garantia. Só Deus poderia dizê-lo. Aliás, ele nos diz o contrário: *Estote parati, quia qua hora non putatis filius hominis veniet* [Lc 12,40]; e nos mostra por meio da experiência que também sendo jovens pode-se morrer. Se é assim, estejamos sempre preparados, de tal modo que, se a morte vier, possamos apresentar-nos tranquilamente diante das portas da eternidade.

Por isso, agora que dispomos de comodidade, vamos fazer bem os exercícios espirituais. E assim como o Senhor nos diz: *Ante orationem praepara animam tuam* [Eclo 18,23], eu também vos digo: antes dos exercícios espirituais, preparai a vossa alma; isto é, antes de começá-los, despertai em vós o desejo de tirar deles grande proveito.

Se dia e noite eu me ocupo sempre de vós, nos próximos dias dos exercícios eu me consagro inteiramente ao vosso proveito espiritual. Na missa farei sempre uma oração especial com esta finalidade, isto é, que os exercícios corram bem – e o que digo de mim mesmo, entendo dizê-lo também dos que trabalham comigo e dos que aqui virão para esta finalidade. Nas próximas noites espero falar-vos novamente, e para não prolongar demais estas poucas palavras, vamos encerrar com esta bela conclusão: poder fazer os exercícios espirituais é uma grande graça; por isso, devemos fazê-los bem; para fazê-los bem colocaremos em prática tudo o que ouvirmos nas pregações e nas leituras: e como todos os favores provêm do céu, eu e também vós pediremos a Deus que nos conceda a graça de tirar o maior proveito possível para as nossas almas. Boa-noite.

222. Discernir a própria vocação e decidir

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 35-40 (cf. MB XIII, 807-808).

Terça-feira, 18 de junho de 1878

Em todas estas solenidades que houve ou que ainda virão: de Nossa Senhora, da Consolata, de São Luís, de São João, de São Pedro, e outras que haverá antes do fim do ano, há uma coisa de grande importância a se fazer: decidir a respeito da própria vocação. Alguns já devem ter meditado e só esperavam semana após semana, dia após dia, para decidir definitivamente. Por isso, todos os anos eu costumava conceder um tempo para quem quisesse falar comigo a respeito disso; também neste ano gostaria que os jovens da 5ª e da 4ª séries, e também os outros que quisessem decidir quanto à própria vocação venham no meu aposento em qualquer uma das festas, depois das vésperas.

Todavia, alguma coisa de forma geral pode ser dita também aqui. Quando se percebe ter sido chamado para o estado eclesiástico, é de grande importância examinar bem se o melhor é permanecer no mundo ou retirar-se para alguma ordem religiosa. Além disso, quem pretendesse abraçar o estado eclesiástico deve ter em mente uma finalidade reta e santa: isto é, a de salvar a própria alma. Alguém pode perguntar: e não se pode ajudar os parentes? Ajudar os parentes é coisa boa e santa; para isso vós podereis ser comerciantes, sapateiros ou o que quiserdes, e assim ajudar os parentes e outras pessoas e fazer o que mais vos agradar com os vossos rendimentos. Mas um padre não; poderá dar uma esmola, como a qualquer outra pessoa, caso se encontrar em necessidade extrema, mas não pode ir além disso. Aqui sempre há quem levante a costumeira objeção: "Mas muitos padres – este, aquele – fizeram isso, compraram aquilo, se enriqueceram e enriqueceram a própria família, etc". Portanto, todos eles procederam mal? Eu não quero julgar ninguém, só observo aquilo que diz o divino Salvador e a santa Igreja. Jesus Cristo diz expressamente: Quem quiser entregar-se ao ministério de Deus, não se ocupe com assuntos temporais; pelo contrário, não só não se ocupe com eles, mas *non implicet se,* diz precisamente a Escritura, não se envolva com eles: *non implicet se in negotiis* [2Tm 2,4]. As palavras são claras. E dito por Santo Ambrósio ou São Gregório que o que o sacerdote possui é patrimônio dos pobres: não é dele, vede, é dos pobres. Suas fadigas são para Deus, os meios são de Deus, portanto os rendimentos devem ser de Deus e, por isso, dos pobres. O padre não deve buscar outra coisa senão a salvação das almas: exige-se, por isso, uma finalidade santa.

O que ainda vos posso dizer é que quem não se sente chamado ao estado eclesiástico, nem pense em fazer-se padre, pois não tiraria disso nenhum bem. Quem não consegue conservar a virtude da castidade não é feito para o sacerdócio, busque outra coisa, pois como padre só faria mal a si e aos outros. Digo estas coisas para que tenhais tempo para pensar nelas e em seguida tomeis as decisões mais convenientes para o vosso bem. Boa-noite.

223. Os cordeiros e a tempestade

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 41-48 (cf. MB XIII, 761-764).

Quinta-feira, 24 de outubro de 1878

Estou contente por ver o meu exército de soldados armados *contra diabolum.* Esta expressão, embora latina, é entendida até mesmo por Cottini. Eu teria tantas coisas para dizer-vos, tanto mais que vos falo pela primeira vez depois das férias, mas por ora só quero contar-vos um sonho. Vós sabeis que a gente tem os sonhos dormindo e que não é necessário crer neles; mas se não há nenhum mal em não crer neles, às vezes também não há nenhum mal em crer, e podem até nos servir de instrução, como, por exemplo, o que vou contar.

Eu estava em Lanzo na primeira turma dos exercícios espirituais e dormia, como disse, quando tive este sonho. Eu me encontrava num lugar que não pude saber qual era, mas estava próximo de um povoado onde havia um jardim e perto desse jardim, um vastíssimo prado. Estava em companhia de alguns amigos que me convidaram a entrar no jardim. Entro e vejo um grande número de cordeiros que saltitavam, corriam, faziam cabriolas, segundo seu costume. De repente se abre uma porta que leva ao prado e aqueles cordeirinhos correm para fora para ir pastar. Muitos, porém, não se preocupam em sair, permanecem no jardim e ficam andando de cá para lá, comendo alguns fios de erva; assim se alimentavam, embora não houvesse erva na mesma abundância que havia fora para onde tinha ido o maior número.

"Quero ver o que fazem esses cordeiros que estão fora". Fomos até lá e os vimos pastar tranquilamente; mas, de repente, o céu escurece, há relâmpagos e trovões e se aproxima uma tempestade. "O que acontecerá a esses cordeirinhos, se forem apanhados pelo temporal? Eu repetia: vamos retirá-los a salvo". E os chamava. Depois, eu de um lado, os meus companheiros de outros lados, procurávamos encaminhá-los para a porta do jardim, mas eles

não queriam saber. Toca daqui, escapa dali..., eles tinham as pernas melhores do que todos nós. Entretanto, começava a gotejar, depois a chover e eu não conseguia recolhê-los. Um ou dois entraram no jardim, mas os demais, e eram em grande número, continuaram no prado. "Muito bem, se não querem vir, pior para eles; então, vamos embora". E entramos no jardim.

Ali havia uma fonte com uma inscrição em caracteres cubitais: *Fons signatus,* fonte selada. Estava coberta. De repente ela se abre, a água salta para o alto, divide-se e forma um arco-íris com aparência de abóbada, como a deste pórtico. Entretanto, viam-se sempre mais frequentes os relâmpagos, mais numerosos eram os trovões e começou a cair granizo. Nós, com todos aqueles cordeiros que estavam no jardim, nos apertamos debaixo daquela cobertura, onde não penetrava nem água nem granizo. "Mas, o que é isto? Eu perguntava aos amigos: e o que acontecerá com os coitadinhos que estão lá fora?". "Verás, me respondiam. Observa a testa desses cordeiros, o que está escrito?". Observei e vi que na testa de cada um daqueles animais estava escrito o nome de um jovem do Oratório. "O que é isso?". "Verás, verás".

Entretanto, eu não podia mais me conter e quis sair para ver o que faziam aqueles pobres cordeiros que tinham ficado do lado de fora. Eu pensava: "Recolherei todos os que foram mortos e despacharei para o Oratório". Meti-me debaixo da chuva também eu e vi aqueles pobres animaizinhos caídos por terra que, batendo as patas, procuravam voltar para o jardim, mas não conseguiam caminhar. Abri a porta, mas seus esforços eram inúteis. A chuva e o granizo os tinham deixado tão mal e continuavam a maltratá-los que dava dó. Um estava ferido na cabeça, outro no focinho, aquele numa orelha, aquele outro na pata, outros em outras partes do corpo. Entretanto, a tempestade cessou.

"Observa, disse-me quem estava ao meu lado, o que se vê na fronte dos cordeiros". Observei e li sobre a fronte de cada um o nome de um jovem do Oratório. Eu disse: "Mas eu conheço o jovem que tem este nome e não me parece um cordeirinho". "Verás, verás". Em seguida, me foi apresentado um vaso de ouro com a tampa de prata, dizendo-me: "Toca com a tua mão banhada com este unguento as feridas dos cordeiros e logo serão curados". Eu comecei a chamá-los: "Beh! Beh!". E eles, como se nada fosse. Procuro aproximar-me de um deles, mas ele foge. "Não quer, pior para ele!". Vou até outro e também foge. Eu repetia seguidamente essa tentativa.

Finalmente consigo segurar um que, pobrezinho, tinha de tal modo os olhos fora das órbitas que dava pena. Toquei-os com minha mão e ficou bom, correndo para o jardim. Muitos outros não tiveram mais medo e se deixaram tocar e sararam e entraram no jardim. Mas houve também muitos outros, geralmente os mais feridos, que não foi possível aproximar-me deles.

– Se não querem ser curados, pior para eles; mas não sei como poderei fazê-los entrar no jardim.

– Deixa estar, disse-me um dos amigos que estavam comigo, eles virão, sim.

– Veremos. Coloquei o vaso onde antes estava e voltei ao jardim. Tudo tinha mudado e pude ler sobre a porta a palavra*: Oratório*. Apenas entrei, de repente, aqueles cordeiros que não queriam entrar, entram e correm a pastar aqui e ali, mas nem então pude aproximar-me de algum deles. Houve vários que, não aceitando de bom grado o unguento, tornou-se para eles veneno; em vez de curá-los, aumentava suas chagas.

Olha, vês aquele estandarte?

Sim, vejo. Podia-se ler nele, escrita em grandes caracteres, a palavra *Férias.*

– Aqui está, este é o efeito das férias, explicou-me um dos que me acompanhavam, pois eu já estava como que fora de mim. Os teus jovens saem para passear, mas depois chega a tempestade, que são as tentações; em seguida a chuva, que são os assaltos do demônio; finalmente cai o granizo e é quando eles caem em culpas. Alguns se curam com a confissão, mas outros ou não a fazem bem ou então não a frequentam. Lembra-te disto e nunca te canses de repeti-lo aos teus jovens que as férias são uma grande tempestade para suas almas.

Eu observava aqueles cordeiros e notava em alguns deles feridas mortais; procurava muito curá-los, quando, como vos disse que eu dormia, o padre Scappini fez barulho no aposento vizinho ao meu e me acordou.

Este é o sonho e, embora fosse sonho, tem, todavia, um significado que não fará mal a quem der atenção a ele. Posso também vos dizer que eu vi alguns nomes entre aqueles cordeiros do sonho e confrontando-os com os jovens, vi que eles se comportavam precisamente como aconteceu no sonho. Seja como for, nesta novena de Todos os Santos devemos corresponder à bondade de Deus que quer usar de misericórdia para conosco e, por meio de uma boa confissão, curar as feridas da nossa consciência. E devemos pôr-nos todos de acordo para combater o demônio e, com a ajuda de Deus, seremos vitoriosos e iremos receber o prêmio da vitória no paraíso.

SEGUNDA SEÇÃO

ORIENTAÇÕES DE VIDA ESPIRITUAL PARA OS JOVENS SALESIANOS E AS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

Apresentação

A primeira viagem de Dom Bosco a Roma, entre fevereiro e abril de 1858, foi crucial para o desenvolvimento posterior da sua Obra. Escopo principal era a peregrinação aos lugares dos mártires no coração da catolicidade. Mas o Santo era movido também pelo desejo de "encontrar a pessoa do papa e receber dele sugestões e encorajamento quanto à obra empreendida em Turim para a salvação dos jovens" [1]*. Em particular, ele queria confrontar-se a respeito da instituição de uma forma associativa que garantisse a estabilidade do Oratório e do internato anexo. Foi orientado por Pio IX para a fundação de uma congregação religiosa com votos e solicitado a apresentar um esboço de Regras. Começa assim o processo que, passo a passo, levará à consolidação do projeto do ponto de vista religioso e jurídico*[2]*.*

Após o ato oficial de fundação da Sociedade de São Francisco de Sales (18 de dezembro de 1859), Dom Bosco, que já havia alguns anos cuidava da formação dos seus jovens colaboradores no espírito eclesiástico, no desapego do coração de toda ambição pessoal, no zelo apostólico e no exercício das virtudes, empenha-se com mais determinação para plasmá-los espiritualmente em função da progressiva aquisição de uma mentalidade e de um estilo de vida como religiosos consagrados.

Esta seção contém documentos fundamentais para colher a ideia do religioso salesiano tal como Dom Bosco tem em mente e os traços espirituais que, conforme seu juízo, devem caracterizá-lo, a partir das cautas sugestões dos inícios até a robusta e exigente intervenção formativa dos anos Setenta e Oitenta.

A seção é estruturada em cinco partes.

A primeira é constituída pela instrução "Aos sócios salesianos" (n. 224), posta pelo Santo na introdução das Constituições, a fim de fornecer aos seus discípulos uma chave de interpretação autêntica da vocação religiosa salesiana.

[1] Francesco Motto, *Don Bosco mediatore tra Cavour e Antonelli nel 1858*, em RSS 5 (1986) 6.

[2] Sobre o processo de fundação e das suas etapas até a consecução dos "benefícios" (1884), veja-se a primeira parte deste volume, segunda seção, *Dom Bosco Fundador,* nn. 30-39.

A segunda parte inclui alguns textos constitucionais: o primeiro esboço de Regras da Sociedade Salesiana, compilado entre 1858 e 1859 (n. 225), a tradução (1875) do texto definitivo aprovado pela Santa Sé em versão latina de 1874 (n. 226), as Regras das Filhas de Maria Auxiliadora impressas em 1885 (n. 227).

A terceira parte compreende uma seleção de cartas circulares de grande espessura espiritual enviadas por Dom Bosco aos salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora (nn. 228-237).

A quarta parte é constituída por cartas pessoais do Santo aos discípulos e às discípulas, com indicações espirituais muito significativas, concretíssimas, que documentam o robusto modelo ascético proposto pelo fundador (nn. 238-257).

A quinta parte acolhe cinco conferências e três sonhos destinados aos salesianos (nn. 257-265). São uma amostra dos esforços de Dom Bosco para infundir nos filhos o sentido de pertença à Congregação, junto com uma ideia correta da consagração religiosa e das suas repercussões operativas na vida de cada dia.

O escrito Aos sócios salesianos*, os capítulos centrais das Constituições primitivas e a seleção de cartas circulares, de correspondências, de conferências e de "sonhos", nos revelam qual era a têmpera espiritual e moral do religioso e da religiosa queridos por Dom Bosco; que vigoroso conceito ele tinha do espírito que deve animar a vocação salesiana. Esse modelo exigente deve ser compreendido no horizonte do primado absoluto de Deus e na ótica evangélica do seguimento de Cristo, que inclui um desapego radical de si, uma entrega sem repensamentos.*

A insistência concreta dessa visão é tal que configura um estilo de vida tão radical e austero a ponto de nos deixar boquiabertos: uma obediência sem limites, generosíssima; uma vivência essencial e ascética, apesar de tudo, gozosa; uma laboriosidade impressionante em função da missão comunitária; uma caridade benigna, paciente e sem limites; uma fraternidade unida a uma castidade rigorosamente vigiada; "uma piedade que alimenta o máximo desenvolvimento à oração, ou seja, à união com Deus"[3]*; uma fidelidade absoluta às mínimas prescrições das Regras; uma capacidade de adaptação dúctil e criativa; uma tensão apostólica ardentíssima até a imolação.*

[3] P. Scotti, *La dottrina spirituale di don Bosco…*, p. 74.

I. A "TEOLOGIA" DA VIDA RELIGIOSA DE DOM BOSCO

Como introdução à primeira edição italiana das Constituições salesianas, publicada em 1875, Dom Bosco escreveu uma longa carta Aos sócios salesianos, *para orientá-los quanto à interpretação das Regras e infundir neles uma ideia correta da vida religiosa. Mais tarde, ajudado pelo mestre de noviços, padre Barberis, a aperfeiçoou e ampliou com vistas à terceira edição italiana das Constituições (1885). "Pode ser considerada uma pequena síntese, a mais completa, da que se poderia definir a teologia da vida religiosa de Dom Bosco. Nela confluem ideias que ele, aos poucos, tinha amadurecido, a começar pela composição dos escritos de história eclesiástica e dos papas, depois pela elaboração das Constituições e dos documentos redigidos para obter sua aprovação, ulteriormente enriquecidas pelas conferências locais e gerais, pelas instruções pregadas nos exercícios espirituais dos últimos anos Sessenta e dos primeiros setenta, expressas nas cartas individuais e circulares e nos conselhos a particulares"* [4].

Encontramos ali temas clássicos sobre a vida consagrada, hauridos das pequenas obras de Santo Afonso, mas reformulados à luz da experiência pessoal: a importância de corresponder com generosidade à vontade de Deus; os meios para guardar a vocação; as vantagens temporais e espirituais da vida religiosa; o significado dos votos e da sua prática; a caridade fraterna como elemento típico da comunidade salesiana; a maneira de superar as dúvidas de vocação; os defeitos a evitar.

Desse documento emerge o esforço do fundador para dar à Sociedade Salesiana nascente um caráter religioso mais definido, uma estrutura "compacta ad intra *e* ad extra*, garantida na sua estabilidade e continuidade pela autoridade pontifícia e solidamente reunida em torno do superior-geral e local"* [5].

A segunda edição do escrito – a que reproduzimos aqui – denota uma ampliação dos temas e das perspectivas. A vida religiosa é ancorada solidamente nas suas raízes evangélicas. São inseridos três novos parágrafos: sobre a importância de seguir a vocação, sobre a caridade fraterna e os "rendicontos" mensais ao superior da casa. Emerge também a preocupação em configurar um tipo de consagração intimamente conexa com a missão específica e o carisma próprio. Encontramos particularmente uma forte acentuação sobre a obediência em ordem ao trabalho apostólico e educativo salesiano que, segundo Dom Bosco, exige unidade de direção

[4] P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…*, II, p. 277.
[5] Pietro Braido, *Tratti di vita religiosa salesiana nello scritto "Ai Soci Salesiani" di don Bosco del 1875*, em RSS 13 (1994) 393-394.

e total consenso colaborativo por parte de todos. Nessa perspectiva deve-se também compreender a insistência sobre o "rendiconto" mensal, com vistas a reforçar a solidariedade e a familiaridade confiante entre superior e súditos, num clima de caridade fraterna e de tensão em busca da perfeição.

224. Aos sócios salesianos*

Edição crítica em RSS 14 (1995) 112-154.

As nossas Constituições, filhos amadíssimos em Jesus Cristo, foram aprovadas definitivamente pela Santa Sé no dia 3 de abril de 1874.

Devemos saudar esse acontecimento como um dos mais gloriosos para a nossa Sociedade, pois nos garante que, observando as nossas Regras, nos apoiamos em bases estáveis, seguras e podemos dizer também infalíveis, pois é infalível o juízo do chefe supremo da Igreja que as sancionou.

Mas, seja qual for a sua importância, a aprovação seria de escassos frutos se as Regras não fossem conhecidas e fielmente observadas.

Precisamente para que todos as possam com facilidade conhecer, ler, meditar e, em seguida, praticar, é que julgo oportuno apresentá-las traduzidas do seu original. O texto latino foi impresso separadamente. Aqui vós tereis as Regras comuns a todos os sócios salesianos.

Parece-me útil indicar-vos alguns pontos práticos que facilitarão o conhecimento do espírito que informa as Regras e vos animarão a observá-las com diligência e amor. Falo-vos a linguagem do coração e exponho em resumo o que a experiência me faz crer conveniente para vosso proveito espiritual e vantagem de toda a nossa Sociedade.

Entrada na vida religiosa

Três são os meios de que o inimigo do gênero humano lança mão para prender em seus laços as almas: os prazeres ou satisfações terrenas; os bens temporais, sobretudo as riquezas; e o abuso da liberdade. Tudo o que há no mundo, diz o Apóstolo São João, é concupiscência da carne e concupiscência dos olhos e soberba da vida. Como libertar-nos dessas perigosas cadeias com

* A tradução para o português inserida nesta coletânea é a que consta de edições anteriores a 1984 das *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales,* com alguns retoques para adequá-la à nossa linguagem atual.

que o demônio continuamente busca prender-nos e arrastar-nos à perdição? Só na vida religiosa podemos encontrar armas para combater esses três formidáveis inimigos. Um cristão que anseia pôr em seguro sua alma pode de um só golpe fazer em pedaços essas cadeias e desbaratar esses inimigos, desde que abrace o estado religioso. Renuncia a toda satisfação sensual com o voto de castidade; com o de pobreza liberta-se dos graves embaraços das coisas temporais; com o de obediência refreia a própria vontade, livrando-se por isso do risco de abusar dela.

Por esse motivo, quem deixa o mundo para entrar numa Congregação religiosa pode comparar-se aos que no tempo do dilúvio se salvaram na arca de Noé. O mundo é para nós como um mar borrascoso, onde a iniquidade e a malícia são exaltadas e tidas em honra. Todo o mundo, diz o citado Apóstolo, *está sob o maligno*. O religioso é como quem embarca num navio, e entregando-se aos cuidados do hábil comandante, descansa tranquilo também em meio às tempestades. O religioso vive numa fortaleza guardada por Nosso Senhor. *Quando um homem forte,* diz o divino Salvador, *guarda armado sua casa, estão em seguro os bens que possui.*

Tão grande é a paz e a tranquilidade nessa mística fortaleza, que se Deus permitisse fosse ela conhecida e saboreada pelas pessoas do mundo, veríamos todos os homens fugir dele e assaltar os conventos para penetrar neles e passar os dias de sua vida. De propósito, escreve São Lourenço Justiniano, Deus ocultou a graça do estado religioso porque, se lhe conhecessem as doçuras, abandonando o mundo, todos correriam às pressas para abraçá-lo.

Importância de seguir a vocação ([6])

Deus misericordioso, infinitamente rico de graças, ao criar o homem, traça-lhe um caminho. Seguindo-o, com muita facilidade pode conseguir a salvação eterna. Quem anda nessa estrada e segue por ela cumpre sem grande esforço a vontade de Deus e encontra a paz. Diversamente, quem enveredasse por outra, correria grave risco de não ter depois as graças necessárias para salvar-se. Por essa razão, o padre Granada chama à escolha do estado a roda mestra de toda a vida. Estragada nos relógios a roda mestra, fica prejudicado todo o mecanismo. Assim, na ordem de nossa salvação. Errado o estado, andará errada toda a vida, como diz São Gregório Nazianzeno. Se quisermos assegurar a salvação eterna é indispensável que procuremos seguir o chamamento divino, porque então teremos de Deus auxílios especiais para nos salvar. Pois,

[6] Este capítulo e o seguinte exprimem os sentimentos de Santo Afonso Maria de Ligório, doutor da Santa Igreja *(nota no texto original).*

como escreve São Paulo, *cada um tem de Deus seu próprio dom*. Quer dizer, como expõe Cornélio a Lápide: Deus dá a cada um sua vocação e lhe aponta o estado onde quer salvá-lo. Essa é precisamente a ordem da predestinação de que nos fala o mesmo apóstolo com estas palavras: *Aos que predestinou, a esses também justificou, e aos que justificou... também os glorificou.*

Deve-se, porém, notar que o mundo compreende muito pouco o problema da vocação.

Aos mundanos parece que tanto faz viver no estado a que Deus nos chama, como naquele que cada qual escolhe a seu prazer. Por isso, muitos vivem mal e se condenam. A verdade é que esse é o ponto principal para a aquisição da vida eterna.

À vocação sucede a justificação, isto é, a vida eterna. Se não seguires a tua vocação, diz Santo Agostinho, corres bem, mas fora do caminho, isto é, fora do caminho para o qual Deus te chamou a fim de te salvar. Nosso Senhor ameaça com grandes castigos aos que não escutam seu chamado e preferem seguir as próprias tendências, e diz pelo profeta Isaías: *Ai de vós, filhos desertores!*

A vocação a uma vida mais perfeita é graça especial e muito assinalada que Deus não concede a todos. Por isso, é com razão que se irrita contra quem a despreza. Quanto não deve sentir-se ofendido um príncipe, quando chama ao palácio a um seu vassalo para que o sirva mais de perto e esse se faz de desentendido! E Deus há de ficar insensível? Começará o castigo do desobediente desde esta vida mortal, na qual andará sempre perturbado. Por isso, escreveu o teólogo Habert: Dificilmente poderá ocupar-se do negócio de sua eterna salvação. Será muito difícil para essa pessoa salvar-se, ficando no mundo.

É notável a visão que teve certo noviço (como nos conta o padre Pinamonti no seu livro *Da vocação vitoriosa*). Andava ele com ideias de deixar a vida religiosa. Quando Jesus Cristo lhe apareceu indignado sobre um trono, determinando que seu nome fosse riscado do livro da vida. Aterrorizado, o noviço perseverou na vocação. Diz Nosso Senhor: *Porque eu vos chamei e vós não quisestes ouvir-me, também eu me rirei da vossa ruína e zombarei de vós.* Essas palavras querem dizer que Deus não escutará as vozes de quem desprezou a sua voz.

Portanto, quando Deus chama a um estado mais perfeito, quem não quiser pôr em grande risco sua salvação eterna deve obedecer e obedecer imediatamente. Aliás, poderia suceder-lhe como ao jovem do Evangelho que, convidado por Jesus Cristo a segui-lo, pediu licença para ir primeiro despedir-se dos seus de casa; mas Jesus respondeu que ele não era bom para o Reino de Deus, com estas graves palavras: *Nenhum que mete a sua mão ao arado, e olha para trás, é apto para o Reino de Deus.*

Seguir prontamente a vocação

O estado religioso é estado sublime e verdadeiramente angélico. Os que sentem desabrochar em sua alma o desejo de abraçar esse estado de perfeição e santidade, com o fim único de amar a Deus e salvar-se, podem crer sem vacilar que tal desejo vem do céu, porque é muito generoso e se eleva muito acima dos sentimentos naturais.

Nem receiem que lhes venham a faltar as forças para satisfazer às obrigações que o estado religioso traz consigo; pelo contrário, alimentem no coração uma grande confiança, pois Deus, que o fez conceber tão piedoso desígnio, haverá de levá-lo a bom termo, segundo as palavras de São Paulo: *Quem começou em vós a boa obra, a completará até ao dia de Jesus Cristo*.

Note-se, diz o doutor angélico Santo Tomás, que o chamado divino à vida mais perfeita deve ser seguido prontamente: *Quanto citius.* Na sua *Suma Teológica* ele propõe a seguinte dúvida: se será coisa louvável entrar na vida religiosa sem pedir o parecer de muitos e sem longas deliberações. Responde que sim, dando como razão que os conselhos e as considerações são necessárias nas coisas de cuja bondade se duvida; mas de modo nenhum nessa, que sem dúvida nenhuma é boa, por ser aconselhada no Evangelho pelo mesmo Jesus Cristo. Coisa singular! Os homens do século, quando alguém quer entrar na vida religiosa para viver em maior perfeição e mais a salvo dos perigos do mundo, começam logo a dizer que é indispensável refletir por muito tempo, para se averiguar bem se a vocação é de Deus ou do demônio. Mas já não andam com essas preocupações quando se trata de aceitar um emprego honroso na sociedade, onde os perigos de perdição são tão numerosos. Muito pelo contrário, Santo Tomás diz que se deveria abraçar a vocação religiosa ainda que viesse do demônio, da mesma forma que se deve seguir um bom conselho, ainda quando viesse de um inimigo.

São João Crisóstomo afirma que Deus, ao fazer tais chamamentos, exige que não hesitemos sequer um momento em obedecer.

Noutro lugar, diz o mesmo santo que, quando o demônio não pode dissuadir alguém da resolução de se consagrar a Deus, emprega pelo menos toda a sua astúcia a fim de levá-lo a deixar para mais tarde a execução desse desejo, e julga-se muito feliz se obtém dilação de um dia, de uma hora sequer.

E a razão disso é que, passado esse dia ou essa hora, sobrevindo outra ocasião, não lhe será custoso conseguir maior espaço de tempo, até que o jovem chamado, tornando-se mais fraco e menos favorecido pela graça, cede inteiramente e abandona a vocação.

Essa verdade levava São Jerônimo a dar aos que são chamados a sair do mundo o seguinte conselho: *Apressa-te, eu te rogo, não desates a amarra que*

prende o navio à terra; antes, corta-a. A intenção do santo é dizer-nos que, assim como quem se achasse num barco prestes a soçobrar, buscaria sem delongas cortar o cabo e não se demoraria em desatá-lo, assim o que se encontra no meio do mundo procurará desprender-se dele o mais depressa possível para fugir logo ao perigo de se perder, coisa aliás muito fácil.

Ouçamos o que acerca das vocações religiosas diz em suas obras o nosso São Francisco de Sales: "Para se ter um sinal de verdadeira vocação não se requer uma constância sensível: basta que esteja na parte superior do espírito. Por isso, não se deve dar como falsa a vocação, se a pessoa chamada, antes de executar o seu desígnio, não experimenta mais os sentimentos fortes que a princípio nutria, mas, pelo contrário, sente certas repugnâncias e friezas que porventura a fazem vacilar, dando-lhe a impressão de que tudo está perdido. O essencial é que a vontade conserve a resolução de seguir a voz de Deus e que sempre haja por ele certa afeição. Para saber se Deus quer que alguém seja religioso não é necessário aguardar que ele lhe fale ou envie um anjo do céu para manifestar-lhe sua vontade. Nem se exige um exame de dez doutores para resolver se se deve ou não seguir a vocação; o importante é corresponder e cultivar o impulso da graça, sem se preocupar com os desgostos ou a tibieza que podem sobrevir; porque, se nos guiarmos por essas normas, Deus não deixará de fazer com que tudo contribua para sua glória".

Meios para conservar a vocação[7]

Podemos considerar a vocação ao estado religioso como a pérola preciosa do Evangelho, pérola que devemos guardar com grande zelo e diligência. Três meios nos propõe Santo Afonso para não a perdermos, a saber: segredo, oração e recolhimento. Eis o que diz Santo Afonso: "Em primeiro lugar, geralmente falando, não se deve manifestar a ninguém a vocação, a não ser ao diretor espiritual, porque os outros, por via de regra, não têm escrúpulos em dizer aos jovens chamados ao estado religioso que em toda parte, mesmo no mundo, se pode servir a Deus. De acordo: em toda a parte pode servir a Deus quem não é chamado a seguir a vida religiosa; mas não assim quem, uma vez chamado, teime em ficar no mundo; será muito difícil que esse viva conforme deve e sirva a Deus.

"Mas é sobretudo aos amigos e parentes que se deve ocultar a vocação. Lutero assegurava, segundo refere Belarmino, que os filhos pecavam entrando

[7] Este capítulo é extraído de Alfonso Maria DE' LIGUORI, *Opuscoli relativi allo stato religioso*, em *Opere ascetiche di S. Alfonso Maria de' Liguori*. Vol. IV. Turim, Giacinto Marietti 1847, pp. 400-404 (opúsculo I, § 2).

no estado religioso sem o consentimento dos pais; porque, afirmava, os filhos são obrigados a obedecer-lhes em tudo. Mas essa opinião é comumente rejeitada pelos concílios e santos padres. O décimo Concílio de Toledo, no seu último capítulo, disse expressamente que os filhos podem fazer-se religiosos sem licença dos pais, uma vez que já tenham 14 anos de idade. O Concílio Tiburtino, no capítulo 24, formula a mesma prescrição. Assim o ensinam também Santo Ambrósio, São Jerônimo, Santo Agostinho, São Bernardo, Santo Tomás e outros, como São João Crisóstomo, que escreve de um modo geral: *Quando os pais se opõem ao bem espiritual, nem por pais os deveis reconhecer*.

"Acrescenta sabiamente o padre Pinamonti que os pais não têm experiência alguma nessas coisas e até costumam ter algum interesse material que os leva a aconselhar-nos o contrário, e por isso se transformam em inimigos. Falando das vocações religiosas, diz Santo Tomás: "*Em negócio de vocação, os pais não são amigos, mas inimigos, segundo a sentença do Senhor: Os inimigos do homem são os de sua casa*". Os pais preferem que os filhos se condenem com eles a que se salvem separados deles. Por isso, exclama São Bernardo: *Ó pai desumano! Ó mãe cruel! Que preferem ver-nos perdidos em sua companhia a reinarmos sem eles.* São Cirilo, explicando o que disse Jesus Cristo ao jovem de que narra o Evangelho: *Não é apto para o reino dos céus quem, uma vez lançada mão ao arado, volta para trás seus olhares,* faz este comentário: quem se delonga em discutir com os parentes acerca de sua vocação, esse é precisamente quem Nosso Senhor declara inapto para o céu: *Olha para trás quem se detém a tomar conselho com os parentes.*

"Por esse motivo, vemos que muitos santos saíram de suas casas sem avisar seus pais. Assim fizeram Santo Tomás de Aquino, São Francisco Xavier, São Filipe Neri, São Luís Beltrão, Santa Clara, Santa Teresa, e grandíssimo número de outros.

"Até com milagres aprovou Nosso Senhor essas gloriosas fugas. Enquanto São Pedro de Alcântara ia para o mosteiro para fazer-se religioso, fugindo da casa de sua mãe a quem obedecia após a morte do pai, viu seus passos embargados por um rio caudaloso; nesse apuro encomenda-se a Deus, e num instante se acha na margem oposta. Tendo Santo Estanislau Kostka fugido de casa com o mesmo fim e sem licença do pai, foi-lhe ao encalço seu irmão num carro que rodava a toda velocidade. Mas quando estava a ponto de apanhá-lo, os cavalos estacaram e não houve como obrigá-los a dar mais um passo para frente; e logo que se decidiu voltar para a cidade, desataram a correr à rédea solta.

"Observe-se em segundo lugar que é impossível conservar essas vocações sem a oração. Quem a deixa, virá com certeza a deixar a vocação. É necessário rezar e rezar muito. Nunca se deixe por isso de fazer de manhã e à noite meia hora de oração. Nunca se omita a visita ao Santíssimo Sacramento e a Maria Santíssima, todos os dias, para alcançar a perseverança na vocação. O religioso nunca deixe de comungar várias vezes por semana. Medite com frequência sobre a vocação, considerando que grande graça Deus lhe fez ao chamá-lo para o servir mais de perto. Quanto mais fiel for a Deus em seguir a vocação, tanto melhor assegurará a salvação eterna. Do contrário, se for infiel, a quantos perigos de condenação não se exporá!

"Em terceiro lugar, é indispensável o recolhimento, que nunca poderemos obter se não voltamos as costas às conversações e aos divertimentos mundanos. Que se requer para perder a vocação ficando-se no mundo? Nada. Bastará um dia de liberdade, uma palavra dum amigo, uma paixão pouco mortificada, uma afeiçãozinha, um pensamento de temor, um desgosto não reprimido. Quem não abandona os divertimentos, convença-se de que sem dúvida perderá a vocação. Ficará com remorso de a não ter seguido, mas por certo não a seguirá. Oh! quantos, por não fazerem caso dessas verdades, perderam a vocação e depois a alma!" Até aqui Santo Afonso, doutor da Santa Igreja.

Vantagens temporais

Quem entra na vida religiosa não deve ter outro pensamento senão o de assegurar a salvação de sua alma; todavia, podemos também estar certos de que nessa bendita fortaleza Deus não nos faltará com o necessário à vida temporal. Nas corporações religiosas, todo indivíduo é membro duma grande família, cujo chefe é Jesus Cristo representado pela pessoa do superior. Não andeis preocupados, diz ele, com o que se há de comer, beber ou vestir. Mostrai-vos solícitos somente pelo reino dos céus e pelas obras que a ele levam, e deixai ao Pai celestial o cuidado de tudo o mais. *Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas serão dadas por acréscimo.* De fato, em nossa mesma Congregação, que não tem nada de seu, faltou-nos por ventura alguma das coisas necessárias à vida?

Com o auxílio amoroso da divina Providência pudemos fundar igrejas e casas, adquirir para elas os móveis e prover a todas as necessidades dos alunos que nelas habitam. Muitos concluíram seus estudos, outros aprenderam a arte ou ofício que mais lhes convinha, e tudo se conseguiu sem faltar jamais coisa alguma para a moradia, alimento e roupa, quer em tempo de saúde, quer em caso de doença. Iniciamos também as missões da América e já organizamos

várias expedições de operários evangélicos; estamos preparando outras. Não só o nosso, mas todos os institutos religiosos, as congregações eclesiásticas, em particular as ordens mendicantes, sempre experimentaram os generosos cuidados da divina Providência.

Diz um santo que o religioso abandona uma casa e adquire cem, deixa um irmão e encontra mil. No caso de doença, temos a facilidade em podermos mudar de ares e achar o clima que mais convém ao nosso estado: o da planície, o das montanhas ou o do mar; coisas que não poderíamos gozar ficando no mundo, nem mesmo se estivéssemos com os nossos entes mais queridos.

Vantagens espirituais

Não queremos, porém, consagrar-nos a Nosso Senhor por coisas miseráveis da terra. Buscamos bens espirituais, bens que não mais estejam sujeitos a furtos ou a rapinas; queremos bens que nos valham para a vida futura e nos assegurem a posse das delícias do céu.

São Bernardo (*De bono religionis*) nos dá um conceito breve, mas claro, dos bens da vida religiosa, nestas palavras: *Homo vivit purius, cadit rarius, surgit velocius, incedit cautius, irroratur frequentius, quiescit securius, moritur confidentius, purgatur citius, remuneratur copiosius.* Demos delas uma rápida explicação.

Vivit purius. Vive com maior pureza. O homem que se consagra a Deus na vida religiosa liberta-se de todos os laços e das lisonjas do mundo e vive com maior pureza de coração, de vontade e de obras. Por isso, todas as suas ações e palavras são espontaneamente oferecidas a Deus com pureza de corpo e limpeza de coração: *Casto corpore et mundo corde:* coisa que, para não dizer impossível, certamente é muito difícil para quem vive no meio do mundo.

Cadit rarius. Cai mais raramente. A profissão religiosa não torna o homem impecável, mas ministra-lhe meios que, usados, impedem a queda ou, graças a eles, cairá menos vezes; e se ainda cair, será apenas em faltas leves, em defeitos ou venialidades de que as mesmas almas justas se tornam culpadas muitas vezes por dia.

Surgit velocius. Levanta-se mais depressa. Quem vive no século, quando por desgraça comete faltas, fica entregue a si mesmo, não tem quem o ajude; a maioria das vezes é até ridicularizado e desprezado se tenta levantar-se; por isso, disse o Espírito Santo: *Ai do que está só, porque, quando cair, não tem quem o levante.* Mas na vida religiosa, quem tiver a infelicidade de cair, não falta quem logo lhe dê a mão. As regras, os exercícios de piedade, o exemplo dos irmãos, os convites e conselhos dos superiores, tudo contribui para faci-

litar a sua emenda: *Se um cair, o outro o sustentará*. Os irmãos ajudam-no a levantar-se, diz Santo Tomás.

Incedit cautius. Caminha com maior cautela. Vive como numa fortaleza, guardada por Nosso Senhor. Por isso, numerosos são os meios à disposição para o defenderem e lhe assegurarem a vitória nas tentações.

Irroratur frequentius. A sua alma é mais banhada pelo orvalho das graças celestiais. Renunciou ao mundo e a todas as suas vaidades; agora, mediante a observância dos votos religiosos, unicamente ocupado no que pertence à maior glória de Deus, merece a cada momento bênçãos celestes e graças especiais.

Quiescit securius. Descansa com maior tranquilidade. Os que estão no mundo, queiram ou não, devem frequentemente sofrer as inquietações e as amarguras de que a vida humana é fértil. Ao contrário, quem põe de parte o cuidado das coisas temporais, pode com a máxima liberdade entregar-se ao serviço de Nosso Senhor, depositando todos os pensamentos do presente e do futuro nas mãos de Deus e dos superiores, que o representam. Pode gozar o paraíso antecipado se for fiel na observância da santa Regra.

Moritur conjidentius. Morre com maior confiança em sua salvação eterna. Os homens do mundo sofrem terríveis pavores na hora da morte, por só terem amado os prazeres que devem abandonar e de que em breve darão contas no tribunal divino. Mas quem abandonou tudo para consagrar-se a Deus, quem renunciou às delícias terrenas só com a esperança do prêmio eterno, perde completamente a afeição a todas as coisas temporais. Por isso, só deseja com ardente ânsia sair deste vale de lágrimas e voar ao seio do Criador. Além disso, a consciência em bom estado, os sacramentos e os outros confortos religiosos que se recebem, a assistência e as orações dos irmãos, fazem-lhe ver a morte como termo das fadigas que devem abrir-lhe as portas do céu.

Purgatur citius. Mais breve será seu purgatório. As indulgências ganhas, os méritos dos sacramentos, os sufrágios que na morte e depois dela se farão por ele em todas as casas da Congregação, asseguram-lhe que pouco ou nada ficará no purgatório. Ditosos os que, mortos para o mundo, morrem no Senhor, disse o Espírito Santo; pois esses, como observa São Bernardo, voam facilmente da cela para o céu..

Remuneratur copiosius. Recebe no céu mais brilhante coroa. Terá sua recompensa quem por amor do Pai celestial der um simples copo de água fresca; qual não será, pois, no paraíso, o prêmio daquele que abandona o mundo, renuncia a toda satisfação terrena e dispõe de sua vida e de suas riquezas para seguir o divino Mestre? As penitências padecidas e as orações que

fez, os sacramentos que recebeu, as almas que salvou com o seu bom exemplo e com as suas fadigas, os muitos sufrágios que por ele se continuarão a fazer na Congregação, sem dúvida o colocarão sobre um majestoso trono de glória, onde na presença de Deus resplandecerá eternamente qual sol luminoso.

Os votos

Quando o sumo pontífice Pio IX falou pela primeira vez da Sociedade Salesiana, disse estas palavras: "Numa congregação ou sociedade religiosa são necessários os votos para que todos os membros estejam ligados ao superior por um vínculo de consciência, e o superior conserve a si mesmo e os seus súbditos em união com o chefe da Igreja e, portanto, com o mesmo Deus".

Por isso, os nossos votos podem ser como outros tantos laços espirituais com que nos ligamos a Nosso Senhor e colocamos nas mãos do superior a vontade própria, os bens, as nossas forças físicas e morais, a fim de formarmos todos um só coração e uma só alma para promovermos a maior glória de Deus, segundo as nossas Constituições; como precisamente nos convida a Igreja a fazer quando nos diz em suas orações: *Para que nos espíritos reine uma só fé, e nas ações o fervor.*

Os votos são uma oferta generosa que aumenta muito o mérito das nossas obras. Ensina-nos Santo Anselmo que uma obra boa feita sem voto pode comparar-se ao fruto de uma árvore; quem a faz com voto oferece a Deus o fruto e a árvore. São Bernardo diz que pela obra feita sem voto se oferecem os juros, mas não se oferece o capital; pelo voto, dá-se a Deus o juro e o capital. Além disso, ensinam unanimemente os santos padres que toda a ação acompanhada do voto tem duplo merecimento: o inerente à obra boa e o de se ter cumprido o voto feito.

Acresce que o ato da emissão dos votos religiosos, como ensina Santo Tomás, nos restitui a inocência batismal, isto é, por ele ficamos como se então recebêramos o batismo. Os doutores da Igreja ainda costumam comparar os votos religiosos ao martírio, dizendo que alcança iguais merecimentos quem faz os votos como quem sofre o martírio, afirmando que a intensidade é suprida nos votos pela duração.

Se, por isso, os votos religiosos aumentam de maneira tão extraordinária os méritos de nossas obras e as tornam tão agradáveis aos olhos de Deus, devemos empregar a maior solicitude em guardá-los bem. Quem não se acha com forças para observá-los não deve fazê-los, ou pelo menos deve protelar esse ato até que esteja em seu coração firmemente resolvido a cumprir o que eles exigem. Se assim não procede, faz a Deus uma promessa estulta e infiel, que

não pode deixar de desagradar-lhe, *pois,* como diz o Espírito Santo, *desagrada a Deus a promessa infiel e imprudente.* Portanto, preparemo-nos bem para essa consagração heroica; mas, uma vez que a tenhamos feito, procuremos mantê-la, ainda que isso nos custe longos e pesados sacrifícios: *Cumpre os votos feitos ao Altíssimo,* ordena-nos ele mesmo.

Obediência

A verdadeira obediência é a síntese de todas as virtudes, diz São Jerônimo. Toda a perfeição religiosa está na supressão da própria vontade, isto é, na prática da obediência, diz por sua vez São Boaventura. O homem obediente, declara o Espírito Santo, cantará vitória. São Gregório Magno conclui que a obediência traz consigo e conserva todas as outras virtudes.

Mas essa obediência deve ser como a do Salvador, que a praticou ainda nas coisas mais difíceis, até à morte de cruz; e se o exigir a glória de Deus, devemos também nós obedecer até darmos a própria vida.

Cumpram-se, pois, bem, quer as ordens expressas dos superiores, quer as Regras da Congregação e os costumes especiais de cada casa. E se alguma vez se faltar nisso, deve-se com boas maneiras pedir desculpas àquele a quem se desobedeceu. Esse ato de humildade muito contribui para alcançarmos perdão da falta cometida, obtermos a graça de Nosso Senhor para o futuro e estarmos de sobreaviso a fim de não mais repetirmos essas falhas.

São Paulo apóstolo, ao recomendar essa virtude, acrescenta: Obedecei aos vossos superiores e submetei-vos às suas ordens; porque os superiores devem agir como se devessem responder diante de Deus pelo que se refere ao bem de vossas almas. Obedecei voluntária e prontamente para que eles possam desempenhar o cargo de superiores com alegria, e não entre gemidos e suspiros.

Considerai bem que o fazermos só as coisas que nos agradam e dão gosto não é verdadeira obediência, mas apenas lisonjear a própria vontade. A verdadeira obediência, que nos torna agradáveis a Deus e aos superiores, consiste em fazermos de boa vontade tudo o que nos for ordenado pelas nossas Constituições ou pelos superiores; porque Deus, como escreve são Paulo, *ama quem doa com alegria*. Consiste ainda em que nos mostremos dóceis, mesmo nas coisas mais custosas e contrárias ao nosso amor próprio, cumprindo-as corajosamente, ainda que isso nos ofereça alguma repugnância e nos custe algum sacrifício. Nesses casos, a obediência é mais difícil, porém muito mais meritória e nos leva à posse do reino dos céus, segundo as palavras do Divino Redentor: *O reino dos céus conquista-se com audácia e os esforçados são os que o arrebatam*.

Se assim obedecerdes, eu vos posso assegurar em nome de Deus que vivereis na Congregação tranquilos e felizes. Mas devo igualmente vos notar que o dia em que quiserdes proceder, não como manda a obediência, mas como manda a vossa vontade, começareis a viver desgostosos do vosso estado. E se nas várias congregações há os descontentes e aqueles para quem a vida da comunidade é um peso, observe-se atentamente e ver-se-á que tudo provém da falta de obediência e submissão da própria vontade. Nos dias de aborrecimento, refleti sobre esse ponto e aplicai-lhe o remédio.

Pobreza

Se não deixamos o mundo por amor deveremos deixá-lo um dia por força. Quem durante a vida mortal o abandona espontaneamente, terá um cêntuplo de graça na vida presente e um prêmio eterno na vida futura. Os que não se resolvem a esse sacrifício voluntariamente, à hora da morte deverão fazê-lo à força, mas sem recompensa, e até com a obrigação de darem a Deus estreitas contas daqueles bens que porventura tiverem possuído.

É verdade que as nossas Constituições permitem a posse e o uso de todos os direitos civis; mas, entrando na Congregação, já não é permitido administrar nem dispor dos próprios bens sem consentimento do superior e nos limites por ele estabelecidos; de modo que cada um seja considerado literalmente sem coisa alguma, tendo-se deveras feito pobre para se tornar rico em Jesus Cristo. Desse modo, o religioso imita o Salvador que nasceu na pobreza, viveu desprovido de tudo e morreu despojado na cruz.

Escutemos o que nos diz o Divino Mestre: "Quem não renuncia a tudo o que possui, não é digno de mim, não pode ser meu discípulo". A um desses que queria segui-lo, disse: "Vai, vende primeiro o que tens, dá-o aos pobres; depois vem, segue-me e terás assegurado um tesouro no céu". Dizia aos seus discípulos que não possuíssem mais de uma túnica, nem se preocupassem com o que lhes seria preciso durante as suas pregações. De fato, não lemos que Jesus, os apóstolos ou os discípulos tenham possuído campos, casas, móveis, roupas, provisões ou coisas dessa natureza. São Paulo diz claramente que os seguidores de Cristo, aonde quer que vão, façam o que fizerem, devem mostrar-se satisfeitos com o alimento estritamente necessário para viver e com roupa que baste para cobri-los: *Tendo com que nos sustentarmos e com que nos cobrirmos, contentemo-nos com isso.*

Tudo o que passa do necessário em questão de alimento e roupas é supérfluo para nós e contrário à vocação religiosa. É certo que por vezes teremos de sofrer algum incômodo nas viagens, nos trabalhos, em tempo de saúde ou

doença; outra vez, a comida, a roupa ou coisas semelhantes não nos agradarão. Mas é precisamente nesses casos que devemos recordar-nos que fizemos profissão de pobreza, e se queremos ter merecimento e prêmio, devemos suportar as consequências. Guardemo-nos bem de uma espécie de pobreza muito censurada por São Bernardo: alguns, diz ele, se vangloriam de ser chamados pobres, mas evitam os companheiros da pobreza; outros gostam de ser pobres, contanto que nada lhes falte.

Portanto, se o nosso estado de pobreza nos causa algum incômodo ou sofrimento, alegremo-nos com São Paulo que dizia estar no auge da alegria quando o salteavam as tribulações. Ou façamos como os apóstolos, que saíam radiantes de diante do sinédrio por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus. É justamente a esse gênero de pobreza que o Divino Redentor não só promete, mas assegura o paraíso, dizendo: *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.* Ainda mais: viver em tal estado, habitar de bom grado num aposento incômodo ou mal mobiliado, vestir pobremente, contentar-se com alimentos frugais, honra muito a quem fez voto de pobreza porque isso o torna semelhante a Jesus Cristo. Faz também parte da pobreza não estragar nada, cuidar dos livros, da roupa e do calçado, bem como não ter vergonha de usar objetos ou vestir roupas velhas, remendadas ou já um tanto gastas.

Castidade

A virtude sumamente necessária, virtude grande, virtude angélica, à qual servem de coroa todas as outras é a virtude da castidade. Quem a possui pode aplicar a si mesmo as palavras do Espírito Santo: *todos os bens me vieram juntamente com ela*. O Salvador assegura-nos que ainda nesta vida mortal quem possui esse inestimável tesouro torna-se semelhante aos anjos de Deus.

Mas esse cândido lírio, essa rosa delicada, essa inestimável pérola sofre muitos e insidiosos ataques do inimigo de nossas almas, porque ele sabe que se consegue roubá-la, pode dizer-se arruinado o negócio da nossa santificação. A luz converte-se em trevas, a chama em negro carvão, o anjo do céu transforma-se em satanás e perde-se toda a virtude. Nesse ponto, meus caros, julgo de grandíssima utilidade para vossas almas indicar-vos alguns meios que, postos em prática, vos serão de grande vantagem; e parece-me poder assegurar-vos que conservarão em vossa alma essa e todas as demais virtudes. Atendei, pois:

1. Não entreis na Congregação sem primeiro tomardes conselho com pessoa prudente que vos julgue com forças de poderdes conservar essa virtude.

2. Evitai a familiaridade com pessoas de outro sexo, nem contraiais amizades sensíveis com os meninos que a divina Providência confiou aos nossos cuidados. Caridade e boas maneiras com todos, mas nunca apego sensível a quem quer que seja: ou não amar a ninguém ou amar a todos igualmente, diz a esse respeito São Jerônimo.

3. Depois das orações da noite, recolhei-vos logo e não converseis com ninguém, senão no dia seguinte depois da santa missa.

4. Refreai os sentidos. O Espírito Santo diz claramente que o corpo é o opressor da alma. Isso levava São Paulo a domar o seu com severos castigos, embora alquebrado de fadigas, e escrevia: *Castigo o meu corpo e o reduzo à servidão.* Recomendo-vos especial temperança no comer e beber: vinho e castidade não podem coexistir.

5. São escolhos temíveis para a castidade os lugares, as pessoas e as coisas do mundo. Evitai-os com grande empenho e conservai-vos longe deles, não só com o corpo, mas também com a mente e o coração. Não me lembro de ter lido ou ouvido dizer que um religioso fosse à sua terra natal e voltasse mais aproveitado no espírito. Pelo contrário, contam-se aos milhares os que, não capacitados dessa verdade, quiseram fazer experiência, mas colheram por fim amargos desenganos; antes, não poucos acabaram vítimas desgraçadas de sua imprudência e temeridade.

6. A observância exata de nossas santas Regras, especialmente dos votos e das práticas de piedade, nos fará triunfar de todos os vícios e será guarda fiel da castidade. A religião cristã, com toda a razão, pode comparar-se a uma praça-forte, segundo as palavras de Isaías: *Sião é a cidade da nossa fortaleza, o Salvador será para ela o muro e o parapeito.* Pois bem, os votos e as Regras de uma comunidade religiosa são uma espécie de pequenos postos avançados; a muralha, ou os bastiões da religião, são os mandamentos de Deus e da sua Igreja.

O demônio lança mão de todas as artimanhas e enganos para nos arrastar a violá-los. Mas para induzir os religiosos a transgredi-los, ele trata antes de tudo de derrubar o parapeito e o posto avançado, isto é, as Regras ou Constituições do próprio instituto. Quando o inimigo das almas quer seduzir um religioso e instigá-lo à violação dos mandamentos divinos, começa por animá-lo a descurar as coisas mais pequeninas, e em seguida as de maior importância; depois disso, é-lhe facílimo levá-lo à infração da lei do Senhor, verificando-se quanto diz o Espírito Santo: *Quem despreza as coisas pequenas pouco a pouco resvalará no abismo.*

Portanto, filhos queridos, sejamos fiéis na exata observância das nossas Regras, se quisermos ser fiéis aos mandamentos da lei de Deus, sobretudo ao

sexto e ao nono. Atendamos com constante solicitude e apliquemo-nos com especial diligência à observância exata das práticas de piedade, que são o fundamento e o apoio de todos os institutos religiosos, e viveremos castos como anjos.

Caridade fraterna

É impossível amar a Deus sem amar o próximo. O mesmo mandamento que nos preceitua o amor para com Deus nos obriga também a amar nossos semelhantes. De fato, lemos na primeira carta de São João Evangelista estas palavras: *Nós temos de Deus este mandamento: o que ama a Deus ame também a seu irmão.* Nesse ponto, adverte-nos o mesmo apóstolo que é mentiroso quem diz que ama a Deus e depois odeia seu irmão: *Se alguém disser: eu amo a Deus, e aborrecer a seu irmão, é um mentiroso.*

Quando numa comunidade reina o amor fraterno e todos os irmãos se amam reciprocamente, e cada qual se alegra do bem alheio como se fora próprio, então essa casa torna-se um verdadeiro paraíso e se comprova quanto é justa a palavra do profeta Davi: *Oh! como é bom e suave os irmãos habitarem juntos.* Mas logo que aí domina o amor próprio e lavram desavenças e dissabores entre os sócios, bem depressa essa casa se transforma num inferno. Muito se alegra Nosso Senhor em ver que em sua casa vivem os irmãos *in unum,* isto é, unidos numa só vontade, a de servirem a Deus e de se auxiliarem com caridade uns aos outros. Esse é o louvor que São Lucas faz dos primeiros cristãos: de que todos se amavam de modo que parecia tivessem um só coração e uma só alma.

Uma coisa que faz muito mal nas comunidades religiosas é a murmuração, que é diretamente contrária à caridade: *O maldizente contaminará a sua alma, e será aborrecido por Deus e pelos homens.* Como é edificante um religioso que fala bem do seu próximo e sabe desculpar-lhe os defeitos nas ocasiões oportunas! Procurai, por isso, fugir de toda a palavra que tem caráter de murmuração, especialmente se se trata de vossos irmãos e, mais ainda, de vossos superiores. Também se pode dizer murmuração, e é ainda pior, interpretar mal as ações virtuosas ou insinuar que foram feitas com má intenção.

Abstende-vos também de contar a um companheiro o que outro disse dele de mal, porque muitas vezes isso dá origem a perturbações e rancores que duram por meses e anos. Oh! quantas contas não devem dar a Deus os murmuradores nas comunidades! O Senhor aborrece o que semeia discórdia entre seus irmãos. Se ouvirdes dizer mal de alguém, fazei o que recomenda o Espírito Santo: *Ouviste alguma palavra contra teu próximo? Morra em ti.*

Tomai cuidado para não ferir algum irmão, ainda que o façais por brincadeira. Brincadeiras que desagradam ao próximo ou o magoam são contrárias à caridade. Gostaríeis de ser escarnecidos e postos em ridículo perante os outros, como fazeis àquele vosso irmão?

Procurai igualmente evitar as contendas. Às vezes, por bagatelas surgem contrastes dos quais se passa a discussões e a injúrias que destroem a união e ferem a caridade de maneira altamente deplorável.

Além disso, se amais a caridade, buscai ser afáveis e mansos com toda a classe de pessoas. A mansidão é virtude muito estimada de Jesus Cristo: *Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração,* deixou ele dito. Usai de doçura nas palavras e no trato, não só com os superiores, mas com todos, e sobretudo com os que antes vos ofenderam ou presentemente vos veem com maus olhos. *A caridade suporta tudo;* nunca, pois, terá verdadeira caridade quem não tolerar os defeitos dos outros. Não há neste mundo homem, por mais virtuoso que seja, que não tenha defeitos. Se, portanto, alguém quer que os outros suportem os seus, comece por sofrer os alheios e assim cumpra a lei de Jesus Cristo, como escreve São Paulo: *Levai as cargas uns dos outros, e dessa maneira cumprireis a lei de Cristo.*

Desçamos à prática. Antes de tudo, refreai a ira, que tão fácil se acende em momentos de discussões; e evitai com todo cuidado palavras que desagradam, maneiras altivas e ásperas, pois às vezes desgostam mais os modos grosseiros, que as mesmas palavras orgulhosas. Se o irmão que vos ofendeu viesse pedir-vos desculpa, tende cuidado em não acolhê-lo com semblante carregado, nem lhe respondais com meias palavras; pelo contrário, tratai-o bem, com afeto e benevolência.

Se acontecesse, porém, de vós terdes ofendido a outrem, procurai logo acalmá-lo e dissipar-lhe do coração toda sombra de rancor que possa ter para convosco. Segundo o aviso de São Paulo, não se ponha o sol sem que de coração tenhais perdoado qualquer sentimento e vos tenhais reconciliado com o vosso irmão. Antes, fazei-o logo que puderdes, esforçando-vos por vencer a repugnância que sentis na alma.

Não vos contenteis em amar vossos companheiros somente com palavras; mas ajudai-os sempre que puderdes, de todos os modos possíveis, como recomenda São João, o apóstolo da caridade: *Não amemos de palavra nem de língua, mas por obra e em verdade.* É também caridade satisfazer aos pedidos honestos; mas o melhor ato de caridade é zelar pelo bem espiritual do próximo. Quando se apresentar ocasião para fazer o bem, nunca digais: isso não me pertence, não quero meter-me nos trabalhos dos outros; pois essa é a resposta de Caim, que teve o atrevimento de dizer ao Senhor: *Acaso, sou eu o guarda de*

meu irmão? Todos somos obrigados, se pudermos, a salvar o próximo da ruína. O mesmo Deus ordena que cada um cuide de seu semelhante. Esforçai-vos, por isso, para auxiliar a todos, na medida do possível, com palavras e obras, especialmente com orações.

Muito pode estimular à caridade ver a Jesus Cristo na pessoa do próximo, e refletir que o Divino Salvador tem como feito a si mesmo o bem feito a um nosso semelhante, segundo estas suas palavras: *Na verdade vos digo que quantas vezes fizestes isso a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim é que o fizestes.* De tudo o que dissemos, bem podeis concluir quanto é necessária e bela a virtude da caridade! Praticai-a, pois, e recebereis em prêmio copiosas bênçãos do céu.

Práticas de piedade

Como os alimentos nutrem o corpo e o conservam, assim as práticas de piedade sustentam a alma e a tornam forte contra as tentações. Enquanto nos empenharmos deveras em fazer as nossas práticas de piedade, nosso coração estará em boa harmonia com todos e veremos o salesiano alegre e satisfeito com sua vocação. Pelo contrário, começará a duvidar dela e até a experimentar violentas tentações quando em seu coração começar a infiltrar-se a negligência nas práticas de piedade. A história eclesiástica nos ensina que todas as ordens e congregações religiosas floresceram e promoveram o bem da religião enquanto a piedade se manteve em vigor entre elas; pelo contrário, vemos que muitas decaíram e outras deixaram de existir. Mas quando? Quando se afrouxou o espírito de piedade e cada membro se pôs a pensar nas suas próprias coisas, e não nas que são de Jesus Cristo, como de alguns cristãos já se queixava São Paulo.

Portanto, meus filhos, se amamos a glória de nossa Congregação, se desejamos que se propague e conserve florescente para proveito de nossas almas e das de nosso próximo, procuremos com a maior solicitude não desleixar a meditação, a leitura espiritual, a visita cotidiana ao Santíssimo Sacramento, a confissão semanal, a comunhão frequente e devota, o terço de Nossa Senhora, a pequena abstinência das sextas-feiras e coisas semelhantes. Embora cada uma dessas práticas, consideradas de *per si*, não pareça muito necessária, todavia, contribui eficazmente para levantar mais o edifício da nossa perfeição e salvação eterna. Se queres crescer e tornar-te grande diante de Deus, diz Santo Agostinho, começa pelas coisas menores.

Mas a parte fundamental das práticas de piedade e que em certo modo as abraça a todas são os exercícios espirituais que se devem fazer cada ano e o

exercício da boa morte uma vez por mês. Se algum sócio, por suas ocupações, não puder fazer em comum o exercício da boa morte, faça-o sozinho, e quem estiver muito ocupado e não puder empregar nesse exercício todo o dia, aplique ao menos uma parte, deixando para outro dia o trabalho que não é estritamente necessário; mas guiem-se todos, mais ou menos, por estas normas.

1. Além da meditação normal de cada manhã, faça-se à tarde meia hora de meditação ou uma conferência sobre alguns dos novíssimos.

2. A confissão, que todos devem fazer nesse dia, seja mais acurada que de costume, pensando que bem poderá ser a última da vida, e receba-se como se fora por Viático a sagrada comunhão.

3. Considere-se, ao menos por meia hora, se no mês anterior houve progresso ou retrocesso na virtude, sobretudo no que se refere à observância das santas Regras e tomem-se resoluções de vida melhor.

4. Leiam-se nesse dia todas ou ao menos em parte as Regras da Congregação.

5. Também será bom que nesse dia se escolha um santo para protetor do novo mês.

Creio que se possa dizer assegurada a salvação do religioso que cada mês recebe os santos sacramentos e põe em dia as contas de sua consciência, como se de fato devesse sair dessa vida para entrar na eternidade.

Se, pois, temos amor à nossa Congregação, se desejamos salvar-nos, observemos as nossas Regras, sejamos pontuais ainda mesmo nas coisas mais comuns. Quem teme a Deus, nada descuida do que pode redundar em sua glória.

Dos rendicontos e da sua importância

A confiança nos superiores é uma das coisas que mais contribui para o bom andamento de uma congregação religiosa e para a paz e felicidade de cada sócio. Quando têm essa confiança, os súbditos abrem o coração ao superior e assim aliviam as próprias aflições, desaparecem as ansiedades que se poderiam encontrar no cumprimento dos deveres, e os superiores podem tomar as devidas providências para se evitar todo o desgosto, todo o descontentamento. Podem, além disso, conhecer as forças físicas e morais dos seus subordinados e confiar-lhes, por conseguinte, os encargos que mais lhes convenham. Se por acaso se fosse introduzindo alguma desordem, podem logo descobri-la e remediá-la. Este o motivo pelo qual se determinou que, ao menos uma vez por mês, cada irmão tenha um colóquio com o seu superior. A esse propósito, estabelecem as nossas Constituições que cada um deve manifestar com

simplicidade e prontidão as faltas exteriores cometidas contra a santa Regra, o progresso feito nas virtudes, as dificuldades que encontra e tudo o mais que julgar necessário manifestar para que possa receber conselhos e conforto.

Os pontos principais sobre os quais versarão as contas de consciência são estes: 1º. Saúde. - 2º. Estudo e trabalho. - 3º. Se se podem cumprir bem as próprias ocupações e que diligência se emprega no desempenho delas. - 4º. Se se tem comodidade em cumprir os deveres de piedade e que diligência se põe neles. - 5º. Como se faz a oração e a meditação. - 6º. Com que frequência e devoção se recebem os santos sacramentos. - 7º. Como se observam os votos e se há dúvidas em matéria de vocação. Mas note-se bem que as contas de consciência tratam somente de coisas externas e não de coisas de confissão. - 8º. Se se tem desgostos ou perturbações internas ou frieza para com alguém. - 9º. Se se conhece alguma desordem que se deva remediar, especialmente quando se trata de impedir a ofensa de Deus.

Eis algumas palavras de São Francisco de Sales quanto às contas de consciência: "Todos os meses, cada um abrirá sumária e brevemente o seu coração ao superior e com toda a simplicidade e fiel confiança lhe declarará todos os segredos, com a mesma sinceridade e candura com que um filho mostraria à sua mãe as arranhaduras, os pontos doloridos do corpo e as ferroadas das vespas. Dessa maneira não só prestará contas do que tem adquirido e avançado, mas ainda das perdas e faltas nos exercícios da oração, da virtude e da vida espiritual; manifestando igualmente as tentações e penas interiores, não só para receber alívio, mas também para se humilhar. Ditosos os que praticarem sincera e devotamente esse artigo, que inclui em si uma parte da sagrada infância espiritual, tão recomendada por Nosso Senhor, a qual produz e conserva a verdadeira paz de espírito".

Recomenda-se calorosamente aos diretores que nunca sejam negligentes em receber as contas de consciência. E por seu lado, convença-se cada irmão de que, se as praticar como deve, com toda a franqueza e humildade, neles encontrará grande alívio para o próprio coração e um grande auxílio para progredir na virtude, e muito lucrará com essa prática toda a Congregação.

O ponto em que recomendo maior franqueza é o que se refere à vocação. Não tenhamos mistérios para com os superiores. Entre todos os pontos, este é o mais importante, porque dele depende o teor de vida que se há de seguir. Infeliz daquele que oculta as dúvidas sobre a sua vocação ou resolve sair da Congregação sem primeiro se aconselhar devidamente e sem pedir o parecer de quem dirige sua alma. Poderia pôr em perigo sua eterna salvação.

A primeira razão que mais nos convence da importância e necessidade de proceder com essa franqueza para com os superiores é para que possam go-

vernar e dirigir melhor os seus subordinados. O superior é obrigado a regê-los e dirigi-los, porque esse é seu ofício, isso é ser diretor e superior. Ora, se ele não os conhece porque não se abrem, não pode dirigi-los nem ajudá-los com seus conselhos e estímulos.

A segunda razão, que mais esclarece a precedente, é que, quanto maior conhecimento os superiores tiverem de toda a vida de seus súditos, com tanto maior cuidado e amor poderão ajudá-los e preservar-lhes as almas dos diversos inconvenientes e perigos em que poderiam incorrer, colocando-os nesse ou naquele lugar, nessa ou naquela ocasião.

A terceira razão da importância da franqueza e confiança nos superiores é que por ela os superiores podem melhor ordenar e providenciar o que convém ao corpo todo da Congregação, cujo bem e honra, simultaneamente com o bem e honra de cada irmão, eles são obrigados a zelar. Quando alguém se abre com eles e lhes dá conta exata do seu estado, então os superiores, tendo em tudo o cuidado da honra do sócio e sem nenhum desdouro para ele, podem igualmente atender ao bem geral da Congregação; mas se alguém não se abre com eles, exporá talvez a algum risco sua honra e sua alma, e até a honra da comunidade, que depende da sua.

Que alegria e satisfação não goza o religioso que se abre com o seu superior e lhe descobre tudo o que lhe perturba o espírito! Assim, quando depois lhe dão algum encargo, pode confiar deveras em Deus, que o ajudará e livrará de todo e qualquer inconveniente. Senhor, poderá dizer, não tomei por mim mesmo esta incumbência, nem por minha vontade me acho neste lugar; até fiz ver a minha insuficiência e minhas poucas forças espirituais para este peso; vós, ó Senhor, me colocastes aqui e me ordenastes: supri, pois, o que me falta. Animado com essa confiança, dirá com Santo Agostinho: Senhor, dai-me o que mandais, e mandai tudo o que quiserdes. Assim lhe parecerá ter constituído a Deus na obrigação de conceder-lhe aquilo que lhe pede. Mas o outro, que não manifestou o seu interior, antes, encobriu suas fraquezas, que consolação poderá ter? Dado que não é Deus quem o manda fazer essa coisa, nem aí o coloca a obediência, mas ele, de sua cabeça, se ingere e intromete, é intruso, não é chamado, nem mandado, e as coisas não lhe sairão bem.

Dúvidas sobre a vocação

Quem se consagra a Nosso Senhor pelos santos votos, faz à divina majestade uma oferta das mais preciosas e agradáveis.

Mas vendo o inimigo das almas que por esse meio o homem se liberta de seu serviço, costuma perturbar-lhe o espírito com mil ilusões para levá-lo a retroceder e a trilhar o caminho perigoso do século.

O principal desses enganos consiste em suscitar-lhe dúvidas acerca da vocação, seguindo-se o desânimo, a tibieza, e muitas vezes o regresso ao mundo, que tantas vezes reconhecera como traidor e que por fim abandonara por amor de Deus.

Se, por acaso, amadíssimos filhos, fordes assaltados por essa perigosa tentação, deveis logo responder em vosso interior que quando entrastes para a vida religiosa, Deus vos tinha concedido a graça inestimável da vocação. Se ela agora se tornou duvidosa, sois vítima de uma tentação a que vós mesmos dais talvez motivo e que deveis desprezar e combater como uma verdadeira insinuação do demônio. Muitas vezes o espírito perturbado diz a quem é tomado dessas dúvidas: *Podes fazer maior bem noutra parte.* Mas respondei imediatamente com as palavras de São Paulo: *Cada um permaneça na vocação a que foi chamado.* O mesmo São Paulo nos suplica que procedamos com coragem e firmeza na vocação em que nos achamos, quando diz: *Assim vos rogo eu, que andeis como convém na vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com paciência.* Se continuais na vossa Congregação e observais com fidelidade as suas Regras, estais seguros da vossa salvação. Pelo contrário, a triste experiência nos ensina que os que saíram da vida religiosa, quase sempre se enganaram. Alguns se arrependeram, perdendo a paz para sempre; outros ficaram expostos a graves perigos, e alguns houve que se converteram em pedras de escândalo, com grande risco da própria e da alheia salvação.

Enquanto, pois, vosso espírito e vosso coração estiverem agitados por dúvidas ou por uma paixão qualquer, recomendo-vos calorosamente não delibereis coisa nenhuma, porque essas deliberações não são por certo segundo a vontade de nosso Senhor, que no dizer do Espírito Santo *não se encontra na comoção.* Nesses casos aconselho-vos a irdes ter com vossos superiores e expor-lhes com muita sinceridade o que tendes no coração e seguir fielmente os avisos que vos derem. Sejam quais forem as recomendações que vos fizerem, ponde-as em prática e certamente não errareis; pois nos conselhos dos superiores está empenhada a palavra do Salvador, o qual nos assegura que as respostas que derem são como se ele mesmo as desse: *Quem vos ouve a mim ouve.*

Cinco defeitos que devemos evitar

A experiência tem dado a conhecer cinco defeitos que são como as traças da observância religiosa e a ruína das congregações, e são: o prurido de reforma, – o egoísmo individual, – a murmuração, – a negligência nos próprios deveres, – e esquecer que se trabalha para Nosso Senhor.

1º Fujamos do prurido de reformas. Esforcemo-nos para observar as nossas Regras, sem preocuparmo-nos em melhorá-las ou reformá-las. "Se os

salesianos, disse o nosso grande benfeitor Pio IX, sem pretenderem melhorar as suas Constituições, se esforçarem por observá-las com fidelidade, a sua Congregação será cada vez mais florescente".

2º Renunciemos ao egoísmo individual. Por isso, nunca busquemos nossas vantagens particulares, mas empenhemo-nos com grande zelo em conseguir o bem comum da Congregação. Devemos amar-nos mutuamente, ajudar-nos uns aos outros, com o conselho e a oração, promover a honra dos nossos irmãos, não como coisa de um só, mas como essencial e nobre patrimônio de todos.

3º Não murmuremos dos superiores, nem desaprovemos as suas determinações. Toda a vez que chegar ao nosso conhecimento coisa que material ou moralmente nos pareça má, exponha-se com humildade aos superiores. Eles foram encarregados por Deus de vigiar pelas coisas e pessoas. Por isso, eles e mais ninguém deverão dar conta de sua direção e administração.

4º Ninguém transcure seus deveres. Os salesianos, considerados em conjunto, formam um só corpo, isto é, a Congregação. Se todos os membros desse corpo cumprem o seu dever, tudo caminhará com ordem e contentamento. Se assim não for, nascerão desordens, deslocações, rupturas, desmantelamentos, e por fim virá a ruína do corpo mesmo. Por isso, execute cada um o ofício que lhe foi designado, mas faça-o com zelo, humildade e confiança em Deus, e não desanime se tiver que se sujeitar a algum sacrifício que lhe seja penoso. Console-se, pelo contrário, com os pensamentos de que suas fadigas redundam em utilidade da Congregação, a cuja vantagem todos nos consagramos.

5º Em qualquer cargo, trabalho, pena ou desgosto, nunca nos esqueçamos que, tendo-nos consagrado a Deus, só por ele devemos trabalhar, e só dele esperar a recompensa. Deus tem em conta muito minuciosa as mais pequeninas coisas feitas em seu santo nome, e é de fé que a seu tempo nos premiará de forma superabundante. No fim da vida, quando comparecermos em seu divino tribunal, olhando-nos com olhos cheios de amor, dir-nos-á: *Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel nas coisas pequenas, dar-te-ei a administração das grandes: entra no gozo do teu Senhor.*

Caros salesianos,

Quanto com brevidade aqui se vos indica, ser-vos-á mais difusamente exposto em manual apropriado. Entretanto, recebei estas Constituições como testamento para toda a Congregação. Recebei ainda os pensamentos, que as precedem como lembranças que, como pai, vos deixo antes de partir para a eternidade, da qual percebo me vou avizinhando a passos largos. Recomendai

a Nosso Senhor a salvação de minha alma, e eu também rezarei constantemente por vós, a fim de que, pela observância exata das nossas Constituições, possamos viver felizes no tempo e, por mercê da divina misericórdia, nos seja dado um dia reunirmo-nos todos para gozar e louvar a Deus na feliz eternidade. Assim seja.

Festa da Assunção de Maria Virgem ao céu, 15 de agosto de 1875

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

II. DOCUMENTOS CONSTITUCIONAIS

O primeiro documento contido nesta parte (n. 225) é o texto regulamentar mais antigo que possuímos. Foi passado a limpo pelo clérigo Miguel Rua entre 1858 e 1859, a partir de um esboço precedente de Dom Bosco que não foi conservado. Desta redação derivam as demais redações constitucionais até o documento definitivo de 1874 [8]*. Para sua composição, Dom Bosco, que não tinha experiência de vida consagrada, recorreu às constituições de outros institutos religiosos.*

O texto, subdividido em nove artigos – origem, escopo, forma da Congregação, voto de obediência, pobreza, castidade, governo interno, outros superiores, aceitação – e introduzido por um proêmio e uma síntese histórica sobre a origem da Congregação, resulta ainda um texto no estágio de esboço e com lacunas, fruto, em parte, de experiência e, em parte, de elaboração literária. Todavia, já apresenta uma série de opções importantes atribuíveis ao próprio Dom Bosco. Em particular, os votos, a vida comum e a forma de governo assumem sua especificidade salesiana pela maneira como foram formulados, em termos que ultrapassam a pura norma e refletem as urgências espirituais do fundador. O unir-se em congregação é motivado por três razões: a imitação de Cristo "Divino Salvador", o exercício da virtude cristã da caridade e a urgência de renovar a sociedade mediante o cuidado dos jovens, especialmente dos mais pobres e da "camada mais baixa do povo".

O tema da caridade, "entendida como participação a uma graça divina e como prolongamento da obra salvífica de Cristo", é o que melhor assinala a relação entre os salesianos e os destinatários da sua obra. É a caridade, "teologicamente entendida e psicologicamente enriquecida, que dá um sentido particular às clássicas virtudes evangélicas da pobreza, da castidade e da obediência" [9]*. Mas o aspecto mais interessante é a função atribuída ao Oratório e à "casa anexa": a consagração dos religiosos salesianos se dá em função da missão oratoriana, isto é, dos jovens a recolher e instruir na religião, a encaminhar a alguma arte ou ofício, "como atualmente se faz na casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales nesta cidade". Em suma, para além dos modelos referenciais, o traço carismático emerge nesta tendência de Dom Bosco de dar à praxe do Oratório uma função normativa*[10].

O segundo documento (n. 226) é a tradução italiana das Regras ou Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales, *publicada em 1875. A*

[8] Sobre as diversas etapas do processo redacional das Constituições Salesianas cf. Giovanni Bosco, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858]-1875.* Textos críticos de Francesco Motto. Roma, LAS 1982.

[9] Cf. Pietro Stella, *Le Costituzioni salesiane fino al 1888,* in *Fedeltà e rinnovamento. Studi sulle costituzioni salesiane*. Por Joseph Aubry e Mario Midali. Roma, LAS 1974, pp. 30-31.

[10] *Ibid.*, p. 32.

edição que reproduzimos aqui, confrontada com o texto latino aprovado em Roma (1874), apresenta algumas características singulares: certas cláusulas jurídicas são apresentadas de forma menos clara; o capítulo sobre o noviciado, composto por treze artigos, é reduzido a somente sete; os artigos 9° e 10° do capítulo XI (De acceptione) *– não contrair hábitos mesmo indiferentes; para a glória de Deus e a salvação das almas estar dispostos a suportar incômodos como o calor, o frio, a fome, a sede – são transferidos para o capítulo XIII* (Pietatis exercitia)*, como artigos conclusivos, 12° e 13°; além disso, é eliminado um artigo sobre a deposição do Reitor-Mor em caso de indignidade*[11]*. Mas as modificações mais importantes se referem à economia, com formulações que na prática sancionam a quase completa autonomia no assunto de toda autoridade civil e eclesiástica: é uma exegese jurídica que Dom Bosco formula em nota ao art. 3º do capítulo VII sobre o* governo interno da Sociedade: *"A Sociedade Salesiana enquanto entidade moral nada possui, por isso, exceto no caso de ser aprovada legalmente por algum governo, não estará vinculada por este artigo. Pela mesma razão, cada salesiano pode exercer os direitos civis de compra, venda e coisas semelhantes sem recorrer à Santa Sé".*

O terceiro documento (n. 227), Regras ou Constituições para as Filhas de Maria Santíssima Auxiliadora agregadas à Sociedade Salesiana *(1885), é a redação definitiva, a última revista pelo fundador, que ficou em vigor até 1906* [12]*. O texto era precedido por uma carta de apresentação de Dom Bosco (cf. n. 48) e por uma introdução, substancialmente idêntica ao escrito* Aos sócios salesianos, *que aqui não reproduzimos. O documento foi composto tomando como base as Regras da Filhas da Imaculada de Mornese, das Constituições dos salesianos, das Regras das Irmãs de Sant'Ana (fundadas pelos marqueses Tancredi e Júlia di Barolo). Todavia, o perfil de religiosa que delas emerge é inconfundível: totalizador e sóbrio; permeado de intensa tensão apostólica, acentuada caridade educativa, humanismo tipicamente salesiano e toque espiritual propriamente feminino e afetuoso – como facilmente se pode constatar, por exemplo, no intenso e belíssimo Título XIII dedicado às* Virtudes essenciais propostas ao estudo das noviças e à prática das professas.

[11] *Constitutiones*, cap. VII, art. 8: "At si forte contingat, quod Deus avertat, ut rector maior gravissime ufficia sua negligat, praefectus vel quisque de superiore capítulo [...] poterit rectorem efficaciter admonere. Quod si non sufficiat [...] deponi potest" (G. Bosco, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales*…, p. 125).

[12] Cf. Giovanni Bosco, *Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1872-1885).* Textos críticos aos cuidador da Ir. Cecilia Romero fma. Roma, LAS 1983, p. 161.

225. Primeiro esboço das Regras da Congregação Salesiana (1858/1859)

Edição crítica em Giovanni Bosco, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858]-1875.* Textos críticos de Francesco Motto. (= Instituto Histórico Salesiano – Fontes, Primeira série, 1). Roma, LAS 1982, pp. 58-172.

Congregação de São Francisco de Sales

Em todos os tempos houve especial solicitude por parte dos ministros da Igreja em se ocuparem segundo as próprias forças na promoção do bem espiritual da juventude. Da boa ou má educação dos jovens depende um futuro bom ou ruim para os costumes da sociedade. O próprio Salvador nos deu provas concretas desta verdade quando cumpria sua missão divina na terra convidando com especial afeto as crianças a se aproximarem dele: *Sinite parvulos venire ad me* [Mc 10,14]. Os sumos pontífices, seguindo os vestígios do pontífice eterno, o Divino Salvador, de quem fazem as vezes na terra, promoveram em todos os tempos, pela voz e pelos escritos, a boa educação da juventude e favoreceram de modo especial as instituições que se dedicam a este setor do sagrado ministério.

Nos nossos dias, porém, a necessidade urge muito mais. A negligência de muitos pais, o abuso da imprensa, o empenho dos heréticos para atraírem seguidores, mostram a necessidade que temos de nos unir em combater pela causa do Senhor sob o estandarte da fé e assim conservar a fé e os bons costumes particularmente entre aqueles jovens que, por serem pobres, estão facilmente expostos a maiores perigos quanto à sua salvação eterna. Este é o escopo da Congregação de São Francisco de Sales, iniciada em Turim em 1841.

Origem desta Congregação

Desde 1841 o sacerdote João Bosco se juntou a outros eclesiásticos para acolher em locais apropriados os jovens mais abandonados da cidade de Turim a fim de entretê-los com divertimentos e ao mesmo tempo alimentá-los com o pão da palavra divina. Tudo fazia de acordo com a autoridade eclesiástica. Tendo o Senhor abençoado aqueles inícios, o comparecimento de jovens foi muito grande e no ano de 1844 sua excelência dom Fransoni concedia que uma construção fosse transformada em capela, permitindo que ali se celebrassem as celebrações sagradas necessárias para a santificação dos dias festivos e para instrução dos jovens que a cada dia aumentavam de número.

Ali o arcebispo esteve diversas vezes para administrar o sacramento da crisma e no ano de 1846 concedeu que ali *todos os que participavam daquela instituição* podiam ser admitidos à santa comunhão e a cumprir o preceito pascal; permitia também cantar a santa missa, celebrar tríduos e novenas, caso fosse oportuno. Até 1847 tudo isso aconteceu no Oratório dito de São Francisco de Sales. Naquele ano, crescendo o número de jovens e ficando pequena a igreja, sempre com a anuência da autoridade eclesiástica, abriu-se em outra parte da cidade um segundo oratório sob o título de São Luís Gonzaga, com o mesmo escopo do precedente.

Sendo insuficientes também estes dois locais, em 1850 foi aberto um terceiro em outra parte da cidade sob o título de Anjo da Guarda.

Como os tempos se tornaram muito difíceis para a religião, o superior eclesiástico, num gesto de grande bondade, aprovou o regulamento para estes oratórios e constituiu o sacerdote Bosco como seu diretor-chefe, concedendo-lhe *todas as faculdades necessárias e oportunas para tal finalidade.*

Muitos bispos adotaram o mesmo plano de regulamento e se empenharam em introduzir nas próprias dioceses esses oratórios festivos. Entretanto, surgiu uma necessidade grave quanto a esses oratórios. Muitos jovens mais adultos não podiam ser suficientemente instruídos só mediante o catecismo nos dias festivos, por isso foi preciso abrir aulas e catecismos diurnos e noturnos. Aliás, muitos deles, absolutamente pobres e abandonados, foram acolhidos numa casa para serem tirados do meio dos perigos, instruídos na religião e encaminhados ao trabalho.

O que acontece ainda agora especialmente em Turim na casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales onde os internos são cerca de duzentos. O mesmo acontece em Gênova, na obra chamada dos "Artigianelli" [aprendizes], onde é diretor o sacerdote Francisco Montebruno: ali os internos são quarenta. Também há outra obra na cidade de Alessândria, confiada ao clérigo Ângelo Savio: nessa cidade os internos são 30.

Considerando a frequência de jovens que costuma ocorrer nos oratórios festivos, as escolas diurnas e noturnas e o número sempre crescente dos internos, a messe do Senhor se torna bastante copiosa. Como consequência, a fim de conservar a unidade de espírito e de disciplina, do que depende o bom êxito dos oratórios, desde o ano de 1844, alguns eclesiásticos se reuniram para formar uma espécie de congregação, ajudando-se reciprocamente mediante o bom exemplo e a instrução.

Eles não fizeram nenhum voto propriamente dito; tudo se limitou a fazer uma simples promessa de só se dedicarem ao que o superior considerasse ser para a maior glória de Deus e o bem da própria alma. Reconheciam seu superior na pessoa do sacerdote João Bosco. Embora não houvesse votos, todavia, na prática se observavam as regras que aqui são expostas. As pessoas que atualmente professam estas regras são quinze, a saber, 5 sacerdotes, 8 clérigos e 2 leigos.

Escopo desta Congregação

1. O escopo desta congregação é o de reunir seus membros eclesiásticos, clérigos e leigos a fim de se aperfeiçoarem ao imitar por quanto possível as virtudes do nosso divino Salvador.

2. Jesus Cristo começou a fazer e a ensinar; assim, os congregados começarão por aperfeiçoar a si mesmos mediante a prática das virtudes internas e externas e a aquisição da ciência, para depois se dedicar ao bem do próximo.

3. O primeiro exercício de caridade consistirá em recolher jovens pobres e abandonados para instruí-los na santa religião católica, principalmente nos dias festivos, da forma como atualmente se faz nesta cidade de Turim no Oratório de São Francisco de Sales, no de São Luís e do Santo Anjo da Guarda.

4. Havendo, porém, daqueles que são de tal modo abandonados que se torna inútil qualquer cuidado se não forem recolhidos, para eles, na medida do possível, se abrirão casas de acolhida, onde, com os meios que a divina Providência nos enviar, se lhes oferecerá moradia, comida e roupa; enquanto forem instruídos nas verdades da fé, também serão encaminhados a alguma arte ou ofício, como atualmente se faz na casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales.

5. Atualmente a necessidade de sustentar a religião católica é sentida de forma mais intensa também pelos adultos do povo simples, especialmente nos povoados do interior; por isso, os congregados se empenharão em pregar exercícios espirituais, difundir bons livros, usar de todos os meios que uma caridade industriosa sugerir a fim de que mediante a palavra e os escritos se ponha uma barreira à impiedade e à heresia, que de tantas maneiras tenta se insinuar entre os rudes e os ignorantes: no momento presente isto é feito ao pregar de vez em quando algum turno de exercícios espirituais e mediante a publicação das *Leituras Católicas.*

Forma da Congregação

1. Todos os congregados levam vida comum, ligados somente pela caridade fraterna e pelos votos simples que os unem para formar um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus.

2. Cada um ao entrar na Congregação não perderá os direitos civis, mesmo depois de ter feito os votos; por consequência, conserva a propriedade das suas coisas, a faculdade de suceder e de receber heranças, legados e doações.

3. Todavia, o fruto desses bens, por todo o tempo que permanecer na Congregação, deve ser cedido em favor da Congregação ou dos próprios parentes ou de alguma outra pessoa.

4. Os clérigos e os sacerdotes, mesmo após ter emitido os votos, conservam o próprio patrimônio ou os benefícios simples; não podem, porém, administrá-los, nem usufruir deles em particular.

5. A administração dos patrimônios, dos benefícios e de tudo o que é trazido para a Congregação ou que é possuído por algum membro, pertence ao superior da casa, o qual, por si ou por outros, os administrará e receberá os frutos anuais enquanto o sócio estiver na Congregação.

6. Todo sacerdote entregará ao superior também a espórtula da missa; os demais, clérigos ou leigos, lhe entregarão toda espécie de dinheiro que de algum modo chegar às suas mãos, a fim de servir para o bem comum.

7. Igualmente, quem quiser dispor por testamento dos móveis de que é dono [em favor] da Congregação, pode deixá-los para quem melhor lhe parecer.

8. A quem morrer sem testamento sucederá quem de direito.

9. Os votos obrigam o congregado até que permanecer na Congregação. Os que se retiram espontaneamente ou que, por prudente juízo dos superiores, forem afastados da Congregação, pelo mesmo fato são dispensados dos seus votos.

10. Cada um procure perseverar até a morte na própria vocação; se alguém, porém, sair da Congregação, nada poderá pretender pelo tempo que nela passou, nem poderá levar consigo outros bens além dos que o superior da casa considerar conveniente.

11. Ocorrendo fundar alguma nova casa, em primeiro lugar se acerte com o bispo da diocese na qual se pretende abri-la tudo o que se refere ao espiritual e ao temporal.

12. Os congregados que vão abrir uma nova casa não devem ser menos de dois, dos quais pelo menos um seja sacerdote. Cada casa será autônoma na administração dos próprios bens; sempre, porém, nos limites fixados pelo superior.

13. O superior admitirá os noviços, os aceitará para a profissão ou então os dispensará, conforme lhe parecer melhor no Senhor. Todavia, não poderá excluir ninguém da casa sem primeiro consultar os superiores aos quais cabe decidir.

14. As obrigações que cada congregado assume na emissão dos votos não obrigam sob pena de pecado, a não ser quando for violado o direito natural, divino ou eclesiástico, ou no que for ordenado pelo superior em força da santa obediência.

Do voto de obediência

1. O profeta Davi pedia a Deus que o iluminasse para fazer a sua santa vontade. O Divino Salvador nos assegurou não ter vindo à terra para fazer a sua vontade, mas a do seu Pai celeste. É para garantir-nos que se faz a santa vontade de Deus que se emite o voto de obediência.

2. Este voto em geral visa a que não nos ocupemos com outras coisas que não sejam as que o respectivo superior julgar serem para a maior glória de Deus e o bem da própria alma.

3. Em particular, refere-se à observância das regras contidas no plano de regulamento da casa, tal como há vários [anos] se pratica na casa anexa ao Oratório de São Francisco de Sales.

4. A virtude da obediência nos assegura fazermos a vontade divina. Quem vos ouve, diz o Salvador, a mim ouve, quem vos despreza, é a mim que despreza.

5. Cada um, portanto, considere o superior como um pai, obedeça-lhe inteira e prontamente, com ânimo alegre e com humildade.

6. Ninguém se preocupe em pedir ou recusar alguma coisa. Se, porém, alguém julgar que alguma coisa lhe é nociva ou necessária, exponha o caso respeitosamente ao superior e aceite no Senhor a resposta, seja ela qual for.

7. Cada um tenha grande confiança no superior, nenhum segredo do coração lhe seja oculto. Tenha grande abertura de consciência sempre que for solicitado ou quando o próprio congregado sentir necessidade.

8. Cada um obedeça sem nenhuma resistência, nem de fatos, nem de palavras, nem de coração. Quanto mais uma coisa for repugnante a

quem a faz, tanto mais o congregado crescerá em méritos diante de Deus ao cumpri-la.

9. Ninguém envie cartas para fora de casa sem licença do superior ou de um seu delegado. Recebendo cartas, antes sejam entregues ao superior, que as lerá, caso considerar oportuno.

Voto de pobreza

1. A essência do voto de pobreza na nossa Congregação consiste em levar vida comum quanto à comida e ao vestuário, e em nada guardar à chave sem licença especial do superior.

2. Também faz parte deste voto manter os quartos em grande simplicidade, procurando ornar o coração de virtudes e não a pessoa ou as paredes do aposento.

3. Ninguém na Congregação conserve dinheiro consigo ou em depósito, por nenhum motivo.

4. Em caso de viagem ou de o superior enviar um congregado a abrir ou administrar alguma casa de beneficência ou a cumprir alguma tarefa do sagrado ministério, o superior dará as disposições conforme a necessidade.

5. Emprestar, receber ou desfazer-se sem licença dos superiores do que alguém dispõe para uso próprio ou que pertence à casa, não só é proibido fazê-lo com as pessoas externas, mas também com as de casa.

6. Se a alguém for dada uma esmola, entregue-a imediatamente ao superior que a dará ao procurador da casa para que a ponha na caixa comum da Congregação.

Do voto de castidade

1. Quem trabalha com a juventude abandonada, certamente deve procurar enriquecer-se de todas as virtudes. Mas a virtude angélica, tão cara ao Filho de Deus, a virtude da castidade, deve ser cultivada em grau eminente.

2. Quem não tiver certeza de conservar esta virtude nas obras, nas palavras e nos pensamentos, não entre nesta Congregação, porque a cada passo estará exposto a perigos. As palavras, os olhares mesmo indiferentes [são] mal interpretados pelos jovens que já foram vítimas das paixões humanas.

3. Por isso, o máximo cuidado em falar ou tratar com os jovens de qualquer idade ou condição.

4. Fugir das conversas das pessoas de outro sexo e dos seculares, quando se prevê algum perigo para esta virtude.

5. Ninguém vá à casa de conhecidos sem expressa licença do superior, o qual sempre lhe designará um companheiro.

6. Meios eficazes para guardar esta virtude são a prática exata dos conselhos do confessor, a mortificação e a modéstia em todos os sentidos do corpo, frequentes visitas a Jesus Sacramentado, frequentes jaculatórias a Maria Santíssima, a São Francisco de Sales, a São Luís Gonzaga, que são os principais padroeiros desta Congregação.

Governo interno da Congregação

1. A Congregação será governada por um Capítulo composto pelo reitor, um prefeito, um ecônomo, um diretor espiritual ou catequista e dois conselheiros.

2. O reitor será vitalício; a ele cabe propor ou não a aceitação dos postulantes, atribuir a cada um suas incumbências tanto no que tange ao espiritual, quanto ao temporal.

3. O reitor, dentre os membros da Congregação, nomeará para si um vigário e o designará com nome e sobrenome numa folha de papel lacrada, mantendo tudo em segredo e guardado à chave. No verso da folha se escreva: reitor provisório.

4. O vigário fará as vezes do reitor em caso de morte até que seja eleito definitivamente o sucessor.

5. Para que alguém possa ser eleito reitor deve ter vivido pelo menos seis anos na Congregação, ter completado trinta anos de idade e ser de comportamento exemplar para todos os congregados. Existindo todas as demais qualidades em grau eminente, o bispo ordinário pode diminuir a idade até 26 anos.

6. O reitor não estará definitivamente eleito enquanto não for aprovado pelo superior eclesiástico.

7. A eleição do sucessor do reitor falecido se fará deste modo: oito dias após a morte do reitor, se reunirão o prefeito, o ecônomo, o diretor espiritual e dois conselheiros, o vigário com outros dois dentre os mais idosos da Congregação. Se o tempo e o lugar permitirem, serão convidados também todos os reitores de todas as outras casas. Recitado o *De profundis* sem sufrágio do reitor falecido, invocada a assistência do Espírito Santo com o *Veni Creator Spiritus,* se fará a votação. O que conseguir dois terços dos votos será o novo reitor.

Os demais superiores

1. Os ofícios próprios dos demais superiores da casa serão distribuídos pelo reitor conforme o plano de regulamento para os jovens internos.

2. O diretor espiritual, porém, cuidará particularmente dos noviços e terá a máxima solicitude em fazer com que aprendam e pratiquem o espírito de caridade e de zelo que deve animar quem deseja dedicar inteiramente a própria vida ao bem dos jovens abandonados.

3. É também ofício do diretor espiritual vigiar a conduta do reitor, com a estrita obrigação de avisá-lo, caso houver algum descuido na observância das regras da Congregação.

4. Em particular, é ofício do diretor espiritual vigiar a conduta moral de todos os congregados.

5. O prefeito, o ecônomo, o diretor espiritual serão eleitos por maioria de votos dos superiores. Os dois conselheiros serão escolhidos somente pelo reitor.

6. Quando um congregado é enviado para responder pela direção de alguma casa assume a autoridade de diretor, mas a sua autoridade é limitada à casa da qual é diretor. Por ocasião da morte do reitor, ele também é convidado a estar presente e a dar o seu voto na eleição do futuro reitor.

7. Cada superior, com exceção do reitor, permanecerá no cargo por três anos e poderá ser reeleito.

Aceitação

1. Feito o pedido por alguém que pretende entrar na Congregação, o diretor espiritual tomará as devidas informações e as entregará ao reitor.

2. O reitor o apresentará ou não para a aceitação, conforme lhe parecer melhor no Senhor. Ao ser proposto ao Capítulo, só será aceito se obtiver pelo menos a maioria dos votos.

3. A prova para ser admitido aos votos durará um ano, mas ninguém poderá emiti-los se não completou dezesseis anos.

4. Os votos serão renovados duas vezes, de três em três anos. Após seis anos, cada qual é livre para continuar a fazê-los de três em três anos, ou então de fazê-los perpétuos, isto é, de obrigar-se ao cumprimento dos votos por toda a vida.

226. Regras ou Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales (1874/1875)

Edição crítica em G. Bosco, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858]-1875…*, pp. 73-90[13].

I. Escopo da Sociedade de São Francisco de Sales

1. O escopo da Sociedade Salesiana é a perfeição cristã dos seus membros, toda obra de caridade espiritual e corporal em favor dos jovens, especialmente pobres, e também a educação do jovem clero. A Congregação se compõe de sacerdotes, clérigos e leigos.

2. Jesus Cristo começou a fazer e a ensinar; do mesmo modo os sócios salesianos começarão a se aperfeiçoar mediante a prática de todas as virtudes internas e externas e a aquisição da ciência, em seguida se empenharão em favor do próximo.

3. O primeiro exercício de caridade consistirá em recolher meninos pobres e abandonados para instruí-los na santa religião católica, especialmente nos dias festivos.

4. Acontecendo muitas vezes que há jovens de tal forma abandonados que todos os cuidados para com eles se tornam inúteis se não forem recolhidos, por isso, quanto for possível, se abrirão casas nas quais com os meios que a divina Providência nos enviar será dado a eles moradia, alimento e vestuário; e enquanto forem instruídos nas verdades da fé católica, também serão encaminhados a alguma arte ou ofício.

5. Sendo muitos e graves os perigos a que está exposta a juventude que aspira ao estado eclesiástico, esta Sociedade terá o maior cuidado em cultivar na piedade aqueles que mostrarem especiais aptidões para o estudo e que forem recomendáveis pelos seus bons costumes. Ao aceitar jovens para os estudos, acolham-se de preferência os mais pobres, precisamente porque não teriam como fazer seus estudos em outra parte; contanto que deem alguma esperança de vocação ao estado eclesiástico.

6. Como a necessidade de salvaguardar a religião católica entre os povos cristãos se torna cada vez mais grave, particularmente nas povoações do interior, os sócios salesianos se empenharão com zelo na pregação de exercícios

[13] Trata-se da tradução italiana do texto latino aprovado pela Santa Sé em 1874, publicada em 1875: [Giovanni Bosco], *Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il decreto di approvazione del 3 aprile 1874*. Turim, [Tipografia dell'Oratorio di San Francesco di Sales] 1875 (OE XXVII, 53-99).

espirituais para confirmar e orientar na piedade os que, movidos pelo desejo de mudar de vida, se dispuserem a ouvi-los.

7. Do mesmo modo se empenharão em difundir bons livros entre o povo, usando todos os meios que a caridade cristã inspirar. Finalmente, mediante as palavras e os escritos, procurarão pôr uma barreira à impiedade e à heresia que de tantas formas tenta insinuar-se entre os rudes e os ignorantes. A esta finalidade se devem dirigir as pregações que de quando em quando se fazem ao povo, os tríduos, as novenas e a difusão dos bons livros.

II. Forma desta Sociedade

1. Todos os sócios levam vida comum, ligados unicamente pelo vínculo da caridade fraterna e dos votos simples que os unem de modo a formarem um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus com a virtude da obediência, da pobreza e da castidade e com o exato cumprimento dos deveres de bom cristão.

2. Os clérigos e os sacerdotes, embora tenham feito os votos, poderão conservar seus patrimônios ou benefícios simples, mas não poderão administrá-los, nem perceber seus frutos, a não ser de acordo com a vontade do reitor.

3. A administração dos patrimônios, dos benefícios e de tudo o que se levar para a Congregação cabe ao superior-geral, o qual, por si ou por outros, cuidará da administração e perceberá os frutos anuais enquanto o sócio permanecer na Congregação.

4. Ao mesmo superior, geral ou local, todo sacerdote é obrigado a entregar também a espórtula das missas. Todos, padres, clérigos ou leigos lhe entregarão todo dinheiro e presentes que de algum modo possam ter recebido.

5. Cada um é obrigado a observar os votos, sejam trienais ou perpétuos, e não poderá ser dispensado a não ser pelo sumo pontífice ou se for despedido da Sociedade pelo superior-geral.

6. Cada um procure perseverar até a morte na própria vocação, recordando-se sempre das gravíssimas palavras do divino Salvador: *Nemo mittens manum ad aratrum et respiciens retro aptus est regno Dei* [Lc 9,62]: Ninguém que põe mãos ao arado e depois olha para trás é apto para o Reino de Deus.

7. Apesar disso, se alguém sair da Congregação, nada poderá pretender pelo tempo que nela passou. Recuperará, porém, o pleno direito sobre os bens temporais e também sobre os bens móveis dos quais se tiver reservado a propriedade ao entrar na Sociedade. Mas não poderá reclamar nenhuma renda, nem pedir contas da administração dos mesmos pelo tempo que permaneceu na Sociedade.

8. Quem traz para a Sociedade dinheiro, móveis, ou qualquer outra coisa com a intenção de conservar a propriedade, deve entregar uma relação de tudo ao superior, o qual, feita a verificação, lhe dará um recibo. Quando o sócio quiser reaver coisas que com o uso se gastam, recebê-las-á no estado em que então se encontrarem, sem que possa exigir indenização.

III. Do voto de obediência

1. O profeta Davi pedia a Deus que o iluminasse para fazer a sua santa vontade. O Divino Salvador nos assegurou ter vindo à terra para fazer, não a vontade própria, mas a vontade de seu Pai celeste. O voto de obediência visa exatamente a assegurar-nos que cumprimos a santa vontade de Deus.

2. Por isso, cada um obedeça ao próprio superior e em tudo o considere qual pai amoroso, obedecendo-lhe sem reserva nenhuma, prontamente, com ânimo alegre e com humildade, persuadido de que na coisa mandada se manifesta a mesma vontade de Deus.

3. Ninguém ande em cuidados para pedir ou recusar alguma coisa. Conhecendo, porém, que alguma coisa lhe é nociva ou necessária, exponha isso respeitosamente ao superior, que terá o maior cuidado em prover às suas necessidades.

4. Cada um tenha a maior confiança nos superiores; será portanto de utilidade aos sócios prestar contas de vez em quando da própria vida exterior aos seus superiores imediatos da Congregação. Cada um, pois, manifeste com simplicidade e espontaneamente as faltas exteriores cometidas contra as Constituições e também seu proveito nas virtudes a fim de que possa receber conselhos e conforto e, se for necessário, também as convenientes admoestações.

5. Cada um obedeça sem nenhuma resistência, nem de fatos, nem de palavras, nem de coração. Quanto mais uma coisa repugna a quem a faz, tanto maior merecimento terá perante Deus se a cumprir.

IV. Do voto de pobreza

1. O voto de pobreza de que aqui se fala refere-se unicamente à administração dos bens, não à posse; por isso, os que professaram nesta Sociedade conservarão o domínio dos próprios bens, mas lhes está inteiramente vedada a administração, como também a distribuição e o uso de rendas. Além disso, antes de fazer os votos, devem ceder, mesmo de forma privada, a administração, o usufruto e o uso dos bens a quem eles quiserem, inclusive à Congregação, se

assim preferirem. Na cessão pode-se pôr como condição que ela seja revogável a qualquer momento: mas os professos não podem em consciência usar deste direito de revogação sem o consentimento da Santa Sé. Tudo isto também deverá ser observado quanto aos bens que o sócio adquirir por herança após emitida a profissão.

2. Todavia, os membros desta Congregação poderão dispor livremente do domínio dos bens, seja por testamento, seja com a autorização do Reitor-Mor, durante a vida, mediante outro ato público. Ocorrendo este caso, cessará a concessão feita por eles da administração, do usofruto e do uso, a não ser que tivessem querido que, apesar da cessão do domínio, a dita concessão durasse ainda pelo tempo determinado por eles.

3. Os professos, com a autorização do Reitor-Mor, poderão realizar todos os atos de propriedade que são prescritos pelas leis([14]).

4. Os professos não poderão atribuir a si ou reservar para si nada do que eles conseguiram mediante a própria indústria ou com os meios de que a Congregação dispõe; tudo deverá ser posto à disposição para a utilidade comum da Congregação.

5. Faz parte do voto de pobreza manter os quartos na máxima simplicidade, procurando ornar o coração de virtudes e não a pessoa ou as paredes do quarto.

6. Por nenhuma razão, ninguém conserve dinheiro consigo ou em depósito junto a outras pessoas, nem em casa, nem fora dela.

7. Finalmente, cada um tenha o coração desapegado de todas as coisas terrenas, esteja contente com o que a Sociedade providencia quanto à alimentação e ao vestuário, nem conserve consigo alguma coisa sem particular licença do superior.

V. Do voto de castidade

1. Quem dedica a sua vida em prol dos meninos abandonados deve por certo fazer todos os esforços para enriquecer-se de todas as virtudes. Mas a virtude que se deve cultivar de um modo todo particular e que se há de ter sempre diante dos olhos, virtude angélica, virtude mais que todas cara ao Filho de Deus, é a virtude de castidade.

[14] Cada um pode propor livremente ao superior a destinação dos bens de sua propriedade, mas o uso deve ser sempre regulado pelo superior (nota no texto original).

2. Quem não tem fundada esperança de poder conservar, com o auxílio de Deus, a virtude da castidade nas palavras, nas obras e nos pensamentos, não professe nesta Sociedade, porque muitas vezes se encontrará em perigo.

3. As palavras, os olhares, embora indiferentes, são por vezes maliciosamente interpretados pelos jovens que já foram vítimas das paixões humanas. Por isso, dever-se-á usar a máxima cautela conversando ou tratando com eles, qualquer que seja a sua idade e condição.

4. Evitem-se as conversações com os seculares, com os quais esta virtude possa perigar e especialmente com pessoas de outro sexo.

5. Ninguém vá à casa de conhecidos ou amigos sem o consentimento do superior, o qual, sempre que seja possível, lhe designará um companheiro.

6. Para guardar com a máxima diligência a virtude da castidade, devem-se usar especialmente estes meios: receber com frequência os sacramentos da penitência e da Eucaristia, praticar fielmente os conselhos do confessor; fugir do ócio, a mortificação de todos os sentidos do corpo, fazer frequentes visitas a Jesus Sacramentado, dirigir frequentes jaculatórias a Maria Santíssima, a São José, a São Luís Gonzaga, que são os principais padroeiros desta Sociedade.

VI. Governo religioso da sociedade

1 Os sócios terão por árbitro e por supremo superior o sumo pontífice, ao qual, também em força do voto de obediência, estarão em todos os lugares, em todo o tempo e em todas as suas disposições, humilde e respeitosamente submissos. Será até principal solicitude de todos os sócios promover e defender a autoridade e a observância das leis da Igreja Católica e de seu chefe supremo, legislador e vigário de Jesus Cristo na terra.

2. Cada três anos o Reitor-Mor apresentará à Congregação dos Bispos e Regulares uma relação a respeito da Sociedade, que versará sobre o número das casas e dos sócios, sobre a observância das Regras e sobre o que se refere à administração econômica.

3. A fim de tratar dos assuntos de maior importância e providenciar a respeito do que as necessidades da Sociedade, os tempos e os lugares exigem, ordinariamente se reunirá o Capítulo-Geral cada três anos ([15]).

[15] O Capítulo-Geral é composto pelos membros do Conselho Superior e pelos diretores das casas particulares. Cada diretor reunirá o seu Capítulo particular e com ele tratará do que for considerado mais necessário a ser proposto ao futuro Capítulo-Geral (nota no texto original).

4. O Capítulo-Geral reunido também pode propor acréscimos e mudanças nas Constituições conforme julgar mais oportuno, mas sempre dentro da finalidade e das razões pelas quais as Regras foram aprovadas. Todavia, os acréscimos e as mudanças, embora tenham recebido a aprovação da maioria dos votos, não poderão obrigar a ninguém enquanto não obtiverem a aprovação da Santa Sé.

5. Quanto ao governo interno, a autoridade suprema sobre toda a Sociedade cabe, em via ordinária, ao Reitor-Mor e ao seu Conselho, que se chama Capítulo Superior e consta do prefeito, do diretor espiritual, do ecônomo e de três conselheiros; em via extraordinária, cabe ao Capítulo-Geral.

6. Todos os atos capitulares dos Capítulos-Gerais serão enviados à sagrada Congregação dos Bispos e Regulares a fim de receberem aprovação.

7. Os sócios estarão sujeitos ao bispo da diocese onde se encontra a casa a que pertencem, conforme as prescrições dos sagrados cânones, salvo sempre o que está disposto pelas Constituições da Sociedade aprovadas pela Santa Sé.

8. Cada sócio se empenhará com todas as forças em ajudar o bispo da diocese; e, por quanto possível, defenda os direitos eclesiásticos, promova o bem da sua Igreja, principalmente se se tratar da educação da juventude pobre.

VII. Governo interno da Sociedade

1. No governo interno toda a Congregação depende do Capítulo Superior, que é composto por um reitor, um prefeito, um ecônomo, um catequista ou diretor espiritual e por três conselheiros.

2. O Reitor-Mor é o superior de toda a Congregação; ele pode estabelecer sua residência em qualquer casa da Congregação. Ofícios, pessoas, bens móveis e imóveis, coisas espirituais e temporais dependem totalmente dele. Por isso, caberá ao reitor aceitar ou não novos sócios na Congregação ([16]), atribuir a cada um os seus ofícios, tanto no espiritual, quanto no temporal, o que ele fará por si ou mediante outras pessoas por ele delegadas. Todavia, não poderá fazer nenhum contrato de venda ou aquisição de imóveis sem o consentimento do Capítulo Superior.

[16] O superior-geral com sua autoridade pode receber os aspirantes e a seu tempo apresentá-los ou não, segundo julgar melhor no Senhor, para que sejam admitidos à prova do noviciado ou então aos votos (nota no texto original).

3. Ao vender bens da Sociedade e ao contrair dívidas, observe-se tudo o que se deve observar de direito segundo os sagrados cânones e as constituições apostólicas ([17]).

4. Ninguém, exceto o Capítulo Superior e os diretores das casas, pode escrever ou receber cartas sem a licença do superior ou de outro sócio para isso delegado pelo superior. Quanto ao mais, todos os sócios podem enviar cartas e outros escritos à Santa Sé e ao superior-geral sem pedir licença aos superiores da casa à qual pertencem e sem que os superiores possam nem mesmo ler.

5. O Reitor-Mor permanecerá no cargo por doze anos e poderá ser reeleito; neste caso, não poderá governar a Sociedade se não for reconfirmado no cargo pela Santa Sé.

6. Falecendo o reitor, o prefeito fará suas vezes até quando não for eleito o sucessor; todavia, durante todo o tempo que governar a Sociedade, não poderá introduzir nenhuma mudança na disciplina ou na administração.

7. Apenas falecido o reitor, o prefeito avisará imediatamente os diretores de todas as casas, os quais logo se empenharão para que se façam os sufrágios prescritos pelas Constituições em favor do falecido. Em seguida, convide os mesmos diretores a se reunirem para a eleição do novo reitor.

8. Se por acaso ocorresse, *quod Deus avertat*, que o reitor descuidasse gravemente dos seus deveres, o prefeito ou alguém do Capítulo Superior, de acordo com os demais, poderá advertir eficazmente o reitor. Caso a advertência não for suficiente, o Capítulo avise a sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, pela qual o reitor poderá ser deposto[18].

VIII. Da eleição do Reitor-Mor

1. Para que alguém possa ser eleito Reitor-Mor, exige-se que tenha vivido pelo menos dez anos na Congregação, completado trinta e cinco anos e dado provas evidentes de vida exemplar, de habilidade e prudência em administrar os negócios da Congregação, e finalmente que seja professo perpétuo.

2. Por dois motivos pode ocorrer que se deva eleger o reitor: por ter terminado doze anos no cargo ou por morte do antecessor.

[17] A Sociedade Salesiana nada possui enquanto entidade moral, por isso, exceto no caso de ser legalmente aprovada por algum governo, não estaria vinculada por este artigo. Pela mesma razão, cada salesiano pode exercer os direitos civis de compra, venda e semelhantes sem recorrer à Santa Sé. Assim foi respondido pela Congregação dos Bispos e Regulares no dia 6 de abril de 1874 (nota no texto original).
[18] Este artigo, presente na edição latina aprovada pela Santa Sé, foi omitido por Dom Bosco na edição italiana de 1875.

3. Se a eleição ocorrer por terem passado doze anos de mandato, proceder-se-á da seguinte maneira: três meses antes que termine o tempo do seu ofício, o reitor convocará o Capítulo Superior e o avisará de que está para terminar o prazo do seu cargo; fará a mesma comunicação aos diretores de cada casa e aos sócios, que segundo as Constituições são admitidos a dar o seu voto. Ao mesmo tempo em que comunicará a data em que termina o seu cargo, determinará o dia para a eleição do sucessor. Contemporaneamente mandará fazer orações para obter as luzes celestes e advertirá a cada um clara e distintamente a respeito da grave obrigação de dar o voto a quem considerar mais idôneo para promover a glória de Deus e a utilidade das almas na Congregação. A eleição do sucessor deve ser feita não mais de quinze dias depois que o reitor terminou o tempo do seu ofício.

4. Desde o fim do seu cargo até terminada a eleição do sucessor, o Reitor-Mor continuará a governar e administrar a Sociedade com a mesma autoridade que tem o prefeito por morte do reitor, até que o sucessor seja definitivamente constituído no ofício.

5. Para eleger o Reitor-Mor votarão: o Capítulo Superior e os diretores das casas particulares, acompanhados por um sócio perpétuo, eleito entre os professos da casa a que pertencem. Se por algum motivo alguém não puder ir dar o seu voto, a eleição de pleno direito e validamente será feita pelos demais.

6. A eleição será feita da seguinte maneira. Os sócios, ajoelhados diante da imagem do Crucificado, invocarão a ajuda divina recitando o hino *Veni, Creator Spiritus* etc. Em seguida, todos os sócios professos e presentes escreverão numa cédula o nome de quem considerarem digno e a colocarão numa urna destinada para isso. Em seguida, serão eleitos por todos os presentes, de forma secreta, três escrutinadores e dois secretários. Quem obtiver a maioria absoluta dos votos será o novo Reitor-Mor ou superior-geral.

7. Se a eleição for feita por morte do reitor, siga-se esta ordem: falecido o Reitor-Mor, o prefeito, por carta, comunicará o fato aos diretores das casas particulares, a fim de que, o mais cedo possível, se façam os sufrágios prescritos pelas Constituições pela alma do falecido. A eleição deverá ser feita não antes de três meses e não depois de seis da morte do reitor. Para esta finalidade convocará o Capítulo Superior e, com o seu consentimento, estabelecerá o dia mais oportuno para reunir os que devem intervir para a eleição, aos quais avisará e advertirá a respeito do que determina o artigo 3 deste capítulo.

8. Os votos serão dados por quem goza do direito de eleger o Reitor-Mor, conforme prescreve o artigo 5 deste capítulo.

9. Quem obtiver a maioria absoluta dos votos será o superior-geral a quem todos os irmãos deverão prestar obediência.

10. Terminada a eleição, o prefeito avisará todas as casas particulares, de tal modo que a notícia a respeito do novo Reitor-Mor chegue quanto antes ao conhecimento de todos os membros da Congregação. Com este ato cessa no prefeito toda autoridade de superior-geral.

IX. Dos outros superiores

1. O prefeito, o diretor espiritual, o ecônomo e os três conselheiros acima citados serão eleitos por sufrágio pelo reitor e pelos demais sócios, que, tendo feito os votos perpétuos, poderão participar da eleição do Reitor-Mor. Para serem eleitos requer-se que tenham vivido cinco anos na Congregação e tenham feito os votos perpétuos. A fim de que o ofício a eles atribuído não fique prejudicado, ordinariamente deverão residir na casa onde reside o Reitor-Mor.

2. O prefeito, o diretor espiritual, o ecônomo e os três conselheiros ficarão no cargo por seis anos.

3. Sua eleição será feita na festa de São Francisco de Sales, tempo em que todos os diretores das casas particulares costumam ser convocados. Três meses antes da festa o reitor comunicará a todas as casas o dia em que ocorrerá a eleição.

4. Portanto, todos os diretores reunirão os professos perpétuos da própria casa e junto com um sócio eleito por eles participarão da futura eleição.

5. No dia determinado, o Capítulo Superior com os diretores e os sócios vindos com eles darão o seu voto e farão publicamente o escrutínio. Para essa finalidade serão eleitos três escrutinadores e dois secretários. Quem obtiver a maioria dos votos será o novo membro do Capítulo Superior. Se por acaso algum diretor ou o sócio de alguma casa, pela grande distância ou por outra justa causa não puder participar da eleição, apesar disto, a eleição será válida e perfeita ([19]).

6. Os ofícios de cada membro do Capítulo Superior serão atribuídos pelo reitor conforme as necessidades.

7. Todavia, o diretor espiritual cuidará particularmente dos noviços. Ele, junto com o mestre dos noviços, terá o máximo cuidado a fim de fazer com que conheçam e pratiquem o espírito de caridade e o zelo que deve animar quem deseja dedicar inteiramente a própria vida ao bem das almas.

[19] Na eleição do Reitor-Mor busca-se a maioria absoluta ou então que corresponda a mais da metade dos votos em seu favor. Para os demais membros do Capítulo é suficiente a maioria relativa, quer dizer, entre todos os que receberam votos (nota no texto original).

8. É também dever do diretor espiritual admoestar reverentemente o reitor, caso perceber nele alguma grave negligência em praticar e fazer observar as Regras da Congregação.

9. É especial ofício do diretor espiritual comunicar ao reitor tudo o que for útil para o bem espiritual, e o reitor providenciará segundo lhe parecer melhor no Senhor.

10. O prefeito, na ausência do reitor, fará suas vezes, quer no governo ordinário da Sociedade, quer em todas as coisas de que tiver recebido especial encargo.

11. Ele controlará as entradas e saídas, anotará toda herança ou doação de alguma importância que for feita com destinação para alguma casa. Todo fruto dos bens móveis e imóveis está sob a tutela e a responsabilidade do prefeito.

12. O prefeito, portanto, é como o centro do qual deve partir e ao qual se deve referir a administração de toda a Congregação. Ele está sujeito ao Reitor-Mor, a quem deve prestar contas da sua gestão pelo menos uma vez por ano.

13. O ecônomo está à frente de toda a parte material da Sociedade. Por isso, estão confiadas a ele as compras, as vendas, as construções e coisas semelhantes. Igualmente é ofício do ecônomo providenciar que cada casa esteja fornecida do que lhe é necessário.

14. Os conselheiros participam de todas as deliberações que se referem à aceitação para o noviciado, à admissão aos votos ou à exclusão de algum membro da Sociedade; à abertura de uma nova casa, à eleição do diretor de alguma casa particular, a contratos relativos a bens imóveis, compras e vendas; numa palavra, às coisas de maior importância que se referem ao bom andamento geral da Sociedade. A deliberação será feita por voto secreto. Se na contagem dos votos que têm força de deliberação a maioria não for favorável, o reitor adiará a deliberação.

15. Um dos conselheiros, por delegação do reitor, cuidará dos assuntos escolásticos de toda a Sociedade. Os outros dois, conforme a necessidade, farão as vezes de algum membro do Capítulo Superior que, por doença ou por outro motivo, não puder atender a seu ofício.

16. Cada um dos superiores, exceto o reitor, ficará no cargo por seis anos e poderá ser reeleito. Se algum membro do Capítulo Superior cessar do próprio ofício por morte ou por algum outro motivo antes de cumprir os seis anos de mandato, o Reitor-Mor confiará o encargo a quem julgar melhor no Senhor; este desempenhará seu ofício somente até o fim do sexênio iniciado pelo sócio que deixou o cargo.

17. Se for necessário, o Reitor-Mor, com o consentimento do Capítulo Superior, estabelecerá alguns visitadores, aos quais dará o encargo de visitar certo número de casas, se isso for requerido pelo número delas ou pela distância. Esses visitadores farão as vezes do Reitor-Mor nas casas e nos assuntos a eles confiados.

X. De cada casa em particular

1. Se, por especial favor da divina Providência, tiver que abrir uma nova casa, antes de tudo, o superior-geral procure obter o consentimento do bispo da diocese onde ela se há de abrir.

2. Nisto, porém, proceda com cautela, a fim de que ao abrir casas ou ao assumir administrações de qualquer tipo nada se estabeleça ou se faça contra as leis.

3. Se a nova casa for um pequeno seminário ou um seminário para clérigos adultos, além da dependência no que se refere ao sagrado ministério, haverá também a plena dependência do superior eclesiástico na questão do ensino. Quanto à escolha da matéria para o ensino, dos livros a usar, da disciplina e da administração temporal, será preciso ater-se ao que o Reitor-Mor acertar com o ordinário da diocese.

4. A Sociedade não poderá assumir o encargo da direção de seminários sem expressa autorização da Santa Sé, que será preciso solicitar em cada caso.

5. Nas novas casas a serem abertas, o número dos sócios nunca seja inferior a seis. O superior de cada uma delas é eleito pelo Capítulo Superior e tomará o nome de diretor. Cada casa poderá administrar os bens doados ou levados para a Congregação a fim de que sirvam para aquela casa em particular, mas sempre nos limites fixados pelo superior-geral.

6. O Reitor-Mor visitará cada casa pelo menos uma vez por ano, pessoalmente ou por meio de visitadores, para examinar diligentemente se se cumprem os deveres impostos pelas Regras da Congregação e observar se a administração das coisas espirituais e temporais tende de fato ao seu escopo, que é o de promover a glória de Deus e o bem das almas.

7. De sua parte, o diretor em tudo deve agir de tal modo que a qualquer momento possa prestar contas da sua administração a Deus e ao Reitor-Mor.

8. O primeiro cuidado do reitor será o de estabelecer em cada casa nova um Capítulo correspondente ao número dos sócios que ali residem.

9. Para constituir esse Capítulo intervirão o Capítulo Superior e o diretor da nova casa.

10. O primeiro a ser escolhido será o catequista, depois o prefeito e, se for necessário, também o ecônomo; finalmente os conselheiros, segundo o número dos sócios que residem naquela casa e as tarefas que se deverão cumprir.

11. Quando a distância, os tempos, os lugares aconselharem alguma exceção na formação desse Capítulo ou na atribuição das ocupações, o reitor tem plena autoridade para fazê-lo, mas com o consentimento do Capítulo Superior.

12. O diretor não pode comprar, nem vender imóveis, construir novos edifícios ou demolir os já existentes, introduzir novidades de acentuada importância sem o consentimento do Reitor-Mor. Na administração ele deve cuidar de todo o andamento espiritual, escolástico e material; mas nas coisas de maior importância será mais prudente reunir o seu Capítulo e não deliberar nada sem o seu consentimento.

13. O catequista cuidará dos assuntos espirituais da casa, tanto em relação aos sócios, quanto aos outros que não pertencem à Congregação, e caso for necessário, avisará o diretor a respeito dessas coisas.

14. O prefeito fará as vezes do diretor e seu principal ofício será o de administrar as coisas temporais, cuidar dos coadjutores, vigiar atentamente quanto à disciplina dos alunos, conforme as regras de cada casa e o consentimento do diretor. Ele deve estar preparado a prestar contas da sua gestão ao próprio diretor, sempre que este pedir.

15. O ecônomo, caso for necessário, ajudará o prefeito no seu ofício, especialmente nas questões temporais.

16. Os conselheiros intervêm em todas as deliberações de alguma importância e ajudam o diretor nos assuntos escolásticos e em tudo que lhes for atribuído.

17. Cada ano o diretor deverá prestar contas da administração espiritual e material da sua casa ao Reitor-Mor.

XI. Da aceitação

1. Quando alguém fizer o pedido para entrar na Congregação, exijam-se as cartas testemunhais ou os certificados, conforme o decreto de 25 de janeiro de 1848, que começa com as palavras *Romani Pontifices* etc., emanado pela Sagrada Congregação que trata do estado dos Regulares. À saúde do postulante seja tal que possa observar todas as Regras da Sociedade sem nenhuma exceção. Para que os leigos possam ser recebidos na Congregação, além de outras coisas, é necessário que saibam pelo menos os primeiros elementos da

fé católica. O Reitor-Mor aceitará o postulante, se este tiver obtido a maioria dos votos do Capítulo Superior.

2. Para admitir postulantes ou noviços que querem abraçar o estado eclesiástico, se tiverem alguma irregularidade, dever-se-á primeiro pedir dispensa à Santa Sé.

3. Após o tempo da segunda prova, o candidado dependerá do Capítulo da casa em que ele foi posto pelos superiores. Terminada a terceira prova, o sócio pode ser admitido à renovação dos votos pelos superiores da mesma casa, com o consentimento, todavia, do Reitor-Mor. Se tiver obtido a maioria dos votos, se avisará o reitor, o qual, com o Capítulo Superior, confirmará a admissão ou não, conforme julgar mais oportuno no Senhor.

4. Se o Capítulo não estiver presente, o Reitor-Mor, por justa causa, pode aceitar na Congregação e admitir aos votos ou também desligar da Sociedade em qualquer casa os que julgar melhor: mas isso se poderá fazer com o consentimento e a presença do Capítulo daquela casa. Nesse caso, o diretor da casa na qual se dá a admissão ou o desligamento, deverá comunicar o caso ao Capítulo Superior com as oportunas indicações, a fim de que o sócio seja inscrito no elenco da Sociedade ou cancelado.

5. No que tange à aceitação dos sócios e à sua profissão de votos simples, observem-se todas as normas que foram prescritas pelo decreto de 23 de janeiro de 1848 *Regulari disciplinae* da Sagrada Congregação para os Bispos e os Regulares.

6. Para ser admitido a fazer os votos requer-se que antes se tenha feito o tirocínio da primeira e da segunda prova. Mas ninguém poderá ser admitido aos votos se não tiver completado 16 anos de idade.

7. Estes votos são feitos por um triênio. Passados os três anos, com o consentimento do Capítulo, haverá a faculdade de cada qual renovar os seus votos por outro triênio e de fazê-los perpétuos, se desejar ligar-se por toda a vida. Todavia, ninguém pode ser admitido às sagradas ordenações *titulo congregationis,* se não tiver feito os votos perpétuos.

8. A Sociedade, apoiada na divina Providência, que nunca falta a quem espera nela, providenciará para cada um o necessário, seja em tempo de saúde, como em caso de doença. Apesar disso, ela só é obrigada a tomar essas providências para os que emitiram os votos temporâneos ou perpétuos.

XII. Do estudo

1. Os clérigos e todos os sócios que aspiram ao estado eclesiástico devem dedicar-se seriamente ao estudo da filosofia por dois anos e pelo menos por quatro anos às matérias eclesiásticas.

2. Seu estudo principal será aplicado com todo empenho à Bíblia, à história eclesiástica, à teologia dogmática, especulativa e também moral, e àqueles livros e tratados que tratam expressamente da intrução da juventude em assuntos religiosos.

3. O nosso mestre será Santo Tomás e os demais autores que nas instruções catequéticas e na explicação da doutrina católica forem considerados mais célebres.

4. Para ensinar as ciências filosóficas e eclesiásticas se escolham de preferência mestres ou sócios ou externos que, por probidade de vida, engenho e doutrina, forem mais apreciados.

5. Cada sócio, a fim de completar os seus estudos, além de participar das conferências morais diárias, dedique-se também a compor um curso de pregações e meditações, em primeiro lugar para uso da juventude e depois adaptado à capacidade de todos os fiéis cristãos.

6. Os sócios enquanto se dedicam aos estudos prescritos pelas Constituições, não se apliquem demais às obras de caridade próprias da Sociedade Salesiana, a não ser que sejam obrigados pela necessidade, porque isso em geral resulta em prejuízo para os estudos.

XIII. Práticas de piedade

1. A vida ativa a que tende especialmente esta Congregação faz com que seus membros não possam ter comodidade de fazer muitas práticas de piedade em comum. Por isso, procurarão supri-las mediante o bom exemplo recíproco e cumprindo com perfeição os deveres gerais do cristão.

2. Cada sócio se aproximará todas as semanas do sacramento da penitência com confessores aprovados pelo ordinário diocesano e que exercem esse ministério para com os sócios autorizados pelo reitor. Os sacerdotes celebrarão diariamente a santa missa; os clérigos e os coadjutores assistirão a ela todos os dias e farão a santa comunhão nos dias festivos e todas as quintas-feiras. A compostura da pessoa, a pronúncia clara, devota e distinta das palavras dos ofícios divinos, a modéstia no falar, olhar, caminhar em casa e fora, devem ser tais nos nossos sócios que se distingam de todos os demais.

3. Além das orações vocais, cada um fará todos os dias não menos de meia hora de oração mental, a não ser que esteja impedido pelo sagrado ministério. Nesse caso, suprirá [a meditação] com a maior frequência de jaculatórias, oferecendo a Deus com grande fervor de afeto os trabalhos que o impedem de entregar-se aos exercícios ordinários de piedade.

4. Todos os dias se recitará a terceira parte do rosário de Maria Santíssima Imaculada e se fará um pouco de leitura espiritual.

5. Todas as semanas, na sexta-feira, haverá jejum em memória da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

6. O último dia de cada mês será dia de retiro espiritual no qual, deixando, na medida do possível, os assuntos temporais, cada qual se recolherá e fará o exercício da boa morte, dispondo as coisas espirituais e temporais como se tivesse que abandonar o mundo e encaminhar-se para a eternidade.

7. Todos os anos fará cerca de dez ou pelo menos seis dias de exercícios espirituais, que terminarão com a confissão anual. Cada um, antes de ser recebido na Sociedade e antes de emitir os votos, fará dez dias de exercícios espirituais sob a direção de mestres de espírito, e a confissão geral.

8. Quando a divina Providência chamar à vida eterna algum sócio, seja leigo, clérigo ou sacerdote, imediatamente o diretor da casa na qual o sócio falecido residia, procurará fazer celebrar dez missas em sufrágio da sua alma. Os demais que não são sacerdotes farão pelo menos uma vez a santa comunhão com esta finalidade.

9. Quando falecerem os pais de algum sócio, os sacerdotes da casa daquele sócio celebrarão igualmente 10 missas em sufrágio da sua alma. Os que não são sacerdotes farão a santa comunhão.

10. Ao falecer o Reitor-Mor, todos os sacerdotes da Congregação celebrarão por ele a santa missa e os sócios não sacerdotes oferecerão os costumeiros sufrágios, e isto por dois motivos: 1° como tributo de gratidão pelos cuidados e pelas fadigas despendidas no governo da Congregação; 2° para aliviá-lo das penas do purgatório, que talvez deverá padecer por nossa causa.

11. Todos os anos, no dia seguinte à festa de São Francisco de Sales, todos os sacerdotes celebrarão uma missa pelos sócios falecidos. Os demais se aproximarão da santa comunhão e recitarão a terceira parte do rosário da Bem-aventurada Virgem Maria, com outras orações.

12. Cada qual tenha especial cuidado em: 1° não adquirir hábitos de nenhuma espécie, mesmo de coisas indiferentes; 2° manter as roupas, a cama e o quarto limpos e decentes, e cada qual se esforce por evitar toda estulta afe-

tação e a ambição. Nada orna melhor o religioso do que a santidade de vida, pela qual serve de exemplo para os outros em tudo.

13. Quando a necessidade o exigir, cada qual esteja preparado a sofrer o calor, o frio, a sede, a fome, o cansaço, os desprezos, caso redundarem para a maior glória de Deus, a utilidade espiritual dos outros e a salvação da própria alma.

XIV. Dos inscritos, ou seja, dos noviços [20]

1. Cada sócio antes de ser recebido na Congregação deve fazer três provas. A primeira deve preceder o noviciado e é chamada a prova dos aspirantes; a segunda é precisamente a do noviciado; a terceira é o tempo dos votos trienais.

2. Para a primeira prova bastará que o postulante tenha passado algum tempo numa casa da Congregação, ou então frequentado as nossas escolas, revelando-se constantemente dotado de bons costumes e de capacidades intelectuais.

3. Se algum adulto quiser se tornar membro da Sociedade e for admitido à primeira prova, antes do mais fará alguns dias de exercícios espirituais, em seguida pelo menos por alguns meses será empenhado nos diversos ofícios da Congregação, a fim de que conheça e pratique o tipo de vida que deseja abraçar.

4. *No tempo da primeira prova o mestre dos noviços e os demais superiores deverão observar diligentemente o comportamento dos aspirantes, a fim de referir ao Capítulo Superior tudo o que julgarem conveniente no Senhor.*

5. Como o principal escopo da nossa Sociedade é o de ensinar aos jovens, especialmetne mais pobres, a ciência e a religião e orientá-los pelo caminho da salvação, todos os candidatos, no tempo da primeira prova, deverão mostrar que se empenham no conhecimento e em tudo o que se refere às aulas diurnas e noturnas, em instruir no catecismo os jovens e em prestar-lhes ajuda mesmo nos casos difíceis.

6. Superada positivamente a primeira prova e aceito o sócio na Congregação, imediatamente o mestre dos noviços se interesse pelo novo noviço e não descuide nada do que pode contribuir para a observância das Constituições.

7. O Reitor-Mor, com o consentimento dos demais superiores, veja quais casas convenha definir como lugar de prova dos aspirantes; todavia, esse tipo de

[20] Na edição italiana impressa de 1875, Dom Bosco omitiu os artigos que aqui são reproduzidos em itálico.

casas nunca pode ser estabelecido [sem] a licença da Congregação dos Bispos e Regulares.

8. O lugar do noviciado deve ser separado da parte da casa habitada pelos professores, e deve possuir tantas celas, separadas umas da outras, quantos forem os noviços; ou então, um dormitório tão amplo onde possa estar com comodidade a cama de cada um; além disso, para o mestre dos noviços, deve-se providenciar uma cela ou outro lugar idôneo.

9. O mestre dos noviços é eleito pelo Capítulo-Geral entre os sócios que tiverem feito os votos perpétuos. Deve ter completado dez anos na Sociedade. Ficará no cargo por seis anos e se morrer antes de terminar os seis anos, o Reitor-Mor, com o consenso do Capítulo Superior, indicará outro que desempenhará o ofício até a celebração do futuro Capítulo-Geral.

10. O mestre dos noviços procure ser benigno, bondoso, acessível a fim de que os noviços se sintam levados a lhe abrir a alma em tudo que pode ajudar a progredir na perfeição. Dirija-os e os intrua no cumprimento geral das Constituições, especialmente no que se refere ao voto de castidade, de pobreza e obediência. Da mesma forma, seja para eles de bom exemplo na observância e na realização das práticas de piedade prescritas pelas nossas Constituições. Todas as semanas faça para eles uma instrução religiosa ou conferência sobre tudo o que se refere ao nosso Instituto. Pelo menos uma vez por mês chame cada um dos noviços e amorosamente os exorte a terem confiança nele, a fim de que suas salutares [admoestações] sejam recebidas com maior proveito.

11. Na aceitação dos noviços observe-se tudo o que foi dito no capítulo precedente do artigo 1 ao artigo 5.

12. No tempo da segunda prova, isto é, no ano de noviciado, os noviços não devem dedicar-se a nenhum dos ofícios próprios da nossaa Sociedade a fim de se aplicarem unicamente ao progresso na virtude e no aperfeiçoamento da própria vocação à qual foram chamados por Deus. Poderão, todavia, em sua própria casa, fazer aos domingos o catecismo aos meninos conforme o parecer do mestre e sob sua vigilância ([21]).

[21] *Pius Papa IX benigne annuit tyrones, tempore secundae probationis, experimentum facere posse de iis, quae in prima probatione sunt adnotata, quoties ad maiorem Dei gloriam id conferre iudicabitur. Vivae vocis oraculo die 8 aprilis 1874* (O Papa Pio IX concedeu que os noviços possam ser postos à prova mediante o exercício dos ofícios que são considerados adequados para a primeira prova, sempre que isso for julgado ser para a maior glória de Deus. Concedido à viva voz, no dia 8 de abril de 1874); nota inserida na edição impressa do texto latino revisto pelos latinistas Vicente Lanfranchi, Tomás Vallauri e pelo barnabita Inocêncio Gobio, cf. *Regulae seu Constitutiones Societatis S. Francisci Salesii. Juxta approbationis descretum die 3 aprilis 1874*. Turim, ex Officina Asceterii Salesiani, 1874, p. 45 (OE XXV, 455).

13. Passado um ano no noviciado, se o noviço demonstrar em tudo ser solícito pela maior glória de Deus e o bem da Congregação e exemplar nas práticas de piedade, se considerará terminado o tempo da sua prova; diversamente se adiará ainda por alguns meses ou mesmo por um ano.

14. Terminado o noviciado e aceito o sócio na Congregação, com o parecer do mestre dos noviços, o Capítulo Superior pode admiti-lo a fazer os votos trienais. A prática dos votos trienais constituirá a terceira prova.

15. No espaço de três anos, quando estará ligado pelos votos trienais, o sócio pode ser enviado para qualquer casa da Congregação, contanto que ali se dedique aos estudos. Nesse tempo, o diretor daquela casa cuidará do novo sócio na qualidade de mestre dos noviços.

16. Durante todo esse tempo de provas o mestre dos noviços ou o diretor da casa cuidem de recomendar e inspirar docemente aos novos sócios a mortificação dos sentidos externos e a sobriedade. Mas em tudo isso é necessário usar de prudência para não enfraqueer demais as forças dos sócios e, como consequência, resultarem menos aptos para cumprir os deveres da nossa Congregação.

17. Terminadas de forma positiva essas três provas, se o sócio quiser de fato permanecer na Congregção com os votos perpétuos, pode ser admitido pelo Capítulo Superior e emiti-los.

XV. Do hábito

1. O hábito da nossa Sociedade será diferente, conforme os usos dos países em que os sócios deverão estabalecer a própria residência.

2. Os sacerdotes usarão a veste talar, a não ser que por razões de viagem ou outro motivo conveniente aconselhe diferentemente.

3. Os coadjutores, quanto possível, vistam-se de preto. Mas cada qual procurará fugir de todas as novidades dos seculares.

Formulário da profissão religiosa para os sócios de São Francisco de Sales

Antes de fazer os votos, cada irmão fará dez dias de exercícios espirituais, prientados especialmente a refletir sobre a vocação e a instruir-se quanto à matéria dos votos que pretende emitir, caso compreenda claramente ser isso da vontade do Senhor. Terminados os exercícios espirituais, se reunirá o Capítulo e, se possível, também os irmãos daquela casa. O reitor ou algum outro por ele delegado, vestido de sobrepeliz e estola, convidará cada um a se

ajoelhar. Em seguida, todos juntos invocarão as luzes do Espírito Santo, recitando alternadamente o hino *Veni, Creator Spiritus,* etc.

V. *Emitte Spiritum* etc. / R. *Et renovabis* etc.

Oremus. Deus, qui corda fadelium etc.

Seguirão as ladainhas da Bem-aventurada Virgem, com os versículos:

Ora pro nobis etc., e com o *Oremus: Concede nos* etc.

Depois, em honra de São Francisco de Sales, *Pai-nosso, Ave-Maria, Glória*.

V. *Ora pro nobis, beate Francisce* / R. *Ut digni efficiamur* etc.

Oremus Deus, qui ad animarum salutem etc.

O noviço, pondo-se de joelhos em meio a dois professos e diante do reitor ou de quem por ele, este lhe fará as perguntas, no singular se houver um só noviço, no plural se forem mais.

Reitor. Meu filho, o que pedis?

Noviço. Peço, meu reverendo superior, para professar as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales.

R. Conheceis bem estas Constituições e já as pusestes em prática?

N. Parece-me conhecê-las suficientemente e compreendê-las conforme as diversas explicações que delas me deram os meus superiores. Fiz o que pude para praticá-las no tempo do meu noviciado. E embora eu conheça a minha grande fraqueza, todavia, com a ajuda de Deus, espero poder praticá-las no futuro com maior exatidão e com maior vantagem para a minha alma.

R. Compreendestes bem o que significa professar as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales?

N. Parece-me tê-lo compreendido. Professando as Constituições Salesianas eu entendo prometer a Deus aspirar à santificação da minha alma, renunciando aos prazeres e às vaidades do mundo, pela fuga de todo pecado consciente e de viver em perfeita castidade, humilde obediência, em pobreza de espírito. Sei também que professando estas Constituições devo renunciar a todas as comodidades e a qualquer bem-estar da vida e isto unicamente por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem entendo consagrar todas as minhas palavras, todas as minhas ações e todos os meus pensamentos por toda a vida.

R. Portanto, estais disposto a renunciar ao mundo, às suas promessas e professar com voto as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales?

N. Sim, reverendo superior, estou pronto e o desejo de todo o coração, e com o auxílio de Deus espero ser fiel às minhas promessas.

R. Entendeis emitir os votos trienais ou perpétuos?

N. *Se fizer os votos trienais, responderá*: Embora eu tenha firme vontade de passar toda a minha vida nesta Congregação, todavia, para me conformar com o que prescrevem as nossas Constituições, por ora farei somente os votos trienais, tendo porém plena esperança de que depois poderei fazê-los em perpétuo.

Se fizer os votos perpétuos, dirá: Sendo minha firme vontade consagrar-me para sempre a Deus na Congregação de São Francisco de Sales, entendo fazer os votos perpétuos, isto é, obrigar-me com voto a observar as Constituições Salesianas por toda a minha vida.

R. Deus abençoe esta vossa boa vontade e vos conceda a graça de poder mantê-la fielmente até o fim da vida, até quando Jesus Cristo vos der a ampla recompensa por tudo o que abandonastes ou fizestes por ele.

Agora ponde-vos na presença de Deus e pronunciai a fórmula dos votos de castidade, pobreza e obediência conforme as nossas Constituições, que para o futuro serão a regra constante da vossa vida.

Fórmula dos votos

"Em nome da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Eu N. N. me ponho diante de vós, Deus onipotente e eterno, e embora indigno da vossa presença, todavia, confiado na vossa suma bondade e infinita misericórdia, na presença da Bem-aventurada Virgem Maria Imaculada, de São Francisco de Sales e de todos os santos do céu, faço voto de pobreza, de castidade e de obediência a Deus e a vós N.N. superior da nossa Sociedade (*ou então,* a vós, que fazeis as vezes do superior da nossa Sociedade), por três anos (*ou então,* em perpétuo), segundo as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales. *Todos responderão*: amém.

R. Deus vos ajude com a sua santa graça a serdes fiel a esta solene promessa até o fim da vida. Lembrai-vos com frequência do grande prêmio que o Divino Salvador promete a quem abandona o mundo para seguir a ele: receberá o cêntuplo na vida presente e a recompensa eterna na futura. E se alguma vez a observância das nossas Regras vos for pesada, lembrai-vos das palavras do apóstolo São Paulo que diz: São momentâneos os padecimentos da vida presente, mas eternos os gozos da vida futura; e aquele que sofre com Jesus Cristo na terra, um dia será coroado de glória no céu.

Em seguida o novo sócio escreverá o seu nome no resgistro, preenchendo a ficha seguinte:

"Eu, abaixo assinado, li e compreendi as Regras da Sociedade de São Francisco de Sales e prometo observá-las constantemente segundo a fórmula dos votos que acabei de pronunciar".

Turim, etc., ano etc. N.N.

Depois se recitará o *Te Deum*; em seguida, se o reitor julgar oportuno, fará uma breve exortação moral e se terminará com o salmo *Laudate Dominum, omnes gentes* etc.

Conclusão

Para tranquilidade das almas, a Sociedade declara que as presentes Regras por si não obrigam sob pena de pecado, nem mortal, nem venial; por isso, se alguém, ao violá-las, se sentir culpado diante de Deus, isto não provém diretamente das Regras, mas dos mandamentos de Deus e da Igreja, dos votos feitos ou finalmente das circunstâncias que acompanham a violação das Regras, como o mau exemplo, o desprezo e coisas semelhantes.

227. Regras ou Constituições para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1885)

Edição crítica em Giovanni Bosco, *Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1872-1885)*. Textos críticos aos cuidados da Ir. Cecilia Romero fma. (= Instituto Histórico Salesiano - Fontes, Primeira série, 2). Roma, LAS 1983, pp. 287-335.

Título I. Escopo do Instituto

1. O escopo do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora consiste em buscar a própria perfeição e em ajudar na salvação do próximo, especialmente proporcionando às meninas uma educação cristã.

2. O Instituto se destina unicamente a jovens solteiras, que professam em tudo a vida comum com votos simples, feitos de três em três anos ou também em perpétuo.

3. As Filhas de Maria Auxiliadora, antes de tudo, procurarão exercitar-se nas virtudes cristãs, em seguida se empenharão em benefício do próximo. Terão cuidado especial em assumir a direção de escolas, orfanatos, asilos in-

fantis, oratórios festivos, e também abrir oficinas em favor das meninas mais pobres das cidades, nas vilas e nas missões estrangeiras. Onde houver necessidade aceitarão também a direção de hospitais e de outros serviços de caridade semelhantes.

4. Poderão também abrir educandários, preferivelmente para moças de condição humilde, às quais só ensinarão as ciências e as artes que estiverem de acordo com o seu estado e que forem exigidas pelas suas condições sociais. Terão o cuidado em formá-las na piedade, torná-las boas cristãs e também capazes, a seu tempo, de ganhar honestamente o próprio pão.

Título II. Forma do Instituto

1. O Instituto é posto sob a alta e imediata dependência do superior-geral da Sociedade de São Francisco de Sales, ao qual se dá o nome de superior maior. Em cada casa pertencente à Congregação ele poderá fazer-se representar por um sacerdote com o nome de diretor particular, e para todo o Instituto por um membro do Capítulo Superior salesiano, ou por outro sacerdote idôneo, com o título de diretor-geral das irmãs. O diretor-geral cuidará de tudo o que se refere ao bom andamento material, moral e espiritual do Instituto.

2. O superior maior, de acordo com o Capítulo Superior das irmãs, após a religiosa cumprir louvavelmente uma ou duas vezes os votos trienais, pode também admiti-la aos votos perpétuos, sempre que julgar que esse favor é útil para a religiosa e para o Instituto. Cabe ao superior maior pessoalmente ou mediante um sacerdote por ele delegado dar o hábito e receber os votos.

3. Os votos obrigam por todo o tempo que se permanece na Congregação. Se alguma irmã, por motivos razoáveis ou após prudente juízo dos superiores, devesse sair do Instituto, poderá ser dispensada dos votos pelo sumo pontífice ou pelo superior maior. Por outro lado, cada irmã faça de tudo para perseverar na própria vocação até a morte, lembrando-se sempre das graves palavras do divino Salvador: Ninguém que, depois de ter posto mãos ao arado, olhar para trás, é digno do Reino de Deus.

4. Todas as casas do Instituto, no que se refere à administração dos santos sacramentos e ao exercício do culto religioso, estarão sujeitas à jurisdição do bispo. As irmãs de cada casa que pertence à Congregação terão como confessor ordinário um sacerdote salesiano escolhido pelo superior maior e aprovado para as confissões na diocese; e nas casas de propriedade alheia terão como confessor o pároco ou um sacerdote indicado pelo bispo. Entre os ofícios do diretor particular há o de fazer uma piedosa conferência às irmãs duas ou mais vezes ao mês, tratando de algum assunto sobre a perfeição religiosa ou explicando alguns pontos desta Regra.

5. As irmãs e as jovens das casas que não pertencem à Congregação Salesiana estarão sujeitas à jurisdição do pároco naquilo que se refere aos direitos paroquiais.

6. As irmãs conservam os direitos civis mesmo depois da profissão; todavia, não poderão administrar os próprios bens a não ser dentro dos limites e da maneira determinada pelo superior maior.

7. Os frutos dos imóveis e móveis levados para a Congregação devem ser cedidos à mesma.

8. O Instituto providencia para cada irmã o necessário quanto ao alimento, à roupa e a tudo o que ocorrer no que tange à saúde ou em caso de doença.

9. Se alguma irmã falecer sem fazer testamento, haverá de suceder-lhe quem de direito, conforme as leis civis.

10. A irmã que sair da Congregação não poderá pretender absolutamente nada pelo tempo que nela permaneceu, seja qual for o ofício que tiver exercido. Poderá, todavia, exigir os imóveis e também os objetos móveis, no estado em que se encontrarem, e dos quais tiver conservado a propriedade ao entrar para o Instituto. Não terá, porém, nenhum direito de pedir satisfação aos superiores dos frutos e da administração dos mesmos pelo tempo que passou na vida religiosa.

Título III. Do voto de castidade

1. A fim de se dedicar a contínuos trabalhos de caridade para com o próximo e tratar com fruto com as meninas pobres, é necessário um esforço permanente em grau não comum de todas as virtudes. Mas a virtude angélica, acima das demais a mais querida pelo Filho de Deus, a virtude da castidade, deve ser cultivada em grau eminente pelas Filhas de Maria Auxiliadora. Em primeiro lugar porque a missão que elas têm de instruir e orientar o próximo pelo caminho da salvação é semelhante à dos santos anjos; por isso, é necessário que elas vivam com o coração puro, num estado angélico, dado que as virgens são chamadas de anjos na terra. Em segundo lugar, porque a sua vocação, a fim de ser bem realizada, requer total desapego interior e exterior de tudo o que não é Deus. É por isso que elas fazem voto de castidade, pelo qual se consagram a Jesus Cristo, decididas a se conservarem castas de mente e de coração, como suas esposas puras e sem mancha.

2. Para a observância deste voto as irmãs devem praticar a mais vigilante guarda dos sentidos, que são as portas pelas quais o inimigo entra na alma.

Elas só podem viver e respirar pelo seu esposo celeste, com toda honestidade, pureza e santidade de espírito, de palavras, de comportamento e de obras, lembrando-se das palavras do Senhor, que disse: Bem-aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus.

3. Para guardar tão grande tesouro é muito útil o pensamento da presença de Deus e dirigir-se a ele com atos de fé viva, firme esperança e ardente amor; a fuga do ócio e das ocasiões perigosas livres e voluntárias e de qualquer amizade que não seja por Jesus Cristo; a mortificação interna e externa, a primeira sem limites e a segunda na medida em que lhes for permitida pela obediência.

4. Servirá também eficazmente para conservar a bela virtude a devoção a Maria Santíssima Imaculada, ao glorioso São José e ao Anjo da Guarda; como também nunca esquecer que as esposas fiéis de Jesus Cristo que tiverem vivido e falecido em estado virginal, no céu terão uma glória particular e, com Maria, cantarão ao Divino Cordeiro um hino que não é concedido cantar aos demais bem-aventurados.

Título IV. Do voto de obediência

1. A vida das Filhas de Maria Auxiliadora, devendo ser um contínuo holocausto, viria a faltar no que há de melhor, se não entrasse o sacrifício da própria vontade, a qual precisamente mediante o voto de obediência é oferecida à divina majestade. Além disso, sabemos que o nosso Divino Salvador afirmou de si mesmo que não veio entre nós na terra para fazer a própria vontade, mas a do seu Pai celeste. É precisamente para garantir de fazer em cada ação a vontade de Deus que as Filhas de Maria Auxiliadora fazem também o santo voto de obediência.

2. Este voto obriga a não se ocupar senão com o que os superiores julgarem ser para a maior glória de Deus e a vantagem das almas, segundo a Regra deste Instituto.

3. As irmãs deverão obedecer em espírito de fé, vendo Deus nos seus superiores e persuadindo-se de que o que é disposto pela obediência resultará para elas de grande vantagem espiritual; aliás, quanto mais o que é mandado for repugnante, tanto maior será o prêmio que receberão de Deus, ao cumprirem-no fielmente.

4. Seja a sua obediência pronta, de ânimo alegre e com humildade, isto é, sem demoras, contestações ou tristeza, e sem julgar e criticar as razões manifestas ou ocultas da ordem recebida.

5. Nenhuma irmã se entregue a preocupações ansiosas para pedir ou recusar alguma coisa. Por outro lado, quem souber que alguma coisa lhe é nociva ou necessária, exponha o caso à superiora que se desdobrará maternalmente em providenciar à necessidade, segundo o espírito do Instituto.

Título V. Do voto de pobreza

1. A observância do voto de pobreza no Instituto de Maria Auxiliadora consiste essencialmente no desapego de todos os bens terrenos, o que as irmãs praticarão mediante a vida comum quanto ao alimento e às vestes, não conservando nada para o próprio uso sem especial licença dos superiores.

2. Faz parte deste voto manter os quartos na máxima simplicidade, procurando ornar o coração de virtudes e não a própria pessoa ou as paredes da própria habitação.

3. Nenhuma irmã poderá conservar no Instituto ou fora dele dinheiro como propriedade ou em qualquer tipo de depósito, seja qual for o motivo, sem a licença expressa dos superiores.

4. Tudo o que for dado como presente às irmãs será entregue à superiora, que disso disporá como julgar mais oportuno, sem ser obrigada a prestar contas de suas disposições. Por sua vez, as irmãs não darão nenhum presente a ninguém, nem mesmo entre si, sem licença expressa; como também não lhes será permitido emprestar ou mudar alguma coisa sem o consentimento da superiora.

5. Onde a necessidade o exigir, cada irmã esteja disposta a sofrer o calor, o frio, a sede, a fome, o cansaço e o desprezo, se isto resultar em maior glória de Deus, utilidade espiritual dos outros e a salvação da própria alma.

6. Para se animarem na observância da pobreza voluntária as irmãs reflitam que esta virtude as faz verdadeiras seguidoras do Divino Salvador, o qual, de rico se fez pobre, e para nos deixar um grande exemplo assumiu a pobreza como esposa e foi seu companheiro desde o nascimento até a morte.

Título VI. Governo interno do Instituto

1. O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora é governado e dirigido por um Capítulo Superior, composto pela superiora-geral, uma vigária, uma ecônoma e duas assistentes, em dependência do Reitor-Mor da Congregação Salesiana.

2. O Capítulo Superior será presidido pelo superior maior ou pelo diretor-geral ou pelo diretor local para isso delegado. O Capítulo Superior se

reunirá quando da abertura de uma nova casa ou estabelecimento ou por qualquer outro assunto que se refira aos interesses gerais do Instituto. Quando se tratar da admissão à vestidura ou à profissão participará também a mestra das noviças.

3. Nunca se poderá abrir uma casa ou assumir a direção de algum instituto, asilo infantil, escola ou semelhantes, antes que o superior maior tenha tratado com o bispo e esteja de pleno acordo com ele quanto à autoridade eclesiástica.

4. A superiora-geral terá a direção de todo o Instituto em subordinação ao superior maior. A ela cabe destinar as irmãs para os diversos ofícios e também transferir as diretoras de uma casa para outra, com o parecer dos seus superiores. Nos casos de compra e venda de bens imóveis, de demolição de edifícios ou do início de novas construções, primeiro deverá se entender com o diretor-geral e obter o consentimento do superior maior. Uma vez por ano e sempre que lhe for solicitado deverá também prestar contas gerais ao superior maior sobre o estado moral, físico e material do Instituto; e acontecendo dispor de dinheiro para além da estrita necessidade, o entregará a fim de que o use segundo julgar ser para a maior glória de Deus.

5. A vigária substituirá a superiora-geral e tomará nota das entradas e saídas de toda a Congregação; cuidará dos legados, testamentos e do modo de fazê-los, das doações que se referem às casas do Instituto e delas conservará um registro. A administração dos bens móveis e imóveis e dos seus frutos também é confiada aos seus cuidados e à sua responsabilidade. Ela, porém, dependerá da superiora-geral, à qual deverá prestar contas da sua gestão a cada trimestre.

6. À vigária é também confiado o ofício de monitora secreta da superiora-geral, mas só lhe fará alguma advertência por motivos graves e nunca antes de ter rezado e consultado a Deus a respeito, para conhecer se é conveniente fazer a admoestação, e também quanto ao modo, ao lugar, ao tempo em que poderia ser mais vantajosa. A própria superiora de quando em quando lhe pedirá se tem alguma observação a fazer a fim de facilitar a oportunidade de lhe prestar mais facilmente esse caridoso serviço.

7. A ecônoma cuidará de tudo o que se refere às coisas materiais das casas. As reformas dos edifícios, as novas construções, as compras e vendas, as provisões por atacado para roupas, alimentação, móveis e tudo o que se refere a essa gestão são confiadas de modo particular à ecônoma, dependentemente da superiora-geral.

8. A primeira assistente manterá a correspondência do Capítulo Superior com todas as casas do Instituto e também com os externos, mas sempre com

prévio encargo por parte da superiora-geral. Cuidará dos decretos, das cartas e de todo qualquer escrito que se refira às autoridades eclesiásticas, municipais e civis.

9. À segunda assistente será confiado o que se refere às escolas e ao ensino nas diversas casas do Instituto.

Título VII. Eleição da superiora-geral, da vigária, da ecônoma e das duas assistentes

1. A superiora-geral e as outras irmãs do Capítulo Superior ficarão no cargo por seis anos e podem ser reeleitas.

2. As eleições podem ser feitas em qualquer tempo, segundo o parecer do superior maior, mas se não houver algum impedimento, serão feitas na oitava da festa de Maria Auxiliadora, ou então por ocasião do Capítulo-Geral.

3. Três meses antes, a superiora-geral avisará todas as casas de que está para expirar o tempo do seu cargo e do das irmãs do Capítulo Superior. Ao mesmo tempo, o superior maior mandará as irmãs fazer orações a fim de obter as luzes celestes, e advertirá a todas que participarem das novas eleições quanto à obrigação de dar o voto para as irmãs que julgarem mais idôneas para o governo do Instituto e mais aptas para promover a glória de Deus e a salvação das almas.

4. A eleição da superiora-geral, na medida do possível, não deverá ir além de quinze dias após o término do prazo do seu ofício. Nesse tempo, a mesma superiora-geral fará de vigária em tudo o que se referir à direção e administração do Instituto

5. Da eleição da superiora-geral participarão o Capítulo Superior e as diretoras de cada casa. Caso alguma não puder comparecer a fim de dar o seu voto, a eleição será válida igualmente. A eleição será presidida pelo superior maior ou pelo diretor-geral, acompanhado por dois sacerdotes assistentes.

6. Como da eleição de uma boa madre geral costuma resultar grande bem para o Instituto e para a glória de Deus, a fim de facilitar a escolha, o superior maior, um pouco antes da eleição, poderá também propor uma série de nomes de irmãs que lhe parecerem mais idôneas para o ofício de superiora-geral.

7. O modo de proceder a esta eleição será o seguinte: posto sobre um altarzinho ou uma mesinha o crucifixo e acesas duas velas, o superior maior ou o seu delegado entoará o *Veni Creator,* seguido *do Oremus Deus qui corda* etc.

Em seguida, após breve alocução feita por ele a respeito, as eleitoras escreverão numa cédula o nome daquela que querem eleger, e dobrada a cédula, irão em ordem depositá-la na urna devidamente preparada. Em tudo se guardará o mais rigoroso segredo, de modo que uma não possa conhecer o voto da outra, nem antes, nem depois da votação. A que obtiver a maioria absoluta dos votos será eleita como superiora-geral. Por maioria absoluta dos votos se entende que mais da metade das cédulas postas na urna sejam a seu favor.

8. O superior maior confirmará com a sua autoridade a eleição realizada.

9. Se a eleição não puder ser efetuada na primeira votação, no mesmo dia ou nos dias seguintes poderá ser feita ainda uma vez nova votação Caso a eleição, por dispersão de votos, não resultar após a segunda votação, caberá ao superior maior escolher como superiora-geral a irmã que julgar mais idônea para o cargo.

10 A eleição da vigária, da ecônoma e das duas assistentes se fará do mesmo modo, em cédulas distintas, mas a eleição será válida com a simples maioria relativa dos votos, o que significa que se considerará eleita a irmã que tiver obtido mais votos do que todas as demais. Também sua eleição será aprovada e confirmada pelo superior maior.

11. A superiora-geral cessante, contanto que não seja deposta, se não for eleita vigária ou ecônoma, naquele sexênio será de pleno direito a primeira assistente, sem necessidade de eleição.

12. O escrutínio das cédulas será feito por duas assistentes e pelo presidente, que em seguida mandará queimar as cédulas na presença do Capítulo das eleitoras.

13. Terminada e confirmada a eleição se cantará o *Te Deum*, e o diretor-geral, em nome do superior maior, comunicará o resultado das eleições a todas as casas.

14. Uma irmã para ser eleita superiora-geral, vigária, ecônoma ou assistente deverá: 1° Ter 35 anos de idade e 10 de profissão, mas sendo necessário, o superior maior, antes ou depois da eleição, poderá modificar essas condições; 2° Ter sido sempre exemplar; 3° Ser dotada de prudência, caridade e zelo quanto à observância regular; 4° Ser professa perpétua.

15. Embora não se possa supor que uma humilde Filha de Maria Auxiliadora se deixe levar pela ambição a usar de subterfúgios e intrigas para obter promoções, todavia, para prevenir o caso, declara-se que as irmãs notoriamente ambiciosas, dado que indignas e ineptas, são consideradas inelegíveis.

16. Verificando-se o caso de que alguma irmã do Capítulo Superior, antes de terminar seis anos, deva cessar do seu ofício, a superiora-geral, com o consentimento do superior maior, elegerá uma suplente conforme julgar melhor no Senhor; mas esta ficará no cargo somente até o fim do sexênio já iniciado por aquela que a precedeu no cargo.

17. Caso, durante o sexênio, ocorrer a morte da superiora-geral, ou ela por algum motivo deixar o seu ofício, far-se-á a eleição de uma nova superiora na forma acima descrita; a não ser que, para evitar maiores complicações, o superior maior a eleger com a sua autoridade. Em ambos os casos, a eleita ficará no cargo somente até o término do sexênio iniciado, quando haverá a nova eleição pelo Capítulo Superior.

18. Durante a vacância, a vigária governará o Instituto até a eleição da nova superiora.

19. Caso a nova superiora tiver que ser eleita pelo Capítulo-Geral, a vigária avisará todas as casas e de acordo com o superior maior escolherá o tempo oportuno para a dita eleição.

20. A superiora-geral visitará cada casa pelo menos uma vez por ano. Se, pela distância ou pelo número das casas, não puder fazer tal visita pessoalmente, com o consentimento dos seus superiores escolherá algumas visitadoras às quais dará o encargo de fazer suas vezes. As visitadoras farão as vezes da superiora-geral somente nas coisas e nos assuntos que lhes forem confiados.

Título VIII. Eleição das diretoras das casas particulares e do respectivo Capítulo

1. Cada casa do Instituto é presidida por uma diretora, à qual as irmãs que tiverem sido destinadas a tal casa lhe prestarão obediência.

2. Pelo Capítulo Superior das irmãs e com a aprovação e confirmação do superior maior, será eleita a diretora de cada casa e um Capítulo particular proporcionado ao número de irmãs que nela convivem. Após a diretora, as primeiras a serem eleitas são a vigária e as assistentes, conforme a necessidade. Para a eleição destas, participará do Capítulo Superior também a nova diretora.

3. A diretora poderá administrar os bens que levou para a Congregação e que foram doados para sua casa particular, mas sempre no limite fixado pela superiora-geral ou pelo diretor local, se as irmãs forem adidas a um instituto salesiano. Ela não poderá comprar, vender imóveis, construir novos edifícios, introduzir novidades de relevo sem o consentimento dos seus superiores. Na administração, ela deve cuidar de todo o andamento moral, material e escolar,

se houver escolas, e para os assuntos mais importantes reunirá o seu Capítulo e nada decidirá sem ouvir o seu parecer. Todos os anos prestará contas exatas da sua administração à superiora-geral.

4. A vigária fará as vezes da diretora quando esta se ausentar, e o seu ofício consistirá em administrar as coisas temporais. Por isso, cuidará de tudo o que se refere à economia doméstica. Estará atenta para que não falte nada, que nada se desperdice ou se estrague, e fará todas as provisões para a casa. Se esta for anexa a um colégio salesiano ou a algum outro instituto, ela receberá de quem de direito as orientações a respeito das despesas a serem feitas. A mesma vigária prestará contas da sua gestão à diretora sempre que esta lhe pedir.

5. As assistentes intervirão em todas as deliberações de alguma importância, ajudarão a diretora nos assuntos escolares e domésticos e em tudo o que lhes for confiado.

Título IX. Da mestra das noviças

1. A mestra das noviças será eleita e constituída pela superiora-geral com o parecer do seu Capítulo e com o consentimento do superior maior.

2. A mestra das noviças deve ser uma irmã de sólida virtude e prudência; tenha pleno e claro entendimento das santas Regras e seja conhecida pelo seu espírito de piedade, humildade e paciência à toda prova. Deve ter pelo menos 30 anos de idade e 5 de profissão. Sua permanência no cargo depende das determinações dos seus superiores.

3. A mestra das noviças terá o máximo cuidado em ser afável e cheia de bondade, para que as jovens lhe abram o coração em tudo o que pode ajudar a progredir na perfeição. Ela as dirigirá e instruirá na observância das Constituições, especialmente no que se refere ao voto de castidade, pobreza e obediência. Em tudo seja de modelo para elas, a fim de que se cumpram todas as prescrições da Regra. Recomenda-se também que inspire nas noviças o espírito de mortificação, mas que use de grande discrição nas mortificações externas para que as noviças não se enfraqueçam em suas forças a ponto de se tornarem ineptas para os ofícios do Instituto.

4. Vigie atentamente quanto às imperfeições das noviças e recorra com frequência a Deus para que a ilumine a fim de discernir os defeitos de ordem natural dos que provêm da vontade: os primeiros, ela saberá compadecer e orientar para uma útil reforma; os segundos, procurará corrigir, eliminar e aniquilar com prudente discrição e caridade.

5. Santa Teresa queria que as religiosas fossem alegres, sinceras e abertas. Por isso, a mestra das noviças ficará atenta para que as noviças sejam assim,

pois as irmãs dotadas dessas qualidades são as mais aptas a inspirar nas jovens e nas pessoas do mundo estima e amor à piedade e à religião.

6. Finalmente não esqueça que o espírito do Instituto é espírito de caridade e de doçura, de abnegação e de sacrifício; por isso procure informar e animar as noviças quanto a esse espírito a fim de que, feita a profissão, se tornem hábeis instrumentos da glória de Deus e da salvação das almas.

7. O que foi dito da mestra das noviças, em parte é aplicado também à assistente ou à mestra das postulantes. Esta, particularmente nos primeiros dias de experiência, seja para elas de consolo e conforto; em seguida, procure observar se têm verdadeira vocação ao estado religioso e se possuem as qualidades físicas e morais requeridas pelas Regras.

Título X. Capítulo-Geral

1. Cada seis anos e possivelmente quando se deve eleger o Capítulo Superior, se celebrará o Capítulo-Geral, do qual tomarão parte o superior maior e o diretor-geral com dois sacerdotes assistentes, o Capítulo Superior e as diretoras de cada casa, caso a distância e outras circunstâncias o permitirem.

2. No Capítulo-Geral serão tratados assuntos de interesse comum da Congregação e também se poderão modificar os artigos das Constituições, mas segundo o espírito do Instituto.

3. Se o superior maior não tiver participado pessoalmente do Capítulo-Geral, todos os atos do mesmo deverão ser submetidos ao seu exame e não obrigarão antes de receber sua aprovação.

Título XI. Condições para a aceitação

1. As jovens que desejam se agregar ao Instituto de Maria Auxiliadora farão seu pedido ao superior maior ou à superiora-geral, que por ela mesma ou por meio de uma irmã a isso destinada se informará quanto à sua condição, comportamento, habilidade, etc., e, encontrando-as dotadas das qualidades necessárias, as admitirá entre as postulantes.

2. Condições pessoais: nascimento legítimo, ótimos costumes, sincera disposição para as virtudes próprias do Instituto, atestado de bom comportamento emitido pelo pároco, testemunho do mesmo que comprove a honestidade da família da postulante; constituição sadia, compreendendo a isenção de qualquer defeito físico e de doença originária; certificado de vacina ou de ter sofrido a varíola; idade entre os 15 e os 30 anos, e que já não tenha sido religiosa em alguma outra congregação.

3. As postulantes pagarão a pensão de 30 francos mensais pelo tempo de experiência em preparação ao noviciado, prova que durará pelo menos 6 meses. Trarão consigo também um enxoval suficiente, segundo a orientação que lhes será comunicada. Dado que as irmãs conservam os direitos civis, trarão como dote o que lhes couber por parte da própria família. Esse dote, porém, nunca seja menor de mil liras. A superiora-geral pode modificar este artigo quando julgar ser para a maior glória de Deus.

4. Saindo ou falecendo uma jovem no tempo dessa prova será devolvido à família o dote e o enxoval, ficando porém a cargo dos parentes as despesas de pensão, doença e funeral.

5. Se uma noviça sair ou falecer, será restituído aos parentes o enxoval no estado em que se encontrar, contanto que do seu dote se possam retirar 15 liras mensais pelo tempo transcorrido no noviciado.

6. O dote e o enxoval passarão integralmente para o Instituto no caso de uma irmã sair ou morrer como professa.

Título XII. Da vestidura e da profissão

1. A jovem aceita entre as postulantes permanecerá ali pelo menos por 6 meses no exercício das virtudes próprias do Instituto, absorvendo seu espírito e habilitando-se para tudo o que lhe poderá ser útil nos diversos ofícios, particularmente em dar aula e catecismo.

2. Terminada essa primeira prova, a superiora-geral obterá do superior maior a faculdade para submetê-la a um exame da vocação pelo diretor que for incumbido para isso. Em seguida se passará à votação pelo Capítulo da casa na qual se encontra a postulante; se ela obtiver a maioria dos votos, far-se-á relação exata ao Capítulo Superior que decidirá quanto a admiti-la à vestidura com as cerimônias prescritas. No caso de a postulante não ser admitida à vestidura, serão avisados os parentes e ela lhes será restituída.

3. Após a vestidura haverá dois anos de noviciado. Um mês antes de terminar, será novamente submetido a exame o comportamento e a aptidão da noviça; se no escrutínio que se fará a seu respeito ela obtiver a maioria dos votos favoráveis, será admitida à santa profissão, segundo o formulário prescrito. Num livro apropriado se registrará o dia da profissão com a assinatura da professa e de duas irmãs testemunhas. Caso não for aprovada, retornará para a própria família, a não ser que o Capítulo julgue conveniente prolongar sua prova por mais 6 meses, após os quais se chegará a uma última e definitiva deliberação.

4. A vestidura será precedida por alguns dias de retiro e a santa profissão pelos exercícios espirituais regulares.

5. Em cada casa do Instituto se conservará um livro no qual se registrará a idade, o lugar de proveniência, o nome e sobrenome das irmãs que ali vivem e de seus pais.

6. Por graves motivos de moralidade e de comportamento, as noviças poderão ser despedidas do Instituto pela superiora-geral e as professas pelo Capítulo Superior com o consentimento do superior maior, que no ato também as dispensará dos votos.

Título XIII. Virtudes essenciais propostas ao estudo das noviças e à prática das professas

1. Caridade paciente e zelosa não só para com a infância, mas também com as jovens e com qualquer pessoa, a fim de fazer o maior bem possível às almas.

2. Simplicidade e modéstia, com santa alegria; espírito de mortificação interna e externa; rigorosa observância da pobreza.

3. Obediência de vontade e de juízo, humildade em aceitar de boa vontade e sem observações os avisos, as correções e os ofícios que lhes forem confiados.

4. Espírito de oração, mediante o qual as irmãs atendam de bom grado às obras de piedade, se mantenham na presença de Deus e se abandonem à sua doce Providência.

5. Estas virtudes devem ser muito provadas e enraizadas nas Filhas de Maria Auxiliadora, porque nelas deve caminhar com o mesmo passo a vida ativa e contemplativa, reproduzindo Marta e Madalena*, a vida dos apóstolos e dos anjos.

Título XIV. Distribuição do tempo

1. Dado que as ocupações das Filhas de Maria Auxiliadora são muitas e variadas, é necessária grande solicitude para desempenhá-las com exatidão e em boa ordem. Para isso será muito útil uma justa e cuidadosa distribuição das horas do dia.

* Maria Madalena é confundida com Maria, irmã de Marta e Lázaro, dado que também esta Maria ungira os pés do Senhor como fizera Maria Madalena. Maria e Marta, irmãs de Lázaro, se tornaram o ícone de vida ativa e contemplativa.

2. Por isso, a partir do dia 1° de abril até o fim de agosto, o levantar será às 5 horas; de 1° de setembro até o fim de março, será às 5h30min. Haverá meia hora para se vestir, arrumar a cama, lavar-se, etc. Ao sinal da campainha, as irmãs irão para a própria capela a fim de fazer em comum as orações, conforme o formulário prescrito. Em seguida se fará meia hora de meditação, para a qual se lerá em voz alta o assunto. Depois ouvirão a santa missa. O tempo que seguir até a hora do almoço será ocupado nos trabalhos que lhe serão indicados pela obediência, excetuando a meia hora destinada ao café da manhã.

3. Um quarto de hora antes do meio-dia irão para a igreja ou para o oratório privado a fim de fazer o exame particular de consciência e recitar o *Angelus*, após o qual irão para o refeitório para o almoço. Durante a refeição se fará leitura de algum livro de ordem moral, mas que seja fácil e apto a instruir e a aliviar o espírito. Nas principais solenidades a superiora poderá dispensar a leitura no todo ou em parte.

4. Antes e depois das refeições se farão as costumeiras orações. Após o almoço haverá cerca de uma hora de recreio. Durante esse tempo as irmãs se entreterão juntas como boas irmãs, animando-se reciprocamente no serviço divino e alegrando-se por se encontrarem na santa casa de Deus e longe do perigo de ofendê-lo. Para descansar o espírito e o corpo não são proibidas brincadeiras honestas e inocentes. Nenhuma irmã deve se ausentar do recreio sem licença. Terminado o recreio, irão para a capela fazer uma breve visita ao Santíssimo Sacramento, após a qual se dedicarão com diligência às próprias ocupações.

5. Às quatro horas e um quarto farão em comum quinze minutos de leitura espiritual, após a qual haverá meia hora de recreio. Cerca de meia hora antes do jantar irão para a capela e recitarão a terceira parte do santo rosário.

6. Durante o jantar haverá a leitura como ao almoço. Depois do recreio, irão para a capela, recitarão as orações em comum e, lido o assunto da meditação para o dia seguinte, em silêncio se entregarão ao descanso.

Título XV. Da clausura

As Irmãs de Maria Auxiliadora, embora não podendo professar estrita clausura por causa dos ofícios de caridade que devem prestar ao próximo, todavia, observarão as seguintes normas:

1. Não introduzirão pessoas externas, a não ser na parte da casa destinada a receber os externos, ou então em caso de necessidade somente nos dormitórios destinados às educandas. Nos demais ambientes ocupados pelas irmãs,

especialmente nos dormitórios, não será lícito introduzir outras pessoas, a não ser as que por dever ou necessidade forem chamadas ou quando ocorrerem casos extraordinários nos quais a superiora julgar conveniente fazer uma exceção. Na enfermaria só poderão introduzir o médico, o diretor e os parentes mais próximos da irmã doente, mas sempre acompanhados por alguma irmã.

2. Ao som da *Ave-Maria* da tarde, não se admitirá em casa mais nenhuma pessoa estranha, exceto em caso de grave enfermidade de alguma jovem.

3. Nenhuma irmã poderá sair de casa para passear ou fazer visitas, nem para desempenhar algum ofício, sem a licença da superiora, a qual vez por vez a fará acompanhar por uma irmã ou por uma pia pessoa externa.

4. Exceto em caso de viagem ou de uma obra de caridade, as irmãs não ficarão fora de casa depois do som da *Ave-Maria* da tarde.

5. Nunca pararão pelas ruas a conversar com quem quer que seja, a não ser por grave necessidade que as justifique diante de quem as observa.

6. Nunca se hospedarão, nem tomarão refeições ou bebidas em casa de externos, a não ser em caso de viagem ou de alguma outra necessidade ou conveniência.

7. No caso de alguma viagem, se tiverem que pernoitar em algum lugar onde houver irmãs do mesmo Instituto, sempre se hospedarão com elas, embora ali haja parentes ou conhecidos. As coirmãs religiosas as acolherão sempre com caridade e benevolência, não recebendo nenhuma compensação pela hospitalidade dispensada.

8. As irmãs não frequentarão nem mesmo a casa dos senhores párocos ou de outros sacerdotes ou de pessoas leigas, nem ali prestarão serviços, nem ficarão para almoçar, ou para participar de reuniões ou de práticas devotas. Com isso não se proíbem as visitas que o respeito e a gratidão exigem que sejam feitas especialmente aos benfeitores e às benfeitoras do Instituto.

9. As residências das irmãs serão completamente separadas das demais residências, de tal modo que nenhuma pessoa possa entrar ou sair a não ser pela porta da sua casa que dá para fora.

10. Onde as irmãs prestarem seu serviço nos colégios ou nos seminários devem se comunicar unicamente por meio da roda, tanto para a comida, quanto para as vestes, a roupa de cama, alfaias da igreja e coisas semelhantes.

11. Em cada casa haverá um locutório, onde, havendo necessidade, a superiora poderá conversar com o diretor e com pessoas externas; mas isso não deverá ocorrer de noite, a não ser diante de grave necessidade, e sempre com a porta fechada a chave.

12. Sem licença da superiora, nenhuma irmã, nem mesmo no locutório, poderá conversar a sós com alguma pessoa, a não ser que se trate do bispo, do superior maior e do diretor-geral.

13. As conversas sejam breves, a respeito de coisas necessárias ou úteis, e sempre marcadas de seriedade e reserva, como quem fala com Deus.

14. A superiora vigie atentamente quanto à escolha e ao modo de se comportar das irmãs que têm algum encargo relativo a pessoas externas, como no caso da escola, dos oratórios festivos e das oficinas, da cozinha, da rouparia e coisas semelhantes.

15. Em cada casa as irmãs terão uma capela própria para as práticas de piedade. Onde não for possível tê-la, assistirão as celebrações sagradas num coreto separado, na igreja da comunidade à qual são adidas, ou então na igreja paroquial, em lugar apropriado e conveniente.

16. A diretora cuidará para que as confissões das irmãs nunca sejam feitas à noite. Havendo necessidade, faça de tal modo que o lugar destinado para isso seja iluminado, a fim de não haver inconvenientes.

Título XVI. Do silêncio

1. Como o silêncio promove grandemente a observância da vida regular, numa casa religiosa onde ele for observado devidamente haverá fervor do espírito, recolhimento, piedade sólida e a união com Deus; por isso, se recomenda calorosamente às Filhas de Maria Auxiliadora que o observem com muita exatidão.

2. No Instituto, o silêncio se distingue em duas modalidades: rigoroso e moderado. O silêncio rigoroso começará a partir do sinal das orações da noite e durará até a manhã seguinte depois da santa missa. Este silêncio requer, não somente que não se converse, mas que se evite qualquer vaivém, barulho ou rumor que possa perturbar o recolhimento próprio e o da comunidade.

3. O silêncio moderado compreende todo o resto do dia, menos os recreios de que se trata no Título XIV. Além disso, será permitido falar em voz baixa quando houver necessidade ou obrigação, como na orientação no trabalho, ao cumprir tarefas, arrumar as coisas da casa ou atender a alguma tarefa solicitada por pessoas de fora.

4. Nas oficinas se poderá romper esse tipo de silêncio por meia hora, depois das 10 da manhã, falando moderadamente, ou também cantando loas sacras. O mesmo se poderá fazer, mesmo fora das oficinas, das 4h30min até as 5 horas da tarde.

5. Sem real necessidade, nenhuma irmã deve falar nos dormitórios, nos corredores e pelas escadas.

6. Nas casas particulares onde, por razões de ofício, não se pode observar o silêncio como acima, a diretora cuidará de fixar um tempo mais livre e mais adaptado para isso.

7. Cada irmã aproveite da ocasião propícia do silêncio para manter-se unida a Deus, pensando com frequência nele e dirigindo-lhe afetuosas aspirações.

Título XVII. Práticas de piedade particulares

1. Todos os dias as irmãs farão por sete vezes a comemoração das sete dores de Maria Santíssima, e no fim de cada uma delas recitarão uma *Ave-Maria* com a oração que depois repetirão frequentemente ao longo do dia: *Eterno Pai, nós vos oferecemos* etc. Das vésperas do sábado santo até o fim do domingo *in Albis* e durante toda a oitava da Assunção de Maria Santíssima ao céu, às mesmas horas, recitarão, distribuídas uma por vez, as sete alegrias de Maria Santíssima.

2. No quarto de hora determinado para a leitura espiritual se lerão os livros que lhes serão indicados pelos superiores. Recomendam-se particularmente a *Imitação de Cristo*, a *Monja santa* e a *Prática de amar Jesus Cristo* do doutor Santo Afonso; a *Filoteia* de São Francisco de Sales adaptada para a juventude, Rodríguez e as vidas dos santos e das santas que se dedicaram à educação da juventude. Por nenhum motivo, nem mesmo por busca de maior perfeição ou de estudo e instrução, as irmãs providenciarão para si ou lerão livros sem antes serem examinados ou permitidos pelos superiores.

3. Aos domingos e em todas as festas de preceitos, as irmãs recitarão o ofício da Beatíssima Virgem, a não ser que tomem parte nas celebrações paroquiais ou participem de alguma reunião. O ofício da Bem-aventurada Virgem seja recitado com a máxima devoção, lentamente, com voz uníssona, e ao asterisco se faça uma breve pausa.

4. As irmãs se aproximarão do tribunal da penitência cada oito dias. Se nesse espaço de tempo alguma irmã, havendo comodidade, quiser se confessar de novo ou falar de sua alma com o confessor, é livre de fazê-lo, mas antes ou depois informará a diretora, a qual se absterá de lhe perguntar o motivo. Na acusação das próprias faltas procurem omitir as circunstâncias inúteis; sejam breves e falem com simplicidade e humildade suas culpas como se as acusassem ao próprio Jesus Cristo. Tenham grande respeito e usem de grande confiança para com o próprio confessor, como convém a quem está destinado

por Deus a ser pai, mestre e guia das suas almas; nunca, porém, falem entre si de assuntos de confissão e muito menos a respeito do confessor.

5. No primeiro domingo ou na primeira quinta-feira do mês será dia de retiro espiritual, no qual, deixando na medida do possível os assuntos temporais, cada irmã se recolherá em si mesma, fará o exercício da boa morte, dispondo as suas coisas espirituais e temporais, como se tivesse que abandonar este mundo e encaminhar-se para a eternidade. Faça-se alguma leitura adequada à necessidade e, onde for possível, a superiora peça ao diretor uma pregação ou uma conferência sobre o assunto.

6. Cada seis meses as irmãs terão à disposição um confessor extraordinário, escolhido pelo superior maior e aprovado para as confissões na diocese. Fora desse tempo, se alguma irmã precisar, o solicitará à superiora que com facilidade lhe concederá.

7. A santa comunhão normalmente será feita em todos os domingos e nas festas de preceito, nas quintas-feiras e nos sábados de cada semana, no aniversário da vestidura e da profissão. Todavia, cada irmã poderá comungar todos os dias, se tiver a licença do confessor.

8. Se por algum motivo uma irmã julgar conveniente não fazer a comunhão, não é obrigada a prevenir a superiora; mas, caso a irmã se abstenha por mais de uma semana, a superiora procurará conversar com ela com boas maneiras, e havendo necessidade, providencie ajuda para sua necessidade espiritual.

9. Serão celebradas com particular devoção as festas de São José, de São Francisco de Sales e de Santa Teresa de Jesus, que são os padroeiros especiais do Instituto.

10. Festas principais do Instituto são as solenidades da Imaculada Conceição e de Maria Santíssima Auxiliadora, precedidas por uma devota novena. As irmãs se prepararão com sentimentos de grande piedade, aproximando-se dos santos sacramentos e agradecendo ao Senhor e à Bem-aventurada Virgem por lhes ter concedido a graça da vocação religiosa.

11. Não há norma que prescreva às irmãs abstinências e jejuns particulares, além dos que são ordenados pela Santa Igreja; quanto a isso, também elas não podem seguir o próprio arbítrio, mas obedecerão ao confessor e à superiora. Como também não farão penitências corporais sem antes pedir a devida autorização.

12. Todavia, procurarão uniformar-se ao louvável costume de jejuar cada sábado em honra de Maria Santíssima. Caso durante a semana houver algum jejum mandado pela Igreja ou o sábado cair num dia festivo, o jejum da Regra fica dispensado.

Título XVIII. Normas gerais

1. Todas as irmãs das diversas casas, uma vez por ano, deverão ir até a casa central, ou então, se a distância for muito grande, a uma casa determinada pelos superiores, para dedicar-se alguns dias aos exercícios espirituais. Se por causa das obras a que devem se dedicar não for possível que todas as irmãs os façam junto, farão os exercícios dividindo-se em duas ou mais vezes, conforme determinar a superiora. No fim dos santos exercícios as irmãs professas renovarão em comum e diante do Santíssimo Sacramento os votos emitidos no dia da sua profissão.

2. As cartas escritas às irmãs ou por estas escritas a outras pessoas, onde se julgar conveniente, sejam abertas e lidas pela superiora, a qual poderá dar-lhes sequência ou retê-las.

3. As irmãs poderão escrever, sem pedir licença, ao sumo pontífice, ao superior maior, ao diretor-geral e à superiora-geral; igualmente receberão as cartas dessas pessoas sem que ninguém possa abri-las.

4. Quando receberem visitas dos próprios parentes ou de outras pessoas, irão para o locutório acompanhadas por alguma irmã indicada pela superiora. Em ocasiões semelhantes de visitas indispensáveis recomenda-se às irmãs que usem de grande prudência e modéstia cristã, e às superioras que tomem todas as medidas necessárias para prevenir qualquer inconveniente. Como as Filhas de Maria Auxiliadora têm muitas ocupações, assim, quando não se tratar de assuntos importantes, as próprias irmãs pedirão aos seus parentes que não as visitem mais de uma vez por mês.

5. As irmãs se amarão umas às outras no Senhor, mas terão grande cuidado para não se prenderem entre si ou com qualquer pessoa mediante afetos ou amizades particulares, que afastam do perfeito amor a Deus e se tornam a peste das comunidades.

6. A nenhuma irmã é permitido atribuir encargos, nem a meninas da escola, nem a seus parentes, nem a quem quer que seja, a não ser com a prévia licença da superiora, à qual deverá referir qualquer encargo a ser feito.

7. Cada irmã deve reconhecer-se como a mínima entre todas, por isso nenhuma delas se absterá de ações humildes, nem se recusará a se ocupar dos ofícios mais baixos da casa, nos quais a superiora a exercitará conforme as suas forças e segundo o que prudentemente julgar conveniente no Senhor.

8. As Filhas de Maria Auxiliadora se mostrarão alegres com as coirmãs, rirão, brincarão, etc., sempre, porém, como parece que devam fazer os anjos entre si; mas na presença de pessoas de outro sexo conservarão sempre uma atitude nobre. Andando pelas ruas, caminharão com a máxima compostura e

modéstia, nunca fixando as pessoas, nem os que encontrarem pelo caminho, saudando, todavia, com inclinação da cabeça a quem as saudar e às pessoas eclesiásticas, se passarem perto delas.

9. Em casa e fora dela usarão sempre um modo de falar humilde, nunca pretendendo impor aos outros os próprios sentimentos, evitando particularmente toda palavra áspera, pungente, de reprovação, de vaidade relativa a si mesmas ou ao bem que o Senhor se dignar fazer surgir das suas obras, cumprindo todas as suas ações particulares e comuns unicamente por amor de Deus. Nunca falarão do próprio nascimento, da idade ou de riquezas, se por acaso no mundo tiveram alguma. Nunca levantarão a voz falando com quem quer que seja, mesmo durante o tempo de recreio.

10. Dos ministros de Deus sempre falarão com grande respeito; e quando alguma irmã tiver alguma observação a fazer a respeito de algum deles a confidenciará unicamente aos seus superiores. A mesma atitude as irmãs usarão falando das próprias superioras e das religiosas de outras congregações, como também das próprias coirmãs que deixaram o Instituto.

11. Quando tiverem que tratar com pessoas de outro sexo, falarão de modo afável, com um misto de espontânea gravidade, porque, se forem de condição superior a elas, por exemplo, eclesiásticos, assim exige o respeito devido ao seu estado; se forem leigos, assim exige o decoro e o bom exemplo. Todo o seu empenho consistirá em mostrar-se, no trato e no modo de olhar e em toda a sua pessoa, como devem ser, isto é, esposas de Jesus Cristo crucificado e filhas de Maria.

12. Na igreja estarão com a máxima compostura, direitas na pessoa, e se ajoelharão até o chão passando diante do altar onde se conserva o Santíssimo Sacramento. As professas levarão ao peito o crucifixo e as noviças a medalha de Maria Auxiliadora.

13. Cada irmã cuidará da própria saúde; por isso, se uma irmã não estiver bem de saúde, sem esconder ou exagerar o mal, avisará a superiora para que ela possa providenciar àquela necessidade. Durante a doença obedecerá à enfermeira e ao médico cirurgião, para que cuidem do seu corpo conforme julgarem melhor diante de Deus. Procurará também se mostrar paciente e resignada à vontade de Deus, suportando as privações inseparáveis da pobreza e conservando sempre uma imperturbável tranquilidade de espírito, nas mãos daquele Senhor que é Pai amoroso, tanto quando nos conserva a saúde, como quando nos aflige com doenças e sofrimentos. A fim de fortalecê-las mais no espírito, às enfermas obrigadas a manter o leito se dará a santa comunhão uma ou mais vezes por semana, onde o tipo de doença e o lugar o permitirem.

14. As irmãs procurarão manter-se sempre estreitamente unidas pelo doce vínculo da caridade, pois seria deplorável se aquelas que assumiram como finalidade da própria vida a imitação de Jesus Cristo descuidassem o cumprimento da observância daquele mandamento que foi o mais recomendado por ele, a ponto de qualificá-lo como o seu preceito. Portanto, além da compreensão recíproca e do amor imparcial, fica também prescrito que, se a alguma irmã ocorrer faltar de caridade para com outra, peça desculpas no primeiro momento em que, de espírito calmo, se der conta da própria falta, ou pelo menos antes de dormir, e a irmã ofendida lhe conceda imediatamente o perdão mais cordial.

15. Para maior perfeição da caridade, cada irmã preferirá com prazer o bem-estar das coirmãs antes que o próprio, e em todas as ocasiões se ajudarão e se apoiarão com demonstrações de benevolência e de santa amizade; nunca se deixarão vencer por algum sentimento de ciúme de umas contra as outras. Enquanto ao tratamento recíproco, as irmãs se tratarão por "tu" ou por "vós", as súditas tratarão as superioras do Instituto e as diretoras por "senhora".

16. Desejem e procurem eficazmente fazer ao próximo todo o bem que lhes seja possível, entendendo sempre ajudar e servir a Nosso Senhor Jesus Cristo na pessoa dos seus pobres, especialmente assistindo, servindo, confortando as coirmãs doentes e aflitas e promovendo o bem espiritual das meninas dos lugares onde residem. Além disso, evitem pedir ou permitir que as jovens externas da escola, das oficinas ou dos oratórios festivos, lhes falem de divertimentos mundanos, ou narrem ações e práticas mais ou menos inconvenientes.

17. Considerem-se felizes quando puderem prestar um serviço a alguma pessoa; mas estejam muito atentas para nunca ofender alguém mediante escritos, com palavras ou com atos menos gentis. Quando não puderem prestar um favor solicitado, usem as expressões mais cordiais para demonstrar desprazer ao ter que recusar. Como também, nas conversas especialmente com pessoas estranhas ao Instituto e com as inferiores, usem de certa esperteza para orientar a conversa, ora sobre Deus, ora sobre assuntos de religião ou sobre alguma virtude ou fato edificante. Fazendo assim, cada irmã poderá, na sua pequenez, ser sal e luz do próximo e merecer o elogio que a Igreja faz de Santa Catarina de Sena, isto é, que nenhuma pessoa se afastava dela sem se sentir melhor.

18. Para crescer na perfeição religiosa será muito útil ter o coração aberto para com as superioras, como sendo as pessoas destinadas por Deus para dirigi-las no caminho da virtude. Portanto, todas as irmãs tenham grande confiança na superiora e na diretora, considerem-na qual mãe afetuosa, e ela

procure de fato mostrar-se tal. Recorram a ela nas suas dúvidas, manifestem-lhe suas penas e lhe exponham suas necessidades e dificuldades.

19. Farão o mesmo com o superior maior e com quem o representa, e isto especialmente nos rendicontos e sempre que forem especificamente interrogadas, persuadindo-se de que os superiores não desejam outra coisa senão ajudá-las a amar a Deus e a se santificarem.

20. As irmãs de cada casa, uma vez por mês e também mais frequentemente, se for preciso, manifestarão à própria superiora ou diretora o seu comportamento externo, com toda simplicidade e franqueza, e receberão dela os avisos e conselhos para terem bom êxito na prática da mortificação e na observância das santas Regras do Instituto. Excluem-se, porém, desse rendiconto, as coisas íntimas e também as exteriores quando forem matéria de confissão.

21. Todas as irmãs assistirão à conferência que a superiora ou o diretor fará para elas todos os domingos a fim de instruí-las quanto aos seus deveres, ou para corrigi-las dos defeitos que poderiam diminuir o fervor e a observância na comunidade.

22. Todas as irmãs façam o maior esforço para cumprir os exercícios de piedade, de cuja observância deriva o fervor interior que move docemente a pessoa a se adequar em tudo a Jesus Cristo, nosso divino modelo e esposo das almas fiéis.

23. A caridade que em vida manteve unidas as Filhas de Maria Auxiliadora não deverá cessar depois da sua morte. Por isso, quando alguma irmã for chamada à eternidade, será celebrada a santa missa *de requie* e as irmãs da casa onde ocorreu a morte farão a santa comunhão e recitarão por inteiro o rosário da Bem-aventurada Virgem. O cadáver será vestido com o hábito religioso e acompanhado decorosamente à sepultura, conforme o costume de cada lugar.

24. Se a irmã falecida era professa, a diretora, além da missa *de requie,* fará aplicar outras 5 missas em sufrágio de sua alma. Todos os anos, no dia seguinte à festa de Maria Auxiliadora, na casa-mãe se cantará ou se celebrará uma missa e todas as irmãs farão a comunhão em sufrágio das coirmãs falecidas; farão o mesmo no fim de cada turno de exercícios espirituais.

25. Por ocasião da morte do superior maior, do diretor-geral e da superiora-geral, além dos sufrágios acima indicados, será celebrado um funeral em todas as igrejas pertencentes ao Instituto.

26. Sobre todas as irmãs que seguirem fielmente estas santas regras, desça copiosa a paz e a misericórdia de Deus.

III. CARTAS CIRCULARES AOS SALESIANOS E ÀS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

As cartas circulares de Dom Bosco aos salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora são pequenas obras-primas de espiritualidade. Nelas o Santo exprime a sua vigorosa visão da vida consagrada: com os votos nos entregamos totalmente a Deus, prontos a enfrentar com força de ânimo as fadigas e as dificuldades, contanto que se possam conquistar almas para Deus, dispostos a segui-lo no caminho das tribulações até a morte, se for preciso. Nessa perspectiva, o salesiano e a salesiana são exortados a permanecer firmes na sua vocação; a fugir do espírito do mundo; a praticar a obediência e a pobreza com magnanimidade; a cultivar a união com Deus e a confiança nos superiores; a suportar serenamente, com fortaleza, todo incômodo, contanto que se possam "salvar almas"; a observar exatamente as Regras.

Aqui reproduzimos somente uma seleção de circulares nas quais se evidenciam de forma mais explícita temas de vida espiritual.

Particularmente expressiva é a carta às Filhas de Maria Auxiliadora de 24 de maio de 1886 (n. 237), na qual Dom Bosco escreve: "Pedi a graça de vos conservardes sempre fiéis à vossa santa vocação, de serdes religiosas amantes da perfeição e da santidade; que com a prática das virtudes cristãs e religiosas, com uma vida edificante e exemplar façais honra a Jesus Cristo, vosso esposo celeste, e honra a Maria, vossa Mãe amorosíssima".

Em seguida, são enumeradas as qualidades da irmã salesiana: obediência exata; domínio sobre os próprios defeitos; coração voltado unicamente para Deus; nenhuma queixa por ter abandonado os bens do mundo, alegria em praticar a pobreza e suportar as privações para "seguir Jesus Cristo humilhado na terra, coroado de espinhos e pregado na cruz, para depois no céu, rodeá-lo, exaltado, revestido de glória entre os esplendores dos anjos e dos santos"; boa constituição física, boa índole, "espírito honestamente alegre"; desejo de tornar-se santa mediante as obras comuns para servir de bom exemplo e de estímulo às jovens; vontade de "tornar-se instrumento da glória de Deus, desempenhando os ofícios e cumprindo as ocupações que são próprias do Instituto" [22].

[22] *Cronistoria*. Por Giselda Capetti, vol. V. *Ultimi anni sotto lo sguardo del Fondatore (1885-1888)*. Roma, Istituto FMA 1978, pp. 93-94.

228. Primeiro escopo da nossa Sociedade é a santificação dos seus membros

Edição crítica em E(m) II, pp. 385-387[23].

Turim, 9 de junho de 1867, dia de Pentecostes.

Dentro de pouco tempo a nossa Sociedade será talvez aprovada de maneira definitiva, e por isso eu precisaria falar com frequência aos meus amados filhos. Não o podendo fazer sempre pessoalmente, procurarei fazê-lo ao menos por carta. Começarei, então, dizendo algo da finalidade geral da Sociedade e depois passaremos a falar outra vez das observâncias particulares.

O primeiro objetivo da nossa Sociedade é a santificação dos seus membros. Por isso, ao entrar nela, deve cada um desembaraçar-se de qualquer outro pensamento ou preocupação. Quem entrasse para gozar uma vida tranquila, prosseguir comodamente os estudos, libertar-se das ordens dos pais, ou eximir-se da obediência de algum superior, estaria objetivando um fim desvirtuado, que não seria mais o *Sequere me* do Salvador, pois visaria à própria utilidade temporal, não ao bem da alma.

Os Apóstolos foram elogiados pelo Salvador e foi-lhes prometido um reino eterno, não por terem abandonado o mundo, mas porque, abandonando-o, dispunham-se a segui-lo nas tribulações, como de fato aconteceu, consumindo a própria vida nas fadigas, na penitência e nos sofrimentos, padecendo depois o martírio pela fé.

Tampouco tem um bom fim quem entra, ou permanece na Sociedade, convencido de ser a ela necessário. Gravem todos bem na mente e no coração: a começar pelo superior-geral até ao último dos sócios, ninguém é necessário à Sociedade. Somente Deus deve ser seu chefe, o patrão absolutamente necessário. Por isso, os membros da Sociedade devem dirigir-se ao seu chefe, ao seu verdadeiro patrão, ao remunerador, a Deus, e por amor dele é que cada um se deve inscrever na Sociedade; por amor dele trabalhar, obedecer, abandonar quanto possuía no mundo, para no fim da vida poder dizer ao Salvador, escolhido como modelo: *Ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te; quid ergo erit nobis?*

Quando se diz que cada um deve entrar na Sociedade guiado somente pelo desejo de servir a Deus com maior perfeição e fazer bem a si próprio, entende-se fazer a si próprio o verdadeiro bem, bem espiritual e eterno.

[23] É a primeira circular de Dom Bosco aos salesianos.

Quem busca vida cômoda, vida de conforto, não entra com bom fim na nossa Sociedade. Nós pomos como base a palavra do Salvador que diz: Quem quiser ser meu discípulo, venda quanto possui no mundo, dê-o aos pobres e me siga. Mas aonde ir, aonde segui-lo, se não tinha um palmo de terra onde repousar a cabeça cansada? Quem quiser ser meu discípulo, diz o Salvador, siga-me com a oração, com a penitência, e especialmente renegue a si mesmo, tome a cruz das tribulações diárias e me siga. *Abneget semetipsum, tollat crucem suam quotidie, et sequatur me* [Lc 9,23]. Mas segui-lo até quando? Até à morte, e, se preciso, até à morte de cruz.

É o que faz na nossa Sociedade quem consome as suas forças no sagrado ministério, no ensino ou outro exercício sacerdotal, até a uma morte, mesmo violenta, de cárcere, exílio, ferro, água, fogo, e depois de sofrer ou morrer com Jesus Cristo na terra, vai gozar com ele no céu.

Parece-me ser este o sentido das palavras de São Paulo quando diz a todos os cristãos: *Qui vult gaudere cum Christo, oportet pati cum Christo*.

O sócio que entrar com essas boas disposições deve mostrar-se sem pretensões e aceitar com prazer qualquer trabalho que lhe for confiado. Magistério, estudo, trabalho, pregação, confissão, na igreja, fora da igreja; as ocupações mais baixas devem-se assumir com alegria e prontidão de ânimo, porque Deus não olha a qualidade do cargo, mas a finalidade de quem o exerce. Portanto, todos os encargos são igualmente nobres, porque igualmente meritórios aos olhos de Deus.

Meus queridos filhos, tende confiança nos vossos superiores; eles devem dar estritas contas a Deus das vossas obras; porque eles estudam a vossa capacidade, as vossas propensões e dispõem delas de maneira compatível com as vossas forças, mas sempre como lhes parece ser para a maior glória de Deus e proveito das almas.

Oh! se os nossos irmãos entrarem na Sociedade com tais disposições, as nossas casas tornar-se-ão por certo um verdadeiro paraíso terrestre. Reinará a paz e a concórdia entre os membros de todas as famílias, e a caridade será a veste cotidiana de quem manda, a obediência e o respeito precederão os passos, as obras e até os pensamentos dos superiores. Ter-se-á em suma uma família de irmãos reunidos ao redor do seu pai para promover a glória de Deus na terra e para ir um dia amá-lo e louvá-lo na imensa glória dos bem-aventurados no céu.

Que Deus vos cumule a vós e vossos trabalhos de bênçãos, e a graça do Senhor santifique as vossas ações e vos ajude a perseverar no bem.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

229. Unidade de Espírito e Unidade de Administração

Edição crítica em E(m) II, pp. 529-531

[Turim, fim de abril de 1868]

Aos meus queridos filhos e irmãos da Sociedade de São Francisco de Sales.

O mês de maio que nós costumamos consagrar a Maria está para começar e desejo servir-me desta oportunidade para falar aos meus queridos filhos e irmãos e expor-lhes algumas coisas que não pude dizer na conferência de São Francisco de Sales.

Eu estou convencido de que todos vós tendes vontade firme de perseverar na Sociedade e, portanto, de esforçar-vos com todas as forças para ganhar almas para Deus e, em primeiro lugar, salvar a própria alma. Para ter êxito nesse grande empreendimento, devemos, como coisa fundamental, usar a máxima solicitude em pôr em prática as Regras da Sociedade. Porque de nada serviriam as nossas Constituições se fossem letra morta para ficarem no quarto e nada mais. Se quisermos que a nossa Sociedade progrida com as bênçãos do Senhor é indispensável que cada artigo das Constituições seja norma de agir. Todavia, há algumas coisas que são práticas e bastante eficazes a fim de alcançar o objetivo que nos propusemos: entre elas, faço-vos notar a unidade de espírito e a unidade de administração.

Por unidade de espírito eu entendo a decisão firme, constante, de querer ou não querer o que o superior considera ser para a maior glória de Deus. Esta decisão nunca cessa, por mais graves que sejam os obstáculos que se opõem ao bem espiritual e eterno, segundo a doutrina de são Paulo: *Caritas omnia suffert, omnia sustinet* [1Cor 13,7]. Esta decisão induz o irmão a ser pontual nos seus deveres, não só pela ordem que recebeu, mas pela glória de Deus que ele intenta promover. Disso deriva a prontidão em fazer na hora marcada a meditação, a oração, a visita ao Santíssimo Sacramento, o exame de consciência, a leitura espiritual. Verdade é que estas coisas são prescritas pelas Regras, mas se não houver empenho em nos estimular para observá-las por um motivo sobrenatural, as nossas Regras cairão no esquecimento.

O que contribui poderosamente para conservar esta unidade de espírito é a frequência dos santos sacramentos. Os sacerdotes façam todo o possível para celebrar com regularidade e devotamente a santa missa; os que não são

sacerdotes procurem fazer a comunhão o mais frequente possível. Cada um procure observar o que as Regras prescrevem a esse respeito.

Depois, é absolutamente necessária uma confiança especial com o superior da casa onde cada um reside. O grande defeito consiste nisto: muitos procuram interpretar de forma errônea certas disposições dos superiores, ou então as julgam de pouca importância; enquanto isso, descuidam a observância das Regras com prejuízo de si mesmos, desgosto para os superiores e com a omissão ou pelo menos o desleixo no que poderia contribuir poderosamente para o bem das almas. Por isso, cada um se despoje da própria vontade e renuncie a pensar só no próprio bem; assegure-se somente se o que deve fazer é para a maior glória de Deus, e depois vá em frente.

Aqui, por sua vez, nasce a seguinte dificuldade: na prática, encontramos casos em que parece melhor agir diversamente do que nos foi ordenado. Não é verdade. O melhor é fazer sempre a obediência, nunca mudando o espírito das Regras tal como é interpretado pelo respectivo superior. Portanto, cada um procure sempre interpretar, praticar, recomendar a observância das Regras entre os seus irmãos; e executar para com o próximo tudo o que o superior julgar ser vantajoso para a maior glória de Deus e o bem das almas. Esta conclusão eu a considero a base fundamental de uma Sociedade religiosa.

A unidade de espírito deve andar unida à unidade de administração. Um religioso se propõe pôr em prática as palavras do Salvador: quer dizer, renunciar ao que ele pode ter no mundo pela esperança de um recompensa maior no paraíso. Pai, mãe, irmãos, irmãs, casas, bens de qualquer espécie, tudo ofereceu ao amor de Deus. Dado que a alma ainda está unida ao corpo, precisa dos meios materiais para alimentar-se, vestir-se e agir. Por isso, enquanto renuncia a tudo o que tinha, ele procura agregar-se a uma Sociedade em que possa providenciar acerca das necessidades da vida sem ter que suportar o peso da administração temporal. Como, pois, ele deve comportar-se na Sociedade quanto às coisas temporais? As Regras da Sociedade pensam em tudo; portanto, praticando as Regras, toda necessidade fica providenciada. Uma roupa, um pedaço de pão, devem bastar a um religioso. Quando houver necessidade de mais alguma coisa, fale com o superior e será atendido. Aqui, porém, deve concentrar-se o esforço de cada um. Quem puder obter uma vantagem para a Sociedade, faça-o, nunca, porém, centralize tudo em sua pessoa. Esforce-se para que haja uma só caixa, assim como deve existir uma só vontade. Quem pretendesse vender, comprar, trocar ou conservar dinheiro para interesses próprios... seria como um camponês que, enquanto os ceifeiros

recolhem o grão, ele o dispersa e joga fora como palha[24]. Quanto a isso eu devo recomendar que não se conserve dinheiro nem mesmo sob o pretexto de torná-lo útil para a Sociedade. A coisa mais útil para a Sociedade é a observância das Regras.

As roupas, o aposento, os móveis fujam do requinte. O religioso deve estar sempre preparado para abandonar a própria cela e apresentar-se diante do Criador sem nada que o aflija ao deixá-la e sem dar motivos ao juiz para repreendê-lo.

Por isso, tudo proceda sob a guia da obediência, com humildade e confiança. Nada se oculte ao superior, nada se esconda a ele. Assim o superior estará em condições de conhecer a situação dos próprios irmãos, de providenciar para eles suas necessidades e de tomar as decisões que ajudam a facilitar a observância das Regras e a vantagem de toda a Sociedade.

Ainda haveria muitas coisas a dizer a esse respeito. Faremos isso em outra carta, por meio de conferências apropriadas e especialmente nos próximos exercícios espirituais de Trofarello, se Deus na sua grande misericórdia nos conservar, como espero, e nos ajudar a todos a estarmos lá no próximo mês de setembro para fazermos esses exercícios.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e nos conceda o espírito de fervor e o precioso dom da perseverança na Sociedade. *Amen*.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

[24] [...].

230. A confiança entre os superiores e os coirmãos

Edição crítica em E(m) III, pp. 125-126.

Dia solene da Assunção de Maria Santíssima de 1869

Filhos muito amados,

A divina Providência dispôs que a nossa Pia Sociedade fosse definitivamente aprovada pela Santa Sé e nós, enquanto na humildade do nosso coração agradecemos a bondade do Senhor, devemos empenhar-nos com toda a solicitude para corresponder ao escopo que nos propusemos ao entrar para a Congregação e manter a exata observância das Regras por parte de todos que as professaram.

Entre os artigos há o que se refere ao relacionamento e à confiança que deve existir entre superiores e inferiores. Cada qual, diz o cap. 5º art. 6º, tenha grande confiança no seu superior e não lhe esconda nenhum segredo do próprio coração.

Este artigo é da máxima importância e já se observou como o entretenimento do superior com os seus subalternos resulta sempre de grande utilidade, pois, dessa maneira, os irmãos podem expor com toda liberdade suas necessidades e pedir conselhos, enquanto o superior estará em condições de conhecer a situação dos seus irmãos, providenciar às suas necessidades e tomar as decisões que concorrem para facilitar a observância das Regras e o bem de toda a Sociedade.

Parece-me que isso quer significar o que o Espírito Santo diz: *Vae soli, quia cum ceciderit non habet sublevantem se* (Ecl 4, 10). Ai de quem estiver sozinho porque ele não tem quem o ajude a levantar-se da queda. Em seguida acrescenta: Para quem vive em sociedade, se um cai ou está em perigo de cair, sente-se apoiado pelo outro e de certo modo sua queda é amparada. *Si unus ceciderit, ab altero fulcietur* (*ibid.*). Dessa maneira, diz Santo Tomás, o religioso obtém o seu escopo, ele é avisado nos perigos, é ajudado a se levantar em caso de queda: *Iuvatur a sociis ad resurgendum.*

A fim de se obter maior vantagem por parte da nossa Sociedade pensou-se em tomar algumas deliberações que se podem dizer consequências práticas do artigo acima mencionado:

1° Todo mês haverá duas conferências, uma a respeito da leitura e explicação das Regras da Congregação, a outra, de assunto moral, mas de modo prático e adaptado às pessoas a quem se fala.

2º Todo sócio, uma vez por mês, se apresentará ao diretor da casa a que pertence e lhe exporá o que considerar útil para o bem da sua alma, e se tiver alguma dúvida quanto à observância das Regras, a manifestará, pedindo os conselhos que lhe parecerem mais oportunos para seu proveito espiritual e material. De sua parte, o diretor, com atenciosa caridade, a seu tempo, ouvirá tudo; aliás, procurará interrogar separadamente cada sócio quanto à saúde corporal, aos ofícios que desempenha, à observância religiosa, aos estudos e aos trabalhos a que deve atender. Finalmente, procurará encorajá-lo, ajudá-lo com sua ação e seus conselhos a fim de que possa gozar de paz do coração e de tranquilidade de consciência, que deve ser o escopo principal de todos que fazem parte desta Pia Sociedade.

3º Em via ordinária, o diretor de cada casa particular, uma vez por mês, prestará contas exatas ao Reitor-Mor a respeito da situação moral e sanitária dos irmãos, e fará um aceno sobre o andamento material da casa a ele confiada. Faz-se uma pequena exceção para a casa-mãe.

Os que compõem o Capítulo e os sacerdotes que o pedirem podem apresentar-se ao Reitor-Mor a fim de expor-lhe quanto julgarem conveniente.

Prestar contas de si mesmo ao próprio superior é prática geral de todas as casas religiosas, e há nisso grande vantagem, de tal modo que eu espero que daí resulte um grande bem também entre nós, particularmente para conseguir a tão necessária paz de coração e a tranquilidade de consciência.

Seria preciso dizer muitas coisas a respeito disso. O que será feito mediante outras cartas, conferências apropriadas e especialmente nos próximos exercícios espirituais em Trofarello, se Deus na sua grande misericórdia nos conservar, como espero, e nos ajudar a reunirmo-nos todos juntos no próximo mês de setembro.

Ânimo, meus caros filhos. Nós temos uma grande empresa em nossas mãos. Muitas almas esperam de nós a salvação; entre essas almas, a primeira deve ser a nossa; em seguida a dos nossos sócios e a de qualquer fiel cristão a quem pudermos proporcionar alguma utilidade. Deus está conosco, esforcemo-nos por corresponder aos favores celestes que nos concedeu e que esperamos queira nos conceder para o futuro em ainda maior abundância.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e nos conceda o espírito de fervor e o precioso dom da perseverança na Sociedade. *Amen*.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

P.S. Esta carta será lida aos sócios reunidos, com as observações que o diretor considerar oportunas.

231. Austeridade de vida

Edição crítica em E(m) IV, pp. 113-115.

[Turim], 4 de junho de 1873

Aos amados filhos de São Francisco de Sales que residem em...

Filhos muito amados, a experiência é uma grande mestra. Se dela se aprende o que pode ser de vantagem comum ou particular das famílias, certamente será ainda de maior utilidade nas famílias religiosas, nas quais não se deve objetivar senão conhecer o bem para praticá-lo e o mal para fugir dele.

Por isso, julgo oportuno expor-vos algumas coisas que observei na visita há pouco feita às nossas casas e isto para utilidade dos sócios em particular e em geral de toda a nossa Congregação. Algumas delas se referem ao interesse material, outras à moral e à disciplina. Isto será o assunto de três cartas distintas.

O andamento material das nossas casas neste momento deve ser objeto das nossas solicitudes, pois a aquisição, a construção, a readaptação e o mobiliário de nossas casas foram causa de pesadas despesas: além disso, o aumento de todos os gêneros alimentícios faz com que as saídas mensais sejam muito superiores às entradas. Por isso, devemos pensar seriamente em economizar e estudarmos juntos coisas práticas por meio das quais possamos conseguir alguma economia.

Indicarei brevemente:

1° Que neste ano só se inicie uma construção se for estritamente necessária. Façam-se somente as readaptações que se consideram indispensáveis. Nesse caso, observe-se o que se considera imprescindível, com o cálculo aproximativo das despesas, e se envie o projeto preventivamente ao Capítulo Superior.

2° Só se façam viagens por causa das nossas necessidades e na medida do possível evitem-se compromissos, encargos e incumbências pelas quais deveríamos assumir despesas ou perda de tempo. Quem estiver em condições de enfrentar essas despesas por si ou por meio de outros, saiba aproveitar prudentemente da oportunidade.

3° Chame-se a atenção para a observância dos artigos 2, 3, 4, 5, 6, do capítulo IV das nossas Regras, e sejam explicados de forma prática pelos diretores; se for preciso, fale-se em particular ou se comunique a situação aos

superiores. Estes artigos são a base da vida religiosa e por sua natureza levam ao desapego das coisas terrenas, das pessoas e de si mesmo; e fazem com que as solicitudes comuns se voltem para o cumprimento dos próprios deveres, para maior vantagem da Congregação.

4° Limite-se ao indispensável a compra de livros, roupa de cama, calçados, móveis e objetos de uso; na medida em que o decoro permitir, façam-se restaurar as coisas que já temos.

5° Também na alimentação se pode fazer alguma economia; cuidar do que se pode conservar: comprar por atacado, usar de moderação nos gêneros mais caros, como carne e vinho; a regularidade e a qualidade dos condimentos; cuidar para que não se desperdice pão, comida em geral, vinho, lenha; fazer convites somente em caso de estrita conveniência, e nesses convites nunca esquecer que vivemos da Providência, não temos nenhuma renda e o espírito de pobreza deve informar tudo o que é nosso. Todos estes são pontos a levar em consideração.

6° Enviar correspondência de uma casa para outra para nos ajudar nas compras e no fornecimento dos gêneros que nos diversos lugares podem ter melhores preços.

Recomendar que se economize sempre que possível; mas é minha intenção que nada se omita do que pode contribuir para a conservação da saúde corporal ou para a conservação da moralidade, tanto entre os queridos filhos da Congregação, quanto entre os alunos que a divina Providência confia aos nossos cuidados.

Outros pontos de menor relevo, espero poder escrever-vos em breve.

Entretanto, o diretor leia e explique o que aqui foi exposto; converse com o prefeito da casa; e depois de alguma semana, refira o que foi feito e o que se pensa fazer para alcançar o escopo.

Finalmente, em geral eu estou bastante contente pela moralidade, saúde e aproveitamento científico que se vai difundindo em nossas casas; e disto demos graças a Deus criador e doador de todos os bens, ao qual seja honra e glória por todos os séculos. *Amen.*

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e, do céu, Deus abençoe e sustente todas as nossas obras.

Rezai por mim, que com afeto paterno, sou para vós, nos sagrados corações de Jesus e de Maria

Afeiçoadíssimo irmão e amigo

Sac. João Bosco

232. Dar bom exemplo e promover a moralidade

Edição crítica em E(m) IV, pp. 177-180.

Roma, 4 de fevereiro de 1874

Aos meus filhos salesianos da casa de Turim,

Enquanto trato dos assuntos da nossa Congregação nesta cidade eterna, consagrada pelo sangue dos dois príncipes dos apóstolos Pedro e Paulo; depois de ter rezado na santa missa e invocar as luzes do Espírito Santo; tendo pedido uma bênção especial ao supremo hierarca da Igreja, vos escrevo sobre um dos assuntos mais importantes: sobre a maneira de promover e conservar a moralidade entre os jovens que a divina Providência se compraz em nos confiar.

A fim de não tratar dessa matéria brevemente demais, creio conveniente dividi-la em duas partes:

1° necessidade da moralidade nos sócios salesianos;

2° meios para difundi-la e conservá-la nos nossos alunos.

Pode-se estabelecer como princípio invariável que a moralidade dos alunos depende de quem os ensina, assiste e dirige. Quem não tem, não pode dar, diz o provérbio. Um saco vazio não pode fornecer trigo, nem uma jarra cheia de vinagre pode derramar vinho bom.

Por isso, antes de propor-nos como mestres aos outros é indispensável que possuamos o que queremos ensinar aos demais. São claras as palavras do Divino Mestre: Vós, diz ele, sois a luz do mundo; esta luz, ou seja, o bom exemplo, deve resplandecer perante todos os homens para que, vendo as vossas boas obras, de certo modo se sintam atraídos também eles a vos seguir e assim glorificar o Pai comum que está nos céus.

São Jerônimo diz que seria mau médico quem quisesse curar os outros e não fosse capaz de curar a si mesmo. Certamente lhe responderiam com as palavras do Evangelho: *Medice, cura te ipsum* [Lc 4,23].

Se, portanto, nós queremos promover a moralidade e a virtude nos nossos alunos, devemos possuí-la nós primeiro, praticá-la nós e fazer com que ela brilhe nas nossas obras, nas nossas conversas, e que nunca pretendamos que os nossos dependentes pratiquem um ato de virtude que por nós foi descuidado.

De fato, como podemos pretender que os nossos jovens sejam exemplares e religiosos, se em nós notam negligência nas coisas de igreja, ao levantar,

na meditação, em aproximar-nos da confissão, da comunhão ou ao celebrar a santa missa? Como podem pretender obediência o diretor, o professor, o assistente que, por motivos frívolos, se eximem das próprias obrigações e, em geral sem licença, saem de casa e se ocupam com coisas que nada têm a ver com os próprios deveres?

Como conseguir que os outros tenham caridade, paciência, respeito, se quem manda se enfurece com todos, usa de violência, censura as disposições dos superiores, crítica os horários e até mesmo o tratamento à mesa e quem o prepara? Todos nós certamente estaremos de acordo em dizer: *Medice, cura te ipsum.*

Não faz muito tempo que um jovem repreendido porque lia um livro mau, respondeu com toda simplicidade: eu não pensava que estava fazendo mal ao ler um livro que várias vezes vi ser lido pelo meu professor. Outra vez perguntou-se a outro por que tinha escrito uma carta na qual criticava o andamento da casa: ele respondeu que só tinha escrito as palavras ouvidas diversas vezes da boca do seu assistente.

Portanto, meus caros filhos, se quisermos promover os bons costumes nas nossas casas, devemos ser mestres mediante o nosso bom exemplo. Propor aos outros uma coisa boa enquanto nós fazemos o contrário é como alguém que, na escuridão da noite, quisesse iluminar com uma luz apagada; ou então quisesse trazer vinho num recipiente vazio.

Aliás, parece-me que uma pessoa assim pode ser comparada a quem procura temperar a comida com substâncias venenosas; pois, dessa maneira, não somente não se promovem os bons costumes, mas se dá ocasião de escândalo. E então nós nos tornamos sal insosso, sal estragado que não serve para mais nada a não ser para ser jogado no lixo: *Vos estis sal terrae,* nos diz Cristo, *quod si sal evanuerit in quo salietur? Ad nihilum valet ultra nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus* [Mt 5,13].

O povo com frequência lamenta fatos imorais que aconteceram para a ruína dos costumes e com escândalos horríveis. É um grande mal, é um desastre; eu peço ao Senhor que faça de tal modo que as nossas casas sejam todas fechadas, antes que nelas acontecam semelhantes desgraças.

Por outro lado, não vos quero esconder que vivemos em tempos calamitosos. O mundo atual é como o descreve o Salvador: *mundus in maligno positus est totus* [1Jo 5,19]. Ele quer ver tudo, julgar tudo. Além dos juízos perversos que ele faz a respeito das coisas de Deus, muitas vezes aumenta os fatos, e mais frequentemente ainda os inventa para prejudicar os outros. E se porventura consegue apoiar o próprio juízo em fatos reais, imaginai quanto barulho, quanto estardalhaço!

Todavia, se com ânimo imparcial procurarmos a razão desses males, em geral descobriremos que o sal se tornou insosso, que a luz foi apagada; isto é, que o abandono do esforço de santidade em quem manda ocasionou os desastres ocorridos nos seus dependentes.

Oh castidade, castidade, tu és uma grande virtude! Enquanto tu resplandeceres entre nós, isto é, até que os filhos de São Francisco de Sales brilharem por praticar o recolhimento, a modéstia, a temperança e tudo o que com voto prometemos a Deus, entre nós sempre ocupará um lugar glorioso a moralidade e a santidade dos costumes como facho ardente que resplandecerá em todas as casas que dependem de nós.

Se Deus me der vida, espero dentro de não muito tempo escrever-vos de novo a respeito de alguns meios que me parecem ajudar eficazmente a promover e conservar os bons costumes entre nossos alunos.

Entretanto, para obter algum fruto a respeito do que vos escreve este amigo das vossas almas, peço-vos quanto segue:

1° Que se façam três conferências distintas ou melhor três exames práticos nos quais se leia e explique o que se deve praticar e o que se deve evitar a respeito do voto de pobreza. Em seguida, cada um aplique a si mesmo o teor de vida descrito nesses três capítulos e decida firmemente corrigir o que encontrar de defeituoso nas próprias palavras, no próprio comportamento, na pobreza, na castidade e na obediência.

2° Leia-se também o capítulo que trata das práticas de piedade e depois, de joelhos, aos pés de Jesus crucificado, decidamos, eu daqui o farei com o pensamento junto convosco, querer cumpri-las exemplarmente mesmo ao custo de qualquer sacrifício.

Meus caros filhos, nós nos encontramos no momento mais importante da nossa Congregação. Ajudai-me com a vossa oração, ajudai-me com a exata observância das Regras, e Deus fará de tal modo que os nossos esforços sejam coroados de bom êxito e resultem em maior glória de Deus, de utilidade para as nossas almas e as dos nossos alunos, que serão sempre mais a glória da Sociedade Salesiana.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco e nos conserve constantemente no caminho do céu. *Amen*.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

233. A memória dos irmãos falecidos

Edição crítica E(m) IV, pp. 381-382.

[Turim, janeiro de 1875]

Aos irmãos salesianos,

Filhos muito amados, o ano de 1874 foi para nós sumamente memorável. Sua Santidade reinante Pio IX, depois de nos conceder grandes favores, em data de 3 de abril dignou-se aprovar definitivamente a nossa humilde Congregação. Enquanto este glorioso acontecimento nos enchia de verdadeira alegria, logo foi amargurado por uma série de acontecimentos. De fato, no dia 13 do mesmo mês, Deus chamou a si o padre Provera, em seguida o padre Pestarino, depois o clérigo Ghione e o padre José Cagliero, e isso no espaço de somente quatro meses.

Nesses nossos queridos coirmãos nós perdemos quatro operários evangélicos, todos professos perpétuos, todos afeiçoadíssimos à Congregação Salesiana, observantes fiéis das nossas Constituições, verdadeiramente zelosos em trabalhar para a maior glória de Deus.

Portanto, não é para admirar que estas perdas sejam amargamente sentidas na nossa Sociedade. Mas Deus, que é bondade infinita e que conhece as coisas que podem servir para um bem maior, considerou-os dignos dele. De fato, deles se pode dizer que viveram pouco, mas fizeram muito, como se tivessem vivido um tempo muito longo: *Brevi vivens tempore, explevit tempora multa* [Sb 4,13]. E nós temos motivos bem sólidos para crer que estes nossos irmãos, deixando de trabalhar conosco na terra, se tornaram nossos protetores junto a Deus no céu.

Sendo assim, parece conveniente dizer uma breve palavra a respeito da vida de cada um, a fim de que a sua memória seja conservada entre nós.

O que fazemos por eles, com a ajuda do Senhor esperamos que se fará também pelos coimãos já chamados à vida eterna no passado e por aqueles que Deus chamar a si no futuro. Faremos isso por três motivos particulares:

1° Porque assim costumam fazer as outras ordens religiosas e as outras congregações eclesiásticas.

2° A fim de que os que viveram entre nós e praticaram exemplarmente as mesmas Regras, sirvam de incitamento para fazer de nós seus seguidores em promover o bem e em fugir do mal.

3° A fim de que, conservando os seus nomes e lembrando suas ações principais, nos lembremos mais facilmente de elevar a Deus orações pelo descanso eterno de suas almas, caso já não tiverem sido acolhidas no seio da misericórdia divina.

Nós certamente não devemos servir ao Senhor para que a memória das nossas ações seja conservada pelos homens, mas para que os nossos nomes, como diz o Salvador, sejam escritos no livro da vida. Não obstante, isso nos deve lembrar que, assim como as nossas ações más podem ser de escândalo para os outros mesmo depois da nossa morte, assim as boas obras poderão servir de edificação.

Portanto, enquanto lermos a breve relação a respeito destes nossos irmãos, não cessemos de elevar a Deus orações especiais por eles e por todos os irmãos que, desde o princípio da Congregação, foram chamados para a outra vida.

Ao longo deste ano (1875) devemos demonstrar a nossa indelével gratidão elevando incessantes súplicas à divina majestade pelas necessidades da Santa Igreja, especialmente pela conservação dos dias preciosos do sumo pontífice, nosso insigne benfeitor, por parte de quem fomos muitas vezes brindados com benefícios espirituais e temporais. Ele se dignou conceder-nos a aprovação definitiva das nossas Constituições para que sejamos exatos em observá-las; procuremos mostrar-nos dignos servindo-nos delas para maior glória de Deus e o bem das almas.

Deus vos abençoe a todos, meus caros filhos, e rezai também por mim, que serei sempre para vós em Jesus Cristo afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco

234. Meios para cultivar as vocações e conservar o espírito de piedade

Edição crítica em E(m) V, pp. 41-44.

Turim, 12 de janeiro de 1876

Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo,

Terminada a visita das nossas casas, sinto a necessidade de entreter-me um pouco convosco, caríssimos filhos, a respeito do que pode contribuir para a maior glória de Deus e para utilidade da nossa Congregação.

Antes de tudo, alegro-me em poder assegurar-vos que fiquei bastante satisfeito com o procedimento material e moral, seja no que tange à administração interna, seja no que se refere ao relacionamento social. Trabalha-se, observam-se as Constituições da Sociedade, mantém-se a disciplina, frequentam-se os santos sacramentos, promove-se o espírito de piedade e cultivam-se as vocações nos que, porventura, dão sinais de ser chamados ao estado eclesiástico. Por tudo sejam dadas graças ao Senhor, a cuja bondade e misericórdia é devido o pouco de bem que se vai fazendo entre nós.

Tenho também a consolação de dizer-vos como a nossa Sociedade vai se incrementando sempre mais a cada dia. No ano que terminou há pouco abriram-se diversas novas casas; outras serão abertas neste ano de 1876. O pessoal cresce em número e aptidão; apenas alguém se tornou idôneo para desempenhar algum cargo, a divina Providência imediatamente oferece a oportunidade de colocá-lo a trabalhar.

E que dizer dos pedidos que se fazem de abrir casas em tantas partes? Em muitas cidades da Itália, da França, da Inglaterra, na América do Norte, do Centro, do Sul e particularmente no grande Império do Brasil e na República Argentina; na Argélia, no Leste da África, no Egito, na Palestina, nas Índias, no Japão, na China, na Austrália, há milhões e milhões de criaturas racionais que, ainda sepultadas nas trevas do erro, das margens do abismo da perdição levantam suas vozes dizendo: "Senhor, mandai-nos operários evangélicos que venham trazer a luz da verdade e nos apontem o único caminho que pode conduzir à salvação". Vários nossos irmãos, como bem sabeis, já atenderam a estas vozes comoventes e partiram para a República Argentina, donde foram ao encontro das tribos selvagens da Patagônia; em todas as cartas escritas durante a sua viagem e desde os lugares de sua missão fazem ressoar continuamente a mesma voz: "Mandai, mandai operários". Entre tantas coisas, obser-

vam como a arquidiocese do Rio de Janeiro tem dois milhões de habitantes com pouquíssimos sacerdotes e com apenas cinco clérigos no seminário.

Oh, meus caros, eu sinto profunda dor ao refletir na copiosíssima messe que em cada momento e em toda parte se nos apresenta, e que somos forçados a deixar sem cultivar por falta de operários. Nós, porém, não desanimemos, e por ora nos aplicaremos seriamente ao trabalho, por meio da oração e da virtude, a preparar uma nova milícia para Jesus Cristo, que buscaremos conseguir particularmente pelo cultivo das vocações religiosas; se for necessário, a seu tempo, ofereceremos também nós os sacrifícios que Deus se dignar nos pedir para a nossa salvação e a dos outros. Entretanto, desejando referir-me a coisas que podem ajudar a cultivar vocações religiosas e que são eficazes para conservar o espírito de piedade entre os salesianos e os jovens a nós confiados, eu desejo recomendar-vos algumas coisas que a experiência me fez compreender como sumamente necessárias.

1º Em cada casa e especialmente no Oratório de São Francisco de Sales, cada um ponha a máxima solicitude em promover as pequenas associações, como o Pequeno Clero, a Companhia do Santíssimo Sacramento, de São Luís, de Maria Auxiliadora e da Imaculada Conceição. Ninguém receie falar delas, recomendá-las, favorecê-las, expor sua finalidade, a origem, as indulgências e outras vantagens que com elas é possível obter. Eu creio que essas associações podem ser chamadas a chave da piedade, o conservatório da moral, o apoio das vocações eclesiásticas e religiosas.

2º Tende grande cuidado com os relacionamentos, as amizades, as conversas, em geral ou em particular, por escrito, oralmente ou por meio de livros ou de presentes de qualquer tipo. Assim, apertos de mão, carícias no rosto, beijos, caminhar de braço dado ou passear com os braços um sobre os ombros do outro, são coisas rigorosamente proibidas, não digo somente entre vós e entre vós e os jovens, mas também entre os próprios meninos. Tenhamos firmemente fixas em nossa mente as palavras de São Jerônimo: "Afeição por ninguém ou então afeição igual para todos".

3º Fuga do mundo e de seu modo de pensar. As relações com aquele mundo que nós abandonamos e que quereria levar-nos de volta para ele são fontes de desgostos e de desordens. Muitos, até que viveram numa casa religiosa, pareciam modelos de virtude; indo para outros lugares, junto aos parentes ou aos amigos, em pouco tempo perderam a boa vontade e, voltando para a casa religiosa, não conseguiram mais se recuperar, e alguns chegaram a ponto de perder de fato a vocação. Portanto, nunca ir em família a não ser por motivos graves; e existindo esses grandes motivos, nunca ir sem a devida licença e, na medida do possível, acompanhados por algum irmão escolhido

pelo superior. Assumir compromissos, tratar de negócios, comprar ou vender em nome de outros, são todas atitudes que se devem evitar constantemente porque são ruinosas para as vocações e para a moralidade.

4º À noite, após as orações, cada um vá imediatamente repousar. Ficar passeando, conversando ou terminando algum trabalho, são coisas prejudiciais à saúde espiritual e também corporal. Sei que em certos lugares, graças a Deus não nas nossas casas, foram motivos para deplorar dolorosas desordens e, buscada a origem, observou-se que nasceram de conversas iniciadas e continuadas nas horas a que nos referimos.

A pontualidade em ir para a cama liga-se à prontidão em levantar-se de manhã que, com igual insistência, pretendo inculcar. Acreditai, meus caros, a experiência fatalmente fez conhecer que atrasar a hora do descanso de manhã sem necessidade foi sempre considerada muito perigosa. Pelo contrário, a prontidão em levantar-se, além de ser o princípio de um dia bom, pode ser também um bom exemplo para todos. A este propósito não posso omitir uma calorosa recomendação aos superiores para que se esforcem a fim de que todos, particularmente no caso dos coadjutores e do pessoal de serviço, tenham tempo de participar cada manhã da santa missa, comodidade de receber com frequência a santa comunhão e aproximar-se com regularidade do sacramento da penitência, segundo as nossas Constituições.

Esta carta, que eu dirijo a todos em geral, gostaria que fosse considerada como escrita a cada um em particular, que cada palavra fosse dita, repetida mil vezes ao ouvido de cada um, para que jamais fosse esquecida.

Mas eu espero que, pelo amor que tendes por mim, pelo empenho que atualmente mostrais nos vossos deveres, particularmente em pôr em prática os conselhos do vosso pai e amigo espiritual, me dareis a grande consolação de ser, não somente fiéis a estas recomendações, mas mais ainda as interpretareis no sentido que melhor poderão contribuir para a maior glória de Deus e da nossa Congregação.

Assim persuadido, rezo a Deus que vos abençoe a todos e vos conceda saúde estável e o precioso dom da perseverança no bem. Finalmente, rezai também por mim que sou sempre para vós em Jesus Cristo Senhor

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

235. Estreia para os irmãos e os jovens

Edição em E IV, p. 195.

Turim, 28 de dezembro de 1882

Caríssimo diretor da casa de...

Estamos no fim do ano e no início do ano novo.

Recomendo-te agradecer cordialmente todos que nestes dias me enviaram mensagens e que rezaram por mim.

Da minha parte, imploro de Deus para todos saúde e graça de uma vida feliz.

E a minha estreia é esta:

1° Para o diretor: caridade e doçura com todos.

2° Para os irmãos da Congregação: exata observância dos votos com que nos consagramos ao Senhor.

3° Para todos os jovens: confissão frequente e comunhão devota.

4° A todos dirás que recomendo queiram me dizer, conjunta e separadamente, o que pretendem fazer para me ajudar a salvar a sua alma, que foi e sempre será o objeto de minha solicitude até o fim da minha vida.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco.

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

236. Pusemos mão ao arado: fiquemos firmes

Edição impressa em *Lettere circolari di DB*, pp. 20-22[25].

Turim, 6 de janeiro de 1884

Meus queridos e amados filhos,

Experimento grande consolação toda vez que me é dado ouvir palavras de deferência e afeto que vós, meus queridos filhos, me dirigis. Mas os afetuosos sentimentos que por meio de cartas ou pessoalmente me manifestastes desejando boas-festas e bom ano-novo requerem com razão que vos faça um especial agradecimento, como resposta à vossa demonstração de afeto filial.

Digo-vos, pois, que estou muito contente convosco, pela dedicação com que enfrentais toda a espécie de trabalho, assumindo mesmo grandes fadigas a fim de promover a maior glória de Deus nas nossas casas e entre os meninos que a divina Providência nos vai dia a dia confiando, para que os guiemos pelo caminho da virtude, da honra, pelo caminho do céu.

Mas vós, de tantas maneiras e com expressões tão diversas, me haveis agradecido o que fiz por vós, vos oferecestes para trabalhar corajosamente comigo e comigo partilhar as fadigas, a honra e a glória na terra para conseguir o grande prêmio que Deus preparou para todos nós no céu; dissestes também que não desejais outra coisa senão conhecer o que eu acho bom para vós, e que haveríeis de ouvir e pôr em prática com toda a fidelidade. Aceito com prazer essas preciosas palavras, às quais como pai respondo simplesmente que vos agradeço de todo o coração e que *me haveis de fazer a coisa mais grata do mundo se me ajudardes a salvar a vossa alma*[26].

Bem sabeis, amados filhos, que vos aceitei na Congregação, empreguei constantemente todos os cuidados possíveis para o vosso bem, para assegurar-vos a salvação eterna; por isso se me ajudardes nesta grande empresa, fareis quanto o meu coração paterno pode esperar de vós. Podeis facilmente adivinhar as coisas especiais que deveis praticar a fim de ter bom êxito neste grande projeto. Observar as nossas Regras, as Regras que a Santa Madre Igreja dignou-se aprovar para nossa guia e para o bem da nossa alma e para vantagem espiritual e temporal dos nossos queridos alunos. Estas Regras, nós as lemos, estudamos e constituem agora o objeto das nossas promessas e dos votos com que nos consagramos ao Senhor. Portanto recomendo com todo o meu coração que ninguém deixe escapar palavras de desgosto, pior ainda de arre-

[25] A mesma carta, com as adaptações para o caso, foi enviada às Filhas de Maria Auxiliadora, cf. *Cronistoria*. Por Giselda Capetti. Vol. IV. *L'eredità di madre Mazzarello passa nelle mani di madre Daghero (1881-1884)*. Roma, Istituto FMA 1978, pp. 281-284.

[26] Os textos sublinhados são de Dom Bosco.

pendimento por se haver consagrado ao Senhor. Seria isso um ato de negra ingratidão. Tudo o que temos, tanto na ordem espiritual como na temporal, pertence a Deus; por isso, quando na profissão religiosa nos consagramos a ele, não fazemos senão oferecer a Deus o que ele próprio, por assim dizer, nos emprestou, mas que é coisa de sua absoluta propriedade.

Nós, portanto, afastando-nos da observância dos nossos votos, fazemos um furto ao Senhor, ao passo que diante dos seus olhos retomamos, pisamos, profanamos o que lhe havemos oferecido e depositado nas suas santas mãos.

Alguém poderia dizer: mas a observância das nossas Regras custa fadiga. A observância das Regras custa fadiga para quem as observa de má vontade, para quem as descuida. Mas nos que se mostram diligentes, em quem ama o bem da alma, essa observância se torna, como diz o Divino Salvador, um jugo suave, e um peso leve: *Jugum meum suave est et ónus meum leve.* [Mt 11,30].

Meus caros, queremos talvez ir de carruagem para o céu? Nós nos fizemos religiosos não para gozar, mas para sofrer e conquistar méritos para a outra vida; consagramo-nos a Deus não para mandar, mas para obedecer; não para apegar-nos às criaturas, mas para praticar a caridade para com o próximo, por amor de Deus; não para levar uma vida confortável, mas para ser pobres com Jesus Cristo, sofrer com Jesus Cristo na terra para que sejamos dignos da sua glória no céu.

Coragem, pois, filhos queridos e amados, pusemos mão ao arado, estejamos firmes, ninguém de nós se volte para trás para olhar o mundo falaz e traidor. Vamos para a frente. Custar-nos-á fadiga, dificuldades, fome, sede e quiçá a morte; nós responderemos sempre que, se nos deleita a grandeza dos prêmios, não nos devem absolutamente desanimar as fadigas que devemos suportar para merecê-los. *Si delectat magnitudo praemiorum, non deterreat certamen laborum*.

Julgo interessante manifestar ainda uma coisa. De todas as partes os nossos coirmãos me escrevem, e eu seria bem feliz se pudesse responder a cada um. Como isso não me é possível, procurarei enviar-vos cartas com maior frequência; cartas que, enquanto me oferecem a oportunidade de abrir-vos o meu coração, poderão também servir de resposta, antes, de guia aos que por motivos santos vivem em países distantes e por isso não podem ouvir pessoalmente a voz do pai que tanto os ama em Jesus Cristo.

A graça do Senhor e a proteção da santa Virgem Maria estejam sempre conosco e nos ajudem a perseverar no divino serviço até os últimos momentos da vida. Assim seja.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

237. Atitudes e virtudes da Filha de Maria Auxiliadora

Edição em *Cronistoria*. Por Giselda Capetti. Vol. V. *Ultimi anni sotto lo sguardo del Fondatore (1885-1888)*. Roma, Istituto FMA 1978, pp. 91-94.

Turim, 24 de maio de 1886

Caríssimas filhas em Jesus Cristo,

Hoje, que em Turim celebramos a soleníssima festa de Maria Auxiliadora com extraordinária presença de pessoas provenientes de todas as partes, quais filhos e filhas junto à terníssima mãe, é consolador para mim dirigir um pensamento também a vós e ao Instituto que traz o seu nome. Sim, recordei-me especialmente nesta manhã na santa missa das Irmãs de Maria Auxiliadora e rezei por elas.

Entre tantas coisas pedi a graça de que vos conserveis sempre fiéis à vossa santa vocação, que sejais religiosas amantes da perfeição e da santidade; que com a prática das virtudes cristãs e religiosas, com uma vida edificante e exemplar, honreis a Jesus Cristo vosso esposo celeste e honreis a Maria vossa mãe amorosíssima. Espero que também vós tenhais rezado por mim e que Maria Auxiliadora ouvirá as nossas orações e nos obterá do Senhor a graça de todos vivermos no santo temor de Deus e de salvar a nossa alma e a de muitos outros.

Entretanto vos anuncio que neste ano termina o sexênio desde a eleição dos membros do Capítulo Superior do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e, por isso, conforme o título VII das Constituições, devereis efetuar uma nova eleição.

Se Deus quiser, a faremos na segunda metade de agosto, num dia da oitava da Assunção de Nossa Senhora. Com este escopo convido todas as diretoras para que, podendo, antes do dia 15 do mês indicado, estejam na casa-mãe de Nizza Monferrato, na qual provavelmente acontecerá a eleição.

Como da eleição de um bom Capítulo e particularmente de uma sábia superiora-geral depende em grande parte o bem de todo o Instituto e a glória de Deus, assim as irmãs eleitoras precisam ser iluminadas de modo particular para escolher e dar o voto nas que são consideradas mais indicadas para o ofício.

É necessário, portanto, que o Senhor as ilumine e dirija a cumprir bem este dever segundo a sua divina vontade e disso resulte um grande bem.

Por isso, recomendo que, a partir do dia em que for recebida esta carta, cada diretora faça recitar ou cantar em comum, pela manhã, o hino *Veni Creator* e a noite a *Ave Maris Stella* até o momento da eleição.

Além disso, exorto cada irmã a pessoalmente acrescentar orações especiais, de modo particular depois da santa comunhão e a fazer algum ato de virtude ou de mortificação para obter para as diretoras as luzes convenientes que lhes são necessárias.

Às eleitoras, além da oração, será útil também refletir sobre as necessidades que atualmente o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora tem. Do que me parece no Senhor, ele precisa de irmãs cheias do espírito de mortificação e de sacrifício, de tal modo que gostem muito de trabalhar e sofrer por Jesus Cristo e pela salvação do próximo. Precisa de irmãs que estejam bem persuadidas de que a obediência exata, sem observações ou lamentações, é o caminho pelo qual devem caminhar com coragem para alcançar quanto antes a perfeição e a santidade. Precisa de irmãs que saibam dominar os próprios defeitos e ter seu coração voltado somente para Deus, de tal modo que possam dizer como São Francisco de Sales: "Se eu soubesse que uma fibra do meu coração não é para Deus, eu a arrancaria". De irmãs, que não fiquem se lamentando de ter deixado o mundo, nem os bens, nem as comodidades a que renunciaram; de irmãs que consideram ser glória para elas viver no estado de pobreza e de privação, como o seu divino esposo Jesus, o qual, sendo rico, se fez pobre para enriquecer as almas com suas graças e para torná-las herdeiras do paraíso; de irmãs que não tenham outra ambição senão a de na terra seguir Jesus Cristo humilhado, coroado de espinhos e pregado na cruz, para depois estar com ele no paraíso, exaltado, revestido de glória, entre os esplendores dos anjos e dos santos.

Precisa de irmãs de boa constituição física, de boa índole, de espírito honestamente alegre, desejosas sobretudo de se tornarem santas, não por meio de ações extraordinárias, mas pelo caminho das obras comuns, a fim de que sejam para o próximo e particularmente para as meninas de estímulo e convite para as virtudes cristãs. Finalmente, precisa de irmãs que sejam ou pelo menos possam tornar-se hábeis instrumentos da glória de Deus, desempenhando aqueles ofícios e aquelas ocupações que são próprias do Instituto.

Para ter irmãs assim é muito importante, antes de tudo, que estejam à frente do Instituto superioras que tenham critérios convenientes para provar e discernir as vocações das jovens antes de admiti-las à vestidura e à profissão. É muito importante ter superioras que possuam a fundo e que pratiquem por primeiras as virtudes que deverão inculcar às suas súditas. É muito importante que as superioras amem todas as irmãs sem distinção, como suas irmãs, como

filhas de Maria, como esposas de Jesus Cristo; mas que a uma caridade paciente e benigna conjuguem certa firmeza de ânimo que, a seu tempo, sem violência, mas também sem receio, impeça abusos e transgressões das Constituições; firmeza de alma, todavia, prudente e discreta que, enquanto faz florescer a piedade e a observância regular, não ponha em risco a saúde das irmãs.

Cada diretora reflita, portanto, quais irmãs possuem mais ou menos estas qualidades e, a seu tempo, dê seu voto às que diante de Deus e da própria consciência parecem mais idôneas para o cargo que deverão ocupar.

Na esperança de eu ainda poder assistir ao Capítulo-Geral convocado, peço a Deus que vos conserve na sua santa graça e vos conceda amá-lo e servi-lo fielmente, como superioras ou como súditas, como sadias ou doentes, em qualquer lugar e ocupação a que a obediência vos indicar, a fim de que em qualquer dia e hora que Nosso Senhor Jesus Cristo venha chamar-vos para a eternidade, cada uma possa responder-lhe: "Eis-me pronta, ó meu Deus; vamos gozar a felicidade que na vossa infinita misericórdia vós me preparastes".

Rezai por mim e crede-me no Senhor

Vosso afeiçoadíssimo

Sac. João Bosco.

IV. CARTAS PESSOAIS A SALESIANOS E A FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

Estas breves correspondências, redigidas de forma modesta e familiar, contêm simples conselhos de vida espiritual. Dom Bosco conhece os seus destinatários, seu caráter, seus defeitos, as condições em que trabalham. Com sentido prático os convida a se concentrarem em atitudes concretas, essenciais para alimentar o apego à vocação salesiana, a constante orientação do coração a Deus e à caridade.

O santo fundador, escrevendo aos seus salesianos, põe em relevo o primado da caridade; encoraja seu zelo pela salvação das almas e pelo bem do próximo; exorta a ter confiança no diretor e a obedecer generosamente. Em particular, acentua a importância da temperança e da sobriedade de vida, do desapego de si e das coisas; recomenda a força de ânimo nas adversidades, o suportar-se reciprocamente, a paciência e a doçura; recomenda solícita exemplaridade, observância das Regras, espírito de piedade e de união com Deus; encoraja a perseverança mesmo que seja com sacrifícios.

238. Ao clérigo João Bonetti

Edição crítica em E(m) I, pp. 591-592.

Santo Inácio (Lanzo), 20 de julho de 1863

Meu caríssimo Bonetti,

O que me escreves não deve causar-te a menor inquietação. O demônio vê que lhe queres escapar definitivamente das mãos, por isso esforça-se por enganar-te. Segue os meus conselhos, e vai para frente com tranquilidade. Entrementes poderás fazer passar a tristeza cantando esta canção de são Paulo: *Si delectat magnitudo praemiorum, non deterreat multitudo laborum. Non coronabitur nisi qui legitime certaverit* [2Tm 2,5]. *Esto bonus miles Christi et ipse coronabit te* [cf. 2Tm 2,3]. Ou então canta esta canção de S. Francisco de Assis: *Tanto è il bene che io aspetto / ch'ogni pena mi è diletto, / il dolor si fa piacere, / ogni affanno un bel godere, / ogni angoscia allegra il cuor*.*

* Tradução: "*É tão grande o bem que espero, que qualquer sofrimento é motivo de alegria; toda preocupação é um autêntico gozo; toda angústia alegra o coração*".

De resto, reza por mim e eu não deixarei de rezar também por ti e de fazer quanto posso para tornar-te feliz no tempo e na eternidade. *Amen.*

Teu afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

239. Ao clérigo Constâncio Rinaudo

Edição crítica em E(m) II, p. 174.

Veneza, 14 de outubro de 1865

Caríssimo Rinaudo,

Tu podes e deves estudar a maneira de inflamar de santo amor de Deus todos os irmãos da nossa Sociedade, e não pares, a não ser quando de todos for feito um só coração e uma só alma para amar e servir ao Senhor com todas as forças durante toda a nossa vida. Certamente tu darás o exemplo *verbo et opere.* Deus te abençoe e reza por mim que sou teu

Afeiçoadíssimo no Senhor

Sac. João Bosco.

240. Ao clérigo Júlio Barberis

Edição crítica em E(m) II, pp. 187-188.

Turim, 6 de dezembro de 1865

Caríssimo Júlio,

Eis a resposta que pedes:

1º No café da manhã um pão[27], no almoço conforme o apetite, na merenda nada, no jantar de acordo com o apetite, mas com temperança.

[27] [...].

2º Nenhum jejum, a não ser o da Sociedade.

3º Descansa de acordo com o horário da casa; acordando, põe-te logo a repassar alguma parte dos tratados escolares.

4º O estudo essencial é o do seminário, o restante é somente acessório; dedique-se ao primeiro toda a solicitude.

5º Faze tudo, sofre tudo para ganhar almas para o Senhor.

Deus te abençoe e reza pelo

Teu afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

241. Ao padre João Bonetti

Edição crítica em E(m) II, pp. 616-617.

Turim, 30 de dezembro de 1868

Caríssimo padre Bonetti,

Muito obrigado pelos votos de feliz ano novo. Servem maravilhosamente para romper o sossego da casa. Obrigado também ao padre Provera.

Passemos agora à estreia.

Tu e padre Provera dizei-vos sempre os defeitos sem nunca vos ofender.

Para a Sociedade [Salesiana]: poupar viagens e por quanto possível não ir à casa de parentes. O Rodríguez tem matéria estupenda sobre esse assunto.

Para os jovens: mediante as obras e as palavras, promovam a comunhão frequente e a devoção à Beatíssima Virgem.

Três assuntos para quem prega:

1° Evitar as más conversas e as más leituras.

2° Evitar os companheiros levianos ou que dão maus conselhos.

3° Fuga do ócio e prática de tudo o que pode contribuir para conservar a santa virtude da modéstia.

Tu procura ver tudo, fala com todos, o resto o fará a bondade do Senhor.

Desejo todos os bens a ti e a toda a família de Mirabello: *Amen.*

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

P.S. O diretor da escola promova as associações para a *Biblioteca Italiana.*

242. Ao padre Domingos Belmonte

Edição crítica em E(m) III, pp. 137-138.

Trofarello, 22 de setembro 1869

Caríssimo P. Belmonte,

Alguém disse ao Salvador: *Domine, sequar te quocumque ieris, sed permitte me primum ire et sepelire patrem meum. Jesus ait: Sequere me et dimitte mortuos sepelire mortuos.* (Mt 8,19). *Tu vade, annuntia regnum Dei* (Lc 9,60). *Alius ait: Domine, sequar te quocumque ieris, sed permitte mibi renuntiare his, quae domi sunt. Ait ad illum Jesus: : Nemo mittens manum etc.* (*ibid.*)[28]. Por isso, escreve a carta e reza, eu farei o mesmo. Agora falemos de outra coisa.

Tu acrescentas algumas palavras que demonstram, ou melhor, me confirmam a filial afeição que sempre nutriste para comigo e que eu de maneira ainda mais intensa sempre tenho tido para contigo. Sempre procurei e me esforcei para pôr em tuas mãos o que me parecia consentâneo com o teu caráter e segundo a maior glória de Deus. Com este pensamento eu teria pensado em confiar-te o ofício de prefeito [ecônomo] de Mirabello. Como vês, o passo é gigantesco: hoje simples súbdito, amanhã superior e árbitro de um instituto onde vivem quase 200 pessoas! Tu te sairás bem:

1º Ao procurar a glória de Deus no que farás. Fazer bem a quem pode, mal a ninguém. Vigilância em tudo.

[28] Dom Bosco sugere ao padre Belmonte a maneira de responder aos parentes que fazem pressão para que volte para casa.

2º Dependência filial do diretor, procurando atender ao que ele deseja e ajudando-o em suas fadigas. Muitas coisas são superiores às tuas forças, por isso, algumas atribuições são reservadas ao diretor.

3º O dinheiro fique com o diretor, os pagamentos sejam feitos por ele ou com o seu consentimento.

4º Procura conciliar a economia da casa com o contentamento dos subalternos. O que for necessário, que seja para todos: mas intrépido em opor-te aos abusos e ao desperdício.

Eu te aconselharia outra coisa para a tua tranquilidade e é que mandes teu irmão para Turim. Isso te evitaria problemas e talvez desgostos. Quanto ao mais, abandonemo-nos nas santas mãos do Senhor; ele está conosco e diremos com são Paulo: *Omnia possum in eo qui me confortat* [Fl 4,13].

Deus abençoe a ti e às tuas canseiras. Saúda o padre Provera e todos os demais nossos irmãos, e acredita-me sempre.

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco.

243. Ao clérigo Pedro Guidazio

Edição crítica em E(m) III, p. 250.

Turim, 13 de setembro de 1870

Caríssimo Guidazio,

Estarás sempre inquieto e diria infeliz enquanto não puseres em prática a obediência prometida e te abandonares inteiramente à direção dos teus superiores. Até agora o demônio te atormentou cruelmente te levando a fazer o contrário. De tua carta e das conversas que tivemos não aparece nenhum motivo para dispensar-te dos votos. Caso existissem, deveria escrever à Santa Sé, à qual são reservados. Mas *coram Domino* eu te aconselharia a considerar o *abneget semetipsum* [Mc 16,24] e lembrar que *vir oboediens loquetur victorias* [Pr 21,28].

Acredita na minha experiência. O demônio quereria enganar-me a mim e a ti; conseguiu em parte contigo; comigo falhou por completo com relação a ti. Tem plena confiança em mim como sempre tive em ti; não de palavras, mas de fatos, de vontade eficaz, de obediência humilde, pronta, ilimitada. São essas coisas que farão a tua felicidade espiritual e temporal e me proporcionarão verdadeira consolação.

Deus te abençoe e te conceda o precioso dom da perseverança no bem. Reza por mim que te sou afetuosamente pai

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sac. João Bosco

244. À irmã Madalena Martini

Edição crítica em E(m) IV, p. 499.

[Turim, 8 de agosto de 1875]

Diletíssima filha em Jesus,

A vossa ida para Mornese deu tamanha bofetada no mundo, que ele mandou o inimigo das nossas almas perturbar-vos.

Mas vós escutai a voz de Deus, que vos chama para vos salvar por um caminho fácil e plano, e desprezai toda sugestão contrária. Antes, deveis estar contente com as perturbações e inquietudes que experimentais, porque o caminho da cruz é o que vos conduz a Deus. Pelo contrário, se vos tivésseis encontrado logo alegre e contente, haveria a temer algum engano do inimigo maligno. Portanto lembrai:

1º Não se vai à glória, senão com grande fadiga;

2º Não estamos sozinhos, pois Jesus está conosco e são Paulo diz que com a ajuda de Jesus nos tornamos todo-poderosos;

3º Quem abandona pátria, parentes e amigos e segue o Divino Mestre, tem assegurado um tesouro no céu, que ninguém lhe poderá roubar;

4º O grande prêmio preparado no céu deve animar-nos a tolerar qualquer pena na terra.

Coragem, pois; Jesus está conosco. Quando tiverdes espinhos, colocai-os junto aos da coroa de Jesus Cristo.

Eu vos recomendo a Deus na santa missa; rezai também por mim, que sou sempre em Jesus Cristo

Vosso humilíssimo servo

Sac. João Bosco.

245. Ao padre Domingos Tomatis

Edição crítica em E(m) V, pp. 84-85.

Alassio, 7 de março de 1876

Meu caro padre Tomatis,

Tive notícias tuas e experimentei grande satisfação por haveres feito boa viagem e teres boa vontade de trabalhar. Continua. Uma carta que escreveste para Varazze mostrou que não andas às boas com algum coirmão teu. Isso causou má impressão, especialmente por haver sido lida em público.

Escuta-me, caro P. Tomatis: um missionário deve estar pronto a dar a vida pela maior glória de Deus; e então não deve ser capaz de suportar um pouco de antipatia por um colega, ainda que tivesse grandes defeitos? Ouve, pois, o que diz São Paulo: *Alter alterius onera portate, et sic adimplebitis legem Christi* [Gl 6,2]. *Charitas benigna est, patiens est, omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet* [1Cor 13,4-7]. *Et si quis suorum et maxime domesticorum curam non habet, est infideli deterior* [1Tm 5,8].

Portanto, meu caro, dá-me esta grande consolação, antes faze-me um grande favor, é Dom Bosco que te pede: para o futuro, Molinari seja teu grande amigo, e se não o podes amar porque imperfeito, ama-o por amor de Deus, ama-o por amor para comigo. Farás assim, não é verdade? De resto estou contente contigo, e todas as manhãs na santa missa recomendo ao Senhor a tua alma, os teus trabalhos.

Não esqueças a tradução da aritmética, acrescentando as medidas e pesos da República Argentina.

Dirás ao benemérito Dr. Ceccarelli que não pude receber o catecismo dessa arquidiocese, e desejo tê-lo, o pequeno, para inserir os atos de Fé no *Jovem Instruído* de acordo com os que são rezados na diocese..

Deus te abençoe, caro padre Tomatis; não te esqueças de rezar por mim, que serei sempre em Jesus Cristo teu

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

246. Ao padre Júlio Barberis

Edição crítica em E(m) V, pp.112-113.

Roma, Páscoa de 1876

Caríssimo padre Barberis,

Sou portador de boas notícias e tu és o primeiro a recebê-las. Ontem, às 7 da noite, estive em audiência com o santo padre e pude entreter-me com ele cerca de uma hora. Falou-se muito da Congregação e dos nossos noviços; depois leu de ponta a ponta o endereço deles, o nome de cada um, perguntando a respeito das qualidades deste ou daquele e se em algum deles apareciam virtudes extraordinárias. Procurei satisfazê-lo. Ficou muito satisfeito e disse que o seu número é um milagre da bondade do Senhor.

Em seguida acrescentou estas palavras textuais: São oliveiras novas que é preciso cultivar; mas é preciso que as plantinhas permitam ao cultivador cortar as raízes, os brotos inúteis e nocivos; extirpar as ervas daninhas e a praga que poderia arruiná-las. Vós compreendeis, mas havereis de explicá-lo mais detalhadamente. Estas plantas tenras devem crescer por si e depois dar frutos para o seu patrão. Ai da planta que ficar inoperante e não frutificar: ela é totalmente inútil para o seu patrão.

Deus abençoe essas plantinhas, Deus as dirija e as faça frutificar para sua maior glória.

Em seguida tomou a pena e escreveu de próprio punho embaixo do endereço: *Dominus vos benedicat* etc., como podes ver no envelope que te devolvo porque tem a assinatura do santo padre.

Saúda-me de modo especial Peloso, Schiapino, Tosello etc. Outras coisas escreverei em outro momento.

Deus nos abençoe a todos e tu acredita-me em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

P.S. Recebi a tua carta e está bem tudo o que me diz. É bom que haja alguns passeios para os noviços.

247. Ao padre Luís Guanella (santo)

Edição crítica em E(m) V, p. 342.

Turim, 10 de abril de 1877

Caríssimo padre Luís,

Várias vezes recebi suas cartas e sempre senti grande satisfação.

Agradeço ao Senhor que em tão breve tempo nos ajudou a fazer tudo o que já se fez e espero que no futuro se fará ainda mais.

Não podendo vê-lo e falar-lhe com frequência, aqui lhe darei algumas normas que costumo dar aos diretores das nossas casas.

1° Vigiai quanto à moralidade dos salesianos e dos jovens a eles confiados. Procurai chamá-los uma vez por mês para fazer o rendiconto e que cada um faça o exercício da boa morte uma vez por mês.

2° *Age quod agis*. Todos os negócios são secundários; esquecer as coisas exteriores e ocupar-nos em aperfeiçoar as coisas, os trabalhos, as pessoas e ajudá-las o mais possível nos sofrimentos e nas doenças.

3° Organizar a administração material de tal modo que tudo caminhe por si mesmo; antes, se for possível, também enviar alguma ajuda à casa-mãe que deve enfrentar tantas despesas para sustentar o corpo da Congregação.

4° Preparar as pregações, escrevê-las, ajudar os salesianos em seus estudos, fornecer-lhes ou indicar-lhe livros que os ajudem nessas coisas.

5° Ler, meditar, praticar e fazer com que os outros pratiquem as Regras da Congregação.

Faça o que puder para praticar estas sugestões amigáveis; saúde cordialmente no Senhor todos os nossos salesianos, isto é, Traversino, Depert, Liduani e Boassi.

Todos rezem por mim que serei sempre em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

248. Ao salesiano coadjutor Bartolomeu Scavini

Edição crítica em E(m) V, pp. 516-520.

Turim, 1º de dezembro de 1877

Meu caro Scavini,

Chegou-me aos ouvidos que te achas tentado a abandonar a congregação salesiana. Não faças isso. Tu, consagrado a Deus com votos perpétuos, tu, salesiano missionário, tu, dos primeiros a ir à América, tu, grande confidente de Dom Bosco, quererás agora voltar àquele mundo onde são tantos os perigos de perversão? Espero que não farás tal despropósito. Escreve as razões que te perturbam, e eu qual pai darei ao filho amado conselhos capazes de torná-lo feliz no tempo e na eternidade.

Deus te abençoe e acredita-me sempre em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

249. Ao padre Luís Guanella (santo)

ASC A1820305 *Fotocopie di originali autentici*; edição em E III, pp. 311-312.

Roma, 8 de março de 1878

Caríssimo senhor padre Luís Guanella,

A seu tempo sempre recebi suas cartas que li com real satisfação. Antes de tudo, devemos agradecer de todo o coração a Deus que na sua infinita misericórdia quis restituir a saúde ao senhor comendador Dupraz, que assim pode levar adiante o internato iniciado. Creio que o número de jovens será sempre grande e disso resultará muito fruto para a maior glória de Deus.

Trouxe-me também muito conforto saber que os salesianos de Trinità gozam de boa saúde e cumprem exemplarmente os seus deveres. *Deo gratias*. Tenhamos coragem para continuar no empreendimento começado; Deus nos ajudou e não deixará de nos ajudar no futuro; basta que da nossa parte cooperemos com ele.

Com esta finalidade lhe recomendo, como também a todos os nossos queridos salesianos que prestem atenção a três coisas:

1° Suma vigilância na observância de todas e de cada uma das nossas Regras, e todos os meses fazer um dia de retiro para examinar o progresso ou o retrocesso na observância das mesmas.

2° Usar de muita caridade recíproca em suportar os defeitos, em dar bons avisos uns aos outros, bons conselhos, sempre que se apresentar a oportunidade. Assim se faça especialmente no que tange à saúde dos sócios, à economia doméstica e aos deveres do próprio estado.

3° Empenhai-vos de comum acordo para dar bom exemplo quanto ao comportamento exterior e fazer de tal modo que ninguém no mundo possa lamentar as ações e as palavras de algum dos nossos coirmãos.

Ao chamar para o rendiconto mensal sigam-se estas orientações e se insista até que se vejam os resultados práticos.

Além disso, neste ano a Congregação passa por apuros financeiros e, pelo menos por ora, não podemos contar com a ajuda do santo padre, por isso, cada um procure fazer economia com o que for compatível com o nosso estado, menos no que for necessário para a conservação da saúde. Em tudo, a máxima economia, mas nos casos de doença ou do que for indispensável para a conservação da saúde, faça-se tudo o que estiver ao alcance.

Queira fazer-me o favor de comunicar esta carta aos nossos queridos irmãos e de dizer-lhes que os amo a todos em Jesus Cristo, rezo por eles, e que Leão XIII nos quer bem e envia a todos a sua santa bênção.

Dentro de poucos dias espero poder partir de Roma. Recomendo-me às orações de todos, especialmente de Traversino, que me dizem ter-se tornado realmente um modelo de virtude. Não é mesmo?

Deus nos abençoe a todos e a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco. Amém.

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

250. Ao padre Francisco Bodrato

ASC A1880305 *Copie semplici*; edição em E III, pp. 323-324.

Turim, 31 de dezembro de 1878

Caríssimo padre Francisco Bodrato,

A seu tempo recebi as tuas cartas e as dos meus caros filhos que moram em Buenos Aires. Procurarei dizer alguma palavra para cada um deles. Tu distribuirás as cartas que receberás por mãos dos nossos coirmãos e das nossas coirmãs.

Bendigamos ao Senhor que nos ajuda de maneira tão sensível.

Como lembrança para ti, recorda-te de:

1° Fazer qualquer sacrifício para conservar a caridade e a união com os irmãos.

2° Quando tiveres que fazer alguma correção ou dar conselhos particulares, nunca fazê-lo em público, mas sempre *inter te et ille solum* [Mt 18,15].

3° Depois de ter feito alguma correção, esquece a falta cometida e demonstra ao faltoso a mesma benevolência de antes.

Este é o testamento do teu amigo e pai Dom Bosco.

Outras notícias, terás dos nossos caros coirmãos que estão indo prestar sua colaboração para vos aliviar nos trabalhos.

Saúda cordialmente os jovens do internato, dizendo-lhes que os abençoo e amo muito no Senhor.

Deus abençoe a ti, aos teus trabalhos e acredita-me teu em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

251. Ao padre Tadeu Remotti

ASC A1900610 *Copie semplici*; edição em E III, p. 425.

Turim, 31 de dezembro de 1878

Caríssimo P. Tadeu Remotti,

Muito me agradou a franqueza com que algumas vezes me escreveste. Continua sempre assim. Mas tem como norma alguns avisos que são para ti o meu testamento.

1. Suportar os defeitos alheios, mesmo quando nos causam dano.

2. Cobrir as faltas dos outros, nunca levar alguém na troça quando fica ofendido.

3. Trabalha, mas trabalha por amor de Jesus; sofre tudo, mas não ofendas a caridade. *Alter alterius onera portate et sic adimplebitis legem Christi* [Gl 6,2].

Deus te abençoe, ó caro P. Remotti; até à vista na terra, se assim aprouver à vontade divina; diversamente, o céu está preparado para nós e a misericórdia divina no-lo concederá.

Reza por mim que agora e sempre serei para ti em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. J. Bosco.

252. Ao padre Domingos Tomatis

ASC A1740705 *Originali autografi*; edição em E III, pp. 524-525.

Alassio, 30 de setembro de 1879

Meu caro padre Tomatis,

Estou sempre a par do andamento do colégio de San Nicolas; atualmente parece que esteja para começar uma nova etapa sob o teu "*ducado*". Que seja assim. Nós depositamos plena confiança e esperança em ti. Escrevote aqui algumas das orientações que sempre dou aos diretores, e tu procura servir-te delas.

1° Cuida muito da tua saúde e da dos teus súditos; procura que ninguém trabalhe demais ou fique no ócio.

2° Esforça-te por preceder os outros na piedade e na observância das nossas Regras; e procura que também sejam praticadas pelos outros, especialmente a meditação, a visita ao Santíssimo Sacramento, a confissão semanal, a missa bem celebrada e, para os não padres, a comunhão frequente.

3° Heroicidade em suportar as fraquezas dos outros.

4° Para com os jovens, muita benevolência, muita comodidade e liberdade para se confessarem.

Deus te abençoe, caro Tomatis, e contigo abençoe todos os nossos irmãos, os jovens, o amigo Ceccarelli, a quem devo escrever, e a todos conceda saúde e a graça de uma vida santa. A todos uma saudação muito cordial.

Reza por mim, que serei sempre em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

253. Ao salesiano coadjutor Carlos Audisio

ASC A1600166 *Originali autografi*; edição em E IV, p. 12.

Turim, 31 de janeiro de 1881

Caríssimo Audisio,

O velho amigo da tua alma te manda uma saudação e te recomenda jamais esquecer a salvação eterna da alma. Trabalha, mas trabalha para o céu.

Exatidão nas práticas de piedade, eis tudo. Além disso, obediência é a chave de todas as virtudes.

Deus te abençoe, ó meu caro Audisio, Deus te conserve na sua santa graça, e reza por mim que serei sempre teu em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

254. Ao clérigo Luís Calcagno

ASC A1700303 *Fotocopie di originali autografi*; edição em E IV, p. 13.

Turim, 31 de janeiro de 1881

Tu és sempre bom, ó meu caro Calcagno? Espero que sim. Não olhes, porém, para trás. Olhemos para o céu que nos espera. Lá temos preparado um grande prêmio.

Trabalha, conquista almas e salva a tua, por favor. Sobriedade e obediência para ti são tudo.

Escreve-me com frequência. Deus te abençoe e te conserve sempre na sua santa graça, e reza por quem será sempre para ti em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

255. À madre Catarina Daghero

ASC A1790401 *Fotocopie di originali autografi*; edição em E IV, p. 75.

Nizza Monferrato, 12 de agosto de 1881

Reverenda madre superiora-geral,

Eis alguns bombons para distribuir às vossas filhas. Conservai para vós a doçura que se deve praticar sempre e com todos; mas disponde-vos a receber os "amaretti", ou melhor, os bocados amargos, quando a Deus aprouver mandar-vos.

Deus vos abençoe e vos dê virtude e coragem para santificardes a vós e a toda a comunidade a vós confiada.

Humilde servo

Sac. João Bosco.

256. Ao padre Nicolau Fenoglio

ASC A1890276 *Copie semplici*; edição em E IV, pp. 152-153.

Torino, 13 de julho de 1882

Caríssimo padre Fenoglio,

Louvo o teu desejo de fazer e sofrer alguma coisa para a maior glória de Deus; mas antes de passar à prática, desejo que conversemos um pouco pessoalmente. Para tua comodidade, faremos isso no turno de exercícios espirituais que será fixado.

Neste ínterim procura exercitar a virtude da caridade, da paciência e da doçura de São Francisco de Sales.

Enfrenta o calor, o frio, a sede, os desprazeres como presentes que Deus te envia.

Direi o resto quando te manifestar meu pensamento a teu respeito.

Deus te abençoe e te ajude a caminhar pelo caminho do céu. Reza a Deus por mim que serei sempre em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco

257. À irmã Eulália Bosco

ASC A1790226 *Fotopie di originali autografi*; edição em E IV, pp. 289-290.

Pinerolo, 20 de agosto de 1884

Minha boa Eulália,

Dei graças ao Senhor quando tomaste a resolução de te fazeres religiosa; agora de coração agradeço a ele haver-te conservado a boa vontade de romperes definitivamente com o mundo e de te consagrares totalmente ao bom Jesus. Faze de bom grado essa oferta, e reflete na recompensa que é o cêntuplo na vida presente e o verdadeiro prêmio, o grande prêmio na futura.

Mas, minha boa Eulália, isso não deve ser brinquedo, mas coisa séria. E lembra-te das palavras do pai da Chantal, quando se encontrava em caso semelhante: o que se dá ao Senhor não se deve nunca retomar.

Tem em mente que a vida religiosa é vida de contínuo sacrifício, e que cada sacrifício é largamente recompensado por Deus. Somente a obediência, somente a observância das Regras, somente a esperança do prêmio celeste são o nosso conforto no curso da vida mortal.

Recebi sempre as tuas cartas e com prazer. Não respondi porque me faltou tempo.

Deus te abençoe, Eulália. Maria seja a tua guia, o teu conforto até o céu. Espero que ainda possamos nos ver na vida presente: senão, adeus, havemos de ver-nos e falar em Deus na vida bem-aventurada. Assim seja.

Desejo todas as bênçãos à madre-geral e a todas as irmãs, noviças, postulantes de Maria Auxiliadora. Sou devedor de uma resposta à madre e o farei. Reza por mim e por toda a nossa família e tem-me sempre em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo tio

Sac. João Bosco

V. FORMAÇÃO POR MEIO DE CONFERÊNCIAS E DA NARRAÇÃO DE SONHOS

Os anos da fundação e da consolidação da Sociedade Salesiana e do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora se distinguem como os anos em que os horizontes de Dom Bosco se expandem de forma impressionante. O padre de Valdocco, sempre mais consciente de ter recebido uma missão divina, se sente transportado para um campo de ação vastíssimo, investido de um carisma que o constitui fundador e pai de um movimento de apóstolos, de consagrados e consagradas, destinado a dilatar-se no espaço e no tempo. O seu magistério espiritual se aprofunda, a sua proposta se torna mais radical, totalizadora.

Os textos aqui reproduzidos são extraídos dos apontamentos tomados durante as conferências de Dom Bosco. Constituem uma simples amostra. Como nas cartas circulares e nas cartas pessoais, também nestas ocasiões o Santo acentua os aspectos que considera mais típicos da vida consagrada salesiana, com um frescor e uma vivacidade que é específica do discurso direto.

Nessas intervenções é ulteriormente confirmado o conceito totalizador que Dom Bosco tem da consagração e da vocação salesiana, que pede empenho generoso e determinação.

O leitor poderá constatar que os sonhos destinados aos salesianos (nn. 263-265), comparados com os narrados aos jovens, comportam, junto com a função instrutiva e simbólica, uma finalidade espiritual e carismática mais acentuada. Em particular, o sonho dos dez diamantes (n. 265), que representa o ícone do salesiano ideal, mostra que a especificidade do espírito salesiano, "mais do que uma característica ou uma virtude, é um conjunto de atitudes, de convicções profundas e de experiências metodológicas bem experimentadas, que confluem harmonicamente para a criação de um estilo original e peculiar de santidade e de apostolado" [29].

[29] Egidio Viganò, *Il profilo del salesiano nel sogno del personaggio dai dieci diamanti*, em "Atti del Consiglio Superiore" 62 (1981) n. 300, 27-28.

258. Deveis comportar-vos de tal modo que os outros, espelhando-se em vós, possam edificar-se

ASC A0040601 *Cronaca 1858…*, manuscrito de João Bonetti, pp. 17-19 (cf. MB VI, 68-70).

[Outubro/novembro de 1858][30]

Agora podemos dizer que o nosso ano escolar começou, e por isso desejo muito começar como no ano passado, entretendo-me um pouco convosco pelo menos uma vez por semana. O momento mais propício de que dispomos é esta hora depois das orações. Não quero fazer-vos uma pregação, somente quero dizer-vos, e o desejo com todo o meu coração, só quero recomendar-vos o que tantas vezes recomendou São Paulo, aliás, o próprio Deus o recomendou a Moisés, quando desceu da montanha: que sejamos modelos, que sejais verdadeiros modelos para todos os jovens do Oratório. Vós deveis ser como linhas sobre cujo traçado todos os outros meus filhos possam caminhar. Por isso, deveis comportar-vos de tal modo que os outros, espelhando-se em vós, possam se edificar. Deveis procurar não somente ser úteis aos outros mediante conselhos, mas mediante as obras. De que vale recomendar aos outros para que frequentem os santos sacramentos, se eles veem que vós os frequentais tão pouco? Se eles veem que vós vos aproximais devotamente dos santos sacramentos, se vos observam devotos e modestos na igreja, quem sabe por causa do vosso exemplo poderão haurir algo para alimentar as próprias almas. Se por desgraça um clérigo tem conversas pouco convenientes, deixa escapar alguma palavrinha que tenha ressaibos de impureza, pobre de mim! pobre de mim! Que escândalo!

[…]

De nós, o povo espera frutos bons, o povo olha para nós e se não vê nenhum fruto, oh! como fica escandalizado! Santo Ambrósio nos compara com a lua. Ele diz que nós devemos ter grande cuidado. A lua não tem luz própria, sua luz provém do sol, ela se serve dele, e em seguida a reflete sobre a terra. Assim somos nós também. Nós não temos nada de nosso, mas devemos receber tudo de Deus, do sol de justiça, daquela palavra divina que ilumina a mente, e depois de nos termos servido dela, devemos refleti-la sobre todos os homens, os quais esperam que nós os encaminhemos pelo caminho que

[30] Trata-se de uma conferência feita a um pequeno grupo de clérigos do Oratório, aos quais – no ano seguinte – haveria de propor que fizessem parte da Sociedade Salesiana.

conduz ao céu. Santo Agostinho [diz]: Quereis saber o que significam as togas com que se vestem os jovens romanos? Não penseis que a toga signifique somente que o jovem já completou 17 anos, não significa somente isso; mas que, por baixo da toga, existe ciência, existe virtude, em suma, existem todas as boas qualidades de que devem se adornar os que a querem vestir. Assim é para nós também. Sob esta batina nós devemos levar a virtude que um hábito tão santo merece.

Josué devia atravessar o Jordão, Deus lhe pede que chame os sacerdotes com a arca. Chegando ali, que a ponham sobre os ombros, e as águas do Jordão se dividirão e todo o exército passará. Assim fizeram os sacerdotes; segurando a arca sobre os ombros, as águas se dividiram; as águas superiores se levantaram como uma muralha, as inferiores escorreram pelo seu caminho deixando enxuto o Jordão, e todo o exército de Israel pôde passar para o outro lado do Jordão. Assim devemos fazer nós também. Com a arca da divina aliança, com a santa religião, com as boas máximas, com belas palavras, devemos fazer de tal modo que, sãos e salvos, os homens passem deste mundo para a eternidade. Coragem, portanto, façamos tudo o que pudermos para ser úteis para o bem das almas.

Vós, que estais sempre rodeados de jovens que continuamente vos observam, fazei de tudo, empenhai-vos com toda a vossa força para bem encaminhá-los, mediante o bom exemplo, a palavra e mediante conselhos e advertências repletas de caridade. Se fizerdes assim neste ano, embora tenhamos um grupo de clérigos menor do que no ano passado, eu ficarei contente e o Senhor só poderá abençoar a mim, a todos vós, a casa; continuará a nos abençoar como sempre fez, a nos ajudar com seu braço poderoso, abençoando todas as nossas fadigas. Assim seja.

259. Depois da primeira profissão religiosa dos salesianos

ASC A0040604 *Annali* III *1862*, manuscrito de João Bonetti, pp. 1-6 (cf. MB VII, 162-164)[31].

[14 de maio de 1862]

Estes votos que vós acabais de fazer, eu entendo que não vos imponham outra obrigação a não ser a de observar o que até agora vós observastes, isto é, as Regras da casa. Desejo grandemente que ninguém se deixe tomar por nenhum temor, por nenhuma inquietação. Cada um, em qualquer ocorrência, venha logo me abrir seu coração, exponha suas dúvidas, suas angústias. Digo-vos isso porque poderia acontecer que o demônio, vendo o bem que podeis fazer permanecendo nesta Sociedade, poderia pôr-vos na cabeça alguma tentação, tratando de levar-vos a vos afastardes contra a vontade de Deus. Agora, se eu for logo informado por vós, poderei estar em condições de examinar o assunto, restituir a paz aos vossos corações, e também dispensar-vos dos votos, caso notasse que esta é a vontade de Deus e o bem das almas.

Alguém poderá dizer: "Dom Bosco também fez estes votos?". Pois bem, enquanto vós fazíeis a mim estes votos, eu também os fazia a este Crucifixo por toda a minha vida, oferecendo-me em sacrifício ao Senhor, disposto a suportar qualquer coisa a fim de buscar sua maior glória e a salvação das almas.

Meus caros, estamos em tempos difíceis e parece quase uma presunção, nestes malfadados momentos, procurar criar uma nova comunidade religiosa, enquanto o mundo e o inferno, com todos os seus estratagemas, se esforçam para arrancar da terra as que já existem. Mas, não importa; eu tenho, não só prováveis, mas seguros argumentos de ser vontade de Deus que a nossa Sociedade comece e prossiga. Muitos foram os esforços feitos para impedi-la, todos em vão. Aliás, alguns que mais obstinadamente quiseram se opor, pagaram caro a ousadia. Não faz muito tempo que uma pessoa distinta, que por vários motivos não vou nomear, talvez por zelo, se opôs tenazmente a esta Sociedade. Pois bem, essa pessoa de repente se sentiu mal e em poucos dias passou para a eternidade.

[31] O padre Bonetti inicia o discurso de Dom Bosco com estas palavras: "E assim, um belo número de nós fizemos os nossos votos conforme o regulamento. Sendo muitos, repetimos juntos a fórmula que o padre Rua ia pronunciando. Depois disso o senhor Dom Bosco nos dirigiu algumas palavras para nossa tranquilidade e para infundir-nos maior coragem para o futuro. Entre outras coisas, nos disse […]" (A0040604 *Annali* III *1862*…, p. 1).

Não acabaria nunca de falar nesta noite se quisesse contar os sinais especiais de proteção que recebemos do céu desde o começo do nosso Oratório. Tudo nos leva a pensar que temos Deus conosco e podemos ir para frente em nossos empreendimentos com confiança, sabendo que estamos cumprindo a sua santa vontade.

Todavia, ainda não são estes os argumentos que me fazem ter esperanças quanto a esta Sociedade; outros maiores há, entre os quais o único escopo que nos propusemos é a maior glória de Deus e a salvação das almas. Quem sabe, o Senhor queira servir-se desta nossa Sociedade para fazer muito bem na sua Igreja! Daqui a vinte e cinco ou trinta anos, se o Senhor continuar a ajudar-nos como até agora, a nossa Sociedade espalhada por diversas partes poderá também alcançar o número de mil sócios. Destes, alguns se dedicarão a instruir o povo simples com pregações, outros se dedicarão à educação dos meninos abandonados; alguns darão aulas, outros escreverão e difundirão bons livros; enfim, todos finalmente irão sustentar a dignidade do romano pontífice e dos ministros da Igreja; Quanto bem será feito! Pio IX acredita que nós já temos tudo em ordem; pois bem, aqui estamos esta noite em plena ordem; combatamos com ele pela causa da Igreja, que é a de Deus. Criemos coragem, trabalhemos cordialmente. Deus, como bom patrão, saberá recompensar-nos. A eternidade será bastante longa para descansarmos[32].

260. Tende sempre presente o escopo da Congregação

ASC A0250202 *Conferenza di D. Bosco – 12 gennaio 1873*; manuscrito alógrafo (cf. MB X, 1061-1063).

[12 de janeiro de 1873]

Vejo com imenso prazer que a nossa Congregação cresce de dia em dia [...]. Entretanto, se por um lado é meu grande desejo que a nossa Congregação cresça e multiplique os filhos dos apóstolos, por outro, é também meu imenso e maior desejo que estes membros sejam seus zelosos ministros, dignos

[32] O padre Bonetti conclui dizendo: "Observamos que nesta noite Dom Bosco demonstrava uma satisfação inexprimível, não sabia se afastar de nós, assegurando-nos que teria passado conversando conosco a noite inteira. Contou-nos ainda tantas coisas bonitas, especialmente referentes aos inícios do Oratório. Relatou-nos o trágico fim de algumas pessoas que queriam impedi-lo de reunir os meninos, etc" (A0040604 Annali III 1862..., p. 6).

filhos de São Francisco de Sales, como os Jesuítas são filhos do valente santo Inácio de Loyola. O mundo inteiro, e mais ainda os maus, que por ódio satânico gostariam de ver esta santa semente destruída, ficam admirados. As perseguições, os massacres mais horrendos, não fazem desistir estes homens magnânimos. Divididos pelo mundo afora, um não sabe nada do outro, entretanto, embora distantes um do outro, cumprem perfeitamente as Regras ditadas pelo seu primeiro superior, como vivessem em comunidade. Eu digo que onde está um Jesuíta, lá está um modelo de virtude, um exemplo de santidade: lá se prega, lá se confessa, lá se anuncia a palavra de Deus. O que mais? Quando os maus acreditam tê-los destruído, é precisamente então que mais se multiplicam; é então que o fruto das almas aumenta.

Que assim seja convosco também, meus filhos; pensai seriamente no estado a que Deus vos chama; pensai e rezai, e entrando nesta Congregação, espelhai-vos nesses magnânimos filhos de Cristo e fazei do mesmo modo. Quer abraceis o estado eclesiástico, quer permaneçais leigos, seja qual for o trabalho a que vos derdes, sede sempre fieis à observância das Regras. A vossa casa será aqui, será em Lanzo, será num outro lugar, ou então na França, na África, na América, quer estejais sozinhos, quer em grupo, tende sempre presente o escopo desta Congregação, o de instruir a juventude, e em geral o nosso próximo, nas artes e nas ciências e mais ainda na religião; isto é, numa palavra, a salvação das almas. E se eu tivesse que expressar o que neste momento me passa pela memória, eu vos descreveria um grande número de oratórios dispersos por esta terra, na França, na Espanha, na África, na América e em tantos outros lugares onde os nossos irmãos na vinha de Jesus Cristo trabalham incansavelmente.

Por ora, esta é uma simples ideia minha, mas me parece poder apresentá-la já agora como histórica. Dado que o santo padre Pio IX nos exortou a trabalharmos por enquanto somente na Itália que, como ele afirma, está sumamente necessitada, os nossos esforços haveremos de despendê-los aqui na Itália. Seja qual for a disposição do céu, lembrai-vos sempre do escopo da Congregação à qual estais para pertencer ou à qual vós já pertenceis. Encorajemo-nos mutuamente e trabalhemos concordes para um dia chegar, em companhia das almas que tivermos conquistado para Deus, a gozarmos juntos no céu da bem-aventurada visão de Deus por toda a eternidade.

261. Mediante os votos, todos nos consagramos inteiramente a Deus

ASC A0000409 *Prediche di don Bosco. Esercizi Lanzo 1876*, Quad. 20, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 14-19 (cf. MB XII, 451-454)[33].

[Lanzo Torinese, 17 de setembro de 1876]

Um general do exército, quando vê crescer as fileiras dos seus campeões, alegra-se porque espera poder, com eles, desbaratar mais facilmente os seus inimigos, sem ter muito de que se amedrontar. Da mesma forma me alegro também eu ao ver crescer as fileiras dos meus filhos, dos campeões que querem combater contra o demônio, que permitirão desbaratar, no que nos for possível, o seu reino nesta terra e preparar-nos um belo trono no céu.

Sabeis o que significa fazer os santos votos? Significa colocar-se nas primeiras fileiras das milícias do Divino Salvador para combater sob suas ordens e a seu soldo. Mas o que eu vos quero dizer neste momento é isto, que não basta fazer os votos, é preciso esforçar-se para praticar o que se prometeu a Deus por meio dos votos. Pelos santos votos nós nos consagramos inteiramente a ele; não tomemos de volta o que acabamos de entregar. Consagramos a ele estes nossos olhos: portanto, deixemos de lado as leituras inúteis e indiferentes, os olhares maus e vãos. Consagramos a Deus os nossos ouvidos: portanto, nunca mais parar para ouvir quem murmura e semeia descontentamento, nunca mais desejar ouvir coisas inconvenientes ou participar de conversas e reuniões onde, embora o assunto não seja mau, todavia, é completamente secular e mundano. Consagramos a Deus a nossa língua: portanto, nunca mais palavras mordentes e picantes contra nossos colegas, nunca mais respostas ríspidas aos superiores, nunca mais semear descontentamento; não, agora que a consagramos a Deus, nunca mais a manchemos; pelo contrário, seja usada unicamente para cantar os louvores divinos, contar bons exemplos para animar os outros para o bem. Consagramos a Deus a nossa garganta, por

[33] É uma reflexão feita por Dom Bosco depois da profissão dos votos, no final do primeiro turno de exercícios espirituais de setembro de 1876. O padre Barberis introduz as palavras de Dom Bosco com estas expressões: "O dia 17 de setembro foi o dia da profissão dos votos para os que ainda não os tinham professado e que desejavam fazê-lo. Depois de uma hora de recreio após o café da manhã, às 9h30min, fomos para a igreja. Foi rezada uma segunda missa, dado que era dia de domingo, e ao mesmo tempo se cantou o ofício, depois se terminou lendo as Regras. A seguir foi entoado o *Veni Creator* e passaram para a sacristia todos os que foram admitidos aos votos: foram admitidos 20 aos perpétuos e 15 aos trienais [...]. Terminada a profissão, Dom Bosco, já sentado na sua cadeira de braços, começou uma bela pregação que reproduzirei aqui na parte que mais recordo" (A0000409 *Prediche di don Bosco…*, p. 14).

isso, longe de nós todo exagero de delicadeza na comida; grande parcimônia no vinho; nunca nos deixemos tentar pela gula para ir em busca de almoços e jantares, bebidas ou coisas semelhantes. Consagramos de modo especial nossas mãos ao Senhor, por isso, que elas nunca estejam ociosas; que elas não se lamentem de trabalhar em ofícios simples na aparência, contanto que tudo concorra para a maior glória de Deus. Consagramos ao Senhor os nossos pés: oh, aqui eu entro num vastíssimo campo, por isso não usemos nossos pés para retornar ao mundo que acabamos de abandonar. Sim, é preciso que eu pare aqui para tratar deste assunto de modo especial.

O Senhor nos concedeu uma grande graça chamando-nos para o seu seguimento: este mundo é muito perverso e perversor. Por isso, sigamos a graça e não voltemos a perverter-nos. Vede, o Espírito Santo nos instrui claramente que o mundo está todo posto no mal: *mundus in maligno positus est totus* [1Jo 5,19]. Portanto, façamos com que estes pés não nos levem de volta para lá de onde escapamos. O obstáculo principal, a dificuldade maior é a que se refere aos nossos pais. Mas o Senhor disse que quando estes fossem para servir de tropeço para o nosso bem maior, não deveríamos ouvi-los, nem mesmo olhá-los, aliás, chega mesmo a dizer de odiá-los. Por isso, é preciso que nos desapeguemos deles de fato, dado que Deus nos fez o grande favor de nos chamar para o seu seguimento. Além disso, por meio dos votos nos desapegamos deles para ligar-nos de forma peculiar a Deus; por que, então, pôr-nos novamente no perigo de nos afastarmos de Deus indo ouvir suas lamentações, suas necessidades ou suas vontades? [...]

Agora percebo que me distanciei um pouco do assunto que eu queria tratar, isto é, que nos tendo consagrado de modo especial a Deus, devemos dar a ele toda a nossa vida, todas as nossas obras, todo o nosso ser. Devemos esforçar-nos muito para que a realidade, as nossas obras, correspondam a este objetivo. Crede-me, jamais houve alguém que tenha estado descontente no ponto de morte por se ter consagrado a Deus e por ter despendido a vida no seu santo serviço. Pelo contrário, muitos são os que naquele momento lamentam não tê-lo servido e amado. Choram então, os coitados, mas não há mais tempo. Dado que o Senhor, na sua grande misericórdia, quis advertir-nos em tempo e chamar-nos a segui-lo, entreguemo-nos e realizemos de fato obras dignas deste seu chamado.

262. Paciência, esperança, obediência

ASC A0000409 *Prediche di don Bosco - Esercizi Lanzo 1876*, Quad. XX, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 1-11 (cf. MB XII, 454-460).

[Lanzo Torinese, 18 de setembro de 1876]

Estamos para nos separar e cada qual ir para o lugar para onde Deus o destinou a exercer o sagrado ministério. O que posso dizer-vos neste momento que sirva como palavra de ordem a ser lembrada em todo lugar e em todo tempo como fruto destes exercícios? São três palavras simples que neste momento eu considero da máxima importância. É bom que demos atenção a elas com todo o esforço possível da nossa alma. Ei-las: Paciência, Esperança, Obediência.

[1. *Paciência*] - Em primeiro lugar eu vos recomendo muita paciência. É o próprio Espírito Santo que nos adverte: *Patientia vobis necessária est* [Hb 10,36], ele nos diz na Sagrada Escritura. *In patientia vestra,* nos diz em outro lugar, *possidebitis animas vestras* [Lc 21,19]. *Patientia opus habet perfectum* [Tg 1,4]. Não pretendo falar aqui da paciência que se exige para superar grandes fadigas ou extraordinárias perseguições; não da paciência que é necessária para suportar o martírio, nem da que é preciso exercitar nas doenças graves. Evidentemente, nesses casos exige-se paciência em grau heroico; trata-se, porém, de casos que raramente deveremos enfrentar e, além disso, nessas horas, Deus nos concede graças extraordinárias. A paciência de que desejo falar aqui é a de que precisamos para cumprir bem os nossos deveres, a de que necessitamos para em tudo cumprir as nossas Regras, desempenhar com exatidão os nossos deveres. É desta que eu vos quero falar. De paciência precisam os superiores e seus dependentes, e pode ocorrer que precisemos dela em milhares de oportunidades, por isso devemos estar bem provisionados dela.

Alguém já está sobrecarregado de ocupações, mas pretende-se acrescentar-lhe mais alguma, quer porque se ignoram suas abundantes tribulações, quer porque é considerado apto para assumir um peso a mais; e ele está para se irritar com quem ameaça sobrecarregá-lo de trabalhos. É preciso ter paciência.

Outro gostaria de lecionar, mas o mandam ser assistente; um terceiro quereria frequentar um curso, mas o encarregam de dar aulas, ou então preferiria estar em certo lugar, ao passo que o colocam em outro. Em todos estes casos é preciso ter paciência.

Aquele tal pensa que o superior está sempre contra ele, não o vê com bons olhos, atribue-lhe as ocupações mais rotineiras. Se não tiver paciência e logo começar a murmurar, a mostrar-se descontente, o que acontecerá?

Há ainda quem tem uma ocupação que lhe é antipática, não consegue desempenhar-se bem naquele lugar; tem vontade a toda hora de mandar tudo às favas e ir não se sabe para onde. Devagar com os passos errados: mais do que nunca aqui é necessário conservar a paciência.

Acontece também que alguém diz: o superior me odeia; será efeito de sua imaginação mais do que de outra coisa; mas, mesmo assim, será lícito lamentar-se, falar mal, mostrar-se publicamente ofendido? Claro que não! Eis por que eu dizia que é preciso ter a paciência como companheira inseparável.

Depois, o superior, oh quanto precisa ter muito mais paciência! Se ele souber fazê-la exercitar pelos outros, os súditos podem dizer: nós somos muitos, ele é um só, vamos exercer um pouco de paciência dividindo-a um pouco para cada um. Mas o superior acaba ficando sozinho contra todos e deve ter paciência com todos e, por isso, embora jovem, já é obrigado a caminhar encurvado. Um pouco por atenção a um, um pouco por atenção a outro, algumas vezes ele deve amargar um bocado, porque as pessoas não têm capacidade, ou porque não se nota nelas toda aquela boa vontade e espontaneidade no fazer as coisas, ou também porque se vê claramente a má vontade. Isso, porém, será motivo para cortar todo relacionamento ou largar aquele problema ou deixar o barco correr? Eu sei que muitas vezes vem a vontade de passar em alguém uma áspera descompostura[34] ou de mandar o sujeito embora ou qualquer outra coisa, mas é precisamente aqui que é necessária muita paciência, melhor, muita caridade, adicionada ao tempero de São Francisco de Sales, a doçura, a mansidão.

Também aquele professor, aquele assistente poderia acabar com tudo, dando um tabefe aqui, um chute ali; tenhamos medo disso, pois, se alguma vez pode terminar com uma desordem, nunca faz o bem e nunca serve para fazer amar a virtude ou fazê-la penetrar no coração de ninguém. Que haja o verdadeiro zelo, isso sim. Procure-se fazer o bem de todos os modos, mas com calma, com doçura, com paciência.

Alguém dirá: tudo bem, mas é difícil não se irritar quando se vê... Sim, custa. Eu também sei que custa, mas sabeis donde deriva a palavra *paciência*? Do verbo [latino] *patior, pateris, passus sum, pati,* que quer dizer: padecer, tolerar, sofrer, violentar-nos. Se não custasse fadiga, não seria mais paciência. É precisamente porque custa muito que eu a recomendo tanto e o Senhor a

[34] [...].

inculca com tanta insistência nas Sagradas Escrituras. Percebo também eu que custa. Não pensem que seja a coisa mais agradável do mundo passar a manhã toda pregado numa cadeira a dar audiências ou a tarde inteira, sentado à escrivaninha, para despachar todos os assuntos, as cartas ou coisas semelhantes. Oh, garanto-lhes que muitas vezes eu com muito gosto sairia para tomar um pouco de ar e até precisaria; mas é necessário que enfrente tudo com a santa paciência. Se não fizesse assim, muitos problemas não teriam solução; tantas coisas boas ficariam para trás; muitos negócios importantes permaneceriam encalhados; por isso, paciência.

Não pensem que não custa também a mim, após ter encarregado alguém de uma tarefa, depois de ter-lhe confiado algum encargo importante ou delicado ou urgente, e dar-me conta depois que não foi executado ou foi malfeito, não pensem que não custa também a mim ficar calmo. Garanto-lhes que algumas vezes me ferve o sangue nas veias, um formigamento toma conta de todos os meus sentidos. Mas para que se impacientar? Com isso não se consegue que o trabalho solicitado seja realizado; nem se corrige o súdito com a fúria. Avise-se calmamente, deem-se as normas oportunas, exorte-se; e se for o caso de levantar um pouco a voz secamente, faça-se, mas reflita-se um momento: nesse caso, São Francisco de Sales como se comportaria? Posso garantir-vos que, se fizermos assim, se conseguirá o que disse o Espírito Santo: *In patientia vestra possidebilis animas vestras* [Lc 21,19].

Além disso, é preciso paciência, isto é, constância, perseverança também para cumprir sempre as nossas Regras. Chega o dia em que alguém se sente cansado, aborrecido ou, também, em que não tem vontade de fazer a meditação, rezar o terço, frequentar os sacramentos, continuar aquela árida assistência. Esta é a hora de pedir com constância, com perseverança, a paciência ao Senhor e à Bem-aventurada Virgem.

Observai o agricultor com quanto cuidado cultiva uma plantinha. Dir-se-ia que é fadiga jogada fora. Mas ele sabe que aquela plantinha, com o tempo, produzirá muito fruto, por isso não repara na fadiga, começa a trabalhar e a suar para preparar o terreno: cava a terra, limpa, aduba, extirpa as ervas daninhas, depois planta ou semeia. Em seguida, como se isso não bastasse, quanta fadiga em cuidar para que ninguém pise onde a semente foi lançada, os pássaros ou as galinhas não venham comer a semente. Quando a vê nascer, contempla-a complacente: oh! germina, está com duas folhas, três... Depois pensa no enxerto e, com cuidado, busca-o na melhor planta do seu jardim, corta o ramo, enfaixa, cobre, procura que o frio ou a umidade não o faça morrer. Quando a planta cresce e se dobra para um lado ou se curva para baixo, logo procura colocar um esteio que a faça crescer reta, e se receia que o tronco seja muito fraco, que o vento ou a tempestade possam derrubá-lo, coloca ao

lado um forte apoio e a amarra e enfaixa para que não venha a incorrer no perigo temido. Mas, por que, ó meu agricultor, tanto cuidado por uma planta? Porque, se não fizer assim, não me dará frutos e tudo estará acabado: se eu quiser que me dê bons e abundantes frutos, é preciso que eu cuide dela assim. E infelizmente, observai que, apesar disso, muitas vezes o enxerto morre, perde-se a planta: mas na esperança de refazer-se depois, o agricultor não repara nas fadigas.

Também nós, meu caros, somos jardineiros, cultivadores da vinha do Senhor. Se quisermos que o nosso trabalho renda, é preciso que tenhamos muito cuidado com as plantinhas que devemos cultivar. Infelizmente, apesar das muitas fadigas e cuidados, o enxerto às vezes secará e a planta irá mal; mas se houver de fato esses cuidados, a maior parte das vezes a planta dá bom resultado... E se, por acaso, não der certo, o dono da vinha, que é tão bom, nos recompensará do mesmo modo! Tende-o presente, de nada servem as iras, os impulsos instantâneos: é preciso paciência contínua, isto é, constância, perseverança, fadiga.

[2. *Esperança*] — O agricultor pelo menos espera a paga, a recompensa. Mas a nós, quem nos pagará? E aqui eu entro no segundo ponto para falar-vos da esperança. Sim, o que mantém a paciência deve ser a esperança do prêmio. Oh, trabalhemos, pois a esperança do prêmio nos espera e é muito consoladora. Temos a sorte de ter que fazer as contas com um bom patrão. Notai como são consoladoras estas palavras: *Quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam* [Mt 25,21]: como te mostraste fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Nós, mesquinhos, sabemos fazer muito pouco, temos poucas forças, poucas habilidades. Não importa, no pouco que podemos, sejamos fiéis e o Senhor nos dará o grande prêmio. Quando tu, professor, estás cansado e quererias abandonar as tuas ocupações, atenção! Procura ser fiel no pouco, se quiseres que o Senhor te confie muito mais. Oh, um diretor! Já avisou, já disse, recomendou...; estaria perto de perder a paciência ou mandar tudo às favas ou desabafar numa explosão... Atento a ser fiel no pouco, se quiseres que te seja confiado muito mais.

Um ponto em que precisamos ainda usar de muita paciência, olhando para a esperança, é o de vencermos a nós mesmos. Trata-se de vencer nossos hábitos, as nossas más inclinações, as tentações que continuamente nos molestam. Oh, quanto custa deixar aquele hábito, aquela tibieza ordinária, aquele desânimo, aquele descuido das pequenas práticas de obediência ou de piedade. Também aqui é preciso ter contínua paciência, até mesmo suportar um sofrimento extraordinário, mas não permitais que o demônio nos vença;

seja de dia, seja de noite, na vigília ou no repouso, no recreio ou no trabalho, sempre procurar vencer estas nossas más inclinações. É isto que eu chamo de paciência ou longanimidade. E se para obter a vitória tivermos de combater muito, voltemos nosso olhar para a grande mercê, para o grande prêmio que está preparado para nós e não nos deixaremos vencer. *In patientia vestra possidebitis animas vestras* [Lc 21,19]. E São Paulo acrescenta: *Si vos delectat magnitudo praemiorum, non vos terreat magnitudo laborum*.

Não vou dizer-vos quão fundamentada seja a nossa esperança. Vós sabeis que foi o nosso benigníssimo Senhor que, pelo pouco em que formos fiéis, nos promete muito; ele chama bem-aventurados os que observam a sua lei, porque sabe quão grande será o seu prêmio. Ele diz ainda que um simples copo de água fresca dado em seu nome será recompensado. Coragem, portanto: a esperança nos sustente quando a paciência ameaçar nos faltar.

[3. *Obediência*] - Agora precisaríamos de uma virtude que abrangesse e mantivesse unidas a paciência e a esperança. Esta virtude é a obediência. Não direi muitas coisas, dado que durante estes exercícios espirituais foi lido o tratado da obediência de Rodríguez e também porque foi falado dela em algumas pregações. Eu recomendo muito que se use de paciência em obedecer; e quando esta obediência ameaçar desaparecer, quando a nossa cabeça estiver longe da obediência, olhemos para o céu, tomemos a sério a esperança.

A obediência bem praticada é a alma das congregações religiosas; é o que as mantém unidas. Quanto bem se pode fazer quando, sendo muitos os membros, todos dependem absolutamente de um só, que, por razão de sua própria posição, tem uma visão muito ampla, vê claramente o bem a fazer, e diz a este: fica aqui, e ele fica; faze isto, e ele faz; vai para lá, e ele logo vai. O bem se multiplica e é um bem que não se pode fazer se não existir uma obediência absoluta.

Oh, além disso, a obediência produz outro grande bem. Aumenta o mérito de todas as ações, falo das ações manuais. Pode haver alguém que só serve para pouca coisa ou mesmo para nada: esse tal se põe sob a obediência e o superior o porá a varrer ou a fazer de cozinheiro; esse tal poderá ter o mesmo merecimento de quem passa o dia ocupado e se afadigando no púlpito ou no confessionário ou numa cátedra a dar aula. Este é um grande bem que resulta da obediência. Cada um permaneça pacientemente no encargo que tem, cumpra-o bem, até onde pode, e não pense em outra coisa, e esteja certo de que o Senhor o acolhe bem e abençoa.

Tenho ainda um pensamento que gostaria de vos recomendar hoje. Este pensamento se liga aos três primeiros. Consiste em fazer bem todos os meses

o exercício da boa morte; isto é, cada mês, consagrar um dia em que, postas de parte, o quanto possível, todas as demais ocupações, pensamos em pôr em ordem os assuntos da alma.

Será muito útil fazer um confronto mês a mês: progredi neste mês? Ou, pelo contrário, regredi? Depois é preciso descer aos particulares: nesta virtude, nesta outra, como me comportei? Em particular, reveja-se o que se refere aos votos e às práticas de piedade: quanto à obediência, como me comportei? Progredi? Cumpri-a bem, por exemplo, a assistência que me foi confiada: como a executei? Na escola, como me empenhei? Quanto à pobreza, na roupa, na comida, nas celas, tenho algo que não seja pobre? Desejei guloseimas? Lamentei-me quando me faltava alguma coisa? Depois, examinar a castidade: permiti-me alimentar maus pensamentos? Desapeguei-me sempre mais do amor dos parentes? Mortifiquei-me na gula, nos olhares, etc. E assim, repassar as práticas de piedade e observar especialmente se houve frieza ordinária, se as práticas foram cumpridas sem ela.

Este exame, longo ou curto, nunca o omita. Como vários têm ocupações que não podem abandonar em nenhum dia do mês, é lícito executá-las, mas cada um, em determinado dia, faça de tudo para praticar estas considerações e fazer especiais bons propósitos.

Ainda um pequeno pensamento. Ao jovem que perguntava o que devia fazer para se salvar, o Senhor lhe recomendou a prática da lei e lhe disse: *Fac hoc et vives.* [Lc 10,28]. Faze isto e viverás. O mesmo vos digo eu: tendes as Regras, é o Senhor quem no-las deu; pratiquemo-las e viveremos. Cada um procure estudá-las e ao mesmo tempo busque a maneira de colocá-las em prática. Cada um, de sua parte, seja superior ou súdito, padre ou coadjutor, todos procurem praticá-las. Como nos sentiremos contentes e confortados na hora da morte por tê-las praticado! Tende certeza de que a nossa esperança, como dizíamos, não será desiludida. O Senhor é fiel nas suas promessas e o que ele nos fez esperar, ele nos dará. Aliás, ele é cheio de bondade e de misericórdia. Eles nos dará muito mais do que nós podemos imaginar.

Tenhamos, pois, coragem. Se houver algo a sofrer, a suportar para cumprir tudo isso o que o Senhor nos pede, não recuemos. Ele saberá remunerar todo nosso esforço e nos recompensará no tempo, na eternidade, e nos dará um prêmio que supera toda e qualquer expectativa.

263. Humildade, trabalho, temperança

ASC A0000409 *Prediche D. Bosco. Esercizi Lanzo 1876*, Quad. XX, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 33-46 (cf. MB XII, 463-469)[35].

28 de setembro de 1876

Dizem que não se deve dar atenção aos sonhos; a vocês eu digo que, na maior parte dos casos, também eu sou desse parecer. Todavia alguma vez, embora não nos revelem coisas futuras, servem para nos fazer conhecer de que modo resolver negócios intrincadíssimos e levar-nos a agir com verdadeira prudência em vários assuntos. Então se podem levar em conta, por causa da parte que nos oferecem de bom. Eu, neste momento, quero justamente contar a vocês um sonho que me manteve ocupado, pode-se dizer, em todo o tempo destes exercícios e especialmente me molestou nesta noite passada. Conto-o tal como o tive, resumindo-o um pouco só cá e lá para não ser demasiado longo, porque me parece rico de muitos e graves ensinamentos.

[*I Parte*] - Pareceu-me, pois, que estávamos todos juntos e íamos de Lanzo para Turim. Nós nos encontrávamos todos em um veículo, mas não saberia dizer se estávamos na ferrovia ou no *ómnibus,* mas não estávamos a pé. Chegados a um dado ponto da estrada, não me recordo mais onde, o veículo parou. Eu desci para ver o que poderia ser e dei de cara com um personagem que não saberia definir. Parecia de estatura alta e baixa ao mesmo tempo; era gordo e delgado, era branco e também vermelho. Caminhava por terra e por ar. Fiquei estupefato e não sabia dar-me razão disso, quando, criando coragem, lhe perguntei: "Quem és tu?". Sem dizer-me outra coisa, ele respondeu: "Vem". Eu antes queria saber quem era, o que desejava, mas ele retomou: "Vem depressa. Façamos girar os veículos neste campo".

O admirável era que falava baixo e forte ao mesmo tempo e a várias vozes. Eu estava maravilhado com isso. O campo era vastíssimo e bem plano. Não era cortado por sulcos, mas bem batido, como se fosse um terreiro. Não sabendo o que dizer e vendo aquele personagem tão decidido, fizemos com que os veículos dessem a volta e entrassem naquele vastíssimo campo. Depois gritamos a todos que estavam dentro para que descessem. Todos desceram rapidamente. E de imediato desapareceram os veículos, sem se saber para onde foram.

[35] É a pregação de conclusão (ou pregação das "lembranças") feita no fim do segundo turno de exercícios espirituais dos salesianos (Lanzo Torinese, 20-28 de setembro de 1876).

– Agora que descemos, lhe sussurrei aos ouvidos, dirá por que nos fez parar neste lugar? Respondeu: "O motivo é grave, é para fazer com eviteis um grandíssimo perigo". "Qual?". "O perigo de um touro furioso, que não deixa pessoa viva à sua passagem: "*Taurus rugiens quaerens quem devoret*". "Devagar, meu caro, tu atribuis ao touro aquilo que na Sagrada Escritura São Pedro diz do leão: *Leo rugiens* [Lc 14,11]. Não importa. Lá era *leo rugiens,* aqui é *taurus rugiens*. O fato é que é necessário que estejais bem alerta. Chama todos os teus ao teu redor. Anuncia-lhes solenemente e com grande urgência que estejam atentos, muito atentos. E apenas ao ouvirem o mugido do touro, mugido extraordinário e enorme, joguem-se logo por terra, e assim fiquem, de bruços, com a face voltada para o solo até que o touro tenha passado. Ai daquele que não escutar a tua voz. Quem não se prostrar de bruços como lhe disse, está perdido com toda a certeza. Porque se lê nas Santas Escrituras: *Qui se humiliat exaltabitur, et qui se exaltat humiliabitur"* [Lc 14,11].

Depois acrescentou de novo: "Depressa, depressa. O touro está para chegar. Grita, grita, grita forte para que se abaixem". Eu gritava, e ele: "Vamos, vamos. Grita ainda mais forte. Grita, grita". Eu gritei tão forte, que creio até ter espantado o padre Lemoyne, que dorme no quarto vizinho. Mais do que aquilo não podia.

Eis que num instante se escutou o mugido do touro: "Atenção, Atenção!... Faze com que se ponham em linha reta, todos próximos uns dos outros, de um lado e do outro, deixando uma passagem no meio pela qual o touro possa passar. Eu grito, dou estas ordens, e num piscar de olhos todos se deitam ao chão, e nós começamos a ver o touro que de muito longe chega furibundo.

Embora a maioria estivesse deitada no chão, todavia, alguns queriam ver o que era aquele touro e não se deitaram; eram poucos. Aquele personagem me disse: "Agora verás o que vai acontecer com eles, verás o que vão receber pelo fato de não se terem deitado por terra. Eu queria adverti-los ainda, gritar, correr até eles. O outro não me deixava. Eu insisti que me deixasse ir até eles. Respondeu-me secamente: "A obediência é também para ti; deita-te". Ainda não estava prostrado no chão quando se ouviu um mugido enorme, tremendo, espantoso. O touro estava perto de nós; todos tremiam e perguntavam: "Quem sabe, quem sabe…". "Não tenhais medo: todos para o chão!". E o tal continuava a gritar: "*Qui se humiliat exaltabitur et qui se exaltat humiliabitur… qui se humiliat… qui se humiliat*".

Uma coisa estranha que me deixou estupefato também a mim foi a seguinte: embora eu tivesse a cabeça colada ao chão e estivesse completamente prostrado por terra com os olhos no pó, todavia, eu via perfeitamente tudo o

que acontecia em torno de mim. O touro tinha sete chifres quase em forma de círculo: dois ocupavam o lugar do nariz; dois no lugar dos olhos; dois no lugar normal dos chifres e um no alto da testa; mas, coisa maravilhosa, estes chifres eram fortíssimos, móveis, girava-os para o lado que queria, de modo que para abater ou derrubar alguém não precisava correr e voltar-se de cá para lá, bastava que fosse em frente sem se voltar que abatia quem lhe estivesse na frente. Os chifres do nariz eram os mais longos e com eles fazia estragos realmente surpreendentes.

O touro já estava muito perto de nós; então o outro gritou: "Veja-se o efeito da humildade". E num instante, oh! maravilha! Todos nos vimos levantados do chão, no ar, a uma altura considerável, de modo que era impossível o touro nos alcançar. Os poucos que não se tinham abaixado também não foram levantados. Chega o touro e num instante os estraçalha; não houve um que se salvasse. E nós que estávamos no ar, tinhamos medo e dizíamos: "Se cairmos daqui, aí sim que estaremos fritos! O que será de nós?". E víamos o touro furibundo tentar nos alcançar. Dava saltos terríveis, tentando dar-nos chifradas, mas não pôde fazer-nos mal nenhum. Então, furioso mais do que nunca, deu a impressão de que iria em busca de companheiros, como quem diz: então, juntos, atacaremos... E assim, *habens iram magnam* [Ap 12,12], foi embora.

Então, de repente estávamos de novo no chão e o tal começou a gritar: "Voltemo-nos todos para o sul". E eis que, sem entender como isso aconteceu, mudou completamente a cena diante de nós. Olhando para o sul, vimos exposto o Santíssimo Sacramento: muitas velas acesas de um lado e outro do ostensório; entretanto, já não se via mais aquele prado, mas parecia que estivéssemos numa igreja imensa, toda ornada com capricho. Enquanto ali estávamos em adoração diante do Santíssimo Sacramento, de repente chegam muitos touros furibundos, todos cheios de chifres horríveis, de aspecto espantoso. Mas como todos nós estávamos em adoração ao Santíssimo, não nos puderam fazer nenhum mal. Entretanto tínhamos começado a rezar a coroinha ao Sagrado Coração de Jesus. Depois de um pouco, não sei como, olhamos para todos os lados e não vimos mais os touros. Voltados de novo para o altar, notamos que as luzes se tinham apagado, o Santíssimo não estava mais exposto, a igreja tinha desaparecido... "Afinal, onde estamos?". E nos encontramos no prado onde estivéramos antes.

Vós compreendeis que o touro é o inimigo das almas; o demônio nos odeia e sempre procura nos fazer mal. Os setes chifres são os sete vícios capitais. O que nos pode livrar dos chifres deste touro, isto é, dos assaltos do demônio, é principalmente a humildade, base e fundamento das virtudes.

[*II Parte*] – Nós, entretanto, nos olhávamos uns aos outros. Ninguém falava, não sabíamos o que dizer. Esperava-se que Dom Bosco falasse ou que aquele tal nos dissesse alguma coisa. Então, tomando-me à parte, acrescentou: "Vem. Vou mostrar-te o triunfo da Congregação de São Francisco de Sales. Sobe nesta pedra e verás". Havia uma grande rocha em meio àquela planície sem-fim, e eu subi nela. Oh, que vista imensa se apresentou aos meus olhos! Aquele campo, que não teria acreditado ser tão vasto, me apareceu como se ocupasse toda a terra. Homens de todas as raças, com toda a espécie de roupa, de todas as nações, estavam reunidos ali. Vi muita gente! Não sabia que no mundo havia tanta gente. Comecei a observar os primeiros que se apresentaram ao nosso olhar. Estavam vestidos como nós, italianos. Eu conhecia os das primeiras fileiras e ali estavam salesianos que conduziam como pela mão turmas de meninos e meninas. Depois vinham outros, com outras turmas. Depois ainda outros e outros, que não conhecia mais e não podia mais distinguir. Mas eram um número indescritível. Para o lado do sul apareceram aos meus olhos sicilianos, africanos e um mundo de pessoas que eu não conhecia. Eram sempre conduzidos por salesianos, que eu conhecia nas primeiras filas e depois não mais.

"Volta-te para o outro lado", disse-me aquele tal. Eis que surgiram diante dos meus olhos outros povos em número incontável, vestidos de maneira diversa da nossa: tinham peles, espécie de mantos que pareciam veludo, de várias cores. Fez-me olhar para os quatro pontos cardeais. Entre outras coisas vi, no oriente, mulheres com os pés tão pequenos que lhes custava estar em pé e quase não podiam caminhar. O singular era que por toda parte via salesianos que conduziam turmas de meninos e de meninas e com eles um povo imenso. Nas primeiras fileiras sempre os conhecia. Depois, indo adiante, não os conhecia mais, nem mesmo os missionários. Aqui muitas coisas não posso narrá-las detalhadamente porque seria demasiado longo.

Então, aquele tal que me tinha conduzido aqui e aconselhado sobre o que fazer tomou de novo a palavra e acrescentou: "Olha, repara. Agora não entenderás tudo o que te digo. Mas fica atento: tudo isso que viste é a messe preparada para os salesianos. Vês como é imensa a messe? Este campo vasto em que te encontras é o campo em que os salesianos devem trabalhar. Os salesianos que vês são os trabalhadores desta vinha do Senhor. Muitos trabalham, e tu os conheces. O horizonte depois se alarga, com gente que não conheces ainda, e isso quer dizer que não só neste século, mas também no outro e nos séculos futuros os salesianos trabalharão no próprio campo. Mas sabes como se poderá realizar o que estás vendo? Vou dizer-te: é preciso que faças imprimir estas palavras, que serão seu lema, sua palavra de ordem, seu distintivo.

Nota bem: *O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação Salesiana.* Estas palavras, tu as farás explicar, as repetirás, insistirás. Farás imprimir o manual que as explique e que faça entender bem que o trabalho e a temperança são a herança que deixas à Congregação, e ao mesmo tempo serão também sua glória".

Eu respondi: "Farei isso de muito boa vontade. Este é o nosso escopo, é o que já recomendo todos os dias e vou insistindo sempre que surge a ocasião".

"Estás, pois, bem persuadido? Compreendeste bem? Esta é herança que deixarás a eles. E dize-lhes também a eles claramente que, enquanto teus filhos corresponderem, terão seguidores no sul, no norte, no oriente e no ocidente. Agora deixa os exercícios espirituais e encaminha-os para a sua destinação. Estes servirão como norma, depois virão os outros".

E eis que apareceram novamente as conduções para levar todos a Turim. Eu observei, observei; eram conduções *sui generis*, estranhas como nunca. Os nossos começaram a subir. Ora, aquelas conduções não tinham apoio em nenhuma parte, e eu temia que os jovens caíssem, e não queria deixá-los partir. Mas aquele tal me disse: "Podem ir, podem ir. Eles não precisam de apoio. Só que cumpram bem as palavras: *Sobrii estofe et vigilate.*[1Pd 5,8]. Cumpram bem estas duas palavras. Não se cai, embora não haja apoios e a carruagem corra".

[*III Parte*] - Partiram, pois, e eu fiquei sozinho com aquele tal: "Vem", acrescentou logo, vem, quero que vejas a parte mais importante. Oh! terás de aprendê-la bem! Vês aquele carroção lá?". "Vejo!". "Sabes o que é?". "Não vejo bem". "Se queres ver bem, aproxima-te. Vês aquele cartaz? Aproxima-te. Observa-o. No cartaz está escrito o que deves saber". Eu me aproximei e vi pintados naquele cartaz quatro pregos muito grossos. Dirigi-me a ele dizendo: "Não entendo. Explica-me". "Não vês aqueles quatro pregos? Observa bem. São os quatro cravos que perfuraram e atormentaram tão cruelmente a pessoa do divino Salvador". "E com isto?". "São os quatro pregos que atormentam as congregações religiosas. Se evitares estes quatro pregos, isto é, se tua Congregação não for atormentada por eles, se souberes mantê-los longe, então as coisas irão bem e estarão salvos". "Tudo bem, mas agora eu sei tanto quanto antes", respondi. "O que significam estes pregos?". "Se queres saber melhor, visita melhor este carroção que tem os pregos por emblema. Vê, este carroção tem quatro compartimentos. Cada um deles corresponde a um prego". "Mas... E estes compartimentos, o que significam?".

"Observa o primeiro compartimento". Observei e li sobre o cartaz: *Quorum Deus venter est* [Fl 3,19]. "Oh, agora começo a entender alguma coisa". Aquele tal me respondeu: "Este é o primeiro prego que atormenta e arruina as congregações religiosas. Ele fará estragos também entre vós, se não estiveres atento. Combate-o bem e verás que as tuas coisas vão prosperar".

"Vamos ao segundo compartimento. Lê a inscrição do segundo prego: *Quaerunt quae sua sunt, non quae Jesu Christi* [Fl 2,21]. Aqui estão os que buscam as próprias comodidades, o conforto, e brigam pelo bem próprio ou, talvez, também dos parentes. E não buscam o bem da Congregação, que é o que forma a porção de Jesus Cristo. Fica atento. Afasta este flagelo e verás prosperar a Congregação".

Terceiro compartimento: observei a inscrição do terceiro prego. Era: *Aspidis lingua eorum*. "Prego fatal para as congregações. Buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo. São os murmuradores, os maquinadores; aqueles que procuram sempre criticar. De um jeito ou de outro".

Quarto compartimento: *Cubiculum otiositatis*. "Aqui estão os ociosos em grande número. Quando se começa a introduzir o ócio, a comunidade fica bem arruinada. Em vez disso, que se trabalhe muito e não haverá nenhum perigo para vós".

"Agora observa ainda uma coisa que há neste carroção e à qual muitas e muitas vezes não se dá atenção. Eu quero que a observes com atenção especial. Vês aquele esconderijo, que não faz parte de nenhum compartimento, mas se estende um pouco em todos? É como um meio compartimento ou distrito". "Vejo, mas são apenas restos de folhas, erva alta. Outra mais baixa, meio confusa". "Bem, bem! É isso que quero que observes". "Mas o que posso eu aproveitar disso?". "Observa bem a inscrição que está quase escondida". Observei bem e vi escrito: *Latet anguis in herba*. Então...?". " Olha, há certos indivíduos que estão escondidos. Não falam, não abrem nunca o coração aos superiores, ruminam sempre no coração seus segredos. Fica atento: *latet anguis in herba.* São verdadeiros flagelos, verdadeira peste das congregações. Embora maus, se se manifestassem poderiam ser corrigidos. Mas não. Ficam escondidos. Nós não nos damos conta deles. E, no entanto, o mal se faz grave, o veneno se multiplica no coração deles, e quando forem conhecidos não haverá mais tempo para reparar o dano que já produziram. Aprende, pois, bem as coisas que deves manter longe da tua Congregação. Tem bem em mente quanto ouviste. Dá ordem para que estas coisas sejam explicadas e retomadas por um longo tempo. Fazendo assim, fica sossegado quanto à tua Congregação, que as coisas hão de prosperar dia a dia".

Então eu pedi àquele tal que, para não esquecer nenhuma das coisas que me tinha dito, me deixasse um pouco de tempo para poder escrevê-las. "Se queres experimentar, respondeu, escreve-as, mas temo que te falte o tempo. E fica atento".

Enquanto ele me dizia estas coisas e eu me preparava para escrever, pareceu-me ouvir um rumor confuso, uma agitação toda em torno de mim. O chão parecia tremer. Olhei em torno para ver se alguma coisa nova acontecera e vi os jovens que tinham partido pouco antes, assustados, voltarem a mim de toda parte. Logo depois, o mugido do touro, e o touro mesmo que os seguia. Quando o touro reapareceu, eu fiquei tão espantado à sua vista que acordei.

Eu vos contei este sonho nesta circunstância, antes de nos separarmos, pois estou convencido de poder dizer com toda verdade que será uma digna conclusão dos exercícios espirituais se nos propusermos ser fiéis ao nosso lema: *Trabalho e Temperança*; e se procurarmos evitar com todo empenho os quatro grandes pregos que martirizam as congregações: o vício da gula; a busca de comodidades; as murmurações e o ócio; ao que é bom acrescentar que cada um seja aberto, simples, confiante para com os próprios superiores. Desse modo faremos bem às nossas almas e ao mesmo tempo poderemos também salvar aquelas que a divina Providência confiar aos nossos cuidados.

E agora, querendo dar alguma lembrança especial que sirva para o ano todo, seria esta: que se busquem todos os meios para conservar a virtude rainha, a virtude que guarda as demais; pois, se nós a tivermos, nunca ficará sozinha; pelo contrário, será acompanhada pelo cortejo de todas as outras virtudes; e se a perdermos, as outras, ou não existirão ou em pouco tempo se perderão. Amai esta virtude, amai-a muito e lembrai-vos que para conservá-la é preciso trabalhar e rezar: *Non eicitur nisi in jejunio et oratione* [Mt 17,20].

Sim, *oração e mortificação.* Especialmente mortificação nos olhares, na comida e especialmente no vinho. Para o nosso corpo, não busquemos comodidades, precisamos submetê-lo totalmente ao domínio da nossa razão. Não devemos ter muitos cuidados para com ele, a não ser quando a saúde o exige, então sim. Mas fora disso, dar ao corpo o indispensável e nada mais: porque, como dizia são Paulo: *Corpus hoc quod corrumpitur aggravat animam* [Sb 9,15]. Sim! Então, o que fazia são Paulo? *Castigo corpus meum et in servitutem redigo ut spiritui inserviat* [1Cor 9,27].

Recomendo, pois, o que recomendei na outra série de exercícios espirituais: obediência, paciência, esperança... A outra coisa é a humildade que precisamos procurar termos nós e inculcá-la aos nossos jovens e a todos, virtude que ordinariamente é chamada de fundamento da vida cristã e da perfeição.

264. Coisas futuras para as vocações

Edição crítica em C. Romero, *I sogni di Don Bosco…*, pp. 51-57.

9 de maio de 1879

Grande e longa batalha de meninos contra guerreiros de semblantes vários, diversas formas, com armas estranhas. No fim restaram pouquíssimos supérstites.

Outra batalha mais encarniçada e horrível aconteceu entre monstros de forma gigantesca contra homens de elevada estatura, bem armados, treinados. Tinham um estandarte muito alto e largo, em cujo centro estavam pintadas a ouro estas palavras: *Maria Auxilium Christianorum.* A batalha foi longa, sanguinolenta. Mas os que seguiam o estandarte eram invulneráveis e tornaram-se donos de vastíssima planície. Juntaram-se a eles os meninos que haviam restado da batalha anterior e formaram uma espécie de exército, tendo cada um deles na mão direita o santo crucifixo como arma, na esquerda um pequeno estandarte de Maria Auxiliadora, modelado como acima.

Os novos soldados fizeram muitas manobras naquela vasta planície, depois se dividiram e partiram uns para o ocidente, outros para o oriente, alguns poucos para o norte, muitos para o sul.

Quando desapareceram, travaram-se as mesmas batalhas, fizeram-se as mesmas manobras, rumando para as mesmas direções.

Conheci alguns dos primeiros recrutas; os que sucederam eram-me desconhecidos, mas davam a entender que me conheciam e me faziam muitas perguntas.

Deu-se depois uma chuva de pequenas e esplendentes chamas que pareciam fogo de várias cores. Trovejou e depois o céu serenou e me encontrei num jardim muito ameno. Um homem que tinha a fisionomia de São Francisco de Sales ofereceu-me um livrinho. Perguntei quem eram. "Lê no livro", respondeu. Abri o livro e me era difícil ler. Pude, entretanto, notar estas precisas palavras:

Aos noviços: Obediência e diligência em tudo. Com a obediência merecerão as bênçãos do Senhor e a benevolência dos homens. Com a diligência combaterão ou vencerão as insídias dos inimigos espirituais.

Aos professos: Conservar cuidadosamente a virtude da castidade. Amar o bom nome dos irmãos e promover o decoro da Congregação.

Aos diretores: Todo cuidado, toda fadiga para observar e fazer observar as Regras com as quais cada um se consagrou a Deus.

Ao Superior. Holocausto absoluto para ganhar a si próprio e os seus dependentes para Deus.

Havia muitas outras coisas impressas no livro, mas não pude ler, porque o papel ficou azul como tinta.

– Quem sois vós? – perguntei de novo àquele homem, que me fitava com um olhar sereno.

– O meu nome é conhecido de todos os bons e fui enviado para comunicar-te algumas coisas futuras.

– Quais?

– As já expostas e as que indagares.

– Que devo fazer para promover as vocações?

– Os salesianos terão muitas vocações por meio de sua conduta exemplar, tratando com suma caridade os alunos e insistindo sobre a comunhão frequente.

– Que se deve fazer na aceitação dos noviços?

– Excluir os preguiçosos e os gulosos.

– Na aceitação para os votos?

– Cuidar que haja garantia quanto à castidade.

– De que maneira se poderá conservar melhor o bom espírito nas nossas casas?

– Escrever, visitar, receber e tratar com benevolência, e isso com muita frequência por parte dos superiores.

– Como nos devemos regular nas missões?

– Mandar indivíduos seguros na moralidade; chamar de volta os que deixarem transparecer alguma grave dúvida; estudar e cultivar as vocações indígenas.

– A nossa Congregação vai caminhando bem?

– *Qui iustus est, iustificetur adhuc; Non progredi est regredi: Qui perseveraverit salvus erit* [Mt 24,13].

– Haverá de crescer muito?

– Enquanto os superiores fizerem a sua parte crescerá, e ninguém poderá deter-lhe a expansão.

– Durará muito tempo?

– A vossa Congregação durará até quando os sócios amarem o trabalho e a temperança. Faltando uma dessas duas colunas, o vosso edifício ruirá, esmagando superiores e inferiores e os seus seguidores.

Naquele momento, apareceram quatro indivíduos portando um caixão de defunto e caminhando na minha direção.

– Para quem é isso? – disse.

– Para ti.

– Logo?

– Não perguntes, pensa somente que és mortal.

– Que queres significar com esse caixão?

Que deves fazer praticar em vida o que desejas que os teus filhos devem praticar depois de ti. Esta é a herança, o testamento que deves deixar aos teus filhos; mas deves prepará-lo e deixá-lo bem acabado e bem praticado.

– Aguardam-nos flores ou espinhos?

– Muitas rosas, muitas consolações, mas estão iminentes espinhos muito pungentes que haverão de causar em todos profunda amargura e pesar. É preciso rezar muito.

– Devemos ir a Roma?

– Sim, mas devagar, com a máxima prudência e grande cautela.

– Estará iminente o fim da minha vida mortal?

– Não te preocupes com isso. Tens as Regras, tens os livros, faze o que ensinas aos outros. Vigia.

Queria fazer outras perguntas, mas ribombou um trovão abafado, com relâmpagos e raios, enquanto alguns homens, ou, diria melhor, alguns monstros horrendos se atiraram contra mim para me estraçalhar. Naquele instante, uma negra escuridão não me deixou ver mais nada. Julgava-me morto e pus-me a gritar freneticamente. Acordei e encontrei-me ainda vivo, e eram as quatro e três quartos da manhã.

Se há algo que possa ser vantajoso, aceitemo-lo. Seja tudo para honra e glória a Deus por todos os séculos dos séculos.

265. Os dez diamantes

Edição crítica em C. Romero, *I sogni di Don Bosco…*, pp. 63-71[36].

[San Benigno Canavese, 10-11 de setembro de 1881]

Spiritus Sancti gratia illuminet sensus et corda nostra. Amen.

A 10 de setembro do ano corrente (1881), dia que a santa Igreja consagra ao glorioso Nome de Maria, os salesianos reunidos em San Benigno Canavese faziam os exercícios espirituais. Na noite de 10 para 11, enquanto eu dormia, achei-me com o espírito numa grande sala esplendidamente ornamentada. Parecia-me estar passeando com os diretores das nossas casas, quando apareceu entre nós um varão de tão majestoso aspecto que não podíamos fitar os olhos nele. Depois de lançar-nos um olhar, sem dizer palavra, pôs-se a caminhar a alguns passos de distância de nós.

Ele estava vestido assim: um rico manto como uma capa cobria-o todo; a parte próxima ao pescoço era como uma faixa que se atava na frente, e sobre o peito pendia um laço. Na faixa estava escrito em caracteres luminosos: *Pia Salesianorum Societas anno 1881,* e na borda dessa faixa liam-se as palavras: *Qualis esse debet.*

Dez diamantes de tamanho e fulgor extraordinário mal nos permitiam fitar o augusto personagem.

Três deles achavam-se sobre o peito. Num estava escrito *Fides* e no outro *Spes* e no que estava sobre o coração, *Charitas*. O quarto diamante, no ombro direito, trazia a palavra *Labor.* Outro, no ombro esquerdo, *Temperantia.*

Os outros cinco ornavam a parte posterior do manto e estavam assim dispostos: o maior e mais resplandecente era como que o centro de um quadrilátero, e tinha escrito *Obedientia.* No primeiro da direita lia-se *Votum Paupertatis.* No segundo, mais abaixo *Praemium.* À esquerda, no que ficava mais alto, lia-se *Votum Castitatis.* Seu esplendor emitia uma luz toda especial e atraía o olhar como um ímã atrai o ferro. No segundo, da esquerda, estava escrito *Ieiunium*. Os quatro faziam convergir os seus raios luminosos para o diamante do centro.

[36] É dito também "o sonho de São Benigno Canavese": um dos textos mais importantes para a espiritualidade dos salesianos.

Ilustração – Para não causar confusão deve-se notar que esses brilhantes despediam raios que se elevavam quais pequeninas chamas e traziam escritas cá e acolá varias sentenças. Sobre a *Fé: Sumite scutum fidei ut adversus insidias diaboli certare possitis*[37]. Em outro raio: *Fides sine operibus mortua est*[38]. *Non auditores, sed factores legis regnum Dei possidebunt*[39].

Sobre os raios da *Esperança*: *Sperate in Domino, non in hominibus*[40]. *Semper vestra fixa sint corda ubi vera sunt gaudia*[41].

Nos raios da *Caridade*: *Alter alterius onera portate si vultis adimplere legem meam*[42]. *Diligite et diligemini. Sed diligite animas vestras et vestrorum*[43]. *Devote divinum ufficium persolvatur; Missa attente celebretur; Sanctum Sanctorum peramanter visitetur*[44].

Sobre a palavra *Labor*: *Remedium concupiscentiae; Arma potens contra omnes insidias diaboli*[45].

Sobre a *Temperança*: *Si lignum tollis, ignis extinguitur*[46]. *Pactum constitue cum oculis tuis, cum gula, cum somno, ne huiusmodi inimici depraedentur animas vestras*[47]. *Intemperantia et castitas non possunt simul cohabitare*[48].

Sobre os raios da *Obediência*: *Totius aedificii fundamentum, et sanctitatis compendium*[49].

Sobre os raios da *Pobreza*: *Ipsorum est regnum coelorum*[50]. *Divitiae sunt spinae*[51]. *Paupertas non verbis, sed corde et opere conficitur*[52]. *Ipsa coeli ianuam aperiet et introibit*[53].

[37] Tomai o escudo da fé, para que possais combater contra as insídias do demônio (cf. Ef 6,16).
[38] A fé sem as obras é morta (Tg 2,20).
[39] Não os que se limitam a ouvir, mas os que põem em prática a lei possuirão o Reino de Deus (cf. Rm 2,13).
[40] Esperai no Senhor, não nos homens.
[41] Os vossos corações estejam constantemente voltados para onde se encontram as verdadeiras alegrias. A expressão é tirada de uma oração do Missale Romanum (*Dom. IV post Pascha*).
[42] Carregai os fardos uns dos outros, se quiserdes cumprir a minha lei (cf. Gl 6,2).
[43] Amai e sereis amados. Mas amai as vossas almas e as do vosso próximo.
[44] Recite-se devotamene a Liturgia das Horas; celebre-se a missa com atenção; visite-se com muito amor o Santo dos Santos.
[45] Remédio para a concupiscência; arma poderosa contra todas as insídias do diabo.
[46] Tire-se a lenha, e o fogo se apaga.
[47] Faze um pacto com os teus olhos, com a gula, com o sono, a fim de que estes inimigos não devastem as vossas almas (cf. Tg 31,1).
[48] A intemperança e a castidade não podem caminhar juntas.
[49] Fundamento de todo o edifício e compêndio da santidade.
[50] Deles é o reino dos céus (Mt 5,3).
[51] As riquezas são espinhos.
[52] A pobreza se obtém não com palavras, mas com o coração e com as obras.
[53] Ela abrirá a porta do céu e nele vos introduzirá.

Sobre os raios da *Castidade*: *Omnes virtutes veniunt pariter cum illa*[54]. *Qui mundo sunt corde, Dei arcana vident, et Deum ipsum videbunt* [55].

Sobre os raios do *Prêmio*: *Si delectat magnitudo praemiorum, non deterreat multitudo laborum*[56]. *Qui mecum patitur, mecum gaudebit* [57]. *Momentaneum est quod patimur in terra, aeternum est quod delectabit in coelo amicos meos* [58].

Sobre os raios do *Jejum*: *Arma potentissima adversus insidias inimici* [59]. *Omnium virtutum custos* [60]. *Omne genus daemoniorum per ipsum eicitur* [61].

Uma larga faixa cor de rosa servia de barra à parte inferior do manto. Nela estava escrito: *Argumentum praedicationis, mane, meridie et vespere* [62]. *Colligite fragmenta virtutum et magnum sanctitatis aedificium vobis constituetis*[63]. *Vae vobis qui modica spernitis, paulatim decidetis*[64].

Até esse ponto alguns diretores mantinham-se de pé, outros de joelhos; mas todos atônitos e ninguém falava. Então o padre Rua, como se estivesse fora de si, exclamou : – É preciso tomar nota de tudo para não nos esquecermos. Procura uma caneta e não a encontra; toma a caderneta, procura um lápis e não encontra. Eu me lembrarei, disse o padre Durando. Vou tomar nota, acrescentou o padre Fagnano, e se pôs a escrever com a haste de uma rosa. Todos olhavam e compreendiam a escrita. Assim que o padre Fagnano terminou de escrever, o padre Costamagna continuou a ditar : *A caridade tudo entende, tudo suporta, tudo vence; preguemo-la com as palavras e com os fatos.*

Enquanto o padre Fagnano escrevia, desapareceu a luz e ficamos imersos em densa treva. – Silêncio, disse o padre Ghivarello, ajoelhemo-nos, rezemos, e a luz voltará. O padre Lasagna começou o *Veni Creator,* depois o *De Profundis,* Maria *Auxilium Christianorum* etc, e todos respondemos. Quando dissemos: *Ora pro nobis,* reapareceu uma luz, rodeando um cartaz em que se lia: *Pia Salesianorum Societas qualis esse periclitatur anno salutis 1900* [65].

[54] Junto com ela vêm todas as virtudes (Sb 7,11).
[55] Os puros de coração penetram os segredos de Deus e um dia verão o mesmo Deus (cf. Mt 5,8).
[56] Se nos agrada a grandeza dos prêmios, não nos amedronte a multidão das fadigas.
[57] Quem sofre comigo, comigo há de gozar no céu.
[58] É momentâneo o que se padece na terra; eterno o que no céu hão de gozar os meus amigos (2Cor 4,17).
[59] Arma poderosíssima contra as insídias do inimigo.
[60] Guarda de todas as virtudes.
[61] Por meio dele será lançada fora toda classe de tentações (cf. Mt 17,21).
[62] Argumento de pregação, de manhã, ao meio-dia e à noite.
[63] Cuidai dos detalhes das virtudes e construireis um grande edifício de santidade.
[64] Ai de vós que desprezais as coisas pequenas; pouco a pouco entrareis em decadência (cf. Eclo 19,1).
[65] A Pia Sociedade Salesina como corre o risco de ser no ano de 1900.

Após um instante, a luz se fez mais viva, de sorte que nos podíamos ver e reconhecer uns aos outros. No meio desse resplendor apareceu de novo o personagem, mas com aspecto melancólico, como de quem está para chorar. O manto estava desbotado, puído e rasgado. Onde antes estavam os diamantes, via-se agora profundo rombo causado por traças e outros pequenos insetos.

Respicite, disse o personagem *et intelligite*[66]. Vi os dez diamantes transformados em traças que estavam a roer o manto.

Em lugar do diamante da *Fides,* agora se lia: *somnus et accidia*[67].

En vez de *Spes* havia *risus et scurrilitas*[68].

Em *Charitas*: *Negligentia in divinis perficiendis*[69]. *Amant et quaerunt quae sua sunt, non quae Iesu Christi*[70].

Em *Temperantia*: *Gula et quorum Deus venter est*[71].

Em *Labor*: *Somnus, furtum et otiositas*[72].

No lugar de *Obedientia* nada havia, só um rombo largo e profundo, sem nada escrito.

Em *Castitas*: *Concupiscentia oculorum et superbia vitae*[73].

Em *Pobreza*: *Lectum, habitus, potus et pecunia*[74].

Em *Praemium*: *Pars nostra erunt quae sunt super terram*[75].

No lugar de *Ieiunium* havia uma falha, mas nada escrito.

A essa vista ficamos todos estarrecidos. O padre Lasagna caiu desmaiado. O padre Cagliero tornou-se pálido e apoiando-se numa cadeira exclamou: "Possível que as coisas tenham chegado a esse ponto?". O padre Lazzero e o padre Guidazio estavam como fora de si e deram-se as mãos para não cair. O padre Francesia, o Conde Cays, o padre Barberis e o padre Leveratto estavam de joelhos e rezavam com o terço na mão.

[66] Olhai e aprendei.
[67] Sono e preguiça.
[68] Riso e palavras chulas.
[69] Negligência nas celebrações sagradas.
[70] Amam e procuram os próprios interesses, não os de Jesus Cristo (Fl 2,21).
[71] Gula; seu deus é o ventre (Fl 3,19).
[72] Sono, furto e ócio.
[73] Concupiscência dos olhos e soberba da vida (1 Jo 2,16).
[74] Descanso, roupas, bebidas e dinheiro.
[75] Nossa herança serão os bens terrenos.

Foi quando se ouviu uma voz cavernosa: *Quomodo mutatus est color optimus*[76].

À escuridão seguiu-se um fenômeno singular. Vimo-nos de repente rodeados de densas trevas, no meio das quais apareceu logo uma luz vivíssima que tinha a forma de corpo humano. Não podíamos fixar nela os olhos, mas percebemos que era um gracioso menino vestido de um hábito branco tecido de ouro e prata. Ao redor de todo o hábito havia uma faixa de diamantes muito luminosa. Com aspecto majestoso, mas doce e amável, aproximou-se um pouco de nós e dirigiu-nos estas palavras textuais: "*Servi et instrumenta Dei Omnipotentis, attendite et intelligite. Confortamini et estote robusti. Quod vidistis et audistis est coelestis admonitio quae nunc vobis et fratribus vestris facta est; animadvertite et intelligite sermonem. Iacula praevisa minus feriunt, et praeveniri possunt. Quot sunt verba signata, tot sint argumenta praedicationis. Indesinenter praedicate opportune et importune. Sed quae praedicatis, constanter facite, adeo ut opera vestra sint velut lux quae sicuti tuta traditio ad fratres et filios vestros pertranseat de generatione in generationem. Attendite et intelligite: – Estote oculati in tironibus acceptandis; fortes in colendis; prudentes in admittendis. Omnes probate; sed tantum quod bonum est tenete. Leves et mobiles dimittite. Attendite et intelligite: – Meditatio matutina et vespertina sit indesinenter de observantia Constitutionum. Si id feceritis numquam vobis deficiet Omnipotentis auxilium. Spectaculum facti eritis mundo et angelis et tunc gloria vestra erit gloria Dei. Qui videbunt saeculum hoc exiens et alterum incipiens, ipsi dicent de vobis: – A Domino factum est istud et est mirabile in oculis nostris. Tunc omnes fratres vestri et filii vestri una voce cantabunt: – Non nobis, Domine, non nobis; sed nomini tuo da gloriam*"[77].

Estas últimas palavras foram cantadas, e à voz de quem falava uniu-se uma multidão de outras vozes tão harmoniosas e sonoras que ficamos sem sentidos, e para não cairmos desmaiados pusemo-nos a cantar juntos. Terminado o canto, a luz escureceu. Então acordei e percebi que ia amanhecendo.

[76] Como esvaneceu aquela esplêndida cor (Lm 4,1).

[77] "Servos e instrumentos de Deus onipotente, atendei e ficai sabendo. Tende coragem e sede fortes. O que vistes e ouvistes é um aviso do céu que se vos dá agora e a vossos irmãos: atendei bem e compreendei as minhas palavras. Quando previstos, os dardos ferem menos e podem ser evitados. Todas as palavras aqui escritas sejam argumento de pregação. Pregai sem descanso, oportuna e importunamente. Mas praticai constantemente o que pregais, para que vossas obras sejam luz, que se transmita como tradição segura aos vossos irmãos e filhos, de geração em geração. Atendei bem e ficai sabendo: – Tende muito tino ao aceitar os noviços: sede fortes na formação deles; prudentes na admissão [à profissão]. Provai a todos, mas só conservai os que forem bons. Despedi os levianos e inconstantes. Atendei bem e ficai sabendo: – A meditação da manhã e da tarde seja constantemente sobre a observância das Constituições. Se assim fizerdes, jamais vos faltará o auxílio do Onipotente. Sereis alvo dos olhares do mundo e dos anjos e então a vossa glória será a glória de Deus. Os que virem o findar deste século e o início do outro hão de dizer de vós: – Esta é obra de Deus, admirável aos nossos olhos. Então os vossos irmãos e os vossos filhos hão de cantar a uma só voz: – Glorifica, ó Senhor, teu nome, não a nós".

Pró-memória – O sonho durou quase toda a noite, e de manhã achei-me com as forças esgotadas. Temendo, porém, esquecê-lo, levantei-me à pressa e tomei algumas notas, que me serviram para lembrar o que hoje, dia da Apresentação de Nossa Senhora no Templo, vos acabo de expor.

Não me foi possível lembrar tudo. Entre as muitas coisas pude notar com segurança que o Senhor usa de grande misericórdia conosco. Nossa Sociedade é abençoada pelo céu, mas ele quer que contribuamos com nosso trabalho. Havemos de prevenir os males que nos ameaçam se pregarmos sobre as virtudes e os vícios aqui apontados, se praticarmos o que pregamos e o transmitirmos aos nossos irmãos com uma tradição prática do que se tem feito e do que havemos de fazer.

Pude também notar que se aproximam iminentes dificuldades, muitas fadigas, mas logo após virão grandes consolações. Em torno de 1890, grande temor; em torno de 1895, grande triunfo. *Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis.*

TERCEIRA SEÇÃO

ORIENTAÇÕES PARA UM CRISTIANISMO COERENTE E ATIVO

Apresentação

Esta terceira seção é constituída por uma seleção de textos dirigidos ao povo, a católicos comprometidos, a Cooperadores Salesianos leigos e eclesiásticos. Dom Bosco insiste quanto ao espírito que deve animar o bom cristão, imerso no mundo, ativo na caridade, coerente com sua fé.

O catolicismo dos anos oitocentos, em cada classe social, é marcado por um acentuado fervor espiritual e operativo, unido a um sentido muito vivo da própria vocação na Igreja e na sociedade, que impele ao testemunho evangélico, à militância e às obras de caridade. Nesse terreno fecundo germinam animadas iniciativas pastorais, educativas e sociais; surgem associações laicais, novas formas de vida consagrada masculina e feminina; proliferam os empreendimentos missionários e apostólicos. Forte sentido de coesão eclesial e de corresponsabilidade animava esses católicos generosos, inspirados por um clero zeloso e bem formado, consagrado à própria missão, empreendedor e criativo.

As obras de Dom Bosco se beneficiaram amplamente desse clima. Eclesiásticos e leigos generosos, polarizados pela caridade do Santo, desde os primeiros momentos do Oratório ofereceram generosamente sua contribuição, sem jamais abandoná-lo, a ponto de se tornarem parte integrante e estratégica da sua Família. A consciência da própria vocação cristã os tornava desejosos de uma vida interior mais ardente, com vistas a uma cooperação não ocasional à missão salesiana.

Dom Bosco nunca cessou de alimentar esse anseio de caridade em função educativa e apostólica, não somente mediante a animação e a organização da cooperação, mas também por meio do cultivo espiritual. Os textos aqui apresentados nos mostram seu empenho na promoção de uma visão integral, devota e ativa da vida cristã: ao amor misericordioso e terno de Deus, à sua caridade sem limites, responde-se com uma fé viva e uma caridade ardente, com a imitação operosa de Jesus Cristo. Sustentados pela graça dos sacramentos, unidos a Deus na oração "por meio de santos pensamentos e devotos sentimentos" [1]*, desapegados dos*

[1] Giovanni Bosco, *Il cattolico provveduto per le pratiche di pietà con analoghe istruzioni secondo il bisogno dei tempi*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868, p. 1 (OE XIX, 9).

enganos do mundo e voltados para a santidade no exercício das virtudes, confiantes na Providência, os cristãos são obrigados a uma vida interior mais consciente e cultivada, ao testemunho evangélico ao longo do dia, a "exercer a sua caridade trabalhando pela salvação das almas", a se ajudarem "reciprocamente em fazer o bem e a manter longe o mal" [2].

Esta visão emerge também da sua correspondência, dos conselhos oferecidos aos amigos, leigos e sacerdotes. Segundo Dom Bosco, o católico é chamado a ser fermento da sociedade no tecido da vida quotidiana: testemunha a própria fé, exerce as obras de caridade, doa-se com generosidade e sem medos, promove a piedade, desdobra-se em favor da educação cristã da juventude, difunde a boa imprensa, cuida das vocações, apoia a ação missionária.

Esta seção é composta por três partes.

*Na primeira (*Os recursos espirituais do cristão*) são recolhidos, a título de amostra, seis textos de Dom Bosco destinados à formação espiritual do laicato católico (nn. 266-271), simples exemplos de um vasto empenho formativo e instrutivo do povo, que encontra em algumas publicações do Santo os melhores exemplos: a* Chave do paraíso *(1856), o* Mês de maio *(1858), o* Católico Instruído *(1868).*

Na segunda parte são transcritas duas conferências de Dom Bosco (nn. 272 e 273) que iluminam a vocação dos Cooperadores Salesianos e a função determinante confiada a eles para o desenvolvimento da Obra Salesiana.

A terceira parte contém doze exemplos de cartas (nn. 274-285) a amigos, benfeitores e Cooperadores, com orientações e conselhos de vida espiritual.

[2] Giovanni Bosco, *Cooperatori salesiani, ossia un modo pratico per giovare al buon costume ed alla civile società*. Sanpierdarena, Tipografia e Libreria di S. Vincenzo de' Paoli 1877, pp. 4 e 27 (OE XXVIII, 342 e 365).

I. OS RECURSOS ESPIRITUAIS DO CRISTÃO

Na Igreja há todos os meios de salvação, nela floresce a santidade e a caridade. Dom Bosco convida incessantemente adultos e jovens a cooperar com a ação da graça com fé, esperança e caridade, com a entrega generosa de si mesmos, com a oração constante, a frequência dos santos sacramentos; particularmente tornando-se imitadores de Jesus Cristo mediante uma vida virtuosa e rica de obras de caridade.

266. Fé, esperança e caridade

Edição impressa em [Giovanni Bosco], *Il cattolico provveduto per le pratiche di pietà con analoghe istruzioni secondo il bisogno dei tempi*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868, pp. 87-91 (OE XIX, 95-99)[3].

O apóstolo São Paulo diz que sem fé é impossível agradar a Deus, *sine fide impossibile est placere Deo* [Hr 11,6]. Nós, portanto, temos que manter sempre acesa no nosso coração esta chama da fé. É preciso que a fé ilumine todos os passos da nossa vida. A fé deve ser o alimento que nos sustenta na vida espiritual, segundo o que diz a Sagrada Escritura: *iustus ex fide vivit*, o homem justo vive de fé. A fim de que esta chama da fé que recebemos de Deus no santo batismo não se apague nunca no nosso coração, devemos alimentá-la. Por isso devemos fazer com frequência atos de fé; afirmar com o nosso coração que cremos firmemente nas principais verdades da religião católica e em tudo o que Deus nos ensina por meio da sua Igreja, coisa que nós fazemos ao recitar a fórmula do ato de fé.

Mas, caro cristão, a fé não basta para a salvação eterna, pois é também necessária a virtude da esperança, que faz com que nos abandonemos nas mãos de Deus, como um filho nos braços da sua terna mãe. Nós precisamos obter de Deus muitos favores e Deus não costuma concedê-los se não os esperarmos. Nós cometemos quem sabe quantos pecados; por isso precisamos que Deus use de misericórdia e nos perdoe. Temos continuamente necessidade da ajuda da graça de Deus para viver santamente sobre a terra. Ora, esta misericórdia, este perdão, esta ajuda da sua graça, Deus só concede a quem espera. Além disso, tem preparado na outra vida um mar de delícias; mas ninguém poderá

[3] Este pequeno volume foi compilado por Dom Bosco com a colaboração do padre João Bonetti.

chegar lá para se inebriar nelas sem a virtude da esperança. Razão pela qual nós devemos fazer frequentes atos desta virtude; alimentando no nosso coração uma grande confiança de obter tudo da suma bondade de Deus pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para despertar e manter sempre viva em nós esta virtude, recitemos, portanto, com devoção a fórmula do ato de esperança.

Mas, entre todas as virtudes, a caridade é a maior delas e a mais excelente. Sem ela, todas as outras não poderiam obter-nos a salvação eterna. Mas em que consiste esta virtude da caridade? Consiste em amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos por seu amor. Por conseguinte, o amor para com Deus e para com o próximo deve ser sempre como um fogo aceso no nosso coração. Em primeiro lugar, devemos amar a Deus com todo o coração porque ele é um espírito perfeitíssimo, um ser de infinita bondade, o sumo bem. Também devemos amá-lo porque ele nos cobriu de inumeráveis benefícios; nos tirou do nada ao criar-nos; fez-nos nascer na religião católica que é a única que pode conduzir-nos ao porto da salvação. Ele, embora tenha sido ofendido tantas vezes por nós, não nos fez morrer, como poderia ter feito e como fez com muitos outros aos quais, depois do primeiro pecado, não concedeu mais tempo para se arrependerem. Ele, por amor a nós, desceu do céu à terra entre dificuldades e sofrimentos; por nós sofreu a morte mais dura. Ele, por um excesso de amor, se fez nosso alimento na Santa Eucaristia. Ele, finalmente, tem preparado para nós um belo lugar no paraíso por toda a eternidade. E quem é que, considerando todos esses gestos de amor de Deus para conosco, não sente arder seu coração para com Deus?

Nós, porém, devemos também amar o próximo como a nós mesmos. Todos os homens do mundo são nossos irmãos, porque são filhos de um mesmo Pai que é Deus. Todos têm direito a ser amados por nós. Jesus Cristo fez disto um mandamento explícito, dizendo: *hoc est praeceptum meum ut diligatis invicem* [Jo 15,12]: isto eu vos mando, que vos ameis uns aos outros. E não só devemos amar os amigos, mas também os inimigos. O nosso Divino Salvador nos deu o exemplo ao perdoar e rezar pelos seus próprios crucificadores. Portanto, que esteja sempre aceso em nós este fogo da caridade. Para isto, façamos frequentes atos desta virtude recitando a fórmula do ato de caridade.

267. Jesus Cristo, modelo de todo cristão

Edição impressa em Giovanni Bosco, *La chiave del paradiso in mano al cattolico che pratica i doveri di buon cristiano*. Turim, Tip. Paravia e Comp. 1856, pp. 20-23 (OE VIII, 20-23).

Disse um dia Deus a Moisés: "Lembra-te bem de executar minhas ordens e faze tudo de acordo com o modelo que te foi mostrado na montanha". Deus diz o mesmo aos cristãos. O modelo que todo cristão deve copiar é Jesus Cristo. Ninguém pode vangloriar-se de pertencer a Jesus Cristo se não se esforçar por imitá-lo. Por isso, na vida e nas ações de um cristão deve-se poder ver sempre a vida e as ações do próprio Jesus Cristo.

O cristão deve rezar, como Jesus rezou sobre a montanha, com recolhimento, humildade e confiança.

O cristão deve ser acessível, como era Jesus Cristo, para os pobres, os ignorantes, as crianças. Não deve ser orgulhoso, pretensioso, arrogante; o cristão faz tudo para todos a fim de ganhar alguns para Jesus Cristo.

O cristão deve tratar o próximo como Jesus Cristo tratava seus seguidores: por isso, seu relacionamento deve ser edificante, amoroso, cheio de seriedade, doçura e simplicidade.

O cristão deve ser humilde, como foi Jesus Cristo, que, ajoelhado, lavou os pés de seus discípulos, lavou também os de Judas, embora soubesse que aquele perjuro haveria de traí-lo. O verdadeiro cristão se considera como o menor de todos e como servo de todos.

O cristão deve obedecer como Jesus Cristo obedeceu, o qual foi submisso a Maria e a São José, e obedeceu a seu Pai celeste até a morte e morte na cruz. O verdadeiro cristão obedece a seus pais, a seus patrões, aos seus superiores, porque ele reconhece neles o próprio Deus, de quem eles fazem as vezes.

O verdadeiro cristão, ao comer e beber, deve ser como era Jesus Cristo nas bodas de Caná da Galileia e em Betânia, isto é, sóbrio, temperante, atento às necessidades dos outros e mais preocupado com o alimento espiritual do que com alimento que nutre o corpo.

O bom cristão deve ser para seus amigos como era Jesus Cristo com São João e São Lázaro. Deve amá-los no Senhor e por amor de Deus; confiar-lhes cordialmente os segredos do seu coração; e se eles caírem no mal, usar de toda a sua solicitude para fazê-los retornar ao estado de graça.

O verdadeiro cristão deve sofrer com resignação as privações e a pobreza, como as sofreu Jesus Cristo, que não tinha nem mesmo lugar onde apoiar a

sua cabeça. Ele sabe tolerar as contradições e as calúnias, como Jesus Cristo tolerou as dos escribas e dos fariseus, deixando a Deus o cuidado de justificá-lo. Ele sabe tolerar as afrontas e os ultrajes, como fez Jesus Cristo quando foi esbofeteado e lhe cuspiram no rosto e o insultaram de mil maneiras no pretório.

O verdadeiro cristão deve estar pronto a tolerar os sofrimentos do espírito, como Jesus Cristo quando foi traído por um dos seus discípulos, renegado por outro e abandonado por todos.

O bom cristão deve estar disposto a acolher com paciência qualquer perseguição, doença e também a morte, como fez Jesus Cristo, que com a cabeça coroada de espinhos, com o corpo dilacerado pelos flagelos, com os pés e as mãos transpassadas por pregos, entregou em paz a alma nas mãos do Pai celeste.

De modo que o verdadeiro cristão deve dizer como o apóstolo são Paulo: "Não sou eu que vivo, mas é Jesus Cristo que vive em mim". Quem seguir Jesus Cristo segundo o modelo aqui descrito, está seguro de um dia ser glorificado com Jesus Cristo no céu e com ele reinar por toda a eternidade.

268. A oração

Edição impressa em [G. Bosco], *Il cattolico provveduto...*,
pp. 1-3, 7-13 (OE XIX, 9-11. 15-21).

Rezar quer dizer elevar o próprio coração a Deus e entreter-se com ele por meio de santos pensamentos e devotos sentimentos. Por isso, todo pensamento dirigido a Deus e todo olhar voltado a ele é oração, desde que tudo seja acompanhado por um sentimento de piedade. Quem, portanto, pensa em Deus ou nas suas infinitas perfeições, e com este pensamento prova um afeto cheio de alegria, de veneração, de amor, de admiração, este reza. Quem considera os grandes benefícios do Criador, Conservador e Pai, e se sente repleto de reconhecimento, este reza. Quem, nos perigos da sua inocência e da virtude, consciente da própria fraqueza, suplica ao Senhor que o ajude, este reza. Quem, finalmente, na contrição do coração, se volta para Deus e lembra que ultrajou o próprio Pai, ofendeu o próprio juiz e perdeu o sumo bem, e implora perdão e propõe emendar-se, este reza.

Por isso, rezar é muito fácil. Qualquer um, em todos os lugares e em cada momento, pode levantar seu coração para Deus por meio de piedosos sentimentos. Não são necessárias palavras rebuscadas e estranhas, bastam

simples pensamentos acompanhados de afetos internos devotos. Uma oração que consista só em pensamentos, por exemplo, numa tranquila admiração da grandeza e da onipotência divinas, é uma oração interior ou meditação ou contemplação. Se ela se exterioriza por meio de palavras, diz-se oração *vocal.*

Tanto um modo como outro de rezar deve ser muito estimado pelo cristão que ama a Deus. Um bom filho pensa de boa mente no próprio pai e desafoga com ele o próprio coração. Sendo assim, como poderia um cristão não pensar de boa mente em Deus, seu Pai amorosíssimo, e em Jesus, seu misericordioso Redentor, e externar-lhe sentimentos de reverência, reconhecimento, amor e com suave confiança pedir-lhe ajuda e graça? […]

A fim de que a oração do cristão seja plenamente aceita por Deus e obtenha infalivelmente seu efeito, deve ter algumas condições:

1. Quem reza deve encontrar-se no estado de graça santificante, isto é, não ter na consciência nenhum pecado mortal que não tenha sido cancelado pela confissão sacramental ou pelo arrependimento. Porque, como diz a Escritura, o Senhor fica longe do ímpio e só ouve a oração dos justos (Pr 15, 29). Apesar disso, quem está em pecado moral, se pelo menos tiver algum desejo de se corrigir e reza com a intenção de honrar a Deus, embora não tenha direito de ser ouvido porque não está em amizade com Deus, todavia, a sua oração é sumamente útil e pela infinita bondade divina nunca deixa de obter graças.

2. Deve rezar inspirado por viva fé, porque *sem a fé é impossível agradar a Deus* (Hb 11, 6) e onde falta a fé ou não se reza de coração, não se presta à bondade, sabedoria e onipotência de Deus a honra que ele exige de nós.

3. Deve rezar com humildade e, por um lado, sentir a necessidade da graça, por outro, a total ausência em si mesmo de qualquer mérito ou título apto a obter o que se pede. Pois *Deus resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes* (Tg 4, 6).

4. Além disso, o cristão, na oração, deve observar uma ordem quanto ao que pede. *Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e o resto vos será dado por acréscimo* (Mt 6, 33), diz Jesus Cristo. Por isso, devemos, em primeiro lugar, buscar os bens espirituais, como o perdão dos pecados, as luzes para conhecer a vontade divina e os nossos erros, a força, o aumento e a perseverança na virtude. Depois disso podemos também pedir os bens temporais, a saúde, os meios para vencer na vida, a bênção celeste para nossas ocupações, os nossos negócios, as nossas terras e as nossas famílias, o afastamento das desgraças, das dores e das aflições em que nos encontramos. Assim nos ensina o quarto pedido do *Pai-nosso* e o exemplo de Jesus Cristo no horto das oliveiras. Mas

esse pedido deve ser feito com a condição de que se cumpra a vontade de Deus, não prejudicial à nossa alma. *Pai, não como eu quero, mas como tu queres* (Mt 26, 39).

5. É preciso rezar em nome de Jesus Cristo, pois nenhuma graça pode ser obtida de Deus a não ser pelos méritos do nosso Divino Redentor.

6. É preciso rezar com confiança ilimitada de sermos atendidos. Quem reza duvidando acaba fazendo uma injúria a Deus, que nos garante ouvir-nos contanto que rezemos com fé viva, com firme esperança de sermos ouvidos por ele e atendidos. Por isso, quando lhe pedimos um favor, entreguemo-nos a ele como um filho se abandonaria nas mãos de sua querida mãe, certo de ser ajudado. A oração feita dessa maneira é onipotente; nunca se ouviu dizer no mundo, nem nunca se ouvirá, que alguém que tenha recorrido a Deus com confiança não tenha sido atendido. O nosso divino Redentor nos assegura: tudo o que pedirdes na oração, tende fé que o conseguireis. O apóstolo São Tiago adverte o cristão para rezar sem hesitação e sem duvidar, se quiser obter o que pede.

7. Unir a nossa oração às orações e aos méritos de Maria Santíssima, dos anjos e dos santos que estão no paraíso, das almas do purgatório e de todos os justos que vivem sobre a terra.

8. Finalmente, é preciso perseverar na oração segundo o que nos recomenda Jesus Cristo. Ele diz: *É preciso rezar sempre, sem cessar.* E se se pergunta até quando devemos perseverar na oração, responde: até o fim da vida.

Muitos cristãos pensam que suas orações são inúteis porque não produzem logo o efeito ou porque não obtêm as graças determinadas que eles pediram. Mas é preciso saber que Deus ouve as nossas orações da maneira e no tempo em que ele vê ser mais oportuno e conveniente para a santificação das nossas almas e para o progresso do seu reino, sem deixar-nos sempre conhecer esse modo e esse tempo. Quando estivermos no outro mundo, veremos claramente que nem mesmo uma só palavra das nossas orações ficou sem efeito. Além do mais, sempre que as nossas orações não produzirem fruto, a culpa é nossa por não termos rezado com as devidas disposições.

Para concluir esta breve instrução deve-se observar que não se pode rezar bem sem preparação. *Antes da oração prepara a tua alma e não sejas como um homem que tenta a Deus* (Eclo 18, 23). Reflete na honra que existe em apresentar-te ao Senhor, rei do céu e da terra; reflete também no que pretendes pedir a Deus; escolhe uma fórmula de oração que seja adaptada às tuas circunstâncias e às tuas necessidades; põe-te na presença de Deus e faze com que as palavras que pronuncias de memória ou lês num livro provenham do coração. Deste modo tu rezarás *em espírito e verdade.*

Embora tu possas rezar em qualquer posição, todavia, convém que escolhas a mais apta para demonstrar também exteriormente tua fé interior e tua devoção. Assim é que vemos o divino Salvador, o apóstolo Paulo, o publicano, Maria Madalena, Moisés, Salomão, Daniel, Miqueias rezarem de mãos juntas, de joelhos, com o olhar voltado para o céu em sinal de fé ou voltado para a terra por sentimento de humildade. É claro que rezando na igreja devemos manter de modo particular um comportamento respeitoso e devoto, seja por respeito ao Santíssimo Sacramento do altar, no qual está presente Jesus Cristo, seja para não dar mau exemplo aos outros, aos quais, pelo contrário, devemos ser de edificação com a nossa postura exterior.

269. Os santos sacramentos

Edição impressa em Giovanni Bosco, *Il mese di maggio consacrato a Maria SS. Immacolata ad uso del popolo*. Turim, Tip. Paravia e Compagnia 1858, pp. 55-60 (OE X, 349-354).

1. Quanto mais consideramos a nossa santa religião, tanto mais compreendemos sua beleza, sua grandeza, e mais evidente se torna a bondade, a sabedoria e a misericórdia de Deus, que é seu fundador. Esta realidade aparece de forma luminosa nos santos sacramentos. É verdade de fé que os sacramentos são sete, nem mais, nem menos; foram todos instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo enquanto estava no mundo. Estes sacramentos são: Batismo, Crisma, Eucaristia, Penitência, Extrema Unção, Ordem e Matrimônio. Os sacramentos são sinais sensíveis estabelecidos por Deus para dar às nossas almas as graças que são necessárias para nos salvarmos, o que equivale a dizer que os sete sacramentos são como sete canais pelos quais os favores celestes são comunicados por Deus à humanidade.

2. Por meio do batismo nós somos acolhidos no seio da santa madre Igreja, deixamos de ser escravos do demônio, somos feitos filhos de Deus e por isso herdeiros do paraíso. Na crisma ou confirmação recebemos a plenitude dos dons do Espírito Santo e nos tornamos perfeitos cristãos. Na Eucaristia Jesus Cristo nos dá o seu corpo, o seu sangue, a sua alma e a sua divindade sob as espécies de pão e vinho consagrados. Este é o maior prodígio do poder divino. Com um ato de imenso amor para conosco, Deus encontrou a maneira de dar às almas um alimento adequado e espiritual, isto é, dando-nos sua própria divindade. No sacramento da penitência nos são perdoados os pecados cometidos depois do batismo. Na extrema unção ou santos óleos Deus vem

em socorro dos enfermos e por meio da sagrada unção nos comunica as graças necessárias para cancelar na alma os nossos pecados e as marcas que eles deixam nela, para dar-nos forças a fim de suportar pacientemente o mal e fazer uma boa morte, caso Deus tenha decretado chamar-nos à eternidade, e também para dar a saúde corporal, se for útil para a salvação da alma. No sacramento da ordem Deus comunica aos sagrados ministros as graças necessárias para adquirir o alto grau de santidade que lhes é necessário; e também para poderem guiar e instruir os fiéis cristãos nas verdades da fé, na fuga do vício e na prática da virtude. Finalmente, o matrimônio é o sacramento que dá a graça aos casados para viverem em paz e caridade e educar cristãmente os próprios filhos, caso Deus na sua infinita sabedoria julgue oportuno conceder-lhes.

3. Eis, ó cristão, brevemente expostos os grandes meios que Jesus Cristo instituiu para a nossa salvação. Ele nos proporcionou grandes benefícios mediante a sua encarnação, mas todos esses benefícios são comunicados a nós por meio dos seus santos sacramentos. Todavia, se tu não te preocupas em aproveitar destes meios de salvação segundo o estado de vida em que te encontras, não poderás participar do grande mistério da redenção e nem poderás salvar a tua alma. Detém-te um momento e reflete como tens correspondido a estes grandes sinais do amor divino; e se perceberes que a tua consciência sente remorsos por algum pecado, procura o remédio o mais cedo possível, preparando-te para fazer uma boa confissão e uma boa comunhão.

Exemplo – Nas vidas dos santos padres lemos um fato que demonstra o quanto seja útil a piedade para nossos interesses espirituais e temporais. Na cidade de Alexandria do Egito viviam dois sapateiros: um tinha família numerosa, mas enquanto se ocupava em mantê-la era muito solícito também quanto aos assuntos da alma, seguindo o conselho de Cristo que disse: procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e o mais, Deus providenciará. Ia muito à igreja, ouvia de boa mente a palavra de Deus, frequentava a santa confissão e a comunhão e os demais exercícios de piedade cristã; inclusive parecia que Deus multiplicava seus bens temporais. O outro fazia o contrário, isto é, era solícito em ganhar bens temporais, descuidando a frequência à igreja e não pensava na sua alma. Aconteceu que também seus negócios iam de mal a pior, e embora estivesse sozinho, sem família, e trabalhasse mais do que o colega, custava a ganhar o necessário para comer. Um dia não pôde deixar de dizer-lhe estas palavras: como é esse negócio? Eu me canso mais do que tu no trabalho e não ganho o suficiente para comer; e tu, trabalhando menos, providencias tudo para ti e para toda a tua família? Diante dessa pergunta, querendo enganar santamente o colega e fazer com que frequentasse a igreja, o primeiro respondeu assim: sabe, irmão, eu vou para certo lugar onde encontro dinheiro que me enriquece; se quiseres vir comigo, todos os dias te chamarei

e o que encontrarmos será dividido pela metade: meio meu, meio teu. Claro que vou, respondeu o outro; e começou a ir junto dele, e este, todos os dias o levava para a igreja. Como aprouve a Deus, em pouco tempo tornou-se rico e vivia confortavelmente. Então disse ao colega: ora, veja, meu irmão, quanto te foi útil frequentar a igreja. Deves saber que aqui se encontra a graça de Deus, que é o melhor tesouro do mundo; e como tu mesmo viste, para quem é solícito por Deus, Deus é solícito para com ele. Faze como começaste a fazer, frequenta a igreja e Deus não te faltará.

Cristãos, muitos querem enriquecer por meio do pecado, enquanto vivem como inimigos de Deus, não frequentam a igreja, não rezam, não se aproximam dos sacramentos, não santificam os dias festivos, e pretenderiam que Deus os enriquecesse e tornasse felizes. Estultos! Não sabem que o pecado é o que torna miseráveis os povos? *Miseros facit populos peccatum* (Pr 14).

Jaculatória: Senhor Jesus, que nos redimiste, guie-nos para o céu. E tu, grande Virgem, mãe de amor, acende no meu coração o ardor da fé*.

270. A confissão

Edição impressa em G. Bosco, *Il mese di maggio…*, pp. 124-129 (OE X, 418-422).

1. Um gesto grande da misericórdia de Deus para com os pecadores consiste no sacramento da confissão. Se Deus tivesse dito de perdoar-nos os nossos pecados somente mediante o batismo e não aqueles que, por desgraça, são cometidos depois de ter recebido esse sacramento, quantos cristãos certamente se encaminhariam para perdição! Deus, porém, conhecendo nossa grande miséria, estabeleceu outro sacramento por meio do qual são perdoados os pecados cometidos depois do batismo: é o sacramento da confissão. Eis o que diz o Evangelho: Oito dias depois da sua ressurreição, Jesus apareceu aos seus discípulos e lhes disse: A paz esteja convoco. Como o Pai celeste me enviou, eu vos envio a vós, isto é, o poder que me foi dado pelo Pai celeste para fazer o que se julga oportuno para a salvação das almas, esse mesmo poder eu o dou a vós. Depois o Salvador, soprando sobre eles, disse: Recebei o Espírito Santo, aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; aqueles aos quais não perdoardes, não serão perdoados. Todos compreendem que as palavras reter ou não reter querem dizer, dar ou não dar a absolvição. Este é o grande poder dado por Deus aos seus apóstolos e aos seus sucessores

* Em italiano, a oração é ritmada: "*Gesú Signore, che ci hai rendenti / al ciel mi guidino i sacramenti. / E tu, gran Vergine, madre d'amore / nel cuore accendimi di fè l'ardore*".

na administração dos santos sacramentos. Dessas palavras do Salvador nasce uma obrigação para os sagrados ministros, isto é, o de ouvir as confissões; daí nasce igualmente a obrigação para o cristão de confessar as suas culpas para que se conheça quando se deve dar ou não a absolvição, que conselhos sugerir para reparar o mal cometido; enfim, dar todos os conselhos paternais que o confessor julgar necessários para reparar os males da vida passada e não cometê-los novamente no futuro.

2. A confissão não foi praticada só por algum tempo e em algum lugar. Logo que os apóstolos começaram a pregar o Evangelho, também começou a ser posto em prática o sacramento da penitência. Lemos que quando São Paulo pregava em Efeso, muitos fiéis que já tinham abraçado a fé vinham aos pés dos apóstolos e confessavam os seus pecados. *Confitentes et annunciantes actus suos* [At 19,18]. Do tempo dos apóstolos até nós foi sempre observada a prática deste grande sacramento. A Igreja Católica condenou em todo tempo como heréticos os que tinham a ousadia de negar esta verdade. Nem houve alguém que tenha podido ser dispensado disto: ricos e pobres, servos e patrões, reis, monarcas, imperadores, sacerdotes, bispos, os próprios sumos pontífices, todos devem dobrar os joelhos aos pés de um ministro sagrado para obter o perdão das culpas que por acaso tiverem cometido depois do batismo. Infelizmente, quantos cristãos aproveitam raramente ou mal deste sacramento! Há quem o receba sem fazer o exame de consciência, outros se confessam com indiferença, sem dor ou sem propósito, outros calam coisas importantes ou não cumprem as obrigações impostas pelo confessor. Esses tais se servem da mais santa e mais útil das coisas para ruína deles mesmos. Santa Teresa, a esse respeito, teve uma tremenda visão: ela viu que as almas caíam no inferno como a neve de inverno no topo das montanhas. Perguntou então a Jesus Cristo a explicação desse fato e teve como resposta que se tratava dos que se perdiam por confissões mal feitas em sua vida.

3. Coragem, ó cristãos, aproveitemos deste sacramento de misericórdia, mas aproveitemos dele com as devidas disposições. Que ele seja precedido por diligente exame das nossas culpas, confessemos todas, as certas como certas, as duvidosas como duvidosas, da maneira como conhecemos, mas com uma grande dor por tê-las cometido, e prometamos não cometê-las mais. Sobretudo, mostremos o fruto das nossas confissões com o aperfeiçoamento da nossa vida. Deus diz no Evangelho que pelo fruto se conhece a bondade da árvore; assim também, pelo aperfeiçoamento da nossa vida aparecerá a bondade ou nulidade das nossas confissões: *ex fructibus eorum cognoscetis eos* [Mt 7,20].

Exemplo – Um jovem da cidade de Montmirail na França tinha vivido cristãmente até a idade de quinze anos, quando teve a desventura de ligar-se a

maus companheiros. As más conversas, as leituras de maus livros o afundaram no abismo da incredulidade e da libertinagem. Seus pais fizeram de tudo para levá-lo a bons sentimentos, mas nada podendo conseguir, foram à igreja na noite da Imaculada Conceição (8 de dezembro de 1839) e o recomendaram às orações dos agregados do Sagrado Coração de Maria. Na mesma noite em que foi recomendado, o jovem voltou para casa e sem dizer nada, contra o costume, foi dormir. Ele não pensava em Maria, mas ela pensava nele. No dia 10 de dezembro, quase fora de si, chama seu pai e lhe diz: "Meu pai, eu sou infeliz e sofro muito, já são trinta e seis horas que não consigo comer, nem dormir. Eu sou um leão raivoso e não sei mais o que dizer, nem o que fazer: preciso ir conversar com o padre, sem falta". O jovem partiu, foi ter com o padre e, agitado pelos remorsos de consciência, suplica que o confesse. "Peço-vos, disse ao padre, que me confesseis imediatamente. Não posso mais viver neste estado". O pároco o animou, confortou e dali a pouco ouviu sua dolorosa confissão. Recebida a absolvição, sentiu imediatamente se inundar seu coração de tanta consolação que já não podia caber em si de contentamento. Chegando em casa, manifesta ao pai a graça recebida e a tranquilidade paradisíaca que sentia. O que ainda lhe estava a peito era a recuperação dos que ele tinha arrastado para o mal com seus escândalos. Cheio de coragem cristã, em nada se importando com o que os colegas iriam dizer, manifestou-lhes o que acontecera com ele, as consolações que provava, exortou-os também a fazerem a mesma experiência. Em suma, esta nova presa da misericórdia de Maria fez como o penitente Davi quando, para reparar o escândalo dado, procurou conquistar almas para Deus: *Docebo iniquos vias tuas*. [Sl 50,15]

Jaculatória: Mãe de amor, pedi a Deus, viva dor pelas minhas culpas*.

271. A santa comunhão

Edição impressa em G. Bosco, *Il mese di maggio…*, pp. 139-144 (OE X, 433-438).

1. Compreendes, ó cristão, o que significa fazer a santa comunhão? Significa aproximar-te da mesa dos anjos para receber o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é dado como alimento

* Em italiano, a oração é ritmada: "*Da Dio impetrami, Madre d'amore / delle mie colpe vivo dolore*".

da nossa alma sob as espécies de pão e de vinho consagrados. Na missa, no momento em que o sacerdote profere sobre o pão e o vinho as palavras da consagração, o pão e o vinho se tornam corpo e sangue de Jesus Cristo. As palavras usadas pelo nosso divino Salvador ao instituir este sacramento são: Isto é meu corpo, isto é meu sangue: *hoc est corpus meum, hic est cálix sanguinis mei* [Lc 22,19-20]. Estas mesmas palavras são usadas pelos sacerdotes no sacrifício da santa missa. Portanto, quando fazemos a comunhão recebemos o próprio Jesus Cristo em corpo, sangue, alma e divindade, isto é, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, vivo como está no céu. Não uma imagem sua, nem também sua figura, como uma estátua, um crucifixo, mas é Jesus Cristo em pessoa, tal como nasceu da Imaculada Virgem Maria e por nós morreu na cruz. O próprio Jesus Cristo nos garantiu sua real presença na Santa Eucaristia quando disse: Isto é o meu corpo que será dado para a salvação dos homens: *corpus, quod pro vobis tradetur* [Jo 6,51]. Este é aquele pão vivo que desceu do céu: *hic est panis vivus, qui de caelo descendit.* O pão que vos darei é a minha carne; a bebida que eu dou é o meu verdadeiro sangue. Quem não come deste corpo e não bebe deste sangue não tem em si mesmo a vida eterna.

2. Jesus, tendo instituído este sacramento para o bem das nossas almas, deseja que nós nos aproximemos dele com frequência. Eis as palavras com que nos convida: Vinde a mim todos vós que estais cansados e eu vos aliviarei: *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos* [Mt 11,28]. Em outro lugar dizia aos hebreus: "Os vossos pais comeram o maná no deserto e morreram; mas quem come o alimento prefigurado no maná, aquele alimento que eu dou, aquele alimento que é o meu corpo e o meu sangue, nunca morrerá. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele, pois a minha carne é verdadeiro alimento e o meu sangue verdadeira bebida". Quem poderia resistir a este amoroso convite do divino Salvador? Para corresponder a este convite, os cristãos dos primeiros tempos iam todos os dias ouvir a palavra de Deus e todos os dias se aproximavam da santa comunhão. É neste sacramento que os mártires encontravam a sua força, as virgens o seu fervor, os santos a sua coragem. E nós, com que frequência nos alimentamos com este alimento celeste? Se examinarmos os desejos de Jesus Cristo e as nossas necessidades, devemos comungar muito frequentemente. Assim como o maná serviu todos os dias como alimento corporal para os hebreus em todo o tempo que viveram no deserto até que foram conduzidos à terra prometida, assim a santa comunhão deveria ser o nosso conforto, o alimento cotidiano nos perigos deste mundo para nos guiar até a verdadeira terra prometida do paraíso. Santo Agostinho diz assim: Se todos os dias pedimos a Deus o pão corporal, por que não haveremos de alimentar-nos cada dia com o pão espiritual da santa comunhão? São Filipe Neri encorajava os cristãos a se confessarem cada oito dias e a comungarem ainda mais do que isto, segundo o conselho do confessor. Finalmente, a

Santa Igreja manifesta seu vivo desejo da frequente comunhão no Concílio Tridentino: "Seria sumamente desejável que cada fiel cristão se mantivesse em tal estado de consciência para poder fazer a santa comunhão sempre que participa da santa missa". O papa Clemente XIII, para encorajar os cristãos a se aproximarem com frequência da santa confissão e da comunhão, concedeu o seguinte favor: os cristãos que têm o louvável costume de confessar-se toda semana podem adquirir a indulgência plenária sempre que fizerem a santa comunhão.

3. Alguém dirá: eu sou muito pecador. Se tu és pecador, procura pôr-te na graça de Deus com o sacramento da confissão e depois te aproxima da santa comunhão e receberás uma grande ajuda. Outro dirá: comungo raramente para ter maior fervor. O que se faz raramente, em geral, faz-se mal. Além disso, sendo frequentes as tuas necessidades, frequente deve ser também o socorro para a tua alma. Alguns acrescentam; eu estou repleto de doenças espirituais e não ouso comungar com frequência. Jesus Cristo responde: *Os que estão bem não precisam de médico*; por isso, os que estão mais sujeitos a incômodos, esses é que precisam ser mais visitados pelo médico. Coragem, portanto, ó cristão, se queres fazer uma coisa mais gloriosa para Deus, mais grata a todos os santos do céu, a mais eficaz para vencer as tentações, a mais segura para fazer-te perseverar no bem, essa é certamente a santa comunhão.

Exemplo – Um jovem de nome Domingos Savio, pelo vivo desejo de agradar a Maria, lhe oferecia todos os dias alguma oração, mas no sábado comungava em honra daquela que ele costumava chamar de mãe caríssima. No ano de 1856 fez o mês de Maria com tal fervor que seus colegas ficaram muito edificados com ele. Todos os dias pedia a Maria que o tirasse deste mundo antes que pudesse perder a virtude da pureza. No dia do encerramento pediu somente uma graça: de poder fazer uma boa comunhão antes de morrer. A Santa Virgem o atendeu. Nove meses depois (9 de março de 1857) ele morria com a idade de quinze anos depois de receber o Santo Viático com grandes transportes de ternura e devoção. Nos instantes que se passaram entre o Viático e a morte, ele repetia: "Ó Maria, vós me atendestes, eu estou bastante rico. Nada mais vos peço a não ser que me assistais nestes últimos momentos de vida e que me acompanheis desta vida até a eternidade". Quase no próprio momento dessas palavras que acabava de proferir, sua alma voou certamente para o céu, acompanhada por Maria, de quem em vida tinha sido fervoroso devoto.

Jaculatória: Eu vos adoro a cada momento / vivo pão do céu / grão sacramento*.

* Em italiano: "*Vi adoro ogni momento / o vivo pan del ciel / gran Sacramento*".

II. COOPERADORES DA MISSÃO SALESIANA

O primeiro texto (n. 272) reproduzido aqui é um extrato da longa conferência proferida por Dom Bosco por ocasião da inauguração do Patronato São Pedro em Nice, em 12 de março de 1877. Após resumir os acontecimentos que levaram à fundação da primeira casa salesiana na França, graças ao empenho de um grupo de leigos pertencentes à Sociedade de São Vicente de Paulo apoiados pelo bispo dom Pedro Sola, o Santo afirma que só foi possível criar a obra em virtude da fecunda colaboração entre salesianos e Cooperadores. Em seguida, depois de explicar o objetivo final da Instituição ("o bem da humanidade e a salvação das almas"), conclui com a reflexão que aqui apresentamos, toda ela centrada na caridade operativa, nas obras de misericórdia, como elementos constitutivos do verdadeiro discipulado cristão, e na recompensa eterna que daí resultará (cf. Mt 25, 34-35).

O segundo documento (n. 273) é transcrição da primeira conferência feita por Dom Bosco aos Cooperadores de Turim em 16 de maio de 1878. O texto é importante porque o fundador, relembrando os trinta e cinco anos de história do Oratório, mostra a função decisiva desempenhada pela cooperação (entendida no sentido mais amplo) na realização de obras providenciais, que não teria sido possível criar sem a substanciosa colaboração de uma falange de colaboradores generosos, benfeitores e Cooperadores. Desde o momento da fixação do Oratório na mísera casa de Valdocco, destinada aos "jovens transviados" do bairro, até a expansão mundial da Obra Salesiana, "com o concurso de muitas pessoas, Cooperadores e Cooperadoras, foi possível fazer muita coisa, que cada um jamais teria podido fazer sozinho". Agora que a divina Providência ampliou os horizontes da missão salesiana, a função dos Cooperadores é mais do que decisiva: sem eles – afirma Dom Bosco – os salesianos "não poderiam exercer o próprio zelo"; pois, "não bastam as pessoas, são necessários os meios" e estes são confiados à cooperação salesiana. O vibrante apelo conclusivo define da maneira mais plena a vocação da Família Salesiana: "Quereis fazer uma coisa boa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santíssima. Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude. Aliás, [esta], entre as divinas, é coisa diviníssima".

272. A caridade para com os pequenos e os pobres

Edição impressa em Giovanni Bosco, *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nice a Mare. Scopo del medesimo … con appendice sul sistema preventivo della educazione della gioventù*. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1877, pp. 34-40 (OE XXVIII, 412-418).

[12 de março de 1877]

Deus é infinitamente rico e generoso. Sendo rico, pode dar-nos grande recompensa por tudo o que foi feito por amor a ele; como Pai de generosidade infinita, paga com boa e abundante medida cada coisa, por menor que seja, feita por seu amor. Vós, diz o Evangelho, não dareis um copo de água fresca em meu nome a um dos meus amigos menores, ou seja, a um necessitado, sem que tenhais a vossa recompensa.

A esmola, diz-nos Deus no livro de Tobias, livra da morte, purifica a alma dos pecados, faz encontrar misericórdia diante de Deus e conduz à vida eterna. *Elemosina est quae a morte liberat: purgat peccata, facit invenire misericordiam et vitam aeternam* [Tb 12,9].

Entre as grandes recompensas há também esta: o divino Salvador considera feita a si mesmo toda caridade feita aos infelizes. Se nós víssemos o divino Salvador caminhar mendigo pelas nossas praças, bater à porta das nossas casas, haveria por acaso um cristão que não lhe ofereceria generosamente até mesmo o último centavo da sua bolsa? No entanto, na pessoa dos pobres, dos mais abandonados, está representado o Salvador. Ele diz: tudo o que fizerdes aos mais desprezados, o fazeis a mim. Portanto, não são mais pobres meninos que pedem caridade, é o próprio Jesus na pessoa dos seus pobrezinhos.

E o que dizer da recompensa excepcional que Deus reserva para o momento mais importante e difícil em que será decidida a nossa sorte com uma vida sempre feliz ou sempre infeliz? Quando nós, senhores, nos apresentarmos diante do tribunal do juiz supremo para dar contas das ações da vida, a primeira coisa que amorosamente nos recordará não são as casas construídas, as poupanças recolhidas, a glória conquistada ou as riquezas acumuladas; disto não dirá palavra, mas dirá unicamente: Vinde, benditos do meu Pai, vinde tomar posse do reino que vos foi preparado. Eu tinha fome, e vós, na pessoa dos pobres, me destes pão; eu tinha sede, e vós me destes de beber; eu estava nu, e vós me vestistes; eu estava no meio da rua, e vós me acolhestes. *Tunc dicet rex his qui a dextris eius erunt: Venite, benedicti*

Patris mei, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi. Esurivi enim et dedistis mihi manducare; sitivi et dedistis mihi bibere; hospes eram et collegistis me; nudus et cooperuistis me (Mt 25, 34-35).

Estas e outras palavras dirá o divino juiz, como estão registradas no Evangelho: após o que, ele os abençoará e conduzirá à vida eterna. Mas Deus, Pai de bondade, conhecendo que o nosso espírito está pronto, mas a carne é muito fraca, quer que a nossa caridade tenha o cêntuplo também na vida presente. De quantas maneiras, senhores, nesta terra, Deus nos dá o cêntuplo das boas obras? Cêntuplo são as graças especiais de viver bem e morrer bem; são a fertilidade dos campos, a paz e a concórdia das famílias, o bom êxito dos negócios temporais, a saúde dos parentes e dos amigos, a conservação, a boa educação dos filhos. Recompensa da caridade cristã é o prazer que cada um sente no seu coração ao fazer uma boa obra. Não é grande consolação quando se reflete que com uma pequena esmola se contribui para recolher pessoas prejudiciais à sociedade civil para transformá-las em homens úteis a si mesmos, aos seus semelhantes, à religião? Pessoas que estão para se tornar o flagelo das autoridades, os infratores das leis públicas e ir consumar os suores dos outros nas prisões, em vez de pô-los em situação de honrar a humanidade, de trabalhar e com o trabalho ganhar seu honesto sustento; e isto com decoro para os lugares onde habitam, com honra das famílias a que pertencem?

Além de todas estas recompensas que Deus concede na vida presente e na futura, há ainda uma que os beneficiados devem oferecer a seus benfeitores. Sim, senhores, não queremos defraudar-vos da recompensa que está completamente em nosso poder. Ouvi: todos os padres, os clérigos, todos os jovens recolhidos e educados nas casas da Congregação Salesiana, e mais especialmente os do Patronato São Pedro, elevarão ao céu, de manhã e de noite, particulares orações pelos seus benfeitores. De manhã e de noite os vossos beneficiados, com orações especiais, invocarão as bênçãos divinas sobre vós, sobre as vossas famílias, os vossos parentes, os vossos amigos. Suplicarão a Deus para que conserve a paz e a concórdia nas vossas famílias, vos conceda saúde estável e vida feliz, mantenha longe de vós as desgraças, tanto nas coisas espirituais quanto nas temporais; e a tudo isso acrescente a perseverança no bem e, quanto mais tarde aprouver a Deus, os vossos dias sejam coroados por uma santa morte. E se no curso da vida mortal, senhores, tivermos a sorte de encontrar-vos pelas ruas da cidade ou em qualquer outro lugar, oh! então, sim, recordaremos com alegria os benefícios recebidos e respeitosamente descobriremos a cabeça em sinal de eterna gratidão sobre a terra, enquanto Deus, bondoso, vos garantirá a recompensa dos justos no céu. *Centuplum accipietis et vitam aeternam possidebitis* [Mt 19,29].

273. "Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude"

ASC A0000205 *Cronachetta*, Quad. V, 1877-1878, manuscrito de Júlio Barberis, pp. 48-61[4].

16 de maio de 1878

Não sei, beneméritos Cooperadores e Cooperadoras, não sei se antes eu devo agradecer-vos ou convidar-vos a, juntos, agradecermos a Deus por nos ter reunido num corpo compacto e postos na situação de fazer um grande bem, e de nesta noite nos ter reunido aqui para fazer a primeira conferência para os Cooperadores Salesianos em Turim.

Antes de tudo, porém, desejo contar-vos um pouco de história, que nos fará conhecer o que já fizeram em Turim os Cooperadores Salesianos e qual é sua tarefa neste momento. Ouvi.

Trinta e cinco anos atrás, a área que hoje é ocupada por esta igreja servia como lugar de encontro de muitos jovens extraviados, que travavam verdadeiras batalhas, se envolviam em rixas, blasfemavam. Aqui perto havia duas casas nas quais se ofendia a Deus: uma era um bar de beberrões e de todo tipo de gente desordeira; a outra, ali, onde agora está o púlpito e indo para a minha esquerda, era uma casa de maus costumes e de imoralidades. Então chegou aqui um padre muito pobre e alugou a preço altíssimo dois aposentos dessa casa. Aquele padre estava acompanhado de sua mãe. O que tinham em mente era ver a maneira de fazer um pouco de bem às pessoas pobres da vizinhança. Todo o seu patrimônio consistia numa cesta enfiada no braço onde havia vários objetos. Pois bem, esse padre viu os jovens que se reuniam aqui para malfeitos, pôde aproximar-se deles, e Deus fez com que a sua palavra fosse ouvida e compreendida. Viu-se logo a necessidade de uma capela para dedicá-la ao culto divino. Partindo do lado da epístola deste altar maior e indo para a direita de quem olha, havia um telheiro que servia como depósito. Foi possível dispor dele e, não possuindo outra coisa, foi adaptado em forma de igreja. Aqueles jovens extraviados, pouco a pouco se deixaram atrair e vieram para a igreja, e em pouco tempo seu número cresceu de tal modo que a igreja estava lotada, e na própria pracinha, onde agora está esta igreja, ali era ministrado o catecismo, não podendo a igrejinha contê-los a todos.

[4] É a primeira conferência feita por Dom Bosco aos Cooperadores Salesianos de Turim; ocorreu na parte da tarde do dia 16 de maio de 1878, em Valdocco, na igreja de São Francisco de Sales (cf. MB XIII, 624-630).

Ora, esse padre não estava sozinho. Contava também com a ajuda do zelosíssimo teólogo Borel, que fez tanto bem em Turim; mas ele, que estava muito ocupado com as prisões e em dar assistência aos condenados à morte, com as obras do Cottolengo, da marquesa Barolo, no Refúgio, e com outras obras, só podia dar algum ajuda, dado que sua vida era despendida em tantas outras coisas. Deus providenciou o que faltava e, pouco por vez, vários beneméritos eclesiásticos se uniram com aquele pobre padre: alguns confessavam, outros pregavam, outros davam catecismo, enfim, todos prestavam sua ajuda. E eis aquela obra do Oratório sendo mantida por esses beneméritos eclesiásticos. Isso, porém, não era suficiente. Crescendo as necessidades das escolas noturnas e dominicais, não bastavam alguns padres. Pois bem, diversos senhores também deram a sua colaboração. Era mesmo a divina Providência que os enviava e com sua ajuda o bem foi se multiplicando. Esses primeiros Cooperadores Salesianos, tanto eclesiásticos quanto leigos, não reparavam em incômodos e fadigas, mas vendo o bem que se fazia e como muitos jovens extraviados tomavam o caminho da virtude, se sacrificavam generosamente. Vi muitos deixarem suas comodidades, não somente aos domingos, mas também nos outros dias da Quaresma e, embora a hora fosse muito incômoda para eles, sendo, porém, cômoda para os meninos, eles vinham ajudar a obra do Oratório.

Entretanto, viu-se que cresciam sempre mais as necessidades desses meninos também materialmente. Havia alguns cujas calças e os casacos estavam caindo aos pedaços, inclusive com prejuízo para a modéstia; outros não tinham com que trocar aquele trapo de camisa que usavam. Foi nesse momento que a bondade e a utilidade das Cooperadoras começaram a se evidenciar. Aqui eu quereria, para a glória das senhoras turinenses, contar por toda parte como muitas delas, embora se tratasse de famílias muito delicadas, não lhes repugnava pegar aqueles casacos, aquelas calças e remendá-las com suas mãos; pegar aquelas camisas já todas rasgadas, que provavelmente jamais viram água, elas mesmas lavá-las, remendá-las e devolvê-las aos pobres meninos, que, atraídos pelo perfume da caridade cristã, perseveravam no Oratório e na prática da virtude. Várias dessas beneméritas senhoras depois mandavam roupas, dinheiro, comida e tudo o que podiam. Algumas estão aqui a me ouvir e muitas já foram chamadas por Deus para receber o prêmio das suas fadigas e das obras de caridade.

Aqui está, então, como, com a ajuda de numerosas pessoas, dos Cooperadores e das Cooperadoras, foi possível fazer muita coisa, que individualmente jamais teria sido possível realizar. Com a ajuda tão eficaz de padres, senhores e senhoras, o que aconteceu? Milhares de jovens vieram aqui buscar instrução religiosa naquele mesmo lugar onde antes se aprendia a blasfemar; vieram aprender a virtude no mesmo lugar que antes era centro

de imoralidade. Foi possível abrir escolas noturnas e dominicais e os meninos mais pobres e abandonados foram retirados das ruas, a pracinha de 1852 tornou-se esta igreja e aquela casa se tornou a morada dos meninos pobres. Tudo isso é obra vossa, beneméritos Cooperadores e Cooperadoras.

Com a ajuda dos primeiros colaboradores e de outros somados a eles, foi possível abrir outros dois oratórios em mais dois pontos da cidade, um em Vanchiglia, chamado de Anjo da Guarda, que, em seguida, construída a igreja paroquial de Santa Júlia, se transferiu ao lado dessa paróquia; o outro, chamado de São Luís, foi aberto em Porta Nuova; junto a este está sendo construída a igreja de São João Evangelista.

Entretanto, as necessidades sentidas em Turim começaram a ser sentidas também em outras cidades e localidades, e continuando sempre com a ajuda dos Cooperadores, foi possível estabelecer normas e também ir para fora de Turim. Era preciso que fosse suprida pelos Cooperadores a grande falta de clero que todos os dias se experimenta em todo o Piemonte e em outras partes. Como fazer? A religião católica não repara o lugar, a cidade, a localidade; ela é universal e quer que o bem seja feito por toda parte, e onde a necessidade for maior, ali a religião exige que maiores sejam os esforços. Assim, de repente foi aberta uma casa em Mirabello, depois outras em Lanzo, depois outras e mais outras. Atualmente são mais de cem entre igrejas e casas abertas em favor de 25 mil jovens internos e externos que recebem instrução religiosa nas nossas casas. Quem fez tudo isso? Um padre? Não! Dois, dez, cinquenta? Também não; não poderiam ter feito tanta coisa. Foram os muitos Cooperadores e Cooperadoras que em toda parte, em cada localidade e em cada cidade se uniram para ajudar esses poucos padres. Sim, são eles, não, porém, somente eles. É preciso, sim, é preciso reconhecer a mão de Deus, que do nada fez surgir tantas obras.

Sim, é a divina Providência que enviou tantos meios para poder salvar tantas almas. Se não tivesse sido o próprio Deus a querê-lo, eu julgaria impossível que alguém tivesse podido fazer tanto. Mas a necessidade era real e grande, e Deus, para as grandes necessidades, manda os auxílios. Estas necessidades crescem e são sentidas a cada dia. Deus por acaso nos abandonará?

O que vos digo, isto é, que as necessidades crescem a cada dia, não é mais do que uma realidade muito concreta. Ah, se vós vísseis quantos pedidos são feitos de todas as partes do mundo para que abramos casas para os jovens pobres abandonados! Se soubésseis em quantos lugares neste momento se sente a necessidade que em tempos idos não parecia ocorrer a não ser nas grandes cidades! É para se ficar de boca aberta. Além disso, no caso das missões, quanto cresce atualmente a necessidade de ajuda! E notai que já não se trata de ir

gastar a própria vida entre os selvagens, com perigo de martírio ou de grandes sofrimentos. Atualmente são os próprios selvagens que começam a conhecer seu estado miserável e desejam instruir-se. Eu diria, são eles mesmos que estendem os braços até nós, pedindo que se vá civilizá-los, a ensinar-lhes a religião, sem a qual se dão conta de que a vida deles é infeliz. De todas as partes chegam esses pedidos de missões: da Índia, da China, de Santo Domingo, do Brasil, da República Argentina, nos chegam pedidos insistentes, de modo que se eu, neste momento em que vos falo, tivesse dois mil missionários, na mesma hora teria para onde mandá-los, certo do fruto que haveriam de colher. Pois bem, também nas missões já se fez o bem com a Obra dos Oratórios e esperamos que com o apoio e a ajuda dos Cooperadores e das Cooperadoras esse bem possa multiplicar-se e aumentar para a glória de Deus.

Há ainda outra obra feita com fruto desses oratórios, obra que não desejo ver publicada, mas que é bom que por vós seja conhecida. Consiste em procurar jovens de boa vontade e propiciar-lhes os meios para que possam tornar-se sacerdotes. O número dos ministros do Senhor, vós sabeis, cada dia é menor, numa desproporção assustadora. Por isso, procuraram-se de todas as maneiras jovens que dessem firmes esperanças nesse sentido, foram reunidos, encaminhados aos estudos e centenas e mais centenas de padres já saíram das nossas casas. Quereis que vos diga muito secretamente o número dos clérigos do ano passado? Ouvi. Entre todas as nossas casas esparsas pela Itália, França, Uruguai e República Argentina, no ano passado foram formados 300 clérigos. Estes, na maior parte, vão para as próprias dioceses e, só para falar de uma, vede a diocese de Casale, dos 42 clérigos que estão no seminário, 34 saíram das nossas casas. Outros se tornam religiosos ou vão para as missões ou também ficam conosco para nos ajudar com tudo o que eles podem e sabem fazer. Vedes para onde vão as vossas esmolas, a vossa ajuda, a vossa caridade?

Outra obra não pequena consiste em opor-se à heresia que ameaça invadir tantas cidades e lugares. Ela faz estragos nos países católicos e vai se difundindo tanto mais quanto mais cresce a liberdade no mundo político; pois, quando, sob o título de liberdade, se abre a porta à possibilidade de fazer o mal e ao mesmo tempo se dificulta a obra dos bons, teremos sempre consequências funestas. Por isso, procurou-se impedir a heresia e a impiedade por meio de livros redigidos para esta finalidade, que com grande fadiga e despesa eram preparados e difundidos entre o povo católico. Mas os livros não fazem tudo. Temos necessidade de, como sentinela alerta nos lugares onde o perigo é maior e contínuo, pôr ali um verdadeiro piquete de soldados para paralisar pelo menos o mal. Pois bem, aqui em Turim, junto à igreja dos protestantes, desde 1847, abriu-se o Oratório de São Luís, e agora, após tantos estudos e fadigas, consegue-se ir levantando a igreja de São João Evangelista.

Também em Sampierdarena a heresia se impunha e então ali foi posto um internato. Em Nice, justo ao lado da igreja protestante, foi construído o Patronato São Pedro. Em La Spezia a heresia progrediu de forma extraordinária: ali se fez todo o esforço possível e finalmente foram abertas escolas. Mas para não ficar citando tudo, contarei o que aconteceu perto de Ventimiglia. Ali, em poucos anos, crescendo o número dos habitantes, encheu-se de casas um vale chamado Vallecrosia. O número dos habitantes cresceu de centenas e até de milhares. Tratando-se de casas novas, não se pensou ou não se conseguiu erigir nenhuma igreja. Os protestantes, vista a conveniência, levantaram bem no centro um grande edifício para que servisse de internato e de escola, e uma igreja deles. Os habitantes daquele vale, não dispondo de outras escolas, foram atraídos por elas e depois vários iam também para a sua igreja. O bispo não sabia como fazer; construir uma igreja, transformá-la em paróquia, são coisas que nos nossos dias não podem mais ser feitas por alguém sozinho. Não havia meios, mas a Providência nos ajudou e, não podendo mais, foi alugada uma casa; no depósito ao rés do chão fazem-se algumas reformas, erige-se um altar e aí está pronta uma igreja. Nos aposentos à direita e no primeiro andar abrem-se duas salas de aula para meninos; nos aposentos à esquerda dessa pequena igreja, chamam-se as Irmãs de Maria Auxiliadora e ali se abrem as escolas para as meninas. Eis aí a mudança feita! O oratório festivo atrai pequenos e grandes, e todos os habitantes da redondeza têm a comodidade de ouvir a santa missa; as escolas dos meninos são logo frequentadas; as das meninas também. A situação é enfrentada com tal empenho que agora as escolas dos protestantes estão totalmente fechadas porque não há mesmo um só, nem entre meninos nem entre meninas, que as frequentem. Também vários que tinham começado a frequentar a igreja protestante foi possível atraí-los com bons modos para os sacramentos na Páscoa, deixaram abandonado o lugar que estava para se tornar centro de heresia para a Ligúria.

É impossível que uma pessoa sozinha possa fazer todas essas obras. É necessário dispor de Cooperadores. Suas contribuições ajudam, por exemplo, a ir a determinado lugar e fazer as primeiras estruturas; quando se está lá, juntam-se Cooperadores no próprio lugar e se vai adiante. Sem a ajuda dos Cooperadores, os salesianos estariam encalhados e não poderiam desenvolver o seu zelo. Verdade é que dificuldades se encontrarão sempre ao realizar essas obras, mas Deus dispôs de tal modo que sempre foi possível superá-las.

Neste ano, as dificuldades se multiplicaram; todavia, nós vemos a mão do Senhor a nos sustentar continuamente. Neste ano faleceu o nosso incomparável benfeitor Pio IX; aquele Pio IX que aprovou a Associação dos Cooperadores e a enriqueceu com tão insignes indulgências; aquele Pio IX que

quis ser inscrito por primeiro entre os Cooperadores Salesianos; aquele Pio IX que nunca deixava passar ocasião propícia para nos ajudar. Sim, ele faleceu, mas Deus dispôs que lhe sucedesse um Leão XIII. Eu me apresentei a ele e lhe falei dos Cooperadores Salesianos. Pedi-lhe que permitisse que seu augusto nome, como já o nome do seu antecessor de feliz memória, constasse entre os Cooperadores Salesianos. Ele, tendo-se informado bem do seu espírito, acrescentou: "Não pretendo ser só Cooperador Salesiano, mas operador. O papa, não deve ser ele o primeiro a incrementar as obras de caridade?". Eis aí, portanto, como tendo perdido um pai, Deus nos providenciou outro não menos benévolo do que o primeiro. Neste mesmo ano morreram vários beneméritos senhores, sempre propensos a ajudar o Oratório; mas Deus dispôs que outros os substituíssem e a caridade dos fiéis não nos deixa faltar nada do que é necessário.

Então, agora, eis qual deve ser mais diretamente o escopo dos Cooperadores Salesianos; eis em quê devem se ocupar. É preciso continuar as obras começadas, das quais vos falei; aliás, essas obras precisam ser multiplicadas. Por isso, precisamos de pessoas e de meios. Nós sacrificamos as nossas pessoas; Deus, todos os dias, nos manda pessoal pronto para qualquer sacrifício, também para dar a vida pela salvação das almas. Mas as pessoas não bastam; precisamos dos meios. Cabe a vós procurar os meios, beneméritos Cooperadores. Eu vos encarrego dos meios materiais; fazei de tal modo que não venham a faltar. Notai bem como é grande a graça de Deus que põe em vossas mãos os meios para cooperar para a salvação de muitas almas. Já vimos que, com nossa ação, até agora apresentada, da cooperação dos bons resulta a salvação das almas.

Agora seria a hora de eu vos agradecer. Mas que agradecimentos? Eu não posso fazê-los. Seria muito pequena recompensa agradecer-vos pelas vossas boas obras. Deixarei que Deus vos agradeça por elas. Sim, eu o disse mais de uma vez, que Deus considera como feito a ele o que se faz ao próximo. Por outro lado, é certo que a caridade não simplesmente corporal, mas que também visa a um escopo espiritual, tem um merecimento ainda maior. E gostaria de dizer: não só tem um valor maior, mas um valor divino. Os santos padres estão de acordo em repetir o dito de São Dionísio: *Divinorum divinissimum est cooperari Deo in salutem animarum.* E explicando esta passagem com Santo Agostinho, diz-se que esta obra divina é um penhor absoluto da própria predestinação: *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti.*

Quereis fazer uma coisa boa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santíssima? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude. Aliás, esta é divina entre as diviníssimas.

Ah! portanto, vós, concorrendo para fazer estes grandes bens de que falamos, podereis estar seguros de salvar a vossa alma. Por isso, eu deixo de vos fazer agradecimentos. Só quero que saibais que na igreja de Maria Auxiliadora, de manhã e de noite, e posso dizer durante todo o dia, reza-se de modo especial por vós, a fim de que Deus vos agradeça por meio daquelas palavras que vos dirá no dia decisivo do juiz: *Euge, serve bone et fidelis*...[Mt 25,23]. Vós fazeis sacrifícios, mas tende em mente que Jesus Cristo fez de si um sacrifício bem maior e jamais nos aproximaremos do sacrifício que ele fez por nós. Aqueles que procuram imitá-lo em fazer sacrifícios para salvar as almas, podem estar tranquilos de que o *animam salvasti, animam tuam praedestinasti* não é exagerado e certamente serão coroados com o *intra in gaudium Domini tui* [Mt 25,23] que ardentemente desejo a todos e pelo qual eu rezo.

III. CONSELHOS ESPIRITUAIS A AMIGOS, COOPERADORES E BENFEITORES

A correspondência de Dom Bosco com os Cooperadores e os amigos, leigos e eclesiásticos, contém sempre sugestões espirituais específicas e substanciosas, com a finalidade de propor um caminho de vida interior que à devoção e ao fervor espiritual una o exercício das virtudes, a caridade operante, o cumprimento amoroso e fiel dos deveres do próprio estado.

Desses pequenos textos emerge a inspiração "salesiana" do nosso Santo, a sintonia com os ensinamentos expressos por São Francisco de Sales na Introdução à vida devota *e nas cartas de direção espiritual.*

Aqui referimos doze cartas que documentam a gama das relações de Dom Bosco e a concretude da sua "escola" espiritual.

274. A um leigo desejoso de perfeição

Edição crítica em E(m) I, pp. 525-526.

Turim, 24 de setembro de 1862

Caríssimo no Senhor,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco.

Há algum tempo recebi as duas cartas que teve a bondade de enviar-me, e não lhe respondi porque não sabia exatamente o lugar de sua permanência.

À minha resposta junto um bilhete vermelho [da loteria], aliás, dois, para que ganhe dois prêmios. Os bilhetes que eu lhe tinha mandado não eram tanto para vender, mas para conservar para o senhor e assim ajudar o pobre Dom Bosco a dar pão aos seus pobres jovens.

Retomando os assuntos da sua primeira carta, eu admiro muito os impulsos do seu coração em querer seguir os conselhos de um velho sacerdote como eu. A coisa é árdua para ambos, mas tentemos.

Como devo fazer para enveredar por uma vida que, o senhor dizia, desapegue do mundo e una este meu coração ao Senhor de tal modo que eu ame constantemente a virtude?

R. A boa vontade auxiliada pela graça de Deus produzirá este efeito maravilhoso. Mas para conseguir, o senhor deve esforçar-se para conhecer e saborear a beleza da virtude e a alegria que prova no coração quem busca a Deus.

Leve em conta também a nulidade das coisas do mundo. Elas não podem dar-nos a mínima consolação. Ponha junto todas as suas viagens, tudo o que viu, gozou, leu e observou. Compare tudo com a alegria que prova um homem depois que se aproximou dos sacramentos, e se dará conta de que as primeiras são um nada, e as segundas contêm tudo.

Estabelecida assim uma base, vamos à prática. O senhor: 1º Toda manhã, missa e meditação. 2º Na parte da tarde, um pouco de leitura espiritual. 3º Todo domingo, pregação e bênção [do Santíssimo]. 4º ... Devagar, o senhor me diz, pouco por vez. Tem razão; comece a pôr em prática o que aqui lhe escrevo de passagem e, se o senhor perceber que consegue manter o passo, eu espero, com a ajuda de Deus, poder conduzi-lo ao terceiro céu.

Quando vier a Turim falaremos dos projetos um pouco mais amplamente. Entretanto, não deixe de pedir a Deus por mim, que de coração lhe desejo todo bem no Senhor e me professo de vossa caríssima senhoria

Afeiçoadíssimo servidor e amigo

Sac. João Bosco.

275. A uma pessoa religiosa

Edição crítica em E(m) II, p. 276.

Turim, 22 de julho de 1866

Prezadíssima senhora,

A tibieza quando não provém da própria vontade está totalmente isenta de culpa. Aliás, eu creio que essa tibieza, que toma o nome de aridez do espírito, seja meritória diante de Deus. Todavia, se deseja alguns fósforos que soltam fagulhas, eu os encontro nas jaculatórias ao Santíssimo Sacramento, em alguma visita na capela, beijar a medalha ou o crucifixo. Mas mais do que outra coisa, o pensamento de que as tribulações, as penas e a aridez do tempo são como rosas perfumadas para a eternidade.

Não deixarei de recomendá-la como posso a Deus na santa missa e, enquanto recomendo a mim mesmo e aos meus pobres jovens às suas santas orações, tenho a honra de professar-me com gratidão sincera de vossa prezadíssima senhoria

Obrigadíssimo servidor

Sac. João Bosco.

276. Ao marquês Inácio Pallavicini

Edição crítica em E(m) II, pp. 423-424.

Setembro de 1867

Excelência,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja conosco. *Amen.*

Eis-me a falar com vossa excelência como faria com meu irmão. O que lhe escrevi em agosto não é nem para ameaçá-lo nem para pressioná-lo: é tudo coisa amorosa e preventiva. Dito isso, o senhor deve pensar particularmente em três coisas: *em si mesmo – nos seus – nas suas coisas.*

Em si mesmo. Dê uma olhada nos propósitos feitos em confissão e que não foram mantidos; nos conselhos recebidos para evitar o mal e praticar o bem, mas esquecidos; igualmente uma grande falta de arrependimento dos pecados. A isso poderá remediar por meio da meditação e do exame de consciência à noite ou em outra hora mais conveniente para o senhor. No momento presente, Deus quer maior paciência nas suas ocupações, especialmente em família; mais confiança na bondade do Senhor; mais tranquilidade de espírito; nunca ter medo de que a morte o surpreenda de noite ou em outro momento inesperado. Faça um esforço para praticar as virtudes da humildade e da confiança em Deus, e não tenha medo de nada. Para o futuro, frequente a confissão e a comunhão de tal modo que sirva de modelo para todos que o conhecem.

Nos seus. Procure fazer com que os seus dependentes disponham de tempo para cumprir seus deveres religiosos, dispor o que se refere a eles de tal modo que na morte e depois da morte tenham motivos para bendizer

o seu patrão. Em família, caridade e benevolência com todos; nunca deixar passar alguma oportunidade para dar conselhos ou avisos que possam servir de norma de vida e de bom exemplo.

Nas suas coisas. Aqui precisaria escrever muito. Segunda-feira deverei ir a Alessândria e de lá farei um passeio até Mombaruzzo, onde espero escrever ou falar com alguma tranquilidade. O que Deus quer especialmente do senhor é promover quanto puder a veneração de Jesus Sacramentado e a devoção à Bem-aventurada Virgem Maria.

Deus nos ajude a caminhar pelo caminho do céu. Assim seja. Com gratidão me professo de vossa excelência

Obrigadíssimo servo

Sac. João Bosco.

277. A César Callori

Edição crítica em E(m) II p. 426.

Turim, 6 de setembro de 1867

Caríssimo senhor César,

Desta vez não é mais César, mas Dom Bosco que confessa uma culpa. Uma coisa e outra, e não cumpri o meu dever de enviar o livro que o nosso César se oferecera para traduzir para as nossas *Leituras Católicas.*

Vamos agora ajustar as coisas em família. Um fascículo para o senhor, outro para a senhorinha Glória; e como atrasei a expedição, o senhor consertará ou melhor compensará o tempo perdido com uma diligência e solicitude especial na execução do trabalho. Que desenvoltura mostra Dom Bosco quando manda! Sorte que se tem de haver com gente dócil e obediente; de outra sorte me deixaria sozinho a cantar e a carregar a cruz.

Enquanto por outra parte me confesso culpável, quereria mandar-lhe, diria melhor, quereria recomendar-lhe duas coisas, das quais já algumas vezes discorremos. Nas várias divisões do seu tempo estabeleça confessar-se cada quinze dias ou uma vez ao mês; não deixe passar dia sem uma breve leitura espiritual... Mas basta: não façamos sermões! Bem, terminemos.

Dê muitas saudações a papai e a mamãe e a todos os membros da sua respeitável família. Dê-me algum bom conselho; acolha meus votos de muitas bênçãos celestes e acredite-me com a mais sentida gratidão de vossa senhoria caríssima

Obrigadíssimo servo

Sac. João Bosco

278. A uma mãe de família

Edição crítica em E(m) III, pp. 133-134.

11 de setembro de 1869

Por meio da zelosa irmã Filomena recebi a grossa soma de 10.000 francos que na sua caridade oferece em honra de Maria Auxiliadora, a ser usada para as diversas e graves necessidades deste novo edifício. Eu não pude conversar longamente com aquela religiosa, a não ser rapidamente, e por isso não pude encarregá-la de fazer-lhe meus mais cordiais agradecimentos como desejava tê-lo feito. Agora, ao cumprir este meu dever de gratidão, asseguro-lhe que continuarei a fazer em comum todos os dias especiais orações no altar de Maria Auxiliadora e espero que a graça que pede lhe seja concedida sem falta.

A senhora me diz que até agora não está certa de tê-la obtido; diz que se trata de uma tribulação de família, que não sei qual seja, mas aqui está o que posso lhe dizer: continue a rezar e se resigne aos desígnios divinos. A tribulação está caminhando para seu fim. Há coisas que agora parecem espinhos, mas que Deus transformará em flores. Um olhar ao crucifixo e um *fiat voluntas tua* é o que Deus quer da senhora.

Entretanto, siga este conselho: as feridas em família devem ser medicadas e não amputadas. Não dar importância ao que desagrada, falar com todos e aconselhar com muita caridade e firmeza é o remédio com que a senhora curará tudo. Perdoe-me a liberdade: eu ministro lições a Minerva, por isso se compadeça de mim.

Amanhã (12) eu celebrarei a santa missa, e os meus meninos farão a santa comunhão segundo sua pia intenção. Deus a abençoe, com toda sua família e a todos conceda longos anos de vida feliz, com o precioso dom da perseverança final.

Aceite meus profundos sentimentos de gratidão com que tenho a honra de me professar de vossa senhoria benemérita

Obrigadíssimo servo

Sac. João Bosco.

279. A uma viúva aflita

Edição crítica em E(m) III, pp. 211-212.

Turim, 28 de maio de 1870

Ilustríssima senhora,

Recebi sua honrosa carta que me trouxe real satisfação. Por ela noto que o seu coração está exacerbado pela perda do seu saudoso marido, mas que agora está um pouco mais calmo para abandonar-se com resignação à vontade de Deus, a quem, querendo ou não, é preciso submeter-se. Não tenha medo que venha a diminuir o afeto do seu marido pela senhora na outra vida; pelo contrário, será muito mais perfeito do que foi aqui. Tenha fé; a senhora o verá numa posição muito melhor do que quando estava entre nós. O melhor que a senhora pode fazer por ele é oferecer a Deus toda a preocupação pelo repouso eterno de sua alma.

Agora me conceda um pouco de liberdade para falar-lhe. É de fé que no céu se goza uma vida infinitamente melhor do que aqui na terra. Portanto, por que se lamentar se seu marido foi tomar posse dessa felicidade? É de fé que a morte para nós cristãos não é uma separação, mas uma dilação em termos de se rever. Portanto, paciência quando alguém nos precede, não faz senão ir para o lugar que lhe foi preparado.

É também de fé que a senhora, em qualquer momento, por meio das obras de piedade e caridade, pode fazer bem à alma do falecido; portanto, não deve alegrar-se em seu coração, se Deus lhe concedeu a graça da sobrevivência? Depois, a assistência das crianças, o conforto ao *bon père,* a prática da religião, difundir bons livros, dar bons conselhos a quem precisa, não são todas coisas que, a cada momento, nos devem levar a bendizer ao Senhor pelos anos que nos concede?

Há ainda outros motivos que por agora considero não ser o momento para manifestar.

Em suma, adoremos a Deus em tudo, nas consolações e nas aflições, e fiquemos certos de que é um bom Pai e que não permite aflições além das nossas forças; ele é onipotente e por isso pode aliviar-nos à hora que quiser.

Entretanto, sempre recomendei a senhora e a sua família a Deus na santa missa e continuarei a fazê-lo, tanto em particular como nas orações comuns que se fazem diante do altar de Maria.

Deus abençoe a senhora e suas fadigas; reze por mim que com gratidão me professo de vossa senhoria ilustríssima

Obrigadíssimo servo

Sac. João Bosco.

280. A um católico comprometido

Edição crítica em E(m) III, pp. 227-228.

Turim, 13 de julho de 1870

Caríssimo no Senhor,

Deus seja bendito em tudo. Não se preocupe por não poder fazer muita coisa. Diante de Deus faz muito quem no pouco faz sua santa vontade. Acolha, portanto, da mão do Senhor os incômodos a que está sujeito e faça o pouco que puder e fique tranquilo.

Nestes nossos tempos sente-se gravemente a necessidade de propagar a boa imprensa. É um campo vasto e, cada um fazendo o que pode, se conseguirá muita coisa.

Não deixarei de rezar pelo senhor e pelos seus colegas. Cumprimente-os por mim no Senhor. Reze também o senhor por mim que com verdadeira afeição me professo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

281. A um amigo sacerdote

Edição crítica em E(m) V, p. 142.

Roma, 8 de maio de 1876

Caríssimo padre Perino,

Muito me alegro com a tua promoção para pároco de Piedicavallo.

Terás um mais vasto campo para conquistar almas para Deus. O fundamento do teu bom êxito paroquial é o de cuidar das crianças, assistir aos doentes e querer bem aos idosos.

Para ti: confissão frequente, cada dia um pouco de meditação, uma vez por mês o exercício da boa morte.

Para Dom Bosco: difundir as *Leituras Católicas* e vir almoçar no Oratório, sempre que vier a Turim. O mais falarei à viva voz.

Deus te abençoe, abençoe tuas fadigas, tua futura paróquia, e reza por mim, que serei sempre para ti em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

282. A um sacerdote em dificuldades

ASC A1780133 *Originali autografi di recente recupero, Fassio;* edição em E III, pp. 271-272.

Roma, 12 [de janeiro de] 1878

Meu caro padre...,

Deus te permite enfrentar uma grande prova, mas dela tirarás grande proveito. A oração vencerá tudo. Trabalho, temperança especialmente de noite, não repousar muito durante o dia, nunca ir além das sete horas de sono na cama, são coisas utilíssimas.

Principiis obsta; por isso, apenas percebes ser tentado, põe-te a trabalhar, se for de dia; se for de noite, a rezar; nunca suspender a oração, a não ser

quando vencido pelo sono. Pratica estas recomendações; eu te recomendarei a Deus na santa missa. Deus fará o mais. Coragem, caro padre...; tranca o coração, espera no Senhor e vai em frente sem inquietação.

Reza por mim que serei sempre para ti em Jesus Cristo

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

283. A dom Eduardo Rosaz, bispo de Susa (beato)

Edição em E III, pp. 293-294.

Roma, 7 de fevereiro de 1878

Caríssimo e reverendíssimo senhor[5],

A seu tempo recebi de Turim e depois soube pela sua querida missiva que o grande pontífice Pio IX volveu seus paternos pensamentos à sua pessoa e o proclamou bispo de Susa. Eu fiquei não pouco maravilhado, porque conheço quanto o senhor se julga pequeno e porque deverá tomar novas atitudes *verbo et opere*. Logo, porém, bendisse a Deus porque eu estava e estou convencido de que a Igreja adquiriu um bispo segundo o coração de Deus e que o senhor fará muito bem à diocese de Susa.

Muito me alegro e com todo afeto do coração lhe ofereço todas as casas da Congregação para qualquer serviço que possam prestar à sua respeitável pessoa ou à diocese que a divina Providência lhe confiou.

Eu não pretendo dar uma de mestre, mas creio que o senhor em pouco tempo terá nas mãos o coração de todos:

lº Se tomar especial cuidado dos doentes, dos idosos e dos meninos pobres.

2º Se for muito devagar em fazer mudanças no pessoal já colocado pelo seu antecessor.

[5] Dom Eduardo José Rosaz (1830-1903), fundador das Irmãs Missionárias Franciscanas (1874) para a educação das meninas pobres e órfãs, foi nomeado bispo de Susa no consistório de 31 de dezembro de 1877.

3º Se fizer o que pode para conquistar a estima e o afeto de alguns que ocupavam ou ocupam cargos elevados na diocese; os quais se sentem deixados de lado, ao passo que o senhor foi preferido a eles.

4° Se, ao tomar medidas severas contra quem quer que seja do clero, for com calma e, quanto puder, ouvir o acusado. Quanto ao mais, espero que em março possamos conversar pessoalmente.

Hoje, em torno das três e meia, se extinguia o sumo e incomparável astro da Igreja Pio IX. Os jornais darão detalhes. Roma está toda consternada e penso o mesmo do mundo inteiro. Dentro de brevíssimo tempo estará certamente sobre os altares.

Creio que vossa senhoria me permitirá escrever-lhe sempre com a confiança do passado; e pedindo a Deus que o ilumine e conserve em boa saúde, me recomendo à caridade das suas santas orações e me professo com a máxima veneração, de vossa senhoria reverendíssima e caríssima

Afeiçoadíssimo amigo

Sac. João Bosco.

284. A uma senhora escrupulosa

ASC A1780410 *Lettere originali di recente recupero, Armelonghi*;
edição em E III, pp. 388-389.

Turim, 26 de setembro de 1878

Muito estimada senhora em Jesus Cristo,

Quanto à vossa consciência, lembrai:

1º Nunca refazer as confissões passadas.

2º Os pensamentos, os desejos e tudo o que for interior nunca seja matéria de confissão.

3º Confessai somente as obras, as palavras que o confessor considerar culpáveis e não outras coisas.

4º Obediência cega ao confessor.

Ficai tranquila de consciência e rezai por mim que serei sempre para vós em Jesus Cristo,

Humilde servidor

Sac. João Bosco.

285. A um pároco desanimado

ASC A1940605 *Copie di originali*; edição em E III, p. 399.

Turim, 25 de outubro de 1878

Caríssimo no Senhor,

Recebi sua bondosa carta e os 18 francos que me enviou. Agradeço-lhe: Deus o recompense. É maná que cai do céu para aliviar nossos apertos.

O senhor fique tranquilo. Não fale em sair da paróquia.

Há trabalho? Morrerei no campo de trabalho, *sicut bonus miles Christi*.

Sirvo para pouca coisa? *Omnia possum in eo qui me confortat.* [Fl 4,13]

Há espinhos? Com os espinhos transformados em flores, os anjos tecerão para o senhor uma coroa no céu.

Os tempos são difíceis? Sempre o foram, mas Deus nunca faltou com sua ajuda. *Christus heri et hodie*.

Pede um conselho? Ei-lo: cuide particularmente dos meninos, dos velhos e se tornará dono do coração de todos. Quanto ao mais, venha visitar-me e falaremos mais longamente.

Sac. João Bosco

QUARTA SEÇÃO

A DIMENSÃO MARIANA DA ESPIRITUALIDADE SALESIANA

Apresentação

Dom Bosco, apóstolo incansável da devoção mariana, no Jovem Instruído *sublinha a função da Santa Virgem Maria em ordem à salvação de cada um: ela é mediadora de graças, defesa contra os ataques do mal, apoio no empenho de vida cristã e no caminho para a santidade. Estes elementos ele os hauriu de Santo Afonso de Ligório: a verdadeira devoção, que se exprime particularmente mediante uma vida virtuosa, garante o patrocínio mais poderoso que se possa ter na vida e na morte.*

Os argumentos são retomados no livreto O mês de Maio *(1858)*[1]*, no qual o Santo enquadra explicitamente a devoção mariana popular e juvenil num contexto que objetiva um empenho ético e espiritual sério e liga a devoção mariana e a salvação eterna.*

Dez anos mais tarde (1868), por ocasião da inauguração da igreja de Maria Auxiliadora, compila um opúsculo intitulado Maravilhas da Mãe de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora[2]. *Nele é particularmente evidente um enquadramento da devoção mariana na perspectiva eclesial, a respeito da qual o olhar de Dom Bosco se abre sempre mais e em ordem à qual se orientam as suas preocupações missionárias e educativas. Mediante algumas meditações evangélicas, o Santo ali desenvolve também outros aspectos em relação à vida espiritual: Maria é modelo de união com Deus, de serviço ao próximo, de atenção operante às necessidades dos irmãos e lhe cabe uma missão de maternidade universal.*

A partir do momento da consagração do santuário de Valdocco, Dom Bosco se torna apóstolo incansável da devoção à Auxiliadora: ela é ajuda da Igreja nas batalhas da história; inspiradora e apoio poderoso da Obra Salesiana; presença materna, operante e benéfica para os que nela confiam.

[1] Giovanni Bosco, *Il mese di maggio consacrato a Maria SS. Immacolata ad uso del popolo*. Turim, Tip. Paravia e Compagnia 1858 (OE X, 295-486).
[2] Giovanni Bosco, *Maraviglie della madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice*. Turim, Tip. Dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868 (OE XX, 192-376).

A Associação dos devotos de Maria Auxiliadora (fundada em 1869), com a finalidade de "promover a devoção à Mãe de Deus e a veneração do sacramento da Eucaristia" [3]*, certamente corresponde à sensibilidade religiosa do tempo, mas exprime de forma excelente o esforço de Dom Bosco para encorajar a entrega a Maria e estimular em todos a imitação das suas "belas virtudes".*

Com a difusão mundial da Obra Salesiana, o culto à Auxiliadora se propaga por toda parte, inseparavelmente unido à figura de Dom Bosco e à sua missão.

Esta seção, que é uma simples amostra de um material vastíssimo, inclui sete meditações (nn. 286-291 e 293), algumas orações propostas aos membros da Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora (n. 292) e um "boa-noite" aos jovens sobre a eficácia de invocar a Auxiliadora (n. 294).

286. Motivos para ser devoto de Maria

Edição impressa em G. Bosco, *Il mese di maggio...*, pp. 12-18 (OE X, 306-312).

Vem comigo, ó cristão, e reflete sobre os inumeráveis motivos que todos temos para ser devotos de Maria. Começarei por acenar aos três principais, os seguintes: Maria é a mais santa de todas as criaturas; Maria é Mãe de Deus; Maria é nossa mãe.

1. Em todo o Antigo Testamento Maria é chamada toda bela e sem mancha: é comparada ao sol resplandecente; à lua quando está na plenitude da sua luz; às estrelas mais luminosas; a um jardim cheio das flores mais perfumosas; a uma fonte selada da qual brota a água mais límpida; a uma humilde pomba; a um lírio puríssimo. No Evangelho, o anjo Gabriel a chama *cheia de graça, "Ave, gratia plena"*. Cheia de graça, ou seja, Maria, desde o primeiro instante da sua existência foi sem mancha do pecado original e de qualquer outro pecado, e sem mancha perseverou até o último respiro da sua vida. Cheia de graça, nela não houve o mínimo defeito que tenha penetrado no seu coração puríssimo; nem houve virtude alguma que não tenha sido praticada por Maria no grau mais sublime. A Igreja Católica exprime a santidade de Maria ao definir que ela foi sempre isenta de toda culpa, e nos convida a invocá-la com estas preciosas palavras: *Regina sine labe originali*

[3] Cf. o doc. n. 41: *Pedido a Pio IX para obter indulgências em favor da Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora a ser erigida.*

concepta, ora pro nobis. Rainha concebida sem pecado original, rogai por nós que recorremos a vós.

2. Maria isenta de toda mancha de pecado original e de qualquer outro pecado; adornada de todas as virtudes que se podem imaginar; agraciada por Deus mais do que qualquer outra criatura: todas estas prerrogativas levaram-na a estar acima de todas as mulheres e a ser elevada à dignidade de Mãe de Deus. Este é o anúncio que lhe fez o anjo; é também o que repetiu Santa Isabel quando da visita da Santa Virgem; esta é a saudação que lhe dirigem todos os dias os fiéis cristãos, dizendo: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós. Perante o glorioso nome de Mãe de Deus, a mente humana se encolhe; por isso, inclinando a fronte em sinal da mais profunda veneração, nos limitamos a dizer que nenhuma criatura pode ser elevada dignidade mais sublime, nenhuma criatura pode obter maior grau de glória e, por conseguinte, nenhuma criatura pode ser mais poderosa junto de Deus do que Maria.

3. Se o título de Mãe de Deus é glorioso para Maria, é muito consolador e útil para nós que somos os seus filhos. Pois, tornando-se Mãe de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, tornou-se também nossa mãe. Jesus Cristo, na sua grande misericórdia, quis chamar-nos seus irmãos e assim nos constituiu filhos adotivos de Maria. O Evangelho confirma o que dizemos aqui. O divino Salvador pregado na cruz sofria as dores da sua penosa agonia. Sua Mãe santíssima e o apóstolo João estavam aos seus pés, mergulhados na mais profunda dor; Jesus, abrindo os olhos talvez pela última vez em sua vida mortal, viu o discípulo predileto e sua querida Mãe. Descerrou então seus lábios moribundos e disse a Maria: Eis em João o teu filho; depois disse a João: Eis em Maria a tua mãe; *mulier, ecce filius tuus; ecce mater tua* [Jo 19,26-27]. Neste fato os santos padres reconhecem unanimemente a vontade do divino Salvador, que antes de deixar o mundo, quis dar-nos sua Mãe como nossa mãe amorosa e a todos constituiu seus filhos. Além disso, Maria é nossa mãe porque por meio de Jesus Cristo nos regenerou pela graça. Pois, assim como Eva é chamada a mãe dos viventes, Maria é mãe de todos os fiéis pela graça (Ricardo de São Lourenço). A esse propósito, São Guilherme abade se exprime assim: Maria é mãe da cabeça, portanto é também mãe dos membros que somos nós: *Nos sumus membra Christi*. Maria, dando à luz Jesus, regenerou-nos também a todos nós espiritualmente. Por isso, Maria, com razão, é chamada por todos de mãe e como tal merece ser honrada (Guilherme abade, *Cant.* 4).

Eis aí, ó cristãos, a pessoa que eu venho propor à vossa veneração ao longo deste mês. Ela é a mais santa entre todas as criaturas; Mãe de Deus, nossa mãe, mãe poderosa e piedosa, que deseja ardentemente nos encher de favores celestes. Eu, diz ela, moro no mais alto dos céus para cobrir de graças e

de bênção os meus devotos: *ut ditem diligentes me,* etc. *thesauros eorum repleam* [Pr 8,21].

Coragem, portanto, devotos de Maria; trata-se de fazer uma grande festa à nossa mãe, à Mãe de Jesus. Ao chegar o dia da festa da nossa mãe temporal nós nos alegramos em poder reunir os parentes e os amigos para ficar em sua companhia e oferecer-lhe um ramalhete de flores com algumas expressões de afeto. O mês de maio é a festa da nossa verdadeira mãe, da nossa protetora celeste. Celebremos, pois, essa festa com alegria. O mais belo ramalhete que podemos oferecer-lhe é o das virtudes de que ela nos deu exemplos luminosos. Decidamos nesse dia, de manhã e de noite, dirigir as orações e todos os afetos do nosso coração para aquela que nós nos alegramos em poder chamar de nossa mãe. Rezemos desde agora que ela queira pedir para nós uma graça particular junto ao seu filho Jesus. Peçamos-lhe a graça que sabemos ser mais necessária para nós.

Exemplo – Para estimular-vos a solenizar com fervor o mês de maio em honra de Maria sirva o exemplo do exército do Oriente quando se encontrava em Constantinopla. Longe da pátria, sem igrejas e também quase sem ministros sagrados, aqueles soldados cristãos trouxeram de suas casas a devoção e a confiança em Maria. Eis o relato feito por um jornal no dia 7 de junho de 1855: "O mês de maio foi celebrado em alguns hospitais com uma piedosa solenidade que honra altamente o exército do Oriente. Não há dúvidas de que as bênçãos do céu caídas sobre muitas almas tocadas pela graça se transformarão em benefícios para todo o exército e serão coroadas com um êxito feliz da própria guerra. Antes que aqueles ambientes estivessem em nosso poder, eram mesquitas, isto é, igrejas consagradas a Maomé. Neste ano começaram a ressoar ali os louvores da rainha do céu. Foi erguido um altar a Maria, adornado com bom gosto, o que demonstra como cada regimento tem seus artistas. Colunas esculpidas como por encanto; imitações de mármore que se assemelham com perfeição aos mármores mais finos; enfeites de papel colorido, fruto dos trabalhos de alguns convalescentes que consagraram o seu tempo em coisas úteis e que aumentam o decoro do culto à Santa Virgem. Cada casa organizou seu coral de cânticos. Todos os músicos mais peritos da sociedade harmônica se esforçaram por tomar parte. Alguns compuseram pequenos cânticos espirituais que, repletos de alegria, juntos cantam em honra de Maria. À noite, ao terminar o canto das loas sacras e das ladainhas da Santa Virgem, o capelão ou outro ministro convidado faz uma instrução adaptada àquele dia, que é ouvida com avidez pelos numerosos ouvintes, recolhidos e devotos. Os próprios feridos acorrem ali meia hora antes para garantir seu lugar. Este é para eles o mais belo momento do dia".

Eis, ó cristão, como podemos também nós celebrar este mês e dar a Maria um sinal de terna devoção. Nas cidades, nos campos, na solidão, nos claustros e nos próprios regimentos militares podem ser oferecidas homenagens de devoção à rainha de todos os santos.

Jaculatória: Virgem piedosa, eis o meu coração, inflamai-o de santo amor*.

Oração – Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria, de que nunca se ouviu dizer neste mundo que alguém que implorou os vossos favores tenha sido rejeitado ou abandonado por vós. Não desprezeis, ó Mãe do Verbo Encarnado, as orações deste vosso humílimo filho, ouvi-o de modo favorável, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria.

287. Maria, nossa protetora na vida presente

Edição impressa em G. Bosco, *Il mese di maggio...*, pp. 169-175 (OE X, 463-469).

1. Vivemos neste mundo como num mar borrascoso, num exílio, num vale de lágrimas. Maria é a estrela do mar, o conforto do nosso exílio, a luz que nos indica o caminho do céu e enxuga as nossas lágrimas. É o que faz nossa mãe ao dar-nos contínua ajuda espiritual e temporal. Não entramos em cidade ou povoado sem que encontremos algum monumento que lembre as graças concedidas por Maria aos seus devotos. Sem falar dos muitíssimos santuários da cristandade, onde aos milhares pendem dos muros os testemunhos de graças recebidas. Eu aceno somente ao da Consolata, que por fortuna nós temos em Turim. Vai, ó leitor, e com a fé de um bom cristão entra naquele lugar sagrado e admira os sinais de gratidão para com Maria pelos benefícios recebidos. Aqui, verás um doente desenganado pelos médicos que readquiriu a saúde; lá, uma graça recebida por alguém que foi livrado das febres; acolá, alguém que foi curado de uma gangrena; a graça recebida por ter sido salvo por Maria das mãos dos assassinos; por não ter sido esmagado por enorme pedra rolando de um monte; sinais de gratidão pela chuva ou pelo tempo bom que foram pedidos a Maria. Na pracinha do santuário verás um monumento que a cidade de Turim levantou em honra de Maria, em 1835, quando foi livrada do mortal cólera-morbo que infestou terrivelmente todas as regiões próximas.

* Em italiano a oração é ritmada: "*Pietosa Vergine / ecco il mio cuore. / Voi infiammatelo / di santo amor*e".

2. Os favores a que acenamos se referem somente às necessidades temporais. O que diremos das graças espirituais que Maria obteve e obtém para os seus devotos? Seria preciso escrever grossos volumes para narrar as graças espirituais que os seus devotos receberam e recebem todos os dias pelas mãos desta grande benfeitora do gênero humano. Quantas virgens devem a sua preservação à proteção de Maria! Quanto conforto para os aflitos! Quantas paixões combatidas! Quantos mártires fortalecidos! Quantas insídias do demônio superadas! São Bernardo, após ter enumerado uma longa série de favores que Maria obtém todos os dias para seus devotos, termina dizendo que todos os bens que procedem de Deus chegam a nós por meio de Maria: *Totum nos Deus habere voluit per Mariam.*

3. Maria não é somente auxílio dos cristãos, é também sustentáculo da Igreja universal. Todos os títulos que damos a ela lembram um favor; todas as solenidades que celebramos na Igreja tiveram origem em alguma graça extraordinária que Maria obteve para o bem da Igreja. Quantos hereges confundidos, quantas heresias extirpadas: por tudo isso, a Igreja exprime a sua gratidão, dizendo a Maria: Tu sozinha, grande Virgem, foste quem extirpou todas as heresias: *Cunctas haereses sola interemisti in universo mundo.*

Exemplos – Referirei alguns exemplos que confirmam os grandes favores que Maria obteve para seus devotos. Comecemos com a *Ave-Maria*. A saudação angélica, ou seja, a *Ave-Maria* é composta pelas palavras ditas pelo anjo à Santa Virgem e por aquelas acrescentadas por Santa Isabel quando Maria foi visitá-la. A segunda parte, *Santa Maria,* foi acrescentada pela Igreja no século V. Nesse século vivia em Constantinopla um herege de nome Nestório, homem cheio de orgulho: chegou à impiedade de recusar publicamente o augusto nome de Mãe de Deus para a Santa Virgem. Esta heresia visava a abater todos os princípios da nossa santa religião. O povo de Constantinopla fremia de indignação diante dessa blasfêmia. Para esclarecer a verdade foram enviadas súplicas ao sumo pontífice, que então se chamava Celestino, pedindo insistentemente uma reparação do escândalo. Em 431 o papa mandou reunir um concílio geral em Éfeso, cidade da Ásia Menor, às margens do arquipélago. Compareceram bispos de todas as partes do mundo católico. São Cirilo, patriarca de Alexandria, presidia em nome do pontífice. Todo o povo, da manhã até à noite, ficou diante da porta da igreja onde estavam reunidos os bispos. Quando viu a porta se abrir e surgir São Cirilo à frente de mais de 200 bispos e ouviu pronunciar a condenação do ímpio Nestório, as palavras de júbilo ressoaram por toda a cidade. Na boca de todos se repetiam estas palavras: O inimigo de Maria foi vencido! Viva Maria! Viva a grande,

a excelsa, a gloriosa Mãe de Deus! Foi nesta ocasião que a Igreja acrescentou à *Ave-Maria* as palavras: *Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores. Amém.* As demais palavras: *agora e na hora da nossa morte* foram introduzidas pela Igreja em tempos posteriores. A solene declaração do concílio de Éfeso, o augusto título de Mãe de Deus dado a Maria foi também confirmado por outros concílios, até quando a Igreja instituiu a festa da maternidade da Bem-aventurada Virgem, que se celebra todos os anos no segundo domingo de outubro. Nestório, que ousou rebelar-se contra a Igreja e blasfemar contra a grande Mãe de Deus foi severamente punido também na vida presente.

Outro exemplo. No tempo de São Gregório Magno, em muitas partes da Europa, especialmente em Roma, ocorreu uma grande pestilência. São Gregório, a fim de fazer cessar o flagelo, invocou a proteção da grande Mãe de Deus. Entre as obras públicas de penitência ordenou uma solene procissão com a imagem milagrosa de Maria que se venera na basílica de Libério, hoje Santa Maria Maior. À medida que a procissão avançava, a doença contagiosa se afastava, até que chegando ao lugar onde havia o monumento do imperador Adriano, sobre ele apareceu um anjo em forma humana (por isso depois foi designado como Castel Sant'Angelo). O anjo foi visto repondo a espada ensanguentada na bainha, sinal de que a ira divina tinha sido aplacada e que, por intercessão de Maria, devia cessar o terrível flagelo. Ao mesmo tempo se ouviu um coro de anjos cantando o hino: *Regina coeli laetare alleluia*. O santo pontífice acrescentou a este hino mais dois versículos com a oração, e a partir daquele tempo começou a ser rezado pelos fiéis para honrar a Virgem no tempo pascal, tempo de grande alegria pela ressurreição do Salvador. Bento XIV concedeu as mesmas indulgências do *Angelus Domini* aos fiéis que o recitassem no tempo pascal. O uso de recitar o *Angelus* é antiquíssimo na Igreja. Não se sabendo a hora exata em que a Virgem recebeu a anunciação, se de manhã ou pela tarde, os primeiros fiéis a saudavam nesses dois tempos com a *Ave-Maria*. Mais tarde, passou-se ao uso de tocar os sinos de manhã e de tarde, para recordar aos cristãos este pio costume; crê-se que foi introduzido pelo papa Urbano II no ano de 1088; decidira fazê-lo para estimular os cristãos a recorrer a Maria a fim de implorar pela manhã sua proteção na guerra que então se travava entre os cristãos e os turcos, e à tarde para implorar a felicidade e a concórdia entre os príncipes cristãos. Gregório IX, em 1221, acrescentou também o toque dos sinos ao meio-dia. Os papas enriqueceram este exercício de devoção com muitas indulgências. Bento XIII, em 1724, concedeu a indulgência de 100 dias cada vez e indulgência plenária a quem o recitar o mês inteiro, contanto que num dia do mês o fiel tiver feito a confissão e a comunhão sacramental.

Jaculatória: Ó Maria, advogada nossa, dispensadora de todas as graças, mensageira de saúde para o homem justo e o pecador. Ah! desde o céu, mãe piedosa, volve o teu olhar para os teus devotos, ouve os nossos votos, ó grande Mãe do Senhor*.

288. Modo de assegurar a proteção de Maria

Edição impressa em G. Bosco, *Il mese di maggio...*, pp. 179-183 (OE X, 473-477).

1. Agora que terminamos o mês de Maria, como conclusão, considero oportuno deixar-vos algumas lembranças úteis para assegurar a proteção desta nossa grande mãe na vida e na morte. Maria, sendo nossa mãe, certamente deve aborrecer os ultrajes que se fazem a Jesus, seu filho. Por isso, quem deseja gozar do seu patrocínio na vida e na morte deve abster-se do pecado. Seria vã a nossa esperança se crêssemos gozar da proteção de Maria ofendendo seu filho Jesus, por ela amado acima de todas as coisas. Nós devemos, não somente cuidar de não ofender Jesus, como também com todo o nosso coração meditar os divinos mistérios da sua paixão, seguir Jesus na penitência. A própria Maria disse um dia a Santa Brígida: Filha, se quiseres fazer-me coisa agradável, ama de coração meu filho Jesus. Maria é refúgio dos pecadores, por isso também nós devemos esforçar-nos, mediante santos conselhos, solicitudes, orações, bons livros e outras formas, para levar almas a Jesus e aumentar o número dos filhos de Maria. Jesus nada tem mais a peito do que as almas; por isso, Maria, que ama ternamente seu filho, não pode receber homenagem mais agradável do que a que se faz conquistando alguma alma. Além disso, devemos procurar oferecer-lhe em homenagem a vitória sobre alguma paixão. Assim, se alguém, por natureza, é colérico, prorrompe com frequência em atos de impaciência, imprecações e blasfêmias, ou então contraiu o hábito de falar baixezas e com pouco respeito das coisas de religião, convém que controle a sua língua para prestar uma homenagem agradável à Virgem. Em suma, é preciso que cada um procure evitar o mal e fazer o bem por amor a Maria.

2. Entre as muitas homenagens que podemos oferecer a Maria está a preparação para celebrar devotamente suas solenidades com tríduos, novenas, otavários, segundo o que se costuma fazer nas igrejas públicas ou mesmo nas

* Em italiano a oração é ritmada: "*O Maria, nostra avvocata, / d'ogni grazia dispensiera, / di salute messaggera / all'uom giusto e al peccator. // Deh! Dal ciel, madre pietosa, / volgi un guardo ai tuoi devoti, / esaudisci i nostri voti, / o gran madre del Signor*".

casas particulares. Santa Isabel, rainha de Portugal, todos os sábados e todas as vigílias que precediam as solenidades da Virgem, jejuava a pão e água. Outros costumam confessar-se e comungar em todos os dias festivos, como fazia São Luís Gonzaga, Santo Estanislau Kostka. Outros ainda dão esmola aos pobres ou em sufrágio das almas que em vida foram mais devotas de Maria. Há também devotos de Maria que em sua honra assistem com frequência a santa missa com a intenção de agradecer à Santíssima Trindade ter posto Maria sobre o mais belo trono do céu. Outros reverenciam com culto especial os santos mais próximos de Maria por parentesco, como São José, seu santíssimo esposo, São Joaquim e Sant'Ana, seus felicíssimos pais.

3. Há também práticas especiais de devoção que são como chamas de fogo que fazem arder de amor por nós esta mãe piedosa. Por exemplo, o *Angelus* pela manhã, ao meio-dia e à tarde; o terço todos os dias ou pelo menos nos dias festivos; assistir às vésperas, participar dos exercícios de piedade que se fazem todos os sábados em honra do seu coração imaculado. Eu vos recomendo dizer todas as noites, antes de dormir, a seguinte jaculatória: *Querida mãe Virgem Maria, fazei que eu salve a minha alma.* Além disso, lembremo-nos sempre de que ser devotos de Maria é um meio dos mais seguros para obter a vida eterna. Ela mesma nos garante, dizendo: Os meus devotos terão a vida eterna: *Qui elucidant me, vitam aeternam habebunt* [Eclo 24,31].

Exemplo – Eu vos recomendo que nunca deixeis passar algum sábado sem alguma prática em honra de Maria. Desde os primeiros tempos da Igreja os cristãos costumavam praticar alguma devoção à Santa Virgem nos dias de sábado. O sábado significa repouso e foi escolhido para lembrar o descanso ou a habitação que o Verbo Divino se dignou fazer no seio puríssimo de Maria. Um dos mais calorosos propagadores do culto de Maria no dia de sábado foi Santo Ildefonso, arcebispo de Toledo. Ele tinha composto alguns cânticos em louvor à mãe de misericórdia, e no sábado seguinte ouviu os anjos que os cantavam na igreja, em meio aos quais estava a própria Virgem. Depois deste fato, o culto do sábado se propagou rapidamente por toda Europa. Desde o século X era costume fazer abstinência de carne nesse dia em honra de Maria. Pouco depois foi composta a missa e o ofício próprios para serem usados nesse dia. Tanto a missa quanto o ofício foram aprovados pelo papa Urbano II no concílio de Clermont em 1095. Não deixemos nunca passar um sábado sem praticar algum ato de virtude em honra de Maria e, se pudermos, façamos a santa comunhão ou pelo menos vamos ouvir uma missa em sufrágio das almas do purgatório.

Jaculatória: Oh, se um dia eu pudesse ver todos os corações se enternecerem por tão bela rainha e ouvir louvar o seu nome de tal modo que

na terra por toda parte ressoe com doce harmonia, viva, viva para sempre Maria, viva Deus que tanto a amou*.

289. Nas bodas de Caná, Maria manifesta o seu zelo e o seu poder junto ao filho Jesus

Edição impressa em Giovanni Bosco, *Maraviglie della madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice*. Turim, Tip. Dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868, pp. 31-37 (OE XX, 223-229).

No Evangelho de São João encontramos um fato que demonstra claramente o poder e o zelo de Maria em vir em nossa ajuda. Aqui referimos o fato tal como o narra o evangelista São João no capítulo II.

"Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a Mãe de Jesus estava lá. Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda. Como viesse a faltar o vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe: "Eles não têm vinho!". Jesus respondeu-lhe: "Mulher, que tem isso a ver comigo e contigo. Ainda não chegou a minha hora. Disse a Mãe aos que serviam: "Fazei o que Ele vos disser!". Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. Disse-lhes Jesus: "Enchei as vasilhas de água". Eles encheram-nas até a borda. Então lhes ordenou: "Tirai agora e levai ao chefe de mesa". E eles assim fizeram. O chefe de mesa provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era, se bem que o soubessem os serventes que tinham tirado a água; chamou o noivo e disse-lhe: "Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora!". Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com o qual manifestou a sua glória, e os discípulos creram nele".

Aqui São João Crisóstomo pergunta: Por que Maria esperou esta oportunidade nas bodas de Caná para convidar Jesus a fazer milagres e não pediu antes? E responde que Maria o fez por espírito de submissão à divina Providência. Por trinta anos Jesus tinha levado vida oculta. Maria conservava no coração todos os atos de Jesus, *conservabat haec omnia conferens in corde suo;* como diz São Lucas (capítulo II, v. 19), venerava com respeitoso silêncio a humilhação de Jesus. Quando depois se deu conta de que Jesus tinha iniciado a vida pública; que São João no deserto, nas suas pregações já tinha começado a falar dele; e que Jesus já tinha discípulos, então atendeu ao convite da graça

* Em italiano a oração é ritmada: "*Oh se un giorno veder io potessi / tutti i cuori d'amore languire / per sì bella regina e sentire / il suo nome per tutto lodar; // sicchè in terra per ogni confine / risuonasse con dolce armonia, / viva, viva per sempre Maria. / viva Dio che tanto l'amò*".

com o mesmo espírito de união com Jesus com que por trinta anos tinha respeitado seu silêncio e interpôs a sua oração para pedir-lhe um milagre e manifestar-se aos homens.

São Bernardo, nas palavras *Vinum non habent*, eles não têm vinho, vê uma grande delicadeza de Maria. Ela não faz uma oração longa a Jesus como a seu Senhor, nem lhe dá ordens como a seu filho; limita-se a comunicar-lhe a necessidade, a falta de vinho. Com corações bondosos e propensos à liberalidade não é preciso arrancar a graça mediante indústrias ou violências, basta propor a ocasião (São Bernardo, *Serm. 4 in Cant.*).

O angélico doutor Santo Tomás admira nesta breve oração a ternura e a misericórdia de Maria. Pois é próprio da misericórdia fazer nossa a necessidade dos outros, dado que a palavra "misericordioso" quase quer dizer *coração feito para os miseráveis,* a fim de confortar os miseráveis; e cita o texto de São Paulo aos Coríntios: *Quis infirmatur et ego non infirmor?* [2Cor 11,29]. Quem está enfermo, que eu não o seja com ele? Ora, como Maria era cheia de misericórdia, queria tomar providências diante das necessidades desses hóspedes e por isso diz o Evangelho: Faltando vinho, a Mãe de Jesus o disse a ele. Por isso, São Bernardo nos anima a recorrer a Maria para que, se ela teve tanta compaixão pela vergonha daquela pobre gente e solucionou sua dificuldade, embora não tenha sido solicitada para isso, quanto mais terá piedade de nós se a invocarmos com confiança? (São Bernardo, *Serm. 2 Dominicae II Epif.*).

Santo Tomás louva ainda a solicitude e a diligência de Maria em não esperar que o vinho viesse a faltar totalmente e que os convidados disso se dessem conta, com desonra para os que os tinham convidado. Apenas se fez iminente a necessidade, ela julgou oportuno intervir com sua ajuda, como diz o Salmo 9: *Adiutor in opportunitatibus, in tribulatione* [Sl 9,10].

A bondade de Maria para conosco demonstrada neste episódio brilha mais ainda no comportamento que ela teve depois da resposta do seu divino filho. Diante das palavras de Jesus, uma alma menos confiante, menos corajosa do que Maria, teria desistido de esperar alguma solução. Ao passo que Maria em nada se perturbou e se dirige aos serventes da mesa e lhes diz: Fazei tudo o que ele vos disser: *Quodcumque dixerit vobis, facite* (Jo 2, 5). Como se dissesse: Embora pareça que ele nega, todavia o fará (Beda).

O douto padre Silveira enumera um grande conjunto de virtudes que brilham nessas palavras de Maria. A Virgem (diz este autor) deu um luminoso exemplo de fé, pois, embora ouvisse do filho a dura resposta: Que tem isso a ver comigo e contigo?, não hesitou. A fé quando é perfeita não hesita diante de qualquer adversidade. Ensinou a confiança, pois, embora ouvisse do filho palavras que pareciam exprimir uma negativa, como diz o venerável Beda

acima citado, e a Virgem pudesse crer muito bem que Cristo teria rejeitado suas orações, todavia, agiu contra toda esperança, muito confiando na misericórdia do filho. Ensinou o amor para com Deus, enquanto procurou que com um milagre se manifestasse a sua glória. Ensinou a obediência dado que persuadiu os servos a obedecerem a Deus não nisto ou naquilo, mas em tudo, sem distinção: *quodcumque dixerit* [Jo 2,5], em tudo o que ele vos disser. Deu também exemplo de modéstia, pois não se aproveitou dessa oportunidade para se gloriar de ser a Mãe de tão grande Filho; de fato ela não disse: O que *meu filho* vos disser, mas falou em terceira pessoa. Inspirou também a reverência para com Deus ao não pronunciar o santo nome de Jesus. Ainda não encontrei na Escritura, diz este autor, que a Bem-aventurada Virgem tenha pronunciado este santíssimo nome, pela suma veneração que ela professava. Deu exemplo de prontidão, pois não exorta os serventes a ouvir o que teria dito, mas a cumpri-lo. Ensinou finalmente a prudência com a misericórdia, pois lhes disse que *fizessem tudo o que ele lhe dissesse,* para que quando tivessem entendido a ordem de Jesus de encher as jarras de água, não julgassem tratar-se de uma coisa ridícula: é próprio de uma misericórdia suma e prudente prevenir que outros não cometam o mal (P. Silveira, tom. 2, lib. 4, quest. 21).

290. Maria escolhida como auxílio dos cristãos no monte Calvário por Jesus moribundo

Edição impressa em G. Bosco, *Maraviglie della madre di Dio...*, pp. 37-42 (OE XX, 229-234).

A prova mais esplêndida de que Maria é o auxílio dos cristãos a encontramos no monte Calvário. Enquanto Jesus pendia agonizante da cruz, Maria, superando a fragilidade natural, assistia-o com fortaleza inaudita. Parecia que nada mais restava para Jesus fazer a fim de demonstrar quanto nos amava. Seu afeto, porém, o levou a fazer um último dom que devia selar toda a série de seus benefícios. Do alto da cruz volve o olhar moribundo para sua Mãe, o único tesouro que ainda lhe restava na terra. – Mulher, disse Jesus a Maria, eis o teu filho; depois disse ao discípulo João: – Eis a tua mãe. E a partir daquele momento, conclui o evangelista, o discípulo a tomou sob seus cuidados.

Os santos padres nessas palavras reconhecem três grandes verdades: 1. Que São João sucedeu em tudo e para tudo a Jesus enquanto filho de Maria;

2. Que por isso todos os ofícios da maternidade que Maria exercia em relação a Jesus passaram a ser exercidos em favor do novo filho João; 3. Que, na pessoa de João, Jesus entendeu englobar todo o gênero humano.

Maria, diz São Bernardino de Sena, mediante a sua cooperação amorosa no ministério da Redenção sobre o Calvário verdadeiramente nos gerou para a vida da graça; na ordem da salvação, todos nascemos das dores de Maria, como do amor do Pai eterno e dos sofrimentos do seu filho. Naqueles preciosos momentos, Maria se tornou verdadeiramente a nossa mãe.

As circunstâncias que acompanharam este ato solene de Jesus sobre o Calvário confirmam o que estamos dizendo. As palavras escolhidas por Jesus são genéricas e indicativas, observa o dito padre Silveira, mas são suficientes para fazer-nos conhecer que aqui se trata de um mistério universal, que compreende não somente um homem, mas todos os homens aos quais cabe este título de discípulo predileto de Jesus. De tal modo que as palavras do Senhor são uma declaração amplíssima e solene, que a Mãe de Jesus se tornou mãe de todos os cristãos: *Ioannes est nomen particulare, discipulus commune ut denotetur quod Maria omnibus detur in matrem.*

Jesus sobre a cruz não era simples vítima da maldade dos judeus, era o pontífice universal que agia como reparador do mal em favor de todo o gênero humano. Portanto, do mesmo modo que, implorando o perdão pelos crucificadores, o obteve para todos os pecadores, abrindo o paraíso ao bom ladrão, o abriu para todos os penitentes. E como os crucificadores no Calvário, segundo a enérgica expressão de São Paulo, representavam todos os pecadores, e o bom ladrão todos os verdadeiros penitentes, assim São João representou todos os verdadeiros discípulos de Jesus, os cristãos, a Igreja Católica. Maria se tornou, como diz Santo Agostinho, a verdadeira Eva, a mãe de todos os que vivem espiritualmente, *Mater viventium*; ou como Santo Ambrósio afirma, a mãe de todos os que creem cristãmente, *Mater omnium credentium.*

Maria, portanto, tornando-se nossa mãe no monte Calvário, não somente recebeu o título de auxílio dos cristãos, mas adquiriu o ofício, o magistério, o dever correspondente. Nós temos, pois, um direito sagrado de recorrer à ajuda de Maria. Este direito é consagrado pela palavra de Jesus e garantido pela ternura materna de Maria. Ora, que Maria tenha interpretado a intenção de Jesus Cristo na cruz neste sentido e que ele a tornou mãe e auxiliadora de todos os cristãos prova-o o comportamento que ela começou a ter depois disso. Sabemos pelos escritores da sua vida quanto zelo ela demonstrou em todos os tempos pela salvação do mundo e pelo incremento e a glória da Santa Igreja. Ela dirigia e aconselhava os apóstolos e os discípulos, os exortava, animava a todos a manterem a fé, a conservarem a graça e a torná-la operante.

Sabemos pelos Atos dos Apóstolos como era assídua às reuniões religiosas que os primeiros fiéis faziam em Jerusalém, porque nunca se celebravam os divinos mistérios sem que ela tomasse parte neles. Quando Jesus subiu aos céus o seguiu com os discípulos no Monte das Oliveiras, lugar da Ascensão. Quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, no dia de Pentecostes, estava junto com eles no cenáculo. Assim nos narra São Lucas, o qual, depois de ter nomeado um por um os apóstolos reunidos no cenáculo, diz: "Todos eles perseveravam unanimemente na oração junto com as mulheres e com Maria Mãe de Jesus".

Além disso, os apóstolos e os discípulos e todos os cristãos que viviam naquele tempo em Jerusalém e nas redondezas, todos acudiam a Maria para serem aconselhados e dirigidos por ela.

291. O título de "Auxiliadora"

Edição impressa em Giovanni Bosco, *Associazione de' divoti di Maria Ausiliatrice canonicamente eretta nella chiesa a lei dedicata in Torino. Con ragguaglio storico su questo titolo*. Turim, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales 1869, pp. 5-9 (OE XXI, 343-347).

O título de *Auxiliadora*, atribuído à augusta Mãe do Salvador, não é coisa nova. Até mesmo nos livros santos Maria é chamada rainha que está à direita do seu divino filho, revestida de ouro e rodeada de beleza. *Adstitit regina a dextris tuis in vestitu deaurato, circumdata varietate* (Sl 45, 10). Este manto dourado e rico de beleza, segundo o espírito da Igreja, são as pedras preciosas e os diamantes, isto é, os títulos com que se costuma honrar Maria. Quando, portanto, chamamos a Santa Virgem de *Auxílio dos cristãos,* não fazemos outra coisa senão expressar um título especial que a ela convém como um diamante posto sobre as suas vestes douradas. Neste sentido, Maria foi saudada como *Auxílio do gênero humano* desde os primeiros tempos do mundo, quando a Adão, caído em culpa, foi prometido um libertador que devia nascer de uma mulher que com seu pé imaculado haveria de esmagar a cabeça da serpente insidiosa.

De fato, esta grande mulher é simbolizada pela árvore da vida que havia no paraíso terrestre; pela arca de Noé que salva do dilúvio universal os adoradores do verdadeiro Deus; pela escada de Jacó que conduz até o céu; pela sarça ardente que não se consome e que alude a Maria, virgem depois do parto; pela arca da aliança; pela torre de Davi que defende de todos os assaltos;

pela rosa de Jericó; pela fonte selada; pelo horto bem cultivado e guardado de Salomão; por um aqueduto de bênçãos; pelo véu de Gedeão. Em outros lugares é chamada estrela de Jacó, bela como a lua, eleita como o sol, arco-íris da paz, pupila dos olhos de Deus, aurora portadora de consolação, virgem e mãe e geradora do seu Senhor.

Estes símbolos e expressões que a Igreja aplica a Maria manifestam os planos providenciais de Deus que quis torná-la conhecida por nós antes do seu nascimento como a primogênita de todas as criaturas, a mais excelente protetora contra os males a que está sujeito o gênero humano.

No Novo Testamento não é somente mediante símbolos e profecias que ela é chamada auxílio dos homens em geral, mas auxílio, sustentáculo e defesa dos cristãos. Não mais figuras, não mais expressões simbólicas; no Evangelho tudo é realidade e realização do passado. Maria é saudada pelo arcanjo Gabriel como *cheia de graça*; Deus olha para a grande humildade de Maria e a eleva à dignidade de Mãe do Verbo Eterno. Jesus, Deus imenso, se torna filho de Maria. Dela nasce, por ela é educado e assistido; o Verbo Eterno feito carne se submete em tudo à obediência da sua augusta genitora. A pedido dela, Jesus opera o primeiro dos seus milagres em Caná da Galileia; sobre o Calvário é constituída de fato mãe comum dos cristãos. Os apóstolos a tomam como guia e mestra de virtudes. Com ela se reúnem a rezar no Cenáculo; com ela esperam na oração e por fim recebem o Espírito Santo. Aos apóstolos dirige suas últimas palavras e voa gloriosa para o céu.

Do seu altíssimo trono de glória volve seu olhar materno e diz: *Ego in altissimis habito, ut ditem diligentes me et thesauros eorum repleam* [Pr 8,21]. Eu moro no mais alto do trono de glória para enriquecer de bênçãos os que me amam e para os encher com os tesouros das bênçãos celestes. Assim, a partir da sua Assunção ao céu, começou o constante e jamais interrompido recurso dos cristãos a Maria, e nunca se ouviu, diz São Bernardo, que alguém tenha recorrido com confiança a esta piedosíssima Virgem e não tenha sido atendido. Por isso, com razão, podemos dizer que cada século, cada ano, cada dia, e até mesmo cada momento é assinalado na história por algum grande favor concedido a quem com fé a invocou. Esta também é a razão pela qual cada reino, cada cidade, cada lugar, cada família tem uma igreja, uma capela, um altar, uma imagem, um pintura ou algum sinal que lembra a veneração universal prestada a Maria, e ao mesmo tempo lembra alguma das muitas graças concedidas por ela a quem a ela recorreu nas necessidades da vida.

292. Orações adequadas ao espírito da Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora (ADMA)

Edição impressa em G. Bosco, *Associazione de' divoti di Maria Ausiliatrice...*, pp. 55-59 (OE XXI, 393-397).

Virgem Maria, rainha do céu e da terra, em quem, depois de Deus, coloquei toda a minha confiança, prostro-me humildemente aos vossos pés para consagrar-me ao vosso serviço nesta pia Associação, posta sob a vossa proteção, e prometo com todo o meu coração praticar tudo o que as normas prescreverem com toda a minha devoção, a fim de que, pelos méritos de Jesus Cristo, vosso querido Filho, e pela vossa poderosa intercessão, todos os associados sejam preservados de todo mal espiritual e corporal em sua vida; que sejam abençoados por Deus em todas as suas ações e que finalmente obtenham a graça de morrer com a morte dos justos. Como o único desejo de agradar-vos é o que me leva a abraçar esta devota Associação, assim, humildemente vos suplico, ó Santa Virgem, queirais receber-me no número dos vossos filhos e obter-me a graça de corresponder com os bons costumes e com a santidade das obras ao elevado empenho de servo vosso.

Ó gloriosa Virgem Maria, do vosso alto trono de glória, dignai-vos olhar para mim com aquele vosso benigno olhar que está sempre aberto para quem se consagra ao vosso serviço; e dado que hoje faço inscrever meu nome no livro desta pia Associação, assim dignai-vos escrevê-lo no vosso materno coração; pedi ao vosso divino Filho que me inclua entre aqueles que estão inscritos no livro da vida eterna. Assim seja.

Ato de afiliação com que se toma Maria Virgem por mãe

Senhor meu Jesus Cristo, verdadeiro Deus, verdadeiro homem, filho único de Deus e da santa Virgem, eu vos reconheço e vos adoro como meu primeiro princípio e fim último. Suplico-vos renovar em meu favor aquele amoroso testamento que fizestes sobre a cruz, ao dar ao predileto apóstolo São João a qualidade e o título de filho da vossa Mãe Maria. Dizei-lhe também por mim estas palavras: Mulher, eis aí o teu filho. Fazei-me a graça de poder pertencer a ela como filho e de tê-la por mãe em todo o tempo da minha vida mortal nesta terra.

Beatíssima Virgem Maria, minha principal advogada e mediadora, eu N. N., miserável pecador, o mais indigno e ínfimo dos vossos servos, humildemente prostrado diante de vós, confiando na vossa bondade e misericórdia, e animado pelo vivo desejo de imitar vossas belas virtudes,

vos escolho hoje como minha mãe, suplicando-vos que me recebais no afortunado número dos vossos queridos filhos. Entrego-me por inteiro e de forma irrevogável todo a vós. Recebei, por favor, minha oferta; acolhei a confiança com que me abandono nos vossos braços. Concedei-me a vossa materna proteção em todo o tempo da minha vida e particularmente na hora da morte, de tal modo que a minha alma, libertada dos laços do corpo, passe deste vale de lágrimas a gozar convosco a glória eterna no reino dos céus. Assim seja.

Oração de Sua Santidade o papa Pio IX

Senhor, Deus onipotente, que permitis o mal para dele tirar o bem, ouvi as nossas humildes preces com que vos pedimos permanecermos fiéis no meio de tantas dificuldades e de perseverar fielmente até a morte. Quanto ao mais, dai-nos força pela mediação de Maria Santíssima de poder conformar-nos sempre à vossa santíssima vontade.

293. Maria, auxílio nas necessidades da vida

Edição impressa em Giovanni Bosco, *Nove giorni consacrati alla augusta Madre del Salvatore sotto al titolo di Maria Ausiliatrice*. Turim, Tip. dell'Orat. di S. Francesco di Sales 1870, pp. 7-14 (OE XXII, 259-266).

1. Uma boa mãe é sempre um verdadeiro tesouro e um grande conforto para sua família. Assim Maria, mãe piedosa, certamente será fonte de graças e bênçãos para as famílias dos cristãos esparsos pelo mundo inteiro. Nós vivemos como um mar borrascoso, como num exílio, como um vale de lágrimas. Ora, Maria é a estrela do mar, o conforto do nosso exílio, a luz que nos ilumina, o caminho do céu, em suma, é a vida, a doçura, a nossa esperança: *vita, dulcedo, et spes nostra*. Ela se mostra tudo isso ao obter-nos contínua ajuda espiritual e temporal. Maria, diz São Jerônimo, tem um coração tão piedoso e terno para com os homens que nunca houve alguém que se compadecesse tanto pelos sofrimentos dos outros quanto Maria se compadece pelos sofrimentos alheios (*Epist. ad Eustoc.*). Por isso, apenas se dá conta de alguma necessidade, logo corre em nosso socorro. Assim, apenas Maria soube pelo arcanjo que a família de Zacarias e especialmente Isabel precisava de ajuda, apressadamente correu em sua ajuda, percorrendo ásperas montanhas, numa viagem de cerca de setenta milhas: *abiit in montana cum festinatione* (Lc 1,

39). Chegando àquela casa bem-aventurada, Maria, por três meses a serviu como uma humilde criada, nem a deixou enquanto não se precisou mais do seu serviço. O mesmo ela fez em Caná da Galileia. Maria fora convidada para um casamento junto com Jesus e outros insignes personagens, quando, no melhor da festa, começou a faltar o vinho. Maria, com seu olhar materno, se dá conta de que os esposos estão em má situação e já se cobrem de vergonha. Diante disso, Maria se comove e sem ser solicitada por ninguém, pensa em socorrê-los. Assumiu logo, como afirma São Bernardino de Sena, o ofício de pia auxiliadora: *ufficium piae auxiliatricis assumsit non rogata* (Santo Afonso de Ligório, *Glórias de Maria*). – Filho, ela diz a Jesus quase sussurando, eles não têm vinho. Maria pronuncia essas palavras de tal modo que dá a entender que deseja um milagre em favor daqueles seus devotos: ela o obtém e os consola (Jo 2,3).

2. Esta terna solicitude de Maria nunca desapareceu desde que foi levada pelos anjos para o céu; antes, cresceu sempre mais. Oh! sim, ela ainda se lembra de que no monte Calvário Jesus a fez nossa mãe, ao dizer-lhe: *Mulier, ecce filius tuus*, e depois ao discípulo predileto: *Ecce mater tua* (Gv 19, 26-27). Naquele momento Jesus lhe tocou de tal modo o coração e o encheu de tanta ternura que a mente humana não pode imaginar maior. Ponhamos junto o amor de todas as mães para com seus filhos: a plenitude de afeto de todas essas mães jamais poderá se igualar ao amor que Maria sozinha tem por cada um de nós. Que amável pensamento, que doce conforto! Possuir no céu uma mãe tão terna e amorosa! Esta é a razão, ó cristão devoto, pela qual não se lê que ao longo de tantos séculos Maria não tenha vindo em auxílio dos cristãos diante de qualquer necessidade. Oh!, não, exclamam a uma voz Santo Agostinho e São Bernardo, no mundo nunca se ouviu dizer que alguém em suas necessidades tenha recorrido com confiança a Maria e tenha sido abandonado por ela (Santo Afonso, *Novena de Meditações*). Folheia as páginas dos livros sagrados e de todas as histórias, gira por todo o mundo cristão, interroga povos, reinos, cidades, vilas, famílias, e pergunta se alguma vez Maria deixou de correr em ajuda dos seus filhos necessitados. À tua pergunta, com voz concorde, responderão: *não, jamais!* A fim de persuadir-te desta verdade, caro leitor, entra em algum santuário dedicado a Maria e não demorarás em convencer-te de que Maria é o *Auxílio dos cristãos* nas necessidades da vida. Observa pendendo daqueles sagrados muros os sinais da sua bondade e do seu poder no céu: lá vês um doente já desenganado pelos médicos, que por Maria readquire a saúde; aqui, um atormentado pela febre, outro pela epilepsia, outro ainda curado de uma gangrena; vês ainda outros que pela sua intercessão escaparam das mãos dos assassinos ou das águas ou dos incêndios ou de uma queda e assim por diante. Ao sair de lá, não poderás deixar de

exclamar: *Ó Maria, como és poderosa e boa; como é verdade que auxilias a quem te invoca nas necessidades da vida!*

3. Se Maria vem em nossa ajuda nas necessidades temporais, com ainda maior dedicação nos socorre nas necessidades espirituais. Seria necessário escrever grossos volumes para que todos pudessem enumerar os grandes benefícios que Maria concedeu aos seus devotos. São Bernardo exprime esta verdade dizendo: – Deus quis que todos os bens nos viessem por meio de Maria; *totum nos habere voluit per Mariam*; e São Bernardino de Sena acrescenta: – Todas as graças que recebemos de Deus são dispensadas por meio de Maria, quando ela quer e como ela quer (Santo Afonso, *Glórias de Maria*). Oh! quantas virgens devem seu candor virginal à sua proteção! Quantos jovens, a vitória sobre as paixões! Quantos pais, quantas mães, a salvação eterna dos próprios filhos! Pode-se dizer que na nova lei não há santo que não reconheça que a sua santidade não tenha sido graças à intercessão de Maria. A história nos diz que os mais insignes deles foram também os mais devotos de Maria. Nem Maria é somente o auxílio dos cristãos em particular, mas é sustentáculo da Igreja universal. Pelo auxílio de Maria os apóstolos, os mártires, a Igreja primitiva venceram os perseguidores; pelo auxílio de Maria foi debelada a idolatria; por meio dela, o estandarte da cruz flutuou no mundo inteiro e triunfa (São Cirilo de Alexandria, *Homil. cont. Nest.*; Octava Nativitatis B. V.). Por meio dela foram superados os bárbaros, confundidos os hereges, extirpadas as heresias. Portanto, com razão São João Crisóstomo chamava Maria o decoro, a glória, a firmeza da Igreja: *Ecclesiae nostrae decus, gloria et firmamentum* (*Serm. apud Metaph.,* die 5 Nativitatis B. V. in Off.). Portanto, devoto leitor, digamos com São Bernardo: Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas, pensa em Maria, invoca Maria. Que Maria nunca saia dos teus lábios; nunca se afaste do teu coração. *In periculis, in angustiis, Mariam cogita, Mariam invoca; non recedat ab ore, non recedat a corde* (*Hom. 2 super Missus est*).

294. Eficácia do recurso a Maria Auxiliadora

ASC A000303 *Conferenze*, Quad. III, 1877-1878, manuscrito de Tiago Gresino, pp. 4-10[4].

Domingo, 20 de maio de 1877

Estamos na festa de Pentecostes e na novena de Maria Santíssima Auxiliadora. Nestes dias, não uma vez, mas muitas vezes, cada dia se obtêm graças de Maria Santíssima, tanto por parte dos que vêm aqui pedi-las e as conseguem, quanto por parte de quem envia relações, de longe, de graças extraordinárias obtidas por intercessão de Maria Auxiliadora.

Por sua vez, a Igreja nos faz conhecer o grande poder e benignidade de Maria por meio daquele hino que começa assim: *Si caeli quaeris ianuas, Mariae nomen invoca,* se buscas as portas do céu, invoca o nome de Maria. Se para entrar no paraíso basta invocar o nome de Maria, é preciso dizer que de fato ela é muito poderosa. Em outro lugar, a Igreja nos mostra Maria como, sozinha, se assemelha a um exército em ordem de batalha. Embora o sentido literal das palavras queira significar os inimigos externos da Igreja, o espírito da Igreja entendeu-as também em relação aos nossos inimigos particulares.

Por isso, eu vos recomendo quanto sei e posso que mantenhais sempre firme na mente e no coração e que sempre invoqueis o nome de Maria deste modo: *Maria Auxilium Christianorum, ora pro me.* E uma oração não tanto longa, mas que se sabe ser muito eficaz. Portanto, quando quiserdes obter alguma graça espiritual, e por graça espiritual podem-se entender a libertação de tentações, de aflições do espírito, da falta de fervor, etc, se alguém dentre vós quiser ver-se livre de alguma tentação ou quiser adquirir alguma grande virtude, não precisa fazer outra coisa senão invocar Maria. Estas e outras graças são as que se obtêm em maior quantidade e são aquelas que não se conhecem e que contribuem com maior bem para as almas. A maior parte de vós que estais aqui, sem que eu diga os nomes, me confessaram que, se conseguiram livrar-se de alguma tentação, foi por graça de Maria Auxiliadora.

Muitos a quem eu tinha recomendado esta jaculatória, *Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis,* me confessaram que tinham sentido seus bons efeitos. E daquelas centenas e milhares de pessoas que estão aqui ou que aqui estiveram, às quais pedi que se não fossem atendidos com essa oração, me dissessem, até agora não houve uma que tenha vindo dizer-me. Na verdade,

[4] Palavras de "boa-noite" para os jovens do Oratório.

houve alguém que veio dizer-me que não foi atendido, mas depois, tendo-lhe perguntado, me confessou que tivera a intenção de rezar, mas que não o tinha feito. Então não é a Santa Virgem que não atende, mas é ele que não quer ser atendido. Porque a oração deve ser feita com insistência, com perseverança, com fé, com a intenção de ser de fato atendido.

Eu quero que todos vós façais esta experiência e que leveis os vossos parentes e amigos a fazê-la, dizendo a eles ou por carta ou na próxima festa de Maria Auxiliadora, vindo visitar-vos ou de qualquer outra forma, que Dom Bosco diz a eles que, se têm alguma graça espiritual a obter, rezem a Nossa Senhora desta forma: *Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis;* e se não forem ouvidos, ficaria muito contente se me dissessem. E se eu souber que alguém não obteve nenhuma graça espiritual de Maria, escreverei imediatamente uma carta a são Bernardo, que teria errado a afirmar: "Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria, de que nunca se ouviu dizer que alguém tivesse recorrido a vós e que por vós não tivesse sido socorrido". Ficai certos de que não precisarei escrever uma carta a são Bernardo. Vós rides a respeito de escrever uma carta a são Bernardo. Por acaso não sabemos onde se encontra São Bernardo? "Há problemas com os correios", ouviu-se o padre Rua dizer. Oh, nós para escrever aos santos temos um meio mais veloz do que os meios de transporte, o navio ou o telégrafo. Porque o telégrafo, embora seja instantâneo, tem que empregar certo tempo; mas eu, enquanto vos falo, com o meu pensamento, vou para cima e para baixo, acima das estrelas, diante do trono de são Bernardo. E fiquem tranquilos, pois ele receberá, sim, as nossas cartas e imediatamente, mesmo que o carteiro se atrase. Portanto, experimentai, e se não fordes atendidos, não teremos dificuldade em mandar uma carta a são Bernardo.

Por fim, nesta novena, que ainda está em curso, eu gostaria que vós esculpísseis no vosso coração estas palavras: *Maria Auxilium Christianorum, ora pro me,* e que as repetísseis em cada perigo, em cada tentação, em cada necessidade, sempre; e que pedísseis a Maria Auxiliadora também a graça de invocá-la nas vossas necessidades. E então eu vos prometo que o demônio fará bancarrota. Sabeis o que significa que o demônio fará bancarrota? Quer dizer que não terá mais nenhum poder sobre nós e deverá retirar-se. Entretanto, eu vos recomendo todos a Deus e a Maria Auxiliadora, para que vos abençoe e vos proteja. Boa-noite.

QUINTA SEÇÃO

O ZELO PELA SALVAÇÃO DAS ALMAS OS MODELOS DE DOM BOSCO

Apresentação

Os esforços com vistas à reforma cristã da sociedade postos em ação pela diocese de Turim após a queda do império napoleônico, além da retomada da catequese paroquial metódica, da promoção das missões populares, das Quarenta Horas *e de exercícios espirituais para todas as classes sociais, se concentraram de modo especial na reforma do clero, a começar por uma seleção mais atenta dos candidatos ao sacerdócio e por um cuidado diligente pela sua qualificação. Com este escopo as autoridades diocesanas reorganizaram o seminário da capital (1819), reforçando os aspectos disciplinares e espirituais e favoreceram as iniciativas do teólogo Luís Guala, aprovando o regulamento do Colégio Eclesiástico (1821), depois ampliaram o seminário de Bra (1824-1825), finalmente abriram um novo seminário em Chieri (1829), na antiga casa dos Padres Filipinos, entregando-a aos cuidados de formadores de confiança*[1]*. O modelo formativo proposto pelo arcebispo, o camaldulense Columbano Chiaverotti (1754-1831), se inspirava nos ideais sacerdotais da tradição católica pós-tridentina, com forte acentuação da caridade apostólica e da doação pastoral (o sacerdote deve ser uma "*victima charitatis*")*[2]*. Ao mesmo tempo, grupos de eclesiásticos generosos, colaborando com seus esforços reformadores, se punham à disposição para a pregação popular, o ministério das confissões e a direção espiritual, junto com membros de algumas ordens e congregações reconstituídas após a supressão da época francesa.*

Progressivamente, o empenho formativo produziu seus frutos. A partir dos anos Quarenta, uma falange de jovens sacerdotes, bem preparados e motivados, se inseriu nas paróquias e nas instituições de caridade da diocese, contribuindo eficazmente para a renovação espiritual da sociedade e a retomada da prática religiosa entre a população. Abriram-se novas fronteiras apostólicas. Surgiram instituições pastorais, educativas e assistenciais inéditas.

Dom Bosco, educado nesses anos, assimilou o fervor espiritual e apostólico dos ambientes em que foi formado. Modelos referenciais eram os santos pastores da Reforma Católica – São Felipe Neri, São Carlos Borromeu, São Francisco de Sales e São Vicente de Paulo – seu ardente dinamismo apostólico e a sua caridade operante.

[1] Cf. Aldo Giraudo, *Clero, seminario e società. Aspetti della Restaurazione religiosa a Torino*. Roma, LAS 1993, pp. 177-213.
[2] *Ibid.*, pp. 245-254, 277-288.

São José Cafasso, colaborador e sucessor do padre Guala no Colégio Eclesiástico, se distinguiu pelo seu extraordinário talento de guia espiritual e de mestre de moral. Diretor espiritual sumamente apreciado, pregador ardente, confessor incansável e iluminado, apóstolo da caridade para com os presos e os mais miseráveis, mediante o exemplo da sua vida sacerdotal, os carismas de que era dotado e o ardor da sua caridade, desempenhou uma função determinante na regeneração espiritual e pastoral do clero e do laicato piemontês. Faleceu consumido pelas fadigas com a idade de 49 anos. Dom Bosco sempre o considerou seu mestre e guia, modelo estimulante. Foi Cafasso a orientá-lo e encorajá-lo ao ministério entre os jovens pobres e abandonados. Dele hauriu importantes lições de vida espiritual, junto com a paixão pela salvação das almas, a caridade incansável, a fé ardente, a coragem pastoral.

Nesta quinta seção transcrevemos dois esplêndidos discursos de Dom Bosco, um sobre o padre Cafasso (n. 295), o outro sobre São Felipe Neri (n. 296), dos quais emerge a importância espiritual, pelas suas opções e pelo dinamismo apostólico impresso à Obra Salesiana, desses modelos referenciais, tão radicais e ardentes na sua doação.

295. Discurso fúnebre na missa exequial no Oratório pelo padre José Cafasso

Edição impressa em Giovanni Bosco, *Biografia del sacerdote Giuseppe Cafasso esposta in due ragionamenti funebri*. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp. 1860, pp. 9-45 (OE XII, 359-395)[3].

I. Exórdio

Não sei, meus caros jovens e prezados senhores, não sei se o argumento desta manhã deve ser visto por nós como motivo de dor ou de conforto.

[3] A comemoração ocorreu no dia 10 de julho de 1860 na igreja de São Francisco de Sales, no final da missa exequial celebrada dezessete dias após a morte do padre Cafasso (G. Bosco, *Biografia del sacerdote Giuseppe Cafasso*…, p. 3). O clérigo Domingos Ruffino (1840-1865) escreve em sua crônica: "10 de julho. Houve exéquias pelo padre Cafasso celebradas pelos jovens do Oratório que se empenharam em fazer a santa comunhão. […] Às 6h15min começou a missa solene cantada pelo teólogo Borel; em seguida, Dom Bosco pronunciou a oração fúnebre, melhor, leu, porque pela comoção não teria podido continuar; apesar disso, diversas vezes lhe brotaram as lágrimas dos olhos, e o que ele contou e toda a sua pregação deixaram encantados os ouvintes que com pena viram terminar o discurso; ele, porém, prometeu que haveria de escrever a vida de Cafasso por inteiro" (ASC A0120201 *Cronaca dell'Oratorio di S. Francesco di Sales N. 1, 1860*, manuscrito de Domingos Ruffino, p. 23).

Certamente, se na morte do padre Cafasso considerarmos a perda de um benfeitor da pobre humanidade, temos sérios motivos para sofrer e rezar como que atingidos por grave desgraça. Desgraça para os bons, infortúnio para os pobres, desastre para o clero, calamidade pública para a religião.

Mas se olharmos esta perda à luz da fé, temos razoáveis motivos para mudar a tristeza em consolação, pois, se perdemos um homem que nos beneficiava sobre a terra, temos firme confiança de ter adquirido um protetor junto de Deus no céu.

De fato, se considerarmos a vida do padre Cafasso, a inocência dos seus costumes, o zelo pela glória de Deus e a salvação das almas, sua fé, esperança e caridade, sua humildade e penitência, devemos concluir que por todas essas virtudes ele recebeu um grande prêmio e, ao morrer, não fez senão abandonar esta vida mortal cheia de misérias para voar para a posse da bem-aventurada eternidade.

Além disso, segundo São Paulo, as virtudes do homem mortal são imperfeitas, não são dignas de ser comparadas com as celestes: por isso, se a caridade do padre Cafasso foi grande na terra, quanto mais o será agora que nós o cremos no céu? Portanto, se na terra ele fazia o bem a um, no céu fará o bem a dez, a cem, a mil. Afortunados, portanto, os que puderam gozar da caridade do padre Cafasso quando estava na terra; muito mais afortunados os que agora o reconhecem como protetor junto de Deus no céu.

A fim de nos persuadirmos do que vos digo, peço que me acompanheis com a vossa preciosa atenção enquanto irei expondo as principais ações da vida deste homem maravilhoso. Digo que exporei somente as ações principais, porque a maior parte delas são ainda desconhecidas, mas com o tempo serão recolhidas com diligência para fazer delas um glorioso registro para a história. Eu, portanto, me limitarei ao que vi ou então ouvi pessoalmente. Deverei mesmo omitir uma parte desses acontecimentos, quer para ficar dentro da brevidade exigida por um discurso, quer porque muitos deles me emocionariam de tal forma que talvez não conseguiria apresentá-los. Entretanto, embora mantendo a brevidade do discurso e atendo-me somente à narração do que é mais sabido pelos que o conheceram, creio que isto será suficiente para nos persuadir de que o padre José Cafasso viveu uma vida santa, encerrada por uma santa morte.

São estes dois pensamentos que por primeiro ocorreram à minha mente ao recordar este querido e pranteado amigo; estes dois pensamentos são também a matéria do nosso entretenimento. Assim, enquanto iremos recordando as ações virtuosas e a preciosa morte do padre Cafasso, diremos que ele foi mestre do bem-viver e modelo para todos os que desejam fazer uma santa morte.

II. Juventude do padre Cafasso

Acontece a muitos jovens que por causa de um desventurado encontro com maus companheiros ou pelo descuido dos pais e frequentemente também pela sua índole contrária à boa educação, desde a mais tenra idade se tornam vítimas infelizes do vício, perdem o inestimável tesouro da inocência antes mesmo de conhecer seu valor e acabam escravos de satanás sem nem sequer ter podido provar as doçuras dos filhos de Deus. Para o padre Cafasso não foi assim. Nasceu em janeiro de 1811 em Castelnuovo d'Asti de honestos camponeses. A docilidade, a obediência, o recolhimento, o amor ao estudo e à piedade do jovem Cafasso fizeram com que logo fosse motivo de alegria para seus pais e mestres.

Desde a primeira idade deixou transparecer o seu recolhimento unido a uma propensão quase irresistível para fazer o bem ao próximo. Considerava feliz o dia em que podia dar um bom conselho, promover um pouco de bem ou impedir o mal. Com dez anos já era um pequeno apóstolo na sua terra. Foi visto muitas vezes sair de casa, ir à procura de colegas, parentes e amigos. Grandes e pequenos, jovens ou velhos, convidava a todos para irem à sua casa; em seguida pedia que se ajoelhassem e fazia com eles alguma oração; depois subia numa cadeira, que para ele se tornava um púlpito, e dali fazia o sermão, isto é, repetia as pregações ouvidas na igreja ou contava exemplos edificantes. Era de pequena estatura e pode-se dizer que o seu corpo se concentrava quase todo na sua voz; por isso, os ouvintes, ao ver aquele rosto angélico, aquela boca da qual saíam expressões tão superiores à idade, se enchiam de maravilha e repetiam as palavras proferidas pelos que acompanharam o nascimento de São João Batista: o que será que vai ser desse menino? *Quis putas puer iste erit?* [Lc 1,66].

Vós, moradores de Castelnuovo que, atônitos, ouvindo o menino Cafasso, perguntastes o que ele haveria de ser, então não podíeis saber, mas eu agora estou em condições de responder à vossa pergunta. Aquele menino modelo de virtude nas aulas, aquele que os mestres proporão como exemplo de diligência aos colegas, será o espelho de devoção, deverá guiar tantos transviados pelo caminho da virtude, confirmar tantos bons no caminho do bem; ele será o pai dos pobres, a alegria dos pais; será quem em breve chegará a tal grau de virtude a ponto de não conhecer outro caminho senão o que leva para a igreja e para a escola; será aquele que após ter passado quinze anos no estudo e na virtude resolve dar-se integralmente a Deus no estado eclesiástico; trabalhar unicamente para a glória de Deus; será aquele que um dia, feito mestre do clero, conquistará muitos dignos ministros para a Igreja e ganhará muitas almas para o céu.

III. Vida clerical do padre Cafasso

Aqui a brevidade me obriga a omitir muitos fatos para passar logo ao momento feliz para mim quando tive o primeiro encontro com ele. Era o ano de 1827 e em Morialdo, que é um povoado próximo a Castelnuovo d'Asti, se festejava a Maternidade de Maria Santíssima, solenidade principal entre aqueles moradores. Muitos estavam ocupados com alguma coisa em casa ou na igreja, enquanto outros só assistiam ou tomavam parte em jogos ou em algum divertimento.

Vi somente uma pessoa longe do espetáculo; era um clérigo, pequeno de estatura, olhos brilhantes, ar afável, rosto angelical. Estava apoiado à porta da igreja. Eu me senti atraído pelo seu semblante, e embora tivesse somente doze anos, todavia, movido pelo desejo de falar-lhe, me aproximei e lhe disse: "Senhor padre, desejais ver algum espetáculo da nossa festa? Eu vos posso levar de bom grado aonde quiser".

Ele graciosamente me fez sinal para me aproximar e começou a perguntar pela minha idade, pelo estudo, se eu já tinha sido promovido à santa comunhão, com que frequência me confessava, aonde ia para o catecismo e coisas semelhantes. Fiquei encantado com esse modo de falar edificante; respondi de boa mente a todas as perguntas; em seguida, como para agradecer-lhe a afabilidade, repeti a proposta de acompanhá-lo para ver algum espetáculo ou alguma novidade.

– Meu caro amigo, ele respondeu, o espetáculo dos padres são as celebrações da igreja; quanto mais devotamente são celebradas, tanto mais nos agradam os nossos espetáculos. As nossas novidades são as práticas da religião, que são sempre novas e por isso devem ser frequentadas com assiduidade; eu somente estou esperando que se abra a igreja para poder entrar.

Criei coragem para continuar a conversa e acrescentei: "É verdade o que me dizeis; mas há tempo para tudo; tempo para ir à igreja e tempo para nos divertir".

Ele sorriu e concluiu com estas palavras memoráveis, que foram como o programa de ação de toda a sua vida: "Quem abraça o estado eclesiástico se vende ao Senhor; e do que há no mundo, nada mais deve estar-lhe a peito a não ser o que pode contribuir para a glória de Deus e o bem das almas".

Então, maravilhado, eu quis saber o nome daquele clérigo cujas palavras e cujo comportamento manifestavam tão bem o espírito do Senhor. Fiquei sabendo que era o clérigo José Cafasso, do 1° ano de teologia, do qual muitas vezes eu já tinha ouvido falar como de um modelo de virtude.

Se houvesse tempo para narrar detalhadamente as virtudes luminosas que ele mostrava nos anos do seu tempo de clérigo, tanto na própria terra

como no seminário de Chieri, quantos fatos interessantes e edificantes poderia expor-vos! Digo somente que a caridade para com os colegas, a submissão aos superiores, a paciência em suportar os defeitos dos outros, o cuidado para nunca ofender ninguém, a amabilidade com que aceitava, aconselhava, favorecia os seus companheiros, a indiferença quanto ao que era servido à mesa, a resignação na mudança das estações, a prontidão em dar catecismo, o comportamento edificante em qualquer lugar, a solicitude no estudo e no que se refere à piedade, são os dotes que adornaram a vida clerical do padre Cafasso; dotes que, praticados em grau heroico, fizeram com que fosse comum entre seus colegas e amigos dizer que o clérigo Cafasso não tinha pecado original...

Chegando a este ponto, sou obrigado a omitir uma longa série de fatos edificantes do clérigo Cafasso para dispor de tempo e dizer alguma coisa da sua vida sacerdotal.

IV. Vida sacerdotal pública do padre Cafasso

Mas quem és tu, pergunto a mim mesmo, que pretendes expor as gestas maravilhosas deste herói? Não sabes que as mais belas ações que ele realizou são conhecidas só por Deus? E não sabes que penas mais doutas deveriam escrever grossos volumes para falar dignamente dos fatos que o mundo conhece a seu respeito? Eu sei: e vos asseguro que me sinto como um menino que para fazer um ramalhete de flores entra num jardim e o vê repleto de flores tão belas e variadas que fica confuso e não sabe o que colher. Assim, querendo falar das virtudes sacerdotais do padre Cafasso, não sei por onde começar, nem o que dizer antes ou depois. Por isso, limito-me a recolher e juntar num pequeno ramalhete as virtudes que nele resplandeceram de modo particular na sua vida sacerdotal pública, na sua vida particular e mortificada. Comecemos pela vida pública.

O seu zelo, a sua facilidade em expor a palavra de Deus, o sucesso das suas pregações fazia com que todos o procurassem para pregar tríduos, novenas, exercícios espirituais e missões ao povo dos nossos povoados. Corajosamente ele se fazia tudo para todos a fim de ganhar a todos para Jesus Cristo. Mas depois de alguns anos, não podendo mais suportar tão graves e contínuas fadigas, teve que se limitar a pregar ao clero, que parecia ser a porção da sociedade humana confiada a ele de modo especial pela divina Providência. Aqui, quem pode enumerar o grande bem que fez mediante os exercícios espirituais, as conferências públicas e privadas, ao oferecer livros e meios pecuniários para os sacerdotes que deles não dispunham, a fim de que pudessem realizar os seus estudos e exercer dignamente o seu ministério?

Pertence à vida pública do padre Cafasso a solicitude que tinha especialmente para com os jovens pobres. A uns ele instruía nas verdades da fé; a outros providenciava roupas para que pudessem frequentar decentemente a igreja e encontrar trabalho junto a algum patrão honesto; a outros ainda pagava as despesas do aprendizado ou providenciava pão até quando pudessem ganhar alguma coisa e viver por conta própria. Começou a pôr em prática este espírito ardente de caridade quando ainda era clérigo e com zelo redobrado fez com que ele resplandecesse cada vez mais quando foi sacerdote. O padre Cafasso foi o primeiro catequista deste nosso Oratório e seu constante promotor e benfeitor durante a vida e ainda mesmo depois da morte.

Pertencem à vida pública do padre Cafasso os dias inteiros que ele passava nas prisões para pregar, confortar, catequizar aqueles presos infelizes e ouvir-lhes a confissão. Aqui não sei o que merece mais louvor, se a sua coragem ou a sua caridade. Aliás, sua ardente caridade lhe inspirava uma coragem heroica. Dos muitíssimos atos de que fui testemunha, escolho o seguinte: escutai-o, que é interessante.

A fim de preparar os presos para celebrar uma festa em honra de Maria Santíssima tinha empregado uma semana inteira instruindo e animando os de uma repartição de mais ou menos quarenta e cinco dentre os mais famosos. Quase todos tinham prometido confessar-se na véspera da solenidade. Mas, chegado o dia fixado, nenhum deles se decidia ao santo empreendimento. Renovou o convite, lembrou brevemente o que tinha dito nos dias anteriores, recordou-lhes a promessa que tinham feito; mas, por respeito humano ou por engano do demônio ou por outro pretexto, ninguém queria se confessar. O que fazer, então?

A caridade criativa do padre Cafasso saberá o que fazer. Ele, sorrindo, se aproxima de um que à primeira vista parecia o maior, o mais forte e robusto dos presos. Sem dizer palavra, com suas pequeninas mãos o agarra pela espessa e longa barba. O preso no começo pensava que o padre Cafasso estava brincando, por isso, de forma gentil quanto se pode esperar dessa gente, disse: "Pode me pegar por inteiro, mas deixe em paz a minha barba".

– Não vos deixo ir embora enquanto não tiverdes vindo fazer a confissão.

– Mas eu não vou.

– E eu não vos deixo ir.

– Mas...eu não quero confessar-me.

– Dizei o que quiserdes, vós não me escapareis mais e eu não vos deixarei ir embora enquanto não vos tiverdes confessado.

– Eu não estou preparado.

– Eu vos prepararei.

Certamente, se aquele preso tivesse querido, poderia ter-se desvencilhado das mãos do padre Cafasso, bastava um empurrão, mas, por respeito pela pessoa, ou melhor, pelo fruto da graça do Senhor, o fato é que o homem se entregou e se deixou levar pelo padre Cafasso para um canto da repartição. O venerando sacerdote se sentou sobre um colchão e preparou seu amigo para a confissão. Mas o que acontece? Em poucos instantes o preso se mostra comovido e entre lágrimas e suspiros com dificuldade conseguiu terminar a declaração das suas culpas.

Então ocorreu uma coisa maravilhosa. Aquele que antes, blasfemando, recusava confessar-se, depois procurava os colegas dizendo que jamais fora tão feliz em sua vida. A partir daí, tanto fez e tanto disse que todos se convenceram e fizeram a própria confissão.

Este fato que seleciono entre milhares desse tipo, chame-se como se quiser: milagre da graça de Deus ou milagre da caridade do padre Cafasso, é forçoso reconhecer nele a intervenção da mão do Senhor ([4]).

O restante da vida pública do padre Cafasso que o narrem os muitos sacerdotes e leigos, ricos e pobres, que devem a ele, alguns a ciência, outros os meios para adquiri-la, outros ainda o emprego ou a felicidade de que gozam em família ou então o trabalho que exercem e o pão que comem ([5]).

[4] Aqui é bom notar que naquele dia o padre Cafasso confessou até altas horas da noite, e como ninguém lhe abriu as portas da prisão, estava para ter que dormir com os presos. Mas a certa hora da noite entram os carcereiros e os guardas armados com fuzis, pistolas e chicotes e começam a fazer a costumeira revista, com tochas espetadas na ponta de longas varas de ferro. Iam daqui para lá, observando se por acaso havia alguma abertura nos muros ou no chão, e se não estavam preparadas tramas ou desordens entre os prisioneiros. Ao ver um desconhecido, todos começam a gritar: quem está aí? E sem esperar resposta o rodeiam e ameaçam, dizendo: o que fazeis aqui, quem sois vós, para onde quereis ir? O padre Cafasso queria falar, mas não lhe foi possível, pois os carcereiros em coro gritam: parai, parai! E dizei quem sois. "Sou o padre Cafasso". "Padre Cafasso...! Como... a essa hora ... por que não fostes embora antes? Nós não podemos mais deixar-vos sair sem relatar o fato ao diretor das prisões". "A mim não importa; relatai a quem quiserdes, mas tende cuidado, pois ao anoitecer é vossa obrigação vir e fazer sair todos os estranhos da prisão. Este era o vosso dever, e sois culpados por não tê-lo feito". Então todos se calaram e tratando o padre Cafasso com gentileza, pedindo-lhe para não tornar público o acontecido, lhe abriram a porta e o acompanharam até sua casa (nota no texto original).

[5] Eu conheço muitos que por sua condição pobre e pelas graves desgraças ocorridas em família não podiam enveredar por nenhuma carreira. Atualmente, destes, alguns são párocos, vice-párocos, professores; outros são tabeliães, advogados, médicos, farmacêuticos, causídicos. Outros ainda administradores de propriedades, donos de tabernas, negociantes e comerciantes: todos estes lamentam no padre Cafasso a perda de um terno pai, dão glória à verdade, dizendo: O padre Cafasso foi nosso benfeitor, ele nos ajudou a vestir-nos, a pagar a pensão, a enfrentar os exames; ele nos aconselhou, nos recomendou, nos sustentou espiritual e corporalmente. A ele devemos a honra, o nosso estudo, o nosso emprego, o pão que comemos (nota no texto original).

Que o narrem os muitos enfermos por ele confortados, os moribundos assistidos, as longas filas de penitentes de todas as idades e condições que todos os dias e a qualquer hora do dia encontravam nele um pio, douto e prudente diretor de suas consciências.

Que o narrem tantos infelizes condenados ao último suplício que, entregues ao desespero, não queriam saber de religião, mas que, assistidos e, diria, vencidos pela irresistível caridade do padre Cafasso, morreram da maneira mais confortadora, deixando a certeza moral da sua salvação eterna.

Oh! Se o paraíso viesse narrar-nos a vida pública do padre Cafasso, eu creio que milhares e milhares de almas diriam em alta voz: se nós estamos salvos, se gozamos da glória do céu, somos devedores da caridade, do zelo, das fadigas do padre Cafasso. Ele nos salvou dos perigos, nos arrancou da orla do precipício do inferno, ele nos encaminhou para o paraíso.

V. Vida sacerdotal privada do padre Cafasso

Deixemos agora a vida pública do padre Cafasso para entreter-nos um momento com sua vida particular. Por vida particular entendo especialmente o exercício das virtudes praticadas em suas ocupações pessoais e familiares, nas situações que em geral pouco aparecem aos olhos do mundo, mas que talvez sejam as mais meritórias diante de Deus. E aqui, que longa série de fatos edificantes e de virtudes luminosas surgem diante dos nossos olhos! Quantas mortificações, penitências, abstinências, orações, jejuns entre as paredes da sua casa. Cada momento livre do seu sagrado ministério era usado em prolongadas audiências que podemos dizer eram ilimitadas. Estava sempre pronto para receber, consolar, aconselhar e confessar no seu próprio quarto. Às vezes andava tão cansado que não podia mais ouvir o som da voz; era frequente também ter que tratar com gente rude que nada entendia e nunca estava satisfeita com nada; apesar disso, sua face se mantinha sempre serena, era afável nas palavras, nunca deixava transparecer um gesto que significasse impaciência.

Oh, se as paredes daquela afortunada residência pudessem falar, de quantas virtudes, de quantos atos de caridade, de paciência, de sofrimento, prestariam glorioso testemunho! Sempre afável, benfazejo, nunca deixava alguém sair de junto de si sem tê-lo confortado espiritual ou materialmente, ou pelo menos sem antes lhe ter inspirado algum pensamento útil para a alma. A multidão dos que pediam para lhe falar o obrigava a ser muito expedido. Por isso, sem se perder em cumprimentos ou cerimônias, entrava logo no assunto e com surpreendente desenvoltura, ao primeiro aceno, já compreendia o que

se queria dizer e dava pronta, franca e completa resposta. Mas fazia isso com humildade, com respeito e com tal presteza que uma pessoa muito estimada não soube exprimir diversamente esta singular prerrogativa do padre Cafasso senão dizendo: "Sua presença era insignificante em termos humanos, mas tudo nele era caridade".

Sabia e o pregava, que todo pedacinho de tempo é um grande tesouro, por isso, aproveitava de todos os momentos e ocasiões para fazer o bem. Ao subir ou descer as escadas, ao ir ou vir da visita aos enfermos ou aos presos, em geral era sempre acompanhado por alguém com quem falava de assuntos do sagrado ministério ou dizia palavras de conforto a pessoas que de outra maneira não teriam podido falar com ele.

Após as refeições fazia um pouco de recreio. Este era o tempo da maravilhosa escola do padre Cafasso. Aqui os seus alunos sugavam como leite a maneira gentil de viver em sociedade, de tratar com o mundo sem se fazer escravo do mundo e de se tornarem verdadeiros sacerdotes providos das virtudes necessárias para formar ministros capazes de dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Nada, porém, é tão maravilhoso na vida particular do padre Cafasso quanto a exatidão na observâncias das normas do Colégio Eclesiástico de São Francisco. Como superior, poderia ter-se dispensado de várias coisas, seja por motivo da saúde frágil, seja pelas ocupações que de certo modo o sufocavam. Mas ele tinha fixo em sua mente que a melhor maneira de mandar de um superior consiste no bom exemplo, em preceder os súditos no cumprimento dos próprios deveres. Por isso, nas coisas mais pequeninas, nas práticas de piedade, na pontualidade na hora das conferências, no tempo da meditação, das refeições, ele era como uma máquina que o som da campainha levava quase instantaneamente ao cumprimento de determinado dever.

Lembro-me de que um dia, por necessidade, lhe foi trazido um copo de água. Já o tinha na mão, quando ouviu tocar a campainha para a recitação do terço. Não tomou a água, pôs o copo sobre a mesa e foi imediatamente participar da prática de piedade. "Tome, eu lhe disse, e depois chegará ainda em tempo para essa oração". "Quereis, me respondeu, quereis preferir um copo de água a uma oração tão preciosa como é o terço que dizemos em honra da Maria Santíssima?".

VI. Vida mortificada do padre Cafasso

Parte da vida particular do padre Cafasso é a secreta, mas contínua mortificação de si mesmo. Aqui descobrimos sua grande arte para se santificar.

Pensa-se com fundamento que ele usava cilício, colocava objetos incômodos na cama, fazia outras graves penitências. Por ora, porém, deixo essas coisas de lado. Digo somente o que eu e todos os que o conheceram vimos. Embora cansado, nunca se apoiava, nem com o cotovelo, nem de outra forma, para repousar; nunca cruzava as pernas. À mesa, nunca dizia: "Isto me agrada ou não"; tudo estava conforme o seu gosto. Desde a mais jovem idade tinha reservado alguns dias para atos particulares de mortificação. O sábado era dedicado com rigoroso jejum a Maria Santíssima. Mas, que digo do jejum do sábado, se todas as semanas, todos os meses, o ano inteiro, para ele era um rígido e espantoso jejum? Diminuiu o número das refeições e se limitou a comer uma só vez ao dia; sua comida era uma sopa e um pequeno bocado de outra coisa qualquer. Alguns, vendo essa prolongada austeridade, respeitosamente o repreenderam, acenando ao dano que teria causado à sua saúde. "Use de algum cuidado, lhe diziam; se não quiser fazer isso por amor de si mesmo, faça-o pelo bem dos outros". Ele, sorrindo, respondia: "Estou melhor de saúde fazendo assim". Entretanto, aumentando cada dia a prostração das suas forças, concluía dizendo: "Paraíso! Paraíso! Que força e saúde tu darás aos que em ti entrarem!". Podia estar entanguido de frio, sufocado de calor, banhado de suor, nunca buscava conforto, nem era ouvido proferir palavras de lamento ou de pena.

Em todas as épocas do ano passava muitas horas ouvindo as confissões dos fiéis e com frequência entrava no confessionário às seis da manhã e só saía dali às doze. Ao ficar imóvel assim por longo tempo, mesmo quando o frio era intenso, ao sair e ir para a sacristia, perdia o equilíbrio e devia apoiar-se de banco em banco para não cair; às vezes no meio da igreja era forçado a se ajoelhar ou a se sentar. Diante disso, todos se sentiam comovidos e muitos queriam comprar-lhe um banquinho aquecedor sobre o qual poderia apoiar os pés e defender-se da crueza da estação. Com receio de que não aceitasse caso se falasse com ele antes, o clérigo da sacristia comprou o tal banquinho e sem que ele soubesse o levou para o confessionário antes que nele entrasse. Logo que viu aquele objeto de comodidade, como ele o chamava, o afastou com um pé para um canto do confessionário e depois ordenou que nunca mais fosse posto lá, dizendo: "Essas coisas são inúteis, dão a ideia de demasiados cuidados num padre que não tem necessidade disso".

Fizeram-lhe diversas observações, mas nem nesta nem em outras circunstâncias foi possível dobrá-lo a temperar o ardor da penitência que certamente contribuiu para consumar uma vida tão preciosa.

Não se dava a nenhum tipo de divertimento. Em trinta e dois anos que eu o conheci, nunca o vi tomar parte em algum jogo de cartas, de xadrez, bilhar

ou qualquer outra diversão. Convidado por alguém a um desses divertimentos, respondeu: "Tenho bem outras coisas para me divertir. Quando não tiver mais nenhuma ocupação, então irei divertir-me".

– Quando será esse tempo?

– Quando estivermos no paraíso.

Além de mortificar constantemente os sentidos do corpo, era grande inimigo de qualquer hábito, mesmo indiferente. Costumava dizer: "Devemos habituar-nos a fazer o bem e não outras coisas. O nosso corpo é insaciável. Quanto mais lhe dermos, mais ele pede; quanto menos se dá, menos ele pede".

E assim, nunca quis acostumar-se ao tabaco, nem a comer doces e tomar bebidas especiais, com exceção das receitadas pelo médico. Durante seus estudos, no colégio, no seminário, não quis tomar café nem comer frutas de manhã ou na hora da merenda.

Vivia no Colégio Eclesiástico havia dez anos, era já prefeito de conferências, e o seu café da manhã consistia ainda em alguns pedaços de pão seco. Em vista das duras fadigas suportadas, um dia eu lhe disse para tomar alguma coisa mais de acordo com sua frágil compleição: "Infelizmente, respondeu com hilaridade, chegará o tempo em que será preciso conceder alguma coisa a mais a este corpo; mas não quero satisfazê-lo enquanto puder dispensar essas regalias".

Somente alguns anos mais tarde a obediência o obrigou a temperar essa rígida maneira de viver. Apesar de sua frágil compleição e da sua saúde instável, nunca quis se habituar a alguma comida especial; pelo contrário, a diminuiu sempre mais até que, como disse há pouco, limitou-se a uma só refeição ao dia; essa refeição consistia numa sopa e alguma coisa qualquer.

Embora sujeito a muitos incômodos, não quis prolongar por um momento sequer seu descanso noturno, que era somente de cinco escassas horas todas as noites. Assim, mesmo no inverno mais rigoroso, que era quando sofria de maiores incômodos de estômago, de cabeça, de dentes, de tal modo que mal podia ficar em pé, antes das quatro da manhã já estava de joelhos, rezando, meditando ou desempenhando alguma ocupação especial.

Este teor de vida laboriosa, penitente, de oração, de caridade, de fadigas e abnegação, ele a praticou até a morte, que o alcançou no momento em que nós tínhamos mais necessidade dele, num momento por nós inesperado, mas por ele aguardado com calma e para o qual toda a sua vida foi uma constante preparação.

Tu, ó tempo, porque foges tão depressa e me obrigas a calar tantas coisas que eu ainda gostaria de narrar? Embora meu discurso já seja um tanto longo,

espero que assim mesmo queirais ter um momento de paciência para ouvir a narração das últimas horas do padre Cafasso. Farei isso depois de breve respiro.

VII. Sua santa morte

Estendamos um véu sobre os acontecimentos que certamente contribuíram para nos privar de uma pessoa tão querida, útil e preciosa. Digamos somente que uma vida tão pura, tão santa, tão semelhante à do Salvador, fatalmente devia ser paga pela ingratidão do mundo, que não o conheceu; daquele mundo em favor do qual tinha empregado seus haveres, sua saúde e sua vida. Nisto nós adoramos os decretos misteriosos da divina Providência.

É verdade de fé que na hora da morte o homem recolhe os frutos do que semeou ao longo da vida: *quae seminaverit homo, haec et metet* [Gl 6,8]. Ora, padre Cafasso, tendo vivido uma vida cheia de boas e santas obras, também boa e santa devia ser sua morte. Ele mesmo o tinha dito aos familiares e o repetia com frequência, especialmente nas conferências morais: "Feliz daquele padre que consome sua vida pelo bem das almas; mais feliz ainda o que morre trabalhando pela glória de Deus; certamente receberá uma grande recompensa por parte do supremo patrão para quem trabalhou".

Agora, repetindo suas palavras, nós diremos: Feliz sois vós, padre Cafasso, que consumastes a vossa vida em promover a glória de Deus e a salvação das almas; sois ainda mais feliz, vós que terminastes a vida em meio às fadigas do sagrado ministério.

Cremos com fundamento que ele recebeu de Deus especial revelação quanto ao dia e à hora da sua morte, do que deu sinais praticamente certos às pessoas que nos últimos dias tiveram a fortuna de poder conversar com ele. Costumava acertar suas coisas todos os dias como se estivesse sempre às vésperas da morte. Antes de deitar, todas as noites dispunha tudo em casa como se aquela fosse a última noite de sua vida. Entretanto, os três dias que precederam a sua doença, passou-os quase sempre fechado no quarto. Organizou tudo o que se referia ao andamento do Colégio Eclesiástico. Deu ordens oportunas aos seus familiares; respondeu algumas cartas; organizou seus escritos, pôs no lugar toda a papelada; anotou algumas coisas a acrescentar às suas disposições testamentárias; em seguida fez o exercício da boa morte que ele costumava fazer inalteravelmente uma vez por mês.

Entretanto chegou a manhã do dia 11 de junho do ano atual; e o padre Cafasso o que faz? Ele tem tudo em ordem, tudo está preparado para sua viagem para a eternidade. Caminha pelo seu quarto esperando a voz do Senhor que

lhe diga: Vem! Mas, quem diria? Pensando na situação das suas forças, tem a impressão de que ainda pode empregar alguns momentos para o bem das almas. Com ânimo alegre, fatigado, deixa o quarto e vai para o confessionário e lá passa várias horas ouvindo as confissões dos fiéis, daqueles fiéis que ele, com singular doutrina, prudência e piedade guiava pelo caminho do céu. Observou-se, porém, que seu modo de confessar já não era o mesmo. A todos recomendava que desapegassem o coração das coisas terrenas; que amassem a Deus Criador com todas as forças; que pedissem que quanto antes nos tirasse das preocupações da vida para conceder-nos um belo paraíso. "Oh, paraíso, paraíso, disse a um penitente, por que tu não és procurado, desejado por todos? Por que ainda demoras, por que, por quê...?". Mas o homem vale o que vale um homem; o ardor de conquistar almas para Deus continua naquela grande alma; as forças, porém, lhe faltam. É forçado a deixar aquele confessionário, onde pelo espaço de cerca de vinte e cinco anos tinha sido fiel dispensador dos favores celestes em favor de tantas almas, e deve abandoná-lo para nunca mais voltar a ele.

Com passos lentos volta para seu quarto. Antes, porém, de se deitar, se ajoelha e diz estas palavras memoráveis que conservava por escrito: "A dor que eu provo, Senhor, por não vos ter amado, o desejo que sinto sempre mais de vos amar, me tornam desagradável e pesada esta vida e me impelem a pedir-vos queirais abreviar os meus dias sobre a terra e a perdoar-me o purgatório na outra vida, de tal modo que bem depressa eu possa ir gozar convosco no paraíso...". Não pôde mais falar e para não cair sem forças foi para o leito em torno das onze da manhã.

A doença tinha afetado seus pulmões, com fluxo de sangue para o estômago. Os médicos fizeram o que sua arte lhes sugeria, mas tudo foi em vão. Quase todos os dias lhes parecia que o enfermo melhorava, mas na realidade, como ele mesmo dizia, se aproximava sempre mais do momento de voar para o céu.

Desde o primeiro dia de doença ele disse francamente que não sararia mais e que desejava partir para o paraíso.

A quem lhe perguntava se estava melhor, respondia sempre: Como Deus quer. Recomendava-se às orações de todos. Um dia me disse que em casa pedisse aos jovens que fizessem orações especiais: "Já as fizemos, lhe respondi, e continuaremos a rezar; mas eu disse aos nossos jovens que depois viríeis um dia dar a bênção com o Santíssimo Sacramento". "Ficai tranquilo, respondeu: ide, rezai e dizei aos vossos jovens que abençoarei a todos desde o paraíso".

Perguntando se tinha alguma coisa a mandar escrever, a lembrar, algum encargo a deixar, ele me olhou sorrindo e disse: "Seria engraçado se eu tivesse

esperado esta hora para ajeitar meus assuntos. Tudo está pronto para mim no mundo; só me falta uma coisa para acertar com Deus: é que na sua grande misericórdia queira dar-me logo o paraíso".

Uma singularidade era notada por todos: a de receber com sua tradicional bondade todos os que chegavam perto do seu leito; mas depois de alguns minutos fazia sinal para que o deixassem, pois ele não queria que ninguém permanecesse junto dele além do tempo requerido por restrita necessidade. Por isso, ao sair, às vezes eu ficava a observá-lo desde a porta do seu quarto. Então eu o via juntar as mãos, beijar repetidamente o crucifixo, em seguida com o olhar voltado para o céu falar ininterruptamente como quem conversa de modo familiar.

Então me convenci de que ele desejava ficar sozinho para poder entreter-se livremente com Deus. Todavia, um dia, ficando a sós com ele, criei coragem e lhe disse que era melhor ter sempre alguma pessoa junto ao leito, seja para servir-lhe o de que precisava, seja também para dizer-lhe alguma palavra de conforto. "Não, respondeu imediatamente, não". Em seguida, voltando os olhos para o céu, disse com força: "Não sabeis que cada palavra dita aos homens é uma palavra roubada ao Senhor?".

Inclusive, quando a doença lhe ameaçava a vida, na própria agonia, preferia ficar sozinho; aliás, não dava sinal de satisfação nem mesmo quando lhe sugeriam jaculatórias, como se essas orações interrompessem seu colóquio com Deus. Dizia, porém, a todos que rezassem por ele e que o recomendassem à proteção da Bem-aventurada Virgem e de São José. Uma pessoa de grande autoridade, que sempre foi próxima do padre Cafasso ao longo da vida, o visitou diversas vezes durante a doença; depois de reparar atentamente seu comportamento, o que dizia e fazia, disse francamente: "O padre Cafasso não precisa de nossas sugestões; está em comunicação direta com Deus; ele se entretém em familiares colóquios com a Mãe do Salvador, com seu Anjo da Guarda e com São José".

Muitas coisas eu deveria contar-vos a respeito da sua admirável paciência em tolerar o mal, das palavras dirigidas aos seus amigos, da bênção dada a muitos e especialmente aos seus queridos padres do Colégio Eclesiástico, do modo edificante como recebeu os últimos sacramentos; mas tudo isso causaria grande comoção e eu não poderia suportar sua narração.

Dir-vos-ei somente que, comparando a doença e a morte do padre Cafasso com a de São Carlos Borromeu, de São Francisco de Sales, de São Filipe Neri e de outros grandes santos, posso afirmar que ela foi igualmente preciosa aos olhos de Deus. E como poderia ser diversamente? Se santa foi sua vida, por que não deveria ser igualmente santa a sua morte?

Foi grande devoto de Maria e constante promotor da devoção para com a mãe celeste. Todos os dias, e pode-se dizer a cada momento, fazia alguma prática ou rezava alguma jaculatória em sua honra. O sábado era o dia todo para Maria. Passava-o em rigoroso jejum; tudo o que ele pedia nesse dia lhe era imediatamente concedido. Muitas vezes expressou o desejo de morrer num dia de sábado. Frequentemente ao longo da vida dizia e até o deixou escrito: "Que bela morte morrer por amor de Maria. Morrer pronunciando o nome de Maria. Morrer no momento mais glorioso para Maria. Expirar entre os braços de Maria. Partir para o paraíso com Maria. Gozar eternamente junto a Maria".

Oh alma feliz! Os teus desejos foram satisfeitos. Tu estás no décimo terceiro dia da tua doença; é dia de sábado; dia de Maria; há poucas horas recebeste o sacratíssimo corpo de Jesus. Pois bem, Jesus te chama e quer dar-te o paraíso que tanto desejas, pelo qual empenhaste toda a tua vida. Maria, tua mãe, de quem foste tão devoto, agora te assiste e ela mesma quer conduzir-te ao céu. E eis que o nosso padre Cafasso sorri... e dá o último suspiro... Sua alma, com Jesus e com Maria, voa para gozar da bem-aventurada eternidade.

Nós temos fundada esperança de que após morte tão preciosa aos olhos de Deus, a alma do padre Cafasso nem sequer tocou as penas do purgatório e voou imediatamente para o paraíso. Por isso, ao invés de convidar-vos a rezar por ele, preferiria sugerir-vos que recorrêsseis à sua celeste intercessão. Como, porém, Deus santíssimo e puríssimo encontra manchas até nos próprios anjos, assim nós, cumprindo um dever de gratidão e amizade, oferecemos a Deus alguma oração, uma comunhão, uma esmola, alguma obra de caridade em sufrágio do nosso pranteado benfeitor. E se essas obras não forem mais necessárias para livrá-lo das penas do purgatório, servirão para sufragar as almas que nele sofrem, para cujo alívio tanto trabalhou durante sua vida mortal e que tanto recomendou que fossem sufragadas.

Coragem, ouvintes, ainda um momento. Entre as últimas palavras do padre Cafasso, estas são verdadeiramente dignas de eterna lembrança: "Quando tiver descido ao sepulcro, desejo e peço ao Senhor que faça desaparecer da terra a minha memória, de tal modo que mais ninguém tenha que pensar em mim, a não ser os fiéis que na sua caridade quiserem, como espero, rezar pela minha alma. Eu aceito em penitência dos meus pecados tudo o que depois da minha morte se disser no mundo contra mim".

Caro padre Cafasso, esta vossa oração não será atendida; vós desejáveis humilhar-vos de modo que a vossa glória fosse convosco para o túmulo. Mas Deus quer diversamente. Deus quer que a vossa grande humildade seja exaltada e vós sejais coroado de glória no céu. A vossa memória é a dos justos: ela dura eternamente. *In memoria aeterna erit iustus* [Sl 111,7].

A vossa memória durará junto aos sacerdotes, porque fostes para eles modelo de santidade de vida e mestre na ciência do Senhor. A vossa memória durará junto aos pobres, que choram vossa morte como a de um terno pai; durará junto aos vacilantes, aos quais destes santos e salutares conselhos; junto aos aflitos, aos quais confortastes de tantas maneiras; junto aos agonizantes por vós consolados; nas prisões onde aliviastes tantos infelizes; junto a tantos condenados que a vossa caridade mandou para o céu. Durará junto aos vossos amigos, e amigos vossos são todos os que vos conheceram; junto a todos os que estimam os grandes benfeitores da humanidade, como fostes vós ao longo de toda a vossa vida mortal. Finalmente, a vossa memória durará entre nós, porque a caridade que tivestes para conosco na terra nos garante que vós sois o nosso protetor junto a Deus, agora que, glorioso, estais no céu.

Portanto, vive eternamente com Deus, alma grande, alma fiel. O tempo dos sofrimentos para ti já passou; não mais penas, não mais aflições, não mais doenças, não mais desgostos; não mais morte, não mais. Deus é a tua recompensa; tu estás nele; e com ele e junto dele gozarás de todos os bens eternamente. Maria, a mãe celeste que tanto amaste e fizeste amar na terra, agora te quer junto de si para dar-te a merecida recompensa pelo afeto filial que tiveste para com ela. Entretanto, desde o centro da tua glória, volve carinhosamente teu olhar para nós que com a tua partida do mundo tornaste pobres e órfãos! Oh! intercede por nós e faze com que, vivendo segundo os teus conselhos, seguindo os luminosos exemplos de virtude que nos deixaste, possamos também nós um dia chegar à posse daquela glória que com Jesus e Maria e com todos os santos do paraíso se goza por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

296. Panegírico em honra de São Filipe Neri

ASC A2250704, manuscrito autógrafo de Dom Bosco[6] (cf. MB IX, 213-221).

[I. Exórdio]

As virtudes e as ações dos santos, embora todas tenham o mesmo fim, isto é, a maior glória de Deus e a salvação das almas, todavia, seguem caminhos diversos para chegar ao sublime grau da santidade para o qual Deus os chama.

[6] O panegírico de São Filipe Neri foi feito por Dom Bosco para os sacerdotes da diocese de Alba (Cúneo), por convite do bispo dom Eugênio Galletti, em maio de 1868 (cf. MB II, 46-48).

A razão parece ser esta: na maravilhosa dispensação dos seus dons, Deus, de várias maneiras e por diversos caminhos, nos chama a si a fim de que as diversas virtudes, concorrendo juntas para adornar e embelezar a nossa santa religião, cubram, por assim dizer, a Santa Igreja com o manto da variedade, para que a faça aparecer aos olhos do esposo celeste como uma rainha assentada no trono da glória e da majestade. De fato, nós admiramos o fervor de tantos solitários que, por desconfiarem de si mesmos no tempo das perseguições ou por temor de naufragar no mundo, abandonaram casa, parentes, amigos e todos os haveres para se retirarem aos desertos estéreis e habitados apenas pelas feras. Outros, como corajosos soldados do rei dos céus, afrontaram todos os perigos e desprezando o ferro, o fogo e a própria morte, ofereceram com alegria a vida, confessando Jesus Cristo e selando com o próprio sangue as verdades que corajosamente proclamavam. Uma falange de pessoas, movida pelo desejo de salvar almas, foi para terras distantes, enquanto outras, mediante o estudo, a pregação, o recolhimento e a prática das virtudes, acrescentam esplendor a esplendor à Igreja de Jesus Cristo. Há também alguns que, feitos segundo o coração de Deus, trazem em si tão grande conjunto de virtudes, de ciência, de coragem e de atos heroicos, que mostram de forma sublime quão maravilhoso seja Deus nos seus santos: *Mirabilis Deus in sanctis suis* (Sl 66, 36). Todas as épocas da Igreja são glorificadas por algum destes heróis da fé. O século dezessete, entre outros santos, possui São Filipe Neri, cujas virtudes são objeto desta respeitável assembleia e deste nosso modesto entretenimento.

Neste nosso encontro, o que se poderá dizer de um santo, cujas ações, se fossem recolhidas num compêndio, sozinhas formariam grossos volumes? Ações que, sozinhas, são suficientes para oferecer um perfeito modelo de virtudes para o simples cristão, para o fervoroso enclaustrado, para o mais laborioso eclesiástico? Por essas razões, não pretendo expor-vos difusamente todas as ações e todas as virtudes de Filipe, pois dado que vós, melhor do que eu, já as tendes lido, meditado e imitado, aqui me limitarei somente a acenar ao que é como o eixo em torno do qual se realizaram, por assim dizer, todas as outras virtudes, isto é, o zelo pela salvação das almas! Este é o zelo recomendado pelo divino Salvador quando disse: Eu vim trazer fogo à terra e que mais desejo senão que ele se acenda? *Ignem veni mittere in terram et quid volo nisi ut accendatur?* (Lc 12, 49). Zelo que fazia exclamar ao apóstolo Paulo, que estava disposto a ser anátema de Jesus Cristo em favor dos seus irmãos: *Optabam ego ipse anathema esse a Christo pro fratibus meis* (Rm 9, 3).

Mas, em que situação crítica acabei me metendo, senhores! Eu, que apenas poderia ser vosso aluno, pretendo agora ser vosso mestre? É verdade, e precisamente para fugir da acusação de temerário, peço preventivamente vossa benévola compreensão, se na minha pequenez não puder corresponder

à vossa expectativa. Quanto ao mais, espero tudo da graça do Senhor e da proteção do nosso Santo.

[II. Filipe em Roma]

A fim de iniciar o assunto proposto, ouvi um curioso episódio. É de um jovem que, com apenas vinte anos, movido pelo desejo da glória de Deus, abandona os próprios pais, de quem era filho único, renuncia aos abundantes haveres do pai e de um tio rico que o deseja como herdeiro, e sozinho, sem ninguém saber, sem meios de nenhuma espécie, apoiado só na divina Providência, deixa Florença, vai para Roma. Agora observai-o: ele é caridosamente acolhido por um seu concidadão (Galeotto Caccia); lá está, parado num canto do pátio da casa; seu olhar contempla a cidade, absorto em graves pensamentos. Aproximemo-nos e o interroguemos.

– Jovem, quem soi vós e o que contemplais com tanta ansiedade?

– Eu sou um pobre jovem forasteiro; contemplo esta grande cidade, e um grande pensamento ocupa a minha mente, mas receio que seja loucura ou temeridade.

– Qual?

– Consagrar-me ao bem de tantas pobres almas, de tantos meninos pobres, que por falta de instrução religiosa caminham pela estrada da perdição.

– Tendes conhecimentos?

– Só frequentei os primeiros estudos.

– Tendes meios materiais?

– Nada; só tenho um pedaço de pão que caridosamente me dá todos os dias o meu patrão.

– Tendes igrejas, casas?

– Nada tenho, a não ser um quarto baixo e estreito, cujo uso me foi cedido pela caridade. Meu armário é uma simples corda estendida entre uma parede e outra, sobre a qual ponho minha roupa e todo o meu enxoval.

– Se é assim, como quereis, sem nome, sem ciência, sem haveres e sem moradia, empreender um trabalho tão gigantesco?

– É verdade: precisamente a falta de meios e de méritos me preocupa. Por sua vez, Deus que me inspirou a coragem, Deus que das pedras suscita filhos de Abraão, aquele mesmo Deus que...

Este pobre jovem, senhores, é Filipe Neri, que está meditando a reforma dos cristãos de Roma. Ele contempla a cidade, mas, ai! como a vê? Ele a vê escrava dos estrangeiros já há tantos anos; ele a vê horrivelmente ferida pelas doenças e pela miséria; ele a vê depois de ter sido assediada por três meses, combatida, vencida, saqueada e, pode-se dizer, destruída. Esta cidade há de ser o campo em que o jovem Filipe recolherá frutos copiosíssimos. Vejamos como se entrega a este empreendimento.

Com a costumeira ajuda da divina Providência, ele retoma o curso dos estudos, frequenta a filosofia e a teologia, e seguindo conselhos do seu diretor se consagra a Deus no estado sacerdotal. Com a sagrada ordenação recobra seu zelo pela glória de Deus. Filipe, tornando-se sacerdote, como Santo Ambrósio se convence de que com o zelo se conquista a fé e com o zelo o homem é conduzido à posse da justiça. *Zelo fides acquiritur, zelo iustitia possidetur* (Sanctus Ambrosius, *in Psal. 118*).

Filipe está persuadido de que nenhum sacrifício é tão agradável a Deus quanto o zelo pela salvação das almas. *Nullum Deo gratius sacrificum offerri potest quam zelus animarum* (Greg. M. *in Ezech.*). Movido por estes pensamentos, parece-lhe que turbas de cristãos, especialmente de meninos pobres, continuamente gritam com o profeta contra ele: *Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangerit eis* (Lm 4, 4). Mas quando ele pôde frequentar as oficinas públicas, penetrar nos hospitais e nas prisões e viu gente de toda idade e de toda condição entregue a rixas, blasfêmias, furtos e viver escrava do pecado; quando começou a refletir como muitos ultrajavam a Deus Criador quase sem conhecê-lo, não observavam a lei divina porque a ignoravam, então lhe veio em mente Oseias (4, 1-2), que diz: Porque o meu povo não conhece as coisas da salvação eterna, os mais abomináveis delitos inundaram a terra. Como ficou amargurado o seu inocente coração quando percebeu que grande parte daquelas pobres almas se perdia unicamente porque não era instruída nas verdades da fé. Este povo, ele exclamava com Isaías, não teve inteligência das coisas da salvação, por isso o inferno ampliou o seu espaço, abriu ainda mais suas desmesuradas fauces e ali cairão os seus fortes, o povo, os grandes e os poderosos: *Quia populus meus non habuit scientiam, propterea infernus aperuit os suum absque ullo termino; et descendunt fortes eius, et populus eius, et sublimes gloriosisque eius ad eum* (Is 5, 13-14).

À vista desses males crescentes, Filipe, a exemplo do divino Salvador, que quando iniciou a sua pregação não possuía no mundo senão aquele grande fogo da caridade divina que o impeliu a vir do céu à terra; a exemplo dos apóstolos, que não tinham meios humanos quando foram enviados a pregar o Evangelho às nações da terra miseravelmente infestadas pela idolatria, pelos

vícios ou, segundo a frase da Bíblia, sepultadas nas trevas e nas sombras da morte; então Filipe se fez tudo para todos pelas ruas, pelas praças, nas oficinas públicas; se insinua nos estabelecimentos públicos e privados e com seus modos gentis, doces, suaves que sua caridade sugere usar para com o próximo, começa a falar de virtudes, de religião, a quem não queria saber nem de uma, nem de outra. Imaginai os comentários que se espalhavam por sua conta! Uns o chamam de estúpido, outros de ignorante, outros ainda de bêbado, nem faltou quem o qualificasse de doido.

O corajoso Filipe deixa que todos digam o que quiserem; aliás, é o desprezo do mundo que lhe dá certeza de que suas obras são motivo de glória para Deus, porque o que o mundo considera sabedoria é estultice para Deus. Por isso, vai em frente, intrépido, em seu santo empreendimento. E quem pode resistir à terrível espada que é a palavra de Deus? A um sacerdote que corresponde à santidade do seu ministério?

Em pouco tempo, pessoas de todas as idades e condições, ricos e pobres, doutos e ignorantes, eclesiásticos e leigos, da mais alta classe até os aprendizes, os limpa-chaminés, os marinheiros, o pequeno, o grande construtor começam a admirar o zelo do servo de Deus; vão ouvi-lo, a ciência da fé abre caminho nos seus corações; mudam o desprezo em admiração, a admiração em respeito. Assim, em Filipe só se vê um verdadeiro amigo do povo, um zeloso ministro de Jesus Cristo que tudo conquista, tudo vence, tanto assim que todos caem como vítimas afortunadas da caridade do novo apóstolo. Roma muda de aspecto; todos se dizem amigos de Filipe, todos louvam Filipe, falam de Filipe, querem ver Filipe. Daqui partiram as conversões maravilhosas, as estrepitosas conquistas dos pecadores obstinados, de que fala longamente o autor da vida do Santo (veja Bacci)[7].

[III. Filipe, apóstolo da juventude]

Mas Deus tinha enviado Filipe especialmente para a juventude, por isso para ela reserva especiais solicitudes.

Considerava o gênero humano como um grande campo a ser cultivado. Se em tempo se semeia trigo bom, se terá uma colheita abundante; mas se a semeadura for fora de estação, se recolherá só palha e cascas[8]. Sabia também que nesse campo místico há um grande tesouro escondido, quer dizer, as almas de tantos jovens, em geral inocentes, muitas vezes perversos sem o saberem.

[7] Pietro Giacomo Bacci, *Vita di S. Filippo Neri fondatore della congr. dell'Oratorio*. Monza, Tipografia dell'Istituto dei Paolini 1851.
[8] [...].

Esse tesouro, dizia Filipe no seu coração, é totalmente confiado aos sacerdotes, em geral deles depende salvá-lo ou perdê-lo.

Filipe não ignorava que cabe aos pais cuidar dos próprios filhos; cabe aos patrões cuidar dos seus dependentes, mas quando estes não podem ou não são capazes ou então não querem, se deverá deixar que as almas caminhem para a perdição? Tanto mais que os lábios do sacerdote devem ser guardas da ciência e os povos têm o direito de ouvi-la da sua boca, não de outros.

Uma coisa no primeiro momento pareceu desanimar Filipe em relação ao cuidado dos meninos pobres: era a sua instabilidade, suas recaídas no mesmo mal e pior ainda. Mas logo se refez desse temor que o assustava ao refletir que muitos perseveravam no bem, que os recidivos não eram em número extraordinário e que mesmo estes, com paciência, com caridade e com a graça do Senhor, em geral acabavam por enveredar pelo bom caminho e que, por isso, a palavra de Deus era um germe que mais cedo ou mais tarde produziria o desejado fruto.

Então, Filipe, seguindo o exemplo do Salvador, que todos os dias ensinava ao povo: *erat quotidie docens in templo* (Lc 19, 47) e que carinhosamente atraía a si os meninos mais peraltas, ia por toda parte exclamando: Meus filhos, vinde a mim, eu vos indicarei o meio para vos tornardes ricos; mas ricos das verdadeiras riquezas que jamais falirão; eu vos ensinarei o santo temor de Deus: *Venite, filii, audite me: timorem Domini docebo vos* (Sl 33, 11). Essas palavras, acompanhadas pela sua grande caridade e por uma vida que era uma síntese de todas as virtudes, faziam com que turbas de meninos de todas as partes acorressem ao Santo. O qual, ora dirigia a palavra a um, ora a outro; com o estudante se fazia literato; com o ferreiro, ferreiro; com o marceneiro, marceneiro; com o barbeiro, barbeiro; com o pedreiro, chefe de obras; com o sapateiro, mestre de sapataria. Dessa maneira, fazendo-se tudo para todos, conquistava todos para Jesus Cristo. De tal modo que os jovenzinhos, atraídos por aqueles seus modos caridosos, pelas suas palavras edificantes, se deixavam conduzir para onde Filipe queria; assim, acontecia o inaudito espetáculo que pelas ruas da cidade, nas praças, nas igrejas, nas sacristias, na sua própria cela, durante a missa e mesmo em tempo de oração ele era precedido, seguido, rodeado de meninos que pendiam de seus lábios, ouviam os exemplos que ele contava, os princípios do catecismo que lhes expunha.

E depois. Ouvi. Aqueles meninos indisciplinados e ignorantes, que aos poucos eram instruídos no catecismo, pediam para se aproximar do sacramento da confissão e da comunhão; procuravam assistir à santa missa, ouvir as pregações e, pouco a pouco, paravam de blasfemar, de ser insubordinados e finalmente abandonavam os vícios, melhoravam os costumes; de tal modo que

milhares de desventurados meninos que já percorriam o caminho da desonra, teriam terminado sua vida nas prisões ou na forca, perdendo-se eternamente; pelo zelo de Filipe foram restituídos dóceis aos parentes, obedientes, bons cristãos, encaminhados pelo caminho do céu. Oh, santa religião católica! Oh, portentos da palavra de Deus! Que maravilhas operas mediante o ministro que conhece e cumpre os deveres da própria vocação!

Alguém dirá: "Essas maravilhas operou-as Filipe porque era um santo". Eu digo diversamente: "Filipe operou essas maravilhas porque era um sacerdote que correspondia ao espírito da sua vocação". Eu creio que, se animados pelo espírito de zelo, de confiança em Deus, nós também nos puséssemos de verdade a imitar este santo, obteríamos certamente grandes resultados na conquista das almas.

Quem de nós não pode reunir alguns meninos, dar-lhes um pouco de catecismo na própria casa ou na igreja e, se for preciso, até mesmo no canto de uma praça ou de uma rua, e lá instruí-los na fé, animá-los a se confessarem e quando for preciso ouvi-los em confissão? Não podemos nós também repetir com São Filipe: Meninos, vinde confessar-vos a cada oito dias e comungar segundo o conselho do confessor? Mas, como é que meninos dissipados, que só gostam de comer, beber e divertir-se, como é que se pode encaminhá-los para as coisas da Igreja e da piedade?

Filipe descobriu o segredo. Ouvi. Imitando a doçura e a mansidão do Salvador, Filipe se aproximava deles com bons modos, era carinhoso, a uns dava um doce, a outros uma medalha, um santinho, um livro e coisas semelhantes. Aos mais dissipados e ignorantes, que não tinham condições de apreciar os traços de benevolência paterna, preparava um alimento mais adaptado para eles: apenas podia tê-los perto de si, fazia com que lhe contassem suas historietas infantis, os convidada a cantar, a encenar teatrinhos, a pular, a se divertir de todas as maneiras.

Finalmente, os mais ariscos, os mais levianos, eram por assim dizer atraídos para os ambientes de recreio mediante instrumentos musicais, o jogo de bochas, pernas-de-pau, jogo de malhas, oferecendo-lhes frutas, bocados de comida, lanches... Toda despesa, dizia Filipe, toda fadiga, todo incômodo, todo sacrifício é pouco quando contribui para conquistar almas para Deus. Assim, os aposentos de Filipe se tinham transformado quase numa casa de encontros, lugar público de espetáculo, mas ao mesmo tempo, santa casa de oração e lugar de santificação. Assim, Roma viu um homem sozinho, sem títulos, sem meios e sem autoridade, armado unicamente da couraça da caridade, combater a fraude, o engano, os maus costumes e toda espécie de vícios, e tudo superar, tudo vencer, tanto assim que aqueles que a voz

pública chamava de lobos rapaces, acabaram se tornando mansos cordeiros. Estas pesadas canseiras, a gritaria e os incômodos que a nós parecem talvez suportáveis apenas por algum momento, foram o trabalho e as delícias de São Filipe pelo espaço de mais de sessenta anos, isto é, durante toda a sua vida sacerdotal, até a mais avançada idade, até quando Deus o chamou a gozar do fruto de tantas e tão prolongadas fadigas.

[IV. Peroração: nós devemos salvar as almas]

Respeitáveis senhores, haverá alguma coisa neste servo fiel que não possa ser imitada por nós? Não, não há. Cada um de nós, na sua condição, é suficientemente instruído, é bastante rico para imitá-lo, senão em tudo, pelo menos em parte. Não nos deixemos iludir pelo vão pretexto que às vezes nos ocorre ouvir: *Eu não sou obrigado a isso, que pensem nisso os que têm a obrigação.* Quando diziam a Filipe que, não devendo responder por cura de almas, não tinha obrigação de trabalhar tanto, ele respondia: "O meu bom Jesus por acaso tinha alguma obrigação de derramar por mim todo o seu sangue? Ele morre na cruz para salvar almas e eu que sou seu ministro me recusarei a enfrentar qualquer incômodo, qualquer fadiga para corresponder-lhe?".

Eclesiásticos, ponhamos mãos à obra. As almas estão em perigo e nós devemos salvá-las. Nós somos obrigados a isso pelo simples fato de sermos cristãos, a quem Deus mandou cuidar do próximo: *Unicuique Deus mandavit de proximo suo* (Eclo 17, 12). Somos obrigados porque se trata das almas dos nossos irmãos, dado que todos nós somos filhos do mesmo Pai celeste. Devemos também nos sentir estimulados de forma excepcional a trabalhar para salvar almas porque esta é a mais santa das obras: *Divinarum divinissimum est cooperari Deo in salutem animarum* (Areopagita). Mas o que nos deve absolutamente impelir a cumprir com zelo este ministério são as contas estreitíssimas que nós como ministros de Jesus Cristo deveremos prestar no seu divino tribunal pelas almas que nos foram confiadas. Ah, as grandes contas, as contas terríveis que os pais, os patrões, os diretores e em geral todos os sacerdotes deverão prestar no tribunal de Jesus Cristo pelas almas a nós confiadas! Aquele momento supremo chegará para todos os cristãos, mas não nos iludamos, virá também para nós sacerdotes. Apenas formos libertados dos laços do corpo e comparecermos perante o Divino Juiz, veremos de forma muito clara quais eram as obrigações do nosso estado e qual foi a nossa negligência. Diante dos olhos aparecerá a imensa glória preparada por Deus para os seus fiéis e veremos as almas... Sim, tantas almas que deviam ir gozar a glória do paraíso e que por nosso descuido em instruí-las na fé se perderam!

Senhores, que diremos nós ao divino Salvador quando nos dirá como para salvar as almas ele deixou a direita do seu Divino Pai, veio sobre a terra:

erat quotidie docens in templo [Lc 19,47]: ele não olhou para fadigas, suores, trabalhos, humilhações, contradições, cansaços, sofrimentos de todo tipo, e finalmente derramou o seu sangue até a última gota para salvar almas? O que poderemos responder nós que nos entregamos a um tranquilo repouso e talvez a passatempos e quem sabe a coisas piores?

Que situação terrível a de um sacerdote quando comparecer diante do Juiz Divino que lhe dirá: "Olha lá em baixo o mundo: quantas almas caminham pelo caminho da iniquidade e batem à estrada da perdição. Estão na má vida por culpa tua: tu não te ocupaste em fazer-lhes ouvir a voz do dever, não as procuraste, não as salvaste. Outras por ignorância, de pecado em pecado, já estão no inferno. Oh! Vê quão grande é seu número. Aquelas almas gritam por vingança contra ti. Agora, servo infiel, *serve nequam,* presta-me contas. Presta-me contas daquele tesouro precioso que te confiei, que custou minha paixão, meu sangue, minha morte. Tua alma seja pela alma de quem por culpa tua se perdeu: *Erit anima tua pro anima illius*".

Não, porém, meu bom Jesus, nós esperamos na vossa graça e na vossa infinita misericórdia que não haja esta reprovação para nós. Nós estamos intimamente persuadidos do grande dever que nos obriga de instruir as almas para que por culpa nossa não se percam miseravelmente. Por isso, para o futuro, por todo o tempo de nossa vida mortal, teremos a maior solicitude a fim de que nenhuma alma se perca por culpa nossa. Deveremos enfrentar fadigas, trabalhos, pobreza, desgostos, perseguições e também a morte? Faremos tudo isso de bom grado, porque vós nos destes luminoso exemplo. Mas vós, ó Deus de bondade e de clemência, infundi em nossos corações o verdadeiro zelo sacerdotal e fazei com que sejamos constantes imitadores do Santo que hoje escolhemos como nosso modelo; e quando chegar o grande dia em que deveremos nos apresentar diante do vosso divino tribunal para sermos julgados, possamos ouvir, não o lamento da reprovação, mas uma palavra de conforto e de consolação.

E vós, glorioso São Filipe, dignai-vos interceder por mim, vosso indigno devoto, intercedei por todos estes zelosos sacerdotes que tiveram a bondade de me ouvir, e fazei que no fim da vida todos possamos ouvir as consoladoras palavras: Salvaste almas? Salvaste a tua! *Animam salvasti, animam tuam praedestinasti.*

SEXTA SEÇÃO

TESTAMENTO ESPIRITUAL

Apresentação

A sexta seção contém a parte mais substanciosa do que na tradição salesiana se qualifica como "Testamento espiritual". Trata-se de um caderno de anotações, intitulado Memórias desde 1841 até 1884-5-6 pelo sacerdote João Bosco aos seus filhos salesianos[1]*, no qual o Santo, em tempos diversos, especialmente durante os últimos anos de vida, escreveu exortações e lembranças para os discípulos, os benfeitores e os Cooperadores.*

Nas primeiras páginas do caderno são registrados os propósitos formulados por Dom Bosco por ocasião da ordenação sacerdotal (5 de junho de 1841) e durante os exercícios espirituais do verão de 1842 (n. 298): documento raro e interessante dos passos iniciais do jovem sacerdote, antes das suas opções definitivas no campo de trabalho.

Seguem sete breves textos de significado notável (nn. 299-305), nos quais é possível colher uma visão de síntese da vocação e da missão salesiana, junto com a indicação de perspetivas consideradas relevantes para uma fidelidade dinâmica: a determinação de permanecer firmes na vocação até a morte; a importância da observância exata das Constituições; a fuga do triunfalismo, conscientes de que todo sucesso é um dom de Deus; o liame entre missão salesiana e devoção mariana, com o empenho de alimentar e difundir essa devoção; o cuidado das vocações, formando jovens ao desejo "de se consagrarem ao Senhor na juventude" e ao desapego do mundo e dos seus enganos; a missão do diretor salesiano como modelo e alma das comunidades, com função prevalentemene formativa; o cuidado da caridade fraterna; evitar as "comodidades" e o "bem-estar", porque são perigos letais para a sobrevivência da Congregação; a atenção privilegiada aos "meninos mais pobres, mais expostos a perigos da sociedade"; a administração sábia das casas e dos bens; o primado do trabalho para salvação das almas; o sentido de gratidão pelos benfeitores, os Cooperadores e os colaboradores: sem a sua caridade nada se teria feito, com a sua colaboração a Obra Salesiana poderá continuar segura na história.

[1] Edição crítica em Giovanni Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 ai suoi figliuoli Salesiani*. Por Francesco Motto, em *DBE, Scritti*, pp. 391-438.

297. Propósitos tomados pelo jovem Dom Bosco por ocasião dos exercícios espirituais

Edição crítica em Giovanni Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 a' suoi figliuoli salesiani.* Por Francisco Motto, em *DBE, Scritti*, pp. 399-401.

Comecei os exercícios espirituais na casa da Missão no dia 26 de maio, festa de São Filipe Neri, de 1841.

A sagrada ordenação foi feita por dom Luís Fransoni, nosso arcebispo, no seu palácio episcopal, no dia 5 de junho daquele ano.

A primeira missa foi celebrada na igreja de São Francisco de Assis, assistida pelo meu insigne benfeitor [e] diretor padre José Cafasso, de Castelnuovo d'Asti, no dia 6 de junho, domingo da Santíssima Trindade.

A conclusão dos exercícios espirituais feitos em preparação à celebração da primeira santa missa foi esta: o padre não vai sozinho para o céu, nem vai sozinho para o inferno. Se fizer o bem, irá para o céu com as almas que ele salvou mediante o seu bom exemplo; se fizer o mal, se der escândalo, irá para a perdição com as almas condenadas pelo seu escândalo.

Resoluções

1° Nunca dar passeios, a não ser por graves necessidades: visitas aos doentes, etc.

2° Ocupar rigorosamente bem o tempo.

3° Sofrer, fazer, humilhar-se em tudo e sempre, quando se tratar de salvar almas.

4° A caridade e a doçura de São Francisco de Sales me guiem em tudo.

5° Haverei de me mostrar sempre contente com os alimentos que me forem preparados, contanto que não sejam nocivos à saúde.

6° Beberei vinho com um pouco de água e somente como remédio: quer dizer, somente quando e quanto for exigido pela saúde.

7° O trabalho é uma arma poderosa contra os inimigos da alma, por isso, não concederei ao corpo mais do que cinco horas de sono por noite. Ao longo do dia, especialmene depois do almoço, nunca irei repousar. Farei alguma exceção em caso de doença.

8° Todos os dias dedicarei algum tempo à meditação, à leitura espiritual. Ao longo do dia farei uma breve visita ou pelo menos uma oração ao Santíssimo

Sacramento. Farei pelo menos um quarto de hora de preparação para a missa e outro quarto de hora de agradecimento.

9º Nunca me deterei a conversar com mulheres, fora do caso de ouvi-las em confissão ou de alguma necessidade espiritual.

Estes propósitos foram escritos em 1841.

1842 – Breviário e confissão

Procurarei recitar devotamente o breviário, de preferência na igreja a fim de que sirva como visita ao Santíssimo Sacramento.

Haverei de me aproximar do sacramento da penitência cada oito dias e procurarei praticar os propósitos cada vez que me confessar.

Quando for solicitado a ouvir as confissões dos fiéis, se houver pressa, interromperei o santo ofício e também abreviarei a preparação e o agradecimento da missa a fim de estar disponível para exercer este sagrado ministério.

298. Adeus, meus queridos e amados filhos em Jesus Cristo

Edição crítica em Giovanni Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6...*, in *DBE, Scritti*, pp. 410-411.

Antes de partir para a minha eternidade, devo cumprir alguns deveres para convosco e assim satisfazer o grande desejo do meu coração. Antes de mais nada, agradeço-vos com o mais vivo afeto do coração a obediência que me prestastes e todo o trabalho que tivestes para sustentar e propagar a nossa Congregação.

Eu vos deixo aqui na terra, mas apenas por pouco tempo. Espero da infinita misericórdia de Deus que um dia nos possamos encontrar todos na feliz eternidade. Lá vos espero.

Recomendo-vos que não choreis a minha morte. É uma dívida que todos havemos de pagar, mas depois será copiosamente recompensado todo trabalho sofrido por amor de nosso mestre, o nosso bom Jesus.

Em vez de chorar, fazei firmes e eficazes resoluções de permanecerdes fiéis à vocação até à morte. Ficai atentos e cuidai a fim de que o amor do mundo, a afeição aos parentes, tampouco o desejo de uma vida mais cômoda,

não vos levem ao grande despropósito de profanar os santos votos e assim transgredir a profissão religiosa com que nos consagramos ao Senhor. Nenhum de nós tome de novo o que demos a Deus.

Se me amastes no passado, continuai a amar-me no futuro com a exata observância das nossas Constituições.

Morreu o vosso primeiro reitor. Mas o nosso verdadeiro superior, Jesus Cristo, não morrerá. Será ele sempre o nosso mestre, nosso guia, nosso modelo. Não vos esqueçais, porém, de que a seu tempo ele mesmo será o nosso juiz e remunerador da nossa fidelidade em seu serviço.

O vosso reitor já não vive, mas será eleito outro que cuidará de vós e da vossa salvação eterna. Ouvi-o, amai-o, obedecei-lhe, rezai por ele, como fizestes para comigo.

Adeus, queridos filhos, adeus. No céu eu vos espero. Lá falaremos de Deus, de Maria, mãe e sustentadora da nossa Congregação; lá bendiremos por todo o sempre esta nossa Congregação, cujas Regras por nós observadas contribuíram poderosa e eficazmente para a nossa salvação. *Sit nomen Domini benedictum ex hoc nunc et usque in saeculum. In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum.*

299. Recomendações especiais para todos

Edição crítica em Giovanni Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6...*, in *DBE, Scritti*, pp. 414-415.

1. Recomendo calorosamente a todos os meus filhos que, tanto ao falar como ao escrever, não contem nunca nem afirmem que Dom Bosco alcançou graças de Deus ou tenha de qualquer maneira feito milagres. Cometeriam um erro prejudicial. Embora tenha sido muito generosa a bondade de Deus para comigo, todavia, não pretendi nunca conhecer nem fazer coisas sobrenaturais. Não fiz senão rezar e fazer que almas boas pedissem graças ao Senhor. Experimentei depois que foram sempre eficazes as orações e as comunhões dos nossos jovens. Deus piedoso e a sua Mãe Santíssima nos vieram em ajuda nas nossas necessidades. Isso verificou-se especialmente toda vez que estávamos na necessidade de atender os nossos meninos pobres e abandonados, e mais ainda quando suas almas se encontravam em perigo.

2. A santa Virgem Maria continuará certamente a proteger a nossa Congregação e as obras salesianas, se continuarmos a depositar a nossa confiança

nela e a promover-lhe o culto. As suas festas e mais ainda as suas solenidades, novenas, tríduos, o mês a ela consagrado, sejam sempre calorosamente inculcados em público e em particular, mediante folhetos, livros, medalhas, imagens, publicações ou simplesmente pela narração de graças e bênçãos que a nossa celeste benfeitora concede a cada momento à humanidade sofredora.

3. Duas fontes de graças para nós são: aproveitar oportunamente todas as ocasiões de que nos podemos servir para inculcar aos nossos jovens alunos que em honra de Maria se aproximem dos santos sacramentos ou pratiquem ao menos alguma obra de piedade. A assistência devota à santa missa, a visita a Jesus Sacramentado, a frequente comunhão sacramental ou ao menos espiritual, são de sumo agrado a Maria e um meio poderoso para alcançar graças especiais.

300. Aspirantes à vocação salesiana

Edição crítica em Giovanni Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6...*, in *DBE, Scritti*, pp. 418-419.

Por aspirantes nós entendemos aqueles jovens que desejam assumir um teor de vida cristã que a seu tempo os torne dignos de abraçar a Congregação Salesiana, como clérigos ou como irmãos coadjutores.

Use-se de especial cuidado para com eles. Todavia, sejam considerados desse número somente os que têm a intenção de se tornar salesianos ou pelo menos que não sejam contrários a isso, se essa for a vontade de Deus.

Haja para eles uma conferência especial pelo menos duas vezes por mês. Nessas conferências trate-se do que um jovem deve praticar ou evitar para se tornar um bom cristão. O *Jovem Instruído* fornece os principais assuntos sobre esse tema.

Não se fale a eles, porém, das nossas Regras em particular, nem dos votos, nem de abandonar a casa ou os parentes; essas coisas entrarão no coração sem necessidade de fazer delas assunto de conversa.

Mantenha-se firme o grande princípio: cedo ou tarde é preciso entregar-se a Deus, e Deus chama bem-aventurado aquele que começa a consagrar-se ao Senhor na juventude. *Beatus homo cum portaverit jugum ab adolescentia sua* [Lm 3,27]. O mundo com suas lisonjas, os parentes, os amigos, a casa, mais cedo ou mais tarde, por amor ou por força, tudo será preciso abandonar e deixar para sempre.

301. O diretor de uma casa para com os seus irmãos

Edição crítica em Giovanni Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6...*, in *DBE, Scritti*, pp. 426-428.

O diretor deve ser modelo de paciência, de caridade para com os irmãos que dele dependem e por isso:

1º Assisti-los, ajudá-los, instruí-los na maneira de cumprir os próprios deveres, nunca, porém, usando palavras ásperas ou ofensivas.

2º Demonstre ter neles grande confiança; trate com benevolência dos assuntos que lhes dizem respeito. Não faça nunca recriminações, nem dê avisos severos na presença de outrem. Procure fazer isso sempre *in camera caritatis,* ou seja, de modo suave, rigorosamente em particular.

3º Se os motivos de tais recomendações ou repreensões forem públicos, será também necessário falar publicamente; mas tanto na igreja, quanto nas conferências especiais não se façam nunca alusões pessoais. As recomendações, as repreensões, as alusões feitas abertamente ofendem e não alcançam emenda.

4º Não esqueça nunca por quanto possível as contas de consciência mensais; nessa ocasião, o diretor se torne amigo, irmão, pai dos seus dependentes. Dê a todos tempo e liberdade de apresentar as suas reflexões, exprimir as suas necessidades e intenções. Ele, por seu lado, abra a todos o coração sem nunca demonstrar nenhum rancor; nem mesmo lembre as faltas passadas, a não ser para fazer recomendações paternas ou chamar caridosamente ao dever quem se mostrar negligente.

5º Procure não tratar nunca de assuntos ligados à confissão, a menos que o irmão o peça. Em tais casos, nunca tome resoluções que afetam *o foro externo* sem antes se entender com muita clareza com o sócio interessado.

6º Na maioria dos casos, o diretor é o confessor ordinário dos irmãos. Mas com prudência procure dar ampla liberdade a quem tiver necessidade de se confessar com outro. Entretanto, fica bem entendido que tais confessores particulares devem ser sempre conhecidos e aprovados pelo superior segundo as nossas Regras.

7º Como quem procura confessores excepcionais demonstra pouca confiança no diretor, este deve abrir os olhos e prestar especial atenção à observância das Regras e não confiar a tal irmão incumbências que possam ser superiores às suas forças morais ou físicas.

N. B. O que digo aqui não se refere de modo nenhum aos confessores extraordinários que o superior, diretor, inspetor cuidarão de definir em tempo oportuno.

8º De modo geral, o diretor de uma casa trate com frequência e muita familiaridade os irmãos, insistindo na necessidade da observância uniforme das Constituições, e por quanto possível, lembre também as palavras textuais delas.

9º Em casos de doença observe o que as Regras prescrevem e as deliberações capitulares estabelecem.

10º Esqueça com facilidade os desgostos e as ofensas pessoais e com benevolência e atenções procure vencer, ou melhor, corrigir os negligentes, os desconfiados e suspeitosos. *Vince in bono malum* [Rm 12,21].

302. Recomendações fundamentais a todos os salesianos e salesianas

Edição crítica em Giovanni Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6...*, in *DBE, Scritti*, pp. 435-436.

Amai a pobreza, se quiserdes conservar em bom estado as finanças da Congregação.

Fazei que ninguém tenha de dizer: este móvel não é sinal de pobreza, esta mesa, esta roupa, este aposento não é de pobre. Quem oferece motivos razoáveis para se falar assim, causa um desastre para a nossa Congregação, que se deve sempre gloriar do voto de pobreza.

Ai de nós, se aqueles dos quais esperamos caridade puderem dizer que temos vida mais folgada que a deles.

Entende-se sempre que isso se deve praticar rigorosamente quando nos encontramos em estado normal de saúde, porque nos casos de doença devem-se usar todos os resguardos que as nossas Regras permitem.

Lembrai-vos de que será sempre um belo dia para vós quando conseguirdes vencer com benefícios um inimigo ou fazer um amigo.

Não se ponha nunca o sol sobre a vossa ira, nem deveis trazer nunca à memória as ofensas perdoadas, nunca recordar o prejuízo, a injúria esquecida. Digamos sempre de coração: *Dimitte nobis debita nostra sicut et nos dimittimus*

debitoribus nostris [Mt 6,12], mas com um esquecimento absoluto e definitivo de tudo o que no passado nos tiver causado algum ultraje. Amemos a todos com amor fraterno.

Essas coisas devem ser exemplarmente observadas por aqueles que exercem alguma autoridade sobre os outros.

303. O futuro

Edição crítica em Giovanni Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6...*, in *DBE, Scritti*, pp. 437-438.

A nossa Congregação tem pela frente um feliz porvir preparado pela divina Providência, e a sua glória será duradoura até quando se observarem fielmente as nossas Regras.

Quando começarem entre nós comodidades ou riquezas, a nossa Pia Sociedade terá encerrado a sua carreira.

O mundo nos receberá sempre com prazer enquanto as nossas solicitudes se dirigirem aos selvagens, aos meninos mais pobres, expostos a maiores perigos na sociedade. Esse é o verdadeiro conforto que ninguém invejará e ninguém nos virá arrebatar.

Não se fundem casas se não houver o pessoal necessário para a direção delas.

Não muitas casas vizinhas. Se uma estiver distante da outra os perigos são bem menores.

Começada uma missão no estrangeiro, continue-se com energia e sacrifício. O esforço deve visar sempre a criar e organizar escolas e conseguir algumas vocações para o estado eclesiástico, ou algumas irmãs entre as meninas.

A seu tempo, nossas missões irão à China, especificamente a Pequim. Mas não se esqueça que nós vamos para os meninos pobres e abandonados. Lá, entre povos desconhecidos e ignorantes do verdadeiro Deus, ver-se-ão maravilhas não imaginadas até agora, mas que Deus poderoso manifestará ao mundo.

Não se conservem propriedades estáveis além das habitações de que temos necessidade.

Quando em algum empreendimento religioso vêm a faltar os meios pecuniários, suspenda-se; continuem-se, porém, as obras começadas, assim que as nossas economias e os nossos sacrifícios o permitirem.

Quando um salesiano sucumbir e cessar de viver trabalhando pelas almas, então direis que a nossa Congregação alcançou uma grande vitória e sobre ela descerão copiosas bênçãos do céu.

304. Última saudação aos benfeitores e aos Cooperadores

Edição impressa em *Lettere circolari di DB*, pp. 46-49.

Meus queridos benfeitores e benfeitoras,

Sinto que se aproxima o fim da minha vida e está perto o dia em que deverei pagar à morte o tributo comum e descer ao sepulcro. Antes de deixar-vos para sempre nesta terra devo pagar uma dívida para convosco e assim satisfazer um grande desejo do meu coração.

A dívida que eu devo pagar é a da gratidão por tudo o que vós fizestes ao ajudar-me a educar cristãmente e a encaminhar pela estrada da virtude e do trabalho tantos jovens pobres, a fim de que sejam a consolação da família, úteis a si mesmos e à sociedade civil e particularmente a fim de que salvem a alma, tornando-se desse modo eternamente felizes.

Sem a vossa caridade eu teria feito muito pouco ou nada; ao passo que com a vossa caridade cooperamos com a graça de Deus para enxugar muitas lágrimas e salvar muitas almas. Com a vossa caridade fundamos numerosos colégios e internatos onde foram e são mantidos milhares de órfãos subtraídos ao abandono, arrancados ao perigo da irreligião e da imoralidade e, mediante uma boa educação, o estudo e a aprendizagem de uma arte, se tornaram bons cristãos e sábios cidadãos.

Com a vossa caridade criamos missões até os últimos confins da terra, na Patagônia e na Terra do Fogo, e enviamos centenas de operários evangélicos a ampliar e cultivar a vinha do Senhor.

Com a vossa caridade implantamos tipografias em várias cidades e países, publicamos para o povo milhares de cópias de livros e de impressos em defesa da verdade, para fomentar a piedade e manter os bons costumes.

Com a vossa caridade também construímos muitas capelas e igrejas, nas quais por séculos e séculos até o fim do mundo se cantarão todos os dias os louvores de Deus e da Bem-aventurada Virgem e se salvarão muitíssimas almas.

Convencido de que, depois de Deus, tudo isso e muitíssimo mais foi feito por meio da ajuda eficaz da vossa caridade, eu sinto a obrigação de dizer-vos essas coisas; por isso, antes de terminar os meus dias, quero exprimir-vos a minha mais profunda gratidão, e vos agradeço do fundo do coração.

Se vós me ajudastes com tanta bondade e perseverança, agora peço que continueis a ajudar o meu sucessor depois de minha morte. As obras que eu comecei com o vosso apoio não precisam mais de mim, mas continuam a precisar de vós e de todos os que, como vós, se dedicam a promover o bem nesta terra. A todos as confio e recomendo.

Para vos encorajar e confortar, recomendo ao meu sucessor que, nas orações em comum e em particular que se fazem e farão nas casas salesianas, sejam sempre lembrados os nossos benfeitores e as nossas benfeitoras, e que ele sempre tenha a intenção de que Deus conceda o cêntuplo da vossa caridade ainda na vida presente, junto com saúde e harmonia na família, prosperidade nos campos e nos negócios, e a libertação e o afastamento de toda desgraça.

Para vos encorajar e confortar observo ainda que a obra mais eficaz para nos obter o perdão dos pecados e garantir-nos a vida eterna é a caridade feita aos pequenos: *Uni ex minimis,* a um pequeno abandonado, como nos garante o Divino Mestre Jesus. Observo ainda como nestes tempos, sendo muito grande a falta de meios materiais para educar e fazer educar na fé e nos bons costumes os jovens mais pobres e abandonados, a Santa Virgem em pessoa se fez sua protetora e, por isso, obtém para os seus benfeitores e para as suas benfeitoras muitas graças extraordinárias espirituais e também temporais.

Eu mesmo, e comigo todos os salesianos, somos testemunhas de que muitos dos nossos benfeitores, que antes dispunham de modesta fortuna, passaram a estar bem de vida depois que começaram a ser generosos em caridade para com os nossos órfãos.

Em vista disso e com base na experiência de vários deles, de um modo e de outro, várias vezes me disseram estas palavras ou expressões semelhantes: Não quero que o senhor me agradeça quando faço caridade para os seus pobrezinhos; sou eu que devo agradecer ao senhor quando me pede para ajudar. Desde quando comecei a ajudar os seus pobres órfãos, meus bens triplicaram. Outra pessoa, o comendador Antônio Cotta, com frequência vinha pessoalmente me trazer esmolas, dizendo: Quanto mais dinheiro eu invisto nas suas obras, mais meus negócios prosperam. Eu faço experiência concreta de que Deus me dá também na vida presente o cêntuplo do que eu dou por seu amor. Esse senhor foi nosso insigne benfeitor até a idade de 86 anos, quando Deus o chamou para a vida eterna a fim de lá gozar do fruto da sua beneficência.

Embora cansando e esgotado de forças, eu nunca acabaria de falar-vos e recomendar-vos os meus meninos, que estou para deixar; todavia, devo terminar e depor a pena.

Adeus, meus queridos benfeitores, Cooperadores Salesianos e Cooperadoras, adeus.

A muitos de vós eu não pude conhecer pessoalmente nesta vida, mas não importa: no outro mundo todos nos conheceremos e eternamente nos alegraremos juntos pelo bem que com a graça de Deus fizemos nesta terra, especialmente para o bem da juventude pobre.

Se depois da minha morte, a divina misericórdia, pelos méritos de Jesus Cristo e *pela* proteção de Maria Auxiliadora, me considerar digno de ser recebido no paraíso, eu rezarei sempre por vós, pelas vossas famílias, pelos vossos entes queridos, para que um dia todos venham louvar para sempre a majestade do Criador, inebriar-se das suas divinas delícias, cantar as suas infinitas misericórdias. *Amen.*

Sempre vosso obrigadíssimo

Sac. João Bosco.

QUARTA PARTE

ESCRITOS DE ÍNDOLE BIOGRÁFICA E AUTOBIOGRÁFICA

Aos cuidados de

Aldo Giraudo

INTRODUÇÃO

Entre os escritos mais significativos de Dom Bosco, que traduzem melhor seu pensamento e a sua ação, que exprimem com mais eficácia a sua sensibilidade de sacerdote, devem-se elencar as biografias edificantes e as Memórias do Oratório.

As leituras de índole histórica e hagiográfica, feitas durante os anos do seminário e do Colégio Eclesiástico, já o tinham familiarizado com os modelos literários e o estilo da hagiografia clássica, que tinham em mente tocar o coração para edificar e estimular a imitação. Encontramo-los repetidamente, por exemplo – de maneira simplificada e aderente à vivência quotidiana concreta dos seus jovens – na adaptação dos Seis domingos em honra de São Luís Gonzaga *feita por ele no* Jovem Instruído[1].

A prática formativa também o tinha confirmado quanto à eficácia das narrações de vidas, a ponto de ele julgar oportuno recomendá-las como parte característica do método catequético usado no Oratório: "Cinco minutos antes de terminar o catecismo, ao toque da sineta, contar-se-á algum breve fato extraído da História Sagrada ou da História Eclesiástica, ou então se exporá claramente e de forma popular um apólogo ou uma comparação moral, que mostre a fealdade de algum vício ou a beleza de alguma virtude em particular" [2].

Já seu primeiro livro – o perfil moral do amigo Luís Comollo[3] *– era animado por esta intenção, como declarava explicitamente no início, dirigindo-se aos seminaristas de Chieri: "Como o exemplo das ações virtuosas vale muito mais do que qualquer discurso elegante, assim não será pouco sensato que a vós se apresente uma síntese histórica da vida de quem, tendo vivido no mesmo lugar e sob a mesma disciplina com que vós viveis, pode servir-vos de verdadeiro modelo para que possais tornar-vos dignos do fim sublime a que aspirais e ser depois ótimos levitas na vinha do Senhor"* [4].

Esta tendência para atualizar em chave educativa e espiritual o antigo provérbio latino "verba movent, exempla trahunt"*, é preciso tê-la presente como chave interpretativa de grande parte da produção editorial de fundo histórico, hagiográfico e biográfico-edificante.*

[1] Veja o n. 184.

[2] [Giovanni Bosco], *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli Esterni*. Turim, Tipografia Salesiana 1877, p. 16 (OE XXIX, 46); veja acima o n. 180.

[3] [Giovanni Bosco], *Cenni storici sulla vita del chierico Luigi Comollo morto nel seminario di hieri ammirato da tutti per le sue singolari virtù*. Escritos por um seu colega. Turim, Tipografia Speirani e Ferrero 1844 (OE I, 1-84).

[4] *Ibid.*, p. 3 (OE I, 3).

Nesta última parte reproduzimos algumas obras particularmente expressivas, que à índole edificante e didascálica somam o valor do testemunho prático – e em grande parte também autobiográfico – do modelo educativo e pastoral adotado no Oratório. Até certo ponto, essas obras representam com vivacidade a realidade de Valdocco, o mundo moral e espiritual dos jovens formados por Dom Bosco, particularmente na seção dos estudantes[5].

A primeira seção recolhe as "Vidas" dos três jovens de Dom Bosco – Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco – (nn. 306-308), na versão definitiva de Dom Bosco, precedidas pela segunda edição dos Dados históricos sobre a vida de Luís Comollo *(n. 305): documento de grande relevância para compreender o nível de consciência educativa e espiritual alcançado pelo santo educador ao concluir o primeiro decênio de atividade pastoral.*

Na segunda seção reproduzimos as Memórias do Oratório *(n. 309), seu escrito mais original e pessoal, composto entre 1873 e 1875, num momento histórico decisivo para o futuro desenvolvimento da Obra Salesiana. Nele Dom Bosco reflete sobre o caminho percorrido, relendo-o em chave providencial e carismática, para deixar aos "caríssimos filhos salesianos", mediante esse instrumento narrativo, um testamento espiritual e educativo que sirva "como norma para superar as dificuldades futuras haurindo lições do passado" e para "dar a conhecer como o próprio Deus tenha guiado cada coisa em todo o tempo".*

[5] Cf. P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…*, I, p. 555.

PRIMEIRA SEÇÃO

BIOGRAFIAS EXEMPLARES

Apresentação

Os perfis biográficos de Luís Comollo (na edição de 1854), Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco estão entre os documentos espirituais e pedagógicos mais representativos dos ideais de Dom Bosco. A narração faz emergir um horizonte de sentido, um modo de pensar e de agir bem enraizado no seu contexto cultural. Ao mesmo tempo, porém, para além das contingências históricas, evidencia uma série de elementos que iluminam melhor os traços característicos da pedagogia espiritual do Santo.

Destinatários prioritários dessas biografias edificantes eram os jovens da metade dos anos Oitocentos e os seus educadores, mas o instrumento narrativo – magistralmente dominado por Dom Bosco – permite a um leitor atento descobrir nelas um discurso mais profundo sobre a experiência dos protagonistas e sobre os seus ambientes de vida, sobre o humanismo educativo pleno e a fascinante cultura do espírito que constituem como a moldura.

Em primeiro lugar, reproduzimos a biografia de Luís Comollo (n. 305), na sua segunda edição (janeiro de 1854). É um documento de notável relevância espiritual. De fato, o Santo, que havia pouco tinha iniciado em Valdocco um internato para estudantes encaminhados ao sacerdócio, revê os Dados históricos *sobre a vida do amigo, publicados dez anos antes, para oferecer aos jovens um substancioso exemplo de vivência cristã integral, segundo as suas perspectivas. O texto básico e seu enquadramento são idênticos aos da primeira edição (1844), mas as numerosas inserções – que nesta coletânea evidenciamos em caráter cursivo (itálico) – assinalam uma relevante transposição de acento. Dom Bosco agora não está somente preocupado em relembrar o colega falecido e oferecê-lo à imitação dos seminaristas, mas tende a iluminar uma proposta de vida espiritual que considera apta para as novas gerações.*

Percorrendo os textos inseridos e suas especificações notamos a consciência amadurecida ao longo de um decênio de experiência educativa e pastoral, que lhe permite iluminar dinâmicas espirituais precisas e indicar itinerários interiores, para além do simples registro de fatos e palavras. Encontramos todos os temas religiosos mais caros a Dom Bosco, já acenados no Jovem Instruído, *mas enquadrados num tecido de vida concreto. Nessa perspectiva é reveladora a recomendação*

acrescentada por Dom Bosco ao pé do Regulamento da Companhia da Imaculada (1856), escrito por José Bongiovanni, Domingos Savio e companheiros: "Antes de aceitar alguém, fazer-lhe ler a vida de Luís Comollo" [6]*. Ele se referia precisamente a esta edição.*

Quanto à figura de São Luís Gonzaga, o jovem Comollo podia servir como modelo mais eloquente e estimulante: perfeito imitador do Santo na totalidade da entrega a Deus e na tensão ascética e virtuosa, mas situado numa moldura histórica, cultural e social mais próxima dos jovens leitores. A publicação da vida de Domingos Savio (1859) porá na sombra a figura de Comollo, mas também demonstrará quanto impacto teve esta pequena biografia do santo adolescente.

A segunda fonte inserida nesta seção é a vida de Domingos Savio (n. 306), na última edição cuidada pessoalmente por Dom Bosco (1878). Nota-se nela a consolidação e a especificação dos itinerários formativos do Oratório, "a chegada e a proposta de um modelo vivo de espiritualidade juvenil excelente, encarnado na sua vicissitude terrena e na biografia" do jovem aluno[7]*. Domingos exprime, "na sua realidade concreta, uma santidade cristã típica de adolescente, realizada de forma plena", e Dom Bosco a explicita pondo-a ao alcance de outros jovens "decididos e ousados". Com a diferença, em relação ao perfil de Comollo, que esta biografia resulta também em grande parte autobiografia de Dom Bosco formador e guia espiritual, "espelho da sua espiritualidade, praticada e ensinada", ilustração do seu modo inconfundível de agir na qualidade de padre educador, de guia espiritual, "segundo uma mentalidade plasmada ao longo da formação sacerdotal, teológica e experiencial"* [8]*.*

Mas a vida de Domingos Savio, e mais ainda a simpaticíssima e atraente vida de Miguel Magone (n. 307) – o terceiro texto da seção –, são também ilustração muito eficaz do ambiente formativo, vivaz e intenso, de Valdocco, tão "saturado de humanidade simples e de espiritualidade intensa" [9]*.*

Se, na vivência espiritual de Domingos Savio, o autor reconhece, junto com os méritos da educação familiar, "o trabalho que a graça divina tinha já realizado em tão tenra idade" [10]*, dada a extraordinária receptividade do menino, na aventura espiritual de Miguel Magone ele evidencia de forma inequívoca a eficácia do próprio método educativo. A transformação moral e espiritual do adolescente*

[6] Veja acima o n. 207.
[7] P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani…*, I, p. 301.
[8] *Ibid.*, pp. 327-328.
[9] *Ibid.*, p. 329.
[10] Giovanni Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales con appendice sulle grazie ottenute per sua intercessione*. Ed. 5. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1878, p. 28 (n. 306, p. 1039).

e o seu rápido progresso aparecem, de fato, em grande parte, como fruto do seu empenho como educador e guia espiritual, resultado da estratégia formativa posta em ação e da fervorosa comunidade juvenil de Valdocco na qual o "general" de Carmagnola foi inserido.*

Da vida de Francisco Besucco, O Pastorzinho dos Alpes, *referimos aqui somente a segunda parte (n. 308), pois os primeiros catorze capítulos são praticamente copiados ao pé da letra do longo testemunho enviado a Valdocco pelo pároco de Argentera. Dom Bosco intervém somente a partir do capítulo XV para frente, mas de maneira muito eficaz, a ponto de Alberto Caviglia considerar esse texto uma preciosidade: um "documento construtivo da pedagogia espiritual e moral do santo educador [...], enquanto o autor, mais do que em outro livro do mesmo tipo, se ocupa da teoria e exprime as suas ideias com a intenção expressa de ensiná-las". Na época da publicação (1864), de fato, o Santo estava "no fim da sua autoformação pedagógica, com ideias já definitivamente formuladas"* [11].

É aqui que encontramos expressa, e depois plenamente ilustrada capítulo por capítulo, a fórmula "alegria, estudo, piedade", considerada a mais completa e sintética enunciação da pedagogia espiritual de Dom Bosco. Mas é também o texto que melhor explicita as intenções espirituais do Santo, pois, "com a série episódica das devoções, ilustra o princípio básico, que é o gosto pela oração e o espírito de oração" e o mostra enquanto ele vai assumindo forma. Até o "grau mais alto e intenso, que é o da oração contínua, quando a atitude do coração faz com que a oração não cesse jamais" e o hábito de rezar se transforme "numa espécie de gravitação da mente em torno de Deus, a qual nasce do amor e da prática da presença divina" [12].

Junto com o tema da união com Deus é explicitado o conceito salesiano de mortificação dos sentidos, "que não deve ser algo a mais na vida, mas provir da própria vida, e é a vida que se vive que nos deve mortificar"; vida que Dom Bosco "concebe austera e pobre e limitada, feita de trabalho e temperança"[13]. *Dom Bosco ensina que não é preciso buscar mortificações fora da concretude da existência, mas simplesmente guardar os sentidos e acolher com paciência, fortaleza e amor tudo o que há de penoso nos deveres comuns e nas situações diárias da existência: o peso do trabalho, os limites impostos pela nossa condição, as angulosidades do próximo, as obras cansativas, as pequenas humilhações, os incômodos de saúde.*

[11] Alberto Caviglia, "La vita di Besucco Francesco scritta da don Bosco", em *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*. Vol. VI. Turim, Società Editrice Internazionale 1965, p. 16.
[12] *Ibid.*, pp. 200-201.
[13] *Ibid.*, p. 207.
* Qualificativo dado a Miguel Magone, natural de Carmagnola, dotado de grande liderança entre os colegas.

305. Vida de Luís Comollo*

Edição impressa em Giovanni Bosco, *Cenni sulla vita del giovane Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue rare virtù.* Turim, Tipografia P. De-Agostini 1854.

Ao leitor [14]

O exemplo de ações virtuosas e boas vale mais do que qualquer discurso elegante e floreado. Por isso não deixarão de ser úteis alguns traços biográficos de um jovem que em pouco tempo de vida praticou *virtudes tão belas que ele pode ser proposto como modelo a todo o fiel cristão desejoso de alcançar o prêmio eterno. Não se encontram em sua vida fatos extraordinários, mas tudo é feito com tal perfeição que se podem aplicar ao jovem Comollo estas palavras do Espírito Santo: "Qui timet Deum nihil negligit"*[15]*: quem teme a Deus, nada descuida do que lhe possa ser de auxílio para progredir nas vias do Senhor.*

No relato desta vida há muitos fatos e poucas reflexões, permitindo-se assim que cada um aplique a si mesmo o que parecer mais apropriado ao seu modo de viver. O que aqui se lê, foi quase tudo escrito contemporaneamente à sua morte e publicado em 1844[16]*; consola-me bastante o pensamento de poder assegurar a veracidade do que escrevo.* São fatos conhecidos, ouvidos e vistos por mim mesmo ou por pessoas de cuja fé não se pode duvidar.

Lê de boa mente, leitor cristão, e se te detiveres a meditar um pouco no que leres, encontrarás com certeza algo que te agrade e te sirva para exemplo de vida verdadeiramente cristã. E se ao ler estas páginas te sentires animado a seguir alguma das virtudes aqui ilustradas, dá glória a Deus, a quem consagro estas pobres páginas, enquanto peço te seja propício.

[14] Indicamos em itálico os acréscimos mais importantes feitos por Dom Bosco em 1854 em relação ao texto da primeira edição (1844).

[15] Citação da Vulgata (Eclo 7,19); cf. Ecl 7,18.

[16] [Giovanni Bosco], *Cenni storici sulla vita del cheirico Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue singolari virtù.* Scritti da un collega, Turim, Tipografia Speirani e Ferrero 1844 (OE I, 1-84). É o primeiro livro publicado (anônimo) por Dom Bosco.

* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde basicamente à que se encontra na coleção das "Leituras Católicas": SÃO JOÃO BOSCO, *Vida do clérigo Luís Comollo.* Ano 50, Fascículo 602, Escolas Profissionais Salesianas, Niterói 1940, pp. 3-132; foram introduzidas inúmeras adaptações para a nossa linguagem atual.

Capítulo I – Infância de Luís Comollo

Na aldeia de Pra, que faz parte do fértil município de Cinzano[17] e da diocese de Turim, nasceu Luís Comollo a 7 de abril de 1817. Foram seus pais Carlos e Joana Comollo, *ambos camponeses.* Embora de condição não muito abastada, possuíam bens mais apreciáveis do que as riquezas: a virtude e o temor de Deus. Ao nosso Luís, deu-lhe a natureza uma alma boa, coração generoso, índole dócil, de maneira que, apenas chegado ao uso da razão, começaram a despertar nele os primeiros indícios das virtudes e da devoção, que se foram aperfeiçoando durante toda a sua vida. Apenas soube pronunciar os santos nomes de Jesus e de Maria, teve-os como objeto de amor e respeito. Ao rezar, não mostrava jamais o aborrecimento ou a preguiça próprias de crianças; antes, quanto mais compridas eram as orações, mais ficava alegre e satisfeito. *Muitas vezes, terminadas as orações de costume, dizia: "Mamãe, ainda um* Pai-nosso *pelas pobres almas do Purgatório".*

Aprendeu com facilidade a ler e escrever, *e tendo a caridade se enraizado profundamente em seu coração, serviu-se logo dessa primeira instrução para a sua própria vantagem espiritual e para a do próximo.* Nos dias festivos, enquanto os outros meninos iam de cá para lá a se divertirem, ele, reunindo alguns ao redor de si, entretinha-os lendo algum bom livro, explicando o que sabia ou então contando algum exemplo edificante. Com isso conquistou a estima e o respeito de seus coetâneos de modo que estando ele presente ninguém ousava proferir palavras inconvenientes ou pouco honestas. E se isso acontecia inadvertidamente, logo alguém dizia: "Silêncio, que Luís está ouvindo". Aproximando-se ele, cessava qualquer conversa menos decorosa. Ao ouvir palavras ofensivas aos bons costumes ou à religião, dizia com sua admirável afabilidade: "Não faleis assim, isso não fica bem na boca de um jovem cristão".

Conforme exigia sua condição, Comollo conduzia o gado ao pasto, mas sempre longe das pessoas de outro sexo, e levava junto um livrinho espiritual que lia sozinho ou com outros companheiros. Enquanto edificava os outros com o bom exemplo, era de admiração para as pessoas virtuosas, que se maravilhavam de tamanha virtude num jovem de tão pouca idade.

"Eu tinha um filho, narra um pai, que já não sabia mais o que fazer com ele; tinha-o tratado com doçura e com severidade, mas tudo foi em vão. Veio-me à mente o pensamento de mandá-lo a Luís, para ver se ele podia torná-lo mais dócil e deixasse de ser para mim causa de desgosto. Meu filho, a princípio, mostrava-se esquivo à convivência de quem tão pouco favorecia os

[17] Cinzano é um povoado agrícola da província e da diocese de Turim, a 28 km da capital; em 1839 tinha 660 habitantes.

seus desejos. Mas logo, atraído pelas delicadezas de Luís, tornou-se seu amigo e companheiro na prática das virtudes, e ainda hoje mostra a docilidade e os bons costumes aprendidos com aquela alma boa de Comollo.

Notável era a obediência aos seus pais. Pronto e atento a tudo o que lhe era ordenado pelos seus pais, ansioso esperava suas ordens, procurando até com toda a solicitude adivinhar-lhes os menores desejos. Quando seus pais se mostravam aflitos por causa da seca, das tempestades ou da perdas de gado, era Luís quem os animava a receber como uma graça de Deus o que acontecia. "Precisávamos disso, dizia; todas as vezes que nos fere a mão do Senhor, ele nos trata com grande bondade; é sinal de que se recorda de nós e quer que nos recordemos dele".

Jamais se afastou de seus pais sem licença explícita, que ele acatava com todo cuidado. Uma vez foi visitar alguns parentes com permissão de lá ficar só por algumas horas. Encantados com sua amabilidade, os parentes não lhe permitiram voltar a tempo. Causou-lhe isso tal mágoa que se retirou a um canto chorando por se ver obrigado a desobedecer. Apenas chegou em casa pediu logo perdão da desobediência involuntariamente cometida.

Afastava-se às vezes da presença dos outros e ia esconder-se em algum canto da casa para rezar ou refletir. "Eu o vi diversas vezes, afirma uma pessoa que foi educada com ele, comer depressa, cumprir rapidamente suas obrigações, e enquanto os outros gozavam de um pouco de recreio, ele, alegando algum pretexto, ia esconder-se em algum buraco entre as videiras, se estava no campo, ou no paiol, se em casa, e ali se entretinha rezando ou lendo livros de devoção". Pois também entre a gente do campo Deus sabe guiar os rudes e ignorantes pelos sublimes caminhos da santidade.

A essas belas provas de virtude somavam-se estreitamente os sinais de verdadeira devoção e grande amor para as coisas de religião. Notou-se isso desde o tempo de sua primeira confissão. Feito um cuidadoso exame de consciência, em seguida, foi-se apresentar ao confessor. Quando se achou na presença do sacerdote sentiu tal confusão, unida ao respeito por esse sacramento, tal apreensão pelas suas faltas (se faltas ele tinha...), tão grande dor pelos seus pecados que rompeu num copioso pranto e teve necessidade de ajuda para principiar e continuar sua confissão.

Com igual edificação dos presentes fez sua primeira comunhão. Desde então se afeiçoou a estes dois sacramentos de tal modo que sentia grande consolação em recebê-los. *A respeito disso costumava confidenciar a um seu colega: "A confissão e a comunhão foi o que me sustentou durante os anos perigosos da minha juventude"*.

Por mais que comungasse com frequência, todavia, não podendo saciar todos os dias seu amor fervoroso por Jesus, encontrou uma bela solução na comunhão espiritual. De fato, quando se tornou clérigo, no seminário, ele repetia com frequência: foi por causa da insigne obra de Santo Afonso, *Visitas ao Santíssimo Sacramento,* que aprendi a fazer a comunhão espiritual. Posso dizer que ela foi o meu conforto em todos os perigos a que estava sujeito enquanto vivia fora do seminário.

À comunhão espiritual e sacramental unia frequentes visitas às igrejas e ali se sentia tão compenetrado pela presença de Jesus que com frequência chegava a passar horas inteiras desafogando seus fervorosos e ternos afetos.

Alguém, admirado, poderia perguntar: como um jovem de tão pouca idade aprendeu a praticar tão belas virtudes? Dou logo a resposta. Tinha ele um tio chamado José Comollo[18], de santa memória, pároco de Cinzano, alma verdadeiramente boa, que não procurava senão o bem das almas confiadas aos seus cuidados. Esse sacerdote estimava seu sobrinho e este o amava ternamente. Luís, guiado nas coisas espirituais e temporais por diretor tão santo, ia copiando suas virtudes à medida que crescia nos anos. Com frequência seu tio o mandava para a igreja desempenhar alguma incumbência, ou então ele mesmo por própria conta ia até lá sob o pretexto de alguma coisa a fazer, mas nunca saía sem antes se entreter certo tempo com o seu Jesus e recomendar-se à sua querida mãe Maria. Não havia solenidade, catecismo ou sermão, bênção do Santíssimo ou outra celebração sem que ele participasse de ânimo alegre e contente por prestar os serviços de que era capaz.

Por ser Comollo completamente alheio às frivolidades próprias da juventude, paciente e tranquilo, acontecesse o que acontecesse, afável com os iguais, modesto e respeitoso para com os superiores, obediente a todos, entregue às práticas de piedade, sempre pronto a prestar na igreja os serviços compatíveis com sua idade, tudo fazia pressagiar que o Senhor o destinava a um estado de maior perfeição. Luís, muito compenetrado da grande importância que se deve dar à escolha duma carreira, consultou, por diversas vezes, seu tio pároco a quem confiava todos os segredos do seu coração. Respondendo este que, pelo que se podia saber, Deus o chamava ao estado eclesiástico, ficou muito contente, pois também era esse o seu ardente desejo. Seu tio, vendo-o tão disposto, quis auxiliá-lo em seus santos desejos. Um dia chamou-o e lhe disse: "Tens, então, firme vontade de tornar-te sacerdote?". Luís respondeu: "É só isso que desejo e nada mais". "E por quê?". "Porque, sendo os sacerdotes os que abrem as portas do paraíso aos outros, espero depois abri-las também para mim".

[18] Padre José Comollo (1768-1843).

Foi, então, enviado a Caselle, próximo de Ciriè, onde, aperfeiçoando sempre as virtudes que o tornavam em qualquer lugar modelo de vida cristã, foi também causa de admiração a quantos o conheceram. Ali se aplicou intensamente ao espírito de mortificação. Desde pequeno costumava oferecer ramalhetes espirituais a Nossa Senhora, privando-se de alguma comida, de frutas ou de qualquer coisa que lhe dessem para comer. "Isso, dizia, é preciso ofertar a Maria". Em Caselle foi mais adiante; além de oferecer todas as semanas a Maria jejuns, muitas vezes, durante as refeições ao meio-dia e à noite, se retirava da mesa no melhor da festa. Era suficiente que se levasse à mesa algum prato do seu agrado para que o não comesse e isso sempre por amor de Maria.

Esse modo de vida contribuiu eficazmente para o seu progresso nos estudos e na piedade, porque é um fato provado por longa experiência que a sobriedade é para os jovens, especialmente para os estudantes, de grande utilidade para a saúde corporal e para o bem da alma.

Capítulo II – Estudos em Chieri

No começo do ano escolar de 1835, *quando estudava em Chieri, achei-me casualmente numa pensão, onde se falava das boas qualidades de alguns estudantes.* "Disseram-me, começou a narrar o dono da casa, disseram-me que à casa de fulano deve chegar um estudante muito santo". Eu sorri, tomando a coisa em brincadeira. "É verdade, acrescentou ele, esse estudante deve ser sobrinho do vigário de Cinzano, e é jovem de assinalada virtude".

Não dei grande importância a essas palavras, até que um fato notável fez com que eu me lembrasse de novo. Havia vários dias que eu notava um estudante (seu nome ainda não me era conhecido) que mostrava tanta compostura na pessoa, modéstia no caminhar pelas ruas, afabilidade e cortesia no falar, que eu estava maravilhado. Aumentou a minha admiração quando observei sua exatidão no cumprir os deveres e sua pontualidade no comparecer às aulas. Chegado ao colégio, colocava-se logo no seu lugar e dali não se movia senão para executar o que lhe ordenava o dever. É costume dos estudantes passar o tempo antes da entrada em brincadeiras, jogos e saltos perigosos *e às vezes imorais.* A isso também era convidado o nosso jovenzinho. Ele, porém, sempre se escusava dizendo que não estava acostumado, nem tinha a necessária destreza.

Não obstante isso, um dia, um companheiro aproximou-se dele e, com palavras e empurrões, quis obrigá-lo a tomar parte nesses jogos e saltos imoderados. "Não, meu caro, respondeu ele docemente, não tenho experiência e farei uma triste figura". O impertinente companheiro quando viu que ele

não queria ceder, deu-lhe com intolerável insolência uma bofetada no rosto. Fiquei espantado, e sendo o provocador inferior em força e idade ao provocado, esperava que este lhe pagasse na mesma moeda. Mas o ofendido tinha um espírito bem diferente: voltando-se para quem nele batera, contentou-se em dizer: "Se te basta isso, vai-te, que eu estou contente". Isso me fez lembrar o que ouvira a respeito do tal estudante santo que devia chegar. Perguntei-lhe o nome e o lugar de origem e soube que era o jovem Comollo, cujos louvores eu ouvira na pensão.

De um coração tão bem formado, de um procedimento tão bem regrado, é fácil deduzir-se qual foi a diligência e aplicação de Comollo, e não saberia expressar melhor do que com as seguintes palavras de seu e meu benemérito professor[19].

"Embora o caráter e a índole do ótimo jovem Comollo sejam mais conhecidos a vossa senhoria que o teve como condiscípulo e pôde observá-lo mais de perto, todavia, de bom grado, mando-lhe nesta carta o parecer que dele formei desde quando o tive como aluno durante os anos de 1835 e 1836 nas classes de Chieri. Foi um jovem de grande inteligência e prendado pela natureza com índole muito dócil. Cultivou com admirável diligência a piedade, e mostrou-se sempre atentíssimo a qualquer ensinamento, e era tão vigilante e escrupuloso no cumprir seus deveres que não recordo de tê-lo repreendido alguma vez, mesmo por alguma negligência mínima".

"Nunca o vi discutir com seus companheiros; antes, vi-o responder às injúrias e zombarias com bondade e paciência. Poderia ser de exemplo para qualquer jovem pelo seu casto procedimento, pronta obediência e admirável docilidade; por isso, fiz-lhe um ótimo prognóstico quando da sua entrada na carreira eclesiástica. Considerava-o como destinado a confortar a velhice de seu venerando tio, o pároco de Cinzano, que o amava ternamente e que soube semear em seu coração tão exímias virtudes. Causou-me, portanto, grande dor a notícia de sua morte, e somente me confortou o pensamento de que em breve tempo, com suas virtudes, percorreu antecipadamente uma longa carreira. Talvez, Deus quis chamá-lo a si com morte prematura porque o viu provido de muitos méritos, e nisso nós devemos venerar sua divina vontade".

"Vossa senhoria me pede que eu diga algo de singular que eu possa ter observado nele. Mas o que poderia dizer de mais singular do que a sua uniformidade e constância numa idade tão volúvel e tão sequiosa de novidades e mudanças? Desde o primeiro dia que entrou para a minha classe até o último,

[19] "Professor de Comollo era o teólogo João Bosco (1812-1889] de Chieri, atualmente professor de filosofia na Academia Militar de Turim (nota no texto original).

pelo espaço de quatro anos, foi sempre o mesmo, sempre bom, sempre pronto à prática da virtude, da piedade, da diligência". Assim fala o seu professor.

Esses belos dotes não eram menos conhecidos fora da escola. "Notei no jovem Comollo, refere o dono da pensão em que ele morava, o complexo de todas as virtudes, próprias não só da sua idade, mas de uma pessoa que se exercitou nelas desde longo tempo. De caráter sempre igual e alegre, imperturbável diante de qualquer acontecimento, não deu jamais a conhecer o que era de seu gosto. Mostrando-se sempre contente do que se lhe oferecia, nunca o ouvi dizer: isto está muito insípido, ou então, faz muito calor ou muito frio; jamais se ouviram de sua boca palavras pouco honestas ou imoderadas. Falava de bom grado de coisas espirituais e se alguém começava a falar sobre religião exigia que se falasse dos ministros sagrados com máxima reverência e respeito".

"Muito amante do recolhimento, não saía de casa *sem licença do próprio dono da pensão,* dizendo-lhe o tempo, o lugar e o motivo por que se ausentava. Em todo o tempo que morou na minha casa foi de estímulo para os outros viverem virtuosos, e causou não leve tristeza a todos quando teve de mudar de habitação para vestir o hábito eclesiástico e ir para o seminário, privando-nos assim de um raro exemplo de virtude".

Também eu posso dizer a mesma coisa, porque em várias ocasiões que falei ou me entretive com ele, jamais o ouvi queixar-se das mudanças do tempo ou das estações, do muito trabalho ou do muito estudo; antes, quando tinha um pouco de tempo livre, ia logo em busca de algum companheiro para que este lhe esclarecesse alguma dificuldade ou para falar de assuntos escolares ou religiosos.

Não menor era o empenho pela observância religiosa e pela vigilância em tudo o que dizia respeito às coisas de piedade. Eis o que escreve o diretor espiritual do colégio, que de certo pôde conhecê-lo intimamente[20].

"Vossa Senhoria me pediu notícias de um jovem cuja memória me é caríssima; por isso é coisa muito agradável responder-lhe. O jovem Comollo não foi nenhum desses com os quais se devem usar palavras evasivas ou de quem se receie dar os mais belos testemunhos. Vossa Senhoria sabe que pertenceu a uma classe, distinta entre as outras, de estudantes entregues à piedade e ao estudo, mas entre eles brilhou e sobressaiu-se Luís Comollo. Sinto muito

[20] "Diretor espiritual do colégio de Chieri, então era o senhor padre Francisco Calosso [1807-1888], atualmente prior beneficiado da colegiada, pessoa totalmente dedicada a obras de zelo e de piedade" (nota no texto original).

a morte do prefeito dos estudos, o professor Rubiola[21], que nos poderia narrar muitos fatos da vida de Comollo, quer quanto aos estudos, quer quanto a seu procedimento exemplar, ainda fora do colégio".

"Quanto a mim, além de assegurar que não tive jamais motivo para repreendê-lo, nem sequer por faltas leves, posso asseverar que, sendo ele assíduo às celebrações e aos santos sacramentos da confissão e comunhão, sempre atento às divinas palavras, muito devoto no assistir à missa e aos ofícios divinos, diligente nos deveres de piedade, exemplar em todas as virtudes, não duvidaria em apresentá-lo como luminoso espelho e modelo a todos os outros estudantes. Por quanto permitia sua classe, no ano de retórica foi-lhe confiado um cargo que se dava somente aos estudantes mais distintos pela piedade e pela aplicação".

"Desejava-se então, e deseja-se ainda hoje, um estudante de caráter e costumes iguais aos de Luís Comollo. Seu nome lembrava São Luís Gonzaga e copiou-lhe muitas virtudes. A mim nunca se pediram notícias de algum estudante a respeito do qual eu as tenha dado de tão boa vontade como no caso deste. Posso dizer dele todo o bem possível num jovem. *Raptus est, ne malitia mutaret intellectum ejus.* [Sb 4,11]. Espero que agora no céu esteja rezando por mim". Até aqui o diretor espiritual do ginásio e liceu de Chieri.

Por essas referências do seu professor e do diretor do colégio pode-se concluir que o procedimento de Luís era um complexo de virtudes, pequenas sim, mas praticadas de tal modo que todos o admiravam como espelho de singular brilho. Acrescento aqui algumas coisas observadas particularmente por mim no seu procedimento externo. Terminados apenas os exercícios de piedade, que nos dias festivos se faziam na capela da casa de estudos, a maioria dos estudantes ia para o passeio ou a qualquer outra diversão. Comollo, *persuadido de poder dispensar esses divertimentos,* ia logo ao catecismo dos meninos que se costumava fazer na igreja dos padres jesuítas, que ele assistia devotamente, como fazia com todas as celebrações de igreja.

Fosse dom da índole feliz que lhe dera a natureza ou o mérito de virtude adquirido com refrear a si mesmo, parecia estar nele extinta essa curiosidade e desejo de ver e ouvir, comum geralmente aos que vêm das aldeias para as cidades, e, além disso, próprio da idade juvenil. Ia para o colégio e voltava todo recolhido e modesto, e não andava com os olhos ou com a pessoa, vagueando cá e acolá, a não ser para prestar o devido respeito aos superiores, às igrejas, a qualquer imagem ou pintura da Santíssima Virgem. Não sucedeu jamais que passasse diante desses objetos religiosos sem descobrir a cabeça.

[21] Deveria dizer: Raviola. O prof. Padre Vicente Raviola [1768-1830]; antes de 1802 era frade menor no convento de Santa Maria da Paz, em Chieri.

Muitas vezes acompanhando-o, vi-o tirar o chapéu, sem saber eu o motivo; mas depois olhando com atenção, descobria aqui ou ali, nalguma parede, a efígie de Maria. Já se estava no fim do curso de retórica, quando o interroguei acerca das coisas mais importantes e dos monumentos mais conhecidos da cidade: ele me respondeu que não estava informado disso, como se fosse um estrangeiro.

– Oh! disse-lhe então, tantas pessoas vêm de longe para ver as raridades de Chieri e tu que habitas aqui não cuidas nem sequer de visitá-las.

– Eh! meu caro, disse-me brincando, o que não é útil para amanhã, pouco me importa procurá-lo hoje: querendo com isso dizer que, se tais raridades contribuíssem para os bens eternos, que eram o seu amanhã, ele não as teria descuidado.

De fato, quanto mais Comollo era alheio às curiosidades e ocupações temporais, tanto mais era informado e instruído nas coisas da Igreja. Não se fazia exposição das *Quarenta Horas*, ou outra celebração religiosa pública, que ele não soubesse e na qual, se o tempo lhe permitia, não tomasse parte. Tinha seu horário para rezar e para a leitura espiritual e visita ao Santíssimo Sacramento, e seguia-o escrupulosamente. Algumas circunstâncias quiseram que por muitos meses fosse eu à catedral justamente na hora em que Comollo também se dirigia para lá a fim de fazer suas costumeiras orações.

Agrada-me aqui descrever sua posição. Colocava-se em algum canto, o mais perto que lhe era possível do altar, de joelhos, com as mãos postas, a cabeça um pouco inclinada, os olhos baixos e com o corpo imóvel; insensível a qualquer voz ou rumor. Frequentes vezes, cumpridos os meus deveres, quis convidá-lo para voltarmos juntos. Para isso, fazia-lhe sinal com a cabeça, passando-lhe perto, ou tossia para que se movesse. Ele, porém, permanecia sempre imóvel até que, aproximando-me, tocava nele. Então, como que despertado dum sonho, movia-se e embora a contra gosto, aderia ao meu convite. Servia de boa vontade à santa missa nos dias de aula; mas, no tempo das férias, servir a quatro ou cinco, era para ele coisa normal.

Embora tão compenetrado nas coisas espirituais, nunca foi visto com o rosto carregado ou triste, mas sempre alegre e contente. Gostava de dizer que lhe agradavam muito as palavras do profeta Davi: "*Servite Domino in laetitia*": *servi ao Senhor em santa alegria* [22]. Falava com prazer de história, de poesia, das dificuldades das línguas italiana e latina, e isso de maneira tão humilde e jovial que, enquanto dava seu parecer, mostrava estar disposto a submetê-lo ao dos outros.

[22] Sl 99,2.

Tinha um companheiro de sua especial confiança para tratar de coisas espirituais. Tratar com ele de tais argumentos, era-lhe de grande consolação. Falava com transporte de imenso amor acerca de Jesus, nosso alimento na santa comunhão. Quando discorria sobre a Santa Virgem, ficava comovido, e, depois de ter narrado ou ouvido contar algum favor concedido ao corpo, ele, no fim, com o rosto abrasado, e, às vezes, derramando lágrimas, dizia: "Se a Virgem favorece tanto este corpo miserável, que não fará pelas almas que a invocam? *Oh! se todos os homens fossem verdadeiros devotos de Nossa Senhora, que felicidade haveria no mundo!".*

Era tal a sua estima para com as coisas de religião, que não só não suportava que se falasse delas com desprezo, mas nem sequer com indiferença. A mim mesmo aconteceu uma vez que, brincando, me servi de palavras da Sagrada Escritura, e ele logo me repreendeu, dizendo que não devia brincar com as palavras do Senhor.

Quando alguém queria narrar algum fato acerca dos padres, Comollo avisava logo que, deles, ou falar bem ou calar-se, pois que eram os ministros de Deus. Desse modo ia Luís preparando-se para a vestidura clerical de que falava sempre com veneração e alegria. "Possível, costumava dizer, que eu, miserável pastor de gado, me torne pastor de almas? Entretanto, outra coisa não desejo; isto é o que afirma o meu confessor e a minha vontade; só meus pecados dizem o contrário. Irei prestar os exames. O êxito deles será o arbítrio da vontade divina acerca de minha vocação". Recomendava-se com frequência a alguns companheiros que rezassem por ele, para que o Senhor o iluminasse e lhe fizesse conhecer se era ou não chamado ao estado eclesiástico. Assim, estimado pelos companheiros, amado pelos superiores, honrado e tido por todos como modelo de todas as virtudes, terminava no ano 1836 o curso de Retórica.

Capítulo III – Veste a batina e vai para o seminário

Eu gostaria que a preparação feita por Comollo antes de vestir o hábito clerical pudesse servir de norma aos jovens estudantes na escolha de um estado, e de modo especial aos que aspiram à carreira eclesiástica. A vocação ou chamamento ao estado sacerdotal deve vir de Deus. Portanto, o jovem não preste atenção ao que lhe podem aconselhar os parentes no interesse temporal, ou ao que pode sugerir a vanglória e o desejo das comodidades terrenas. Quereis ficar tranquilos acerca da vocação? Escolhei antes de tudo um bom confessor, a ele abri o interior de vosso coração, e por quanto for possível, não o mudeis nunca. E no momento da escolha do estado abri-lhe bem a vossa consciência, pedi seu parecer e observando-o seguireis com certeza a voz do Senhor, que nos diz no Santo Evangelho: Qui vos audit,

me audit[23]; *isto é, quem ouve a voz do diretor espiritual, ouve a voz do céu; e isso especialmente acerca das qualidades morais que são os dotes mais essenciais, até indispensáveis, para um jovem desejoso de abraçar a vida eclesiástica.*

Quanto à ciência, que também é especialmente necessária, devemos ater-nos ao juízo dos nossos examinadores e reconhecer nos exames a vontade de Deus. Assim é que fez Comollo, quando se encontrou nessa situação. Apresentando-se para o exame e obtido um êxito favorável, começou a se preparar para a vestidura clerical com os mais vivos sentimentos de piedade e fervor. Eu não saberia expressar devidamente todos os afetos de ternura que ele experimentou naquela circunstância.

Rezava, fazia com que outros rezassem por ele, jejuava, chorava com frequência, ficava muito tempo na igreja, de tal modo que, chegando o dia da sua festa (assim ele chamava o dia da sua vestidura), fez a sua confissão e comunhão, e contente mais do que se tivesse sido elevado a um cargo honroso, cheio de santa apreensão, concentrado em sentimentos religiosos, recolhido e modesto a tal ponto que parecia um anjo, vestiu o tão respeitado e desejado hábito eclesiástico[24]. Esse dia, para ele, foi sempre motivo de recordação e costumava dizer que o seu coração tinha mudado completamente: de pensativo e preocupado, tornou-se alegre e jovial, e todas as vezes que lembrava esse dia sentia seu coração invadido de terna alegria.

Entretanto, chegou o dia da abertura do seminário, para o qual entrou pontualmente e onde deveria fazer brilhar suas virtudes, não só extraordinárias, mas da forma mais perfeita. *Chegando ao seminário, imediatamente se convenceu de que não bastava o lugar para infundir a ciência e a virtude, mas é necessária a observância pontual das regras, unida ao exato cumprimento dos próprios deveres. Máxima solicitude no cumprimento dos deveres de estudo e piedade, e ardoroso desejo de mortificação foram os pensamentos que ocuparam a alma de Comollo ao longo de todo o tempo de seminário; e para não se esquecer, escreveu num pedaço de papel que levava sempre dentro do livro ou do caderno que normalmente deveria usar: "Faz muito quem faz pouco, mas faz o que deve; nada faz quem faz muito, mas não faz o que deve".*

Leu que Santo Afonso fez voto de não perder um minuto de tempo. Isso causou-lhe grande admiração e procurava com todas as forças imitá-lo. Portanto, desde o primeiro dia, entregou-se com tal diligência ao estudo e à piedade que aproveitava de todas as ocasiões e de todos os meios para ocupar exatamente o tempo. Ao som do sino interrompia qualquer coisa que estivesse fazendo para responder à voz de Deus (assim denominava o toque do sino)

[23] Lc 10,16.

[24] A vestidura ocorreu no dia 21 de outubro de 1836.

que o chamava ao dever. Aconteceu muitas vezes que, ao toque do sino, não lhe era mais possível continuar o que tinha entre as mãos, porque ficava embaraçado, sem saber o que fazer, tão enraizada estava nele a virtude da obediência.

Não falo dos superiores, aos quais obedecia com toda a presteza e alegria, sem perguntar a razão do que lhe era ordenado. Mostrava-se atencioso e dócil a qualquer ordem ou aos conselhos dos mesmos colegas assistentes, e até dos iguais, como se fossem superiores. Dado o sinal para o estudo, aí se achava com toda a pontualidade e, recolhido, aplicava-se com tal afinco ao estudo que parecia insensível a qualquer rumor, conversa ou brincadeira, e não se mexia a não ser a novo sinal do sino. Um dia um companheiro, passando-lhe detrás, derrubou de propósito sua capa. Contentou-se em dizer-lhe uma palavra para que outra vez tivesse mais cuidado. *O colega, esquecendo que também era clérigo e que a caridade manda suportar os defeitos dos outros e não ofender o próximo,* respondeu com voz alterada, com palavras ofensivas e ameaçadoras. Comollo então, sem se importar com esses insultos, inclinou-se novamente sobre sua carteira e, tranquilo, continuou a estudar como se nada lhe fora dito ou feito.

Nos recreios, nos círculos, nos passeios, desejava sempre discorrer de assuntos científicos. No tempo de estudo costumava fazer uma série de perguntas acerca do que não compreendera bem, para comunicá-las, no tempo livre, a um colega de sua especial confiança, e ter assim explicação ou esclarecimento. Sabia animar a conversa com perguntas úteis e vantajosas narrações, mas observava constantemente o nunca bastante recomendado preceito da civilidade, de calar-se quando outro fala. Por isso, às vezes, cortava a palavra no meio para deixar que outros falassem.

Aborrecia muito o espírito de crítica ou de censura contra alguém; falava dos superiores, mas com respeito e veneração; dos colegas, com caridade e moderação; do horário, das normas ou dos regulamentos do seminário, do que se punha à mesa, mas com expressões de satisfação e alegria. Posso, portanto, afirmar que nos dois anos e meio de convivência com ele no seminário, nunca eu o ouvi pronunciar palavra alguma contrária ao seu princípio: *dos outros, falar bem ou calar.*

Quando era obrigado a dar seu parecer acerca das ações de outrem, procurava sempre interpretá-las do melhor modo, dizendo que aprendera com seu tio que numa ação de cem aspectos, com noventa e nove maus e um bom, se deveria tomá-la sob o aspecto bom e julgá-la favoravelmente. Pelo contrário, falando de si mesmo, calava tudo o que podia converter-se em seu louvor, sem dizer palavra de seus cargos, honras ou prêmios. Quando era louvado, tomava o louvor em brincadeira, humilhando-se assim enquanto outros o exaltavam.

Um seu companheiro, cheio de admiração por ver um jovem clérigo prendado com tão belas virtudes, disse-lhe um dia: Comollo, com certeza, és um santo. Ele sem fazer caso das expressões de elogio, tomou dois pedaços de um pão que os piemonteses chamam de grissino, *e colocando-os na cabeça como chifres, respondeu: eis o santo...*

Essa devoção de que o vimos adornado nos trabalhos do campo, no pastoreio e nos estudos, não murchou com os anos, antes, desabrochou, mostrando-se assim em toda a sua beleza e perfeição. *Era belo ver Comollo*, dado o sinal para as orações ou para qualquer outra celebração de Igreja, correr com toda a diligência e, recolhido e composto na pessoa, cumprir as práticas de piedade. Não se notou nele o menor pesar ao ter de ir à capela ou a outro lugar para fazer seus deveres religiosos. De manhã, ao primeiro toque do sino, levantava-se e, feita a necessária higiene, ia à igreja um quarto de hora antes dos outros para preparar o espírito com a oração.

Todas as vezes que os seminaristas assistiam às solenes celebrações da Igreja, não costumavam recitar o terço de Nossa Senhora; ele, porém, não se abstinha dessa especial devoção. Portanto, enquanto os outros se divertiam no recreio, ele com outro companheiro ia à capela para pagar, como dizia, as dívidas para com sua boa mãe mediante a récita do santo terço. Nos dias de férias e especialmente nas férias do Natal, do carnaval, da solenidade de Páscoa, afastava-se dos divertimentos e ia recitar os salmos penitenciais, o ofício dos falecidos ou o de Nossa Senhora, em sufrágio das almas do purgatório.

Sempre amante e devoto de Jesus Sacramentado, além das frequentes visitas e comunhões espirituais não perdia ocasião de comungar sacramentalmente, com grande edificação dos presentes. Preparava-se para a comunhão com um dia de rigoroso jejum em honra de Maria Santíssima. Depois da confissão não falava a não ser da grandeza, da bondade, do amor de Jesus que ia receber na manhã seguinte. Na hora de aproximar-se da sagrada mesa, via-o todo recolhido e absorto nos mais sublimes e santos pensamentos. Com devota compostura, passo grave, olhos baixos, às vezes tremendo de comoção, aproximava-se do banquete divino. Voltando ao seu lugar, ficava tão comovido e compenetrado que parecia fora de si.

Orava, mas suas preces eram interrompidas por frequentes suspiros e gemidos e pelas lágrimas; não conseguia aquietar esses transportes de terna piedade a não ser quando, terminada a missa, se começava o canto das matinas. Avisado de moderar esses atos externos de comoção, que poderiam ser mal interpretados, respondia: “Sinto tal abundância de afetos e alegria no coração que, se não permito esse desafogo, parece-me ficar sufocado”. “No dia da comunhão, dizia outras vezes, sinto-me repleto de tal doçura e alegria que não posso compreender nem explicar”.

Vê-se, portanto, como Comollo estava adiantado na via da perfeição, porque esses movimentos de amor de Deus, de doçura, de afeto para com as coisas espirituais são efeitos dessa fé viva e ardente caridade que lhe estavam profundamente arraigadas no coração e que o guiavam em todas as suas ações.

A essa devoção interna unia-se intimamente uma exemplar mortificação dos sentidos externos. Modesto como era nos olhos, ia frequentes vezes passear em jardins ou quintas, e voltava sem ter visto as coisas mais notáveis que todos os outros haviam admirado. Não andava com os olhos inquietos cá e acolá, mas começando uma conversa com algum bom companheiro, continuava-a sem se importar com o que acontecia. Algumas vezes depois do passeio, perguntado se vira seu pai, que lhe passara perto, e se o cumprimentara, respondeu que o não vira.

Às vezes era visitado por algumas suas primas de Chieri e causava-lhe isso grande desgosto, tendo de tratar com pessoas de outro sexo; por isso dizia-lhes apenas o que a conveniência e a necessidade exigiam e afastava-se logo, recomendando-lhes que viessem procurá-lo o menos possível. Interrogado se essas suas parentes (com as quais tratava com tanta reserva) eram grandes ou pequenas, ou de extraordinária formosura, respondeu que pela sombra lhe parecia serem altas e que nada mais sabia, não lhes tendo jamais contemplado o rosto. Belo exemplo digno de ser imitado pela juventude, especialmente pelos que aspiram à carreira eclesiástica ou nela já se acham!

Ações as mais simples e indiferentes tornavam-se para ele meios oportunos para exercitar a virtude. Estava acostumado a cruzar as pernas uma sobre a outra ou a apoiar-se no cotovelo quando estava alegre e satisfeito. Pelo amor da virtude quis corrigir-se também disso e para sair-se melhor rogou a um companheiro que o avisasse, até lhe desse uma penitência, todas as vezes que o visse nessa posição. Disso provém essa compostura exterior que o tornava edificante para todos na Igreja, no estudo, na aula, no refeitório.

A mortificação no alimento era quotidiana; de ordinário, quando sentia mais necessidade de tomar merenda, dela se privava. Na mesa era muito sóbrio, bebia pouco vinho, e esse pouco com água. Às vezes deixava o prato e o vinho, contentando-se em comer pão molhado em água, sob o especioso pretexto de que era melhor para a saúde corporal, mas, de fato, o fazia pelo espírito de mortificação. Com efeito, avisado de que isso podia causar-lhe dor de cabeça ou de estômago, respondeu: "A mim me basta que não faça mal à alma". Aos sábados jejuava em honra de Nossa Senhora, nas outras vigílias e na quaresma, antes mesmo de ser obrigado pela idade, jejuava com tal rigor e tomava tão pouco alimento que um companheiro, que na mesa lhe estava vizinho, disse várias vezes: Comollo quer se matar.

Esses são os principais atos de penitência externa por mim conhecidos. Por eles pode-se deduzir o que Comollo nutria em seu coração e como sua alma estava continuamente ocupada em ternos afetos de amor de Deus, de viva caridade para com o próximo e de ardente desejo de sofrer pelo amor de Jesus Cristo.

"A vida de Comollo no seminário apresentou-nos sempre (assim depõe um Superior) ([25]) um ótimo conceito dele. Mostrava-se em qualquer ocasião exatíssimo em seus deveres, tanto de estudo como de piedade, exemplar no seu procedimento moral, de tal modo que sua compostura denotava índole dócil, obediente e religiosa".

Seu falar era agradável, por isso, quem tinha alguma tristeza, conversando com ele ficava consolado. Era tão modesto, edificante nas palavras que até os mais indiscretos eram obrigados a reconhecer nele um espelho de modéstia e virtude. Um seu colega dizia que Comollo era para ele um contínuo sermão; era mel que abrandava os corações e os temperamentos mais bizarros. Outro disse várias vezes que, querendo a todo o custo tornar-se santo, deliberara seguir as pegadas de Comollo, e embora se visse muito distante de seu modelo, contudo estava contente com o que já conseguira copiar.

Seu procedimento no tempo de férias era o mesmo de seminário: assíduo na frequência dos santos sacramentos e das celebrações sagradas, pontual em ensinar o catecismo aos meninos na Igreja (o que já fazia quando ainda não tinha batina) e até pelas ruas sempre que os encontrava.

Eis como ele mesmo narra seu horário numa carta a um seu amigo: "Passei cerca de dois meses de férias que, com este calor, me fizeram grande bem à saúde corporal. Já estudei o resto da lógica e da ética, omitidas no decurso do ano. Leria de boa vontade a história sagrada de José Flávio, como me aconselhas[26]. Já comecei, porém, a ler a história das heresias, e não terei tempo suficiente. Espero que o farei em outro ano. Meu quarto é ainda um paraíso terrestre; aqui dentro pulo, rio, estudo, leio, canto e nada faltaria senão tu para marcares compasso. Na mesa, no recreio, no passeio, sempre gozo da companhia de meu bom tio que, embora já velho, está sempre contente e risonho e conta-me coisas uma mais bela que a outra. Espero-te no dia marcado. Conserva-te sempre alegre; e se me queres bem, pede ao Senhor por mim, etc...".

[25] "O teólogo [Inocêncio] Arduíno, de Carignano [1806-1880], então professor de teologia e atualmente cônego preboste, vigário forâneo, em Giaveno" (nota no texto original).
[26] José Flávio (37-100). *Antiguidades judaicas*; relato da história do povo hebreu desde as origens até o ano 66 depois de Cristo.

Amante como era de tudo o que se referia ao sagrado ministério, alegrava-se muito quando nele se podia ocupar, sinal evidente de que Deus o chamava ao estado eclesiástico. Seu tio pároco, para cultivar tão precioso terreno e favorecer ao ótimo desejo do sobrinho, encarregou-o de fazer um discurso em honra de Nossa Senhora. Ele expressa os seus sentimentos nessa ocasião em outra carta ao seu amigo de confidências.

"Anuncio-te um serviço, que se de um lado me consola, de outro me confunde. Meu tio incumbiu-me de fazer um discurso sobre a Assunção de Nossa Senhora. O ter de falar acerca de nossa bondosa mãe, enche-me o coração de alegria. Mas conhecendo minha insuficiência, vejo claramente como estou longe de poder elogiá-la dignamente. De qualquer modo, confiado nos auxílios celestes, estou disposto a obedecer. Já escrevi o sermão e comecei a estudá-lo; segunda-feira irei visitar-te para recitá-lo a ti. Farmeás então as observações que julgares convenientes, quer quanto aos gestos, quer quanto à matéria. Recomenda-me ao Anjo da Guarda para que eu faça uma boa viagem... Adeus".

Conservo ainda comigo esse discurso e, embora se tenha servido de bons autores, contudo a composição é sua e nele se veem todos esses vivos afetos em que ardia seu coração para com a Virgem Maria. Ao recitá-lo, então, saiu-se admiravelmente . "No momento de apresentar-me ao povo, escreveu ele, senti faltar a força e a voz, e os joelhos não me queriam sustentar. Apenas, porém, Maria me estendeu a mão, tornei-me vigoroso e forte; de modo que o comecei e continuei até o fim sem nenhum embaraço. Isso foi obra de Maria e não minha; glória, pois, a ela".

Poucos meses depois fui a Cinzano e procurei saber o que se dizia de Comollo e de seu sermão. Todos me responderam com palavras de louvor. Seu tio dizia que admirava a obra de Deus manifestada em seu sobrinho. Prega como um santo, dizia um. Oh! exclamava outro, no púlpito parecia um anjo, tão modesto e franco era seu falar! Outros: Que belo sermão!". Dizendo isso repetiam alguns sentimentos e até as mesmas palavras que lhes ficaram gravadas na memória.

Sem dúvida, grande bem faria na vinha de Nosso Senhor um servo de tanta boa vontade. Tal era a esperança de seu velho tio e de seus virtuosos pais, tal o desejo de seus compatriotas, superiores e companheiros. Mas Deus viu-o já maduro para o céu. E para que a malícia do mundo não pervertesse sua inteligência, quis recompensar sua boa vontade chamando-o a gozar o fruto dos méritos já adquiridos e dos que desejava tão ardentemente conquistar.

Capítulo IV – Circunstâncias que precederam sua doença

Não é meu intento expor aqui fatos que eu julgue sobrenaturais; pretendo somente narrar os fatos como aconteceram, deixando a cada um a liberdade de julgá-los como parecer melhor.

Nas férias do outono de 1838, fui a Cinzano para tratar de assuntos concernentes ao próximo ano letivo. Um dia saí a passeio com Comollo e fomos a uma colina donde se descortinava uma vasta extensão de prados, campos e vinhedos. "Vê, Luís, comecei a dizer, quão pouco fruto teremos neste ano! Pobres camponeses! Tanto trabalho e quase tudo em vão!".

– É a mão de Nosso Senhor, respondeu ele, que pesa sobre nós. Acredite, nossos pecados são a causa disso!

– Espero que no próximo ano Nosso Senhor nos dará frutos mais abundantes.

– Espero também, e isso será bom aos que se acharem aqui para deles gozar.

– Eh! Vamos, deixemos de lado os pensamentos tristes; por este ano paciência, mas no próximo ano teremos uma vindima mais copiosa e faremos um vinho melhor.

– Tu o beberás.

– Queres, talvez, continuar a beber a tua água de sempre?

– Espero beber um vinho muito melhor.

– Que queres dizer com isso?

– Deixa, deixa... Deus Nosso Senhor sabe o que faz.

– Não pergunto isso, pergunto o que queres dizer com essas palavras: Espero beber um vinho muito melhor. Queres, por ventura, ir ao paraíso?

– Embora eu espere ir para o paraíso depois da morte somente pela grande misericórdia de Deus, contudo, desde algum tempo, sinto tal desejo de ir provar as delícias dos bem-aventurados, que me parece impossível serem ainda longos os dias de minha vida.

Isso dizia Comollo com grande tranquilidade e quando se achava em perfeita saúde, ao preparar-se para voltar ao seminário. Quase as mesmas coisas manifestou quando da sua ida a Turim. No fim dessas mesmas férias foi à capital e ali ficou em casa de uma pessoa de muita prudência ([27]). Dessa pessoa são as seguintes palavras: "Ficamos muito edificados com a modéstia de Luís. Cortês, afável, simples, inspirava piedade em todas as suas ações, mas especialmente

[27] Casa do senhor Fassone, intendente do Parque Régio do Fumo (nota no texto original).

quando rezava parecia outro São Luís. Dar-nos-ia grande prazer se quisesse ficar mais algum tempo conosco, mas ele quis absolutamente partir. "Adeus, disse-lhe no momento da partida, talvez não nos vejamos mais". "Não... não, respondeu, não vos veremos mais". "Não é por ti que falo assim, mas por mim já de idade muito avançada. Quero e desejo que chegues a cantar tua primeira missa". Então ele respondeu com palavras francas e resolutas: "Oh! não cantarei a primeira missa. O ano que vem o senhor estará ainda com vida e eu não existirei mais. Reze por mim. Adeus". Essas últimas palavras, pronunciadas com tanta franqueza por uma pessoa tão amada, deixaram-nos comovidos e dizíamos: "Ou quem sabe? Talvez esse bom Luís saiba que dentro em breve há de morrer?". Quando nos foi comunicada a dolorosa notícia de sua morte, cheios de admiração, exclamamos: "Bem que ele tinha predito!"

A essa narração presto fé porque me foi contada por várias pessoas com a mesma precisão de sentimentos e de palavras.

Terminadas as férias, pôs-se a caminho do seminário. Chegando a um lugar onde perdia de vista sua terra, antes de afastar-se, ficou olhando para ela com insólita seriedade. Seu pai deu alguns passos, depois se voltou para ele e lhe disse: "Que fazes, Luís? Estás doente? Que estás a contemplar?". "Gozo de boa saúde, sinto-me bem, mas não posso tirar os olhos de Cinzano". "Que olhar? Pesa-te, talvez, voltar ao seminário?". "Não só não me pesa, antes desejo chegar o mais depressa possível a esse lugar de paz. O que vejo é Cinzano, que contemplo pela última vez". Interrogado de novo se não estava bem de saúde, se queria voltar para casa: "Nada, nada, respondeu, estou muito bem; vamos alegres que Deus Nosso Senhor nos espera". "Essas palavras, diz seu pai, repetimo-las muitas vezes em família e todas as vezes que passo por esse lugar, a custo contenho as lágrimas". Esse fato foi contado a mim e a outros antes da morte de Comollo.

Não obstante todos esses pressentimentos de seu fim, manifestados em várias ocasiões, Comollo, com sua costumeira tranquilidade, com o rosto sereno, imperturbável, retomou seriamente seus estudos e continuou exemplar na piedade. Nos exames semestrais conseguiu (como no ano antecedente) um prêmio de sessenta francos, que em cada classe se costuma dar todos os anos ao que mais se distingue nos estudos e na piedade. *Embora ele mostrasse a mesma solicitude no cumprimento dos deveres, a mesma jovialidade e alegria nas conversas e recreios, todavia, notava-se um não sei quê de misterioso em seu proceder. Via-o mais atento às orações e a todos os outros exercícios de piedade*. Desejava muito falar dos mártires de Tonquin[28]. "Eles, dizia, são os verdadeiros pastores

[28] São os mártires André Dung-Lac (decapitado em 1839) e companheiros. No tempo de Comollo, a perseguição ainda estava em curso. Os mártires de Tonquin (Vietnam), canonizados em 1988, são 116 (96 vietnamitas, 11 espanhóis e 10 franceses).

do rebanho de Jesus, que dão a vida para salvar as ovelhas desgarradas. De que glória desfrutarão no paraíso". Outras vezes exclamava: " Oh! pudesse ao menos, quando tiver de partir deste mundo, ouvir de Deus um consolador: *Euge, serve bone,* vem, ó servo fiel!".

Com transportes de alegria falava do paraíso: e entre as belas coisas que costumava dizer, uma foi a seguinte: "Quando me acho só e desocupado, ou quando de noite não posso dormir, ponho-me a fazer belos passeios. Suponho que me encontro numa alta montanha, de cujo cimo posso ver todas as belezas da natureza. Contemplo os mares, a terra, os países, as cidades, com o que de mais formoso neles existe; ergo em seguida os olhos para o céu sereno, vejo o firmamento todo semeado de estrelas, o espetáculo mais maravilhoso. A isso acrescento ainda a ideia de suave música que faz ressoar de alegres vivas os montes e os vales e, deliciando a mente nessa imaginação, volto-me para outra parte, levanto os olhos e eis-me diante da cidade de Deus. Contemplo-a primeiro por fora, em seguida aproximo-me e nela penetro; aqui, imagino as coisas inúmeras que faço passar pela minha fantasia". Prosseguindo em seu passeio, narrava as coisas mais curiosas e edificantes que com o pensamento passava em resenha nas várias seções do paraíso.

Foi também nesse ano que descobri seu segredo de rezar sem distração. "Queres saber, disse-me, como faço para rezar? É um meio muito material que te fará rir. Fecho os olhos e com o pensamento coloco-me dentro de uma vasta sala, cujo teto é sustentado por inúmeras colunas, adornada da maneira mais bela; ao fundo, ergue-se, majestoso, um trono. Nele suponho estar assentado Deus na sua infinita grandeza; atrás os coros dos anjos e dos santos. Essa imagem material auxilia-me a alçar meu pensamento até à majestade infinita de Deus, diante de quem me prostro e com todo o respeito possível faço minhas preces".

Isso mostra, conforme a regra dos mestres de espírito, quanto a mente de Comollo fosse desapegada dos bens terrenos e quanto ele era senhor de si ao recolher suas faculdades intelectuais.

Nesse mesmo ano, enquanto ouvia a santa missa, nos dias de semana, costumava ler as meditações sobre o inferno do Pe. Pinamonti[29]. A esse respeito ouvi-o muitas vezes dizer: "No decorrer deste ano li na capela as meditações sobre o inferno. Li-as e as torno a ler, e, embora triste e espantosa seja a matéria, quero continuá-las para que, considerando a intensidade dessas penas enquanto vivo, não as experimente depois de morto".

[29] *O inferno aberto para o cristão para que não caia nele, ou considerações das penas do inferno propostas para meditá-las e evitá-las* (1693). João Pedro Pinamonti (1632-1703), jesuíta, pregador, confessor e diretor espiritual.

Na quaresma (1838), com os sentimentos da mais viva devoção, fez os santos exercícios espirituais. Findos os exercícios, como se nada mais devesse esperar neste mundo, afirmava que os exercícios são o maior favor que Deus pode conceder ao cristão. "É a maior graça que Deus pode fazer a um cristão; dar-lhe tempo para que prepare as coisas de sua alma com pleno conhecimento, com toda a comodidade e com o auxílio de circunstâncias tão favoráveis, como as meditações, as instruções, as leituras e os bons exemplos. Oh! quanto sois bom, Senhor, para conosco! Que ingratidão se não correspondemos a tanta bondade de Deus!".

Capítulo V – Doença e morte

Começando a narrar os fatos da última enfermidade e da morte de Comollo, julgo bom repetir que tudo o que aqui exponho é tal qual foi escrito durante a doença e logo depois da morte; o escrito foi lido e revisto pelos superiores do seminário e pelos companheiros, testemunhas oculares, antes de ser publicado. Todos eles afirmam que não acharam palavra alguma contrária à verdade.

Deve-se também dizer que uma alma inocente e adornada de tantas virtudes como a de Comollo, não deveria, conforme o modo de pensar humano, temer a morte. Entretanto, ele teve grande apreensão ao avizinhar-se esse terrível momento. Oh! se as almas boas temem tanto o ter-se que apresentar ao juiz eterno para prestar contas de suas ações, que se deverá dizer, ó leitor, desses que só querem gozar dos prazeres da vida presente. Que terrível momento será esse para os pecadores!

Era a manhã de 25 de março de 1839, Anunciação de Nossa Senhora, quando, ao ir para a capela, encontrei no corredor Comollo que me esperava. Interroguei-o se passara bem a noite. Respondeu-me que para ele estava acabado. Fiquei surpreendido, pois no dia anterior havíamos passeado juntos e o havia deixado com boa saúde. Perguntei por que falava assim. "Sinto, respondeu ele, um frio que se apodera de meus membros, dói-me um tanto a cabeça e o estômago. Pouco me importo com o mal do corpo, o que me espanta (isso dizia com voz comovida) é o ter que me apresentar ao juízo de Deus".

Exortando-o a que não se afligisse, dizendo-lhe que isso era de importância, sim, mas distante ainda para ele, e que teria muito tempo para se preparar, entramos na Igreja. Ouviu ainda a santa missa, mas no fim teve um desmaio, e foi obrigado a pôr-se de cama. Terminadas as celebrações na capela, fui visitá-lo no dormitório. Apenas me viu entre os que ali se achavam, fez-me sinal para que me aproximasse, como se tivesse coisa de grande importância para me dizer, e assim falou: "Disseste-me que estava ainda longe minha mor-

te e que havia tempo de preparar-me antes de partir; mas não é assim. Tenho certeza de que dentro em pouco, apresentar-me-ei à presença de Deus. Pouco tempo me resta. Queres que to diga claramente? Temos que nos separar".

Exortava-o a que não se inquietasse nem se afligisse com essa ideia. "Não me inquieto, interrompeu-me ele, nem me aflijo; penso somente que devo ir ao supremo tribunal, tribunal inapelável, e isso perturba meu espírito". Essas palavras afligiram-me bastante; por isso a todo o momento desejava saber notícias dele, e todas as vezes que o visitava, repetia-me as mesmas palavras: "Avizinha-se o tempo de apresentar-me ao juízo eterno; temos que nos separar". Essas palavras foram-me repetidas durante sua enfermidade, não só uma vez, mas mais de quinze vezes. Desde o primeiro dia da doença manifestou isso a muitos outros companheiros que o foram visitar. Disse que sua enfermidade não seria descoberta pelos médicos e que operações e remédios de nada valeriam, o que de fato aconteceu. A princípio, eu atribuía essas ideias ao medo do juízo divino; vendo, porém, que aos poucos elas se verificavam, manifestei-as a alguns companheiros, em seguida ao nosso diretor espiritual, que, embora no começo não lhes desse importância, depois ficou admirado ao ver os efeitos ([30]).

Entretanto, Comollo passou a segunda-feira com febre; terça e quarta-feira passou de pé, mas sempre triste e melancólico, imerso no pensamento do juízo de Deus. Na tarde da quarta-feira, foi novamente para a cama e não mais se levantou. Entre quinta, sexta-feira e sábado dessa semana (era a semana santa), foram-lhe feitas três sangrias, tomou vários remédios que provocaram abundante suor, mas não experimentou melhora alguma. Sábado de tarde, véspera da Páscoa, fui visitá-lo. "Visto que nos temos de separar, disse-me, desejava que passasses a noite comigo". O diretor padre José Mottura, vendo que o enfermo ia de mal a pior, concedeu de boa vontade que ficasse aquela noite com ele, a noite de 30 de março, véspera da Páscoa.

Às oito horas percebi que a febre se tornou mais violenta; às oito e um quarto acometeu-o um acesso de febre tão forte que lhe tirou o uso da razão. A princípio gemia com um gemido prolongado, como se fosse perseguido por espantoso objeto ou tétrico fantasma. Meia hora mais tarde, voltando um pouco a si, e olhando fixo os presentes gritou em alta voz: "Ai, o juízo!". Em seguida começou a debater-se com tal força que cinco ou seis que estávamos presentes a custo o segurávamos no leito.

[30] O diretor espiritual do seminário de Chieri, nesse tempo, era o padre José Mottura, atualmente cônego da colegiada de Giaveno (nota no texto original),

Essas convulsões duraram por bem três horas, depois voltou ao pleno conhecimento de si mesmo. Esteve longo tempo pensativo como que ocupado em sérias reflexões. Desapareceu esse aspecto de tristeza e temor que desde vários dias mostrava, e ficou sereno e tranquilo. Falava, ria, respondia a todas as perguntas que lhe eram feitas, a ponto de quase pensarmos que estava de perfeita saúde. Perguntou-se a causa dessa mudança, pouco antes triste e melancólico, agora jovial e alegre. A essa pergunta ficou um tanto embaraçado; em seguida, olhando aqui e ali, para que ninguém ouvisse, começou a falar baixo com um dos presentes: Até agora receava a morte só pelo temor dos juízos divinos: isso aterrava-me, mas agora estou tranquilo, de nada temo. Eis o motivo, digo-te em confidência: enquanto estava todo agitado pelo temor do juízo divino, pareceu-me ser levado a um vale amplo e profundo. Nele a agitação da atmosfera e o soprar furioso do vento tiravam a força e o vigor a qualquer um que lá chegasse. No centro do vale abria-se um abismo, como que uma larga e enorme fornalha, donde saíam chamas arrebatadoras. De quando em quando via caírem nele almas (algumas pude reconhecer) e a essa queda globos imensos de fogo e fumo erguiam-se para o céu... A esse espetáculo, aterrado, pus-me a gritar com medo de precipitar-me nessa voragem. Voltei-me atrás para fugir e eis que inumerável legião de monstros horríveis tenta lançar-me no abismo... Gritei então com mais força, e muito espantado fiz o sinal da cruz.

A esse ato todos os monstros quiseram curvar a cabeça, mas não podendo, contorciam-se e afastaram-se um tanto de mim. Contudo, não podia ainda fugir e apartar-me desse lugar maldito; vi então uma falange de homens armados que vinham em meu socorro. E esses fortes guerreiros assaltaram com vigor os monstros. Desses, uns foram despedaçados ou prostrados por terra, outros deram-se a precipitosa fuga. Livre desse perigo, comecei a caminhar pelo espaçoso vale, até que cheguei ao pé duma montanha, aonde só se podia subir por uma escada. Porém, os degraus dessa escada eram ocupados por enormes serpentes, prontas a devorar quem tentasse subir. Entretanto não havia outra passagem e eu não ousava adiantar-me temendo ser devorado pelas serpentes.

Abatido pelo cansaço e aflições, ia perdendo as forças, quando uma senhora, que julgo seja nossa mãe comum, tomou-me pelas mãos e levantou-me, dizendo: "Vem comigo. Trabalhaste em minha honra e muitas vezes me invocaste; é justo, pois, que recebas agora a devida recompensa. Pelas comunhões feitas em minha honra mereces ser salvo do perigo em que te pôs o demônio". E fez-me sinal para segui-la. Apenas punha ela o pé nos degraus, as serpentes viravam suas mortíferas cabeças para outro lado, e não as voltavam para nós senão quando já estávamos distantes. Chegados ao cimo da escada,

achei-me num delicioso jardim, onde vi coisas que jamais pensei existissem. Isso serenou-me o coração e tornou-me tão tranquilo que, longe de temer a morte, desejo venha logo para unir-me ao meu Senhor". Até aqui o enfermo.

Diga-se o que se quiser desse sonho, o fato é que o grande temor de apresentar-se ao trono de Deus mudou-se num ardente desejo de que chegasse quanto antes esse momento. Não mais tristeza ou melancolia no rosto, mas alegre e jovial, queria sempre cantar salmos, hinos ou loas sacras. Ainda que Comollo parecesse estar melhor, ao amanhecer, disse-lhe que era boa coisa receber nesse dia o Santíssimo Sacramento, ocorrendo justamente a solenidade de Páscoa. "De boa vontade, disse: Nosso Senhor, segundo narram, ressuscitou nesta hora (eram quatro e meia da manhã); quereria que também ressuscitasse em meu coração com abundância de suas graças. Nada me inquieta a conciência, entretanto, considerando meu estado, desejaria falar um momento com meu confessor, antes de receber a santa comunhão"([31]). Coisa notável: um jovem que viveu no mundo, na flor dos anos, convencido de que dentro em pouco se há de apresentar ao divino juiz, diz francamente que não tem a mínima perturbação na conciência... que está tranquilo. É forçoso dizer que sua vida devia estar bem ordenada, puro o seu coração e pura a sua alma.

Leitor amigo, seja isso de estímulo para mim e para ti a fim de regularizar desde agora as contas de nossa conciência e podermos no momento extremo da vida dizer também nós: Nada me pesa na conciência. Que Deus no-lo conceda.

Espetáculo verdadeiramente edificante e maravilhoso foi sua comunhão. Terminada a confissão, feita a preparação para receber o santo Viático, o padre diretor, seguido pelos seminaristas, entrou no quarto da enfermaria. Ao seu aparecimento, o doente, todo comovido e cheio de alegria, exclamou: "Que bela visão! Que... espetáculo agradável de se ver... Oh! como resplandece esse sol! Que formosas estrelas o coroam! Quantos prostrados por terra o adoram e não ousam levantar a fronte. Ah! deixai, deixai que também eu vá ajoelhar-me com eles e adore esse sol jamais visto!". Enquanto dizia isso, tentava levantar-se e com fortes ímpetos dirigir-se para o Santíssimo Sacramento.

Eu me esforçava por segurá-lo no leito; corriam-me pelos olhos lágrimas de ternura e espanto e não sabia o que dizer ou responder. Ele mais e mais se debatia para se aproximar do Santo Viático, e não ficou tranquilo se não depois de o ter recebido. Depois da comunhão, todo concentrado em afetuosos sentimentos para com Jesus, ficou algum tempo imóvel, em seguida, *dando novas provas de alegria,* exclamou: "Oh! portento de amor! Quem

[31] Confessor regular de Comollo era o senhor padre [Francisco] Bagnasacco [1776-1846], cônego de feliz memória, da honorável colegiada de Chieri. Nos dois anos de colégio e nos dois anos e meio de seminário, Comollo sempre tinha frequentado o mesmo confessor (nota no texto original).

sou eu para ser digno de tesouro tão precioso! Oh! exultem os anjos do céu, mas com maior razão me regozijo eu, porque esse a quem os anjos reverentes adoram, guardo-o no peito. *Quem coeli capere non possunt, meo gremio confero: magnificavit Deus facere nobiscum:* operou o Senhor suas maravilhas comigo e fiquei repleto de celeste alegria e divina consolação: "*et facti sumus laetantes*". Essas e semelhantes jaculatórias, continuou a pronunciá-las por longo tempo. Depois abaixando a voz, chamou-me e pediu-me que não lhe falasse senão de assuntos espirituais, dizendo serem muito preciosos os últimos momentos que lhe restavam de vida e que os desejava empregar em glorificar o Senhor; portanto, não daria resposta alguma, se fosse interrogado acerca de outras coisas.

Com efeito, durante todo o tempo de convulsões, se era interrogado sobre coisas temporais, delirava; se acerca de coisas espirituais, dava as mais satisfatórias respostas. Crescendo sempre o mal, os parentes julgaram oportuno chamar uma junta médica. Aplicaram-se vários remédios e fizeram-se diversas operações. Enfim, fez-se tudo quanto podia sugerir a ciência médica, mas foi em vão, verificando-se assim o que Comollo predissera.

Nesse intervalo, sentindo-se mais livre para raciocinar confidencialmente com um seu amigo (os outros seminaristas tinham ido para a catedral), fez um arrazoado que, por ser repleto de ternura e de sentimentos religiosos, eu transcrevo ao pé da letra tal como foi apresentado. "Eis-nos, dizia ao seu amigo, eis-nos no momento em que nos devemos separar, por algum tempo. Mas antes de nos separarmos, ouve algumas palavras, última lembrança de teu amigo. A amizade não exige só que se faça o que o amigo pede enquanto vivo; mas obriga também a executar o que se prometeu fazer depois da morte. Por isso, o contrato que fizemos com promessas solenes, de rezar um pelo outro, quero que esse pacto continue não só até a morte de um, mas de ambos. Portanto promete e jura que rezarás por mim enquanto te achares neste mundo".

Ao ouvir tais palavras, afirma o amigo, embora me sentisse comovido, contive as lágrimas e prometi o que queria. "Bem, continuou o enfermo, eis o que te posso dizer a teu respeito. Não sabes se breves ou longos serão os teus dias; mas embora seja incerta a hora da morte, é infalível sua vinda. Portanto, tua vida seja uma preparação para a morte, para o juízo... Os homens pensam de quando em quando na morte, sabem que, embora não desejada, ela há de chegar, mas para ela não se preparam e por isso quando chega o terrível momento, ficam agitados, antes, espantados, pelas dificuldades que encontram no regularizar as contas da consciência. Quem morre em tal estado, teme-se muito pela sua salvação. Felizes os que, passando os dias em boas e santas obras, se acharem preparados para esse inevitável instante. Se fores chamado por Deus, como guia de almas, inculca sempre o pensamento da morte, do

juízo, o respeito para com as igrejas; pois veem-se pessoas, até de importância, desrespeitarem a casa de Deus". Acontece às vezes que um plebeu, uma pobre camponesa, esteja com as mais santas disposições, enquanto o ministro do santuário, aí se encontra distraído sem pensar que está na casa do Deus vivo!

Visto que em todo o tempo de nossa vida neste mundo não temos patrocínio mais potente que o de Nossa Senhora, honra-a com especial devoção. Oh! se os homens conhecessem o proveito que traz na hora da morte a devoção para com Nossa Senhora, todos, à porfia, procurariam novos modos de venerá-la e amá-la. Será ela que com seu divino Filho nos braços há de vir em nossa defesa contra o inimigo de nossa alma, nessa hora extrema. Arme-se todo o inferno contra nós; tendo Maria do nosso lado, sorrir-nos-á a vitória. Foge, porém, de ser como esses que recitando qualquer prece ou ofertando-lhe algumas mortificações, julgam ser protegidos por ela enquanto levam uma vida desregrada. Antes de ser devoto desse modo, é melhor não ser; porque, se parecem santos, é hipocrisia; fazem assim para serem favorecidos em seus maus desejos, e o que é pior, se fosse possível, fazer com que Maria aprove seu modo de vida. Sê sempre verdadeiro devoto da Virgem, imitando-lhe as virtudes e sentirás os doces efeitos de sua bondade e amor.

A isso acrescenta a frequência aos sacramentos da confissão e da comunhão, que são os dois meios pelos quais se vencerão os assaltos do demônio e os escolhos deste mundo tempestuoso. *Procura um confessor fixo: abre-lhe o coração, obedece-lhe, e nele terás um guia seguro que te conduzirá pelo reto caminho dos céus. Mas, ai! Quantos se confessam sem tirar proveito algum; confissões e pecados, pecados e confissões; mas nenhuma emenda. Lembra-te, portanto, de que o sacramento da confissão se baseia na dor e no propósito, e quando falta um desses dois requisitos essenciais, tornam-se nulas ou sacrílegas todas as nossas confissões.*

Presta atenção, finalmente, com quem tratas ou conversas. Não me dirijo às pessoas de outro sexo ou aos seculares, que são para nós de evidente perigo e que por isso se devem evitar; falo dos próprios companheiros, clérigos e seminaristas. Alguns deles são maus, outros não são maus, mas também não são bons. Outros, entretanto, são verdadeiramente bons. Os primeiros, deves evitá-los absolutamente; os segundos, tratar com eles quando há necessidade, mas sem contrair familiaridade alguma; os últimos, deves frequentá-los, e esses são os que nos trazem utilidade espiritual e temporal. É verdade que são poucos, mas justamente por isso deve-se usar máxima cautela em procurá-los e frequentá-los depois de os ter achado, tendo com eles essa amizade da qual tanto proveito se tira. Com os bons serás bom, com os maus, mau.

Uma coisa ainda te quero pedir cordialmente. Quando fores a passeio e passares perto de meu sepulcro, ouvirás os companheiros dizerem: Aqui jaz

nosso colega Luís Comollo, e então dirás de maneira prudente a cada um que reze um *Pai-nosso* e um *Requiem.* Assim ficarei livre das penas do purgatório. Muitas coisas dir-te-ia ainda, mas o mal aumenta e me oprime. Recomenda-me às orações dos amigos. Roga a Deus por mim; Deus te acompanhe e te abençoe. Tornaremos a nos ver no paraíso, quando ele quiser.

Esses sentimentos revelados num momento em que se manifestava todo o interior do coração, formam o verdadeiro retrato de sua alma. O pensamento das máximas ternas, a frequência dos sacramentos, terna devoção para com Nossa Senhora, o fugir dos maus companheiros, procurar os que lhe podiam dar algum proveito para estudo ou piedade, eis o que formava o escopo de todas as suas ações.

Na tarde do dia de Páscoa ficou tão prostrado que apenas podia pronunciar algumas palavras e foi assaltado por um novo acesso de febre acompanhado de dolorosas convulsões, e tão forte que a custo se sustentava. *Mas a nossa santa religião católica produz tal impressão no coração das almas boas, que ao próprio Comollo isso serviu de meio eficaz para aquietar-se.* Embora fora de si e agitado pela violência da enfermidade, apenas se lhe dizia: "Comollo, por quem se deve sofrer?". Ele, tornando a si, alegre e contente, respondia: "Por Jesus crucificado".

Nesse estado, sem proferir um lamento pela veemência do mal, passou a noite e quase todo o dia seguinte. Nesse ínterim foi visitado pelos pais. Reconheceu-os, recomendou-lhes resignação à vontade divina. Suas palavras foram agudo punhal para o coração angustiado de sua mãe que amava um filho tão carinhoso, o qual, por sua vez, tanto a amava. "Luís, disse-lhe ela contendo o pranto, não estás melhor? Vamos, coragem, teu tio pároco te saúda, reza por ti e faz rezar por ti".

– Sim, mamãe, sinto-me um tanto melhor, mas daqui a pouco espero estar otimamente. É este o tempo da coragem; esperemos em Deus Nosso Senhor. Dai minhas saudações ao bom tio, que ele continue a rezar por mim, eu o espero no paraíso: não choreis, mamãe, Deus quer assim: coragem, coragem.

De vez em quando se punha a cantar com voz tão afinada que se julgaria em perfeita saúde. Seu canto era o *Miserere*, as ladainhas de Nossa Senhora, o *Ave Maris Stella,* e loas sacras. Mas como cantar muito o prostrava, procurou-se sugerir-lhe algumas orações; assim ele deixava de cantar para rezar o que lhe era sugerido.

Às sete da noite, primeiro de abril, piorando cada vez mais, o diretor espiritual achou conveniente administrar-lhe a extrema-unção. Apenas começaram as ceremônias, parecia que o enfermo tivesse sarado. Respondia oportu-

namente o que era necessário de tal modo que o sacerdote ficou admirado. O que há pouco parecia estar moribundo, auxiliava o celebrante, respondendo a todos os responsórios e preces que ocorrem nessa ceremônia. O mesmo aconteceu às onze e meia, quando o padre reitor, vendo que um frio suor começava a cobrir-lhe o pálido rosto, deu-lhe a bênção papal ([32]).

Administrados todos os confortos de nossa santa religião, não parecia mais um enfermo, mas alguém que estivesse repousando; estava em pleno conhecimento de si mesmo, com ânimo sereno e tranquilo; alegre, a todo o momento rezava férvidas jaculatórias a Jesus Crucificado, à Virgem Maria e aos santos; por isso o padre reitor disse que não havia necessidade que os outros lhe recomendassem a alma, pois que ele bastava a si mesmo.

A uma hora da madrugada, 2 de abril, perguntou a um dos presentes quanto tempo havia ainda; respondeu-lhe: "Há ainda meia hora". "Há ainda mais", acrescentou o enfermo. "Sim, disse um, pensando que delirasse, ainda meia hora e depois iremos para a aula". "Eh! Meu caro, replicou o doente, sorrindo, bela aula!... Há bem outra coisa que não aula"... Perguntando-lhe um companheiro se deles se lembraria quando se achasse no paraíso, respondeu: "Recordar-me-ei de todos, mas especialmente dos que me ajudarem a sair logo do purgatório". A uma hora e meia, embora conservasse a tranquilidade no rosto, ficou tão fraco que parecia lhe faltasse o respiro.

Em seguida, melhorando um pouquinho, recolhendo todo o vigor que tinha, com os olhos erguidos para o céu, disse estas palavras: "Virgem santa, Mãe querida de meu Jesus, vós que entre tantas criaturas fostes a única digna de trazê-lo em vosso seio imaculado, ah! pelo amor com que o alimentastes, o apertastes ao coração, pelo que sofrestes quando companheira de sua pobreza, quando o vistes flagelado, coberto de injúrias e escárnios e, em fim, agonizante na cruz; ah! por tudo isso alcançai-me o dom da fortaleza, viva fé, firme esperança, inflamada caridade, sincera dor de meus pecados, e aos favores que me dispensastes em todo o tempo de minha vida acrescentai a graça de ter uma santa morte. Sim, minha bondosa mãe, assisti-me, agora que estou prestes a entregar minha alma ao divino juiz; apresentai-a vós mesma nos braços de vosso divino Filho. Porque se assim me prometeis, eu, com ânimo ardoroso e franco, apoiado em vossa clemência e bondade, apresento por vossas mãos minha alma à divina majestade, de quem espero conseguir misericórdia".

Essas foram suas precisas palavras, pronunciadas com tal ênfase e devoção que comoveram todos os presentes, a ponto de derramarem lágrimas.

[32] "Reitor do seminário era e ainda é o padre Sebastião Mottura, cônego, arcipreste da igreja colegiada do Chieri" (nota no texto original).

Terminada essa oração, parecia que um letargo mortal dele se apoderasse; por isso, para conservá-lo desperto, perguntei-lhe se sabia qual a idade de São Luís quando morreu; a essa pergunta, como que despertando, respondeu: "São Luís tinha 23 anos completos e eu morro não tendo ainda 22". Vendo enfraquecer-lhe o pulso, percebi que chegava o momento de deixar o mundo e os companheiros: portanto, comecei a sugerir-lhe o que me vinha à mente nessa circunstância. Ele, atento ao que se lhe dizia, com o rosto risonho, conservando sua inalterável tranquilidade, com os olhos fixos no Crucifixo que mantinha entre as mãos unidas diante do peito, repetia toda a oração que lhe era dita. Cerca de dez minutos antes de expirar, chamou pelo nome um dos presentes e "se queres, disse-lhe, alguma coisa para a eternidade, eu... adeus... já me vou... Jesus, Maria, meu coração vos dou e minha alma". Essas foram suas últimas palavras.

Em seguida, tendo-se endurecido a língua e tornado os lábios espessos e grossos e não podendo pronunciar as jaculatórias com a voz, formava-as e articulava-as com grande esforço nos lábios. Achavam-se também no quarto dois diáconos que lhe liam o *Proficiscere*. Terminada essa oração, enquanto se recomendava sua alma à Virgem e aos anjos para que fosse oferecida por eles ao Altíssimo, no momento em que se pronunciavam os santos nomes de Jesus e Maria, sempre sereno e risonho, entreabrindo os lábios num doce sorriso, como que surpreendido à vista de uma visão maravilhosa e celeste, sem fazer um movimento, sua bela alma separou-se do corpo, voando, como se espera, a fruir a paz do Senhor.

Seu feliz passamento deu-se às duas horas da madrugada, antes que surgisse a aurora do dia 2 de abril de 1839, tendo 22 anos de idade, menos cinco dias. Assim morreu o jovem clérigo Luís Comollo, que soube, em meio a rudes ocupações, semear no próprio coração os germes de virtude, cultivá-los entre os atrativos do mundo; aperfeiçoá-los com dois anos e meio de clericato, e fazê-los madurar com penosa enfermidade. E enquanto todos se julgavam afortunados por tê-lo, quem como guia, quem como amigo, quem como modelo, ele tudo deixou no mundo para ir proteger-nos desde o céu.

Parece-nos, entretanto, que uma alma tão boa, tão amante das virtudes cristãs como Comollo, não deveria temer tanto os juízos divinos. Mas se se observa bem, esse é o proceder ordinário de Deus para com seus escolhidos, os quais, ao pensar que devem apresentar-se ao rigoroso tribunal de Jesus Cristo, ficam cheios de temor e espanto. Deus, porém, corre-lhes em socorro no tempo oportuno, e se o temor dos pecadores se converte em agitações, remorsos e desespero, o do justo, pelo contrário, muda-se em coragem, confiança e resignação, causando-lhe na alma a mais doce alegria. Esse é na verdade o

momento em que Deus concede ao justo o cêntuplo, conforme as promessas do Evangelho. Suaviza as agruras da morte com a tranquilidade de ânimo, com contentamento e alegria que revigoram a fé, confirmam a esperança, inflamam a caridade de tal modo que o mal, assim se pode dizer, perde sua violência, e o justo experimenta um quê do gozo que o Senhor eternamente lhe há de dar. Isso deve ser considerado como prêmio suficiente para as dores da vida, deve excitar-nos a suportá-las com resignação e a regular todas as nossas ações conforme os preceitos divinos.

Capítulo VI – Seus funerais

Espalhada a notícia da morte de Comollo, todo o seminário ficou consternado. Alguns diziam: nesta hora Comollo já está no paraíso rezando por nós; outros exclamavam: como previu bem sua morte! Outros ainda repetiam: viveu como justo, morreu como santo. Alguns, enfim: se os homens podem julgar que uma alma partindo do mundo possa voar imediatamente para o céu, isso se poderia dizer de Comollo. Portanto, todos porfiavam por ter algo que lhe pertencesse. Um queria seu crucifixo, outro seus quadros ou imagens devotas, um terceiro se julgava feliz por ter um seu livrinho e finalmente alguns não conseguindo outra coisa, ficaram com seus colarinhos para a batina, como lembrança de um colega tão querido e venerado. Obtém-se a licença de sepultá-lo na Igreja.

O reitor do seminário, admirado também ele pelas singulares circunstâncias que acompanharam a morte de Comollo, não querendo que seu cadáver fosse levado ao cemitério comum, apenas se fez dia, foi a Turim e conseguiu das autoridades civis e eclesiásticas que o corpo de Luís fosse sepultado na Igreja de São Felipe anexa ao seminário[33]. O professor da aula da manhã começou a aula na hora de costume, mas, no momento da explicação, vendo a tristeza que pairava no ambiente, ficou de tal modo comovido que, vertendo lágrimas e soluçando, teve que deixar a sala, não tendo mais forças para falar[34].

Outro professor, o teólogo Arduíno, de tarde, veio também à aula, mas em vez da explicação de costume fez um patético discurso sobre a morte de Comollo. Nesse discurso dizia ser justa a dor que todos sentiam pela perda de

[33] O pedido do reitor se conserva ainda hoje: "Tendo falecido neste seminário arquiepiscopal de Chieri o clérigo Luís Pedro Comollo, de Cinzano, o abaixo-assinado, desejando sepultá-lo nas catacumbas da igreja do dito seminário chamada de São Felipe, recorre a vossa Sacra Real Majestade, suplicando humildemente queira conceder a oportuna faculdade, não só para este caso, mas também para todos os demais casos que lamentavelmente possam ocorrer no futuro" (Arquivo do Estado, Turim, *Grande Cancelleria* m. 128/345 *Sepolture di cadaveri*, 1839).

[34] Era o teólogo Lourenço Henrique Prialis (1803-1868).

tão precioso colega, mas que devíamos também estar alegres, na esperança de que com uma vida tão edificante e uma morte tão preciosa, ele seria para nós, desde o céu, nosso poderoso protetor. Exortou todos a considerá-lo como modelo perfeito da vida clerical. Definiu, além disso, sua morte de várias maneiras: morte de justo, morte preciosa aos olhos de Deus, morte santa aos olhos dos homens, e terminou recomendando-nos que conservássemos sempre sua lembrança e procurássemos imitar-lhe as virtudes.

Na manhã de 3 de abril, com a presença de todos os superiores, do cônego vigário, com outros cônegos e com o clero, o cadáver foi levado processionalmente pela cidade de Chieri e depois de longa volta em meio a cantos fúnebres e preces, chegou-se à Igreja de São Felipe. Nesse momento caía forte chuva, e por isso as ruas estavam cheias de água e lama; não obstante isso, uma multidão imensa acompanhou o féretro com a máxima devoção e respeito. Chegando à igreja, com música apropriada, com solene aparato, cantou a missa o padre diretor, *praesente cadavere.* Terminada a função, colocou-se o cadáver na tumba que lhe fora preparada perto da balaustrada, como se Jesus Sacramentado, a quem Comollo tanto amara em vida, o quisesse também perto de si, depois de morto. Sete dias depois, fez-se um solene funeral, com grande pompa e com majestoso aparato de enfeites e luzes. Essas foram as últimas homenagens prestadas por seus colegas que, muito sentidos, nada pouparam en favor de um companheiro estimado por todos.

Capítulo VII – Consequências da sua morte

É verdade inegável que a memória das almas boas não se acaba com a morte, mas seu exemplo é transmitido com utilidade para os pósteros. Uma doença e morte acompanhadas de tantos sinais de viva fé e de sentimentos de virtude e piedade, despertou também em muitos seminaristas o desejo de imitar Comollo. Por isso, não poucos se esforçaram por cumprir os avisos e conselhos por ele dados enquanto vivo, outros procuravam seguir seu exemplo e virtudes, e assim alguns que antes não mostravam vocação ao estado a que diziam aspirar, depois da morte de Comollo, tomaram firmes resoluções de tornar-se modelos de virtude.

"Foi justamente com a morte de Comollo, diz um seu companheiro, que resolvi viver como bom clérigo para tornar-me um santo eclesiástico; e embora tal determinação tenha sido até agora ineficaz, contudo não desanimo, mas antes quero redobrar de esforços". Esses efeitos não foram passageiros, mas as virtudes de Comollo continuam ainda hoje a produzi-los. O reitor do seminário, pouco tempo faz, assegurou-me que a mudança de costumes observada no seminário, desde a morte de Comollo, continuava ainda no presente".

No correr destes traços, pouco se falou da modéstia, que foi justamente a virtude característica de Comollo. Um exterior tão regrado, um procedimento tão edificante, uma mortificação tão completa dos sentidos e em especial dos olhos provam que ele cultivou essa virtude em grau eminente. E a mim me parece que não exagero se afirmo e digo que ele conservou intacta a estola da inocência batismal. Isso deduzo não só da sua escrupulosa prudência no tratar ou falar com pessoas de outro sexo, mas, muito mais ainda, por certas matérias teológicas que ele não compreendia, por certas perguntas que às vezes fazia. Tudo isso demonstra sua simplicidade e pureza. Confirma minha opinião o que soube de seu diretor espiritual, o qual depois de conversar longo tempo comigo acerca de Comollo, concluiu: "Nele conheci um anjo de pureza; fervoroso devoto de São Luís, procurava sempre imitar-lhe as virtudes". De fato, todas as vezes que falava desse santo (fazia-lhe todos os dias de manhã e de tarde uma oração especial), era com transportes de gáudio; gloriava-se de ter o mesmo nome. "Sou Luís de nome, dizia, e pudesse sê-lo de verdade!". Se procurava seguir as virtudes de São Luís, certamente terá copiado essa que é a característica desse santo, o candor e a pureza de costumes.

Parece-me oportuno notar aqui que o motivo da grande impressão produzida pela morte de Comollo foram duas aparições dele depois da morte, sendo todo um dormitório testemunha de uma delas; como também seria conveniente falar de alguns favores celestes obtidos por sua intercessão. Embora conserve exata memória deles, julgo oportuno omiti-los[35]; por isso, narrarei somente três fatos aos quais, considerando o caráter e a dignidade das pessoas que os afirmam, creio se deva prestar toda a fé.

O primeiro fato diz respeito a uma pessoa oprimida por grave tentação. Essa pessoa ocupada no serviço divino era, desde longo tempo, tentada; ora com um meio, ora com outro conseguira sempre vencer a tentação. Um dia foi tão forte o assalto que parecia devesse sucumbir, e quanto mais procurava afastar os maus pensamentos, tanto mais eles afluíam à sua mente. Fria, árida, não se resolvia a orar. Voltando os olhos para a mesa, viu nela um objeto que pertencera a Comollo e que conservava como lembrança. "Pus-me a gritar, afirma essa pessoa: Se tu estás no paraíso, ó Luís, e se me podes auxiliar, pede ao Senhor que me livre desta terrível angústia! Ó portento! Apenas pronunciei essas palavras, transformei-me, cessou a importuna tentação, e fiquei tranquilo. Desde esse momento não deixei de invocar a esse anjo de costumes tão santos, em minhas necessidades e até agora sempre fui atendido".

O outro fato, descrevo-o tal qual me foi narrado por quem dele foi testemunha ocular e autor. "Uma manhã fui chamado às pressas para enco-

[35] Uma dessas "aparições" é narrada nas *Memórias do Oratório*, II década, cap. 6 (cf. n. 309).

mendar a alma de um meu amigo que se achava agonizante. Lá chegando, achei-o como me disseram, nas últimas agonias. Privado do uso dos sentidos e da razão, tinha os olhos cheios de água, os lábios inteiriçados e úmidos de um frio suor, o pulso tão fraco e intermitente que parecia dever expirar dentro de poucos minutos. Chamei-o várias vezes, mas inutilmente. Não sabendo o que fazer, ponho-me a chorar; de repente me lembro do clérigo Comollo, cujas virtudes ouvira narrar e quis, para aliviar um pouco minha dor, invocá-lo. Oh!, disse, se tens algum poder junto de Deus, roga-lhe para que alivie esta alma aflita e a livre das angústias da morte. Apenas dito isso, o moribundo deixando cair a extremidade do lençol que tinha preso entre os dentes, despertou e começou a falar como se jamais estivera doente. Sua melhora foi tal que, passados oito dias, ficou completamente curado de uma doença que exigia muitos meses de convalescença, e pôde continuar sem perigo algum suas ocupações".

O último fato, exponho-o como me contou a pessoa que recebeu a graça e que diz tê-la alcançado por intercessão de Comollo. Essa pessoa é o geômetra João Batista Paccotti, proprietário em Cinzano, testemunha ocular das admiráveis virtudes praticadas por Comollo nessa aldeia. Eis a relação.

Cinzano, 16 de setembro de 1847

Muito reverendo senhor,

Conforme a promessa feita no outono passado a vossa reverendíssima, que com grande pressa recolhia fatos históricos acontecidos antes e depois da morte do clérigo Luís Comollo, julgo meu dever informá-lo de um fato que me sucedeu em 1845, que se renovou em 1846 e no mês de agosto próximo passado do presente ano 1847.

Achava-me atacado por uma moléstia que, desde muito, em certa estação do ano, tornava-se mais grave. Nos meses de outubro e novembro de 1845, fui acometido com maior violência pela enfermidade e foram inúteis os remédios sugeridos pela arte médica e receitados pelos célebres doutores Riberi e Gallo, sem falar de outros de igual mérito. A doença tornava-se pior e tão insuportável que já estava desenganado.

Uma noite do mês de novembro de 1845, estando no leito como de costume e quase sem forças, pensava mais seriamente no meu triste estado e no fim a que me achava exposto; e adormecendo um pouco ao raiar da aurora, depois de uma noite passada entre dores, ouvi, não sei se estava dormindo ou acordado, ouvi uma voz

que me dizia aos ouvidos: "e por que não recorres a Luís Comollo, que te poderia ajudar neste transe?". Nada mais ouvi.

Refletindo nessas palavras e considerando que esse clérigo teve sempre procedimento irrepreensível e foi até modelo a todos, resolvi invocá-lo. Dirigi-lhe, pois, o seguinte pedido: "Se vós, ó Luís, estais entre os bem-aventurados no céu, alcançai-me do Senhor a minha cura e eu prometo informar disso o reverendíssimo padre João Bosco para que a outras informações já alcançadas acrescente também esta para vossa maior glória". Dito isso, fiquei mais tranquilo e na manhã seguinte achei-me livre de uma doença que, assim eu julgava, me daria a morte ou pelo menos faria de mim um ser inútil ou incômodo à minha família.

Entretanto, recobrada a saúde, em meio aos negócios e afazeres de minha profissão, esqueci-me completamente do que prometera a Luís Comollo. No outono do ano seguinte, 1846, renovou-se intempestivamente e com maior rigor a moléstia; lembrei-me então da promessa feita. Fazendo de novo o mesmo voto, sendo logo apresentado a vossa reverendíssima, achei-me livre da enfermidade... Como vossa reverendíssima me exigiu de certo modo que fizesse a relação genuína do fato, eu, depois de ter aceitado tal encargo, não o cumpri: há poucos dias, pela terceira vez fui acometido pela mesma doença. Tornando-se o caso mais complicado, julguei que isso acontecia por não ter cumprido o voto. Com efeito, renovando ontem meus protestos de que se hoje me sentisse melhor, comunicaria por extenso, sem mais tardança, o fato a vossa reverendíssima, obtive pela terceira vez uma notável melhora e posso dizer que estou seguro da cura dessa moléstia da qual certamente não me livraria a arte médica.

Reconhecendo minha completa cura alcançada por intercessão do clérigo Luís Comollo, apresso-me em comunicar a vossa reverendíssima, pedindo que publique esse fato para maior glória de Deus e para que aumente sempre mais a veneração e respeito para com o jovem Luís Comollo, modelo de virtudes, aumente por parte de todos, e em especial por parte dos que tiveram a dita de conhecê-lo em vida.

Eis o que posso e devo afirmar e ao mesmo tempo me declaro, etc.

De vossa reverendíssima

Devotíssimo e humílimo servidor

João Batista Pacotti

Pelo que até aqui se narrou, todos veem que as virtudes de Comollo, embora não sejam extraordinárias, foram singulares em seu gênero e perfeitas de modo que me parece se possa propô-lo como exemplo a qualquer pessoa,

tanto secular, como religiosa; e tenho por certo que quem seguir as pegadas de Comollo se tornará jovem virtuoso, clérigo exemplar, verdadeiro e digno ministro da Igreja.

Enquanto, porém, admiramos as virtuosas ações de Luís, detenhamos nosso pensamento nessa religião divina que forma tão belos modelos de virtude. É próprio só da religião católica ter santos e homens assinalados nas virtudes; somente ela dispõe da abundância de meios que confortam o homem em todas as necessidades da vida; na juventude, ela o instrui e guia pela senda da verdade; anima-o com os sacramentos, com palavras de vida na idade madura; nas doenças, redobra suas solicitudes, nada deixando que possa contribuir, não só para o bem espiritual e eterno, mas também para o material; somente ela o conforta no ponto de morte, na morte e depois da morte.

Ó religião católica, religião santa, religião divina! Quão grandes são os bens que tu proporcionas a quem em ti espera, e em ti confia! Quão felizes são os que se acham em teu seio e observam os teus preceitos.

Ó leitor amigo, enquanto admiramos as virtuosas ações dos heróis do catolicismo, rendamos os mais vivos agradecimentos a Deus, que por um ato de sua bondade nos criou e nos conserva na santa religião católica; e como penhor de nossa gratidão, mostremo-nos zelosos observadores dos mandamentos de nossa divina religião; mas não deixemos de rogar a Deus que use de grande misericórdia para conosco, nos conserve nessa religião até os últimos momentos de nossa vida.

Então, ó leitor, gozaremos de grande alegria, e quando nossa alma abandonar para sempre as coisas terrenas para se apresentar pela primeira vez diante da suprema e divina majestade, estaremos certos de ouvir também nós o doce convite que faz Jesus Cristo no Evangelho: "Vem, servo fiel, vem: tu me foste fiel durante a vida, vem agora receber a coroa de glória no céu, onde gozarás no eterno gáudio de teu Senhor: Intra in gaudium Domini tui"[36].

Conceda Deus essa graça a mim que escrevo, a ti que lês e a todos os fiéis cristãos.

Assim seja.

[36] Cf. Mt 25, 21-23.

306. Vida do jovem Domingos Savio, aluno do Oratório de São Francisco de Sales*

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenicdo allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales con appendice sulle grazie ottenute per sua intercessione.* Ed. 5. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1878[37].

Caríssimos jovens,

Várias vezes me pedistes que escrevesse alguma coisa sobre o vosso companheiro Domingos Savio; fiz o que pude para atender ao vosso piedoso desejo. Aqui tendes a sua vida narrada com a brevidade e a simplicidade que são do vosso agrado.

Duas dificuldades se opunham à publicação deste trabalho. A primeira é a crítica que em geral enfrenta quem escreve sobre acontecimentos dos quais existe uma multidão de testemunhas que ainda vivem. Penso ter superado essa dificuldade pelo esforço para narrar apenas o que nós, vós e eu vimos e que, quase tudo, conservo por escrito e que vós mesmos me referistes.

Outro obstáculo era o de muitas vezes ter de falar de mim, dado que, tendo este jovem vivido cerca de três anos nesta casa, cabe-me com frequência referir coisas de que tomei parte. Creio ter superado também esse obstáculo ao ater-me ao rigor histórico da verdade dos fatos, sem olhar para as pessoas. Todavia, se encontrardes algum episódio em que eu falei de mim com alguma complacência, ela se deve ao grande afeto que eu dedicava ao amigo falecido e que dedico a todos vós, afeto que me leva a abrir-vos o íntimo do meu coração, como faria um pai que fala aos seus amados filhos.

Alguém de vós perguntará por que escrevi a vida de Domingos Savio e não a de outros jovens que viveram no meio de nós com fama de virtude

* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde basicamente à que se encontra em: João BOSCO, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco.* Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco 2013, pp. 37-118; foram introduzidas inúmeras adaptações para a nossa linguagem atual.

[37] A quinta edição, a última cuidada por Dom Bosco, é considerada definitiva (cf. Alberto Caviglia, "Savio Domenico e Don Bosco. Studio", em *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*. Vol. IV. Turim, Società Editrice Internazionale 1943, p. xv). Das edições precedentes (1859; 1860; 1861; 1866), só a primeira foi publicada em OE XI, 150-292. Usamos o texto e as notas de: Giovanni Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, em ID., *Vite di giovani. Le biografie di Domenico Savio, Michele Magone e Francesco Besucco*. Saggio introduttivo e note storiche a cura di Aldo Giraudo. Roma, LAS 2012, pp. 37-109. [Em português: João BOSCO, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco.* Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco 2013, pp. 37-118].

exemplar. É verdade, meus caros, a divina Providência dignou-se enviar-nos vários modelos de virtude, como Gabriel Fascio, Luís Rua, Camilo Gávio, João Massaglia e outros; todavia, as ações desses jovens não foram igualmente conhecidas e belas como as de Domingos Savio, cujo teor de vida foi notoriamente maravilhoso. Por outro lado, se Deus me der saúde e graça, penso em fazer o levantamento das ações desses vossos companheiros virtuosos, a fim de satisfazer o vosso desejo e o meu de dá-las a ler e a imitar naquilo que é compatível com o vosso estado.

Nesta quinta edição acrescentei várias informações que espero a tornem interessante, mesmo para os que já leram as edições anteriores.

Entretanto, começai a tirar proveito do que vou escrevendo e dizei no vosso coração o que Santo Agostinho dizia: *Si ille, cur non ego?* Se um companheiro meu, da minha mesma idade, no mesmo lugar, exposto aos mesmos e talvez maiores perigos, encontrou tempo e modo de se manter fiel seguidor de Jesus Cristo, por que não poderei eu também fazer o mesmo? Recordai bem que a religião verdadeira não consiste apenas em palavras; é preciso passar às obras. Por isso, encontrando alguma coisa digna de admiração, não vos contenteis em dizer: isso é bonito, isso me agrada. Dizei antes: *quero empenhar-me em fazer o que outros fizeram e que me encanta.*

A vós e a todos os leitores deste livro queira Deus conceder saúde e graça para aproveitar do que nele lerem, e que a Virgem Santíssima, de quem o jovem Domingos Savio era fervoroso devoto, nos obtenha a graça de formar um só coração e uma só alma para amar o nosso Criador, o único digno de ser amado sobre todas as coisas e fielmente servido em todos os dias da nossa vida.

Capítulo I – Proveniência – Caráter deste jovem – Seus primeiros atos de virtude

Os pais do jovem cuja vida pretendo escrever foram Carlos Savio e Brígida, sua mulher[38], pobres mas honestos moradores de Castelnuovo

[38] Carlos Baldassar Savio (1815-1891); em 1871 será acolhido no Oratório de Valdocco. Brígida Rosa Gaiato (1820-1871). Casaram-se em 1° de março de 1840; tiveram 10 filhos. Domingos Carlos (viveu poucos dias: 3-18 de novembro de 1840); o nosso Domingos (1842-1857); Carlos (15-16 de fevereiro de 1844); Remondina (1845-1913); Maria (1847-1859); João (1850-1894); Guilherme (1853-1865); Catarina (1856-1915); Teresa (1859-1933); Luísa (1863-1864); cf. Michele Molineris, *Nuova vita di Domenico Savio. Quello che le biografie di san Domenico Savio non dicono*. Colle Don Bosco, Ist. Sal. "Bernardi Semeria" 1974, p. 24.

d'Asti[39], povoação situada a doze quilômetros de Turim. Em 1841, achando-se os humildes esposos em grandes dificuldades por falta de trabalho, foram morar em Riva[40], a quatro quilômetros de Chieri, onde Carlos começou a exercer o ofício de ferreiro que tinha aprendido ainda muito jovem. Passado algum tempo, Deus abençoou o seu matrimônio com um filho que devia ser a sua consolação. Nasceu no dia 2 de abril de 1842. Quando o levaram para ser regenerado nas águas batismais deram-lhe o nome de Domingos[41], o que, embora pareça indiferente, foi motivo de grande satisfação para o menino, como veremos.

Domingos tinha dois anos de idade, quando, por conveniência da família, os pais decidiram regressar à terra natal e fixar residência em Morialdo, arrabalde de Castelnuovo d'Asti.

Todos os desvelos e preocupações dos pais tinham em mira a formação cristã do filho, que desde essa época era o enlevo do seu coração. A natureza dotara-o de uma índole admirável e de um coração inclinado à piedade. Aprendeu com maravilhosa facilidade as orações da manhã e da noite; com apenas quatro anos já as sabia de cor. Mesmo naquela idade em que a distração é quase uma segunda natureza, obedecia em tudo prontamente à sua mãe. E se alguma vez dela se afastava, era unicamente para se recolher em algum canto da casa, a fim de se entregar à oração ao longo do dia com mais liberdade.

"Desde a mais tenra idade, afirmam os pais, Domingos nunca nos deu o mínimo desgosto. No entanto, é nessa idade que, por falta de reflexão, as

[39] "Antigamente se chamava Castelnuovo di Rivalba, porque dependia dos condes Biandrate, senhores deste lugar. Por volta de 1300, tendo sido conquistado pelos habitantes de Asti, foi designado Castelnuovo d'Asti. – Naquele tempo, muita gente industriosa e aplicadíssima se dedicava ao comércio que se ampliava por várias cidades da Europa. Foi berço de muitos homens célebres. O famoso João Argentero, chamado o grande médico daquele século, nasceu em Castelnuovo d'Asti em 1513; escreveu muitas obras de vasta erudição. Era muito piedoso e muito devoto da Santa Mãe de Deus e erigiu em sua honra a capela da Bem-aventurada Virgem do Povo na igreja paroquial de Santo Agostinho em Turim. O seu corpo foi sepultado na igreja metropolitana com uma honrosa inscrição que ainda se pode ler. Muitos personagens tornaram ilustre esta terra. Ultimamente se distingue o sacerdote José Cafasso, homem de grandíssima piedade, ciência teológica e caridade para com os doentes, encarcerados, condenados à morte e infelizes de todo o gênero. Nasceu em 1811 e morreu em 1860" (nota no texto original).

[40] "Diz-se Riva di Chieri para distinguir de outras localidades com este nome; dista 4 km de Chieri. O imperador Frederico, com diploma de 1164, concedeu ao conde Biandrate o domínio de Riva di Chieri. Depois foi cedido aos de Asti. No séc. XVI passou para o domínio da Casa Saboia. – Monsenhor Agostinho della Chiesa e Bonino, na *Biografia médica,* falam longamente de muitos personagens célebres que ali nasceram" (nota no texto original).

[41] Nasceu às nove da manhã; batizado no mesmo dia, "às cinco horas da tarde", recebeu os nomes de *Domingos José* (em honra dos avós); foram padrinhos o carpinteiro João Batista Gianoglio e a camponesa Luísa Savio (cf. APARC, *Liber baptizatorum*, 1842, atto n. 30; ASC A4920103: *Estratto dell'Atto di nascita e battesimo*).

crianças costumam dar bastante trabalho às mães; idade em que tudo desejam ver e tocar e, em geral, não fazem outra coisa senão estragar o que tocam. Não só era obediente e sempre disposto a cumprir qualquer ordem nossa, mas até procurava adivinhar o que nos pudesse agradar".

Era deveras singular e, ao mesmo tempo, afetuosa, a maneira como acolhia o pai quando o via chegar em casa depois do trabalho diário. Corria ao seu encontro, pegava-lhe na mão e, muitas vezes, saltando-lhe ao pescoço, dizia: "Querido paizinho, como está cansado, não é verdade? Trabalha tanto por minha causa e eu só sirvo para lhe dar desgostos; vou pedir a Nosso Senhor que lhe dê muita saúde e me torne bom". Assim dizendo, acompanhava-o até em casa, oferecia-lhe uma cadeira e uma almofada para que se sentasse e ficava a seu lado fazendo-lhe mil carícias. Isso, dizia o pai, era para mim um conforto imenso nas minhas fadigas e, terminado o trabalho, ansiava por chegar em casa para abraçar e beijar o meu filhinho, a quem consagrava todos os afetos do meu coração.

A piedade de Domingos crescia a olhos vistos. Tinha apenas quatro anos e já não era necessário dizer-lhe que rezasse as orações da manhã e da noite, antes e depois da refeição e ao toque das ave-marias; pelo contrário, era ele que o lembrava aos outros sempre que se esqueciam.

Um dia em que os pais, um pouco distraídos com os problemas e as canseiras da vida, se sentaram à mesa sem rezar, Domingos exclamou logo: "Pai, ainda não pedimos a Deus que abençoe a nossa mesa". Dito isso, começou a fazer o sinal da cruz e, juntando as mãozinhas, rezou a oração de costume. Noutra ocasião sucedeu que um forasteiro, hospedando-se na casa dos pais, começou a comer sem rezar. Domingos, não se atrevendo a avisá-lo, retirou-se para um canto da casa. Interrogado depois pelos pais, respondeu: "Não tive coragem de me sentar à mesa com uma pessoa que se põe a comer como os animais".

Capítulo II – Conduta moral em Morialdo – Belas demonstrações de virtude – Frequência da escola daquele lugar

Aqui vou narrar fatos em que não se acreditaria se quem os contou não fosse pessoa fidedigna. Refiro-me às informações que o capelão daquele povoado[42] teve a amabilidade de me enviar a respeito daquele seu estimado aluno.

[42] "Capelão dessa povoação era então o padre João Zucca [1818-1878], de Moriondo; atualmente reside em sua terra" (nota no texto original).

"Nos primeiros dias da minha residência nesta vila de Morialdo vi muitas vezes uma criança de uns cinco anos vir à igreja com sua mãe. A serenidade do seu semblante, a compostura da pessoa e o porte devoto atraíam as minhas atenções e a de muitos outros. Se porventura, ao chegar, encontrasse a igreja fechada, podia assistir-se a um lindo espetáculo: em vez de brincar e fazer algazarra com os outros, como seria natural nessa idade, ia até o limiar da porta, punha-se de joelhos e, com a cabecinha inclinada e as mãozinhas sobre o peito, rezava fervorosamente até se abrir a igreja. Note-se que muitas vezes o terreno estava enlameado, nevava ou chovia. Essa criança, porém, não dava importância a isso e punha-se a rezar da mesma maneira. Impressionado e movido por piedosa curiosidade, eu quis saber de quem era aquele menino que se tornara alvo da minha admiração. Soube, então, que era o filho do ferreiro Carlos Savio.

Quando ele me encontrava pelo caminho, de longe começava a dar sinais de alegria e com uma atitude quase angélica me saudava respeitosamente. Começou também a frequentar a escola, e como era inteligente e cumpridor exato dos seus deveres, em pouco tempo fez notáveis progressos nos estudos. Naturalmente, ele devia conviver com os seus colegas, às vezes brigões e petulantes, mas nunca aconteceu de ele tomar parte em divertimentos perigosos ou causar confusões na aula. Às vezes, alguns companheiros o convidavam para incomodar pessoas de idade, atirar pedras, roubar frutas nos quintais alheios ou estragar as plantações dos campos. Domingos desaprovava tudo isso e sempre recusou tomar parte neles.

A piedade que mostrava quando criança não diminuiu com o andar do tempo. Aos cinco anos já sabia ajudar à missa, o que fazia com singular devoção. Ia todos os dias à missa, e se alguém queria ajudar, ele assistia, senão ele servia com profundo recolhimento. Sendo de pequena estatura[43], não conseguia alcançar o missal; por isso, era belo vê-lo aproximar-se ansioso do altar, levantar-se na ponta dos pés e estender os bracinhos quanto podia, fazendo todo o esforço para levantar a estante. E se o sacerdote ou outra pessoa qualquer quisesse prestar-lhe um favor muito apreciado, não devia pegar no missal, mas pô-lo simplesmente ao seu alcance, para que ele o transportasse para o outro lado.

Confessava-se com frequência e logo que começou a distinguir o Pão celeste do comum foi admitido à sagrada comunhão, que recebeu com uma devoção extraordinária. À vista da transformação que a graça divina operava

[43] A estatura de Domingos no momento da morte, segundo o professor Francesco Volante, que fez o reconhecimento dos restos mortais, "pode considerar-se de 1,50 m aproximadamente" (cf. ASC A4920119, carta de F. Volante - F. Giraudi, 18 de fevereiro de 1950).

naquela alma inocente, disse muitas vezes comigo mesmo: aí está uma criança que dará que falar de si. Deus queira que se abra à sua frente um caminho em que amadureçam frutos tão preciosos" (*até aqui o capelão de Morialdo*).

Capítulo III – É admitido à primeira comunhão – Preparação – Recolhimento e lembranças daquele dia

Nada faltava a Domingos para ser admitido à primeira comunhão. Sabia de cor o pequeno catecismo; tinha exato conhecimento desse augusto Sacramento e ardia em desejos de o receber. Apenas a idade constituía um obstáculo, pois, nas aldeias, em geral não se admitiam crianças com menos de onze ou doze anos completos. O pequeno Savio tinha apenas sete. E além do aspecto infantil, o seu corpinho fazia-o parecer ainda mais novo; por isso, o capelão adiava continuamente a cerimônia. Por fim, pediu o parecer de outros sacerdotes que, ponderando bem os conhecimentos precoces, a instrução e o vivo desejo de Domingos, concordaram em pôr de parte todos os escrúpulos e admitiram-no a receber, pela primeira vez, o Pão dos anjos.

É difícil descrever os sentimentos de santa alegria que arrebataram o coração daquele menino ao receber tão grata notícia. Correu para casa a comunicá-la com grande alegria à mãe. Ora rezando, ora lendo, passava muito tempo na igreja antes e depois da missa, e parecia que a sua alma já morava com os anjos do céu. Na véspera do dia fixado para a primeira comunhão foi ter com sua mãe e lhe disse: "Mamãe, amanhã vou fazer a minha comunhão; perdoe-me todos os desgostos que lhe dei; prometo ser muito melhor para o futuro: estarei mais atento na aula, serei obediente, dócil e respeitarei todas as suas ordens!". Dito isso, desatou a chorar. A mãe, que até então dele só tinha recebido consolações, ficou também comovida e, reprimindo a custo as lágrimas, consolou-o dizendo: "Fica sossegado, Domingos, tudo está perdoado. Pede a Deus que te conserve sempre bom e reza por mim e por teu pai".

Na manhã daquele dia memorável, levantou-se cedo e, vestindo sua melhor roupa, dirigiu-se para a igreja, que encontrou ainda fechada. Ajoelhou-se, como era seu costume, no limiar da porta, e começou a rezar até que chegaram os outros companheiros e a porta foi aberta. Com as confissões, a preparação e a ação de graças da comunhão, a cerimônia durou ao todo cinco horas. Domingos foi o primeiro a entrar na igreja e o último a sair. Durante todo aquele tempo não sabia se já se estava no céu ou na terra.

O dia da primeira comunhão ficou-lhe para sempre gravado na memória, e podemos dizer que foi o início, ou melhor, a continuação de uma

vida que poderia ser apontada como modelo de vida cristã. Alguns anos mais tarde, ao falar da primeira comunhão, seu rosto se transfigurava de emoção: "Oh! aquele dia foi para mim o mais belo da minha vida!". Escreveu algumas lembranças que conservava cuidadosamente num livro de devoção e relia com frequência. Pude ter acesso a elas e transcrevo-as aqui na sua simplicidade original. Diziam assim: "Propósitos tomados por mim, Domingos Savio, em 1848, quando fiz a minha primeira comunhão, aos sete anos de idade: 1º Irei confessar-me frequentemente e farei a comunhão todas as vezes que o confessor me der licença. 2º Quero santificar os dias festivos. 3º Os meus amigos serão Jesus e Maria. 4º Antes morrer que pecar".

Estas lembranças, por ele muitas vezes repetidas, foram como que o norte das suas ações até o fim da vida.

Se entre os que lerem este opúsculo houver alguém que ainda não fez a primeira comunhão, tomarei a liberdade de lhe recomendar que escolha por modelo Domingos Savio. Recomendo especialmente aos pais e às mães de família e a todos os que exercem alguma autoridade sobre a juventude que deem importância a este ato religioso. Convençam-se de que a primeira comunhão bem feita estabelece no coração um sólido alicerce moral para toda a vida, e é de estranhar que se encontre alguém que, tendo cumprido com convicção este solene dever, não continue a viver bem e virtuosamente. Pelo contrário, encontram-se aos milhares jovens levianos que são o desespero de seus pais e dos educadores: se formos indagar o motivo de tudo isso, chegaremos à conclusão de que esse comportamento tem a sua origem na pouca ou nenhuma preparação para a primeira comunhão. É melhor adiá-la, antes, é melhor não fazê-la do que fazê-la mal.

Capítulo IV – Escola de Castelnuovo d'Asti - Episódio edificante – Sábia resposta a um mau conselho

Tendo terminado a escola primária, há muito que Domingos deveria ter sido enviado para outro lugar onde pudesse continuar os estudos, coisa que não podia fazer ali na sua aldeia. Esse era o desejo de Domingos, bem como o de seus pais. Mas como partir, se lhe faltavam os meios necessários? Deus, senhor supremo de todas as coisas, providenciará o necessário para que este menino possa enveredar pela carreira a que o chamava. "Se eu fosse passarinho, dizia Domingos, voaria de manhã e à tarde até Castelnuovo e assim continuaria os meus estudos".

O grande desejo que tinha de estudar fez-lhe superar todas as dificuldades e ele resolveu frequentar a escola municipal da região, embora ela ficasse à distância de quase quatro quilômetros. E assim aconteceu que um garoto de apenas dez anos percorria todos os dias 8 quilômetros, entre ida e volta, para ir à escola. Às vezes, o vento era importuno ou o sol, abrasador; outras, a lama ou a chuva o incomodavam. Não importa... É preciso vencer todos os incômodos e todas as dificuldades. Ele considera que a obediência aos pais é um modo de se aperfeiçoar na ciência da salvação, e isso lhe basta para suportar com alegria todas as fadigas. Uma pessoa de certa idade, vendo um dia Domingos a caminho da escola pelas duas horas da tarde, sob um sol ardente, teve com ele esta conversa como que para o animar:

– Meu amigo, não tens medo de andar sozinho nessas estradas?

– Não estou só, comigo está o Anjo da Guarda que me acompanha sempre.

– Não te cansas de fazer esta caminhada quatro vezes ao dia, com este sol tão quente?

– Nada me é penoso e não sinto a fadiga porque trabalho para um patrão que me paga bem.

– E quem é esse patrão?

– É Deus Nosso Senhor, que paga até um copo de água dado por seu amor.

Esta mesma pessoa contou mais tarde o episódio a alguns amigos seus e, sempre que o repetia, terminava dizendo: "Um rapazinho de tão tenra idade, que já alimentava tais pensamentos, dará certamente que falar de si, seja qual for a carreira que venha a seguir".

Ao ir e vir da escola, Domingos via-se exposto a vários perigos para a sua alma, devido ao procedimento nada exemplar de certos companheiros. Muitos garotos, no tempo de verão, costumam tomar banho nos açudes, nos riachos, nas lagoas e em lugares semelhantes. Muitos meninos juntos, sem roupa, tomarem banho em lugar público, é um perigo não só para o corpo, mas também para a alma. Quantas famílias deploram a sorte de um filho que termina a existência se afogando! Quantos rapazes lamentam a perda da sua inocência por terem ido tomar banho com companheiros menos escrupulosos nesses malfadados lugares! Vários colegas de Domingos tinham esse costume. Não contentes de irem eles próprios, quiseram levá-lo em sua companhia e, um dia, conseguiram. Mas, avisado de que isso não era recomendável, Domingos mostrou-se sinceramente arrependido; nunca mais foram capazes de o levar. Chorou e deplorou por mais de uma vez o perigo que tinha corrido sua alma e seu corpo. Não obstante, dois meninos mais audaciosos e falantes fizeram nova tentativa:

– Domingos, queres vir tomar banho conosco?

– Não, não vou! Não sei nadar e tenho medo de morrer afogado.

– Vamos, é muito bom! Quem vai nadar, não sente o calor, tem apetite e goza de boa saúde.

– Mas já disse que tenho medo de morrer afogado.

– Deixa disso, nós vamos te ensinar a nadar como um peixe. Tu olhas como nós fazemos e fazes a mesma coisa. Verás que dentro da água nós somos como peixes e damos saltos de gigante.

– Mas não será pecado ir a esses lugares onde há tantos perigos?

– Nem pensar! Todo mundo vai!

– Não é porque todo mundo vai que deixa de ser pecado.

– Se não quiseres tomar banho, ficas vendo os outros.

– Basta! Estou confuso e não sei o que responder.

– Vamos, vamos! Acredita em nós! Tomamos a responsabilidade, e podes ficar certo de que te livraremos de todo o perigo.

– Antes de ir, quero pedir licença à minha mãe; se ela achar bem, irei; do contrário, não.

– Cala a boca, tonto. Nem pensar de dizer à tua mãe. Ela não te deixará vir e até será capaz de falar com os nossos pais, que nos poderão esquentar com uma sova.

– Então, se a minha mãe não me deixa ir, é sinal de que a coisa não é boa: por isso, não vou; se quereis que eu fale francamente, já me enganastes uma vez, e fui; mas nunca mais vou. Nesses lugares há sempre o perigo de morrer afogado e de ofender o Senhor. Não me faleis mais de ir nadar; porque se desagrada aos vossos pais, nunca deveis fazê-lo, pois o Senhor castiga os filhos que desobedecem aos pais.

Assim, dando uma boa resposta a esses maus conselheiros, Domingos evitava um grave perigo, que poderia ser a causa da perda da sua inocência e o começo de uma longa série de ofensas a Deus.

Capítulo V – O seu comportamento na escola de Castelnuovo d'Asti – Palavras do seu professor

Frequentando essa escola, aprendeu a tratar com os companheiros. Se na escola via um rapaz atento nas aulas, respeitoso, que sabia bem as lições,

que fazia bem os trabalhos escolares e era elogiado pelos professores, escolhia-o logo como amigo. Entre os colegas havia brigões, insolentes, que descuidavam dos seus deveres, falavam mal e blasfemavam: Domingos fugia deles como da peste. Os que eram somente preguiçosos, cumprimentava-os, fazia-lhes algum favor quando preciso, mas não mantinha com eles familiaridade.

O comportamento de Domingos na escola de Castelnuovo d'Asti pode servir de modelo para qualquer estudante que deseja progredir na ciência e na piedade. A esse respeito, transcrevo a ponderada nota escrita pelo seu professor, padre Alexandre Allora[44], então professor municipal naquele povoado. Eis o seu teor:

"É deveras grato para mim expor o meu parecer sobre o pequeno Domingos Savio. Ele, em muito pouco tempo, soube captar a minha benevolência, de tal forma que o amei com a ternura de um pai. Aceito com gosto este convite, porque conservo ainda viva a agradável lembrança do seu estudo, do seu comportamento e da sua virtude.

Não posso falar muito da sua conduta religiosa, porque, morando ele muito longe desta povoação, estava dispensado de vir à missa. Se nela tivesse participado, teria certamente sobressaído pela sua piedade e devoção.

Terminados os estudos da primeira classe elementar em Morialdo, este bom rapaz pediu e obteve logo a admissão na minha segunda classe elementar, precisamente no dia 21 de junho de 1852, dia consagrado pelos estudantes a São Luís Gonzaga, protetor da juventude. Era de compleição um pouco frágil e delicada, tinha um aspecto grave, com um toque de doçura e um não sei quê de grande e agradável. Era de índole meiga e carinhosa e de caráter pacífico. Mantinha sempre essa atitude tanto na aula como fora dela, na igreja como em toda a parte. De modo que, quando o professor pensava nesse seu discípulo, olhava para ele ou lhe dirigia a palavra, recebia logo no seu espírito a melhor das impressões. Para o educador isso pode ser considerado a maior das compensações, dado o árduo trabalho que tem, e muitas vezes em vão, para cultivar o espírito árido e mal disposto de certos alunos. Por isso, posso afirmar que foi sábio, de nome e de fato*, no estudo, na piedade, na conversação e em todas as suas ações. Desde o primeiro dia em que entrou na minha classe até o fim daquele ano escolar, assim como nos quatro meses do ano seguinte, progrediu de modo extraordinário. Obteve sempre o primeiro lugar entre seus colegas e nos prêmios da escola; tinha quase sempre notas altas nas matérias que pouco a pouco se iam ensinando. Tão magníficos resultados nas ciências

[44] Alexandre José Allora [1819-1885].

* "Savio" em italiano significa "sábio": daí o sentido duplo da palavra usado pelo professor.

devem atribuir-se não só ao raro talento de que era prendado, mas também ao seu grande amor pelo estudo e pela virtude.

É digna de especial admiração a diligência com que procurava cumprir os mais pequeninos deveres de estudante cristão, especialmente a sua assiduidade e constância na frequência às aulas, de modo que, apesar de ser muito fraco, percorria diariamente mais de quatro quilômetros de caminho, quatro vezes ao dia entre ida e volta. E fazia isso de rosto prazenteiro e com admirável tranquilidade de espírito, mesmo sob as intempéries do inverno, chovesse ou nevasse, o que não podia deixar de ser notado pelo professor como prova e exemplo de raro mérito. Tendo tão bom aluno adoecido durante o ano letivo de 1852-53, e tendo posteriormente os pais mudado de residência, com grande pena minha, não pude continuar a dar aulas a tão querido aluno, cujas grandes e belíssimas esperanças iam diminuindo à medida que aumentava a minha preocupação de que ele não pudesse continuar os estudos por falta de saúde ou de recursos materiais.

Tive depois uma grande consolação quando soube que fora recebido no Oratório de São Francisco de Sales, porque via assim franqueado o caminho para o cultivo daquela inteligência e daquela piedade luminosa" (*até aqui o seu professor*).

Capítulo VI – Escola de Mondônio[45] *– Salvo de uma grande calúnia*

Parece que a divina Providência quis revelar a Domingos Savio que o mundo não é mais do que um exílio, onde peregrinamos de um lugar para outro; ou talvez fosse seu desígnio torná-lo conhecido em diversos lugares, para ali se apresentar como belo espelho de virtude. No final de 1852 os pais de Domingos deixaram Morialdo e fixaram residência em Mondônio, pequena aldeia situada nos arredores de Castelnuovo d'Asti. Na nova residência, o filho continuou a mesma vida de Morialdo e Castelnuovo. Por isso, eu deveria repetir o que a seu respeito escreveram os seus professores anteriores, dado que

[45] "Mondônio, Mondômio, ou Mondone é uma pequena localidade com aproximadamente 400 habitantes; dista duas milhas de Castelnuovo d'Asti, onde é fácil deslocar-se por uma estrada que ultimamente foi construída mediante a perfuração de uma colina. Há referências a esta localidade que remontam a 1034. Passou para o domínio da Casa Saboia com o tratado de Cherasco de 1631" (nota no texto original).

o padre Cugliero[46], que o teve como aluno, faz um depoimento quase semelhante. Dele transcrevo apenas alguns fatos especiais, omitindo o resto para evitar repetições.

"Posso dizer, escreve ele, que durante os vinte anos em que sou professor, nunca encontrei ninguém que se assemelhasse a Domingos Savio na piedade. Era criança na idade, mas sensato como um homem adulto. A sua diligência, a sua assiduidade no estudo, a sua afabilidade atraíam-lhe o afeto do mestre e tornavam-no o encanto dos companheiros. Quando eu o observava na igreja, ficava impressionado ao ver tanto recolhimento num menino de tão pouca idade. Muitas vezes disse para comigo: aí está uma alma inocente à qual se abrem as delícias do céu e que, com a pureza de seus afetos, se aproxima dos coros celestes".

Entre os fatos especiais, o seu professor relata o seguinte: "Um dia, os meus alunos cometeram uma falta grave, de tal forma que o culpado merecia ser expulso da escola. Os implicados, prevendo as consequências, foram ter com o professor e, de comum acordo, lançaram a culpa em Domingos. Eu não o julgava capaz de semelhante desordem, mas os acusadores souberam pintar de tal modo a calúnia que acabei acreditando. Por isso, entrei na sala indignado com o que tinha sucedido, falei ao culpado em geral e depois me dirigi a Savio dizendo: "Tinhas de ser logo tu a cometer uma falta dessas? Não merecerias ser expulso da escola agora mesmo? Tens a sorte de ser a primeira vez que me fazes uma coisa dessas; mas que seja também a última". Bastaria que Domingos tivesse dito uma única palavra em sua defesa, e a inocência triunfaria. Mas calou-se; baixou a cabeça e, como se fosse o verdadeiro culpado, não voltou a levantar os olhos. Mas Deus protege os inocentes e, no dia seguinte, os verdadeiros culpados foram descobertos. Assim se tornou evidente a inocência de Domingos. Cheio de pena pela repreensão que lhe tinha dado como se fosse ele o culpado, chamei-o à parte e disse-lhe: "Por que não me disseste logo que eras inocente?". Domingos respondeu: "Porque aquele rapaz, tendo já caído em várias faltas, seria expulso da escola; pelo contrário, eu esperava ser perdoado, por ser a primeira falta de que era acusado. Além disso, pensava no divino Redentor, que tinha sido caluniado injustamente". Calei-me então, mas todos admiraram a paciência de Savio, que ao mal soube responder com o bem, pronto a sofrer mesmo um grave castigo em favor do próprio caluniador (*assim o padre Cugliero*).

[46] "O padre José Cugliero [1808-1880] foi por alguns anos capelão beneficiado em Pino di Chieri; depois de uma vida exemplar, descansou no Senhor nesse mesmo povoado (nota no texto original).

Capítulo VII – Como travei conhecimento com Domingos – Pormenores curiosos desse encontro

O que agora vou contar posso fazê-lo com mais detalhes, pois tudo se passou sob meus olhos e em presença de muitos colegas seus que, sem discordância, poderão testemunhar. Corria o ano de 1854 quando o referido padre Cugliero veio falar de um rapaz digno de particular atenção pela sua piedade. "Pode haver aqui no Oratório, dizia ele, meninos iguais, mas dificilmente se encontrará quem o exceda em talento e virtude. Experimente e encontrará um São Luís.

Ficou combinado que irei a Morialdo, uma vez que costumava ir lá de férias com os alunos desta casa e, ao mesmo tempo, fazíamos a novena e celebrávamos a festa de Nossa Senhora do Rosário. Na primeira segunda-feira de outubro, logo de manhã cedo[47], vi um menino acompanhado pelo pai que se aproximava de mim para me falar. O seu semblante irradiando alegria e o seu ar risonho, mas respeitoso, despertaram logo a minha atenção e simpatia.

– Quem és, perguntei-lhe, e donde vens?

– Eu sou, respondeu ele, Domingos Savio, de quem lhe falou o senhor padre Cugliero, meu professor, e vimos de Mondônio.

Chamei-o então à parte e, começando a interrogá-lo sobre os estudos feitos e sobre o teor de vida até então seguido por ele, criamos logo plena confiança, ele comigo e eu com ele.

Percebi que aquele menino estava todo impregnado de espírito do Senhor e fiquei admirado com o trabalho que a graça divina já tinha operado em tão tenra idade.

Depois de uma conversa bastante prolongada, antes de chamar o pai, disse-me estas palavras textuais:

– Então, que lhe parece? Leva-me para Turim para poder estudar?

– Parece-me que o tecido é bom.

– E para que pode servir este tecido?

– Para fazer uma bela roupa para oferecer ao Senhor.

– Portanto, se eu sou o tecido, vossa reverendíssima será o alfaiate; leve-me junto e faça uma bela roupa para Nosso Senhor.

[47] Segunda-feira, 3 de outubro de 1854.

– Receio que a tua frágil saúde não dê para aguentar os estudos.

– Não tenha medo. Deus, que até hoje me deu saúde e graça, também me ajudará daqui em diante.

– Mas, quando terminares os estudos de latim, que pretendes fazer?

– Se Nosso Senhor me conceder tão grande graça, desejo ardentemente seguir o estado eclesiástico.

– Muito bem: agora quero ver se tens capacidade para os estudos: pega neste livrinho (era um fascículo das *Leituras Católicas*), estuda hoje esta página e amanhã voltarás para a recitar de cor.

Dito isso, deixei-o em liberdade para que fosse brincar com os colegas e pus-me a falar com o pai. Não tinham passado ainda oito minutos, quando Domingos se aproximou de mim e me disse: "Se quer, digo já de cor a minha lição". Peguei no livro, e com grande surpresa, vi que não só tinha estudado a página indicada, mas conhecia perfeitamente o sentido do que nela estava escrito.

– Muito bem, disse-lhe eu, antecipaste o estudo da tua lição e eu vou também antecipar a resposta. Levo-te para Turim e, a partir de agora, começas a fazer parte dos meus caros filhos. Começa também a pedir a Deus que nos ajude, a mim e a ti, a fazer a sua santa vontade.

Não sabendo como exprimir melhor a sua alegria e a sua gratidão, pegou minha mão, apertou-a e beijou-a muitas vezes, dizendo: "Espero proceder de tal modo que nunca tenha de se lamentar do meu comportamento".

Capítulo VIII – Chegada ao Oratório de São Francisco de Sales – As primeiras impressões sobre ele

É próprio da idade volúvel da juventude mudar muitas vezes de ideias relativamente ao que quer; por isso, não raro sucede que hoje decide uma coisa e amanhã outra; hoje pratica uma virtude em grau eminente e amanhã o contrário; e se não houver quem a acompanhe atentamente, pode facilmente acabar mal uma educação que talvez poderia dar ótimos resultados. Não aconteceu assim com o nosso Domingos. Todas as virtudes que vimos nascer e crescer nas várias fases da sua vida se desenvolveram sempre maravilhosamente e em conjunto, sem que umas prejudicassem as outras.

Depois de chegar ao Oratório, foi ao meu aposento para se colocar, como ele dizia, inteiramente nas mãos dos seus superiores. Ao entrar, o seu olhar fixou logo um cartaz onde estão escritas em grandes caracteres as seguin-

tes palavras, frequentemente repetidas por São Francisco de Sales: *Da mihi animas, coetera tolle*. Leu-as com atenção, e eu desejava que compreendesse o seu significado. Por isso convidei-o, melhor, ajudei-o a traduzi-las e a extrair este sentido: *Ó Senhor, dai-me almas, e ficai com tudo o mais.* Ele pensou um momento e depois acrescentou: "Compreendi: aqui não se trata de dinheiro, mas de almas. Compreendi. E espero que a minha alma faça também parte deste santo comércio".

O seu teor de vida durante algum tempo foi como o dos outros; mas o que se admirava nele era a exata observância do regulamento da casa. Aplicava-se com empenho no estudo. Cumpria com fervor todos os deveres. Ouvia com muito agrado os sermões. Tinha radicada no coração a convicção de que a Palavra de Deus é o guia do homem no caminho do céu, pelo que qualquer pensamento ouvido na pregação lhe ficava para sempre gravado na memória e nunca mais o esquecia.

Uma alocução moral, uma catequese, uma pregação, mesmo longa, para ele era sempre prazerosa. Ouvindo alguma coisa que não entendia bem, logo se apressava em pedir explicações. Assim começou aquele seu teor de vida, aquele contínuo progresso na virtude e aquela exatidão no cumprimento dos seus deveres, que dificilmente se poderá ultrapassar.

Para melhor conhecer o regulamento e a disciplina da casa procurava aproximar-se delicadamente de algum dos seus superiores, interrogava-o, pedia-lhe esclarecimentos e conselhos, e suplicava-lhe que se dignasse avisá-lo sempre que o visse transgredir os seus deveres. Não era menos recomendável o seu procedimento com os companheiros. Via algum dissipado ou descuidado na piedade? Fugia dele. Havia um companheiro exemplar, estudioso, diligente, elogiado pelos professores? Escolhia-o logo como amigo e confidente.

Aproximando-se a festa de Nossa Senhora da Conceição, o diretor, todas as noites, exortava os jovens da casa a celebrarem com solicitude e dignamente as glórias da Mãe de Deus; e insistia especialmente para que cada um pedisse à celeste protetora as graças de que mais precisava.

Corria o ano de 1854, em que os cristãos do mundo inteiro se encontravam numa espécie de agitação espiritual, porque em Roma se tratava da definição dogmática da Imaculada Conceição de Maria. Também nós fazíamos o que a nossa condição permitia para celebrar com dignidade e com proveito espiritual dos nossos jovens aquela solenidade.

Domingos Savio era um dos que manifestavam mais ardente desejo de a celebrar santamente. Escreveu nove pensamentos, ou antes, nove atos de virtude que devia praticar, escolhendo à sorte um para cada dia. Preparou-se, fez

uma confissão geral com toda a alegria e se aproximou dos santos sacramentos com o máximo recolhimento.

Na tarde daquele dia, 8 de dezembro, depois das cerimônias da igreja, ouvido o parecer do seu confessor, prostrou-se diante do altar da Virgem, renovou as promessas da sua primeira comunhão e depois repetiu muitas vezes estas palavras textuais: "Ó Maria, dou-vos o meu coração; fazei que eu seja sempre vosso. Jesus e Maria, sede sempre os meus amigos! Mas, por amor de Deus, dai-me a morte antes que me aconteça a desgraça de cometer um só pecado mortal!".

Tomando, assim, Maria como sustentáculo da sua devoção, o seu comportamento tornou-se tão edificante e associado a tais atos de virtude, que comecei desde então a anotá-los para não me esquecer deles.

Chegado a este ponto, ao descrever as ações de Domingos Savio, vejo-me diante de um conjunto de fatos e virtudes que exigem a maior atenção, tanto de quem escreve como de quem lê. Daí que, para maior clareza, julguei conveniente expor os fatos, não segundo a ordem cronológica, mas segundo a analogia que eles têm entre si ou segundo a sua relação com a matéria a tratar. Dividirei, portanto, os assuntos em capítulos, começando pelo estudo do latim, que foi o motivo principal pelo qual ele veio e foi acolhido nesta casa de Valdocco.

Capítulo IX – Estudo do latim – Curiosos incidentes – Comportamento na escola – Impede uma rixa – Evita um perigo

Domingos tinha começado a estudar latim em Mondônio; por isso, graças à sua grande assiduidade no estudo e ao seu raro talento, passou logo para a quarta classe ou, como diríamos hoje, para a segunda gramática latina[48]. Fez esse curso com o piedoso e caridoso professor José Bonzanino[49], pois nesse tempo ainda não estavam em vigor os cursos liceais na casa do Oratório, como estão agora. Eu deveria referir também aqui o comportamento, o aproveitamento e as maneiras corretas e exemplares de Domingos Savio, com as mesmas palavras dos seus professores anteriores. Por isso, exporei apenas alguns fatos que, nesse ano de latinidade e nos dois seguintes, foram notados

[48] Deveria ter dito *segunda ginasial*; com a Lei Casati (1859), o currículo de estudos clássicos, que antes estava dividido em 3 classes de *latinidade inferior* (sexta, quinta, quarta), 3 classes de *latinidade superior* (terceira ou gramática, humanidades, retórica) e biênio de filosofia (física e lógica), foi articulado em dois ciclos: *ginásio* (5 classes) e *liceu* (3 classes).

[49] Carlos José Bonzanino (falecido em 1888) dava aulas particulares para 20 alunos na sua residência; com o tempo se fará Cooperador Salesiano.

com particular admiração pelos que o conheceram. O professor Bonzanino afirmou muitas vezes que não se lembrava de um aluno mais atento, mais dócil, mais respeitoso do que o jovem Savio! Era um verdadeiro modelo em tudo. Na roupa e no cabelo nada tinha de rebuscado; e, no entanto, com a sua modéstia no vestir e na sua condição humilde, apresentava-se sempre limpo, bem-educado, cortês, de tal forma que, mesmo os companheiros de condição média e até os da nobreza, que em grande número frequentavam a escola, tinham prazer em falar com ele, não só por causa do seu saber e piedade, mas principalmente pelas suas maneiras e pelo modo de tratar. E se por vezes o professor devia lidar com alunos arruaceiros e irrequietos, colocava Domingos a seu lado, que com jeito estudava a maneira de os conduzir ao silêncio, ao estudo e ao cumprimento dos seus deveres.

É justamente no decorrer desse ano que a vida de Domingos nos oferece um fato que classificarei de heroico e que parece incrível em tão tenra idade. Refere-se a dois companheiros de escola que se envolveram numa rixa perigosa. O desentendimento começou com algumas palavras trocadas entre eles em desprezo das respectivas famílias. Depois de algumas expressões desbocadas e insultuosas, desafiaram-se para um duelo a pedradas. Domingos ficou sabendo da discórdia, mas como impedi-la, sendo os dois rivais mais fortes e mais velhos do que ele? Tentou convencê-los a desistir do plano, mostrando-lhes que a vingança era contrária à razão e à santa lei de Deus. Escreveu cartas a um e a outro; ameaçou levar o caso aos professores e até aos pais, mas tudo em vão. Os ânimos estavam tão exacerbados que era inútil qualquer palavra. Além do perigo de se ferirem gravemente, seria feita grave ofensa a Deus. Domingos estava muito preocupado, queria impedir o duelo e não sabia como. Deus, porém, o inspirou a fazer assim: esperou-os fora da aula e, chamando cada um à parte, disse: "Já que teimais no vosso triste projeto, peço-vos que aceiteis ao menos uma condição". "Aceitamos, responderam, contanto que não impeça o nosso desafio". "Esse aqui é um patife, replicou logo um deles. E não descansarei, acrescentava o outro, enquanto um de nós não tiver a cabeça rachada". Savio tremia ao ouvir essa discussão brutal. No entanto, desejando evitar um mal maior, parou e disse: "A condição que vos quero pôr não impede o desafio".

– Qual é ela, então?

– Desejaria dizê-la só no lugar onde quereis bater-vos em duelo.

– Estás brincando conosco, replicou um deles, ou então tentas criar alguma dificuldade...

– Estarei simplesmente ao vosso lado, e não vos enganarei; podeis ficar descansados.

– Vais talvez chamar alguém?...

– Deveria fazê-lo, mas não o faço. Irei só eu convosco. Mas sede fiéis à palavra dada.

Prometeram e dirigiram-se para os assim chamados *prados da Cidadela*, fora da Porta Susa([50]).

Era tal o ódio dos dois contendores, que só a muito custo Savio conseguiu impedir que chegassem às vias de fato durante o breve trajeto.

No local determinado, Savio tomou uma atitude em que ninguém, certamente, teria pensado. Deixou que se colocassem a certa distância, tendo cada um cinco pedras na mão, e falou-lhes assim: "Antes de começar o desafio, quero que cumprais a condição que aceitastes. E tirando um pequeno crucifixo que trazia ao pescoço ergueu-o numa das mãos e acrescentou: "Quero que cada um de vós ponha os olhos neste crucifixo e que depois, atirando-me uma pedra, diga em voz alta estas palavras: "Jesus Cristo, inocente, morreu perdoando aos seus algozes[51], e eu, pecador, quero ofendê-lo e vingar-me".

Dito isso, ajoelhou-se aos pés daquele que parecia mais furioso, dizendo: "Atira a primeira pedra contra mim; vamos, parte-me a cabeça". O rapaz, que não esperava esse gesto, pôs-se a tremer e exclamou: "Isso, nunca! Nada tenho contra ti, até mesmo eu te defenderia se alguém quisesse maltratar-te".

Ouvindo isso, Domingos correu para o outro, e repetiu-lhe as mesmas palavras. Este, por seu turno, ficou também perturbado e, a tremer, respondeu que, sendo seu amigo, não lhe faria mal algum.

Diante isso, Domingos levantou-se, e pondo-se entre eles com aspecto sério e comovido, disse-lhes: "Então, estais ambos dispostos a afrontar até um perigo grave para me defender, a mim que sou uma criatura miserável, e não sois capazes de perdoar um insulto ocorrido na escola, para salvar a vossa alma que custou o sangue ao Salvador e que quereis perder com este pecado?". E calou-se, conservando o crucifixo erguido ao alto.

Perante essa prova de coragem e de caridade, os dois rivais deram-se por vencidos. "Naquele momento, escreveu um deles, fiquei sem fala. Um arrepio glacial percorreu-me o corpo e fiquei envergonhado por ter obrigado um amigo tão bom, como Savio, a usar medidas extremas para impedir o nosso malvado desejo. Querendo dar-lhe ao menos um sinal de bondade, perdoei de

[50] "Esses prados estão hoje cobertos de edifícios e o local daquela briga corresponde à área onde está construída a igreja paroquial de Santa Bárbara" (nota no texto original). A igreja de Santa Bárbara foi inaugurada em 18 de abril de 1869.

[51] Cf. Lc 23,34.

todo o coração a quem me tinha ofendido e pedi a Domingos que me indicasse um sacerdote paciente e caridoso para me confessar. Ele acedeu ao meu desejo e, alguns dias depois, fui com o meu rival fazer a confissão. Deste modo, depois de ter reatado a amizade com ele, fiquei reconciliado com o Senhor, a quem tinha ofendido gravemente com o ódio e o desejo de vingança".

Exemplo digno de ser imitado por todo o jovem cristão, sempre que lhe acontecer ver o seu semelhante ofendido ou injuriado e com desejos de se vingar.

Mas o que mais honrou o procedimento e a caridade de Domingos Savio foi o silêncio que guardou acerca do que se passara. Tudo teria caído no esquecimento, se os que tomaram parte no acontecido não o tivessem contado repetidas vezes.

A ida e a volta da escola, tão perigosas para os jovens que vão dos povoados às grandes cidades, foram para o nosso Domingos um verdadeiro exercício de virtude. Constante no cumprimento das ordens dos seus superiores, ia à escola e regressava para casa sem se distrair com o que se passava à sua volta. E também nunca deu ouvidos a coisas que não convinham a um jovem cristão. Se lhe sucedia encontrar-se com companheiros turbulentos que faziam travessuras, atiravam pedras ou passavam por lugares suspeitos, logo se afastava deles.

Um dia convidaram-no para dar um passeio sem licença; noutra ocasião aconselharam-no a faltar às aulas para ir se divertir; mas Domingos, com boas maneiras, esquivou-se sempre desses convites, respondendo: "O meu melhor divertimento é o cumprimento dos deveres; se sois meus verdadeiros amigos, deveis aconselhar-me a cumpri-los com exatidão e não a transgredi-los. Apesar de tudo, teve a infelicidade de tratar com alguns companheiros levianos; estes tanto o assediaram e apoquentaram, que esteve em risco de ser vítima deles. E já estava decidido a ir com eles e a faltar às aulas. Mas, percebendo que seguia um mau conselho, sentiu grande remorso; chamou logo os maus conselheiros e lhes disse: "Meus amigos, o nosso dever é ir às aulas e é o que eu vou fazer. Devemos evitar tudo o que desagrada a Deus e aos nossos superiores; estou arrependido do que fiz; se me derdes outra vez semelhantes conselhos, deixareis de ser meus amigos".

Todos aqueles jovens aceitaram o aviso do seu amigo; foram com ele para a escola e nunca mais procuraram desviá-lo dos seus deveres. No fim do ano, devido ao seu bom comportamento e especial aplicação ao estudo, mereceu ser promovido entre os melhores para a classe seguinte. No princípio do terceiro ano de gramática, porém, a saúde de Domingos estava um pouco abalada, e por isso achou-se conveniente deixar-lhe fazer o curso particular

nesta casa do Oratório, de maneira a ter com ele os necessários cuidados no descanso, no estudo e durante os recreios.

No primeiro ano de humanidades ou de primeira retórica, parecendo melhor de saúde, foi confiado ao benemérito senhor professor padre Mateus Picco[52]. Este já tinha ouvido falar muitas vezes dos dotes que caracterizavam Domingos; por isso recebeu-o de graça na sua escola, que era considerada uma das melhores da nossa cidade.

Numerosos são os episódios edificantes atribuídos a Savio no ano de terceira gramática e primeira retórica; iremos expô-los à medida que formos narrando os fatos com eles relacionados.

Capítulo X – A sua decisão de tornar-se santo

Feita esta breve referência aos estudos de latim, vamos agora falar da sua grande decisão de se santificar.

Havia seis meses que Savio entrara no Oratório, quando, um dia, fez-se uma pregação sobre o modo fácil de nos tornarmos santos. O pregador deteve-se, especialmente, a desenvolver três pontos que causaram profunda impressão no espírito de Domingos, a saber: é vontade de Deus que todos nos santifiquemos; é muito fácil conseguir este intento; terá um grande prêmio no céu quem conseguir tornar-se santo. Esta pregação foi como que uma centelha que abrasou o seu coração no amor de Deus. Durante alguns dias nada disse, mas estava menos alegre que de costume. Os companheiros deram-se conta, tal como eu. Julgando que isso fosse causado por novo incômodo de saúde, perguntei-lhe se sofria de algum mal. "Pelo contrário, respondeu, estou sofrendo algum bem". "Que quer dizer com isso?". "Quero dizer que sinto desejo e necessidade de tornar-me santo. Não pensava que fosse tão fácil. Agora sei que posso ser santo estando alegre, quero-o absolutamente e sinto mesmo absoluta necessidade de me tornar santo. Diga-me, portanto, como devo proceder para começar esse desafio".

Louvei o seu propósito, mas exortei-o a que não se inquietasse, porque no meio da agitação interior não se conhece a voz do Senhor; que, pelo contrário, eu queria em primeiro lugar uma constante e moderada alegria: e aconselhando-o a ser perseverante no cumprimento dos seus deveres de piedade e de estudo, recomendei-lhe que não deixasse de participar sempre no recreio com os seus companheiros.

[52] Mateus Picco (1810-1880); dava aulas particulares na própria residência.

Um dia disse-lhe que queria dar-lhe um presente, mas do seu gosto, e que era meu desejo que a escolha fosse sua. "O presente que lhe peço, respondeu prontamente, é que me faça santo. Quero entregar-me inteiramente ao Senhor, para sempre ao Senhor, pois sinto uma grande necessidade de me fazer santo; e se não for santo, eu serei um nada. Deus quer-me santo: e eu devo fazer isso".

Noutra ocasião o diretor quis dar um sinal de especial afeto aos jovens da casa e deu-lhes a possibilidade de pedirem num bilhete qualquer coisa que lhe fosse possível, prometendo que a concederia. Podemos facilmente imaginar os pedidos ridículos e extravagantes formulados por uns e por outros. Domingos Savio, pegando num pedacinho de papel, escreveu apenas estas palavras: "Peço que salve a minha alma e me faça santo".

Um dia explicava-se a etimologia de certas palavras. "E Domingos, perguntou ele, que quer dizer?". "Domingos, respondi, quer dizer *do Senhor*". "Veja, acrescentou logo, se não tenho razão de lhe pedir que me faça santo; até o nome diz que devo ser do Senhor. Portanto, eu quero e devo ser do Senhor, quero fazer-me santo e estarei infeliz enquanto não for santo".

O desejo ardente que ele demonstrava de querer fazer-se santo não provinha do fato de ele não ter uma vida verdadeiramente de santo, mas dizia isso porque queria fazer duras penitências e passar longas horas em oração; e estes projetos eram-lhe expressamente proibidos pelo diretor, por serem incompatíveis com a sua idade, saúde e ocupações.

Capítulo XI – O seu zelo pela salvação das almas

A primeira coisa que lhe foi aconselhada para se fazer santo foi de empenhar-se em ganhar almas para Deus, pois não há no mundo coisa mais santa do que cooperar para o bem das almas, pelas quais Jesus Cristo derramou até a última gota o seu precioso sangue. Domingos compreendeu o alcance desse trabalho e muitas vezes o ouviram dizer: "Oh! como seria feliz se pudesse ganhar para Deus todos os meus companheiros!". Aproveitava, pois, de todas as ocasiões para dar bons conselhos e avisar os que tinham dito ou feito alguma coisa contrária à santa lei de Deus.

O que sobretudo lhe causava grande horror e lhe fazia mal à saúde era a blasfêmia ou ouvir invocar o santo nome de Deus em vão. Se, porventura, ao passar pela cidade ou por qualquer outra parte, lhe sucedesse ouvir semelhantes palavras, baixava penalizado a cabeça e dizia com coração devoto: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!".

Passando certo dia por uma praça da cidade, quem o acompanhava viu-o tirar o chapéu e proferir algumas palavras baixinho. "Que estás dizendo?". "Não ouviste aquele carroceiro invocar o nome de Deus em vão? Se eu soubesse que ele se arrepende, iria ter com ele para o aconselhar a que não mais falasse assim; mas receio que ainda faça pior; por isso, limitei-me a tirar o chapéu e dizer: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Faço isso com intenção de reparar, como me é possível, a injúria feita ao santo nome de Deus".

O companheiro admirou o comportamento e a coragem de Domingos e, com grande satisfação, ainda hoje conta o episódio em honra do amigo e para edificação dos companheiros.

Ao voltar uma vez da escola, ouviu um homem de idade avançada proferir uma horrível blasfêmia. Estremeceu. Dirigiu um ato de reparação a Deus no íntimo do seu coração e fez uma coisa deveras admirável. Em atitude respeitosa, aproximou-se do blasfemo e perguntou-lhe se sabia indicar-lhe a casa do Oratório de São Francisco de Sales. Vendo aquele semblante de paraíso, o carroceiro desanuviou o rosto carregado e respondeu-lhe: "Não sei, querido menino, sinto muito".

– Ah! se o senhor não sabe o que lhe pergunto, poderia fazer-me outro favor?

– Com muito gosto.

Domingos aproximou-se o mais que pôde do seu ouvido e, baixinho, para que os outros não ouvissem, disse-lhe: "Muito lhe agradeceria se, nos seus ímpetos de cólera, dissesse outras palavras sem blasfemar do santo nome de Deus".

– Bravo, respondeu o outro, estupefato e cheio de admiração: muito bem, tens razão. É um vício maldito que quero vencer a todo o custo.

Um dia aconteceu que um garoto dos seus nove anos se pôs a discutir com outro perto da porta de casa e, na briga, proferiu sem respeito o adorável nome de Jesus Cristo. Domingos, ao ouvir essa palavra, embora sentisse uma justa revolta em seu coração, meteu-se entre os dois contendores e com bons modos aquietou-os. Em seguida, chamando aquele que tinha pronunciado o nome de Deus em vão, disse-lhe: "Vamos, vem comigo e ficarás contente...". As boas maneiras de Domingos induziram o menino a acompanhá-lo. Tomou-o pela mão, levou-o a uma igreja, ajoelhou-se com ele diante do altar e disse-lhe: "Pede perdão a Deus da ofensa que lhe fizeste quando pronunciaste o seu santo nome sem o devido respeito. E como o garoto não sabia o ato de contrição, fez com que ele o repetisse palavra por palavra. Depois, acrescentou: "Dize comigo o que te vou dizer, a fim de reparares a ofensa feita a Jesus

Cristo: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado seu nome santo e adorável".

Lia de preferência a vida dos santos que mais se tinham empenhado na salvação das almas. Falava com gosto dos missionários que se sacrificam em terras longínquas pelo bem das almas; e, não podendo enviar-lhes auxílios materiais, oferecia a Deus todos os dias algumas orações, e uma vez por semana, pelo menos, fazia por eles a sagrada comunhão. Muitas vezes eu o ouvi dizer: "Quantas almas aguardam a nossa ajuda na Inglaterra! Oh! se tivesse forças e virtude, iria eu mesmo e, com a palavra e com o exemplo, haveria de ganhá-las todas para o Senhor!". Lamentava muitas vezes consigo mesmo e com seus companheiros o pouco zelo que muitos têm em instruir as crianças nas verdades da fé. "Quando for seminarista, dizia, irei a Mondônio, reunirei todas as crianças num alpendre e lhes ensinarei o catecismo, contarei muitos exemplos e os ajudarei a se fazerem santos. Quantos meninos se desencaminham por não terem quem lhes ensine a doutrina cristã!". E o que ele dizia confirmava-o em seguida com os fatos, pois, apesar da pouca idade e instrução, gostava de dar catequese na igreja do Oratório; e, se alguém necessitasse de catequese em particular, ele se dispunha a ministrá-la a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana, com o único propósito de poder falar de coisas espirituais e de dar a conhecer a importância da salvação da alma.

Um dia, um companheiro indiscreto tentou interrompê-lo, quando estava no recreio contando um fato. "Mas que tens tu a ver com isso?", perguntou o rapaz. "Que tenho eu a ver com isso?", respondeu Domingos. Tenho muito a ver, porque a alma dos meus companheiros foi remida pelo sangue de Jesus Cristo; tenho muito a ver, porque somos todos irmãos e, como tais, devemos amar reciprocamente a nossa alma; tenho muito a ver, porque Deus recomenda que nos ajudemos a salvar-nos uns aos outros; tenho muito a ver, porque, se conseguir salvar uma alma, asseguro também a salvação da minha".

Esta solicitude pelo bem das almas não diminuía no breve tempo de férias que passava na casa paterna. Qualquer imagem, medalha, crucifixo, livrinho ou outro objeto que ganhasse na escola ou na catequese, punha-os de parte para oferecer quando estivesse de férias. Mais ainda: antes de partir do Oratório, costumava pedir aos superiores alguns desses objetos para alegrar, como ele dizia, os seus amigos de diversões. Mal chegava à sua terra, via-se logo rodeado de garotos da sua condição, uns menores, outros maiores, que sentiam uma grande alegria em estar com ele. Domingos distribuía, então, os presentes que tinha trazido, e levava-os a estar atentos às perguntas que lhes fazia, ora sobre o catecismo, ora sobre os deveres particulares de cada um.

Com essas boas maneiras conseguia habilmente levar alguns deles à catequese, à oração, à missa e a outras práticas de piedade.

Contaram-me que empregou bastante tempo para ensinar um dos companheiros. "Se conseguires fazer bem o sinal da cruz, dizia Domingos, dou-te uma medalha; depois, vou recomendar-te a um padre que te dará um lindo livro. Mas queria que o fizesses bem e que, ao dizeres as palavras, levasses a mão direita à testa, depois ao peito, ao ombro esquerdo e ao direito, terminando por unir as mãos e dizendo: *Assim seja*". Desejava ardentemente que este sinal da nossa Redenção fosse sempre bem feito; e ele mesmo fazia-o com frequência na presença dos outros, como a convidá-los a que o imitassem.

Além de cumprir com a maior exatidão todos os deveres, mesmo os mais insignificantes, tomava conta de dois irmãozinhos, a quem ensinava a ler, escrever e recitar o catecismo, assistia-os na oração da manhã e da noite. Levava-os à igreja, oferecia-lhes a água benta e mostrava-lhes como deviam fazer o sinal da santa cruz. Em vez de passar o tempo se divertindo, aproveitava-o para contar exemplos edificantes aos familiares ou aos companheiros que o quisessem ouvir. Quando estava na sua terra, todos os dias fazia uma visita ao Santíssimo Sacramento e ficava muito contente se conseguia levar algum dos companheiros. Pode-se dizer, pois, que não deixava perder nenhuma ocasião de fazer uma boa obra ou de dar um bom conselho, o que redundava sempre em proveito da alma.

Capítulo XII – Episódios e belas maneiras de conversar com os companheiros

O pensamento de ganhar almas para Deus acompanhava-o por toda a parte. No tempo livre era a alma do recreio, mas em tudo procurava sempre o seu bem moral ou dos outros. Respeitava todos os princípios da boa educação e nunca interrompia os outros quando falavam. Se os companheiros se calavam, procurava logo tratar de questões escolares de história, de aritmética, e tinha sempre mil e uma histórias para contar que tornavam muito amena a sua companhia. Se por acaso alguém puxasse a conversa para assuntos de murmuração, interrompia imediatamente e, com um gracejo ou uma pequena história, ou outra coisa para fazer rir, mudava de assunto, evitando assim que os seus companheiros ofendessem a Deus.

O ar alegre e o temperamento vivo de Domingos tornavam-no querido até mesmo dos companheiros menos piedosos, de tal maneira que todos gostavam muito de falar com ele, levando em consideração os conselhos que, de quando em quando, lhes dava. Uma ocasião, um dos companheiros lembrou-se de se mascarar, ao que Domingos se opôs. "Gostarias realmente de ser aquele de que te queres mascarar, com dois chifres na testa, um nariz de um

palmo e meio e um traje de charlatão?". "Isso, nunca!", respondeu o outro. "Então, se não desejas ter essa figura ridícula, por que queres deturpar a bela fisionomia que Deus te deu?".

Uma vez, durante o recreio, aproximou-se dos meninos que se divertiam um homem e, dirigindo-se a um deles, começou a falar tão alto que todos em redor puderam ouvir. O homenzinho, para os atrair, começou a falar-lhes de coisas que faziam rir. E eles, levados pela curiosidade, bem depressa se apinharam em volta do desconhecido, escutando com a maior atenção aquelas lorotas. Apenas percebeu que escutavam com interesse, fez recair a conversa sobre religião e, como é costume entre gente dessa laia, saiu-se com tais disparates que horrorizavam, ridicularizando as coisas mais santas e desacreditando os sacerdotes. Alguns dos presentes, indignados ao ouvir palavras tão ímpias e não tendo coragem de o contradizer, limitaram-se a se afastar. Um bom número, porém, continuava imprudentemente a ouvi-lo. A essa altura chegou Domingos. Apenas percebeu que a conversa era inconveniente, vencendo todo o respeito humano, dirigiu-se aos companheiros, dizendo-lhes: "Vamos embora. Deixemos sozinho este infeliz: ele quer roubar-nos a alma". Os garotos, obedientes à voz de tão amável e virtuoso companheiro, retiraram-se todos, deixando sozinho aquele enviado do demônio. E o homenzinho, vendo-se abandonado, tratou de se retirar e nunca mais voltou.

De outra vez, alguns queriam ir tomar banho. Se isso é perigoso em qualquer lugar, muito mais na região de Turim, onde, sem falar do perigo de imoralidades, se encontram águas tão profundas e impetuosas, que muito frequentemente os jovens são vítimas infelizes do banho. Domingos deu-se conta disso e procurava entreter-se com eles para lhes fazer passar a ideia, contando historietas e novidades. Mas quando os viu querendo ir a todo custo, então lhes falou de forma resoluta:

– Não, disse, não quero que vades.

– Não vamos fazer mal nenhum.

– Ireis desobedecer aos vossos superiores, ireis expor-vos a escândalos e ao perigo de morrer afogados, e ainda dizeis que não é mal?

– Mas temos um calor que não se aguenta.

– Se não podeis aguentar o calor deste mundo, podereis acaso suportar o calor do inferno, que ides merecer com a vossa imprudência? Convencidos, mudaram de ideia, puseram-se a brincar com Domingos e, à hora marcada, foram assistir às cerimônias religiosas na igreja.

Alguns alunos do Oratório, desejando o bem dos seus companheiros, reuniram-se numa espécie de sociedade para trabalhar na conversão dos mais

difíceis: Savio também pertencia a essa sociedade e era um dos mais zelosos. Sempre que conseguia arranjar um doce, fruta, uma cruz, uma medalha, reservava tudo para esse fim. "Quem quer, quem quer?", ia dizendo. "Eu, eu", gritavam todos correndo para ele. "Devagar, devagar, dizia ele. Quero dá-lo a quem souber responder melhor a uma pergunta de catecismo". Mas só perguntava aos mais descuidados e apenas lhe davam uma resposta satisfatória, entregava-lhes o pequeno presente.

Outros eram também atraídos, mas de outras maneiras: chamava-os, convidava-os a passear, deixava que se abrissem e, se fosse preciso, brincava com eles. Por vezes, foi visto com um grande pau aos ombros, como Hércules com a maça a tomar parte no jogo da *rã* [53], mostrando-se apaixonado por esse divertimento. De repente, porém, parava e dizia ao companheiro: "Queres que nos vamos confessar no sábado?". O outro, por estar ainda longe esse dia ou para continuar o jogo, ou mesmo para lhe ser agradável, respondia que sim. Bastava isso para Domingos e continuava o jogo. Mas não o perdia mais de vista. Todos os dias, por um motivo ou por outro, lembrava-lhe aquele sim e ia-lhe indicando a maneira de se confessar bem. Chegado o sábado, como um caçador que fez uma boa caçada, acompanhava-o à igreja, confessava-se primeiro, prevenia o confessor, se necessário, e logo depois rezava com ele a ação de graças. Estes fatos, que eram frequentes, enchiam Domingos de grande consolação e eram de grande proveito para os outros. Com frequência, notava-se que alguns não colhiam frutos das pregações ouvidas na igreja; entretanto, esses mesmos dificilmente resistiam às piedosas sugestões de Domingos.

Acontecia por vezes que algum colega prometia a semana inteira e depois, no sábado, não se deixava ver à hora de se confessar. Quando em seguida ele o encontrava de novo, quase a brincar, dizia-lhe: "Ah maroto! Tu me pregaste uma peça!". "Olha, dizia o outro, não estava disposto, não tinha vontade…". "Pobre de ti, acrescentava Domingos, cedeste ao demônio que estava muito bem disposto para te receber; mas agora ainda estás menos disposto e vejo-te de mau humor. Vamos, experimenta ir confessar-te, faze um esforço, procura confessar-te bem e verás de quanta alegria ficará repleto o teu coração". Quase sempre, depois de se ter confessado, esse tal vinha logo ter com Domingos com o coração a transbordar de alegria e dizia: "É verdade, agora estou mesmo contente; no futuro quero confessar-me com mais frequência".

Nas comunidades de jovens costuma haver alguns que por serem mais brutos, ignorantes, menos educados ou amargurados por algum desgosto, são

[53] O jogo consistia em bater com um porrete na ponta da bilharda (cilindro de madeira, de um palmo de comprimento, com extremidades arredondadas e pontiagudas), fazendo-a saltar no ar para bater nela de novo e antes de cair lançá-la o mais longe possível.

muitas vezes postos de parte pelos companheiros. Esses sofrem o peso do abandono, quando têm mais necessidade do conforto de um amigo.

Eram esses os amigos de Domingos. Aproximava-se deles, animava-os com uma agradável conversa, dava-lhes bons conselhos; com frequência aconteceu que jovens, decididos a entregar-se à desordem, animados pelas caridosas palavras de Savio, retornavam aos bons sentimentos.

Por isso, todos os que se encontravam doentes, pediam-no como enfermeiro, e os que tinham desgostos encontravam conforto partilhando-os com ele. Dessa maneira tinha sempre caminho aberto para exercer a caridade com o próximo e, ao mesmo tempo, ganhar merecimentos diante de Deus.

Capítulo XIII – O seu espírito de oração – Devoção à Mãe de Deus – O mês de Maria

Entre os dons de que Deus o enriqueceu, sobressaía o do fervor na oração. O seu espírito estava tão habituado a conversar com Deus que, em qualquer lugar, mesmo no meio da maior confusão, Domingos concentrava os seus pensamentos e, com piedoso afeto, elevava o coração a Deus.

Quando orava em comum, parecia um anjo: imóvel, em atitude devota, sem se apoiar em nada, apenas de joelhos, de rosto sorridente, cabeça um pouco inclinada e olhos baixos; teríeis reconhecido um outro São Luís. Bastava vê-lo para se ficar edificado. Em 1854 o senhor Conde Cays foi eleito presidente da Companhia de São Luís, fundada no Oratório. Da primeira vez que tomou parte nas nossas celebrações, viu um rapaz que rezava com uma atitude tão devota que lhe causou grande admiração. Terminadas as cerimônias sagradas, quis saber quem era aquele que tanto o impressionara: aquele rapaz era Domingos Savio.

Sacrificava quase sempre uma parte do recreio: em geral, algum tempo era passado em piedosa leitura ou em oração, que ia fazer na igreja com alguns companheiros em sufrágio das almas do purgatório ou em honra de Maria Santíssima.

Domingos tinha uma grande devoção à Mãe de Deus. Em sua honra fazia diariamente alguma mortificação. Nunca fitava pessoas de outro sexo. Ao ir às aulas, raramente levantava os olhos do chão. Passando às vezes perto de espetáculos públicos, que produziam nos companheiros tal ansiedade que perdiam a noção de onde estavam, ao perguntarem-lhe se tinha gostado, Domingos respondia que não tinha visto nada. Um dia, um companheiro,

encolerizado, reprovou esse seu modo de proceder, dizendo-lhe: "Para que tens tu esses olhos, se não te servem para ver tais coisas?". "Os meus olhos, respondeu Domingos, quero-os para ver o rosto da nossa celeste mãe Maria, quando, se com o auxílio de Deus for digno, a for encontrar no paraíso".

Cultivava uma devoção especial ao Imaculado Coração de Maria. Todas as vezes que entrava numa igreja, ia logo ao seu altar para lhe pedir que lhe concedesse a graça de conservar o seu coração bem longe de qualquer afeto impuro. "Maria, dizia ele, quero ser sempre vosso filho. Fazei que morra antes que me suceda a desgraça de cometer um pecado contra a virtude da modéstia".

Todas as sextas-feiras escolhia um momento de recreio, ia à igreja com outros companheiros para recitar a coroa das setes dores de Maria, ou pelo menos as ladainhas de Nossa Senhora das Dores[54].

Não se limitava a ser devoto de Nossa Senhora, mas ficava radiante de alegria todas as vezes que podia levar alguém a honrá-la com práticas de piedade. Certo sábado convidou um amigo a ir com ele à igreja rezar as vésperas da Bem-aventurada Virgem Maria. Este tentou esquivar-se alegando ter as mãos frias. Domingos tirou imediatamente as luvas, ofereceu-as ao companheiro e entraram ambos na igreja. Em outra ocasião emprestou o capote a um companheiro friorento para o mesmo fim. Quem não ficará cheio de admiração perante tais atos de generosidade?

Em nenhum momento Domingos tinha tanto fervor para com a celeste protetora como no mês de maio. Combinava com outros para, em cada dia desse mês, fazer uma cerimônia particular, além das que se faziam na igreja. Preparava uma série de exemplos edificantes, que narrava aos companheiros para os animar a serem devotos de Maria Santíssima. Falava nisso durante os recreios e animava-os a se confessarem e comungarem, especialmente naquele mês. Era o primeiro a dar o exemplo, aproximando-se todos os dias da sagrada mesa com tal recolhimento que maior não se podia desejar.

Um episódio curioso revela-nos a ternura que ele consagrava à Mãe de Deus. Os alunos do seu dormitório deliberaram fazer, com despesas do próprio bolso, um elegante altarzinho para solenizarem com mais brilho o encerramento do mês de Maria. Domingos era incansável nesse trabalho; mas chegando o momento do pagamento da quota que cada um devia dar, começaram as dificuldades. Domingos declarou: "Até aqui, tudo bem, mas para isso é preciso dinheiro e é o que eu não tenho. No entanto, quero contribuir de qualquer modo, custe o que custar". E, dizendo isso, foi buscar um livro

[54] Cf. "Coroinha de Nossa Senhora das Dores", em *Jovem Instruído* (cf. n. 184).

que lhe tinha sido dado de prêmio e, pedindo licença aos superiores, voltou radiante de alegria, dizendo: "Meus amigos, estou em condições de concorrer com alguma coisa para honrar a Virgem Santíssima; aqui está este livro; fazei o uso que dele quiserdes; é a minha oferta".

À vista daquele ato espontâneo de generosidade, os companheiros se comoveram e também quiseram oferecer livros e objetos. Com esse material fizeram uma rifa, e conseguiram arranjar mais do que o necessário para as despesas.

Concluído o altar, os alunos queriam celebrar a festa com a maior solenidade. Todos trabalhavam o mais que podiam, mas não conseguindo acabar a ornamentação, foi preciso trabalhar de noite. "Eu passarei a noite a trabalhar", disse Domingos. Mas os seus companheiros, por ele se encontrar em convalescença de uma doença recente, obrigaram-no a ir deitar-se. Não queria ceder, e só foi deitar-se por obediência. "Ao menos vinde acordar-me assim que tudo estiver pronto, para eu ser um dos primeiros a admirar o altar enfeitado em homenagem à nossa querida mãe".

Capítulo XIV – Frequência dos sacramentos da confissão e da comunhão

Está comprovado pela experiência que os melhores sustentáculos da juventude são os sacramentos da confissão e da comunhão. Dai-me um rapaz que frequente estes sacramentos: ele crescerá, passará pela puberdade, chegará a adulto e, se Deus for servido, à mais avançada velhice, com um procedimento que servirá de exemplo a todos os que o conhecerem. Queira Deus que todos os jovens compreendam isso para o praticarem, bem como todos os que se ocupam da educação da juventude, para o ensinarem.

Antes de vir para o Oratório, Domingos aproximava-se destes dois sacramentos uma vez por mês, segundo o uso das escolas. Depois frequentou-os com mais assiduidade. Um dia, ouviu do púlpito esta máxima: "Jovens, se quiserdes perseverar no caminho do céu, recomendo-vos estas três coisas: aproximai-vos muitas vezes do sacramento da confissão, frequentai a santa comunhão e escolhei um confessor a quem possais abrir o vosso coração, mas não o troqueis sem necessidade". Domingos compreendeu a importância desses conselhos.

Começou por escolher um confessor e conservou-o durante todo o tempo que esteve no Oratório. Para que este pudesse formar um juízo exato da sua consciência, quis, como se disse, fazer a confissão geral. A princípio, confessava-se todos os quinze dias e, mais tarde, todos os oito dias, comun-

gando com a mesma frequência. O confessor, notando o grande progresso que fazia nas coisas do espírito, aconselhou-o a comungar três vezes por semana e, depois de um ano, permitiu-lhe a comunhão diária.

Foi durante algum tempo dominado pelos escrúpulos; por isso, queria confessar-se de quatro em quatro dias e ainda mais amiúde; mas o seu diretor espiritual não concordou com esse desejo e obrigou-o à disciplina da confissão semanal.

Tinha nele uma confiança ilimitada. Falava com ele com toda a simplicidade dos assuntos de consciência, mesmo fora do confessionário. Alguém o aconselhou a mudar de confessor de vez em quando, mas ele não concordou. "O confessor, dizia, é o médico da alma; não é costume mudar de médico a não ser por falta de confiança ou porque o mal está muito adiantado. Não estou nesses casos. Tenho plena confiança no meu confessor que, com bondade e solicitude paternal, se empenha no aperfeiçoamento da minha alma; além disso, não vejo em mim feridas que ele não possa curar". No entanto, o diretor ordinário aconselhou-o a mudar, uma ou outra vez, de confessor, especialmente por ocasião dos exercícios espirituais; sem opor a mínima dificuldade, obedeceu prontamente.

Domingos estava contente consigo mesmo. "Se tenho qualquer mágoa no coração, dizia ele, vou ao meu confessor para que me aconselhe o que Deus quer que eu faça, pois Jesus Cristo disse que a voz do confessor é a voz de Deus. Se desejo alcançar alguma coisa importante, então vou receber a hóstia santa na qual se encontra *corpus quod pro nobis traditum*, ou seja, aquele corpo, sangue, alma e divindade que Jesus Cristo ofereceu a seu eterno Pai por nós na cruz. Que mais me falta para ser feliz? Neste mundo, nada. Só me resta poder gozar no céu daquele que hoje adoro e contemplo, sobre os altares, com os olhos da fé".

Com estes pensamentos, Domingos passava dias verdadeiramente felizes. Daqui nascia aquele contentamento, aquela alegria celestial que transparecia em todas as suas ações. Não pensemos que ele não compreendesse a importância do que fazia e não tivesse um teor de vida cristã, como convém que o tenha quem deseja fazer a comunhão frequente. Por isso, o seu comportamento era, sob todos os pontos de vista, irrepreensível. Convidei os seus colegas a dizerem-me se, durante os três anos que ele viveu conosco, lhe notaram algum defeito a corrigir ou alguma virtude a adquirir. Todos, unânimes, responderam que nunca encontraram nele coisa alguma que merecesse correção, nem virtude que se devesse acrescentar às que já praticava.

A sua preparação para receber a Santa Eucaristia era das mais edificantes. À noite, antes de se deitar, fazia uma oração com esse fim e concluía sem-

pre deste modo: "Graças e louvores se deem a todo o momento ao santíssimo e diviníssimo Sacramento!". De manhã, era esse grande ato precedido de uma preparação suficiente; mas a ação de graças, essa não tinha fim. Muitas vezes, se ninguém o chamasse, esquecia-se da refeição, do recreio e algumas vezes do estudo, permanecendo em oração, ou melhor, na contemplação da divina bondade, que de um modo inefável comunica aos homens os tesouros da sua infinita misericórdia.

Era para ele uma verdadeira delícia poder passar algumas horas diante de Jesus Sacramentado. Invariavelmente, ao menos uma vez por dia, costumava fazer-lhe uma visita, convidando outros a ir em sua companhia. A sua oração predileta era a coroinha([55]) do Sagrado Coração de Jesus para reparação das injúrias que recebe dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos.

Para que as suas comunhões produzissem maior fruto e, ao mesmo tempo, o estimulassem a fazê-las cada vez com mais fervor, tinha fixado para cada dia um fim especial.

Eis como distribuía as intenções durante a semana: *Domingo:* em honra da Santíssima Trindade. *Segunda;* pelos benfeitores espirituais e temporais. *Terça;* em honra de São Domingos e do meu Anjo da Guarda. *Quarta;* a Nossa Senhora das Dores, pela conversão dos pecadores. *Quinta;* em sufrágio das almas do purgatório. *Sexta;* em honra da paixão de Jesus Cristo. *Sábado:* em honra de Maria Santíssima, para obter a sua proteção durante a vida e na hora da morte.

Tomava parte com arroubos de alegria em todas as cerimônias que tivessem por fim honrar o Santíssimo Sacramento. Se acontecia encontrar o Viático ao ser levado a algum doente, ajoelhava-se logo, onde quer que fosse e, se tinha tempo, acompanhava-o até terminar a cerimônia.

Um dia passou o Viático perto dele. Chovia e os caminhos estavam enlameados. Não tendo outro lugar para se ajoelhar, ajoelhou-se mesmo sobre a lama. Um dos seus amigos repreendeu-o depois, observando-lhe que, em tais circunstâncias, Nosso Senhor não exigia tanto. Domingos respondeu-lhe: "Joelhos e calças tudo é de Deus; por isso, tudo deve servir para lhe dar honra e glória. Quando passo perto dele, não só me atiraria ao chão para honrá-lo, mas até a uma fornalha, porque assim participaria do fogo da caridade infinita que o impeliu a instituir este grande Sacramento".

Em circunstâncias análogas, viu um dia um militar que permanecia em pé no momento em que passava bem perto o Santíssimo Sacramento. Não se

[55] "Esta coroinha se encontra impressa em muitos livros, entre os quais no *Jovem Instruído*, na página 105" (nota no texto original). Cf. n. 184.

atrevendo a convidá-lo para que se ajoelhasse, tirou do bolso um lencinho, estendeu-o sobre o terreno sujo e fez-lhe sinal para que se servisse dele. O militar, a princípio, acanhou-se; mas, por fim, deixando de lado o lenço, acabou por se ajoelhar no meio do caminho.

Na festa do Corpo de Deus foi com outros companheiros, vestidos de batina, à procissão da paróquia. Não cabia em si de alegria e considerou aquilo como um presente precioso, que maior não poderia ser para ele.

Capítulo XV – As suas penitências

A idade, a saúde delicada e a inocência da vida dispensavam Domingos de toda e qualquer penitência; mas bem sabia ele que um rapaz dificilmente pode conservar a inocência sem a penitência, e este pensamento fazia com que o caminho do sofrimento fosse como uma estrada feita de rosas. Por penitência, não entendo falar apenas de suportar pacientemente as injúrias e os desgostos, nem da mortificação contínua e da compostura de todos os sentidos durante a oração, na aula e no recreio. Estas penitências eram nele habituais.

Falo apenas das duras penitências corporais. Levado pelo seu fervor, tinha determinado jejuar todos os sábados a pão e água, em honra da Virgem Maria, o que lhe foi proibido pelo confessor. Queria jejuar durante a quaresma, mas, ao cabo de uma semana, o fato chegou ao conhecimento do diretor da casa, que se opôs imediatamente a esse tipo de mortificação. Queria, pelo menos, deixar o café da manhã, mas também isso não lhe foi permitido. A razão pela qual não lhe davam licença para tais penitências era a de impedir que arruinasse de todo a sua delicada saúde. Que fazer então? Proibido de abster-se no alimento, achou maneiras de mortificar o corpo de outra forma. Começou por colocar na cama lascas de madeira, cacos de tijolo, para tornar incômodo o descanso; quis usar uma espécie de cilício. Como tudo isso lhe fosse proibido, lançou mão de outro expediente: deixou passar o outono e parte do inverno sem colocar outro cobertor na cama; de modo que, em pleno mês de janeiro, continuava a usar a roupa de verão. Certa manhã que ficara na cama incomodado, o diretor foi visitá-lo. Vendo-o tão encolhido, aproximou-se dele e viu que só tinha um cobertor fino. "Por que fizeste isso? Queres morrer de frio?". "Não, senhor diretor, não morrerei de frio. Jesus, na gruta de Belém e quando morreu na cruz, estava menos agasalhado do que eu".

Foi-lhe, então, proibida toda e qualquer penitência, fosse de que gênero fosse, sem previamente ter obtido a devida licença. Embora constrangido, submeteu-se a esta ordem. Uma vez, encontrei-o todo aflito, murmurando

estas palavras: "Pobre de mim! Estou deveras atrapalhado... Nosso Senhor diz que devo fazer penitência, se não, não vou para o céu; e, no entanto, estou proibido de fazê-la. A que paraíso posso então aspirar?".

– A penitência que o Senhor quer de ti, disse-lhe eu, é a obediência. Obedece e basta.

– Não podia permitir-me qualquer outra penitência?

– Posso, sim: são permitidas as penitências de sofrer com paciência as injúrias que te fizerem, de suportar com resignação o calor, o frio, o vento, a chuva, o cansaço e todos os incômodos que Deus quiser enviar-te.

– Mas isso sofre-se por necessidade.

– O que sofres por necessidade, oferecido a Deus, pode tornar-se virtude e mérito para a tua alma.

Contente e resignado com estes conselhos, retirou-se tranquilo.

Capítulo XVI – Mortificações em todos os sentidos externos

Quem reparasse no porte exterior de Domingos Savio, achava nele tanta naturalidade, que pensava tê-lo Nosso Senhor criado assim mesmo. Mas os que o conheceram de perto ou tiveram a responsabilidade da sua educação podem assegurar que havia nisso grande esforço humano coadjuvado pela graça de Deus.

A vivacidade do seu olhar obrigava-o a grande esforço, dada a sua firme resolução de dominá-lo. "Ao princípio, repetiu várias vezes a um amigo, quando me decidi a dominar completamente o meu olhar, foi penoso e até sofri por isso fortes dores de cabeça". Com efeito, era tão reservado que ninguém dos que o conheceram se lembra de tê-lo visto olhar para qualquer coisa que excedesse os limites da rigorosa modéstia. "Os olhos, dizia ele, são duas janelas. Pelas janelas passa tudo o que se deixa passar. Por estas janelas, tanto podemos deixar passar um anjo como um demônio e permitir, tanto a um como a outro, que se aposse do nosso coração".

Certo dia, um dos seus companheiros trouxe inadvertidamente para a escola uma revista em que havia algumas figuras obscenas e imorais. Um grupo de colegas rodeou-o para ver aquelas gravuras que fariam corar de vergonha até os infiéis e os pagãos. Domingos correu também, pensando, de longe, que estivessem vendo alguma imagem piedosa.

Quando viu, porém, do que se tratava, ficou surpreendido. Em seguida, com um sorriso de ironia, pegou a revista e a rasgou em mil pedaços. Os outros, atônitos, entreolharam-se mortificados, sem pestanejar.

Domingos, então, disse-lhes: "Pobres de nós! Nosso Senhor nos deu os olhos para contemplar as belezas de tudo o que ele criou, e vós vos servis deles para olhar essas indecências inventadas pela malícia dos homens para corromper as almas? Esquecestes o que tantas vezes vos foi ensinado? O Salvador diz que com um olhar inconveniente manchamos as nossas almas, e vós a vos deliciais com os olhos vendo coisas tão vergonhosas?".

– Nós, respondeu um deles, víamos aquilo para rir.

– Sim, sim, para rir; no entanto, rindo, vos preparais para ir para o inferno. Riríeis no inferno se lá caísseis?

– Mas nós – retorquiu outro – não víamos grande mal naquelas gravuras.

– Pior ainda. Não ver grande mal em semelhantes indecências é sinal de que já estais habituados a vê-las. Mas o hábito não desculpa, antes, pelo contrário, torna-vos mais culpados. Santo Jó! Santo Jó! Tu eras velho, mas eras santo; sofrias de uma doença que te obrigava a viver deitado no meio da imundície; e, contudo, fizeste um pacto com os teus olhos para não lhes dar a mínima liberdade acerca de coisas inconvenientes!

A essas palavras, todos se calaram e ninguém mais se atreveu a censurá-lo nem a fazer-lhe qualquer observação.

À modéstia nos olhos Domingos aliava uma grande reserva no falar. Quando alguém falava, ele se calava; por várias vezes truncou uma expressão pelo meio para deixar falar os outros. Os seus mestres foram unânimes em afirmar que nunca tiveram motivo para repreendê-lo, tão modelar foi sempre o seu procedimento no estudo, na aula, na igreja e em toda a parte. Até nas ocasiões em que lhe fizessem alguma injúria ele sabia moderar mais do que nunca a língua e o seu temperamento.

Um dia, avisou um companheiro de um mau hábito. Este, em vez de receber de bom grado a observação, zangou-se. Cobriu-o de insultos e investiu contra ele a socos e pontapés. Domingos podia fazer valer as suas razões pela força, dado que era mais velho e tinha mais força. Mas não quis senão a vingança do cristão. Ficou muito corado, mas refreou o ímpeto de ira e limitou-se a dizer as seguintes palavras: "Perdoo-te esta ofensa. Não trates os outros desta maneira".

Que dizer da mortificação dos outros sentidos do corpo? Limito-me simplesmente a contar alguns fatos.

No inverno, as frieiras deixavam-lhe as mãos num estado lastimoso. Embora sofresse muito, nunca de seus lábios saiu a menor queixa, e parecia mesmo que achava prazer naquilo. "Quanto maiores forem as frieiras, dizia ele, tanto mais lucrará a saúde". Referia-se, naturalmente, à saúde da alma. Muitos dos seus companheiros asseguram que, durante a estação fria, Domingos costumava ir para a escola devagar e nisso via-se o desejo de sofrer e fazer penitência, sempre que surgissem ocasiões propícias. "Por mais de uma vez o vi, declara um dos seus colegas, no maior rigor do inverno, dilacerar a pele e até a carne, com agulhas e pontas de metal, para que essas picadas se transformassem em chagas e assim o tornassem semelhante ao divino Mestre!"

Onde há muitos jovens, encontram-se sempre alguns que nunca estão satisfeitos com coisa alguma. Ora se queixam das cerimônias religiosas, ora dos regulamentos, ora do descanso, ora da comida, em tudo acham alguma coisa para criticar: são uma verdadeira cruz para os superiores, porque o descontentamento de um se comunica logo aos outros, com grande detrimento da ordem e da disciplina. O procedimento de Domingos Savio era completamente o oposto. Nunca abriu a boca para se queixar do calor no verão nem do frio no inverno. Fizesse bom ou mau tempo, estava sempre satisfeito. Quanto à alimentação, nada tinha a dizer. Ao contrário, de boa vontade tirava daí motivo para se mortificar. Quando alguma coisa não agradava aos outros, porque estava muito cozida ou muito crua, insípida ou muito salgada, Domingos mostrava-se contente, dizendo que era assim mesmo que ele gostava.

Era seu costume demorar-se um pouco no refeitório depois da saída dos alunos, para recolher as migalhas do pão deixadas sobre a mesa ou espalhadas pelo chão, comendo-as como algo saboroso. A alguém que estranhava esse procedimento, ocultava o seu espírito de penitência, dizendo: "Os pães não se comem inteiros; reduzidos a bocadinhos, é um trabalho a menos para os dentes". Restos de sopa, de carne ou de qualquer outro prato, ele os aproveitava e comia; não o fazia por gulodice, porque muitas vezes distribuía a sua parte aos companheiros. Um dia perguntei-lhe a razão por que recolhia com tanto cuidado os restos que à maioria das pessoas causava repugnância. Domingos respondeu: "Tudo o que temos no mundo é dom precioso de Deus; mas de todos os dons, depois da graça de Deus, o maior é o alimento com que ele nos conserva a vida; por isso, a mais pequenina parcela desse dom merece a nossa gratidão e deve ser guardada com o maior cuidado e a mais escrupulosa diligência".

Engraxar os sapatos, escovar a roupa dos companheiros, prestar aos doentes os mais humildes serviços, varrer e trabalhar nas ocupações mais humil-

des, era para Domingos um agradável passatempo. Costumava dizer: "Cada um faz aquilo que pode. Eu não sou capaz de fazer grandes coisas, mas o que posso, faço-o para maior glória de Deus. Espero que Nosso Senhor, na sua bondade, fique satisfeito com as minhas pobres oferendas".

Comer o que repugnasse ao seu gosto e pôr de parte o que lhe poderia agradar; refrear os olhares, mesmo nas coisas indiferentes; permanecer onde havia cheiros desagradáveis, contrariando assim a sua vontade; suportar com perfeita resignação tudo o que lhe pudesse proporcionar qualquer mortificação do corpo ou do espírito: tudo servia para ele como ato de virtude em que Domingos se exercitava cotidianamente e, podemos até dizer, em todos os momentos da sua vida.

Não cito muitos outros fatos deste gênero que concorreram para demonstrar como era grande em Domingos o espírito de caridade, de penitência e de mortificação e, ao mesmo tempo, como a sua virtude o tornava hábil em aproveitar as grandes e as pequenas ocasiões, mesmo nas coisas indiferentes, para se santificar e aumentar os seus méritos diante de Deus.

Capítulo XVII – A Companhia da Imaculada Conceição

Toda a vida de Domingos, pode-se dizer, foi de contínua dedicação a Maria Santíssima. Não deixava passar a menor ocasião para lhe prestar qualquer homenagem. Em 1854, o Sumo Pontífice definiu como dogma de fé a Imaculada Conceição de Maria. Domingos Savio desejava ardentemente tornar vivo e duradouro entre nós o pensamento dessa augusta invocação à rainha do céu, sancionada pela Igreja. "Desejaria fazer alguma coisa em honra de Maria, dizia ele, mas tenho de fazer quanto antes, pois receio que me falte o tempo".

Guiado, pois, pela sua habitual e engenhosa caridade, escolheu alguns dos seus companheiros e convidou-os a organizarem com ele uma Companhia, à qual deram o título de Companhia da Imaculada Conceição. O fim principal dessa Companhia era atrair sobre os sócios a proteção da Mãe de Deus durante a vida e na hora da morte. Dois meios propunha Domingos para este fim: promover práticas de piedade em honra de Maria Imaculada e a comunhão frequente. De acordo com os amigos, compilou um regulamento que, depois de muito trabalho, no dia 8 de junho de 1856, isto é, nove meses antes da sua morte, leu na presença deles, diante do altar de Nossa Senhora. De bom grado o transcrevo, porque poderá servir de norma para outros que queiram fazer o mesmo. Eis o seu teor:

Nós, Domingos Savio, etc. (seguem-se os nomes dos outros), para podermos assegurar, durante a vida e no momento da morte, o patrocínio da bem-aventurada Virgem Maria, e para nos consagrarmos inteiramente ao seu santo serviço, no dia 8 de junho, tendo recebido os sacramentos da confissão e da comunhão, resolvidos como estamos a professar para com a nossa mãe uma devoção constante e filial, propomo-nos, perante o seu altar e com o consentimento do nosso diretor espiritual, querer imitar, tanto quanto as nossas forças permitirem, a Luís Comollo. Por isso, obrigamo-nos ([56])...

Capítulo XVIII – Relações de amizade – Relacionamento com o jovem Camilo Gávio

Todos eram amigos de Domingos. Quem não o estimava, respeitava-o pelas suas virtudes. Sabia dar-se bem com todos. Era tão firme na virtude, que foi aconselhado a entreter-se com alguns alunos um pouco rebeldes para, com bons modos, levá-los a Jesus. E ele de tudo se servia para tirar proveito espiritual: do recreio, dos divertimentos e até das conversas indiferentes. Mas os seus amigos mais próximos eram os que estavam inscritos na Companhia de Maria Imaculada, com os quais, durante a semana, como já dissemos, se reunia para conferências espirituais ou para práticas de piedade cristã. Estas conferências tinham a aprovação dos superiores, mas eram organizadas e reguladas pelos próprios alunos. Nelas tratavam do modo de celebrar as novenas das principais solenidades, combinavam entre si as comunhões que cada um devia fazer em determinado dia da semana, indicavam os alunos necessitados de assistência moral que os sócios faziam seus "clientes e protegidos", lançando mão de todos os meios que a caridade cristã sugere a fim de encaminhá-los para a virtude. Domingos era um dos mais entusiastas e, pode-se dizer que, nessas conferências, parecia um doutor.

Poderíamos indicar alguns companheiros de Domingos que tomaram parte nessas reuniões e trataram de perto com ele, mas, como ainda vivem, é preferível calarmos os seus nomes. Mencionaremos apenas dois que já faleceram: Camilo Gávio, de Tortona, e João Massaglia, de Marmorito[57]. Camilo Gávio esteve apenas dois meses em Valdocco, mas foi o bastante para deixar imperecível recordação entre os companheiros.

[56] Neste ponto Dom Bosco refere, com poucas variantes, o *Regulamento da Companhia da Imaculada* conforme o manuscrito original que apresentamos no n. 207.

[57] Ambos morreram antes da fundação da Companhia da Imaculada (8 de junho de 1856): Gavio faleceu no dia 29 de dezembro de 1855 e Massaglia no dia 20 de maio de 1856.

Era um rapaz de grande piedade. A sua grande propensão para a pintura e escultura levaram a prefeitura daquela cidade a ajudá-lo a vir para Turim, a fim de se aperfeiçoar nessas artes. Tivera na sua terra uma grave doença e veio para o Oratório ainda convalescente. Longe do ambiente da sua terra e dos pais e entre colegas desconhecidos, andava muito desconsolado e triste. Via os outros jogar e ficava sozinho, absorto em pensamentos negativos.

Disso se deu conta Domingos que logo se aproximou dele para confortá-lo. E teve com ele este belo diálogo: "Então, meu amigo, pelo que vejo, não conheces aqui ninguém".

– Não, não conheço, mas divirto-me a ver os outros brincarem.

– Como te chamas?

– Camilo Gávio, de Tortona.

– Quantos anos tens?

– Quinze completos.

– Donde vem essa tristeza que te anuvia o rosto? Estiveste doente?

– Sim, estive doente; tive umas palpitações terríveis que me puseram à beira do túmulo e, mesmo agora, ainda não me sinto inteiramente bem.

– E desejarias sarar?

– Nem tanto; desejo apenas fazer a vontade de Deus.

Estas últimas palavras de Camilo Gávio foram uma revelação para Domingos, que viu imediatamente nele um rapaz dotado de rara piedade; por isso, com toda a confiança, continuou:

– Quem deseja fazer a vontade de Deus deseja também se santificar. Tens, então, vontade de te fazer santo?

– É grande em mim esse desejo.

– Pois bem, aumentarás o número dos nossos amigos e tomarás parte em tudo o que fizermos para nos santificarmos.

– É tão belo o que me dizes... Mas não sei ainda o que devo fazer...

– Eu te direi em poucas palavras. Sabe que nós aqui fazemos consistir a santidade em estar muito alegres. Procuraremos apenas evitar o pecado, como grande inimigo que nos rouba a graça de Deus e a paz do coração, cumprir exatamente os nossos deveres e frequentar as práticas de piedade. Começa desde já a tomar nota da frase: *Servite Domino in laetitia,* sirvamos o Senhor em santa alegria.

Esta conversa foi como que um bálsamo para Camilo Gávio, que ficou deveras confortado. Desde esse dia passou a ser o mais fiel amigo de Domingos e seu imitador constante. A doença, porém, que o levara à beira do túmulo e que não tinha sido ainda debelada, reapareceu dois meses depois; não obstante todos os cuidados dos médicos e dos amigos, não se pôde encontrar remédio para o mal. Depois de alguns dias de padecimentos, tendo recebido os últimos sacramentos com grande devoção, entregava a sua alma a Deus, no dia 30 de dezembro de 1856[58].

Domingos fora várias vezes visitá-lo durante a doença e sempre se oferecia para passar a noite à cabeceira do enfermo, o que nunca lhe foi permitido. Quando soube que tinha expirado, quis vê-lo pela última vez e, ao vê-lo morto, disse comovido: "Adeus, Camilo. Estou intimamente convencido de que foste para o céu; prepara um lugar para mim. Serei sempre teu amigo e, enquanto o Senhor me der vida, pedirei pelo descanso da tua alma". Foi depois com alguns dos companheiros rezar o ofício dos mortos na câmara ardente. Fizeram-se ainda outras preces durante o dia. Domingos convidou alguns dos melhores colegas a fazerem a santa comunhão e ele mesmo a fez em sufrágio do amigo falecido.

Entre outras coisas, disse aos seus amigos: "Meus amigos, não esqueçamos a alma do nosso colega. Tenho grande esperança de que já esteja na glória do céu; não obstante, continuemos a rezar por sua alma. Tudo o que fizermos por ele, Deus disporá que outros façam por nós um dia".

Capítulo XIX – Domingos Savio e João Massaglia

Foram mais longas e mais íntimas as relações com João Massaglia, de Marmorito, povoação pouco distante de Mondônio.

Entraram ao mesmo tempo no Oratório, eram de lugarejos vizinhos, tinham a mesma vontade de abraçar o estado eclesiástico e um grande desejo de se fazerem santos.

– Não basta, dizia uma vez Domingos ao seu amigo, que nos queiramos fazer sacerdotes, é preciso que trabalhemos por adquirir as virtudes necessárias a esse estado.

– Tens razão, respondia o amigo, mas, se fizermos tudo o que pudermos, Deus não deixará de nos conceder as graças e as forças para merecermos favor tão grande como o de nos tornarmos ministros de Jesus Cristo.

[58] Deveria ter escrito: 29 de dezembro de 1855.

Por ocasião da Páscoa, os dois amigos fizeram com muito fervor os exercícios espirituais. No fim, Domingos disse ao companheiro:

– Quero que sejamos verdadeiros amigos, amigos naquilo que diz respeito à alma. Por isso, proponho que, de ora em diante, nos avisemos um ao outro em tudo o que possa servir para o nosso bem espiritual. Se notares em mim algum defeito, dize-me, para que me possa emendar e, se vires que posso fazer algum bem, não te esqueças de me avisar.

– Farei de boa vontade tudo o que me pedes, embora não precises, mas tu é que deves ser mais cuidadoso comigo porque, devido à idade, estudo e aulas, estou exposto a maiores perigos.

– Deixemo-nos de elogios mútuos e ajudemo-nos a fazer bem à nossa alma.

Desde aquele dia, Savio e Massaglia tornaram-se verdadeiros amigos e a sua amizade foi duradoura, porque assentava na virtude. Ambos, um mais do que o outro, procuravam dar bom exemplo e bons conselhos, para se auxiliarem mutuamente a fugir do mal e a praticar o bem.

No fim do ano letivo, depois dos exames, os alunos foram autorizados a passar as férias com os pais ou familiares. Alguns, movidos pelo desejo de estudar e de se aperfeiçoar nos exercícios de piedade, preferiram ficar no Oratório, entre eles, Domingos e João Massaglia. Sabendo que eram ansiosamente esperados por suas famílias, e, como ambos precisavam restaurar as forças perdidas, insisti: "Por que não ides passar alguns dias de férias?". Eles puseram-se a rir. "Que quereis dizer com esse riso?". Domingos respondeu-me: "Bem sabemos que os nossos pais nos esperam ansiosamente. Não imagina como lhes queremos bem e que prazer nós teríamos de estar com eles. Mas sabemos também que o passarinho enquanto está na gaiola, se não goza de liberdade, pelo menos, está livre do gavião. Pelo contrário, fora da gaiola, voa para onde quer, mas, de um momento para o outro, pode cair nas garras do gavião infernal".

Apesar disso, julguei conveniente mandá-los passar algum tempo em casa para bem da sua saúde; resignaram-se a fazer-me a vontade, mas unicamente para obedecer, e lá ficaram os dias que lhes marquei.

Se quisesse descrever os belos atos de virtude de João Massaglia, teria de repetir o que disse de Domingos, de quem foi fiel imitador enquanto viveu. Massaglia gozava de boa saúde e dava ótima conta de si nos estudos. Depois de terminar o curso secundário, fez os exames para vestir a batina. Entretanto, a veste talar, que tanto respeitava e desejava, usou-a por poucos meses. Acometido de uma constipação, que tinha o aspecto de um simples

resfriado, não quis interromper os estudos. Com o intento de curá-la mais depressa e para lhe tirar o pretexto de estudar, os pais levaram-no para casa. Foi durante esta ausência que ele escreveu ao amigo a seguinte carta:

Caro amigo,

Julgava ter de passar apenas alguns dias em casa e voltar depois para o Oratório. Por isso, deixei aí todos os livros. Vejo, porém, que as coisas se complicam e que a minha cura se torna cada vez mais problemática. O médico diz que vou melhorar; mas eu acho que estou pior. Veremos quem tem razão.

Meu caro Domingos, sofro muito por me ver longe de ti e do Oratório, pois aqui não tenho facilidade de fazer as minhas práticas de piedade. Só me sinto reconfortado ao recordar os dias que nos fixávamos para nos preparar e aproximar da santa comunhão.

Espero, todavia, que, embora separados corporalmente, não o estejamos espiritualmente.

Entretanto, peço-te um favor: vai ao estudo e dá uma olhada na minha carteira. Encontrarás algumas cartas e junto delas o meu amigo Kempis, ou melhor, *A imitação de Cristo.* Farás de tudo um só pacote que me remeterás. Repara que esse livro é em latim; embora goste da tradução, é sempre tradução, e nela não encontro a satisfação que o original latino me proporciona. Sinto-me cansado desta inércia a que me vejo condenado, e o médico não quer que eu estude. Passeio pelo quarto e com frequência pergunto a mim mesmo: "Sararei desta doença? Voltarei a ver os meus companheiros? Será esta a minha última enfermidade?" O que virá a suceder, só Deus o sabe. Parece-me que estou pronto a fazer, nos três casos, a santa e amável vontade de Deus.

Se tiveres algum bom conselho a dar-me, escreve-me. Dize-me como está a tua saúde e lembra-te de mim quando rezares, especialmente quando comungares. Coragem, ama-me de todo o coração em Nosso Senhor. Se não pudermos conviver muito tempo na vida presente, espero que possamos um dia viver felizes em santa companhia na bem-aventurada eternidade.

Apresenta cumprimentos aos nossos amigos, especialmente aos irmãos da Companhia da Imaculada Conceição. O Senhor esteja contigo e crê-me sempre teu afeiçoadíssimo

João Massaglia

Domingos cumpriu os desejos do amigo e, ao mandar-lhe tudo o que pedira, juntou a seguinte carta:

Meu caro Massaglia,

Tive uma grande alegria ao receber a tua carta. Ela veio dar-me a certeza de que ainda estás vivo. Desde que partiste, nunca mais tivemos notícias tuas, e não sabíamos se devíamos rezar por ti o *Glória ao Pai* ou o *De profundis.* Mando-te os objetos pedidos. Devo unicamente te dizer que o Kempis é um bom amigo, mas está morto e nunca sai do lugar. É necessário, pois, que o procures, que o despertes, que o leias, empenhando-te em pôr em prática o que nele fores lendo.

Suspiras pela comodidade que aqui temos para os exercícios de piedade e tens toda a razão. Quando estou em Mondônio, tenho a mesma saudade. Procuro, então, suprir essa falta, visitando todos os dias o Santíssimo Sacramento e levando comigo o maior número de companheiros que posso. Além do Kempis, leio também o *Tesouro escondido na Santa Missa,* do beato Leonardo[59]. Se te parece, faze o mesmo. Dizes-me que não sabes se voltarás ao Oratório para nos fazeres uma visita. A minha carcaça anda também muito avariada, e tudo me faz prognosticar que me aproximo a largos passos do termo dos meus estudos e da minha vida. Seja como for, façamos assim: rezemos um pelo outro, para que possamos ter uma boa morte. Aquele que primeiro for chamado para o céu, prepare o lugar para o amigo; e quando for ao seu encontro dê-lhe a mão para introduzi-lo na mansão celeste. Deus nos conserve sempre na sua graça e nos ajude a fazer-nos santos, mas rapidamente, porque temo que nos falte o tempo. Todos os nossos amigos suspiram pelo teu regresso ao Oratório e te cumprimentam no Senhor.

Com afeto e amizade fraternal declaro-me sempre teu

Afeiçoadíssimo amigo do coração

Domingos Savio

A doença do jovem Massaglia parecia inicialmente benigna; por várias vezes pareceu completamente debelada, mas sempre reapareceu, até que, quase inesperadamente se agravou de forma irremediável. "Teve tempo, escreveu o teólogo Valfré, seu diretor espiritual durante as férias, de receber com a

[59] Cf. Leonardo da PORTO MAURIZIO, *Il tesoro nascosto, ovvero pregi ed eccellenze della S. Messa, con un modo pratico e divoto per ascoltarla com frutto,* Turim, Giacinto Marietti 1840.

maior devoção os confortos da nossa santa religião católica e teve a morte do justo que deixa o mundo para voar para o céu"[60] .

Ao perder aquele amigo, Domingos ficou profundamente contristado e, embora resignado à vontade de Deus, chorou-o durante muitos dias. Foi esta a primeira vez que vi aquele semblante angélico entristecer-se e chorar de dor. O único conforto que teve foi rezar e pedir que rezassem pelo amigo. Uma vez ouvimo-lo exclamar: "Querido Massaglia, morreste! Espero que estejas na companhia de Gávio no paraíso; quando terei eu a ventura de me encontrar convosco na imensa felicidade do céu?".

Durante todo o tempo que Domingos sobreviveu ao seu amigo, teve-o presente nas suas orações e costumava dizer que não podia assistir à missa ou a qualquer exercício de piedade, sem recomendar a Deus a alma daquele que, durante a vida, tanto tinha feito pelo seu bem. Esta perda foi muito dolorosa para a sua ternura de amigo, e a sua saúde ficou, desde então, seriamente comprometida.

Capítulo XX – Graças especiais e fatos particulares

Até aqui narrei coisas que nada têm de extraordinário, se de extraordinário não quisermos qualificar um procedimento sempre bom, que se foi aperfeiçoando constantemente com a inocência da vida, com as obras de penitência e com a prática da piedade. Poderia também se chamar extraordinária a robustez da sua fé, a firmeza da sua esperança, a inflamada caridade e a perseverança na prática do bem que praticou até o último alento. Aqui, porém, quero expor certas graças especiais e alguns fatos fora do comum que talvez

[60] "O sacerdote teólogo Carlos Valfré nasceu em Villafranca de Piemonte, em 23 de julho de 1813. Terminado o curso secundário, durante o qual teve sempre um comportamento verdadeiramente exemplar, abraçou o estado eclesiástico, secundando assim a sua vocação. Após vários anos de trabalho apostólico no ministério sacerdotal, foi nomeado prior da paróquia de Marmorito. Foi sempre exatíssimo no cumprimento dos seus deveres. Instruir os garotos pobres, prestar assistência aos enfermos, confortar e auxiliar os pobres, eram características do seu zelo. Pela sua bondade, caridade e desprendimento dos bens materiais, era digno de ser proposto como modelo de todo o sacerdote com cura de almas. Quando os seus trabalhos paroquiais lho permitiam, dedicava-se à pregação de retiros espirituais, tríduos e novenas. E Nosso Senhor abençoava as suas fadigas, que eram sempre coroadas de copiosos frutos. Quando, porém, maior necessidade tínhamos dele, Deus chamou-o a si para lhe dar a eterna recompensa. Depois de breve enfermidade, com a morte do justo, passou à melhor vida, em 22 de fevereiro de 1861, com a bela idade de apenas 47 anos, no dia 12 de fevereiro de 1861. Esta perda privou a Igreja de um digno ministro, e deixou Marmorito sem um pastor que com toda razão era considerado o pai do povo; todavia, todos nos sentimos confortados na esperança de ter adquirido um benfeitor junto a Deus no paraíso" (nota no texto original).

venham a ser alvo de alguma crítica. Por isso, julgo bem prevenir o leitor de que tudo aquilo que vou contar tem plena semelhança com fatos registrados na Bíblia e na vida dos santos; refiro coisas que vi com os meus próprios olhos, e garanto que digo escrupulosamente a verdade, deixando tudo ao bom critério do leitor. Eis a narração dos fatos.

Quando Domingos ia à igreja, especialmente nos dias em que fazia a sagrada comunhão, ou quando estava exposto o Santíssimo Sacramento, ficava como que em êxtase, de tal forma que ali ficaria longo tempo se não o chamassem para cumprir os seus deveres ordinários. Um dia sucedeu que faltou à refeição da manhã, à aula e ao almoço, e ninguém sabia dele; no salão de estudo não estava, na cama também não. Falou-se com o diretor, e este logo imaginou o que de fato acontecia: que estivesse na igreja, como já de outras vezes ocorrera. Entra na igreja, vai ao coro e lá o encontra firme como uma pedra. Tinha um pé sobre o outro, uma das mãos sobre a estante do antifonário, a outra sobre o peito, e o rosto voltado para o sacrário. Nem movia as pálpebras. Chamado, não respondeu. O diretor, então, sacode-o. Domingos fita-o e diz: "Já acabou a missa?". "Olha, respondeu o diretor, mostrando-lhe o relógio, são duas horas". Domingos pediu humildemente perdão por ter transgredido o regulamento da casa e o diretor mandou-o almoçar, dizendo-lhe: "Se alguém te perguntar onde estiveste, dize-lhe que estiveste cumprindo uma ordem minha". Deu-lhe essa orientação para evitar perguntas importunas que os companheiros lhe poderiam fazer.

Outra vez, tendo terminado a minha ação de graças depois da missa, eu estava para sair da sacristia, quando ouvi no coro uma voz como de uma pessoa que discutia. Fui ver e encontrei Domingos que falava e depois se calava como esperando uma resposta. Entre outras, ouvi estas palavras: "Sim, meu Deus, já vos disse e vos digo de novo: amo-vos e quero amar-vos até a morte. Se virdes que vos hei de ofender, enviai-me a morte. Sim, antes a morte que o pecado!".

Perguntei-lhe uma vez o que fazia quando se demorava na igreja. Ele, com toda a simplicidade, respondeu: "Pobre de mim, vem-me uma distração e, naquele momento, perco o fio das orações e parece-me ver coisas tão belas, que as horas fogem sem que eu dê por isso".

Um dia entrou no meu quarto e disse-me: "Venha depressa comigo; deve fazer uma boa ação". "Onde queres me levar?", perguntei-lhe. "Venha depressa, acrescentou, venha depressa". Eu ainda hesitava; mas como ele teimasse, e tendo já observado em outras ocasiões a importância desses convites, acedi também a este. Acompanhei-o. Saiu de casa, atravessou uma rua, depois uma segunda, ainda uma terceira, sem parar nem dizer uma palavra. Por fim,

enveredou por outra rua e parou, depois de ter passado algumas portas. Subiu uma escada, até o terceiro andar, e tocou uma campainha. "É aqui que deve entrar". E logo foi embora.

Abriram-me a porta. "Oh! depressa, disseram-me, não há tempo a perder. Meu marido teve a desgraça de se fazer protestante; agora está às portas da morte e pede por amor de Deus um padre, para poder morrer como bom católico".

Aproximei-me logo do leito do moribundo que mostrava uma grande preocupação e o desejo de pôr em dia as contas da sua consciência. Normalizada com a máxima prontidão a situação daquela alma, chegou o prior da paróquia de Santo Agostinho, que de antemão tinha sido chamado; mas apenas pôde ungi-lo com uma só unção, porque o doente faleceu logo.

Perguntei depois a Domingos como ele tinha sabido da existência daquele doente. Olhou-me tristemente e pôs-se a chorar. Não lhe fiz mais qualquer pergunta sobre o caso.

A inocência da sua vida, o amor a Deus, o desejo do céu tinham levado Domingos a tal estado de santidade, que se podia dizer estar sempre absorto em Deus. Algumas vezes interrompia o recreio, voltava o olhar para outro lado e punha-se a passear sozinho. Perguntando-lhe por que deixava assim os seus companheiros, respondeu: "Acometeram-me as costumeiras distrações e parece que o céu se abre sobre a minha cabeça; tenho, então, de me afastar dos meus companheiros para não lhes dizer coisas que poderiam parecer ridículas".

Um dia, durante o recreio, falava-se do grande prêmio que Deus reservava no céu àqueles que conservam o estado de inocência. Entre outras coisas, afirmou-se: "Os inocentes estão no céu mais perto do divino Salvador e cantam-lhe um hino especial de glória por toda a eternidade". Foi o bastante para elevar a Deus o espírito de Domingos que, ficando imóvel, deixou-se cair como morto nos braços dum companheiro.

Esses êxtases ele os tinha, às vezes, no estudo, na ida e no regresso da escola e, não raro, durante a aula.

Falava com muito agrado do sumo pontífice e dizia a cada passo que muito desejaria vê-lo antes de morrer, assegurando também que tinha coisas importantes para lhe dizer. Repetindo isso frequentemente, perguntei-lhe que coisas eram essas que desejava dizer ao papa:

– Se pudesse falar ao papa, dir-lhe-ia que, no meio das tribulações que o esperam, não deve deixar de se ocupar com particular solicitude da Inglaterra, porque Deus prepara um grande triunfo para o catolicismo naquele reino.

– Em que te baseias para falar assim?

– Digo-lhe, mas desejaria que não falasse disso a outros para não me expor talvez ao ridículo. Se, porém, for a Roma, diga-o a Pio IX. Eis o que se passou: uma bela manhã, quando fazia a minha ação de graças depois da comunhão, fui surpreendido por uma grande distração e pareceu-me ver uma grande planície repleta de gente envolvida em espessa neblina. Todos caminhavam, mas, perdendo-se pelo caminho, já não viam onde punham os pés. Esta terra, disse-me um indivíduo que estava ao pé de mim, é a Inglaterra. Quando ia perguntar outras coisas, vi o sumo pontífice Pio IX tal qual o tinha visto representado em certos quadros. Estava majestosamente vestido e empunhando um facho luminoso encaminhava-se para aquela imensa multidão. À medida que se aproximava, a neblina se dissipava ao clarão do archote, e os homens ficavam envolvidos numa luz brilhante como a do meio-dia. Este archote, disse-me a mesma pessoa, é a religião católica que deve iluminar os ingleses.

Mais tarde, quando fui a Roma em 1858, quis contar ao sumo pontífice a visão de Domingos, e o papa ouviu-a com bondade e satisfação. "Isso, disse o papa, confirma o meu propósito de trabalhar energicamente em favor da Inglaterra, à qual consagro os meus melhores cuidados. Esse fato, ainda que outro valor não tenha senão o de um simples fato, é para mim como que o conselho de uma boa alma".

Omito muitos outros fatos semelhantes; limitar-me-ei a escrevê-los, deixando a outros o cuidado de publicá-los quando se julgar que possam redundar em maior glória de Deus.

Capítulo XXI – Os seus pensamentos sobre a morte – Preparação para morrer santamente

Os que leram o que até aqui escrevemos acerca do jovem Domingos Savio reconhecerão, sem esforço, que a sua vida foi uma contínua preparação para a morte. Mas era a Companhia da Imaculada Conceição, que ele considerava como um meio eficaz de garantir a proteção de Maria Santíssima na hora da morte, hora que todos pressagiavam não estar longe. Não sei se ele recebeu da parte de Deus a revelação do dia e das circunstâncias da sua morte, ou se era apenas piedoso pressentimento. Mas o certo é que falou dela muito tempo antes, e com pormenores tais que melhor não teria feito quem a tivesse narrado depois de ter acontecido.

Atendendo ao seu estado de saúde, recorremos a todos os meios para que se moderasse em tudo o que dizia respeito ao estudo e à piedade: mas,

devido à sua fraca compleição e a alguns incômodos pessoais, e também à contínua tensão de espírito, as forças de Savio iam diminuindo dia a dia. Ele mesmo o notava e dizia a cada passo: "Tenho de correr, do contrário, a noite me surpreende no caminho". Com estas palavras queria dizer que já tinha pouco tempo de vida e que devia esforçar-se para fazer o maior número de boas obras antes que a morte chegasse.

Há na nossa casa o costume de se fazer todos os meses o exercício da boa morte[61]. Consiste em nos prepararmos para fazer uma confissão e comunhão como se fossem as últimas da nossa vida. O sumo pontífice Pio IX, na sua grande bondade, enriqueceu este exercício com várias indulgências. Domingos fazia-o com exemplar recolhimento. No fim é costume dizer-se um *Pai-nosso* e uma *Ave-Maria* por aquele dos presentes que primeiro vier a falecer.

Um dia, brincando, Domingos disse: "Em vez de se dizer: por aquele que primeiro morrer, é melhor dizer: por Domingos Savio, que será entre nós o primeiro a morrer". Disse-o diversas vezes.

Em fins de abril de 1856, apresentou-se ao diretor e perguntou-lhe o que devia fazer para celebrar santamente o mês de Maria.

– Tu o celebrarás, respondi-lhe, com o exato cumprimento de todos os teus deveres, narrando todos os dias um exemplo em honra de Maria Santíssima e procurando proceder de modo que faças todos os dias a santa comunhão.

– Procurarei fazer isso pontualmente; mas, que graça devo pedir?

– Pede à Santíssima Virgem que te alcance de Deus saúde e graça para te fazeres santo.

– Que me ajude a fazer-me santo, que me ajude a ter uma boa morte e que nos meus últimos momentos de vida me assista e me leve para o céu.

Mostrou, de fato, tal fervor no decurso daquele mês, que parecia um anjo em carne humana. Se escrevia, falava, estudava, cantava, ia à aula, era tudo em honra de Maria. Todos os dias, durante o recreio, narrava um fato ora a uns, ora a outros companheiros, que reunia em torno de si. Um dia, um dos companheiros perguntou-lhe: "Se fazes tudo este ano, que farás para o ano que vem?". "Deixa-me trabalhar", respondeu. Neste ano quero fazer o que posso; para o ano que vem, se ainda viver, te direi o que farei".

Usei de todos os meios para melhorar a sua saúde e, nesse intuito, convoquei uma junta médica. Todos admiraram a jovialidade, a vivacidade

[61] Cf. n. 184.

de espírito e a ponderação das respostas de Domingos. O doutor Francisco Vallauri, de saudosa memória, que era um dos médicos beneméritos consultados, cheio de admiração, disse: "Que pérola preciosa é este rapaz!".

– Qual é a origem do mal que lhe vem minando a existência?, perguntei.

– A sua compleição delicada, a precocidade da inteligência e a contínua tensão de espírito são como limas que corroem insensivelmente as forças vitais.

– Que remédio poderá fazer-lhe bem?

– O melhor remédio seria deixá-lo ir para o céu, para o qual está tão bem preparado. A única coisa que poderia prolongar-lhe a existência seria afastá-lo, por algum tempo, dos estudos e ocupá-lo em trabalhos manuais, adequados às suas forças.

Capítulo XXII – O seu cuidado pelos doentes – Despedida do Oratório – As suas palavras nessa ocasião

A quebra ou diminuição das forças de Domingos não era tão rápida a ponto de obrigá-lo a estar sempre de cama. Levantava-se para ir às aulas e para o estudo; ou, então, ocupava-se em serviços domésticos. Uma das suas ocupações prediletas era tratar dos companheiros doentes, quando havia em casa.

– Não tenho diante de Deus, dizia muitas vezes, grande merecimento em tratar de doentes ou em visitá-los, porque não só o faço com muito gosto, mas é para mim um entretenimento agradável. Todavia, tratando-lhes do corpo, nunca se esquecia de lhes tratar também da alma com palavras de conforto espiritual. Um dia, dizia a um companheiro que estava com uma indisposição de saúde: "Que queres, esta *carcaça* não pode durar eternamente. É preciso deixar que se gaste pouco a pouco, até ir para a sepultura mas, então, é que a nossa alma, liberta dos laços da carne, voará gloriosa para o céu, onde gozará uma saúde completa e uma felicidade sem fim".

Outra vez, um companheiro recusava tomar um remédio por ser amargo. "Meu amigo, dizia-lhe Domingos, devemos tomar todos os remédios que nos dão porque, assim, obedecemos a Deus. Ele quer que haja médicos e remédios porque são necessários para nos ajudar a recuperar a saúde e, se temos repugnância em tomar um remédio, mais merecimentos teremos aos olhos de Deus. Julgas que esta porção é tão amarga como o fel e o vinagre que deram a Nosso Senhor na cruz?". Estas palavras e tantas outras, ditas com graça e maravilhosa franqueza, triunfavam de todas as resistências.

Embora a sua saúde estivesse completamente depauperada, repugnava-lhe, todavia, ter de interromper os estudos e as habituais práticas de piedade para voltar para casa. Já uns meses antes eu o tinha mandado, e ele só se demorou lá alguns dias, não tardando a aparecer de novo no Oratório. Diga-se a bem da verdade que o pesar era recíproco: queria conservá-lo o mais possível perto de mim, pois tinha por ele um amor de pai pelo melhor dos filhos. Mas como se tratava de um conselho do médico, quis segui-lo; tanto mais que havia uns dias que lhe tinha aparecido uma tosse obstinada. Avisou-se o pai e a partida foi marcada para o dia 1 de março de 1857.

Domingos se submeteu, mas só para oferecer a Deus o seu sacrifício. "Por que tens tanta dificuldade em voltar para casa? Pelo contrário, devias alegrar-te por ires gozar da companhia dos teus queridos pais". "Porque, respondeu, desejo terminar a minha vida no Oratório"

– Mas vais para casa restabelecer-te e depois voltarás.

– Oh! isso não! Eu sei que vou e não voltarei.

Na véspera da partida, não houve meio de arredá-lo de mim, e a cada instante fazia-me uma pergunta. Entre outras, disse-me: "Que deve fazer um doente para adquirir merecimentos perante Deus?".

– Oferecer a Deus os seus sofrimentos.

– E que mais poderia ainda fazer?

– Oferecer ao Senhor a própria vida.

– Posso estar certo de que os meus pecados me foram perdoados?

– Asseguro-te em nome de Deus que os teus pecados foram todos perdoados.

– Posso ter a certeza de que salvo a minha alma?

– Podes, pela misericórdia de Deus, que não te faltará.

– E se o demônio me tentar, que devo dizer-lhe?

– Dirás a ele que vendeste a alma a Nosso Senhor, e que ele a comprou com o seu sangue; e se o demônio ainda continuar a insistir, sugerindo-te alguma dificuldade, pergunta-lhe o que é que ele fez pela tua alma. Pelo contrário, Nosso Senhor derramou todo o seu sangue para livrá-la do inferno e levar para o Paraíso.

– Do paraíso poderei ver os meus companheiros do Oratório e os meus pais?

– Sim, do paraíso verás tudo o que se passa no Oratório; teus pais e tudo o que lhes disser respeito e muitas outras coisas mil vezes mais bonitas.

– Poderei vir fazer-lhes uma visita?

– Poderás vir, contanto que seja para maior glória de Deus.

Fazia-me estas e muitíssimas outras perguntas, e parecia uma pessoa que já estivesse no limiar do paraíso e que, antes de entrar nele, quisesse saber tudo o que lá se passava.

Capítulo XXIII – O adeus aos seus companheiros

Na manhã do dia marcado para a partida, Domingos fez com os companheiros o exercício da boa morte. Confessou-se e comungou com tal fervor, que eu mesmo, que disso fui testemunha, não tenho palavras para exprimir. "É necessário, dizia ele, que faça bem este exercício, porque espero que seja realmente a minha preparação para a morte e, se acontecesse mesmo de morrer pelo caminho, teria já recebido o Sagrado Viático. Gastou o resto da manhã em pôr em ordem suas coisas. Fez a mala, arrumou tudo como se não tivesse que mexer mais. Em seguida fez questão de falar com todos os seus companheiros; a um dava um bom conselho, a outro avisava para se emendar de tal defeito, animando outro a perseverar no bem. A um deles, a quem devia dois soldos, chamou-o de parte e disse-lhe: "Vamos regular as nossas contas, senão hei de ver-me atrapalhado quando tiver de regularizar as minhas com Deus". Falou também aos seus amigos da Companhia da Imaculada Conceição, e recomendou-lhes que fossem sempre fiéis às promessas que tinham feito à Santíssima Virgem, e que confiassem nela em todas as circunstâncias da vida. No momento de partir, mandou-me chamar, e disse-me estas palavras textuais: "Visto que vossa reverendíssima não quer esta minha carcaça, vejo-me obrigado a levá-la para Mondônio. Poucos dias o incomodaria, e depois acabava tudo: mas faça-se a vontade de Deus! Se for a Roma, lembre-se do que lhe disse a respeito da Inglaterra e repita-o ao soberano pontífice. Reze para que eu tenha uma boa morte. Adeus... e até nos tornarmos a ver no paraíso!". Tínhamos chegado à porta da rua, e ele segurava-me pela mão, que apertava comovidamente, quando, voltando-se para os companheiros que o cercavam, lhes disse:

– Adeus, queridos companheiros, adeus a todos. Rezai por mim. Espero que voltemos a ver-nos no céu, onde estaremos para sempre com o Senhor.

Estava eu já à porta que dava para o pátio, quando o vejo voltar para trás e dizer-me:

– Faça o favor de me dar uma recordação para conservar como sua lembrança.

– Dize-me que presente queres e irei buscar. Queres um livro?

– Não, senhor, desejaria uma coisa melhor.

– Queres dinheiro para a viagem?

– Justamente: dinheiro para a viagem da eternidade. Vossa reverendíssima disse-me que tinha recebido do papa indulgências plenárias para o momento da morte; coloque-me no número dos que delas podem participar.

– Sim, meu filho, ainda podes fazer parte desse número e vou já escrever o teu nome naquele papel.

Depois deixou o Oratório, onde vivera três anos com grande satisfação sua, dos seus colegas e dos seus professores; deixou-o para nunca mais voltar.

Ficamos admirados com estas suas despedidas incomuns. Sabíamos que sofria, mas, como nunca esteve de cama, não fazíamos grande caso da doença. Além disso, tendo sempre um aspecto tão alegre e tão calmo, ninguém, pelo semblante, podia deduzir que ele sofresse incômodos do corpo ou do espírito. E embora aquelas despedidas incomuns nos comovessem, sempre ficávamos esperançados de que em breve voltaria para a nossa companhia. Mas isso não aconteceu. Domingos estava maduro para o céu. No breve curso da sua vida fora-lhe dado merecer a coroa dos justos, como se tivesse vivido longos anos. O Senhor queria chamá-lo a ficar com ele na flor dos anos para colocar ao abrigo dos perigos em que naufragavam muitas vezes até as melhores almas.

Capítulo XXIV – Avanço da doença – Última confissão – Recebe o Viático – Fatos edificantes

Domingos partiu de Turim no dia 1º de março, pelas duas horas da tarde, e fez muito boa viagem; parecia mesmo que o trajeto de carruagem, a variedade da paisagem e a companhia dos pais lhe tivessem feito bem. Chegando a casa, ficou ainda quatro dias sem se recolher ao leito. Mas como as forças e o apetite diminuíam e a tosse aumentava, resolveu-se levá-lo ao médico. Este o achou em estado mais grave do que se julgava. Mandou que voltasse para casa e fosse imediatamente para a cama; e, pensando que se tratava de uma inflamação, recorreu a uma sangria.

De ordinário, as pessoas jovens têm muito medo das sangrias. Por isso, o médico exortou Domingos a voltar o rosto para o lado e a ter paciência e coragem. Domingos pôs-se a rir e disse: "Que significa uma rápida picadinha em comparação com os pregos que cravaram nas mãos e nos pés do nosso inocentíssimo Salvador?". Foi, portanto, com grande tranquilidade, a sorrir e sem

dar o menor sinal de inquietação, que viu correr o sangue durante a operação. Feitas algumas sangrias, o doente pareceu melhorar. O médico assim afirmou e os pais acreditaram, mas Domingos não era da mesma opinião. Convencido de que é sempre melhor antecipar os sacramentos do que ficar sem eles, chamou o pai: "Meu pai, disse-lhe, é bom agora consultarmos o médico do céu. Desejo confessar-me e comungar".

Os pais, já convencidos de que ele estava melhor, ficaram tristes com este pedido, mas, para lhe serem agradáveis, mandaram chamar o pároco para vir confessá-lo[62]. Este veio logo, atendeu-o em confissão, e depois, sempre para lhe fazer a vontade, trouxe-lhe o Santo Viático. Pode-se imaginar com que fervor ele comungou! Todas as vezes que se aproximava da sagrada mesa, parecia sempre um São Luís. Agora que julgava tratar-se realmente da última comunhão da sua vida, quem poderia exprimir o fervor, os transportes de amor que daquele coração inocente brotavam para com o seu amado Jesus?

Recordou, então, as promessas da sua primeira comunhão. Disse muitas vezes: "Sim, sim, ó Jesus, ó Maria, sereis agora e sempre os amigos da minha alma. Repito e queria repeti-lo mil vezes: antes a morte que o pecado!". Depois de terminar a sua ação de graças, disse muito tranquilo: "Agora estou feliz: é verdade que tenho uma grande viagem a fazer, a viagem da eternidade, mas com Jesus em minha companhia nada tenho a temer. Oh, dizei-o a todos: quem tem Jesus por seu companheiro e amigo não teme nenhum mal, nem sequer a morte".

Teve sempre uma paciência exemplar durante a vida; sofreu, sem se queixar, toda a espécie de incômodos; e nesta última doença foi um modelo de santidade. Não aceitava a ajuda de ninguém para as suas necessidades ordinárias. "Enquanto puder, dizia ele, quero incomodar o menos possível meu pai e minha mãe: já fizeram e sofreram tanto por minha causa! O que queria era poder recompensá-los neste momento!". Tomava os remédios mais desagradáveis sem mostrar a menor repugnância. Suportou dez sangrias sem a mínima queixa.

Ao fim de quatro dias, o médico congratulou-se com o estado do doente e disse aos pais: "Agradeçamos à divina Providência; triunfamos da doença. Só lhe resta ter uma boa convalescença". Os pais ficaram radiantes de alegria, mas Domingos sorriu e lhes disse: "Triunfamos do mundo: só me resta aparecer perante Deus para ser julgado". Depois da saída do médico, Domingos, sem se iludir com o que ele dissera, pediu que lhe administrassem a Santa Unção. Os pais, mais uma vez, quiseram fazer-lhe a vontade, mas nem eles

[62] Padre Domingos Grassi (1804-1860).

nem o pároco julgavam que o doente estivesse em perigo de morte iminente; pelo contrário, o semblante sereno e a jovialidade em tudo o que dizia levavam a pensar que melhorara muito. Quanto a Domingos, por devoção ou por revelação divina, o certo é que contava os dias e as horas, como se calculasse alguma operação aritmética, e empregava todos os momentos a preparar-se para comparecer diante de Deus. Antes de receber a Santa Unção, fez a seguinte oração: "Meu Deus, perdoai-me todos os meus pecados. Eu vos amo e quero amar-vos eternamente. Que este sacramento, dom da vossa infinita misericórdia, lave minha alma de todos os pecados que cometi com os olhos, com os ouvidos, boca, mãos e pés. Que a minha alma e o meu corpo sejam inteiramente purificados pelos merecimentos da vossa paixão. Assim seja".

Domingos respondia a tudo, com voz tão clara e tanta lucidez de espírito, que, quem o ouvisse, diria que gozava de perfeita saúde.

Estávamos no dia 9 de março, quarto dia da doença e último da sua vida. Tinham-lhe feito dez sangrias e dado vários remédios, mas notava-se nele uma prostração extrema; deram-lhe, por isso, a bênção papal. Domingos recitou ainda o *Confiteor* e respondeu a todas as orações do sacerdote. Quando lhe disseram que, com essa bênção, o papa concedia a indulgência plenária, experimentou grande consolação. *Deo gratias!*, repetia, *et sempre Deo gratias!* Em seguida, olhando para o Crucifixo, recitou estes versos que lhe eram muito familiares durante a vida: *Senhor, eu vos dou a minha liberdade, as minhas forças, o meu corpo; tudo eu vos dou, pois tudo é vosso, ó meu Deus, e à vossa vontade eu me abandono.*

Capítulo XXV – Os últimos momentos e a sua preciosa morte

É verdade de fé que o homem, no momento da morte, recolhe o que semeou durante a vida. *Quae seminaverit homo, haec et metet* [63] . Se semeou obras más, então só colherá desolação. Se durante a vida semeou boas obras, recolherá nos últimos momentos só frutos de consolação. Todavia, sucede por vezes que almas boas, depois de uma vida exemplar, experimentem certo terror ao aproximar-se a hora da morte. É que Deus, nos seus altos desígnios, quer purificar essas almas, limpá-las de pequenas nódoas, assegurar-lhes a salvação e dar-lhes assim uma coroa mais bela de glória no céu. A essa angustiosa prova não quis o Senhor sujeitar o nosso Domingos. Penso que Deus quis dar-lhe nesta vida o cêntuplo prometido às almas justas, antes de entrarem na

[63] Gl 6,7.

glória dos céus. Com efeito, a sua inocência, conservada até o último momento, a sua fé viva, a oração constante, as longas penitências da sua vida, cheia de tribulações, tinham-lhe merecido esta alegria sobrenatural no momento supremo.

Via, pois, avizinhar-se a morte com a calma da alma inocente; parecia até que o seu corpo não sentia os afãs e as opressões inseparáveis dos esforços que a alma faz ao desprender-se do seu invólucro terreno. Enfim, a morte de Domingos mais pode ser dita repouso do que morte.

Estava-se na tarde de 9 de março de 1857. Tinha recebido todos os confortos da nossa santa religião. Quem o ouvisse falar, quem visse a serenidade do seu rosto, não poderia deixar de dizer que estava na cama simplesmente para descansar. Todos os presentes se admiravam do seu ar alegre, do olhar vivo, da plena posse das suas faculdades, e ninguém, exceto ele, julgava a morte iminente.

Uma hora e meia antes de dar o último suspiro, o pároco foi visitá-lo e, ao ver a sua tranquilidade, ficou muito admirado ao ouvir como Domingos encomendava a alma a Deus. Dizia frequentes e fervorosas jaculatórias que mostravam o seu vivo desejo de ir depressa para o céu. "Que sugerir para encomendar a alma a agonizantes tão bem dispostos?", disse o pároco . Depois de ter rezado com Domingos algumas orações, o pároco dispunha-se a partir, mas ele o chamou e disse: "Não me deixa nenhuma lembrança?". "Não sei que lembrança te possa deixar, meu bom amigo". "Alguma lembrança que me conforte". "O que posso dizer-te é que te recordes da paixão de Nosso Senhor". "*Deo gratias!,* respondeu Domingos. A paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo! Esteja ela sempre na minha mente, na minha boca e no meu coração! Jesus, José e Maria, assisti-me na minha última agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz convosco a alma minha!". Depois de pronunciar estas palavras, pareceu adormecer e repousou durante meia hora. Ao acordar, olhou para os pais e disse: "Papai, chegou o momento!".

– Estou aqui, meu filho. Que queres?

– Meu querido pai, quisera que me fizesse um grande favor; pegue o meu *Jovem Instruído*([64]) e leia para mim as orações da boa morte.

Ao ouvir estas palavras, a mãe saiu do quarto e desatou a chorar. O pai sentia o coração estalar de dor e a comoção apertava-lhe a garganta, mas se conteve e começou a recitar essas orações. Domingos repetia, palavra por palavra, o que o pai dizia; mas queria, no fim de cada invocação, pronunciar

[64] "Com este nome indicava um livro totalmente destinado à juventude, intitulado: *Jovem Instruído na prática dos seus deveres, dos exercícios de piedade cristã, na reza do ofício de Nossa Senhora, das vésperas de todo o ano e do ofício de falecidos, etc."* (nota no texto original).

sozinho: "Misericordioso Jesus, tende compaixão de mim!". Chegando às palavras: "Quando, finalmente, a minha alma comparecer na vossa presença e pela primeira vez vir o imortal esplendor da vossa majestade, não a afasteis de vós, mas dignai-vos recebê-la no seio da vossa misericórdia, a fim de cantar eternamente a vossa glória", Domingos acrescentou: "Eis o que eu desejo: cantar eternamente louvores ao Senhor!".

Pareceu, em seguida, concentrar-se um pouco, como quem pensa numa coisa muito importante; mas, pouco depois, abriu os olhos e disse com voz clara e alegremente: "Adeus, meu querido pai, adeus! O senhor pároco queria ainda me dizer uma coisa, e eu já não me lembro... Oh! que linda coisa estou vendo!". E, dizendo isso, com o sorriso nos lábios, semblante radioso e um ar de paraíso expirou, com as mãos cruzadas sobre o peito, sem fazer o menor movimento[65].

Alma fiel, parte para o teu Criador: o céu te abre as portas, os anjos e os santos te preparam uma festa esplêndida e aquele Jesus, a quem tanto amaste, estende-te os braços, dizendo: "Vem, servo bom e fiel, pois que combateste o bom combate e saíste vitorioso, vem para sempre participar da alegria do teu Senhor*: intra in gaudium Domini tui".*

Capítulo XXVI – Comunicação da sua morte – Palavras do professor padre Picco aos seus alunos

Quando o pai de Domingos o ouviu proferir as palavras que acima referimos, e depois o viu inclinar a cabeça como para descansar, pensou que realmente adormecera de novo. Deixou-o alguns instantes naquela posição, mas logo depois chamou por ele e, só então, reconheceu que já estava morto. É fácil calcular a desolação dos pobres pais. Perdiam um filho, que à inocência, à piedade, aliava os modos mais gentis e simpáticos para suscitar o amor e a ternura dos outros.

Nós no Oratório também estávamos ansiosos por ter notícias deste nosso querido amigo e companheiro, quando recebi a carta do pai, que começava assim: "É com lágrimas nos olhos que lhe comunico a mais triste notícia: o meu querido filho Domingos, discípulo de vossa reverendíssima, aquele cândido lírio, aquele Luís Gonzaga, entregou a alma a Deus, ontem à noite, 9 de março, depois de ter recebido da maneira mais consoladora os últimos sacramentos e a bênção papal".

[65] A morte ocorreu às 22 horas de segunda-feira, 9 de março de 1857; o sepultamento realizou-se na quarta-feira, 11 (cf. ASC A4920159 *Extraído da certidão de óbito*).

A notícia deixou consternados todos os seus companheiros. Uns choravam nele a perda de um bom conselheiro e de um amigo fiel; outros declaravam com saudade que a morte lhes roubara um modelo de verdadeira piedade. Alguns se reuniram para rezar pelo descanso da sua alma; mas a maior parte dizia: "Era um santo, já está no paraíso". E se recomendavam ao novo santo, como a um protetor junto de Deus. Todos, à porfia, queriam possuir um objeto que lhe tivesse pertencido.

Quando o padre Picco soube da morte de Domingos, ficou profundamente consternado e comunicou a notícia aos seus alunos nos seguintes termos: "Não há muito que eu, caríssimos jovens, ao vos falar casualmente da caducidade da vida humana, observava que a morte não poupa nem mesmo a vossa idade viçosa e florida; e, para exemplo, dizia-vos que há dois anos, nestes mesmos dias, frequentava esta escola, sentava-se aqui a escutar-me, um jovem cheio de vida e vigor, que, após uma ausência de poucos dias, partia desta vida, chorado pelos familiares e pelos amigos[66].

Quando vos falava desse caso doloroso, estava bem longe de pensar que este ano devia ser assinalado por um luto semelhante, e que esse exemplo em breve teria de renovar-se num daqueles mesmos que me escutavam. Sim, meus amigos, devo contristar-vos com uma dolorosa notícia: a foice da morte ceifou ontem a vida de um dos vossos mais virtuosos companheiros, o nosso bom Domingos Savio. Estais por certo lembrados de que ele, nos últimos dias em que frequentou a escola, foi afetado por uma tosse maligna, que já denunciava uma grave doença; por isso, nenhum de nós se admirou ao saber que fora obrigado a deixar as aulas e suspender os estudos. Para se curar melhor, por ordem do médico, foi para a terra natal, para casa dos pais. Mas já, ao partir, ele mesmo disse repetidas vezes aos amigos que se avizinhava o seu próximo fim. Efetivamente, a doença evoluiu rapidamente e, ao cabo de quatro dias, Domingos entregou a sua alma a Deus.

Li ontem a carta em que o desolado pai dava a triste notícia, e esta, na sua simplicidade, fazia tal pintura da santa morte daquele anjo, que me comoveu até as lágrimas. Ele não encontrou expressão mais apropriada para tecer o elogio do seu querido filho, do que chamá-lo de outro São Luís Gonzaga, tanto pela santidade da vida, como pela sua grande resignação à morte. Garanto-vos que fiquei com pena de que ele frequentasse por tão pouco tempo a minha aula e de que nesse curto espaço de tempo a sua saúde frágil não me tenha dado ensejo de conhecê-lo melhor e de com ele tratar mais de perto, o que não é fácil numa escola com tantos alunos como a nossa.

[66] "Leão Cocchis, estudante do segundo ano de retórica, jovem muito promissor, falecido em 25 de março de 1855, aos 15 anos de idade" (nota no texto original).

Por isso, deixo aos seus superiores que vos descrevam a santidade dos seus sentimentos e o seu fervor na piedade; deixo aos seus companheiros e amigos, que todos os dias tratavam com ele e com ele conversavam familiarmente, que falem da modéstia dos seus costumes, de todas as suas ações, da austeridade de suas conversas; deixo que os seus pais vos declarem qual era a sua obediência, o seu respeito, a sua docilidade. E que poderei eu recordar-vos, que já não seja conhecido de todos vós? Digo-vos que sempre se distinguiu pela sua atitude correta, pelo seu sossego na aula, pela sua exatidão e diligência no cumprimento de todos os deveres e pela contínua atenção que prestava ao meu ensino, e ficaria bem contente se todos vós decidísseis seguir os seus santos exemplos.

Ainda antes que a idade e os estudos lhe permitissem frequentar a nossa escola, estando ele há três anos no Oratório de São Francisco de Sales, onde era aluno interno, ouvi muitas vezes o diretor do Oratório falar dele, que o elogiava como sendo o aluno mais estudioso e virtuoso daquela casa. Era tal o seu empenho no estudo, tão rápido o progresso que fizera nos primeiros anos de latim, que eu desejava vivamente poder contá-lo entre os meus alunos, e depositava as melhores esperanças no seu raro talento. E, mesmo antes de admiti-lo aqui, já o tinha apontado a alguns dos meus alunos como modelo com o qual seria ótimo competir tanto no estudo como na virtude. E nas minhas frequentes visitas ao Oratório, reparando na sua fisionomia tão meiga, que todos vós nele admiráveis, e notando nele um olhar inocente, sempre que o via, sentia-me inclinado a amá-lo e apreciá-lo. E, na verdade, não deixou de corresponder às belas esperanças que nele eu depositara, quando, neste ano, começou a frequentar a minha escola.

A vós me dirijo, queridos jovens, a vós que fostes testemunhas do seu recolhimento e da sua aplicação, não só no tempo em que o dever o chamava a ouvir-me nas aulas, mas também naquele que muitos jovens, mesmo dotados de docilidade e diligência, não têm escrúpulo de perder. A vós, que éreis seus companheiros, não só nas aulas, mas também nos deveres e nas relações de cada dia, a vós pergunto se alguma vez o vistes fazer algo que nele indicasse desleixo dos seus deveres.

Parece-me ainda a vê-lo, quando, com aquela modéstia que era uma das suas características, entrava na aula e ocupava o seu lugar; e durante o tempo da entrada dos alunos, evitando a balbúrdia própria da sua idade, estudar a lição, fazer apontamentos ou então se entregar a alguma leitura útil; e depois, ao começar a aula, com que atenção via aquele seu angélico semblante suspenso dos meus lábios! Por isso, não é para admirar que, a despeito da sua pouca idade, da sua saúde abalada, fosse tão assinalado o proveito que o seu talento tirava dos estudos. E a prova é que, entre o elevado número de jovens, a maior

parte de inteligência bem acima da média, e embora já o minasse a doença, que havia de levá-lo ao túmulo e fosse obrigado a frequentes ausências, alcançou sempre as melhores classificações da turma.

Uma coisa, porém, despertava de modo particular a minha atenção e suscitava a minha admiração: era ver como aquela mente juvenil estava unida a Deus e era tão fervorosa e afetuosa na oração. É coisa habitual, mesmo nos jovens mais ponderados, que, arrastados pela vivacidade natural e pelas distrações, prestem pouquíssima atenção ao sentido das orações que são convidados a rezar e, em geral, as acompanham sem afeto algum no coração. E assim sucede que, na grande maioria deles, só participam da oração os lábios e a voz. Ora, se é assim habitual a distração da juventude até nas orações dirigidas a Deus no silêncio e na tranquilidade das igrejas, na solidão do quarto ou nas orações cotidianas, bem sabeis, ó jovens, que isso acontece mais facilmente nas brevíssimas orações que se fazem antes e depois das aulas. E é justamente nisso que me foi dado admirar o fervor de Domingos nas práticas de piedade, e a união da sua alma com Deus. Quantas e quantas vezes eu o vi com aquele seu olhar voltado para o céu, para esse céu que, em breve, devia ser a sua morada, concentrar todos os seus sentimentos, e por aquele ato oferecê-los ao Senhor e à sua Bem-aventurada Mãe, com a plenitude de afetos que essas orações supõem! E esses sentimentos, meus caros jovens, eram os que animavam os seus pensamentos, quando cumpria qualquer dever; eram os que santificavam todos os seus atos, todas as suas palavras, e orientavam toda a sua vida exclusivamente para a glória de Deus. Oh! ditosos os jovens que em tais sentimentos se inspiram! Eles gozarão de grande felicidade nesta e na outra vida, e tornarão felizes os pais que os educam, os mestres que os instruem e todas as pessoas que velam pelo seu bem.

Queridos jovens, a vida é um dom preciosíssimo que Deus nos fez para nos proporcionar meios de ganhar merecimentos para o céu; e assim será, se tudo o que fizermos estiver em condições de se oferecer ao supremo Doador, precisamente como fazia Domingos. Mas que diremos nós de um rapaz que passa toda a sua vida inteiramente esquecido do fim a que Deus o destinou, que nunca encontra um momento propício para dedicar os seus afetos ao Criador, que no seu coração nunca abre espaço para qualquer aspiração que o encaminhe para o seu Deus? E que diremos também do jovem que emprega todos os seus esforços para os combater e sufocar, quando se dá conta que eles estão para entrar no seu coração? Ah! refleti um pouco sobre a vida santa e sobre a morte do vosso caríssimo companheiro, sobre a invejável sorte de que, segundo a nossa esperança, ele goza; e depois, pensando de novo em vós mesmos, examinai o que ainda vos falta para vos parecerdes com ele, e como desejaríeis ser se, como ele, vos estivésseis perto de vos apresentar perante aquele

tribunal onde Deus pedirá a todos estreitas contas da mais pequena falta. E, em seguida, se este confronto vos mostrar que há grande diferença, tomai-o por modelo, imitai as suas virtudes cristãs, disponde a vossa alma para ser como a sua, pura e limpa aos olhos de Deus, de modo que, ao chamado que, mais tarde ou mais cedo, infalivelmente devemos ouvir, possamos responder com a alegria a iluminar-nos o rosto e o sorriso nos lábios, como fez o vosso angélico colega.

Escutai ainda o ardente voto, com que ponho termo a estas minhas palavras. Se eu vier a notar que os meus alunos, no seu comportamento, mostram notável mudança para melhor, se, de hoje em diante, eu os vir mais exatos no cumprimento dos seus deveres e mais compenetrados da importância de uma verdadeira piedade, haverei de atribuí-lo ao santo exemplo de Domingos, e o terei como uma graça do alto, impetrada pelas suas orações, como prêmio de terdes sido, por breve tempo, seus companheiros, e eu seu mestre".

Com essas palavras o professor padre Picco exprimiu aos seus alunos a dolorosa sensação que experimentou quando soube da morte do seu caríssimo aluno Domingos Savio.

Capítulo XXVII – Imitação das virtudes de Domingos – Muitos se recomendam a ele para obter graças celestes e são ouvidos – Uma recordação para todos

Quem leu o que escrevemos acerca de Domingos Savio não estranhará que Deus se tenha dignado favorecê-lo com dons especiais, fazendo resplandecer as suas virtudes de muitas maneiras. Ainda em sua vida, muitos punham singular empenho em seguir os seus conselhos e exemplos e em imitar as suas virtudes; e muitos, arrastados pelo seu comportamento irrepreensível, pela santidade da sua vida, pela pureza dos seus costumes, chegavam até a se recomendar às suas orações. Contam-se não poucas graças obtidas pelas orações que o jovem Savio fez a Deus, quando ainda se encontrava nesta vida mortal. Mas, depois da morte, aumentou ainda mais a confiança e a veneração para com ele.

Apenas chegou ao Oratório a notícia da sua morte, muitos dos seus companheiros já o chamavam de santo. Reuniam-se para rezar as ladainhas por um falecido, mas muitos deles, em vez de responder *rogai por ele,* isto é, *Santa Maria, rogai pelo descanso da sua alma*, respondiam *rogai por nós: Santa Maria, rogai por nós*. E justificavam a opção, afirmando sem hesitar: "A esta hora, Savio já goza da glória do Paraíso, e não tem necessidade das nossas orações".

E outros acrescentavam: "Se Domingos não foi direitinho para o céu, ele que sempre teve uma vida tão pura e tão santa, quem poderá dizer que é digno de ir para lá?". Por isso, diversos amigos e companheiros que, em vida dele, admiravam as suas virtudes, começaram logo a esforçar-se para tomá-lo como modelo na prática do bem, e a recomendar-se a ele como celeste protetor.

Quase todos os dias se contavam graças recebidas para o corpo ou para a alma. Eu vi um jovem que sofria dores de dentes que o faziam desvairar e perder a cabeça. Recomendou-se com uma breve oração ao seu companheiro Savio e logo lhe passou o terrível incômodo que, até hoje, nunca mais o incomodou. Muitos se encomendaram a ele para se verem livres das febres e foram atendidos. Eu mesmo fui testemunha da cura de um que estava com febre altíssima e que obteve a graça de se liberar dela instantaneamente([67]). Tenho aqui à vista muitas relações de pessoas que dão conta de favores celestes obtidos por intercessão de Domingos Savio. Mas, embora os signatários dessas graças, por seu carácter e virtudes, sejam absolutamente dignos de crédito, no entanto, por se tratar de pessoas que ainda vivem, não me referirei a elas, e me limito a falar da cura de um estudante de filosofia, colega de Savio.

Durante o ano de 1858 este rapaz foi vítima de algumas doenças. A sua saúde ficou de tal maneira abalada, que teve de suspender os estudos e sujeitar-se a muitos tratamentos. No fim do ano não pôde fazer exame. Esperava poder fazê-lo em outubro, para não perder o ano, mas era-lhe impossível trabalhar. Como os seus incômodos aumentavam, as suas esperanças foram desaparecendo cada vez mais. Passou o período de outono, parte em casa dos pais e parte em casa de uns amigos que tinha na aldeia, onde a sua saúde pareceu melhorar.

[67] "Esta veneração e confiança no jovem Domingos Savio cresceu sobremaneira desde que foi divulgado um curioso caso por seu pai, que está pronto a confirmar a sua asserção em qualquer parte e na presença de quem quer que seja. Ele expôs assim o fato: "A perda daquele meu querido filho, diz ele, foi para mim causa de profundíssima dor, que ia aumentando com o desejo de saber o que lhe teria acontecido na outra vida. Deus dignou-se consolar-me. Cerca de um mês depois da sua morte, uma noite, depois de passar longo tempo sem poder cerrar os olhos, pareceu-me ver escancarar-se o forro do quarto, onde eu dormia, e aparecer Domingos no meio de uma grande luz, de semblante sorridente e jovial, com aspecto sorridente e alegre, mas majestoso e imponente. Diante de tal espetáculo fiquei como fora de mim. – Ó Domingos! Comecei a exclamar. Meu Domingos! Como vais? Onde estás? Já estás no paraíso? Sim, papai, respondeu. Ah!, respondi, se Deus te concedeu tão grande favor de poder ir gozar da felicidade do céu, reza pelos teus irmãos e irmãs para que também um dia possam estar junto contigo. Sim, sim, papai, respondeu, rezarei para que um dia possam vir comigo gozar da imensa felicidade do céu. – Reza também por mim, reza por tua mãe, para que todos nos possamos salvar e encontrar-nos um dia todos juntos no paraíso. – Sim, sim, rezarei. Dito isso, desapareceu e o quarto voltou à escuridão de antes". O pai assegura dizer simplesmente a verdade e afirma que nem antes nem depois, acordado ou dormindo, foi confortado por aparição semelhante" (nota no texto original).

Voltou para Turim e recomeçou a estudar; mas teve uma recaída e ficou ainda pior do que antes. "Estava perto dos exames, diz ele no seu depoimento, e me encontrava muito mal de saúde. As dores de cabeça e de estômago tiravam-me toda a esperança de poder fazer o desejado exame que, para mim, era da máxima importância. Animado por tudo o que ouvia dizer do meu querido amigo Domingos Savio, resolvi também recomendar-me a ele. Comecei uma novena. E entre as orações que decidira fazer, havia a seguinte: Caro companheiro, que tive a grande consolação e felicidade de ter como colega durante mais de um ano; tu que santamente porfiavas comigo para conquistar o primeiro lugar na turma, sabes a necessidade que tenho de passar neste exame; pede a Deus por mim, peço-te de todo o coração, um pouco de saúde para que eu possa preparar-me".

Ainda não passara o quinto dia da novena e já eu começava a sentir-me melhor. As forças voltaram e pude recomeçar a estudar. Rapidamente aprendi tudo e pude apresentar-me ao exame com sucesso. E esta graça não foi só momentânea, pois, atualmente, gozo de uma saúde regular, como não gozava há mais de um ano. Reconheço que esta graça de Deus me foi obtida pela intercessão deste meu companheiro, meu íntimo amigo durante a vida e o meu melhor protetor agora que está no céu. Há mais de dois meses que a graça foi obtida e a minha saúde continua a ser a mesma, com grande consolação e proveito para mim".

Termino com este fato a narração da vida de Domingos Savio, com a intenção de mais tarde publicar outros, em apêndice[68], se entender que poderão servir para maior glória de Deus e salvação das almas. Mas, antes de terminar, amigo leitor, quero dirigir-te algumas palavras. Já que me seguiste com atenção e leste tudo o que escrevi sobre Domingos Savio, queria que chegássemos a uma conclusão útil para todos. Queria que todos nos esforçássemos por imitar as virtudes de Domingos Savio, no que for compatível com o nosso estado. Na sua condição humilde, levou uma vida alegre, virtuosa e inocente, que foi premiada com uma santa morte. Imitemo-lo no modo de viver e teremos uma dupla garantia de sermos semelhantes a ele numa santa morte.

Sobretudo, não deixemos de imitá-lo na frequência do santo sacramento da penitência, que foi o seu sustentáculo na prática constante da virtude e guia seguro que o levou a um fim de vida tão glorioso. Aproximemo-nos muitas vezes deste banho salutar ao longo da vida, com as devidas disposições; mas, quando nos confessarmos, não nos esqueçamos de recordar as confissões

[68] Omitimos o apêndice de *Graças obtidas de Deus pela intercessão de Domingos Savio.*

anteriores, para assegurar-nos que tenham sido bem feitas, e se descobrirmos algum esquecimento, apressemo-nos a reparar os defeitos que porventura tivessem acontecido. Parece-me ser esta a verdadeira maneira de vivermos dias felizes no meio das preocupações da vida e no fim da qual veremos também nós com serenidade aproximar-se o momento da morte. Então, com a alegria no semblante e a paz no coração, iremos ao encontro do nosso Senhor Jesus Cristo, que nos acolherá benignamente para nos julgar segundo a sua grande misericórdia, e para nos levar, como espero para mim e para ti, querido leitor, das tribulações desta vida para a bem-aventurada eternidade, onde louvaremos e bendiremos a Deus por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

307. Perfil biográfico do jovem Miguel Magone, aluno do Oratório de São Francisco de Sales*

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Cenno biografico del giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di San Francesco di Sales.* Segunda edição, aumentada. Turim, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales 1866[69].

Caríssimos jovens,

Entre aqueles de vós que aguardavam ansiosamente a publicação da vida de Domingos Savio encontrava-se o jovenzinho Miguel Magone. Ele, com muito cuidado, recolhia do testemunho de um e de outro os traços especiais das ações que se contavam a respeito daquele modelo de vida cristã, e depois se empenhava com todas as suas forças em imitá-lo. Todavia, seu grande desejo era que fossem enfeixadas como num só ramalhete as virtudes

[69] Esta segunda edição, que contém várias correções e significativas inserções em relação à primeira de 1861 (OE XIII, 155-250), é considerada definitiva (cf. Alberto Caviglia, *Il "Magone Michele" una classica esperienza educativa. Studio*, in *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco*. Vol. V. Turim, Società Editrice Internazionale 1965, pp. 131-132). Extraímos o texto e as notas de: Giovanni Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, in Id., *Vite di giovani…*, pp. 111-157. [Em português: João BOSCO, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco.* Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco 2013, pp. 119-172].

* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde basicamente à que se encontra em: João BOSCO, Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco. Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco, 2013, pp. 119-172; foram introduzidas inúmeras adaptações para a nossa linguagem atual.

daquele que ele considerava seu mestre. Lera apenas poucas páginas delas, quando o Senhor, pondo fim à sua vida mortal, chamou-o para gozar da paz dos justos, como firmemente esperamos, em companhia do amigo de quem queria tornar-se imitador

A vida singular, ou melhor, edificante, deste vosso companheiro suscitou em vós o piedoso desejo de vê-la também impressa e repetidamente me pedistes que a escrevesse. Por isso, movido por esses pedidos e pelo afeto que nutria por aquele nosso amigo comum, e também pelo pensamento de que este pequeno trabalho seria agradável e ao mesmo tempo útil às vossas almas, decidi satisfazer o vosso desejo, recolhendo o que, a seu respeito, aconteceu debaixo dos nossos olhos, para oferecê-lo impresso num livrinho.

Na vida de Domingos Savio podeis contemplar a virtude nascida com ele e cultivada até o heroísmo durante toda a sua vida mortal. Na vida de Miguel Magone temos um jovenzinho que, abandonado a si próprio, estava em perigo de começar a percorrer o triste caminho do mal; mas que o Senhor convidou a segui-lo. Ele escutou o amoroso chamado e, correspondendo constantemente à graça divina, conseguiu provocar a admiração de quantos o conheceram, tornando assim manifesto como são maravilhosos os efeitos da graça de Deus para com aqueles que se empenham em corresponder-lhe.

Encontrareis aqui muitas ações a admirar, muitas a imitar; mais, encontrareis certos traços de virtude, certas afirmações que parecem até superiores à idade de catorze anos. Mas precisamente por serem coisas pouco comuns é que me pareceram dignas de serem referidas. O leitor pode estar certo quanto à verdade dos fatos, pois nada mais fiz do que ordenar e ligar de forma histórica o que aconteceu debaixo dos olhos de grande número de pessoas que ainda vivem e que a qualquer momento podem ser interrogadas sobre aquilo que ali é exposto.

Nesta segunda edição acrescentei vários fatos de que não tinha conhecimento quando se fez a primeira; alguns outros foram mais explicitados por especiais circunstâncias que, posteriormente, de fontes seguras, pude obter sobre os mesmos.

A divina Providência, que se digna chamar o homem em idade avançada ou quando é jovem, nos conceda a grande graça de nos encontrar preparados naquele último momento de que depende a eternidade bem-aventurada ou infeliz. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo venha em nossa ajuda na vida e na morte, e nos mantenha firmes no caminho que conduz ao céu. Assim seja.

Capítulo I – Curioso encontro

Num fim de tarde de outono[70], regressava eu de Sommariva del Bosco[71], e na estação de Carmagnola tive de esperar mais de uma hora pelo trem de Turim[72]. O relógio dava sete horas, o tempo estava coberto de neblina, uma densa nuvem desfazia-se em chuva miudinha. Isso ajudava a tornar a escuridão tão densa, que à distância de um passo, já não se conseguiria ver alma viva. A fosca luz da estação lançava um pálido clarão que a pouca distância da estação se perdia na escuridão. Só uma turba de garotos com brincadeiras e gritaria prendia a atenção, ou melhor, ensurdecia os ouvidos dos expetadores. Os gritos de *espera, pega, corre, pega este, pega aquele,* despertavam a atenção dos passageiros. Mas, no meio daquela gritaria, sobressaía uma voz clara que dominava todas as outras; era como a voz de um capitão, que os companheiros repetiam e todos seguiam como uma ordem rigorosa. Logo nasceu em mim o vivo desejo de conhecer aquele que, com tanta ousadia e tanta prontidão, sabia conduzir a brincadeira no meio de tanta balbúrdia. Aproveito o momento em que todos estão reunidos em torno daquele que se fazia de chefe; depois, com dois saltos, pulo para o meio deles. Todos fugiram assustados; só um para, vem na minha direção, com as mãos nos quadris e ar autoritário, começa a falar assim:

– Quem é o senhor que entra no meio do nosso jogo?

– Eu sou um amigo teu.

– Que quer de nós?

– Quero, se gostardes, divertir-me e jogar contigo e com os teus companheiros.

– Mas quem é o senhor? Não o conheço.

– Repito, sou um amigo teu: desejo jogar contigo e com os teus companheiros. E tu quem és?

– Eu, quem sou? Eu, acrescentou com voz grave e sonora, sou Miguel Magone[73], o general do recreio.

[70] O encontro ocorreu na primeira quinzena de outubro de 1875.
[71] Sommariva del Bosco: lugarejo agrícola a 40 km de Turim.
[72] Carmagnola: cidade a 30 km da capital; naqueles anos tinha 12.894 habitantes.
[73] Na certidão de batismo o nome é: Miguel João Magone, filho de João e de Joana Maria Stella, costureira de profissão, nascido em 19 de setembro de 1845, à 1 hora da manhã, batizado no mesmo dia às 19 horas. O pai morreu antes do nascimento do filho.

Durante essa conversa, os outros garotos, que se tinham dispersado cheios de medo, se aproximaram. Depois de dirigir vagamente a palavra a este e àquele, voltei à fala com Magone e continuei assim:

– Meu caro Magone, quantos anos tens?

– Tenho treze anos.

– Já te confessaste?

– Oh! sim, respondeu, sorrindo.

– Já fizeste a primeira comunhão?

– Sim, fiz.

– Aprendeste alguma profissão?

– Aprendi a profissão de não fazer nada.

– O que fizeste até agora?

– Fui à escola.

– Que curso fizeste?

– Fiz a terceira elementar.

– Ainda tens pai?

– Não, o meu pai já morreu.

– E mãe?

– Sim, tenho, trabalha por conta de outros e faz tudo o que pode para me dar pão a mim e aos meus irmãos, que continuamente lhe fazemos perder a paciência.

– Que pensas fazer no futuro?

– Tenho de fazer alguma coisa, mas não sei o quê.

Esta franqueza de expressão unida a uma facilidade discursiva ordenada e coerente fez-me prever um grande perigo para aquele jovem, se porventura fosse abandonado daquela maneira. Por outro lado, parecia-me que, se aquele brio e aquele temperamento empreendedor fossem cultivados, seria certamente um rapaz de sucesso. Por isso retomei o diálogo assim:

– Meu caro Magone, queres deixar esta vida de menino de rua e começar a aprender alguma arte ou ofício, ou então continuar a estudar?

– Claro que quero, respondeu comovido; esta vida de condenado não me agrada. Alguns dos meus companheiros já estão na prisão e eu receio que me aconteça o mesmo, mas que hei de fazer? O meu pai morreu, a minha mãe é pobre, quem me vai ajudar?

– Esta noite reza com fervor ao Pai do céu; reza com o coração, confia nele, que ele cuida de mim, de ti e de todos.

Naquele momento o sino da estação dava os últimos toques e eu tinha de partir sem demora.

– Toma, disse-lhe eu, toma esta medalha; amanhã vai ter com o padre Ariccio, teu vice-pároco[74]; diz-lhe que o padre que te deu essa medalha deseja informações sobre o teu comportamento.

Recebeu a medalha com respeito. "Mas qual é o seu nome, donde o senhor é, o padre Ariccio o conhece?". Estas e outras coisas o bom Magone me perguntava, mas eu já não pude responder, porque o trem tinha chegado e tive de subir a fim de retornar a Turim.

Capítulo II – A sua vida anterior e a sua vinda para o Oratório de São Francisco de Sales

O fato de não ter podido conhecer o padre com quem tinha falado fez nascer em Magone um grande desejo de saber quem era; por isso, em vez de esperar pelo dia seguinte, foi logo ter com o padre Ariccio e contou-lhe com entusiasmo o que tinha ouvido. O vice-pároco compreendeu tudo e no dia seguinte escreveu-me uma carta em que dava a devida explicação das maravilhas referentes à vida do nosso general.

"O jovem Magone, escrevia ele, é um pobre rapaz órfão de pai; a mãe trabalha para alimentar a família e não pode dar o devido acompanhamento. Por isso ele passa o tempo nas ruas e nas praças com os meninos de rua. Tem uma inteligência não comum, mas a sua inconstância e leviandade o levaram a várias vezes ser posto fora da aula; apesar de tudo, fez bastante bem a terceira elementar. Quanto à moralidade, creio que tem bom coração e conduta simples, mas difícil de se submeter. Nas aulas da escola ou da catequese é o perturbador geral; quando ele se comporta bem, tudo está em paz; e quando vai embora, presta um benefício a todos. A idade, a pobreza, a índole e a inteligência tornam o rapaz digno de toda a atenção caridosa. Nasceu no dia 19 de setembro de 1845".

Após essas informações, decidi recebê-lo entre os jovens desta casa para orientá-lo para os estudos ou para uma arte mecânica. Depois de receber a carta de admissão, o nosso candidato estava impaciente por vir para Turim.

[74] Francisco Alberto Ariccio (1819-1884).

Ele imaginava vir gozar das delícias do paraíso terrestre e tornar-se senhor do dinheiro de toda esta capital. Poucos dias depois, vejo-o aparecer diante de mim[75]. "Aqui estou, disse ele, correndo ao meu encontro, eu sou aquele Miguel Magone que o senhor encontrou na estação de trem de Carmagnola.

– Já sei tudo, meu caro; vieste de boa vontade?

– Sim, sim, boa vontade não me falta.

– Se tens boa vontade, peço-te que não me ponhas toda a casa de pernas para o ar.

– Oh! fique descansado, que não lhe darei desgostos. No passado comportei-me mal, mas no futuro não quero que seja assim. Dois dos meus companheiros já estão na cadeia e eu...

– Fica tranquilo; dize-me apenas se preferes estudar ou aprender um ofício?

– Estou pronto a fazer o que quiser, mas, se me dá a escolher, prefiro estudar.

– E, se estudares, que desejas fazer no fim dos estudos?

– Se um moleque…, disse isso e inclinou a cabeça a sorrir.

– Continua, que queres dizer, *se um moleque…*

– Se um patife como eu pudesse tornar-se bastante bom para poder ser padre, de bom grado me faria padre.

– Veremos então o que será capaz de fazer um patife. Vou colocar-te a estudar; quanto a ser padre ou outra coisa, isso dependerá do teu progresso nos estudos, da tua conduta moral e dos sinais que deres de ser chamado ao estado eclesiástico.

– Se o esforço da boa vontade servir para alguma coisa, garanto-lhe que não ficará descontente comigo.

Antes de mais nada, foi-lhe indicado um companheiro que lhe fizesse de anjo da guarda. É costume desta casa ao receber algum rapaz de moralidade suspeita ou não bem conhecida confiá-lo a um jovem dos mais velhos e de moralidade segura, a fim de acompanhá-lo e corrigi-lo conforme a necessidade, até que se possa sem perigo admitir com os outros companheiros. Sem que Magone soubesse, da forma muito discreta e caridosa, aquele colega nunca o perdia de vista: acompanhava-o nas aulas, no estudo, no recreio: brincava

[75] Chegou ao Oratório de Valdocco em 17 de outubro de 1857 (cf. ASC E720: *Censimento dal 1847 al 1869*, 10).

e jogava com ele. Mas a qualquer momento era necessário que lhe dissesse: "Não tenhas esta conversa que é má; não digas aquela palavra, não pronuncies o santo nome de Deus em vão". E ele, embora com frequência se visse a impaciência estampada no seu rosto, só dizia: "Bravo, fizeste bem em avisar-me; és mesmo um bom companheiro. Se no passado tivesses sido meu companheiro, não teria criado estes péssimos hábitos que agora já não consigo perder".

Nos primeiros dias não sentia gosto em quase nada, a não ser no recreio. Cantar, gritar, correr, saltar, fazer barulho, era o que satisfazia o seu temperamento fogoso e vivaz. Quando, porém, o companheiro lhe dizia: "Magone, a sineta nos chama para o estudo, para a aula, para a oração", ou coisas semelhantes, lançava mais um olhar de pena aos divertimentos e depois encaminhava-se sem opor dificuldade para onde o dever o chamava.

Mas um bom momento para o ver era quando a sineta indicava o fim de algum dever a que se seguia o recreio. Parecia sair da boca de um canhão; voava por todos os cantos do pátio; qualquer jogo em que entrasse a destreza corporal era a sua delícia. O jogo a que damos o nome de *barra comprida*[76] era o seu predileto e ele se tornou famoso nele. Misturando assim o recreio com os outros deveres escolares, achava bastante agradável o novo teor de vida.

Capítulo III – Dificuldades e mudança moral

O nosso Miguel estava no Oratório havia um mês e se servia de qualquer ocupação como meio para passar o tempo; sentia-se feliz desde que tivesse espaço para saltar e estar alegre, sem pensar que a verdadeira alegria deve partir da paz do coração, da tranquilidade de consciência. Quando de repente começou a diminuir aquela ânsia de se divertir! Parecia um tanto pensativo e, se não fosse convidado, já não tomava parte nos divertimentos. O companheiro que lhe servia de anjo da guarda percebeu a mudança e, aproveitando a ocasião, um dia falou-lhe assim:

– Meu caro Magone, desde alguns dias já não vejo no teu rosto a costumeira jovialidade; por acaso, estás mal de saúde?

– Ora! De saúde estou muito bem.

– Donde vem então esta tristeza?

[76] *Barra comprida:* jogo que se baseia na prontidão de reflexos, na velocidade da corrida e na estratégia de grupo.

– Esta tristeza provém de ver os meus companheiros tomarem parte nas práticas de piedade. Vê-los alegres, rezar, aproximar-se da confissão e da comunhão provoca-me contínua tristeza.

– Não compreendo como é que a devoção dos outros pode ser causa de tristeza para ti.

– A razão é fácil de compreender: os meus companheiros, que já são bons, praticam a religião e se tornam ainda melhores; e eu, que sou um patife, não posso tomar parte nelas, e isso me provoca grave remorso e grande inquietação.

– Oh! és uma criança! Se a felicidade dos colegas te dá inveja, que te impede de seguir o exemplo deles? Se sentes remorsos na consciência, não podes porventura tirá-los?

– Tirá-los… tirá-los… é fácil dizer! Mas, se estivesses no meu lugar, dirias também que…, dito isso, abanando a cabeça em sinal de raiva e de comoção, fugiu para a sacristia.

O amigo seguiu-o e, ao chegar perto dele, disse-lhe: "Meu caro Magone, por que foges? Dize-me as tuas penas. Quem sabe poderei indicar-te o meio para eliminá-las?".

– Tens razão, mas estou metido numa embrulhada.

– Em qualquer embrulhada que te encontrares, há maneira de resolver.

– Como poderei ter paz, se me parece ter mil demônios no corpo?

– Não te aflijas; vai ao confessor, mostra-lhe o estado da tua consciência; ele te dará os conselhos necessários. Quando temos problemas, fazemos sempre assim; e por isso estamos sempre alegres.

– Está bem, mas… mas… e começou a chorar. Passaram ainda alguns dias e a melancolia tornou-se tristeza. Jogar era para ele um peso; o riso deixou de aparecer nos seus lábios; com frequência, enquanto os colegas se entregavam de corpo e alma ao recreio, ele se retirava para qualquer canto a pensar, refletir, por vezes a chorar. Eu seguia de perto tudo o que lhe acontecia. Por isso um dia mandei-o chamar e falei-lhe assim:

– Caro Magone, precisava que me fizesses um favor, mas não queria uma recusa.

– Diga lá, respondeu com decisão, diga lá, estou pronto a fazer tudo o que me ordenar.

– Precisava que, por um momento, me deixasses ser o senhor do teu coração e me manifestasses o motivo dessa tristeza que de uns dias para cá te amargura.

– Sim, é verdade o que me diz, mas… estou desesperado e não sei como fazer.

Tendo dito estas palavras, irrompeu num choro inconsolável. Deixei-o desabafar um pouco. Depois, em tom de brincadeira, disse-lhe: "Como! És tu aquele general Miguel Magone comandante de todo o bando de Carmagnola? Que general és tu?! Não consegues exprimir por palavras a dor que tens na alma?".

– Queria fazê-lo, mas não sei como começar; não sei me expressar.

– Dize-me só uma palavra, que o resto, digo eu.

– Tenho a consciência atrapalhada.

– Basta isso; já compreendi tudo. Precisava que me dissesses esta palavra para poder dizer-te o resto. Não quero por agora entrar em assuntos de consciência; vou dar-te apenas as normas para acertar tudo. Escuta, portanto: se os assuntos da tua consciência foram acertados no passado, prepara-te somente para fazer uma boa confissão, expondo aquilo que te aconteceu de mal desde a última vez que te confessaste. Se por receio ou por outro motivo omitiste confessar alguma coisa; ou então, se tens conhecimento de alguma confissão em que faltou alguma das condições necessárias, neste caso retoma a confissão desde quando tens a certeza de a ter feito bem, e confessa tudo o que possa pesar-te na consciência.

– Aqui está a minha dificuldade. Como poderei recordar-me daquilo que me aconteceu desde há vários anos?

– Podes regular tudo com a máxima facilidade. Dize só ao confessor que tens alguma coisa a rever na tua vida passada, que depois puxará pelo fio das tuas coisas, de modo que tu terás apenas de dizer sim ou não, quantas vezes isso ou aquilo te aconteceu.

Capítulo IV – Faz a sua confissão e começa a frequentar os santos sacramentos

Magone passou aquele dia se preparando com o exame de consciência; mas desejava tanto regular os assuntos da alma que à noite não quis deitar sem antes se confessar. "O Senhor, dizia, esperou muito por mim, é verdade; que queira esperar até amanhã é incerto. Portanto, se posso confessar-me esta noite, não devo adiar mais, e depois é tempo de cortar relações com o demônio". Fez por isso a sua confissão com grande comoção e interrompeu-a por várias vezes para dar livre curso às lágrimas. Quando terminou, antes de se despedir

do confessor, disse: "Acha que os meus pecados me foram todos perdoados? Se morresse esta noite, salvar-me-ia?".

Fica tranquilo, foi-lhe respondido. O Senhor, que na sua grande misericórdia te esperou até agora para que tivesses tempo de fazer uma boa confissão, certamente perdoou todos os teus pecados; e, se nos seus adoráveis decretos ele quisesse chamar-te esta noite para a eternidade, tu serias salvo.

Muito comovido, acrescentou: "Oh! como estou feliz agora!". Depois, desatando de novo em lágrimas, foi deitar-se. Esta foi para ele uma noite de agitação, de emoção. Mais tarde manifestou a alguns dos seus amigos as ideias que naquele espaço de tempo lhe perpassaram pela mente. "É difícil, costumava dizer, exprimir os sentimentos que invadiram o meu pobre coração naquela noite memorável. Passei-a quase inteiramente em branco. Ficava algum tempo meio adormecido e logo a imaginação me fazia ver o inferno aberto cheio de demônios. Afastava imediatamente essa tétrica imagem pensando que os meus pecados tinham sido todos perdoados e naquele momento parecia-me ver uma multidão de anjos mostrando-me o paraíso e dizendo: Vê que grande felicidade te está reservada, se fores constante nos teus propósitos!".

"Lá pela metade da noite eu estava tão cheio de alegria, de comoção e de sentimentos diversos, que para desafogar um pouco a minha alma me levantei, ajoelhei e disse muitas vezes estas palavras: Oh! como são infelizes os que caem em pecado! Mas quanto mais infelizes são os que vivem em pecado. Eu creio que se eles saboreassem, mesmo que por um só instante, a grande consolação que sente quem se encontra na graça de Deus, todos iriam confessar-se para aplacar a ira de Deus, dar tréguas aos remorsos da consciência e gozar da paz do coração. Infeliz pecado! Que terrível flagelo tu és para aqueles que te deixam entrar no seu coração! Meu Deus, não quero mais voltar a vos ofender, antes, quero amar-vos com todas as forças da minha alma, e se por infelicidade cair, mesmo que num só pequeno pecado, irei imediatamente confessar-me".

Assim exprimia o nosso Magone o seu arrependimento por ter ofendido a Deus e prometia manter-se constante no santo serviço divino. De fato, começou a frequentar os santos sacramentos da confissão e da comunhão, e aquelas práticas de piedade que antes o aborreciam, agora ele as frequentava com grandes transportes de alegria. Antes, sentia tanto gosto em se confessar e o fazia com tanta frequência, que o confessor teve de moderá-lo para evitar que se tornasse escrupuloso. Esta doença grassa com grande facilidade na mente dos jovenzinhos quando querem de fato entregar-se a servir o Senhor. Os estragos são graves, porque com isso o demônio perturba a alma, agita o coração, torna pesada a prática da religião; e muitas vezes faz voltar ao mau caminho os que já tinham avançado na virtude.

O meio mais fácil de nos libertarmos dessa chaga é abandonar-nos à obediência ilimitada ao confessor. Quando ele diz que uma coisa é má, façamos tudo o que pudermos para não voltar a cometê-la. Ele diz que nesta ou naquela ação não há mal nenhum? Então é seguir o seu conselho e avançar com paz e alegria de coração. Em suma, a obediência ao confessor é o meio mais eficaz para nos libertarmos dos escrúpulos e perseverarmos na graça do Senhor.

Capítulo V – Uma palavra à juventude

Por um lado, as inquietações e as angústias do jovem Magone, por outro, a maneira franca e decidida como acertou as coisas da sua alma, proporciona-me a ocasião de vos sugerir, jovens caríssimos, algumas lembranças que julgo muito úteis para as vossas almas. Considerai-as como penhor de afeto de um amigo que ardentemente deseja a vossa salvação eterna.

Em primeiro lugar, recomendo-vos que façais tudo o que puderdes para não cair em pecado, mas, se por infelicidade vos acontecer cometê-lo, nunca vos deixeis induzir pelo demônio a omiti-lo na confissão. Pensai que o confessor recebeu de Deus o poder de vos perdoar toda a espécie e todo o número de pecados. Quanto mais graves forem os pecados confessados, mais ele se alegrará, pois sabe que muito maior é a misericórdia divina que por seu intermédio vos oferece o perdão e aplica os méritos infinitos do precioso sangue de Jesus Cristo, com que ele pode lavar todas as manchas da vossa alma.

Meus queridos jovens, não esqueçais que o confessor é um pai que deseja ardentemente fazer-vos todo o bem possível e procura afastar de vós toda a espécie de mal. Não tenhais medo de perder a sua estima por vos confessardes de coisas graves ou de que ele as revele a alguém. De fato, por nada deste mundo o confessor pode servir-se de qualquer informação recebida na confissão. Mesmo que tivesse de perder a sua própria vida, não diz nem pode dizer, seja a quem for, a mínima coisa referente àquilo que ouviu em confissão. Antes, posso assegurar-vos que, quanto mais sinceros fordes e mais confiança depositardes nele, mais ele aumentará também a sua confiança em vós e estará cada vez mais em condições de vos dar os conselhos e as orientações que achar mais necessários e oportunos para as vossas almas.

Quis dizer-vos isso para que não vos deixeis enganar pelo demônio, calando por vergonha algum pecado na confissão. Garanto-vos, meus queridos jovens, que me treme a mão ao escrever, pensando no grande número de cristãos que se condenam só por ter calado ou por não ter confessado com

sinceridade certos pecados! Se porventura algum de vós, ao rever a sua vida passada, descobrir que omitiu voluntariamente algum pecado ou tiver qualquer dúvida acerca da validade de uma confissão, quero dizer-lhe sem mais: "Amigo, por amor de Jesus Cristo e pelo precioso sangue que ele derramou para salvar a tua alma, suplico-te que ponhas em ordem os assuntos da tua consciência na primeira vez que te confessares, expondo com sinceridade tudo o que poderia perturbar-te se te encontrasses na iminência de morrer. Se não sabes como exprimir-te, começa por dizer ao confessor que tens alguma coisa que te atormenta na vida passada. Isso permite-lhe fazer as perguntas necessárias para aclarar a situação e às quais tu responderás com sinceridade. Depois fica tranquilo que tudo estará em ordem".

Recorrei com frequência ao vosso confessor, rezai por ele e segui os seus conselhos. Uma vez escolhido um confessor que julgais adequado para as necessidades da vossa alma, não mudeis sem necessidade. Enquanto não tiverdes um confessor estável, no qual tenhais toda a confiança, faltará sempre o amigo da vossa alma. Confiai também nas orações do confessor que na santa missa reza todos os dias pelos seus penitentes, para que Deus lhes conceda fazer boas confissões e perseverar no bem; rezai vós também por ele.

Podeis, todavia, sem escrúpulo, mudar de confessor quando, vós ou ele, mudardes de residência e vos causar grave incômodo recorrer a ele, ou então quando ele estiver doente ou quando, por ocasião de solenidades, houver grande afluência de penitentes. Igualmente, se tiverdes alguma coisa na consciência que não ousais manifestar ao confessor ordinário, antes que cometer um sacrilégio, mudai não uma, mas mil vezes de confessor.

Se porventura este escrito for lido por quem a divina Providência destina a escutar as confissões da juventude, quero, omitindo muitas outras coisas, pedir humildemente que me permita dizer-lhe com todo o respeito:

1.º Acolhei com bondade toda a espécie de penitentes, mas especialmente os jovenzinhos. Ajudai-os a expor os assuntos da sua consciência; insisti para que se confessem com frequência. É este o meio mais seguro para mantê-los longe do pecado. Tende todo o cuidado a fim de que ponham em prática os conselhos que lhes dais para evitar as recaídas. Corrigi-os com bondade, mas nunca os repreendais; se os repreenderdes, deixam de recorrer a vós ou então omitem aquilo pelo qual lhes destes uma áspera repreensão.

2.º Quando tiverdes ganho a sua confiança, prudentemente tentai indagar se as confissões da vida passada foram bem feitas. Com efeito, autores célebres em moral e em ascética e de longa experiência, e especialmente uma pessoa autorizada que tem todas as garantias da verdade, são unânimes em afirmar que, na maior parte dos casos, as primeiras confissões dos garotos, se

não são nulas, são pelo menos falhas por falta de instrução, ou por omissão voluntária de coisas a confessar. Convide-se o menino a ponderar bem o estado da sua consciência, especialmente dos sete aos dez, doze anos. Nessa idade já se tem conhecimento de certas coisas que são grave mal, mas às quais se dá pouca importância ou se ignora a maneira de confessar. O confessor use de grande prudência e de grande reserva, mas não deixe de fazer algumas perguntas acerca do que diz respeito à santa virtude da modéstia.

Gostaria de dizer muitas coisas sobre este assunto, mas omito-as por não querer passar por mestre em coisas de que sou apenas um pobre e humilde discípulo. Disse aqui estas poucas palavras que no Senhor me parecem úteis às almas da juventude, a cujo bem desejo consagrar todo o tempo que ao Senhor aprouver deixar-me viver neste mundo. Agora regresso ao jovem Magone.

Capítulo VI – A sua exemplar solicitude pelas práticas de piedade

À frequência dos sacramentos da confissão e da comunhão uniu um espírito de fé viva, uma solicitude exemplar, uma atitude edificante em todas as práticas de piedade. No recreio parecia um potranquinho à solta; na igreja não encontrava lugar nem modo que lhe agradasse; mas pouco a pouco conseguiu estar com tal recolhimento que poderia ser proposto como modelo a qualquer cristão fervoroso. Fazia bem o exame de consciência[77]; enquanto estava à espera, próximo do confessionário, dava a sua vez aos outros; e ele sempre recolhido e paciente aguardava poder aproximar-se comodamente do confessor. Por vezes, viram-no aguentar quatro ou cinco horas recolhido, imóvel e de joelhos no chão a esperar a sua vez de se confessar. Um companheiro quis tentar imitá-lo, mas ao fim de duas horas caiu desmaiado e nunca mais tentou imitar o seu amigo naquele gênero de penitência. Isso pareceria quase incrível naquela tenra idade, se quem escreve não tivesse sido testemunha ocular. Ouvia com muito agrado falar do modo edificante como Domingos Savio se aproximava dos sacramentos da confissão e da comunhão, e empenhava-se com todas as forças em imitá-lo.

Quando veio para esta casa, estar na igreja era para ele quase insuportável; alguns meses depois, sentia grande consolação nas celebrações religiosas, quaisquer que elas fossem. "O que se faz na igreja, dizia ele, faz-se para o Senhor, e o que se faz para o Senhor, nunca se perde". Um dia, já se tinha dado sinal para as sagradas celebrações e um colega convidava-o a continuar o jogo

[77] Cf. n. 184.

até o fim. "Sim, respondeu, continuo a jogar, se me deres a paga que o Senhor me dá". Àquelas palavras, o colega calou-se e acompanhou-o a cumprir aquele dever religioso.

Outro companheiro disse-lhe uma vez:

– Não te sentes aborrecido nas cerimônias quando são tão longas?

– Pobre rapaz, és como eu antigamente, respondeu: não conheces as coisas úteis. Não sabes que a igreja é a casa do Senhor? Quanto mais estivermos em sua casa neste mundo, maior esperança temos de estar depois com ele na Igreja triunfante do paraíso. E, se com o uso se adquire direito nas coisas temporais, por que não se adquirirá nas espirituais? Por isso, estando nós na casa material do Senhor neste mundo, adquirimos o direito de ir um dia com ele para o céu.

Depois da habitual ação de graças da confissão e da comunhão e depois das celebrações sagradas, parava junto do altar do Santíssimo Sacramento ou diante do altar de Nossa Senhora e fazia orações especiais. Estava tão atento, recolhido e composto na sua pessoa que parecia insensível a qualquer coisa exterior. Por vezes os companheiros ao sair da igreja e ao passar perto esbarravam nele; com frequência tropeçavam nos pés e os pisavam. Mas ele, como se nada acontecesse, continuava serenamente a sua oração ou meditação.

Gostava muito de todos os atos de devoção. Uma medalha, uma pequena cruz, uma imagem eram para ele objetos de grande veneração. Em qualquer momento que soubesse que se distribuía a sagrada comunhão, que se recitava alguma oração ou se cantava alguma loa, fosse na igreja ou fora da igreja, logo interrompia o recreio e ia tomar parte no cântico ou na prática de piedade.

Gostava muito de cantar, e como tinha uma voz limpa e muito agradável, aplicava-se também no estudo da música. Em pouco tempo adquiriu conhecimentos que lhe permitiram tomar parte em solenes celebrações públicas. Mas assegurava e deixou escrito que nunca os seus lábios profeririam uma única palavra que não pudesse servir para a maior glória de Deus. "Infelizmente, dizia ele, no passado, a minha língua não fez aquilo que devia fazer. Que ao menos no futuro possa remediar o passado!". Num folheto, entre os seus propósitos, encontrava-se este: "Ó meu Deus, que a minha língua se cole ao céu da boca antes que proferir uma palavra desagradável aos vossos ouvidos".

No ano de 1858 tomava parte nas celebrações que na novena do santo Natal se realizavam num retiro desta capital. Uma noite, os companheiros enalteciam o sucesso da sua atuação no cântico daquele dia. Ele, confuso, retirou-se do meio deles, cheio de tristeza. Tendo-se perguntado o motivo,

começou a chorar, dizendo: "Trabalhei em vão, porque senti complacência ao cantar e perdi metade do mérito. Agora estes elogios fazem-me perder a outra metade e para mim fica só o cansaço".

Capítulo VII – Pontualidade nos seus deveres

O seu temperamento fogoso, a sua imaginação fervilhante, o seu coração cheio de emoções levavam-no naturalmente a ser muito vivaz e à primeira vista dissipado. Por outro lado, no tempo devido, sabia conter-se e autocontrolar-se. No recreio, como que perdia a noção das coisas: todos os recantos do amplo pátio desta casa eram batidos pelos pés do nosso Magone; não havia jogo em que ele não fosse dos primeiros. Mas ao sinal do estudo, das aulas, do repouso, do refeitório, da oração, interrompia tudo e corria a cumprir os seus deveres. Era maravilhoso ver aquele que era a alma do recreio e que tudo punha em movimento, como se fosse comandado por uma máquina, ser o primeiro nos lugares onde o dever o chamava.

Relativamente aos deveres escolares parece-me bem referir aqui uma parte da ponderada declaração do seu professor padre João Francesia, que o teve como aluno nas aulas de latinidade.

"De muito bom grado, escreve ele, dou testemunho público das virtudes do meu caro aluno Miguel Magone. Esteve sob a minha responsabilidade todo o ano letivo de 1857 e parte de 1858-59. Que eu saiba, nada de extraordinário aconteceu no seu primeiro ano de latinidade. Sempre deu conta do recado. Mediante a sua aplicação e diligência nas aulas fez num só ano duas classes de latinidade. Por isso, no fim desse mesmo ano, mereceu ser admitido à classe de terceira gramática latina. Basta isso para nos dar a conhecer que a sua inteligência era rara. Não me recordo de alguma vez tê-lo repreendido pela sua indisciplina. Estava sossegadíssimo nas aulas, apesar da sua grande vivacidade, de que dava magnífica prova no pátio durante o tempo de recreio. Sei até que, em estreita e amistosa relação com os melhores dos colegas, procurava imitar os seus exemplos. No início do segundo ano (1858-59) via-me rodeado de uma bela coroa de jovens alegres e todos unânimes no desejo de não perder nem um minuto de tempo, mas de aproveitar tudo para avançar nos estudos. Miguel Magone encontrava-se entre os primeiros desse grupo. Quanto ao mais, fiquei muito agradavelmente surpreendido com a sua total mudança, quer no aspecto físico quer no moral, e com uma tão insólita gravidade associada a um ar que lhe dava um aspecto sério na fronte e no olhar, sinal de que o seu coração se encontrava muito preocupado. Creio que esta mudança

exterior derivava da resolução tomada de querer entregar-se todo à piedade, e podia verdadeiramente ser proposto como modelo de virtude. Parece-me estar ainda a ver-te, ó meu saudoso aluno, naquela atitude devota em que me escutavas como teu professor, sendo eu humilde discípulo das tuas virtudes! Parecia mesmo despojado do antigo Adão. Ao contemplá-lo assim atento aos seus deveres, longe da divagação tão caraterística daquela idade, quem não lhe aplicaria o verso de Dante[78], *Sotto biondi capei canuta mente**.

Recordo que uma vez, para pôr à prova a atenção e o aproveitamento do sempre querido discípulo, convidei-o a declamar um dístico que pouco antes eu tinha ditado. "Sou *pouco* capaz", responde modestamente Miguel. "Ouçamos então o *pouco*", acrescentei. Mas quê? Fez aquilo tão bem que foi cumprimentado por mim e pelos companheiros encantados com prolongados aplausos. Dali em diante o *pouco* de Magone passou a ser um provérbio nas aulas para indicar um jovem que se distinguia pelo estudo e pela atenção". Foi este o testemunho do seu professor.

No cumprimento dos seus outros deveres era em tudo exemplar. O superior da casa tinha dito muitas vezes que qualquer momento de tempo é um tesouro. Por isso, ele repetia com frequência: "Quem perde um momento de tempo, perde um tesouro". Movido por este pensamento, não deixava escapar um instante sem fazer o que as suas forças permitiam. Tenho aqui à minha frente as notas de aplicação e de comportamento de cada uma das semanas durante todo o tempo que passou entre nós. Nas primeiras semanas o comportamento foi medíocre, depois bom e por fim quase ótimo. Ao fim de três meses começou a ser qualificado como ótimo e assim se manteve pelo tempo que viveu nesta casa.

Na Páscoa daquele ano (1858) fez os exercícios espirituais com grande edificação dos seus companheiros e com verdadeira consolação do seu coração. Realizou seu vivo desejo de fazer a confissão geral, escrevendo depois vários propósitos para praticar em toda a sua vida. Entre outros, queria fazer voto de nunca perder um momento de tempo, coisa que não lhe foi permitida. "Pelo menos, disse ele, seja-me concedido prometer ao Senhor obter sempre a qualificação de "ótimo" no meu comportamento". "Seja como quiseres, respondeu-lhe o diretor, contanto que esta promessa não tenha força de voto". Foi então que ele se serviu de um caderninho em que antecipadamente anotava todos os dias da semana: "Com a ajuda de Deus, dizia ele, e com a proteção de Maria Santíssima quero ter: no domingo, "ótimo"; na segunda, "ótimo"; na terça, etc…".

[78] Deveria dizer: Petrarca (1304-1374); é um verso do soneto 213 do *Canzioniere.*

* Tradução: "*Por baixo de cabelos louros, mente sensata*".

Todas as manhãs, a primeira coisa que fazia era dar uma olhada no caderninho e muitas vezes ao longo do dia lia e renovava a promessa de obter a nota "ótimo" no seu comportamento. Se porventura, no seu entender, tivesse havido alguma falha, ainda que pequena, castigava-se com penitências voluntárias, tais como privar-se de algum tempo de recreio, abster-se de alguma coisa que fosse especialmente do seu gosto, alguma oração e semelhantes.

Este caderninho foi encontrado pelos companheiros depois da sua morte, que ficaram muito edificados com as santas diligências usadas pelo seu colega para progredir no caminho da virtude. Ele queria obter a qualificação de "ótimo" em tudo; por isso ao sinal de mudança de atividade, logo suspendia o recreio, interrompia qualquer conversa e muitas vezes truncava a palavra, pousava a caneta a meio da linha para ir prontamente para onde o dever o chamava. Por vezes dizia: "É verdade que terminar o que tenho entre mãos é bom, mas o meu coração já não se satisfaz com isso, antes fica angustiado. O meu coração sente o maior prazer no cumprimento dos meus deveres à medida que me são indicados pela voz dos superiores ou pelo som da sineta".

A exatidão nos seus deveres não lhe impedia de respeitar os sinais de cortesia aconselhados pelas boas maneiras e pela caridade. Por isso, prontificava-se para escrever cartas a quem disso tivesse necessidade. Limpar a roupa dos outros, ajudar a levar água, arrumar a cama, varrer, servir à mesa, ceder os brinquedos a quem os desejasse, ensinar o catecismo a outros e a cantar, explicar dificuldades da aula, eram coisas a que ele se prestava com o maior gosto sempre que houvesse oportunidade.

Capítulo VIII – A sua devoção a Nossa Senhora

É preciso afirmar que a devoção a Nossa Senhora é o sustentáculo de qualquer fiel cristão, de modo especial para a juventude. Assim fala em seu nome o Espírito Santo*: Si quis est parvulus, veniat ad me*[79]. Magone conheceu esta verdade importante, que de modo providencial lhe foi comunicada. Um dia foi-lhe oferecida uma imagem da Virgem Maria onde estava escrito: *Venite, filii, audite me, timorem Domini docebo vos,* isso é: Vinde, filhos, escutai-me e eu vos ensinarei o temor de Deus[80]. Ele começou a pensar seriamente nesse convite e depois escreveu uma carta ao seu diretor em que dizia como a Virgem Maria lhe tinha feito ouvir a sua voz, chamava-o para tornar-

[79] Quem for pequeno venha a mim (Pr 9,4) (cf. n. 184).
[80] Sl 34,12.

-se bom e que ela própria queria ensinar-lhe o modo de temer a Deus, de o amar e servir.

Começou, portanto, a oferecer a Maria algumas "flores espirituais"* que constantemente praticava em homenagem daquela que passou a honrar sob o título de mãe celeste, divina mestra, piedosa pastora. Eis, portanto, os principais traços da sua filial devoção que com fervor sempre crescente ia exercitando para com Maria. Todos os domingos fazia a santa comunhão pela alma do purgatório que na terra tivesse sido mais devota de Maria Santíssima.

Em honra de Maria, perdoava de bom grado qualquer ofensa. Frio, calor, desgostos, cansaço, sede, suor e outros incômodos das estações eram flores espirituais que ele com alegria oferecia a Deus pela mão da sua piedosa mãe celeste.

Antes de começar a estudar, a escrever no estudo ou na aula, tirava de um livro uma imagem de Maria em cuja margem estava escrito este verso: *Virgo parens studiis semper adesto meis,* Virgem Mãe, assisti-me sempre nos meus estudos.

A ela se recomendava sempre no princípio de todas as suas ocupações escolares. "Eu, costumava dizer, se encontro dificuldades nos meus estudos, recorro à minha divina mestra e ela me explica tudo". Um dia, um dos seus amigos alegrava-se com ele pelo bom êxito do seu tema da aula. "Não deves alegrar-te comigo, respondeu, mas com Maria que me ajudou, e me colocou na mente muitas coisas que por mim não saberia".

Para ter sempre presente algum objeto que lhe recordasse o patrocínio de Maria nas suas ocupações ordinárias, escrevia onde quer que pudesse: *Sedes sapientiae, ora pro me:* Ó Maria, sede da sabedoria, rogai por mim. Por isso, em todos os seus livros, na capa dos cadernos, na carteira, nos bancos, na cadeira, e em qualquer lugar em que com a pena ou com o giz pudesse escrever, se lia: *Sedes sapientiae, ora pro me.*

No mês de maio daquele ano de 1858, propôs-se fazer tudo o que pudesse para honrar Maria. Naquele mês, a mortificação dos olhos, da língua e dos outros sentidos foi cumprida. Queria também se privar de uma parte do recreio, jejuar, passar algum tempo da noite em oração, mais isso foi-lhe proibido por não ser compatível com a sua idade.

* Em italiano: "*Fioretti*", palavra já consagrada para significar pequenos atos de virtude que uma pessoa se propõe realizar.

Em fins do referido mês apresentou-se ao seu diretor e disse-lhe: "Se for do seu agrado, quero fazer um gesto bonito em honra da grande mãe de Deus. Eu sei que São Luís Gonzaga agradou muito a Maria porque desde pequeno lhe consagrou a virtude da castidade[81]. Queria também eu oferecer este presente e por isso desejo fazer voto de ser padre e de observar castidade perpétua". O diretor respondeu que ainda não tinha idade de fazer votos daquela importância. "Contudo, interrompeu ele, sinto grande vontade de me entregar todo a Maria e, se me consagrar a ela, certamente ela me ajudará a manter a promessa". "Faze assim, acrescentou o diretor, em vez de um voto, limita-te a fazer uma simples promessa de abraçar o estado eclesiástico, desde que no fim dos estudos de latinidade apareçam sinais claros de ser chamado ao mesmo. Em vez do voto de castidade, faze apenas uma promessa ao Senhor de, no futuro, ter o maior cuidado para nunca fazer nada, nem dizer palavra, nem sequer por brincadeira, que mesmo de leve seja contrária àquela virtude. Todos os dias invoca Maria com alguma oração especial para que te ajude a manter esta promessa".

Ficou contente com aquela proposta e muito feliz prometeu empenhar-se sempre em tudo o que pudesse para praticá-la.

Capítulo IX – A sua solicitude e as suas práticas para conservar a virtude da pureza

Além das sobreditas práticas tinha também recebido algumas recomendações, a que dava a máxima importância e costumava chamar de pais, guardas e defensores da virtude da pureza. Temos aquelas recomendações na resposta que ele deu a uma carta escrita por um companheiro no final do referido mês de Maria, que pedia a Miguel que lhe dissesse como costumava fazer para conservar a pureza, rainha das virtudes.

Aquele companheiro entregou-me a carta de que destaco quanto segue: "Para te dar uma resposta completa, são palavras de Magone, queria poder falar à viva voz e dizer muitas coisas que não parece conveniente escrever. Aqui exporei apenas os principais avisos dados pelo meu diretor, graças aos quais me assegura a conservação da mais preciosa das virtudes. Um dia deu-me um bilhetinho e disse-me: 'Lê e pratica'. Abri e dizia assim: *Cinco lembranças que São Felipe Neri dava aos jovens para conservar a virtude da pureza*: Fuga das más companhias. Não alimentar delicadamente o corpo. Fuga do ócio. Oração frequente. Frequência dos sacramentos, especialmente da confissão. O que está abreviado ele o expôs outras vezes de forma mais desenvolvida, e agora digo a ti como o escutei da sua boca:

[81] Cf. n. 184.

1° Coloca-te com filial confiança sob a proteção de Maria, confia e espera nela. Nunca se ouviu dizer que alguém tivesse recorrido a Maria com confiança e não tenha sido atendido. Ela será a tua defesa nos assaltos do demônio à tua alma.

2° Quando fores tentado, começa logo a fazer alguma coisa. Ócio e castidade não podem viver juntos. Por isso, evitando o ócio vencerás também as tentações contra esta virtude.

3° Beija com frequência a medalha, ou então o crucifixo, faze o sinal da santa cruz com fé viva, dizendo: Jesus, José e Maria, ajudai-me a salvar a minha alma. Estes são os três nomes mais terríveis e que mais assustam o demônio.

4° Se o perigo continua, recorre a Maria com a oração que nos é proposta pela santa Igreja, isto é: Santa Maria, mãe de Deus, rogai por mim pecador.

5° Além de não alimentar delicadamente o corpo, além da guarda dos sentidos, especialmente dos olhos, toma cuidado também com toda a sorte de más leituras. Mais ainda, se porventura coisas indiferentes forem um perigo para ti, deixa imediatamente essa leitura; ao invés, lê de bom grado bons livros e entre eles dá preferência aos que falam das glórias de Maria e do Santíssimo Sacramento.

6° Foge dos maus companheiros; aliás, escolhe bons companheiros, isto é, aqueles que pelo seu bom comportamento ouves elogiar por parte dos teus superiores. Com esses fala de bom grado, brinca com eles no recreio, mas procura imitá-los no falar, no cumprimento dos deveres e especialmente nas práticas de piedade.

7° Confissão e comunhão com a maior frequência que o teu confessor entender; e, se as tuas ocupações permitirem, vai com frequência visitar o Santíssimo Sacramento".

Eram estes os sete conselhos que Magone na sua carta designa como os sete guardas de Maria destinados a monitorar a santa virtude da pureza. E a fim de ter para cada dia um estímulo particular para a piedade, praticava especialmente um deles em cada dia da semana, acrescentando alguma coisa em honra de Maria. Assim, o 1º conselho estava associado à consideração da primeira alegria que Maria goza no céu, e este era para o domingo. O 2º estava associado à segunda alegria e era para a segunda-feira, e assim por diante[82]. Terminada a semana, fazia a mesma alternância em honra das sete dores de Maria, de modo que o conselho indicado com o número 1º praticava-o ao domingo em honra da 1.ª dor de Maria, e assim em relação aos outros[83].

[82] Cf. "As sete alegrias que Maria goza no paraíso" (n. 184).
[83] Cf. "Coroinha de Nossa Senhora das Dores" (n. 184)

Talvez alguém dirá que essas práticas de piedade são demasiado triviais. Mas faço notar que assim como o esplendor da virtude de que falamos pode se obscurecer e se perder a qualquer pequeno sopro de tentação, assim qualquer pequeno recurso que contribua para conservá-la deve ser tido em grande apreço. Por isso, aconselharei insistentemente a ter o cuidado de que sejam propostas coisas fáceis, que não assustem nem cansem o fiel cristão, sobretudo a juventude. O jejum, as orações muito prolongadas e outras austeridades rigorosas, na maior parte dos casos são omitidas ou se praticam com tédio e desleixo. Atenhamo-nos às coisas fáceis, mas que sejam feitas com perseverança. Este foi o caminho que conduziu o nosso Miguel a um maravilhoso grau de perfeição.

Capítulo X – Belos exemplos de caridade para com o próximo

Ao espírito de viva fé, de fervor, de devoção para com a Virgem Maria, Magone unia a mais industriosa caridade para com os seus companheiros. Sabia que o exercício desta virtude é o meio mais eficaz para aumentar em nós o amor de Deus. Praticava esta máxima com desenvoltura em cada pequena ocasião. No recreio tomava parte com tal entusiasmo que já não sabia se estava no céu ou na terra. Mas se lhe acontecia ver um companheiro com vontade de jogar, logo o levava a tomar parte nos seus jogos, feliz por continuar de outra maneira o seu recreio. Muitas vezes vi-o deixar de brincar com as bolinhas de gude, as bochas, para dar lugar a outro. Outras vezes descia das pernas-de-pau para deixar subir um colega, que ele de boa vontade assistia e ensinava até que o divertimento fosse mais agradável e ao mesmo tempo sem perigo.

Via um companheiro aflito? Aproximava-se dele, tomava-o pela mão, afagava-o, contava-lhe mil historietas. Se conseguia descobrir a causa de sua aflição, procurava confortá-lo com algum bom conselho e, se fosse o caso, fazia-se de mediador junto aos superiores ou a quem o pudesse confortar.

Quando podia explicar uma dificuldade a alguém, ajudar em alguma coisa, levar água, fazer a cama, ficava feliz da vida. No tempo do inverno, um colega que sofria de frieiras não podia brincar nem fazer os seus trabalhos como desejava. Magone escrevia-lhe de bom grado o tema da aula e fazia a cópia na folha que o colega devia entregar ao professor. Além disso, ajudava-o a vestir-se, fazia-lhe a cama e por fim deu-lhe as suas próprias luvas para que melhor pudesse proteger-se do frio. Que mais podia fazer um rapaz daquela idade? De caráter fogoso como era, não raro se deixava arrebatar em ímpetos involuntários de cólera, mas bastava dizer-lhe: "Magone, que estás fazendo?

É esta a vingança do cristão?". Isso bastava para acalmá-lo, para se humilhar, tanto que ele mesmo ia pedir desculpa ao companheiro, suplicando que o perdoasse e não se escandalizasse com o seus maus ímpetos.

Mas, se nos primeiros meses que passou no Oratório, com frequência era necessário corrigi-lo nos acessos de cólera, com a sua boa vontade em pouco tempo conseguiu vencer-se a si mesmo e tornar-se pacificador dos seus próprios companheiros. Por isso, surgindo rixas de qualquer gênero e embora ele fosse de pequena estatura, depressa se colocava no meio dos litigantes e com palavras e mesmo com a força procurava acalmá-los. "Nós somos racionais, costumava dizer, por isso em nós deve comandar a razão e não a força". Outra vez acrescentava: "Se o Senhor usasse a força cada vez que é ofendido, muitos de nós seríamos exterminados naquele instante. Portanto, se Deus onipotente, que é ofendido, usa de misericórdia ao perdoar quem o ofende com o pecado, por que motivo nós, miseráveis vermes da terra, não usaremos a razão suportando um desgosto e até um insulto sem nos vingarmos logo?". Dizia ainda a outros: "Todos nós somos filhos de Deus e por isso todos somos irmãos. Quem se vinga contra o próximo deixa de ser filho de Deus e pela sua cólera torna-se irmão de satanás".

Dava catequese de bom grado, prestava-se com muito gosto para servir os doentes e pedia com insistência para passar também as noites junto deles, quando fosse necessário. Um companheiro, movido pelos cuidados que em várias ocasiões lhe tinha prodigalizado, disse-lhe: "Que poderei fazer por ti, caro Magone, para te agradecer tantos incômodos que tiveste por minha causa?". "Nada mais, respondeu, do que oferecer uma vez a tua doença ao Senhor em penitência dos meus pecados".

Outro companheiro bastante dissipado tinha muitas vezes desgostado os superiores. Esse rapaz foi recomendado de modo particular a Magone para que buscasse maneiras de o conduzir aos bons sentimentos. Miguel aplica-se ao trabalho. Começa por tornar-se seu amigo, junta-se a ele nos recreios, dá-lhe presentes, escreve-lhe avisos em forma de bilhetinhos e assim consegue estabelecer com ele uma relação íntima, sem contudo lhe falar de religião. Aproveitando a ocasião da festa de São Miguel, um dia, Magone falou-lhe assim:

– Daqui a três dias ocorre a festa de São Miguel e tu deverás oferecer-me um belo presente.

– Claro que ofereço: mas tenho pena que me tenhas falado nisso, porque queria fazer-te uma surpresa.

– Quis falar-te disso porque gostaria que o presente fosse também do meu agrado.

– Pois então, dize: estou pronto a fazer o que puder para te agradar.

– Estás pronto?

– Sim.

– Se fosse um pouco custoso, farias igualmente?

– Prometo que farei da mesma forma.

– Queria que no dia de São Miguel me desses como presente uma boa confissão e, se estiveres preparado, uma boa comunhão.

Atendendo às promessas feitas e repetidas, o companheiro não ousou opor-se àquele amigável projeto. Rendeu-se; e os três dias que antecederam aquela festa foram empregues em especiais práticas de piedade. Magone empenhou-se de todas as formas a preparar o amigo para aquela festinha espiritual e, no dia marcado, ambos se aproximaram para receber os santos sacramentos com grande satisfação dos superiores e com bom exemplo para os companheiros.

Magone passou todo aquele dia em santa alegria com o seu amigo e ao chegar a noite, disse-lhe: "Fizemos uma bela festa, estou muito feliz, e desteme um grande prazer. Agora dize-me: Também te sentes feliz com o que hoje fizemos?".

– Sim, estou muitíssimo feliz, sobretudo porque me preparei bem. Agradeço-te pelo convite que me fizeste e agora, se tens algum bom conselho a dar-me, receberei com toda a gratidão.

– Claro que tenho ainda um bom conselho a te dar, porque o que fizemos é apenas metade da festa e eu queria que me desses a outra metade do presente. Desde há algum tempo, meu caro amigo, o teu comportamento não é como devia ser. O teu modo de viver não agrada aos teus superiores, entristece os teus pais, engana a ti mesmo, priva da paz o teu coração e depois… um dia deverás prestar contas a Deus do tempo perdido. Portanto, daqui para frente, foge do ócio, alegra-te o mais que puderes, desde que não descuides os teus deveres.

O companheiro, já meio vencido, aceitou inteiramente. Tornou-se amigo fiel de Magone, começou a imitá-lo no cumprimento exato dos deveres e, atualmente, pela sua diligência e moralidade, enche de consolação todos os que com ele se relacionam.

Quis apresentar este fato de maneira muito circunstanciada, quer porque ele torna cada vez mais luminosa a caridade de Magone, quer porque pretendi transcrevê-lo na sua integridade como me foi exposto pelo companheiro que nele tomou parte.

Capítulo XI – Fatos e ditos argutos de Magone

Tudo quanto até aqui dissemos são coisas fáceis e simples que qualquer pessoa pode facilmente imitar. Agora passo a apresentar alguns fatos e ditos argutos que são mais para admirar pela sua amenidade e agrado do que para imitar. Servem, todavia, para realçar cada vez mais a bondade de coração e a coragem religiosa do nosso jovenzinho. Eis alguns entre muitos de que eu mesmo fui testemunha.

Um dia, eu conversava com os seus companheiros, quando alguns entraram em conversas que um jovem cristão e bem-educado deve evitar. Magone ouviu algumas palavras, meteu os dedos na boca e deu um assovio tão forte que rebentava o cérebro. "Que fazes, disse um deles, estás doido?". Magone nada diz e dá outro assovio ainda maior que o primeiro. "Onde está a boa educação, replicou o outro, é assim que se faz?". Então Magone respondeu: "Se vós fazeis o papel de doidos falando mal, porque eu não posso fazê-lo para impedir as vossas conversas? Se vós não respeitais as regras da boa educação com conversas impróprias de um cristão, porque não poderei eu violar as mesmas regras para impedi-las?". Aquelas palavras, assegura um daqueles companheiros, foram para nós uma vigorosa pregação. Olhamos uns para os outros e ninguém mais se atreveu a prosseguir naquelas conversas, que eram murmurações. Dali em diante, sempre que Magone estava em nossa companhia, todos mediam bem as palavras que lhes saíam da boca, com medo de ouvir um daqueles horríveis assovios que faziam estourar o cérebro.

Acompanhando um dia o seu superior pela cidade de Turim, chegou à praça Castello, onde ouviu um rapaz blasfemar contra o nome de Deus. Àquelas palavras, ele perdeu as estribeiras e, não pensando no lugar nem no perigo, com dois saltos voa sobre o blasfemo e dá-lhe duas sonoras bofetadas dizendo: "É esta a maneira de tratar o santo nome do Senhor?". Mas o rapaz que era mais alto do que ele, sem ligar ao mau exemplo, irritado com a vaia dos companheiros pelo insulto público e pelo sangue que em abundância lhe corria do nariz, atira-se enraivecido sobre Magone: pontapés, murros e bofetadas não davam tempo nem a um nem a outro de respirar. Por sorte, correu o superior e colocando-se como mediador entre as partes beligerantes, conseguiu, não sem dificuldade, restabelecer a paz com satisfação recíproca. Quando Miguel se tornou senhor de si mesmo, deu-se conta da imprudência cometida ao corrigir de tal modo aquele irrefletido. Arrependeu-se do acesso de cólera e assegurou que no futuro teria mais cuidado, limitando-se a simples avisos amigáveis.

Outra vez alguns jovens discorriam sobre a eternidade das penas do inferno e um deles em tom de brincadeira disse: "Procuraremos não ir para lá mas, se formos, paciência. Miguel fingiu não ter entendido e se afastou daquele grupo, buscou um fósforo e, logo que o encontrou, correu para o referido grupo. Tendo-o acendido, com destreza colocou-o por baixo da mão daquele companheiro que a tinha atrás das costas. À primeira queimadura, o rapaz gritou: "Que fazes, estás doido?". "Não estou doido, respondeu, mas quero somente pôr à prova a tua heroica paciência; por isso se te sentes com paciência para suportar as penas do inferno por toda a eternidade, não deves ligar à chamazinha de um fósforo que é coisa de um momento". Todos se puseram a rir, mas o companheiro que se queimou disse em alta voz: "É, no inferno se está muito mal mesmo".

Certa manhã, alguns companheiros queriam levá-lo a se confessar com um confessor desconhecido, e apresentavam mil pretextos. "Não, respondia, eu não quero ir a nenhum lugar sem autorização dos meus superiores. Por outro lado, eu não sou um bandido. Os bandidos têm sempre medo de ser apanhados pelos guardas. Por isso, eles vão sempre em busca de lugares e de pessoas desconhecidas por medo de serem descobertos. Não, eu tenho o meu confessor, a quem confesso os pecados leves e os graves, sem receio algum. A preocupação de ir confessar-se com outro mostra que vós não amais o vosso confessor ou que tendes coisas graves a confessar. Seja como for, fazeis mal ao sair de casa sem licença. Se tendes algum motivo para mudar de confessor, aconselho que procureis, como eu também procuraria, algum daqueles que todos os sábados e dias festivos vêm atender as confissões dos jovens do Oratório".

Em todo o tempo que esteve conosco, só uma vez foi para casa em tempo de férias. Depois, também por conselho meu, nunca mais quis ir, embora sua mãe e os seus familiares, por quem nutria grande afeto, o aguardassem. Várias vezes se perguntou a ele a razão disso e ele sempre se esquivava rindo. Finalmente revelou o segredo a um seu confidente. "Fui uma vez, disse, passar alguns dias de férias em casa, mas no futuro, se não for obrigado, não voltarei a ir".

– Por quê? – perguntou-lhe o companheiro.

– Porque em casa há os perigos de antes. Os lugares, os divertimentos, os companheiros arrastam-me a viver como outrora e eu não quero que seja assim.

– É preciso ir com boa vontade e pôr em prática os conselhos que os nossos superiores nos dão antes de partir.

– A boa vontade é uma nuvem que desaparece pouco a pouco quando vivo longe do Oratório; os conselhos servem por alguns dias, mas depois os companheiros fazem-me esquecê-los.

– Portanto, na tua opinião, ninguém mais deveria ir para casa passar férias nem ver os seus próprios familiares?

– No meu entender, que vá para casa quem se sente capaz de vencer os perigos; eu não sou forte bastante. O que julgo certo é que, se os companheiros pudessem ver-se por dentro, descobririam que muitos vão para casa com asas de anjos e regressam com dois chifres na cabeça como diabinhos.

Magone de vez em quando era visitado por um antigo companheiro que ele desejava conquistar para a virtude. Entre os pretextos, este, um dia, argumentou que conhecia um colega que desde há muito tempo não frequentava coisas de religião. "Paciência, dizia ele, está gordo, vigoroso e bem tratado". Miguel tomou o amigo pela mão, levou-o junto de um carreteiro que descarregava materiais de construção no pátio e começou a falar-lhe assim: "Estás vendo aquele jumento? Também ele é forte, gordo e grande e nunca se confessou, nem creio que alguma vez tenha ido à igreja: gostarias também de tornar-te semelhante a este, sem alma nem razão, e que só tem de trabalhar para o seu dono e um dia servir para adubar os campos depois da morte? O companheiro ficou incomodado e a partir daí nunca mais apresentou os seus pretextos para se eximir da prática dos seus deveres religiosos.

Omito muitos episódios semelhantes. Bastam estes para dar a conhecer cada vez melhor a bondade do seu coração e a grande aversão que ele tinha ao mal, deixando-se por vezes levar a excessos de zelo para impedir a ofensa de Deus.

Capítulo XII – Férias de Castelnuovo d'Asti – Virtudes praticadas naquela ocasião

Dado que Miguel ia de má vontade passar férias na casa materna, para que ele descansasse um pouco do esforço do ano letivo, decidi enviá-lo para Morialdo, localidade de Castelnuovo d'Asti, onde por várias vezes vão passar algum tempo no campo os jovens desta casa, especialmente aqueles que não têm lugar nem familiares para onde ir durante as férias de outono[84]. Dado o

[84] Naqueles dias Dom Bosco celebrou a festa de Nossa Senhora do Rosário; o acontecimento é lembrado por um jornal de Turim: "Festa do Santo Rosário. No dia 3 do corrente, uns sessenta jovens do Oratório de São Francisco de Sales, conduzidos pelo seu ótimo diretor, Dom Bosco, foram a Castelnuovo d'Asti celebrar a festa do Santo Rosário no lugar chamado os Becchi. A solenidade foi sobremaneira edificante,

seu bom comportamento, a título de prêmio, decidi antecipar-lhe o passeio e juntamente com um pequeno grupo levá-lo como companheiro de viagem. Durante o caminho tive tempo de conversar longamente com o bom rapaz e descobrir nele um alto grau de virtude muito superior à minha expectativa. Deixo de parte as belas e edificantes conversas que teve comigo naquela ocasião e limito-me apenas a expor alguns fatos que ajudam a conhecer outras virtudes da sua alma, especialmente a gratidão.

Pelo caminho fomos surpreendidos pela chuva e chegamos a Chieri completamente encharcados. Apresentamo-nos ao cavalheiro Marcos Gonella[85], que com bondade costuma acolher os nossos jovens todas as vezes que ali passamos indo e voltando de Castelnuovo d'Asti. Forneceu-nos tudo o que era necessário para a roupa e preparou-nos uma refeição que, se por um lado era de gente rica, por outro encontrou um apetite à altura dos acontecimentos.

Após algumas horas de descanso, retomamos o caminho. Percorrido um trecho de estrada, Magone ficou para trás da comitiva e um dos companheiros, pensando que fosse por cansaço, aproximou-se dele, quando percebeu que sussurrava alguma coisa baixinho.

– Estás cansado, disse-lhe, caro Magone, não é verdade? As tuas pernas acusam o esforço desta viagem?

– Nem pensar! Nada cansado! Iria nem que fosse até Milão.

– O que dizias quando estavas falando baixinho?

– Estava rezando o terço em honra de Nossa Senhora por aquele senhor que nos recebeu tão bem; não posso agradecer-lhe de outra maneira e por isso rezo ao Senhor e a Maria Santíssima para que abençoem aquela casa e lhe concedam cem vezes mais do que nos deram a nós.

É bom aqui notar de passagem como ele mostrava tal sentimento de gratidão por qualquer pequeno favor. Era muito grato para com os seus benfeitores. Se não receasse aborrecer o leitor, gostaria de transcrever algumas das muitas cartas e dos muitos bilhetes que me escreveu para manifestar o seu reconhecimento por ter sido acolhido nesta casa. Direi apenas que tinha por princípio fazer todos os dias uma visita a Jesus sacramentado e que de manhã rezava por três vezes *Pai-nosso, Ave-Maria* e *Glória* por aqueles que de alguma forma lhe tinham feito algum bem.

vendo-se aquela devota juventude abeirar-se da sagrada mesa juntamente com muitas outras pessoas vindas das redondezas. A música da missa solene e da bênção do Santíssimo Sacramento, executada pelos próprios jovens, não foi menos devota do que esplêndida" (*L'Armonia,* 8 de outubro de 1858, p. 4).

[85] Marcos Gonella (1822-1886), banqueiro.

Não raras vezes, apertava-me afetuosamente a mão e olhando para mim com os olhos rasos de lágrimas, dizia: "Não sei como exprimir o meu reconhecimento pela grande caridade que usou para comigo ao aceitar-me no Oratório. Tentarei agradecer-lhe com o bom comportamento e pedindo todos os dias ao Senhor que o abençoe, ao senhor e aos seus trabalhos". Falava de bom grado dos professores e daqueles que o tinham enviado para aqui ou que de algum modo o ajudavam, mas falava sempre deles com respeito; por um lado, nunca se envergonhando de manifestar a sua pobreza, por outro, o seu reconhecimento. "Sinto pena, foi ouvido dizer muitas vezes, de não ter meios para expressar, como queria, a minha gratidão, mas reconheço o bem que me fazem, não esquecerei os meus benfeitores e, enquanto viver, pedirei sempre ao Senhor que a todos recompense abundantemente".

Estes sentimentos de gratidão, mostrou-os também quando o pároco de Castelnuovo d'Asti convidou os nossos jovens para uma alegre refeição em sua casa[86]. Naquele dia à noite, disse-me: "Se achar bom, amanhã faço a comunhão pelo pároco que hoje tanto nos alegrou". Não só lhe foi permitido satisfazer esse desejo, mas, diante do seu exemplo, recomendou-se aos outros que fizessem a mesma coisa, como costumamos fazer em semelhantes ocasiões em relação aos benfeitores da nossa casa.

Foi também enquanto estava em Morialdo que observei um belo ato de virtude que me parece digno de menção. Um dia, os nossos meninos tinham ido divertir-se na mata próxima. Uns andavam à procura de cogumelos, outros de castanhas, de nozes, outros juntavam folhas e coisas semelhantes, o que para eles constituía o mais agradável passatempo. Estavam todos envolvidos nessas atividades, quando Magone se afasta dos companheiros e sorrateiramente vai para casa. Um colega que o viu pensou que tivesse alguma indisposição, por isso, o seguiu. Miguel, pensando não ter sido visto por ninguém, entra em casa, não procura ninguém nem diz palavra, mas vai diretamente para a igreja[87]. Quem foi atrás dele encontra-o sozinho, de joelhos, diante do altar do Santíssimo, rezando profundamente recolhido.

Questionado depois pelos seus colegas sobre o motivo daquela partida inesperada para ir visitar o Santíssimo Sacramento, respondia com simplicidade: "Tenho muito medo de recair na ofensa de Deus, e por isso vou suplicar

[86] Preboste era o teólogo Pedro Miguel Cinzano (1804-1870), pároco de Castelnuovo desde 1834. Todos os anos acolhia os garotos de Dom Bosco depois da festa do Rosário (Cf. Luís DEAMBROGIO, *Le passeggiate autunnali di don Bosco per i colli monferrini.* Castelnuovo Don Bosco, Istituto Salesiano Bernardi Semeria 1975, pp. 112-113; 121-123).

[87] No rés-do-chão da casa de José Bosco, irmão do santo, há uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, inaugurada em 8 de outubro de 1848.

a Jesus no Santíssimo Sacramento que me dê ajuda e força para perseverar na sua santa graça".

Outro curioso episódio sucedeu naqueles mesmos dias. Uma noite, quando os meninos já estavam deitados, ouço um deles que chorava. Devagarinho, ponho-me à janela e vejo Magone num canto do pátio, olhando para a lua e suspirando em lágrimas. "Que tens, Magone, estás mal?", perguntei-lhe. Ele, que julgava estar só e não ser visto por ninguém, ficou perturbado e não sabia o que responder; mas como eu repeti a pergunta, respondeu com estas precisas palavras: "Choro ao olhar para a lua que há tantos séculos aparece com regularidade para iluminar a escuridão da noite, sem nunca desobedecer às ordens do Criador, enquanto eu, tão novo, eu que sou racional, que devia ser fidelíssimo às leis do meu Deus, desobedeci a ele tantas vezes e o ofendi de mil maneiras. Dito isso, começou de novo a chorar. Confortei-o com algumas palavras e ele, refazendo-se da comoção, foi de novo deitar.

É certamente de admirar que um jovenzinho de apenas catorze anos tivesse sentimentos tão elevados e fizesse esse raciocínio, mas é mesmo assim, e poderia apresentar muitíssimos outros fatos para mostrar como o jovem Magone era capaz de reflexões muito superiores à sua idade, especialmente reconhecendo em tudo a mão do Senhor e o dever que todas as criaturas têm de obedecer ao Criador.

Capítulo XIII – A sua preparação para a morte

Após as férias de Castelnuovo d'Asti, Miguel viveu ainda três meses. Era de pequena estatura, mas sadio e robusto, dotado de inteligência perspicaz e suficiente para percorrer com sucesso qualquer carreira que empreendesse. Gostava muito de estudar e tinha bons resultados. Quanto à piedade, tinha atingido tal nível que, na sua idade, eu não saberia o que lhe acrescentar nem o que tirar para fazer dele um modelo para a juventude. De temperamento vivo, mas piedoso, bom e devoto, tinha grande apreço pelas pequenas práticas religiosas. Praticava-as com alegria, com desenvoltura e sem escrúpulos, de modo que pela piedade, estudo e afabilidade era amado e venerado por todos, ao passo que pela vivacidade e boa educação era o ídolo do recreio.

Gostaríamos certamente que aquele modelo de virtude permanecesse no mundo até a mais avançada velhice; no estado sacerdotal, para o qual se mostrava inclinado, ou no estado laical, haveria de fazer muito bem à pátria e à religião. Mas Deus tinha outros desígnios e queria colher esta flor do jardim da Igreja militante e levá-la para junto dele, transplantando-a para a Igreja

triunfante do paraíso. O próprio Miguel, sem saber que a morte estava tão próxima, se preparava para ela com um teor de vida cada vez mais perfeito. Fez a novena da Imaculada Conceição com especial fervor. Escritos por ele mesmo, dispomos dos propósitos que tomou naqueles dias: "Eu, Miguel Magone, quero fazer bem esta novena e prometo: 1° Desapegar o meu coração de todas as coisas do mundo para dá-lo todo a Maria. 2° Fazer a minha confissão geral para, na hora da morte, ter a consciência tranquila. 3° Abster-me todos os dias do café da manhã em penitência dos meus pecados e recitar as sete alegrias de Maria a fim de merecer a sua assistência nas últimas horas da minha agonia. 4° Com o conselho do confessor fazer todos os dias a santa comunhão. 5° Narrar todos os dias um exemplo aos meus companheiros em honra de Maria. 6° Colocarei este bilhete aos pés da imagem de Maria e com este ato quero consagrar-me todo a ela, e no futuro quero ser todo seu até os últimos instantes da minha vida".

Tudo isso lhe foi concedido, menos a confissão geral que tinha feito não muito tempo antes e, em vez de deixar o café da manhã, foi-lhe dito que recitasse todos os dias um *De profundis* em sufrágio das almas do purgatório.

Causava certamente grande admiração o comportamento de Magone naqueles nove dias da novena de Maria Imaculada. Mostrava uma alegria extraordinária, mas sempre ocupado em narrar exemplos morais a uns, em convidar outros a narrá-los, a mobilizar todos os companheiros que podia para ir rezar diante do Santíssimo ou diante da estátua de Maria. Foi nessa novena que se privou de alguma fruta, de amêndoas e de comestíveis, ou de livrinhos, de imagens piedosas, de medalhas, de pequenas cruzes e de outros objetos que lhe tinham sido dados, a fim de oferecê-los a alguns companheiros um pouco dissipados. Fazia isso para premiá-los pelo bom comportamento naquela novena ou para comprometê-los a tomar parte nas obras de piedade que ele lhes propunha.

Com igual fervor e recolhimento celebrou a novena e a festa do santo Natal. "Quero, dizia no início daquela novena, quero empenhar-me de todos os modos em fazer bem esta novena e espero que Deus use de misericórdia para comigo, e que Jesus Menino venha nascer também no meu coração com a abundância das suas graças". Ao chegar a noite do último dia do ano, o superior da casa recomendava a todos os seus jovens que agradecessem a Deus pelos benefícios recebidos no decurso do ano que estava para terminar. Animava cada um deles a tomar um santo compromisso de passar o novo ano na graça do Senhor, porque, acrescentava, talvez para algum de

nós seja o último ano de vida[88]. Ao dizer isso, tinha a mão sobre a cabeça daquele que estava mais próximo, e o mais próximo era precisamente Magone. "Compreendi, disse ele cheio de estupefação, sou eu que tenho de fazer as malas para a eternidade, por isso, ficarei preparado". Estas palavras foram acolhidas com riso, mas os companheiros recordaram-se delas e o próprio Magone ia repetindo com frequência aquele afortunado incidente. Não obstante este pensamento, a sua alegria e a sua jovialidade não sofreram a mínima alteração, pelo que continuou a cumprir com a máxima exemplaridade os deveres do seu estado.

Quanto ao mais, aproximando-se cada vez mais o último dia da sua vida, Deus quis dar-lhe um sinal mais claro disso. No domingo de 16 de janeiro, os jovens da Companhia do Santíssimo Sacramento, de que Magone fazia parte, reuniram-se como de costume em todos os dias festivos([89]). Depois das orações habituais e da tradicional leitura, feitas as recomendações que naquele momento pareciam mais adequadas, um dos companheiros pegou a sacola com os bilhetes onde estava escrito um propósito a praticar ao longo da semana. Dá uma volta com ela e cada rapaz retira um bilhete ao acaso. Magone tira o seu e nele vê escritas estas notáveis palavras: *No juízo estarei sozinho com Deus.* Lê e, maravilhado, diz aos companheiros: "Creio que este é o aviso enviado pelo Senhor para me dizer que devo estar preparado". Depois foi ter com o superior e lhe mostrou o bilhete sorteado com muita ansiedade, repetindo que o considerava um chamamento do Senhor a citá-lo a comparecer diante dele. O superior exortou-o a viver sereno e a manter-se preparado, não em virtude do bilhete, mas em virtude das repetidas recomendações que Jesus Cristo a todos faz no santo Evangelho para que estejamos preparados em todos os momentos da vida.

– Portanto, replicou Magone, pode dizer-me quanto tempo de vida me resta ainda?

– Viveremos até que Deus nos conserve em vida.

– Mas eu viverei ainda todo este ano?, disse, agitado e um tanto como-

[88] João Bonetti (1838-1891) anotou o boa-noite na sua crônica (31 de dezembro de 1858): Dom Bosco tinha deixado aos ouvintes algumas lembranças: "Aos clérigos, exemplaridade, recordando-se sempre que são *lumen Christi.* Aos estudantes, frequência tanto quanto possível da Santíssima Eucaristia. Aos aprendizes […], frequência dos santos sacramentos nos dias festivos. A todos em geral, boas confissões: abrir de par em par o coração ao confessor, dado que, se o demônio consegue induzir alguém a calar na confissão, esse fica num estado mais infeliz. Portanto, em todas as vossas confissões, juntamente com o arrependimento, tende um propósito firme. Mas uma coisa de que podemos dispor, sumamente eficaz, é o recurso a Maria Santíssima. Rezai e familiarizai-vos com aquela bela palavra que o anjo lhe disse: *Ave-Maria*" (ASC A00-40601 *Memoria di alcuni fatti 1858*, ms de João Bonetti, p. 35).

[89] Em nota, no texto original, são referidos os artigos principais do regulamento desta Companhia: veja-se acima o n. 208.

vido. Calma, respondi, não te alarmes. A nossa vida está nas mãos do Senhor, que é um bom pai e sabe até quando deve conservá-la. Quanto ao mais, saber o tempo da morte não é necessário para ir para o paraíso; o importante é preparar-se com boas obras.

Então muito triste: "Se ele não me quer dizer, é sinal de que estou próximo".

– Não creio, acrescentou o diretor, que estejas tão próximo, mas mesmo que assim fosse, terias medo de ir fazer uma visita a Nossa Senhora no céu?

– É verdade, é verdade.

Retomada assim a jovialidade habitual, foi para o recreio.

Segunda, terça e quarta-feira de manhã, esteve sempre alegre, não sentiu qualquer alteração de saúde e cumpriu com regularidade todos os seus deveres.

Só depois do almoço de quarta-feira vi que estava na varanda observando os outros a brincar, sem que fosse tomar parte; coisa insólita e indício claro de que ele não se encontrava em estado normal de saúde.

Capítulo XIV – A sua doença e circunstâncias que a acompanham

Na tarde de quarta-feira (19 de janeiro de 1859), perguntei-lhe o que tinha, e ele respondeu que não tinha nada. Sentia-se um tanto incomodado com as lombrigas, o que era a sua doença habitual. Para isso, tomou um remédio apropriado, depois foi deitar e passou a noite tranquila. Na manhã seguinte, levantou-se à hora do costume com os seus companheiros, tomou parte nos exercícios de piedade e junto com alguns outros fez a comunhão pelos agonizantes, como costumava na quinta-feira de cada semana. Indo depois tomar parte no recreio, já não conseguiu participar porque se sentia muito cansado e as lombrigas lhe dificultavam a respiração. Foram-lhe dados remédios para semelhantes incômodos, recebeu a visita do médico que não descobriu qualquer sinal de doença e ordenou a continuação dos mesmos remédios. Sua mãe, encontrando-se então em Turim, também veio vê-lo, e ela própria afirmou que o seu filho sofria daquela doença desde pequeno e que os remédios tomados eram os únicos que outras vezes tinham sido usados por ela.

Na sexta-feira de manhã queria levantar-se para fazer a santa comunhão, como costumava fazer em honra da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, para obter a graça de uma boa morte, mas não pôde porque o mal se agravou. Como tinha evacuado muitas lombrigas, foi ordenada a continuação do mes-

mo tratamento com mais algum remédio específico para aliviar a respiração. Até então, nenhum sintoma de doença perigosa.

O perigo começou a manifestar-se às duas da tarde quando fui vê-lo e percebi que à dificuldade de respirar se tinha juntado a tosse e que a expectoração continha sangue. Tendo-se perguntado como se sentia, respondeu que só sentia peso no estômago causado pelas lombrigas. Mas notei que a doença tinha mudado de aspecto e se tornara bastante séria. Por isso, para não se ficar na incerteza e para não haver engano na escolha dos remédios, mandou-se logo chamar o médico. Naquele momento, a mãe, guiada pelo espírito cristão, disse-lhe: "Miguel, enquanto se espera pelo médico, não acharias bem confessar-te?". "Sim, querida mãe, de bom grado. Ainda ontem de manhã me confessei e fiz também a sagrada comunhão, todavia, vendo que a doença se torna grave, desejo confessar-me".

Preparou-se por alguns minutos e fez a sua confissão. Depois, com ar sereno, na minha presença e de sua mãe, disse sorrindo: "Quem sabe se esta minha confissão será um exercício da boa morte ou se não será realmente para a minha morte?".

– Que te parece? – repliquei, – desejas ficar curado ou ir para o paraíso?

– Deus sabe o que é melhor para mim; só desejo fazer o que for do seu agrado.

– Se Deus te propusesse escolher entre ficar curado ou ir para o céu, o que escolhias?

– Quem seria tão louco de não escolher o paraíso?

– Então desejas ir para o paraíso?

– Se desejo! Desejo de todo o coração e é o que desde há algum tempo peço continuamente a Deus.

– Quando desejarias ir para lá?

– Agora, neste instante, desde que seja do agrado de Deus.

– Bem, digamos todos juntos: Em tudo, tanto na vida quanto na morte, faça-se a santa e adorável vontade do Senhor.

Naquele momento chegou o médico que encontrou a doença inteiramente mudada de aspecto. "Estamos mal, disse, deu-se um fatal derrame de sangue no estômago e não há remédio para ele". Fez-se tudo quanto a arte pode sugerir em semelhantes ocasiões. Sangrias, emplastros, bebidas, tudo se tentou para retirar o sangue que furiosamente tendia a sufocar a respiração. Tudo foi inútil. Às nove daquela noite (21 de janeiro de 1859), ele mesmo dis-

se que desejava ainda uma vez fazer a santa comunhão antes de morrer, "Tanto mais, dizia, que esta manhã não pude fazê-la". Estava impaciente por receber aquele Jesus que desde há muito tempo recebia com frequência exemplar. Ao começar a cerimônia sagrada, disse-me na presença de outros: "Recomende-me à oração dos companheiros, rezem para que Jesus Sacramentado seja verdadeiramente o meu Viático, o meu companheiro para a eternidade". Depois de receber a santa hóstia, começou a fazer a respectiva ação de graças ajudado por um assistente.

Passado um quarto de hora, deixou de repetir as orações que lhe eram sugeridas e, não proferindo mais qualquer palavra, pensávamos que tivesse sido surpreendido por um repentino esgotamento de forças. Mas daí a poucos minutos, com ar alegre e quase em forma de brincadeira, fez sinal de ser escutado e disse: "No bilhete de domingo havia um erro. Lá estava escrito: *No juízo estarei sozinho com Deus,* e não é verdade; não estarei sozinho, lá estará também a Virgem Maria que me assistirá. Agora nada tenho a temer: vamos, pois, quando Deus quiser. A Virgem Santíssima, ela mesma quer me acompanhar no juízo".

Capítulo XV – Os seus últimos momentos e a sua preciosa morte

Eram dez da noite e o mal era cada vez mais ameaçador. Por isso, com medo de perdê-lo talvez naquela mesma noite, tínhamos combinado que o padre Zattini[90], um clérigo e um jovem enfermeiro passassem com ele metade da noite; depois o padre Alasonatti , administrador da casa[91], com outro clérigo e com outro enfermeiro prestariam assistência regular pelo resto da noite até de dia. Da minha parte, não reconhecendo qualquer perigo próximo, disse ao enfermo: "Magone, tenta descansar um pouco; eu vou alguns momentos para o meu quarto e depois volto".

– Não, respondeu imediatamente, não me abandone.

– Só vou rezar parte do breviário e já volto para junto de ti.

– Volte o mais depressa possível.

[90] Agostino Zattini: sacerdote de Brescia, professor de filosofia e orador, perseguido político na sua terra, tinha sido acolhido por Dom Bosco no Oratório em fins de 1857.

[91] "Este virtuoso sacerdote, depois de uma vida consumada do modo mais exemplar no sagrado ministério e em obras várias de caridade e após longa doença, morria em Lanzo no dia 8 de outubro de 1865. Atualmente se compila uma biografia das suas ações que esperamos vir a ser do agrado dos seus amigos e de quantos tiverem o prazer de lê-la".

Ao partir, dei ordem que, ao mínimo sinal de agravamento, me chamassem, pois amava ternamente aquele aluno e desejava estar ao pé dele em caso de morte. Mal tinha chegado ao quarto, sou chamado para que voltasse depressa para junto do enfermo porque parecia aproximar-se a agonia.

Era mesmo assim, o mal avançava terrivelmente; por isso, foi-lhe dada a Santa Unção pelo padre Agostinho Zattini. O enfermo estava plenamente consciente. Respondia às várias partes dos ritos e das cerimônias relativas à administração deste augusto sacramento. Antes, a cada unção queria acrescentar alguma jaculatória. Recordo que na unção da boca disse: "Ó meu Deus, se me tivésseis feito secar a língua na primeira vez que a usei para vos ofender, que sorte eu teria, quantas ofensas a menos! Meu Deus, perdoai-me todos os pecados que cometi com a boca, deles me arrependo de todo o coração". Na unção das mãos acrescentou: "Quantos murros dei aos meus companheiros com estas mãos! Meu Deus, perdoai-me estes pecados e ajudai os meus companheiros a ser melhores do que eu".

Terminada a cerimônia dos santos óleos, perguntei-lhe se desejava que chamasse a sua mãe, que tinha ido descansar um pouco num quarto próximo, também ela convencida de que o mal não fosse tão grave.

– Não, respondeu, é melhor não chamar; pobre da minha mãe! Ela me ama tanto que, se me visse morrer, sofreria demais, o que poderia causar-me grande aflição. Pobre da minha mãe, que o Senhor a abençoe! Quando estiver no paraíso, rezarei muito a Deus por ela.

Foi convidado a ficar um pouco tranquilo e a preparar-se para receber a bênção papal com a indulgência plenária. Durante a sua vida dava grande importância a todas as práticas religiosas a que estavam anexas santas indulgências e se empenhava o mais que podia para delas se beneficiar. Por isso, acolheu com verdadeira satisfação a oferta da bênção papal. Tomou parte em todas as orações correspondentes e quis ele mesmo rezar o *Confiteor*. Suas palavras eram pronunciadas com tanta unção, com sentimentos de tão viva fé, que todos nos comovemos até as lágrimas.

Depois parecia querer dormir um pouco, e permaneceu alguns instantes em paz: mas logo acordou, o que enchia de admiração quem o via. O pulso indicava que ele estava no fim da vida, mas o ar sereno, a jovialidade, o sorriso, a consciência lúcida pareciam de uma pessoa de perfeita saúde. Não que ele não se sentisse mal, dado que a dificuldade de respirar provocada pela ruptura de um órgão ocasiona sufoco, um sofrimento geral em todas as faculdades morais e corporais. Mas o nosso Miguel tinha muitas vezes pedido a Deus que lhe fizesse cumprir todo o seu purgatório nesta vida, a fim de ir logo depois da morte para o céu. Era este pensamento que o levava a sofrer tudo com alegria;

mesmo aquele mal que, por via ordinária, causaria sufocos e angústias, nele era causa de alegria e de satisfação.

Portanto, por especial graça de nosso Senhor Jesus Cristo, não só parecia insensível ao mal, mas parecia sentir grande consolação nos próprios sofrimentos. Nem era preciso sugerir-lhe sentimentos religiosos, visto que ele mesmo, de vez em quando, dizia comoventes jaculatórias. Eram as dez e quarenta e cinco quando me chamou pelo nome e me disse: "Chegou o momento, ajude-me". "Mantém a calma, respondi, não te deixarei enquanto não estiveres com o Senhor no paraíso. Mas, já que me dizes que estás para partir deste mundo, não queres pelo menos dizer o último adeus à tua mãe?".

– Não, respondeu, não quero causar-lhe tanta dor.

– Não me deixas ao menos nenhum recado para ela?

– Sim, diga à minha mãe que me perdoe todos os desgostos que lhe dei na minha vida. Estou arrependido. Diga-lhe que a amo, que tenha coragem para perseverar no bem, que morro de bom grado: que parto deste mundo com Jesus e com Maria e que a espero no paraíso.

Estas palavras provocaram lágrimas em todos os presentes. Apesar de tudo, retomando a coragem e para ocupar em bons pensamentos aqueles últimos momentos, de vez em quando eu lhe fazia perguntas.

– Que queres que eu diga aos teus companheiros?

– Que procurem fazer sempre boas confissões.

– O que é que neste momento te dá maior consolação de tudo quanto fizeste na tua vida?

– O que mais me consola neste momento é aquele pouco que fiz em honra de Maria. Sim, esta é a maior consolação. Ó Maria, Maria, quão felizes são os vossos devotos na hora da morte! Mas, continuou, há uma coisa que me incomoda: Quando a minha alma se separar do corpo e estiver para entrar no paraíso, que hei de dizer? A quem me hei de dirigir?

– Se Maria quer ela mesma acompanhar-te ao juízo, entrega a ela todos os cuidados a teu respeito. Mas, antes de te deixar partir para o paraíso, queria encarregar-te de um recado.

– Diga, que eu farei tudo o que puder para lhe obedecer.

– Quando chegares ao paraíso e vires Maria Santíssima, cumprimenta-a humilde e respeitosamente em meu nome e no de todas as pessoas que se encontram nesta casa. Pede-lhe que se digne dar-nos a sua santa bênção, acolher-nos sob a sua poderosa proteção e ajudar-nos de modo que nenhum dos que estão nesta casa ou que a divina Providência nos enviar se venha a perder.

– De bom grado levarei este recado; e outras coisas?

– Por agora nada mais, descansa um pouco.

Parecia de fato querer pegar no sono. Mas, apesar de manter a calma habitual e a fala, o pulso anunciava a sua morte iminente. Por isso começou-se a ler o *Proficiscere*; no meio da leitura, como se despertasse de um sono profundo, com a habitual serenidade de rosto e com o sorriso nos lábios, disse-me: "Daqui a poucos momentos darei o seu recado e procurarei dá-lo com exatidão; diga aos meus companheiros que os espero a todos no paraíso". Depois apertou o crucifixo com as mãos, beijou-o três vezes e em seguida proferiu estas últimas palavras: "Jesus, José e Maria nas vossas mãos entrego a minha alma". Depois, movendo os lábios como se quisesse sorrir, placidamente expirou.

Aquela alma bem-aventurada abandonava este mundo para voar, como piamente esperamos, para o seio de Deus, às onze horas da noite, no dia 21 de janeiro de 1859, na idade de apenas catorze anos. Não entrou em agonia de espécie alguma; nem sequer mostrou agitação, pena, sufocação ou outra dor que naturalmente se sente na terrível separação da alma do corpo. Não saberia que nome dar à morte de Magone, a não ser qualificá-la como um sono de alegria que leva a alma das penas desta vida à eternidade feliz.

Os presentes choravam mais de comoção do que de pena, porque custava perder um amigo, mas todos invejavam a sua sorte. O padre Zattini, dando largas à comoção, que o coração já não podia conter, proferiu estas graves palavras: "Ó morte, tu não és um flagelo para as almas inocentes; para elas tu és a maior benfeitora, que lhes abre a porta para o gozo dos bens que nunca mais se perderão. Oh! por que não posso estar eu no teu lugar, querido Miguel? Neste momento a tua alma já é conduzida pela Virgem Maria a deliciar-se na imensa glória do céu. Caro Magone, vive feliz para sempre, roga por nós, que te prestaremos tributo de amizade elevando fervorosas preces ao Senhor, nosso Deus, pelo eterno repouso da tua alma".

Capítulo XVI – As suas exéquias – Últimas lembranças – Conclusão

Quando amanheceu, a boa mãe de Miguel queria ir ao quarto do filho para ter notícias dele, mas qual não foi a sua dor ao saber que já tinha morrido! Aquela mulher cristã permaneceu um momento imóvel sem proferir palavra nem dar um suspiro e depois se expressou assim: "Deus grande, vós sois o Senhor de todas as coisas... Querido Miguel, morreste… chorarei sempre em ti a perda de um filho, mas dou graças a Deus que te concedeu

morrer neste lugar com tal assistência, ter uma morte tão preciosa aos olhos do Senhor. Repousa com Deus em paz, roga pela tua mãe, que tanto te amou nesta vida mortal e que te ama ainda mais agora que te crê com os justos no céu. Enquanto viver neste mundo, não deixarei nunca de rezar pelo bem da tua alma e espero ir um dia juntar-me a ti na pátria dos bem-aventurados. Ditas estas palavras, desatou em copioso pranto e depois foi para a igreja em busca de conforto na oração.

A perda deste companheiro foi também muito dolorosa para os jovens da casa e para todos quantos tiveram ocasião de conviver com ele. Miguel era muito conhecido pelas suas qualidades morais e físicas, e era muito estimado e venerado pelas raras virtudes que adornavam a sua alma. Pode-se dizer que o dia seguinte ao daquela morte os companheiros passaram-no em exercícios de piedade pelo eterno repouso da alma do amigo. Só encontraram conforto na reza do terço, do ofício dos falecidos, na confissão e na comunhão. Todos choravam porque tinham nele um amigo, mas todos sentiam uma grande consolação, dizendo: "Neste momento Magone já está com Domingos Savio no céu".

A sensação experimentada pelos seus colegas e pelo seu mesmo professor Francesia é expressa com as seguintes palavras: "No dia seguinte à morte de Magone dirigi-me à sala de aula. Era sábado e tinha de passar um trabalho para a nota. Mas o lugar vazio de Magone anunciava-me que tinha perdido um aluno e que talvez o céu tivesse mais um cidadão. Sentia-me profundamente comovido; os garotos estavam consternados e, no silêncio geral, só foi possível pronunciar esta palavra: Morreu, e toda a turma rompeu em prantos. Todos o amavam; e quem não havia de amar um rapaz adornado de tantas e tão belas virtudes? A grande reputação de piedade que ele tinha granjeado entre os companheiros deu-se a conhecer depois da sua morte. As suas folhas eram disputadas uma por uma; um digníssimo colega meu julgou-se muito afortunado por ter um caderninho do pequeno Miguel[92], e de nele colar o nome que se cortou de uma folha de exame do ano anterior. Eu mesmo, movido pelas suas virtudes praticadas em vida com tanta perfeição, não hesitei com plena confiança em invocá-lo nas minhas necessidades: e, por amor à verdade, devo confessar que a prova nunca falhou. Para ti, meu anjo, o meu mais sentido reconhecimento, e digna-te interceder pelo teu mestre junto do trono de Jesus. Faze com que se acenda no meu coração uma centelha da grande humildade que tu tinhas. Miguel, meu caro, roga também por todos os teus

[92] Na primeira edição. (1861) era indicado o nome do colega: João Turchi (1838-1909), um dos clérigos hospedados em Valdocco depois do sequestro governamental do seminário de Turim. Laureado em letras, até a ordenação (1861) lecionou no Oratório, depois em diversas instituições particulares e públicas.

companheiros que foram muitos e bons, a fim de que todos nós possamos abraçar-nos de novo no paraíso" (*até aqui o seu mestre*).

Para dar um sinal externo do grande afeto que todos tinham para com o amigo falecido, fez-se um funeral solene dentro do que era compatível com a nossa humilde condição. Com velas acesas, cânticos fúnebres, música instrumental e vocal acompanharam os seus restos mortais até a sepultura, onde rezaram pelo seu eterno descanso e lhe deram o último adeus na doce esperança de um dia ser seus companheiros numa vida melhor que a presente.

Um mês depois foi-lhe feita uma comemoração fúnebre; o padre Zattini, célebre orador, expôs em patético e brilhante discurso o elogio do jovem Miguel. Pena é que a brevidade deste opúsculo não permite inseri-lo por inteiro; quero todavia apresentar os seus últimos períodos que servirão também de conclusão aos presentes traços biográficos. Depois de ter exposto em forma oratória as principais virtudes de que a alma do falecido era adornada, convidava os pesarosos e comovidos companheiros a não esquecê-lo, antes a recordar-se dele com frequência e a segui-lo nos belos exemplos que nos deixou na sua vida mortal. Por fim concluiu assim: "Estes eram os exemplos em vida e estas as palavras na morte que nos oferecia o amigo comum Miguel Magone, de Carmagnola. Agora ele já não está conosco, a morte deixou vazio o seu lugar aqui na igreja, onde ele vinha rezar com tanto gosto e com uma paz tão profunda. Ele já não está conosco e com seu súbito desaparecimento prova-nos que todos os astros se apagam cá em baixo, todos os tesouros desaparecem e todas as almas são chamadas. Há trinta dias entregamos à terra os seus saudosos restos mortais. Se eu tivesse estado presente, em benefício do povo de Deus, arrancaria de junto da tua tumba um punhado de erva* e lançando-a para trás, murmuraria em tom triste, como o filho de Judá*: Estes florirão como a erva dos campos: dos teus ossos ressurgirão outros queridos jovenzinhos que despertem entre nós a tua memória, renovem os teus exemplos e multipliquem as tuas virtudes.

Adeus, portanto, pela última vez, ó meigo, ó querido, ó fiel companheiro, ó bom e valoroso Miguel! Adeus! Tu eras a risonha esperança da tua santa mãe, que sobre ti chorou lágrimas de piedade, mais do que da carne e do sangue… Tu eras a bela esperança daquele pai adotivo que te acolhia em nome do Deus providente, que te chamava a este acolhedor e bendito lar em que tão bem e tão depressa aprendeste o amor de Deus e o caminho da virtude… Tu,

* Texto obscuro, com referência ao Salmo 72 (71), versículo 16, que diz: "No país haverá fartura de trigo, ondulando sobre o alto dos montes, seu fruto florescerá como o Líbano, sua colheita como a erva da terra".
* Alusão a Davi, descendente de Judá, considerado autor do salmo a que o texto se refere.

amigo dos companheiros, respeitador dos superiores, dócil aos mestres, bondoso para com todos! Tu crescias para o sacerdócio… e certamente nele serias exemplo e mestre da sabedoria celeste!… Tu deixaste no nosso coração um vazio… uma ferida…! Mas tu foste arrancado, ou antes, a morte arrancou-te do nosso coração, do nosso afeto… Ah! então tínhamos nós necessidade das lições da morte? Sim, delas precisavam os fervorosos, os menos solícitos, os descuidados; delas tinham necessidade o negligente, o sonolento, o preguiçoso, o fraco, o tíbio, o frio. Por amor de Deus, nós te suplicamos, mostra-nos que estás agora no lugar da alegria, na terra bendita dos vivos; faze-nos sentir que te encontras junto da nascente, antes, no mar da graça, e que a tua linda voz unida à dos coros celestes é potente, é agradável aos ouvidos de Deus! Obtém-nos de Deus zelo, amor e caridade… obtém-nos que vivamos bons, castos, piedosos, virtuosos… que morramos alegres, serenos, calmos, confiantes nas divinas misericórdias. Obtém-nos que a morte não nos toque com os seus tormentos, como te respeitava a ti mesmo. *Non tangat nos tormentum mortis!* Roga por nós, junto com os angélicos jovenzinhos também desta casa que te precederam no seio de Deus: Camilo Gávio, Gabriel Fascio, Luís Rua, Domingos Savio, João Massaglia, e pede com eles sobretudo pelo tão amado chefe desta casa. Nós nos lembraremos de ti em nossas preces, nunca te esqueceremos, até que nos seja concedido chegar junto de ti nas estrelas. Oh bendito seja Deus que te formou, te alimentou, te manteve e te tirou a vida. Bendito seja aquele que tira a vida e bendito seja aquele que a dá!".

308. O pastorzinho dos Alpes ou a vida do jovem Francisco Besucco, de Argentera*

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del Giovane Besucco Francesco d'Argentera.* Segunda edição. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1878[93].

[93] Esta segunda edição é considerada definitiva (cf. Alberto CAVIGLIA, *Un documento inesplorato. La Vita di Besucco Francesco scritta da Don Bosco e il suo contenuto spirituale*, em *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco.* Vol. VI, Turim, Società Editrice Internazionale 1965, pp. 7-8. Extraímos o texto e as notas de: Giovanni BOSCO, *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del Giovane Besucco Francesco d'Argentera,* em ID., Vite di Giovani..., pp. 191-231. [Em português: João BOSCO, *Vidas de Jovens. Biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco.* Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco, 2013, pp. 175-176, 210-259].

* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde basicamente à que se encontra em: João BOSCO, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco.* Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco, 2013, pp. 175-176, 210-259; foram introduzidas inúmeras adaptações para a nossa linguagem atual.

Caríssimos jovens,

Enquanto escrevia a vida de um vosso colega, a morte inesperada do jovem Francisco Besucco fez-me suspender aquele trabalho para me ocupar dele próprio. Foi para satisfazer os insistentes pedidos dos seus conterrâneos, dos seus amigos, e para secundar os vossos muitos pedidos que decidi recolher as notícias mais interessantes deste saudoso colega vosso e de apresentá-las num livrinho, na convicção de vos prestar um serviço útil e agradável.

Algum de vós poderá perguntar onde fui buscar as notícias, para vos assegurar de que as coisas expostas aconteceram realmente.

Responderei em poucas palavras. Para o tempo em que o jovem Besucco viveu na sua terra[94], ative-me aos depoimentos que recebi do seu pároco, do seu professor e dos seus familiares e amigos. Pode-se dizer que não fiz mais do que ordenar e transcrever as memórias que para este fim me foram enviadas. Para o tempo em que viveu entre nós, procurei recolher cuidadosamente o que aconteceu na presença de grande número de testemunhas oculares: tudo escrito e assinado por testemunhas dignas de crédito.

É verdade que há fatos que causam admiração a quem lê, mas esta é precisamente a razão pela qual escrevo com particular presteza, dado que, se fossem apenas coisas de pouca importância, nem valia a pena publicá-las. Quando depois observardes como este jovenzinho mostra na sua vida um grau de ciência normalmente superior à idade, devereis observar que a grande diligência de Besucco para aprender, a feliz memória para fixar o que ouvia e lia e o modo especial como Deus o favoreceu com as suas luzes, contribuíram poderosamente para enriquecê-lo de conhecimentos certamente superiores à sua idade.

Uma coisa eu vos peço que observeis a meu respeito: talvez demasiada complacência em apresentar os depoimentos daquilo que se passou entre mim e ele. É verdade, e por isso, conto com a vossa benévola compreensão: procurai ver em mim um pai a falar de um filho ternamente amado; um pai que dá largas aos sentimentos paternos ao falar aos seus amados filhos. A eles abre todo o seu coração para satisfazê-los e também para os instruir na prática das virtudes, de que Besucco se tornou modelo. Lede, portanto, ó caríssimos jovens, e se ao ler vos sentirdes movidos a evitar algum vício ou

[94] A terra de Francisco Besucco é o lugarejo alpino de Argentera (1684 m acima do nível do mar), na província de Cúneo, a 6 km da divisa com a França. Em 1860 a população era de 299 pessoas.

a praticar alguma virtude, dai glória a Deus por esse fato, único doador de bens verdadeiros.

O Senhor abençoe a todos nós e nos conserve na sua santa graça aqui na terra, a fim de podermos chegar a louvá-lo eternamente no céu.

[...][95]

Capítulo XV – Episódios e viagem a Turim

De manhã cedo, despediu-se da sua querida mãe, dos irmãos e das irmãs que choravam, enquanto só ele, de ar sereno e tranquilo, embora comovido, animava a todos à perfeita resignação à vontade de Deus. Só então desatou em forte pranto, ao recomendar-se às suas orações para ser constante em corresponder à voz de Deus que o chamava. O padrinho despediu-se dele com estas últimas palavras:

– Oh sim, vai, querido Francisco, aquele Deus que agora de maneira maravilhosa te tira do nosso convívio, ele te chama para o Oratório, onde poderás santificar a tua alma, imitando as virtudes que já conduziram ao paraíso os ditosos jovens Domingos Savio e Miguel Magone, em cuja vida e morte preciosa bebeste, nos últimos meses da tua morada entre nós, aquele ardente desejo que te conduziu ao providencial Oratório de São Francisco de Sales[96].

Com um pequeno enxoval, o pai acompanhou Francisco a Turim, e partiram no dia 1º de agosto de 1863. À medida que se afastavam de Argentera, o bom pai ia perguntando ao filho se não tinha pena de deixar a sua terra, a família e principalmente a mãe. Francisco respondeu sempre dizendo: "Estou convencido de fazer a vontade de Deus indo para Turim e, quanto mais me afasto de casa, mais aumenta o meu contentamento". Terminadas aquelas respostas momentâneas, continuava a rezar, e o pai assegurou que a viagem de Argentera a Turim foi para Francisco quase uma contínua oração.

No dia 2 de agosto chegaram a Cúneo por volta das 4 horas da manhã[97]. Passando diante do palácio episcopal, Francisco perguntou: "De quem é esta casa bonita?". "É do bispo", respondi. Francisco fez então sinal ao pai

[95] Apresentamos aqui somente o prólogo e a segunda parte da vida de Francisco Besucco, esta, sim, escrita por Dom Bosco. Deixamos os primeiros catorze capítulos porque construídos ao copiar ao pé da letra um memorial do pároco (ASC A2280701 *Vita del pio giovanetto Besucco Francesco* [janeiro de 1864], manuscrito de Francisco Pepino, com notas autógrafas de Dom Bosco, 22 pp).

[96] Padrinho de Besucco era o pároco de Argentera, padre Francisco Pepino (1817-1899).

[97] O dia 2 de agosto de 1863 era um domingo. A distância entre Argentera e Cúneo é de 60 km.

de querer parar um momento. Depois de o filho parar, o pai deu ainda alguns passos em frente. Tendo-se voltado para trás, viu-o de joelhos junto da porta do bispo. "Que estás fazendo?", disse-lhe. "Rezo a Deus pelo senhor bispo, para que também ele ajude a que eu seja aceito no Oratório de Turim e que, a seu tempo, se digne contar-me entre os seus clérigos e assim ser útil para mim e para os outros".

Uma vez em Turim, o pai fazia-lhe notar as belezas da capital[98]. O próprio pai, depois de ter observado as ruas simétricas, as praças quadradas e espaçosas, os pórticos altos e majestosos, as galerias magnificamente decoradas de objetos vários, preciosos e estrangeiros, depois de ter admirado a altura e a elegância dos edifícios, julgava encontrar-se no outro mundo. "Que dizes disso, Francisco, perguntava ele extasiado, não te parece mesmo estar no paraíso?". Ao que Francisco, sorrindo, respondeu: "Tudo isso pouco me importa, porque nada alegrará o meu coração, enquanto não for recebido naquele abençoado Oratório, a que fui enviado".

Finalmente, entrou no lugar tão desejado e, cheio de alegria, exclamou: "Por fim cheguei". Depois fez uma breve oração para agradecer a Deus e a Nossa Senhora pela boa viagem que tinha feito e pelos desejos atendidos.

O pai, ao despedir-se, estava comovido até as lágrimas, mas Francisco confortou-o dizendo: "Não se aflija por minha causa; Deus não deixará de nos ajudar: rezarei todos os dias pela nossa família". Cada vez mais comovido, o pai disse-lhe ainda: "Precisas de alguma coisa?". "Sim, querido pai, agradeça ao meu padrinho pelo cuidado que teve comigo: diga-lhe que nunca esquecerei o que fez por mim e, com a aplicação no estudo e com o meu bom comportamento, procederei de modo a agradar-lhe. Diga aos de casa que sou plenamente feliz e que encontrei o meu paraíso".

Capítulo XVI – Teor de vida no Oratório – Primeiro divertimento

Tudo o que até aqui escrevi sobre Besucco constitui, por assim dizer, a primeira parte da sua vida; e nisso ative-me às notícias que recebi de quem o conheceu e conviveu com ele na sua terra. O que agora vou dizer a respeito do novo gênero de vida no Oratório constituirá a segunda parte. Mas aqui narrarei só o que eu mesmo ouvi, o que vi com os meus próprios olhos ou me foi referido por centenas de jovens que foram seus companheiros durante todo o tempo em que viveu entre nós. Servi-me também de modo particular de

[98] Fizeram a viagem Cúneo-Turim de trem (em funcionamento desde 5 de agosto de 1855).

um longo e minucioso relatório feito pelo padre Ruffino, professor e diretor das escolas desta casa[99], que teve oportunidade de conhecer e de recolher os muitos traços de virtude praticados pelo nosso Besucco.

Desde há muito tempo, portanto, que Francisco desejava ardentemente vir para este Oratório, mas, quando na realidade aqui chegou, ficou admirado. Mais de setecentos meninos tornavam-se num momento seus amigos e companheiros no recreio, à mesa, no dormitório, na igreja, na aula e no estudo. Parecia-lhe impossível que tantos garotos pudessem viver juntos na mesma casa sem pôr tudo em desordem. A todos queria fazer perguntas, queria saber a razão de tudo, a explicação das coisas. Qualquer aviso dado pelos superiores, qualquer inscrição nas paredes eram para ele objeto de leitura, de meditação e de profunda reflexão.

Tinha já passado alguns dias no Oratório e eu ainda não o tinha visto nem sabia dele senão aquilo que o arcipreste Pepino, por carta, me tinha comunicado. Um dia, estava no recreio no meio dos meninos desta casa, quando vi um deles vestido como se vestem os serranos, pouco encorpado, de aspecto um tanto rude, de rosto marcado de sardas. Estava de olhos esbugalhados observando seus companheiros se divertirem. Como o seu olhar se encontrou com o meu, esboçou um respeitoso sorriso e se encaminhou para mim.

– Quem és tu? – perguntei sorrindo.

– Sou Francisco Besucco, de Argentera.

– Que idade tens?

– Daqui a pouco, catorze anos.

– Vieste para estudar ou para aprender uma profissão?

– Desejo muito, muito, estudar.

– Em que classe estás?

– Fiz a escola primária na minha terra.

– Com que intenção quererias continuar os estudos e não aprender um ofício?

– Ah! a minha vida, o meu grande desejo é mesmo poder abraçar o estado eclesiástico.

– E quem te deu esse conselho?

[99] Domingos Ruffino (1840-1865), ordenado padre no dia 30 de maio daquele ano.

– Sempre tive isso no coração e sempre pedi ao Senhor que me ajudasse a realizar esta minha vontade.

– Já pediste conselho a alguém?

– Sim, já falei muitas vezes disso com o meu padrinho; sim, com o meu padrinho… Ao dizer isso, comoveu-se tanto, que as lágrimas começaram a aflorar-lhe nos olhos.

– Quem é o teu padrinho?

– O meu padrinho é o meu pároco, o arcipreste de Argentera, que gosta muito de mim. Ensinou-me o catecismo, deu-me aulas, vestiu-me e sustentou-me. É muito bom, ajudou-me tanto e, depois de me ter dado aulas durante quase dois anos, recomendou-me ao senhor, a fim de que me recebesse no Oratório. Como é bom o meu padrinho! Como me quer bem!

Dito isso, começou de novo a chorar. Esta sensibilidade pelos benefícios recebidos, este afeto para com seu benfeitor fez-me conceber um bom conceito da índole e da bondade de coração do jovenzinho. Então, recordei-me também das belas recomendações que dele me tinham feito o seu pároco e o lugar-tenente Eyzautier[100], e disse comigo: "Este rapaz, se for acompanhado, terá excelente sucesso na sua educação moral. Com efeito, a experiência mostra que a gratidão nas crianças é geralmente presságio de um feliz futuro; ao contrário, os que esquecem com facilidade os benefícios recebidos e as solicitudes que lhes foram prodigalizadas permanecem insensíveis às recomendações, aos conselhos, à religião, e são por isso de educação difícil, de êxito incerto". Disse, portanto, a Francisco: "Sinto-me muito feliz por teres tão grande afeto para com o teu padrinho, mas não quero que te aflijas. Ama-o no Senhor, reza por ele e, se queres mesmo agradar-lhe, procura ter um bom comportamento de modo que eu possa enviar-lhe sempre boas notícias, ou então que ele fique satisfeito com o teu aproveitamento e com a tua conduta em Turim. Entretanto, vai brincar com os teus companheiros". Limpando as lágrimas, despediu-se de mim com afetuoso sorriso e foi tomar parte nos jogos com os seus companheiros.

Capítulo XVII – Alegria

Na sua humildade, Francisco julgava todos os seus companheiros mais virtuosos do que ele e parecia-lhe ser uma nulidade em comparação com o

[100] João Estêvão Eyzautier, natural de Argentera, amigo do padre Pepino, era tenente da Guarda Real.

comportamento dos outros. Por isso, poucos dias depois, veio de novo ao meu encontro com aspecto perturbado.

– Que tens, disse-lhe eu, meu caro Besucco?

– Encontro-me aqui no meio de tantos companheiros, todos bons, e eu queria ser bom como eles, mas não sei como fazer e tenho necessidade que o senhor me ajude.

– Ajudar-te-ei por todos os meios que me forem possíveis. Se queres ser bom, pratica apenas três coisas e tudo correrá bem.

– Quais são essas três coisas?

– Estas: alegria, estudo, piedade. É este o grande programa e, se o praticares, poderás viver feliz e fazer muito bem à tua alma.

– Alegria… Alegria… Eu até sou alegre demais. Se basta estar alegre para me tornar bom, vou divertir-me de manhã à noite. Faço bem?

– Não de manhã à noite, mas somente nas horas em que o recreio é permitido.

Tomou a sugestão em sentido demasiado literal; e, na convicção de agradar verdadeiramente a Deus divertindo-se, mostrava-se sempre impaciente pelo recreio para o aproveitar. Mas, qual o quê? Não tendo prática de certos jogos, acontecia-lhe com frequência chocar-se com os outros ou cair aqui e ali. Queria caminhar com as pernas-de-pau e logo caía; queria subir às paralelas e dava um trambolhão. Jogava bochas, e acertava nas pernas dos outros ou punha em desordem todo o divertimento. Por isso, podia-se dizer que os tombos e as quedas eram a conclusão normal dos seus jogos. Um dia, aproximou-se de mim mancando e preocupado.

– Que tens, Besucco? – perguntei.

– Estou bem machucado, respondeu-me.

– Que te aconteceu?

– Tenho pouca prática nos jogos da casa e caio, batendo aqui ou ali com a cabeça, os braços, as pernas. Ontem, ao correr, choquei-me com um companheiro e ambos ficamos com o nariz sangrando.

– Pobre rapaz! Tem mais cuidado e modera-te um pouco mais.

– Mas o senhor me diz que o recreio agrada a Deus e eu queria aprender a jogar bem todos os jogos que os meus companheiros fazem.

– Nada disso, meu caro; os jogos e os divertimentos devem aprender-se pouco a pouco, à medida que se for capaz, de forma que possam servir de divertimento e não de perigo físico.

Com essas palavras compreendeu que o recreio deve ser moderado e destinado a elevar o espírito, de outra forma é nocivo à própria saúde corporal. Por isso, continuou a tomar parte de bom grado no recreio, mas com grande cuidado; antes, quando o tempo livre era um pouco longo, costumava interrompê-lo e entreter-se com algum companheiro mais estudioso, para se informar das regras e da disciplina da casa, pedir explicações de alguma dificuldade da aula e também para ir fazer algum exercício de piedade cristã. Além disso, aprendeu um segredo para fazer bem a si mesmo e aos seus colegas nos próprios recreios, dando bons conselhos ou avisando com bons modos os que fosse preciso, como já costumava fazer na sua terra, mas numa esfera bastante mais restrita. Besucco, acompanhando assim o seu recreio com ditos morais ou científicos, em breve se tornou um modelo no estudo e na piedade.

Capítulo XVIII – Estudo e diligência

Um dia, no meu aposento, Besucco leu um cartaz com estas palavras: *Cada momento de tempo é um tesouro*.

– Não compreendo, perguntou-me com ansiedade, o que significam estas palavras. Como podemos em cada momento de tempo ganhar um tesouro?

– É mesmo assim. Em cada momento de tempo podemos adquirir algum conhecimento científico ou religioso, praticar alguma virtude, fazer um ato de amor de Deus, coisas que diante do Senhor são verdadeiros tesouros, que nos beneficiarão no tempo e na eternidade.

Não proferiu mais palavra, mas escreveu num pedacinho de papel aquela máxima e depois acrescentou: "Compreendi". Compreendeu como é precioso o tempo e recordando o que lhe tinha recomendado o seu arcipreste, disse: "O meu padrinho também já me tinha dito que o tempo é muito precioso e que devemos utilizá-lo bem desde a juventude".

Dali em diante aplicava-se com maior intensidade aos seus deveres.

Posso dizer para glória de Deus que, em todo o tempo que passou nesta casa, nunca foi preciso avisá-lo, nem animá-lo ao cumprimento dos seus deveres.

É costume, nesta casa, todos os sábados, atribuir a cada jovem e depois ler em público uma nota de comportamento referente àquela semana no estudo e nas aulas. As notas de Besucco foram sempre iguais, isso é, *ótimo*. Ao sinal para o estudo, encaminhava-se imediatamente para lá, sem se deter mais um instante. Era bonito vê-lo sempre recolhido, estudando, escrevendo em

atitude de quem faz coisa do seu maior gosto. Nunca, por nenhum motivo, saía do seu lugar e, mesmo que o tempo de estudo fosse longo, ninguém o via tirar os olhos dos seus livros ou dos cadernos.

Um dos seus grandes receios era que, contra a sua vontade, lhe acontecesse transgredir as regras; por isso, especialmente nos primeiros dias, perguntava com frequência se se podia fazer isso ou aquilo. Perguntou, por exemplo, uma vez, com santa simplicidade, se no estudo se podia escrever, receando que ali não se pudesse fazer outra coisa senão estudar. Outra vez, se no tempo de estudo era permitido pôr os livros em ordem. À rigorosa ocupação do tempo, uniu a invocação da ajuda do Senhor. Por vezes, durante o estudo, os companheiros viam que ele fazia o sinal da cruz, levantava os olhos para o céu e rezava. Tendo-se perguntado a razão, respondia: "Com frequência, sinto dificuldade em aprender e por isso recomendo-me ao Senhor para que me dê a sua ajuda".

Tinha lido na vida de Miguel Magone que antes de começar o estudo dizia sempre: *Maria, sedes sapientiae, ora pro me*. Ó Maria, sede da sabedoria, rogai por mim. Ele quis fazer a mesma coisa. Escreveu essas palavras nos livros, nos cadernos e em várias listas de papel, de que se servia como marcadores. Escreveu também bilhetes para os seus companheiros, mas no princípio da folha ou num pedacinho de papel à parte, colocava sempre a preciosa saudação à sua mãe celeste, como costumava chamá-la. Num bilhete endereçado a um companheiro, leio quanto segue: "Perguntaste-me como é que eu consegui aguentar-me na segunda gramática[101], ao passo que o meu curso regular devia ser apenas a primeira. Respondo-te sinceramente que esta é uma especial bênção do Senhor, que me dá saúde e força. Quanto ao mais, serviu-me de três segredos que encontrei e pratiquei com grande vantagem minha e que são: 1° Nunca perder uma migalha de tempo nas aulas ou no estudo. 2° Nos dias feriados e em outros em que há recreio prolongado, depois de meia hora, vou estudar, ou então falo de assuntos das aulas com alguns companheiros mais adiantados do que eu nos estudos. 3° Todas as manhãs, antes de sair da igreja, rezo um *Pai-nosso* e *Ave-Maria* a São José. Este foi para mim o meio eficaz que me fez avançar na ciência e, desde que comecei a rezar este *Pai-nosso*, tive sempre maior facilidade, quer em aprender as lições, quer em superar as dificuldades que frequentemente encontro nas matérias escolares. Experimenta também tu a fazer o mesmo, concluía a carta, e certamente te sentirás contente".

Não deve, portanto, ser motivo de surpresa se, com tanta diligência, fez tão rápido progresso nas aulas.

[101] Segunda ginasial.

Quando chegou à nossa casa, quase se perdia a esperança de poder continuar na primeira ginasial, mas, passados apenas dois meses, obtinha notas bastante satisfatórias na sua classe. Nas aulas, pendia imóvel dos lábios do professor, que nunca precisou avisá-lo por desatenção.

O que eu disse acerca da diligência de Besucco em matéria de estudo, deve dizer-se também em relação a todos os outros deveres, por menores que fossem: era exemplar em tudo. Tinha sido encarregado de varrer o dormitório; era admirado pela exatidão com que desempenhava este encargo, sem dar a mínima mostra de sentir o seu peso.

Quando, por motivo de doença, não pôde mais levantar-se da cama, pediu desculpas ao assistente por não estar em condições de cumprir o seu dever habitual e agradeceu carinhosamente a um companheiro que o substituiu naquele humilde serviço.

Besucco veio para o Oratório com uma finalidade preestabelecida. Por isso, no seu comportamento tinha sempre em mira o ponto para o qual tendia, ou seja, dedicar-se todo a Deus no estado eclesiástico. Com este objetivo procurava progredir na ciência e na virtude. Conversava um dia com um companheiro acerca dos seus próprios estudos e da finalidade pela qual cada um tinha vindo para esta casa. Besucco exprimiu o seu próprio pensamento e depois concluiu: "Em suma, o meu objetivo é ser padre; com a ajuda do Senhor farei todo o esforço para poder consegui-lo".

Capítulo XIX– A confissão

Diga-se o que se quiser acerca dos vários sistemas de educação, mas eu não encontro nenhuma base segura a não ser na frequência da confissão e da comunhão; e creio não exagerar afirmando que, descuidados estes dois elementos, a moralidade fica banida. Besucco, como dissemos, foi preparado e encaminhado a tempo para a frequência de ambos estes sacramentos. Quando chegou aqui ao Oratório, cresceu na boa vontade e no fervor em praticá-los.

No princípio da novena da Natividade de Maria Santíssima, apresentou-se ao diretor dizendo: "Quero fazer bem esta novena e entre outras coisas desejo fazer a minha confissão geral". O diretor, tendo entendido os motivos que o levavam a isso, respondeu que não via qualquer necessidade de fazer semelhante confissão e acrescentou: "Podes estar tranquilo, tanto mais que já a fizeste outras vezes ao teu arcipreste". "Sim, replicou, já a fiz por ocasião da minha primeira comunhão e também quando houve exercícios espirituais na minha terra, mas como quero colocar a minha alma em suas mãos, de-

sejo assim abrir-lhe toda a minha consciência, para que melhor me conheça e possa com mais segurança dar-me os conselhos que mais ajudem a salvar a minha alma". O diretor consentiu: louvou-o pela escolha que queria fazer de um confessor estável; exortou-o a querer bem ao confessor, rezar por ele e manifestar -lhe sempre tudo aquilo que inquietasse a sua consciência. Depois ajudou-o a fazer a desejada confissão geral. Cumpriu aquele ato com os mais comoventes sinais de dor do passado e de propósitos para o futuro, se bem que, como se pode pensar, conste da sua vida nunca ter cometido ação que se possa chamar pecado mortal. Feita a escolha do confessor, não mudou mais por todo o tempo que o Senhor o conservou entre nós. Tinha plena confiança nele, consultava-o mesmo fora da confissão, rezava por ele e sentia-se muito feliz sempre que dele podia receber algum bom conselho para a sua regra de vida.

Uma vez escreveu uma carta a um amigo que lhe tinha manifestado o desejo de vir também para este Oratório. Nela lhe recomendava que rezasse ao Senhor por esta graça e depois sugeriu algumas práticas de piedade, como a *Via Sacra;* sobretudo exortou-o a se confessar cada oito dias e a comungar várias vezes por semana.

Enquanto louvo grandemente Besucco por este fato, recomendo do fundo do coração a todos, mas de modo especial à juventude, que faça a tempo a escolha de um confessor estável e nunca o mude, a não ser em caso de necessidade. Evite-se o defeito de alguns que mudam de confessor quase cada vez que vão se confessar; ou então, devendo confessar coisas mais graves, vão em busca de outro, voltando depois ao anterior. Fazendo assim, não cometem pecado algum, mas nunca terão um guia seguro que conheça a fundo o estado da sua consciência. A ele aconteceria o mesmo que a um doente que em cada consulta quisesse um novo médico. Este médico dificilmente poderia conhecer o mal do doente e por isso não poderia receitar os remédios convenientes.

Se porventura este opúsculo for lido por pessoas que a divina Providência destinou à educação da juventude, recomendaria calorosamente três coisas no Senhor. Em primeiro lugar, inculcar com zelo a confissão frequente como sustentáculo da instável idade juvenil, procurando todos os meios que possam facilitar a assiduidade a este sacramento. Depois, insistir na grande vantagem da escolha de um confessor estável, a não mudar sem necessidade; mas que haja abundância de confessores, a fim de que cada um possa escolher aquele que achar mais adaptado ao bem da sua própria alma. Notem sempre, por outro lado, que quem muda de confessor não faz mal nenhum e que é melhor mudar mil vezes do que calar algum pecado na confissão.

Nunca deixem de recordar muitas vezes o grande segredo da confissão. Digam explicitamente que o confessor é obrigado por um segredo natural,

eclesiástico, divino e civil pelo qual não pode por nenhum motivo, à custa de qualquer mal, mesmo a morte, manifestar a outros o que foi ouvido em confissão ou servir-se dele para si; que nem sequer pode pensar naquilo que ouve neste sacramento; que o confessor não se admira de nada, nem diminui a amizade mesmo que ouça coisas graves em confissão, ao contrário, aumenta a estima pelo penitente. Assim como o médico, quando descobre toda a gravidade do mal do doente, fica satisfeito porque pode aplicar-lhe o remédio conveniente, assim também faz o confessor que é o médico da nossa alma e em nome de Deus, com a absolvição, cura todas as chagas da alma. Estou convencido de que, se isso for recomendado e bem explicado, se obterão grandes resultados morais entre os jovens e se conhecerá com fatos concretos quão maravilhoso elemento de moralidade tem a religião católica no sacramento da penitência.

Capítulo XX – A sagrada comunhão

O segundo sustentáculo da juventude é a sagrada comunhão. Felizes daqueles jovens que começam cedo a se aproximar com frequência e com as devidas disposições deste sacramento. Besucco fora animado pelos pais e pelo pároco e instruído sobre o modo de comungar com frequência e com fruto. Enquanto estava ainda na sua terra, já costumava comungar todas as semanas; depois, em todos os dias festivos e ainda algumas vezes ao longo da semana. Já no Oratório, continuou por algum tempo a comungar com a mesma frequência, depois também várias vezes na semana e, em algumas novenas, mesmo todos os dias.

Se bem que a sua alma cândida e o seu comportamento exemplaríssimo o tornassem digno da comunhão frequente, todavia a ele parecia não ser digno. As apreensões aumentaram desde que uma pessoa que veio para esta casa disse a Besucco que era melhor comungar mais raramente para fazer uma preparação mais longa e com maior fervor.

Um dia apresentou-se a um seu superior e expôs-lhe todas as suas inquietações. Este tentou acalmá-lo, dizendo:

– Tu não dás de comer com grande frequência o pão material ao corpo?

– Sim, claro.

– Se com tanta frequência damos o pão material ao corpo que apenas tem de viver algum tempo neste mundo, por que não deveremos dar com frequência, mesmo todos os dias, o pão espiritual à alma, que é a sagrada comunhão? *(Santo Agostinho*).

– Mas parece-me que não sou suficientemente bom para comungar todos os dias.

– Precisamente para seres melhor é bom receber com frequência a sagrada comunhão. Jesus não convidou os santos a nutrir-se do seu corpo, mas os fracos, os cansados, isto é, os que detestam o pecado, mas que, pela sua fragilidade, estão em grande perigo de recair. Vinde a Mim, diz ele, vós que andais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

– Parece-me que, ao comungar mais raramente, a gente faz a comunhão com mais devoção.

– Não saberia dizer; o que é certo é que a experiência ensina a fazer bem as coisas, e quem faz uma coisa com frequência aprende a fazê-la bem: assim quem vai com frequência à comunhão aprende a fazê-la bem.

– Mas quem come menos vezes come com mais apetite.

– Quem come muito raramente e passa vários dias sem alimento cai de fraqueza ou morre de fome, ou então quando começa a comer de novo corre o perigo de ter uma perigosa indigestão.

– Se assim é, no futuro procurarei fazer a sagrada comunhão com muita frequência, porque sei de fato que é um meio poderoso para me santificar.

– Vai com a frequência que o teu confessor te indicar.

– Ele me diz que vá sempre que a minha consciência estiver tranquila.

– Bem, então segue esse conselho. Entretanto quero fazer-te notar que nosso Senhor Jesus Cristo nos convida a comer o seu corpo e a beber o seu sangue sempre que nos encontrarmos em necessidade espiritual, e nós vivemos em contínua necessidade neste mundo. E chegou mesmo a dizer: Se não comerdes o meu corpo e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós. Por isso, no tempo dos apóstolos, os cristãos perseveravam na oração e na fração do pão eucarístico. Nos primeiros séculos, todos os que participavam da santa missa faziam a sagrada comunhão. E quem participava da missa todos os dias, comungava também todos os dias. Por fim, a Igreja Católica, no Concílio de Trento, recomenda aos cristãos que assistam, quando lhes for possível, ao santo sacrifício da missa e, entre outras, tem estas belas expressões: "O sacrossanto Concílio deseja sumamente que em todas as missas de que os fiéis participam façam a comunhão, não só espiritual, mas também sacramental, para que neles seja mais abundante o fruto que provém deste augustíssimo sacrifício" (Sess. 22, c. 6).

Capítulo XXI – Adoração ao Santíssimo Sacramento

Mostrava o seu grande amor ao Santíssimo Sacramento não só mediante a comunhão frequente, mas em todas as ocasiões que se apresentavam. Já se disse como na sua terra se prestava com a maior satisfação para acompanhar o Viático. Quando ouvia o sinal característico, pedia logo licença aos pais que de muito bom grado o satisfaziam; depois voava para a igreja, a fim de ajudar naquilo que fosse compatível com a sua idade. Tocar a campainha, levar a vela acesa, levar a umbela aberta, rezar o *Confiteor*, o *Miserere*, o *Te-Deum,* constituíam as suas delícias. Na sua terra, também se ocupava de bom grado em ajudar os companheiros mais novos do que ele ou menos instruídos a preparar-se para comungar dignamente e a fazer depois a devida ação de graças.

Já no Oratório, manteve o seu fervor e, entre outras coisas, tomou o louvável hábito de fazer diariamente uma breve visita ao Santíssimo Sacramento. Muitas vezes ele se punha perto de um padre ou de um clérigo para reunir alguns meninos e levá-los à igreja para rezar diante de Jesus Sacramentado. Era verdadeiramente edificante o zelo com que procurava levar à igreja algum companheiro. Um dia convidou um deles dizendo: "Vem comigo e vamos rezar um *Pai-nosso* a Jesus Sacramentado, que está sozinho no tabernáculo". O companheiro, que estava todo envolvido no jogo, respondeu que não queria ir. Besucco, assim mesmo, foi sozinho. Mas o companheiro, arrependido de ter recusado o amável convite do virtuoso amigo, no dia seguinte, chegou perto dele e disse: "Ontem tu me convidaste para ir à igreja e eu não quis, hoje sou eu que te convido a acompanhar-me para fazer o que ontem não fiz". Besucco respondeu sorrindo: "Não te preocupes com o dia de ontem, eu fiz a tua parte e a minha: rezei três *Pai-nossos* por mim e depois rezei por ti a Jesus Sacramentado. No entanto, vou com muito gosto agora e em qualquer outra ocasião que tu desejares ter-me em companhia".

Aconteceu-me diversas vezes eu ter que ir à igreja depois do jantar por qualquer motivo, precisamente enquanto os meninos da casa se encontravam no mais alegre e animado recreio no pátio. Não levando luz na mão, tropecei em algo que me parecia um saco de trigo e quase ia caindo. Mas qual não foi a minha surpresa, quando me dei conta de ter tropeçado no fervoroso Besucco, que num esconderijo, por detrás, mas próximo do altar, no meio da escuridão da noite, rezava ao amado Jesus que lhe desse a luz celeste para conhecer a verdade, ser cada vez melhor e tornar-se santo! Também ajudava com muito gosto a santa missa. Arrumar o altar, acender as velas, preparar as galhetas, ajudar o sacerdote a se vestir eram coisas do seu maior agrado. Se porventura alguém desejasse ajudar, ficava satisfeito e participava com grande recolhimento. Os que o viram a assistir à santa missa ou à bênção do Santíssimo são unânimes

em afirmar que era impossível vê-lo sem se sentir comovido e edificado pelo fervor que mostrava ao rezar e pela compostura da pessoa.

Gostava muito de ler livros e de cantar cânticos referentes ao Santíssimo Sacramento. Entre as muitas jaculatórias que rezava ao longo do dia, a mais frequente era esta: *Graças e louvores se deem a todo o momento ao santíssimo e diviníssimo Sacramento*[102]. "Com esta bela jaculatória, dizia, ganho cem dias de indulgência cada vez que a digo; e, além disso, apenas a digo, logo me fogem todos os maus pensamentos que me passam pela cabeça. Para mim, esta jaculatória é um martelo com que estou seguro de quebrar os chifres ao demônio, quando vem tentar-me".

Capítulo XXII – Espírito de oração

É difícil fazer com que os meninos tomem gosto pela oração. Sua idade volúvel faz-lhes parecer enfadonha e insuportável qualquer coisa que exija séria atenção da mente. É uma grande felicidade para quem desde pequeno se familiariza com a oração e toma gosto por ela, para a qual está sempre aberta a nascente das divinas bênçãos.

Besucco era um desses. O acompanhamento recebido dos pais desde a mais tenra idade, o cuidado que dele teve o seu professor e sobretudo o seu pároco produziram o desejado fruto no nosso jovenzinho. Ele não estava habituado a meditar, mas fazia muitas orações vocais. Pronunciava as palavras de forma clara e distinta e as articulava de modo que parecia falar com o Senhor, com a Santíssima Virgem ou com algum santo, a quem dirigia as suas orações. De manhã, apenas era dado sinal de levantar, vestia-se prontamente, arrumava tudo e descia logo para a igreja ou se ajoelhava junto da cama para rezar até que a campainha desse sinal. Na igreja, além da sua exemplar pontualidade, tomava lugar junto dos companheiros e nos lugares onde não pudesse ser distraído, e tinha muita pena de ver alguém conversando ou numa atitude dissipada. Um dia, ao sair da igreja, foi logo em busca de um colega que tinha cometido essa falta. Ao encontrá-lo, recordou-lhe o que tinha feito; depois de lhe fazer notar como se tinha portado mal, convidou-o a estar no lugar sagrado com mais recolhimento.

Nutria especial afeto para com Maria Santíssima. Na novena da sua Natividade mostrava um fervor particular para com ela. O diretor costumava dar todas as noites alguma "flor espiritual" para praticar em honra de Maria.

[102] Dom Bosco sugere que se reze esta jaculatória, sobretudo à elevação da hóstia durante a missa e no decorrer das visitas ao Santíssimo Sacramento (cf. n. 184).

Besucco não só lhe dava grande importância, mas se empenhava para que também outros a praticassem. Para não se esquecer, escrevia-as num caderno. "Deste modo, dizia ele, no fim do ano terei uma bela coleção de presentes para oferecer a Maria". Ao longo do dia, ia repetindo e recordando aos seus companheiros o compromisso assumido. Quis saber o lugar exato onde Domingos Savio se ajoelhava a rezar diante do altar de Nossa Senhora. Ali, recolhia-se a rezar com grande consolação do seu coração. "Oh! se eu pudesse, dizia, ficar da manhã à noite rezando naquele lugar, com que gosto o faria! Com efeito, parece-me ter o mesmo Domingos Savio a rezar comigo e a responder às minhas orações, e que o seu fervor se comunica ao meu coração". Normalmente, era o último a sair da igreja, porque costumava parar sempre algum tempo diante da estátua de Maria Santíssima. Por esse motivo, com frequência lhe acontecia perder o café da manhã, com grande espanto daqueles que viam um rapaz de catorze anos, sadio e robusto, trocar o alimento corporal pelo alimento espiritual da oração.

Não raras vezes, especialmente nos dias não letivos, combinava com alguns companheiros ir à igreja para rezar as sete alegrias e as sete dores de Maria, bem como a ladainha ou a coroinha espiritual a Jesus Sacramentado; mas o prazer de ler em nome de todos aquelas orações nunca queria cedê-lo a outros. Às sextas-feiras, se lhe fosse possível, fazia ou ao menos lia a *Via-Sacra*, que era a sua prática de piedade predileta. A *Via-Sacra*, costumava dizer, é para mim uma centelha de fogo, que me anima a rezar e me leva a suportar tudo por amor de Deus.

Amava tanto a oração e tinha-se habituado tanto a ela que, apenas estivesse sozinho ou desocupado um momento, logo se punha a rezar alguma oração. No próprio tempo de recreio, não raro se punha a rezar, e como que levado por movimentos involuntários, por vezes transformava os nomes dos jogos em jaculatórias. Um dia, vendo o seu superior, correu ao encontro dele para cumprimentá-lo pelo nome e disse-lhe: "*Ó Santa Maria*". Outra vez, querendo chamar um companheiro com quem brincava, disse em voz alta: "*Ó Pai-nosso*". Essa fato, se por um lado era ocasião de riso entre os companheiros, por outro mostrava como o seu coração se deleitava na oração e como era capaz de recolher o seu espírito para elevá-lo ao Senhor. Isto, segundo os mestres de espírito, indica um grau de elevada perfeição que raramente se observa mesmo nas pessoas de virtude consumada.

À noite, depois das orações em comum, ia para o dormitório e, ajoelhando-se sobre a mala, ficava um quarto de hora ou até meia hora a rezar. Mas, avisado de que aquilo incomodava os companheiros que já estavam deitados, abreviou o tempo e procurava deitar-se quando os outros também o faziam. Todavia, apenas se deitava, juntava as mãos diante do peito e rezava

até adormecer. Se lhe acontecia acordar de noite, começava logo a rezar pelas almas do purgatório e sentia pena de ter de interromper a oração devido ao sono. "Tenho muita pena, dizia a um amigo, por não conseguir aguentar algum tempo na cama sem adormecer. Sou mesmo miserável. Quanto bem faria às almas do purgatório se conseguisse rezar como desejo!".

Em suma, se examinarmos o espírito de oração deste rapaz, podemos dizer que ele cumpriu à letra o preceito do Salvador, que mandou rezar sem cessar, pelo que passava os dias e as noites em contínua oração.

Capítulo XXIII – As suas penitências

Falar de penitência aos meninos, geralmente, significa assustá-los. Mas quando o amor de Deus toma posse de um coração, nada no mundo, nenhum padecimento o aflige, antes, cada pena da vida torna-se uma consolação. Dos corações ternos nasce já o nobre pensamento de que se sofre por um grande objetivo e que aos padecimentos da vida está reservada uma gloriosa recompensa na bem-aventurada eternidade.

Já todos puderam ver como era grande o desejo de sofrer de Besucco, como demonstrou desde a infância. Aqui no Oratório redobrou o seu ardor.

Apresentou-se um dia ao seu superior e disse-lhe estas palavras: "Estou muito angustiado: o Senhor diz no Evangelho que não se pode ir para o paraíso senão com a inocência ou com a penitência. Com a inocência, eu já não posso ir porque a perdi; portanto, tenho de ir com a penitência".

O superior respondeu que considerasse como penitência a diligência no estudo, a atenção nas aulas, a obediência aos superiores, suportar os incômodos da vida como o calor, o frio, o vento, a fome, a sede. "Mas, replicou ele, isso se sofre por necessidade". "Precisamente o que se sofre por necessidade, se o sofreres por amor de Deus, torna-se penitência, agradará ao Senhor e será meritório para a tua alma".

Então ficou tranquilo, mas pedia sempre para jejuar, deixar todo, ou pelo menos parte, do café da manhã, colocar debaixo da roupa ou na cama objetos que lhe provocassem dor, coisas que lhe foram sempre negadas. Na vigília da festa de Todos os Santos, pediu por especial favor poder jejuar a pão e água, jejum que lhe foi mudado apenas pela abstinência do café da manhã. Isso lhe deu grande prazer, porque, dizia, "Assim poderei pelo menos em alguma coisa imitar os santos do paraíso que, percorrendo o caminho do sofrimento, conseguiram salvar as suas almas".

Não é necessário falar da guarda dos sentidos externos, especialmente dos olhos. Quem o acompanhou por muito tempo na compostura da pessoa, na atitude com os companheiros, na modéstia em casa e fora de casa, não hesita em afirmar que se pode propor como modelo perfeito de mortificação e de exemplo à juventude.

Sendo proibido de fazer penitência corporal, conseguiu fazê-la de outro gênero, isto é, prestar os serviços mais humildes na casa. Dar recados aos companheiros, levar-lhes água, limpar os sapatos, servir à mesa quando lhe era permitido, varrer o refeitório, o dormitório, despejar o lixo, transportar pacotes, baús, desde que fosse capaz, eram coisas que ele fazia com alegria e a maior satisfação. Exemplos dignos de serem imitados por certos jovens que, ao se encontrarem fora de casa, por vezes têm vergonha de dar um recado ou de prestar um serviço em coisas compatíveis com o seu estado. Antes, há por vezes meninos que até têm vergonha de ser acompanhados pelos pais, devido à sua maneira pobre de vestir. Como se o estar fora de casa mudasse a sua condição, fazendo esquecer os deveres de piedade, de respeito e de obediência para com os pais e de caridade para com todos.

Mas estas pequenas mortificações só satisfizeram Besucco por algum tempo. Desejava mortificar-se mais. Algumas vezes se queixou dizendo que em sua casa fazia maiores penitências e que a sua saúde nunca se tinha ressentido disso. O superior respondia sempre que a verdadeira penitência não consiste em fazer o que nos agrada, mas em fazer o que agrada ao Senhor e que serve para promover a sua glória. "Sê obediente, acrescentava o superior, e diligente nos teus deveres, usa de muita bondade e caridade para com os companheiros, suporta os seus defeitos, dá-lhes bons avisos e conselhos e farás coisa que ao Senhor agradará mais do que qualquer outro sacrifício".

Tomando literalmente à letra o que se lhe tinha dito de suportar com paciência o frio das estações, deixou avançar a estação invernal sem vestir roupa adequada. Um dia eu o vi de face muito pálida e, perguntando se estava mal de saúde, respondeu: "Não, estou ótimo". Entretanto, tomando-o pela mão, notei que tinha apenas um casaco de verão, quando já estávamos na novena do santo Natal.

– Não tens roupa de inverno?, perguntei-lhe.

– Claro que tenho, mas no dormitório.

– Por que não a vestes?

– Eh… pelo motivo que já sabe: suportar o frio no inverno por amor do Senhor.

– Vai imediatamente vesti-la para te proteger bem do frio e, se te faltar alguma coisa, vem dizer, que se resolve sem mais.

Apesar desta recomendação, não se conseguiu impedir um abuso de que talvez tenha resultado a doença que o levou à morte, como adiante se dirá.

Capítulo XXIV – Fatos e ditos populares

Há vários ditos e fatos sem relação direta com o que até agora se expôs e que por isso são relatados separadamente. Começo pelas conversas. Era bastante reservado no falar, mas era jovial e espirituoso. Narrava com gosto as suas peripécias de pastorzinho, quando conduzia as ovelhas e as cabras ao pasto. Falava dos arbustos, das hortaliças, das cavidades, das cavernas, dos precipícios da montanha do Roburent e do Drec como de outras tantas maravilhas do mundo.

Tinha também alguns provérbios que para ele eram verdades indiscutíveis. Quando queria incitar alguém a não se afeiçoar às coisas do mundo e a pensar cada vez mais nas celestes, costumava dizer: *Chi guarda a terra – Come la capra – È ben difficile – Che il ciel se gli apra**.

Um dia, um companheiro entrou em questões de religião e disse muitas asneiras. O nosso Besucco, por ser mais novo e pouco instruído, calou-se, mas ficou bastante inquieto e desgostoso. Depois se encheu de coragem e, de rosto alegre, disse: "Escutai, começou por dizer a todos os presentes: há tempos li no dicionário a explicação da palavra *profissão* e, entre outras coisas, notei esta frase: *Chi fa l'altrui mestiere – Fa la zuppa nel paniere**. O meu pai afirmava o mesmo com outras palavras dizendo: *Chi fa quel che non sa*, *guasta quel che fa*"*. Todos compreenderam o significado das expressões; o indiscreto orador calou-se e os outros admiraram a sagacidade e a prudência do nosso jovenzinho.

Acatava sempre de bom grado as ordens dos superiores, nunca se queixava do horário da casa, do que era servido à mesa, das ordens nas aulas e semelhantes. Tudo era do seu gosto. Tendo-se perguntado como era possível que ele estivesse sempre contente com tudo, respondeu: "Sou de carne e osso como os outros, mas desejo fazer tudo para a glória de Deus, e o que não me agrada será certamente do agrado de Deus: por isso tenho sempre igual motivo para estar contente".

* A quem olha para a terra como a cabra, é bem difícil que o céu se abra.
* Quem se mete onde não é chamado, é como quem faz a sopa num cesto (que é furado).
* Quem faz o que não sabe, estraga o que faz.

Aconteceu um dia que alguns companheiros recém-chegados à casa não conseguiam habituar-se ao novo gênero de vida. Ele os animava, dizendo: "Se formos para o exército, poderemos por acaso fazer um horário ao nosso gosto? Poderemos deitar-nos ou levantar-nos quando quisermos ou ir passear quando quisermos?".

– Claro que não, responderam eles, mas alguma liberdade…

– Nós somos certamente livres, se fizermos a vontade de Deus, e só nos tornamos de fato escravos quando caímos no pecado, porque nos tornamos então escravos do nosso maior inimigo que é o demônio.

– Mas em minha casa eu comia e dormia melhor, dizia um.

– Admitindo a verdade do que afirmas, isto é, que em tua casa comias melhor e dormias mais, digo-te que alimentavas contigo dois grandes inimigos, que são o ócio e a gula. Quero também te dizer que não nascemos para dormir nem para comer como as cabras e as ovelhas, mas devemos trabalhar para a glória de Deus e fugir do ócio que é o pai de todos os vícios. De resto, não ouviste o que disse o nosso superior?

– Já não me recordo.

– Ontem, entre outras coisas, o superior disse que acolhe com gosto os jovens, mas não quer que ninguém esteja contrariado. Quem não estiver contente, concluía, que o diga e procurarei satisfazê-lo; quem não quiser estar nesta casa, é plenamente livre de ir embora, mas, se aqui ficar, não espalhe o descontentamento, fique de boa vontade.

– Eu ia para outro lugar, mas é preciso pagar e os meus pais não podem.

– Mais um motivo para estar contente: se não pagas, devias mostrar-te mais satisfeito do que qualquer outro: porque *a caval donato non si guarda in bocca**. Portanto, queridos companheiros, convençamo-nos disso, estamos numa casa de beneficência, uns pagam pouco e outros não pagam nada, e onde poderemos ter a mesma coisa por este preço?

– É verdade o que dizes, mas se pudéssemos ter boa mesa…

– Já que morres por ter boa mesa, indico-te uma maneira de ter: vai para uma pensão com os teus superiores.

– Mas eu não tenho dinheiro para pagar pensão.

– Então, fica quieto, contenta-te com o que nos dão para comer; tanto mais que todos os nossos companheiros se mostram contentes. E, caros amigos, se quereis que vos fale com sinceridade, direi que, jovens robustos

* A cavalo dado não se olham os dentes.

como nós somos, não devemos olhar para a delicadeza da vida; como cristãos devemos também fazer penitência, se queremos ir para o paraíso, devemos mortificar a gula neste mundo. Acreditai: este é para nós um meio facílimo de merecer a bênção do Senhor e ganhar mérito para o céu.

Com esses e outros modos semelhantes de falar, enquanto confortava os seus companheiros, tornava-se também seu modelo nas regras de civilidade e de caridade cristã.

Ao falar, costumava escrever nos cadernos e nos livros provérbios ou sentenças que tivesse aprendido.

Nas cartas, então, era bastante eloquente; por isso, parece-me oportuno inserir aqui algumas delas, cujo original me foi amavelmente entregue por aqueles a quem tinham sido endereçadas.

Capítulo XXV – As suas cartas

Estas cartas são sinal evidente da bondade de coração e ao mesmo tempo da piedade sincera de Besucco. É bastante raro, mesmo em pessoas idosas, escrever cartas sem respeito humano e condimentadas de pensamentos religiosos e morais, como na verdade deviam fazer todos os cristãos; mas é raríssimo que isso aconteça entre jovens. Eu desejava que todos vós, jovens amadíssimos, evitásseis aquele gênero de cartas que nada têm de sagrado, de forma que poderiam enviar-se aos próprios pagãos. Não devia ser assim; sirvamo-nos também deste meio maravilhoso para comunicar os nossos pensamentos, os nossos projetos, a quem está longe de nós; mas saibamos sempre distinguir a correspondência, quando é com cristãos ou com pagãos; e nunca esqueçamos algum pensamento moral. Por este motivo, insiro algumas cartas de Besucco que, por simplicidade e ternura de sentimentos, vos agradarão certamente.

A primeira delas é dirigida ao seu padrinho, arcipreste de Argentera, com data de 27 de setembro de 1863. Nela narra a felicidade que goza no Oratório e lhe agradece por tê-lo enviado para aqui.

A carta é do seguinte teor:

Caríssimo senhor padrinho,

Informo que, há quatro dias, os meus companheiros foram para casa passar uns vinte dias de férias. Gosto muito que as passem alegremente, mas eu desfruto muito mais do que eles porque, ficando aqui, tenho tempo de lhe

escrever esta carta que espero seja também do seu agrado. Digo-lhe antes de tudo que não consigo encontrar palavras para lhe agradecer os benefícios que me fez. Além dos favores que me prodigalizou, especialmente ao dar-me aulas em sua casa, ensinou-me também tantas coisas belas, espirituais e temporais, que muito me ajudam. Mas o maior dos favores foi ter-me enviado para esta casa onde nada me falta, nem para a alma nem para o corpo. Agradeço cada vez mais ao Senhor, por me ter concedido tão assinalado favor, de preferência a tantos outros jovens. Peça-lhe do fundo do coração por mim para que me conceda a graça de corresponder a tantos sinais de celeste bondade. Agora sou plenamente feliz neste lugar, nada mais tenho a desejar, todos os meus anseios foram satisfeitos. Agradeço-lhe, bem como aos demais benfeitores, por todos os objetos que enviaram. Na semana passada esperava ter a consolação de vê-lo aqui em Turim, para que pudesse falar do meu comportamento com os meus superiores: paciência, o Senhor quer adiar-me esta consolação.

Pela sua carta, tive conhecimento de que os de minha casa choravam ao ouvir ler a minha carta. Diga-lhes que têm motivo para se alegrar e não para chorar porque eu sou plenamente feliz. Agradeço-lhe pelas preciosas advertências que me faz e garanto-lhe que, até agora, tenho feito tudo o que pude para pôr em prática. Agradeça em meu nome à minha irmã pela comunhão que fez expressamente por mim. Creio que isso me ajudou muito nos meus estudos, pois me parece quase impossível como em tão pouco tempo consegui passar para a segunda ginasial. Peço-lhe que cumprimente meus familiares e lhes diga que rezem por mim, mas que não se preocupem, porque gozo de boa saúde, não me falta nada, numa palavra, sou feliz. Desculpe por não ter escrito há mais tempo; ultimamente estava ocupado em preparar-me para os exames, que me saíram melhor do que esperava. Desejo ardentemente lhe manifestar a minha gratidão; mas, não podendo de outro modo, procurarei compensar pedindo ao Senhor que lhe conceda saúde e dias felizes.

Dê-me a sua santa bênção e considere-me sempre

Seu afeiçoadíssimo afilhado

Francisco Besucco

O pai de Francisco, amolador de facas de profissão, passa a época sazonal a trabalhar no campo e a tratar dos animais em Argentera, mas no outono parte e se desloca de terra em terra a fim de ganhar o pão para si e para a família exercendo a sua profissão. Francisco, em 26 de outubro, escreveu-lhe uma

carta em que, mostrando o seu contentamento por se encontrar em Turim, exprime os seus ternos sentimentos filiais do seguinte modo:

Meu querido pai,

Aproxima-se o tempo em que o senhor, meu querido pai, tem de partir e andar de terra em terra a ganhar o que é necessário para a família. Não posso acompanhá-lo nas suas viagens como gostaria, mas estarei sempre com o senhor em pensamento e em oração. Asseguro-lhe que todos os dias peço a Deus que lhe dê saúde e a sua santa graça.

O meu padrinho esteve aqui no Oratório e isso me encheu de satisfação. Entre outras coisas, disse-me que o pai tem medo que eu passe fome; fique tranquilo porque tenho pão em grande abundância; se pusesse de parte o pão que sobra da minha necessidade, no fim de cada semana daria para fazer uma grande *panata*[103], como nós dizemos. Basta saber que comemos quatro vezes ao dia e sempre até que nos apetece; ao almoço há sopa e um prato de mistura, e à noite sopa. Antes, havia vinho todos os dias, mas, desde que encareceu tanto, agora só nos dias festivos. Portanto, não se preocupe comigo: nada mais tenho a desejar, tudo o que desejava me foi concedido.

Comunico-lhe duas coisas com prazer: os meus superiores se mostram muito contentes comigo e eu ainda o estou mais com eles. A outra coisa é a visita do arcebispo de Sássari. Veio fazer uma visita ao diretor; visitou a casa, conversou muito com os jovens, e eu tive o prazer de lhe beijar a mão e de receber a sua santa bênção.

Querido pai, dê saudações a todos os da nossa família, especialmente à minha querida mãe. Dê notícias minhas ao meu padrinho e agradeça-lhe sempre por quanto fez por mim. Faça uma boa campanha e, se tiver morada fixa em alguma localidade, dê-me o endereço e em breve lhe enviarei notícias minhas. Reze também por mim, que de todo o coração serei sempre

Seu afeiçoadíssimo filho

Francisco

Desde que tivera a visita do seu padrinho, desejava ardentemente receber uma carta dele. Satisfez inteiramente esse desejo com uma carta em que o zeloso arcipreste lhe dava vários conselhos para seu bem espiritual e temporal. Francisco responde exprimindo o seu contentamento; agradece-lhe e promete pôr em prática os seus conselhos.

[103] Tipo de sopa feita com caldo de carne, pão amanhecido, óleo e queijo.

A carta de 23 de novembro de 1863, é do seguinte teor:

Caríssimo senhor padrinho,

No dia 14 deste mês recebi a sua carta. Pode imaginar a grande alegria que senti. Passei em grande festa todo esse dia. Li e reli várias vezes a sua carta e quanto mais a leio, maior é a vontade que sinto de estudar e de ser melhor. Agora compreendo como é grande o benefício que me fez ao enviar-me para este Oratório. Não posso dar largas ao reconhecimento do meu coração, a não ser indo à igreja a rezar pelos meus benfeitores e especialmente pelo senhor; e, para não perder tempo de estudo, vou rezar durante o recreio. Tenho de demorar pouco, porque, se bem que eu sinta maior satisfação no estudo e na oração do que no divertimento, todavia tenho de tomar parte no recreio com os outros, porque assim foi mandado pelos superiores, como coisa útil e necessária para o estudo e para a saúde.

Agora já começaram as aulas e, de manhã à noite, entre aulas, estudo, aula de canto, de música, práticas religiosas e recreio, já não me resta um momento de tempo para pensar na minha existência.

Sinto grande alegria em receber a visita do tenente Eyzautier; há dias trouxe-me uma roupa tão bonita que se o senhor me visse vestido pensaria que sou um cavalheiro.

O senhor me recomendou que procurasse um bom companheiro e logo o encontrei. É melhor do que eu nos estudos e bastante virtuoso. Apenas nos conhecemos, fizemos grande amizade. Entre nós só se fala de estudo e de piedade. Ele também gosta do recreio, mas, depois que nos divertimos um pouco, começamos logo a passear e a conversar de assuntos das aulas. Deus me ajuda de forma sensível; na lista de classificações vou avançando sempre: de noventa da minha turma, ainda tenho cerca de quinze antes de mim.

Fico muito satisfeito por saber que os meus companheiros se recordam de mim; diga-lhes que gosto muito deles e que sejam diligentes no estudo e na piedade. Agradeço-lhe pela bela carta que me escreveu, e tentarei pôr em prática os conselhos nela contidos. Desejo ardentemente ser bom, porque sei que Deus tem preparado um grande prêmio para mim e para aqueles que o amam e servem nesta vida.

Desculpe se demorei a escrever e se não pus em prática os conselhos que me deu, meu querido benfeitor. Peço-lhe que cumprimente todos os de minha casa e, não podendo enviar cumprimentos ao meu pai, faço-o com o coração pedindo a Deus por ele. Que em tudo se faça a vontade de Deus e não a minha, enquanto me professo nos corações amabilíssimos de Jesus e de Maria.

De vossa senhoria ilustríssima

Muito grato afilhado

Francisco Besucco

Na carta enviada ao seu arcipreste, e com a mesma data, Francisco concluía também outra endereçada a um seu amigo e virtuoso primo, de nome Antônio Beltrandi, de Argentera.

A ordem, a maneira de se exprimir, os pensamentos, parecem dignos de ser também publicados como modelo de cartas que podem escrever-se reciprocamente dois bons jovens. Eis o seu teor:

Caríssimo companheiro Antônio,

Que bela notícia me deu o meu padrinho a teu respeito! Ele me escreve que tu deves também ir estudar como eu. Digo-te que este é um ótimo pensamento e terás muita sorte se conseguires realizá-lo. E dado que o nosso beneficente arcipreste se disponibiliza para te dar aulas, procura compensá-lo com a diligência no cumprimento dos teus deveres. Empenha-te no estudo, mas ao lado do estudo coloca a oração e a devoção: este é o único meio de ter sucesso neste empreendimento e de ser feliz. Já me sinto feliz ao pensar que no próximo ano serás meu companheiro nesta casa.

As recomendações da minha parte poderiam resumir-se numa só: obediência e submissão aos teus pais e ao senhor arcipreste. Mas recomendo-te também o bom exemplo para com os teus companheiros.

Quero pedir-te um favor e é que neste inverno faças a *Via-Sacra* depois das celebrações sagradas como eu fazia quando estava em casa. Procura promover esta prática de piedade e serás abençoado pelo Senhor. O tempo é precioso, procura ocupá-lo bem; se tiveres alguma hora livre, reúne alguns garotos e faze-lhes repetir a lição da doutrina cristã que se ensinou no domingo anterior. É este um meio eficacíssimo para merecer as bênçãos do Senhor. Quando o meu padrinho me escrever, dize-lhe que me dê notícias tuas e assim estarei cada vez mais seguro da tua boa vontade. Presentemente me encontro muito ocupado. Ó meu caro, que pena sinto ao pensar no tempo que gastei em vão e que poderia ter empregado no estudo e em outras obras boas.

Espero que não leves a mal esta minha carta e, se alguma coisa te desagradar, peço desculpas. Faze tudo o que puderes a fim de que no próximo ano possamos ser companheiros aqui em Turim, se esta for da vontade do Senhor.

Adeus, querido Antônio, reza por mim.

Teu afeiçoadíssimo amigo

Francisco Besucco

Capítulo XXVI – Última carta – Pensamentos relativos à mãe

Das cartas até aqui apresentadas, sobressai a grande piedade que Francisco alimentava no coração: cada dito seu, cada escrito é um conjunto de sentimentos de ternura e de santos pensamentos. Parecia, no entanto, que, à medida que se aproximava do fim da sua vida, se tornava cada vez mais inflamado de amor de Deus. Antes, por certas expressões, parece que ele tinha pressentimento disso. O seu próprio padrinho, quando recebeu esta última carta, exclamou: "O meu afilhado quer deixar-me; Deus o quer para junto dele".

Transcrevo-a aqui na íntegra como verdadeiro modelo de quem quer augurar cristãmente um bom ano novo. Tem a data de 28 de dezembro de 1863.

Caríssimo senhor padrinho,

Qualquer jovem bem-educado cometeria certamente um ato de ingratidão altamente lamentável, se nesses dias não escrevesse aos seus pais e benfeitores augurando-lhes felicidades e bênçãos. Sendo assim, que sentimentos não deverei eu manifestar-lhe, meu querido e insigne benfeitor? Desde o dia em que nasci, começou a se interessar por mim e a cuidar da minha alma. Devo ao senhor os primeiros conhecimentos da ciência, da piedade, do temor de Deus. Se tive a oportunidade de frequentar a escola, evitar tantos perigos da alma, tudo é obra dos seus conselhos, dos seus cuidados e solicitudes.

Como poderei então agradecer devidamente? Não podendo de outra forma, tentarei ao menos dar-lhe sinais da minha constante gratidão conservando sempre impressa na mente a recordação dos benefícios recebidos e, nestes poucos dias, empenhar-me com todas as minhas forças em augurar-lhe copiosas bênçãos do céu com bom fim deste ano que termina e bom princípio do novo ano.

Como diz o velho provérbio, *começar bem é meio caminho andado*, também eu desejaria começar bem este ano, começá-lo na vontade do Senhor e continuá-lo segundo a sua santa vontade.

Por agora, os meus estudos vão bem, o comportamento no estudo, no dormitório e nas práticas de piedade foi sempre qualificado como *ótimo.* Recebi notícias do meu pai e do meu irmão que estão com boa saúde. Dê esta notícia aos de minha casa que certamente ficarão contentes. Diga-lhes que não se preocupem comigo, que eu estou bem e nada me falta.

Peço-lhe também que cumprimente meu bom professor, senhor Antônio Valorso, e lhe diga que peço perdão das desobediências e dos desgostos que tantas vezes lhe dei quando era seu aluno.

Finalmente, renovo a certeza de que não passarei dia sem pedir a Deus que lhe dê saúde e longa vida. Querido senhor padrinho, perdoe-me também todos os incômodos que lhe dei e continue a ajudar-me com os seus conselhos. Só desejo ser bom e corrigir-me dos meus muitos defeitos. Seja sempre feita a vontade de Deus e não a minha.

Com grande respeito e afeição me professo

Seu muito grato afilhado

Francisco Besucco.

Na carta endereçada ao seu padrinho ia também um bilhete para a sua mãe, que é o último dos seus escritos e pode ser considerado como o seu testamento, ou seja, as últimas palavras escritas aos seus pais.

Queridíssima mãe,

Estamos no fim do ano e Deus ajudou-nos a passá-lo bem. Antes, posso dizer que este ano foi para mim uma série contínua de favores celestes. Enquanto vos auguro boa conclusão para estes poucos dias que nos restam, peço ao Senhor que se digne conceder-vos um bom início do novo ano, que continue a encher-vos de toda a espécie de bens materiais e temporais. Maria Santíssima vos obtenha de seu divino Filho longa vida e dias felizes.

Hoje recebi uma carta de meu pai, pela qual tenho conhecimento de que tanto ele como o meu irmão gozam de boa saúde, o que muito me alegra. Aqui lhe envio a lista de alguns objetos de que ainda preciso.

Minha querida mãe, dei-lhe tantos desgostos quando estava em casa e continuo a dar-lhe ainda agora, mas procurarei compensá-la com o meu bom comportamento e com as minhas orações. Peço-lhe que faça com que a minha irmã Maria possa estudar, porque com a ciência pode instruir-se melhor na religião.

Adeus, querida mãe, adeus, ofereçamos ao Senhor as nossas ações e os nossos corações e peçamos-lhe de modo particular a salvação das nossas almas. Seja sempre feita a vontade do Senhor.

Da minha parte, transmita a todos os de nossa casa meus votos de que tudo lhes corra bem; reze por mim, que de coração sou seu

Afeiçoadíssimo filho

Francisco

Destas últimas cartas resulta claro que o coração de Francisco já não parecia deste mundo, mas de quem caminha com os pés na terra e tem já a sua alma em Deus, de quem queria continuamente falar e escrever.

Com o fervor nas práticas de piedade crescia também o desejo ardente de se afastar do mundo. "Se pudesse, dizia uma vez, queria separar a alma do corpo para melhor saborear o que significa amar a Deus. Se não fosse proibido, dizia também, queria pôr de parte qualquer alimento para gozar por muito tempo do grande prazer que se sente em sofrer pelo Senhor. Que grande consolação sentiram os mártires ao morrer pela fé!".

Em suma, nas palavras e nas ações, mostrava quanto já dizia São Paulo: "Tenho o desejo de partir e estar com Cristo"[104]. Deus via o grande amor para com ele que reinava naquele pequeno coração e, para que a malícia do mundo não mudasse a sua vontade, quis chamá-lo para junto dele, e permitiu que um excessivo amor às penitências de certa maneira desse ocasião para isso.

Capítulo XXVII – Penitência inoportuna e início da doença

Francisco lera na vida de Domingos Savio como uma vez este deixara imprudentemente avançar a estação do frio sem se cobrir devidamente na cama. Besucco quis imitá-lo e, pensando que a ordem de usar mais roupa se referisse apenas à roupa de vestir, entendeu que podia se mortificar na roupa da cama. Sem dizer nada, foi buscar os cobertores de lã com os outros companheiros, mas, em vez de cobrir a cama com eles, dobrava-os e punha-os debaixo da cabeceira. As coisas continuaram até princípios de janeiro, quando um dia ficou de tal modo inteiriçado que não conseguiu levantar-se com os outros. Tendo sido comunicado aos superiores que Besucco ficara de cama

[104] Cf. Fl 1, 23.

devido a incômodos de saúde, o enfermeiro da casa foi visitá-lo para ver do que precisava. Quando este chegou junto dele, perguntou-lhe o que tinha.

– Nada, nada, respondeu ele.

– Se não tens nada, por que estás de cama?

– Assim, assim… um pouco incomodado.

Entretanto o enfermeiro aproxima-se para cobri-lo bem com os cobertores e percebe que está usando apenas o pequeno cobertor de verão.

– E os teus cobertores, Besucco, onde estão?

– Estão aqui debaixo da cabeceira.

– Por que fizeste isso?

– Oh nada… quando Jesus estava na cruz não estava mais bem coberto do que eu.

Viu-se logo que o mal de Besucco não era leve, pelo que logo foi levado para a enfermaria.

Imediatamente se mandou vir o médico, que a princípio entendeu que a doença não era grave, julgando tratar-se apenas de um simples resfriado.

Mas no dia seguinte se deu conta de que, em vez de sarar, o mal ameaçava uma congestão catarral no estômago e por isso a doença se tornava perigosa. Foram, então, usados os remédios normais dos purgantes, para vomitar; algumas sangrias e bebidas de várias espécies, mas sem qualquer resultado favorável.

Interrogado um dia sobre o motivo pelo qual tinha cometido essa imprudência, ou seja, não se tinha coberto melhor na cama, respondeu: "Sinto pena que isso tenha desagradado aos meus superiores, mas espero que o Senhor aceite esta pequena penitência em desconto dos meus pecados".

– Mas e as consequências da tua imprudência?

– As consequências, deixo-as todas nas mãos do Senhor; não ligo a nada do que possa acontecer a este meu corpo, contanto que tudo sirva para a maior glória de Deus e para o bem da minha alma.

Capítulo XXVIII – Resignação na doença – Ditos edificantes

A doença durou apenas oito dias, que para ele foram dias de exercícios e para os companheiros de exemplos de paciência e resignação cristã. O mal dificultava-lhe a respiração e causava-lhe contínua forte dor de cabeça; foi

submetido a muitas e dolorosas operações cirúrgicas; foram-lhe administrados vários remédios energéticos. Mas todas essas prescrições e curas não conseguiram aliviar-lhe o mal, serviram apenas para fazer brilhar a sua admirável paciência. Nunca deu qualquer sinal de ressentimento ou de queixa. Às vezes, diziam-lhe: "Este remédio é desagradável, não é verdade?". Ele respondia logo: "Se fosse uma bebida doce, a minha boca gostaria mais, mas é justo que ela faça alguma penitência pelas gulodices passadas". Outra vez, diziam-lhe: "Besucco, tens muitas dores, não é verdade?". "É verdade que tenho algumas dores, mas que é isso em comparação com o que deveria sofrer pelos meus pecados? Antes, devo dizer-vos que estou tão contente, que nunca imaginei que se sentisse tanto gosto em sofrer pelo Senhor".

A quem lhe prestasse algum serviço, agradecia de todo o coração, dizendo logo: "O Senhor lhe pague por tudo o que faz por mim". Não sabendo como exprimir a sua gratidão ao enfermeiro, disse-lhe muitas vezes estas palavras: "O Senhor lhe pague em meu lugar e, se for para o paraíso, pedirei de todo o coração para que o ajude e abençoe". Um dia o enfermeiro perguntou-lhe se não tinha medo de morrer. "Querido enfermeiro, respondeu, se o Senhor me quiser junto dele no paraíso, terei todo o gosto em obedecer à sua chamada, mas receio bastante não estar preparado. Apesar disso, ponho toda a minha esperança na sua infinita misericórdia e, recomendando-me do fundo do coração a Maria Santíssima, a São Luís Gonzaga, a Domingos Savio, com a sua proteção espero ter uma boa morte".

Estávamos apenas no quarto dia da doença, quando o médico começou a temer pela vida de Francisco. E eu, para começar a abordar aquele momento, disse-lhe:

– Meu caro Besucco, gostarias de ir para o paraíso?

– Imagine se não gostaria de ir para o paraíso! Mas é preciso merecê-lo.

– Supõe que te davam a escolher entre sarar ou ir para o paraíso: que escolhias?

– São duas coisas diferentes, viver para o Senhor ou morrer para ir para o Senhor[105]. Gosto da primeira, mas muito mais da segunda. Mas quem me garante o paraíso depois de ter cometido tantos pecados?

– Ao fazer-te esta proposta, suponho que estejas seguro de ir para o paraíso, porque, tratando-se de ir para outro lugar, não quero que tu nos deixes por agora.

– Mas como poderei então merecer o paraíso?

[105] Cf. Fl 1, 22-23.

– Merecerás o paraíso pelos méritos da paixão e da morte de nosso Senhor Jesus Cristo.

– Portanto, irei para o paraíso?

– Claro que sim e certamente, bem entendido, quando tal for do agrado do Senhor.

Então lançou um olhar para os que estavam presentes e depois, esfregando as mãos com alegria, disse: "O contrato está feito: o paraíso e mais nada, para o paraíso e não para outro lugar. Não me falem de mais nada, só do paraíso".

– Sinto-me feliz, disse-lhe então, por mostrares tão grande desejo de ir para o paraíso, mas quero que estejas pronto a fazer a santa vontade do Senhor.

Ele interrompeu as minhas palavras dizendo: "Sim, sim, a santa vontade de Deus seja feita em tudo, no céu e na terra".

No quinto dia da doença, ele próprio pediu para receber os santos sacramentos. Queria fazer a confissão geral, o que lhe foi negado, por não ter qualquer necessidade dela, tanto mais que a tinha feito alguns meses antes. Todavia preparou-se para aquela última confissão com um fervor todo singular e mostrava-se muito comovido. Depois da confissão, ficou muito alegre e dizia a quem estava junto dele: "No passado, prometi mil vezes não voltar a ofender o Senhor; mas não mantive a palavra. Hoje renovei esta promessa e espero ser fiel até a morte".

Naquela noite, perguntou-se a ele se tinha algum pedido a fazer a alguém.

– Oh sim, dizia-me, diga a todos que rezem por mim para que o meu purgatório seja breve.

– Que queres que eu diga aos teus companheiros da tua parte?

– Diga-lhes que fujam do escândalo, que procurem fazer sempre boas confissões.

– E aos clérigos?

– Diga aos clérigos que deem bom exemplo aos jovens, e que se empenhem em dar-lhes sempre bons avisos e bons conselhos, quando for o caso disso.

– E aos teus superiores?

– Diga aos meus superiores que agradeço a todos pela bondade que tiveram para comigo; que continuem a trabalhar para conquistar muitas almas; e, quando eu estiver no paraíso, pedirei por eles ao Senhor.

– E a mim que me dizes?

A estas palavras, mostrou-se comovido e, lançando um olhar fixo, replicou: "Ao senhor peço que me ajude a salvar a alma. Desde há muito tempo, peço a Deus que me deixe morrer em suas mãos; peço-lhe, pois, que realize essa obra de caridade e me assista até nos últimos momentos da minha vida".

Assegurei-lhe que não o abandonaria, quer sarasse, quer estivesse doente e, com muito mais razão, se estivesse em perigo de morte. Depois assumiu um ar muito alegre e não ligou para mais nada, a não ser para preparar-se para receber o Santo Viático.

Capítulo XXIX – Recebe o Viático – Outros ditos edificantes – Uma mágoa

Estávamos no sexto dia da sua doença (oito de janeiro), quando ele mesmo pediu para fazer a sagrada comunhão. "Com muito gosto iria fazê-la com os meus companheiros na igreja, dizia, pois há oito dias que não recebo o meu querido Jesus". Enquanto se preparava para receber a comunhão, perguntou a quem o assistia o que significaViático.

– Viático, respondeu alguém, significa provisão e companheiro de viagem.

– Oh que bela provisão a minha, tendo comigo o Pão dos anjos na viagem que estou para empreender!

– Não só terás este Pão celeste, acrescentou alguém, mas terás o mesmo Jesus por ajuda e por companheiro na grande viagem, que te preparas para fazer para a eternidade.

– Se Jesus é meu amigo e companheiro, nada tenho a temer; antes, tudo tenho a esperar da sua grande misericórdia. Jesus, José e Maria, dou-vos o meu coração e a minha alma.

Depois fez a sua preparação e foi necessário que alguém o ajudasse, porque tinha as suas habituais orações que ele rezava por ordem uma após outra. Recebeu a sagrada hóstia com tais sinais de piedade, que são mais fáceis de imaginar do que de descrever.

Depois da comunhão, ficou a rezar em ação de graças. Tendo-se perguntado se precisava de alguma coisa, só respondia: "Rezemos". Após uma considerável ação de graças, chamou os presentes e recomendou-lhes que só lhe falassem do paraíso.

Nessa altura recebeu a visita do ecônomo da casa[106], o que lhe deu grande satisfação.

– Ó padre Savio, pôs-se a dizer sorrindo, desta vez vou para o paraíso.

– Tem coragem e coloquemos nas mãos do Senhor a vida e a morte; esperamos ir para o paraíso, mas quando Deus quiser.

– Para o paraíso, padre Savio; perdoe os desgostos que lhe dei; reze por mim e, quando estiver no paraíso, pedirei também a Deus pelo senhor.

Algum tempo depois, vendo-o tranquilo, perguntei-lhe se tinha algum recado a deixar-me para o seu arcipreste. A esta palavra mostrou-se perturbado. "O meu arcipreste, respondeu, ajudou-me muito, fez o que pôde para me salvar, diga-lhe que nunca esqueci os seus conselhos. Não voltarei a ter a consolação de vê-lo neste mundo, mas espero ir para o paraíso e pedir a Maria Santíssima que o ajude a conservar bons todos os meus companheiros e que assim eu possa encontrar-me com ele e com todos os seus paroquianos no paraíso". Ao dizer isso, a comoção embargou-lhe as palavras.

Depois de descansar um pouco, perguntei-lhe se não desejava ver os seus familiares. "Não posso voltar a vê-los, respondia, porque estão muito longe, são pobres e não têm dinheiro para a viagem. Além disso, o meu pai está longe de casa trabalhando na sua profissão. Diga-lhes que morro resignado, alegre e feliz. Rezem também por mim, espero ir para o paraíso e lá os espero a todos… À minha mãe…", e interrompeu o que ia dizer.

Cerca de uma hora depois, disse-lhe: "Tens talvez algum recado para a tua mãe?".

– Diga à minha mãe que a sua oração foi atendida por Deus. Ela me disse muitas vezes: querido Francisquinho, desejo que vivas muito tempo neste mundo, mas prefiro mil vezes que morras a ver-te inimigo de Deus pelo pecado. Espero que os meus pecados tenham sido perdoados, espero ser amigo de Deus e poder ser feliz com ele para sempre. Ó meu Deus, abençoai a minha mãe, dai-lhe coragem para aceitar com resignação a notícia da minha morte, dai-me a graça de vê-la com toda a família no paraíso a tomar parte na vossa glória.

Queria continuar a falar, mas obriguei-o a calar-se para descansar um pouco. Na noite do dia oito, agravando-se cada vez mais o seu mal, decidiu-se administrar-lhe a Santa Unção. Tendo-se perguntado se desejava receber este sacramento:

– Sim, respondeu, desejo de todo o coração.

– Porventura não tens nada que te pese na consciência?

[106] Era o padre Ângelo Savio (1835-1893).

– Ah! sim, tenho uma coisa que me pesa muito e me remorde bastante na consciência!

– O que é? Desejas dizê-la em confissão ou de outra maneira?

– Tenho uma coisa em que sempre pensei na minha vida, mas não imaginei que me desse tanta pena na hora da morte.

– O que é então que te dá tanta pena e tanta mágoa?

– Sinto o mais amargo desgosto porque na minha vida não amei o Senhor tanto como ele merece.

– Fica tranquilo a tal respeito, porque neste mundo nunca poderemos amar o Senhor como ele merece. Aqui é necessário fazer o que pudermos; mas o lugar onde o amaremos como devemos é a outra vida, é o paraíso. Lá o veremos como ele é em si mesmo, lá conheceremos e saborearemos a sua bondade, a sua glória, o seu amor. Feliz de ti que em breve terás esta inefável ventura! Agora te prepara para receber a Santa Unção, que é o sacramento que apaga os vestígios dos pecados e nos dá também a saúde corporal, se for bom para a saúde da alma.

– Para a saúde do corpo, replicou, não se fale mais nisso; quanto aos pecados, peço perdão deles e espero que sejam inteiramente perdoados; antes, confio que poderei obter também a remissão da pena que pelos mesmos devia suportar no purgatório.

Capítulo XXX – Recebe a Santa Unção – As suas jaculatórias nesta ocasião

Tendo-se preparado tudo para o último sacramento que o homem recebe nesta vida mortal, quis ele mesmo rezar o *Confiteor* com as outras orações que acompanham este sacramento, dizendo ele próprio uma jaculatória especial na unção de cada sentido.

Administrou o sacramento o padre Alasonatti, ecônomo da casa. Quando da unção dos olhos, o piedoso enfermo disse: "Ó meu Deus, perdoai-me todos os olhares pecaminosos e tudo aquilo que li e não devia ter lido". Na unção dos ouvidos: "Ó meu Deus, perdoai-me tudo aquilo que ouvi com estes ouvidos e que era contrário à vossa santa lei. Fazei com que, ao fechar-se para sempre neste mundo, se abram para ouvir a voz que me chamará a gozar da vossa glória".

Na unção do nariz: "Perdoai, ó Senhor, todas as satisfações que dei ao olfato".

Na boca: "Ó meu Deus, perdoai-me a gula e todas as palavras que de qualquer modo vos tenham desagradado. Fazei que a minha língua possa cantar quanto antes os vossos louvores para sempre".

Neste ponto, o ecônomo se comoveu profundamente e exclamou: "Que belos pensamentos, que maravilha num rapaz de tão tenra idade!". Continuando depois a administração do sacramento, ao ungir as mãos dizia: "Por esta santa unção e pela sua piíssima misericórdia o Senhor te perdoe qualquer falta que tenhas cometido com o tato". O enfermo continuou: "Senhor Jesus, com o véu da vossa misericórdia e pelos méritos das chagas das vossas mãos cobri e apagai todos os pecados que cometi por obras em todo o decurso da minha vida".

Nos pés: "Perdoai, ó Senhor, os pecados que cometi com estes pés, quer quando fui aonde não devia ter ido, quer não indo aonde me chamavam os meus deveres. A vossa misericórdia me perdoe todos os pecados que cometi por pensamentos, palavras, atos e omissões".

Várias vezes foi dito a ele que bastava dizer aquelas jaculatórias com o coração e que o Senhor não pede tão grande esforço como ele tinha de fazer rezando em alta voz: então se calava um instante, mas depois continuava no mesmo tom de voz de antes. Por fim, estava tão cansado e o pulso era tão fraco, que pensávamos que estava para dar o último suspiro. Pouco depois se refez um pouco e, na presença de muitas pessoas, dirigiu estas palavras ao superior: "Pedi muito a Nossa Senhora a graça de morrer num dia a ela dedicado e espero ser atendido. Que mais poderei pedir ao Senhor?".

Para secundar o piedoso pedido foi-lhe respondido: "Pede ainda ao Senhor que te faça passar todo o purgatório neste mundo, de forma que ao morrer a tua alma suba logo ao céu". "Oh! sim, acrescentou logo, peço do fundo do coração, dê-me a sua bênção; espero que o Senhor me faça sofrer neste mundo, para que passe aqui todo o meu purgatório e assim a minha alma, ao separar-se do corpo, possa voar logo para o céu".

Parece mesmo que o Senhor o atendeu, dado que teve ligeiras melhoras e a sua vida se prolongou ainda por cerca de vinte e quatro horas.

Capítulo XXXI – Um fato maravilhoso – Duas visitas – Sua preciosa morte

Nove de janeiro, sábado, foi o último dia do nosso querido Besucco. Esteve todo o dia perfeitamente consciente. Queria rezar continuamente, mas foi proibido por ser demasiado cansativo. "Oh! ao menos, disse, reze alguém

perto de mim e assim eu repetirei no coração o que ele disser por palavras". Para satisfazer este seu ardente desejo era necessário que alguém rezasse orações ou pelo menos jaculatórias junto do seu leito. Entre outros que o visitaram nesse dia encontrava-se um seu companheiro um tanto dissipado. "Besucco, disse ele, como estás?". "Querido amigo, respondeu, estou no fim da minha vida, reza por mim nestes últimos momentos. Mas pensa que um dia será a tua vez. Oh! como te sentirás feliz, se fizeres boas obras! Mas, se não mudares de vida, ah! que mágoa sentirás na hora da morte!". Aquele companheiro pôs-se a chorar e, desde aquele momento, começou a pensar com mais seriedade nos assuntos da alma e hoje em dia ainda tem boa conduta.

Às dez da noite recebeu a visita do senhor Eyzautier, tenente da Guarda Real de Sua Majestade, acompanhado da esposa. Tinha-se empenhado em que Besucco viesse para o Oratório, e tinha-o ajudado muito. Francisco mostrou-se muito contente e deu vivos sinais de agradecimento. Aquele valoroso militar, ao ver a alegria que transparecia naquele rosto e os sinais de devoção que ele manifestava e a assistência que tinha, sentiu-se profundamente comovido e disse estas palavras:

– Morrer deste modo é um verdadeiro prazer e quereria também eu poder encontrar-me nesse estado. Depois, falando com o enfermo, disse-lhe: "Querido Francisquinho, quando estiveres no paraíso, reza também por mim e pela minha esposa". Cada vez mais comovido, não conseguiu falar e, despedindo-se do enfermo pela última vez, afastou-se.

Cerca das dez e meia parecia não poder ter mais do que poucos minutos de vida, quando mexeu as mãos tentando levantá-las. Peguei-lhe nas mãos e juntei-as para que de novo as apoiasse no leito. Ele tirou-as e levantou-as de novo com ar risonho, tendo os olhos fixos como quem contempla algum objeto da máxima consolação. Pensando que talvez quisesse o crucifixo, coloquei-o nas suas mãos; mas pegou nele, beijou-o, e o colocou de novo sobre o leito, levantando logo de novo com ímpeto de alegria as mãos. Naquele instante, a sua face parecia mais viva e corada do que no seu estado de saúde normal. Parecia resplandecer no seu rosto uma beleza, um resplendor que ofuscou todas as outras luzes da enfermaria. A sua face irradiava um explendor tão forte, que o sol ao meio-dia seria como escuras trevas. Todos os presentes, que eram em número de dez, ficaram não só assustados, mas estupefatos, atônitos e em profundo silêncio tinham os olhares fixos na face de Besucco, que irradiava um clarão semelhante ao da luz elétrica e que os obrigava a baixar o olhar. Mas todos ficaram ainda mais admirados quando o enfermo, levantando um pouco a cabeça e estendendo as mãos o mais que podia como

quem aperta a mão a uma pessoa amada, começou com voz alegre e sonora a cantar assim: *Lodate Maria, o lingue fedeli. Risuoni nei cieli la vostra armonia**.

Depois fazia esforços para se levantar mais para cima que de fato ia se elevando, enquanto, estendendo as mãos postas, começou de novo a cantar assim: *O Gesù d'amor acceso, non vi avessi mai offeso. O mio caro e buon Gesù, non vi voglio offender più**. Sem interromper entoou a loa: *Perdon, caro Gesù, pietà, mio Dio, prima di peccar più morir vogl'io**.

Nós continuávamos em silêncio e os nossos olhares estavam fixos no enfermo que parecia um anjo com os anjos do paraíso. Para interromper a estupefação, o diretor disse: "Eu creio que neste momento o nosso Besucco recebe uma graça extraordinária do Senhor ou da sua Mãe celeste, de quem foi tão devoto em vida. Talvez ela venha convidar a sua alma para conduzi-la para o céu".

O padre Alasonatti, administrador, teve que exclamar: "Ninguém se assuste. Este jovem está em comunicação com Deus". Besucco continuou o seu canto, mas as suas palavras eram truncadas e cortadas, como de quem responde a amorosas interrogações. Eu consegui apenas recolher estas: "Rei do céu… Tão belo… Sou pobre pecador… A vós dou o meu coração… Dai-me o vosso amor… Meu querido e bom Senhor". Depois se deixou cair normalmente no leito. Cessou a luz maravilhosa, o seu rosto tornou-se como antes; reapareceram as outras luzes e o enfermo já não dava sinal de vida. Mas, percebendo-se de que já não se rezava, nem lhe sugeriam jaculatórias, logo se virou para mim, dizendo: "Ajude-me, rezemos. Jesus, José e Maria, assisti-me nesta minha agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz convosco a alma minha".

Eu lhe recomendava que se calasse, mas ele, sem fazer caso, continuou: "Jesus na minha mente, Jesus na minha boca, Jesus no meu coração; Jesus e Maria, a vós entrego a alma minha". Eram as onze quando ele quis falar, mas já não podendo, disse apenas estas palavras: "O crucifixo". Com elas pedia a bênção do crucifixo com a indulgência plenária *in articulo mortis*, que muitas vezes tinha pedido e que eu prometi.

Dada esta última bênção, o ecônomo começou a ler o *Proficiscere,* enquanto os outros rezavam de joelhos. Às onze e um quarto, Besucco, fixando-me com o olhar, tentou esboçar um sorriso em forma de despedida, depois levantou os olhos ao céu indicando que partia. Poucos instantes depois, a

* Louvai a Maria , ó línguas fiéis. Ressoe nos céus a vossa harmonia.
* Ó Jesus de amor aceso, não te houvesse nunca ofendido. Ó meu querido e bom Jesus, não mais quero te ofender.
* Perdão, querido Jesus, tende piedade, meu Deus. Prefiro morrer antes que voltar a vos ofender.

sua alma deixava o corpo e voava gloriosa, como fundadamente esperamos, a gozar da glória celeste em companhia daqueles que com a inocência da vida serviram a Deus neste mundo, e agora são bem-aventurados com ele e o bendizem eternamente.

Capítulo XXXII – Sufrágios e funeral

Não se pode exprimir a dor e a mágoa sentida em toda a casa pela perda de tão querido amigo. Fizeram-se naquele momento muitas orações junto do seu próprio leito. Ao nascer do dia, a notícia espalhou-se entre os seus companheiros que, para buscar algum conforto na dor e prestar homenagem ao amigo falecido, se reuniram na igreja a fim de rezar em sufrágio da sua alma, se porventura ainda tivesse necessidade. Muitos fizeram a sagrada comunhão com esta mesma finalidade. Terço, ofício, orações em comum e em privado, comunhões, missa, em suma, todas as práticas de piedade que, naquele dia festivo, se realizaram na nossa igreja foram dirigidas a Deus pelo eterno repouso da alma do bom Francisco. Naquele dia deu-se outra coisa singular. A sua fisionomia tornou-se tão atraente e o seu rosto tão corado, que não tinha qualquer aspecto de morte. Nem sequer quando andava bem de saúde, alguma vez se mostrou nele sinal daquela extraordinária beleza. Os próprios companheiros, bem longe de ter aquele medo que geralmente se tem dos mortos, ansiavam vê-lo e todos diziam que parecia mesmo um anjo do céu. É por este motivo que a fotografia tirada depois da morte apresenta feições muito mais simpáticas e graciosas do que tinha em vida. Os que viam objetos que de algum modo tivessem pertencido a Besucco andavam à porfia para os adquirir e ficar com eles como sinal da mais grata recordação. A voz mais comum que corria entre todos era que ele tinha voado para o céu. "Já não tem necessidade das nossas orações, diziam alguns; neste momento goza já da glória do paraíso". "Mais ainda, acrescentava outro, certamente se encontra já na presença de Deus a pedir por nós". "Eu creio, concluía um terceiro, que Besucco possui já um trono de glória no céu, e que invoca as bênçãos divinas sobre os seus companheiros e amigos". No dia seguinte, onze de janeiro, foi cantada missa pelos seus companheiros aqui na igreja do Oratório e muitos deles fizeram a sagrada comunhão para maior glória de Deus e pelo eterno repouso da sua alma, se porventura ainda tivesse necessidade de algum sufrágio. Terminada a cerimônia fúnebre, foi acompanhado pelos pesarosos colegas à paróquia e depois ao cemitério".

O lugar que agora ocupa é o n.º 147, quadra do lado do poente.

Capítulo XXXIII – Comoção em Argentera e veneração pelo jovem Besucco

As virtudes que neste maravilhoso jovenzinho resplandeceram pelo espaço de 14 anos na localidade de Argentera, tornaram-se ainda mais luminosas quando ele partiu deste mundo e quando chegaram notícias da sua preciosa morte. O padre Francesco Pepino enviou-me um comovente relatório de coisas que têm algo de sobrenatural. Guardá-lo-ei ciosamente para momento mais oportuno; aqui me limitarei a extrair dele alguns traços. "Quando se soube da notícia da grave doença de Besucco, escreve ele, fizeram-se orações públicas por ele, cantando-se a missa com a bênção do Santíssimo Sacramento e oração *pro infirmo.* A notícia da sua morte, recebida na tarde do dia treze, correu logo de boca em boca e, em menos de uma hora, por toda a parte Francisco era proclamado modelo da juventude cristã. Não se pode calcular a grande dor que se abateu sobre os pais e os benfeitores deste querido jovenzinho cuja conduta exemplar agradou sempre a todos e a ninguém ofendeu. A irmã mais nova de Francisco, chamada Maria, anunciou claramente a morte no dia dez de janeiro, assegurando que perto da meia-noite do dia nove para dez, estando na cama com sua mãe, sentiu um forte rumor no quarto de cima onde costumava dormir Francisco. Ela ouviu claramente lançar um punhado de areia no pavimento e, com receio de que a mãe com tal ruído viesse a suspeitar da morte de Francisco, entreteve-a com conversas em voz alta, o que aquela filha não costumava ter. Várias outras pessoas, convencidas da sua santidade, não hesitaram em recomendar-se a ele para obter favores celestes e foram atendidas".

Não quero discutir sobre os fatos aqui apresentados: entendo fazer apenas o papel de historiador aceitando qualquer observação que o benévolo leitor possa fazer. Eis por isso mais algumas passagens do mencionado relatório: "No mês de fevereiro, um menino com cerca de dois anos encontrava-se em grave perigo de vida; julgando o caso desesperado, os pais recomendaram-no ao nosso Besucco, cujas virtudes ambos enalteciam. Prometeram, além disso, que, se o pequeno se curasse, iriam animá-lo à prática da santa *Via-Sacra,* à imitação de Francisco. A criança se curou depois de pouquíssimo tempo e agora goza de perfeita saúde. Há dias, continua o pároco, recomendei eu mesmo à intercessão do querido jovenzinho um pai de família gravemente enfermo, recomendei-o também ao mesmo tempo a Jesus Sacramentado, a cuja honra e glória se consagra o referido pai de família na qualidade de cantor. Omito o nome dessas pessoas unicamente para as poupar a qualquer crítica indiscreta. O enfermo logo melhorou e, em poucos dias, apareceu perfeitamente curado".

"A irmã mais velha de Francisco, de nome Ana, casada no mês de março, vendo-se acometida de grave incômodo que não a deixava descansar nem de dia nem de noite, num momento de maior apuro, exclamou: "Meu querido Francisquinho, ajuda-me nesta grave necessidade, obtém-me algum repouso". Dito e feito. Daquela noite em diante, começou e continuou a descansar tranquilamente. Animada pelo bom resultado da sua oração, recomendando-se de novo a Francisco que a socorresse num momento em que a sua vida corria grave perigo, foi atendida além de toda a sua expectativa".

"Eu que recolho os fatos dos outros para maior glória de Deus, não devo deixar de notar que, habituado a recomendar-me às orações do meu afilhado quando ele ainda era vivo, com maior confiança a ele recorri depois da sua morte e desta minha confiança obtive em diversas circunstâncias felizes resultados".

Capítulo XXXIV – Conclusão

Aqui termino a vida de Francisco Besucco. Teria ainda várias coisas a referir acerca deste virtuoso jovenzinho; mas, como poderiam dar azo a críticas por parte de quem se recusa a reconhecer as maravilhas do Senhor nos seus servos, reservo-me o direito de publicá-las em tempo oportuno, se a divina bondade me conceder graça e vida.

Entretanto, estimado leitor, antes de terminar este meu escrito, queria que juntos tirássemos uma conclusão que fosse útil para mim e para ti. É certo que, mais tarde ou mais cedo, a morte virá para nós ambos e talvez esteja mais próxima do que possamos imaginar. É igualmente certo que, se não praticarmos boas ações no decurso da nossa vida, não poderemos recolher os seus frutos na hora da morte, nem esperar de Deus qualquer recompensa. Ora, dando-nos a divina Providência algum tempo para nos prepararmos para aquele último momento, utilizemo-lo em boas obras, tendo a certeza de que a seu tempo colheremos o fruto merecido. Não faltará, é verdade, quem faça troça de nós, por nos mostrarmos a favor da religião. Não liguemos a quem fala assim. Engana-se e prejudica-se a si mesmo e a quem o escuta. Se quisermos ser sábios perante Deus, não devemos recear parecer loucos diante do mundo, porque Jesus Cristo nos assegura que a sabedoria do mundo é estultice aos olhos de Deus. Só a prática constante da religião pode tornar-nos felizes no tempo e na eternidade. Quem não trabalha no verão, não tem direito de descansar no inverno, e quem não pratica a virtude na vida, não pode esperar qualquer prêmio depois da morte.

Coragem, leitor cristão, coragem em realizar boas obras enquanto temos tempo; os sofrimentos são breves, e os prêmios que nos esperam duram eternamente. Invocarei sobre ti as bênçãos divinas, e tu suplica também ao Senhor Deus que use de misericórdia para com a minha alma, a fim de que, depois de ter falado da virtude, do modo de a praticar e da grande recompensa que para ela Deus tem preparada na outra vida, não me aconteça a terrível desgraça de a transcurar com dano irreparável da minha salvação.

O Senhor nos ajude, a ti e a mim, a perseverar na observância dos seus preceitos nos dias da nossa vida, para podermos um dia gozar no céu do grande bem, do sumo bem, pelos séculos dos séculos. Assim seja.

SEGUNDA SEÇÃO

"MEMÓRIAS DO ORATÓRIO"

Apresentação

Composto aos poucos entre 1873 e 1875, por explícita vontade de Dom Bosco, o manuscrito das Memórias do Oratório *ficou inédito. Dele, todavia, hauriram abundantemente, tanto o padre João Bonetti, para a sua* História do Oratório de São Francisco de Sales, *publicada numa série de artigos no* Boletim Salesiano *entre 1879 e 1886, quanto, particularmente, o padre João Batista Lemoyne, que o transcreveu integralmente nos primeiros volumes das* Memórias Biográficas, *integrando-o com uma quantidade de outras notícias e de fatos extraídos de outros testemunhos. A primeira edição integral das Memórias apareceu em 1946. A decisão de tornar de domínio público o documento na sua totalidade foi motivado pela dimensão universal assumida pela figura do Santo, como escreveu Eugênio Ceria na Apresentação: "Hoje Dom Bosco passou à história, e também entrou para o rol dos santos"* [1]

O texto – que é testemunho autógrafo de acontecimentos e ao mesmo tempo reflexão interpretativa de um itinerário de vida e de uma vocação carismática – é de grande importância. Nele são narrados alguns fatos que assumiram a função de acontecimentos-símbolo da missão e do método salesiano, como o sonho dos nove anos e a descrição do encontro com Bartolomeu Garelli. Por meio da narração o autor descreve o próprio modelo educativo encarnando-o nas atitudes de personagens-chave, como Mamãe Margarida, padre Calosso, os professores de Chieri, padre Cafasso e o teólogo Borel. Particularmente, as Memórias do Oratório *contribuíram de forma determinante para construir e afirmar a imagem de Dom Bosco e os seus traços característicos: o jovem tenaz e empreendedor, o vivaz animador dos colegas, o sonhador chamado a uma missão extraordinária, o amigo próximo dos anseios juvenis, o pai afetuoso que cuida dos jovens e lhes abre caminhos de formação, o apóstolo iluminado do alto, inovador, persistente e batalhador.*

Mas o interesse do documento vai muito além, porque nele Dom Bosco se mostra inspirado "pela primária preocupação de definir o sentido de uma experiência educativa global" e de formular "um programa de ação" para os discípulos. "Antes de ser livro de história do passado [...], as Memórias *são o resultado de uma*

[1] Giovanni BOSCO (san). *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855.* Turim, Società Editrice Internazionale 1946, p. 4.

reflexão coerente, que resulta numa espiritualidade e uma pedagogia" [2]. *De tal forma que elas resultam "numa* História do Oratório *mais "teológica" e pedagógica do que real, talvez o documento "teórico" de animação mais longamente meditado e querido por Dom Bosco"* [3]. *In tale prospettiva possono essere considerate "Memorie del futuro", perché don Bosco attraverso di esse si mostra intenzionato a trasmettere la sua esperienza affinché diventi "programma di vita e di azione dei continuatori"* [4].

Essas finalidades são explicitamente sugeridas pelo autor nas páginas introdutórias, para orientar a leitura do texto numa direção precisa: no reconhecimento interpretativo do passado ele liga a gênese da instituição oratoriana com o itinerário espiritual pessoal: com uma experiência de fé e de docilidade às moções do Espírito que postula um contínuo discernimento; com um conjunto de atitudes, disposições interiores e opções que são postas como norma carismática para os discípulos.

Portanto, a leitura deste documento, que, por ser narrativo, parece de fácil interpretação, requer certa atenção para colher as mensagens que quer transmitir. Desde as primeiras linhas a estratégia narrativa de Dom Bosco orienta os leitores por caminhos bem definidos. Sugere tanto a chave interpretativa geral – que é a de uma história providencial conduzida diretamente por Deus para a "salvação" dos jovens – quanto uma série de outros indicadores que abrem dois percursos fundamentais de leitura: o das dinâmicas da vida espiritual e o do modelo de educador-pastor.

[2] Pietro Braido, recensão de Giovanni Bosco (san), *Memorie*. Transcrição em língua corrente. Leumann (Turim), Elle Di Ci 1985, em RSS 5 (1986) 169.
[3] Pietro Braido, *L'esperienza pedagogica di don Bosco nel suo "divenire"*, em "Orientamenti Pedagogici" 36 (1989) 27.
[4] Pietro Braido, *"Memorie" del futuro*, in RSS 11 (1992) 97.

309. "Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855"*

Edição em Giovanni Bosco, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introdução e notas históricas de Aldo Giraudo. Roma, LAS 2011, pp. 55-206[5].

Memórias do Oratório de 1815 a 1855 exclusivamente para os sócios salesianos

Mais de uma vez me pediram que pusesse por escrito as memórias do Oratório de São Francisco de Sales. Conquanto não pudesse desatender à autoridade de quem me aconselhava, relutei em meter mãos à obra, sobretudo porque deveria falar de mim com demasiada frequência. Ao conselho juntou agora, uma pessoa de alta autoridade, uma ordem que não admite maiores delongas. Por isso é que aqui estou a relatar detalhadamente confidências de família. Poderão servir de luz e proveito à instituição que à Sociedade de São Francisco de Sales dignou-se confiar a Providência divina. Escrevo – previno logo de início – para os meus muito amados filhos salesianos, *proibindo que, assim antes como depois da minha morte, se dê publicidade aos assuntos aqui apresentados.*

Para que servirá então este trabalho? Servirá de norma para superar as dificuldades futuras, aprendendo as lições do passado; servirá para dar a conhecer como o próprio Deus conduziu todas as coisas a cada momento; servirá de ameno entretenimento para meus filhos quando lerem as aventuras em que andou metido seu pai; e haverão de lê-las com mais gosto quando, chamado por Deus a prestar conta dos meus atos, já não estiver entre eles.

Perdoai-me quando encontrardes fatos expostos talvez com muita complacência e mesmo aparência de vanglória. Trata-se de um pai que tem a satisfação de falar de suas coisas a seus amados filhos, que, por sua vez, ficam satisfeitos de saber as pequenas aventuras de quem tanto os amou, e que, nas coisas pequenas como nas grandes, sempre se empenhou em trabalhar em seu benefício espiritual e temporal.

* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde à que se encontra em: São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855.* Tradução de Fausto Santa Catarina. Edição revista e ampliada, aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira. Brasília, Editora Dom Bosco 2012; todavia, foram introduzidas pequenas adaptações para a nossa linguagem atual. As notas desta edição foram substituídas por outras de autoria de Aldo Giraudo, que cuidou desta parte da presente coletânea, conforme a nota 5, abaixo.

[5] Esta edição das *Memórias* se atém à segunda edição do texto crítico publicado pelo Instituto Histórico Salesiano (Giovanni Bosco, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introduzione, note e testo critico a cura di Antonio da Silva Ferreira. Roma, LAS 1992); todavia, depois de cuidadoso confronto com os manuscritos, tomei a liberdade de alterá-lo em algumas passagens.

Apresento estas memórias divididas em décadas, ou períodos de dez anos, porque em cada uma delas se produziu um notável e sensível desenvolvimento de nossa instituição.

Meus filhos, quando lerdes estas memórias depois de minha morte, lembrai-vos que tivestes um pai afeiçoado, que antes de abandonar o mundo deixou estas memórias como penhor de seu carinho paterno; e ao vos recordardes de mim, rezai a Deus pelo repouso eterno da minha alma.

Dez anos de infância – Morte do pai – Penúrias familiares – A mãe viúva

Nasci no dia consagrado à Assunção de Nossa Senhora ao céu, no ano de 1815[6], em Morialdo, distrito de Castelnuovo d'Asti[7]. Minha mãe chamava-se Margarida Occhiena, de Capriglio, e meu pai, Francisco[8]. Eram camponeses que com trabalho e economia ganhavam honestamente o pão de cada dia. Meu bom pai, quase unicamente com seus suores, proporcionava sustento à vovó setuagenária[9] e cheia de achaques; a três meninos, o maior dos quais, Antônio, filho do primeiro matrimônio[10]; o segundo era José[11]; o mais moço, João, que sou eu; havia ainda dois empregados no campo.

Não tinha eu ainda 2 anos quando Deus misericordioso nos atingiu com uma grave desgraça. Um dia, o amado pai, cheio de saúde, na flor da idade, todo preocupado em educar cristãmente os filhos, de volta do trabalho, ensopado de suor, entrou imprudentemente na adega, subterrânea e fria. O resfriado manifestou-se à noitinha com violenta febre, precursora de forte pneumonia. Inúteis todos os cuidados. Em poucos dias encontrou-se às portas da morte. Munido de todos os confortos religiosos, recomendou à minha mãe que tivesse confiança em Deus, e faleceu na bela idade de 34 anos, em 12 de maio de 1817[12].

[6] Nos registros paroquiais e documentos civis a data de nascimento é o dia 16 de agosto. O segundo nome, *Melquior*, foi em homenagem ao avô materno, seu padrinho.

[7] Castelnuovo d'Asti (hoje *Castelnuovo Don Bosco*), município da província de Asti e diocese de Turim, naquele tempo contava com 3.000 habitantes, distribuídos entre a cidade e quatro povoados pelas proximidades: Morialdo, Bardella, Nevissano e Ranello.

[8] Margarida Occhiena (1784-1856). Capriglio é um lugarejo a 9 km de Castelnuovo. Francisco Luís Bosco (1784-1817) ficou viúvo (1811), depois casou com Margarida Occhiena em 6 de junho de 1812.

[9] Margarida Zucca, mãe de Francisco (1752-1826).

[10] Antônio José Bosco (1808-1849), nascido antes do primeiro matrimônio de Francisco com Margarida Cagliero (1784-1811).

[11] José Luís Bosco (1813-1862).

[12] Faleceu no dia 11 de maio de 1817.

Não sei o que aconteceu comigo em tão triste circunstância. Lembro apenas, e é o primeiro fato de minha vida que guardo na memória, que todos saíam do quarto do falecido e eu queria ficar lá a todo o custo. "Vem, João, vem comigo", insistia minha aflita mãe. "Se papai não vem, eu também não vou", retorqui. "Pobre filho, continuou mamãe, vem comigo, já não tens pai".

Ditas essas palavras, prorrompeu em soluços, tomou-me pela mão e levou-me para fora, ao passo que eu chorava porque a via chorar. Naquela idade não podia evidentemente compreender a grande desgraça que é a perda de um pai.

O acontecimento deixou a família profundamente consternada. Deviam-se manter cinco pessoas; as colheitas do ano, nosso único recurso, falharam por causa de terrível seca; os comestíveis chegaram a preços fabulosos. O trigo chegou a custar 25 francos a hemina[13], o milho, 16. Algumas testemunhas contemporâneas me afirmam que os mendigos pediam com sofreguidão um pouco de farelo para completar o cozido de grão-de-bico ou de feijão e se alimentarem. Nos prados foram encontradas pessoas mortas, com a boca cheia de capim, com o qual haviam tentado saciar a fome canina.

Mamãe contou-me várias vezes que alimentou a família enquanto pôde. Depois deu dinheiro a um vizinho chamado Bernardo Cavallo, para que fosse à procura de comestíveis. O amigo percorreu diversos mercados e nada encontrou, mesmo a preços exorbitantes. Voltou dois dias depois, pelo anoitecer, ansiosamente aguardado por todos. Quando comunicou que só trazia o dinheiro de volta, o medo se apoderou de todos, porque como se haviam alimentado muito mal nesse dia, eram de temer as funestas consequências da fome naquela noite. Sem perder a coragem, mamãe foi pedir emprestado aos vizinhos algo para comer, e não encontrou quem a pudesse ajudar. "Meu marido, comentou, disse-me, ao morrer, que tivesse confiança em Deus. Venham aqui, vamo-nos ajoelhar e rezar". Depois de breve oração levantou-se e disse: "Em casos extremos devem-se empregar meios extremos". Foi então ao estábulo juntamente com o senhor Cavallo, matou um bezerro e, fazendo cozinhar a toda pressa uma parte, pôde satisfazer a fome da família extenuada. Dias mais tarde foi possível encontrar cereais, a preços muito elevados, trazidos de povoados distantes.

É fácil imaginar quanto deve ter sofrido e labutado minha mãe naquele ano calamitoso. Entretanto, com um trabalho incansável, persistente economia, especulando sobre as pequeninas coisas, e com alguma ajuda deveras providencial foi possível superar a crise de víveres. Tais fatos contou-nos diversas vezes mamãe e confirmaram-nos parentes e amigos.

[13] Antiga medida para cereais, equivalente a aproximadamente 23 litros.

Passada a terrível penúria e melhorada a situação econômica, mamãe recebeu vantajosa proposta de casamento. Contudo, respondeu invariavelmente: "Deus me deu um marido e o tirou; ao morrer, deixou-me três filhos, e eu seria uma mãe cruel se os abandonasse justamente quando mais precisam de mim". Insistiram dizendo que os filhos seriam confiados a um bom tutor, que havia de cuidar muito bem deles. "Um tutor, respondeu a generosa mulher, é um amigo, ao passo que eu sou a mãe dos meus filhos. Não os abandonarei jamais, ainda que me oferecessem todo o ouro do mundo".

Seu maior cuidado foi instruir os filhos na religião, torná-los obedientes e ocupá-los em coisas compatíveis com a idade. Quando eu era pequenino, ela mesma me ensinou as orações; quando pude juntar-me aos meus irmãos, fazia-me ajoelhar com eles de manhã e de noite, e juntos rezávamos as orações e o terço. Lembro-me de que ela mesma me preparou para a primeira confissão: acompanhou-me à igreja, confessou-se antes de mim, recomendou-me ao confessor e depois me ajudou a fazer a ação de graças. Continuou a ajudar-me até me julgar capaz de sozinho confessar-me dignamente.

Assim cheguei aos 9 anos de idade. Mamãe queria enviar-me à escola, mas preocupava-se com a distância, já que estávamos a 5 quilômetros do povoado de Castelnuovo. Meu irmão Antônio opunha-se à minha ida ao colégio. Chegou-se então a uma solução. Durante o inverno iria à escola do pequeno povoado de Capriglio, onde pude aprender a ler e a escrever. Meu professor era um sacerdote muito piedoso, chamado José Lacqua[14]. Foi muito atencioso para comigo, interessando-se de bom grado pela minha instrução e mais ainda pela minha educação cristã. Durante o verão contentaria meu irmão, trabalhando no campo.

Um sonho

Nessa idade tive um sonho que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras: "Não é com pancadas mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus

[14] José Lacqua (1764-1847).

amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude".

Confuso e assustado repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar.

Quase sem saber o que dizer, acrescentei: "Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?". "Justamente porque te parecem impossíveis, deves torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência". "Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?". "Eu te darei a mestra, sob cuja orientação poderás tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se converte em estultice".

– Mas quem sois vós que assim falais?

– Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

– Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dizei-me, pois, vosso nome.

– Pergunta-o a minha mãe. Nesse momento vi a seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse: "Olha". Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais. "Eis o teu campo, onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto; e o que agora vês acontecer a esses animais, deves fazê-lo aos meus filhos".

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Neste ponto, sempre no sonho, desatei a chorar, e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo: "A seu tempo tudo compreenderás".

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu. Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos que desferira e doer-me o rosto pelos tapas recebidos; além disso, aquele personagem, a senhora, as coisas ditas e ouvidas de tal modo me encheram a cabeça que naquela noite não pude mais conciliar o sono. De manhãzinha contei

logo o sonho, primeiro aos meus irmãos, que se puseram a rir, depois à mamãe e à vovó. Cada um dava o seu palpite. O irmão José dizia: "Vais ser pastor de cabras, de ovelhas e de outros animais". Mamãe: "Quem sabe se um dia não serás sacerdote". Antônio, secamente: "Chefe de bandidos, isso sim". Mas a avó que, de todo analfabeta, entendia muito de teologia deu a sentença definitiva: "Não se deve fazer caso dos sonhos".

Eu era do parecer de minha avó, todavia não pude nunca tirar aquele sonho da minha cabeça. O que vou doravante expor dará a isso alguma explicação. Mantive-me sempre calado; meus parentes não lhe deram importância. Mas quando, em 1858, fui a Roma para falar com o Papa sobre a Congregação Salesiana, ele me fez contar pormenorizadamente tudo quanto tivesse ainda que só a aparência de sobrenatural. Contei então pela primeira vez o sonho que tive na idade de 9 a 10 anos. O Papa mandou-me escrevê-lo literalmente e com pormenores, e deixá-lo como estímulo aos filhos da Congregação, a qual era precisamente o objetivo de minha viagem a Roma[15].

Primeira década 1825-1835

1. Primeiros entretenimentos com os meninos – Pregações – O saltimbanco – Os ninhos

Por diversas vezes me perguntastes em que idade comecei a preocuparme com os meninos. Aos 10 anos fazia o que era compatível com essa idade: uma espécie de oratório festivo. Ouvi. Eu era ainda muito pequenino, e já estudava o caráter dos meus companheiros. Olhando para o rosto de um deles, quase sempre descobria os propósitos que lhe iam no coração. Era por isso muito querido e respeitado pelos da minha idade. Todos me escolhiam como juiz ou amigo. De minha parte fazia o bem a quem podia, e o mal a ninguém. Os companheiros me queriam com eles, para que os defendesse em caso de briga. Porque, embora pequeno de estatura, possuía força e coragem para incutir medo nos companheiros de idade bem maior. A tal ponto que surgindo brigas, discussões, rixas de qualquer espécie, era eu o árbitro dos contendores, e todos aceitavam de bom grado a sentença que eu ditasse.

Mas o que os reunia ao meu redor e os arrebatava até à loucura eram as histórias que lhes contava. Os exemplos ouvidos nas pregações ou no

[15] Dom Bosco visitou Roma pela primeira vez em 1858 e foi recebido em audiência pelo papa várias vezes. No encontro de 21 de março, Pio IX quis ouvir "tudo o que tivesse mesmo somente aparência de sobrenatural" (MB V, 882). Na mesma ocasião, Dom Bosco apresentou o projeto de fundação da Sociedade Salesiana (cf. P. BRAIDO*, Don Bosco prete dei Giovani...*, vol. I, pp. 378-390).

catecismo, a leitura de *Os Pares de França*, Guerino Meschino, Bertoldo e Bertoldino[16] fornecia-me bastante material. Nem bem me viam, os colegas corriam em tropel para que lhes contasse alguma coisa, eu que mal começava a compreender o que lia. Juntaram-se a eles alguns adultos, e, algumas vezes, indo a Castelnuovo ou de lá voltando, outras, num campo ou num prado, via-me rodeado de centenas de pessoas que acorriam para escutar um pobre menino que, salvo um pouco de memória, era jejuno na ciência, embora passasse entre eles por um grande doutor. *Monoculus rex in regno caecorum*[17].

Durante a estação invernal, queriam-me no estábulo para que lhes contasse algumas historietas. Reunia-se ali gente de toda idade e condição, e todos gostavam de passar a tarde inteira, cinco ou mesmo seis horas, a ouvir imóveis a leitura de *Os Pares de França*, que o pobre orador fazia, de pé sobre um banco, a fim de ser ouvido e visto por todos. Como, porém, diziam que vinham para ouvir a pregação, fazíamos todos o sinal da cruz e rezávamos uma *Ave-Maria* antes e depois das minhas narrativas.

1826

Na primavera, especialmente nos domingos e dias santos de guarda, reuniam-se os da vizinhança e muitos outros de fora. Então a coisa assumia um caráter mais sério. Proporcionava a todos um entretenimento com alguns brinquedos que eu havia aprendido de outros. Nos mercados e nas feiras, apresentavam-se frequentemente charlatões e saltimbancos, que eu ia ver. Observando atentamente as mínimas proezas, voltava para casa e exercitava-me até conseguir reproduzi-las. Imaginai os encontrões, batidas, tombos e trambolhões a que me expunha a cada momento. Havíeis de acreditar? Aos 11 anos fazia jogos de prestidigitação, dava saltos mortais, imitava a andorinha, andava com as mãos, caminhava, saltava e dançava na corda como um saltimbanco profissional.

Pelo que se fazia nos dias de festa, pode-se compreender o que se fazia nos outros.

Havia nos Becchi um prado, onde cresciam então algumas árvores, das quais resta ainda uma pereira[18], que naquele tempo muito me ajudou. Amarrava a essa árvore uma corda, que depois prendia em outra, a alguma

[16] *Os Pares de França* e *Guerino Meschino*: romances cavaleirescos franceses, divulgados em italiano por André Mangiabotti da Barberino (1370-1431). *Bertoldo e Bertoldino:* novelas burlescas de Júlio César Croce (1550-1609).

[17] Em terra de cegos quem tem um olho é rei.

[18] [...].

distância. Numa mesinha colocava a bolsa; depois estendia um tapete por terra para os saltos. Quando tudo estava preparado e o público ansioso para ver as novidades, convidava-os todos a rezar o terço, depois do qual se entoava um canto sacro. Subia então a uma cadeira, fazia o sermão, ou melhor, repetia o que lembrava da explicação do Evangelho ouvida pela manhã na igreja, ou contava fatos e exemplos ouvidos ou lidos em algum livro. Terminado o sermão, rezava-se um pouco e passava-se logo ao entretenimento. Poderíeis agora ver o orador, como disse antes, transformar-se num charlatão de profissão. Imitar a andorinha, dar o salto mortal, caminhar sobre as mãos de pernas para o ar, depois colocar o alforje aos ombros, engolir moedas para em seguida recobrá-las na ponta do nariz deste ou daquele espectador; mais: multiplicar bolinhas, ovos, mudar água em vinho, matar e reduzir a pedaços um frango e depois fazê-lo ressuscitar e cantar melhor do que antes, eram diversões comuns. Caminhava sobre a corda como por um caminho; saltava, dançava, pendurava-me ora com um pé ora com dois, com ambas as mãos ou com uma só. Depois de algumas horas de diversão, quando ficava bastante cansado, cessavam os jogos, fazia-se breve oração e cada um voltava aos seus afazeres.

Ficavam excluídos dessas reuniões os que houvessem blasfemado, tido más conversas, ou se recusado a tomar parte nas práticas religiosas.

Neste ponto, haveis de perguntar: "Para ir à feira, aos mercados, com o fito de assistir aos charlatões, preparar o necessário para os divertimentos, era preciso dinheiro. De onde saía?". Podia consegui-lo de diversas maneiras. Todas as moedas que mamãe ou outras pessoas me davam para compras ou gulodices, as pequenas gorjetas, os presentes, tudo eu guardava para essa finalidade. Além do mais, eu tinha grande habilidade em caçar passarinhos com arapuca, alçapão, visgo ou laços; era também muito entendido em ninhos. Juntando uma quantidade suficiente de tais objetos, sabia vendê-los muito bem. Os cogumelos, as ervas colorantes[19], a torga[20] eram também fonte de renda.

Perguntareis se mamãe gostava que eu levasse uma vida tão folgada e gastasse tempo bancando o charlatão. Deveis saber que ela me queria muito bem. Eu depositava nela ilimitada confiança, e sem seu consentimento não havia de mover um dedo. Ela tudo sabia, tudo observava e me deixava agir. Antes, havendo necessidade de alguma coisa, dava-ma com gosto. Os próprios coleguinhas e, em geral, todos os espectadores davam-me com satisfação o necessário para proporcionar-lhes os ambicionados passatempos.

[19] Erva tintória ou guado (*isatis tinctorius*), era usada para tingir tecidos.
[20] Variedade de erica (*erica scoparia*) que servia para fazer pequenas vassouras.

2. Primeira comunhão – Pregação da missão – O padre Calosso – Escola de Morialdo

Uma coisa que me preocupava era a falta de uma igreja ou capela para ir cantar e rezar com os meus companheiros. Para ouvir uma pregação ou um catecismo, era preciso percorrer aproximadamente dez quilômetros, entre ida e volta, ou então ir a Castelnuovo ou ao povoado próximo, Buttigliera[21]. Este era o motivo pelo qual meus colegas vinham de bom grado ouvir as pregações do saltimbanco.

Aos 11 anos fui admitido à primeira comunhão[22]. Sabia todo o pequeno catecismo, mas na maioria dos casos ninguém era admitido à Comunhão antes dos 12 anos. Como eu morava longe da igreja, o pároco não me conhecia, e assim devia limitar-me exclusivamente à instrução religiosa de minha boa mãe. Não querendo, porém, que eu crescesse em idade sem praticar esse grande ato da nossa santa religião, empenhou-se ela própria em preparar-me como melhor podia e sabia. Durante a quaresma, fez-me ir todos os dias ao catecismo. Fui depois examinado, aprovado, e marcou-se o dia em que todos os meninos deviam fazer a Páscoa.

Era impossível evitar a distração no meio de muita gente. Mamãe assistiu-me vários dias, e durante a quaresma levou-me três vezes para confessar-me. "Meu João, disse repetidas vezes, Deus está preparando um grande presente para ti, mas procura preparar-te bem, confessar, não calar nada na confissão. Confessa tudo, arrepende-te de tudo, e promete a Deus ser melhor para o futuro. Tudo prometi; se depois fui fiel, Deus é quem sabe. Em casa fazia-me rezar, ler um bom livro, dando-me os conselhos que uma mãe industriosa julga oportunos para seus filhos.

Naquela manhã não me deixou falar com ninguém, acompanhou-me à sagrada mesa e fez comigo a preparação e a ação de graças, que o vigário forâneo, chamado Sismondi[23], com muito zelo dirigia, alternando com todos em voz alta. Não quis que nesse dia me ocupasse em nenhum trabalho material, mas o passasse a ler e a rezar.

Entre muitas outras coisas, mamãe repetiu-me várias vezes estas palavras: "Meu filho, este foi um grande dia para ti. Estou certa de que Deus

[21] Buttigliera d'Asti: centro agrícola a 2,5 km de Castelnuovo; em 1834 contava com 2.170 habitantes.
[22] A celebração ocorria no período pascal. João, que completou 11 anos no dia 16 de agosto de 1826, possivelmente foi admitido à primeira comunhão na Páscoa de 1827.
[23] José Sismondi (1771-1826), pároco de Castelnuovo desde 1812. Vigário forâneo: título dado ao pároco que coordenava as paróquias de um vicariato. A diocese de Turim naquele tempo contava com 463.400 habitantes; as paróquias eram 242, subdivididas em 27 vicariatos.

tomou realmente posse do teu coração. Promete-lhe agora que farás o que puderes para te conservares bom até o fim da vida. Para o futuro, comunga frequentemente, mas jamais cometas sacrilégio. Diz sempre tudo na confissão. Sê sempre obediente, vai de boa vontade à doutrina e aos sermões, mas, por amor de Deus, foge como da peste dos que têm más conversas".

Guardei as recomendações de minha piedosa mãe e esforcei-me por praticá-las, e parece-me que desde esse dia houve alguma melhora em minha vida, especialmente na obediência e submissão aos outros, o que antes me custava muito, pois queria sempre fazer minhas objeções pueris a quem me dava alguma ordem ou conselho.

Houve naquele ano (1826)[24] uma solene missão em Buttigliera, proporcionando-me a oportunidade de ouvir diversas práticas. A fama dos pregadores atraía gente de toda a parte. Eu ia também junto com muitos outros. Depois de uma instrução e uma meditação ao cair da tarde, os ouvintes podiam regressar livremente às próprias casas.

Numa dessas tardes de abril, voltava eu para casa misturado à multidão, e junto conosco achava-se certo padre Calosso[25], de Chieri, homem de muita piedade. Apesar de já entrado em anos, percorria também ele a longa estrada para ouvir os missionários. Era capelão de Morialdo. Chamou-lhe a atenção o menino de pequena estatura, cabeça descoberta, cabelos crespos e encaracolados, a caminhar no meio dos outros. E entrou a falar comigo:

– De onde vens, meu filho? Por acaso foste também à missão?

– Sim, senhor, fui ouvir a pregação dos missionários.

– Será que entendestes alguma coisa? Tua mãe, quem sabe, faria para ti uma prática mais oportuna, não achas?

– É verdade, mamãe faz-me muitas vezes bons sermões; mas vou também com gosto ouvir os dos missionários, e parece-me havê-los entendido.

– Se fores capaz de repetir quatro frases das práticas de hoje, dou-te 4 soldos.

– O senhor quer frases da primeira ou da segunda pregação?

[24] Deveria dizer: 1829; o padre Calosso, de quem falará logo mais, se estabeleceu em Morialdo somente nos primeiros meses de 1829. Dois foram os jubileus celebrados naqueles anos: um promulgado por Leão XII para o ano santo de 1826, o outro concedido excepcionalmente por Pio VIII no dia 12 de junho de 1829. Aqui Dom Bosco confunde um jubileu com outro.

[25] João Melquior Félix Calosso (1760-1830), laureado em teologia, fora pároco em Bruino (localidade a 25 km de Turim) entre 1791 e 1813; obrigado a se demitir por causa de tensões com os senhores jacobinos do lugar.

– Como quiseres, contanto que me digas quatro frases. És capaz de lembrar de que é que se falou na primeira pregação?

– Na primeira pregação falou-se da necessidade de dar-se logo a Deus e não deixar a conversão para mais tarde.

– E que foi que o padre disse no sermão? – acrescentou o venerando ancião um tanto maravilhado.

– Lembro-me muito bem, e se quiser recito todo o sermão.

E sem mais delongas comecei a expor o exórdio, depois os três pontos, isto é, que quem adia a conversão corre grande perigo de que lhe falte o tempo, a graça ou a vontade. Ele deixou-me prosseguir por mais de meia hora, no meio da multidão. Em seguida perguntou: "Como te chamas? Quem são teus pais? Estudaste muito?".

– Chamo-me João Bosco; meu pai morreu quando eu era criança. Minha mãe é viúva e tem cinco bocas para alimentar. Aprendi a ler e também a escrever um pouquinho.

– Não estudaste o Donato[26], a gramática?

– Nem sei o que é isso.

– Gostarias de estudar?

– Muito, mesmo.

– Que é que te impede?

– Meu irmão Antônio.

– Por que é que Antônio não te deixa estudar?

– Porque como ele não quis ir à escola, diz que não quer que outros percam tempo em estudar como ele perdeu. Mas se eu pudesse ir, bem que estudaria e não havia de perder tempo.

– E para que é que gostaria de estudar?

– Para abraçar o estado eclesiástico.

– E por que motivo quererias abraçar esse estado?

– Para atrair a mim os meninos, falar-lhes, ensinar a religião a tantos companheiros meus, que não são maus, mas se tornarão tais porque ninguém cuida deles.

[26] "Donato" era o nome dado ao texto que se usava nas classes de latinidade inferior (*Donato ossia rudimenti di lingua latina ed italiana*. Turim, Stamperia Reale 1815): "gramática" era o texto usado nas classes superiores (*Nuovo metodo per apprendere agevolmente la lingua latina tratto dal francese... a uso delle scuole regie*. Turim, Stamperia Reale 1817, 2 volumes).

Esse meu modo de falar franco e, diria, atrevido, causou grande impressão naquele santo sacerdote, que enquanto eu falava não despegou os olhos de mim. Quando chegamos à altura do caminho onde era forçoso separar-nos, deixou-me com estas palavras: "Coragem. Vou pensar em ti e em teus estudos. Vem ver-me domingo com tua mãe, e combinaremos tudo".

No domingo seguinte fui, de fato, com mamãe, e ficou combinado que ele próprio me daria diariamente uma aula, e eu empregaria o resto do dia trabalhando no campo, para contentar o irmão Antônio. Antônio mostrou-se satisfeito, porque a coisa devia começar depois do verão, quando já não há muito trabalho no campo.

Coloquei-me logo nas mãos do padre Calosso, que havia poucos meses chegara àquela capelania. Abri-me inteiramente com ele. Manifestava-lhe prontamente qualquer palavra, pensamento e ação. Isso muito lhe agradou, porque dessa maneira podia orientar-me com segurança no espiritual e no temporal.

Fiquei sabendo assim quanto vale um guia estável, um fiel amigo da alma, que até então não tivera. Entre outras coisas, proibiu-me logo uma penitência que eu costumava fazer e que não era apropriada à minha idade e condição. Animou-me a frequentar a confissão e a comunhão, e ensinou-me a fazer todos os dias uma breve meditação, ou melhor, uma pequena leitura espiritual. Passava com ele todo o tempo que podia nos dias santificados. Nos dias de semana, quando possível, ia ajudar-lhe à santa missa.

A partir desse tempo comecei a perceber o que é a vida espiritual, pois antes agia de maneira um tanto material, qual máquina que faz uma coisa sem saber por quê.

Em meados de setembro, comecei regularmente o estudo da gramática italiana, que em pouco tempo pude concluir e exercitar com oportunas redações. No Natal comecei o Donato; na Páscoa, traduções do latim para o italiano e vice-versa. Durante todo esse tempo não abandonei nunca os entretenimentos dominicais no prado, ou no estábulo durante o inverno. Qualquer fato, sentença e mesmo qualquer palavra do mestre servia para entreter meus ouvintes.

Reputava-me feliz por haver satisfeito os meus desejos, mas uma nova provação, antes um grave infortúnio deitou por terra minhas esperanças.

3. Os livros e a enxada – Uma notícia má e outra boa – Morte do padre Calosso

Pelo tempo que durou o inverno e os trabalhos do campo não exigiam maiores cuidados, o irmão Antônio deixava-me à vontade para estudar.

Quando, porém, chegou a primavera, começou a queixar-se, dizendo que ele devia matar-se em trabalhos pesados, ao passo que eu perdia o tempo bancando o senhorzinho. Depois de vivas discussões comigo e com mamãe, resolveu-se, para conservar a paz em casa, que eu iria de manhã cedinho à escola e o resto do dia atenderia aos trabalhos materiais. Mas como estudar as lições? Como fazer as traduções?

Ouvi. A ida e a volta da escola proporcionavam-me algum tempo para estudar. Chegado em casa, segurava a enxada numa das mãos e na outra a gramática. Pelo caminho estudava *qui, quae, quod* etc. até chegar ao lugar do trabalho[27]; aí, lançando um olhar saudoso à gramática, punha-a num canto e começava a capinar, a ancinhar ou a recolher o capim com os outros, conforme a necessidade.

Na hora em que os outros costumavam merendar, punha-me de parte e comia, com o pão em uma das mãos, e estudava, com o livro na outra. De volta para casa repetia a mesma operação. O único tempo de que dispunha era na hora do almoço, da ceia e no que roubava ao repouso.

Não obstante tanto trabalho e boa vontade, o irmão Antônio não estava satisfeito. Disse um dia, em tom imperativo, à mamãe e depois ao meu irmão José: "Já chega. Vou acabar com essa gramática. Fiquei forte e gordo e nunca vi um livro". Dominado pela aflição e pela raiva, respondi o que não devia: "Não estás certo. Não sabes que o nosso burro é maior do que tu e nunca foi à escola? Queres parecer-te com ele?". Ao ouvir tais palavras, subiu à serra, e foi graças às minhas boas pernas que pude fugir e subtrair-me a uma chuva de pancadas e pescoções.

Mamãe estava muito aflita. Eu chorava. O capelão sentia pena. Informado das complicações de minha família, o digno ministro de Deus chamou-me um dia e disse-me: "Joãozinho, puseste em mim tua confiança, e não quero que isso seja inútil. Deixa, pois, esse irmão malvado, vem comigo e terás um pai amoroso".

Comuniquei imediatamente à mamãe o caridoso convite, e foi uma festa em casa. No mês de abril passei a conviver com o capelão, voltando para casa somente à noitinha para dormir.

Ninguém pode imaginar minha grande alegria. O padre Calosso tornou-se um ídolo para mim. Era um prazer imenso trabalhar para ele e até dar

[27] Início de uma regra gramatical formulada em rimas: "*Qui, quae, quod* qualora è messo / dopo il nome antecedente, / d'accopiarglisi consente / sol nel numero, e nel sesso" (cf. *Nuovo método...,* vol. I, p. 484). [Tradução: "*Qui, quae, quod* quando é posto / depois do nome que o antecede / é-lhe permitido / pôr-se de acordo / só quanto ao número e ao gênero"].

a vida por algo que fosse do seu agrado. Fazia mais progresso num dia com o capelão, que numa semana em casa. O homem de Deus afeiçoara-se tanto a mim que chegou a dizer-me por diversas vezes: "Não te preocupes com o teu futuro. Enquanto eu estiver vivo, nada te faltará. Se morrer, haverei de providenciar da mesma forma".

Minha vida andava mesmo de vento em popa. Julgava-me plenamente feliz, nada havia que ainda pudesse desejar, quando um desastre veio truncar todas as minhas esperanças.

Certa manhã de abril de 1828[28], o padre Calosso mandou-me dar um recado a meus parentes. Mal cheguei em casa, uma pessoa, correndo, ofegante, veio avisar-me que corresse imediatamente para junto do padre Calosso, que fora acometido de um grave mal e perguntava por mim. Não corri, voei para junto do meu benfeitor, que lamentavelmente encontrei de cama, sem fala. Sofrera um ataque apoplético. Reconheceu-me, queria falar, mas já não podia articular palavra. Deu-me a chave do dinheiro, fazendo gestos como para indicar que não a entregasse a ninguém. Após dois dias de agonia, o pobre padre Calosso voava ao seio do Criador. Com ele morriam minhas esperanças todas. Rezei sempre e enquanto viver não deixarei de rezar todas as manhãs por este meu insigne benfeitor.

Chegaram os herdeiros do padre Calosso e entreguei-lhes a chave e tudo o mais.

4. O padre Cafasso – Incertezas – Divisão fraterna – Escola de Castelnuovo d'Asti – A música – O alfaiate

Nesse mesmo ano, a divina Providência fez-me encontrar um novo benfeitor, o padre José Cafasso, de Castelnuovo d'Asti[29].

Era o segundo domingo de outubro (1827)37 e os habitantes de Morialdo festejavam a Maternidade de Nossa Senhora, para eles a solenidade principal. Muitos andavam atarefados em casa ou na igreja, enquanto outros mantinham-se como espectadores ou tomavam parte em jogos ou entretenimentos diversos.

Só vi uma pessoa longe de qualquer espetáculo. Era um clérigo[30] de pequena estatura, olhos cintilantes, aparência afável, rosto angélico. Apoiava-se

[28] Deveria dizer: novembro de 1830; o padre Calosso morreu no dia 21 de novembro de 1830, como resulta dos registros paroquiais.
[29] José Cafasso (1811-1860), mais tarde será o confessor e diretor espiritual de Dom Bosco.
[30] José Cafasso vestira o hábito clerical no dia 1º de julho de 1827, com a idade de 16 anos.

à porta da igreja. Fiquei como fascinado pela sua figura, e apesar de ter apenas 12 anos, movido pelo desejo de falar-lhe, aproximei-me e dirigi-lhe estas palavras: "Senhor cura, quer ver algum espetáculo da nossa festa? Eu o levo com muito gosto aonde desejar".

Ele fez gentilmente um sinal para que me aproximasse e começou a perguntar sobre minha idade, sobre o estudo, se já havia recebido a sagrada comunhão, com que frequência me confessava, aonde ia ao catecismo e coisas assim. Fiquei encantado por aquela maneira edificante de falar, respondi com satisfação a todas as perguntas e depois, como para agradecer-lhe a afabilidade, renovei o oferecimento de acompanhá-lo para ver algum espetáculo ou novidade.

– Meu caro amigo, replicou, os espetáculos dos padres são as funções de igreja, quanto mais devotamente se celebrarem, tanto mais agradáveis serão. Nossas novidades são as práticas da religião, que são sempre novas e, por isso, deve-se frequentá-las com assiduidade. Estou só esperando que se abra a igreja para poder entrar.

Criei coragem para continuar a conversa e acrescentei: "É verdade tudo quanto me diz. Mas há tempo para tudo: tempo para ir à igreja e tempo para divertir-se".

Ele se pôs a rir e concluiu com estas memoráveis palavras, que foram como o programa de toda a sua vida: "Quem abraça o estado eclesiástico entrega-se ao Senhor, e nada do mundo deve interessá-lo, a não ser o que pode redundar em maior glória de Deus e proveito das almas".

Muito impressionado, quis saber o nome do clérigo, cujas palavras e porte manifestavam em elevado grau o espírito do Senhor. Soube que era o clérigo José Cafasso, estudante do 1º ano de teologia, de quem em diversas ocasiões já ouvira falar como de um modelo de virtude[31].

A morte do padre Calosso foi para mim um desastre irreparável. Eu chorava desconsolado o benfeitor falecido. Acordado, pensava nele, dormindo, com ele sonhava; as coisas chegaram a tal ponto que mamãe, temendo pela minha saúde, mandou-me passar uma temporada com meu avô em Capriglio[32].

Tive nesse tempo outro sonho, no qual fui asperamente repreendido por haver posto minha esperança nos homens e não na bondade do Pai do céu. Entretanto acompanhava-me sempre a ideia de progredir nos estudos.

[31] Cf. n. 295.
[32] Melquior Occhiena (1752-1844).

Via alguns bons padres trabalhar no sagrado ministério, mas não podia contrair com eles nenhuma familiaridade.

Aconteceu encontrar-me muitas vezes pelo caminho com o pároco[33] e seu coadjutor. Cumprimentava-os de longe, e quando mais de perto fazia também uma inclinação. Eles, contudo, retribuíam sérios e corteses a saudação e continuavam andando. Repetidas vezes, chorando, disse de mim para mim e também a outros: "Se eu fosse padre, agiria de outro jeito. Gostaria de aproximar-me dos meninos, dizer-lhes uma boa palavra, dar-lhes bons conselhos. Como seria feliz se pudesse falar um pouco com o meu vigário. Com o padre Calosso tinha essa satisfação. Não terei nova oportunidade?".

Mamãe, vendo-me sempre aflito pelas dificuldades que se antepunham aos meus estudos e perdendo a esperança de conseguir o consentimento de Antônio, que já passava dos 20 anos, decidiu dividir os bens paternos[34]. Havia uma grande dificuldade, porque sendo eu e José ainda menores, era preciso percorrer muitos trâmites e enfrentar pesadas despesas. Apesar disso, a decisão foi mantida. Dessa maneira nossa família ficou reduzida a mamãe e a meu irmão José, que quis viver comigo sem dividir as partes. Vovó falecera alguns anos antes[35].

É verdade que a partilha tirava-me uma pedra do estômago e proporcionava-me plena liberdade de prosseguir os estudos. Não obstante, para atender às formalidades das leis foram precisos meses, e eu só pude frequentar as escolas públicas de Castelnuovo por volta do Natal desse ano de 1828, quando eu já vivia meus 13 anos de idade[36].

A entrada para uma escola pública, com professor novo, depois dos estudos feitos em particular, foi para mim um transtorno, pois quase tive de começar a gramática italiana para depois passar à latina. Por algum tempo ia todos os dias de casa à escola no povoado, mas no rigor do inverno isso era quase impossível. Entre duas idas e voltas somavam-se 20 quilômetros de caminho por dia. Passei então a ser pensionista de um bom homem chamado Roberto Gioanni, alfaiate e entusiasta do canto gregoriano e da música vocal. Como eu tinha uma voz razoável, dediquei-me com muito entusiasmo à arte musical, e em poucos meses pude fazer parte do coro e cantar solos com êxito. Mais: desejando empregar em alguma outra coisa as horas livres, pus-me a

[33] Preboste de Castelnuovo era o padre Bartolomeu Dassano (1796-1854). Tinha dois vice-párocos: padre Emanuel Virano (1789-1834) e padre Nicolau Moglia (1755-1838).
[34] A divisão do patrimônio foi feita em 1830, quando Antônio tinha 21 anos.
[35] Margarida Zucca faleceu no dia 11 de fevereiro de1826.
[36] Deveria dizer: dezembro de1830 (algumas semanas depois da morte do padre Calosso); João tinha 15 anos.

trabalhar como alfaiate. Em muito pouco tempo tornei-me capaz de pregar botões, coser bainhas, fazer costuras simples e duplas. Aprendi também a cortar ceroulas, coletes, calças, paletós. Tinha a impressão de haver-me tornado excelente mestre de alfaiataria.

Vendo-me progredir tanto no ofício, meu patrão fez-me propostas assaz vantajosas para que eu ficasse definitivamente com ele. Meus planos, porém, eram outros: queria progredir nos estudos. Se para evitar a ociosidade me ocupava em muitas coisas, fazia todos os esforços possíveis para atingir o objetivo principal.

Nesse ano corri algum perigo por parte de certos colegas. Queriam induzir-me a jogar durante o tempo das aulas. Como desculpa, disse que não tinha dinheiro, e então me sugeriram a maneira de arranjá-lo, roubando-o ao meu patrão ou à minha mãe. Para animar-me, dizia um colega: "Meu amigo, já é tempo de acordar, é preciso aprender a viver no mundo. Quem conserva os olhos vendados não vê por onde caminha. Vamos, arranja dinheiro e desfrutarás também tu os prazeres dos teus colegas".

Lembra-me a resposta: "Não chego a compreender o que queres dizer, todavia pelas tuas palavras parece-me que me aconselhas a jogar e a roubar. Não dizes todos os dias nas orações: *sétimo, não furtar*? Depois, quem rouba é ladrão, e os ladrões acabam mal. Por outro lado, minha mãe me quer muito bem; se lhe pedir dinheiro para coisas lícitas, ela me dá; nunca fiz nada sem sua licença, e não quero começar agora a desobedecer-lhe. Se teus colegas agem assim, não são boa coisa. Se não fazem, mas aconselham a outros, são malandros e malvados".

Estas palavras correram de boca em boca, e ninguém mais se atreveu a fazer-me propostas indignas. A resposta chegou até aos ouvidos do professor, que se tornou ainda mais afeiçoado a mim. Chegou também aos de muitos pais de meninos ricos que por isso exortavam os filhos a estarem comigo. Pude destarte escolher com facilidade um grupo de amigos que me queriam bem e obedeciam como os de Morialdo.

As coisas iam-se encaminhando muito bem, quando novo incidente veio transtorná-las. O padre Virano[37], meu professor, foi nomeado pároco de Mondônio, diocese de Asti. E assim, em abril desse ano de 1830, nosso querido professor tomava posse da sua paróquia. Foi substituído por outro que, incapaz de manter a disciplina, quase deitou a perder quanto eu havia aprendido nos meses anteriores.

[37] Emanuel Virano (1789-1834), vice-pároco e professor; assumiu a cura pastoral de Mondonio em abril de 1831.

5. Aulas em Chieri – Bondade dos professores – Os quatro primeiros cursos de gramática

Depois de tanto tempo perdido, ficou resolvido que eu iria para Chieri, a fim de aplicar-me com seriedade ao estudo. Era o ano de 1830[38]. Para quem foi criado na roça e só conheceu um ou outro povoado do interior, qualquer pequena novidade causa grande impressão. Hospedei-me na casa de uma conterrânea, Lúcia Matta, viúva com um só filho, que se mudara para aquela cidade a fim de assisti-lo e vigiá-lo[39]. A primeira pessoa que fiquei conhecendo foi o padre Valimberti, de saudosa memória[40]. Deu-me oportunos conselhos para manter-me longe dos perigos; convidava-me a ajudar-lhe a missa, e isso lhe oferecia o ensejo de dar-me sempre alguma boa sugestão. Levou-me ele próprio ao prefeito das escolas[41] e apresentou-me aos demais professores. Como os estudos feitos até então consistiam num pouco de tudo, vindo a dar em nada, aconselharam-me a entrar para a sexta classe[42] que corresponderia hoje ao curso preparatório para o 1º ginasial.

O professor de então, o teólogo Pugnetti[43], também de grata memória, usou de muita caridade para comigo. Atendia-me na escola, convidava-me para ir à sua casa e, compadecido de minha idade e boa vontade, tudo fazia para ajudar-me.

Minha idade e corpulência faziam-me parecer uma alta coluna no meio dos pequenos colegas. Ansiava por sair dessa situação. Submetido a exame, fui promovido à quinta classe, porque, depois de dois meses na sexta, havia tirado o primeiro lugar. Entrei com muita satisfação para a nova classe, porque os condiscípulos eram maiorzinhos e, além disso, tinha como professor a pessoa querida do padre Valimberti. Conquistando várias vezes o primeiro

[38] Deveria dizer: 1831. O ano escolar começava no dia 1º de novembro e terminava no dia 21 de junho.
[39] Lúcia Pianta (1783-1851), viúva de José Matta (cf. Secondo CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri: 1831-1841. Dieci anni che valgono uma vita*. Turim, Edizione Acclaim 1988, p. 24).
[40] Chamava-se Plácido Miguel Felipe Valimberti (1803-1848), capelão da igreja de São Guilherme (próxima da casa de Lúcia Matta) e professor da quinta classe desde1830 até 1839.
[41] O dominicano Pio Eusébio Sibilla (nascido em 1770), professor de filosofia. O prefeito das escolas, segundo *Regulamento*, devia ser um eclesiástico. Tinha a missão de manter "a observância da boa ordem nas escolas e na congregação e o cumprimento exato do que era prescrito tanto aos professores e mestres, quanto a todos os estudantes da cidade onde residiam" (cf. *Regie patenti colle quali S. M. approva l'annesso Regolamento per le scuole tanto comunali che pubbliche, e Regie,* in data 23 luglio 1822. Turim, Stamperia Reale 1822, pp. 32-34).
[42] A escola superior compreendia 3 classes de *latinidade inferior* (*sexta; quinta; quarta*) e 3 classes de *latinidade superior* (*terceira ou gramática; humanidades; retórica*)
[43] Valeriano João Domingos Pugnetti (1807-1868).

lugar, fui, dois meses depois, admitido por via excepcional a outro exame, passando então para a quarta, que corresponde ao sexto ano.

O professor dessa classe era José Cima[44]. Homem exigente na disciplina. Ao ver aparecer em sua aula, na metade do ano, um aluno alto e encorpado como ele, disse brincando em plena aula:

– Aí está uma enorme toupeira ou um grande talento. Que acha? Confuso ante a figura severa do professor, respondi: "Uma coisa média. É um pobre rapaz, que tem boa vontade de cumprir com seu dever e progredir nos estudos".

Agradaram-lhe tais palavras, e com desusada afabilidade acrescentou: "Se tem boa vontade, está em boas mãos; não o deixarei sem trabalho. Coragem, e se encontrar alguma dificuldade, diga-me logo, que eu a resolverei". Agradeci de coração.

Estava havia dois meses nessa classe quando um pequeno incidente fez falar de mim. O professor estava explicando a vida de Agesilau, escrita por Cornélio Nepos. Naquele dia eu não havia trazido o livro, e para disfarçar o esquecimento conservava aberto à minha frente o Donato. Os companheiros perceberam. Riu o primeiro, continuou o segundo, e a desordem generalizou-se.

"Que é que há?, disse o preceptor, que é que há?". Como os olhares de todos convergiam para mim, mandou-me fazer a construção e repetir sua explicação. Levantei-me então, e segurando sempre o Donato nas mãos, repeti de cor o texto, a construção e a explicação. Os companheiros instintivamente, entre gritos de admiração, bateram palmas. Nem é preciso dizer a que ponto o professor se enfureceu, porque era a primeira vez que, na sua opinião, não conseguia manter a disciplina. Deu-me um safanão, que evitei baixando a cabeça; depois, pondo a mão sobre o meu Donato, pediu explicações da desordem aos vizinhos. Disseram: "Bosco teve sempre o Donato nas mãos, e leu e explicou como se fosse o livro de Cornélio".

O professor pegou do Donato, fez-me continuar ainda dois períodos e depois acrescentou: "Pela sua feliz memória perdoo-lhe o esquecimento. Tem sorte. Procure servir-se bem dela".

Ao final daquele ano escolar (1830-1831)[45], passei com boas notas para a terceira de gramática, ou seja, o 3º ginasial.

[44] Vicente José Cima (1810-1854) não será sacerdote, mas clérigo tonsurado.
[45] Deveria dizer: 1831-1832.

6. Os colegas – Sociedade da Alegria – Deveres cristãos

Durante as primeiras quatro classes tive de aprender por minha conta como tratar os colegas. Dividira-os em três categorias: bons, indiferentes, maus. Estes últimos devia evitá-los absolutamente e sempre, assim que os conhecesse. Com os indiferentes havia de entreter-me por delicadeza e por necessidade. Com os bons podia travar amizade, quando fossem verdadeiramente tais. Como não conhecia ninguém na cidade, resolvi não contrair familiaridade com ninguém. Tive, entretanto, de lutar e muito com os que não conhecia bem. Alguns queriam levar-me ao teatro, outros a disputar uma partida, outros a nadar[46]. Houve até quem quisesse induzir-me a roubar frutas dos pomares e nos campos.

Um deles foi tão descarado que me aconselhou a roubar da minha patroa um objeto de valor para comprarmos caramelos. Livrei-me dessa caterva de infelizes fugindo rigorosamente de sua companhia, à medida que os ia descobrindo. De ordinário respondia que minha mãe me havia confiado à dona da casa onde estava hospedado, e que pelo amor que lhe tinha não queria ir a lugar algum nem nada fazer sem o consentimento da boa dona Lúcia.

Minha firme obediência à boa senhora foi-me útil também materialmente, pois com muita satisfação confiou-me seu filho único[47] de temperamento muito vivo, grande amigo das brincadeiras, pouquíssimo do estudo. Encarregou-me de repassar-lhe as lições, embora estivesse numa classe superior à minha. Cuidei dele como de um irmão. Com jeito, pequenos presentes, entretenimentos caseiros, e levando-o às práticas religiosas, tornei-o dócil, obediente e estudioso, a tal ponto que depois de seis meses havia-se tornado bastante bom e aplicado, satisfazendo o professor e conseguindo lugares de honra na sua classe. A mãe ficou muito contente e em retribuição perdoou-me toda a pensão mensal.

Como os companheiros que me queriam levar às desordens eram os mais desleixados nos deveres escolares, começaram também a recorrer a mim para que lhes fizesse o favor de lhes emprestar ou ditar o tema da aula. Isso desagradou ao professor, porque minha mal-entendida benevolência favorecia-lhes a preguiça, e me proibiu de ajudá-los. Recorri então a um meio menos

[46] Eram atividades proibidas pelos regulamentos escolares "sem licença do prefeito dos estudos" (*Regie patenti*..., pp. 20-21, artigos 42-43).

[47] "João Batista Matta, de Castelnuovo d'Asti, há muitos anos prefeito da sua terra, atualmente dono de uma casa comercial no mesmo lugar" (nota de Dom Bosco no manuscrito original). João Batista Matta 1809-1878), prefeito de Castelnuovo de 1863 até 1867.

prejudicial, isto é, explicar as dificuldades e ajudar os mais atrasados. Dessa maneira agradava a todos e conquistava o afeto e a estima dos colegas.

Começaram a vir para brincar, depois para ouvir fatos e fazer a tarefa de aula, e, por fim, sem motivo algum, como os de Murialdo e de Castelnuovo. Para dar um nome a essas reuniões, costumávamos chamar-lhe Sociedade da Alegria. O nome vinha a calhar, porque cada sócio tinha a obrigação estrita de arranjar livros e provocar assuntos e brincadeiras que pudessem contribuir para estarmos alegres. Tudo o que pudesse ocasionar tristeza, especialmente as coisas contrárias às leis do Senhor, estava proibido. Assim, quem houvesse blasfemado ou tomado o nome do Senhor em vão, ou tido más conversas, era imediatamente expulso da sociedade. Encontrando-me desse modo à testa de uma multidão de companheiros, assentamos de comum acordo estas bases: primeiro, todo membro da Sociedade da Alegria deve evitar qualquer conversa ou ação que desdiga de um bom cristão; segundo, exatidão no cumprimento dos deveres escolares e religiosos. Isso contribuiu para granjear-me a estima dos colegas, a ponto de, em 1832, ser respeitado por eles como o capitão de um pequeno exército. Por toda a parte era convidado para organizar entretenimentos, assistir alunos em suas próprias casas e também dar aulas de repetição em domicílio. Por meio disso a divina Providência facilitava-me a aquisição de quanto me era necessário, como roupas, objetos escolares e outros, sem causar nenhum incômodo à minha família.

7. Bons companheios e práticas de piedade

Entre os que compunham a Sociedade da Alegria, pude descobrir alguns elementos verdadeiramente exemplares. Merecem ser nomeados Guilherme Garigliano, de Poirino, e Paulo Braia, de Chieri[48]. Participavam com gosto da honesta recreação, mas colocavam sempre em primeiro lugar os deveres escolares. Ambos apreciavam o recolhimento e a piedade, e constantemente me davam bons conselhos. Nos dias santos, após a reunião regulamentar do colégio[49], íamos à igreja de Santo Antônio, onde os jesuítas explicavam estupendamente a doutrina[50], enriquecida de exemplos que ainda recordo.

[48] Guilherme Garigliano (1819-1902) irá para o seminário junto com João e se tornará sacerdote. Poirino: povoado agrícola a 5 km de Chieri. Paulo Vitório Braje (1821832) faleceu naquele ano por infecção pulmonar.

[49] O *Regulamento* previa para cada escola um diretor espiritual e uma capela (dita *Congregação*), na qual os estudantes assistiam todos os dias à missa também aos domingos (cf. *Regie patenie*..., p. 20, artigo 37-4).

[50] *Praefectus catechismi* na igreja de Santo Antônio era o jesuíta Isaías Carminati (1798-1851); em 1849

Durante a semana a Sociedade da Alegria reunia-se na casa de algum sócio para falar de religião. À reunião ia livremente quem queria. Garigliano e Braia eram dos mais assíduos. Por algum tempo entretínhamo-nos em amena recreação, em piedosas conversas, leituras religiosas, em orações, dando-nos bons conselhos e avisando-nos dos defeitos pessoais que alguém houvesse notado ou ouvido falar por outros. Sem que então o soubesse, estávamos pondo em prática o sublime aviso: *Feliz de quem tem um monitor.* É o que dizia Pitágoras: *Se não tendes um amigo que vos corrija os defeitos, pagai um inimigo para que vos preste esse serviço.*

Além dos amistosos entretenimentos, íamos ouvir pregações, confessar-nos e fazer a santa comunhão. Neste ponto é bom lembrar que naqueles tempos a religião formava parte fundamental da educação. Um professor, que mesmo por brincadeira pronunciasse uma palavra indecorosa ou irreligiosa, era imediatamente destituído do cargo. Se assim acontecia com os professores, imaginai a severidade que se usava com os alunos indisciplinados ou escandalosos! Nas manhãs dos dias de semana, ouvíamos a santa missa. No começo da aula, recitava-se devotamente o *Actiones* com a *Ave-Maria.* Depois, dizia-se o *Agimus* com a *Ave-Maria*.

Nos dias santos, os alunos reuniam-se todos na capela. Durante a entrada dos jovens fazia-se uma leitura espiritual, à qual se seguia o canto do ofício de Nossa Senhora; em seguida, a missa, e, depois, a explicação do Evangelho. À tarde, catecismo, vésperas, instrução. Todos deviam receber os santos sacramentos e, para impedir o descuido desses importantes deveres, eram obrigados a apresentar uma vez ao mês o bilhete de confissão. Quem não houvesse cumprido esse dever não era admitido aos exames do fim do ano, mesmo que fosse dos melhores no estudo. Essa disciplina severa produzia efeitos maravilhosos. Passavam-se anos sem que se ouvisse uma blasfêmia ou má conversa. Os alunos eram dóceis e respeitosos tanto na escola como em casa. E sucedia muitas vezes que em classes numerosíssimas todos eram aprovados no fim do ano para a classe superior. Meus condiscípulos da terceira, humanidades e retórica, foram sempre todos eles aprovados.

Para mim, o acontecimento mais importante foi a escolha de um confessor estável na pessoa do teólogo Malória, cônego da colegiada de Chieri[51]. Acolhia-me sempre com grande bondade toda vez que o procurava. Antes, animava-me a confessar e comungar com a maior frequência. Era muito raro

será chamado pela Universidade Gregoriana para ensinar direito eclesiástico (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri*..., pp. 50-52).

[51] José Maloria (1802-1857, cônego da colegiada de Chieri. Será confessor de João Bosco também durante os anos de seminário.

encontrar quem estimulasse à frequência dos sacramentos. Não me lembra que algum dos meus mestres me tenha aconselhado isso. Quem ia confessar-se e comungar mais de uma vez ao mês era tido como dos mais virtuosos, e muitos confessores não o permitiam. Eu, porém, creio que devo ao meu confessor não ter sido arrastado pelos colegas a certas desordens que os jovens inexperientes têm infelizmente que lamentar nos grandes colégios.

Nesses dois anos jamais esqueci os meus amigos de Murialdo. Conservei-me sempre em relação com eles e de quando em quando, na quinta-feira, fazia-lhes uma visita. Nas férias de outono, assim que sabiam da minha chegada, corriam de longe a encontrar-me e faziam sempre uma autêntica festa. Formou-se também entre eles a Sociedade da Alegria, à qual eram admitidos os que durante o ano se haviam distinguido pelo bom procedimento, e eliminados os que se haviam portado mal, mormente se houvessem blasfemado ou mantido más conversas.

8. Humanidades e retórica – Luís Comollo

Terminados os cursos básicos, recebemos a visita do Magistrado da Reforma[52], na pessoa do advogado professor padre José Gazzani, homem de elevados méritos. Foi muito bondoso para comigo, e eu fiquei-lhe agradecido, conservando dele agradável lembrança, ao ponto de estarmos depois sempre em estreito e amigável relacionamento. Esse honesto sacerdote vive ainda em Moltedo Superiore, perto de Oneglia, sua terra natal, e entre suas muitas obras de caridade concedeu uma bolsa de estudo no nosso colégio de Alassio para um menino que desejasse seguir a carreira eclesiástica.

Os exames foram muito rigorosos. Mesmo assim meus colegas foram todos aprovados para a classe superior, que corresponde ao nosso 4º ginasial. Corri então grande perigo de ser suspenso, por haver deixado copiar o trabalho a um colega. Se fui aprovado[53], devo-o à proteção do meu venerando professor padre Giusiana, dominicano, que conseguiu um novo tema para mim. Saí-me tão bem que fui aprovado com nota máxima.

Havia nesse tempo um louvável costume. Pelo menos um de cada curso era dispensado pela prefeitura da "*minervale*" de 12 francos[54], a título de prêmio. Para conseguir tal dispensa era preciso tirar nota máxima nos exames

[52] Magistrado da Reforma, antiga instituição preposta à instrução superior.
[53] Jacinto Giussiana (1774-1844).
[54] Taxas escolares.

e no procedimento. A sorte sempre me favoreceu e fui, em todos os cursos, dispensado do pagamento.

Perdi naquele ano um dos meus mais queridos colegas. O jovem Paulo Braia, querido e íntimo amigo, verdadeiro modelo de piedade, de resignação e viva fé, morria, após longa doença, no dia [10 de julho] de [1832], indo assim se juntar a São Luís, do qual se mostrou em toda a sua vida fiel seguidor. Todo o colégio sentiu muito sua morte; os colegas participaram juntos no seu enterro. E por longo tempo, muitos costumavam, em dia de folga, fazer a sagrada comunhão, rezar o ofício de Nossa Senhora ou o terço pela alma do amigo falecido. Deus, porém, dignou-se compensar essa perda com outro colega igualmente virtuoso, mas ainda mais notável por suas obras. Foi Luís Comollo, do qual daqui a pouco haverei de falar[55].

Terminei então o ano de humanidades, saindo-me muito bem, por sinal, que meus professores, de modo especial o doutor Pedro Banaudi[56], me aconselharam a solicitar o exame para passar à filosofia; fui, de fato, aprovado; todavia, como gostava do estudo das letras, pareceu-me bem continuar regularmente as classes e fazer o curso de retórica no ano 1833-1834[57]. Foi justamente nesse ano que se iniciou meu relacionamento com Comollo. A vida desse precioso companheiro foi escrita à parte e todos a podem ler quando quiserem[58]. Vou assinalar aqui um fato que me proporcionou a oportunidade de conhecê-lo, entre os estudantes de humanidades.

Dizia-se então entre os estudantes de retórica que naquele ano devia vir um aluno santo, que se dizia ser sobrinho do pároco de Cinzano, sacerdote adiantado em anos, mas conhecido por sua santa vida[59]. Eu desejava conhecê-lo, mas ignorava-lhe o nome. Um episódio fez com que eu pudesse conhecê-lo. Naquele tempo costumava-se brincar de carniça[60] na hora de entrar para a aula. Os mais desatentos e menos interessados pelo estudo eram os que mais gostavam desse jogo e em geral eram os mais valorizados pelos colegas.

Já havia alguns dias que se observava um modesto jovem de seus 15 anos, o qual, assim que chegava ao colégio, sentava-se no seu lugar e sem se preocupar com a gritaria dos demais punha-se a ler ou estudar. Um colega in-

[55] Luís Pedro Comollo (1817-1839).

[56] Pedro Banaudi (1802-1885), teólogo, professor de retórica no ano escolar de 1833-1834.

[57] Deveria dizer: 1834-1835.

[58] [Giovanni BOSCO], *Cenni storici sulla vita del chierico Luig Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue singolari virtù, scritti da un suo collega.* Turim, Tipografia Speiran e Ferrero 1844 (OE I, 1-84). Neste volume é apresentada a segunda edição (1854), cf. n. 305.

[59] Padre José Comollo (1768-1843).

[60] Carniça: nome popular de um jogo que consiste em pular, um depois do outro, sobre as costas de um colega até que este caia por terra.

solente aproximou-se dele, pegou-o por um braço, a fim de obrigá-lo a tomar parte da brincadeira.

– Não sei, respondia o outro, muito humilde e mortificado. Não sei, nunca brinquei assim.

– Quero que venhas do mesmo jeito; se não, vou fazer-te vir a poder de pontapés e bofetões.

– Podes bater como quiseres, mas eu não sei, não posso, não quero...

O colega ruim e mal-educado, puxou-o por um braço, empurrou-o e deu-lhe duas bofetadas, que ecoaram por toda a sala. Diante disso senti ferver o sangue nas veias e esperava que o ofendido se vingasse à altura; tanto mais que era muito superior ao outro em força e idade. Qual não foi, porém, meu espanto, quando o bom jovem com o rosto vermelho e quase arroxeado, lançando um olhar de compaixão ao mau colega, disse apenas: "Se isto basta para satisfazer-te, vai em paz, eu já te perdoei".

Esse ato heroico despertou em mim o desejo de saber-lhe o nome, que era justamente Luís Comollo, sobrinho do pároco de Cinzano, de quem se faziam tantos elogios. A partir de então o tive sempre como íntimo amigo, e posso dizer que dele aprendi a viver como cristão. Depositei nele plena confiança, e ele em mim; precisávamos um do outro. Eu, de ajuda espiritual, ele, de ajuda corporal. Porque, extremamente tímido, não ousava nem sequer tentar a defesa contra os insultos dos valentões, ao passo que eu, dada a minha coragem e força física, era temido por todos os companheiros, mesmo pelos mais velhos e de maior estatura. Isso tornou-se evidente um dia com alguns que queriam desprezar e bater em Comollo e noutro rapaz chamado Antônio Candelo, modelo de bonomia. Quis intervir em favor deles, mas não me davam atenção. Vendo então aqueles colegas inofensivos serem maltratados, disse em voz alta: "Ai de quem maltratar ainda um deles".

Bom número dos mais altos e desavergonhados puseram-se em atitude de defesa e ameaça contra mim, enquanto duas sonoras bofetadas caíam no rosto de Comollo. Nesse momento perdi as estribeiras e recorrendo não à razão mas à minha força brutal, não tendo à mão nem uma cadeira nem um bastão, segurei com as mãos um colega pelos ombros e servi-me dele como bastão para bater nos adversários. Quatro deles rolaram por terra, os outros fugiram gritando e pedindo piedade. Mas... ai! naquele momento o professor chegou à classe e ao ver braços e pernas pelo ar em meio a uma barulheira do outro mundo, pôs-se a gritar e a distribuir tapas a torto e a direito. A tempestade estava para cair sobre mim. Mas, informado da causa de toda aquela desordem, quis que se repetisse a cena, ou melhor, minha demonstração de

força. Todos riram, professor e alunos, e ante a expressão de maravilha de todos, não se pensou mais no castigo que eu havia merecido.

Bem outras lições dava-me Comollo. Disse-me: "Meu amigo, tua força me espanta; lembra-te, porém, de que Deus não a deu para massacrar os colegas. Ele quer que nos amemos, que perdoemos, que façamos o bem a quem nos faz o mal".

Admirado da caridade do colega, pus-me inteiramente em suas mãos, deixando-me guiar para onde e como lhe aprouvesse. De acordo com o amigo Garigliano, íamos juntos confessar, comungar, fazer a meditação, a leitura espiritual, a visita ao Santíssimo Sacramento, ajudar à santa missa. Sabia convidar-nos com tamanha bondade, doçura e delicadeza que era impossível escusar-nos.

Lembro-me de que um dia, conversando com um colega, passei diante de uma igreja sem descobrir a cabeça. Disse-me logo, com muito bons modos: "João, andas tão entretido em conversar com os homens, que até esqueces a casa do Senhor".

9. Fazendo café e licores – Dia onomástico – Uma desgraça

Depois desse olhar sobre a vida colegial, vou contar alguns fatos particulares que podem servir de amena distração.

No ano de humanidades mudei de pensão para estar mais perto do meu professor, padre Banaudi, e também para atender a um amigo de família chamado João Pianta[61], que naquele ano ia abrir um café na cidade de Chieri. Essa pensão era por certo muito perigosa, mas vivendo com bons cristãos e continuando o relacionamento com companheiros exemplares, pude continuar sem prejuízos morais. Como os deveres escolares me deixassem muito tempo livre, costumava empregá-lo parte na leitura dos clássicos italianos ou latinos, parte confeccionando licores e doces. Na metade daquele ano estava habilitado a preparar café, chocolate; dominava segredos e receitas para fazer toda espécie de doces, licores, sorvetes e refrescos. Meu patrão começou dando-me hospedagem grátis, e considerando que eu poderia ser útil ao seu negócio, fez-me vantajosas propostas, contanto que deixasse as outras ocupações para dedicar-me inteiramente ao ofício. Eu, porém, fazia esses trabalhos somente por divertimento e gosto, e minha intenção era continuar os estudos.

[61] João Pianta, irmão de Lúcia Matta; ficou em Chieri somente alguns anos (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri*..., p. 84).

O professor Banaudi era um verdadeiro modelo de professor. Sem jamais infligir castigo, fizera-se respeitar e amar por todos os seus alunos. Ele os amava a todos quais filhos, e eles o amavam qual carinhoso pai.

Como demonstração de apreço para com ele, decidimos dar-lhe um presente no seu dia onomástico. Para isso combinamos preparar composições em verso e em prosa, e arranjar alguma coisa que julgássemos ser de seu agrado.

A festa saiu esplêndida. O professor ficou contentíssimo, e para mostrar sua satisfação levou-nos a almoçar no campo. O dia foi muito agradável. Entre professor e alunos havia um só coração, e todos procuravam a maneira de exprimir a própria alegria. Na volta, antes de chegar à cidade de Chieri, o professor encontrou um forasteiro, ao qual teve de fazer companhia, deixando-nos sós por breve trecho de estrada. Foi quando chegaram alguns colegas de classes superiores, que nos convidaram a tomar banho num lugar denominado *La Fontana Rossa,* a cerca de dois quilômetros e meio de Chieri. Eu e mais alguns colegas nos opusemos, mas em vão. Alguns vieram comigo para casa, outros foram nadar. Triste decisão. Poucas horas depois de nossa chegada em casa, veio correndo um companheiro, depois outro, assustados e ofegantes, para dizer-nos: "Oh! se soubésseis, se soubésseis! Felipe N., que tanto insistiu por que fôssemos nadar, afogou-se"[62].

– Como?, perguntamos todos, se tinha fama de bom nadador!

– Que quereis?, continuou o outro, para animar-nos a lançar-nos na água, confiando na própria habilidade e não conhecendo os redemoinhos da perigosa *Fontana Rossa,* atirou-se por primeiro. Esperávamos que voltasse à tona, mas ficamos desapontados. Pusemo-nos a gritar, veio gente, empregaram-se todos os recursos e foi com risco de outros que, hora e meia depois, foi possível retirar o cadáver.

A desgraça causou em todos profunda tristeza. Nem naquele ano, nem no ano seguinte (1834)[63] ouviu-se dizer que alguém tenha sequer manifestado a ideia de ir nadar. Algum tempo faz, encontrei-me com alguns desses antigos amigos e recordamos com verdadeira dor a desgraça que aconteceu com o infortunado colega no redemoinho da *Fontana Rossa.*

[62] Felipe Maurizio Camandona, falecido em 18 de maio de 1834 (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri*..., p. 117).
[63] Deveria dizer: 1835.

10. O judeu Jonas

No ano de humanidades, morando ainda no café do amigo João Pianta, travei amizade com um jovem judeu chamado Jonas[64]. Tinha lá seus 18 anos. De muito bonito aspecto, cantava com voz de rara beleza. Jogava bilhar muito bem, e como nos conhecíamos de encontros na loja do livreiro Elias, apenas chegava ao bar perguntava logo por mim. Tinha-lhe grande afeto e ele uma grande amizade por mim. Mal encontrava um momento livre, vinha visitar-me; ficávamos a cantar, a tocar piano, a ler, ouvindo com gosto mil historietas que lhe ia contando. Sucedeu-lhe um dia uma encrenca, seguida de briga, que podia acarretar-lhe tristes consequências. Veio aconselhar-se comigo. "Se tu, caro Jonas, fosses cristão – disse-lhe –, levar-te-ia logo a confessar; mas isso não te é possível".

– Mas também nós, se quisermos, vamos confessar-nos.

– Sim, mas vosso confessor não está obrigado ao segredo, não tem poder de perdoar os pecados nem pode administrar nenhum sacramento.

– Se me levas, irei confessar-me com um padre.

– Podia levar-te, mas é preciso preparar-se bem.

– Como?

– Deves saber que a confissão perdoa os pecados cometidos depois do Batismo; por isso, se quiseres receber algum sacramento, é preciso que antes de qualquer outra coisa recebas o batismo.

– Que devo fazer para receber o batismo?

– Instruir-te na religião cristã, acreditar em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Isso feito, podes receber o batismo.

– Que vantagens me daria o batismo?

– O batismo cancela o pecado original e também os pecados atuais, abre caminho à recepção de outros sacramentos, faz-te, numa palavra, filho de Deus e herdeiro do céu.

– Nós, judeus, não podemos salvar-nos?

– Não, meu caro Jonas; depois da vinda de Jesus Cristo, os judeus não se podem salvar sem crer nele.

– Se minha mãe vier a saber que eu quero tornar-me cristão, pobre de mim!

[64] Pseudônimo de Jacó Levi (1816-1870).

– Não tenhas medo; Deus é senhor dos corações, e se ele te chama para seres cristão, fará com que tua mãe se conforme, ou haverá de prover de outra maneira o bem de tua alma.

– Mas tu que gostas tanto de mim, que farias se estivesses no meu lugar?

– Começaria por instruir-me na religião cristã. Entrementes Deus indicaria o que se deveria fazer no futuro. Para isso toma o pequeno catecismo, e começa a estudá-lo. Reza para que Deus te ilumine e te faça conhecer a verdade.

A partir desse dia começou a afeiçoar-se ao estudo da fé cristã. Vinha ao café e, assim que terminava uma partida de bilhar, procurava logo por mim a fim de conversar sobre religião e catecismo. No espaço de poucos meses aprendeu a fazer o sinal da cruz, o *Pai-nosso,* a *Ave-Maria,* o *Credo*, e as verdades principais da fé. Ele estava felicíssimo, e a cada dia melhorava na maneira de proceder e conversar.

Ainda menino perdera o pai. A mãe, chamada Raquel, já tinha farejado alguma coisa, mas nada sabia de concreto. A coisa foi descoberta assim. Um dia, ao fazer-lhe a cama, encontrou o catecismo, que o filho inadvertidamente havia esquecido entre os colchões. Pôs-se então a gritar pela casa afora, levou o catecismo ao rabino, e suspeitando do que realmente estava acontecendo, correu desabaladamente ao encontro de Bosco, de quem havia ouvido muitas vezes falar ao próprio filho. Imaginai o tipo da fealdade e tereis uma ideia da mãe de Jonas. Era cega de um olho, surda de ambos os ouvidos; nariz avantajado; quase sem dentes, lábios exorbitantes, boca torta, queixo longo e agudo, voz semelhante a um grunhido. Os judeus costumavam chamar-lhe Maga Lili, nome com que indicam a coisa mais feia da sua nação. Seu aparecimento me assustou, e, sem dar tempo para que me recompusesse, pôs-se a falar assim: "Saiba o senhor que está completamente errado; o senhor arruinou o meu Jonas; o desonrou diante de todos; eu não sei o que será dele. Receio que acaba fazendo-se cristão; e o senhor será o culpado".

Compreendi então quem era e de que falava. Com toda a calma expliquei que ela devia até se mostrar contente e agradecer a quem fazia o bem ao seu filho.

– Que bem é esse? Será um bem fazer renegar a própria religião?

– Acalme-se, boa senhora – disse-lhe –, e ouça. Eu não procurei seu filho Jonas; encontramo-nos na loja do livreiro Elias. Tornamo-nos amigos sem saber como. Ele me estima e eu também o estimo muito, e como verdadeiro amigo desejo que salve a própria alma e possa conhecer a religião fora da qual ninguém poderá salvar-se. Note bem que eu dei um livro a seu filho, dizendo-

-lhe apenas que se instruísse na religião e que caso se fizesse cristão não havia de abandonar a religião hebraica, mas a aperfeiçoaria.

– Se por desgraça ele se fizer cristão, deverá abandonar os nossos profetas, porque os cristãos não creem em Abraão, Isaque e Jacó, nem em Moisés, nem nos profetas.

– Ao contrário, nós cremos em todos os santos patriarcas e em todos os profetas da Bíblia. Seus escritos, ditos e profecias formam os fundamentos da fé cristã.

– Se por acaso aqui estivesse o nosso rabino, bem saberia como responder. Eu não sei nem o *Mishná* nem o *Gemara (*as duas partes do *Talmude*); mas que será do meu pobre Jonas?

Dito isso, foi-se embora. Seria longo contar aqui as muitas ofensas que me dirigiram a mãe, o rabino, os parentes de Jonas. Não houve ameaça, violência que não se empregasse contra o corajoso jovem. Ele tudo suportou e continuou a instruir-se na fé. Já não se sentindo seguro em família, viu-se obrigado a abandonar sua casa e a viver quase de esmola. Muitos, porém, o ajudaram. E para que tudo transcorresse com a devida prudência, recomendei meu amigo a um douto sacerdote, que usou para com ele de atenções paternas. Quando bem instruído na religião e impaciente por fazer-se cristão, celebrou-se uma grande festa[65], que foi de edificação para toda a cidade e de estímulo para outros judeus, alguns dos quais abraçaram mais tarde o cristianismo.

Foram padrinho e madrinha os cônjuges Carlos e Otávia Bertinetti[66]. Providenciaram tudo o que era preciso para o neófito que, tornando-se cristão, pôde ganhar honestamente o pão com seu trabalho. Passou a chamar-se Luís.

11. Jogos – Prestígios – Magia – Dando explicações

Junto com meus estudos e entretenimentos diversos como canto, piano, declamação, teatro, aos quais me entregava com grande entusiasmo, havia aprendido também diversos outros jogos. Baralho, bolinhas, malhas, perna de pau, saltos e corrida eram divertimentos muito gostosos nos quais, se não

[65] O batismo foi celebrado no dia 10 de agosto de 1834 (S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...*, p. 113).

[66] Dos registros de batismo sabemos que Otávia Maria Bertinetti foi a madrinha; ao passo que padrinho foi Jacinto Bolmida. O neófito, em honra dos padrinhos, assumiu o nome de Luís Jacinto Otávio Maria e o sobrenome Bolmida, pois, sendo menor, foi adotado pelo padrinho (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...,* pp. 110-115).

era especialista, não era por certo medíocre. Muitos deles aprendera-os em Morialdo, outros em Chieri; e se nos prados de Morialdo era simples aprendiz, naquele ano havia-me tornado razoável mestre. Isso causava muita admiração, porque naquele tempo tais jogos eram pouco conhecidos e pareciam coisas do outro mundo. Que dizer então dos prestígios?

Costumava dar muitas vezes espetáculos públicos e privados. Como muito me ajudasse a memória, sabia de cor grande parte dos clássicos, sobretudo poetas. Dante, Petrarca, Tasso, Parini, Monti e outros muitos eram-me tão familiares que deles me podia servir a meu bel-prazer, como coisa minha. Por esse motivo tinha grande facilidade de improvisar sobre qualquer argumento. Nesses entretenimentos, nesses espetáculos, algumas vezes cantava, outras tocava ou compunha versos que eram julgados obras-primas, mas que na realidade não eram senão trechos de autores adaptados ao tema proposto. Por esse motivo nunca dei minhas composições a outros. Alguma que cheguei a escrever, procurei lançá-la ao fogo.

A maravilha subia de ponto nos jogos de prestidigitação. Ver sair de um pequeno copo bolas e mais bolas, todas elas maiores do que ele, tirar de um pequeno bolso ovos e mais ovos eram coisas de fazer cair das nuvens. Quando então me viam extrair grandes bolas da ponta do nariz dos presentes, adivinhar o dinheiro dos bolsos alheios; quando com o simples toque dos dedos moedas de qualquer metal eram reduzidas a pó, ou fazia-se todo o auditório aparecer de aspecto horrível e até sem cabeças, então começaram alguns a pensar se eu não seria um bruxo, já que não podia fazer tais coisas sem a intervenção de algum diabo.

Contribuiu para aumentar essa fama o dono de minha casa, Tomás Cumino[67]. Era ele um fervoroso cristão, que gostava muito de brincadeiras, e eu sabia aproveitar-me do seu caráter e, diria, ingenuidade, para pregar-lhe toda a espécie de peças. Certa vez, com grande cuidado havia ele preparado um frango coberto com geleia para presentear alguns pensionistas no dia do onomástico deles. Levou o prato à mesa, mas ao descobri-lo, pulou para fora um galo a esvoaçar e cacarejar em todos os tons. De outra feita preparou uma panela de macarrão e depois de havê-lo feito cozer por muito tempo, ao despejá-lo no prato viu que a massa estava inteiramente crua. Várias vezes enchia a garrafa de vinho e ao deitá-lo no copo encontrava água pura; se depois decidia beber água, via o copo cheio de vinho. Doces mudados em fatias de pão, dinheiro da bolsa transformado em inúteis e enferrujados pedacinhos de

[67] Tomás Cumino (1765-1840), alfaiate; com ele residira também o estudante José Cafasso (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...,* p. 121). João Bosco morou com Cumino no ano de 1834-1835.

lata, o chapéu convertido em gorro, nozes e avelãs mudadas em saquinhos de minúsculos seixos eram coisas assaz frequentes.

O bom Tomás já não sabia o que dizer: "Os homens, dizia com seus botões, não podem fazer essas coisas. Deus não perde tempo em coisas inúteis; logo é o demônio que faz tudo isso". Não se atrevendo a falar com os de casa, aconselhou-se com o sacerdote vizinho, o padre Bertinetti[68]. E como este suspeitasse também de *magia branca* em tudo aquilo, resolveu levar o caso ao delegado das escolas, que naquele tempo era um respeitável eclesiástico, o cônego Búrzio, arcipreste e cura da catedral[69].

O cônego era uma pessoa muito instruída, piedosa e prudente, e sem falar com ninguém, chamou-me *ad audiendum verbum**. Cheguei à sua casa no instante em que rezava o breviário e, olhando-me com um sorriso, fez sinal para que aguardasse um pouco. Por fim disse-me que o seguisse a um escritório, e lá, com palavras corteses mas rosto severo, começou a interrogar-me assim: "Meu caro, estou muito contente com teus estudos e procedimentos até agora. Mas acontece que andam contando por aí muitas coisas a teu respeito... Dizem que conheces os pensamentos dos outros, advinhas o dinheiro que têm no bolso, fazes ver branco o que é preto, sabes das coisas antes que aconteçam, e por aí afora. Isso dá que falar de ti, e houve quem suspeitasse que te serves da magia, podendo haver nesses fatos uma intervenção do diabo. Dize-me, pois: quem te ensinou esta ciência? Onde a aprendeste? Dize-me tudo de maneira confidencial. Garanto que não me servirei disso senão para fazer-te o bem".

Sem perder a compostura, pedi-lhe 5 minutos de tempo para responder, e convidei-o a dizer-me a hora exata. Pôs a mão no bolso e não encontrou o relógio. "Se não tem relógio – acrescentei –, dê-me uma moeda de 5 soldos. Rebuscou os bolsos, mas não encontrou o porta-moedas". "Malandro, começou, encolerizado, ou tu serves ao demônio ou o demônio é que te serve a ti. Roubaste-me porta-moedas e relógio. Já não posso calar, sou obrigado a denunciar-te. Não sei como consigo ter-me sem dar-te uma sonora tunda". Vendo-me, todavia, calmo e sorridente, pareceu acalmar-se um pouco e prosseguiu: "Vamos levar a coisa com calma: explica-me estes mistérios. Como foi possível que porta-moedas e relógio saíssem dos meus bolsos sem que eu percebesse? Onde diabo foram parar esses objetos?".

[68] Luís Bertinetti (1794-1848), irmão de Carlos Bertinetti citado acima.

[69] Máximo José Burzio (1777-1847), cônego arcipreste da colegiada. Era a máxima autoridade eclesiástica de Chieri; desempenhava também o cargo de Delegado da Reforma para a vigilância quanto às escolas da cidade.

* Sentido da expressão latina: "Para dar as devidas explicações".

– Senhor arcipreste – comecei a dizer respeitosamente –, explico tudo em poucas palavras. Trata-se de habilidade manual, intuição, ou coisa preparada.

– Que intuição pode haver no caso do meu relógio e do meu porta-moedas?

– Explico tudo em duas palavras. Quando cheguei à sua casa, o senhor estava dando uma esmola a um pobre, e depois deixou o porta-moedas sobre um genuflexório. Indo depois deste para outro quarto, deixou o relógio sobre esta mesinha. Eu os escondi e o senhor pensava que trazia esses objetos consigo, ao passo que estavam debaixo deste abajur.

Assim dizendo, levantei o abajur, debaixo do qual estavam os objetos que segundo ele o demônio havia levado para outro lugar. Riu o bom cônego a valer; fez-me dar algumas demonstrações de destreza, e quando viu como fazer aparecer e desaparecer as coisas ficou muito satisfeito, deu-me um pequeno presente e concluiu: "Vai dizer a todos os teus amigos que *ignorantia est magistra admirationis"* [70].

12. Corrida – Salto – Varinha mágica – Ponta da árvore

Uma vez demonstrado que nos meus divertimentos não havia magia branca, pus-me de novo a reunir os colegas e a entretê-los como antes. Aconteceu nessa ocasião que alguns punham nas nuvens um saltimbanco que havia dado um espetáculo público com uma corrida a pé, atravessando a cidade de Chieri de uma extremidade a outra em dois minutos e meio, quase o tempo empregado por um trem à grande velocidade.

Sem medir as consequências de minhas palavras, disse que gostaria de competir com o saltimbanco. Um colega imprudente foi logo contar ao saltimbanco, e assim vi-me comprometido num desafio: um estudante desafia um corredor profissional! O lugar escolhido foi a alameda de Porta Torinese[71].

A aposta era de 20 francos. Como eu não dispusesse desse dinheiro, vários amigos pertencentes à Sociedade da Alegria vieram em minha ajuda. Juntou-se uma multidão de gente para assistir. Começa a corrida e o rival ganhou alguns passos à frente; porém, recuperando o terreno, deixei-o tão atrás de mim que ele, no meio da corrida, parou e deu a competição por perdida.

[70] "A ignorância gera a maravilha": citação livre das *Confissões* de Santo Agostinho (lib. XIII, c. 21): "*Ignorantia mater admirationis*".

[71] Porta Torinese (ou de Vajro): antiga porta dos muros de Chieri que se abria para os lados de Turim; foi demolida em 1850 (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...,* p. 101).

– Desafio-te a saltar, disse-me, mas quero apostar 40 francos, e até mais, se quiseres. Aceitamos o desafio, e cabendo a ele a escolha do lugar, determinou que se devia saltar um canal até o parapeito de uma pequena ponte. Ele saltou por primeiro e colocou o pé bem perto do murinho, de maneira que não era possível saltar mais do que isso. Desse jeito eu podia perder, não, porém, ganhar. Tive uma ideia que me ajudou. Dei o mesmo salto, mas apoiei as mãos no parapeito da ponte e fui cair além do murinho e do canal. Aplausos gerais.

– Quero fazer ainda um desafio. Escolhe qualquer jogo de destreza. Aceitei e escolhi o da varinha mágica, com a aposta de 80 francos. Tomei, pois, uma varinha, coloquei um chapéu numa ponta e apoiei a outra na palma de uma das mãos. Depois, sem tocá-la com a outra, fi-la saltar para a ponta do dedo mínimo, do anular, do médio, do indicador, do polegar; depois sobre o pulso, o cotovelo, os ombros, o queixo, os lábios, o nariz, a fronte; em seguida, refazendo o mesmo caminho, ela voltou à palma da mão.

– Não tenho medo de perder – disse o rival –, esse é o meu jogo preferido. Tomou a mesma varinha e com maravilhosa habilidade fê-la caminhar até os lábios, onde esbarrou no nariz um tanto comprido e perdeu o equilíbrio, sendo então forçado a pegá-la com a mão para não deixá-la cair ao chão.

Vendo arrasado seu pecúlio, o pobre homem exclamou quase furioso: "Prefiro qualquer outra humilhação à de ter sido derrotado por um estudante. Tenho ainda 100 francos e aposto esse dinheiro, ganha-o quem conseguir colocar os pés mais perto da ponta dessa árvore". Referia-se a um olmeiro, na avenida. Aceitamos também desta vez: de certo modo até gostaríamos que ele ganhasse, porque tínhamos pena dele e não queríamos arruiná-lo.

Trepou por primeiro no olmo e colocou os pés a tal altura que, por pouco mais que subisse, a árvore teria vergado, derrubando-o por terra. Todos concordavam em que não era possível subir mais alto. Fiz a minha tentativa. Subi até onde era possível, sem curvar a planta; depois, segurando-me à árvore com ambas as mãos, ergui o corpo e coloquei os pés cerca de 1 metro mais alto que o meu contendor.

Quem poderia descrever os aplausos da multidão, a alegria dos colegas, a fúria do saltimbanco e o meu orgulho por ter saído vencedor não dos meus condiscípulos, mas de um campeão de charlatões? Em meio, porém, à sua grande desolação, quisemos proporcionar-lhe um conforto. Compadecidos da tristeza do pobrezinho, dissemos-lhe que lhe restituíamos o dinheiro caso aceitasse uma condição, isto é, que nos pagasse um almoço no albergue do Muretto[72]. Aceitou agradecido. Fomos 22, tantos eram os meus partidários. O almoço custou 25 francos, de modo que pôde recuperar 215 francos.

[72] Deveria dizer: Muletto. O albergue ficava na praça d'Armas, hoje praça Cavour.

Foi na verdade uma quinta-feira muito alegre. Eu me cobri de glória por haver superado em habilidade um charlatão. Contentíssimos ficaram os colegas, que se divertiram a mais não poder com risos e um bom almoço. Contente também deve ter ficado o saltimbanco, que conseguiu reaver quase todo o seu dinheiro e saboreou um bom almoço. Ao separar-se agradeceu a todos, dizendo: "Restituindo-me este dinheiro evitais minha ruína. Agradeço-vos de todo o coração. Conservarei de vós boas recordações, mas não farei mais apostas com estudantes".

13. Estudos clássicos

Vendo-me passar assim o tempo em tantas distrações, direis que devia forçosamente descurar os estudos. Não nego que poderia ter estudado mais: deveis, todavia, saber que me bastava prestar atenção na aula para aprender quanto era necessário. Tanto mais que naquele tempo eu não fazia distinção entre ler e estudar, e com facilidade podia repetir a matéria de um livro que eu lesse ou ouvisse ler a outro. Mais, acostumado por minha mãe a dormir muito pouco, podia empregar dois terços da noite em ler à vontade e dedicar quase todo o dia a ocupações de livre escolha, como repasses, aulas particulares. Embora o fizesse por caridade ou amizade, alguns, todavia, me pagavam o trabalho.

Havia então em Chieri um livreiro judeu, chamado Elias[73], com o qual entrei em contato, associando-me à leitura dos clássicos italianos. Um soldo cada volume, que devolvia após haver lido[74]. Lia cada dia um volume da *Biblioteca popular*[75]. Empreguei o ano do quarto ginasial[76] na leitura dos autores italianos. No ano de retórica pus-me a estudar os clássicos latinos, e comecei a ler Cornélio Nepos, Cícero, Salústio, Quinto Cúrcio, Tito Lívio, Cornélio Tácito, Ovídio,Virgílio, Horácio Flacco e outros. Lia esses livros por divertimento e saboreava-os como se os houvesse compreendido inteiramente. Somente mais tarde percebi que não era verdade, porque, ordenado sacerdote, pondo-me a explicar a outros aquelas celebridades clássicas, percebi

[73] Elias Foà, comerciante de peças de fazenda; tinha seu negócio junto com o cunhado, livreiro, Tobias Iona (cf. S. CASELLE, *Giovanni Bosco a Chieri...,* p. 108).
[74] Um soldo correspondia a 5 centavos.
[75] *Biblioteca Popular Moral e Religiosa*: coleção de pequenos volumes de bolso, publicados semanalmente entre 1828 e 1830 pelo editor José Pomba (1795-1876), vendidos ao preço popular de 50 centavos cada um.
[76] Quarto ginasial: correspondia à classe de Humanidades.

que só com grande estudo e muita preparação conseguia penetrar-lhes o verdadeiro sentido e beleza.

Mas os deveres escolares, as aulas particulares, muita leitura, ocupavam o dia e parte notável da noite. Várias vezes sucedeu chegar a hora de levantar e eu tinha ainda em mãos as *Décadas* de Tito Lívio, do qual havia iniciado a leitura na noite anterior. Isso arruinou-me de tal modo a saúde, que por vários anos minha vida parecia à beira da tumba. Por isso é que aconselharei sempre a fazer o que se pode e não mais. A noite é feita para descansar e, exceto em caso de necessidade, ninguém após a ceia deve aplicar-se aos estudos. Um homem robusto resistirá até certo ponto, mas acabará por prejudicar em maior ou menor grau sua saúde.

14. Preparação à escolha do estado

Ia-se aproximando o fim do ano de retórica[77], época na qual os estudantes costumam decidir a própria vocação. O sonho de Morialdo estava gravado em minha memória; havia-se até renovado de maneira muito mais clara, e assim, se lhe quisesse dar fé, devia optar pelo estado eclesiástico, ao qual justamente me sentia inclinado. Porém, a pouca fé nos sonhos, meu estilo de vida, certos hábitos do meu coração e a falta absoluta das virtudes necessárias para esse estado tornavam duvidosa e bastante difícil a decisão nesse sentido.

Oh! tivesse então um guia que se interessasse pela minha vocação! Seria para mim um grande tesouro; faltava-me, porém, tal tesouro! Tinha um bom confessor, que pensava em fazer de mim um bom cristão, mas não quis nunca imiscuir-se na questão da vocação.

Aconselhando-me comigo mesmo, depois de ler algum livro que tratava da escolha do estado, decidi-me a entrar na Ordem Franciscana. Se me faço sacerdote secular, dizia de mim para mim, a minha vocação corre grande perigo de naufrágio. Abraçarei o estado eclesiástico, renunciarei ao mundo, entrarei para o claustro, entregar-me-ei ao estudo, à meditação, e assim na solidão poderei combater as paixões, especialmente a soberba, que deitou profundas raízes no meu coração. Apresentei o pedido aos conventuais reformados, prestei o exame correspondente[78], fui aceito, e assim tudo estava

[77] Retórica: a última classe da *latinidade superior*. João Bosco frequentou-a no ano de 1834-1835. O problema da escolha do estado de vida já o tinha levantado antes: o pedido de admissão entre os Franciscanos, de que falará mais adiante, foi apresentado em março de 1834.

[78] O exame ocorreu em 18 de abril de 1834 no convento de Nossa Senhora dos Anjos de Turim: a

preparado para entrar no convento da Paz, em Chieri[79]. Poucos dias antes do tempo marcado para a entrada, tive um sonho bastante estranho. Pareceu-me ver uma multidão daqueles religiosos com os hábitos rasgados, correndo em sentido contrário uns dos outros. Um deles veio dizer-me: "Procuras a paz, e aqui não haverás de encontrá-la. Observa a atitude dos teus irmãos. Deus te prepara outro lugar, outra messe".

Queria fazer algumas perguntas àquele religioso, mas um ruído me despertou e não vi mais nada. Expus tudo ao meu confessor, que não quis ouvir falar de sonhos nem de frades. "Neste assunto, respondeu, é preciso que cada um siga as próprias propensões, e não os conselhos dos outros."

Sucedeu, entretanto, um caso, que me pôs na impossibilidade de executar o meu projeto. Como os obstáculos eram muitos e permanentes, resolvi expor tudo ao amigo Comollo. Aconselhou-me a fazer uma novena, durante a qual escreveria ao tio pároco. No último dia da novena, em companhia do inolvidável amigo, fiz a confissão e a comunhão, depois ouvi uma missa e ajudei outra no altar de Nossa Senhora das Graças. De volta para casa encontramos uma carta do padre Comollo vazada nestes termos: "Considerando atentamente o exposto, aconselharia teu colega a desistir de entrar num convento. Vista o hábito clerical e enquanto prosseguir nos estudos haverá de conhecer melhor o que Deus dele quer. Não tenha medo de perder a vocação, porque com o recolhimento e as práticas de piedade ele superará todos os obstáculos".

Segui o sábio conselho e apliquei-me seriamente a quanto pudesse ajudar-me na preparação para a vestidura. Depois do exame de retórica, fiz o da tomada de hábito em Chieri, precisamente nos atuais aposentos da casa de Carlos Bertinetti, que ao morrer nos deixou por herança, e que haviam sido tomados em aluguel pelo arcipreste cônego Búrzio. Naquele ano o exame não foi em Turim como de costume, por causa do cólera-morbo que ameaçava os nossos povoados[80].

Quero notar aqui uma coisa que dá a conhecer claramente até que ponto se cultivava o espírito de piedade no colégio de Chieri. Durante os quatro anos em que frequentei aquelas escolas, não lembro haver ouvido uma conversa ou uma única palavra contra os bons costumes ou contra a religião.

aceitação se deu em 28 do mesmo mês (cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia dela religiosità cattolica*..., I, p. 45n).

[79] Era o convento dos Menores Observantes de Chieri, anexo à igreja de Santa Maria da Paz.

[80] O cólera-morbo se difundiu no Piemonte entre a primavera e o outono de 1835. Para evitar o contágio, o arcebispo dispôs que os exames de admissão à vestidura não fossem feitos na capital, mas junto à autoridade religiosa local (cf. *Circolare* aos párocos de 1º de setembro de 1835, no Arquivo Arquiepiscopal de Turim, *Provvisioni semplici 183,* conforme a data).

Terminado o curso de retórica, dos 25 alunos que compunham a classe, 21 abraçaram o estado eclesiástico; 3 tornaram-se médicos e 1, comerciante.

Indo a casa para as férias, deixei de fazer-me de saltimbanco e dediquei-me às boas leituras que, digo-o para vergonha minha, havia até então descuidado. Continuei, porém, a ocupar-me com os meninos, entretendo-os com contos, agradáveis distrações, cantos sacros; mais, observando que muitos já estavam crescidos, mas continuavam ignorantes nas verdades da fé, apresseime em ensinar-lhes também as orações cotidianas e outras coisas importantes naquela idade.

Era uma espécie de oratório, ao qual acudiam uns 50 meninos que me amavam e obedeciam como se eu lhes fora pai.

Segunda década 1835-1845

1. Vestidura clerical – Regulamento de vida

Tomada a decisão de abraçar o estado eclesiástico e prestado o respectivo exame, ia-me preparando para aquele dia tão importante, pois estava persuadido que da escolha do estado depende ordinariamente a salvação eterna ou a eterna perdição. Pedi a vários amigos que rezassem por mim; fiz uma novena, e no dia de São Miguel (outubro de 1834)[81] aproximei-me dos santos sacramentos. O teólogo Cinzano[82], pároco e vigário forâneo da minha terra natal, benzeu a batina e procedeu à vestidura antes da missa solene. Quando me mandou depor as vestes seculares com as palavras*: Exuat te Dominus veterem hominem cum actibus suis[83],* disse no meu coração: "Oh! quanta coisa velha há que tirar! Meu Deus, destruí em mim todos os maus hábitos". Quando, ao entregar-me o colarinho, acrescentou: *Induat te Dominus novum hominem, qui secundum Deum creatus est in iustitia et sanctitate veritatis[84]*, senti-me profundamente comovido e acrescentei de mim para mim: "*Sim, meu Deus, fazei que neste momento eu me revista de um novo homem, isto é, que a partir de agora eu comece uma vida nova, toda conforme à divina vontade, e que a justiça e a*

[81] Deveria dizer: 1835; a vestidura ocorreu no domingo de 25 de outubro de 1835. No dia 24 se celebrava a festa de São Rafael (São Miguel era celebrado no dia 29 de setembro).
[82] Antônio Pedro Miguel Cinzano (1804-1870), teólogo, preboste de Castelnuovo desde 1834.
[83] Cf. Cl 3,10.
[84] Cf. Ef 4,22-24.

santidade sejam o objeto constante dos meus pensamentos, das minhas palavras e das minhas obras. Assim seja. Ó Maria, sede a minha salvação".

Terminada a função na igreja, meu pároco quis promover outra inteiramente profana: levar-me à festa de São Miguel que se celebrava em Bardella, povoado de Castelnuovo. Queria assim manifestar-me benevolência, mas não era coisa oportuna para mim. Iria parecer um boneco de roupa nova, que se apresentava ao público para ser visto. Além do mais, depois de várias semanas de preparação para o dia suspirado, como sentir-me à vontade e almoçar no meio de gente de toda condição e sexo, reunida para rir, tagarelar, comer, beber e divertir-se; gente que na maioria ia em busca de divertimentos, danças e disputas de todo o gênero? Que companhia poderia fazer essa gente a quem na manhã do mesmo dia havia vestido o santo hábito para entregar-se totalmente ao Senhor?

O pároco tudo observou, e na volta para casa perguntou-me por que num dia de alegria geral me havia mostrado tão retraído e pensativo. Com toda a sinceridade respondi que a função da manhã não concordava nem em gênero, nem em número, nem em caso com a da tarde. "Mais ainda, acrescentei, ver padres bancarem os palhaços no meio dos convidados, já um tanto altos pelo vinho, quase despertou em mim aversão à minha vocação. Soubesse que havia de ser um desses padres, preferiria deixar este hábito e viver como um pobre leigo, mas bom cristão."

"O mundo é assim, respondeu-me o pároco, e é preciso tomá-lo como é. É preciso ver o mal para o conhecer e evitar. Ninguém se torna valente guerreiro sem aprender a manejar as armas. Assim devemos fazer nós, empenhados que estamos num contínuo combate contra os inimigos das almas.

Calei então, mas disse no meu coração: "Não mais irei a festejos públicos, a menos que seja obrigado por celebrações religiosas".

Depois daquele dia devia cuidar de mim mesmo. A vida levada até então devia ser radicalmente reformada. Nos anos passados não havia sido propriamente mau, mas dispersivo, vaidoso, dado a partidas, jogos, saltos, brinquedos e coisas assim, que alegravam no momento mas não satisfaziam o coração.

Para traçar um teor de vida estável e não o esquecer, escrevi os seguintes propósitos:

1º No futuro não participarei de espetáculos públicos em feiras e mercados; nem assistirei a bailes ou teatros; e na medida do possível não participarei dos almoços que se costumam dar em tais ocasiões.

2º Não farei mais exibições de mágicas, de prestidigitador, saltimbanco, malabarismo, corda; não tocarei violino, não irei mais à caça. Essas coisas todas considero-as contrárias à gravidade e ao espírito eclesiástico.

3º Procurarei amar e praticar o retiro, a temperança no comer e no beber; para repouso tomarei apenas as horas estritamente necessárias à saúde.

4º Como no passado servi o mundo com leituras profanas, assim no futuro procurarei servir a Deus com leituras religiosas.

5º Combaterei com todas as forças qualquer leitura, pensamento, conversa, palavras e obras contrárias à virtude da castidade. Pelo contrário, farei tudo o que contribuir para a conservação dessa virtude, por insignificante que seja.

6º Além das práticas ordinárias de piedade, não deixarei de fazer todos os dias um pouco de meditação e de leitura espiritual.

7º Contarei todos os dias algum exemplo ou máxima que aproveite à alma do próximo. Assim farei com os companheiros, com os amigos com os parentes, e quando não puder fazê-lo com outros, fá-lo-ei com minha mãe.

Estas as resoluções tomadas quando vesti a batina; e para que me ficassem bem impressas, coloquei-me diante de uma imagem de Nossa Senhora, li-as, e, após uma prece, prometi formalmente à celeste Benfeitora observá-las à custa de qualquer sacrifício.

2. Ida para o seminário

A 30 de outubro daquele ano, 1835, devia estar no seminário. O pequeno enxoval estava preparado. Todos os parentes estavam contentes, e eu mais do que eles. Somente minha mãe se mostrava preocupada e não desviava os olhos de mim, como se quisesse dizer alguma coisa. Na tarde anterior à partida, chamou-me e disse estas memoráveis palavras: "Meu Joãozinho, acabas de vestir a batina. Sinto toda a consolação que uma mãe pode sentir pela alegria do seu filho. Lembra-te, porém, de que não é o hábito que honra o teu estado, mas as virtudes que praticares. Se por desgraça vieres um dia a duvidar de tua vocação, ah! por caridade! não desonres a batina. Larga-a imediatamente. Prefiro ter como filho um pobre camponês, a um padre negligente nos seus deveres. Quando nasceste eu te consagrei a Nossa Senhora; quando começaste os estudos, eu te recomendei a devoção a nossa Mãe. Pois agora também recomendo-te que sejas todo dela. Ama os companheiros devotos de Maria. E se chegares a ser sacerdote, recomenda e propaga sempre a devoção a Nossa Senhora".

Ao terminar essas palavras, mamãe estava comovida. Eu chorava. "Mamãe, respondi, agradeço-lhe todas as suas palavras e tudo o que fez por mim; seus conselhos não foram dados em vão, serão por toda a vida o meu tesouro".

De manhã cedinho fui a Chieri e na tarde do mesmo dia entrei para o seminário. Depois de cumprimentar os superiores e de arrumar a cama, pus-me a passear com o amigo Garigliano pelos dormitórios, pelos corredores e depois pelo pátio. Erguendo os olhos para um relógio de sol, li este verso: *Afflictis lentae, celeres gaudentibus horae* [85]. "Eis, disse ao amigo, eis aí o nosso programa: vamos estar sempre alegres e o tempo passará depressa".

No dia seguinte começou um retiro de três dias e procurei fazê-lo da melhor maneira possível. Aí pelo fim, fui ter com o professor de filosofia, que era então o teólogo Ternavásio[86], de Bra, e pedi-lhe alguma norma de vida para cumprir com meus deveres e conquistar a benevolência dos meus superiores. "Uma coisa só, respondeu-me o digno sacerdote, o cumprimento exato do dever".

Tomei como base esse conselho e empenhei-me com toda a alma na observância das regras do seminário[87]. Não fazia distinção se a sineta chamasse para o estudo, para a igreja, ou então para o refeitório, o recreio, o repouso. Essa exatidão ganhou-me o afeto dos colegas e a estima dos superiores, a ponto que os seis anos de seminário foram para mim uma etapa muito agradável.

3. A vida do seminário

Os dias do seminário são mais ou menos sempre os mesmos, por isso relatarei os fatos de maneira genérica, descrevendo de maneira especial os de maior relevo. Começarei pelos superiores[88].

Eu queria muito bem aos meus superiores, e eles foram sempre muito bons para comigo; mas meu coração não estava satisfeito. Era costume visitar o reitor e os demais superiores à chegada das férias e quando se partia para elas. Ninguém ia falar com eles, a não ser quando chamado para receber algu-

[85] Lentas para os aflitos, céleres são as horas para os que estão alegres.
[86] Francisco Ternavásio (1806-1886).
[87] O *Regulamento* do seminário de Chieri fora aprovado por dom Luís Fransoni em 1832.
[88] Os superiores eram: o reitor Sebastião Mottura (1795-1876), o diretor espiritual José Mottura (1798-1876), o professor de teologia Lourenço Prialis (1803-1868), seu assistente (repetidor) Inocêncio Arduíno (18061880), os professores de filosofia Francisco Ternavásio, padre Mateus Testa (1782-1854) confessor e reitor da igreja de São Felipe anexa ao seminário.

ma reprimenda. Um dos superiores, por turno, vinha assistir cada semana o refeitório e os passeios; só isso. Quantas vezes queria falar, pedir-lhes conselho ou solução de dúvidas, e não podia fazê-lo. Mais: se algum superior por acaso passasse no meio dos seminaristas, todos, sem saber por que, fugiam precipitadamente para um lado ou para outro como de um animal bravio. Isso avivava em meu coração o desejo de ser quanto antes padre, para ficar no meio dos jovens, assisti-los e ajudá-los no que fosse preciso.

Quanto aos colegas, ative-me ao conselho de minha querida mãe, isto é, juntei-me a companheiros devotos de Maria, amigos do estudo e da piedade. Devo dizer, para norma de quem frequenta o seminário, que há nele muitos clérigos de grande virtude, mas há também elementos perigosos. Não poucos jovens, sem preocupar-se com a própria vocação, vão para o seminário sem possuir nem espírito nem vontade de um bom seminarista. Lembro-me até de ter ouvido de alguns colegas conversas realmente más. E quando, uma vez, foi feita uma revista nos pertences de alguns alunos, encontraram-se livros ímpios e obscenos de toda espécie. É bem verdade que tais companheiros abandonavam voluntariamente o hábito clerical ou eram expulsos do seminário, assim que descobertos. Entretanto, durante a permanência no seminário, eram como uma peste para os bons e para os maus.

Para evitar o perigo de tais colegas, escolhi alguns, notoriamente tidos como modelos de virtude. Eram Guilherme Garigliano, João Giacomelli[89], de Avigliana, e, mais tarde, Luís Comollo. Esses três colegas foram para mim um verdadeiro tesouro.

As práticas de piedade eram muito bem-feitas. Todas as manhãs, missa, meditação, terço; à mesa, leitura edificante. Naquele tempo lia-se a História Eclesiástica, de Bercastel[90]. A confissão era obrigatória cada quinze dias; mas quem quisesse podia confessar-se todos os sábados. Mas só se podia comungar aos domingos ou em solenidades especiais. Algumas vezes fazia-se durante a semana, mas para isso era necessário procurar um subterfúgio. Devia-se escolher a hora do café, ir meio às escondidas à vizinha igreja de São Felipe, fazer a comunhão, e depois voltar para juntar-se aos colegas na hora em que iam para o estudo ou para a aula. Essa infração do horário era proibida; mas os superiores davam um consentimento tácito, porque sabiam e, às vezes, viam e não diziam nada em contrário. Pude dessa maneira receber frequentemente a santa comunhão, que posso chamar com razão o alimento mais eficaz da minha vocação. Já foi remediada essa falha na vida de piedade, uma vez que, por

[89] João Francisco Giacomelli (1820-1901) sucederá a Dom Bosco como capelão do Pequeno Hospital de Santa Filomena e será seu confessor de 1873 para frente.
[90] Antoine Henri BÉRAULT-BERCASTEL*, Storia del cristianesimo.* Veneza, F. Stella 1793-1809, 36 volumes.

disposição do arcebispo Gastaldi, dispuseram-se as coisas de maneira a poder aproximar-se todas as manhãs da comunhão quantos quisessem fazê-lo.

[3a.] Divertimentos e recreios

O brinquedo mais comum durante o tempo livre era a conhecida barra comprida. No princípio tomei parte nele com muito gosto; mas como o brinquedo se assemelhava muito ao dos saltimbancos, aos quais havia definitivamente renunciado, quis renunciar também a este. Em determinados dias permitia-se o jogo de baralho, e nele participei durante algum tempo. Mas também aqui o doce misturava-se ao amargo. Conquanto não fosse um grande jogador, tinha, não obstante, tamanha sorte, que quase sempre ganhava. No fim das partidas estava com as mãos cheias de dinheiro; mas ao ver meus colegas aflitos por haverem-no perdido, ficava mais aflito do que eles. Acresce que eu prestava tanta atenção ao jogo, que depois já não podia rezar nem estudar, pois tinha a imaginação ocupada pelo *Rei de Copas* e pelo *Valete de Espadas*. Pelo ás de paus ou de ouro. Tomei então o propósito de não mais participar desse jogo, da mesma maneira como havia renunciado a outros. Fiz isso na metade do segundo ano de filosofia, em 1836.

Quando mais longa que de costume, a recreação era alegrada por algum passeio, que os seminaristas davam frequentemente pelos lugares mui pitorescos dos arredores de Chieri. Tais passeios eram úteis também para o estudo, pois cada um procurava exercitar-se nos temas escolares, perguntando ao colega ou respondendo a perguntas. Fora do tempo do passeio propriamente dito, podia cada um distrair-se andando com os amigos pelo seminário, conversando assuntos interessantes ou questões de estudo e piedade.

Nos recreios compridos, muitas vezes nos reuníamos no refeitório para fazer o chamado círculo de estudos[91]. Ali cada um indagava sobre o que não sabia ou não havia entendido bem no livro e na aula. Eu gostava muito e me era muito útil para o estudo, para a piedade e para a saúde. Comollo, que chegara ao seminário um ano depois de mim, destacava-se em fazer perguntas. Certo Domingos Peretti[92], atualmente pároco de Buttigliera, era muito loquaz e respondia sempre. Garigliano era excelente ouvinte; fazia apenas algumas reflexões. Eu era presidente e juiz inapelável.

[91] Círculo escolástico: atividade didática que visava ao aprofundamento dos tratados e ao exercício dialético. Era feito na parte da tarde por meia hora sob a direção do professr repetidor, que encarregava um aluno para defender uma tese e outro para confutá-la.

[92] Domingos Peretti (1816-1893) será pároco de Buttigliera Alta, localidade a 26 km de Turim, perto de Avigliana (não confundir com Buttigliera d'Asti).

Como se apresentassem em nossas conversações familiares questões e temas científicos, aos quais ninguém sabia dar resposta exata, dividíamos as dificuldades entre nós. Dentro de determinado prazo cada qual tinha de preparar a solução da dificuldade que lhe incumbia.

Meu recreio era frequentemente interrompido por Comollo. Pegava-me pela batina, pedia-me que o acompanhasse e levava-me à capela para uma visita ao Santíssimo Sacramento pelos agonizantes, rezar o terço ou o ofício de Nossa Senhora em sufrágio das almas do purgatório.

O maravilhoso colega foi para mim uma bênção. Sabia oportunamente avisar-me, corrigir-me, consolar-me, mas fazia-o com tal garbo e tamanha caridade, que de certo modo gostava de dar-lhe motivo a fim de desfrutar o prazer da correção. Tratava-o com familiaridade, sentia-me naturalmente levado a imitá-lo, e embora me encontrasse a incontáveis léguas de sua virtude, devo a ele se não me deixei arruinar pelos descuidados e, ao contrário, progredi na minha vocação. Só numa coisa nem sequer tentei imitá-lo: na mortificação. Ver um moço de 19 anos jejuar rigorosamente toda a quaresma e no tempo determinado pela Igreja; jejuar todos os sábados em honra de Nossa Senhora, renunciar muitas vezes ao café da manhã, almoçar por vezes apenas pão e água; suportar o desprezo, a injúria, sem dar jamais um sinal de ressentimento; vê-lo exatíssimo nos mínimos deveres de estudo e piedade, tudo isso me confundia e fazia-me ver no colega um amigo ideal, um estímulo ao bem, um modelo de virtude para quem vive no seminário.

4. As férias

As férias costumam ser um grande perigo para os clérigos, tanto mais que naquele tempo duravam quatro meses e meio[93]. Empregava o tempo lendo, escrevendo; mas como ainda não sabia aproveitar os dias livres, perdia-os sem muito fruto. Procurava entreter-me com algum trabalho manual. Fazia fusos, cavilhas, piões, bochas ou bolas no torno; fazia batinas; cortava, costurava sapatos; trabalhava o ferro, a madeira. Ainda agora há na minha casa de Morialdo uma escrivaninha, uma mesa com algumas cadeiras que lembram as obras-primas das minhas férias. Ocupava-me também em cortar capim no prado, ceifar o trigo no campo; em despampanar, desfilhar, vindimar, fazer vinho, espichar e coisas semelhantes.

Ocupava-me com os meninos de sempre, mas só podia fazê-lo aos domingos. Experimentei grande satisfação em dar catecismo a muitos companheiros meus, que aos 16 e também aos 17 anos ignoravam de todo as verda-

[93] As férias começavam no dia 24 de junho e terminavam no dia 30 de outubro.

des da fé. Ensinava alguns a ler e a escrever, com muito bom resultado; porque o desejo, diria até a febre de aprender trazia-me meninos de todas as idades. A aula era gratuita, mas eu exigia *assiduidade*, *atenção* e a *confissão mensal*. No princípio houve alguns que para não se submeterem a essas condições deixaram de frequentá-la. Isso serviu de lição e encorajamento para os outros.

Comecei também a pregar e dar palestras com licença e supervisão do meu pároco. Preguei sobre o Santíssimo Rosário no povoado de Alfiano[94], nas férias de física[95] que se seguiram ao segundo ano de filosofia; sobre São Bartolomeu apóstolo, depois do primeiro ano de teologia, em Castelnuovo d'Asti; sobre a Natividade de Maria, em Capriglio. Não sei com que fruto. Mas em todos os lugares era aplaudido, e assim a vanglória foi tomando conta de mim, até sofrer um desengano. Certa vez, depois da citada pregação sobre a Natividade de Maria, perguntei a um, que parecia dos mais inteligentes, a respeito da pregação que ele elogiava exageradamente, e me respondeu: "Sua pregação foi sobre as pobres almas do purgatório". E eu havia pregado sobre as glórias de Maria. Em Alfiano quis saber também o parecer do pároco, padre José Pellato[96], homem de muita piedade e doutrina, e pedi-lhe a opinião sobre a minha pregação.

– Seu sermão, respondeu, foi muito bonito, ordenado, exposto em boa linguagem, com pensamentos da Escritura; se continuar assim poderá ter êxito na pregação.

– Será que o povo compreendeu?

– Pouco. Meu irmão padre, eu e pouquíssimos outros.

– Mas como é que coisas tão simples não são entendidas?

– Ao senhor parecerão fáceis, mas para o povo são muito elevadas. Passar por alto a história sagrada, raciocinar rapidamente sobre uma série de fatos da história eclesiástica, tudo isso é coisa que o povo não entende.

– Então, que me aconselha a fazer?

– Abandonar a linguagem e a maneira dos clássicos de desenvolver o tema, falar em dialeto onde for possível, ou também em língua italiana, mas popularmente, popularmente, popularmente. Em vez de raciocínios, sirva-se de exemplos, comparações, apólogos simples e práticos. Lembre sempre que o povo compreende pouco, e que as verdades da fé nunca lhe são suficientemente explicadas.

[94] Alfiano Natta: povoado a 27 km de Castelnuovo.
[95] Física: o segundo ano de filosofia (verão de 1837); o primeiro ano de filosofia era dito *"lógica"*.
[96] José Pellato (1797-1864).

O paternal conselho serviu-me de norma em toda a vida. Conservo ainda, para vergonha minha, aqueles discursos, nos quais não descubro hoje senão vanglória e afetação. Deus misericordioso dispôs que recebesse essa lição: lição proveitosa para as pregações, catecismo, instruções e escritos,124 aos quais já naqueles tempos me dedicava.

5. Banquete no campo – O violino – A caça

Quando, há pouco, dizia que as férias são perigosas, referia-me exatamente a mim mesmo. Um pobre clérigo, sem que se dê conta, pode muitas vezes encontrar-se em graves perigos. Tive experiência disso. Um ano fui convidado para um almoço festivo em casa de alguns parentes. Não queria ir, mas como insistiam que não havia nenhum clérigo para ajudar na igreja, pareceu-me bem ceder aos repetidos convites de um tio e fui. Terminadas as funções sagradas, nas quais participei ajudando e cantando, fomos para o almoço. Até dado momento tudo correu bem; mas quando o vinho começou a fazer seus efeitos, a linguagem baixou a um nível que um clérigo não podia tolerar. Tentei fazer algumas observações, mas minha voz não foi ouvida. Não sabendo então que partido tomar, resolvi ir embora; levantei-me da mesa e apanhei o chapéu para sair, mas o tio se opôs. Outro começou a falar pior ainda e a insultar a todos os comensais. Das palavras passou-se aos fatos: gritaria, ameaças, copos, garrafas, pratos, colheres, garfos e facas, tudo juntava-se numa balbúrdia tremenda. Não tive, então, outra saída senão dar às pernas. Assim que cheguei em casa, renovei de todo o coração o propósito, já várias vezes tomado, de viver retirado se é que não queria cair.

Fato de outro gênero, mas igualmente desagradável, sucedeu-me em Croveglia[97], distrito de Buttigliera. Celebrando-se aí a festa de São Bartolomeu, fui convidado por outro tio a comparecer, a fim de ajudar nas sagradas funções, cantar e também tocar o violino, que tinha sido para mim um instrumento predileto, e que já havia abandonado. Tudo correu muito bem na igreja. O almoço era na casa do tio, que era o patrocinador da festa, e até aí nada que lamentar. Terminada a refeição, os comensais convidaram-me a tocar alguma coisa a título de passatempo. Neguei-me. "Pelo menos, disse um músico, acompanhe-me. Eu farei a primeira voz e o senhor a segunda".

Pobre de mim! Não soube dizer não e pus-me a tocar e toquei por algum tempo, até ouvir um burburinho e movimento de pés, que denotava a presença

[97] Deveria dizer: *Crivelle*, arrabalde de Buttigliera d'Asti, a 6,5 km de Castelnuovo. Croveglia é arrabalde do município de Villanova d'Asti.

de grande número de pessoas. Cheguei, então, à janela e vi um bom grupo de pessoas no pátio contíguo a dançar alegremente ao som do meu violino. Impossível exprimir com palavras a raiva que de mim se apoderou. "Como, disse aos comensais, eu que grito sempre contra esses espetáculos tenho que me converter em promotor deles? Isso não mais acontecerá". Entreguei o violino. Em casa fiz em mil pedaços o meu, e não me servi mais desse instrumento, muito embora se houvessem apresentado ocasiões e conveniências nas funções sagradas.

Mais um episódio, que me aconteceu na caça. Durante o verão pegava ninhos, no outono caçava com visgo, arapuca, laço e alguma vez também com espingarda. Certa manhã pus-me a perseguir uma lebre, e correndo de campo em campo, de vinha em vinha, atravessei vales e colinas durante várias horas. Cheguei por fim à distância de tiro do animal; com um disparo rompi-lhe as costelas, de modo que o pobre animalzinho tombou, deixando-me muito abatido por vê-lo morto. Quando ouviram o tiro meus colegas acudiram, e enquanto eles se alegravam pela presa, dei um olhar sobre mim mesmo e percebi que estava em mangas de camisa, sem batina, com um chapéu de palha, parecido a um contrabandista, e isso num lugar mais de 5 quilômetros longe de minha casa.

Fiquei muito mortificado, pedi desculpas aos companheiros pelo escândalo dado por aquela maneira de vestir, voltei logo para casa, e renunciei mais uma vez e de maneira definitiva a toda sorte de caça. Desta vez, com a ajuda do Senhor, mantive a promessa. Perdoe-me Deus o escândalo.

Esses três fatos deram-me uma terrível lição, e a partir de então entreguei-me com melhores propósitos à vida recolhida, e fiquei mesmo persuadido de que quem quer dar-se totalmente ao serviço do Senhor deve deixar inteiramente os divertimentos mundanos. É bem verdade que muitas vezes não são pecaminosos; mas é certo que pelas conversas que se travam, pela maneira de vestir, de falar e proceder, contêm sempre algum risco de ruína para a virtude, especialmente para a delicadíssima virtude da castidade.

[5a.] Amizade com Luís Comollo

Enquanto Deus conservou em vida o incomparável companheiro, estive sempre intimamente relacionado com ele. Durante as férias ia vê-lo muitas vezes, e muitas outras ele me procurava. Escrevíamo-nos com frequência. Via nele um moço santo. Amava-o pelas suas raras virtudes; ele me amava porque

o ajudava nos estudos, e quando eu estava com ele esforçava-me por imitá-lo em alguma coisa.

Numas férias veio passar um dia comigo, quando meus parentes se encontravam no campo para a ceifa. Deu-me a ler um sermão que devia pronunciar na próxima festa da Assunção de Maria; depois recitou-o acompanhando as palavras com gestos. Após algumas horas de agradável entretenimento, percebemos que era hora do almoço. Estávamos sós em casa. Que fazer?

– É fácil, disse Comollo, eu acendo o fogo, tu preparas a panela, e cozinharemos alguma coisa.

– Muito bem, respondi, mas vamos antes pegar um frango no quintal. Servirá de carne e de caldo; mamãe faz assim.

Conseguimos logo pegar um frango. Mas quem tinha coragem de matá-lo? Nenhum dos dois. Para chegar a uma solução satisfatória, decidimos que Comollo seguraria o animal pelo pescoço sobre um tronco de madeira e eu o cortaria com uma foice despontada. Desferi o golpe e a cabeça caiu ao chão. Espantados, recuamos instintivamente, a chorar.

– Tolos que somos, falou daí a pouco Comollo; disse o Senhor que nos servíssemos dos animais da terra para nosso bem; por que, pois, tanta relutância? Sem mais problemas recolhemos o animal, que, depenado e cozido, serviu-nos de almoço.

Eu devia ir a Cinzano para ouvir o sermão de Comollo sobre a Assunção, mas como estava incumbido de fazer o mesmo em outro lugar, só fui no dia seguinte. Dava gosto ouvir os elogios que de todas as partes se faziam à pregação de Comollo. Aquele dia (16 de agosto) era a festa de São Roque, que se costuma chamar dia da panela ou da cozinha, porque os parentes e os amigos costumam aproveitar para convidarem-se reciprocamente a almoçar e distrair-se com algum entretenimento público. Nessa ocasião aconteceu um episódio que mostrou até onde chegava meu atrevimento.

Estava-se à espera do pregador da solenidade. Já era hora de subir ao púlpito e ele não aparecia. Para tirar o pároco de Cinzano do apuro, dirigi-me a cada um dos muitos párocos presentes, pedindo e insistindo que algum deles fizesse um pequeno sermão ao numeroso povo reunido na igreja. Ninguém quis aceitar. Aborrecidos com meus repetidos convites, responderam-me asperamente: "Seu tonto![98] Fazer de improviso um sermão sobre São Roque não é como beber um copo de vinho; e em vez de amolar os outros, faça-o o senhor". Todos aplaudiram essas palavras. Mortificado e ferido no meu

[98] [...].

amor-próprio, respondi: "Não ousaria decerto oferecer-me, mas, uma vez que todos se recusam, aceito". Entoou-se na igreja um canto sacro para dar-me alguns instantes de concentração; depois de recordar a vida do santo que já havia lido, subi ao púlpito, fiz um sermão que sempre me disseram ter sido o melhor de quantos houvesse feito antes e depois.

Nessas férias e nessa mesma ocasião (1838) saí um dia a passeio[99] com meu amigo até uma colina, donde se descortinava vasta extensão de prados, campos e vinhas.

– Olha, Luís, comecei a dizer, que má colheita teremos este ano! Pobres camponeses! Tanto trabalho, e quase tudo em vão!

– É a mão do Senhor, respondeu, que pesa sobre nós. Acredita; nossos pecados são disto a causa.

– No ano que vem espero que o Senhor nos dará frutos mais abundantes.

– Também espero. E será bom para os que puderem aproveitá-los.

– Vamos lá, deixemos de lado ideias tristes; por este ano, paciência, mas no próximo teremos colheita mais abundante e faremos melhor vinho.

– Tu beberás dele.

– E tu pensas em continuar a beber a água de sempre?

– Espero beber um vinho muito melhor.

– Que queres dizer com isso?

– Deixa pra lá, deixa... O Senhor sabe o que faz.

– Não pergunto isso, pergunto que queres dizer com as palavras: *Eu espero beber um vinho melhor*. Queres acaso ir para o céu?

– Embora não esteja inteiramente certo de ir para o céu depois de minha morte, tenho, todavia, fundada esperança, e de uns tempos para cá sinto tão vivo desejo de ir gozar a felicidade dos bem-aventurados, que me parece impossível possam ser muitos os dias de minha vida.

Comollo dizia isso com o rosto iluminado, gozando ainda de ótima saúde e preparando-se para retornar ao seminário.

[99] Daqui até o final do capítulo, transcreve parte da vida de Luís Comollo (cf. n. 305).

6. Um acordo pouco prudente

O mais memorável de quanto precedeu e acompanhou a preciosa morte do querido amigo foi descrito à parte, e quem quiser poderá ler à vontade. Não quero omitir aqui um fato que deu muito que falar e é apenas mencionado nas memórias já publicadas. É o seguinte. Dada a amizade e ilimitada confiança que havia entre mim e Comollo, costumávamos falar do que podia acontecer de um momento para outro, da nossa separação em caso de morte. Um dia, após haver lido longo trecho da vida dos santos, meio brincando e meio a sério dissemos que seria uma grande consolação se o que de nós dois morresse por primeiro trouxesse ao outro notícias do seu estado. Tendo voltado por diversas vezes ao assunto, fizemos um trato: "O que de nós morresse primeiro traria, se Deus o permitisse, notícia de sua salvação ao colega sobrevivente". Eu não aquilatava a importância de tal promessa; confesso que houve muita leviandade nisso e jamais aconselharia alguém a fazê-la. Nós, entretanto, a fizemos e repetimos diversas vezes, especialmente na última doença de Comollo. Mais, suas últimas palavras e o último olhar confirmavam que o compromisso continuava de pé. Muitos companheiros estavam a par disso.

Comollo morria a 2 de abril de 1839, e na tarde do dia seguinte era com grande acompanhamento sepultado na igreja de São Felipe. Os que estavam a par da promessa mostravam-se ansiosos por vê-la cumprida. Eu, muito mais do que eles, porque seria um grande conforto em minha desolação.

Naquela noite, já deitado, num dormitório de cerca de 20 seminaristas, estava eu muito agitado, convencido de que naquela noite haveria de cumprir-se a promessa. Aí pelas 11 e meia, um rumor fez-se ouvir pelos corredores. Parecia que enorme carroça tirada por muitos cavalos se estivesse aproximando da pequena porta do dormitório. Espantados, os clérigos saltaram da cama para se juntarem num bloco e encorajarem-se mutuamente. Foi então que no meio daquela espécie de violento e surdo trovão ouviu-se claramente a voz de Comollo, dizendo três vezes: "*Bosco, estou salvo*". Todos ouviram o ruído, e alguns ouviram as palavras, sem captar o sentido. Houve, porém, quem as entendesse como eu, tanto assim que por muito tempo se andaram repetindo pelo seminário. Foi a primeira vez que me lembro de ter tido medo; medo e tão grande assombro que caí gravemente doente e estive à beira do túmulo. Não daria nunca a outrem conselhos desse gênero. Deus é onipotente, Deus é misericordioso. Na maioria das vezes não dá ouvidos a tratos assim; algumas vezes, porém, na sua infinita misericórdia permite que se cumpram, como no caso presente.

7. Prêmio – Encarregado da sacristia – O teólogo João Borel

Fui muito feliz no seminário e sempre gozei da estima dos meus colegas e de todos os meus superiores. No exame semestral costuma-se dar um prêmio de 60 francos em cada curso a quem obtiver as melhores notas no estudo e no procedimento. Deus me abençoou muito, pois nos seis anos que passei no seminário fui sempre distinguido com esse prêmio. No segundo ano de teologia fui nomeado sacristão, cargo de pequena importância, mas sinal precioso de benevolência por parte dos superiores, já que a ele se juntavam outros 60 francos. Tinha assim metade da pensão, enquanto o caridoso padre Cafasso providenciava o resto. O sacristão devia cuidar da limpeza da igreja, sacristia, altar, lâmpadas, velas e dos demais ornamentos e objetos necessários ao culto divino.

Tive nesse ano a ventura de conhecer um dos mais zelosos ministros do santuário, quando veio ao seminário para pregar os exercícios espirituais. Entrou na sacristia com ar alegre, com gracejos temperados sempre de pensamentos morais. Quando lhe observei a preparação e a ação de graças da missa, a atitude, o fervor na celebração, percebi de golpe que era um digno sacerdote, como era de fato o teólogo João Borel de Turim. Quando então começou as pregações, impressionando pela simplicidade, vivacidade, clareza e inflamada caridade que transparecia de todas as suas palavras, todos repetiam que era um santo.

De fato todos porfiavam em confessar-se com ele, em conversar com ele sobre a vocação e receber alguma lembrança especial. Eu também quis tratar com ele das coisas da alma. Tendo, no fim, pedido um meio certo para conservar o espírito da vocação no decorrer do ano e especialmente nas férias, disse-me estas memoráveis palavras: "Com o recolhimento e a comunhão frequente se aperfeiçoa e conserva a vocação e se forma um verdadeiro eclesiástico".

Os exercícios espirituais do teólogo Borel marcaram época no seminário, e vários anos depois se repetiam ainda as santas máximas que pregara em público ou aconselhara em particular.

8. Estudos

Quanto aos estudos, deixei-me levar por um erro que haveria de acarretar consequências graves, não fosse um fato providencial a abrir-me os olhos. Habituado à leitura dos clássicos em todo o curso secundário, acostumado às figuras enfáticas da mitologia e das fábulas dos pagãos, não sentia gosto nas leituras ascéticas. Cheguei a convencer-me de que a boa linguagem e a eloquência não se conciliam com a religião. As próprias obras dos Santos

Padres pareciam-me fruto de engenhos muito acanhados, com exceção dos princípios religiosos, que expunham com vigor e clareza.

No princípio do segundo ano de filosofia, fui um dia fazer a visita ao Santíssimo Sacramento, e não tendo comigo o livro de orações, pus-me a ler *A imitação de Cristo*, alguns capítulos sobre o Santíssimo Sacramento. Considerando atentamente a sublimidade dos pensamentos e a maneira clara e ao mesmo tempo ordenada e eloquente com que se expunham as grandes verdades, comecei a dizer de mim para mim: "*O autor deste livro era um homem douto*". Continuando por diversas outras vezes a ler o áureo opúsculo, não demorei em perceber que um só versículo continha mais doutrina e moral do que todos os grossos volumes dos clássicos antigos. Devo a esse livro o haver abandonado a leitura profana. Dediquei-me depois à leitura de Calmet, *História do Antigo e Novo Testamento*[100]; de Josefo Flávio, *Antiguidades judaicas e A guerra judaica*; depois monsenhor Marchetti, *Reflexões sobre a religião*[101]; e posteriormente de Frayssinous, Balmes, Zucconi[102] e muitos outros autores religiosos; gostei também de ler a *História Eclesiástica*[103], de Fleury, ignorando então que não convinha lê-la. Com maior fruto ainda li as obras de Cavalca, de Passavanti, de Segneri[104] e toda a *História da Igreja*, de Henrion[105].

Direis talvez que, dando-me a tantas leituras, não podia dedicar-me muito aos estudos. Não foi assim. Minha memória continuava a favorecer-me, bastando apenas a leitura e explicação do texto em aula para cumprir meu dever. Portanto, todas as horas marcadas para o estudo podia empregá-las em leituras diversas. Os superiores sabiam de tudo e me deixavam fazer assim.

[100] Augustin CALMET, *Storia dell'Antico e del Nuovo Testamento e degli Ebrei*. Turim, G. Pomba 1829-1832, 18 volumes.

[101] Giovanni MARCHETTI, *Trattenimenti di famiglia su la storia dela religione*. Turim, Bianco 1823, 2 volumes.

[102] Denius de Frayssinous (1765-1841), vigário-geral de Paris; as suas conferências foram publicadas em 4 volumes: *Défense du Christianisme ou Conférences sur la religions* (1825). Jaime Luciano Balmes (1810-1848), filósofo e publicista espanhol; a obra que o tornou famoso em todo o mundo – *El Protestantismo comparado con el Catolicismo en sus relaciones con la civilización Europea* (1842-1844) – foi traduzida em várias línguas (certamente Dom Bosco não a leu no seminário, mas mais tarde). Ferdinando Zucconi 1647-1732), jesuíta, autor de *Lezioni sacre sopra la divina Scrittura* (5 volumes), livro que teve muitas edições.

[103] Claude Fleury (1640-1723), acadêmico de França e confessor do rei Luís XV. A sua *Histoire ecclésiastique,* em 20 volumes, é considerada a primeira história sistemática da Igreja.

[104] Domenico Cavalca (m. 1342) e Iacopo Passavanti (1297-1357), frades dominicanos autores de obras ascéticas muito apreciadas no século XIX pela pureza literária do seu estilo. *Paolo Segneri* (1624-1394), jesuíta, autor de apreciadas coletâneas de sermões considerados obras-primas de sagrada eloquência.

[105] Mathieu Richard Auguste Henrion (1805-1862), leigo, laureado em leis, autor de escritos históricos e apologéticos, entre os quais uma *Histoire générale de l'Église pendant les XVIII et XIX siècles* (1836) e uma monumental *Histoire générale de l'Église depuis la prédication de apôtres jusqu'au pontificat de Grégoire XVI* em 12 volumes (1834-36).

Um estudo ao qual muito me aplicava era o grego. No curso clássico já havia aprendido os primeiros elementos, estudado a gramática e feito as primeiras versões com a ajuda do dicionário. Apresentou-se uma boa ocasião que foi para mim muito proveitosa no caso. Pela ameaça do cólera do ano de 1836 em Turim, os jesuítas anteciparam a transferência dos alunos do colégio do Carmo para Montaldo[106]. A antecipação exigia o dobro do pessoal docente, porque continuavam as aulas para os externos que frequentavam o colégio. O padre Cafasso, consultado, apresentou-me para uma aula de grego. Isso fez com que me dedicasse seriamente a essa língua para poder ensiná-la. Mais: foi de grande proveito para mim o contato com um grande conhecedor do grego, um sacerdote da Companhia chamado Bini. Em apenas quatro meses, fez-me traduzir quase todo o Novo Testamento, os dois primeiros livros de Homero, com algumas odes de Píndaro e de Anacreonte. Admirando minha boa vontade, o digno sacerdote continuou a ajudar-me e por quatro anos lia todas as semanas uma composição grega ou alguma versão que lhe enviava, e que ele pontualmente corrigia e devolvia com oportunas observações. Dessa maneira pude chegar a traduzir grego como se traduzisse latim.

Foi também nesse tempo que estudei francês e elementos de hebraico. Essas três línguas, hebraico, grego e francês foram as minhas línguas preferidas depois do latim e do italiano.

9. Ordenações sagradas - Sacerdócio

No ano da morte de Comollo (1839), recebi a tonsura e as quatro ordens menores, no 3º ano de teologia[107]. Depois desse curso, veio-me a ideia de tentar o que naquele tempo mui raramente se permitia: adiantar um curso nas férias. Para tanto, sem dizer nada a ninguém, apresentei-me sozinho ao arcebispo Fransoni, pedindo-lhe autorização para estudar os tratados do 4º ano naquelas férias e assim concluir o quinquênio no ano escolar seguinte, 1840-1841. Aduzia minha avançada idade de 24 anos completos.

O santo prelado recebeu-me com muita bondade, e verificando o bom resultado dos exames prestados até então no seminário, concedeu-me o favor que pedia, com a condição de que desse exame de todos os tratados correspondentes ao curso que eu desejava ganhar. O teólogo Cinzano, meu vigário forâneo, ficou incumbido de executar a vontade do superior. Estudando, pude

[106] Colégio do Carmo: instituto de educação superior reservado às classes dirigentes. Montaldo Torinese é um povoado a 8 km de Chieri.

[107] Deveria dizer: quarto ano. João Bosco recebeu a tonsura e as quatro ordens menores em 29 de março de 1840.

em dois meses terminar os tratados prescritos, e fui admitido ao subdiaconato nas ordenações das quatro têmporas de outono[108]. Agora que conheço as virtudes que se exigem para um passo tão importante, convenço-me de que não me achava bastante preparado; não havendo, porém, quem cuidasse diretamente da minha vocação, aconselhei-me com o padre Cafasso; disse-me ele que fosse para a frente, confiando na sua palavra. Nos dez dias de exercícios espirituais realizados na casa da Missão[109], de Turim, fiz a confissão geral, para que o confessor pudesse ter uma ideia clara da minha consciência e dar-me oportunos conselhos. Desejava completar os estudos, mas tremia ao pensamento de comprometer-me por toda a vida; por isso não quis tomar uma resolução definitiva sem antes obter o pleno consentimento do confessor.

A partir de então me esmerei quanto pude em pôr em prática o conselho do teólogo Borel: "com o recolhimento e a comunhão frequente se conserva e aperfeiçoa a vocação". Voltando ao seminário, passei para o quinto ano, e fui nomeado prefeito, o mais alto cargo a que possa chegar um seminarista.

No sábado *Sitientes* de 1841 recebi o diaconato[110] e nas têmporas de verão fui ordenado sacerdote. De verdadeira consternação para mim foi o dia em que tive de deixar definitivamente o seminário. Os superiores me amavam, e me haviam dado contínuos sinais de benevolência. Estava muito afeiçoado aos meus companheiros. Pode-se dizer que eu vivia para eles, e eles viviam para mim. Quem precisava fazer a barba ou a coroa, recorria a Bosco. Quem tinha necessidade de um barrete, de uma costura, remendar a roupa, procurava Bosco. Por isso tornou-se muito dolorosa para mim a separação de um lugar onde vivi seis anos, onde recebi educação, ciência, espírito eclesiástico e todos os sinais de bondade e afeto que se possam desejar.

O dia da minha ordenação era vigília da Santíssima Trindade[111]; celebrei minha primeira missa na igreja de São Francisco de Assis, onde o padre Cafasso era diretor de estudos. Esperavam-me ansiosamente em minha terra natal: havia anos não se celebrava aí uma missa nova. Preferi, todavia, celebrá-la em Turim, sem alarde, e posso dizer que foi esse o dia mais belo da minha vida. No *Memento* daquela missa inolvidável procurei recordar devotamente todos os meus professores, benfeitores espirituais e temporais, e de modo especial o pranteado padre Calosso, que lembrei sempre como

[108] Era o dia 19 de setembro de 1840.
[109] Sede provincial dos padres Lazaristas de Turim (ditos também Vicentinos). A diocese de Turim confiara a eles a pregação dos exercícios espirituais para os ordenandos.
[110] *Sitientes*, o sábado que precede o domingo da Paixão; era 27 de março de 1841.
[111] Sábado, 5 de junho de 1841. João Bosco foi ordenado sacerdote na igreja anexa ao arcebispado, dedicada à Imaculada.

grande e insigne benfeitor. Segunda-feira fui celebrar na igreja da Consolata, para agradecer à excelsa Virgem Maria os incontáveis favores que me havia alcançado de seu divino Filho Jesus.

Terça-feira fui a Chieri e celebrei a missa na igreja de São Domingos, onde vivia ainda meu antigo professor, o padre Giusiana, que me aguardava com paterno afeto.

Durante a missa esteve sempre a chorar de comoção. Passei com ele todo aquele dia, que posso chamar dia de paraíso.

Quinta-feira, solenidade de *Corpus Domini,* satisfiz aos meus conterrâneos, cantei missa e presidi a procissão[112]. O pároco convidou meus parentes para o almoço, bem como o clero e as autoridades do povoado. Todos tomaram parte na alegria, pois eu era muito querido de meus concidadãos e todos ficavam satisfeitos com tudo o que pudesse ser bom para mim. À noitinha voltei para minha família. Quando, porém, cheguei perto de casa e vi o lugar do sonho dos 9 anos, não pude conter as lágrimas e disse: "Quão maravilhosos os desígnios da divina Providência! Realmente Deus tirou da terra um pobre menino para colocá-lo entre os príncipes do seu povo".

10. As primícias do sagrado ministério – Sermão em Lavriano e João Brina

Naquele ano (1841), como meu pároco não tinha coadjutor, desempenhei esse cargo por cinco meses. Experimentava o maior prazer do mundo no trabalho. Pregava todos os domingos, visitava os doentes, administrava-lhes os santos sacramentos, com exceção da Penitência, porque não havia ainda prestado o exame de confissão. Acompanhava os enterros, mantinha em dia os livros paroquiais, dava atestados de pobreza ou de outro gênero. Minha delícia, contudo, era ensinar catecismo aos meninos, entreter-me com eles, falar com eles. Vinham muitas vezes de Morialdo para visitar-me; quando ia em casa, estava sempre rodeado deles. Eles também começavam a fazer novos companheiros e amigos nos seus povoados. Saindo da casa paroquial estava sempre acompanhado de um bando de meninos e aonde quer que fosse rodeavam-me os meus amiguinhos, contentes como quê.

Tinha muita facilidade em expor a Palavra de Deus, e por isso era amiudadas vezes procurado para pregar, fazer panegíricos nos povoados vizinhos. Convidaram-me a fazer o de São Benigno, em Lavriano[113], em fins de outubro

[112] 10 de junho de 1841.

[113] Lavriano: povoado agrícola e comercial a 24 km de Castelnuvo.

daquele ano. Aceitei de bom grado, porque se tratava do povoado do meu amigo e colega padre João Grassino[114], atualmente pároco de Scalenghe[115]. Desejava abrilhantar a solenidade e por isso preparei e escrevi meu sermão em dialeto, bem esmerado, porém; estudei-o bem, certo de ganhar elogios. Deus, entretanto, queria dar uma terrível lição à minha vanglória. Era dia santo e por isso, antes de partir, tive de celebrar a missa em hora cômoda para o povo; foi então preciso servir-me de um cavalo para chegar a tempo de pregar. Percorrida metade do caminho a trote e galope, cheguei ao vale de Casalborgone, entre Cinzano e Bersano, quando improvisamente um bando de pardais levantou-se de um milharal e o ruído das asas espantou o cavalo que pegou a correr desabaladamente estrada afora, por campos e prados. Mantive-me um pouco na sela, mas sentindo-a deslizar sob o ventre do animal tentei uma manobra de equitação. Todavia a sela, fora do lugar, lançou-me ao ar e caí de ponta-cabeça sobre um monte de pedras britadas.

Um homem, que da colina próxima assistiu ao lamentável acidente, correu com um empregado em minha ajuda. Encontrando-me sem sentidos, levou-me para sua casa e deitou-me na melhor cama que tinha. Dispensaram-me os mais caridosos cuidados e assim, depois de uma hora, voltei a mim e percebi que estava em casa alheia. "Não se preocupe, disse meu hóspede, não se inquiete por estar em casa alheia. Aqui nada lhe faltará. Já mandei chamar o médico; outro homem foi procurar o cavalo. Sou um camponês, mas provido de todo o necessário. Sente-se muito mal?".

– Deus lhe recompense tanta caridade, meu bom amigo. Não acredito que o caso seja grave; talvez uma fratura na espádua que não posso mais mover. Onde estou?

– Na colina de Bersano, na casa de João Calosso, apelidado *Brina*, seu humilde servo. Também eu girei pelo mundo e tive necessidade dos outros. Oh! quantas aventuras quando ia a feiras e mercados!

– Enquanto aguardamos o médico, conte-me alguma coisa.

– Oh! quanta coisa teria para contar. Ouça uma. Anos atrás, no outono, havia ido a Asti com minha burrinha a fim de comprar provisões para o inverno. Na volta, assim que cheguei aos vales de Murialdo, o pobre animal, sobrecarregado, caiu num lamaçal e ficou imóvel no meio da estrada. Inútil todo esforço para levantá-lo. Era meia-noite, tempo escuro e chuvoso. Já não

[114] João Grassino (1821-1902), colega de Dom Bosco no seminário e no Colégio Eclesiástico de Turim; colaborou no Oratório de Valdocco e no do Anjo da Guarda; foi diretor do pequeno seminário de Giaveno, quando este foi confiado a Dom Bosco (1860-1862). Scalenghe: é um povoado distante 30 km de Turim.

[115] Berzano S. Pietro está situado a 8 km de Castelnuovo; Casalborgone está 6 km mais à frente.

sabendo o que fazer, pus-me a gritar por socorro. Minutos depois, alguém de uma casa vizinha me ouviu. Veio um clérigo, um seu irmão, mais dois outros homens, portando tochas acesas. Ajudaram-me a descarregar a jumenta, tiraram-na da lama, e levaram-me a mim e todas as minhas coisas para a casa deles. Eu estava meio morto; tudo estava encharcado de lama. Limparam-me, recuperaram-me as forças com estupenda ceia, e depois me deram uma cama bem macia. Pela manhã antes de partir quis recompensá-los como convinha. O clérigo recusou tudo, dizendo: "E não pode acontecer que amanhã tenhamos necessidade do senhor?".

Ao ouvir essas palavras, senti-me comovido e o outro percebeu minhas lágrimas.

– Sente-se mal?, disse-me.

– Não, respondi, gostei tanto do que o senhor contou que fiquei comovido.

– Se soubesse o que fazer por aquela boa família! Que gente boa!

– Como se chamava?

– Família Bosco, apelidada de Boschetti. Mas por que é que está tão comovido? Acaso a conhece? Vive ainda e está bem aquele clérigo?

– Aquele clérigo, meu bom amigo, é o padre ao qual está a recompensar com juros o que fez pelo senhor. É o mesmo que o senhor trouxe para sua casa, colocou nesta cama. A divina Providência quis mostrar-nos com este fato que quem dá, recebe.

É fácil imaginar a maravilha, a alegria daquele bom cristão e minha, ao ver que na desgraça Deus me havia feito cair nas mãos de um amigo. A mulher, uma irmã, outros parentes e amigos fizeram grande festa ao saber que estava em casa a pessoa da qual tantas vezes haviam ouvido falar. Não houve atenção que não me prodigalizassem. O médico, ao chegar, constatou que não havia fraturas, e assim em poucos dias pude retomar o caminho de volta à minha terra no mesmo cavalo, que havia sido encontrado. João Brina acompanhou-me até minha casa, e enquanto viveu conservamos estreita amizade.

Depois desse aviso tomei a firme resolução de para o futuro preparar os sermões para a maior glória de Deus e não para parecer douto e letrado.

11. Colégio Eclesiástico de São Francisco de Assis

Acabadas as férias, ofereciam-me três empregos: professor em casa de um senhor genovês, com o salário de 1 mil francos anuais; capelão de Morialdo,

onde, pelo grande desejo de me verem com eles, os bons camponeses dobravam o estipêndio dos capelães anteriores; vice-pároco na minha terra. Antes de tomar uma resolução definitiva fui a Turim para aconselhar-me com o padre Cafasso, que se tornara desde alguns anos meu guia nas coisas espirituais e temporais. O santo sacerdote ouviu tudo, as ofertas de remuneração, a insistência de parentes e amigos, meu grande desejo de trabalhar. Sem hesitar um instante dirigiu-me estas palavras: "O senhor tem necessidade de estudar moral e pregação. Recuse por ora qualquer proposta e venha ao Colégio Eclesiástico". Segui prazerosamente o sábio conselho, e a 3 de novembro de 1841 entrei para o referido Colégio.

O Colégio Eclesiástico vem a ser um complemento dos estudos teológicos, porquanto nos nossos seminários estuda-se somente a dogmática especulativa; na moral estudam-se apenas as questões disputadas. Nele aprende-se a ser padre. Meditação, leitura, duas conferências por dia, aulas de pregação, vida recolhida, toda comodidade para estudar, leitura de bons autores, eram as ocupações às quais qualquer um devia aplicar-se a fundo. Duas celebridades estavam naquele tempo à frente de tão útil instituto: o teólogo Luís Guala[116] e o padre José Cafasso. O teólogo Guala era o fundador da obra. Homem desinteressado, rico de ciência, prudência e coragem, fizera-se tudo para todos no tempo do governo de Napoleão I. Para que os jovens levitas pudessem, ao terminar os estudos, aprender a vida prática do sagrado ministério, fundou aquele maravilhoso viveiro, que tanto bem fez à Igreja, sobretudo extirpando algumas raízes de jansenismo que ainda persistiam entre nós.

Entre outras questões agitava-se muito a do probabilismo e do probabiliorismo[117]. À frente dos primeiros achavam-se Alasia[118], Antoine e outros rigorosos autores, cuja doutrina, a do probabiliorismo, podia levar ao jansenismo. Os probabilistas seguiam a doutrina de Santo Afonso[119], que agora foi proclamado doutor da Santa Igreja. Sua autoridade foi por assim dizer refe-

[116] Luís Fortunato Guala (1775-1848).

[117] Probabiliorismo e probabilismo: escolas de teologia moral que se desenvolveram entre os séculos XVII e XVIII, uma mais rigorista, a outra, moderada.

[118] José Antônio Alasia (1731-1812), professor na Universidade de Turim; publicou um poderoso tratado usado no ateneu e nos seminários turinenses: *Commentaria theologiae moralis auctore Josepo Antonio Alasia.* Editio altera recgonita et aucta. Turim, Typis Heredum Borta 1830-1831, 8 volumes. Paulo Gabriel Antoine (1678-1743), jesuíta, autor de uma *Theologia universa speculativa et dogmatica* (1723) e de uma *Theologia moralis universa* (1726), da qual foram feitas muitas edições na Europa entre a metade dos anos setecentos e os inícios dos anos oitocentos.

[119] Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), escritor fecundíssimo de teologia e literatura espiritual. Aqui nos referimos aos sete volumes da *Theologia moralis* (1753-1755). Suas pequenas obras espirituais de maior influxo são: *Visita al SS. Sacramento e a Maria SS.* (1745); *Le glorie di Maria* (1650); *Apparecchio alla morte* (1'758); *Del gran mezzo della preghiera* (1759); *Pratica di amar Gesù Cristo* (1768). O padre Guala e o padre Cafasso foram dentre os mais fervorosos divulgadores da doutrina alfonsiana.

rendada pelo Papa, uma vez que a Igreja afirmou que se podem ensinar, pregar e praticar suas doutrinas, nada havendo nelas que mereça censura. O teólogo Guala situou-se com firmeza entre os dois partidos, e, pondo como centro de qualquer opinião a caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, conseguiu aproximar os extremos. As coisas chegaram a tal ponto que, graças ao teólogo Guala, Santo Afonso tornou-se o mestre das nossas escolas com as vantagens por tanto tempo desejadas, cujos salutares efeitos hoje experimentamos.

Braço direito de Guala era o padre Cafasso. Com sua virtude a toda a prova, com sua calma prodigiosa, sua perspicácia e prudência pôde suavizar as asperezas que ainda permaneciam em alguns probabilioristas com relação aos seguidores de Santo Afonso.

No padre turinense teólogo Félix Gólzio[120], também do Colégio, escondia-se verdadeira mina de ouro. Na sua vida modesta pouco barulho fez; mas com seu trabalho indefesso, com sua humildade e ciência era um verdadeiro apoio, ou melhor, o braço direito de Guala e Cafasso. Prisões, hospitais, púlpitos, institutos de beneficência, doentes em suas próprias casas, cidades, povoados e, podemos dizer, os palácios dos grandes e os tugúrios dos pobres experimentaram os salutares efeitos do zelo desses três luminares do clero de Turim.

Eram eles os três modelos que a divina Providência me oferecia, e dependia só de mim seguir suas pegadas, doutrina e virtudes. O padre Cafasso, meu guia havia seis anos, foi também meu diretor espiritual, e se fiz algum bem, devo-o a este digno eclesiástico, em cujas mãos coloquei minhas decisões, estudos e atividades. Começou primeiro por levar-me às prisões, onde pude logo verificar como é grande a malícia e a miséria dos homens. Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos eles sãos, robustos, e de vivo engenho, mas sem nada fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me horrorizou. O opróbrio da pátria, a desonra das famílias, a infâmia aos próprios olhos personificavam-se naqueles infelizes. Qual não foi, porém, minha admiração e surpresa quando percebi que muitos deles saíam com firme propósito de vida melhor e, não obstante, voltavam logo à prisão, da qual haviam saído poucos dias antes.

Nessas ocasiões descobri que muitos voltavam àquele lugar porque abandonados a si próprios. "Quem sabe, dizia de mim para mim, se tivessem lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instruísse na religião nos dias festivos, quem sabe não se poderiam manter afastados da

[120] Félix Golzio (1808-1873), antes professor no Colégio Eclesiástico, depois reitor do Santuário da Consolata; confessor de Dom Bosco após a morte do padre Cafasso.

ruína ou pelo menos não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere?". Comuniquei esse pensamento ao padre Cafasso, e com o seu conselho e com suas luzes pus-me a estudar a maneira de levá-lo a efeito, deixando o êxito nas mãos do Senhor, pois sem ele são inúteis todos os esforços dos homens.

12. Festa da Imaculada Conceição e início do oratório festivo

Mal entrei no Colégio de São Francisco, vi-me logo cercado por um bando de meninos que me acompanhavam em ruas e praças, até mesmo na sacristia da igreja do instituto. Não podia, entretanto, cuidar deles diretamente por falta de local. Um feliz encontro proporcionou-me a oportunidade de tentar a concretização do projeto em favor dos meninos que erravam pelas ruas da cidade, sobretudo dos que deixavam as prisões.

No dia solene da Imaculada Conceição de Maria, 8 de dezembro de 1841, estava, à hora marcada, vestindo-me com os sagrados paramentos para celebrar a santa missa. O sacristão José Comotti, vendo um rapazinho a um canto, convidou-o a ajudar-me à missa. "Não sei", respondeu ele, todo mortificado.

– Vem, replicou o outro, tens de ajudar.

– Não sei, retorquiu o rapaz, nunca ajudei.

– És um animal, disse o sacristão enfurecido. Se não sabes ajudar à missa, que vens fazer na sacristia?

E, assim dizendo, tomou do espanador e começou a desferir golpes nas costas e na cabeça do pobrezinho. Enquanto este fugia, gritei em voz alta:

– Que está fazendo? Por que bater nele desse jeito? Que é que ele fez?

– Se não sabe ajudar à missa, por que vem à sacristia?

– Mas você agiu mal.

– E que lhe importa?

– Importa muito, é um meu amigo; chame-o imediatamente, preciso falar com ele.

– Oi, rapaz![121], pôs-se a chamar; e correndo atrás dele e garantindo-lhe melhor tratamento trouxe-o para junto de mim.

O rapaz aproximou-se a tremer e a chorar pelas pancadas recebidas.

[121] [...].

– Já ouviste missa?, disse-lhe com a maior amabilidade que pude.

– Não, respondeu.

– Vem então ouvi-la. Depois gostaria de falar de um negócio que vai-te agradar.

Prometeu. Era meu desejo aliviar o sofrimento do pobrezinho e não deixá-lo com a má impressão que lhe causara o sacristão. Celebrada a santa missa e terminada a ação de graças, levei o rapaz ao coro. Com um sorriso no rosto e garantindo-lhe que já não devia recear novas pancadas, comecei a interrogá-lo assim:

– Meu bom amigo, como te chamas?

– Bartolomeu Garelli.

– De onde és?

– De Asti.

– Tens pai?

– Não, meu pai morreu.

– E tua mãe?

– Morreu também.

– Quantos anos tens?

– Dezesseis.

– Sabes ler e escrever?

– Não sei nada.

– Já fizeste a primeira comunhão?

– Ainda não.

– Já te confessaste?

– Sim, quando era pequeno.

– E agora, vais ao catecismo?

– Não tenho coragem.

– Por quê?

– Porque meus companheiros mais pequenos sabem o catecismo, e eu, tão grande, não sei nada. Por isso fico com vergonha de ir a essas aulas.

– Se te desse catecismo à parte, virias?

– Então sim.

– Gostarias que fosse aqui mesmo?

– Com muito gosto, contanto que não me batam.

– Fica sossegado, que ninguém te maltratará. Pelo contrário, serás meu amigo. Terás de haver-te só comigo e mais ninguém. Quando queres começar?

– Quando o senhor quiser.

– Esta tarde serve?

– Sim.

– E se fosse agora mesmo?

– Sim, agora mesmo. Que bom!

Levantei-me e fiz o sinal da cruz para começar; meu aluno não o fez porque não sabia. Naquela primeira aula procurei ensinar-lhe a fazer o sinal da cruz e a conhecer Deus Criador e o fim por que nos criou. Embora tivesse pouca memória, conseguiu, com assiduidade e atenção, aprender em poucos domingos as coisas necessárias para fazer uma boa confissão e, pouco depois, a sagrada comunhão.

A esse primeiro aluno juntaram-se outros mais. Durante aquele inverno limitei-me a alguns adultos que tinham necessidade de catequese especial, sobretudo aos que saíam da cadeia.

Pude então constatar que os rapazes que saem de lugares de castigo, caso encontrem mão bondosa que deles cuide, os assista nos domingos, procure arranjar-lhes emprego com bons patrões e visitá-los de quando em quando ao longo da semana, tais rapazes dão-se a uma vida honrada, esquecem o passado, tornam-se bons cristãos e honestos cidadãos. Essa é a origem do nosso Oratório, que, abençoado por Deus, teve um desenvolvimento que então eu não podia imaginar.

13. O Oratório em 1842

Durante o inverno preocupei-me em consolidar o pequeno oratório. Embora minha finalidade fosse recolher somente os meninos em maior perigo, de preferência os que deixavam a cadeia, todavia para ter uma base sobre a qual fundar a disciplina e a moralidade convidei alguns outros de boa conduta e já instruídos. Eles me ajudavam a manter a ordem e também a entoar cantos sacros; percebi assim desde o princípio, que sem a distribuição de livros de canto e de leitura amena, as reuniões nos dias de guarda seriam como um corpo sem alma. Na festa da Purificação (2 de fevereiro de 1842), que então

era festa de preceito, já tinha uns 20 meninos, com os quais pudemos pela primeira vez cantar *Louvai Maria, ó línguas fiéis*.

Na festa da Anunciação já éramos 30. Nesse dia fez-se uma festinha. Pela manhã os alunos aproximaram-se dos santos sacramentos; à tarde entoou-se um canto e depois do catecismo narrou-se um exemplo à guisa de sermão. Como o pequeno coro em que até então nos reuníamos se havia tornado muito acanhado, mudamo-nos para a capela, perto da sacristia.

O oratório funcionava assim: em todos os domingos e dias santos dava-se comodidade para se aproximarem dos santos sacramentos da confissão e da comunhão; marcava-se ainda um sábado e um domingo por mês para cumprir esse dever religioso. À tarde, em hora determinada, entoava-se um cântico, dava-se catecismo, em seguida se explicava um exemplo e por vezes distribuía-se alguma coisa a todos, outras por sorteio.

Entre os jovens que frequentaram o oratório nos seus inícios, há que assinalar José Buzzetti[122], que foi de assiduidade exemplar. Afeiçoou-se tanto a Dom Bosco e às reuniões dominicais, que renunciou à ida para casa com a família (em Caronno Ghiringuello[123]), como costumavam fazer os demais irmãos e amigos. Distinguiam-se ainda seus irmãos Carlos, Ângelo, Josué[124]; João Gariboldi e seu irmão, então simples ajudantes de pedreiro e agora mestres de obras.

De modo geral o oratório compunha-se de canteiros, pedreiros, estucadores, calceteiros, rebocadores e de outros que vinham de povoados distantes. Como não conheciam as igrejas nem ninguém, expunham-se ao perigo de perverter-se, especialmente nos domingos.

O bom teólogo Guala e o padre Cafasso mostravam-se contentes com essas reuniões de meninos e forneciam-me de bom grado santinhos, folhetos, opúsculos, medalhas e crucifixos para presente. Por vezes proporcionaram-me recursos para vestir alguns dos mais necessitados e dar pão a outros por várias semanas, até que pudessem com o trabalho ganhar o próprio sustento. Mais ainda, como o número de meninos tivesse crescido muito, permitiram que reunisse algumas vezes o meu pequeno exército para brincar no pátio contí-

[122] José Buzzetti (1832-1891) ficará ligado a Dom Bosco por toda a vida, antes como colaborador, depois como salesiano leigo (cf. *Memorie biografiche di Giuseppe Buzzetti, coadiutore salesiano.* S. Benigno Canavese, Scuola Tip. Salesiana 1898; Eugenio Pilla, *Giuseppe Buzszetti, coadiutore salesiano*. Turim, Società Editrice Internazionale 1960).

[123] Caronno Ghiringhello (hoje Caronno Varesino), povoado na província de Varese, a 148 km de Turim.

[124] Carlos (1829) e Josué (1840-1902) se tornarão empresários edilícios e trabalharão para Dom Bosco na construção dos edifícios de Valdocco e da igreja de Maria Auxiliadora.

guo. Houvesse mais espaço, teríamos chegado bem depressa a várias centenas; mas tivemos de nos contentar com uns 80.

Quando os meninos se aproximavam dos santos sacramentos, o próprio teólogo Guala ou o padre Cafasso costumavam vir visitar-nos e narrar algum episódio edificante.

Desejando que se fizesse uma bela festa em honra de Sant'Ana, padroeira dos pedreiros, o teólogo convidou-os todos após as funções da manhã a tomar café com ele. Reuniram-se quase uns 100 na grande sala de conferências. Ali foram abundantemente servidos de café, leite, chocolate, pãezinhos, roscas, brioches, pastas e outros pães de que tanto gostam os meninos. Pode-se imaginar a grande repercussão dessa festa, e quantos teriam vindo se o local permitisse!

Consagrava o domingo inteiro à assistência dos meus meninos; durante a semana ia visitá-los em seus trabalhos nas oficinas e fábricas. Isso muito consolava os rapazes, que viam um amigo interessar-se por eles; e agradava aos patrões, que ficavam satisfeitos por terem sob sua dependência rapazes assistidos durante a semana e sobretudo nos domingos, os dias mais perigosos.

Todos os sábados ia às prisões com os bolsos cheios de fumo, ou de frutas, ou de pãezinhos, sempre com o fito de atender aos rapazes que tinham a desgraça de serem encarcerados, e assisti-los, torná-los amigos e conseguir que viessem ao oratório ao deixarem o lugar de castigo.

14. Sagrado ministério – Escolha de um cargo no Refúgio (setembro de 1844)

Naquele tempo comecei a pregar em público em algumas igrejas de Turim, no Hospital da Caridade, no Asilo das Virtudes, nas prisões, no Colégio de São Francisco de Paula[125], dando tríduos, novenas ou exercícios espirituais. Após os dois anos de moral fiz o exame de confissão. Pude dessa maneira cultivar com maior proveito a disciplina, a moralidade e o bem das almas dos meus rapazes nas prisões, no oratório e onde fosse mister.

Era para mim consolador ver meu confessionário, durante a semana e nomeadamente nos domingos, rodeado de 40 ou 50 rapazes, esperando horas e horas que chegasse a vez de se confessarem.

[125] Hospital de Caridade e Albergue de Virtudes: instituições caritativas que remontam aos séculos XVI-XVII, a primeira para cuidar dos anciãos e dos menores abandonados, a segunda para a formação profissional dos jovens pobres. O Colégio de São Francisco de Paula era uma das escolas públicas secundárias da cidade.

Foi essa a vida normal do oratório por quase três anos, isto é, até outubro de 1844.

Entretanto, a Providência ia preparando novidades, mudanças e também tribulações. Ao fim do triênio de moral devia decidir-me por um determinado setor do sagrado ministério. O velho e alquebrado tio de Comollo, o padre José Comollo, vigário coadjutor de Cinzano, com o parecer do arcebispo, havia-me convidado para ecônomo e administrador da paróquia, trabalho que não mais podia fazer por causa da idade e dos achaques. O teólogo Guala ditou-me a carta de agradecimento ao arcebispo Fransoni, mas ao mesmo tempo me preparava para outra coisa.

Um dia o padre Cafasso me chamou e disse: "O senhor terminou os estudos; deve agora trabalhar. A messe é muito grande nestes tempos. A que se sente mais inclinado?"

– Ao que lhe aprouver indicar-me.

– Há três trabalhos: vice-pároco em Buttigliera d'Asti, repetidor de moral, aqui no Colégio, diretor do Pequeno Hospital, ao lado do Refúgio[126]. Que escolhe?

– O que o senhor julgar melhor.

– Não se sente inclinado a uma coisa mais que a outra?

– Minha propensão é para cuidar da juventude. O senhor faça de mim o que quiser; verei no seu conselho a vontade de Deus.

– Mas neste momento que há no seu coração? Em que pensa?

– Neste momento parece-me estar no meio de uma multidão de jovens que me pedem ajuda.

– Vá então de férias por algumas semanas. Quando voltar lhe direi o que deve fazer.

Após as férias o padre Cafasso deixou passar algumas semanas sem nada me dizer; eu também não perguntei.

– Por que não me pergunta o que deve fazer?, disse-me um dia.

– Porque quero reconhecer a vontade de Deus na sua deliberação e não quero que nela entre a minha vontade.

[126] Pequeno Hospital Santa Filomena, fundado pela marquesa Barolo e destinado às meninas com necessidades especiais. Naquele momento se concluía a construção (foi inaugurado em 10 de agosto de 1845). O "Refúgio" (Pia Obra de Nossa Senhora Refúgio dos Pecadores) era uma instituição fundada em 1822 pela própria marquesa para receber ex-prisioneiras e ex-prostitutas.

– Faça a trouxa e vá com o teólogo Borel; lá será diretor do Pequeno Hospital de Santa Filomena; trabalhará também na obra do Refúgio. Entretanto Deus lhe mostrará o que deve fazer pela juventude.

À primeira vista esse conselho parecia contrariar minhas inclinações, porque dirigir um hospital, pregar e confessar num instituto de mais de quatrocentas jovens não me deixaria tempo para nenhum outro trabalho. Sem embargo, esta era a vontade de Deus, como pude depois me certificar.

Já no primeiro instante em que conheci o teólogo Borel vi nele um santo sacerdote, um modelo digno de admiração e imitação. Toda vez que podia entreter-me com ele, recebia lições de zelo sacerdotal, bons conselhos e estímulo ao bem. Nos três anos passados no Colégio fui várias vezes convidado por ele a ajudar nas funções sagradas, a confessar, a pregar com ele, de maneira que meu campo de trabalho já me era conhecido e de alguma maneira familiar.

Frequentes vezes conversamos longamente sobre as regras a serem seguidas para ajudar-nos mutuamente nas visitas aos cárceres e no cumprimento dos deveres a nós confiados, e ao mesmo tempo assistir os meninos, cuja moralidade e abandono exigiam cada vez mais o cuidado dos sacerdotes. Mas como fazer? Onde reunir esses rapazes?

– O aposento, disse o teólogo Borel, destinado ao senhor pode por algum tempo servir para reunir os rapazes que hoje vão a São Francisco de Assis. Quando pudermos ir para o edifício preparado para os padres no Pequeno Hospital, então havemos de procurar um lugar melhor.

15. Um novo sonho

No segundo domingo de outubro daquele ano (1844[127]) devia anunciar aos meninos que o oratório ia mudar-se para Valdocco. Mas a incerteza do lugar, dos meios, das pessoas deixava-me muito preocupado. Na tarde anterior fui dormir com o coração inquieto. Tive naquela noite outro sonho, que parece um apêndice do que tive nos Becchi aos 9 anos. Julgo oportuno contá-lo em pormenores.

Sonhei que estava no meio de uma multidão de lobos, cabras e cabritos, cordeiros, ovelhas, bodes, cães e pássaros. Faziam todos juntos um barulho, uma desordem, ou melhor, uma inferneira de espantar os mais corajosos. Ia

[127] Domingo, 13 de outubro.

fugir, quando uma senhora, muito bem trajada à moda de pastorinha, fez um gesto para que seguisse e acompanhasse o estranho rebanho; enquanto isso, se punha à frente. Estivemos vagando por vários lugares; fizemos três estações ou paradas. A cada parada muitos desses animais convertiam-se em cordeiros, cujo número ia sempre aumentando. Depois de muito andar, encontrei-me num prado onde os animais saltitavam e comiam juntos, sem que nenhum deles tentasse prejudicar os outros.

Esgotado de cansaço, queria sentar-me à beira de um caminho aí perto, mas a pastorinha convidou-me a continuar andando. Após andar um pouco, encontrei-me em vasto pátio rodeado de pórticos, em cuja extremidade se erguia uma igreja. Percebi então que quatro quintos dos animais haviam-se transformado em cordeiros. O número deles tornou-se depois muito maior. Naquele momento chegaram alguns pastorzinhos para vigiá-los. Mas ficavam pouco tempo e iam-se embora. Aconteceu então uma coisa maravilhosa. Muitos cordeiros convertiam-se em pastorzinhos, que cresciam e passavam a tomar conta dos outros. Com o grande aumento do número dos pastorzinhos, eles se separavam e se dirigiam a outros lugares, onde reuniam alguns animais estranhos e os levavam a outros redis.

Eu queria ir embora, porque parecia estar na hora de rezar missa, mas a pastora me convidou a olhar para o sul. Olhei e vi um campo semeado de milho, batatas, couves, beterrabas, alface e muitas outras verduras.

– Olha outra vez – disse-me. Olhei de novo. Vi então uma igreja estupenda e alta. Um conjunto de música instrumental e vocal convidava-me a cantar missa. No interior da igreja havia uma faixa branca, na qual estava escrito em caracteres garrafais: *Hic domus mea, inde gloria mea*.

Sempre em sonho, quis perguntar à pastora onde é que eu estava, que significava aquele andar e parar, a casa, a igreja e depois outra igreja mais. "Tudo haverás de compreender quando com teus olhos materiais vires realizado o que agora vês com os olhos da mente". Parecendo-me, porém, estar acordado, disse: "Eu vejo claro e vejo com os olhos materiais. Sei aonde vou e o que faço. Naquele instante soou o sino de ave-marias na igreja de São Francisco, e acordei".

O sonho durou quase a noite inteira, com muitos detalhes. Por então pouco compreendi o significado, porque não lhe dava muito crédito; mas fui entendendo as coisas à proporção que se iam realizando. Posteriormente, junto com outro sonho, serviu-me de programa em minhas decisões.

16. Transferência do oratório para o Refúgio

No segundo domingo de outubro (13), consagrado à Maternidade de Maria, comuniquei aos meus meninos a mudança do oratório para o Refúgio. No primeiro momento ficaram perturbados; mas quando lhes disse que lá nos aguardava um amplo local, todo ele para nós, para cantar, correr, saltar e brincar, ficaram contentes e aguardavam com impaciência o domingo seguinte para ver as novidades que iam imaginando. No terceiro domingo desse mês de outubro[128], dia consagrado à Pureza de Nossa Senhora, uma turba de meninos de várias idades e condições correu para Valdocco, pouco depois do meio-dia, à procura do novo oratório.

– Onde é o oratório? Onde está Dom Bosco? – indagavam por toda a parte. Ninguém sabia responder-lhes, porque ninguém na vizinhança ouvira sequer falar de Dom Bosco e do oratório. Julgando-se burlados, os meninos levantavam a voz e insistiam em suas pretensões. Os vizinhos, de sua vez, julgando-se insultados, respondiam com ameaças e pancadas. As coisas iam-se complicando, quando eu e o teólogo Borel, ouvindo a gritaria, saímos para ver o que estava acontecendo. Assim que chegamos, cessou o barulho e a discussão. Apinharam-se em redor de nós, perguntando onde ficava o oratório.

Dissemos que o verdadeiro oratório ainda não estava pronto, que por enquanto viessem ao meu aposento, que era espaçoso e serviria muito bem. Naquele domingo, de fato, as coisas correram bastante bem. Mas no domingo seguinte, aos antigos alunos juntaram-se outros da vizinhança e já não sabia onde colocá-los. Meus aposentos, corredor, escada, tudo estava apinhado de meninos. No dia de Todos os Santos pus-me a confessar, eu e o teólogo Borel, e todos queriam confessar-se. Mas como fazer, se éramos 2 confessores e os meninos mais de 200? Um queria acender o fogo, outro apressava-se em apagá-lo. Um trazia lenha, outro, água; baldes, torqueses, enxadas, regadores, bacias, cadeiras, sapatos, livros, tudo se espalhava numa admirável confusão pela boa vontade de ordenar e arrumar as coisas.

– Assim não é possível continuar, disse o bom teólogo, é preciso encontrar um local mais adequado.

Todavia, tivemos de ficar outros seis domingos nesse local estreito, que vinha a ser o aposento que se encontra em cima do vestíbulo da primeira porta de entrada do Refúgio.

Enquanto isso, falou-se com o arcebispo Fransoni, o qual compreendeu a importância do nosso projeto. ”Vão para frente, disse-nos ele, façam quanto

[128] Era o dia 20 de outubro de 1844.

julgarem oportuno para o bem das almas; dou-lhes todas as faculdades de que possam precisar. Falem com a marquesa Barolo[129]. Talvez ela lhes possa facilitar um local mais cômodo. Mas, digam-me uma coisa: esses meninos não poderiam ir às suas respectivas paróquias?".

– Na maioria são rapazes de fora, e passam em Turim somente uma parte do ano. Não sabem sequer a que paróquia pertencem. Muitos deles são maltrapilhos, falam dialetos difíceis, por isso pouco entendem e pouco são entendidos pelos outros. Alguns já são crescidinhos e não se atrevem a juntar-se aos pequenos nas aulas.

– Então, replicou o arcebispo, é preciso um lugar à parte, destinado a eles. Vão, pois. Eu os abençoo e ao projeto também. Venham tranquilamente procurar-me e farei sempre o que puder para ajudá-los.

Foi-se falar com a marquesa Barolo, e como até agosto do ano seguinte o Pequeno Hospital não seria aberto, a caridosa senhora concordou que transformássemos em capela dois amplos aposentos destinados a salas de estar dos padres do Refúgio, quando para lá mudassem. Para ir, pois, ao novo oratório, passava-se onde está agora a porta do hospital, e, pela pequena viela que separa a obra do Cottolengo[130] do citado edifício, chegava-se até à atual residência dos padres, e pela escada interna subia-se ao 3° andar.

Era o lugar escolhido pela divina Providência para a primeira igreja do oratório. Começou a chamar-se de São Francisco de Sales por duas razões: primeira, porque a marquesa Barolo tencionava fundar uma congregação de sacerdotes sob esse título, e com essa intenção encomendara o quadro do santo que ainda hoje se pode ver à entrada do local; segunda, porque como tal ministério exige grande calma e mansidão, havíamo-nos colocado sob a proteção deste santo, para que nos alcançasse de Deus a graça de imitá-lo em sua extraordinária mansidão e na conquista das almas. Outra razão era a de colocar-nos sob sua proteção a fim de que do céu nos ajudasse a imitá-lo no combate aos erros contra a religião, especialmente do protestantismo, que começava a insinuar-se insidiosamente nos nossos povoados e sobretudo na cidade de Turim.

Por isso, no ano de 1844, dia 8 de dezembro, consagrado à Imaculada Conceição de Maria, dia de intenso frio, em meio a muita neve que então caía

[129] Júlia Vitorina Barolo, nascida Colbert de Maulévrier (1785-1864); junto com o marido Tancredi criou obras sociais e educativas (cf. Ave TAGO, *Giulia Colbert di Barolo, madre dei poveri. Biografia documentata*. Città del Vaticano, LEV (2007).

[130] Obra Cottolengo (*Pequena Casa da Divina Providência*): instituição fundada por São José Cottolengo (1786-1842) para os doentes pobres ou crônicos, as pessoas com necessidades especiais físicas ou psíquicas, os anciãos e os mendigos.

compacta do céu, foi benta com a autorização do arcebispo a suspirada capela, celebrou-se a santa missa, vários meninos confessaram-se e comungaram, e eu celebrei a sagrada função, derramando lágrimas de consolação, porque via estabilizar-se a obra do oratório, destinada a entreter a juventude mais abandonada e em situação de risco após haver cumprido os deveres religiosos na igreja.

17. Oratório em São Martinho dos Molazzi – Dificuldades – A mão do Senhor

Na capela anexa ao edifício do Pequeno Hospital de Santa Filomena, o oratório ia-se encaminhando muito bem. Nos domingos e dias santos acudiam muitos rapazes para confessar-se e comungar. Após a missa fazia-se breve explicação do Evangelho. Depois do meio-dia, catecismo, cantos sacros, breve instrução, ladainhas de Nossa Senhora e bênção. Nos intervalos, os jovens entretinham-se em agradável recreio com jogos diversos. Isso acontecia na pequena viela que ainda hoje existe entre o mosteiro das Madalenas[131] e a rua. Lá passamos sete meses e acreditávamos haver encontrado o paraíso terrestre, quando nos vimos obrigados a abandonar o acolhedor abrigo e ir à procura de outro.

A marquesa Barolo, embora visse com bons olhos qualquer obra de caridade, todavia, aproximando-se a hora de abrir seu Pequeno Hospital (abriu-se a 10 de agosto de 1845), decidiu que o nosso oratório saísse de lá. É verdade que o local destinado à capela, à escola e aos recreios dos jovens não tinha comunicação alguma com a parte interna do estabelecimento; as próprias persianas estavam fixas e voltadas para cima; não obstante, foi preciso obedecer. Fez-se um apelo insistente à prefeitura de Turim, e graças a uma recomendação do arcebispo Fransoni conseguimos que o oratório se transladasse para a igreja de São Martinho dos Molazzi, ou dos moinhos da cidade[132].

Num domingo de julho de 1845, pegam-se bancos, genuflexórios, candelabros, algumas cadeiras, cruzes, quadros e quadrinhos, e cada um carregando o que podia, em meio à algazarra, risos e mágoa, fomos, à maneira de uma emigração popular, estabelecer nosso quartel-general no lugar acima indicado.

[131] É o mosteiro das Irmãs Penitentes de Santa Maria Madalena, fundado pela marquesa Barolo em 1833, adjacente ao Pequeno Hospital e ao Refúgio.

[132] Molazzi (Moinhos Dora): grande complexo para a moagem dos cereais que remonta ao século XIV, ampliado e modernizado entre os anos setecentos e oitocentos. As pesquisas de arquivo apuraram que os fatos narrados neste capítulo ocorreram mais tarde, depois dos narrados no capítulo 18; cf. Francesco MOTTO, *L'oratorio di don Bosco presso il cimitero di S. Pietro in Vincoli in Torino. Uma documentata ricostruzione del noto episodio,* em RSS 5(1986) 199-220.

O teólogo Borel fez um discurso de ocasião tanto antes da partida como na chegada à nova igreja. O digno ministro do santuário, num estilo popular, mais único do que raro, exprimiu estes pensamentos: "As couves, queridos jovens, se não são transplantadas não se fazem bonitas e grandes. O mesmo acontece com o nosso oratório. Até agora mudou muitas vezes de um lugar para outro; mas nos vários lugares onde acampou por algum tempo conseguiu sempre um bom incremento, com grande vantagem para os nossos jovens. São Francisco de Assis viu-o começar como catequese entremeada de cantos; lá não era possível fazer mais. O Refúgio foi por algum tempo como uma parada, dessas que fazem os trens nas estações, e serviu para que os nossos jovens não ficassem privados naqueles poucos meses da ajuda espiritual das confissões, catecismos, pregações e agradáveis entretenimentos.

Ao lado do Pequeno Hospital começou um verdadeiro oratório, e parecia-nos haver encontrado a verdadeira paz, um bom lugar para nós; mas a divina Providência dispôs que tivéssemos de deixar o local e vir aqui para São Martinho. Vamos ficar aqui por muito tempo? Não sabemos; esperamos que sim. Seja como for, acreditamos que, como as couves transplantadas, nosso oratório haverá de crescer em número de jovens que amam a virtude, crescerá o interesse pelo canto, pela música, pelas escolas noturnas e também diurnas.

Vamos ficar aqui muito tempo? Deixemos de lado essa preocupação e coloquemo-nos nas mãos de Deus, que ele cuidará de nós. Uma coisa é clara: ele nos abençoa, ajuda e socorre; ele pensará no melhor lugar para promover sua glória e o bem das nossas almas. Mas como as graças de Deus formam uma espécie de corrente, de sorte que um anel se une a outro anel, assim, se aproveitarmos as primeiras graças, podemos estar seguros de que Deus concederá outras maiores; e se correspondermos aos fins próprios do oratório, caminharemos de virtude em virtude, até chegarmos à pátria bem-aventurada, onde a infinita misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo dará o prêmio que cada um houver merecido com suas boas obras".

Grande número de meninos assistiu a essa solene função; e com a máxima emoção entoou-se um *Te-Deum* de ação de graças.

Aqui as práticas religiosas faziam-se como no Refúgio. Mas não se podia celebrar missa, nem dar a bênção à tarde. Por conseguinte, não podia haver comunhão, que é o elemento fundamental da nossa instituição. O próprio recreio era bastante perturbado, paralisado, porque os meninos eram obrigados a brincar na rua e na pracinha frente à igreja, por onde passavam continuamente pedestres, carros, cavalos e carroças. Como não podíamos dispor de coisa melhor, agradecíamos ao céu quanto nos havia concedido, aguardando melhor lugar; contudo sobrevieram novos transtornos.

Moleiros, ajudantes, empregados, não podendo suportar os saltos, os cantos e por vezes a algazarra dos nossos alunos, ficaram alarmados e de comum acordo apresentaram queixa à prefeitura. Começou então a correr voz que aquelas reuniões de jovens eram perigosas, que de um momento para outro podiam provocar motins e revoltas. Diziam isso apoiados na obediência pronta com que se submetiam ao mínimo sinal do superior. Acrescentava-se sem razão que os meninos causavam muitos estragos na igreja, fora da igreja, no calçamento; parecia que Turim viria abaixo caso continuássemos a nos reunir naquele lugar.

Nossos males chegaram ao cúmulo quando de uma carta escrita por um secretário dos Moinhos ao prefeito de Turim, a qual recolhia toda a classe de rumores e exagerava prejuízos imaginários e, afirmando ainda ser impossível às famílias que se dedicavam àqueles trabalhos desempenharem suas obrigações e gozarem de tranquilidade.

Chegou-se até a dizer que aquilo era um centro de imoralidade. Não obstante estar persuadido de que a informação carecia de fundamento, o prefeito escreveu violenta carta, mandando transladar imediatamente nosso oratório para outro sítio. Consternação geral, lamentos inúteis! Tivemos de ir embora.

Convém, todavia, observar que o secretário, chamado... (não se publique nunca), autor da famosa carta, escreveu pela última vez, pois foi acometido de forte tremor na mão direita e faleceu três anos depois. Deus dispôs que seu filho ficasse abandonado no meio da rua e obrigado a pedir pão e asilo no internato que mais tarde se abriu em Valdocco.

18. O oratório em São Pedro in Víncoli – A criada do capelão – Uma carta – Um triste acidente

Como o prefeito e, de modo geral, a prefeitura estivessem convencidos da inconsistência de quanto se escrevia contra nós, bastou um simples pedido, e a recomendação do arcebispo, para que nos pudéssemos reunir no pátio e na capela do cemitério do Santíssimo Crucifixo, chamado vulgarmente São Pedro in Víncoli[133]. Foi assim que, depois de dois meses em São Martinho, tivemos de transladar-nos, com amargo pesar, para outro local, que, por outro lado, era bem melhor para nós. Os longos pórticos, o espaçoso pátio, a igreja

[133] O fato narrado neste capítulo ocorreu no domingo 25 de maio de 1845, antes da transferência para os Moinhos. São Pedro in Víncoli: cemitério, construído em 1777, de forma quadrada, com pórticos em três lados e a igreja no quarto; não era mais usado desde 1832.

apropriada para as sagradas funções, tudo serviu para despertar entusiasmo nos meninos, que pareciam loucos de alegria. No entanto, existia ali um terrível inimigo por nós ignorado. Não era nenhum defunto, dos que numerosos repousavam nas sepulturas ao lado; era uma pessoa viva, a criada do capelão. Nem bem começou a ouvir os cantos e as vozes, e vamos dizer, a algazarra dos alunos, saiu furiosa para fora de casa e com a touca de través e as mãos à cintura, pôs-se a apostrofar a multidão que estava a brincar. Somavam-se às suas invectivas uma menina, um cão, um gato e todo um galinheiro, de modo que parecia iminente uma guerra europeia. Procurei acalmá-la, observando que os meninos não tinham má vontade; brincavam e não cometiam nenhum pecado. Voltou-se então contra mim e presenteou-me com a parte que me tocava.

Naquele momento pareceu-me oportuno interromper o recreio, dar um pouco de catecismo e, depois do terço na igreja, partimos com a esperança de encontrar maior paz no domingo seguinte. Aconteceu precisamente o contrário. Quando, ao entardecer, o capelão chegou, a boa criada pôs-se ao lado dele, e chamando Dom Bosco e seus meninos de revolucionários, profanadores dos lugares santos e coisas piores, obrigou o bom amo a escrever uma carta à prefeitura.

Fê-lo por ditado da criada, mas com tamanha dureza, que imediatamente foi dada ordem de prisão a quem quer de nós que por aí aparecesse. Dói dizê-lo, mas foi a última carta do capelão padre Tésio. Escreveu segunda-feira, e, poucas horas depois, teve um ataque apoplético, morreu quase de repente[134]. Passam dois dias e sorte idêntica tocou à criada. Os fatos espalharam-se e causaram profunda impressão nos jovens e em todos os que tomaram conhecimento da notícia. A pressa de vir e inteirar-se dos tristes acontecimentos foi grande em todos. Como, todavia, estavam proibidas as reuniões em São Pedro in Víncoli e não havia sido possível avisar em tempo, ninguém, nem mesmo eu, estava em condições de saber onde encontrar um lugar para a próxima reunião.

19. O oratório na casa Moretta

No domingo seguinte à proibição, uma multidão de meninos dirigiu-se a São Pedro in Víncoli, porque não fora possível avisá-los com antecedência. Encontrando tudo fechado, vieram em massa aos meus aposentos no Pequeno Hospital. Que fazer? Via-me com um amontoado de apetrechos de igreja e de

[134] José Tésio (1777-1845), ex-capuchinho, falecido na quarta feira de 28 de maio.

recreio; uma turba de meninos seguia-me os passos por toda a parte, e eu não tinha um palmo de terreno onde reuni-los.

Ocultando minhas preocupações, mostrava-me de bom humor e a todos distraía, contando mil maravilhas do futuro oratório, que naquele momento existia apenas na minha mente e nos desígnios de Deus. Para de algum modo mantê-los ocupados nos dias santificados, levava-os alguma vez a Sassi, outra a Nossa Senhora del Pilone, a Nossa Senhora de Campagna[135], ao monte dos capuchinhos[136] e mesmo a Superga[137]. Nessas igrejas procurava, de manhã, celebrar para eles a missa, com explicação do Evangelho. À tarde havia breve catecismo, cantos sacros, alguns fatos; em seguida, algumas voltas pelos arredores e passeios até à hora de retornar às famílias. Parecia que situação tão crítica ia reduzir a cinzas qualquer plano de oratório. Não obstante, ia crescendo de maneira extraordinária o número dos frequentadores.

Já era chegado o mês de novembro (1845), estação pouco oportuna para passeios ou caminhadas fora da cidade. De acordo com o teólogo Borel, alugamos três aposentos da casa do padre Moretta[138], que é a que fica perto, quase na frente da atual igreja de Maria Auxiliadora. Essa casa, hoje, à força de restaurações, foi quase refeita. Lá passamos quatro meses, apertados pela pequenez do local, mas contentes por poder, pelo menos naqueles aposentos, reunir os nossos alunos, instruí-los e sobretudo dar-lhes comodidade para se confessarem. E até começamos, naquele inverno, as aulas noturnas. Era a primeira vez que em nossas bandas se falava desse tipo de escola; houve, assim, grande repercussão, ficando alguns a favor, outros contra.

Foi também por esse tempo que se espalharam alguns diz-que-diz-que muito estranhos. Alguns qualificavam Dom Bosco de revolucionário, outros diziam-no louco ou herege. Arrazoavam desta maneira: "O oratório afasta os meninos das paróquias, portanto o pároco vai ficar com a igreja vazia, e não poderá conhecer os meninos dos quais deverá prestar contas no tribunal de Deus. Que Dom Bosco, pois, mande os meninos às suas paróquias e deixe de reuni-los fora delas".

Assim me falavam dois respeitáveis párocos desta cidade, que me visitaram também em nome dos seus colegas.

[135] Sassi: povoado a 3 km de Turim. Nossa Senhora del Pilone: arrabalde a 2,5 km da cidade onde existe um santuário mariano. Nossa Senhora de Campagna: paróquia anexa a um convento dos Capuchinhos, no caminho entre Turim e Venaria, a 3 km da capital.

[136] Monte dos Capuchinhos: bela igreja de 1500, situada numa colina perto de Turim, junto à margem direita do rio Pó.

[137] Superga: monumental basílica sobre uma colina que domina Turim; construída pelo arquiteto Felipe Juvarra. Na cripta estão as tumbas de alguns membros da família real.

[138] Era uma construção de dois andares, com nove quartos em cada andar (cf. F. GIRAUDI, *L'Oratorio di don Bosco...,* pp. 49-50).

– Os jovens que eu reúno, respondi, não diminuem a frequência às paróquias, porque a maior parte deles não conhece pároco nem paróquia.

– Por quê?

– Porque são quase todos de fora, largados pelos pais nesta cidade; ou para cá vieram à procura de trabalho e não puderam encontrar. Os que de ordinário frequentam minhas reuniões são saboianos, suíços, valdostanos, bielenses, novarenses, lombardos.

– Não poderia mandar esses meninos às respectivas paróquias?

– Não sabem quais são.

– Por que o senhor não ensina?

– Impossível. A distância da pátria, a diversidade de língua, a incerteza do domicílio e o desconhecimento dos lugares tornam-lhes difícil, para não dizer impossível, ir às paróquias. Além do mais, muitos deles já são adultos, beirando os 18 e os 20 ou mesmo 25 anos de idade, e são completamente ignorantes em religião. Quem os convencerá a misturar-se com meninos de 8 ou 10 anos, muito mais instruídos que eles?

– Não poderia o senhor mesmo levá-los e dar-lhes catecismo nas igrejas paroquiais?

– Quando muito poderia ir a uma paróquia, mas não a todas. Poder-se-ia ajeitar isso se cada pároco quisesse vir ou mandar alguém recolher estes meninos e guiá-los às respectivas paróquias. Mas mesmo assim é difícil, porque muitos deles são levianos e mesmo travessos; eles vêm unicamente porque atraídos pelas recreações e passeios que costumamos dar, e assim se decidem a frequentar também os catecismos e outras práticas de piedade. Por conseguinte, seria preciso que todas as paróquias tivessem também um lugar adequado onde reunir e entreter esses rapazes em agradável passatempo.

– Isso é impossível. Não há locais, nem padres que disponham do domingo para isso.

– E então?

– E então faça como melhor lhe parecer; e nós decidiremos o que for conveniente fazer.

Entre os párocos de Turim agitou-se a questão: promover os oratórios ou reprová-los? Houve opiniões pró e contra. O cura de Borgo Dora, padre Agostinho Gattino, com o teólogo Ponzati, cura de Santo Agostinho[139], trou-

[139] Agostinho Luís Gattino (1816-1869): cura da paróquia de Borgo Dora, sob cuja jurisdição se

xe-me a resposta nestes termos: "Os párocos da cidade de Turim, reunidos em suas habituais conferências, trataram da conveniência dos oratórios. Pesados os prós e os contras, ante a impossibilidade de cada pároco montar um oratório em sua respectiva paróquia, encorajam o padre Bosco a continuar, enquanto não se tomar decisão em contrário".

Chegava, entrementes, a primavera de 1846. A casa Moretta era habitada por muitos inquilinos, os quais, atordoados pela algazarra e pelo barulho contínuo dos que se movimentavam de cá para lá e de lá para cá, queixaram-se com o dono, declarando que se não parassem logo aquelas reuniões, iriam todos embora. Assim o bom sacerdote Moretta viu-se obrigado a comunicar-nos que devíamos procurar imediatamente outro local onde nos reunir, se quiséssemos manter em vida nosso oratório.

20. O oratório num prado – Passeio a Superga

Com grande pesar e não pequenos inconvenientes para nossas reuniões, em março de 1846 tivemos de deixar a casa Moretta e alugar um prado dos irmãos Filippi[140], onde atualmente existe uma fundição de ferro-gusa. Encontrei-me lá a céu aberto, em meio a um prado, cercado de fraca sebe, que deixava passar livremente quem quisesse entrar. Os meninos eram de 300 a 400. Encontravam seu paraíso terrestre naquele oratório, cujo teto e paredes eram a abóbada celeste.

Mas como fazer as práticas de piedade num lugar assim? Dava-se o catecismo como se podia, entoavam-se cânticos, cantavam-se as vésperas; depois o teólogo Borel ou eu subíamos a uma elevação qualquer ou a uma cadeira e fazíamos uma pequena prática aos jovens, que ansiosos se acercavam para ouvir-nos.

As confissões faziam-se da seguinte maneira: nos dias santificados, bem cedo, eu estava no prado, onde já alguns esperavam. Sentava-me na divisa e ouvia a confissão de uns, enquanto outros faziam a preparação ou a ação de graças, depois do que a maioria recomeçava o recreio.

A determinada hora da manhã, soava uma trombeta e os rapazes se reuniam. A um segundo toque fazia-se silêncio e eu podia falar e marcar onde iríamos ouvir a santa missa e fazer a comunhão.

encontrava o oratório. O teólogo Vicente Ponsari (1800-1874), desde 1827 era o cura da paróquia dos Santos Felipe e Tiago.

[140] Pedro Antônio e Carlos Felipe, proprietários de casas e terrenos adjacentes à casa do padre Moretta.

Por vezes, como disse, íamos a Nossa Senhora de Campagna, à igreja da Consolata, a Stupinigi[141] ou aos lugares já mencionados. Como fazíamos frequentes caminhadas até lugares distantes, vou contar uma que fizemos a Superga. Por ela se ficará sabendo como se organizavam as outras.

Reunidos os jovens no prado, dava-se tempo para que brincassem com bochas, malhas, andas etc.; em seguida, tocava-se um tambor e depois uma trombeta, anunciando a reunião e a partida. Tinha-se o cuidado de que antes todos ouvissem a missa; e pouco depois das 9 horas partíamos rumo a Superga. Alguns carregavam cestos de pão, outros queijo ou salame, frutas ou outras coisas necessárias para passar o dia. Guardava-se silêncio até sair da cidade, mas sempre em fila e em ordem.

Chegando ao pé da subida que leva à basílica, topei com um estupendo cavalinho, ajaezado a primor, que o cura da igreja, padre Anselmetti[142], me havia enviado. Aí recebi um bilhete do teólogo Borel, que nos havia precedido. Nele dizia: "Venha tranquilamente com nossos queridos jovens; a sopa, o prato e o vinho estão preparados". Montei a cavalo e li o bilhete em voz alta. Todos se apinharam ao redor do cavalo. Após a leitura, puseram-se unanimemente a aplaudir e a dar vivas em meio a gritos, muita algazarra e cantos. Alguns pegavam o cavalo pelas orelhas, outros seguravam o nariz ou a cauda, esbarrando ora no pobre animal ora no cavaleiro. O manso animal tudo suportava pacificamente, dando sinais de maior paciência do que a de quem o montava.

Em meio àquele alvoroço fazia-se ouvir nossa banda, que consistia num tambor, numa trombeta e num violão. Tudo desafinado; mas servia para fazer barulho, e as vozes dos meninos bastava para produzir maravilhosa harmonia.

Cansados de rir, brincar, cantar e, diria, de urrar, chegamos à meta. Os rapazes, por estarem suados, reuniram-se no pátio do santuário e receberam o necessário para satisfazer-lhes o voraz apetite. Depois de descansarem um pouco, reuni-os a todos e contei-lhes pormenorizadamente a maravilhosa história da basílica, dos sepulcros reais que se encontram na cripta, e da Academia Eclesiástica aí erigida por Carlos Alberto[143] e promovida pelos bispos dos Estados Sardos.

[141] Stupinigi: localidade a 8 km da cidade, onde há um palacete usado pelo rei durante as partidas de caça, rodeado de uma amplo parque e de um espesso bosque.
[142] José Maurício Anselmetti (1778-1852), cura da paróquia da Natividade de Maria, não longe da basílica de Superga.
[143] O rei Carlos Alberto de Saboia-Carignano (1798-1849), subiu ao trono em 1831.

O teólogo Guilherme Audísio, que era o presidente[144], pagou generosamente sopa e cozido a todos os visitantes. O pároco deu vinho e frutas. Durante umas duas horas visitaram os locais, e depois nos reunimos na igreja, na qual havia muita gente. Às 3 horas da tarde, fiz no púlpito um sermãozinho, após o qual alguns de boa voz entoaram um *Tão sublime Sacramento.* A novidade das vozes brancas causou a todos muita admiração. Às 6 horas soltamos alguns balões e depois, com cordiais agradecimentos a quem nos havia acolhido, partimos de volta para Turim. Os mesmos cantos, risos e corridas de antes, unidos às vezes a orações, ocuparam nosso caminho. Chegados à cidade, os meninos iam deixando as fileiras à medida que passavam perto de suas casas. Quando cheguei ao Refúgio, tinha ainda comigo 7 ou 8 rapazes mais fortes, que traziam os utensílios empregados durante o dia.

21. O marquês Cavour e suas ameaças – Novos transtornos para o Oratório

Impossível descrever o entusiasmo que esses passeios despertavam nos rapazes. Contentes com essa mistura de devoções, brinquedos e passeios, afeiçoavam-se tanto a mim, que não só obedeciam fielmente às minhas ordens, mas desejavam vivamente que lhes desse alguma incumbência. Um dia, ao ver que com um simples gesto da mão eu impunha silêncio a cerca de 400 jovens que pulavam e faziam algazarra no prado, um guarda pôs-se a exclamar: "Se esse padre fosse um general, poderia combater contra o mais poderoso exército do mundo". De fato, a obediência e o afeto dos meus alunos raiava pela loucura. Isso, por outro lado, concorreu para renovar o diz-que-diz-que de que Dom Bosco podia a qualquer momento desencadear uma revolução com seus rapazes. Essa afirmação ridícula novamente mereceu crédito entre as autoridades locais e especialmente do marquês Cavour[145], pai dos célebres Camilo[146] e Gustavo[147], e que era então vigário da cidade, o que equivalia a chefe do poder urbano. Mandou-me chamar ao palácio municipal e depois de muito discorrer sobre as intrigas que circulavam a meu respeito, concluiu: "Meu bom padre, aceite o meu conselho: não se meta com esses canalhas. Eles

[144] Guilherme Antônio Audísio (1802-1882), presidente da Academia de Superga até 1849; depois se estabeleceu em Roma, ocupando a cátedra de *Direito da natureza e dos povos* na Universidade La Sapienza.
[145] Miguel José Benso, marquês di Cavour (1781-1850), de 1835 até 1847 ocupou o cargo de *Vigário-geral de Política e de Polícia* para a capital (*Vigário da Cidade*), com a tarefa de tutelar a ordem pública.
[146] Camilo Benso, conde di Cavour (1810-1861), segundo filho de Miguel, primeiro ministro de 1852 até 1860, promoveu uma política liberal e realizou a unificação nacional (17 de março de 1861).
[147] Gustavo Felipe Benso, marquês di Cavour (1806-1864), filho mais velho de Miguel, estudioso em filosofia e filorosminiano, foi um dos fundadores do jornal *L'Armonia.*

só causarão aborrecimentos ao senhor e às autoridades públicas. Garantiram-me que essas reuniões são perigosas, e por isso não posso tolerá-las".

– Não tenho outro objetivo, senhor marquês, respondi, que não o de melhorar a sorte desses pobres filhos do povo. Não peço recursos pecuniários, mas somente um lugar onde recolhê-los. Espero desse modo diminuir o número dos desordeiros e dos que vão parar na cadeia.

– Engana-se, meu bom padre; o senhor se cansa inutilmente. Não posso arranjar-lhe nenhum lugar, pois essas reuniões são perigosas; e onde arranjará recursos para pagar aluguéis e fazer frente a tantas despesas que lhe trazem esses vagabundos? Repito que não posso permitir essas concentrações.

– Os resultados alcançados, senhor marquês, dão-me a certeza de que não estou trabalhando em vão. Muitos rapazes totalmente abandonados foram recolhidos, libertados dos perigos, encaminhados a algum ofício e não foram parar na cadeia. Não me faltaram até agora os meios materiais; eles estão nas mãos de Deus, o qual algumas vezes se serve de instrumentos desprezíveis para realizar sublimes desígnios.

– Tenha paciência, obedeça-me sem mais; não posso permitir-lhe essas reuniões.

– Não é por mim, senhor marquês, mas pelo bem de tantos rapazes abandonados, que talvez teriam um triste fim.

– Cale-se. Não estou aqui para discutir. Trata-se de uma desordem, e eu quero e devo impedi-la. Não sabe que qualquer reunião é proibida, caso não haja legítima licença?

– Minhas reuniões não têm escopo político. Eu ensino o catecismo a meninos pobres e o faço com a licença do arcebispo.

– O arcebispo está informado de tudo?

– Plenamente informado. Não dei um passo sequer sem o seu consentimento.

– Mas eu não posso permitir essas reuniões.

– Acredito, senhor marquês, que não quer proibir-me de dar catecismo com a autorização do meu arcebispo.

– E se o arcebispo lhe disser que desista dessa ridícula empresa, o senhor oporia alguma dificuldade?

– De maneira alguma. Comecei e até agora continuei com o parecer do meu superior eclesiástico, e uma simples palavra dele seria para mim uma ordem.

– Pode ir; falarei com o arcebispo. Mas depois não se mantenha obstinado ante suas ordens, porque de outra sorte me obrigaria a medidas severas de que não quero lançar mão.

Estando assim as coisas, pensei que ao menos por algum tempo me deixariam em paz. Qual não foi, porém, meu espanto quando, ao chegar a casa, encontrei uma carta, com a qual os irmãos Filippi me despejavam do local que me haviam alugado!

– Seus meninos, diziam, pisoteando repetidamente nosso prado, vão acabar até com a raiz da grama. De boa mente perdoamos-lhe o aluguel vencido, contanto que dentro de quinze dias nos devolva o terreno. Não podemos conceder-lhe mais tempo.

Correu voz das dificuldades que estávamos atravessando, e vários amigos vieram aconselhar-me a abandonar uma empresa, segundo eles, de todo inútil. Outros, vendo-me preocupado e sempre rodeado de meninos, começavam a dizer que eu ficara louco.

Um dia, o teólogo Borel começou a me dizer na presença do padre Sebastião Pacchiotti[148] e de outros: "Para não nos expormos ao perigo de perder tudo, é melhor salvar alguma coisa. Vamos deixar todos os jovens que temos atualmente e conservar apenas uns 20 dos mais pequenos. Enquanto continuamos a ensinar-lhes o catecismo, Deus nos abrirá um caminho e oferecerá oportunidade para fazer mais". Respondi-lhes: "Não é preciso aguardar novas oportunidades. O lugar está preparado. Temos um pátio espaçoso, uma casa com muitos meninos, pórticos, igreja, padres e clérigos. Tudo à nossa disposição".

– Mas onde está isso tudo?, interrompeu o teólogo Borel.

– Não sei dizer onde, mas certamente existe e é nosso.

Então o teólogo Borel começou a chorar e exclamou: "Pobre Dom Bosco! Está de juízo turvado". Tomou-me pela mão, beijou-me e afastou-se com o padre Pacchiotti, deixando-me só em meu quarto.

22. Despedida do Refúgio – Nova acusação de loucura

As muitas coisas que se propalavam a respeito de Dom Bosco começavam a inquietar a marquesa Barolo, tanto mais que a prefeitura de Turim se mostrava contrária aos meus projetos.

[148] Sebastião Pacchiotti (1806-1885), capelão das Obras Barolo junto com padre Borel e Dom Bosco.

Veio um dia aoo meus aposentos e começou a falar-me assim: "Estou muito contente com sua dedicação às minhas instituições. Agradeço-lhe ter trabalhado tanto para introduzir nelas os cantos sacros, o canto gregoriano, a música, a aritmética e também o sistema métrico".

– Não é preciso agradecer. Os padres têm que trabalhar porque é um dever deles. Deus pagará tudo, e não se fale mais nisso.

– Queria dizer que sinto bastante que as muitas ocupações lhe tenham prejudicado a saúde. Não é possível que possa continuar com a direção das minhas obras e com a dos meninos abandonados, tanto mais agora que o número deles cresceu desmesuradamente. Quero propor-lhe que se ocupe somente com o que é obrigação sua, isto é, com a direção do Pequeno Hospital, e não vá mais aos cárceres, ao Cottolengo, e suspenda de todo sua preocupação pelos meninos. Que acha?

– Senhora marquesa, Deus me ajudou até agora e não deixará de ajudar-me. Não se preocupe com o trabalho. Entre mim, o padre Pacchiotti e o teólogo Borel, faremos tudo.

– Mas eu não posso permitir que o senhor se mate. Tantas e tão variadas ocupações, queira ou não, prejudicam sua saúde e minhas instituições. E depois, as vozes que correm acerca da sua saúde mental, a oposição das autoridades locais, obrigam-me a aconselhá-lo...

– A que, senhora marquesa?

– Ou a deixar a obra dos meninos, ou a obra do Refúgio. Pense e depois me dê a resposta.

– Minha resposta já está pensada. A senhora tem dinheiro e com facilidade encontrará quantos padres quiser para sua obra. O mesmo não acontece com meus pobres meninos. Se me retirar agora, tudo irá por água abaixo; por isso, continuarei a fazer igualmente o que puder pelo Refúgio, deixarei oficialmente o cargo e me dedicarei inteiramente ao cuidado dos meninos abandonados.

– E como há de viver?

– Deus sempre me ajudou e ajudará também no futuro.

– Mas sua saúde está definhando, a cabeça está cansada; mergulhará em dívidas; virá procurar-me, e eu garanto desde agora que não lhe darei um tostão sequer para os seus meninos. Aceite meu conselho de mãe. Continuarei a dar-lhe o estipêndio, e, se quiser, aumento-o. Vá passar um, três, cinco anos em algum lugar; descanse; quando estiver restabelecido, volte ao Refúgio, e será sempre bem-vindo. De outra sorte, coloca-me na desagradável necessidade de despedi-lo de minha fundação. Pense seriamente.

– Já pensei, senhora marquesa. A minha vida está consagrada ao bem da juventude. Agradeço-lhe as ofertas que me faz, mas não posso afastar-me do caminho que a Providência me traçou.

– Prefere então os seus vagabundos aos meus institutos? Se é assim, está desde já despedido. Vou arranjar hoje mesmo um substituto.

Fiz-lhe ver que uma despedida tão precipitada daria motivo a suposições pouco honrosas para mim e para ela. Era melhor agir com calma e conservar entre nós a mesma caridade com a qual deveríamos ambos falar um dia no tribunal do Senhor.

– Então, concluiu, dou-lhe três meses para deixar a direção do meu Pequeno Hospital.

Aceitei a decisão, abandonando-me ao que Deus quisesse dispor a meu respeito.

Entretanto espalhava-se cada vez mais insistente a voz de que Dom Bosco ficara louco. Meus amigos mostravam-se consternados; outros riam; mas todos mantinham-se afastados de mim. O arcebispo deixava a coisa correr; o padre Cafasso aconselhava a contemporizar; o teólogo Borel silenciava. Assim, todos os meus colaboradores me deixaram só, com cerca de 400 meninos.

Nessa ocasião algumas pessoas respeitáveis quiseram cuidar da minha saúde. "Esse Dom Bosco – dizia uma delas – tem fixações que o levarão inevitavelmente à loucura. Talvez uma cura lhe faça bem. Vamos levá-lo ao manicômio e lá, com os devidos cuidados, far-se-á o que a prudência sugerir". Encarregaram duas delas de virem buscar-me de carruagem e levar-me ao manicômio. Os dois mensageiros cumprimentaram-me gentilmente; depois, perguntando por minha saúde, pelo futuro edifício e pela igreja, lançaram um profundo suspiro e prorromperam nestas palavras: "É verdade". Após o que convidaram-me a acompanhá-los num passeio. "Um pouco de ar puro lhe fará bem; venha, temos uma carruagem à disposição, vamos juntos e teremos tempo para conversar".

Percebi logo o que estavam armando e sem me dar por achado acompanhei-os à carruagem, insisti que entrassem antes e tomassem assento, e, em vez de entrar, fechei de golpe a porta, dizendo ao cocheiro: "Vá bem depressa ao manicômio, onde estes dois padres estão sendo esperados".

23. Transferência para o atual Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco

Enquanto acontecia o que acima expus, chegou o último domingo em que ainda me permitiam organizar o oratório no prado (15 de março de 1846)[149]. Eu calava, mas todos sabiam de minhas dificuldades e espinhos. Na tarde desse dia contemplei a multidão de meninos a brincar, e pensava na messe abundante que se ia preparando para o sagrado ministério. Vendo-me agora tão só, falto de colaboradores, forças esgotadas, saúde em estado deplorável, sem saber onde no futuro reunir meus meninos, senti-me profundamente comovido.

Afastando-me um pouco, pus-me a passear sozinho, e pela primeira vez quiçá senti-me comovido até às lágrimas. Caminhando e erguendo os olhos ao céu, exclamei: "Meu Deus, por que não me mostrais o lugar em que desejais que reúna esses meninos? Dai-mo a conhecer ou dizei-me o que devo fazer".

Nem bem terminei esse desabafo, chegou um homem chamado Pancrácio Soave[150], que disse a gaguejar: "É verdade que está à procura de um lugar para construir um laboratório?".

– Laboratório, não. Oratório.

– Não sei se é a mesma coisa oratório ou laboratório, mas lugar existe, venha ver. É propriedade do senhor José Pinardi[151], pessoa honesta. Venha e fará um bom contrato.

Precisamente naquele instante chegou um fiel colega do seminário, o padre Pedro Merla, fundador de uma obra pia conhecida sob o nome de *Família de São Pedro*[152]. Dedicava-se com zelo ao sagrado ministério e havia iniciado a sua instituição com o fito de remediar o triste abandono em que se encontram tantas jovens ou mulheres infelizes que, após um tempo de cadeia, são na maioria das vezes rechaçadas pela sociedade e mesmo por pessoas boas, tornando-se quase impossível encontrar quem lhes queira dar pão ou traba-

[149] O fato aqui narrado ocorreu provavelmente no domingo precedente, 8 de março, como se pode deduzir de uma carta de Dom Bosco ao Vigário da Cidade, na data de 13 de março de 1846 (veja acima, n. 1).

[150] Pancrácio Soave: comerciante que a partir do dia 10 de novembro de 1845 alugou a casa Pinardi (cf. F. GIRAUDI, *L'Oratorio di don Bosco...,* p. 66).

[151] Deveria dizer: Francisco Pinardi. Adquirira dos irmãos Filippi a casa no dia 14 de julho de 1845; no dia 10 de novembro do mesmo ano a cedia em aluguel ao senhor Pancrácio Soave, menos o telheiro "que se está construindo atrás da casa" e do terreno circunstante (cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia econômica*..., p. 75).

[152] Pedro Merla (1815-1855), companheiro de seminário de Dom Bosco; era capelão dos cárceres femininos; em 1848 fundou o Retiro São Pedro (dito também *Família de São Pedro*) para acolher mulheres que saíam das prisões.

lho. Quando lhe sobrava algum retalho de tempo, o digno sacerdote vinha gostosamente ajudar o amigo, que de ordinário se achava sozinho em meio a uma multidão de meninos.

– Que é que há?, disse assim que me viu. Nunca te vi tão triste. Aconteceu alguma desgraça?

– Desgraça não, mas um apuro muito grande. Hoje é o último dia que posso ficar neste prado. Já é tarde, faltam duas horas apenas; devo dizer aos meus meninos onde é que se devem reunir no próximo domingo, e não sei. Está aí um amigo que diz existir um local que talvez me convenha. Vem, cuida um pouco do recreio. Eu vou ver e logo estarei de volta.

Chegando ao lugar indicado, vi uma casucha de um só andar, com escada e balcão carcomidos, rodeada de hortas, prados e campos. Queria subir a escada, mas Pinardi e Pancrácio disseram: "Não, o lugar para o senhor é aqui atrás". Tratava-se de um longo telheiro, que de um lado se apoiava na parede e do outro terminava cerca de 1 metro do chão. Podia servir, caso fosse necessário, apenas para depósito de material ou de lenha. Para entrar, tive de abaixar a cabeça, senão batia com ela no teto.

– Não me serve; é muito baixo, disse.

– Mandarei ajeitar como quiser, replicou complacentemente Pinardi.

– Cavarei, farei degraus e outro pavimento, mas desejo muito mesmo que instale aqui o seu laboratório.

– Não é laboratório, mas oratório, uma pequena igreja para reunir meninos.

– Com maior razão ainda. Prestar-me-ei até com mais boa vontade. Vamos fazer um contrato. Eu também sou cantor, virei ajudá-lo; trarei duas cadeiras, uma para mim, outra para minha mulher. Além disso, tenho um lampião lá em casa. Vou trazê-lo para cá.

O bom homem parecia delirar pela satisfação de ter uma igreja em sua casa.

– Agradeço-lhe, bom amigo, a caridade e boa vontade. Aceito seus oferecimentos. Se puder rebaixar o chão pelo menos uns dois palmos (50 centímetros), aceito. Mas quanto vai querer?

– Trezentos francos; oferecem-me mais, todavia prefiro o senhor porque quer destinar o local para benefício público e religião.

– Dou-lhe 320, se me der também a faixa de terreno ao lado, para o recreio dos jovens; contanto que me prometa que domingo próximo eu possa vir para cá com meus meninos.

– Certo, trato feito. Pode vir, que tudo estará arranjado.

Não quis mais nada. Corri logo ao encontro dos meus jovens; reuni-os ao meu redor e pus-me a gritar em voz alta: "Coragem, meus filhos, temos um oratório mais estável que no passado; teremos igreja, sacristia, salas para as aulas, lugar para recreio. Domingo, domingo iremos ao novo oratório, lá na casa Pinardi". E indicava-lhes o lugar.

Minhas palavras foram acolhidas com o mais vivo entusiasmo. Alguns corriam ou pulavam de alegria; outros permaneceram imóveis; outros mais gritavam e, diria, urravam, berravam. Mas de comoção, como quem experimenta grande alegria e não sabe como exprimi-la, levados por profunda gratidão; e para agradecer à Santíssima Virgem que havia acolhido e atendido as nossas orações, feitas naquela mesma manhã a Nossa Senhora de Campagna, ajoelhamo-nos pela última vez naquele prado e rezamos o terço, terminado o qual cada um voltou para a própria casa. Era assim a última saudação a um lugar que havíamos amado por necessidade, mas que, pela esperança de outro melhor, abandonávamos sem mágoa.

No domingo seguinte, solenidade da Páscoa, 12 de abril, levaram-se para lá todos os apetrechos da igreja e dos jogos, e fomos tomar posse do novo local.

Terceira década 1846-1856

1. A nova igreja

Como havia um aluguel com contrato formal, a nova igreja, apesar de extremamente mesquinha, livrava-nos do temor de dever emigrar a qualquer momento de um lugar para outro, com graves transtornos. Além do mais, parecia-me ser de fato o sítio onde havia visto em sonho, *Haec est domus mea, inde gloria mea* ainda que fossem outras as disposições do céu. Não eram pequenos os problemas provenientes do fato de estarmos ao lado de uma casa de imoralidade; problemas causava também a taberna Jardineira, hoje casa Bellezza[153], onde, sobretudo nos dias festivos, se reuniam todos os boêmios da cidade. Isso não obstante pudemos superar as dificuldades e começar a fazer com regularidade nossas reuniões.

[153] Era uma taberna situada na casa de Teresa Catarina Novo, viúva Bellezza, a poucos metros da casa Pinardi.

Terminados os trabalhos, o arcebispo concedia, no dia [10] de abril, a faculdade de benzer e dedicar ao culto divino o modesto edifício. Isso acontecia no domingo, [12] de abril de 1846. O próprio arcebispo, para mostrar sua satisfação, renovou a faculdade já concedida quando estávamos no Refúgio, isto é, de cantar missa, fazer tríduos, novenas, exercícios espirituais, administrar a crisma, a santa comunhão e, também, poder cumprir-se *o preceito pascal por parte de todos os que frequentassem nossa instituição.*

O fato de dispormos de local estável, os sinais de aprovação do arcebispo, as funções solenes, a música, a notícia da existência de um pátio para jogos, atraíam meninos de todos os cantos. Alguns eclesiásticos começaram a voltar. Entre os que prestavam colaboração destacam-se o padre José Trivero, o teólogo Jacinto Carpano, o teólogo João Vola, o teólogo Roberto Murialdo[154] e o intrépido teólogo Borel.

As funções religiosas transcorriam da seguinte maneira: nos dias festivos abria-se bem cedo a igreja e começavam as confissões, que iam até a hora da missa. A missa estava marcada para as 8, mas para atender à multidão dos que desejavam confessar-se, passava com frequência para as 9 e mais tarde ainda. Um dos padres, quando os havia, ficava tomando conta e rezava alternadamente as orações. Durante a missa comungavam os que se achavam preparados. Terminada a missa e depostos os paramentos, eu subia a um púlpito bastante baixo para fazer a explicação do Evangelho. Por então, em vez da homilia, começamos a narrar em ordem a História Sagrada. Esses relatos, feitos em forma simples e popular, revestidos com dados dos costumes dos tempos, lugares, nomes geográficos e sua versão atual, agradavam muito aos pequeninos, aos adultos e aos próprios eclesiásticos presentes. Depois da pregação vinham as aulas, que duravam até meio-dia.

A 1 hora da tarde começava o recreio, com bochas, pernas-de-pau, fuzis, espadas de madeira e os primeiros aparelhos de ginástica. Às 2 e meia começava o catecismo. A ignorância era, de modo geral, muito grande. Muitas vezes aconteceu começar o canto da *Ave-Maria* e, de cerca de 400 meninos presentes, nenhum ser capaz de responder nem de prosseguir, caso eu calasse.

Terminado o catecismo, não sendo possível ainda cantar as vésperas, rezava-se o Terço. Mais tarde começou-se a cantar o *Ave Maris Stella*, depois o *Magnificat*, mais tarde o *Dixit**, em seguida os demais salmos, e por fim uma ou outra antífona; e assim, no espaço de um ano, fomos capazes de cantar todas as vésperas de Nossa Senhora.

[154] Jovens sacerdotes amigos de Dom Bosco, empenhados na ação pastoral e social. José Trivero (1816-1894); Jacinto Carpano (1821-1894), que dirigirá de 1847 a 1852 o Oratório de São Luís; João Vola (1806-1872), colaborador e sucessor do padre Pedro Merla; Roberto Murialdo (1815-1882), capelão da casa real, será diretor do Oratório do Anjo da Guarda desde 1849.

A essas práticas seguia-se uma breve instrução, quase sempre um exemplo, no qual se ressaltava um vício ou uma virtude. Encerrava-se tudo com o canto das ladainhas e a bênção do Santíssimo Sacramento.

Ao sair da igreja começava o tempo livre, durante o qual cada um se entretinha como bem lhe aprouvesse. Alguns continuavam a aula de catecismo, outros de canto ou leitura, mas a maior parte punha-se a saltar, a correr e a divertir-se nos diversos jogos e passatempos. Os que se juntavam para saltos, corridas, prestidigitação, cordas e barras moviam-se sob meu comando, pois outrora eu havia aprendido isso tudo com os saltimbancos. Assim, era possível conter de alguma maneira aquela multidão, da qual em boa parte podia-se dizer que era *sicut equus et mulus, quibus non est intellectus*[155].

Por outra parte devo dizer que na grande ignorância sempre admirei neles grande respeito às coisas da Igreja e aos ministros sagrados, e ainda uma grande disposição para aprender as verdades religiosas.

Mais, servia-me daqueles agitados recreios para insinuar aos meus alunos pensamentos religiosos e convidá-los a frequentar os santos sacramentos. Com uma palavrinha ao ouvido recomendava a uns maior obediência ou maior pontualidade nos deveres do próprio estado; a outros, que tomassem parte no catecismo, viessem confessar-se e coisas que tais. De sorte que para mim aqueles brinquedos eram um meio oportuno para pôr-me em contato com uma multidão de meninos que, sábado à tarde ou domingo de manhã, vinham com a maior boa vontade fazer sua confissão.

Por vezes tirava-os dos próprios brinquedos para levá-los ao confessionário, quando se mostravam arredios a esses importantes deveres. Vou contar aqui um dos muitos fatos. Um menino havia sido muitas vezes convidado a fazer a páscoa. Todos os domingos prometia vir, mas não cumpria a palavra. Um domingo, após as sagradas funções, pôs-se a brincar com extraordinário entusiasmo. Enquanto saltava e corria por todos os lados, suando em bicas, rosto tão afogueado que já não sabia se estava neste mundo ou no outro, chamei-o a toda a pressa, pedindo-lhe que viesse comigo à sacristia para ajudar-me num trabalho. Ele queria vir assim como estava, em mangas de camisa. "Não, disse-lhe eu, põe o casaco e vem". Chegados à sacristia, levei-o ao coro e disse: "Ajoelha-te neste genuflexório".

Obedeceu, mas como se quisesse transportá-lo para outro lugar.

– Não, atalhei, deixa tudo como está.

[155] Cf. Sl 31,9.

* Primeira palavra do Salmo 110 com que se iniciam as vésperas de domingo, em latim: "*Dixit Dominus Domino meo*".

– Então, que é que o senhor quer de mim?

– Confessar-te.

– Não estou preparado.

– Sei disso.

– Então?

– Então te prepara, depois te confessarei.

– Bem, muito bem, exclamou; tinha mesmo necessidade, verdadeira necessidade. Fez bem em pegar-me deste jeito, senão ainda não teria vindo, de medo dos colegas.

Enquanto rezei uma parte do breviário, o menino preparou-se um pouco; depois fez de boa vontade a confissão e com muito recolhimento a ação de graças. A partir daí foi sempre dos mais assíduos no cumprimento dos deveres religiosos. Costumava contar o fato aos companheiros, concluindo: "Dom Bosco serviu-se de um belo estratagema para prender o melro na gaiola".

Pelo cair da noite, a um sinal da campainha, todos se recolhiam na igreja, onde se fazia um pouco de oração ou rezava-se o terço com o *Angelus*, e tudo se encerrava com o canto Louvado seja sempre...

Quando saíam da igreja, punha-me no meio deles e acompanhava-os por entre cantos e muita algazarra. Quando, subindo, subindo, chegávamos à praça do Rondó[156], entoava-se ainda alguma estrofe de um canto sacro, depois se convidavam os meninos para o domingo seguinte, e desejando-nos boa-noite em voz alta uns aos outros, cada um tomava o seu rumo.

Na hora de deixar o oratório acontecia uma cena singular. Saindo da igreja, todos davam mil vezes boa-noite sem, contudo, abandonar o grupo dos colegas. Eu me cansava de repetir: "Vão para casa, está anoitecendo, os pais estão esperando vocês". Inutilmente. Era forçoso deixá-los reunidos. Seis dos mais fortes faziam com os braços uma como cadeira, sobre a qual, à maneira de um trono, eu era forçado a sentar. Formando então várias filas bem organizadas, transportavam Dom Bosco naquele estrado de braços, que emergia acima dos mais altos. Caminhavam cantando, rindo e gritando até à praça chamada Rondó. Aí cantavam-se ainda algumas canções que se encerravam com o canto solene *Louvado sempre seja...* Fazia-se depois profundo silêncio e eu então podia desejar a todos boa-noite e boa semana. Respondiam, todos, a plenos pulmões: *boa-noite!* Agora eu era deposto do trono, e cada um voltava

[156] Rondò: praça circular, a pouco metros do Oratório, na confluência de duas avenidas arborizadas: a de São Maurício (hoje Rainha Margarida) e a de Príncipe Eugênio.

para a própria família, ao passo que alguns dos mais crescidos me acompanhavam até a casa meio morto de cansaço.

2. Cavour – Tribunal de Contas – Guarda civil

Não obstante a ordem, a disciplina e a tranquilidade do nosso oratório, o marquês Cavour, vigário da cidade, pretendia o fim das nossas reuniões que ele julgava perigosas. Quando soube que eu sempre havia procedido com o consentimento do arcebispo, reuniu o tribunal de ordem pública no palácio episcopal, por estar o prelado um tanto adoentado.

O tribunal estava formado por uma seleção de conselheiros, em cujas mãos concentrava-se todo o poder civil. O presidente do tribunal, chamado chefe da ordem pública, primeiro decurião ou ainda vigário da cidade, tinha mais poder que o próprio prefeito[157].

– Quando vi todos aqueles figurões, disse mais tarde o arcebispo, reunirem-se nesta sala, pareceu-me que ia começar o juízo universal. Discutiu-se muito pró e contra, e no fim chegou-se à conclusão de que se devia absolutamente impedir e dispersar aquelas aglomerações porque comprometiam a tranquilidade pública.

Fazia parte do tribunal o conde José Provana di Collegno, nosso insigne benfeitor, então ministro do Controle Geral, ou seja, da Fazenda, do rei Carlos Alberto. Várias vezes me havia dado subvenções do seu próprio bolso e também da parte do soberano. O príncipe gostava de ouvir falar do oratório, e por ocasião de alguma solenidade lia sempre com satisfação a relação escrita que eu lhe enviava ou que o referido conde lhe fazia oralmente. Mandou-me dizer várias vezes que muito apreciava essa atividade do ministério eclesiástico, que ele comparava às missões estrangeiras, exprimindo vivo desejo de que instituições similares se estabelecessem em todas as cidades e povoados de seu Estado. Por ocasião do ano-bom costumava enviar-me sempre um subsídio de 300 liras com estas palavras: – Para os molequinhos de Dom Bosco.

Quando soube que o tribunal de ordem pública ameaçava proibir as nossas reuniões, encarregou o conde de transmitir sua vontade com estas palavras: "É minha intenção que essas reuniões dominicais sejam promovidas e protegidas; se há perigo de desordens, procure-se a maneira de as prevenir e impedir".

[157] O governo da cidade de Turim era confiado a dois organismos, um restrito, a *Adminitração Cívica* ou *Controladoria* (2 prefeitos, 1 mestre em contabilidade, 6 contadores e 1 secretário), e uma ampliada, o *Corpo de Decuriões* (compreendendo os membros da Controladoria, mais 50 conselheiros).

O conde Collegno, que havia assistido em silêncio a toda aquela viva discussão, quando viu propor a ordem de dispersão e dissolução definitiva, levantou-se, pediu a palavra e comunicou a intenção do soberano e a proteção que o rei queria dispensar à minúscula instituição.

Ante essas palavras silenciou Cavour e todo o tribunal. O vigário mandou-me de novo chamar a toda a pressa e em tom ameaçador, chamando-me de obstinado, concluiu com estas indulgentes palavras: "Não quero o mal de ninguém. O senhor trabalha com boa intenção, mas o que faz apresenta muitos perigos, e como sou obrigado a velar pela ordem pública, mandarei vigiá-lo, ao senhor e suas reuniões. A menor coisa que o possa comprometer, farei imediatamente expulsar seus moleques e o senhor me dará conta de quanto acontecer".

Fosse por causa das agitações em que andou envolvido, fosse por alguma doença que já o minava, o fato é que foi essa a última vez que Cavour esteve no palácio municipal. Acometido de gota, muito teve de sofrer, e dentro de poucos meses baixou à sepultura. Todavia, nos seis meses que ainda viveu, mandou todos os domingos alguns guardas municipais passar o dia inteiro conosco, vigiando sobretudo o que se dizia ou fazia na igreja ou fora dela.

– E então, disse uma ocasião o marquês Cavour a um dos guardas, que é que viram ou ouviram no meio daquela gentalha?

– Senhor marquês, vimos uma multidão de meninos divertir-se de mil maneiras; na igreja ouvimos pregações de meter medo. Disseram tais coisas sobre o inferno e os demônios que me deram vontade de confessar-me.

– E de política?

– De política nada se falou, porque aqueles meninos nada entenderiam. Acho que falariam muito bem sobre pãezinhos, pois nisso todos estão em condições de ser os primeiros.

Morto Cavour, já não houve ninguém na prefeitura que nos incomodasse; ao contrário, todas as vezes que se apresentou ocasião, a prefeitura de Turim sempre nos favoreceu, até 1877.

3. Aulas dominicais – Aulas noturnas

Já em São Francisco de Assis havia percebido a necessidade de uma escola. Há jovens um tanto avançados nos anos, que ainda ignoram as verdades da fé. Para eles, o simples ensino oral é longo e quase sempre aborrecido; por isso com facilidade o deixam. Tentou-se dar-lhes algumas aulas, mas isso não

foi possível por falta de locais e de professores que nos quisessem ajudar. No Refúgio, posteriormente na casa Moretta, iniciamos uma escola dominical estável, e também uma escola noturna regular quando nos estabelecemos em Valdocco[158]. Para alcançar um bom resultado, enfrentava-se uma matéria por vez. Por exemplo, fazia-se num ou dois domingos passar e repassar o alfabeto e soletrar; em seguida se tomava logo o primeiro catecismo e nele fazia-se soletrar e ler até que fossem capazes de entender uma ou duas das primeiras perguntas; essa era a lição para a semana seguinte. E quando chegava o domingo, fazia-se repetir a mesma matéria, acrescentando novas perguntas e respostas. Destarte pude em oito domingos fazer com que alguns chegassem a ler e estudar sozinho páginas inteiras do catecismo. Com isso ganhamos tempo, pois os maiorzinhos teriam de frequentar por muito tempo o catecismo antes de conseguirem suficiente instrução para poderem se confessar.

A assistência às aulas dominicais beneficiava a muitos, mas não bastava; porque muitos, de bem pouca inteligência, esqueciam totalmente quanto haviam aprendido no domingo anterior. Foi quando introduzimos as aulas noturnas que, começadas no Refúgio, continuaram com maior regularidade na casa Moretta, e melhor ainda quando pudemos dispor de um local estável, em Valdocco.

As aulas noturnas produziam dois bons efeitos: animavam os rapazes a virem aprender a leitura, da qual sentiam grande necessidade, e ao mesmo tempo nos ensejavam a oportunidade de instruí-los na religião, que era a finalidade de nossa instituição.

Mas donde tirar tantos professores, se quase todos os dias era preciso abrir novas classes?

Para resolver o problema, comecei a preparar um determinado número de rapazes da cidade. Ensinava-lhes, sem nada cobrar, italiano, latim, francês e aritmética, com a obrigação, porém, de virem ajudar-me a ensinar o catecismo, dar aula aos domingos e aulas noturnas. Meus pequenos professores, uns 8 ou 10 nesse tempo, continuaram a aumentar, e foi dessa maneira que começou a seção dos estudantes.

Quando ainda me achava no Colégio de São Francisco de Assis, entre meus alunos tive João Coriasco, atualmente mestre de marcenaria; Félix Vergnano, agora negociante de passamanaria, e Paulo Delfim. Este último é hoje professor de curso técnico. No Refúgio tive Antônio Melanotte, agora

[158] Região periférica ao norte da cidade, então usada para hortaliças e árvores frutíferas, na qual já se encontravam as obras da marquesa Barolo e do Cottolengo.

droguista, João Melanotte, confeiteiro; Félix Ferrero, corretor; Pedro Ferrero, tipógrafo; João Piola, carpinteiro, dono de oficina. Juntaram-se a eles Luís Genta, Vitório Mogna, e outros que todavia não foram constantes. Devia gastar muito tempo e dinheiro e, de modo geral, quando se achavam em condições de ajudar-me, a maior parte me abandonava.

Somaram-se a eles vários piedosos senhores de Turim. Foram constantes o senhor José Gagliardi, quinquilheiro; José Fino, da mesma profissão; Vitório Ritner, joalheiro, e outros. Os sacerdotes ajudavam-me especialmente celebrando a missa, pregando e dando catecismo aos mais crescidos.

A falta de livros criava uma grande dificuldade porque, terminado o primeiro catecismo, já não dispúnhamos de nenhum outro texto. Examinei todas as pequenas histórias sagradas que se usam nas aulas, mas não pude encontrar uma sequer que atendesse às nossas necessidades. Faltava-lhes simplicidade, traziam episódios inoportunos, perguntas longas e fora de propósito. Além disso, muitos fatos eram expostos de tal forma que punham em perigo a inocência dos meninos. Mais, todos eles bem pouco se preocupavam em ressaltar os pontos que devem servir de fundamento para as verdades da fé. Diga-se o mesmo dos fatos que se referem ao culto externo, ao purgatório, à confissão, Eucaristia e semelhantes.

Para sanar essa lacuna na educação, tão insistentemente reclamada pelos tempos, dediquei-me de corpo e alma à compilação de uma história sagrada de exposição fácil e estilo popular, e sem os mencionados defeitos. Essa a razão que me levou a escrever e imprimir a *História Sagrada para uso das escolas*[159]. Não podia garantir um trabalho elegante, mas trabalhei com a melhor boa vontade de servir à juventude.

Após alguns meses de aula, fizemos uma demonstração pública do que nossos alunos haviam aprendido nas lições do domingo. Os alunos foram interrogados sobre toda a história sagrada e a geografia com ela relacionada, seguindo um questionário apropriado. Estavam presentes o célebre padre Aporti[160], Boncompagni, o teólogo Pedro Baricco, o professor José Rayneri[161], e todos aplaudiram a experiência.

[159] Giovanni BOSCO, *Storia sacra per uso delle scuole utile ad ogni stato di persone.* Turim, Speirani e Ferrero 1847 (OE III, 2-212).

[160] Ferrante Aporti (1791-1858), sacerdote e pedagogista mantuano, o primeiro na Itália a abrir asilos infantis (1828). Em 1848 se refugiou em Turim, onde foi feito senador, presidente do Conselho universitário, da comissão para as escolas secundárias e inspetor-geral dos estudos.

[161] Carlos Boncompagni (1804-1880), magistrado, pedagogista e homem político. Pedro Baricco (1819-1887), sacerdote, membro do Conselho Municipal de Turim e coordenador dos estudos de duas escolas importantes, o Liceu Gioberti e o Liceu Cavour. João (não José) Antônio Rayneri (1810-1867), sacerdote, professor de antropologia e pedagogia na Universidade de Turim, cf. José Manuel PRELLEZO, *G. A. Rayneri negl iscritti pedagogici dei salesiani*, em "Orientamenti pedagogici" 40 (1993) 1039-1063.

Animados pelos progressos alcançados nas aulas dominicais e noturnas, acrescentaram-se aulas de aritmética e desenho às de leitura e escrita. Por toda a parte falava-se delas como de uma grande novidade. Muitos professores e distintas personalidades vinham com frequência visitá-las. A própria prefeitura mandou uma comissão, com o comendador José Duprè[162] à frente, encarregada exclusivamente de verificar se os decantados resultados das aulas noturnas eram uma realidade. Eles próprios formulavam perguntas sobre a pronúncia, sobre a contabilidade, sobre a declamação, e não podiam entender como jovens inteiramente iletrados até os 18 ou mesmo 20 anos, pudessem em poucos meses progredir tanto na educação e na instrução. Ao contemplar o grande número de jovens, já maiores, que em vez de vagabundear pela rua reuniam-se à noite para estudar, aqueles senhores saíram entusiasmados. Quando informaram o plenário da Câmara, foi-nos destinada como prêmio uma anuidade de 300 francos, que recebemos até 1878, quando – nunca foi possível saber por que – suprimiram-na para dá-la a outra instituição.

O cavalheiro Gonella[163], cujo zelo e caridade deixaram em Turim gloriosa e imorredoura memória, era então diretor da obra *La Mendicità Istruita*[164]. Também ele veio ver-nos várias vezes, e no ano seguinte (1847) introduziu o mesmo tipo de ensino, com os mesmos métodos, na obra confiada aos seus cuidados. Quando os administradores dessa obra se inteiraram de como funcionava nosso trabalho, outorgaram-nos uma ajuda de 1 mil francos para nossas aulas. A prefeitura seguiu o exemplo, e no espaço de poucos anos as aulas noturnas propagaram-se por todas as principais cidades do Piemonte.

Apareceu outra necessidade: um devocionário adaptado aos tempos. São incontáveis os que, redigidos por penas competentes, correm nas mãos de todos. Mas em geral são feitos para pessoas cultas, adultas, e ordinariamente servem tanto para os católicos como para os judeus e os protestantes. Vendo como a perigosa heresia ia-se infiltrando de dia para dia, procurei compilar um livro adaptado à juventude, à altura de seus conhecimentos religiosos, baseado na Bíblia, e que expusesse os fundamentos da religião católica com a maior concisão e clareza. Seria o Jovem Instruído[165].

O mesmo acontecia com o ensino da aritmética e do sistema métrico. É verdade que até 1850 o emprego do sistema métrico não seria obrigatório;

[162] José Luí Duprè (m. 1884), banqueiro, conselheiro municipal, administrador de várias obras caritativas.

[163] André Gonella (1770-1851), banqueiro e industrial têxtil. O filho, Marcos Guilherme (1822-1886), entusiasta colaborador de Dom Bosco, se tornará Cooperador Salesiano.

[164] *Opera della Mendicità Istruita*: instituição caritativa turinense, fundada em 1743, para a educação dos jovens pobres. Administrava 15 escolas elementares populares masculinas e 12 escolas femininas nos bairros mais miseráveis da cidade.

[165] Cf. n. 184.

mas começou a introduzir-se nas escolas em 1846. E quando fossem adotados legalmente nas escolas, não haveria livros de texto. Para preencher essa lacuna, lancei um opúsculo intitulado O sistema métrico decimal simplificado[166], etc.

4. Doença – Cura – Decisão de residir em Valdocco

Os muitos compromissos que eu tinha nas prisões, no Hospital Cottolengo, no Refúgio, no Oratório e nas escolas obrigaram-me a trabalhar de noite para compilar os opúsculos de que precisava sem falta[167]. Por isso, minha saúde, de si mesma bastante precária, deteriorou-se ao ponto de os médicos aconselharem-me a abandonar qualquer ocupação. O teólogo Borel, que muito me estimava, mandou-me passar algum tempo com o cura de Sassi[168] para que me restabelecesse. Descansava durante a semana e no domingo ia trabalhar no Oratório. Mas não era suficiente. Grupos de rapazes vinham visitar-me; a eles juntaram-se os do povoado. Resultado: molestavam-me mais do que se estivesse em Turim, e eu também molestava demais meus pequenos amigos.

Não só os que frequentavam o Oratório é que corriam a Sassi, todos os dias pode-se dizer, mas os próprios alunos dos Irmãos das Escolas Cristãs. Um episódio entre muitos: os alunos das escolas de Santa Bárbara[169], dirigidas por esses religiosos, fizeram os Exercícios espirituais. Como muitos deles costumavam confessar-se comigo, no fim dos Exercícios foram juntos procurar-me no Oratório. Não me encontrando, foram a Sassi, a 4 quilômetros de Turim. O tempo estava chuvoso; não conheciam o caminho; por isso andaram vagando por campos, prados e vinhas à procura de Dom Bosco. Chegaram por fim, cerca de 400, inteiramente esgotados pelo cansaço e pela fome, banhados de suor, cobertos de lama, pedindo confissão. "Fizemos os exercícios, diziam, queremos melhorar, queremos todos fazer uma confissão geral; viemos até

[166] Giovanni BOSCO, *Il sistema metrico decimale ridotto a semplicità preceduto dalle prime operazioni dell'aritmetica ad uso degli artigiani e della gente di campagna.* Turim. G. B. Paravia e Comp. 1849 (OE IV, 1-80). A passagem do antigo sistema de pesos e medidas para o sistema métrico decimal, estabelecido por régio edito (11 de setembro de 1845) deveria entrar em vigor no dia 1º de janeiro de 1850.

[167] Além da *História Sagrada*, do *Jovem Instruído*, do *Sistema métrico decimal,* naqueles anos Dom Bosco publicou outros livros: *Dados históricos sobre a vida do clérigo Luís Comollo* (1844, em OE I, 1-84); *O devoto do Anjo da Guarda* (1845, em OE I, 87-158); *História Eclesiástica para uso das escolas* (1845, em OE I, 160-556); *Exercício de devoção à misericórdia de Deus* (1847, em OE II, 71-181); *O cristão guiado à virtude e à civilização segundo o espírito de São Vicente de Paulo* (1848, em OE III, 215-503).

[168] Era o teólogo Pedro Abbondioli (1812-1893). Sassi é um povoado a 4 km do centro de Turim, na margem direita do rio Pó.

[169] Escolas elementares municipais dirigidas pelos Irmãos das Escolas Cristãs, situadas junto à antiga cidadela, ao lado da paróquia de Santa Bárbara.

aqui com licença dos nossos professores". Foram aconselhados a voltar imediatamente para o colégio a fim de evitar a preocupação dos professores e dos pais, mas eles insistiam decididamente que queriam confessar-se.

O professor municipal, o cura, o vice-cura e eu confessamos o que foi possível. Mas seriam necessários uns 15 confessores.

E agora, como satisfazer, ou melhor, aliviar o apetite daquela multidão? O bom cura, o atual teólogo Abbondioli, deu aos caminheiros todas as suas provisões. Pão, polenta, feijão, arroz, batata, queijo, frutas..., juntou tudo e distribuiu aos meninos.

Qual não foi o desaponto no colégio, quando os pregadores, os professores, algumas personalidades convidadas chegaram para o encerramento dos Exercícios, para a missa, comunhão geral e não encontraram um aluno sequer no colégio! Foi um deus nos acuda; e tomaram-se medidas para que o caso não viesse a repetir-se.

Novamente em casa, caí sem sentidos e fui levado para a cama. A doença manifestou-se como bronquite, à qual se juntou uma tosse e inflamação muito violenta. Em oito dias achava-me à beira do túmulo. Recebi o santo viático e os santos óleos. Parece-me que naquele momento estava preparado para morrer. Sentia abandonar meus meninos, mas estava contente por terminar meus dias após haver dado forma estável ao Oratório.

Assim que se espalhou a notícia de que a doença era grave, foi geral e intensa a consternação. Não podia ser maior. A cada momento turmas de meninos em lágrimas batiam à porta para informar-se da doença. Quanto mais notícias se davam, mais ainda queriam saber. Eu ouvia os diálogos com o criado e ficava emocionado. Soube depois até onde a afeição levou meus jovens.

Espontaneamente rezavam, jejuavam, ouviam missas, faziam comunhões. Alternavam-se para passar a noite e o dia em oração diante da imagem de Nossa Senhora da Consolata. Pela manhã acendiam velas, e até noite alta ficavam, sempre em número considerável, a rezar e suplicar à augusta Mãe de Deus que conservasse o pobre Dom Bosco.

Alguns fizeram voto de rezar o rosário inteiro por um mês, por um ano, por toda a vida. Não faltou quem prometesse jejuar a pão e água durante meses, anos e até toda a vida. Sei que alguns ajudantes de pedreiro jejuaram a pão e água semanas inteiras, sem diminuir, da manhã à tarde, seus pesados trabalhos. Antes, sobrando pequenos espaços de tempo livre, iam pressurosos passá-los diante do Santíssimo Sacramento.

Deus os ouviu. Era um sábado à tarde e acreditava-se que aquela noite seria a última da minha vida. Assim diziam os médicos que vieram examinar-me; assim estava eu também convencido, porque me sentia totalmente sem forças e perdia sangue sem parar. Noite alta senti vontade de dormir. Adormeci. E acordei fora de perigo. Quando pela manhã os doutores Botta e Cafasso[170] me visitaram, disseram que fosse agradecer a Nossa Senhora da Consolata a graça recebida.

Meus jovens não podiam acreditar se não me vissem. E me viram de fato pouco depois ir com minha bengalinha ao Oratório, tomado de comoção, fácil de imaginar, difícil de descrever. Cantou-se um *Te-Deum.* Aclamações sem-fim, entusiasmo indescritível.

Uma das primeiras medidas foi mudar em algo possível os votos e as promessas que muitos haviam feito sem a devida reflexão, quando me achava em perigo de vida.

A doença acometeu-me no começo de julho de 1846, justamente quando devia deixar o Refúgio e mudar-me para outro lugar.

Fui passar alguns dias de convalescença em casa, em Murialdo. Poderia prolongar minha estada no torrão natal, mas os meninos começaram a vir visitar-me em verdadeiros batalhões, de modo que não podia gozar nem de repouso nem de tranquilidade. Todos me aconselhavam a passar pelo menos um ano fora de Turim, em lugares desconhecidos, para tentar recuperar a saúde de antes. O padre Cafasso e o arcebispo eram dessa opinião. Mas como isso seria penoso demais para mim, deixaram-me voltar ao Oratório com a obrigação de não confessar nem pregar durante dois anos. Desobedeci. De volta ao Oratório, continuei a trabalhar como antes, e por vinte e sete anos não precisei de médicos nem de remédios. Isso me convenceu de que não é o trabalho que prejudica a saúde corporal.

5. Residência definitiva no Oratório de Valdocco

Passados alguns meses de convalescença com a família, pensei que poderia voltar para meus queridos filhos, alguns dos quais vinham ver-me todos os dias ou então escreviam, insistindo para que voltasse logo. Mas onde morar, se havia sido despedido do Refúgio? Com que meios sustentar uma obra que se tornava dia a dia mais árdua e dispendiosa? De que viveria eu e as pessoas que me eram indispensáveis?

[170] João Botta e Caetano Cafasso eram médicos encarregados do serviço aos pobres da cidade.

Nesse tempo desocuparam-se dois quartos na casa Pinardi e aluguei-os para mim e para mamãe.

"Mãe, disse-lhe um dia, terei que morar em Valdocco; mas considerando as pessoas que estão naquela casa, não posso ter comigo ninguém a não ser a senhora. Ela compreendeu a força das minhas palavras e replicou imediatamente: "Se achas que essa é a vontade de Deus, estou disposta a partir agora mesmo". Mamãe fazia um sacrifício enorme porque em casa, embora não fosse rica, era dona de tudo, amada por todos e considerada a rainha dos pequenos e dos adultos.

Mandamos antes as coisas mais indispensáveis que foram levadas para a nova residência junto com as do Refúgio. Mamãe encheu um cesto de roupa branca e objetos indispensáveis; eu peguei o breviário, um missal, alguns livros e cadernos mais necessários. Era toda a nossa fortuna. Partimos a pé dos Becchi para Turim. Fizemos breve parada em Chieri e, na tarde de 3 de novembro de 1846, chegamos a Valdocco.

Ao ver-nos naqueles quartos desprovidos de tudo, mamãe disse a brincar: "Em casa tinha muita preocupação para administrar ou mandar; aqui estou mais sossegada porque nada tenho a manejar, nem ninguém a comandar".

Mas como viver, comer, pagar o aluguel e atender a tantos meninos que a cada instante pediam pão, calçado, roupas ou camisas para poderem ir ao serviço? Havíamos feito trazer de casa um pouco de vinho, farinha, feijão, trigo e coisas assim. Para enfrentar as primeiras despesas, tinha vendido parte do campo e uma vinha. Minha mãe mandou buscar o vestido de noiva, que até então conservara cuidadosamente íntegro. Outros vestidos seus serviram para fazer casulas; com a roupa branca fizeram-se amitos, sanguinhos, sobrepelizes, alvas e toalhas. Tudo passou pelas mãos de dona Margarida Gastaldi[171], que desde então acudia às necessidades do Oratório.

Mamãe tinha alguns anéis e um pequeno colar de ouro, que logo vendeu para comprar galões e guarnições para os paramentos sagrados. Uma tarde, minha mãe, que estava sempre de bom humor, cantava para mim a sorrir: "*Ai de nós se o mundo nos descobre! / Forasteiros, gente pobre!".*

Arrumadas as coisas de casa, aluguei mais um quarto, que serviu para sacristia. Como não podia ter locais para as aulas, tive que dá-las, durante algum tempo, na cozinha ou em meu aposento; mas os alunos, verdadeiros moleques, tudo estragavam ou punham de pernas para o ar. Começaram-se

[171] Margarida Volpati Gastaldi (1790-1868), mãe do futuro arcebispo de Turim, Lourenço Gastaldi.

algumas aulas na sacristia, no coro e outras partes da igreja; mas as vozes, os cantos, o vaivém de uns estorvava os outros. Alguns meses depois, pudemos alugar dois novos aposentos e organizar melhor nossas aulas noturnas. Como já disse, no inverno de 1846-47(1) nossas aulas alcançaram ótimos resultados. Tínhamos em média 300 alunos por noite. Além da cultura geral, havia aulas de canto gregoriano e música vocal, coisas sempre cultivadas entre nós.

6. Regulamento para os oratórios – Companhia e festa de São Luís – Visita de Dom Fransoni

Uma vez instalados definitivamente em Valdocco, pus-me a promover com toda a alma tudo quanto pudesse contribuir para conservar a unidade no espírito, na disciplina e na administração.

A primeira coisa foi compilar um regulamento, no qual simplesmente expus o que já se praticava no Oratório e como proceder para conseguir uma maneira uniforme de agir[172]. Como isso já está impresso à parte, cada qual poderá ler como lhe aprouver. Foi assaz notável a utilidade desse pequeno Regulamento. Cada um sabia o que devia fazer, e como eu costumava deixar a cada um a responsabilidade do seu cargo, todos se preocupavam em conhecer e cumprir a sua parte. Muitos bispos e párocos pediram e estudaram o Regulamento, e se esforçaram por introduzir a Obra dos Oratórios nos povoados e nas cidades de suas respectivas dioceses.

Estabelecidas as bases orgânicas para a disciplina e a administração do Oratório, era preciso estimular a piedade com práticas fixas e uniformes. Conseguiu-se isso mediante a instituição da Companhia de São Luís. Terminados os Regulamentos dentro dos limites próprios da juventude apresentei-os ao arcebispo, que os leu e passou a outros para que os estudassem e depois opinassem. Finalmente os elogiou e aprovou, concedendo indulgências particulares na data de 12 de abril de 1847. O regulamento se acha em folheto à parte[173].

A Companhia de São Luís despertou grande entusiasmo entre os nossos meninos. Todos queriam entrar para ela. Para isso exigiam-se duas condições: bom procedimento na igreja e fora dela; evitar as más conversas e frequentar os santos sacramentos. Notou-se logo sensível melhora nos costumes.

[172] O *Regulamento* foi publicado precisamente nos anos de composição das *Memórias*: *Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales para os externos*. Turim, Tipografia Salesiana 1877 (OE XXIX, 31-94); cf. n. 180.
[173] Cf. n. 206.

A fim de animar todos os jovens a celebrar os seis domingos de São Luís[174] comprou-se uma estátua do santo, fez-se um estandarte, e proporcionava-se aos jovens a comodidade de confessar-se a qualquer hora do dia, da tarde ou da noite. Como quase nenhum deles havia recebido a crisma, foram preparados para o sacramento que seria administrado na festa de São Luís. A afluência foi muito numerosa. A preparação foi possível graças à ajuda de vários eclesiásticos e leigos (1). No dia da festa do santo, tudo estava em ordem.

Era a primeira vez que se faziam essas funções no Oratório, e também a primeira vez que o arcebispo nos vinha visitar.

Na frente da pequena capela preparou-se uma espécie de dossel, sob o qual o arcebispo foi recebido. Li algumas palavras de ocasião; em seguida, alguns jovens representaram uma breve comédia intitulada: *Um cabo de Napoleão.* Tratava-se de um cabo caricato que dizia uma infinidade de coisas engraçadas para manifestar sua maravilha ante a grandiosidade da festa. Provocou muito riso e serviu de agradável distração para o prelado, que chegou a dizer nunca ter rido tanto em sua vida. Foi muito cordial com todos, exprimindo sua grande satisfação pelo bom andamento daquela obra; fez grandes elogios e animou-nos a ir para frente. Por fim, agradeceu a cordial acolhida que lhe havíamos dispensado.

Celebrou a santa missa e deu a santa comunhão a mais de 300 meninos, em seguida administrou a santa crisma.

Foi nessa oportunidade que, ao lhe colocarem a mitra, esquecendo que não estava na catedral, ergueu um tanto apressadamente a cabeça e bateu com ela no teto da igreja. O pequeno acidente provocou hilaridade nele e em todos os presentes. Com frequência e bom humor, o arcebispo contava o episódio, recordando assim nossas reuniões, que o padre Rosmini[175] comparava às que se fazem em terras de missão.

Convém saber que para assistir o arcebispo nas funções sagradas vieram dois cônegos da catedral e muitos outros eclesiásticos. Acabada a função, lavrou-se uma espécie de ata, na qual foram anotados os nomes de quem havia administrado o sacramento, nome e sobrenome do padrinho, lugar e dia. Em seguida prepararam-se os certificados que, divididos conforme as várias paró-

[174] A pia prática dos *seis domingos em honra de São Luís Gonzaga* nasceu nos colégios dos jesuítas com a finalidade de estimular os alunos à imitação das virtudes do santo; foi publicada no *Jovem Instruído* (cf. n. 184).

[175] Antônio Rosmini (1797-1855), um dos mais importantes filósofos italianos de 1800; foi também teólogo, pedagogista e mestre de espiritualidade; em 1828 fundou o *Instituto de Caridade,* congregação de votos simples. Os seus escritos filosófico-políticos suscitaram entusiasmos e polêmicas, a ponto de terem sido censurados. Teve ótimo relacionamento com Dom Bosco, a quem inclusive ajudou financeiramente. Foi proclamado beato em 18 de novembro de 2007.

quias, foram levados à cúria eclesiástica para que os remetesse aos respectivos párocos.

7. Início dos colégios – Primeira aceitação de meninos

Enquanto se organizavam os meios para dar instrução religiosa e cultura geral, surgiu outra necessidade imperiosa que era urgente enfrentar. Muitos rapazes de Turim e de fora mostravam-se cheios de boa vontade de se dedicarem a uma vida honesta e laboriosa; todavia, convidados a fazê-lo, costumavam responder que não tinham pão, nem roupa, nem casa onde morar por pouco tempo que fosse. Para alojar pelo menos alguns que à noite não sabiam onde dormir, havia-se adaptado um paiol, onde se podia passar a noite sobre feixes de palha. Mas repetidas vezes aconteceu que uns levavam embora os lençóis, outros as cobertas; houve até quem roubasse a própria palha e a vendesse.

Aconteceu então que numa chuvosa tarde de maio [1847] apresentou-se, ao anoitecer, um rapaz de seus 15 anos, inteiramente ensopado de água. Pedia pão e hospitalidade. Mamãe recebeu-o na cozinha, achegou-o ao fogo, e enquanto se aquecia e enxugava a roupa, deu-lhe sopa e pão para que restaurasse as forças. Entrementes eu perguntei-lhe se havia ido à escola, se tinha pais, e que trabalho fazia. Respondeu: "Sou um pobre órfão, vindo do vale de Sesia[176] em busca de trabalho. Tinha comigo 3 francos, mas gastei antes de poder ganhar outros, e agora não tenho mais nada nem ninguém".

– Já fizeste primeira comunhão?

– Ainda não.

– Recebeste a crisma?

– Não.

– Já te confessaste?

– Uma vez ou outra.

– E agora, aonde queres ir?

– Não sei. Peço, por caridade, que me deixem passar a noite em algum canto desta casa.

Dito isto, pôs-se a chorar. Mamãe chorava com ele. Eu estava comovido.

[176] Valle di Sesia (Valseia): região do Piemonte oriental, percorrida pelo rio Sesia, que desce do vertente leste do Monte Rosa; a cidade mais importante é Varallo, a 120 km de Turim.

– Se soubesse que não és um ladrão, eu te ajudaria; mas outros levaram embora parte das cobertas, e tu levarás o resto.

– Não senhor. Esteja tranquilo; sou pobre mas nunca roubei nada.

– Se quiseres – continuou minha mãe –, vou acomodá-lo por esta noite, e amanhã Deus proverá.

– Onde?

– Aqui na cozinha.

– Vai levar até as panelas.

– Darei um jeito para que isso não aconteça.

– Faça como achar melhor.

Ajudada pelo orfãozinho, a boa mulher saiu, juntou alguns pedaços de tijolos e amontoou-os na cozinha formando quatro pilhas; apoiou nelas algumas achas de lenha para sobre elas estender uma enxerga, preparando dessa maneira a primeira cama do Oratório. Minha boa mãe fez-lhe depois um sermãozinho sobre a necessidade do trabalho, sobre a honradez e a religião. Por fim convidou-o a rezar as orações.

– Não sei – respondeu.

– Rezarás conosco, e assim se fez.

Para que tudo ficasse bem seguro, a cozinha foi fechada à chave e só a abrimos na manhã seguinte.

Foi esse o primeiro jovem do nosso internato. A ele juntou-se logo outro e depois outros mais. Mas por falta de lugar, tivemos de limitar-nos naquele ano a apenas dois. Corria o ano 1847.

Percebendo que para muitos meninos era inútil qualquer apostolado caso não se lhes desse abrigo, apressei-me em alugar outros quartos, ainda que a preço exorbitante. Assim, além do internato, pôde-se iniciar a aula de canto gregoriano e de música vocal. Como era a primeira vez (1845) que se davam aulas coletivas de música, a primeira vez que se ensinava a música em aula a muitos alunos contemporaneamente, houve grande afluência de pessoas interessadas. Os famosos maestros Luís Rossi, José Blanchi, Cerutti, cônego Luís Nasi[177], vinham com muito prazer assistir às minhas lições. Isso em evidente contradição com o Evangelho que diz não estar o discípulo acima do mestre. Entretanto, eu que não sabia a milionésima parte do que sabiam aquelas cele-

[177] Luís Félix Rossi (1805-1863), o mais eminente musicista turinense daqueles anos; José Blanchi (1827-1899), organista e compositor; Luís Nasi (1821-1897), teólogo, musicista, cônego da catedral de Turim.

bridades, passava como mestre a seus olhos. Eles naturalmente vinham observar como se praticava o novo método, que vem a ser o mesmo que atualmente empregamos em nossas casas. Em tempos passados, todo aluno que desejasse aprender música tinha que procurar um professor particular.

8. Oratório de São Luís – Casa Moretta – Terreno do seminário

Quanto maior a nossa solicitude em promover a cultura, tanto mais ia crescendo o número de alunos. Aos domingos, apenas uma parte cabia na igreja para as funções, o mesmo acontecendo para o recreio no pátio. Então, sempre de acordo com o teólogo Borel, para atender à necessidade crescente, abrimos um novo oratório, em outro bairro da cidade. Com esse objetivo alugamos uma pequena casa em Porta Nuova[178], na alameda do Rei, comumente chamada *alameda dos Plátanos,* pelas árvores que a ladeiam.

Para conseguir a casa foi preciso travar luta renhida com os moradores. Estava ocupada por várias lavadeiras, as quais pensavam que iria acontecer o fim do mundo caso devessem abandonar a antiga morada. Todavia, tratadas com delicadeza e feitas as devidas indenizações, as coisas se arranjaram sem que as partes beligerantes chegassem a guerrear.

O lugar e o quintal eram propriedade da senhora Vaglienti, que deixaria como herdeiro o cavalheiro José Turvano. O aluguel era de 450 francos. O oratório chamou-se de São Luís Gonzaga, título que até hoje conserva[179].

A inauguração foi feita por mim e pelo teólogo Borel no dia da Imaculada Conceição de 1847. Houve extraordinária afluência de jovens, que dessa maneira aliviaram as fileiras de Valdocco, até então excessivamente compactas. A direção do oratório foi confiada ao teólogo Jacinto Carpano, que aí trabalhou alguns anos totalmente grátis. O mesmo Regulamento compilado para Valdocco foi aplicado ao de São Luís, sem que se introduzisse modificação alguma.

Nesse mesmo ano, com o fito de dar abrigo a uma multidão de meninos que o solicitavam, comprou-se toda a casa Moretta. Mas ao dar início aos trabalhos a fim de adaptá-la às nossas necessidades, viu-se que as paredes não

[178] Porta Nuova: região de recente expansão edilícia e comercial, onde se estava construindo a estação ferroviária, inaugurada no ano seguinte (1848). A alameda do Rei (hoje Vitório Emanuel II), delimitava ao sul a cidade e ligava a praça das Armas com o Parque do Valentino e o rio Pó.

[179] "A igreja atual de São João Evangelista ocupa o espaço onde se encontrava a igreja, a sacristia e a pequena casa do porteiro do Oratório de São Luís" (nota de Dom Bosco à margem do original).

haveriam de resistir. Por isso pareceu oportuno revendê-la, tanto mais que nos era oferecido um preço muito vantajoso.

Adquirimos então um trato de terreno (38 ares) ao seminário de Turim, que é o lugar onde mais tarde se construiu a igreja de Maria Auxiliadora e o edifício onde estão agora as oficinas dos nossos aprendizes.

9. 1848 – Aumentam os aprendizes e seu regime de vida – As boas-noites – Concessões do arcebispo – Exercícios espirituais

Durante este ano, os assuntos políticos e o espírito público sofreram uma mudança, cujo desfecho ainda não se pode prever.

Carlos Alberto havia outorgado a Constituição. Pensavam muitos que com a Constituição concedia-se também a liberdade de fazer o bem ou o mal a seu talante. Apoiavam a asserção na emancipação dos judeus e dos protestantes, graças à qual se pretendia já não haver distinção entre catolicismo e demais credos. Isso era verdade no campo político; não, porém, no religioso[180].

Entretanto, como que uma loucura apoderou-se da juventude. Reunindo-se em vários pontos da cidade, nas ruas e praças, julgavam legítimos todos os insultos contra o sacerdote ou contra a religião. Eu mesmo sofri vários assaltos em casa e na rua. Um dia, enquanto dava catecismo, uma bala de fuzil entrou por uma janela, varou-me a batina entre o braço e o flanco e foi abrir um grande buraco na parede. Outra vez, um indivíduo bem conhecido, enquanto eu me encontrava no meio de uma multidão de meninos, em pleno dia, assaltou-me com longa faca na mão. Por milagre, correndo desabaladamente, pude fugir e salvar-me em meu quarto. O teólogo Borel também se salvou milagrosamente de um tiro de pistola e das facadas, quando de uma feita o confundiram comigo. Era, pois, muito difícil segurar essa juventude desenfreada. Em tal confusão de ideias e pensamentos, assim que se pôde conseguir outras salas, aumentou-se o número dos aprendizes, que chegaram a 15, todos eles meninos abandonados e em perigo.

Não obstante, as dificuldades eram muitas. Como não existiam ainda oficinas no colégio, nossos alunos iam ao trabalho e à aula na cidade, com

[180] "Em dezembro de 1847 foi apresentada ao rei Carlos Alberto uma súplica assinada por 600 cidadãos ilustres, em grande número eclesiásticos, que pediam aquela famosa emancipação. Expunham-se as razões, mas não se reparava nas expressões heréticas que a súplica continha em termos de religião. Depois daquela época, os judeus saíram do gueto e se tornaram ricos mais que todos. Os protestantes por sua vez soltaram os freios da sua audácia, e embora entre nós seja pequeno o seu número, todavia, apoiados pela autoridade civil, resultou disso grande dano para a religião e a moralidade" (nota de Dom Bosco à margem do manuscrito original).

sérios perigos morais para eles, pois os companheiros com os quais se encontravam, as conversas que ouviam, o que viam, tornavam inútil tudo o que se lhes fazia e dizia no Oratório.

Foi então que, à noite, após as orações, comecei a fazer um sermãozinho bem curto, expondo ou confirmando alguma verdade que porventura houvesse sido contestada no decorrer do dia. O que acontecia com os aprendizes, podia-se igualmente lamentar com relação aos estudantes. Por estarem divididos em várias classes, tinha-se que enviar os mais adiantados nos estudos, os estudantes de gramática ao professor José Bonzanino, os que estudavam retórica, ao professor padre Mateus Picco. Eram aulas ótimas, mas a ida e a volta estavam cheias de perigos. No ano de 1856, foram definitivamente instaladas as aulas e as oficinas na casa do Oratório, com grande vantagem para todos.

Havia por esse tempo tal confusão de ideias e tamanha desordem, que eu já não podia confiar sequer na gente de serviço; por consequência eu e minha mãe fazíamos todo o trabalho doméstico. Cozinhar, preparar a mesa, varrer, rachar lenha, cortar e fazer ceroulas, camisas, calças, paletós, toalhas, lençóis, e relativos consertos, eram coisas que a mim competiam. Isso, porém, acabava sendo moralmente muito útil, porque com a maior facilidade podia dar aos jovens um conselho ou dizer uma palavra amiga enquanto lhes servia pão, sopa ou outra coisa qualquer.

Percebendo também a necessidade de contar com alguém que me auxiliasse nos afazeres domésticos e escolares do Oratório, comecei a levar alguns ao campo comigo, outros a veranear em Castelnuovo, minha terra; outros a almoçar comigo, outros vinham à tarde para ler ou escrever alguma coisa, sempre, porém, com a finalidade de opor um antídoto às venenosas opiniões do tempo. Agi assim, com maior ou menor frequência, de 1841 a 1848. Empregava todos os meios para conseguir ainda uma finalidade particular, que era estudar, conhecer, escolher alguns indivíduos que demonstrassem aptidão e propensão para a vida comum e admiti-los comigo em casa. Com o mesmo objetivo, tentei nesse ano (1848) um pequeno curso de Exercícios espirituais[181]. Reuni uns 50 no Oratório. Comiam todos comigo, mas como não havia camas para todos, parte deles ia dormir com a própria família, voltando no dia seguinte. A ida e volta pela manhã e à noitinha ameaçava fazê-los perder quase todo o fruto das pregações e instruções que se costumava dar em tais ocasiões. Começavam domingo à noite e terminavam sábado à noite. Correu tudo muito bem. Muitos, com os quais se havia durante muito tempo

[181] Os exercícios foram pregados pelo bem-aventurado Frederico Albert (1820-1876), desde 1852 pároco de Lanzo Torinese (cf. MB II, 221-223), que em 1864 convencerá Dom Bosco a assumir a direção do colégio-internato daquela cidade.

trabalhado em vão, deram-se realmente a uma vida virtuosa. Vários fizeram-se religiosos; outros permaneceram no mundo, mas tornaram-se modelos na frequência dos oratórios[182].

Desse assunto se haverá de falar à parte na História da Sociedade Salesiana.

Por essa época alguns párocos, sobretudo o de Borgo Dora, do Carmo e de Santo Agostinho, queixaram-se ao arcebispo porque nos oratórios se administravam os sacramentos. Por isso o arcebispo emanou um decreto pelo qual dava ampla faculdade de preparar e apresentar os meninos para receberem a crisma, a sagrada comunhão, e para cumprir o preceito pascal aos que frequentassem os nossos oratórios. Renovava a faculdade de fazer todas as funções religiosas que se costumavam fazer nas paróquias. Essas igrejas, dizia o arcebispo, serão para esses meninos de fora e abandonados como suas igrejas paroquiais pelo tempo que permanecerem em Turim.

10. Progressos na música – Procissão à Consolata – Prêmio da Prefeitura e da Obra de Mendicidade – A quinta-feira santa – O Lava-pés

Os perigos a que se achavam expostos os rapazes quanto à religião e à moralidade exigiam maiores esforços para defendê-los. À escola noturna e também diurna, à música vocal julgou-se oportuno acrescentar a aula de piano, de órgão e de música instrumental. Destarte me vi transformado em mestre de música vocal e instrumental de piano e de órgão, sem nunca ter sido propriamente aluno dessas matérias. A boa vontade tudo supria. Depois de preparar bem as melhores vozes brancas do Oratório, começamos a fazer as funções em casa, depois em Turim, em Rívoli, em Moncalieri[183], Chieri e em outros sítios. O cônego Luís Nasi e o padre Miguelângelo Chiatellino[184] prestavam-se de muito bom grado a ensaiar os nossos músicos, a acompanhá-los e dirigi-los nas funções públicas em diversos povoados; como até então não se haviam ouvido no coro conjuntos de vozes brancas, os *solos*, os *duetos* e os *corais* constituíam tamanha novidade, que por toda a parte se falava da nossa música e nossos cantores eram disputados para tomar parte em diver-

[182] "Jacinto Arnaud, Sansoldi, ambos falecidos; José Buzzetti; Nicolau Galesio; João Costantino, falecido; Tiago Cerutti, falecido; Carlos Gastini; João Gravano; Domingos Borgialli, falecido, são nomeados entre os que fizeram os primeiros exercícios espirituais naquele ano e que se comportaram sempre como bons cristãos" (nota di don Bosco sul manoscritto originale).

[183] Rivoli: cidade a 8,5 km a Oeste de Turim. Moncalieri: cidade a 12 km ao sul de Turim.

[184] Miguelângelo Chiattellino (1822-1901), depois Cooperador Salesiano.

sas solenidades. O cônego Luís Nasi e o padre Miguelângelo Chiatellino eram os que de ordinário acompanhavam nossa nascente sociedade filarmônica.

Costumávamos ir todos os anos celebrar uma função religiosa na Consolata, mas nesse ano fomos até lá processionalmente desde o Oratório. O canto pela rua e a música na igreja atraíram incontável multidão de gente. Celebrou-se a missa, distribuiu-se a sagrada comunhão e depois fiz um sermãozinho de ocasião na cripta. Os Oblatos de Maria[185] improvisaram um estupendo desjejum nos claustros do santuário. Dessa maneira ia-se vencendo o respeito humano, aumentava o número de jovens e tinha-se a oportunidade de insinuar com a máxima prudência os bons costumes, o respeito para com a autoridade e a frequência dos santos sacramentos. Tais novidades, porém, davam o que falar.

Nesse ano a prefeitura de Turim mandou outra comissão composta pelo cavalheiro Pedro Ropolo del Capello, chamado Moncalvo[186], e o comendador Duprè, a fim de verificar o que a voz comum divulgava de maneira muito confusa. Ficaram muito satisfeitos; após o devido relatório, foi decretada uma ajuda de 1 mil francos, com carta muito elogiosa. A partir desse ano a prefeitura destinou uma subvenção anual, paga todos os anos até 1878. Nesse ano foram-nos negados os 300 francos que a comissão destinara para pagar a conta de luz das aulas noturnas em benefício dos filhos do povo.

A Obra da Mendicidade, que, com nosso método, também havia introduzido as aulas noturnas e musicais, mandou uma delegação presidida pelo cavalheiro Gonella para fazer-nos uma visita. Como sinal de aprovação deram-nos outro prêmio de mil francos.

Costumávamos ir juntos todos os anos visitar os santos sepulcros da quinta-feira santa; mas por causa de algumas chacotas, ou melhor, do desprezo de que éramos alvo, muitos não se atreviam a juntar-se aos colegas. Para animar os nossos jovens a desprezar o respeito humano, naquele ano fomos pela primeira vez processionalmente, cantando o *Stabat Mater* e o *Miserere*. Viram-se então jovens de toda idade e condição incorporarem-se sem medo às nossas fileiras durante o trajeto. Tudo transcorreu com ordem e tranquilidade.

À tarde celebrou-se pela primeira vez a função do lava-pés. Para isso foram escolhidos 12 meninos, aos quais se costumava chamar de os 12 apóstolos. Após a cerimônia que seguiu o ritual, fez-se uma prática para todo o povo.

[185] Oblatos de Maria Virgem: congregação fundada por Pio Bruno Lanteri (1759-1830).

[186] Pedro Ropolo (nascido em 1805), industrial e membro da administração municipal desde 1853. Gabriel Capello chamado "Moncalvo" (1806-1877), mestre fabricante de móveis, trrabalhou para o palácio real, foi conselheiro municipal junto com o banqueiro José Luís Duprè. Os três fizeram parte da presidência da primeira rifa organizada por Dom Bosco em 1851 (cf. n. 6).

Em seguida, os 12 apóstolos foram admitidos a uma ceia frugal e ganharam um pequeno presente, que com muita alegria levaram para a própria casa.

Naquele ano foi ereta regularmente a *Via-Sacra* e bentas com grande solenidade as estações. Em cada estação fazia-se breve prática e cantava-se um motete religioso adequado.

Dessa maneira ia-se consolidando nosso humilde Oratório. Entretanto ocorriam graves acontecimentos públicos que deviam mudar o aspecto da política da Itália e talvez do mundo.

11. O ano de 1849 – Fechamento dos seminários – Casa Pinardi – Óbolo de São Pedro – Terço de Pio IX – Oratório do Anjo da Guarda – Visita dos deputados

Foi um ano particularmente memorável. A guerra do Piemonte contra a Áustria, começada no ano anterior, havia abalado toda a Itália. As escolas públicas estavam fechadas; os seminários, especialmente o de Chieri e o de Turim, também haviam fechado e estavam ocupados pelos militares; por conseguinte os clérigos da nossa diocese ficaram sem professores e sem local onde se reunir. Foi então que, para ter pelo menos a consolação de haver feito o possível para mitigar a calamidade pública, resolvemos alugar toda a casa Pinardi. Os inquilinos ficaram furiosos; ameaçaram-me a mim, à minha mãe e ao proprietário. Foi preciso fazer um grande sacrifício pecuniário, mas por fim conseguiu-se que o edifício ficasse inteiramente à nossa disposição. Desta sorte aquele ninho de iniquidade, que havia vinte anos achava-se a serviço de Satanás, ficou em nosso poder. Ocupava todo o espaço que forma o atual pátio entre a igreja de Maria Auxiliadora e a casa que fica atrás.

Pudemos assim aumentar nossas salas de aula, ampliar a igreja, duplicar o espaço para o recreio, e o número de jovens elevou-se a 30. Mas o fito principal era poder recolher, como de fato aconteceu, os clérigos da diocese; pode-se dizer que a casa do Oratório foi por quase vinte anos o seminário diocesano.

Em fins de 1848, os acontecimentos políticos forçaram o Santo Padre Pio IX a fugir de Roma e refugiar-se em Gaeta[187]. Este grande Pontífice já muitas vezes usara de benevolência para conosco. Ao espalhar-se a voz de que ele

[187] Gaeta: cidade fortificada do reino de Nápoles. Os *acontecimentos políticos* a que se acena são os que ocorreram após a condenação da guerra por parte de Pio IX, que culminaram em 15 de novembro de 1848 com o assassinato do ministro Pelegrino Rossi, ao que se seguiram violentos enfrentamentos na cidade de Roma. Francisco Miguel Valinotti (1813-1873) será o administrador das *Leituras Católicas.*

se encontrava em má situação financeira, abriu-se em Turim uma coleta sob o título de *Óbolo de São Pedro.* Uma comissão composta do teólogo cônego Francisco Valinotti[188] e do marquês Gustavo Cavour veio ao Oratório. Nossa coleta rendeu 35 francos. Era pouca coisa, que procuramos tornar de alguma maneira agradável ao Santo Padre mediante uma dedicatória que ele muito apreciou. Manifestou seu agrado numa carta dirigida ao cardeal Antonucci, então núncio em Turim e atualmente arcebispo de Ancona[189], encarregando-o de exprimir-nos quão consoladora havia sido para ele a nossa oferta, e mais ainda os pensamentos que a acompanhavam. Com sua bênção apostólica, Pio IX enviava um pacote com 60 dúzias de terços, que foram solenemente distribuídos dia 20 de julho desse ano. Veja-se o opúsculo impresso na ocasião em diversos jornais[190]. E ainda a carta do cardeal Antonucci, núncio em Turim.

Em vista do número crescente de rapazes da cidade que acudiam aos oratórios, foi preciso pensar noutro local, surgindo assim o oratório do Santo Anjo da Guarda, em Vanchiglia[191], pouco distante do lugar onde, por especial cooperação da marquesa Barolo, ergueu-se depois a igreja de Santa Júlia.

O padre João Cocchi havia fundado vários anos antes aquele oratório com uma finalidade algo semelhante à nossa. Contudo, inflamado de amor pátrio, julgou bem ensinar seus alunos a manejar o fuzil e a espada, para colocar-se à frente deles e marchar, como realmente fez, contra os austríacos.

O oratório ficou fechado um ano. Depois nós o alugamos, e a direção foi confiada ao teólogo João Vola, de saudosa memória. Manteve-se aberto até o ano 1871, quando foi transferido para a igreja paroquial. A marquesa Barolo deixou um legado para esse fim, com a condição expressa de que local e capela se destinassem a jovens pertencentes à paróquia, como ainda hoje acontece.

Por esse tempo honrou-nos com sua presença uma comissão de senadores, que vieram ao Oratório juntamente com outra enviada pelo Ministério do Interior. Viram todos e tudo, num clima de grande cordialidade. Fizeram depois longo relatório à Câmara dos Deputados. Isso provocou longa e viva discussão, que se pode ler na *Gazzetta Piemontese,* de 29 de março de 1850. A Câmara dos Deputados concedeu aos nossos jovens uma ajuda de 300 francos. Urbano Ratazzi[192], então ministro do Interior, decretou a soma de 2 mil francos. Consultem-se os documentos.

[188] Francisco Miguel Valinotti (1813-1873) será o administrador das *Leituras Católicas*.

[189] Benedito Antônio Antonucci (1798-1879), arcebispo de Ancona desde 1851.

[190] Giovanni Bosco, *Breve ragguaglio della festa fattasi nel distribuire il regalo di Pio IX ai giovani degli oratorii di Torino*. Turim, G. B. Paravia 1850 (OE IV, 93-119).

[191] Vanchiglia: bairro popular na periferia a Nordeste de Turim.

[192] Urbano Rattazzi (1808-1873) ocupou vários cargos governamentais; expoente do partido anticlerical (sua é a lei de 1855 de supressão das corporações religiosas), estimou sinceramente Dom Bosco e o ajudou economicamente (cf. n. 148).

Finalmente tive a satisfação de ver um dos meus alunos receber o hábito eclesiástico. Ascânio Sávio, atual reitor do Refúgio, foi o primeiro clérigo do Oratório; vestiu a batina em fins de outubro daquele ano.

12. Festas nacionais

Um fato novo ocasionou naqueles dias não poucos inconvenientes às nossas atividades. Pretendia-se que nosso humilde Oratório tomasse parte nas manifestações públicas que se vinham repetindo nas cidades e nos povoados sob o nome de festas nacionais. Os que nela tomavam parte e queriam mostrar-se publicamente amantes da nação, repartiam os cabelos sobre a fronte, deixando-os cair anelados para trás; vestiam um casaco impecável de várias cores e com a bandeira nacional, e colocavam medalha e cocar azul sobre o peito. Assim vestidos, caminhavam como em procissão, entoando hinos à unidade nacional.

O marquês Roberto d'Azeglio[193], principal promotor de tais demonstrações, fez-nos convite formal e, não obstante minha recusa, providenciou o necessário para que pudéssemos fazer boa figura entre os demais. Estava-nos reservado um lugar na praça Vittorio, ao lado de institutos de todos os nomes, finalidades e condições. Que fazer? Recusar seria declarar-me inimigo da Itália; aceitar significava admitir princípios que eu julgava de funestas consequências.

– Senhor marquês, respondi, a minha família, os jovens da cidade que aqui se recolhem, não são uma entidade moral; eu me tornaria ridículo caso pretendesse ser dono de uma instituição que pertence inteiramente à caridade dos cidadãos.

– Melhor ainda. Saiba a caridade dos cidadãos que a obra nascente não é contrária às instituições modernas. Isso o favorecerá: aumentarão as ofertas; a prefeitura e eu mesmo seremos dadivosos convosco.

– Senhor marquês, é meu firme propósito conservar-me afastado de tudo quanto se refere à política. Nem *a favor*, nem *contra*.

– Que deseja fazer, então?

– Fazer o pouco de bem que puder aos meninos abandonados, empregando todas as minhas forças a fim de que se tornem bons cristãos em face da religião, honestos cidadãos na sociedade civil.

[193] Roberto Taparelli d'Azeglio (1790-1862).

– Compreendo tudo. Mas o senhor está equivocado, e se persistir nesse princípio, será abandonado por todos, e sua obra se tornará impossível. É preciso estudar o mundo, conhecê-lo e colocar as instituições antigas e modernas à altura dos tempos.

– Agradeço-lhe a benevolência e os conselhos que me dá. Convide-me para qualquer coisa em que o padre possa exercer a caridade, e me verá pronto a sacrificar vida e haveres; quero, porém, manter-me agora e sempre à margem da política.

O renomado político despediu-se cortesmente, e de aí em diante não houve mais relação entre nós. Depois dele, vários outros leigos e eclesiásticos me abandonaram. Mais, depois do fato que vou contar, fiquei praticamente só.

13. Um fato concreto

No domingo depois da festa anteriormente descrita, às 2 da tarde, estava eu no recreio com os jovens. Um deles estava lendo *L'Armonia,* quando chegam os padres que costumavam ajudar-me no sagrado ministério. Apresentaram-se incorporados, com medalha, cocar, bandeira tricolor e um jornal realmente censurável chamado *Opinione*[194]. Um deles, assaz respeitável por zelo e doutrina, dirige-se a mim e vendo L'Armonia nas mãos de quem estava ao meu lado, começou a falar. "Que vergonha! Já é tempo de acabar com estes carolas!"[195]. Assim dizendo, arrancou o jornal das mãos do leitor, fê-lo em mil pedaços, jogou-o por terra, e, cuspindo, pisoteou-o e esmagou-o muitas vezes. Passado o primeiro ímpeto de desafogo político, chegou-se a mim. "Este sim que é um bom jornal, disse, aproximando o jornal do meu rosto; este e não outro é que os verdadeiros e honestos cidadãos devem ler".

Fiquei desconcertado ante esse modo de falar e proceder, e não querendo que aumentasse o escândalo num lugar onde se devia dar bom exemplo, limitei-me a pedir a ele e aos seus colegas que tratassem desses argumentos em particular e somente entre nós. "Não, senhor, replicou, já não deve haver particular nem segredo. Tudo deve ser exposto à luz do dia".

Nesse momento a sineta nos chamou a todos para a igreja, inclusive um daqueles eclesiásticos, que havia sido encarregado de fazer uma pregaçãozinha

[194] *L'Armonia*: periódico católico-conservador dirigido pelo padre Tiago Margotti (1823-1887). *L'Opinione*: quotidiano da esquerda liberal anticlerical.
[195] [...].

moral aos nossos pobres rapazes. Mas nessa vez foi deveras inconveniente: as palavras liberdade, emancipação, independência ressoaram durante todo o tempo do sermão. Eu estava na sacristia, querendo intervir e pôr um freio à desordem, mas o pregador saiu logo da igreja, e apenas terminada a bênção, convidou padres e jovens a unirem-se a ele; entoando, então, a plenos pulmões hinos patrióticos, fazendo ondear freneticamente a bandeira, foram em desfile para as bandas do Monte dos Capuchinhos. Lá fizeram a promessa formal de não mais voltar ao Oratório, a não ser que fossem convidados e recebidos com todas as formas *nacionais*[196].

Tais coisas iam-se sucedendo umas às outras sem que pudesse expor meu ponto de vista nem aduzir minhas razões. Eu, todavia, não me impressionava com nada que se opusesse aos meus deveres. Mandei dizer a esses padres que estavam severamente proibidos de voltar ao Oratório, e os jovens deveriam apresentar-se a mim, um por um, antes de entrar novamente. A coisa deu certo. Nenhum dos padres tentou voltar. Os rapazes pediram desculpa, alegando haverem sido enganados, e prometeram obediência e disciplina.

14. Novas dificuldades – Uma consolação – O padre Rosmini e o arcipreste Pedro de Gaudenzi

Acontece que fiquei sozinho. Nos dias festivos começava a confessar bem cedo e celebrava às 9 horas; em seguida pregava, dava aula de canto e de literatura até ao meio-dia. À 1 da tarde, recreio, depois catecismo, vésperas, instrução, bênção, e depois recreio, canto e aula até à noite.

Nos dias de semana, cuidava dos meus aprendizes, dava aulas do curso ginasial a uns 10 meninos; à tarde, aula de francês, aritmética, canto gregoriano, música vocal, piano e órgão; tudo por minha conta. Não sei como pude aguentar, Deus me ajudou! Encontrei nesses momentos grande ajuda e apoio no teólogo Borel. O maravilhoso sacerdote, apesar de sobrecarregado de outras gravíssimas ocupações do sagrado ministério, aproveitava o mínimo retalho de tempo para dar-me a mão. Não poucas vezes roubava horas de sono para vir confessar os jovens; negava repouso ao corpo cansado, para pregar. Situação tão crítica durou até que pude receber alguma ajuda dos clérigos Sávio, Bellia e Vacchetta, dos quais, por outra parte, me vi logo privado, porque, atendendo às sugestões de outros, deixaram-me, sem dizer palavra, para entrar nos Oblatos de Maria[197].

[196] Isto é, com as expressões celebrativas então em uso: bandeira nacional, crachá azul e hinos patrióticos.
[197] Ascânio Savio entrou para o noviciado dos Oblatos em maio de 1852, foi ordenado sacerdote em 29 de maio de 1858, mas deixou a Congregação e voltou para a diocese em abril de 1866. Tiago Bellia (1834-

Num dia festivo fui visitado por dois sacerdotes que julgo oportuno nomear. Ao começar o catecismo, estava preocupado em organizar as classes, quando se apresentaram dois eclesiásticos que, em atitude humilde e respeitosa, vinham felicitar-me e pedir notícias sobre a origem e os métodos de nossa instituição. Disse-lhes, como única resposta: "Tenham a bondade de ajudar-me. O senhor vá ao coro e cuide dos maiorzinhos. Ao senhor, disse ao mais alto dos dois, confio esta classe que é a dos mais bulhentos".

Notando que davam catecismo maravilhosamente bem, pedi a um deles que fizesse uma pequena prática aos nossos jovens, e ao outro que desse a bênção do Santíssimo. Ambos aceitaram de muito boa vontade.

O sacerdote de menor estatura era o padre Antônio Rosmini, fundador do Instituto da Caridade; o outro era o cônego arcipreste de Gaudenzi[198], atualmente bispo de Vigevano. A partir de então, tanto um como o outro mostraram-se sempre amigos e benfeitores desta casa.

15. Compra da casa Pinardi e da casa Bellezza – O ano de 1850

O ano 1849 foi espinhoso e estéril, não obstante haver-me custado grandes fadigas e sacrifícios enormes; serviu, contudo, como preparação para o ano 1850, menos borrascoso e muito mais fecundo em bons resultados. Comecemos pela casa Pinardi. Os que haviam sido desalojados da casa não queriam conformar-se. "Não dá raiva, andavam repetindo, que uma casa de divertimento e descanso caia nas mãos de um padre e, ainda mais, de um padre intolerante?".

Ofereceram a Pinardi um aluguel quase duas vezes maior que o nosso. Ele, entretanto, sentia grande remorso em conseguir maior lucro por negócios imorais; pelo que me havia, em várias ocasiões, proposto a venda, caso quisesse comprá-la. Mas suas exigências eram exorbitantes. Pedia 80 mil francos por um edifício cujo valor devia ser apenas um terço. Deus quis mostrar que é dono dos corações. Eis como.

Um domingo, enquanto o teólogo Borel estava a pregar, e eu, na porta do pátio, a fim de evitar aglomeração e desordens, apresentou-se o senhor Pinardi. "Pronto, disse. Dom Bosco precisa comprar minha casa.

1908) fez o noviciado em 1853; saiu da Congregação dos Oblatos em fevereiro de 1862 para se encardinar na diocese de Biella. José Estêvão Vacchetta (1827-1898) professou como Oblato em outubro de 1854; ordenado sacerdote em 1856, terminou seus dias na casa dos Oblatos de Nice (França).

[198] Pedro José de Gaudenzi (1812-1891), cônego, cura da catedral de Pavia, depois bispo de Vigevano desde 1871.

– Pronto. É preciso que o senhor Pinardi ma dê pelo seu preço. Nesse caso compro já.

– Claro que a dou pelo seu preço.

– Quanto?

– Pelo preço de sempre.

– Não posso pagá-lo.

– Faça uma oferta.

– Não posso.

– Por quê?

– Porque é um preço exagerado. Não quero ofendê-lo.

– Ofereça o que quer.

– Vai dá-la pelo seu valor?

– Dou. Palavra de honra!

– Aperte a mão e farei a oferta.

– Quanto?

– Mandei um amigo seu e meu avaliar a casa e ele garantiu que, no estado em que se encontra, pode valer entre 26 e 28 mil francos; e eu, para fechar o negócio, dou-lhe 30 mil.

– Dará ainda um alfinete de 500 francos à minha mulher?

– Pois não.

– Pagará em dinheiro?

– Em dinheiro.

– Quando faremos a escritura?

– Quando o senhor quiser.

– Dentro de quinze dias a partir de amanhã, tudo de uma vez.

– Tudo como o senhor quer.

– Cem mil francos de multa a quem voltar atrás.

– Feito.

Em cinco minutos fechou-se o negócio. Onde, porém, arranjar essa quantia em tão pouco tempo? A divina Providência começou então a agir elegantemente. Naquela mesma tarde, o padre Cafasso, coisa insólita nos domingos, veio visitar-me e me disse que uma piedosa pessoa, a condessa Casazza-

Riccardi[199], encarregara-o de dar-me 10 mil francos para serem empregados no que eu julgasse da maior glória de Deus. No dia seguinte, apresenta-se um religioso rosminiano, que vinha a Turim para aplicar a juros a quantia de 20 mil francos, e me pedia conselho. Propus-lhe que os emprestasse para cumprir o contrato com Pinardi, e assim juntei a soma necessária. Os 3 mil francos de despesas acessórias foram fornecidos pelo cavalheiro Cotta, em cujo banco foi passada a suspirada escritura.

Garantida dessa maneira a aquisição do edifício, começou-se a pensar no outro, o da Jardineira. Era uma taverna onde nos domingos e feriados costumavam reunir-se os amigos da boa vida. Realejos, pífaros, clarinetas, violões, violinos, baixos, contrabaixos e cantos de todos os gêneros faziam-se ouvir o dia inteiro; muitas vezes reuniam-se todos de uma vez para seus concertos. Um simples muro separava do edifício da casa Bellezza o nosso pátio, e, assim, frequentemente os cantos da nossa capela eram dominados ou sufocados pelo barulho da música e das garrafas da Jardineira. Além do mais, era um contínuo vaivém entre a casa Pinardi e a Jardineira. É fácil imaginar quanto isso nos incomodava e que perigo representava para nossos jovens.

Para livrar-nos de tão graves inconvenientes, tentei comprá-la, mas não consegui. Procurei alugá-la, com o que a dona concordava. Todavia a dona da taverna exigia uma indenização excessiva.

Fiz então a proposta de ficar com toda a hospedaria, responsabilizando-me pelo aluguel e comprando todo o mobiliário dos quartos, mesas, adega, cozinha etc. Pagando tudo a bom preço, pude dispor livremente do local, que destinei logo a outra finalidade. Desta sorte ficava eliminado o segundo foco de maldade que ainda existia em Valdocco perto da casa Pinardi.

16. Igreja de São Francisco de Sales

Eliminados os aborrecimentos que nos causavam a casa Pinardi e a Jardineira, era necessário pensar numa igreja mais decorosa para o culto e mais conforme às crescentes necessidades. A antiga que havia sido ampliada correspondia ao lugar onde está atualmente o refeitório dos superiores, mas era incômoda pela diminuta capacidade e pouca altura. Para entrar era preciso descer dois degraus; por conseguinte, ficávamos alagados no inverno e no tempo da chuva, ao passo que no verão sentíamo-nos sufocados pelo calor e excessivo cheiro de mofo. Poucos eram os domingos em que

[199] Sabina Casazza (falecida em 1888) era irmã de dom Alexandre Ottaviano Riccardi di Netro.

não acontecia um aluno desmaiar e ser levado para fora meio asfixiado. Era preciso, pois, construir um edifício mais adequado ao número de meninos, mais ventilado e saudável.

O cavalheiro Blanchier fez um projeto, cuja execução nos proporcionou a atual igreja de São Francisco e o edifício que limita com o pátio ao lado da igreja. O empresário foi o senhor Frederico Bocca.

Abertos os alicerces, procedeu-se à bênção da pedra fundamental, a 20 de julho de 1851[200]. O cavalheiro José Cotta colocou-a em seu lugar; o cônego Moreno, ecônomo-geral, benzeu-a; o célebre padre Barrera[201], comovido à vista da multidão presente, subiu a uma elevação de terra e improvisou estupendo discurso de ocasião. Começou com estas textuais palavras: "*Senhores, a pedra que acabamos de benzer e colocar como fundamento desta igreja tem dois grandes significados. Significa o grão de mostarda, que crescerá qual árvore mística, em cuja sombra muitos meninos virão refugiar-se; significa que esta obra se constrói sobre a pedra angular que é Cristo Jesus, contra a qual baldados serão os esforços dos inimigos da fé por abatê-la*".

Demonstrava a seguir ambas as proposições com grande satisfação dos ouvintes, que tinham por inspirado o eloquente pregador.

Eis a ata etc. *Transcreva-se a ata da solenidade*[202].

Tão ruidosas festas atraíam meninos de todas as partes da cidade, e a qualquer hora do dia vinham em grande quantidade; alguns pediam que os alojássemos em nossa casa. Naquele ano o número passou dos 50, e começamos algumas oficinas em casa, já que se evidenciavam cada vez mais os inconvenientes de os rapazes saírem para trabalhar na cidade.

Começava a erguer-se o sagrado e suspirado edifício, quando vi que as finanças estavam totalmente esgotadas. Tinha juntado 35 mil francos com a venda de alguns imóveis, mas desapareceram como gelo ao sol. O economato[203] destinou para nós 9 mil francos, mas a serem entregues quando a obra estivesse quase completa. O bispo de Biela, dom Pedro Losana, convencido de que o novo edifício e toda a instituição iam ser particularmente úteis aos

[200] Deveria dizer: 20 de julho de 1851, como resulta do documento da cúria redigido naquela ocasião em ASC A0210411). Dom Bosco confunde dois acontecimentos diferentes: a distribuição aos jovens dos terços presenteados por Pio IX (21 de julho de 1850) e a bênção da primeira pedra da nova igreja (20 de julho de 1851), em ambos os casos com a presença do padre Barrera.

[201] André Barrera (1802-1879), superior dos Padres da Doutrina Cristã (Doutrinários).

[202] Cf. MB IV, 277-279.

[203] Economato-geral Régio Apostólico: instituição dependente do ministro de Graça e Justiça para a administração dos benefícios eclesiásticos.

jovens pedreiros de Biella, escreveu uma circular aos seus párocos, convidando-os a concorrerem com seu óbolo. *Transcreva-se a circular* [204].

A coleta rendeu 1 mil francos[205]. Mas eram gotas d'água em terra seca. Por isso organizou-se uma rifa com objetos recebidos de presente. Era a primeira vez que recorria dessa maneira à caridade pública, e a rifa foi muito bem aceita. Recolheram-se 3.300 prendas. O sumo pontífice, o rei, a rainha-mãe, a rainha consorte[206], e em geral toda a corte distinguiram-se com suas ofertas. Venderam-se todos os bilhetes (a 50 cêntimos cada um), e por ocasião do sorteio público na prefeitura houve quem os procurasse oferecendo 5 francos, sem podê-los encontrar. *Pode-se transcrever o programa e o regulamento da rifa* [207].

Muitos ganhadores deixavam prazerosamente o prêmio para a igreja. O que resultou em novo ganho. É verdade que houve grandes despesas, mas lucraram-se 26 mil francos.

17. Explosão do paiol – Gabriel Fassio – Bênção da nova igreja

Durante a exposição pública das prendas, deu-se (26 de abril de 1852) a explosão do paiol situado junto ao cemitério de São Pedro in Víncoli, provocando assustador e violento abalo. Muitos edifícios, próximos e distantes, foram sacudidos, sofrendo grandes danos. Houve 28 vítimas entre os trabalhadores. Muito maior teria sido o desastre se um sargento chamado Sacchi[208] não houvesse impedido, com grande risco de vida, que o fogo alastrasse, atingindo maior quantidade de pólvora, podendo até destruir toda a cidade de Turim. A casa do Oratório, uma construção precária, sofreu muito; e os deputados nos enviaram 300 francos para ajudar a reparar os estragos.

Quero a este propósito contar um fato que se refere a um nosso jovem aprendiz chamado Gabriel Fassio[209]. No ano anterior caíra doente, chegando às portas da morte. Nos momentos de delírio, repetia: "Ai de Turim! Ai de Turim!".

Os companheiros perguntavam: "Por quê?".

[204] Publicada em MB IV, 319-321.
[205] Cf. n. 110.
[206] O rei era Vitório Emanuel II, que subiu ao trono em março de 1849 depois da abdicação do pai Carlos Alberto. Rainha mãe era Maria Teresa d'Asburgo-Lorena (1801-1855), viúva de Carlos Alberto. Rainha consorte era Maria Adelaide d'Áustria (1822-1855).
[207] Cf. n. 6.
[208] Paulo Felipe Sacchi (1807-1884).
[209] Gabriel Fassio (1838-1851), um dos primeiros meninos internos na casa do Oratório.

– Porque está ameaçada de um grande desastre.

– Que desastre?

– Um horrível terremoto.

– E quando acontecerá?

– No ano que vem. Oh! ai de Turim, a 26 de abril!

– Que é que devemos fazer?

– Rezar a São Luís para que proteja o Oratório e os que nele moram.

Foi então que, a pedido de todos os meninos da casa, acrescentou-se, pela manhã e à noite, um *Pai-nosso*, *Ave-Maria* e *Glória* a este santo nas orações em comum. Nossa casa, de fato, pouco sofreu em comparação com o perigo, e os jovens que nela residiam não sofreram nenhum dano pessoal.

Entretanto, os trabalhos da igreja de São Francisco de Sales progrediam em meio a uma atividade incrível, e no espaço de onze meses a igreja estava pronta.

A 20 de junho de 1852 foi consagrada ao culto divino, com uma solenidade mais única do que rara entre nós. Ergueu-se à entrada do pátio um arco de altura colossal. Nele estava escrito com letras garrafais: *Em caracteres doirados – escreveremos em todos os lados: – Viva eterno este dia.*

Por todas as partes ecoavam estes versos musicados pelo maestro José Blanchi, de grata memória:

Até chegar ao seu oriente, / todo o rio à sua nascente / há de um dia remontar;/ mas jamais olvidaremos / esta data, que queremos / para sempre recordar.

Rezou-se e cantou-se com grande entusiasmo a seguinte poesia: *Qual avezinha que de ramo em ramo busca um abrigo,* etc. – *Transcreva-se* [210]

Muitos jornais falaram da solenidade: veja *L'Armonia* e *Patria* daqueles dias[211].

No dia 1º de junho desse mesmo ano deu-se início à Sociedade de Mútuo Socorro, a fim de impedir que os nossos jovens se inscrevessem na chamada Sociedade dos Operários, que desde o início não dissimulou seus princípios antirreligiosos. *Veja-se o opúsculo impresso*[212]. Cumpriu à maravi-

[210] Cf. MB IV, 437-438.

[211] O artigo de *L'Armonia* saiu no dia 23 de junho de 1852, com o título: "Bênção do Oratório de São Francisco de Sales". *La Patria,* periódico de tendência liberal moderada foi publicado em Turim desde 1852 até 1855.

[212] *Società di mutuo soccorso di alcuni individui della Compagnia di san Luigi eretta nell'Oratorio di san Francesco di Sales*. Turim, Tipografia Speirani e Ferrero 1850 (OE IV, 83-90); cf. n. 4.

lha seus objetivos. Mais tarde nossa sociedade transformou-se em conferência anexa às de São Vicente de Paulo, e ainda existe[213].

Terminada a igreja, era preciso provê-la de todo o necessário. A caridade cristã não falhou. O comendador José Duprè mandou decorar uma capela que foi dedicada a São Luís, e comprou o altar de mármore que ainda hoje adorna aquela igreja. Outro benfeitor mandou fazer o coro, no qual foi colocado o pequeno órgão destinado aos jovens externos. O senhor Miguel Scannagatti comprou um jogo completo de castiçais; o marquês Fassati mandou fazer o altar de Nossa Senhora, adquiriu um jogo completo de castiçais de bronze e mais tarde a estátua de Nossa Senhora. O padre Cafasso pagou todas as despesas do púlpito. O altar-mor foi donativo do doutor Francisco Vallauri e completado por seu filho, o padre Pedro[214]. Dessa maneira a nova igreja viu-se em pouco tempo provida de tudo o que era preciso para a celebração das funções, simples ou solenes.

18. O ano de 1852

Com a nova igreja de São Francisco de Sales, a sacristia e o campanário, facilitava-se aos rapazes que o desejassem a assistência às sagradas funções nos dias festivos, e às aulas noturnas e também diurnas. Mas como atender à multidão de pobres meninos que a todo o momento pediam morada? Tanto mais que a explosão do paiol, no ano anterior, havia quase arruinado o antigo edifício. Naquele momento de suprema necessidade, decidimos acrescentar um novo braço ao edifício. Para aproveitar ainda o velho local, começou-se o novo em sítio separado, isto é, desde o final do atual refeitório até à fundição de tipos.

Os trabalhos avançaram com grande rapidez, e embora o outono já estivesse um tanto adiantado, chegou-se até à cobertura. Estava já colocada toda a armação de madeira, as telhas amontoadas sobre as vigas para posterior colocação, quando violento aguaceiro fez interromper o trabalho. A água caiu torrencialmente durante vários dias e várias noites, e escorrendo por traves e listéis, levou consigo a argamassa, deixando a descoberto os tijolos e as pedras.

Seria meia-noite, estávamos todos descansando, quando se ouviu um rumor violento que se fazia cada vez mais intenso e assustador. Todos acordam, e não sabendo o que estava acontecendo, cheios de terror enrolam-se

[213] A constituição das Conferências Juvenis de São Vicente de Paulo nos três oratórios ocorreu em torno de 1855; foram reconhecidas pelo Conselho-Geral de Paris no dia 11 de maio de 1856 (cf. Francesco Motto, "Le conferenze "annesse" di S. Vincenzo de' Paoli negli oratori di don Bosco", em José Manuel Prellezo (ed.), *L'impegno nell'educare. Studi in onore di Pietro Braido*. Roma, LAS 1991, pp. 467-492.
[214] Pedro Marcelino Vallauri (1829-1900).

nos cobertores ou nos lençóis, saem do dormitório e fogem em confusão sem saber para onde, com o fito de apartar-se do perigo iminente. Cresce a desordem e o barulho; a armação do teto, as telhas misturam-se ao material das paredes e tudo cai em ruínas com imenso estrondo.

Como a construção se apoiava na parede do baixo e velho edifício, temia-se que todos ficassem esmagados sob as ruínas; mas nada houve a lamentar, a não ser um espantoso estrondo, que não causou nenhum dano pessoal.

Ao amanhecer, recebemos a visita de alguns engenheiros municipais. O cavalheiro Gabbetti[215], ao ver uma alta coluna deslocada da base pender sobre um dormitório, exclamou: "Vão agradecer a Nossa Senhora da Consolata. Aquela coluna está de pé por milagre. Se caísse teria sepultado nos destroços a Dom Bosco com os 30 rapazes que dormiam aí embaixo".

Os trabalhos eram por empreitada, por isso o maior prejuízo tocou ao mestre de obras. Nosso prejuízo foi avaliado em 10 mil francos. O desastre aconteceu à meia-noite de 2 de dezembro de 1852.

Em meio às contínuas e tristes vicissitudes que oprimem a pobre humanidade há sempre a mão bondosa do Senhor que mitiga nossas desgraças. Se o desastre houvesse acontecido duas horas antes, teria sepultado os nossos alunos das aulas noturnas, que terminavam as aulas às 10. Saindo das classes, os 300 alunos enfiaram-se durante mais de meia hora pelos locais em construção. Pouco depois acontecia a derrocada.

O adiantado da estação já não permitia, não digo concluir, mas sequer recomeçar os trabalhos da casa em ruínas. Quem nos livraria, então, dos apertos? Que fazer em meio a tantos jovens, com tão pequeno espaço e meio arruinado? Fez-se da necessidade virtude. A antiga igreja, depois de reforçadas as paredes, foi transformada em dormitório. As aulas foram transferidas para a igreja nova, que destarte era igreja nos dias de guarda e colégio durante a semana.

Construiu-se também nesse ano o campanário ao lado da igreja de São Francisco de Sales, e o generoso senhor Miguel Scannagatti presenteou o altar-mor com o elegante jogo de castiçais que constitui ainda hoje um dos mais lindos ornamentos da igreja.

[19.] O ano de 1853

Assim que o tempo permitiu, pusemo-nos novamente a erguer o edifício que viera abaixo. Os trabalhos progrediram celeremente, de modo que no

[215] Carlos Gabetti, arquiteto municipal e responsável pelo aprovação das construções.

mês de outubro o edifício estava concluído. Havendo grande necessidade de local, ocupamo-lo imediatamente. Pela primeira vez pisei então no quarto em que, por graça de Deus, moro até agora. As aulas, o refeitório e o dormitório foram-se instalando e organizando, e o número de internos elevou-se a 65.

Vários benfeitores continuaram a enviar-nos presentes. O cavalheiro José Duprè pagou de seu bolso a balaustrada de mármore no altar de São Luís; mandou ornamentar o altar e estucar toda a capela. O marquês Domingos Fassati deu a pequena balaustrada do altar de Nossa Senhora e um jogo de castiçais de bronze dourado para o mesmo altar. O conde Cays, nosso insigne benfeitor, pela segunda vez prior da Companhia de São Luís, pagou-nos velha dívida de 1.200 francos ao padeiro, que já começava a fazer dificuldades para fornecer o pão. Comprou um sino que mereceu simpática festa. O teólogo Gattino, nosso cura, de feliz memória, veio benzê-lo; depois dirigiu palavras de ocasião ao grande número de pessoas vindas da cidade. Após as sagradas funções foi representada uma comédia que proporcionou a todos muita alegria. O próprio conde Cays providenciou uma bela faixa rendada[216] para ornar a cornija da igreja em todo seu redor, o atual baldaquim e outros adornos de igreja.

Provida a nova igreja das coisas mais necessárias para o culto, pôde-se finalmente atender pela primeira vez ao desejo de muitos com a exposição das *Quarenta Horas.* Não houve grande riqueza de ornamentos, mas numeroso concurso de fiéis. Para secundar o fervor religioso e proporcionar a todos comodidade de satisfazer a própria devoção, depois das *Quarenta Horas* fez-se um oitavário de pregações, que foi literalmente empregado em ouvir confissões da multidão. Essa desusada afluência fez com que nos anos sucessivos se continuasse a fazer a exposição das *Quarenta Horas* com pregação regular, grande frequência aos santos sacramentos e outras práticas de piedade.

[20.] Leituras Católicas

No mês de março desse ano começou a publicação periódica das *Leituras Católicas*[217]. Em 1847, quando se deu a emancipação dos judeus e dos protestantes, fez-se necessário algum antídoto para oferecê-lo aos fiéis em geral,

[216] [...].

[217] Cf. n. 9. Era uma publicação mensal de pequeno porte, destinada ao povo e aos jovens, fundada com o apoio econômico de dom Luís Moreno, bispo de Ivrea, e que teve larga difusão; a partir de 1863 foi impressa na tipografia do Oratório. Nos primeiros anos a tiragem era de três mil exemplares, depois saltou para mais de dez mil (cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia economica*…, pp. 347-368). Deixou de ser publicada em 1954.

especialmente à juventude. Parecia que com aquele ato o governo queria apenas dar liberdade a todos os credos, sem detrimento, porém, do catolicismo. Não entenderam assim os protestantes, e puseram-se a fazer propaganda com todos os meios possíveis. Três jornais (*La Buona Novella, La Luce Evangelica, Il Rogantino Piemontese*), muitos livros bíblicos e não bíblicos, eram meios com que intentavam fazer prosélitos. Ademais ofereciam ajuda, arrumavam empregos, proporcionavam trabalho, ofereciam dinheiro, roupa, comestíveis aos que iam às suas escolas ou frequentavam suas conferências ou simplesmente seus templos.

O governo de tudo sabia e deixava o barco correr, e com seu silêncio acobertava-os de maneira eficaz. Acrescente-se que os protestantes estavam preparados e fornecidos de todos os meios materiais e morais, ao passo que os católicos, confiados nas leis civis que até então os haviam protegido e defendido, dispunham apenas de alguns jornais, de algumas obras clássicas ou de erudição; mas não tinham um só jornal ou livro que estivesse propriamente ao alcance do povo simples.

Nessas circunstâncias, para fazer frente a essa necessidade, comecei a redigir alguns quadros sinóticos sobre a Igreja católica e outros folhetos intitulados: *Lembrança para os católicos*. Fi-los distribuir entre os rapazes e os adultos, especialmente, por ocasião de exercícios espirituais e de missões.

Os folhetos e opúsculos foram acolhidos com vivo interesse, e em pouco tempo foram distribuídos vários milheiros. Isso me persuadiu da necessidade de algum meio popular para facilitar o conhecimento dos princípios fundamentais do catolicismo. Então publiquei o livreto *Avisos aos católicos*[218], com a finalidade de alertar os católicos para que não se deixassem prender nas malhas dos hereges. A venda foi realmente extraordinária; em dois anos difundiram-se mais de 200 mil exemplares. Se isso agradou aos bons, enfureceu os protestantes, que se acreditavam os únicos donos do campo evangélico.

Percebi então que era urgente preparar e publicar livros para o povo, e ocorreu-me a ideia das *Leituras Católicas*. Preparados alguns fascículos, queria publicá-los imediatamente. Surgiu, entretanto, uma dificuldade que não podia esperar nem imaginar. Nenhum bispo se atrevia a assumir-lhes a responsabilidade. Vercelli, Biella, Casale recusaram-se, alegando ser perigoso travar batalha com os protestantes. Dom Fransoni, que então residia em Lião, aprovou, recomendou, mas ninguém quis assumir sequer o risco da revisão eclesiástica. O cônego José Zappata[219], vigário-geral, foi o único que, a pedido do

[218] Giovanni Bosco, *La Chiesa apostolica-romana è la sola vera Chiesa di Gesù Cristo. Avvisi ai cattolici.* Turim, Tipografia Speirani e Ferrero 1850 (OE IV, 121-143); reimpressa em 1851 e 1853.
[219] José Sappata (1796-1883).

arcebispo, reviu a metade de um fascículo; depois me devolveu o manuscrito, dizendo-me: "Aí tem seu trabalho; não me atrevo a assinar; o que aconteceu a Ximenes e Palma[220] é ainda muito recente. O senhor desafia e ataca de frente o inimigo, e eu prefiro bater em retirada enquanto é tempo".

De acordo com o vigário-geral, expus tudo ao arcebispo, o qual me respondeu com uma carta para ser apresentada a dom Moreno[221], bispo de Ivrea. Nela pedia ao prelado que tomasse sob sua proteção a publicação planejada e a avalizasse com sua aprovação e autoridade. Dom Moreno prestou-se de boa vontade a colaborar; delegou, para a revisão, o advogado Pinoli, seu vigário-geral, que, todavia, não pôs o nome do censor. Estudou-se logo um plano, e a 1º de março de 1853 saiu o primeiro fascículo do *Católico Instruído*[222].

[21.] O ano de 1854

As *Leituras Católicas* foram recebidas com entusiasmo geral, e o número dos leitores foi extraordinário; de aí a fúria dos protestantes. Tentaram combatê-las com seus jornais, com suas *Leituras Evangélicas*; mas não conquistavam leitores. Começaram então toda sorte de ataques contra o pobre Dom Bosco. Um após outro vinham discutir, convencidos, diziam, de que ninguém podia resistir às suas razões; os padres católicos eram muito ignorantes, e por isso, com duas palavras, era possível confundi-los.

Vieram, pois, enfrentar-me ora um, ora dois, ora vários deles. Eu sempre os atendi, e lhes recomendava que apresentassem aos seus ministros as dificuldades que não sabiam resolver, e tivessem depois a gentileza de comunicar-me a resposta. Veio Amadeu Bert[223], em seguida Meille[224], o evangelista Pugno[225], depois outros e mais outros; mas não puderam conseguir que eu deixasse de

[220] "O padre Ximenes, diretor de um jornal católico, *Il Contemporaneo,* de Roma, foi assassinado. Mons. Palma, secretário pontifício e escritor do jornal, morreu atingido por um tiro de arcabuz dentro das salas do próprio Quirinal" (anotação de Dom Bosco no manuscrito original).

[221] Luís Moreno (1800-1878), bispo de Ivrea desde 1838; expoente do catolicismo de ação; convicto defensor da imprensa católica, foi um dos fundadores do jornal *L'Armonia*.

[222] Deveria dizer: *O católico Instruído*; Giovanni Bosco, *Il cattolico istruito nella sua religione. Trattenimenti di un padre di famiglia co' suoi figliuoli secondo i bisogni del tempo*. Turim, Tipografia P. De-Agostini 1853 (OE IV, 195-646).

[223] Amadeu Bert (1809-1883) administrou a paróquia valdense (1849-1864); dedicou-se a obras assistenciais e sociais: fundou um hospital, uma escola, a editora Claudiana e promoveu a construção do templo valdense de Turim.

[224] João Pedro Meille (1817-1887), em 1851, fundou o periódico *La Buona Novella*; pastor da comunidade valdense de Turim que guiou de 1865 a 1884.

[225] Membro da direção da Congregação Evangélica de Turim.

falar nem de imprimir os nossos trabalhos; isso aumentou-lhes ainda mais a raiva. Acho interessante contar alguns fatos relativos a esse assunto.

Um domingo de janeiro, à tarde, anunciaram-se dois senhores, que desejavam falar comigo. Entraram e após prolongados cumprimentos e elogios um deles começou a dizer: "Senhor teólogo, o senhor recebeu da natureza um grande dom, o de fazer-se compreender e ler pelo povo; por isso, gostaríamos de pedir-lhe que empregasse esse dom precioso em coisas úteis para a humanidade, em proveito da ciência, das artes, do comércio".

– É justamente o que me proponho com as *Leituras Católicas*, às quais me dedico com toda a alma.

– Seria melhor ocupar-se em algum bom livro para a juventude, como seriam uma história antiga, um tratado de geografia, física e geometria, não, porém, nas *Leituras Católicas*.

– Por que não?

– Porque é um trabalho já feito muitas vezes por tantos outros.

– Sim. Esse tipo de trabalho foi feito por muitos outros, mas em livros de erudição, fora do alcance do povo, que é justamente o que eu desejo atingir com as *Leituras Católicas.*

– Mas é um trabalho que não lhe traz benefício algum; pelo contrário, se fizesse os trabalhos que lhe recomendamos, faria também um bem material à maravilhosa instituição que a Providência lhe confiou. Tome, já tem aqui alguma coisa (eram quatro notas de mil francos), mas não será a última oferta. Receberá outras, maiores ainda.

– Para que tanto dinheiro?

– Para animá-lo a iniciar a publicação das obras de que acabamos de falar e para ajudar sua nunca assaz louvada instituição.

– Perdoem-me, senhores, se lhes devolvo o dinheiro; de momento não me é possível dedicar-me a esse tipo de trabalho, mas unicamente às *Leituras Católicas*.

– Mas se é um trabalho inútil...

– Se é um trabalho inútil, por que se preocupam tanto? Por que gastar dinheiro para fazer-me desistir?

– O senhor não percebe o que está fazendo. Com a recusa está prejudicando sua obra, expondo-se a certas consequências, a certos perigos...

– Senhores, compreendo o que querem dizer. Digo-lhes, todavia, com toda a franqueza, que diante da verdade não temo a ninguém. Quando me

fiz padre, consagrei-me ao bem da Igreja e ao bem da pobre humanidade, e pretendo continuar, na medida de minhas poucas forças, a publicar as *Leituras Católicas*.

– Está cometendo um erro, acrescentaram com voz e fisionomia alteradas e pondo-se de pé, o senhor está cometendo um erro. O senhor nos insulta. Quem sabe o que lhe pode acontecer aqui! E, *em tom de ameaça*, se sair de casa, terá a certeza de que poderá voltar?

– Os senhores não conhecem os padres católicos. Enquanto estão vivos, trabalham para cumprir o próprio dever. Se em meio ao trabalho e justamente por isso tivessem que morrer, seria para eles uma grande ventura e a maior das glórias.

Mostravam-se ambos tão irritados, que receei me metessem as mãos. Levantei-me e, colocando a cadeira entre mim e eles, disse: "Não temo ameaças. Se quisesse, poderia usar a força, mas a força do padre está na paciência e no perdão. Agora, queiram retirar-se".

Contornando a cadeira, abri a porta do aposento e disse: "Buzzetti, acompanhe estes senhores até o portão, pois não conhecem bem a escada". Ficaram confusos ante essa intimação e acrescentaram: "Havemos de ver-nos em ocasião mais oportuna". Assim dizendo, saíram com o rosto e os olhos inflamados de raiva. O episódio foi publicado por alguns jornais, especialmente por *L'Armonia*.

[22.] Atentados pessoais

Parecia existir todo um plano secreto contra mim, urdido pelos protestantes ou pela maçonaria. Contarei rapidamente alguns casos.

Uma noite, enquanto estava dando aula aos jovens, apresentaram-se dois homens, chamando-me para que fosse depressa ao *Cuor d'Oro* assistir um moribundo[226]. Fui imediatamente, fazendo-me, contudo, acompanhar por alguns dos maiorzinhos.

– Não é preciso, disseram, incomodar seus alunos. Nós o levaremos e traremos de volta. Talvez o doente se assuste com a presença deles.

– Não se preocupem com isso, acrescentei, esses alunos aproveitarão para um passeiozinho, e ficarão ao pé da escada o tempo que eu permanecer junto ao doente.

[226] *Cuor d'Oro*:[Coração de Ouro], pensão situada na rua Cottolengo, a 300 metros do Oratório.

Chegados à casa do *Cuor d'Oro*, disseram: "Venha cá um instante, descanse um pouco enquanto vamos avisar o doente que o senhor chegou".

Levaram-me a um quarto no andar térreo, onde havia alguns amigos da boa vida que, depois de cear, estavam a comer castanhas. Receberam-me com intermináveis encômios e elogios, e queriam que me servisse e comesse das castanhas. Recusei, aduzindo que havia apenas terminado de cear.

– Beberá pelo menos um copo do nosso vinho, insistiram. Vai gostar, vem das bandas de Asti.

– Não estou disposto, não estou habituado a beber fora das refeições; iria fazer-me mal.

– Um copinho por certo não lhe fará mal.

E dizendo isso, serviram vinho para todos. Ao chegar a minha vez, mudaram garrafa e copo. Apercebi-me da perversa manobra. Isso, não obstante, tomei o copo nas mãos e fiz um brinde. Mas em vez de beber, tentei repô-lo na mesa.

– Não faça isso, é uma desfeita, dizia um.

– É um insulto, acrescentava outro–, não recuse.

– Não estou disposto, não posso e não quero beber.

– Deve beber a todo o custo!

Assim dizendo, um deles segurou-me o ombro esquerdo, outro o direito, acrescentando: "Não podemos tolerar este insulto. Beba, por amor ou à força".

– Se querem mesmo que eu beba, beberei; deixem-me, porém, agir com liberdade. Como não posso beber, vou dá-lo a alguns dos meus rapazes para que o bebam em meu lugar.

Ao dizer, para disfarçar, essas palavras, dei um largo passo até à porta, abri e convidei os meus jovens a entrar.

– Não é preciso, não é preciso que ninguém beba. Fique sossegado, vamos logo avisar o doente. Eles podem ficar aí no fundo da sala.

É evidente que não daria a ninguém aquele copo. Agi dessa maneira para descobrir-lhes a trama, que era de fazer-me beber veneno.

Em seguida fui conduzido a um quarto do segundo andar, onde, em vez de um doente, vi deitado o mesmo indivíduo que tinha vindo chamar-me, o qual, depois de haver respondido a algumas perguntas que lhe fiz, prorrompeu numa risada, dizendo: "Vou confessar-me amanhã de manhã". Logo em seguida voltei para casa.

Uma pessoa amiga fez algumas investigações sobre quem me havia chamado, sobre suas intenções, e pude certificar-me de que um tal lhe havia pago uma lauta ceia com a condição de insistirem para que eu bebesse um pouco do vinho que havia preparado.

[23.] Agressão – Chuva de pauladas

Parecem fábulas os atentados que estou narrando; são, não obstante, dolorosas verdades, que tiveram muitas testemunhas. Eis aqui outro ainda mais surpreendente.

Uma tarde de agosto, pelas 6 horas, eu estava rodeado de meus jovens, no portão que dá para o pátio do Oratório, quando, de repente, se ouviu um grito: "Um assassino! Um assassino!".

Efetivamente, um indivíduo que eu bem conhecia e a quem havia feito favores, corria furioso na minha direção, em mangas de camisa, com longa faca na mão, dizendo: "Onde está Dom Bosco? Onde está Dom Bosco?".

Debandaram todos, e ele se pôs a correr atrás de um clérigo, pensando que fosse eu. Quando percebeu o engano, correu, furioso, atrás de mim. Mal tive tempo de fugir escada acima para refugiar-me em meu antigo quarto. Apenas dei uma volta à chave, apareceu o infeliz. Batia, gritava, mordia as barras de ferro como para abri-las. Em vão, eu estava seguro. Meus jovens queriam enfrentar o miserável e reduzi-lo a pedaços, mas eu severamente proibi, e eles obedeceram. Avisou-se a segurança pública, a delegacia, os carabineiros, porém não se conseguiu nada até às 9h30min da noite, quando dois carabineiros prenderam o malandro e o levaram para o quartel.

No dia seguinte, o delegado mandou um agente perguntar-me se perdoava o criminoso. Respondi que perdoava aquela e outras injúrias; todavia, em nome da lei, recomendava às autoridades que protegessem melhor as pessoas e as casas dos cidadãos. Quem havia de dizer? No dia seguinte à mesma hora da agressão, o mesmo fulano estava esperando, a pouca distância, que eu saísse de casa.

Vendo que das autoridades nada se podia esperar, um amigo quis abordar o miserável. "Estou sendo pago, respondeu; se me derem o que os outros me dão, vou embora em paz".

Foram-lhe dados 80 francos para pagar o aluguel vencido, e mais 80 para providenciar outra moradia longe de Valdocco; e assim terminou essa primeira comédia. Não foi tão simples a segunda, que agora passo a narrar.

Mais ou menos um mês após o fato anterior, num domingo à tarde, pediram-me que fosse depressa à casa Sardi, perto do Refúgio, para confessar uma doente que, como diziam, estava em fim de vida. Em vista dos fatos an-

teriores, convidei vários jovens mais crescidos a me acompanharem. "Não é preciso, diziam, nós o acompanharemos, deixe os jovens brincar".

Mais uma razão para eu não sair sozinho. Deixei alguns na rua, ao pé da escada; João Buzzetti e Jacinto Arnaud[227] postaram-se no primeiro andar, no patamar da escada, a pouca distância da saída do quarto da doente. Entrei e vi uma mulher a ofegar como prestes a exalar o último respiro. Convidei os presentes, que eram quatro, a se afastarem para eu poder falar de assuntos da alma. Mas doente começou a dizer em alta voz: "Antes de me confessar, quero que esse patife aí retire as calúnias com que me difamou".

– Não! – respondeu um homem.

– Silêncio! – acrescentou outro, pondo-se de pé. E levantaram-se todos. Sim, não, olha, te mato, te degolo, palavras desse tipo misturavam-se a horríveis imprecações, provocando um barulho infernal no quarto. Em meio a essa barafunda, apagaram-se as luzes, aumentou a algazarra, caiu uma chuva de pauladas na direção do lugar onde eu estava sentado. Adivinhei o plano: queriam acabar comigo. Naquele instante, sem tempo de pensar nem refletir, deixei-me guiar pelo instinto. Segurei uma cadeira, coloquei-a sobre a cabeça e debaixo dessa proteção improvisada encaminhei-me para a saída, recebendo os golpes que com grande ruído eram vibrados sobre a cadeira.

Deixando aquele antro de satanás, atirei-me nos braços dos meus rapazes, que ao ouvirem o barulho e os gritos queriam a todo o custo entrar na casa. Não tive nenhum ferimento grave, a não ser uma paulada no polegar da mão esquerda, que havia apoiado no espaldar da cadeira, arrancando a unha e metade de uma falange, como se pode ver pela cicatriz que ainda perdura. O pior foi o susto.

Não pude nunca saber o verdadeiro motivo desses ataques, mas parece que tudo foi tramado para atentar contra minha vida, a fim de fazer-me desistir, diziam eles, de caluniar os protestantes.

*[24.] – O Grígio**

O cão Grígio foi assunto de muitas conversas e hipóteses várias. Muitos de vós o haveis visto e até acariciado. Deixando agora de lado as histórias peregrinas que dele se contam, vou expor a pura verdade.

Os frequentes atentados de que eu era alvo aconselharam-me a não andar sozinho ao ir à cidade de Turim ou de lá voltar. Àquela época o manicômio era o último edifício nas bandas do Oratório. O restante era terreno infestado

[227] Jacinto Arnaud (nascido em 1826) morou na casa do Oratório de outubro de 1847 a fevereiro de 1856 (cf. ASC E720 *Censimento dal 1847 al 1869*, p. 1).

* "*Grígio*" significa "*cinzento*".

de espinhos e acácias. Numa tarde escura, já bastante adiantada, regressava para casa, com certo medo, quando vejo ao meu lado um enorme cão, que à primeira vista me assustou; como, porém, não me ameaçava agressivamente, pelo contrário, fazia-me festa como se fosse seu dono, travamos de imediato boas relações, e ele me acompanhou até o Oratório. O que aconteceu naquela tarde repetiu-se muitas outras vezes, de modo que posso dizer que o Grígio me prestou importantes serviços. Vou expor alguns.

Em fins de novembro de 1854, numa tarde escura e chuvosa, voltava da cidade, e para não andar muito tempo pelo descampado, vinha pela rua que da Consolata leva ao Cottolengo. Em determinado ponto percebi que dois homens caminhavam a pouca distância na minha frente. Aceleravam ou diminuíam o passo, toda vez que eu acelerava ou diminuía o meu. Quando, para não me encontrar com eles, tentava passar para a parte oposta, eles com grande habilidade colocavam-se à minha frente. Quis voltar sobre meus passos, mas não houve tempo; dando dois pulos para trás, e sem dizer palavra, lançaram-me um manto sobre o rosto. Fiz quanto pude para não me deixar envolver, mas debalde; antes, um deles conseguiu amordaçar-me com um lenço. Queria gritar, mas já não podia. Nesse preciso momento apareceu o Grígio que, urrando como um urso, lançou-se com as patas contra o rosto de um, com a boca escancarada contra o outro, de maneira que mais lhes convinha envolver o cão do que a mim.

– Chame o cachorro! – puseram-se a gritar, espantados.

– Chamo, sim, mas deixem os transeuntes em paz.

– Chame logo! – exclamaram.

O Grígio continuava a uivar como lobo ou urrar como urso enfurecido. Eles retomaram o caminho, e o Grígio, sempre ao meu lado, acompanhou-me até chegar à obra Cottolengo. Refeito do susto e recuperado com um bom copo de vinho que a caridade da obra oferece oportunamente às visitas, regressei ao Oratório bem escoltado.

Nas noites em que não estava acompanhado de alguém, assim que passava as últimas casas via despontar o Grígio de algum lado da rua. Muitas vezes o viram os jovens do Oratório, e certa vez serviu-lhes de entretenimento. Os jovens da casa viram-no entrar no pátio. Alguns queriam bater nele, outros atirar-lhe pedras.

– Não o molestem – disse José Buzzetti –, é o cão de Dom Bosco.

Então os presentes puseram-se a acariciá-lo de todas as maneiras e acompanharam-no até o refeitório, onde eu estava ceando com alguns clérigos e padres, e com minha mãe. Ante tão inesperada visita, ficaram todos amedrontados. "Não tenham medo, disse, é o meu Grígio, deixem-no vir. Realmente, dando uma longa volta ao redor da mesa, veio ter comigo, fazendo festa. Eu

também o acariciei e ofereci-lhe sopa, pão e carne, mas ele recusou. Mais: sequer cheirou a comida. "Que queres, então?", perguntei. Ele apenas abanou as orelhas e moveu a cauda. "Come, ou bebe, ou então te mostra contente", concluí. Continuando então a dar sinais de satisfação, apoiou a cabeça sobre meus joelhos, como se quisesse falar-me ou dar-me boa-noite; em seguida, com grande entusiasmo e alegria, os meninos o acompanharam para fora. Lembro-me de que naquela noite havia regressado tarde para casa e que um amigo me havia trazido em sua carruagem.

A última vez que vi o Grígio foi em 1866, quando ia de Morialdo a Moncucco, à casa de Luís Moglia, meu amigo[228]. O pároco de Buttigliera[229] quis acompanhar-me por bom trecho de caminho, e isso fez com que me surpreendesse a noite no meio da estrada. "Oh! se tivesse aqui o meu Grígio, disse de mim para mim, que bom que seria!". Assim dizendo, subi a um prado para desfrutar do último raio de luz. Naquele momento o Grígio veio correndo com grandes demonstrações de alegria em minha direção, e me acompanhou pelo trecho de caminho que ainda devia percorrer, uns três quilômetros.

Chegado à casa do amigo, que me estava esperando, advertiram-me que desse uma volta para que meu cachorro não se engalfinhasse com dois enormes cães da casa. "Vão-se estraçalhar, caso se peguem", dizia Moglia.

Conversei com toda a família e fomos cear, ficando meu companheiro a descansar num canto da sala. Terminada a refeição, disse o amigo: "Vamos dar de comer a teu cachorro". E tomando um pouco de comida, levou-a ao cão, mas não o encontrou, por mais que o procurasse por todos os cantos da sala e da casa. Todos ficaram admirados porque nenhuma porta, nenhuma janela fora aberta, e os cães não deram nenhum alarme. Procuraram o Grígio nos quartos de cima, mas ninguém o encontrou.

Foi esta a última notícia que tive do cão cinzento, objeto de tantas perguntas e discussões. Jamais soube do seu dono. Sei apenas que esse animal foi para mim uma verdadeira providência nos muitos perigos em que me vi metido.

[228] Luís Moglia, dono de uma propriedade rural, perto de Moncucco, na qual João Bosco, menino, fora acolhido para trabalhar no campo.
[229] José Vaccarino (1805-1891), pároco de Buttigliera durante 59 anos.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. BIBLIOGRAFIAS

Gianotti Saverio (ed.), *Bibliografia generale di don Bosco*. Vol. I. *Bibliografia italiana 1844-1992*. Roma, LAS 1995, pp. 11-99.

Diekmann Herbert, *Bibliografia generale di don Bosco*. Vol. 2. *Deutschsprachige Don-Bosco-Literatur 1883-1994*. Roma, LAS 1997.

Schepens Jacques, *Bibliografia generale di don Bosco*. Vol. 3. *Bibliographie française. 1853-2006. Nederlandstalige bibliografie 1883-2006*. Roma, LAS 2007; em RSS 26 (2007) 113-333.

Stella Pietro, *Gli scritti a stampa di S. Giovanni Bosco*. Roma, LAS 1977.

2. BIOGRAFIAS

Divulgativas

Auffray Augustin, *Dom Bosco, 4ª edição, São Paulo, Salesiana Dom Bosco, s/d*.

Bosco Teresio, *Dom Bosco, uma biografia nova, 2ª edição, São Paulo, Salesiana Dom Bosco 1993.*

Ceria Eugenio, *San Giovanni Bosco nella vita e nelle opere*. Turim, SEI 1938.

Fierro Torres Rodolfo, *Biografía y escritos de San Juan Bosco*. Madri, BAC 1955.

Lemoyne Giovanni Battista, *Vita del venerabile servo di Dio Giovanni Bosco Fondatore della Pia Società Salesiana, dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice e dei Cooperatori Salesiani*. 2 volumes.Turim, Libreria Internazionale "Buona Stampa" 1911-1913.

Científicas com ampla bibliografia

Braido Pietro, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade*. Volumes I-II. São Paulo, Editora Salesiana, 2008.

Desramaut Francis, *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim, SEI 1996.

3. ENSAIOS E ESTUDOS: CONTEXTO HISTÓRICO

Banti Alberto Maria - Ginsborg Paul (ed.), *Storia d'Italia. Annali 22. Il Risorgimento*. Einaudi 2007.

Crespi Pietro - Poli Gian Franco, *Lineamenti di storia della spiritualità e della vita cristiana*. Vol. II. Roma, Edizioni Dehoniane 2000.

De Rosa Gabriele, *Il movimento cattolico in Italia dalla Restaurazione all'età giolittiana*. Bari, Laterza 1988.

Fiorentino Carlo Maria, *Chiesa e Stato a Roma negli anni della Destra storica 1870-1876. Il trasferimento della capitale e la soppressione delle Corporazioni religiose*. Roma, Istituto per la Storia del Risorgimento italiano 1996.

Giraudo Aldo, *Clero, seminario e società. Aspetti della Restaurazione religiosa a Torino*. Roma, LAS 1993.

Goffi Tullo, *La spiritualità dell'Ottocento*. (Storia della Spiritualità 7). Bolonha, EDB 1989.

Guasco Maurilio, *Storia del clero in Italia dall'Ottocento ad oggi*. Roma-Bari, Laterza 1997.

Martina Giacomo, *Pio IX (1846-1850)*. Roma, Università Gregoriana Editrice 1974; *Pio IX (1851-1866)*, ibid. 1986; *Pio IX (1867-1878)*, ibid. 1990.

Petrocchi Massimo, *Storia della spiritualità italiana*. Vol. III. *Il Settecento, l'Ottocento e il Novecento*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura 1979.

Romeo Rosario, *Cavour e il suo tempo*. 3 vol. [1818-1842, 1842-1854, 1854-1861]. Bari, Laterza 1984.

Stella Pietro, *Italie: de la restauration à l'indépendance, 1814-1860*, em *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*. Vol. VII, Paris, Beauchesne, 1971, coll. 2273-2284.

Traniello Francesco, *Cultura cattolica e vita religiosa tra Ottocento e Novecento*. Brescia, Morcelliana 1991.

Troya Vincenzo, *Quale sia il genere d'istruzione utile e necessario specialmente nei villaggi*, em "L'Educatore Primario" 1 (1845) 12, 189-192.

Verucci Guido, *L'Italia laica prima e dopo l'Unità 1848-1876. Anticlericalismo, libero pensiero e ateismo nella società italiana*. Bari, Laterza 1981.

Zovatto Pietro (ed.), *Storia della spiritualità italiana*. Roma, Città Nuova 2002.

4. ENSAIOS E ESTUDOS: DOM BOSCO E A SUA OBRA

AUBRY Joseph, *La scuola salesiana di don Bosco*, em Ermanno ANCILLI (ed.), *Le grandi scuole della spiritualità cristiana*. Roma/Milão, Pontificio Istituto di Spiritualità del Teresianum/O.R. 1984, pp. 669-698.

AUFFRAY Augustin, *La pédagogie d'un Saint*. Lião-Paris, Vitte 1930.

BARBERIS Giulio, *Appunti di pedagogia sacra.* Esposti agli ascritti della Pia Società di S. Francesco di Sales dal sac. –. [Turim], Litografia Salesiana 1897.

BORREGO Jesús, *Primer proyecto patagónico de don Bosco*, em RSS 5 (1886) 21-72.

BRACCO Giuseppe (ed.), *Torino e don Bosco.* vol. I. *Saggi*. Vol. II. *Immagini realizzate da Mario Serra*; vol. III. *Documenti scelti da Rosanna Roccia*. Turim, Archivio Storico della Città 1989.

BRAIDO Pietro (ed.), *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità. Studi e testimonianze*. Roma, LAS 1987.

BRAIDO Pietro, *Breve storia del "Sistema Preventivo".* Roma, LAS 1993.

BRAIDO Pietro, *Buon cristiano e onesto cittadino. Una formula dell'"umanesimo educativo" di don Bosco*, em RSS 13 (1994) 7-75.

BRAIDO Pietro, *Tratti di vita religiosa nello scritto "Ai Soci Salesiani" di don Bosco del 1875.* Introdução e textos críticos, em RSS 13 (1994) 361-448.

BRAIDO Pietro, *Tratti di vita religiosa salesiana nello scritto "Ai Soci Salesiani" di don Bosco del 1877/1885.* Introdução e textos críticos, em RSS 14 (1995) 91-154.

BRAIDO Pietro, *"Poveri e abbandonati, pericolanti e pericolosi": pedagogia, assistenza, socialità nell'"esperienza preventiva" di don Bosco*, em "Annali di Storia dell'educazione e delle Istituzioni Scolastiche" 3 (1996) 183-236.

BRAIDO Pietro, *Prevenir não reprimir. O sistema educativo de Dom Bosco*. São Paulo, Editora Salesiana, 2004.

BRAIDO Pietro - MOTTO Francesco, *Don Bosco tra storia e leggenda nella memoria su "Le perquisizioni".* Texto crítico e introdução, em RSS 14 (1989) 111-200.

CAMERONI P. Luigi, *ADMA. Associazione di Maria Ausiliatrice. Un itinerario di santificazione e di apostolato secondo il carisma di don Bosco.* Turim, Elledici 2009.

Casella Francesco, *L'esperienza educativa preventiva di don Bosco. Studi sull'educazione salesiana fra tradizione e modernità*. Roma, LAS 2007.

Caselle Secondo, *Giovanni Bosco a Chieri: 1831-1841. Dieci anni che valgono una vita*. Turim, Edizioni Acclaim 1988.

Cavaglià Piera - Mara Borsi, *Solidale nell'educazione. La presenza e l'immagine della donna in don Bosco*. Roma, LAS 1993.

Cavaglià Piera - Costa Anna (edd.), *Orme di vita. Tracce di futuro. Fonti e testimonianze sulla prima comunità delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1870-1881).* Roma, LAS 1996.

Caviglia Alberto, *"Don Bosco". Profilo storico*. Turim, SEI 1934.

Caviglia Alberto, *"Savio Domenico e Don Bosco. Studio",* em *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*. Vol. IV. Turim, SEI 1943, pp. 5-590.

Caviglia Alberto, *Il "Magone Michele" una classica esperienza educativa. Studio*, em "Salesianum" 11 (1949) 451-481, 588-614 (reimpresso em *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco*. Vol. V. Turim, SEI 1965, pp. 131-200).

Caviglia Alberto, *Un documento inesplorato. La Vita di Besucco Francesco scritta da Don Bosco e il suo contenuto spirituale*, em "Salesianum" 10 (1948) 103-113, 257-287, 641-672; 11 (1949) 122-145, 288-319 (reimpresso em *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco*. Vol. VI. Turim, SEI 1965, pp. 105-262).

Caviglia Alberto, *Don Bosco nella scuola*, em BS 53 (1929) 6, 179-181.

Ceria Eugenio*, Annali della Società salesiana. Dalle origini alla morte di S. Giovanni Bosco (1841-1888)*. Turim, SEI [1941].

Ceria Eugenio, *Profili di capitolari salesiani morti dall'anno 1865 al 1959.* Colle Don Bosco (Asti), Libreria Dottrina Cristiana 1951.

Cerrato Natale, *La catechesi di don Bosco nella sua "storia sacra"*. Roma, LAS 1979.

Cerrato Natale, *Il teologo Giovanni Battista Borel inedito*, em RSS 17 (1998) 151-177.

Cerruti Francesco, *Le idee di D. Bosco sull'educazione e sull'insegnamento e la missione attuale della scuola. Lettere due*. S. Benigno Canavese, Tipografia e Libreria Salesiana 1886.

Cerruti Francesco, *Educazione ed istruzione. Sistema preventivo. Ispezioni scolastiche e civili*. Turim, Tip. S.A.I.D. "Buona Stampa" 1910, pp. 7-8.

Chiosso Giorgio, *L'Oratorio di don Bosco nel rinnovamento educativo del Piemonte carlo-albertino*, em Pietro Braido (ed.), *Don Bosco al servizio della Chiesa e dell'umanità. Studi e testimonianze*. Roma, LAS 1987, pp. 83-116.

Deambrogio Luigi, *Le passeggiate autunnali di don Bosco per i colli monferrini*. Castelnuovo Don Bosco, Istituto Salesiano Bernardi Semeria 1975.

Decancq Bart, "S*everino". Studio dell'opuscolo con particolare attenzione al "primo oratorio"*, em RSS 11 (1992) 221-318.

Desramaut Francis, *Don Bosco et la vie spirituelle*. Paris, Beauchesne 1967 (trad. it.: *Don Bosco e la vita spirituale*. Leumann [Turim], Elle Di Ci 1970).

Desramaut Francis, *Da Associati alla Congregazione salesiana del 1873 a Cooperatori salesiani del 1876,* em Mario Midali (ed.), *Il cooperatore salesiano nella società contemporanea*. Leumann (Turim), Elledici 1975, pp. 335-359.

Desramaut Francis, *Don Bosco fondatore dei cooperatori Salesiani,* em Mario Midali (ed.), *Don Bosco fondatore della Famiglia salesiana.* Roma, SDB 1989, pp. 323-357.

Desramaut Francis, Jean Bosco (Saint), em *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique*. Paris, Beauchesne 1974, t. VIII, pp. 291-303.

Favini Guido, *Don Bosco e l'apostolato dei laici*. Turim, SEI 1952.

Fierro Torres Rodolfo, *El sistema educativo de don Bosco en las pedagogías general y especiales*. Madri, SEI 1953[3].

Fissore Mario, *Il* Vademecum *di don Giulio Barberis. Spunti di indagine e sguardi d'insieme*, em RSS 31 (2012) 11.

Francesia Giovanni Battista, *D. Vittorio Alasonatti, primo prefetto della Pia Società Salesiana. Cenni biografici*. S. Benigno Canavese, Tipografia e Libreria Salesiana 1893.

Frangi Luigi, *Le prime cinque spedizioni missionarie nell'Argentina e nell'Uruguay dal 1875 al 1881,* em "Salesianum" 41 (1979) 819-856.

Giraudi Fedele, *L'Oratorio di don Bosco. Inizio e progressivo sviluppo edilizio della Casa madre dei Salesiani in Torino*. Turim, Società Editrice Internazionale 1935.

GIRAUDO Aldo (ed.) *Domenico Savio raccontato da don Bosco*. *Riflessioni sulla vita*. Atti del smposio Università Pontificia Salesiana. Roma, LAS 2004.

GIRAUDO Aldo, *Don Bosco, maestro de vida espiritual. Servid al Señor con alegría.* Madri, Editorial CCS 2012.

GIRAUDO Aldo, *Gli esercizi spirituali predicati da don Bosco a Trofarello nel 1869*, em RSS 23 (2013) 97-149.

LENTI Arthur J., *Don Bosco History and spirit.* 7 volumes. Roma, LAS 2007-2010; edição espanhola refeita e atualizada: Juan José BARTOLOMÉ - Jesús Graciliano GONZÁLEZ (edd.), *Don Bosco: historia e carisma*. 3 volumes, Madrid, Editorial CCS 2007. (Existe também a edição em português: 3 volumes, Brasília, Editora Dom Bosco, 2012-2014).

LENTI Arthur J., *Don Bosco, his Pope and his Bishop*. Roma, LAS 2006.

LOPARCO Grazia - SPIGA Maria Teresa, *Le Figlie di Maria Ausiliatrice in Italia. Donne nell'educazione*. Roma, LAS 2011.

MACCONO Ferdinando, *Santa Maria D. Mazzarello confondatrice e prima superiora generale delle Figlie di Maria Ausiliatrice,* I. Turim, Scuola Tip. privata 1960.

MIDALI Mario (ed.), *Don Bosco nella storia*. Atti del 1° Congresso Internazionale di Studi su Don Bosco (Università Pontificia Salesiana) - Roma, 16-20 gennaio 1989). Roma, LAS 1990 (existem também as edições em francês, inglês e espanhol).

MOLINERIS Michele, *Nuova vita di Domenico Savio. Quello che le biografie di san Domenico Savio non dicono*. Colle Don Bosco, Istituto Salesiano Bernardi Semeria 1974.

MOTTO Francesco, *Don Bosco mediatore fra Cavour e Antonelli*, em RSS 5 (1986) 3-20.

MOTTO Francesco, *L'Oratorio di don Bosco presso il cimitero di S. Pietro in Vincoli in Torino. Una documentata ricostruzione del noto episodio*, em RSS 5 (1986) 199-220.

MOTTO Francesco, *La mediazione di don Bosco fra Santa Sede e governo per la concessione degli "exequatur" ai vescovi d'Italia (1872-1874)*. Roma, LAS 1987.

MOTTO Francesco, *Orientamenti politici di Don Bosco,* em RSS 12 (1993) 9-37.

MOTTO Francesco, *L'azione mediatrice di don Bosco nella questione delle sedi vescovili vacanti in Italia*. Roma, LAS 1988.

MOTTO Francesco, *Le conferenze "annesse" di S. Vincenzo de' Paoli negli oratori di don Bosco*, em José Manuel PRELLEZO (ed.), *L'impegno nell'educare. Studi in onore di Pietro Braido*. Roma, LAS 1991, pp. 467-492.

MOTTO Francesco, *L'impegno civile e morale di don Bosco nell'Italia unita in dialogo con le istituzioni civili e di governo*, em RSS 29 (2010) 177-200.

MOTTO Francesco (ed.), *Salesiani di don Bosco in Italia. 150 anni di educazione.* Turim, LAS 2011.

MOTTO Francesco, *Storia della storiografia di don Bosco*, em Stanisław ZIMNIAK (ed.), *Storia e identità salesiana in Africa e Madagascar*. Roma, LAS 2012, pp. 215-231 (em inglês pp. 233-249; em espanhol: "Cuadernos de Formación Permanente" 12 [2008] 57-81).

MOTTO Francesco (ed.), *Salesiani di don Bosco in Italia. 150 anni di educazione.* Roma, LAS 2011.

MOTTO Francesco - Grazia LOPARCO (ed.), *Salesiani e Figlie di Maria Ausiliatrice in Italia. Un comune percorso educativo (1859-1010).* Roma, LAS 2013.

NANNI Carlo (ed.), *Don Bosco e la sua esperienza pedagogica: eredità, sviluppi, risonanza*. Roma, LAS 1989.

NICOLETTI Maria Andrea, *Le complicate missioni della Patagonia da don Bosco a don Rua: situazione iniziale, sviluppi, bilancio*, em Francesco MOTTO (ed.), *Don Michele Rua nella storia*. Roma, LAS 2010, pp. 339-362.

PILLA Eugenio, *Giuseppe Buzzetti, coadiutore salesiano*. Turim, SEI 1960.

POSADA María Esther, *Significato della "validissima cooperatrice" di S. Maria Domenica Mazzarello alla fondazione dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, em ID. (ed.), *Attuale perché vera. Contributi su S. Maria Domenica Mazzarello.* Roma, LAS 1987, pp. 53-68.

POSADA María Esther, *Don Bosco fondatore dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, em Mario MIDALI (ed.), *Don Bosco fondatore della Famiglia salesiana*. Atti del Simposio (22-26 gennaio 1989). Roma, EDB 1989, pp. 281-303.

PRELLEZO José Manuel, *G. A. Rayneri negli scritti pedagogici dei salesiani*, em "Orientamenti Pedagogici" 40 (1993) 1039-1063.

PRELLEZO José Manuel, *Dai laboratori di Valdocco alle scuole tecnico-professionali salesiane. Un impegno educativo verso la gioventù operaia*, em L. VAN LOOY - G. MALIZIA (edd.), *Formazione professionale salesiana: memoria e attualità per un confronto. Indagine sul campo.* Roma, LAS 1997, pp. 19-51.

Prellezo José Manuel, *Giuseppe Allievo negli scritti pedagogici salesiani*, em "Orientamenti Pedagogici" 45 (1998) 393-419.

Prellezo José Manuel, *Linee pedagogiche della Società salesiana nel periodo 1880-1922. Approccio ai documenti*, em RSS 23 (2004) 107.

Prellezo José Manuel, "*Dei Castighi"(1883): puntualizzazioni sull'autore e sulle fonti redazionali dello scritto*, em RSS 27 (2008) 287-307.

Prellezo José Manuel, *Scuole professionali salesiane. Momenti della loro storia (1853-1953),* [Roma,] CNOS/FAP 2010.

Prellezo José Manuel, *La "Razón" en el Sistema Preventivo de Don Bosco*, em "MJ Revista de Pastoral Juvenil" 53 (2013) 17-25.

Redi Di Pol Sante, *L'istruzione professionale popolare a Torino nella prima industrializzazione,* em *Scuole, professioni e studenti a Torino*… Turim, Centro Studi sul Giornalismo Piemontese 1984.

Scaloni Francesco, *Outlines of the Salesian System of Education*. I-II-II. Londres, Salesian Press 1924-1927.

Schepens Jacques, "*La forza della buona educazione". Etude d'un écrit de don Bosco*, em José Manuel Prellezo (ed.), *L'impegno dell'educare. Studi in onore di Pietro Braido* promossi dalla Facoltà di Scienze dell'Educazione. Roma, LAS 1991, pp. 417-433.

Scotti Pietro, *La dottrina spirituale di don Bosco*. Turim, SEI 1939.

Socol Carlo*, Don Bosco missionary call and China,* em RSS 49 (2006) 215-294.

Stella Pietro, *Valori spirituali nel "Giovane provveduto" di san Giovanni Bosco*. Roma, Scuola Grafica Borgo Ragazzi Don Bosco 1960.

Stella Pietro, *Le Costituzioni salesiane fino al 1888,* em *Fedeltà e rinnovamento. Studi sulle costituzioni salesiane*. Por Joseph Aubry e Mario Midali. Roma, LAS 1974, pp. 15-54.

Stella Pietro, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica.* Vol. I. *Vita e opere*; II. *Mentalità religiosa e spiritualità;* III. *La canonizzazione* (1888-1934). Roma, LAS 1979, 1981, 1988.

Stella Pietro, *Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870).* Roma, LAS 1980.

Stella Pietro, *Juan Bosco en la historia de la educación*. Madri, Editorial CCS 1996.

Stella Pietro, *Don Bosco.* Bolonha, Il Mulino 2001.

TAGO Ave, *Giulia Colbert di Barolo, madre dei poveri. Biografia documentata*. Città del Vaticano, LEV 2007.

TRANIELLO Francesco (ed.), *Don Bosco nella storia della cultura popolare*. Turim, SEI 1987.

TUNINETTI Giuseppe, *Lorenzo Gastaldi (1815-1883).* 2 volumes, Turim, Piemme 1983-1988.

VALENTINI Eugenio, *Giovanni Battista Francesia scrittore*, em "Salesianum" 38 (1976) 127-168.

VIGANÒ Egidio, *Il profilo del salesiano nel sogno del personaggio dai dieci diamanti*, em "Atti del Consiglio Superiore" 62 (1981) n. 300, pp. 3-44.

ZIMNIAK Stanisław, *L'Austria incontra don Bosco "padre, maestro e amico dei giovani"*, em RSS 21 (2002) 275-327.

5. FONTES PUBLICADAS NAS COLEÇÕES DO ISS

5.1. Primeira série: João Bosco. Escritos publicados e inéditos.

BOSCO Giovanni, *Costituzioni della società di S. Francesco di Sales [1858]-1875*. Edição crítica de Francesco Motto. Roma, LAS 1982.

BOSCO Giovanni, *Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1872-1885)*. Edição crítica de Cecilia Romero. Roma, LAS 1983.

BOSCO João (São), *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*. Introdução, notas e texto crítico de Antonio da Silva Ferreira. Brasília, Editora Dom Bosco 2012.

BOSCO Giovanni, *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*. Terceira edição aumentada, de P. Braido, com a colaboração de Antônio da Silva Ferreira, Francesco Motto, José Manuel Prtellezo. Roma, LAS 1996.

BOSCO Giovanni, *Epistolario.* Introdução, textos críticos e notas de Francesco Motto. Roma, LAS 1991-2012, 5 volumes.

5.2. Segunda série: Escritos publicados e inéditos de Salesianos

BERTELLO Giuseppe, *Scritti e documenti sull'educazione e sulle scuole professionali*. Introdução, premissas, textos críticos e notas de José Manuel Prellezo. Roma, LAS 2010.

Cerruti Francesco, *Lettere circolari e programmi di insegnamento (1885-1917)*. Introdução, texto críticos e notas de José Manuel Prellezo. Roma, LAS 2006.

Prellezo José Manuel, *Valdocco nell'Ottocento. Tra reale e ideale (1866-1889). Documenti e testimonianze*. Roma, LAS 1992.

Viglietti Carlo Maria, *Cronaca di don Bosco. Prima redazione (1885-1888)*. Introdução, texto crítico e notas de Pablo Marín Sánchez. Roma, LAS 2009.

5.3. Pequena Biblioteca do Instituto Histórico Salesiano

Borrego Jesús (ed.), *Recuerdos de San Juan Bosco a los primeros misioneros*. Roma, LAS 1984.

Bosco Giovanni, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*. Introdução e textos críticos de Pietro Braido. Roma, LAS 1985.

Bosco Giovanni, *Valentino o la vocazione impedita*. Introdução e texto crítico de Mathew Pulingathil. Roma, LAS 1987.

Bosco Giovanni, *Don Bosco Fondatore. "Ai soci Salesiani" (1875-1885)*. Introdução e textos críticos de Pietro Braido. Roma, LAS 1995.

Braido Pietro (ed.), *La lettera di don Bosco da Roma del 10 maggio 1884*. Roma, LAS 1984.

Braido Pietro (ed.), *Don Bosco per i giovani: L'"Oratorio" una "Congregazione degli Oratori". Documenti*. Roma, LAS 1988.

Motto Francesco (ed.), *I "Ricordi confidenziali ai direttori" di don Bosco*. Roma, LAS 1984; publicados também em RSS 3 (1984) 25-166.

Motto Francesco (ed.), *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel Sac. Gio. Bosco a' suoi figliuoli salesiani (Testamento spirituale)*. Roma, LAS 1985.

6. OUTRAS SELEÇÕES ANTOLÓGICAS DE ESCRITOS DE DOM BOSCO

Bosco Jean (saint), *Textes pédagogiques.* Traduzidos e apresentados por Francis Desramaut. Namur (Belgique), Les Éditions du Soleil Levant 1958.

Bosco Giovanni (san), *Scritti sul Sistema preventivo nell'educazione della gioventù.* Introdução, apresentação e índice alfabético e sistemático de Pietro Braido. Brescia, La Scuola 1965.

BOSCO João, *Escritos espirituais.* Introdução, seleção dos textos e notas de Joseph Aubry. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco s/d.

Bosco Juan, *Cartas a jóvenes y educadores*, [*Introdução de*] Francesco Motto. Madri, Editorial CCS 1994.

Bosco Juan (san), *Obras fundamentales*. Edição dirigida por Joan Canals y Antonio Martínez. Estudo introdutivo de Pedro Braido. Madri, BAC 1995[3]

Bosco Juan, *El Sistema preventivo en la educación. Memorias y ensayos*, Edição e estudo introdutivo de José Manuel Prellezo. Madrid. Biblioteca Nueva 2004.

Bosco João, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Bedsucco.* Ensaio introdutivo, notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Edições Salesianas 2013.

Bosco João (São), *Ensinamentos de vida espiritual. Uma antologia.* Introdução e notas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco 2014.

ÍNDICE GERAL

Apresentação do Reitor-Mor 7

INTRODUÇÃO **9**

1. Dom Bosco no contexto histórico do seu tempo **10**
a. Os anos da formação (1815-1844) 11
b. Um biênio que significa uma guinada (1848-1849) 12
c. O encaminhamento decisivo da Obra Salesiana no decênio de preparação da unificação da Itália (1850-1860) 14
d. O crescimento da Obra Salesiana fora de Turim no decênio da realização da unidade nacional (1861-1870) 17
e. O desenvolvimento italiano, europeu e sul-americano da Obra Salesiana nos anos Setenta e Oitenta do século XIX 20

2. Dom Bosco no contexto pedagógico do seu tempo **23**
a. Formação pedagógica no âmbito familiar e escolar 24
b. A bondade: núcleo central do método educativo 25
c. A religião: "parte fundamental da educação" 25
d. O encontro com os jovens das prisões e com os meninos órfãos e abandonados das periferias de Turim 27
e. Dom Bosco não é um solitário na história da educação 28
f. Abertura ao contexto pedagógico piemontês da segunda metade do século XIX 30
g. Um estilo característico de educação 32

3. Dom Bosco no contexto espiritual do seu tempo **34**
a. O clima espiritual da primeira parte do século XIX 35
b. Modulações românticas na formação de João Bosco 38
c. A proposta espiritual do Colégio Eclesiástico de Turim 41
d. Acentuação ascética de Dom Bosco 43
e. Oração, sacramentos e devoção mariana 47

4. Sugestões para a leitura do volume **52**

5. Normas e critérios editoriais **54**

6. Critérios para a edição brasileira..... 55

Siglas e abreviações..... 57

Primeira parte: ESCRITOS E DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE DOM BOSCO E DA OBRA SALESIANA..... 59
Introdução 61

Primeira Seção: DA CASA PINARDI À PATAGÔNIA..... 63
Apresentação 63

I. INÍCIO, AMPLIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO CARISMÁTICA E INSTITUCIONAL DA OBRA DE VALDOCCO..... 65
1. Ao chefe de Segurança Pública marquês Miguel Benso di Cavour 67
2. Circular para manter o jornal *O Amigo da Juventude*.....69
3. Ao rei Vitório Emanuel II 71
4. Sociedade de Mútuo Socorro 72
5. Contrato de trabalho para um jovem do Oratório.....75
6. Circular para promover uma rifa para a nova igreja do Oratório 76
7. Convite para uma sessão acadêmica 79
8. Ao cônego Lourenço Gastaldi 80
9. Circular para a difusão das *Leituras Católicas*.....82
10. Plano de Regulamento para o Oratório masculino de São Francisco de Sales em Turim na região de Valdocco – Síntese histórica 84
    Introdução.....84
    Síntese histórica do Oratório de São Francisco de Sales.....85
    Início do atual Oratório de Valdocco e sua ampliação até agora 91
11. Ao ministro do Interior, Luís Carlos Farini 96
12. Ao representante do governo na região de Turim, José Pasolini.....98
13. Dados históricos sobre o Oratório de São Francisco de Sales.....99
14. Ao provedor dos Estudos de Turim, Francisco Selmi.....106
15. Ao ministro do Interior, Ubaldino Peruzzi 108
16. Primeira circular para recolher fundos para construir a igreja de Maria Auxiliadora.....110

II. EXPANSÃO GEOGRÁFICA NACIONAL E INTERNACIONAL DA OBRA SALESIANA..... 113
17. Conferência aos salesianos sobre a história do Oratório.....114
18. Convênio entre a junta municipal e Dom Bosco para a abertura de um colégio de internos em Alassio (1870) 120

19. Circular para a "Igreja de São João Evangelista", com internato e escola para meninos pobres na alameda do Rei em Turim 124
20. Obra de Maria Auxiliadora para as vocações ao estado eclesiástico 126
21. Ao padre José-Maria Timon-David 131
22. Circular para a casa das Filhas de Maria Auxiliadora em Nizza Monferrato 133
23. O Oratório de São Francisco de Sales.....135
24. Exposição à Santa Sé (1879) 141
25. "Esclarecimento ao prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, cardeal Inocêncio Ferrieri, quanto à exposição anterior" ...153
26. Outros esclarecimentos a respeito das "Observações" recebidas 157
27. Relatório para o presidente do Conselho e ministro do Exterior, Benedito Cairoli, a respeito da ação salesiana em favor dos imigrados italianos na Argentina e no Uruguai 162
28. Circular para a igreja do Sagrado Coração de Roma.....165
29. Palavras dirigidas aos ex-alunos 168

Segunda Seção: DOM BOSCO FUNDADOR 172
Apresentação 172

I. SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES..... 174
30. Nomeação de Dom Bosco como diretor-chefe dos três oratórios de Turim 175
31. Escolha do nome "salesianos".....176
32. Ata de fundação da Sociedade de São Francisco de Sales 177
33. Pedido ao arcebispo de Turim, dom Luís Fransoni, para a aprovação diocesana da Sociedade Salesiana 178
34. Primeiras profissões religiosas trienais de dezesseis salesianos 179
35. Pedido a Pio IX para a aprovação pontifícia das Constituições Salesianas.....180
36. Pedido ao bispo de Casale Monferrato, Pedro Maria Ferrè, para a aprovação diocesana da Sociedade Salesiana.....184
37. Pedido ao papa Pio IX para a aprovação pontifícia da Sociedade Salesiana 189
38. Pedido ao papa Pio IX para a aprovação pontifícia das Constituições Salesianas.....194
39. Último pedido ao papa Leão XIII para a concessão dos "privilégios" à Sociedade Salesiana 197
40. Comunicação oficial aos salesianos da nomeação do padre Miguel Rua como vigário com plenos poderes e do padre João Cagliero como pró-vigário para a América Latina 201

II. ASSOCIAÇÃO DOS DEVOTOS DE MARIA AUXILIADORA.... 204
41. Pedido a Pio IX para as indulgências em favor da *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora* a ser erigida 205
42. Pedido ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi, para a ereção canônica da *Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora* 209
43. Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora [Regulamento].....212

III. INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA..... 216
44. À superiora das Irmãs de Sant'Ana, madre Henriqueta Dominici (beata) 217
45. Ata da fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.....218
46. Circular aos párocos sobre o educandário de Mornese.....220
47. Pedido ao bispo de Acqui, dom José Maria Sciandra, para a aprovação diocesana do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.....221
48. Carta de acompanhamento das Constituições das Filhas de Maria Auxiliadora 225

IV. ASSOCIAÇÃO DOS COOPERADORES SALESIANOS 227
49. "União cristã" (1874).....228
    1. [Preâmbulo].....228
    2. Associação salesiana 228
    3. Escopo desta Associação.....229
    4. Constituição e governo 229
    5. Obrigações particulares.....230
    6. Benefícios 230
    7. Práticas religiosas 231
50. "Associação de Boas Obras" (1875) 232
    I. União cristã para fazer o bem.....232
    II. Congregação Salesiana 232
    III. Associação salesiana 233
    IV. Modo de cooperar.....233
    V. Constituição e governo da Associação.....234
    VI. Obrigações particulares.....235
    VII. Benefícios.....235
    VIII. Práticas religiosas.....236
51. "Cooperadores Salesianos, ou seja, um modo prático para ajudar os bons costumes e a sociedade civil" (1876) 237
    I. União cristã para fazer o bem.....237
    II. A Congregação Salesiana – Vínculo de união 237
    III. Escopo dos Cooperadores Salesianos.....238

IV. Modo de cooperar 238
V. Constituição e governo da Associação 239
VI. Obrigações particulares 240
VII. Benefícios 240
VIII. Práticas religiosas 241
52. Circular aos Cooperadores e às Cooperadoras no início do ano de 1879 242
Realizações do ano de 1878 242
Iniciativas propostas para o ano de 1879 243
Meios 244
53. Última circular aos Cooperadores e às Cooperadoras no início do ano de 1888 245
Rápida resenha das principais obras realizadas no ano de 1887 246
Novas casas e obras das Filhas de Maria Auxiliadora 248
Obra proposta para o ano de 1888 249
Para concluir, quatro lembretes 251

Terceira Seção: DOM BOSCO ENTRE A SANTA SÉ, O REINO DA ITÁLIA E O ARCEBISPO DE TURIM 254
Apresentação 254

I. CARTAS CONFIDENCIAIS AO PAPA A RESPEITO DA SITUAÇÃO POLÍTICA (1858-1867, 1873) 256
54. Ao papa Pio IX 257
55. Ao papa Pio IX 259
56. Ao papa Pio IX 260
57. Ao papa Pio IX 262
58. Ao papa Pio IX 264
59. Ao papa Pio IX 266
60. Ao papa Pio IX 268
61. Ao papa Pio IX 270
62. Ao papa Pio IX 272
63. Mensagem onírica reservada ao Papa Pio IX 274

II. INDICAÇÕES À SANTA SÉ PARA A ESCOLHA DE NOVOS BISPOS PARA AS SEDES VACANTES (1867-1877) 276
64. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli 277
65. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli 278
66. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli 279
67. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli 280
68. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli 280
69. Ao secretário de Estado, cardeal João Simeoni 281

III. INTERVENÇÕES PARA A SOLUÇÃO DA QUESTÃO DO PATRIMÔNIO EPISCOPAL (1872-1874) 282
70. Ao presidente do Conselho de ministros e ministro do Interior, João Lanza 283
71. Ao papa Pio IX 284
72. Ao presidente do Conselho de ministros e ministro do Interior, João Lanza 286
73. Ao presidente do Conselho de ministros, Marcos Minghetti 287
74. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli 288
75. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli 289
76. Ao ministro de Graça e Justiça e dos Cultos, Paulo Honorato Vigliani 290
77. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli 292
78. Ao secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli 293

IV. AS DIFÍCEIS RELAÇÕES COM O ARCEBISPO DE TURIM (1872-1882) 294
79. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 296
80. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 297
81. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 299
82. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 302
83. Ao secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, dom Salvador Nobili Vitelleschi 303
84. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 306
85. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 308
86. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 310
87. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 311
88. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 312
89. Exposição à Santa Sé (15 de dezembro de 1881) 314
90. Ao arcebispo de Turim, dom Lourenço Gastaldi 317

Quarta Seção: A INICIATIVA MISSIONÁRIA 319
Apresentação 319

I. FONTES ANTERIORES À PRIMEIRA EXPEDIÇÃO MISSIONÁRIA 321
91. Ao vigário-geral de Buenos Aires, monsenhor Antônio Espinosa 323
92. Circular aos salesianos 325
93. Ao pároco de San Nicolás de los Arroyos, padre Pedro Ceccarelli 326
94. Ao pároco de San Nicolás de los Arroyos, padre Pedro Ceccarelli 328

95. Ao prefeito da Congregação para a Propagação da Fé, cardeal Alexandre Franchi 330
96. Ao papa Pio IX 331
97. Despedida de Dom Bosco na partida dos missionários 333

II. UM PROJETO MISSIONÁRIO EM RÁPIDO DESENVOLVIMENTO 338
98. Ao prefeito da Congregação para a Propagação da Fé, cardeal Alexandre Franchi 339
99. Ao ministro dos Negócios Exteriores, Amadeu Melegari 343
100. Circular aos benfeitores 345
101. Ao prefeito da Congregação para a Propagação da Fé, cardeal Alexandre Franchi 347
102. Ao novo prefeito da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, cardeal João Simeoni 354
103. Ao papa Leão XIII 355
104. Ao papa Leão XIII 358
105. À Obra da Propagação da Fé de Lião 366
106. Decretos de ereção do Vicariato Apostólico e da Prefeitura Apostólica no Sul da América (16 de novembro de 1883) 371
107. Circular aos Cooperadores e às Cooperadoras 374

Quinta seção: EM CONTÍNUA BUSCA DE RECURSOS ECONÔMICOS 378
Apresentação 378

I. RECURSOS À BENEFICÊNCIA PÚBLICA 382
108. Aos prefeitos de Turim 383
109. Ao rei Vitório Emanuel II 384
110. Ao bispo de Biella, dom Pedro Losana 385
111. Às autoridades municipais de Turim 387
112. Ao prefeito de Turim, João Batista Notta 388
113. Ao ministro da Guerra, Tiago Durando 389
114. Circular para a rifa 390
115. Circular aos promotores da rifa 393
116. Ao secretário do ministro do Interior, Ubaldino Peruzzi 395
117. Ao diretor-geral das estradas de ferro da Alta Itália 396
118. Ao ministro *ad interim* das Finanças, Urbano Rattazzi 397
119. Ao ministro da Guerra, Heitor Bertolè Viale 398
120. Ao representante do governo em Turim Costantino Radicati Talice de Passerano 399
121. Ao ministro das Finanças, Quintino Sella 400

122. Ao ministro da Instrução Pública, César Correnti 400
123. Ao prefeito de Turim, Félix Rignon.....402
124. Ao rei Vitório Emanuel II 403
125. Ao papa Pio IX 404

II. RECURSOS À BENEFICÊNCIA PARTICULAR 406
126. Ao padre Antônio Rosmini 407
127. Ao conde Clemente Solaro della Margherita 408
128. Ao conde Pio Galleani d'Agliano.....409
129. Circular aos benfeitores.....411
130. À marquesa Maria Fassati.....412
131. Ao barão Feliciano Ricci des Ferres 413
132. Ao cavalheiro Xavier Provana di Collegno.....414
133. À condessa Carlota Callori.....415
134. À condessa Henriqueta Bosco Riccardi.....416
135. À presidente das Oblatas, madre Maria Madalena Galeffi.....417
136. À condessa Virgínia Cambray Digny.....418
137. À condessa Virgínia Cambray Digny.....419
138. Ao senador José Cataldi 420
139. À senhora Lucini.....421
140. Circular para uma pequena rifa.....422
141. Ao conde Francisco Viancino di Viancino.....424
142. Ao padre José Ronchail 425
143. Ao conde Carlos Giriodi 427
144. À senhorita Clara Louvet 428
145. Ao conde Luís Antônio Colle.....430
146. Circular aos benfeitores.....432

SEGUNDA PARTE
ESCRITOS E TESTEMUNHOS DE DOM BOSCO SOBRE A EDUCAÇÃO E A ESCOLA 435
INTRODUÇÃO..... 437

Primeira seção: DOCUMENTOS NARRATIVOS 439
Apresentação 439

I. EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS EM ÂMBITO ESCOLAR E FAMILIAR (1855) 441
147. A força da boa educação. Curioso episódio contemporâneo. 442
Ao leitor.....442

Capítulo I. A fábrica de fósforos....443
Capítulo II. A preparação....447
Capítulo III. A confissão....450
Capítulo IV. O dia da comunhão....454
Capítulo V. A conversão do pai....457
Capítulo VI. As vicissitudes da juventude....461
Capítulo VII. Fatos particulares....465
Capítulo VIII. Singularidade da sua devoção....468
Capítulo IX. A separação da casa paterna....471
Capítulo X. A vida militar....473
Capítulo XI. A morte do pai....476
Capítulo XII. Partida para a Crimeia....480
Capítulo XIII. Suas aventuras na Crimeia....483
Capítulo XIV. Conclusão....485

II. O MÉTODO EDUCATIVO DE DOM BOSCO NOS DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS COM UM POLÍTICO (1854) E UM PROFESSOR ELEMENTAR (1864)....487
148. Conversa com o político Urbano Rattazzi....488
149. O diálogo entre Dom Bosco e o professor Francisco Bodrato....494

Segunda seção: INTUIÇÕES, REFLEXÕES E IDEIAS PEDAGÓGICAS....496
Apresentação....496

I. ORIENTAÇÕES PARA A DIREÇÃO DAS CASAS SALESIANAS (1863-1887)....497
150. Lembranças confidenciais aos diretores da casa de....498
Contigo mesmo....498
Com os professores....498
Com os assistentes e os chefes de dormitório....499
Com os coadjutores e as pessoas de serviço....500
Com os jovens alunos....501
Com os externos....502
Com os da Sociedade....502
Ao mandar....503

II. PREVENÇÃO E EDUCAÇÃO (1877-1878)....505
151. O Sistema Preventivo na educação da juventude....507

I. Em que consiste o Sistema Preventivo e por que se deve preferir ..508
II. Aplicação do Sistema Preventivo 509
III. Utilidade do Sistema Preventivo.....511
IV. Uma palavra sobre os castigos 511
152. O Sistema Preventivo na educação da juventude ["em situação de risco"].....513
Sistema preventivo e repressivo em meio à sociedade.....513
Que jovens devem ser considerados em perigo 513
Soluções.....514
Participação governamental.....514
Resultados.....515

III. EXORTAÇÕES PARA PRATICAR O SISTEMA PREVENTIVO (1884-1885)..... 516
153. Carta de Roma para a comunidade salesiana do Oratório de Turim-Valdocco 518
154. Carta a dom João Cagliero.....526
155. Carta ao padre Tiago Costamagna.....527
156. Carta ao padre Domingos Tomatis.....529

IV. PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS E QUESTÕES DISCIPLINARES (1846-1879)..... 531
157. Carta ao teólogo João Borel.....532
158. Carta ao provedor dos Estudos de Turim, Francisco Selmi 533
159. Carta ao pretor urbano da cidade de Turim.....535
160. Carta ao jovem Emanuel Fassati.....537
161. Circular: As férias.....538
162. Circular aos salesianos sobre a disciplina 539
163. Carta ao clérigo João Cinzano e aos seus alunos 542
164. Carta ao padre José Bertello 543
165. Carta a uma mãe preocupada com seu filho 544
166. Carta ao príncipe Gabrielli: proposta do Albergue São Miguel em Ripa e prática do Sistema Preventivo.....545

V. LEITURAS EDUCATIVAS E DIFUSÃO DOS BONS LIVROS (1860-1885)..... 547
167. Circular: Ofertas para a difusão de bons livros 548
168. Biblioteca da Juventude Italiana.....548
169. Carta ao padre João Batista Lemoyne.....550

170. Circular: Difusão das Leituras Católicas e da Biblioteca dos Clássicos Italianos 551
171. Circular: Leituras 553
172. Circular aos salesianos sobre a difusão de bons livros 557

VI. "RESUMO" DE BOAS-NOITES AOS JOVENS DE VALDOCCO (1864-1877) 561
173. Meios para tirar proveito dos estudos 562
174. Férias, recreios, fuga do ócio 565
175. Convite à leitura 567

Terceira seção: REGULAMENTOS E PROGRAMAS 569
Apresentação 569

I. PRIMEIROS COLÉGIOS SALESIANOS FUNDADOS FORA DE TURIM (1863-1864) 571
176. Pequeno seminário episcopal de São Carlos, em Mirabello 572
Condições para aceitação 572
Enxoval 573
Indicações necessárias 573
177. Plano de regulamento para o colégio internato de São Felipe Neri, em Lanzo 574
PRIMEIRA PARTE: Escopo deste colégio 574
[Capítulo I] – Condições para aceitação 574
Capítulo II - Diretor 575
Capítulo III - Prefeito 575
Capítulo IV - Catequista 576
Capítulo V - Despenseiro 577
Capítulo VI – Diretor dos estudos 578
Capítulo VII – Assistentes chefes de dormitório 579
Capítulo VIII - Auxiliares 579
[Capítulo IX] – Do cozinheiro ou chefe de cozinha 580
[Capítulo X] – Do camareiro 581
[Capítulo XI] – Do porteiro 581
SEGUNDA PARTE: Disciplina do colégio 582
Capítulo I - Estudo 582
Capítulo II - Da piedade 583
Capítulo III – Do trabalho 584
Capítulo IV – Comportamento para com os superiores 585
Capítulo V – Comportamento para com os colegas 586
Capítulo VI - Da modéstia 586

Capítulo VII – Comportamento no andamento da casa.....588
Capítulo VIII – Comportamento fora de casa.....589
Capítulo IX – Coisas proibidas.....590
Capítulo X – Três males que se devem sumamente evitar.....591

II. "EDUCANDÁRIO" DE MORNESE E "INTERNATO" DE NIZZA MONFERRATO – FILHAS DE MARIA AUXILAIDORA (1873-1878)..... 592
178. Programa. Casa de Maria Auxiliadora para a educação feminina em Mornese.....593
Ensino literário.....593
Trabalhos domésticos.....593
Ensino religioso.....594
Condições para aceitação.....594
Enxoval.....595
Indicações necessárias.....595
179. Regulamento interno do internato de Nizza Monferrato.....596

III. OS DOIS REGULAMENTOS "OFICIAIS" (1877)..... 598
180. Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales para os externos.....600
Primeira Parte: ESCOPO DESTA OBRA..... 600
Capítulo I – Do diretor.....601
Capítulo II – Do prefeito.....602
Capítulo III – Do catequista ou diretor espiritual.....602
Capítulo IV – Do assistente.....603
Capítulo V – Dos sacristães.....603
Avisos para os adidos à sacristia.....604
Capítulo VI - Do monitor.....605
Capítulo VII – Dos vigilantes.....606
Capítulo VIII – Dos catequistas.....606
Capítulo IX – Do arquivista ou chanceler.....608
Capítulo X – Dos pacificadores.....609
Capítulo XI – Dos cantores.....609
Capítulo XII – Moderadores do recreio.....610
Capítulo XIII – Dos patronos e protetores.....612
Segunda Parte..... 612
Capítulo I – Incumbências referentes a todos os colaboradores deste Oratório.....612
Capítulo II – Condições para aceitação.....613
Capítulo III – Comportamento no recreio.....614

Capítulo IV – Comportamento na igreja 615
Capítulo V – Comportamento fora do Oratório 616
Capítulo VI – Práticas religiosas.....616
Capítulo VII – Confissão e comunhão.....616
Capítulo VIII – Matéria para as pregações e as instruções.....618
Capítulo IX – Festas a que estão anexas as santas indulgências 619
Capítulo X – Práticas particulares de piedade cristã.....620
Capítulo XI – Companhia de São Luís 621
Terceira Parte: ESCOPO DESTA OBRA DAS AULAS ELEMENTARES DIURNAS E NOTURNAS..... 622
Capítulo I – Classes e condições de aceitação 622
Avisos gerais.....622
Capítulo II – Do porteiro 623
Capítulo III – Das aulas noturnas de comércio e de música 624
Capítulo IV – Dos professores 624
Capítulo V – Normas gerais para a festa de São Luís e de São Francisco de Sales 625
Do fim do carnaval e do princípio da quaresma 626
Do catecismo da quaresma e da crisma.....626
Dos exercícios e da Páscoa.....627
Dos sete domingos de São José e dos seis domingos de São Luís.....627
Classificação dos jovens para o catecismo 627
Das rifas.....628
Do bibliotecário.....628
181. Regulamento para as casas da Sociedade de São Francisco de Sales....630
ARTIGOS GERAIS 630
Primeira Parte: REGULAMENTO PARTICULAR..... 631
Capítulo I – Do diretor.....631
Capítulo II – Do prefeito.....631
Capítulo III – Catequista.....634
Capítulo IV - Catequista dos aprendizes 636
Capítulo V – Conselheiro escolar.....637
Capítulo VI – Dos professores 638
Capítulo VII – Dos mestres de oficinas.....640
Capítulo VIII – Assistentes das aulas e do estudo 640
Capítulo IX – Do assistente das oficinas.....641
Capítulo X – Assistentes ou chefes de dormitório.....643
Capítulo XI - Despenseiro 644
Compradores.....644
Capítulo XII – Dos funcionários.....645
Capítulo XIII – Do cozinheiro e dos ajudantes da cozinha.....645

Capítulo XIV – Dos camareiros 646
Capítulo XV – Do porteiro 647
Capítulo XVI – Do teatrinho 648
Matéria adequada 649
Coisas a excluir 649
Deveres do responsável pelo teatrinho 650
Capítulo XVII – Regulamento para a enfermaria 652
Segunda Parte: REGULAMENTO PARA AS CASAS DA CONGREGAÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE SALES 653
Capítulo I – Escopo das casas da Congregação de São Francisco de Sales 653
Capítulo II – Da aceitação 654
Capítulo III - Da piedade 655
Capítulo IV – Comportamento na igreja 656
Capítulo V – Do trabalho 658
Capítulo VI – Comportamento nas aulas e no estudo 659
Capítulo VII – Comportamento nas oficinas 661
Capítulo VIII – Comportamento com os superiores 662
Capítulo IX – Comportamento com os companheiros 663
Capítulo X – Da modéstia 664
Capítulo XI – Da limpeza 665
Capítulo XII – Comportamento no andamento da casa 666
Capítulo XIII – Comportamento fora de casa 667
Capítulo XIV – Dos passeios 668
Advertências 669
Capítulo XV – Comportamento no teatrinho 669
Capítulo XVI – Coisas rigorosamente proibidas na casa 670
Três males que se devem absolutamente evitar 670

Apêndice AO REGULAMENTO DA CASA QUANTO AO MODO DE ESCREVER CARTAS 671
Regras gerais 671
Partes da carta 672
Apresentação da carta e sua forma 673

IV. DELIBERAÇÕES DOS ÚLTIMOS CAPÍTULOS-GERAIS PRESIDIDOS POR DOM BOSCO (1883-1886) 676
182. Regulamento para os oratórios festivos 677
183. Orientação a ser dada ao setor operário nas casas salesianas 679
Orientação religiosa e moral 679

Orientação intelectual 680
Orientação profissional 681

TERCEIRA PARTE
ESCRITOS E TESTEMUNHOS DE DOM BOSCO SOBRE A VIDA ESPIRITUAL 683
INTRODUÇÃO 685

Primeira seção: ORIENTAÇÕES DE VIDA ESPIRITUAL PARA OS JOVENS 689
Apresentação 689

I. O JOVEM INSTRUÍDO 691
184. O jovem instruído na prática dos seus deveres dos exercícios de piedade cristã 693
À juventude 693
Primeira parte: Do que precisa um jovem para se tornar virtuoso .. 694
Dos males que a juventude deve evitar de modo particular 699
Sete considerações para cada dia da semana 705
Devoção a Maria Santíssima 716
Os seis domingos e a novena de São Luís Gonzaga 717
Três considerações que servem para completar a novena de São Luís 723
Segunda parte – Práticas particulares de piedade 727
Orações da manhã e da tarde. 727
Modo prático de assistir com fruto a santa missa 731
Modo prático de aproximar-vos dignamente do sacramento da confissão 735
Preparação para a santa comunhão 737
Atos para antes da comunhão 738
Depois da comunhão 738
Visita ao Santíssimo Sacramento 740
Atos a se fazer ao visitar o Santíssimo Sacramento 740
Coroinha ao Sagrado Coração de Jesus 741
Oração ao sacratíssimo Coração de Maria 742
Coroa de Nossa Senhora das Dores 742
As sete alegrias de que Maria goza no céu 744
Exercício de devoção ao Santo Anjo da Guarda 745
Breve maneira de fazer a Via-Sacra 746
Oração do papa Bento XIII para pedir a Deus a graça de não morrer improvisamente 752
Oração a São José 753

Oração para a boa morte 753
Oração pelas almas do purgatório 755
A respeito da escolha do estado de vida 755
O jovem fiel à sua vocação 757
Oração para conhecer a própria vocação 757

II. CONSELHOS ESPIRITUAIS NAS CARTAS DE DOM BOSCO A MENINOS E JOVENS 758
185. A Estêvão Rossetti 758
186. A Severino Rostagno 759
187. A João Garino 760
188. A Emanuel Fassati 760
189. Aos jovens do Oratório 761
190. A Emanuele Fassati 762
191. Aos alunos de Mirabello 763
192. Ao padre Miguel Rua, aos salesianos e aos jovens de Mirabello 765
193. Aos alunos de Mirabello 766
194. À jovem Aninha Pelazza 768
195. Ao padre Miguel Rua e aos alunos de Mirabello 768
196. A Gregório Cavalchini Garofoli 770
197. Aos alunos de Mirabello 771
198. Aos aluno de Lanzo Torinese 773
199. A Giovanni Turco 774
200. A Luís Vaccaneo 775
201. Ao padre José Lazzero e à comunidade dos aprendizes de Valdocco .. 776
202. Aos salesianos e aos alunos de Lanzo 777
203. Ao jovem seminarista Antônio Massara 779
204. Ao padre João Branda e aos aprendizes de Valdocco 780
205. Aos alunos da 4ª e 5ª ginasial de Borgo San Martino 781

III. COMPANHIAS RELIGIOSAS E AMIZADES ESPIRITUAIS 783
206. Companhia de São Luís Gonzaga (12 de abril de 1847) 784
207. Companhia da Imaculada Conceição 785
208. Companhia do Santíssimo Sacramento (1857) 789

IV. FORMAÇÃO ESPIRITUAL DOS JOVENS MEDIANTE A PREGAÇÃO, AS "BOAS-NOITES" E A NARRAÇÃO DE SONHOS .. 791
209. Instrução sobre a bela virtude 792
210. A serpente e a Ave-Maria 796
211. A tempestade no coração do pecador 799
212. Todos são chamados a trabalhar na vinha do Senhor 801

213. A fé, a temperança e o ócio 808
214. O fervor espiritual....811
215. Crescer depressa para ser apóstolos....812
216. No início do ano escolar 813
217. Sonho de Lanzo ou do jardim salesiano....815
218. A consciência tranquila 818
219. Cuidar da roupa ao voltar de uma viagem 819
220. "Exatidão e limpeza" 820
221. Como fazer os exercícios espirituais....822
222. Discernir a própria vocação e decidir....824
223. Os cordeiros e a tempestade 825

Segunda seção: ORIENTAÇÕES DE VIDA ESPIRITUAL PARA OS SALESIANOS E AS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA.... 828
Apresentação 828

I. A "TEOLOGIA" DA VIDA RELIGIOSA DE DOM BOSCO.... 830
224. Aos sócios salesianos....831
Entrada na vida religiosa 831
Importância de seguir a vocação 832
Seguir prontamente a vocação....834
Meios para conservar a vocação 835
Vantagens temporais 837
Vantagens espirituais....838
Os votos....840
Obediência 841
Pobreza 842
Castidade....843
Caridade fraterna 845
Práticas de piedade....847
Dos rendicontos e da sua importância....848
Dúvidas sobre a vocação 850
Cinco defeitos que devemos evitar 851
Caros Salesianos 852

II. DOCUMENTOS CONSTITUCIONAIS.... 854
225. Primeiro esboço das Regras da Congregação Salesiana (1858/1859) .856
Congregação de São Francisco de Sales 856
Origem desta Congregação 856
Escopo desta Congregação 858
Forma da Congregação 859

Do voto de obediência 860
Voto de pobreza 861
Do voto de castidade 861
Governo interno da Congregação 862
Os demais superiores 863
Aceitação 863
226. Regras ou Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales (1874/1875) 864
I. Escopo da Sociedade de São Francisco de Sales 864
II. Forma desta Sociedade 865
III. Do voto de obediência 866
IV. Do voto de pobreza 866
V. Do voto de castidade 867
VI. Governo religioso da sociedade 868
VII. Governo interno da Sociedade 869
VIII. Da eleição do Reitor-Mor 870
IX. Dos outros superiores 872
X. De cada casa em particular 874
XI. Da aceitação 875
XII. Do estudo 877
XIII. Práticas de piedade 877
XIV. Dos inscritos, ou seja, dos noviços 879
XV. Do hábito 881
Formulário da profissão religiosa para os sócios de São Francisco de Sales 881
Conclusão 884
227. Regras ou Constituições para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1885) 884
Título I. Escopo do Instituto 884
Título II. Forma do Instituto 885
Título III. Do voto de castidade 886
Título IV. Do voto de obediência 887
Título V. Do voto de pobreza 888
Título VI. Governo interno do Instituto 888
Título VII. Eleição da superiora-geral, da vigária, da ecônoma e das duas assistentes 890
Título VIII. Eleição das diretoras das casas particulares e do respectivo Capítulo 892
Título IX. Da mestra das noviças 893
Título X. Capítulo-Geral 894
Título XI. Condições para a aceitação 894

Título XII. Da vestidura e da profissão....895
Título XIII. Virtudes essenciais propostas ao estudo das noviças e à prática das professas....896
Título XIV. Distribuição do tempo....896
Título XV. Da clausura....897
Título XVI. Do silêncio....899
Título XVII. Práticas de piedade particulares....900
Título XVIII. Normas gerais....902

III. CARTAS CIRCULARES AOS SALESIANOS E ÀS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA....906
228. Primeiro escopo da nossa Sociedade é a santificação dos seus membros....907
229. Unidade de Espírito e Unidade de Administração....909
230. A confiança entre os superiores e os coirmãos....912
231. Austeridade de vida....914
232. Dar bom exemplo e promover a moralidade....916
233. A memória dos irmãos falecidos....919
234. Meios para cultivar as vocações e conservar o espírito de piedade....921
235. Estreia para os irmãos e os jovens....924
236. Pusemos mão ao arado: fiquemos firmes....925
237. Atitudes e virtudes da Filha de Maria Auxiliadora....927

IV. CARTAS PESSOAIS A SALESIANOS E A FILHAS DE MARIA AUXILIADORA....930
238. Ao clérigo João Bonetti....930
239. Ao clérigo Constâncio Rinaudo....931
240. Ao clérigo Júlio Barberis....931
241. Ao padre João Bonetti....932
242. Ao padre Domingos Belmonte....933
243. Ao clérigo Pedro Guidazio....934
244. À irmã Madalena Martini....935
245. Ao padre Domingos Tomatis....936
246. Ao padre Júlio Barberis....937
247. Ao padre Luís Guanella (santo)....938
248. Ao salesiano coadjutor Bartolomeu Scavini....939
249. Ao padre Luís Guanella (santo)....940
250. Ao padre Francisco Bodrato....941
251. Ao padre Tadeu Remotti....942
252. Ao padre Domingos Tomatis....943
253. Ao salesiano coadjutor Carlos Audisio....944
254. Ao clérigo Luís Calcagno....944

255. À madre Catarina Daghero 945
256. Ao padre Nicolau Fenoglio 945
257. À irmã Eulália Bosco.....946

V. FORMAÇÃO POR MEIO DE CONFERÊNCIAS E DA NARRAÇÃO DE SONHOS 947
258. Deveis comportar-vos de tal modo que os outros, espelhando-se em vós, possam edificar-se.....948
259. Depois da primeira profissão religiosa dos salesianos 950
260. Tende sempre presente o escopo da Congregação.....951
261. Mediante os votos, todos nos consagramos inteiramente a Deus 953
262. Paciência, esperança, obediência.....955
263. Humildade, trabalho, temperança.....961
264. Coisas futuras para as vocações.....968
265. Os dez diamantes.....971

Terceira seção: ORIENTAÇÕES PARA UM CRISTIANISMO COERENTE E ATIVO..... 977
Apresentação 977

I. OS RECURSOS ESPIRITUAIS DO CRISTÃO..... 979
266. Fé, esperança e caridade 979
267. Jesus Cristo, modelo de todo cristão.....981
268. A oração 982
269. Os santos sacramentos 985
270. A confissão.....987
271. A santa comunhão 989

II. COOPERADORES DA MISSÃO SALESIANA..... 992
272. A caridade para com os pequenos e os pobres.....993
273. "Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude" 994

III. CONSELHOS ESPIRITUAIS A AMIGOS, COOPERADORES E BENFEITORES..... 1002
274. A um leigo desejoso de perfeição.....1003
275. A uma pessoa religiosa 1003
276. Ao marquês Inácio Pallavicini 1004
277. A César Callori 1005
278. A uma mãe de família 1006
279. A uma viúva aflita 1007
280. A um católico comprometido.....1008

281. A um amigo sacerdote....1009
282. A um sacerdote em dificuldades....1009
283. A dom Eduardo Rosaz, bispo de Susa (beato)....1010
284. A uma senhora escrupulosa....1011
285. A um pároco desanimado....1012

Quarta seção: A DIMENSÃO MARIANA DA ESPIRITUALIDADE SALESIANA 1013
Apresentação 1013
286. Motivos para ser devoto de Maria 1014
287. Maria, nossa protetora na vida presente....1017
288. Modo de assegurar a proteção de Maria 1020
289. Nas bodas de Caná, Maria manifesta o seu zelo e o seu poder junto ao filho Jesus....1022
290. Maria escolhida como auxílio dos cristãos no monte Calvário por Jesus moribundo....1024
291. O título de "Auxiliadora" 1026
292. Orações adequadas ao espírito da Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora (ADMA)....1028
293. Maria, auxílio nas necessidades da vida 1029
294. Eficácia do recurso a Maria Auxiliadora 1032

Quinta seção: O ZELO PELA SALVAÇÃO DAS ALMAS – OS MODELOS DE DOM BOSCO.... 1034
Apresentação 1034
295. Discurso fúnebre na missa exequial no Oratório pelo padre José Cafasso 1035
296. Panegírico em honra de São Felipe Neri 1050

Sexta seção: TESTAMENTO ESPIRITUAL.... 1059
Apresentação 1059
297. Propósitos tomados pelo jovem Dom Bosco por ocasião dos exercícios espirituais....1060
298. Adeus, meus queridos e amados filhos em Jesus Cristo....1061
299. Recomendações especiais para todos 1062
300. Aspirantes à vocação salesiana 1063
301. O diretor de uma casa para com os seus irmãos....1064
302. Recomendações fundamentais a todos os salesianos e salesianas....1065
303. O futuro 1066
304. Última saudação aos benfeitores e aos Cooperadores....1067

QUARTA PARTE
ESCRITOS DE ÍNDOLE BIOGRÁFICA E AUTOBIOGRÁFICA .. 1071
INTRODUÇÃO..... 1073

Primeira seção: BIOGRAFIAS EXEMPLARES..... 1075
Apresentação 1075

305. Vida de Luís Comollo.....1078
Capítulo I – Infância de Luís Comollo.....1079
Capítulo II – Estudos em Chieri 1082
Capítulo III – Veste a batina e vai para o seminário.....1087
Capítulo IV – Circunstâncias que precederam sua doença 1094
Capítulo V – Doença e morte 1097
Capítulo VI – Seus funerais 1106
Capítulo VII – Consequências da sua morte 1107

306. Vida do jovem Domingos Savio, aluno do Oratório de São Francisco de Sales.....1112
Capítulo I – Proveniência – Caráter deste jovem – Seus primeiros atos de virtude.....1113
Capítulo II – Conduta moral em Morialdo – Belas demonstrações de virtude – Frequência da escola daquele lugar 1115
Capítulo III – É admitido à primeira comunhão – Preparação – Recolhimento e lembranças daquele dia.....1117
Capítulo IV – Escola de Castelnuovo d'Asti - Episódio edificante – Sábia resposta a um mau conselho 1118
Capítulo V – O seu comportamento na escola de Castelnuovo d'Asti – Palavras do seu professor.....1120
Capítulo VI – Escola de Mondônio – Salvo de uma grande calúnia.....1122
Capítulo VII – Como travei conhecimento com Domingos – Pormenores curiosos desse encontro.....1124
Capítulo VIII – Chegada ao Oratório de São Francisco de Sales – As primeiras impressões sobre ele 1125
Capítulo IX – Estudo do latim – Curiosos incidentes – Comportamento na escola – Impede uma rixa – Evita um perigo 1127
Capítulo X – A sua decisão de tornar-se santo.....1131
Capítulo XI – O seu zelo pela salvação das almas 1132
Capítulo XII – Episódios e belas maneiras de conversar com os companheiros 1135
Capítulo XIII – O seu espírito de oração – Devoção à Mãe de Deus – O mês de Maria 1138

Capítulo XIV – Frequência dos sacramentos da confissão e da comunhão.....1140
Capítulo XV – As suas penitências.....1143
Capítulo XVI – Mortificações em todos os sentidos externos 1144
Capítulo XVII – A Companhia da Imaculada Conceição 1147
Capítulo XVIII – Relações de amizade – Relacionamento com o jovem Camilo Gávio 1148
Capítulo XIX – Domingos Savio e João Massaglia 1150
Capítulo XX – Graças especiais e fatos particulares 1154
Capítulo XXI – Os seus pensamentos sobre a morte – Preparação para morrer santamente 1157
Capítulo XXII – O seu cuidado pelos doentes – Despedida do Oratório – As suas palavras nessa ocasião 1159
Capítulo XXIII – O adeus aos seus companheiros 1161
Capítulo XXIV – Avanço da doença – Última confissão – Recebe o Viático – Fatos edificantes 1162
Capítulo XXV – Os últimos momentos e a sua preciosa morte ...1164
Capítulo XXVI – Comunicação da sua morte – Palavras do professor padre Picco aos seus alunos 1166
Capítulo XXVII – Imitação das virtudes de Domingos – Muitos se recomendam a ele para obter graças celestes e são ouvidos – Uma recordação para todos 1170

307. Perfil biográfico do jovem Miguel Magone, aluno do Oratório de São Francisco de Sales.....1173
Capítulo I – Curioso encontro 1175
Capítulo II – A sua vida anterior e a sua vinda para o Oratório de São Francisco de Sales 1177
Capítulo III – Dificuldades e mudança moral 1179
Capítulo IV – Faz a sua confissão e começa a frequentar os santos sacramentos 1181
Capítulo V – Uma palavra à juventude 1183
Capítulo VI – A sua exemplar solicitude pelas práticas de piedade .1185
Capítulo VII – Pontualidade nos seus deveres 1187
Capítulo VIII – A sua devoção a Nossa Senhora 1189
Capítulo IX – A sua solicitude e as suas práticas para conservar a virtude da pureza 1191
Capítulo X – Belos exemplos de caridade para com o próximo 1193
Capítulo XI – Fatos e ditos argutos de Magone 1196
Capítulo XII – Férias de Castelnuovo d'Asti – Virtudes praticadas naquela ocasião 1198

Capítulo XIII – A sua preparação para a morte 1201
Capítulo XIV – A sua doença e circunstâncias que a acompanham 1204
Capítulo XV – Os seus últimos momentos e a sua preciosa morte 1206
Capítulo XVI – As suas exéquias – Últimas lembranças – Conclusões.....1209

308. O pastorzinho dos Alpes ou a vida do jovem Freancisco Besucco, de Argentera.....1212
Capítulo XV – Episódios e viagem a Turim.....1214
Capítulo XVI – Teor de vida no Oratório – Primeiro divertimento 1215
Capítulo XVII – Alegria 1217
Capítulo XVIII – Estudo e diligência 1219
Capítulo XIX– A confissão 1221
Capítulo XX – A sagrada comunhão.....1223
Capítulo XXI – Adoração ao Santíssimo Sacramento 1225
Capítulo XXII – Espírito de oração.....1226
Capítulo XXIII – As suas penitências.....1228
Capítulo XXIV – Fatos e ditos populares 1230
Capítulo XXV – As suas cartas.....1232
Capítulo XXVI – Última carta – Pensamentos relativos à mãe 1237
Capítulo XXVII – Penitência inoportuna e início da doença.....1239
Capítulo XXVIII – Resignação na doença – Ditos edificantes 1240
Capítulo XXIX – Recebe o Viático – Outros ditos edificantes – Uma mágoa 1243
Capítulo XXX – Recebe a Santa Unção – As suas jaculatórias nesta ocasião 1245
Capítulo XXXI – Um fato maravilhoso – Duas visitas – Sua preciosa morte 1246
Capítulo XXXII – Sufrágios e funeral 1249
Capítulo XXXIII – Comoção em Argentera e veneração pelo jovem Besucco.....1250
Capítulo XXXIV – Conclusão 1251

Segunda seção: "MEMÓRIAS DO ORATÓRIO" 1253
Apresentação 1253

309. "Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855" 1255
Dez anos de infância – Morte do pai – Penúrias familiares – A mãe viúva 1256
Um sonho 1258

Primeira década 1825-1835 1260
1. Primeiros entretenimentos com os meninos – Pregações – O saltimbanco – Os ninhos 1260
2. Primeira comunhão – Pregação da missão – O padre Calosso – Escola de Morialdo 1263
3. Os livros e a enxada – Uma notícia má e outra boa – Morte do padre Calosso 1266
4. O padre Cafasso – Incertezas – Divisão fraterna – Escola de Castelnuovo d'Asti – A música – O alfaiate 1268
5. Aulas em Chieri – Bondade dos professores – Os quatro primeiros cursos de gramática 1272
6. Os colegas – Sociedade da Alegria – Deveres cristãos 1274
7. Bons companheiros e práticas de piedade 1275
8. Humanidades e retórica – Luís Comollo 1277
9. Fazendo café e licores – Dia onomástico – Uma desgraça 1280
10. O judeu Jonas 1282
11. Jogos – Prestígios – Magia – Dando explicações 1284
12. Corrida – Salto – Varinha mágica – Ponta da árvore 1287
13. Estudos clássicos 1289
14. Preparação à escolha do estado 1290

Segunda década 1835-1845 1292
1. Vestidura clerical – Regulamento de vida 1292
2. Ida para o seminário 1294
3. A vida do seminário 1295
[3a] Divertimento e recreios 1297
4. As férias 1298
5. Banquete no campo – O violino – A caça 1300
[5a] Amizade com Luís Comollo 1301
6. Um acordo pouco prudente 1304
7. Prêmio – Encarregado da sacristia – O teólogo João Borel 1305
8. Estudos 1305
9. Ordenações sagradas - Sacerdócio 1307
10. As primícias do sagrado ministério – Sermão em Lavriano e João Brina 1309

11. Colégio Eclesiástico de São Francisco de Assis.....1311
l2. Festa da Imaculada Conceição e início do Oratório Festivo.....1314
13. O Oratório em 1842.....1316
14. Sagrado ministério – Escolha de um cargo no Refúgio (setembro de 1844).....1318
15. Um novo sonho.....1320
16. Transferência do Oratório para o Refúgio.....1322
17. Oratório em San Martino dei Molazzi – Dificuldades – A mão do Senhor.....1324
18. O Oratório em São Pedro in Víncoli – A criada do capelão – Uma carta – Um triste acidente.....1326
19. O Oratório na casa Moretta.....1327
20. O Oratório num prado – Passeio a Superga.....1330
21. O marquês Cavour e suas ameaças – Novos transtornos para o Oratório.....1332
22. Despedida do Refúgio – Nova acusação de loucura.....1334
23. Transferência para o atual Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco.....1337

Terceira década 1846-1856 1339
1. A nova igreja.....1339
2. Cavour – Tribunal de Contas – Guarda civil.....1343
3. Aulas dominicais – Aulas noturnas.....1344
4. Doença – Cura – Decisão de residir em Valdocco.....1348
5. Residência definitiva no Oratório de Valdocco.....1350
6. Regulamento para os Oratórios – Companhia e festa de São Luís – Visita de Dom Fransoni.....1352
7. Início dos colégios – Primeira aceitação de meninos.....1354
8. Oratório de São Luís – Casa Moretta – Terreno do seminário..1356
9. 1848 – Aumentam os aprendizes e seu regime de vida – As boas-noites – Concessões do arcebispo – Exercícios espirituais...1357
10. Progressos na música – Procissão à Consolata – Prêmio da Prefeitura e da Obra de Mendicidade – A quinta-feira santa – O Lava-pés.....1359
11. O ano de 1849 – Fechamento dos seminários – Casa Pinardi – Óbolo de São Pedro – Terço de Pio IX – Oratório do Anjo da Guarda – Visita dos deputados.....1361
12. Festas nacionais.....1363
13. Um fato concreto.....1364
14. Novas dificuldades – Uma consolação – O padre Rosmini e o arcipreste Pedro de Gaudenzi.....1365

15. Compra da casa Pinardi e da casa Bellezza – O ano de 1850 ..1366
16. Igreja de São Francisco de Sales.....1368
17. Explosão do paiol – Gabriel Fassio – Bênção da nova igreja ...1370
18. O ano de 1852.....1372
[19.] O ano de 1853 1373
[20.] Leituras Católicas 1374
[21.] O ano de 1854 1376
[22.] Atentados pessoais 1378
[23.] Agressão – Chuva de pauladas 1380
[24.] O Grígio 1381

FONTES E BIBLIOGRAFIA 1384

ÍNDICE GERAL 1395